FLOS SANCTORUM

OU

SANTUARIO DOUTRINAL

QUE COMPREHENDE O EXTRACTO E RELAÇÃO

DOS

MYSTERIOS E FESTAS, E DAS VIDAS E OBRAS

DOS

PRINCIPAES SANTOS, MARTYRES, CONFESSORES E VIRGENS

QUE ANNUALMENTE SE CELEBRÃO NA SANTA IGREJA CATHOLICA

TUDO EXTRAHIDO DOS ESCRIPTOS DOS SANTOS PADRES, AUTHORES CONTEMPORANEOS, ACTAS ORIGINAES E MONUMENTOS MAIS AUTHENTICOS.

OBRA UTILISSIMA

PARA ESPIRITUAL EDIFICAÇÃO DOS DEVOTOS FIEIS E DE GRANDE SOCCORRO PARA OS ECCLESIASTICOS ORADORES

POR

Fr. FRANCISCO DE JESUS MARIA SARMENTO

Attende e obra, segundo o modêlo, que te é mostrado.
Exodo, cap. xxv, v. 40.

TERCEIRA EDIÇÃO

TOMO I

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
MDCCCLIX

PROLOGO EXHORTATORIO.

O conhecimento da historia, e a pratica da doutrina dos Mysterios, e festividades, que nos propõe a Santa Igreja, é, e deve ser sempre o nosso mais digno emprêgo; por ser na verdade aquelle grande objecto, que não deve jámais perder de vista, quem quizer ter a devoção sólida, que o Christianismo pede. E como os dois sagrados pólos, em que a mesma devoção se funda, são a Fé, e as boas obras: para avivar as luzes da Fé, serve de grande incentivo a noticia individual dos Mysterios: e para persuadir a prática das boas obras, são poderosos estimulos os virtuosos exemplos, que delles deduzirão, e nos deixárão os Santos. Na ponderação dos Mysterios acha a Fé toda a sua pureza, e a Religião todo o seu esplendor: e na proposição dos exemplos encontra a virtude christã as lições mais efficazes, e o espirito pusillanime os attractivos mais vigorosos.

E bem verdade, que por mais especiosa, e mais brilhante que seja a virtude, não deixa de ter seus visos de austéra: e o amor que a sua belleza inspira, facilmente se affrouxa, e muitas vezes se extingue pela occurrencia das difficuldades. Porém o exemplo de um Deos feito Homem não é mais que bastante para vencer todo, e qualquer impedimento? Não se duvida, que á nossa enferma natureza se faz sensivel, e duro o padecer pobreza, calumnias, perseguições, injurias, desprezos, e tudo o que houver mais de oneroso, e afflictivo. Mas quem póde nesta parte comparar as suas penas com as do mesmo Salvador? A consideração attenta de um Homem Deos atormentado, e morto por nosso amor, é remedio efficacissimo para todos os males: e o seu silencio sobre a Cruz faz suspender todo o clamor das nossas impaciencias, e murmurações.

Nem obsta o ser Elle um Poderoso Deos, e nós frageis creaturas; antes esta mesma reflexão dá uma nova força ao seu exemplo. Pois se um Homem Deos padece pelos meus peccados, posso eu recusar fazer por elles penitencia? Se um Homem Deos leva uma vida obscura sobre a ter-

ra, devo eu aspirar a viver com pompa, e resplendor? Se um Homem Deos perdoa aos mesmos, que o crucificão, será justo que eu a ninguem perdoe nem a mais leve injúria? Finalmente, se um Homem Deos se crê obrigado a padecer em toda a vida, para haver de entrar na sua propria Gloria, poderei eu merecer a minha, vivendo na tibieza, no regalo, na abundancia? Oh como é certo, que nem o nosso raciocinio, nem o nosso amor proprio tem que responder a tudo isto.

Mas se o exemplo de um Deos, assim proposto para nosso modêlo, se reputa ainda por muito elevado, e pouco menos que inaccessivel: a prática ordinaria de tantos justos destróe sem dúvida todos os vãos pretextos, que se podem allegar para não imitallos. Alli se achão em todas as idades, em ambos os sexos, e em todas as condições innumeraveis sojeitos, que procurárão sempre nas suas acções, e procedimentos a mais bem parecida similhança com a vida de Jesu Christo, seu, e nosso Divino protótypo. E qual póde ser a nossa desculpa, ou excusa legitima, para não seguirmos os seus passos, e não imitarmos os seus exemplos?

Elles tinhão, como é certo, as mesmas paixões, que nós outros, e alguns ainda mais vivas. O mundo nos seus tempos não estava mais reconciliado com o Evangelho, do que se vê nos nossos dias. A fonte dos máos desejos não era menos fecunda, nem o amor dos prazeres menos ardente, nem o vicio reinava com menor imperio. Os obstaculos, em summa, não lhes erão menos communs, nem as adversidades mais raras. E com tudo isso, apesar de tantas, e tão grandes difficuldades; no meio de tantos, e tão poderosos inimigos; entre tantas, e tão violentas tempestades, chegárão felizmente todos os justos ao descanso desejado do glorioso porto.

Nós outros, pois, que navegamos sobre o mesmo mar, e não somos de inferior natureza: porque não poderemos vencer, como elles, todo o impedimento, e contradicção, para merecermos tambem outro tal premio, se quizermos com os soccorros da Divina Graça, applicar seriamente todo o nosso esforço, e seguir com fidelidade o seu mesmo rumo?

Para persuadirem-se melhor, e mais fundamentalmente estas verdades, se delineou a presente obra, onde poderá o Christão devoto, e curioso instruir-se abundantemente, do que ha mais digno de saber-se, e praticar-se na historia, e na doutrina dos principaes Mysterios, e festividades de Jesu Christo nosso Salvador, e de Maria Santissima sua Mãi. E pelo que respeita aos exemplos dos Santos, póde servir-se o devoto leitor das relações authenticas, em que diariamente mais certo, se descrevem aqui as suas vidas, e o que ha nellas mais notavel, e instructivo. Praza o Divino Senhor, por sua piissima bondade felicitar os nossos bons desejos, para maior honra, e gloria sua, e virtuoso proveito dos nossos proximos.

SANTUARIO DOUTRINAL.

JANEIRO 1.º DIA.

A CIRCUMCISÃO

DE

N. SENHOR JESU CHRISTO.

DO PADRE JOÃO CROISET, NO SEU ANNO CHRISTÃO.

Esta Sagrada Festa póde ser chamada o Grande Mysterio das humilhações do Filho de Deos, o primeiro Penhor da nossa Salvação, o Complemento da Lei Antiga; e como as arrhas, e o primeiro sello da nova alliança. Porque havendo Deos escolhido um povo entre todas as nações da terra, tinha ordenado que a Circumcisão dos seus individuos fosse o sinal da sua distincção. Sendo pois este o caracter singular daquelle povo, que procedendo do sangue de Abrahão, era destinado para ser o Herdeiro das Bençãos promettidas á sua posteridade: era preciso que Jesu Christo (em o qual aquella geração devia ser abençoada) tivesse o sinal daquelle sello; para que se visse, que Elle procedia daquelle mesmo Patriarcha, do qual devia descender o Messias promettido.

Mas ainda que o Filho de Deos, logo no principio da sua vida, quiz sujeitar-se áquella lei penosa, é certo que de nenhum modo estava a ella obrigado. Porque sendo a Circumcisão instituida para purificar a carne do peccado, a de Jesu Christo, sem dúvida, era isenta de toda a mácula. Com tudo, como Elle quiz ser o Salvador dos Homens, foi necessario (diz Santo Agostinho) que tomasse o sinal de peccador, para poder attrahir sobre a sua pessoa as penas devidas ao peccado.

Assim pois, vida pobre, e abatida, vida laboriosa, e humilhada, opprobrios, tormentos, e morte de cruz, tudo isto foi effeito da dura obrigação, que Elle contrahio neste mysterio. Nem Elle soffreo cousa alguma na sua Paixão, e em toda a sua Vida, que não acceitasse livremente na sua Circumcisão. Póde-se dizer de algum modo, que neste grande dia começou a redempção do mundo: E que Jesu Christo tomou nelle posse do emprego de Salvador; fazendo hoje as suas primeiras funcções na primeira effusão do seu Sangue.

Oh quanto estas primicias das suas Dores são um poderoso estimulo para o nosso amor, e reconhecimento! Pois que seria de nós, se não tivessemos um tal Salvador? E mais ainda: que será, se for inutil para nós-outros, o que este Divino Redemptor quiz fazer para nos salvar?

Os Santos Padres allegão muitas razões, por que o filho de Deos se quiz sujeitar á lei da Circumcisão:

1.ª Para tirar aos judeos o pretexto apparente, que poderião tomar para o não reconhecerem, se Elle fosse incircumciso.

2.ª Porque sendo a Circumcisão de instituição Divina, o Salvador não devia dispensar-se della.

3.ª Para provar com esta dolorosa ceremonia, que Elle era verdadeiro Homem; contra os erros dos Maniqueos, que só lhe concedião um corpo fantastico, e apparente. Dos Apollinaristas; que lhe attribuião um corpo espiritual, e consubstancial á mesma Divindade. E dos Valentinianos; que affirmavão ser o Corpo de Christo de uma materia Celeste.

4.ª Para dar exemplo de uma perfeita obediencia; submettendo-se a todas as circumstancias notadas da lei.

5.ª Para supportar em si proprio o jugo da lei, do qual vinha a libertar-nos, e dar fim a todas as

ceremonias legaes, observando-as pontualmente ; e dando, por este mesmo acto de Religião, mais gloria a Deos, do que todos os homens juntos lhe poderião dar pela sua mais exacta observancia até o fim de todos os seculos.

É muito provavel, que o Salvador foi Circumcidado em Belém. E segundo o parecer de Santo Epifanio, na mesma gruta, em que Elle nasceo. A lei nada ordenava a respeito do logar, nem do ministro desta operação. Só determinava, que se fizesse no dia oitavo, depois do nascimento do Menino. O que o Salvador quiz praticar, para encher perfeitamente todos os deveres da Religião.

O dar nome aos meninos no dia da Circumcisão, não era preceito entre os judeos. Era só um costume, fundado talvez no exemplo de Abrahão ; a quem Deos assignou este seu nome no dia proprio, em que lhe ordenou a Circumcisão. Mas era justo, que a todo o Israelita se impozesse o nome, que devia ter entre o povo de Deos, no dia, em que se associava com o mesmo povo, por meio daquelle Sacramento, para este effeito instituido.

E talvez que por esta razão entre nós se dê o nome aos meninos no dia, em que pelo Sacramento do Baptismo se fazem membros do Corpo Mystico de Jesu Christo, como legitima porção do verdadeiro povo de Deos, a Santa Igreja. Assim pois, ao filho de Deos no dia oitavo do seu Nascimento lhe foi imposto o Santissimo Nome de Jesus, que quer dizer *Salvador* ; por quanto o vinha a ser de todo o genero humano.

A Circumcisão antiga não acabou em Jesu Christo, senão só porque Elle estabeleceo a nova ; a qual consiste, como diz S. Paulo, na Circumcisão interna do coração, que se faz com o fervor do espirito. E sem esta Circumcisão espiritual, (isto é sem o córte, ou retiro dos desejos vãos, e inquietos, dos desejos desordenados, e mundanos, que nascem no coração, e o corrompem, e em fim, sem uma mortificação generosa, e contínua) em vão nos lisonjeamos de ser discipulos de Jesu Christo, posto que tenhamos o sinal, e o nome de Christãos. Porque sendo a vida Christã uma vida de Cruz, e de Circumcisão : quem não tem o espirito de uma tal vida, e reforma interior, deve ser em certo modo considerado, como se fosse incircumciso.

O Papa S. Gregorio, no Sacramentario Romano, ajunta a memoria da Circumcisão de Jesu Christo com a oitava do seu Nascimento, e com a Festa da Santissima Virgem sua Mãi. E a Santa Igreja no dia de hoje parece ter em vista esta triplicada solemnidade no Officio, e na Missa, que celebra. Porque o Introito, o Gradual, e o Offertorio são da oitava da Natividade. A Epistola, e o Evangelho são da Circumcisão. E as Orações todas são em honra, e memoria da Santissima Virgem. Na verdade, ella teve muita parte naquelles mysterios para haver de ser lembrada da solemnidade deste dia.

Quando os antigos romanos davão leis a todo o mundo, ordenárão que o dia de hoje fosse o primeiro do seu anno civil. E nós, imitando-os nesta parte, estabelecemos tambem, que fosse este o primeiro dia do nosso anno Christão.

Celebravão os mesmos antigos este primeiro dia do anno com varias sortes de dissoluções, em honra do Deos Jano, e da Deosa Estrena. E a Santa Igreja, querendo abolir a memoria daquellas profanações gentilicas neste mysterioso dia, que o Salvador dos homens santificou com as primicias do seu Divino Sangue, applica todo o seu cuidado para mover aos Fieis a que solemnizem este mesmo dia com uma piedade verdadeiramente Christã ; exhortando-os a uma modestia edificante, e aos exercicios de penitencia, e devoção.

E assim vemos que aquelles festins profanos, pouco a pouco introduzidos entre os Catholicos nas Calendas de Janeiro com o nome de *Festas das Estrenas* em algumas Provincias, accendêrão o zelo dos Santos Padres, e virtuosos Bispos, e fizerão assignar antigamente na Igreja um jejum rigoroso nos ultimos tres dias do anno ; como se vê do Canon decimo setimo do segundo concilio Turonense.

Se bem que depois a mesma Igreja destruido já o paganismo, julgou a proposito abrogar aquelle jejum ; por ser em um tempo, que se reputava como festivo, desde a Natividade até á Epifania : e se contentou com inspirar aos Fieis um grande horror daquelles barbaros costumes ; exhortando-os a santificar este primeiro dia do anno, e os seguintes com uma mais fervorosa, e mais distincta piedade.

EXHORTAÇÕES DOUTRINAES.

Como toda a Vida Christã consiste em satisfazer a Deos pelos peccados passados, e precaver-se contra os futuros, isto só se faz bem por meio da espiritual Circumcisão no exercicio da Penitencia, e mortifição das paixões. Porque o verdadeiro penitente, para castigar-se de haver abusado dos prazeres, deve começar pela privação, ainda daquelles mesmos, que lhe são permittidos. E para extinguir a concupiscencia, ou pelo menos affrouxalla, não lhe deve permittir em cousa alguma, senão o menos que lhe for possivel.

Por isso um zeloso Christão não deve já mais procurar o prazer sensivel, senão tomar sómente de passagem, o que anda justo ás funcções necessarias da vida ; como o comer, beber, dormir, &c. E ainda, a tomar algum divertimento, deve ser este legitimo ; isto é, que não passe de um descanço moderado, para alliviar a oppressão da natureza ; que viria a desfalecer, se o corpo sempre trabalhasse, e estivesse o espirito continuamente applicado. E pelo contrario, procurar o prazer sensivel, pelo mesmo prazer, é o que mais se oppõe á espiritual Circumcisão, ou á obrigação rigorosa de renunciar-

mos a nós mesmos; que é a base fundamental, e como a alma propria das virtudes Christãs.

Neste dia tão solemne, e que é como as primicias de todo o anno, confessai-vos (se poderdes) de todas as culpas, que commettestes desde a ultima confissão geral. Elegei tambem no dia de hoje um Santo para vosso protector especial por todo o anno; e determinai logo a oração, que infallivelmente lhe haveis de fazer cada dia.

Ultimamente formai hoje um proposito geral, firme, e constante de fazer para o futuro um santo uso de todo o tempo: de vos servides com resignação, assim dos bens, como dos males, que vos acontecerem: de reformar inteiramente os vossos costumes; andando para este effeito com uma perenne vigilancia, e uma vontade constante de serdes fiel á Graça, e não permittirdes, que vos passem inutilmente quaesquer santas inspirações, pios movimentos, e saudaveis desejos, que o Senhor vos excitar. Felices vós, se assim vos portais neste anno, que poderá ser o ultimo da vossa vida!

ILLUSTRAÇÕES DOS SANTOS PADRES AO SANTISSIMO NOME DE JESUS.

Ainda que a grande solemnidade do Augusto Mysterio da Circumcisão do Salvador encerra, como temos dito, a da festa do seu Santissimo Nome de Jesus, quiz com tudo a Sé Apostolica conceder a algumas Ordens Religiosas, e a muitas Igrejas particulares, e por ultimo a todo o resto dos Fieis, que consagrassem ao mesmo Nome Sacratissimo uma festa especial em differente dia, no qual fosse applaudido por todos com solemne, e distincto culto.

E na verdade, que bem merecia este culto particular, com a maior, e mais profunda veneração o Santissimo, e Sacratissimo Nome de Jesus! *Nome Soberano*, que não podemos proferir (segundo o Apostolo) com o devido respeito, sem um particular influxo do Espirito Santo. *Nome Divino*, que só o mesmo Deos podia dar ao Salvador. *Nome Veneravel*, a que tudo se prostra, e se humilha toda a grandeza. *Nome Sacrosanto*, que faz tremer a todo o inferno, e que basta para affugentar a todos os demonios. *Nome cheio de virtude*, por força do qual se tem obrado os mais authenticos, e mais illustres milagres. *Nome Sacratissimo*, do qual se póde dizer, que todos os Sacramentos da nova lei tirão a sua efficacia. *Nome Omnipotente* para com Deos, pois só em consideração sua ouve Elle os nossos rogos. *Nome Glorioso*, levado pelos Apostolos, e outros seus Discipulos aos gentios, e Reis da terra. *Nome Augustissimo*, por cuja gloria, e confissão padecêrão os martyres com alegria os mais rigorosos tormentos. Em summa, *Nome Incomparavel*, pois não ha outro debaixo do Ceo, em que possamos conseguir a nossa eterna salvação.

O Santissimo Nome de Jesus (diz S. Bernardo) é com razão chamado um oleo saudavel, que illustra, se a caridade o accende; que nutre, se o coração o gosta; e que sara, se a devoção o applica. Todo o alimento da alma é secco, se não vai temperado com este oleo; e é tambem insipido, não sendo condimentado com este sal. Eu não gosto dos livros, em que não encontro o Augustissimo Nome de Jesus: e até me desagradão as praticas, em que este Veneravel Nome se não frequenta. O Nome de Jesus é um doce mel na boca: e que cousa mais agradavel aos ouvidos, nem mais doce ao coração?

Se estais triste, passe o Nome de Jesus do coração á boca; e dissipando logo todas as nuvens, ficará em vós tudo sereno. Se o aspecto das vossas culpas vos assombra, e os remorsos da vossa consciencia vos desesperão, pronunciai com devoção o Sagrado Nome de Jesus; e vereis que logo o tentador se põe em fugida, e revive em vós a confiança. Todo o inferno se desarma, ouvindo este ineffavel Nome. Elle é o que na oração faz correr as doces lagrimas, e o que dá um robusto valor nos maiores perigos.

Quem é o que, havendo invocado este Nome adoravel, não recebeo logo o soccorro? Qual, o que agitado pelas paixões mais violentas, e assim mesmo assaltado pelos maiores inimigos da salvação, não haja conseguido pelo recurso a este Divino Nome a mais gloriosa victoria? Elle é Nome de força nos combates, Nome de consolação nas adversidades da vida, e Nome de salvação na hora da morte para todos aquelles, que por uma piedade terna o tiverão sempre gravado no seu coração. Até aqui S. Bernardo.

Houve muitos na lei antiga, que tiverão nomes parecidos a este, como foi Jesus Sirach, Jesus Josedech, e Jesus Nave, ou Josué. Porém o nome de todos estes era escripto por tal fórma na lingua hebraica, que só queria dizer *o que espera o Salvador*, e não o Salvador mesmo em propria pessoa; como significa em Christo o Santissimo Nome de Jesus, com todas as cinco condições, que lhe assignou o Profeta Isaias, de Admiravel, Conselheiro, Deos forte, Pai do futuro seculo, e Principe da paz.

Admiravel, pelo exemplo da vida. *Conselheiro*, pela sabedoria na doutrina. *Deos forte*, pelo valor nos casos adversos. *Pai do futuro seculo*, pela providencia no governo. E *Principe da paz*, pela igualdade da justiça, assim nos castigos, como nos premios. Tudo isto quer dizer o Sacratissimo Nome de Jesus; palavra abbreviada, que Deos fez sobre a terra, para que se não cançassem os homens com os infinitos nomes, que lhes serião necessarios, para implorarem, e conseguirem delle diversos beneficios.

Em consequencia do que diz S. Lourenço Justiniano: se estais tentados do demonio, se estais

opprimido dos homens, se vos consumís com doenças, se vos fatigais com dores, se vos inquietais com duvidas; se vos perturbais com sustos, ou vos affligis com desesperações; nas cousas difficultosas, nos perigos, nos medos, em casa, no caminho, na solidão, nas ondas, e onde quer que estiverdes, dizei sempre, e invocai com devoção o suavissimo Nome de Jesus.

Que outro Nome (diz S. Gregorio Nisseno) mais respeitavel aos Anjos, mais formidavel ao inferno, mais proveitoso aos homens, nem mais glorioso para Deos do que o Sacrosanto Nome de Jesus?

É um Nome este, (diz S. João Chrysostomo) que inspira alegria, e confiança; sendo um prodigioso remedio para todos os males, e um sagrado Thesouro de todos os bens.

O Santissimo Nome de Jesus (diz Santo Agostinho) é um Nome delicioso, um Nome cheio de doçura, que introduz uma solida fortaleza, que assegura, e anima ao peccador.

É um Nome tal, (diz Origenes) que denota a omnipotencia, e misericordia do Salvador. Louvado seja para sempre (conclue o mesmo Padre) este Sagrado Nome, que nos pacificou a ira de Deos, que nos livrou da sua maldição, e affugentou de nós os infernaes espiritos.

Homens mortaes, (adverte Santo Ambrosio) vinde, e achareis neste Augusto Nome, com que socegar os vossos temores, com que remediar os vossos males, com que soccorrer as vossas indigencias, com que animar a vossa Fé, com que alentar a vossa Esperança, e com que accender a vossa Caridade.

Se temeis a morte, (diz S. Cypriano) Elle é vida. Se aspirais ao Ceo, Elle é o caminho. Se estais enfermos, Elle é saude. Se padeceis fome, Elle é alimento. Se tendes trabalho, Elle é descanço. E se por qualquer outro motivo vos sentis consternados, Elle é para tudo um efficaz, e prompto remedio.

Em summa, (conclue S. Bernardo) nada é mais poderoso para mitigar o ardor da colera, para abater a elevação da soberba, para extinguir o fogo da ambição, para desterrar a sêde de avareza, e para resistir a todo o genero de culpas, do que o invocar devotamente o Santissimo Nome de Jesus, trazendo-o sempre na boca, e gravado profundamente na alma.

EXHORTAÇÕES DOUTRINAES.

Fazei-vos uma lei inviolavel, de nunca proferir o Sacrosanto Nome de Jesus sem um alto respeito, e profunda veneração. É uma grande indecencia, e talvez uma especie de impiedade, servir-se em toda a occasião deste Augusto Nome, como de qualquer outro profano. Lembrai-vos, que a este Nome Divino se dobra todo o joelho, como diz o Apostolo. E que se não póde pronunciar com o devido respeito, sem um especial movimento, e concurso particular do Espirito Santo.

Tomai o pio costume de o invocar frequentemente na vida; porque este é o seguro meio de o proferir com doce confiança na hora da morte. A oração do Cégo de Jericó deve ser familiar a todos os Fieis em quaesquer perigos, e necessidades, e sobre tudo nas tentações: *JESUS, filho de David, tende misericordia de mim.* Ou aquella do grande Padre Santo Agostinho: *JESUS, sêde para mim JESUS, e salvai-me.*

O Doutor das gentes, S. Paulo, tinha tanta devoção a este Santissimo Nome, que a cada passo o repetia nas suas cartas. Santo Ignacio Martyr, discipulo de S. João Evangelista, não cessava de o pronunciar a toda a hora. S. Bernardino de Sena trazia-o sobre si de dia, e de noite, gravado em uma tabella. S. Francisco de Sales não fazia carta alguma, em que primeiro não escrevesse: *Viva JESUS.*

Finalmente, esta foi sempre a pratica ordinaria de todas as pessoas pias, e devotas. E por tanto, pela manhã, ao despertar; á noite, ao recolher; quando se ouvem trovões, em qualquer accidente imprevisto, em toda a parte, e em todo o tempo, a nossa prompta invocação, devota, e repetida do Santissimo Nome de Jesus seja o evidente demonstrativo da justa confiança, que nelle temos.

JANEIRO.—2.

DE

S. FULGENCIO,

BISPO E DOUTOR DA IGREJA.

NO SECULO SEXTO.

A presente historia é deduzida das obras do mesmo Santo, e da relação da sua vida, escripta por um seu habil discipulo, e seu inseparavel companheiro, o qual a dedicou a Feliciano, successor immediato de Fulgencio na cadeira de Ruspa. E os que lhe dão por author a um Ferrando, Diacono de Carthago, visivelmente se enganão; pois é claro pela sua mesma obra ser elle Religioso monge, e não Diacono secular.

Em Telepta, Cidade da Africa na Provincia Bizacena, correndo o anno da Era Christã 468, nasceo S. Fulgencio de uma das mais illustres familias de Carthago, a tempo que pela invasão dos Vandalos se achava em grande decadencia do seu antigo esplendor. E morto pouco depois Claudio pai de Fulgencio, Marianna sua mãi, chegado elle a idade competente, procurou-lhe excellentes mestres para o instruirem nas sciencias, e letras humanas, em que fez grandes progressos. E ella no mesmo tempo, como illustre matrona de grande virtude, lhe instillava perennemente as Sagradas Maximas do Santo Evangelho.

E reconhecendo depois, e admirando ella na conducta deste seu filho uma extraordinaria prudencia, qual se não podia esperar de um mancebo de poucos annos, lhe commetteo o governo, e administração da sua casa, e familia. Em cujo emprego se portou Fulgencio de tal modo, que não só conciliou a estimação, e amor dos seus domesticos, senão ainda dos estranhos seus patricios. Os quaes, reflectindo na madura prudencia, e activa dexteridade, com que manejava Fulgencio as particulares dependencias da sua casa, assim mancebo como era, o elegerão, e fizerão Procurador geral, e Thesoureiro mór de toda a Provincia.

Porém este honorifico, e rendoso emprego, que poderia servir a Fulgencio de um poderoso attractivo para as cousas do mundo, foi pelo contrario o que entrou a fazer-lhe desgostoso tudo o que era do seculo; principalmente, porque a severidade, que algumas vezes tinha de praticar nas cobranças pertencentes ao fisco, lhe causava a maior afflicção ao seu coração compassivo. E opprimido o seu espirito com a onerosa multidão dos terrenos cuidados, só achava allivio no exercicio da oração, na visita dos mosteiros, e na lição dos livros devotos; aonde encontrando o Sermão de Santo Agostinho, que sobre o Psalmo 36 trata da vaidade do mundo, e brevidade da vida, recebeo tal impressão destas verdades, que se resolveo a quebrar os laços, que o prendião ao seculo, e abraçar sem demora a vida monastica.

Para este effeito se dirigio a Fausto, (que era um Bispo desterrado pelo Rei Hunerico, herege Ariano, e governava um pequeno mosteiro da Provincia Bizacena) e humildemente lhe rogou, que se dignasse de o receber em o numero dos seus discipulos. Porém Fausto, reflectindo na delicadeza da sua pessoa, se escusou, dizendo-lhe: *Ide primeiro, meu mancebo, praticar no mundo uma vida mais austera; porque não é crivel, que nutrido vós na moleza, e delicias de seculo, possais acostumar-vos á pobreza da nossa vida, á grosseria dos nossos habitos, ás nossas vigilias, aos nossos jejuns, e outras mais penitencias.*

Então Fulgencio, tomando, e beijando a mão de Fausto, e pondo os olhos em terra, lhe respondeo prompto com humilde confiança: *O' meu Senhor, aquelle bom Deos, que me deo esta vontade, que eu antes não tinha, póde tambem dar-me as forças para cumprir o que agora quero. Abri-me pois a porta do mosteiro, admittindo-me ao numero dos vossos discipulos; e ajudando-me depois com os vossos santos exemplos, Deos me livrará das minhas iniquidades.* Ouvindo pois o Santo velho estas fervorosas, e humildes supplicas, concedeo qué ficasse Fulgencio no mosteiro, ao menos por alguns dias, para ver se correspondião as obras ás palavras.

Divulgada logo a noticia do retiro de Fulgencio, muitos dos seus amigos imitárão o seu exemplo, renunciando inteiramente ao mundo. Porém, sua mãi, com ser matrona de muita virtude, concebeo tal dor, que correndo como louca até á porta do mosteiro, bateo, e começou a clamar em altos

gritos: *Restitui-me, ó Fausto, a meu filho, e á Provincia o seu Procurador, e Thesoureiro. A Santa Igreja sempre foi protectora das viuvas; e vós tendes a crueldade de roubar-me a peça mais preciosa na pessoa de meu filho! E tu, ó Fulgencio, amado filho do meu coração, não te compadeces desta pobre mãi a mais afflicta, viuva, e desamparada!* Assim clamava ella pelo espaço de alguns dias, até que experimentando, que toda a sua diligencia era sem fructo, voltou para casa, e deixou em paz ao filho; que bem mostrou nesta occasião a grandeza da sua constancia, resistindo ás lagrimas, e clamores de uma mãi, que elle ternissimamente amava.

Depois desta victoria, que fizera triunfar a Fulgencio da carne, e sangue, entrou elle, já noviço, a macerar o seu corpo com tão rigorosa austeridade, que chegou a perder a saude; por onde muitos formárão juizo, de que elle mudaria seu santo proposito, ou que teria depois uma vida tépida, incapaz dos rigorosos exercicios da regular observancia. Porém succedeo tanto pelo contrario, que quanto mais falto se sentia de forças, o fervoroso mancebo se portava mais austero, e abstinente, deixando a Deos o cuidado da sua saude, que por especial beneficio do mesmo Senhor, brevemente obteve. E no mesmo tempo, querendo elle ficar de todo expedito, fez doação de todos os seus bens á sua amada mãi, afim de lhe compensar, pelo modo que podia, a dor, e afflicção, que pelo seu retiro padecêra.

Assim cessárão todos os obstaculos, que Fulgencio encontrou no principio da sua conversão. Porém como a vida humana está sempre exposta a toda a sorte de adversidades, passados poucos annos, vio-se obrigado o Santo Bispo Fausto a refugiar-se em um logar remoto, para se evadir a uma nova perseguição do herege Rei Hunerico. E o bom Fulgencio, que não queria ficar só, nem mudar de profissão, passou, por conselho do mesmo Fausto, para um mosteiro visinho, governado por um Abbade denominado Felis, conhecido, e amigo do mesmo Fulgencio, quando estava no seculo. O qual o recebeo logo com o maior jubilo. E como não ignorava o raro talento do novo hospede, em vez de o admittir entre os seus discipulos, quiz ceder nelle a Prelatura. Recusou Fulgencio constantemente aquella não esperada honra, donde nasceo de parte a parte uma bella contenda de humildade, que só veio a terminar-se com dividir-se o governo entre os dous Santos; ficando Felis com a temporal administração dos bens do mosteiro, e Fulgencio, como mais sabio, com a direcção espiritual dos monges.

Passado algum tempo, uma improvisa irrupção dos barbaros perturbou o socego daquelles Santos Varões, e os obrigou a refugiarem-se na Cidade de Sicca, aonde forão generosamente recebidos por todos os bons Fieis. Mas permittio Deos, para dar occasião de maior merito aos seus servos, que alli mesmo cahissem nas mãos de um poderoso Sacerdote denominado Felis, de nação barbaro, de profissão Ariano, de costumes depravados, e cruel perseguidor dos Catholicos. E julgando aquelle máo homem que Fulgencio, e Felis erão dous Bispos, que disfarçados no habito de monges vinhão para instruir, e confirmar na fé Catholica aquellas gentes, os fez logo conduzir á sua presença carregados de cadeias. E sem lhes dar tempo a justificar-se, mandou alli sem mais demora, que fossem cruelmente açoutados.

Movido então o Abbade Felis de ardente caridade para com o seu amavel companheiro, disse ao tyranno: *Voltai a vossa crueldade contra a minha pessoa, e perdoai a Fulgencio, que pela sua compleição delicada não poderá sofrer o rigor dos flagellos.* Admirou o tyranno o exemplo de uma tal caridade, e fazendo retirar a Fulgencio, mandou aos ministros que açoutassem a Felis com todo o rigor; o que elle soffreo não só com grande paciencia, senão ainda com extraordinaria alegria. Porém não se dando por satisfeito o tyranno barbaro com este injusto supplicio, ordenou que tambem Fulgencio padecesse a mesma pena. Era elle de compleição delicadissima, e fazendo-se-lhe insoffrivel o rigor dos flagellos, procurou tomar algum alento, dizendo no tempo em que o açoutavão: *Eu tenho de communicar cousa importante, se me deixão fallar.*

Mandou logo o tyranno suspender o supplicio, esperando tirar alguma utilidade da confissão de Fulgencio. O qual posto em liberdade começou a narrar a historia da sua viagem com tal facundia, e suavidade de eloquencia, que o barbaro ficou atonito, e quasi disposto para ceder da sua crueldade. Mas por não mostrar aos seus Ministros, que se dava por vencido: *Batei* (lhe disse) *batei mais fortemente, e multiplicai os flagellos sobre esse máo charlatão, para que elle não pense, que soube enganar-me com os seus embustes.* Executou-se pois a ordem com indisivel inhumanidade; e não bastando tudo isto para satisfazer a raiva daquelle tyranno, mandou por ultimo rapar as barbaras, e rasgar os habitos de Felis, e Fulgencio. E assim descompostos, despidos, e maltratados os expulsou de casa, donde sahirão cheios de alegria pela gloriosa consecução de uma tão illustre victoria.

Divulgada logo por todo o Paiz a lamentavel nova daquelle inhumano attentado, encheo da maior dor, e tristeza a todos os bons Fieis. E chegando tambem a mesma noticia a Carthago, o Bispo dos Arianos (que conhecia a familia de Fulgencio, e o amava muito quando era leigo) commoveo-se grandemente contra aquelle máo Sacerdote da sua seita, e protestou em publica assemblea, que estava prompto para o punir com rigor, se Fulgencio se

lhe viesse queixar. Mas avisado elle desta resolução, respondeo generoso: *Não é licito a um christão solicitar o castigo do seu offensor. O Todo Poderoso muito bem sabe punir as injurias, que se fazem aos seus servos. Além de que, se a insolencia daquelle sacerdote fosse castigada ás instancias minhas, eu perderia para com Deos o merito, e recompensa do que houvesse padecido, e no mesmo tempo ficarião muitos escandalizados, de que sendo eu Catholico, e monge, recorresse por tal motivo a um Bispo Ariano.*

Não querendo então os dois Santos Varões ficar ainda expostos á continua violencia dos perfidos hereges, se retirárão para Isidi, nos confins da Mauritania, aonde começárão logo a lançar os alicerces para a fundação de um mosteiro. Mas incitado Fulgencio do ardente desejo de uma mais alta perfeição, se embarcou para Alexandria, afim de visitar, e residir nos desertos do Egypto, attrahido da santidade dos antigos solitarios, que por suas heroicas virtudes alli se fizerão famosos. Aportando pois o navio, levado de uma tempestade, na Ilha de Sicilia, e communicando alli Fulgencio o seu designio ao Santo Bispo Eulalio, elle o dissuadio daquella viagem, dando-lhe a funesta noticia, de que então naquelle paiz a maior parte dos seus monges seguia o partido dos hereges.

Não foi mais necessario para abandonar Fulgencio o projecto de querer morar no Egypto, e antes de voltar para Africa quiz primeiro ir a Roma para visitar os sepulchros dos Sagrados Apostolos, e Santos Martyres. Estava então aquella capital do mundo toda festiva pela triunfante entrada do Rei Theodoríco. E passando Fulgencio pelo sitio de *Palma aure*, aonde se achava o mesmo Rei em um magnifico throno, assistido de toda a côrte romana, com os mais vistosos adornos, sonoras musicas, e bem ordenadas jerarquias, exclamou para o seu companheiro, á vista daquelle pomposo espectaculo: *Oh como será bella a Jerusalem Celeste, se tanto resplandece a Roma terrena! E se no presente seculo se concede tanta honra aos amantes da vaidade, qual será a gloria dos Santos, que lá contemplão as verdades eternas, entre o gozo de sempiternas delicias.*

Voltando Fulgencio para Africa, fundou um mosteiro em Bizacena, aonde na companhia de muitas pessoas devotas, que logo se lhe aggregárão para observar o mesmo instituto, passava alegremente os seus dias na lição, oração, e varios exercicios de penitencia. Porém não gozou muito tempo as amadas doçuras da solidão; porque o alto conceito, que justamente se formava da sua sciencia, e virtude, fez que o Primaz de Carthago o nomeasse para Bispo de Ruspa, illustre Cidade de Africa, que se achava sem pastor. E acceitando elle (muito a seu pezar) esta nova dignidade, nada quiz mudar no seu modo de vida. Conservava sempre a pobre tunica que trazia no mosteiro, tanto de verão, como no inverno. Andava de modo ordinario com os pés descalços, dormia vestido, e sempre se levantava de noite para rezar matinas nas horas costumadas. O seu alimento era pão, e agua, com algumas hervas cozidas, e só temperadas com sal. E nestas, e outras suas austeridades perseverou constante até á sua extrema velhice.

Então pois, sentindo elle que estava proximo o seu fim, retirou-se para um pequeno mosteiro na Ilha de Circina, aonde se preparou pelo espaço de um anno com maior socego para a grande viagem da Eternidade. Até que obrigado pelas supplicas, e indigencias dos seus subditos, voltou para Ruspa um pouco antes da sua morte; e na sua ultima enfermidade (em que padeceo vehementissimas dores pelo espaço de setenta dias) repetia com frequencia estas bellas palavras: *Senhor, dai-me agora conformidade, e paciencia, e depois o perdão, e indulgencia.* E dizendo-lhe os medicos, que lhe sería util o remedio dos banhos, respondeo elle: *Pode por acaso esse remedio impedir a um homem o morrer, quando tem chegado ao seu fim!*

Mandou então chamar os seus clerigos, e monges, para dizer-lhes: *Eu, meus amados irmãos, talvez que vos fosse molesto, e importuno com o zelo que sempre tive pela salvação das vossas almas. E por tanto, se algum tem que doer-se de mim, humildemente lhe rogo, que me perdoe. E se a minha severidade excedeo com effeito os seus justos limites, rogai tambem ao Senhor, que use comigo da sua benigna misericordia.* A estas palavras, proferidas pelo Santo com muitas lagrimas, respondêrão todos: *Vós sempre vos portastes para nós-outros como convinha mais ao nosso espiritual proveito.* Ordenou logo, que todo o dinheiro que se lhe achasse, se distribuisse pelos pobres, nomeando (com admiração dos circumstantes) cada viuva, cada pupillo, peregrino, e necessitado, com a respectiva declaração de quanto se devia dar a cada um. Lançou depois a benção a todos os seus clerigos, e monges, e a todos os mais que o vierão visitar; e por ultimo, pondo os olhos, e coração no Ceo até o final suspiro, rendeo o seu espirito ao Senhor no principio do anno 533, havendo governado a Igreja de Ruspa vinte e cinco annos, e vivido sessenta e cinco.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O Glorioso S. Fulgencio, que além de nascer nobre, e rico era dotado pela natureza de grandissimo engenho, e das mais bellas qualidades, que o fazião para todos amavel, bem podia gozar de todas as delicias, e do preciso fructo das bem fundadas esperanças que o mundo lhe presentava. Mas a divina Graça (mediante a lição das obras de San-

to Agostinho e conversação que teve Fulgencio com os virtuosos monges) lhe fez conhecer a brevidade, a vaidade, e o nada das cousas humanas; e por isso renunciando elle a todas as esperanças do seculo, e consagrando-se na flor da idade inteiramente a Deos, formou o precioso thesouro de virtuosos meritos, de cujo fructo goza, e gozará para sempre na gloriosa Eternidade.

Aprendâmos pois do seu exemplo, e dos mais Santos, cujas vidas descreveremos, um verdadeiro desprezo do mundo, com todas as suas pompas, e delicias; e se não temos valor, ou as circumstancias, em que nos achâmos, não permittem que lhe voltemos as costas, como este, e outros Santos praticárão, façâmos ao menos todo o possivel esforço para desapegarmos delle o coração, e o espirito, vivendo nesta terra como peregrinos, que na verdade somos, abstendo-nos, segundo a exhortação de S. Pedro Apostolo, dos desejos carnaes que fazem guerra ás nossas almas, e tendo bem impressa na memoria aquella divina sentença da Sagrada Escriptura: Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, e afflição de espirito, e só o temor santo de Deos, com a fiel observancia dos seus Mandamentos podem constituir o homem feliz, e bemaventurado.

JANEIRO — 3.

DE

SANTA GENOVEVA, VIRGEM.

NO SECULO QUINTO.

A prodigiosa vida desta Santa foi escripta, com sincera simplicidade, passados dezoito annos depois da sua morte, por um author contemporaneo, de que se não sabe o nome. Súrio a refere na maior parte, e na sua pureza original os Bolandistas. Veja-se tambem a Tillemont no Tomo 16 das suas Memorias Ecclesiasticas.

Nanterra, logar distante duas legoas da côrte de París, teve a gloria de produzir a Genoveva no anno 422 da Era Christã. Seu pai, que se chamava Severo, e sua mãi Geroncia, erão uns lavradores honrados, com bens abundantes para a sua respectiva subsistencia. Logo que chegou Genoveva aos seus sete annos, claramente se deo a ver a que sublime gráo de Santidade ella se elevaria; Quando ao passar por aquelle sitio o glorioso S. Germano, celebre Bispo de Auxerre, entre o innumeravel povo que concorreo para receber a sua benção, divisando elle a menina Genoveva, que alli viera com seus pais, reconheceo, illustrado por divina luz, as graças extraordinarias, com que o Senhor a enriqueceria.

E chamando logo a seus pais, lhes fallou deste modo: *Vós sois felices em ter uma filha de tão alto merito. Ella se fará grande diante de Deos, e será um objecto de admiração para muitos, que imitaráõ, e seguiráõ as suas virtudes.* E dirigindo-se depois para a mesma menina, lhe disse, abraçando-a com ternura: *Quereis, minha filha, ser Esposa de Jesu Christo, consagrando-lhe a vossa virgindade? Quero* (respondeo ella) *com todo o meu coração. E rogai vós ao mesmo Senhor, que me faça cumprir este meu desejo. Sim, minha menina* (replicou S. Germano, abraçando-a novamente) *estai de bom animo, que o Senhor vos dará graça para executardes o bom desejo, que Elle mesmo vos ha inspirado.*

No dia seguinte, voltando Genoveva com seus pais á presença de S. Germano, este lhe perguntou, se estava lembrada da promessa que fizera a Deos? *Lembro-me muito bem,* (respondeo ella) *e espero no mesmo Senhor, que com o soccorro da sua Graça cumprirei a minha promessa.* E satisfeito o Santo Bispo de tão bella resposta, a exhortou muito a perseverar nos mesmos sentimentos. E lhe deo logo uma medalha com a figura da Cruz, recommendando-lhe que sempre a trouxesse comsigo, para lhe recordar a entrega, que fizera a Deos da sua pessoa.

Depois deste tempo, Genoveva se reputou separada dos homens, e sómente obrigada aos exercicios de piedade christã, assistindo, quanto lhe era permittido (alem da oração, lição, e penitencias, que fazia em casa) ás Missas, aos Sermões, e outros Officios na Igreja. E não querendo sua mãi levalla ao templo em um certo dia, Genoveva lhe rogou com muitas lagrimas, que lhe permittisse acompanhalla. E perseverando ella na mesma negativa, Genoveva repetio com maior fervor as instancias para a consecução da graça pertendida, de que re-

cebeo só em recompensa uma valente bofetada. Porém Deos punio logo a injuria que se fizera á graciosa menina, privando a mãi do uso da vista, que só veio a recobrar passado vinte mezes, lavando os olhos com a agua que Genoveva tirára de um poço, e fazendo sobre ella o sinal da cruz.

Mortos depois o pai, e mãi da Santa, retirou-se ella para a casa de sua madrinha, que era uma senhora na côrte de París, aonde praticou as maiores austeridades, não comendo mais de duas vezes na semana, (domingo, e quinta feira) e consistindo todo o seu alimento em umas poucas favas cozidas, e um pequeno pão de cevada. E a esta grande abstinencia juntava ella uma inviolavel pureza do corpo, e espirito, uma humildade profunda, uma viva fé, uma caridade ardente, e uma oração quasi continua, que o Ceo lhe compensava com aquellas consolações internas, que nunca jámais se encontrão nos falsos prazeres do mundo.

Devendo pois passar a sua virtude pelo fogo das tribulações, permittio Deos, que se formasse uma especie de liga geral contra ella, murmurando já o povo, e suspeitando mal do seu retiro, e extraordinario modo de vida. E procurando motivo para perdella, tomárão occasião da ingenuidade, com que ella fallou dos particulares favores, que o Espirito Santo lhe fizera, por cuja causa começárão todos a reputalla por hypocrita, e visionaria, e até alguns pertendião, que fosse queimada, como feiticeira. Durou esta tempestade até á vinda do Bispo S. Germano, que passando segunda vez por París para ir a Inglaterra, e reconhecendo a innocencia de Genoveva, tomou altamente a sua defensa, e confundio os impostores da calumnia. Porém durou pouco a tranquillidade, em que por então ficou Genoveva, de que o seguinte successo foi a causa.

Attila Rei dos Hunos entrára por aquelle tempo na França com um formidavel exercito; e sendo geral o temor de um homem que se appellidava o *Flagello de Deos*, quizerão os moradores de París abandonar a Cidade, e refugiar-se em outra praça mais forte, aonde podessem melhor defender-se. Porém Santa Genoveva desapprovou esta resolução, e qual outra Judith, os exhortou a applacar a Deos com jejuns, orações, e penitencias, assegurando-os da parte do mesmo Senhor, que se não fugissem, não receberião algum damno; e pelo contrario, se expunhão a serem prêza do Rei barbaro. E ella no mesmo tempo, para lhes dar exemplo, aggregou um bom numero de donzellas na Igreja, aonde com largar orações, acompanhadas de jejuns, e varias penitencias, imploravão o divino soccorro para o livramento do ameaçado castigo.

Porém todas estas diligencias, e cuidados da ardente caridade de Santa Genoveva para com os seus compatriotas forão reputadas, como se nascessem de uma falsa prophetisa. De maneira, que augmentando-se contra ella o furor daquelle povo ingrato, estavão dispostos para apedrejalla, se no mesmo tempo alli não chegasse o Arcediago da Auxerre, enviado por S. Germano com umas reliquias para a nossa Santa. O qual perorando efficazmente a seu favor, recommendou o seu merito, e virtude, e persuadio a todos, que seguissem os seus conselhos, conservando-se na Cidade, e implorando com orações, e penitencias o auxilio do Ceo, que sem duvida alguma, como ella protestava, conseguirião.

Com effeito assim succedeo, porque o soberbo Attila não fez algum damno a París, nem ás terras circumvizinhas. E pelo contrario, as praças fortes para onde os parisienses intentavão refugiar-se forão por elle conquistadas, e destruidas, e passados a ferro todos seus moradores. Por cujo successo certificados aquelles cidadãos da santidade de Genoveva, e dos dons sobrenaturaes, com que o Senhor a enriquecêra, a venerárão dalli em diante com singular respeito, como a digna Esposa de Jesu Christo.

E ainda depois se fez tanto mais celebre o nome de Genoveva, quanto o Senhor se dignou de obrar por seu meio muitos, e grandes prodigios, dando vista a cegos, vigor a paralyticos, saude a leprosos, e a outros muitos enfermos, e obrando outras cousas maravilhosas, com que Deos foi glorificado nesta sua serva. A qual, depois de uma vida de oitenta e nove annos, passada sempre na pratica de virtuosas obras, exhalou o seu ultimo suspiro no dia 3 de Janeiro do anno 512, cinco semanas depois do fallecimento de Clodoveo primeiro Rei de França.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Esta Santa Virgem desde a sua infancia foi por Deos escolhida para ser sua fiel Esposa, enriquecendo-a com dons extraordinarios da sua beneficencia, e levando-a a um alto gráo de santidade. E quaes forão os meios, que o Senhor lhe inspirou, e com que elle concorreo para haver de a santificar? Forão, como fica dito, uma total mortificação de si mesma, um singular retiro, uma oração continua, uma severa abstinencia; e não menos as perseguições, as calumnias, e máos tratamentos daquelles mesmos, que lhe erão mais obrigados.

Estes são os caminhos por onde o Senhor conduz as almas justas á maior perfeição e á gloria celeste. E por isso todo o bom Christão deve estar prompto para receber sem repugnancia os trabalhos, e humilhações, que Deos para seu bem lhe quizer enviar; imitando, á sua proporção, aos Fieis servos do mesmo Senhor, e ainda ao mesmo Filho de Deos, que com ser o unico entre os homens, que não teve peccado, nunca esteve sem padecer em todos os dias da sua vida.

JANEIRO — 4.

DE

S. SIMEÃO ESTILITA.

NO SECULO QUINTO.

De uma relação, composta por Theodoreto, discipulo do nosso Santo, e um dos mais judiciosos escriptores ecclesiasticos, que era Bispo de Cyro na Syria, e testemunha ocular de quasi tudo o que se refere na presente historia, e do famoso Tillemont no Tom. 15 *das Memor. sobre a Histor. Ecclesiastica.*

S. Simeão (denominado *Estilita*, por viver sobre uma columna grande parte da sua vida) é um daquelles Santos extraordinarios, que Deos mostra ao mundo, mais como prodigiosos monumentos da sua omnipotencia, e do vigor da sua Graça, que como modelos, e exemplos, que hajão de ser imitados. Se bem que esta maravilhosa historia, animando a nossa confiança para a fiel observancia da lei divina, comprehende varias cousas, que podem bem servir para nossa instrucção, e direcção das nossas obras.

Nasceo S. Simeão no anno 391 em um logar da Cilicia, denominado Sisan. Erão seus pais uns pobres pastores, a cujo ministerio destinárão tambem este seu filho. Um dia pois, em que não podia o gado sahir a pastar, por causa da muita neve, foi Simeão á Igreja, a tempo que se estavão lendo aquellas palavras do Evangelho: *Bemaventurados os que chorão . . . bemaventurados os de coração puro.* E não penetrando bem o sentido, perguntou a um bom velho, que devia fazer um Catholico para entrar naquelle numero?

Deve jejuar (lhe respondeo) *e supportar a nudez, os opprobrios, e injurias; deve gemer, fazer muita oração, e dormir pouco; deve ser paciente nas enfermidades, e renunciar as cousas do mundo; e ainda ser humilhado, e perseguido dos homens, sem esperar consolação alguma na presente vida. Se percebeis, meu filho, e vos agradão estas cousas, digne-se o Senhor, por sua misericordia, de vos dar uma vontade seria para haver de praticallas.*

Tinha Simeão naquelle tempo não mais de treze annos; e não obstante a sua pouca idade, tomou tanto a peito aquellas palavras, que depois de haver orado a Deos, para que o conduzisse pelo caminho da perfeição, passou a viver em um mosteiro visinho, aonde esteve dous annos debaixo da disciplina de um santo Abbade, chamado Timotheo. E crescendo nelle o desejo de adiantar-se mais na piedade, procurou habitar em outro mosteiro naquelle paiz, povoado de oitenta monges que se exercitavão nas mais penosas obras de mortificação.

Porém Simeão nos rigores da abstinencia excedia a todos por tal fórma, que comendo os outros um dia sim, e outro não, elle só comia uma vez cada semana, dando o resto do seu alimento occultamente aos pobres. E ainda a este jejum tão austero ajuntou outro mais cruel supplicio, para maior tormento do seu corpo, cingindo-se tão apertadamente com uma grossa corda de esparto, que passados dez dias, deo a conhecer, que se lhe profundára na carne, pelo máo cheiro, e sangue podre que manava da longa ferida.

Mandou logo o Abbade que se lhe tirasse aquella corda; o que se não poude fazer sem lhe causar vehementissimas dores, como tambem na cura que levou dous mezes, no fim dos quaes o despedio do mosteiro, para que o exemplo de uma tal penitencia não prejudicasse aos outros monges. Retirou-se elle então para um monte visinho, e pouco depois para uma caverna de outro monte de Telanissa, não muito distante de Antioquia, aonde querendo passar sem comer todos os quarenta dias da quaresma, communicou este seu desejo a Basso, visitador das paroquias daquelles sitios, rogando-lhe que fizesse tapar a porta da caverna, sem lhe deixar algum alimento.

Porém Basso, que era um Sacerdote virtuoso e illuminado, ponderando as perigosas consequencias daquella extraordinaria resolução, lhe representou: que o dar-se a morte a si mesmo por aquelle modo em logar de ser virtude era um abominavel delicto. *Deixai-me pois* (replicou Simeão) *dez pães, e um vaso de agua, para que eu me possa prevalecer, quando a necessidade o pedir.* Assim se fez, e voltando Basso no fim da quaresma, achou tudo intacto, mas a Simeão sem voz, estendido na terra, quasi sem alento. Lavou-lhe então o rosto, humedeceo-lhe a boca, e tornando elle a si, lhe deo a Sagrada Eucharistia, e depois o fez mastigar e engolir o succo de umas folhas de alface, e chicoria. E como elle sahio bem desta primeira prova, continuou em observar pelo mesmo modo o jejum da quaresma em todo o resto da sua vida.

Completos tres annos de residencia naquelle sitio, passou Simeão para o alto de um monte, le-

vando comsigo uma longa cadeia, que tinha vinte covados de comprimento; e prendendo uma ponta á propria cintura, e a outra a uma grossa pedra, estava resoluto a viver ali exposto a toda a inclemencia do tempo, e comendo sómente o que a natureza produzisse naquelle recinto. Porém Melecio, Vigario do Patriarcha de Antioquia, visitando os logares da sua diocese, e vendo a Simeão naquelle estado, lhe disse: que uma vontade solida, e firme no bem o devia prender á solidão, e não uma cadeia de ferro. E concluio persuadindo-o a largalla; o que elle fez logo, sem a menor repugnancia.

E começando dalli a correr a fama da santidade de Simeão, conduzião á sua presença varios enfermos, que promptamente curava, concorrendo tambem outras pessoas, afim de impetrarem o divino auxilio, mediante a sua intercessão para com Deos. Elle pois, para não ser distrahido da sua oração, julgou a proposito collocar-se sobre uma columna, que fez formar de varias pedras até a altura de quarenta covados, que rematava na largura de quatro pés de diametro, com um parapeito em roda, similhante ao dos nossos pulpitos.

Censuravão-lhe muitos um tal genero de vida, outros o tratavão de embusteiro, e ainda alguns solitarios chegárão a querer separar-se da sua communicação. Porém os mais sabios entre elles julgárão, como era justo, que antes de tomarem alguma resolução a este proposito, devião indagar com madureza, de que espirito procedia aquella vida extraordinaria? E enviárão um deputado com esta ordem expressa, que se elle, mandado baixar da columna, se mostrasse disposto para obedecer logo, o deixasse continuar aquelle seu modo de vida; e pelo contrario, se visse que elle repugnava, o tivesse por um embusteiro, rebelde, e digno de castigo.

Chegando pois o deputado, e intimando a Simeão da parte dos Bispos e solitarios, que baixasse da columna, e deixasse aquella vida, elle sem mais demora, e sem repugnancia alguma quiz fielmente executar o que lhe era mandado. Mas o deputado o suspendeo, e juntamente o exhortou a continuar como d'antes, dignamente persuadido de que o Espirito Santo o guiava por uma estrada tão difficil, e tão impraticavel á natureza humana.

O exercicio da oração era a occupação quasi continua do Santo, que elle costumava fazer ora em pé, e ora com o corpo profundamente inclinado; e nas principaes solemnidades passava toda a noite em pé, com as mãos juntas, e elevadas ao Ceo. A sua oração ordinaria começava ao nascer do sol, e durava até as tres horas da tarde do dia seguinte; e desde então até á noite instruia aos circumstantes, que alli vinhão de varias partes; respondia ás suas perguntas, curava os enfermos, e reconciliava os discordes.

A cada um se mostrava o Santo sempre alegre, e suave, sem fazer distincção de pessoa alguma, exercitando igualmente a sua caridade com todos, ao soccorrer com as suas orações, e conselhos, tanto aos pobres como aos ricos, tanto aos grandes, como aos pequenos. E vindo muitos por curiosidade para verem um prodigio tão novo, servia-se Deos deste meio para converter innumeraveis infieis de diversas nações, que voltavão para as suas terras, penetrados, e compungidos pelas palavras divinas, sahidas da boca daquelle prodigioso anacoreta.

Os Bispos, e Imperadores o consultavão sobre os maiores negocios da Igreja, e do estado; e elle a todos respondia com inteira liberdade, insinuando-lhes sem rebuço o que lhes era mais conveniente. E no mesmo tempo era tão humilde, e desprezivel a seus proprios olhos, que se reputava sempre pelo mais vil de todos os homens. E nesta conformidade dizia a todos os enfermos, que pelas suas oraçoes recobravão a saude: *Se alguem vos perguntar, quem vos curou? Respondei logo, que foi Deos; e guardai-vos de nomear a Simeão, sob pena de recahirdes na vossa enfermidade.*

E querendo o Divino Senhor dar nova occasião ao nosso Santo para exercitar-se mais na humildade (que é o distincto caracter dos seus escolhidos) permittio então, que sem embargo das insignes virtudes, e continuos milagres que se admiravão nelle, fosse ultrajado, e vilipendiado por muitos. Ajuntavão-se a isto as dolorosas chagas, e molestias continuas, que supposto procedessem das austeridades rigorosas, que praticava o Santo, davão-lhe no mesmo tempo um perenne exercicio de humildade, e paciencia. E para seu maior tormento permittio Deos que o demonio invejoso de tanta virtude o houvesse de agitar com tentações fortissimas, a maior das quaes foi a seguinte:

Appareceo-lhe o espirito maligno em uma carroça de fogo resplandecente; e como se fosse um Anjo de luz, o convidou para o levar comsigo ao Paraizo. E acceitando elle a offerta, sem examinar, como devêra, aquella visão enganosa, fez o sinal da cruz, ao levantar o pé para entrar na carroça. Mas desappareceo logo o infernal inimigo; o que visto por Simeão, se condemnou sem mais demora, para punir a sua incauta credulidade, a ter suspenso aquelle pé por toda a vida. E a incommodidade de uma tal posição, unida aos rigores do inverno, lhe occasionou uma grande chaga na côxa, que elle não quiz curar, nem tambem outra em um pé, que já de muito antes padecia.

Geravão-se-lhe nestas chagas muitos bichos, dos quaes pacientemente se deixava devorar; e o mesmo Deos, para dar a ver, quanto lhe era acceita aquella paciencia de Simeão, e quanta era a gloria, que tinha no Ceo preparada para aquelles veneraveis membros, tão severamente maltratados por umas taes penitencias, dispoz em um dia, que

cahindo da columna, em que estava o Santo, um daquelles bixos das suas chagas, e tomando-o na mão Basilio Rei dos sarracenos, que viera visitallo, se convertesse logo em uma bellissima perola; segundo refere, como testemunha de vista, o veneravel Antonio, seu discipulo, e escriptor da sua vida.

Ainda Simeão, depois daquella traição do demonio, chegou a viver um anno inteiro. E presentindo haver chegado ao ultimo termo, por se ver consumido já de um tão longo martyrio, inclinou-se profundamente para fazer a sua oração na fórma costumada. E ainda que notárão os circumstantes, que elle permanecia na mesma posição, sem se levantar, como tinha por costume, para fazer ao povo as suas instrueções doutrinaes, nenhum comtudo o quiz despertar; e assim o deixárão, suppondo-o abstrahido em altissima oração, até que depois de tres dias, a suave fragancia, que manava do seu corpo, e uma especie de resplandor, que sahia do seu rosto, deo claramente a conhecer, que elle passára da presente vida para a eterna, correndo o anno 460 da Era Christã, e tendo elle de idade sessenta e nove annos; trinta e sete dos quaes estivera sempre sobre a columna, exposto ao rigor dos tempos, e admiração de todos os seculos.

Divulgada a noticia da morte de Simeão, concorrêrão os povos circumvisinhos para o venerar, e Deos o glorificou, obrando alli muitos milagres, e nos outros logares onde elle assistio. O seu corpo foi levado com grande pompa para a Cidade de Antioquia, cujos moradores lhe dedicárão logo um magnifico templo, e outro no logar da columna, que deixárão dentro do seu recinto, no alto da qual apparecia varias vezes uma brilhante estrella de grandeza extraordinaria.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A prodigiosa vida deste Santo Martyr da penitencia, ainda que é mais admiravel do que imitavel, mostra comtudo, quanto póde a humana fragilidade, auxiliada com o favor da divina graça; e não deixa logar para que haja de dizer qualquer, que não póde vencer aquella tentação, soffrer com paciencia aquelle trabalho, fugir com presteza daquella occasião perigosa, emendar aquelle máo costume, etc.; cousas sempre necessarias para cada um conseguir a sua eterna salvação.

Por tanto pois, se qualquer Christão, ponderando o muito que fez este Santo anacoreta com o soccorro da graça divina, temer que Deos não queira conceder-lhe o que lhe for preciso para as obrigações de seu estado, se fará merecedor de um rigoroso castigo. Confiemos todos, e confiemos com vigor na divina bondade; mas obrando sempre o que podêrmos da nossa parte, para que não seja temerariamente presumir, em vez de confiar virtuosamente.

JANEIRO — 5.

DE

S. LUCIANO,

SACERDOTE ANTIOQUENO, E INSIGNE MARTYR.

NO SECULO QUARTO.

De S. João Chrysostomo (Tom. 2. pag. 524.) De Eusebio (Liv. 8. Cap. 13.) E de Tillemont, no Tom. 5. pag. 474.

S. Luciano, Antioqueno, nasceo em Samosata da Syria. Por morte de seus pais distribuio todos os seus bens aos pobres, para servir a Deos com inteiro desapego das cousas visiveis; e no mesmo tempo deixou o estudo da rhetorica, e filosofia (em que havia feito grandes progressos) pelo da Escriptura Santa, para cuja melhor intelligencia elegeo por mestre a um denominado Macario, que a ensinava naquelles tempos com grande reputação na Cidade de Edessa.

Feito Sacerdote, empregou-se logo em conduzir os outros á virtude com os seus discursos, e exemplos; e persuadido juntamente, de que um Sacerdote do Altissimo deve empregar os proprios talentos em servir a Igreja, quanto mais lhe for possivel, entrou na empreza de dar á luz uma nova edição dos livros santos, corrigindo os erros que se tinhão introduzido no texto do Antigo e Novo Testamento por ignorancia dos copistas, e muito mais por malicia dos hereges. E com effeito esta

sua edição mereceo uma estimação universal, e della se servio muito o doutor Maximo S. Jeronymo.

Achava-se Luciano em Nicomedia no anno de 303, quando o Imperador Diocleciano publicou o seu primeiro edicto contra a Religião Catholica, e denunciado como Christão por um perfido apostata, foi logo prêso, em cujo estado permaneceo nada menos de nove annos, continuando alli os seus escriptos por especial mercê do carcereiro. Passado este tempo, foi conduzido ao Governador, ao qual apresentando elle uma sabia apologia da Religião Christã, só tirou por fructo (depois de o ouvir confessar generosamente a Jesu Christo) o mandallo de novo reclusar no carcere com ordem positiva, para lhe não darem alimento de sorte alguma.

E mortificando-o ao mesmo passo com varios generos de tormentos, como vio o tyranno que estava no mesmo vigor a constancia do Santo Martyr, mandou que se lhe expozesse uma grande mêsa com varias iguarias, que segundo o costume, se offertavão primeiramente aos idolos, afim de que estimulado elle a comer pela grande fome désse a entender aos circumstantes, que já não tinha duvida em participar da idolatria. Porém não pôde esta fortissima tentação supplantar o heroico valor do illustre Luciano; porque a mesma vista daquella contaminada, e execranda mêsa, trazendo-lhe á memoria a mêsa espiritual, e divina, que Deos tem preparada para os seus fieis servos, o fazia desprezar todos os tormentos, e todo o genero de morte.

Mandou então o tyranno vir novamente o Santo á sua presença, e voltando-se para elle com rosto severo, lhe disse: Qual é a tua patria? Qual a tua profissão? Quaes forão teus pais? *Eu sou Christão*, respondeo Luciano a cada uma destas perguntas, e nada mais; com o que irritado sobre modo o cruel barbaro, o mandou logo degolar, correndo o anno 312 da era Christã. Foi sepultado o seu corpo no logar de Drepane em Bithynia; e pouco tempo depois o Imperador Constantino Magno, dada já paz á Igreja, fundou naquelle campo uma bella cidade, que denominou *Helenopole*, e a isentou de tributos, afim de mostrar a todos, quanto honrava a memoria daquelle insigne martyr.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Parecerá talvez á primeira vista, que a simples palavra Eu sou Christão *não era naquella occasião competente resposta. Mas considerada ella attentamente, dá bem a ver a profunda sabedoria do Santo Martyr. Por quanto (como diz S. João Chrysostomo) quem diz deveras*: Eu sou Christão, *declara a sua patria, profissão, e parentes; protestando que a sua patria é a Jerusalem Celeste, a sua profissão, o exercicio das virtudes, e seus illustres parentes os gloriosos bemaventurados. Assim pois, para podêrmos com verdade responder o mesmo a tudo* Eu sou Christão, *é justamente necessario que todos os nossos passos se dirijão sempre para a Celeste Patria, pela mais fiel observancia da lei divina.*

JANEIRO — 6.

EPIFANIA DO SENHOR,

QUE VULGARMENTE SE APPELLIDA;

FESTA DOS REIS MAGOS.

DO PADRE JOÃO CROISET NO SEU ANNO CHRISTÃO.

A SAGRADA Epifania, que significa a apparição, ou manifestação do Salvador do mundo, foi sempre reputada por uma das mais celebres, e maiores festas da Igreja; ou fosse por causa dos tres mysterios, que encerra, ou porque sempre se considerou como a festa especial (para o dizermos assim) da vocação dos gentios á verdadeira fé.

Celebra pois a Santa Igreja no dia de hoje em uma só festa tres mysterios, que a mais antiga tradição sempre fez crer, que acontecêrão todos neste dia, posto que em differentes annos; convem a saber: a doração dos Magos, o baptismo de Jesu Christo por S. João, e o seu primeiro milagre nas bodas de Caná, em Galiléa.

A palavra grega *Epifania*, que significa *apparição*, ou *manifestação*, convem adequadamente

a estes tres mysterios; porque Jesu Christo na realidade se manifestou aos Reis Magos, que havendo seguido a milagrosa estrella, que lhes apparecêra, o vierão a reconhecer por seu Soberano, seu Deos, seu Salvador, e de todos os homens. Elle tambem foi declarado Messias na occasião do seu baptismo, por uma voz do Ceo; e fazendo o seu primeiro milagre naquellas bodas, declarou assim a sua omnipotencia; e como estes forão os tres meios principaes, de que Deos se servio para manisfestar na terra a gloria de seu Filho, a Igreja os comprehende a todos com o nome de *Epifania*, posto que só a adoração dos Reis Magos seja o principal objecto do Officio da Missa, e da solemnidade deste dia.

É mui provavel, que no momento em que os Anjos annunciavão aos pastores em Judéa o Nascimento do Salvador do mundo, a nova brilhante estrella o annunciava tambem no Oriente. Não foi a sua apparição particular só para os tres Reis, muitas gentes a vírão, e admirárão; porque a novidade de seu curso, e o extraordinario resplendor, com que brilhava, a fazia bem distinguir de todas as outras. Porém só aquelles tres Magos forão os venturosos, que conhecendo (ainda melhor por uma luz interna) o que significava aquelle novo astro, forão logo no alcance do que tão prodigiosamente lhes inspirava.

O nome de *Magos* é o que os orientaes davão aos seus Doutores; assim como os Hebreos os chamavão *Escribas*; os Egypcios, *Profetas*; os Gregos, *Filosofos*; e os Latinos, *Sabios*. Tambem na Persia o mesmo nome *Magos* significa *Sacerdotes;* e o povo por toda a parte, considerando-os como depositarios da sciencia, e da religião, os respeitava grandemente.

O motivo de dar a Igreja a estes tres homens o titulo de *Reis*, nasceo talvez daquellas palavras de David: os *Reis de Tarsis, e as Ilhas, os Reis da Arabia, e de Sabá viráõ offerecer-lhe donativos*, em sinal da sua veneração, fidelidade, e obediencia. Com effeito é esta uma tradição immemorial, a que se não acha principio; e as mais antigas pinturas deste mysterio nos representão aquellas tres pessoas coroadas, com todas as insignias de Magestade; e disto mesmo nos dão testemunho os Padres da Igreja mais celebres, como Tertulliano, S. Cypriano, Santo Hilario, S. Basilio, S. João Chrysostomo, Santo Isidoro, o Veneravel Beda, Theofilacto, e outros muitos.

Accresce a razão de congruencia, que os povos orientaes escolhião para seus Reis e filosofos; e quando os Reinos erão hereditarios, fazião instruir os Principes, que devião succeder na coroa, em as proprias sciencias, que lhes podião merecer o nome de *Sabios*. Assim o nota com especialidade o famoso Platão, tratando da educação dos Principes da Persia, onde tambem diz, que sobre tudo a astromia era particularmente estimada por uma sciencia digna dos Soberanos.

Assim pois estes tres Reis, havendo observado a 25 de dezembro uma estrella muito mais brilhante do que as ordinarias, julgárão sem duvida, que esta era a estrella de Jacob, de que o Profeta Balaam (cujo vaticinio não ignoravão) havia antigamente fallado, e que devia ser o sinal de um Rei, que nasceria para a salvação dos homens.

Excitados pois por estas reflexões, e illustrados tambem por uma luz interna, que lhes fazia conhecer, que aquelle astro lhes serviria de conductor para acharem ao Messias, tomárão o caminho para Judéa, onde como elles sabião pelas tradições de seus avós, devia nascer o Rei desejado de todas as Nações. O Evangelista sómente diz, que elles vierão do Oriente, isto é, de um paiz oriental a respeito de Jerusalem, e Belem. E a opinião mais verosomil é, que vierão da Arabia feliz, que foi habitada pelos filhos, que teve Abrahão de Cetura sua segunda mulher; a saber, *Jecthan*, pai de Saba, e *Madian*, pai de Epha; o que David havia claramente vaticinado, dizendo, que o Messias sería adorado pelos Reis dos Arabes, e de Saba, e que lhe offerecerião por donativo o ouro da Arabia. E o Profeta Isaias vaticinou o mesmo, quando disse, que virião de Madian, e Epha sobre camelos, e assim tambem de Saba para o reconhecerem, offerecendo-lhe ouro e incenso; e publicando por toda a parte os seus louvores. Os donativos, que os Magos lhe presentárão, favorecem muito esta opinião; porque a Arabia, entre aquelles paizes, é onde particularmente nascem o ouro, incenso, e myrrha.

Servindo-lhes pois de guia aquelle novo astro, (como antigamente a nuvem luminosa aos Israelistas no deserto) tomárão o caminho da Terra Santa, até chegarem á sua capital Jerusalem. E porque alli se lhes occultou a prodigiosa luz, entrárão solicitos, perguntando: onde habitava o novo Rei, que vinhão adorar, e de que tinhão visto a estrella? Foi grande, e universal o assombro ao verem-se gentes daquella parte virem de longe adorar um Rei dos judeos, proximamente nascido, que os judeos mesmos totalmente ignoravão.

O Rei Herodes, que mais que todos se resentio, quiz ver aquelles peregrinos, e informar-se do motivo da sua viagem. E como o Reino, em que fôra intruso, lhe não era proprio, preoccupado do temor de haver quem lhe pertendesse a coroa, mandou logo chamar os mais qualificados entre os Sacerdotes, e Escribas, para saber delles naquelle caso a mais fiel narração das escripturas. Elle não era falto de discurso para ver que um Rei, cujo nascimento annunciava o Ceo, não podia ser senão o Messias. Por isso na assemblea, que fez daquelles Doutores, perguntou sómente: Onde devia nascer o Salvador Christo? Ao que respondêrão todos de uma voz, que nasceria em Belém, Cidade pequena da Tribu de Judá, como se achava escripto pelo Profeta Micheas, dizendo: Que assim pequena como era

aquella terra, levaria vantagem ás maiores Cidades, por dar um Principe, e um Governador geral a todo o povo de Israel.

Não foi preciso mais para perturbar o espipito, e coração do mais ambicioso dos homens, e cuja crueldade igualava á ambição. E como estava resoluto a dar a morte áquelle prodigioso Menino, chamou os Magos, fez-lhes muitas capciosas perguntas, e rogou-lhes sobre tudo, que lhe indicassem o tempo certo, em que lhes começou a apparecer a estrella; mostrando-lhes com fingida piedade, que approvava a sua devoção. E animando-os assim mesmo a proseguirem o seu caminho, lhes disse: Ide á Cidade de Belém, pois que lá é que deve nascer o Rei promettido, e libertador do seu povo. Informai-vos de tudo o que respeita a este Menino; e vinde logo dar-me noticia do que souberdes, porque eu, como vós, quero tambem adorallo. Assim é que o sagaz maligno pertendia enganar aquelles innocentes varões.

Despedidos elles, e postos em caminho, se lhes manifestou logo a mesma estrella, que lhes havia desapparecido ao entrarem naquella ingrata Cidade, e os foi conduzindo para Belém, até parar sobre o venerando logar, em que estava o novo Rei. Entrárão pois, e alli o achárão reclinado entre os braços de sua Santissima Mãi. E posto que elle no exterior não tivesse cousa alguma, que o distinguisse dos outros meninos, comtudo a mesma luz interna, que lá lhes fez conhecer, o que a prodigiosa estrella significava, lhes fez tambem facilmente descobrir, apesar daquella situação humilde, a Dignidade Suprema, e Augusta Magestade daquelle Deos, feito Homem.

Cheios por tanto de immenso jubilo, de viva fé, e profundo respeito, se prostrárão a seus pés, e o adorárão, como a Deos Soberano, e Salvador Misericordioso de todos os homens. E por ser costume das suas terras, não se presentar jámais diante dos grandes com as mãos vazias, lhe offerecêrão o que havia entre elles mais precioso, ouro, incenso, e myrrha.

O parecer mais commum entre os Santos Padres, é que os Magos chegárão a Belém no dia decimo-terceiro depois do nascimento do Salvador, que vem a ser o dia sexto do mez de janeiro. Nem era necessario mais tempo para chegarem a Belém neste dia, vindo da costa da Arabia, montados em robustos, e ligeiros camelos. E por outra parte é certo, que já não acharião o Divino Infante, que procuravão, se viessem um pouco mais tarde.

Assim é que o cruel Herodes fez degolar a todos os meninos daquella Provincia de dous annos para baixo, segundo o tempo, de que pelos Magos se havia instruido. Porém isto só prova, que aquelle barbaro, vendo que não voltavão os tres devotos peregrinos, os reputou por simplices visionarios, nimiamente credulos; a quem talvez o pejo de não encontrarem, o que procuravão de tão longe, forçosamente os removêra de apparecerem de novo na côrte. Porém sabendo depois o perfido Rei as grandes maravilhas, que se virão no templo, por occasião de um Menino prodigioso, que dizião ser o Messias, achando-se illudido, vacillante, e mal seguro no throno, rompeo naquelle inhumano furor, que o levou a fazer despedaçar todos os meninos até a idade de dous annos, assim na cidade de Belém, como em todos os seus confins, para que não escapasse aquelle, que era o unico motivo do seu temor, e do seu odio.

Da felicidade, que tiverão os Santos Reis em adorar o Salvador do mundo, e offerecer-lhe os seus donativos, é facil conjecturar a abundancia de graças, e dons sobrenaturaes, de que serião cheios. Com que viva fé, com que ardente caridade, com que puro, e fervoroso zêlo tornarião para as suas terras, aonde depois de annunciarem as grandes maravilhas, que tinhão visto, acabarião os seus dias cheios de meritos, e com a morte dos Santos! Na verdade, a uma graça, a uma vocação tão prodiosa, a uma fidelidade tão prompta, e tão exacta, não podia deixar de corresponder-lhes uma tal sorte. E a Santa Igreja assim o dá a entender no culto publico, que permitte se lhes dê por toda a parte.

Assegura-se que as reliquias destes primeiros Heroes Christãos forão transportadas primeiramente da Persia a Constantinopla pelo zêlo, e piedade de Santa Elena. Depois, no tempo do Imperador Manoel forão transferidas a Milão pelo Bispo Santo Eustorgio, aonde estiverão 670 annos, até o de 1163, em que o Imperador Friderico Barbarouxa, tomando á força d'armas, e saqueando aquella Cidade, houve quem occultou estas sagradas reliquias, e as levou para a Cidade de Colonia em Alemanha, onde presentemente se conservão com o devido culto, e veneração.

A antiguidade desta festa chega ao tempo dos Apostolos; porque já S. Filippe, Bispo de Heracléa, que padeceo martyrio pouco depois do segundo seculo, fas della menção, como universalmente estabelecida; e em muitas Igrejas occidentaes com vigilia, e jejum.

Este dia seis de janeiro, por causa do triplicado triunfo, que nelle conseguio o Imperador Augusto, era singular, e de grandes festas para os antigos romanos. E querendo a Santa Igreja abolir o profano culto daquelles ritos gentilicos, propoz á veneração dos Fieis a sagrada memoria do baptismo do Filho de Deos, da mudança, que elle fez da agua em vinho, e da adoração, que lhe tributárão os Magos; não só por acontecerem no dia de hoje estes tres mysterios, senão porque unindo-os em uma só festa, ou triplicada Epifania, fosse maior o jubilo entre os Catholicos, celebrando as primeiras manifestações, que o Senhor fez da sua Sacrosanta Pessoa, quando se deo a conhecer aos Magos, pela

luz da estrella: a S. João, pelo sensivel testemunho do Eterno Pai; e aos seus discipulos, pelo primeiro dos seus milagres.

Com effeito, começou logo dos primeiros seculos a ser tão respeitado, e privilegiado este dia, que até o Imperador Juliano, já depois de apostata, achando-se em Viena de França, no anno de 361, não se atreveo a dispensar-se de assistir ao Officio Divino deste dia. E assim mesmo o Imperador Valente, posto que herege Ariano, achando-se hoje em Cesaréa de Capadocia, se creo tambem obrigado a assistir no templo com os mais Fieis: um e outro julgando com acêrto, que serião reputados por ímpios, se de outro modo se portassem.

EXCLAMAÇÕES DOUTRINAES.

Meu Divino Jesus, e meu amante Salvador, eu não acabo de comprehender, que viessem de tão longe os Santos Magos para vos adorar, e que os proprios judeos, no meio dos quaes vós nascieis, vos não conhecessem! Ao mesmo Herodes, a quem Vós enviastes aquelles tres Principes, e a quem os Doutores da sua Nação plenamente instruírão sobre o logar do vosso Nascimento, nada aproveitárão todos estes meios, porque de nada servem as luzes, a quem voluntariamente quer ser cego. Um coração puro, um coração religioso, assim que lhe apparece a estrella, logo se põe a caminho; quando uma alma mundana, e um malicioso hypocrita faz servir a Religião á sua politica, á sua ambição, e insaciavel cobiça.

Oh como é certo, meu Deos, sempre vos acha, quem com boa fé vos procura! Não é o nosso desatino por falta de estrella: está toda a culpa da nossa parte, porque nos falta a rectidão nas nossas intenções, e a sinceridade em o nosso coração. A malicia deste é a que extingue, e faz inuteis as luzes da vossa Graça.

Muito foi o que se disse, e se murmurou em Jerusalem a respeito daquelles Santos Reis, taxando-os de simplicidade credula, e de imprudentes em uma tal viagem. Mas quando elles, meu Jesus, em Vos achárão o que procuravão, por certo que se não arrependêrão de serem tão promptos em seguir a vossa luz, nem derão por mal empregadas as suas penosas fadigas. Ah Senhor! Fazei que eu em toda a vida seja tambem fiel em seguir as vossas inspirações, para que tenha outros tão bons sentimentos na hora da minha morte.

Grande foi o jubilo daquelles Principes, quando illustrados pela vossa Graça, e reconhecendo, que residia em Vós corporalmente a Suprema Divindade, se prostrárão por terra, e vos adorárão com a submissão mais profunda. Mas que confusão não deve ser a nossa, quando sabendo sem duvida, que na realidade vos temos presente sobre os nossos Altares, isso não obstante, nos portemos, não só com pouca piedade, mas talvez ainda com lastimosa falta de veneração, e respeito! O' meu benigno Jesus, eu me envergonho da minha pouca fé; e quizera daqui por diante que as minhas adorações, e obsequios á vossa Magestade Sacrosanta podessem bem reparar todas as minhas passadas irreverencias.

Por mais ricos que fossem os donativos dos Magos, muito mais preciosas forão nos vossos olhos a sua devoção, e caridade; porque o coração puro é o que dá valor na vossa estimação aos nossos donativos; e sem esta qualidade não vos podem ser agradaveis as nossas offertas. Fazei, pois, meu Senhor, que eu não chegue jámais á vossa presença com as mãos vazias; antes que vos dê sempre, e vos não recuse o que for mais do vosso gosto.

Não se esfriou a devoção daquelles Santos Varões, nem pela humildade do logar do vosso Nascimento, nem pela pobreza das pessoas, que nelle assistião, porque a sua grande fé supprio a tudo; por onde conheço e confesso que a minha falta desta virtude é a que me faz tão indifferente, e tão remoto da devida veneração aos vossos Sacrosantos Mysterios.

Ah meu amante Salvador! Que bellas lições, e doutrinas, que fortes persuasões, e exemplos me offerecem neste dia aquelles vossos primeiros adoradores! E será possivel, que por isso mesmo, que eu vos posso achar a menos custo, vos procure com menor empenho, vos adore com menor respeito, e vos tribute mais raramente os meus obsequios? Não, meu Senhor, não ha de ser assim. Eu com o favor da vossa Graça, me acho agora resoluto a fazer-vos sempre a minha côrte, e adorar-vos em espirito, e verdade por todo o resto dos meus dias.

JANEIRO — 7.

DO BAPTISMO DE NOSSO SENHOR JESU CHRISTO.

DO PADRE JOÃO CROISET, NO SEU ANNO CHRISTÃO.

No decimo quinto anno do Imperio de Tiberio Cesar, a tempo que Poncio Pilatos era Intendente da Judéa pelos Romanos, e que Herodes Antipas (filho do outro Herodes, que havia degolado aos innocentes) era Tetrarca, isto é, principe da Provincia de Galiléa, tambem sujeita aos Romanos, S. João Baptista, movido do espirito de Deos, sahio do deserto para prégar a penitencia, e como Precursor do Messias, preparar os caminhos do Senhor. Chegou elle ás margens do Jordão, e alli baptizava os que vinhão ouvillo, exhortando-os a chorarem os seus peccados, e converterem-se de coração para Deos.

Neste mesmo tempo é que o Salvador do mundo (que desde a sua volta do Egypto havia assistido incognito em Nazareth, pequena Cidade de Galiléa) veio á Judéa no trigesimo anno da sua idade, e quiz ser baptizado por S. João, como os outros; santificando desde então por este meio as aguas saudaveis do baptismo dos Christãos, de que o de S. João era só figura, e começando a sua vida publica por este grande acto de humildade.

Quando o Salvador alli chegava ao Jordão, instruido o Santo Baptista por uma luz sobrenatural, conheceo distinctamente, que aquelle Homem, que vinha a pedir-lhe o baptismo, era o esperado Messias; e que disto mesmo teria ainda novas seguranças pela descida visivel do Espirito Santo sobre elle, depois de ser baptizado. E cheio por tanto o venturoso Baptista dos maiores sentimentos de jubilo, de admiração, de respeito, e ternura, exclamou publicamente: *Ah Senhor! Vós vindes a ser baptizado por mim? Eu é que devo ser por Vós baptizado.* Porém o Salvador lhe respondeo: que isto era um mysterio, que se devia cumprir; que elle havia determinado começar por esta humilhação a sua vida publica, para confundir a soberba do mundo; que era necessario submetter-se ás ordens da Divina Sabedoria, e cumprir perfeitamente todos os seus deveres. Ouvindo isto S. João, não se lhe oppoz mais; e apenas o Salvador havia sahido da agua, recebido já o baptismo, e estando posto em oração junto ao rio, querendo mostrar o Eterno Pai, por um prodigio inaudito, quanto aquella humildade lhe era agradavel, abrio-se de repente o Ceo, e vio S. João o Espirito Santo descer visivelmente sobre o Salvador em fórma de pomba; e ouvio no mesmo tempo dizer assim lá do alto: *Este é o meu Filho muito amado, em que eu tenho as minhas delicias.*

Oh como é certo, que a humildade de coração encontra logo o seu premio! um affectuoso anniquilamento de nós mesmos, um conhecimento pratico do nosso nada, ganha sempre o coração de Deos. E que admiravel exemplo aqui nos dá o Salvador da estimação, que devemos fazer de todas as praticas de piedade! Muitos reputavão o baptismo de S. João, como uma devoção popular; porém o Salvador não tem por indigno o misturar-se com o povo, quando se trata de uma pratica de piedade, de um acto de religião. E não é esta uma lição importante, e uma reprehensão muda, para os que tem por injuria da sua nobreza, ou da sua dignidade, o parecerem tão religiosos, e tão devotos, como os individuos do povo? tudo o que Deos manda, tudo o que a Deos agrada, exalta aos que o que o praticão; e nenhum titulo é mais honorifico, que o de verdadeiro servo de Deos.

Desceo o Espirito Santo visivelmente sobre o Salvador do mundo na figura de uma pomba, porque nada exprime melhor a pureza da alma, do que o baptismo. O Divino Espirito não descança, senão sobre um coração puro; nem Deos tem as suas delicias, senão em uma alma humilde. Mas quando será que um tão illustre exemplo faça a devida impressão sobre o nosso espirito, e seja um remedio efficaz contra a nossa soberba?

Na verdade, que um oraculo tão manifesto, e um testemunho tão authentico da Divindade de Christo devia fazer-se indispensavel motivo de uma festa particular para toda a Igreja. Assim foi ella uma das mais solemnes nos primeiros seculos, celebrando-se então este mysterio com uma magnificencia extraordinaria. Teve por algum tempo esta festa o nome grego de *Theophania*, que quer dizer: festa da manifestação da divindade de Christo, ou dia,

em que Deos se manifestou visivelmente aos homens. E como, segundo a mais antiga tradição, foi o baptismo do Senhor no sexto dia do mez de janeiro, unio a Santa Igreja esta festa com a outra da Adoração dos tres Reis Magos.

Santo Agostinho, S. João Chrysostomo, e S. Jeronymo com outros padres allegão muitas razões de conveniencia, para que o Salvador, sendo a innocencia mesma, e o que tira os peccados do mundo, se dignasse vir em propria Pessoa receber de S. João um baptismo, que era só para os peccadores. Foi 1.° (dizem elles) para obrigar a todos com o seu exemplo a receberem o seu proprio baptismo, que lhes era necessario. 2.° Para mostrar a sua humildade, praticando-a, segundo Elle mesmo disse, com todo o rigor de justiça, e virtude. 3.° Para authorizar o baptismo de S. João seu Precursor. 4.° Para attrahir o testemunho, que delle devião dar o Espirito Santo, o Eterno Pai, e o mesmo S. João, e dispor assim os povos para o attenderem, e o seguirem. 5.° Para preparar, e santificar as aguas com a sua presença, de modo que com a virtude occulta, que nellas derramava, se fizessem depois saudaveis ás gentes, e capazes de darem a remissão dos peccados pelo Sacramento do baptismo, que havia de instituir antes da sua morte. 6.° Para extinguir com esta ceremonia o baptismo judaico, e estabelecer o seu proprio baptismo, de que ao depois publicou o preceito.

O que o Evangelho diz por S. Mattheus, e S. Marcos, que se abrírão os Ceos, é uma expressão popular, porque os Ceos não são de qualidade, que naturalmente se possão romper. É verosimil, que isto não foi uma separação real, mas simplesmente uma repentina luz, que sahio como um relampago lá do alto Ceo.

Nenhum dos Santos Padres em toda a antiguidade Christã reputou por indecente, que o Espirito Santo apparecesse em fórma de pomba, pois que o Filho de Deos na Sagrada Escriptura se acha tambem figurado com os nomes de leão, de aguia, de cordeiro, de pedra angular, e outros similhantes; e a pomba, que é uma ave innocente, casta, mansa, fecunda, e amavel, designa symbolicamente a bondade, a doçura, a liberalidade, a fecundidade, e outros dons do Espirito Santo para bem das almas.

S. Justino Martyr, instruido por uma antiga tradição, deduzida até a era de 163, em que falleceo, diz que no momento, em que o Salvador entrou no jordão, se vio arder um fogo sobre as aguas; o que sem duvida sería effeito da prodigiosa luz, com que então a Divindade de Christo faria resplandecer o seu Corpo, como depois se vio no Thabor.

Muitos Santos Padres chamão á festa do baptismo de Christo a festa da *Illuminação*, ou das *Luzes*, por ser este o dia, em que a Divindade do Salvador se manifestou, (digamos assim) quanto a nós, mais sensivelmente illuminada. E neste mesmo sentido é que o baptismo dos Catholicos é chamado *Illuminação*, segundo a frase de S. Paulo; ou porque no baptismo é que recebemos a luz da Fé, e ficamos filhos de Deos, ou porque neste Sacramento é que sahimos das trévas do peccado, e entrâmos no dia da graça; e daqui mesmo sem duvida nasceria o pio costume, que ainda se pratíca em alguns bispados, de levar-se uma véla apagada diante do menino, que vai a baptizar-se, e trazer-se depois accesa, recebido já o Santo baptismo.

A Igreja grega celebrou sempre, e celebra ainda a Sagrada Festa da Epifania com uma generosa profusão de luzes. O mesmo se observou por muito tempo na Igreja Latina, e daqui viria talvez o chamar o povo *Candeia dos Reis* áquellas vélas pintadas, de que neste dia se fazem presentes em algumas Provincias. O certo é que estes usos de tradição sempre tem seu mysterio. A piedade dos nossos pais teve muita parte em certos costumes antigos; e ainda que depois degenerassem da simplicidade, e do merito da sua primeira instituição, nunca deixárão de ser louvaveis na sua mesma origem.

EXCLAMAÇÕES DOUTRINAES.

Creio, Senkor, que o vosso baptismo foi uma das vossas mais sensiveis humilhações, que como só os peccadores tinhão necessidade desta purificação, e nenhum alli se apresentava, que por tal não fosse reconhecido, grande abatimento foi para Vós, Santissimo Salvador do mundo, Soberano Filho do Eterno Pai, o entrar na turba dos miseraveis peccadores, o ouvir as exhortações do vosso proprio Precursor, e o receber com elle o mesmo baptismo! Mas com quanta razão, e justiça, meu Divino Redemptor, nessa vossa profunda humilhação sois publicamente declarado, e reconhecido pelo que sois! O Baptista S. João sem jámais vos haver visto, vos reconhece por seu Salvador; o Eterno Pai por seu Filho amabilissimo; e o Espirito Santo para maior complemento desce visivelmente sobre Vós na mystica figura de uma pomba. Em nenhuma parte, ao que parece, ha testemunho mais authentico, nem mais sensivel da vossa Suprema Divindade.

Eu adoro, como devo, a vossa ineffavel Humanidade, e me envergonho quanto posso de ter até aqui tanto horror a esta especiosa virtude. Nella fostes Vós reconhecido por verdadeiro Filho de Deos, e só por ella seremos nós reputados como vossos verdadeiros discipulos. Aprendei de mim (*dissestes Vós*) que sou humilde de coração. *Mas que pouco me tenho eu aproveitado de uma lição tão importante, ao mesmo tempo que a humildade faz o caracter da distincção dos verdadeiros Fiéis, e sem ella não ha virtude que seja solida!*

Já reconheço, meu Deos, não haver mais louca vaidade do que a minha, quando, havendo pec-

cado, e tantas vezes delinquido, não quiz parecer peccador. Porém Vós, meu Jesus, que vêdes o meu arrependimento, fazei com a vossa Graça que eu realmente mostre quanto elle é sincero. Muitas vezes, Senhor, tenho sido humilhado sem jámais ser humilde. Porém agora confio em Vós, que acceitarei de boa vontade, por vosso amor, todas e quaesquer humilhações que Vós me enviardes, e permittirdes para meu bem.

DO PRIMEIRO MILAGRE QUE FEZ O SENHOR JESUS, ASSISTINDO NAS BODAS DE CANA', CUJA MEMORIA CELEBRA TAMBEM A IGREJA NO DIA 6 DE JANEIRO.

Posto que ao Filho de Deos bastava só mostrar-se para se manifestar ao mundo, e ser por elle reconhecido; sabendo comtudo que a maior parte dos homens querem ver cousas extraordinarias, primeiro que sujeitem a sua crença, e muito mais prégando a um povo grosseiro, em que tudo o que era fóra dos sentidos, fazia pouca impressão, quiz ter a bondade de se accommodar á sua fraqueza, e julgou a proposito, que para os convencer da verdade da sua doutrina era preciso fazer obras prodigiosas, e manifestar por milagres a sua Divindade.

Tinha passado o Salvador toda uma quarentena em o deserto de Bethabara, (que fica entre o Mar-Morto, e o de Tiberiades) e havia tres dias que chegára a Caná, pequena Cidade da Tribu de Zabulon, distante do mesmo deserto quasi trinta leguas. E celebrando-se naquella occasião em casa de Cléofas, denominado *Alpheu*, umas bodas, (cujo esposo dizem uns que era São João Evangelista, outros que Simão Cananeo, e outros que S. Bartholomeo, por outro nome *Nathanael*) foi o Senhor Jesus convidado para vir com os quatro ou cinco discipulos, que já tinha, condecorar aquelle acto com a sua Presença.

Annuio, e condescendeo o Salvador á proposta supplica, não só para authorizar com o seu espontaneo consentimento a santidade do legitimo matrimonio, senão tambem para ensinar-nos, que as assembleas, e companhias não se oppõem á vida espiritual quando pela caridade, ou pela necessidade, ou ainda pela decencia somos a ellas conduzidos.

Sentado, pois, o Salvador á mêsa, ao lado de Maria Santissima, sua Mãi, como os noivos erão pobres, e não estavão prevenidos para mais seis hospedes, que com o Senhor, e seus discipulos inopinadamente lhes accrescêrão, hia faltando o vinho antes de concluir-se o banquete. O que advertido pela Divina Senhora, como era toda cheia de caridade, e ternura, e não queria que padecessem aquelle desgosto assim os esposos como os convidados, voltou-se cuidadosa para seu Filho, expondo-lhe a necessidade presente nestas breves palavras: *Já não ha vinho*. Ao que o Senhor lhe respondeo: *Que vos importa isso? Ainda não chegou a minha hora*: parecia á primeira vista um pouco sêcca, mas a Virgem Prudentissima, que lhe penetrava o mysterio, e interior sentido, não só não replicou, nem se mostrou queixosa, senão que chamou á parte os que servião á mêsa, e lhes disse em submissa voz: que fizessem tudo o que seu Filho lhes ordenasse.

Apenas o Salvador respondeo, como dissemos, á Santissima Virgem, voltou-se para os serventes, e lhes mandou, que enchessem de agua todas as seis talhas, que alli se achavão vasias. Erão estas talhas de pedra branca, e estavão alli postas para servirem ás purificações, que nos grandes banquetes erão indispensaveis entre os judeos, afim de se lavarem as mãos, e braços até os cotovelos. Tres daquellas talhas levava cada uma tres metrétas, e das outras tres, cada uma duas; vindo a fazer por todas quinze metrétas; e como a *metréta* era uma medida grande, que (feita a conta com proporção ás de Portugal) levava sessenta quartilhos, vinhão a receber por este modo todas as seis talhas dez almudes, e mais cinco canadas, segundo a medida ordinaria do nosso Reino (*a*).

Logo que os serventes acabárão de encher completamente as seis talhas, disse-lhes o Senhor: *Tirai agora dahi, e levai ao Arquitriclino*, que era sempre um Sacerdote, a cujo cargo, como presidente do banquete, estava o regular tudo de maneira, que nada faltasse do preciso, nem se commettesse cousa alguma contra a decencia, e honestidade. Bem podéra o Senhor Jesus crear o vinho de novo naquellas mesmas talhas, estando vazias de todo o licor. Porêm quiz que estivessem cheias de agua, e que esta operação se fizesse por mão dos mesmos serventes, para ter nelles depois umas fiéis testemunhas, de que não houvera naquelle prodigio, nem a menor sombra de engano.

Assim que o presidente ou mordomo provou o milagroso vinho, como ignorava o que se havia passado, chamou logo o esposo, (que, segundo o costume, e pela parte que lhe tocava, andava circulando pelas mêsas para que não faltasse cousa alguma, e tudo se servisse a tempo) e com gracioso sorriso lhe fallou deste modo: «Porque motivo nos haveis assim enganado? todo o homem offerece o melhor vinho no principio do seu banquete, e só depois que se tem assaz bebido, apresenta o menos generoso. Porém vós pelo contrario reservastes o melhor para o fim». Todos os mais convidados fizerão o mesmo reparo; e sabendo logo pelos serventes que as talhas só se enchêrão de agua pura, em todos foi grande o assombro de tão estupenda maravilha! Assim é que o Salvador começou a mani-

(*a*) O Cap. 2.º de S. João, diz: *Havião seis talhas de pedra para as purificações segundo o costume dos judeos, e cada talha levava duas ou tres metrétas.* Sabe-se que a metréta (medida grega) vale 2 diotas, e cada diota 19,42 litros.

festar a sua Gloria, e o seu Poder por esta acção prodigiosa, que foi o primeiro dos seus publicos milagres, e certamente servio muito para augmentar a fé dos seus Discipulos.

O testemunho de Santo Epifanio é uma prova incontestavel de que a festa deste primeiro milagre se fazia já desde o quarto seculo no dia seis de janeiro, em que a Igreja celebra a memoria das tres principaes manifestações da Gloria e Divindade de Jesu Christo, e debaixo do mesmo nome de *Epifania*; e supposto que haja opiniões differentes a respeito do dia proprio destas tres manifestações, sempre, como diz Santo Agostinho, a nossa Fé, e a nossa devoção nesta triplicada solemnidade é a mesma; porque sempre é o mesmo Jesu Christo, cuja Gloria, e Divindade nella se reconhece, e se adora.

O mesmo Santo Epifanio nos assegura, que no seu tempo, e diversos logares se vio o prodigio maravilhoso de muitas fontes, e algumas ribeiras apparecerem com a propria agua mudada em vinho (ou pelo menos tomando delle a côr, e o gosto) no dia anniversario do primeiro milagre, feito pelo Salvador nas bodas de Caná; e attesta o Santo Padre, não só que elle mesmo havia provado o milagroso vinho de uma daquellas fontes, que havia em Cybera na Asia menor; mas tambem accrescenta, que ouvíra affirmar o mesmo prodigio das aguas de um certo logar do rio Nilo, tiradas no dia da Epifania. Sería imprudencia, e ainda temeridade duvidar de um facto expresso, que um homem tão douto, e tão santo attesta, e confirma com o testemunho da sua propria experiencia, e que tão grandes homens depois delle tem concordemente referido.

Deve-se tambem attribuir ao culto da festa deste primeiro milagre a honra, e veneração que se tem dado ás urnas, ou talhas, que forão os seus instrumentos. A circumstancia do prodigio póde justamente haver feito conservallas, por espirito de Religião, e quando menos por curiosidade. Pertende-se que os Principes do Occidente, achando-as na Palestina, pelo tempo das Cruzadas, as trouxerão para a Europa, onde se venerão em varias partes, como París, Tongres, Colonia, etc. e não ha fundamento para dizer que não são as proprias; sendo certo que vierão da Judéa, e que são da mesma medida, e figura que tinhão as que erão destinadas para o ministerio das purificações dos hebreos. Veja-se o que diz Lancelloto na eruditissima dissertatação, que fez sobre uma destas talhas que se acha no mosteiro de Porto Real, e vem inserta na sua bem apurada chronologia, que anda impressa na ultima edição da Biblia de Vitré.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Como serião felices todos os matrimonios, se Jesus se achasse em todas as bodas! As assembleas, os banquetes, e as festas, nada terião que não fosse Christão, se o mesmo Senhor fosse alli convidado. Nada assim mesmo faltaria depois nas frequentes necessidades da vida, se nunca se omittisse o devido cuidado de ter sempre a Deos presente.

A rogos de Maria Santissima fez o Salvador o primeiro dos seus milagres; e talvez que em attenção sua prevenisse Elle a occasião para o mesmo effeito. Venturoso aquelle que tem o efficaz patrocinio de uma Mãi tão poderosa! todas as graças procedem de Jesu Christo, como de sua original fonte; porém a Santissima Virgem tem uma grande parte na sua generosa distribuição; e que maior consolação, nem mais bem fundada para os seus verdadeiros devotos!

Deveo-se este milagre ás rogativas da Divina Senhora, e á obediencia dos fiéis serventes. Assim pois queremos nós que a Mãi Santissima empregue todo o seu credito para com o amado Filho a nosso respeito? sejamos da nossa parte servos fiéis, e obedientes. Debalde implora o patrocinio, e soccorro da Mãi quem faz profissão de desagradar, e desobedecer ao Filho.

Havia necessidade de vinho, e o Senhor fez trazer agua. A obediencia para ser perfeita, nada deve ter de curiosa, e deve ser prompta. Tantos raciocinios carnaes, ou tanta prudencia humana, só servem para seccar a devoção, e destruir aquella docilidade religiosa, de que falla tantas vezes o Salvador, e que faz os verdadeiros discipulos do mesmo Deos.

Se aquelles serventes fossem menos doceis talvez que o Salvador se mostrasse menos benefico. Contentemo-nos de representar a Deos as nossas indigencias espirituaes, e corporaes com muita resignação, humildade, e confiança. Empenhemos a Virgem Santissima em os nossos interesses com uma devoção continua, terna, e solida, e estejamos certos de que o Senhor nos dará provimento quando o julgar mais a proposito para o nosso maior proveito. Elle muitas vezes dilata o deferir aos nossos rogos, para ter depois logar de nos fazer maiores beneficios.

Lançou-se agua nas talhas, e achárão-se cheias de vinho. Deixemos obrar a Providencia, e encontraremos em todo o lance a mais proveitosa conveniencia. E' engano presumirmos, que podêmos effectivamente ser os unicos operarios da nossa fortuna. A nossa providencia é muito frouxa, e de curta esfera, para haver-nos de ser proveitosa. Submettamo-nos ás ordens da Providencia Divina, não ponhâmos obstaculo aos designios de Deos, tenhâmos uma firme confiança na sua bondade, na sua misericordia, e Elle nos proverá com abundancia de tudo o que legitimamente nos for util, e necessario.

JANEIRO — 8.

DE

SANTO APOLINARIO, BISPO.

NO SECULO SEGUNDO.

Deste illustre Prelado, e famoso apologista da Religião Christã falla Eusebio na sua Historia da Igreja, e o Doutor Maximo no Tratado dos Escriptores Ecclesiasticos, e o celebre Tillemont no Tom. 2. pag. 492.

Santo Apolinario, Bispo de Hierapole na Phrygia, foi uma das mais brilhantes luzes no segundo seculo da Igreja. Nós pouco sabemos das suas acções particulares, mas o elogio que lhe fazem os authores antigos, não permitte que se duvide de que elle tivesse todas as virtudes, que fórmão o caracter dos Bispos Santos. E sempre os hereges encontrárão nelle um inimigo formidavel, porque nos sabios escriptos que compoz, refutava sem replica os seus impios systemas; e para lhes tirar todo o subterfugio, lhes mostrava com evidencia qual era a seita dos filosofos gentios, donde elles exhaurião os seus erros.

Compadecido, pois, o Santo Pastor dos immensos trabalhos, que padecia o seu rebanho na perseguição geral do Christianismo, não se contentou só com gemer, e orar na presença de Deos, emprehendeo tambem a defensa de toda a Igreja com a sua famosa apologia, que dirigio ao Imperador Marco Aurelio no anno de 177; em cuja obra, depois de illudir, e desfazer todos os pretextos de que usavão os idolatras para exterminarem os Discipulos de Jesu Christo, implorava a clemencia do Principe a favor dos Christãos, que bem tinhão servido ao Imperio por meio das suas orações, como a todos foi notorio no memoravel caso da milagrosa chuva, pela maneira seguinte:

O Imperador Marco Aurelio, summamente fatigado pela porfiada guerra que sostinha contra os Quadros, povo feroz da Alemanha, tomou a resolução de lhes dar fim, de modo que para o futuro o não podessem inquietar mais. Ajuntou pois o seu mais forte exercito, e se poz em campo no anno 171 de Jesu Christo, e decimo terceiro do seu reinado, com animo fixo não só de combater, e destruir os Quadros, senão tambem todos seus alliados, quaes erão os Marcomanos, e outros povos circumvisinhos.

Houve logo de parte a parte muitos combates sanguinolentos, em que ficárão victoriosos os romanos; porém os barbaros, confiados no sitio, e retirando-se em boa ordem, deixárão um bom corpo de infanteria, com algumas tropas de cavallos, dando a entender que ainda estavão dispostos para novo combate naquelle mesmo logar; e enganados os romanos por este industrioso estratagema, investírão logo aos inimigos, os quaes, retrocedendo, segundo a ordem que se lhes havia dado, forão attrahindo o exercito romano ao interior dos montes, aonde impedidos pelos que occupavão as estreitas passagens, e accommettidos na retaguarda pelos que se escondião nas cavernas, e no mesmo tempo agitados por um calor vehementissimo, causado pela reverberação dos montes, pela seccura do sitio, e pela dor das feridas recebidas no proximo combate, e consequentemente por uma ardentissima sêde, vírão-se os miseraveis romanos entre a situação penosa, ou de se renderem á discripção dos inimigos, ou de serem todos alli feitos em pedaços.

Então, pois, andando o Imperador por todo o exercito, animando com a sua presença, e com os seus discursos os afflictos soldados, a legião duodecima, que era composta de Christãos (e se appellidava *Melitene*, de uma Cidade deste nome, aonde muitos tempos residia) vendo-se em tão perigoso aperto, ajoelhou para orar a Deos, segundo o costume dos Christãos, a fim de que Elle se dignasse de lhes valer naquella occasião com o seu poder. E cobrindo-se logo o Ceo de espessas nuvens, os soccorreo com uma grossa chuva, que recebida nos capacetes dos soldados, a todos mitigou a sede; e pouco depois levantando-se contra os barbaros um furioso vento, acompanhado de trovões, e raios, os encheo de terror, e causou nelles uma destruição geral; donde procedeo appellidar-se depois aquella illustre legião com o celebre nome de *Legião Fulminante.*

Ora, um favor tão opportuno, concedido em tal aperto pelo Grande Deos dos Christãos, merecia sem duvida o mais justo reconhecimento do Imperador Marco Aurelio; e supposto que elle publicou logo um edicto, prohibindo com pena de morte o serem os Christãos denunciados aos tribunaes por causa da Religião; comtudo, como não abrogou as leis anteriores, que lhes mandavão tirar a vida com todo o genero de tormentos, sempre houve martyres em todo o seu Imperio, e principalmente depois de passados sete annos, em que o fogo da perseguição se accendeo com maior calor.

Então foi que Santo Apolinario compoz a sua famosa apologia, em que recordava ao Imperador, que ás orações dos Christãos era elle devedor daquella milagrosa victoria, que lhe segurára a coroa, e a vida. Ignora-se o effeito, que produzio um discurso tão solido. Só se presume, que Marco Aurelio como era bom filosofo, o recebeo com apreço e que não servio pouco para abrandar o furor dos inimigos do Christianismo; porque se vê que Santo Apolinario continuou em se applicar, sem ser impedido, ao governo da sua Igreja até o ultimo momento, em que Deos o quiz tirar deste mundo, cujo anno se não sabe com certeza, ainda que é provavel que o seu transito fosse antes da morte de Marco Aurelio; e nós o assignâmos neste dia 8 de janeiro, porque assim se vê collocado no Martyrologio Romano.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Nós adorâmos todas as verdades, que defendeo Santo Apolinario na sua apologia. Todos seguimos a mesma fé que elle professava; e talvez que nos pareça termos valor para a confessar á custa do que mais amâmos. Mas como se póde unir a nossa crença com o pouco zêlo que temos em praticar a virtude, e o vivo ardor que mostrâmos para com as cousas da terra? E donde procede que faça sobre nós tão fracas impressões o pensamento de Deos, do Ceo, do inferno, e da Eternidade, senão é por não ponderarmos com reflexão attenta estas importantes verdades?

O meio, pois, para chegar áquella fé viva, que obra pela caridade, é recorrer frequentemente ao exercicio da meditação, profundando cada vez mais o pensamento nas verdades evangelicas, afim de encontrar aquelle manná celeste, que nutre os affectos da alma. As gentes do Mundo reputão a meditação por um exercicio superfluo, porém os Santos de todos os seculos o julgárão sempre de outro modo. Elles sempre o tiverão por uma obrigação indispensavel, e por este motivo evitavão o estrepito do mundo, quanto mais lhes era possivel, e lhes permittião os deveres do seu estado.

JANEIRO — 9.

DE

S. ROBERTO, BISPO.

NO MARTYROL. ROM. A 6 DE JANEIRO.

NO SECULO VII E VIII.

A sua vida (algum tanto compendiada, e alterada no estilo) acha-se em Surio no dia 4 de janeiro; e no mesmo dia a trazem os Bollandistas na sua original inteireza. Ella foi escripta com sincera simplicidade por author anonymo.

Nasceo S. Roberto (não se sabe em que anno) depois da metade do seculo setimo, de pais nobres no paiz chamado então Ripuaria, e agora Juliers, pertencente no temporal a Alemanha, e ao Bispado de Rems no espiritual; e supposto que naquellas terras ainda reinava uma quasi geral corrupção, Roberto, por uma particular misericordia do Senhor, foi preservado do universal diluvio, por modo que desde os annos de mancebo, que são os mais perigosos, praticou sempre uma vida innocente, e devota; e crescendo na idade se avançou cada vez mais no caminho da virtude.

Elle era (diz o author sincero da sua vida) *todo applicado ao exercicio da oração, e ao estudo da sabedoria celeste; era verdadeiro nas suas palavras, fervoroso na caridade, e amante do jejum, e abstinencia; era tenaz da justiça, prudente, honesto, e adornado de todas as virtudes Christãs.* Vagando pois no anno de 669 a cadeira episcopal da Cidade de Rems, por commum consentimento do clero, e do povo foi eleito para occupalla; e apesar de toda a sua repugnancia obrigado a fazer acceitação deste oneroso emprego.

E supposto que em quasi todos os seus subditos ecclesiasticos, e seculares encontrou uma lastimosa depravação de costumes, elle comtudo não perdeo o animo; antes confiado no poder da Graça divina, que póde fazer das pedras filhos de Abraham, entrou na grande obra da reforma com vigor, e constancia, e ao mesmo tempo com suavidade, e doçura.

O seu primeiro pensamento foi consolidar na piedade os poucos, que se havião conservado fiéis a Deos, exhortando-os efficazmente a permanecer

firmes no bem, sem se deixarem conduzir pela torrente dos máos, de modo que fossem os exemplares para todos. Passou depois á particular reforma do clero, começando pelos Conegos da Cathedral, como chefes principaes da ecclesiastica jerarquia. E para induzillos mais facilmente a praticarem uma vida santa, lhes augmentou o rédito das prebendas, por serem até alli tão diminutas, que lhes não bastavão para o seu ordinario sustento.

E concluida felizmente esta empreza, passou a reformar o restante do clero, e povo; admoestando, e movendo a todos com frequentes exhortações para a emenda dos relaxados costumes, e usando ora da doçura, e ora da severidade, segundo o julgava expediente para a salvação das suas almas. Por cuja causa (como diz a author da sua vida) *elle estava sempre disposto para soccorrer aos necessitados, especialmente os pobres do seu rebanho, fazendo-se tudo a todos, afim de lucrar a todos para Jesu Christo.* E por este modo as suas virtuosas diligencias, e continuos desvelos produzirão em breve tempo um copioso fructo em todo o seu bispado.

Divulgada pois a fama da virtude singular do veneravel Roberto, foi universal o conceito, que formárão os povos da sua santidade, distinguindo-se entre todos o famoso Pepino, que com o titulo de Mestre, ou Prefeito de Palacio, governava naquelles tempos, quasi com absoluta authoridade o Reino de França. Por quanto este Principe, em sinal do grande aprêço que fazia do illustre Prelado, sobre fazer-lhe doação de uma casa de campo, com muitas terras circumvisinhas, quiz tambem que seu filho Carlos (cognominado depois *Martello*) fosse por elle baptizado, e na Religião instruido.

Correspondeo o Santo Bispo á confidencia, que fizera Pepino da sua pessoa, valendo-se da sua maior industria, e da mais sabia diligencia para instillar no animo de Carlos todos os dignos sentimentos de um catholico Principe, mas sem o desejado fructo; por quanto aquelle nobre mancebo, como era de um animo feroz, e depravados costumes, não sómente rejeitou com desprezo as virtuosas exhortações do Santo, senão ainda com o tempo se fez tyranno usurpador do Reino, e implacavel perseguidor do mesmo Prelado, pelo que agora diremos.

Morto que foi o celebre Pepino, Chilperio III, Rei de França, conferio o cargo de Mestre, ou Prefeito de Palacio a um certo Romanfredo, muito apesar de Carlos Martello, que pertendia, e reputava aquella dignidade, como hereditaria da sua familia. E rebellando-se logo contra o Rei com um poderoso, e bem disciplinado exercito, lhe moveo guerra, na qual, depois de tres sanguinolentas batalhas, veio a conseguir uma completa victoria.

Então pois (ainda antes de concluida a guerra) presentando-se Carlos com as suas tropas á vista da Cidade de Rems, pedio com instancia a São Roberto, que lhe mandasse abrir as portas da Cidade, afim de visitar uma certa Igreja da Santissima Virgem. Mas o Santo Prelado (que bem presumia que todo o intento de Carlos era usurpar o dominio absoluto da mesma Cidade), recusou constantemente condescender á sua instancia, e ainda ás suas ameaças, por não faltar á fidelidade que devia ao seu Soberano, a quem aquella Cidade pertencia.

Conseguida pois por Carlos a sobredita victoria, conquistou logo sem difficuldade a Cidade de Rems. E querendo elle vingar-se do Santo Bispo, que antes lhe recusára a entrada, o despojou de todos os seus bens, e até do mesmo bispado, em cujo emprego introduzio á força um certo Milon, (que de ecclesiastico só tinha a tonsura), e por ultimo o desterrou para os incultos montes de Gasconha. E adorando Roberto os Juizos de Deos, (sempre justos, ainda que occultos) sujeitou-se com plena resignação ás suas divinas disposições, soffrendo com invicta paciencia os grandes incommodos do desterro na summa pobreza, e privação do necessario para a vida humana.

Nesta situação penosa passou o Santo alguns annos, sempre occupado na meditação das cousas celestes, no exercicio da penitencia, e nas orações continuas pela salvação do seu povo, dado em prêza a um lobo voraz, qual era o referido Milon, usurpador da sua Igreja. Até que o Divino Senhor por sua ineffavel misericordia, e rectissima justiça se dignou de fazer a todos manifesta a innocencia, e santidade do seu Servo por muitos, e grandes milagres, que obrou no mesmo logar do desterro; donde, gloriosamente transportado para as terras, que lhe doára o grande Pepino, dalli, correndo o anno de 733, subio a gozar com immenso jubilo a gloria immortal do Paraizo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Se este virtuoso Bispo se regulasse pelas maximas da prudencia humana (que o mundo chama politica) de seguir o partido mais forte, o mais conveniente, qual era sem duvida o de Carlos Martello, não se exporia ás desgraças de ser expulso do seu bispado, e conduzido para um desterro, e não lhe faltarião pretextos para haver de palliar uma tal resolução; pois além de ser Carlos filho de Pepino, a quem era muito obrigado, era tambem seu discipulo, e não deixava de ter alguma razão na guerra que movia a Chilperio. Mas o veneravel Roberto, que desprezava todos os humanos respeitos, consultando só os deveres da sua consciencia, e não a politica humana, abraçou o partido da verdade, e da justiça, sem temer o perigo a que se expunha, desgostando a um Principe poderoso, feroz, e vingativo, qual era Carlos Martello; e tolerando com paciencia todos os males, que daqui lhe sobrevierão até o fim da sua vida.

Aprendâmos, pois, do seu exemplo a rejeitar

com valor aquella humana politica, que attende sómente ao temporal interesse, denominada por S. Paulo Prudencia da carne, *e por S. Jeronymo* Sabedoria terrena, animal, e diabolica, *que sempre se deve detestar como toda opposta ao Espirito de Deos. E supposto que obrando-se pelos dictames da consciencia, e segundo as regras da lei divina, algumas vezes se corre perigo de cahir em desgraça, e padecer prejuizo nos temporaes interesses, como aconteceo a S. Roberto; comtudo, o bom Christão deve só attender a desempenhar as suas obrigações, cumprindo o que Deos lhe manda, e commettendo á sua divina Providencia tudo o que lhe possa acontecer na vida.*

JANEIRO — 10.

DE

S. PAULO, PRIMEIRO EREMITA.

NO SECULO QUARTO.

A sua vida, escripta por S. Jeronymo, anda entre as cartas do mesmo Santo Doutor, e em Rosveido, nas vidas dos Padres do Ermo, e outros muitos authores, que se podem ver nos Bollandistas.

PAULO (denominado *Primeiro Eremita*, porque se não encontra outro na Historia Ecclesiastica, que antes delle se retirasse do povoado para viver no deserto) nasceo no Egypto na Thebaida inferior, de pais bastantemente ricos, correndo o anno 228 da Era Christã. Como a natureza o dotou, sobre um animo doce, e pacifico, de um excellente discurso, e feliz memoria, aprendeo com felicidade, e perfeição as letras gregas, e egypciacas; e Deos no mesmo tempo o encheo do seu santo amor por tal modo, que vivia inteiramente desapegado de todas as creaturas. E morrendo seus pais, quando elle só contava quinze annos de idade, veio a ficar herdeiro de todos os bens da propria casa, por ter sómente uma irmã maior, já casada, que com elle na mesma casa assistia.

Aconteceo então no anno 250 mover Decio, Imperador, uma perseguição cruelissima contra a Religião Christã, que causou grande ruina em muitas Igrejas do Egypto, e da Thebaida; inventando os malignos executores crueis, e inauditos tormentos, com os quaes (que lentamente matavão) pertendião tirar a vida não sómente aos corpos, senão tambem ás almas. De maneira (como attesta S. Cypriano) que não se facultava o perder logo a vida áquelles, que pela gloria do seu Deos nada mais desejavão do que a morte.

Querendo, pois, o mancebo Paulo subtrahir-se ao furioso impeto daquella cruel tempestade, retirou-se para uma casa de campo, assáz remota do povoado. Mas quanto não pode no coração de um homem perverso a detestavel sêde da opulencia! O marido da irmã, que devêra occultar diligentemente ao bom cunhado, impellido pelo desejo de conseguir a sua herança, resolveo accusallo aos Ministros executores por Christão, sem que bastassem para o dissuadir as lagrimas da mulher, e muito menos o temor de Deos. O que sabido pelo Santo Mancebo, tirou-se do logar, em que antes se reputava seguro, e foi refugiar-se em uns desertos montes, com animo de voltar para a patria, logo que a perseguição fosse extincta.

Mas a vida solitaria, que por necessidade emprehendêra, começou a agradar-lhe de modo, que se foi entranhando cada vez mais no deserto. E encontrando na raiz de um aspero monte uma espaçosa caverna, quiz investigar a sua fórma, e o que nella se encerraria; e achou que dalli manava uma pequena fonte, junto da qual nascêra, e se creára uma viçosa palmeira. E examinando logo o terreno circumvisinho da mesma caverna, achou dispersos uns arruinados alvergues, e nelles algumas bigornas, e martellos cheios de ferrugem, que (segundo as memorias antigas, que depois se averiguárão) servirão de bater moeda falsa nos tempos de Marco Antonio, e Cleopatra, como refere o Doutor Maximo S. Jeronymo.

Agradou summamente a Paulo esta não esperada caverna, e reputando-a como um logar proprio que Deos lhe destinára, alli firmou a sua residencia para toda a vida, em uma perfeita solidão, e oração continua, ministrando-lhe aquella palmeira com os seus fructos o alimento, e com suas folhas o vestido, á maneira de uma tunica, (cuja contextura elle soube formar por modo de esteira) e depois que chegou o Santo aos cincoenta annos de idade, o divino Senhor o quiz alimentar com um milagre perenne, enviando-lhe cada dia por meio de um corvo ametade de um pão, como praticára algum tempo com o Profeta Elias.

Ora um genero de vida tão extraordinaria ficaria totalmente incognito aos vindouros, se Deos não inspirasse ao famoso Santo Antão Abbade, que fosse procurar, e visitar aquelle prodigioso Varão, para servir em todos os tempos, como um singular exemplo de retiro contra as pessoas vaidosas, que anciosamente desejão ostentar-se aos olhos do mundo. Em quanto pois completava Paulo os seus cento e treze annos de uma celestial vida na terra, occorreo a Santo Antão (que tambem já contava noventa annos de idade) um vivo pensamento, de que não haveria talvez outro monge mais antigo, nem mais do que elle perfeitamente solitario. Porém logo na primeira noite lhe revelou Deos que naquelle mesmo deserto residia outro monge muito mais anticipado, e incomparavelmente melhor, ao qual por tanto devia ir visitar.

Recebido o celeste aviso, o venerando velho, chegada a manhã, pegou no seu bordão, e se pôz a caminho, sem saber para onde, mas dizendo sempre comsigo mesmo: *Eu espero no meu Deos, que me mostrará o seu servo, segundo a promessa que me tem feito.* Chegando, pois, ao meio de um bosque, apresentou-se-lhe um animal monstruoso, cuja vista lhe causou medo. Porém munindo-se logo com o salutifero signal da Cruz, lhe disse com valor: *O' lá, quem quer que tu és, aonde está o servo de Deos?* E com effeito o monstro, apontando-lhe o caminho o melhor, que soube, desappareceo á sua vista.

O Doutor Maximo S. Jeronymo, que descreve o presente passo, não decide se aquelle monstro (a que dá o nome de *Hippocentauro*, composto de homem, e cavallo) era animal verdadeiro, ou fantasma. Mas ainda ao santo velho apparecêrão outros monstros no restante do caminho, que já lhe não causárão tanto medo. Até que passados dois dias de viagem, sem saber ainda para onde encaminharia os seus passos, se pôz em oração na qual permaneceo toda a noite. E chegada a manhã, vio ao longe uma loba, que anhelante pela sêde corria para o pé de um monte; e seguindo-a com a vista, foi avizinhando-se pouco a pouco até uma gruta, donde lhe pareceo que a mesma fera entrára, e sahíra.

Chegando, pois, o venerando velho áquella gruta, cobrou animo, e com passo lento se foi alli introduzindo, suspendendo a respiração por intervallos, e applicando juntamente o ouvido, afim de perceber por algum modo, se era aquelle sitio habitado. E fazendo algum ruido ao tropeçar em uma pedra, Paulo que estava no mais interior da gruta, e a ninguem queria ser manifesto, fechou promptamente a porta; mas o velho Antão, lançando-se logo por terra, alli se conservou até o meio dia, rogando sempre a Paulo, que lh'a abrisse, e dizendo-lhe, entre muitas lagrimas, e suspiros: *Vós, servo de Deos, não ignorais quem eu sou, donde venho, e a que fim. E' bem verdade, que eu não mereço ver-vos, porém eu não me apartarei daqui, sem gozar da vossa presença; e se não poder conseguir esta graça antes da morte, vós ao menos sepultareis o meu corpo.*

Movido então Paulo desta humilde supplica, abrio a porta; e abraçando-se mutuamente os dous solitarios, saudarão-se pelos seus proprios nomes, (sem que antes se houvessem conhecido) dando no mesmo tempo muitas graças a Deos. E depois do santo osculo, Paulo, que por todo o espaço de noventa annos havia estado em silencio, começou a fallar deste modo: *Eis-aqui o que tens procurado com tanta fadiga. Aqui vês um corpo consumido pela velhice, todo coberto de cans, e que cedo se tornará em pó. Dize-me pois: como vai o mundo? Ainda nas Cidades antigas se fabricão novos palacios? Quem é presentemente o Imperador? E ha gentes ainda tão cégas, que adorem os idolos?*

Estando nestes discursos, chegou voando um corvo, e pondo-lhes diante um pão inteiro, se ausentou logo. E S. Paulo continuou dizendo: *Bemdito seja o divino Senhor, todo pio, e misericordioso, que manda o sustento aos seus servos! Ha já sessenta annos, que eu recebo cada dia metade de um pão para meu alimento, mas agora o mesmo Senhor duplicou a provisão por causa da tua vinda.* Pozerão-se logo a orar, e sentando-se depois junto á fonte tomárão a sua refeição, e fôrão passando toda a noite em divinos colloquios, orações, e canto de psalmos.

E logo que amanheceo o dia, disse Paulo ao seu hospede: *Irmão, o Senhor te mandou procurar-me, para que me sepultes, porque o meu transito está proximo. Levai-me, pois, comvosco* (lhe disse Antão) *e não me abandoneis. Não,* (replicou Paulo) *não hade ser assim. E tu deves preferir a utilidade que recebem os teus monges com as tuas instrucções, e exemplos, á tua vontade particular. Vai, pois, sem demora trazer-me a capa, que te deo Athanasio Bispo de Alexandria, com que envolverás o meu cadaver.*

Esta providencia de S. Paulo (adverte aqui o Doutor Maximo) não era certamente um cuidado particular, que elle tivesse do seu corpo depois da morte, elle que tanto o mortificára em toda a vida; era sim uma discreta industria para poupar ao bom velho a summa dôr que teria, quando o visse expirar. E, por outra parte, era uma demonstração expressa da estimação que fazia do grande Bispo Athanasio, que fôra a principal columna da Fé Catholica, e que tantos trabalhos padecêra, perseguido pelos Arianos, que negavão a Divindade de Jesu Christo.

Admirado Antão daquella não esperada rogativa, adorou em Paulo ao Espirito de Deos, parecendo-lhe que via nelle ao mesmo Jesu Christo E beijando-lhe os olhos, e as mãos, partio da sua

presença todo banhado em lagrimas. Chegado, pois, ao mosteiro, e perguntando-lhe os discipulos pelo motivo da sua ausencia, de que os não fizera sabedores, lhe respondeo entre suspiros: *Ai de mim peccador, que tenho indignamente o nome de monge! Eu vi a João no deserto, e tambem a Paulo no terceiro Ceo.* . . E não disse mais.

E sem mais demora, tomando a capa de Santo Athanasio, voltou pelo mesmo caminho, dizendo sómente a seus discipulos, que desejavão saber o que elle tinha visto: *Ha tempo de calar, e ha tempo de fallar.* E proseguindo a sua viagem, vio no seguinte dia entre os coros dos Anjos, Profetas, e Apostolos subir ao Ceo a alma de Paulo toda cheia de resplandores. E o saudoso Antão, prostrado por terra, dizia chorando: *Como assim me abandonais, ó Paulo? tinha eu de conhecer-vos tão tarde para perder-vos tão cedo!*

Concluio, pois, o restante do caminho com incrivel velocidade; e achando ao entrar na gruta o corpo de S. Paulo posto de joelhos, e com a cabeça, e mãos levantadas ao Ceo, pensou á primeira vista, que ainda vivia, e se pôz a orar com elle. Mas advertindo logo, que elle não respirava, reconheceo que havia passado da presente vida para a eterna. E, depois de muitos osculos, e abraços que deo o desconsolado Antão naquelle santo corpo, o involveo na capa de Santo Athanasio, e extrahindo-o da gruta, recitou sobre elle os hymnos, psalmos, e orações, segundo o louvavel costume da Santa Igreja Catholica.

E a tempo que elle pensava sollicito, como poderia sepultar aquelle corpo, faltando-lhe o proprio instrumento, chegárão correndo dous leões do interior deserto, os quaes, prostrando-se aos pés do cadaver, lançavão fortes rugidos, com que explicavão o seu sentimento. E levantando-se sem serem mandados, entrárão a cavar a terra alternadamente com as unhas até formarem alli mesmo uma proporcionada sepultura. E chegando-se logo ao Santo Abbade, lambendo-lhe as mãos, e os pés, como pedindo-lhe a sua benção, dada ella, inclinárão as cabeças, e se ausentárão.

E o virtuoso Abbade, dadas muitas graças ao Altissimo pela opportuna providencia, que naquelle passo lhe ministrára, depoz na cova o veneravel cadaver do Santo Eremita, e o cobrio de terra, segundo o costume da Igreja. E na manhã seguinte tomou como devoto herdeiro do defunto a tunica, que elle formára de folhas de palmeira; e levando-a comsigo para o mosteiro, servio-se della, como de vestido o mais precioso, nos dias de Pascoa, e Pentecostes em todo o resto da sua vida.

Morreo este grande Patriarcha no anno 341, ou 342 da Era Christã. E se diz que o seu corpo fôra transportado para Constantinopla no seculo duodecimo por ordem do Imperador Miguel Conneno, donde se transferíra depois para Veneza no anno de 1240. E que ultimamente Luiz I.°, Rei de Hungria, com beneplacito da Republica, trasladára algumas reliquias do mesmo Santo para a Cidade de Buda, e as collocára na Igreja de um convento, que alli teem os Eremitas deste Santo, além de outros dos mesmos Padres, que ainda existem naquelle Reino, e nos da Austria, Polonia, e Portugal.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O Doutor Maximo S. Jeronymo, que descreve a vida deste Santo, confrontando-o com os ricos, e poderosos do seculo, diz assim: Vós trazeis galas bordadas de ouro, e Paulo não tinha nem o vestido mais vil dos vossos criados. Vós habitaes em palacios magnificos, quando elle em uma tosca gruta. Vós bebeis vinho em vasos de ouro, elle em uma pequena fonte extinguia a sêde. Vós, finalmente, possuis grandes riquezes, e grossos patrimonios, quando elle não tinha de seu, nem um palmo de terra.

Porém que! Vós, ó grandes do seculo, que amais, e constais nas vossas riquezas, sereis sepultados no inferno; e Paulo pobre, ao sahir deste mundo, acha aberto o Paraizo. Paulo, agora coberto de terra, resuscitará depois cheio de gloria; e vós outros dos vossos preciosos sepulchros sahireis para o fogo eterno. Paulo, vivendo despido sobre a terra, conservou intacta a vestidura de Christo; e vós outros, trajando pomposos vestidos, perdestes a escola da Graça. Compadecei-vos, pois, de vós mesmos, desapegando o coração das riquezas, e preferindo a gloria, e felicidade perpetua, que logra S. Paulo no Ceo, á gloria, e prosperidade momentanea deste enganoso, e miseravel mundo.

JANEIRO — 11.

DE

S. THEODOSIO, CENOBIARCA.

NO SECULO QUINTO.

A vida deste Santo foi escripta por Theodoro, Bispo de Petra, seu discipulo. Surio a refere, e acha-se em Bollando pag. 680. *E' estimada por Fleuri, e outros habeis criticos.*

THEODOSIO, denominado *Cenobiarca* (synonymo de um superior de monges, que vivem em communidade) nasceo em Marissa, Cidade da Cappadocia, no anno 423, de pais muito virtuosos, que com suas instrucções, e exemplos lhe instillárão no coração os mais vivos sentimentos de uma solida piedade; em que forão taes desde logo os seus progressos, que mereceu, ainda mancebo, ser exaltado ao gráo de ecclesiastico leitor na sua patria; cargo que naquelles tempos só se conferia a pessoas de maior idade.

Obrigado, pois, pelo seu ministerio a ler frequentemente as Escripturas Santas, adquirio dellas um profundo conhecimento, e uma facilidade maravilhosa em lhes interpretar o sentido; e ao mesmo passo as verdades, que ellas encerrão lhe forão fazendo taes impressões, que cada vez o desapegavão mais das cousas visiveis, e obrigavão a deixar tudo, afim de aspirar á perfeição evangelica. E ouvindo no interior a voz do Ceo, que o chamava para imitar a Abraham, deixando a patria, pais, parentes, e amigos, partio para Jerusalem sem demora; querendo alli consultar a Deos sobre o estado que devia tomar, para consagrar-se ao seu serviço pelo modo mais perfeito.

E como Theodosio nesta viagem passava perto de Antioquia na Syria, quiz ver a S. Simeão Estilita, que então vivia com admiração universal sobre uma columna, e supplicar-lhe o beneficio da sua benção. Chegando, pois, Theodosio áquelle sitio, Simeão, logo que o vio, lhe disse: *Theodosio, sejais bem vindo*, e fazendo-o subir á columna, o abraçou com muito amor, e lhe profetizou varias cousas, que tinhão de lhe succeder. Agradeceo Theodosio com humildade, e confusão as ternuras, e instrucções do Estilita; e proseguindo o seu caminho, chegou á Palestina, visitou os logares santos, retirou-se ao deserto, e começou a discorrer sobre o modo de vida, que devia praticar.

Porém, reflectindo na propria debilidade, e na sua falta de experiencia, julgou que primeiro lhe era necessario sujeitar-se á direcção de algum monge inveterado nos exercicios da vida penitente, a que elle mais se inclinava. E impellido deste acertado pensamento, submetteu-se á disciplina de um velho venerando, chamado Longino, excellente mestre da vida espiritual, que vivia recluso em um canto da torre chamada de David. E em breve tempo o sabio mestre, vendo os grandes progressos do seu discipulo na virtude, formava delle um alto conceito, e o tratava com as maiores demonstrações de affecto.

Naquelle mesmo tempo uma senhora de muita piedade, chamada Icélia, acabava de fazer edificar uma Igreja magnifica, dedicada á Santissima Virgem no caminho de Belém. E justamente persuadida de ser Theodosio o mais capaz para administrar, com religiosa decencia, o seu culto, lhe rogou com as maiores instancias, que se dignasse de acceitar este emprego. Ao que elle sempre constante resistio, e só veio a ceder por expressa ordem do seu superior.

Mas persistio pouco tempo no tal ministerio, porque todo o seu desejo era viver só para Deos no retiro, e temia tambem que o louvor, e estimação que davão os homens á sua virtude, lhe houvesse de corromper o interior. Retirou-se, pois, para uma caverna no alto de um monte proximo, que, segundo se dizia, tinha servido de alvergue aos Reis Magos, quando voltavão de adorar ao Menino Jesus em Belém. E alli se demorou muitos annos, todo applicado a Deos, velando, orando, jejuando, pregando, e occultando sempre, quanto mais podia, o rigidissimo regulamento, que alli praticava.

Porém, querendo Deos manifestar ao mundo a heroica virtude do seu servo, dispoz que se lhe aggregassem sete pessoas pias, ás quaes não poude negar Theodosio a sua doutrina para as encaminhar á perfeição evangelica. A primeira lição que lhes deo, foi o pensamento da morte, como excellente preservativo contra o peccado. E para lhes fazer mais fixa esta lembrança, mandou-lhes lavrar uma tumba, e depois chamou a todos, para lhes fazer esta pergunta: *O tumulo está prompto; e qual de vós outros quererá entrar nelle primeiro?*

Aqui um delles, denominado Basilio, que era Sacerdote de grande virtude, movido de um fervoroso desejo de chegar á presença de Deos, lançou-

se aos pés de Theodosio, e humildemente lhe disse: *Serei eu, meu Padre, se para isso me dais licença.* E o Santo, inspirado por Deos, lhe respondeo logo: *O Divino Senhor acceita o vosso obsequio, permittindo-vos esse sacrificio.* E com effeito, entrando Basilio no tumulo, ordenou Theodosio que lhe recitassem as orações costumadas pelos mortos; as quaes concluidas, o venturoso Sacerdote, sem febre, nem molestia alguma, fechou os olhos placidamente no Senhor para logo os abrir á divina luz com os bemaventurados no Ceo.

A fama deste prodigio, e mais que tudo a das grandes virtudes de Theodosio, sobre os favores extraordinarios, que recebia do Ceo, lhe aggregou logo tantos discipulos, não só de toda a Judéa, senão tambem de varias Nações estrangeiras, que foi preciso formar-lhes commodos, e em tanto numero, que parecia aquelle mosteiro uma Cidade vastissima no meio do deserto; mas Cidade santa, aonde reinava o silencio, a paz, a caridade, e boa ordem.

Havia alli quatro Igrejas, uma das quaes, separada das outras, servia para aquelles, que, em castigo da soberba, ou de outro vicio occulto, erão possuidos, e atormentados pelo demonio, com justo juizo de Deos; para que, mediante esta penosa humilhação dos seus corpos, podessem salvar as suas almas. E aqui se abria um largo campo á caridade de Theodosio, que com sollicito desvelo, e industriosa diligencia se applicava todo ao seu corporal, e espiritual remedio.

E as outras tres Igrejas erão destinadas para as differentes Nações, que formavão e compunhão aquella communidade numerosissima, em que ás vezes se contavão até cinco mil monges. Fazião-se em uma os officios divinos na lingua armenia, em outra na lingua esclavonia, e na outra (que era a maior de todas) em lingua grega. Na qual sómente se celebrava o Sacrosanto Sacrificio, e alli vinhão commungar os das outras Nações, e receber a participação dos divinos mysterios.

Querendo, pois, o Santo Abbade livrar os seus monges do perigoso ocio, e tirar-lhes toda a occasião de commercio com as gentes do mundo, os obrigava ao quotidiano emprêgo no trabalho de mãos, fazendo-os exercitar, pelo tempo das horas livres, em todos os mysterios, que podião ser uteis ao mosteiro. E como a summa caridade do Santo era sem limites, conseguio esmolas bastantes, com que fez fabricar á roda do mosteiro grandes edificios, destinados para alli se receberem os peregrinos, e se curarem os enfermos; e todos erão tão bem servidos, assim no que toca ao corpo, como no que pertence ao espirito, que cada qual sempre achava prompto, e ás vezes prevenido o respectivo soccorro.

Uma das maximas de S. Theodosio era não reservar cousa alguma para o futuro; contentando-se com prover as necessidades presentes, e confiando na divina Providencia, que para o futuro lhe subministraria o necessario, como sempre succedia; porque as esmolas que lhe davão erão immensas, e quanto mais repartia pelos pobres, tanto mais lhe ficava para dar, por maior que fosse o numero dos hospedes, e enfermos; havendo occasião, em que chegárão a cem as mêsas dos hospedes, que sobrevierão, como affirmão occulares testemunhas, e escriptores fidedignos.

E no meio de tantos cuidados conservava o Santo uma perfeita paz, e tranquillidade de espirito, attendendo sempre á direcção dos seus monges com tal prudencia, e mansidão, que de todos era obedecido, e geralmente amado. Por cujo motivo, Salustio, Bispo de Jerusalem, o constituio superior de todos os monges cenobitas da Palestina, como S. Sabbas o era de todos os anacoretas.

Erão estes dous Santos muito amigos, e se unírão mutuamente para sustentarem a Fé da Igreja, e a authoridade do concilio de Calcedonia contra as violencias do Imperador Anastasio. O qual, sabendo muito bem o grande respeito que tinha Theodosio em toda a Palestina, procurou attrahillo ao partído dos hereges Eutiquianos, que elle favorecia por todos os modos. Para cujo effeito enviou uma grossa somma de dinheiro, a titulo de esmola, com que houvesse de soccorrer aos pobres, e enfermos, como assim fez, acceitando-lhe o donativo, ainda que bem lhe penetrava a maliciosa idéa.

Passado, pois, alguns dias, mandou-lhe o Imperador uma profissão de fé, que continha a heresia eutiquiana, e confundia as duas naturezas de Jesu Christo, para que assignasse alli o seu nome. Porém elle convocando logo a todos os monges, e expondo-lhes o perigo, em que estava a Religião Catholica, exhortou-os a defenderem constantemente a verdade, ainda á custa do proprio sangue. E no mesmo tempo escreveo ao Imperador uma grande carta, cheia de espirito apostolico; na qual, confutando solidamente os erros dos Eutiquianos, concluia protestando-lhe deste modo: *Como devemos eleger de duas uma, ou viver com infamia, seguindo os erros dos impios hereges, ou morrer com honra, conservando a pura Fé dos nossos pais, declarâmos a vossa Magestade, que antepomos a morte á vida.*

Atonito Anastasio de uma liberdade tão generosa, e não esperada, respondeo ao Santo (fóra do que se presumia) com termos assás respeitosos, affirmando-lhe ao mesmo passo com expressões mais vivas «que elle só desejava a paz da Igreja, e a conservação da Religião Catholica, toda pura, e intacta.» Porém logo, arrependido daquella sua moderação, e condescendencia, voltou ás primeiras resoluções; e publicando novos editos, expedio por varias partes soldados, e ministros executores.

Chegando esta noticia a S. Theodosio, partio logo para Jerusalem, apesar dos seus noventa an-

nos, afim de suspender o effeito daquelles edictos, e consolidar os vacillantes na Fé; e ajuntando o povo na Igreja cathedral, subio ao throno do Bispo, donde intimou a todos em alta voz estas palavras: *Qualquer que não venera os quatro concilios Ecumenicos, o Niceno, Constantinopolitano, Efesino, e Calcedonense, como os quatro Evangelhos, seja excommungado.* Esta acção tão animosa produzio o effeito desejado, e Deos quiz justificar a resolução do seu Servo com um milagre ao sahir da Igreja, sarando para logo, de um mortal cancro, a uma mulher, que com viva Fé procurou tocar occultamente o seu vestido.

Constando, pois, ao Imperador as zelosas prégações que fazia Theodosio, não sómente em Jerusalem, senão ainda em outras Cidades da Palestina, custava-lhe a comprehender, como um simples monge, e tão avançado em annos, se atrevia a oppôrse á sua vontade, e contrastar os seus designios! E por tanto, summamente enfurecido, ordenou, que fosse logo o Santo Velho desterrado; a cujo preceito obedeceo Theodosio com alegre animo, julgandose por mui feliz em padecer pela causa de Deos. Porém morto Anastasio, poucos dias depois, ficou em paz a Igreja Catholica, e Theodosio voltou para o seu mosteiro, aonde viveo ainda nada menos de onze annos, sem diminuir cousa alguma dos seus costumados exercicios de caridade, piedade, e penitencia.

No extremo da sua vida, que foi de cento e cinco annos, lhe sobreveio uma dolorosissima enfermidade, que pelo espaço de quasi um anno inteiro servio de prova á sua heroica paciencia, com a qual terminou finalmente os seus dias, todos cheios de santissimas obras, no anno de 529 da Era Christã. E logo que elle expirou, um miseravel obsésso, que em vida do mesmo Santo não podéra conseguir delle o livramento desejado, se lhe lançou aos pés, repetindo com maior fervor a sua rogativa; e sem mais demora se vio curado perfeitamente.

Sabida a noticia de ser morto o veneravel Theodosio, Pedro, Patriarcha de Jerusalem, varão de singular virtude, acompanhado de alguns Bispos, e de um numeroso povo de diversos Paizes, lhe forão celebrar as exequias; e o seu corpo se repoz na caverna dos magos, aonde elle por muitos annos residíra. E pouco depois, um grande General do Imperio, que marchava contra os Persas, levando comsigo o cilicio, que o Santo sempre trouxera, confessava a todos francamente, que a mediação desta preciosa reliquia lhe obtivera a completa victoria, com que triunfára dos seus inimigos.

REFLEXÕES PRELIMINARES.

A recommendação principal, que fez São Theodosio aos seus primeiros discipulos foi a lembrança da morte. Façâmos, pois, tambem com que nos seja familiar este saudavel pensamento; e não só nos absteremos de peccar, como diz o Espirito Santo, senão tambem nos animaremos a praticar uma seria penitencia pelos peccados commettidos, e a mortificar as nossas paixões depravadas. Por quanto, quem se costuma a pensar na morte, e incerteza da vida, concebe um igual desprezo dos bens, e males deste mundo, que vem a ficar em um momento submergidos no mar da eternidade.

E', pois, a morte uma fiel conselheira para dirigir as nossas acções de modo que não discordem das regras prescriptas na lei de Deos. E por isso os mundanos, que se desvião quanto podem deste proveitoso pensamento, andão sempre cegos nas cousas da alma. E pelo contrario os justos, que, illuminados pelo Espirito Santo, trazem a morte diante dos olhos, levão uma vida inculpavel, e terminão felizmente os seus dias.

JANEIRO — 12.

DE

S. SEVERINO, APOSTOLO DE NORICO.

NO MARTYROLOG. ROMANO A 8 DE JANEIRO.

NO SECULO V.

A vida de S. Severino, escripta fielmente por Eugippio seu discipulo com a relação das duas primeiras trasladações do seu corpo, e da terceira escripta por João Diacono, póde ver-se nos Bollandistas, e tambem no Tomo 15 *de Tillemont sobre as Memorias Ecclesiasticas.*

Severino foi um daquelles varões illustres, (pela piedade, milagres, profecia, e outros dons celestes) que o Senhor concedeo á sua Igreja no seculo quinto para confortar os Fiéis perseguidos pelas nações barbaras, que infestárão o Imperio romano nas Provincias do Occidente.

Elle é denominado *Apostolo de Norico* (Paiz da Austria, e Baviera) não porque fosse o primeiro que alli prégasse a Fé, e doutrina Evangelica, senão por ser enviado com especial commissão do divino Senhor para prégar áquelles povos a penitencia, despertando-os do lethargo dos seus vicios, e exhortando-os a receberem com submissão os flagellos, com que Deos justamente os castigaria, mediante a proxima invasão das Nações barbaras.

Ignora-se o logar, e tempo certo do nascimento de S. Severino; e no que respeita á sua qualidade, presume-se que era nobre, por isso mesmo que a sua humildade a encobria, e porque fallava com pureza a lingua latina. Elle, sendo mancebo, abandonou a sua patria, e foi procurar os desertos do Oriente, resoluto a passar alli os seus dias em uma vida penitente, e solitaria. Porém Deos em uma revelação expressa lhe assignou os povos de Noríco, que necessitavão da sua assistencia

Partio, pois, sem demora no anno de 454, em que era já morto o soberbo Attila; e chegando a uma Cidade nos confins da Austria, chamada Astura, alli, antes de intimar a penitencia ao povo immerso em toda a sorte de vicios, fez preceder o exemplo da sua vida, summamente austera, e a sua ardente caridade para com os enfermos, e pobres, com que brevemente mereceo todo o preço, e veneração universal.

Porém logo que elle começou a prégar, qual outro Jonas, a penitencia, exhortando ao clero, ao povo a reformar os costumes, e applacar a ira de Deos com orações, jejuns, e esmolas, afim de evitar o formidavel flagello da irrupção dos barbaros, que estava proximo a recahir sobre aquella Cidade, encontrou fortissima repugnancia na maior parte daquelles corações endurecidos. Por cuja causa, cheio de dôr, e afflicção, se ausentou Severino daquella Cidade, vaticinando primeiro ao sujeito, que em sua casa o recolhia, o dia certo em que a Cidade sería accommettida, e arruinada, e todo o povo conduzido em escravidão, como brevemente succedeo.

Partio pois o Santo para outra Cidade chamada Comagena, e entrando a praticar o mesmo que fizera em Astura foi bem recebido, e geralmente acreditado, por chegar alli no mesmo tempo aquella pessoa, a quem o Santo fizera o vaticinio, e por toda a parte publicava, como inteiramente se cumpríra. Com o que, aterrados, e commovidos os Comagenenses, attendêrão ás admoestações do Santo Apostolo, e abraçando a penitencia, passárão tres dias em gemidos, jejuns, e orações, confessárão os seus peccados, e reformárão os costumes; e o Divino Senhor, usando de clemencia, suspendeo por então os ameaçados flagellos, removendo para outra parte os furiosos barbaros.

O mesmo, á proporção que aconteceo em Austura, e Comagena, succedeo depois em outras Cidades daquelle Paiz, como individualmente refere o já citado Eugippio, e nós por brevidade não transcrevemos; vindo a ser em substancia: que todas as Cidades que se portárão doceis, e obedientes ás vozes, e exhortações do Santo, ficárão por especial providencia livres do barbaro jugo, ou conseguírão prodigiosas victorias daquelles seus inimigos. E pelo contrario, os outros povos, que desprezárão as profecias do servo de Deos, e ás suas prégações se fizerão surdos, chegárão a ver-se opprimidos do cruel furor daquelles barbaros.

Ao espirito profetico, que era continuo, e familiar ao nosso Santo, se ajuntava o dom de milagres, que obrou em grande numero, livrando ob-

séssos, sarando enfermos, e derramando outros taes beneficios em todas as partes, que elle honrava com a sua presença, como refere Eugippio, testemunha de vista. E por isso os moradores de Faviana (Cidade não muito distante da de Vienna, ou talvez como querem alguns, a mesma que agora se chama Vienna d'Austria) informados da virtude e poder do Santo para com Deos, lhe supplicárão instantemente, que viesse valer-lhes no perigo em que se achavão de perecer de fome, por causa de uma extraordinaria carestia.

Consultou Severino a Deos a este respeito, e reconhecendo expressamente, que assim o queria o mesmo Senhor, partio sem demora; e logo que chegou a Faviana, obteve com as suas orações o desejado soccorro, dissolvendo-se antes do tempo ordinario os gelos do Danubio, e do Eno; e sobrevindo das partes da Rhécia uma copiosa multidão de embarcações com todo o genero de mantimentos, que desterrárão a fome daquella grande Cidade, deixando-a, contra toda a esperança, abundantemente provida do que lhe era necessario.

Soube o Santo nesta occasião, por inspiração divina, que uma viuva rica, chamada Prócula, antes que chegassem aquellas embarcações, conservava com recato uma grande quantidade de trigo. E reprehendendo-a em publico da sua avareza, lhe disse: *Tu, que és nobre, e Christã, porque te deixas vencer da avareza, a qual, segundo o Apostolo, é uma idolatria? Tu, recusando o soccorro aos pobres famintos, o negas ao mesmo Salvador nas suas pessoas. Tem, pois, a certeza, de que o trigo que escondes, se o não distribues pelos necessitados, te servirá sómente para o lançares no Danubio.* Com effeito, compungida a viuva por estas palavras do Santo, abrio os seus celleiros, e os dispensou liberalmente aos pobres.

Nesta Cidade de Faviana fixou São Severino a sua residencia ordinaria, e só de tempo em tempo costumava acudir com a sua presença aonde o chamava a necessidade dos povos, para cuja salvação alli fôra enviado por Deos. Em pouca distancia da dita Cidade fundou elle um grande mosteiro, aonde instruio varios discipulos, exhortando-os efficazmente a seguirem as regras dos antigos Padres, e animando-os sobre tudo com os heroicos exemplos da sua penitente vida.

O seu alimento era tenuissimo, uma vez sómente no fim do dia, e no tempo da Quaresma só uma vez cada semana. O seu leito era a terra, que cobria com um cilicio, sobre o qual tomava um breve descanço. Caminhava sempre com os pés descalços, apesar dos rigidissimos frios daquelle Paiz. A oração era o seu continuo exercicio, que só interrompia por alguma obra de caridade para com o proximo, principalmente para com os pobres, aos quaes procurava todo o allivio. Ultimamente a sua humildade era tal, que sem embargo dos favores que recebia de Deos com o dom de milagres, e previsão das cousas futuras, formava o mais baixo conceito, e sincero desprezo de si mesmo; temendo sempre o perigo de que o máo uso daquellas graças do Senhor lhe viessem depois a servir para sua maior condemnação.

Com estes sentimentos de humildade, penitencia, caridade, e de todas as mais virtudes educava elle os seus monges, entre os quaes havia um chamado Bonoso, a quem tratava com particular amor, por sua espiritual perfeição. Mas ainda assim não quiz rogar por elle a Deos, para que lhe restituisse a vista, que em uma grave doença perdêra. Antes lhe disse: *Meu filho, não te é conveniente a vista do corpo: rogo sim ao divino Senhor que te faça mais vigoroso, e mais vivo o lume interior da alma.* Assim o fez o virtuoso discipulo, ficando naquelle estado sempre conforme com a divina disposição por todo o espaço de quarenta annos, até concluir com uma preciosa morte a sua santa vida.

Offerecendo-se varias vezes ao santo Apostolo a dignidade episcopal, elle sempre a recusou, dizendo: *Eu nada mais desejo do que viver para mim mesmo no retiro, e silencio; e só para obedecer a Deos me convem conversar com os homens.* Com effeito, a publica fama dos seus vaticinios, e continuos milagres o fazia ser muitas vezes procurado, não só das gentes do povo, senão ainda dos mesmos Reis, e Principes, os quaes por meio das suas orações, e conselhos recebião remedio prompto em todas as suas indigencias.

Dous annos antes pronunciou São Severino o dia certo da sua morte, e accrescentou ao mesmo annuncio este memoravel vaticinio: *Sabei, meus irmãos, que assim como os filhos de Israel forão extrahidos da escravidão do Egypto, tambem todo o povo dos romanos, disperso por estas Provincias será livre do dominio dos barbaros, transportado para as suas proprias terras; em cujo tempo levareis comvosco os meus ossos.* O que tudo assim succedeo, porque passados dous annos foi o Santo accommettido de uma vehemente dôr no peito, que lhe durou por tres dias até o de 8 de janeiro, do anno de 482, em que, depois de receber os Sacramentos, e despedir-se dos seus discipulos, rendeo o espirito ao Senhor; e seis annos depois Odoacro (a quem o Santo predissera, que chegaria a ser Rei da Italia) quiz que todos os romanos residentes naquelles Paizes, fossem povoar algumas Provincias italianas, destruidas pelas proximas guerras.

Abrirão então os monges o sepulchro do Santo, que achárão sem lesão alguma, e os consolou a todos com uma fragancia suavissima; e collocando-o sobre uma carroça em uma preciosa urna, entrou na Italia, como em triunfo, seguido de uma innumeravel multidão de povo até o Monte Feltre no ducado de Urbino, donde, a requerimento de uma senhora napolitana, por nome Barbara, foi trans-

ferido para o castello de Lucullano, em tempo do Summo Pontifice S. Gelasio; e ultimamente pelo temor dos sarracenos, foi trasladado para Napoles, aonde já se havia fabricado uma Igreja com o seu nome, e todas estas trasladações forão authorizadas por Deos com um grande numero de milagres.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Em todas as calamidades publicas de guerras, pestes, fomes, e outras similhantes, deve-se reconhecer a Mão de Deos, que justamente as permitte para castigo dos peccados. E logo recorrer aos remedios, que aconselhava S. Severino, para applacar a ira de Deos, como orações, jejuns, esmolas, e outras obras pios, alem de uma sincera, e firme reforma dos costumes. E quem se porta desta maneira, não pode ter duvida que ou será isento dos mesmos flagellos, ou tirará delles grande lucro para a sua eterna salvação, mediante o dom da paciencia, e resignação perfeita com a divina vontade.

JANEIRO — 13.

DE

S. GONÇALO DE AMARANTE.

NO MARTYROL. ROM. EM 10 DE JANEIRO.

Entre os escriptores, que publicárão as acções deste Santo merece particular estimação a vida que delle ampliou, e renovou o insigne Mestre Fr. Luiz de Sousa, celebre Chronista da Sagrada Ordem dos Prégadores, e aqui a transcrevemos resumida.

Em uma Aldeia, denominada Arriconha, no Arcebispado de Braga, termo de Guimarães, nasceo S. Gonçalo de pais nobres, cuja casa tinha o nome de *Paço;* nome que só pertence a pessoas, e casas illustres. Depois de baptizado pôz os olhos na Imagem de um Crucifixo, que estava proximo, e conservou esta attenção em quanto a ama o pensou. E no primeiro dia, em que ella o levou á Igreja, foi correndo com os olhos as imagens dos altares, até chegar á do Senhor crucificado, aonde parou com a vista; e não podendo fazer mais, estendia os bracinhos, como quem o queria abraçar.

E conta-se que um dia, querendo a ama retirar-se depois de acabada a Missa, foi tal o pranto no menino, que ella, já sabedora da causa, se deixou estar um grande espaço mais diante do Crucifixo. E tornando a querer sahir da Igreja, renovou o menino os mesmos prantos. Em cujos termos, por uma parte, compadecida a ama daquellas lagrimas, e temendo por outra a reprehensão que teria em casa pela demora excessiva, voltou-se para uma Imagem de Nossa Senhora, que estava no mesmo altar, pedindo-lhe que lhe insinuasse o que melhor faria? E notou logo a virtuosa ama, que o menino inclinou a cabeça para aquella Imagem, suspendendo o chôro, como já consentindo na retirada.

O gracioso menino crescia na idade, e igualmente em maravilhas. Chegava a manhã, e não tomava o peito, em quanto o não levavão á Igreja, aonde, assim que entrava, tudo erão festas, riso, e alegria á vista das Sagradas Imagens, como se de todas ellas tivera distincto conhecimento; e o mesmo se lhe notava em casa, porque chorando elle por qualquer motivo que fosse, era remedio prompto para suspender o pranto, mostrar-lhe uma Imagem de Christo, ou da Santissima Virgem.

Os annos da puericia, e adolescencia passou Gonçalo com tão ajustados procedimentos, que obrigado o pai pela inclinação que lhe via para tudo que era virtude, logo que elle concluio o estudo das primeiras letras, o entregou ao Arcebispo de Braga, afim de se educar, e instruir em sua casa para o estado ecclesiastico. E ordenado que foi de Sacerdote, vendo aquelle Prelado os grandes progressos de Gonçalo, assim na virtude, como nas letras, o proveu na Igreja de S. Payo de Vicella, com o titulo de Abbade.

Começou então uma vida de admiravel exemplo, enfreando o fervor da idade com o vigor de penitencias, vigilias, e oração; cortando pelo somno, e encurtando a mêsa, ainda no mesmo alimento ordinario, de que só usava. E assim lhe foi facil o conservar-se em perfeita pureza no meio do fogo natural da mocidade, das riquezas, das occasiões, e da liberdade. E supposto que erão grandes as suas rendas, todas dispendia, como pai affectuoso entre

os freguezes mais necessitados, sem jámais enthesourar de um anno para outro, tendo-se não por dono, mas por despenseiro dos bens da Igreja.

A continua frequencia, com que o Santo meditava os trabalhos de Christo, veio a produzir em sua alma um immenso desejo de ver com seus olhos a terra, e logares, que o mesmo Senhor se dignára de honrar com a sua Sagrada Presença. E como tinha em sua casa um parente, já Sacerdote, que elle educára desde os primeiros annos, a este entretanto, com approvação do Arcebispo, e beneplacito dos freguezes, encommendou o cuidado e governo da sua Igreja.

Principiou pois o Santo a sua jornada, dirigindo os olhos a Roma, que era a sua estação primeira, e o coração á Terra Santa, por cujo amor se desterrava. E depois de visitar em Roma os sepulchros dos Apostolos, e reliquias dos Santos Martyres, embarcou para a Syria, passou o mar, e chegou emfim á Cidade de Jerusalem. Ora o summo prazer que experimentou a sua alma ao visitar aquelles Santos Logares, em que foi obrada a nossa redempção, não é facil de explicar.

Basta dizer, que a sua vida quotidiana era andar de uns para outros daquelles Santuarios, ajuntando á contemplação delles algum novo genero de penitencia sobre as suas costumadas, e mendigando de porta em porta o seu limitado sustento, como quem tinha por gloria estimavel os descommodos da pobreza, e da fome. Em summa, tão prêso se achava pelo amor daquelles Santos Logares, que passavão não só os mezes, senão ainda os annos, sem acabar comsigo o haver deixallos.

Nestes tempos o Vigario encommendado (depois de enganar no principio os seus freguezes com hypocritas apparencias, como fizera ao Abbade com simuladas promessas) chegou a desordenar-se de maneira, que tratou de impetrar, e usurpar para si o beneficio; e com effeito o conseguio, fingindo cartas, e sobornando testemunhas, que depozerão ser fallecido o Santo Abbade. E como a renda que lhe provinha era avultada, tratava-se como Principe, com muitos criados, mêsa esplendida, cavallos, e cães de caça; consumindo por este modo os bens da Igreja, como se os herdára de seus pais, sem acudir aos pobres tão recommendados, nem com os fragmentos da sua mesa.

Começou então S. Gonçalo (talvez por inspirações do Ceo) a sentir uma ancia, que lhe inquietava a consciencia. . . Se elle com a sua ausencia prolongada teria dado occasião ao parente para mudar de vida, e costumes, em detrimento das suas ovelhas, que elle Pastor legitimo deixára em poder do mercenario? E vigorosamente impellido deste molesto cuidado, despedio-se da Cidade Santa, e se poz no caminho para a sua patria.

Erão já passados quatorze annos, quando o Santo Abbade entrou na sua freguezia, summamente debilitado pelo trabalho de vir a pé, com o rosto queimado, e denegrido; magro, e disforme pela fome, e penitencias, e de vestido tão mal acondicionado, que parte vinha roto, e parte mal remendado, como um retrato lastimoso da mais necessitada pobreza. E chegando nesta figura á porta da que fôra sua casa, levantou a voz, e pedio uma esmola por amor de Deos.

Acudio logo um grande numero de cães com fortes latidos, e pouco depois uma voz, que do interior da casa lhe dizia: *Perdoe, irmaõ, que não ha esmola.* Mas parecendo ao Santo, que sería aquella voz de algum criado, repetio de novo a mesma supplica, a qual fez com que o falso Abbade viesse em pessoa para lhe dizer com olhos accesos em ira: que se fosse dalli sem demora, porque elle não era homem que ajudasse a manter vadios, que, por evitarem trabalho, querião viver á custa alheia.

Conheceo o Santo ao seu Vigario, e arrancando do peito um suspiro, lhe fallou deste modo: «Mal correspondem essas palavras ás vossas promessas, quando de vós me apartei. Porque eu sou Gonçalo, Prelado legitimo desta Igreja, e quando vos deixei por meu substituto, as instrucções que vos dei, e que vós promettestes cumprir, certamente não forão para affugentardes os pobres. . .» Ainda o Santo Velho não tinha bem proferido estas ultimas palavras, quando o máo parente, levantando um bastão que trazia, o descarregou muitas vezes sobre os hombros, e costas de quem o creára, e lhe dera honra, e fazenda.

Apartou-se dalli o Santo, offerecendo a dôr, e injuria que recebêra ao divino Salvador, em união das que Elle padeceo por nós entre os seus, e por mãos dos seus, e desde então, como se aquella Provincia estivera por sua conta, começou a discorrer por toda ella, prégando de logar em logar, com geral edificação, e espiritual fructo daquelles povos.

E desejando elle entender, se agradaria a Deos naquelle genero de vida, ou se o poderia servir melhor em qualquer outro, recorreo á Santissima Virgem, depois de muitas orações, e penitencias, para que se dignasse de o instruir sobre o que devia obrar. E apparecendo-lhe a divina Senhora com benignidade de Mãi, lhe declarou, que a vontade de seu Filho era, que professasse naquella Religião, que principiava, e concluia no côro todas as Horas Canonicas com a saudação angelica da *Ave Maria.*

Recebido, pois, pelo Varão Santo este enigmatico annuncio, e reconhecendo por elle, mediante a sua diligencia, que a Religião insinuada era a Sagrada Ordem de S. Domingos, pertendeo o habito della na Villa de Guimarães, que facilmente lhe foi concedido (como affirmão todos os escriptores modernos) pelo veneravel São Pedro Gonçalves Telmo; attrahido das suas respeitaveis cans, e decorosa pre-

sença, e muito mais pela fama, que o acompanhava da sua grande virtude.

Com effeito virão-se logo no bom Velho tantas mostras do Espirito do Senhor, que nelle residia, que o Prelado, logo que lhe fez a profissão (que ainda então não tinha a espera do anno de noviciado, como agora) ordenou, que tornasse ao trabalho das suas prégações, que d'antes exercitava por devoção. E logo descobrio o Ceo, quanto excedem em valor, e merecimento as obras que se fazem por obediencia ás que são sómente por vontade propria. Porque sendo uma mesma a prégação presente, e a passada, os mesmos conceitos, e palavras em todo o tempo, na presente honrou o Senhor ao seu servo com muito maiores maravilhas.

A primeira obra, pois, que emprehendeo o Santo, depois de mandado para o seu antigo ministerio, foi a famosa ponte de Amarante sobre o rio Támega; por ver que os que vinhão da outra parte do rio buscar o alimento da palavra de Deos, achavão a passagem impedida pela corrente impetuosa das aguas, ou erão arrebatados, e submergidos os que temerariamente pertendião passar o rio a váo.

A obra na verdade, ainda para um Rei, parecêra custosa, quanto mais para um religioso, que de seu não tinha mais que o breviario, por onde rezava. Porém nada acobardava ao Santo, porque tinha a confiança em Deos, que fôra o Author do pensamento. E assim, sem fazer caso de inconvenientes, nem de contrarios pareceres, chamou arquitectos, destinou-se o sitio, e se deo principio á obra.

E logo se começou a ver, quaes erão as forças, em que estribava o Santo a sua confiança, abalando-se toda a Comarca, por um instincto, e movimento do Ceo; e começando a concorrer innumeraveis gentes, que procuravão ajudar a obra com o que cada um podia, os pobres com o seu serviço pessoal, e os ricos com os seus criados, além de um copioso provimento de pão, e vinho, e outras esmolas.

E vião no mesmo tempo aquellas gentes o poder de Deos, nas pedras, que o Santo abalava, e nas que tomava sobre seus hombros, (pedras tão grandes, que muitos homens juntos não poderião mover) ou dando forças de gigante a um velho quasi decrepito, ou tirando o pêso natural ás mesmas pedras. Vendo por outra parte, que o mesmo Senhor dava pêso a um retalho de papel, para levar o Santo uma balança cheia de dinheiro, que no tal papel se lhe offerecêra por zombaria.

Vendo andar alli touros bravos, apesar da sua natural fereza, debaixo do jugo sem repugnancia alguma. Vendo, a rogos do Santo, em tempo que as aguas do rio corrião turvas, sahir uma clara fonte do interior de uma penha; e de outra, com maior maravilha, manar precioso vinho em abundancia. Vendo varias vezes ao Santo fazer chegar, e saltar na praia tantos peixes, quantos erão necessarios para os que trabalhavão na obra. E vendo emfim completamente acabada aquella grande empreza entre tantos, e tão admiraveis prodigios.

Estava o Santo muito adiantado nos annos já quando fez a ponte, e assim, passado pouco tempo, notando-se que elle não continuava, como tinha por costume, em discorrer pela terra prégando, forão alguns homens á Ermida saber delle, como estava, e o achárão deitado em uma pouca de palha ardendo em febre, mas com o rosto cheio de alegria. E agradecendo-lhes a visita, lhes disse: que estava proximo o seu transito; mas que tivessem por certo, e assim o intimassem aos visinhos, que a todos levava na alma, como a filhos, para os encommendar a Deos em seus trabalhos.

No dia seguinte (que era o decimo do mez de janeiro) pedio a seu companheiro, que dissesse Missa mais cedo. E recebendo da sua mão o Santissimo Sacramento, abrazado em amores divinos, vio a Rainha dos Ceos, que cercada de Anjos encheo a pobre casinha de luz, e a sua alma de consolação. E convidando-o por seu nome, para receber no Paraizo o glorioso premio dos seus trabalhos, elle com immenso jubilo lhe depositou nas mãos o ditoso espirito.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A primeira cousa, que fez S. Gonçalo ainda menino, foi pôr os olhos em um Christo Crucificado, e estender os bracinhos para se abraçar com elle; e sendo isto o que todos devem fazer em todos os tempos, isto é, de modo ordinario, o que moços, e velhos costumão guardar para o fim da vida. Então olhão para o Crucifixo, então se abração com as suas chagas; mas como em muitos é mais por força, ou por mais não poder, muita graça de Deos é necessaria para que isto se faça de coração.

Na idade de mancebo, feito Gonçalo Pastor das almas (officio tão perigoso para a propria, como util para as alheias) de tal sorte cumprio uma obrigação, sem faltar a outra, que satisfez a ambas adequadamente. E supposto que ao novo Prelado faltava a circumstancia das cans (que no sacerdocio são os esmaltes da coroa, e na prelazia o ornamento da dignidade) comtudo, nada lhe faltava do que as mesmas cans significão, pois, como diz o Espirito Santo, na vida immaculada consiste a verdadeira velhice.

Na idade varonil partio S. Gonçalo da patria para Jerusalem a visitar os Sagrados Logares da nossa redempção; e esta sua peregrinação, que á primeira vista dava mostras de injusta, não só foi licita, e louvavel, mas verdadeiramente santa; porque elle a emprehendeo, não só por espirito, e de-

voção particular, senão por impulso, e vocação especial do mesmo Deos; o qual muito bem sabia, que o visitar S. Gonçalo aquelles Santos Logares em propria pessoa, lhe serviria de grande merito, e causaria na sua alma um ineffavel jubilo.

Finalmente, na extrema velhice do nosso Santo concorreo Deos com os maiores prodigios para elle começar, continuar, e aperfeiçoar a magnifica obra da sua famosa ponte, até a deixar perfeita, e acabada para tanto bem de muitos, antes que a ultima idade lhe acabasse a vida. E sendo a sua vida, e morte uma perpetua imitação do divino Salvador, só teve a differença, de que elle pouco depois de nascido tomou por exemplar a Christo morto no Calvario, e depois ao partir deste mundo imitou ao mesmo Christo nascido no presepio, entregando o seu espirito nas mãos da Rainha dos Anjos, deitado no chão sobre umas palhas.

E portanto, pois que não imitámos a S. Gonçalo em o nascimento, principiemos, como é justo, a imitallo na morte, trazendo sempre diante dos olhos o fim da vida, para conseguirmos por seus merecimentos, e intercessão lá no Ceo a vida sem fim.

JANEIRO — 14.

DE

S. FELIS DE NOLA.

NO SECULO III.

S. Paulino, Bispo de Nola, descreveo nos seus poemas as gloriosas acções de S. Felis; e o celebre Ruinart nas Actas Sinceras dos Martyres, pag. 214 da edição de Verona, transcreve os dous principaes poemas, que contém a vida, martyrio, e morte deste Santo.

Foi S. Felis filho de um Christão illustre, chamado Ermia, natural da Syria, o qual, depois de varios postos militares, que teve nos exercitos romanos, veio estabelecer-se em Nola, Cidade da Campanha no Reino de Napoles, aonde o nosso Santo nasceo. Logo desde os seus primeiros annos se applicou Felis ao serviço de Deos, e da Igreja, exercitando nella os officios de Leitor, e Exorcista com tanta piedade, e edificação dos Fiéis, que o Bispo S. Maximo o sublimou ao gráo de Sacerdote para servir-se delle em alguns ministerios episcopaes, que se lhe fazião impraticaveis, por ser já muito velho, e nomeallo depois por seu successor.

Excitou-se então, por ordem do Imperador Decio, uma cruel perseguição contra a Igreja, em que principalmente erão procuradas aquellas pessoas, que por sua eminente virtude se distinguião das outras. Do numero destas era S. Maximo Bispo de Nola; e elle desejando evadir-se á ira dos perseguidores (não por temer a morte, mas por desconfiar das proprias forças, atenuadas pelos muitos annos, e continuas penitencias) retirou-se para uns logares desertos, sem algum soccorro humano, e só confiado na Providencia divina.

Chegárão entretanto os imperiaes Ministros á Cidade de Nola, e não achando alli o Santo Bispo, que procurárão logo, nem sabendo o sitio para onde elle se retirára, voltárão todo o furor contra Felis, que occupava no clero o primeiro logar, e cuidava do espiritual rebanho na ausencia de seu Pastor. Procurado, pois, por toda a Cidade, ultimamente o prendêrão, e apresentárão ao tyranno Juiz, o qual, tendo maior desejo de arruinar no Confessor de Christo a vida da alma (fazendo-o abandonar a verdadeira Religião) do que a vida do corpo, entrou com diversos tormentos a tentar a sua constancia, fazendo-o reclusar em um medonho carcere, carregado de grossas cadeias, e ficar alli com os pés mettidos em um cepo, e o corpo nú estendido sobre o pavimento, que se havia semeado de fragmentos de telha, e pedaços de vidro.

Não era menos, em certo modo, o que então padecia S. Maximo lá no interior do deserto. Porque, além da inquietação interna, que occasionava ao Santo Pastor o affectuoso cuidado do seu rebanho, de que se via separado, padecia o maior descommodo quanto ao corpo, faltando-lhe todo o necessario para a vida humana. Estava sim com o espirito em Deos, conservando-se de dia, e de noite em oração; mas o debil corpo, cedendo á fome, ao frio, e á dôr que lhe causavão os espinhos de um silvado, (aonde cahíra, sem poder levantar-se) chegou a tal extremo, que apenas lhe restava um átomo de vida, e de calor natural.

Bem podia o divino Senhor, repetindo o milagre que praticou com Elias, occorrer á indigencia do seu servo; porém quiz que S. Felis tivesse o merito de exercitar esta obra de caridade. Appareceo-lhe, pois, estando elle na prisão, um Anjo cercado de luzes, o qual lhe mandou por ordem de Deos, que fosse valer ao seu Bispo. Ficou Felis atonito com aquella visão, e se excusou, dizendo: que elle não sabía onde estava o Bispo, nem os ferros, e guardas lhe permittião o poder sahir daquelle carcere.

Mas incitado novamente pelo Anjo para que se levantasse, vio no mesmo tempo cahirem-lhe as cadeias aos pés, abrir-se a porta do carcere, passar pelo meio dos guardas, sem ser sentido, e guiado pelo mesmo Anjo chegar até onde estava o Bispo, reduzido a tal extremo, que quasi não dava signal de vivo. E aqui Felis consternado, por não ter remedio algum, com que podesse dar vigor ao Santo Velho, recorreo a Deos naquelle aperto, e vio logo pendente de um espinheiro, milagrosamente produzido um bello cacho de uvas, do qual tomando uns bagos, e distillando-os na boca do Santo, pouco a pouco se lhe foi restituindo o alento.

Abraçou então o Santo Bispo com o maior jubilo ao seu amado Sacerdote, e lhe rogou com instancia, que o repozesse no seu palacio; e Felis com summo gosto tomando-o sobre as costas, o introduzio, sem ser visto, na casa episcopal, e o recommendou a uma virtuosa matrona, unica pessoa, que alli residia. E querendo Felis ausentar-se, Maximo, em compensação da caridade, que com elle usára, lhe poz as mãos na cabeça, supplicando no mesmo tempo a Deos, que o enchesse de celestes bençãos; o que muito concorreo (diz S. Paulino) para os grandes milagres, que Deos obrou depois por meio de S. Felis.

Passados alguns dias, em que Felis se conservou occulto na propria casa, orando fervorosamente pela paz da Igreja, logo que teve noticia de ser menor a perseguição, sahio publicamente a instruir o povo, não só com as palavras, senão muito mais com o exemplo da sua constancia nos trabalhos padecidos. Mas irritados os pagãos pelo fructo que produzio o Santo com as suas prégações, corrêrão alguns a sua casa com as espadas núas para lhe tirar a vida; e como alli o não achárão, partírão com o mesmo designio para a publica praça aonde lhes disserão, que estava prégando ao povo.

Porém Deos o livrou deste perigo com um prodigio maravilhoso; fazendo, que chegando alli os perseguidores, e vendo-o, não o conhecessem; e sabendo elles, logo que dalli partirão, que Felis era o mesmo, com quem fallarão, voltárão sem demora, procurando-o de novo. Porém Felis, escondendo-se entre duas paredes de uma casa arruinada, fez Deos no mesmo tempo com que umas aranhas tecessem alli as suas teias, para que se não suspeitasse que por alli proximamente houvesse entrado pessoa alguma; e consequentemente aquelles furiosos, ao certificarem-lhes que o Santo alli se refugiára, o tivessem por illusão, e zombaria.

Chegada entretanto a noite, retirou-se Felis daquelle sitio; e sahindo fóra da Cidade, encontrou, guiado por Deos, entre duas casas uma cisterna sêcca aonde se refugiou, e permaneceo por espaço de seis mezes; nutrindo-o o mesmo Senhor por meio de uma devota mulher, que morava em uma daquellas casas, a qual de tempo em tempo deixava alguns pães, e postas de carne sobre o bocal daquella cisterna, sem reparar nisto mesmo que fazia, e de que o Santo depois se aproveitava. E o mesmo Senhor, para maior consolação do seu servo fiel, lhe ministrava algumas vezes o alimento por sua propria mão.

Ultimamente, acabada a perseguição com a morte do Imperador, de que Felis teve noticia por divina revelação, sahio da sua cisterna, e com immenso jubilo foi recebido por todos aquelles que o conhecião, ou tinhão ouvido fallar da sua virtude. E morrendo pouco depois o Bispo Maximo, pedírão todos a Felis para seu successor, reputando-o pelo mais benemerito do episcopado assim pelo titulo glorioso de Confessor de Christo, como pela sua eminente doutrina, e distincta santidade.

Porém elle, que só desejava crescer no merito, e nada na honra, fez que se elegesse outro Sacerdote, por nome *Quinto*, allegando para isto o ser elle Felis Sacerdote mais novo. E com effeito, governou Quinto aquella Cidade em qualidade de Bispo, servindo-se com tudo da pessoa, e doutrina de S. Felis para instruir o povo, e conservando sempre para com elle todo o apreço, e veneração, correspondente ao seu merito.

Continuou Felis no tempo da paz da Igreja em dar provas da sua virtude nada inferiores ás que praticára no tempo da perseguição. E assim, depois de vencer com heroico valor o rigor dos tormentos, e o temor da morte, depois de supplantar a ambição, e desejo das dignidades, combateo, e debellou o apreço, e estimação das riquezas. Era-lhe facil, acabada a perseguição, recobrar todos os seus bens, que lhe ficárão por morte de seus pais, e lhe forão confiscados pelos inimigos da Religião. Nem faltava quem o incitasse para este requerimento, propondo-lhe os consideraveis soccorros, com que poderia favorecer aos pobres.

Porém o Santo, seguindo o exemplo de S. Paulo, não attendia tanto ao que lhe era mais proveitoso, temendo sempre que a cobrança das suas riquezas lhe fizesse perder a recompensa promettida aos que abandonão tudo por amor de Christo. E com o mesmo espirito de desprezo dos bens caducos deste mundo, recusou S. Felis acceitar as preciosas offertas, que lhe fazia uma illustre, e pia senhora, por nome Arquelaide, querendo antes arrendar uma porção de terra, e fabricalla por suas mãos

para se nutrir dos seus fructos, e repartir o que lhe sobejasse pelos pobres.

O mesmo amor da pobreza o fazia querer só ter um vestido, e se talvez tinha dous dava o melhor a algum pobre; e não poucas vezes, ainda tendo um só vestido, o trocava por outro peor, que o pobre trazia. E assim no glorioso exercicio desta, e outras virtudes, chegando S. Felis ao dia 14 de janeiro do anno 266 da Era Christã, não deixou de viver, diz S. Paulino, passou sim para outra vida melhor; e supposto que não acabou de viver com morte violenta, é honrado pela santa Igreja com o glorioso titulo de Martyr, attendendo ao muito, que padeceo pela Fé de Jesu Christo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Os estrondosos milagres, que no tempo da vida, e depois da morte deste Santo obrou Deos por seu meio, são outras tantas provas do seu divino Poder, e da santidade da nossa Religião. Procuremos, pois, imitar as virtudes que elle praticou, e particularmente a sua humildade, e amor da pobreza, e a sua ardentissima caridade para com o proximo; porque estas o elevárão áquelle excelso gráo de gloria, que goza no Ceo; como dão a conhecer os innumeraveis milagres, que attesta S. Paulino obrára Deos por sua intercessão.

JANEIRO — 15.

DE

SANTO AMARO, ABBADE.

NO SECULO IV.

O que aqui se refere deste Santo, pode-se ver no Livro 2 dos celebres dialogos do Papa S. Gregorio Magno.

O Glorioso Amaro, filho de Equizio, nobre romano, e Christão virtuoso, logo desde menino foi offerecido a Deos em um mosteiro que fundára, e governava ainda o Patriarcha S. Bento em um sitio chamado *Sublaco*, não muito distante da Cidade de Roma. As santas maximas do Evangelho, que alli se ensinavão, e se observavão com grande fervor, e perfeição, penetrárão o coração deste mancebo, e o sublimárão a um gráo eminente de piedade, e virtude.

E portanto Santo Amaro brevemente passou de simples discipulo a ser director, e modêlo dos outros. De maneira, que até o seu veneravel mestre o julgou digno de repartir com elle uma boa parte do governo, e regulamento dos outros monges, aos quaes a sua vida era um espelho, e um exemplo de perfeição. Porém elle, que não queria sahir do estado de dependencia, fundou sempre a sua gloria em ser humilde discipulo do Santo Patriarcha, imitando-o, e obedecendo-lhe com a maior exactidão, e fidelidade.

Guiava, pois, S. Bento ao glorioso Amaro pelo caminho de uma grande pureza, e simplicidade de coração, instillando-lhe os sentimentos de uma sincera humildade, e um perfeito desapego das cousas terrenas, por meio de uma viva fé, e continuas exhortações. E regulando-o por este modo com segurança, o formava, e dispunha para receber do Ceo aquellas luzes, e dons singulares, que manifestamente o distinguião, e fazião superior em virtude a todos os outros discipulos.

O grande Pontifice S. Gregorio nos attesta, que entre os muitos religiosos daquelle mosteiro Santo Amaro fôra só o que em certo dia, e estando em oração com o Santo Patriarcha, víra ao demonio em figura de um Ethiope, estar tentando a outro monge. Outra vez, mandado pelo mesmo Santo soccorrer ao monge Placido, que estava proximo a submergir-se em um lago, aonde cahíra, Amaro sem demora, pensando só na execução da obediencia, correo prodigiosamente sobre as aguas, e livrou do perigo ao companheiro, conduzindo-o para a terra, com igual maravilha, e sem lesão alguma.

Estes favores celestes erão communs ao virtuoso Amaro com o seu mestre; e os que recebia elle só, lhe servião para mais o humilhar; assim como alguns louvores, que lhe dava o Santo Patriarcha, excitavão nelle, em vez de vaidade, uma maior vigilancia. É bem verdade, que o Santo, e experimentado mestre, querendo evitar ao amado discipulo toda a occasião de ensoberbecer-se, o fazia advertir em qualquer defeito, corrigindo-o sem demora, como se vê no seguinte caso.

Perseguido S. Bento no mosteiro de Sublaco, principalmente por um depravado monge, chamado Florencio, ausentou-se occultamente daquelle sitio; e o amante discipulo, que não queria, nem podia viver separado de seu mestre, o procurou com incansavel diligencia. E encontrando-o no monte Cassino, o exhortou que voltase para Sublaco, dizendo-lhe com grande prazer, que o seu inimigo Florencio morrêra opprimido nas ruinas de uma casa.

Ouvindo isto o Santo Patriarcha, rompeo em copioso pranto, não só pela morte do seu adversario, senão tambem pela alegria, que Amaro seu discipulo mostrava por um tal successo. E portanto, lhe impoz uma rigorosa penitencia, afim de elle purgar aquella culpa, e aprender a não se alegrar com a morte dos seus inimigos. E o virtuoso discipulo, sempre docil ás instrucções de tão bom mestre, como não o poude reconduzir para Sublaco, continuou em quanto viveo a dirigir-se, e aperfeiçoar-se com elle no monte Cassino.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Este breve compendio das acções de Santo Amaro (extrahido dos diagolos de S. Gregorio) basta para dar-nos uma ideia da sua insigne santidade; e não menos para edificação nossa, evitando o alegrarmo-nos com o mal dos nossos inimigos, e purificando o nosso coração ainda do minimo rancor, que tenhâmos contra o nosso proximo.

E se pela obrigação de algum emprego houvermos de corrigir, e censurar os vicios, usemos sempre de caridade com as pessoas viciosas, e nunca desejemos, nem tão pouco nos alegremos, de que por este, ou por aquelle modo padeção algum damno. Todos devemos, como diz Santo Agostinho, distinguir o peccado do homem peccador. O peccado, que é obra do demonio, deve ser aborrecido; o homem que é obra de Deos, deve ser amado; e consequentemente lhe devemos fazer todo o bem, que na verdade nos for possivel.

JANEIRO — 16.

DOS

SANTOS MARTYRES

DE MARROCOS,

BERARDO, PEDRO, ACURSIO, ADJUTO, E OTHÃO.

NO SECULO XIII.

A relação do seu martyrio foi escripta pelo Infante D. Pedro, irmão de Affonso II, Rei de Portugal, que então se achava em Marrocos, a qual é referida por Surio, e mais correcta pelos Bollandistas, com a Bulla de Sixto IV, que no anno de 1481 *approvou o culto destes Santos Martyres.*

Estes cincos Santos forão discipulos do meu glorioso Patriarcha S. Francisco de Assis, e por elle enviados a prégar o Evangelho aos mouros Mahometanos, que occupavão ainda algumas Provincias de Hespanha. Partírão, pois, da Italia, cheios de uma alegre esperança de conseguirem a palma do martyrio pela Fé de Jesu Christo, que por commissão do seu Santo Padre tinhão de annunciar a uma Nação feroz, declarada inimiga do nome Christão.

E assim, logo que chegárão a Sevilha, capital então daquelles infiéis, forão em direitura á sua mesquita, aonde na presença do numeroso povo, que alli se achava, começárão a prégar a Fé de Jesu Christo contra a abominavel seita de Mafoma. E supposto que dalli forão logo expulsos, carregados de injurias, e crueis açoutes, elles, ardendo em zêlo da gloria de Deos, e salvação das almas, sem fazer caso daquelles máos tratamentos, forão apresentar-se ao Rei, e persuadillo com vivas razões, que abraçasse a Religião Christã, para evitar as penas do fogo eterno.

Mas o barbaro Principe, irritado fortemente contra os cinco Religiosos, mandou que fossem reclusos em um escuro carcere, aonde formava tenção de os fazer degollar; o que por então não executou, cedendo ás supplicas do seu filho primogenito, que, movido do uma natural compaixão para com aquelles Santos Varões, obteve de seu pai, que

se désse por satisfeito com os desterrar dos seus estados; e querendo elle, antes de os despedir, tentar de novo a sua constancia, mandou-os vir á sua presença, e lhes prometteo de usar com elles de misericordia, se concordassem no que elle queria.

Ao que respondêrão elles com resolução, e sem demora: *Prouvera a Deos que tu mais bem considerado usasses comtigo mesmo, o que agora nos promettes. Ordena, pois, de nós o que for do teu agrado, que ainda que podes tirar-nos a vida do corpo, não tens na da alma jurisdicção alguma; e nós outros, firmes nas divinas promessas, temos a infallivel certeza de que por uma morte transitoria nos concederá Deos para sempre o precioso dom da immortalidade.*

Vendo então aquelle Rei a generosa firmeza destes illustres Confessores, nada mais lhes disse; mas ordenou, que, mettidos em uma embarcação portugueza, que de Sevilha se fazia á véla para Barberia, passassem dalli para Portugal.

Aportando, pois, os cinco Santos na Cidade de Marrocos, capital do Reino deste nome, forão com veneração recebidos pelo Infante D. Pedro, que por desgostos que tivera com o Rei de Portugal seu irmão, se retirára para o Miramolim de Marrocos; o qual com effeito lhe confiára o commando das suas tropas, sem prejuizo da Religião que professava; e enviado naquelle tempo o mesmo Infante a combater uns povos que se havião rebellado, levou em sua companhia aos Santos Religiosos.

Obtida, pois, felizmente a victoria, ao voltar para Marrocos com o seu exercito, composto de Christãos, e sarracenos, faltou-lhes a agua em um longo deserto, aonde, apertados tambem com os ardores do sol, estavão em perigo evidente de perecerem todos á sêde. Mas compadecido então o Bemaventurado Berardo daquella miseravel gente, prostrou-se por terra orando fervorosamente ao Senhor, para que se dignasse de os soccorrer. E logo cheio de confiança na divina Bondade, cavando com um páo na terra, sahio com geral assombro uma torrente de agua, que bastou para refrigerar a todo o exercito.

Esta grande maravilha fez crescer no Infante a sua justa veneração para com aquelles santos Religiosos; e pelo mesmo amor que lhes tinha, lhes recommendou encarecidamente, que não prégassem em publico contra a seita de Mafoma, porque temia, e tinha por certo, que irritados os sarracenos, não só lhes tirassem a vida, senão tambem que excitassem uma perseguição geral contra os Christãos, que habitavão naquella Cidade.

Mas forão inuteis estas persuasões, e recommendações encarecidas; porque na proxima sexta feira, subtrahindo-se elles á vigilancia das sentinellas, que os guardavão por ordem do Infante, forão prégar na praça da Cidade a Fé de Jesu Christo, e exhortar a todo o povo contra a seita Mahometana; de cujo facto informado o Rei, mandou que mettidos em um tenebroso carcere, não se lhes désse alimento algum, para que alli perecessem á fome.

Porém Deos, que naquella occasião quiz mostrar o seu poder em beneficio dos seus servos, fez com que passados vinte dias se achassem sãos, e robustos, como se fossem nutridos com o melhor alimento. De cujo prodigio o Rei admirado, e affligido tambem com a intemperança do ar, por um extraordinario, e intoleravel calor, que naquelle tempo aconteceo, mandou, que soltos do carcere aquelles Religiosos, se entregassem aos Christãos, para que os conduzissem fóra dos seus estados.

Assim se executou, mas os Santos Varões, cheios do maior fervor, que os excitava a dar a vida, e o sangue pela Fé de Jesu Christo, deixados occultamente os companheiros, tornárão para a Cidade de Marrocos ao seu officio apostolico de annunciar o Evangelho publicamente aos sarracenos, e condemnar a ímpia seita de Mafoma. O que sabido pelo barbaro Rei, acceso mais que nunca em furiosa ira, os fez prender sem demora, com animo resoluto de os fazer renegar á Fé, ou tirar-lhes a vida com os maiores tormentos.

Passados pois tres dias forão os Santos Martyres conduzidos á presença do Rei, o qual usou com elles todas as industrias possiveis, afim de os perverter. Porém vendo elle a sua constancia na Fé, mandou que fossem cruelmente batidos com asperas, e grossas varas, que lhes fizerão muitas e profundas feridas, sobre as quaes mandou derramar azeite, e vinagre fervendo, e que levados depois ao carcere, semeado de miudos fragmentos de telha, alli lhes estendessem, e revolvessem os corpos para seu maior tormento. Porém elles, interiormente confortados por virtude divina, tudo soffrêrão com admiravel paciencia; e o mesmo Senhor naquella mesma noite se dignou de os consolar com uma visão celeste.

Depois de uns poucos de dias ordenou o Rei, que os Santos Martyres fossem reconduzidos á sua presença; e mostrando-se para com elles benignamente compadecido, não só lhes offereceo todas as sortes de bens, e delicias, se abandonassem a sua Religião, senão ainda, para mais os tentar, lhes fez apparecer algumas formosas donzellas, dizendo-lhes que estavão destinados para esposas suas. Porém os Santos Martyres respondêrão logo ao Rei: *Jesu Christo é o nosso tudo, e tudo o mais da terra para nós é nada. Trata-nos, pois, como quizeres, formando com ferro, e fogo, todo o genero de supplicios, que nada disso nos assusta, olhando para as delicias da Gloria Celeste.*

Então o Rei, ardendo em furor, lançou mão ao proprio alfange, e alli mesmo lhes partio as cabeças, abandonando os seus corpos aos insultos da infima plebe, que com clamorosas gritarias os foi arrastando pelas ruas publicas, até os arrojar em

um immundo atoleiro fóra da Cidade; donde, por ordem do Infante D. Pedro, forão extrahidos occultamente, e transportados depois com grande veneração para o mosteiro de Santa Cruz na Cidade de Coimbra.

Aconteceo este triunfo glorioso no dia 16 de janeiro do anno 1220, vivendo ainda S. Francisco seu Patriarcha, que summamente se alegrou, e deo graças ao Divino Senhor pela coroa do martyrio, que se dignára de conceder a estes cinco Santos, seus amados filhos, e veneraveis Religiosos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Todas as cousas da terra para nós são nada, pensando nas dilicias da gloria celeste. Assim devemos dizer, e praticar como estes Santos Martyres em todo o curso da presente vida. Pois que vem a ser na verdade todos os bens, que se podem gozar, e todos os males que se podem padecer neste miseravel mundo, em comparação da infinita, e incomprehensivel felicidade do Paraizo? Que vem a ser, ou que se deve chamar isto, senão um sonho, uma illusão, uma sombra, e um verdadeiro nada? A experiencia o mostra visivelmente a cada passo; e com tudo isso, que seja tão diversa a pratica ordinaria da maior parte das gentes a este respeito! Fatal cegueira! Lamentavel miseria!

JANEIRO — 17.

DE

SANTO ANTÃO, ABBADE,

PATRIARCHA DOS CENOBITAS.

NO SECULO III, E IV.

Escreveo a vida deste Santo Santo Athanasio, Patriarcha de Alexandria, vida muito estimada pelos Santos Gregorio, Jeronymo, Agostinho, e outros, donde é copiado este extracto. A leitura daquella vida contribuio muito para a conversão de Santo Agostinho, como elle mesmo declara no Livro 8 das suas Confissões; e São João Chrysostomo recommenda a todos a sua lição, como obra cheia de maximas solidas, e edificantes.

Nasceo Santo Antão na ilha de Coma, proxima a Heracléa no alto Egypto, correndo o anno 251 da Era Christã. Seus pais, que erão Catholicos, e mais distinctos por sua piedade, que por suas riquezas, cuidárão muito na sua boa educação, retendo-o sempre em casa, para que os máos exemplos das pessoas viciosas não corrompessem a sua innocencia; e deste domestico recolhimento lhe nasceo um summo prazer, que achava na lição da Sagrada Escriptura; conservando diligentemente no seu coração aquelle fructo que extrahia de tão louvavel, e santa occupação.

Morrendo os pais de Antão, quando elle tinha dezoito, ou vinte annos de idade, vio-se na precisão de cuidar da sua casa, e de uma donzella, irmã sua. Mas apenas erão passados seis mezes, desde que Antão se achava em plena liberdade, indo em certo dia á Igreja, como tinha por costume, e ponderando pelo caminho que os primeiros Fiéis abandonavão os seus bens para seguir a Jesu Christo; e ouvindo logo que entrou na Igreja aquellas palavras que o mesmo Senhor disse a um mancebo rico: *Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens, dá o seu preço aos pobres, e vem depois em meu seguimento;* como se esta exhortação fosse dirigida a elle só, foi distribuir pelos pobres os seus bens, e riquezas, reservando sómente uma porção bastante para seu sustento, e de sua irmã.

E depois disto, entrando tambem na Igreja, e ouvindo logo cantar aquellas palavras do Salvador: *Não tomeis cuidado pelo dia seguinte;* elle então sem mais demora repartio pelos pobres o resto dos seus bens, recolhendo antes a sua irmã em um mosteiro de virgens, que é a primeira casa deste genero, de que se falla na Historia Ecclesiastica. E retirando-se a uma gruta proxima á sua patria, começou a dar-se aos exercicios de uma vida penitente, e laboriosa.

Achava-se naquelle sitio um veneravel ancião, que desde a sua mocidade alli praticára este theor

de vida que imitavão tambem outros Eremitas, residentes naquelles desertos. E o mancebo Antão visitando-os frequentemente para se informar dos seus costumes, em uns admirava a paz de espirito, em outros a oração continua, em outros a caridade mutua, em outros a mortificação perenne, &c. E recolhendo-se depois á sua gruta, procurava copiar em si mesmo as virtudes, que observára nos outros.

Elle trabalhava com as suas mãos para ganhar o proprio sustento; costume que observou sempre em todos os dias da sua vida. E do lucro do seu trabalho só retinha para si o que bastava para viver, distribuindo o remanecente aos pobres. Os seus jejuns erão extraordinarios, a oração, e presença de Deos continua, e na lição da divina Palavra era tal a sua attenção, que depois lhe servia de livro a memoria.

Não podendo, pois, o infernal inimigo ver em um mancebo de tão pouca idade um tal amor da perfeição, procurava distrahillo por varios modos de tentações. Umas vezes lhe representava as riquezas que deixára, outras lhe propunha o cuidado que devia ter de uma tão amavel irmã, outras lhe encarecia os rigores da vida que emprehendêra. Porém o fervoroso mancebo com o forte escudo da Fé, oração, e jejum ficava sempre victorioso; rebatendo aquellas armas do demonio, e assim mesmo as da impureza com que frequentemente o tentava.

E porque Antão naquella gruta era já de muitos procurado, foi buscar um sitio mais remoto, aonde encontrou, e se escondeo em um daquelles grandes sepulchros, que ha no Egypto, rogando primeiro a um seu amigo, que em cada semana lhe ministrasse um pouco alimento; mas o inimigo do genero humano (permittindo-o Deos para maior merecimento do seu Servo) alli o veio accommetter de novo, açoutando-o tão cruelmente, que o deixou quasi morto por terra, sem poder fallar, nem mover-se. E foi tal a dôr daquelle tormento (segundo elle depois declarava) que excedia a qualquer outro humano martyrio.

Vendo então o demonio o invencivel esforço deste insigne soldado de Christo, pensou de o abater por outro modo, entrando naquella estancia com uma tropa de infernaes espiritos, em fórma de serpentes, de ursos, lobos, leões, e outras bestas ferozes, e atroando o ar com tão espantosos gritos, que parecia fazerem mover aquelle monte desde os seus fundamentos; mas o intrepido Santo, sem se mover do logar em que estava, desprezou aquelles estrondos, e espantosas ameaças, dizendo aos infernaes inimigos: *Espiritos diabolicos, se vós tivesseis algum vigor, bastava um de vós outros para combater contra mim. Porém como Deos vos tirou todo o poder, procurais aterrar-me com a multidão. Logo se nada podeis obrar, que é o que pertendeis? Vós não ignorais, que o signal da Santa Cruz, e a fé que tenho no meu Divino Salvador, me servem de um escudo inexpugnavel contra os vossos manhosos artificios, e diabolicos furores.*

Veio então o Senhor para ultimo complemento do glorioso triunfo do seu fiel Servo no meio de uma brilhante nuvem, a cuja presença desappareceo logo a infernal caterva; e o venturoso Antão, sentindo-se curado, e perfeitamente restabelecido, pôde fallar deste modo: *Aonde estaveis, Senhor, e Mestre meu, quando era eu tão maltratado? E porque não viestes logo em meu soccorro? Eu comtigo estava* (lhe respondeo o Senhor) *achando-me alli presente, como espectador do teu combate; e porque não cedeste aos assaltos do soberbo inimigo, terás sempre em teu auxilio o meu favor, e farei celebre o teu nome em toda a terra.*

Tinha neste tempo o bemaventurado Antão pouco menos de trinta e cinco annos, e augmentando-se-lhe o fervor do espirito, quiz entranhar-se mais no deserto. Para o que, passando o braço oriental do rio Nilo, subio ao mais alto de um aspero monte, aonde estavão as ruinas de um antigo castello, e alli se encerrou, e viveo por espaço de vinte annos sem outro alimento mais que um pouco de pão, que de seis em seis mezes lhe levava um amigo; porque então na Thebaida se fabricava o pão por tal modo, que durava sem corrupção alguma um anno inteiro.

Entretanto, correndo a fama da santidade deste grande Servo de Deos, foi tanta a multidão das gentes, que o vierão procurar (uns para serem seus discipulos, outros só para o ver, e outros para remedio das suas enfermidades) que se vio obrigado a sahir do seu retiro, aonde se consagrára a Deos, e se enchêra todo do seu divino Espirito, por cujo meio obrava cada dia innumeraveis milagres, sarando enfermos, livrando possessos, consolando afflictos, remediando, e beneficiando a todos.

Exhortava, pois, aquellas gentes a pensar seriamente nos bens futuros, e a conservar na lembrança a excessiva caridade, com que Deos nos amou, entregando a seu Filho á morte pela nossa redempção. E com estas, e outras taes exhortações, induzindo a muitas pessoas a seguirem a vida solitaria, fabricárão para sua residencia varias cellas naquelle sitio, afim de terem sempre ao bemaventurado Antão por seu mestre, e seu pai. Elle, pois, os instruia, e animava a caminhar, e aspirar cada dia á mais alta perfeição, não só com os seus exemplos, senão tambem com as suas doutrinas; uma das quaes (de que daremos aqui sómente uma parte) refere em proprios termos o seu chronista Santo Athanasio.

« Amados filhos (dizia o bemaventurado Antão) « supposto que as Santas Escripturas bastão para « nossa instrucção, comtudo, é muito louvavel o ex- « hortarmos, e animarmos uns aos outros com fre- « quentes espirituaes discursos. Seja, pois, o nosso « maior empenho o proseguir constantemente pelo

« caminho da virtude, affervorando-nos cada vez « mais, como se em cada dia começassemos a nossa « carreira. Pois que vem a ser a nossa vida, em com- « paração da Eternidade?

« No commercio humano, o lucro, de modo or- « dinario, corresponde ao cabedal que se maneja; e « Deos é tão generoso, que nos concede a vida eter- « na, a bem de dizer, por um mero nada; quando « por uma leve fadiga de um breve tempo sobre a « terra, nos faz possuir no Ceo uma gloria que não « terá fim. Donde sahe por consequencia, que por « mais que trabalhemos nesta vida, nada terá pro- « porção com o que gozaremos na outra.

« Procuremos, pois, adquirir as virtudes, uni- « cas conductoras, que nos podem levar ao Paraizo: « a prudencia, a justiça, a fortaleza, a temperança, « a intelligencia das verdades celestes, a fé em Jesu « Christo, a caridade, a humildade, o amor do pro- « ximo, &c. Meditemos frequentemente naquellas pa- « lavras do santo Apostolo: *Cada dia morro;* e es- « perando cada dia a morte, e o final juizo, refrea- « remos as nossas paixões, fugiremos aos prazeres, « e desprezaremos as cousas terrenas.

« Tambem vos recommendo, meus amados fi- « lhos, uma vigilancia continua sobre vós mesmos, « porque os nossos infernaes inimigos não dormem; « e vendo a qualquer Christão mais attento, e fer- « voroso no caminho do espirito, o assaltão com ten- « tações vehementes, e lhe armão occultas ciladas « para o fazerem recahir em novas culpas. Mas a « oração, as vigilias, os jejuns, o signal da Cruz, a « fé, a esperança em Deos, a humildade, e um gran- « de amor a Jesu Christo teem toda a força para « affugentar, e aterrar aquelles soberbos inimigos. »

Estas virtuosas palavras, animadas pelo Divino Espirito, penetravão os corações de todos aquelles, que o ouvião; accendendo nelles um santo desejo de aperfeiçoar-se na virtude. E a ordinaria occupação daquelles santos solitarios era o canto dos Psalmos; a lição da Sagrada Escriptura, o jejum, a oração, e o trabalho manual, vivendo alegres pela esperança dos bens eternos, e sempre unidos com caridade perfeita, de modo que podia chamar-se aquelle deserto um Paiz segregado do resto do mundo, em que habitava sómente a justiça, e a piedade.

Visitava o bemaventurado Antão frequentemente aquelles monges para dissolver as suas duvidas, e lhes dar as instrucções necessarias. Todo o mais tempo estava na sua gruta, suspirando pela gloriosa patria, e satisfazendo com uma especie de pezar, e de pejo ás indigencias precisas da vida humana. Passava tres, e quatro dias sem tomar algum alimento. Sobre um aspero cilicio, que trazia á raiz da carne, vestía uma tunica formada de pelles de ovelha, que cingia com uma dura corda; e sem embargo de tão rigorosas austeridades, andava robusto, e com rosto alegre.

Succedendo, pois, no tempo, em que Antão se occupava todo na sua propria santificação, e de seus discipulos, ver-se a Igreja atacada pelo Imperador Maximino, que no anno 311 excitou o fogo da perseguição, a esperança que teve o Santo de poder derramar o seu sangue pela fé de Jesu Christo, o fez sahir da sua gruta, e caminhar para Alexandria, afim de servir aos Christãos encerrados nos carceres, e aos que erão condemnados a trabalhar nas minas.

E com effeito, elle animava a todos a conservarem-se firmes na confissão da Fé, até nos mesmos tribunaes, e nos mesmos logares, em que se fazião as execuções, andando sempre com o seu habito monastico, sem temor de que o juiz o reconhecesse. E cessando a perseguição no anno seguinte, voltou logo o Santo para a sua gruta, com resolução de se entranhar mais no deserto, afim de viver só com Deos, inteiramente separado dos homens. E dirigindo-se para o Alto Egypto, juntou-se a uns mercadores arabios, que sobre um camelo o conduzirão no espaço de tres dias, e tres noites ao logar que o Ceo lhe destinava para o restante da sua vida.

Era este logar a raiz do celebre monte Colzeim (que depois se appellidou o *Monte de Santo Antão*) donde manava um pequeno arroio, cujas aguas regando aquelle valle povoado de palmeiras, o fazião commodo, e agradavel; e alli se recolheo o Santo em uma pequena gruta do comprimento de um homem; e para evitar o tumulto das gentes, que forão concorrendo a procurallo, se retirava de tempo em tempo a outra gruta, que achou no alto do mesmo monte, para onde se subia com trabalhosa difficuldade por uma estreita vereda á maneira de caracol, obra formada pela mesma natureza.

Saudosos de tão bom mestre os seus primeiros discipulos, sahírão alguns a procurallo con incansaveis diligencias; e encontrando-o naquelle sitio, obtiverão delle permissão para ficarem residindo nas muitas cavernas que se formárão naquelle monte, pelas pedras, que delle se extrahírão para a maravilhosa fabrica das Pyramides do Egypto. E como o Santo pela maior parte do tempo habitava no alto do mesmo monte, aonde não podião chegar as muitas gentes, que alli o procuravão, constituio por interlocutor seu a S. Macario seu discipulo, ajustando com elle de appellidar *Egypcios* as gentes do mundo, e *Jerosolymitanos* as pessoas de piedade. E assim, quando S. Macario o avisava, de que alguns Jerosolymitanos o procuravão, descia logo a recebellos, instruillos, e consolallos; e se erão Egypcios, commettia ao mesmo discipulo o praticar, e substituir para com elles as suas vezes.

A humildade do Santo era tal, e tão profunda, que o fazia attender aos avisos, e conselhos de todas as sortes de pessoas, como quem devéras se reputava pelo ultimo dos homens, e uma vil escoria da terra, em cujo supposto, as suas lições de

humildade erão tão admiraveis, como o seu exemplo. E assim costumava dizer áquelle seu discipulo: *Quando observas o silencio, não imagines, que fazes um acto de virtude; mas antes reconhece, que o silencio te é proprio, por não seres digno de fallar.*

Quanto ao fervor da oração, e sublimidade da contemplação do nosso Santo, por aqui se póde conjecturar. Levantava-se elle á meia noite, punha-se de joelhos com as mãos levantadas ao Ceo, e assim ficava até sahir o sol, e não poucas vezes até ás tres horas depois do meio dia. E dizia algumas vezes ao sol, quando começava a nascer: *Para que me vens distrahir? E porque me queres tirar a claridade da verdadeira luz?* E Cassiano, que refere este passo, accrescenta, que Antão costumava dizer, que a oração de um Religioso não era perfeita, se elle percebia que orava; donde bem se infere, quanto a oração do nosso Santo era sublime.

Entre as muitas visões, com que o Senhor favorecia ao seu Servo, houve uma, em que na figura de umas bestas indomitas, que a golpes de couces arruinavão o altar, se lhe mostravão as horriveis desordens, que os Arianos hereges dalli a dous annos tinhão de praticar na Cidade de Alexandria. E chegado este tempo, persuadidos os Bispos, que ninguem era mais proprio do que o nosso Santo para confutar, e confundir aquelles impios, lhe rogárão todos, que viesse logo para este effeito á dita Cidade. Condescendeo elle, e apenas alli entrou, começou a prégar publicamente a Fé Catholica, ensinando contra o perverso Ario, que o Filho de Deos era consubstancial ao Pai, e não uma simples creatura...

Todos desejavão ver, e ouvir a este novo Prégador, ainda os mesmos idolotras, muitos dos quaes persuadidos pelos seus discursos, e movidos pelos seus milagres, pedírão o baptismo. E havendo passado nestes exercicios algumas semanas em Alexandria, voltou Antão para a sua gruta, apesar do Governador do Egypto, que desejando-o reter mais tempo, elle lhe respondeo: que o monge ausente do seu mosteiro, era como o peixe fóra da agua.

Ao som de tantas maravilhas vierão depois alguns filosofos gentios procurar ao nosso Santo na sua gruta, afim de disputar com elle sobre as verdades da Fé; e Antão lhes provava com a maior evidencia, que a Religião Christã é só a verdadeira, e a unica, que se póde professar com segurança. *Nós outros os Christãos* (lhes dizia) *só com o nome de Jesus Crucificado fazemos fugir os demonios, que vós adorais como deoses; e basta só o signal da Cruz para destruir os seus esforços, e desfazer os seus artificios*; o que logo lhes mostrava, livrando por este meio alguns, que alli se achavão possuidos pelo demonio.

Perguntárão-lhe então alguns daquelles filosofos, como occupava o tempo no deserto, não podendo por falta das sciencias applicar-se á lição dos livros? *A Natureza* (lhes respondeo) *é para mim um livro, que me serve em logar de todos os outros. E dizei-me vós* (lhes perguntou tambem), *qual é primeiro, a razão, ou a sciencia? A razão*, lhe respondêrão. *Pois essa me basta*, concluio o Santo. Assim é que elle confundia aquelles pertendidos sabios, prevenindo com destreza as suas objecções cavilosas; e elles ficavão tão persuadidos, como admirados da sabedoria dos seus discursos.

Outros gentios sabios, que vierão de um Paiz remoto com o designio de examinar em Antão algum defeito, lhe perguntárão pela razão que havia para crer em Jesu Christo? E elle servindo-se de um interprete, lhe tapou a boca, mostrando-lhes, que attribuir, como elles, os vicios mais infames á Divindade, era injurialla; que o mysterio da Cruz era a prova mais sensivel da divina Bondade; e que as humilhações transitorias do Salvador forão totalmente abolidas pela sua gloriosa resurreição, e pelos milagres sem numero que obrára, dando vida aos mortos, vista aos cegos, saude aos enfermos, &c.

Naquelle tempo, informado o Santo, de que o falso Patriarcha Gregorio (sustido pela authoridade do impio Duque Balac) perseguia furiosamente aos bons Fiéis, escreveo largamente ao mesmo Duque, exhortando-o com efficacia, a que não perturbasse, nem inquietasse a santa Igreja. Mas o soberbo Principe, em vez de receber esta carta com a devida veneração, e respeito, rasgou-a logo, e lançando-a aos pés com desprezo, fez intimar ao Santo, que brevemente lhe daria a sentir todo o pêso da sua indignação. Mas a justiça de Deos foi mais prompta em o punir, porque, sahindo elle a passeio com o Governador do Egypto, se lhe enfureceo o cavallo, e arrojando-o em terra, o pizou, mordeu, e maltratou de modo, que durou poucos dias, opprimido sempre de gravissimas dôres.

Escreveo-lhe depois (no anno de 337) o Imperador Constantino Magno, sollicitando o soccorro das suas orações para elle, e seus filhos, e mostrando grande empenho de receber a resposta por seu proprio punho; e admirados os discipulos da honra, que lhe fazia por aquelle modo o grande Senhor do mundo, lhes disse o Santo: *Nada vos deve admirar o receber eu uma carta do Imperador, pois não vem a ser mais do que escrever um homem a outro homem. Admirai-vos, sim, de que Deos nos faça conhecer as suas vontades por escripto; e muito mais ainda, de que elle nos falle por seu proprio Filho.*

Assentando neste supposto, quasi que esteve o Santo em não responder áquella carta, tomando por pretexto a sua total ignorancia dos estilos praticados na côrte. Mas emfim, cedendo ás instancias dos seus discipulos, escreveu ao Imperador, e a seus fi-

lhos, exhortando-os (entre outras doutrinas) a desprezar as grandezas do mundo, e a não perder jámais a lembrança do divino Juizo. Conservou-nos esta carta o Bispo Santo Athanasio.

E conhecendo Antão, por aviso do Ceo, estar proximo ao seu fim, chamou os seus discipulos, e lhes disse com as lagrimas nos olhos: «Meus amados filhos, eu sei que virá tempo, em que os monges fabricaráõ nas Cidades mosteiros magnificos; que amaráõ o regalo, e que só pelo habito se distinguiráõ das pessoas do seculo. Se bem que por outra parte, apesar desta geral corrupção, haverá sempre alguns, que farão todo o esforço para conservar o espirito do seu estado. Vós outros, pois, perseverai firmes no desprezo do mundo; trazei presente a lembrança da morte, e aspirai cada vez mais á virtuosa perfeição.»

E dirigindo-se particularmente a seus dous discipulos Macario, e Amathas, que lhe tinhão sempre assistido havia mais de quinze annos, lhes disse: «Não consintais que seja embalsamado o meu cadaver, segundo o costume do Egypto: enterrai-o sómente como se pratica nas outras partes, porque eu espero em meu Senhor Jesu Christo receber da sua mão este meu corpo incorruptivel no dia da resurreição universal.

«Dareis da minha parte ao Bispo Athanasio uma das minhas pelles de ovelha, com a manta em que eu durmo. Dareis tambem ao Bispo Serapião a outra pelle de ovelha, e guardai para vós os meus cilicios. A Deos, meus amados filhos, Antão se despede, e não estará mais comvosco.» Ditas estas palavras, fechou Antão os olhos, e entregou ao Senhor o seu espirito neste dia 17 de janeiro do anno 356, tendo vivido cento e cinco annos entre as austeridades mais rigorosas, e sem padecer alguma daquellas enfermidades, que costumão acompanhar a velhice.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

S. *João Chrysostomo exhortava aos Fiéis para que lessem, e meditassem a vida de Santo Antão, reputando-a por um compendio pratico do Evangelho de Jesu Christo. Aprendâmos, pois, por este modo (quanto o permittir o nosso estado) a executar com as obras tudo o que o Senhor nos ensinou com as palavras, e exemplo deste Santo, principalmente a paz, e humildade de coração, o desprezo das cousas da terra, e o espirito de mortificação e penitencia.*

Assim o fizerão aquelles dous cortezãos do Imperador Valentiniano (de que falla Santo Agostinho no precioso livro das suas confissões) que da lição casual da vida de Santo Antão concebêrão a resolução firme de renunciar as enganosas esperanças da côrte, e consagrar-se inteiramente ao serviço de Deos. E assim tambem refere S. Jeronymo, que publicada em Roma a vida de Santo Antão, escripta por Santo Athanasio, muitos fidalgos, e principaes senhores se inflammárão no desejo de o imitar a seu modo; e que muitas pessoas de todo o estado seguírão o mesmo exemplo, applicando-se seriamente ao exercicio das virtudes na pratica das boas obras para conseguirem a salvação eterna.

JANEIRO — 18.

DA

CADEIRA DE S. PEDRO

EM ROMA.

Veja-se a Baronio, a Bollando, e as notas de Castellão sobre o Martyrologio Romano, pag. 326, e não menos a Obra de Foggino, impressa em Florença com o titulo — De Romano Sancti Petri Episcopatu, &c.

O Principe dos Apostolos, e cabeça visivel da Igreja, S. Pedro, depois de haver prégado o Evangelho em Jerusalem, na Judéa, e outras Provincias, e particularmente, depois de haver fundado, e governado a Igreja de Antioquia, capital famosa de todo o Oriente no anno 42 da Era Christã, dirigiose a Roma, insigne metropole do romano Imperio, aonde reinavão os erros de todas as Nações, e triunfava poderosamente a idolatria; enchendo de valor o Espirito Santo para uma tal empreza áquelle mesmo Pedro, a quem antes fizera tremer a simples voz de uma escrava.

Aqui, pois, o Santo Apostolo, falto de todo o auxilio humano, mas confiado no Poder divino, entrou a combater os erros, e oppugnar a idolatria, com a prégação do Evangelho, de modo que em pouco tempo converteo á Fé de Jesu Christo (além de muitos gentios) não poucos hebreos, que habitavão em Roma; fazendo desde logo famosa a Igreja, e a Fé dos romanos em todo o mundo, como consta da Epistola, que lhes escreveo S. Paulo.

Assim erigio, e estabeleceo S. Pedro a Cadeira da verdade, e poder apostolico sobre todas as Igrejas do mundo, o centro da Religião Catholica, o magisterio de todo o Christianismo, e a base fundamental da verdadeira Fé; contra a qual (segundo as promessas infalliveis do mesmo Deos) não prevaleceráõ jámais a malicia dos homens, nem as potestades do inferno.

Aqui o Santo Apostolo com immensas, e incomprehensiveis fadigas entrou a combater, não sómente a idolatria reinante, mas tambem as innumeraveis superstições dos gentios, e os encantos, e feiticerias de Simão Mago, que com os seus prestigios, e artes diabolicas enganava o povo, e se oppunha á doutrina de Christo.

Aqui, finalmente, confirmou S. Pedro a sua evangelica prégação com os milagres, com a effusão do seu sangue, e com o glorioso martyrio da Cruz, que padeceo por ordem do Imperador Nero, como se dirá no dia da sua festa, vigesimo nono do mez de junho

E como algumas Igrejas particulares celebravão em diversos tempos esta festa, succedendo não poucas vezes equivocalla com a da Cadeira do mesmo Santo em Antioquia, o Papa Paulo IV, no anno de 1558, a estabeleceo para sempre neste dia decimo oitavo do mez de janeiro, conformando-se com a pratica de alguns Padres mais antigos, que já neste dia a celebravão desde os primeiros seculos da Santa Igreja.

Conserva-se ainda em Roma a material Cadeira Episcopal de S. Pedro, que supposto ser grosseira, quanto ao artificio, e muito pobre, pelo que toca á materia, é sempre preciosa para a veneração dos povos, e sempre deve ser respeitavel, por haver servido ao Principe dos Apostolos em tão alto ministerio.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Para dar graças a Deos por este grande beneficio, que se dignou conceder, não só á Cidade de Roma, senão tambem a todo o mundo, foi instituida a presente festa com o nome da Cadeira de S. Pedro em Roma, celebrada sempre em todas as Igrejas da Christandade; e por isso nós outros devemos agradecer nella ao mesmo Senhor o haver-nos chamado, e constituido no amavel seio da Santa Igreja Catholica Romana; em a qual, e só nella reina a verdade, e a fé, e fóra della não póde haver salvação.

Procuremos, pois, corresponder, como éjusto, a uma tão grande misericordia, que Deos nos participou, com a santidade dos costumes, e com o exercicio das virtudes christãs, afim de que, portando-nos como legitimos filhos da Igreja nossa mãi, sejâmos depois transferidos da Igreja militante, e paciente na terra, para a triunfante, e gloriosa no Ceo.

JANEIRO — 19.

DE

SANTO ANASTASIO, MARTYR.

NO SECULO VII.

A relação da vida, e martyrio deste Santo se deve a um devoto monge, que viveo com elle, e o acompanhou á Persia, aonde foi martyrizado. O Martyrologio Romano fez delle menção no dia 22 de janeiro, e os Bollandistas no mesmo dia trazem uma relação dos milagres, que obrou o Santo depois da sua morte.

No principio do seculo setimo, inundando os persas com os seus exercitos as Provincias do Oriente, mettêrão tudo a ferro, e fogo. E no anno de 610, conquistada a Cidade de Jerusalem, extrahírão della uma grande multidão de escravos com o seu Patriarcha Zacharias; em cuja occasião, despojando as Igrejas dos vasos sagrados, e de tudo o que havia nellas precioso, levárão tambem o sacrosanto Lenho da Cruz, em que Jesu Christo Nosso Senhor deo a sua propria vida pelo nosso amor, e salvação.

Estava a Sagrada Cruz em uma caixa de prata, adornada de pedras preciosas; e assim transportada para a Persia, foi presentada a Cosroas seu Rei, como tropheo principal das victorias alcançadas contra os Christãos. Porém Deos, que permittíra aquelles flagellos em castigo dos peccados dos máos Fieis, quiz tambem mostrar a virtude maravilhosa da Santa Cruz, mediante a conversão, que ella obrou em muitos daquelles barbaros; um dos quaes, e o mais celebre foi o martyr Santo Anastasio, cuja memoria celebra a Santa Igreja.

Era Anastasio filho de um dos Magicos principaes da Persia, e se chamou na sua infidelidade com o nome de *Magundat*. Seu pai o educou na superstição gentilica, e na arte infame da diabolica magía; e chegado a ser mancebo, se alistou na milicia, aonde tinha um irmão, que occupava um alto posto no exercito de Cosroas. E achando-se presente o venturoso Anastasio na occasião em que a Sagrada Cruz alli chegou transportada com grande triumpho, desejou saber que cousa era aquella Cruz, e qual o motivo, por que tanto a veneravão os Christãos, que vierão captivos. Elles plenamente o instruírão sobre o mysterio da redempção do genero humano; e como o Filho do Altissimo, tomando a natureza humana, quizera morrer naquella Cruz, para satisfazer á justiça de Deos pelos peccados dos homens, e livrando-os por meio della da escravidão do demonio, e do peccado, merecer-lhes a eterna vida.

Penetrou esta instrucção docemente o coração de Anastasio, e obrando nelle a divina Graça, sentio-se inspirado a fazer-se discipulo da Cruz, e abraçar a Religião Christã, para cujo effeito, renunciando logo a milicia, e sahindo da côrte chegou a Hirapole da Soria, aonde se alojou em casa de um ourives seu amigo, que era Christão, e lhe manisfestou o desejo que tinha de se baptizar; mas o tal ourives, temendo incorrer em alguma desgraça entre os idolatras, que havião conquistado aquella Cidade, não fazia mais de que levallo frequentemente á Igreja, aonde Anastasio, vendo as pinturas dos martyres, crescia no ardor de receber o baptismo, e fazer-se discipulo do Salvador.

Inflammado, pois, neste desejo, partio para Jerusalem no anno de 620, e alli se hospedou em casa de outro ourives, que, certificado da sua intenção, o dirigio para um santo Sacerdote chamado Elias; pelo qual, depois de o haver instruido nos mysterios da Religião Christã, foi apresentado a Modesto, Vigario do Patriarcha Zacharias, que ficára captivo na Persia, e conferindo-lhe este Vigario o santo baptismo, lhe mudou o nome de Magundat, em o de Anastasio.

Logo pois que com a Graça baptismal recebeo Anastasio o dom de Deos, desejou unir-se cada vez mais com o mesmo Senhor na continua pratica de uma vida perfeita. E para este fim, conduzido pelo mesmo Elias a um mosteiro proximo, onde era Abbade um santo homem chamado Justino, alli recebeo com tanto jubilo o sagrado habito monastico, que lhe parecia entrar para companheiro dos Anjos no celestial Paraizo.

Sete annos assistio Anastasio naquelle mosteiro, aspirando sempre a santificar a sua alma por meio dos santos exercicios, que alli se praticavão. Lia frequentemente a divina Escriptura, as vidas dos santos Padres, e particularmente as dos santos Martyres; a respeito dos quaes admirava sempre a heroica paciencia, e ardente caridade para com o divino Salvador, crescendo cada vez mais no desejo de derramar todo o sangue, e dar a propria vida em seu obsequio.

E o mesmo Senhor, que lhe inspirava este desejo, lhe apresentou logo occasião para o poder cumprir. Porque indo elle a Cesarea da Palestina, já sujeita aos persas, e sendo alli reconhecido, e accusado por alguns da sua Nação, foi logo prêso, e conduzido a Barsabão, ou Marzahão, Governador da Cidade; o qual, reprehendendo-o asperamente pela injuria, que elle dizia fizera á Nação Persiana, abraçando o Christianismo, e vestindo o habito monastico, lhe ordenou com preceito expresso, que, mudando de sentimentos, voltasse sem demora para a sua religião primeira.

E respondendo Anastasio com firmissima constancia, que nunca tal faria, o Governador lhe fez lançar logo uma braga ao pé, condemnando-o, como captivo, ao trabalho de carregar pedras para as obras publicas. Recebeo o Santo esta injuriosa sentença com espiritual jubilo; e sem embargo de passar os dias naquelle exercicio laborioso, levado depois ao carcere, e alli carregado de cadeias, gastava a maior parte das noites em oração continua.

Persuadido, pois, o Governador, passados já bastantes dias, que as fadigas, fomes, e cadeias haverião feito impressão no animo de Anastasio, o fez conduzir de novo á sua presença; e ameaçando-o com os mais crueis supplicios, se não obedecesse aos seus preceitos, lhe disse: *Tu não temes a ira do Rei? Não* (respondeo Anastasio) *porque elle é um homem mortal, e corruptivel, como tu és. Temo só a meu Senhor Jesu Christo, Deos Immortal, e Omnipotente que fez o ceo, a terra, e mar, e tudo o que alli se contém.*

Ordenou então o Governador, que o Santo fosse cruelmente batido a golpes de bastão, até que mudasse de parecer; e querendo ligallo os algozes para esta execução, o Santo lhes disse, que da sua parte estava prompto, sem que precisassem de o ligar, com tanto, porém, que primeiro o deixassem despir; causando lhe maior pena o máo tratamento do habito, que o tormento do proprio corpo.

Maltratado, pois, Anastasio por aquelle modo até cançarem os algozes, o Governador vendo-o cada vez mais firme, fez-lhe a seguinte proposta:

«Que dissesse na sua presença, e de duas testemunhas não ser já Christão; porque isto só bastava para o pôr em liberdade, com que podesse voltar para o seu mosteiro.» *Isso não*, (protestou logo Anastasio) *negar eu a meu Senhor Jesu Christo, de nenhum modo, nem em particular, nem em publico.* Instou o Governador, offerecendo-lhe em nome do Rei honras, e riquezas. *Eu* (replicou Anastasio com a mesma constancia) *amo, e venero ao divino Salvador com todas as minhas forças: e todas essas offertas reputo, e desprézo por abominaveis immundicias.*

Vendo, pois, Marzabão a inflexivel constancia do servo de Deos, passados cinco dias o remetteo carregado de cadeias, com o seu socio ao Rei da Persia, o qual avisado da sua vinda, lhe mandou fazer por um Ministro no carcere, em que estava, magnificas offertas, que o Santo generosamente desprezou. Por cujo motivo lhe intimou logo os gravissimos tormentos, que lhe erão destinados, se não desistia do seu proposito. *Não te cances a esse fim* (lhe disse o Servo de Deos) *porque eu com a Graça de meu Senhor, não abandonarei jámais a santa Fé, que professei.*

Mandou então o Ministro estender em terra o Santo Martyr, e que lhe pozessem sobre as pernas uma grossa trave, em cujas extremidades fez montar dous homens, para ser maior o tormento, que o Santo soffreo com admiravel paciencia. Passados depois cinco dias de prisão, tornou o mesmo Ministro a fazer novas tentativas para vencer a constancia do Martyr. Porém sendo todas inuteis, ordenou que fosse primeiramente o Santo repetidas vezes bastonado, e depois suspenso no ar por uma mão, e com uma grossa pedra atada ao pe direito, martyrio, que tolerou o Santo pelo espaço de duas horas, sem perder a tranquillidade, e serena paz do espirito.

Finalmente, passados mais quinze dias, mandou o Rei, que Anastasio, e seu companheiro, com outros setenta Christãos, que estava no mesmo carcere, fossem punidos com o supplicio extremo; para cujo effeito, levados todos á margem de um rio, um depois do outro forão alli estrangulados; reservando mui pensadamente os perfidos Ministros a Anastasio para ser o ultimo, afim de lhes dizerem entre tanto: *Não te é melhor obedecer ao Rei, e viver feliz, do que padecer uma tal morte desgraçada, e affrontosa?*

Porém elle, dirigindo os olhos ao Ceo com intenso affecto, por ver já proximo o suspirado momento do seu martyrio, dava muitas graças a Deos, dizendo assim: *Eu, Senhor bem desejava padecer uma morte mais dolorosa, divididos os meus membros em miudos pedaços; mas conformando-me com a vossa altissima disposição humildemente vos supplico, que depois do meu transito me admittais no vosso Reino.* Ditas estas palavras, lhe foi cortada a cabeça no dia 22 de janeiro do anno 628; e o divino Senhor honrou logo o seu sepulchro com muitos milagres, de que formárão uma relação authentica os que fôrão delles occulares testemunhas.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O Exemplo deste Santo Martyr, escolhido por Deos no meio de uma Nação barbara, nos ensina qual deve ser a verdadeira devoção para com a Santa Cruz, e qual é o fructo que devemos tirar da lição dos Actos dos Santos Martyres. Assim, pois, a devoção verdadeira para com a Cruz de Jesu Christo não consiste sómente em adoralla, como tropheo da nossa redempção; senão muito mais em imitar ao mesmo Senhor Crucificado, soffrendo com resignação a Cruz dos trabalhos, e tribulações, que elle nos quizer dar na presente vida, para merecermos depois a felicidade eterna.

E da mesma sorte o lêr os Actos dos Santos Martyres, e louvar com admiração as suas heroicas obras, de nada serve se não se procura imitar os seus exemplos, supportando pelo menos, com resignação, e paciencia, as contradicções, e trabalhos, que o Senhor nos envia, quando não temos tanta virtude, que com elles nos alegremos, como praticou o nosso Santo, e com elle outros muitos de toda a idade, e condição; trazendo sempre á memoria aquella sentença de S. Paulo: Se formos companheiros nas penas, o seremos tambem nas glorias.

JANEIRO — 20.

DE

S. SEBASTIÃO, MARTYR.

NO SECULO III.

A respeito dos actos deste Santo Martyr, referido por Surio e pelos Bollandistas, póde-se ver a Tillemont no tomo quarto das Memorias Ecclesiasticas.

Nasceo S. Sebastião em Narbona, Cidade da França, na Provincia de Languedoc, mas foi educado em Milão, donde era orginaria a sua familia. Elle é appellidado *Defensor da Igreja*, por causa das grandes maravilhas, e generosos esforços que elle fez em abono da Fé. A sua amavel doçura, sabia prudencia, suave genio, profusa generosidade, rectidão sincera, e outras bellas qualidades, que se admiravão na sua pessoa, como diz Santo Ambrosio, o fizerão logo conhecer na côrte dos Imperadores. E com effeito, o Imperador Diocleciano o constituio Capitão da primeira companhia das suas guardas, denominada Patriarcha.

Mas ainda que S. Sebastião desejava com ardor a coroa do martyrio, discorria por outra parte, que devia suspender este desejo, continuando as funcções do militar emprego, que dando-lhe na côrte um caracter distincto, lhe ministrava tambem um meio opportuño para render grandes serviços á Igreja, soccorrendo aos Fiéis perseguidos, sem poupar o seu credito, os seus bens, nem os seus trabalhos.

Porquanto elle corroborava com os seus discursos, e assistia com as suas liberalidades aos confessores de Jesu Christo, que se achavão presos. Elle sustinha o valor de um grande numero de Fiéis, que principiavão a ceder ao rigor dos tormentos, e outros que desmaiavão só com a vista dos supplicios. Elle em summa expunha a toda a hora a sua propria vida, para impedir que os outros não renunciassem a salvação eterna.

Dous veneraveis irmãos, Marcos, e Marcellino, illustres Fidalgos romanos, presos por causa da Fé, fôrão condemnados á morte, depois de padecerem com alegre firmeza o rigor das torturas. E sendo logo conduzidos para a execução da sentença, seu pai Tranquilino, e Marcia sua mãi, com as mulheres, e filhos dos mesmos dous confessores, se atravessárão no caminho, e com suas lagrimas, e rogativas obtiverão do juiz Chromacio a suspensão da sentença pelo espaço de trinta dias.

Em cujo tempo forão tantas as lagrimas, tantos, e tão fortes os combates, que applicárão aquelles parentes, ainda gentios, para supplantar a constancia dos dous veneraveis irmãos, que faltou muito pouco para estes se confessarem vencidos. Porém Sebastião, que lhes fazia frequentes visitas, tendo noticia do que se passava, veio com o soccorro tanto a proposito, e Deos abençoou de tal sorte o talento, que elle tinha de persuadir, que não só consolidou os seus espiritos já vacillantes, senão tambem converteo á Fé a Nicostrato, official de Chromacio, a Claudio carcereiro, com sessenta e quatro presos, que alli estavão; e o mais é que tambem o pai, e a mãi, os filhos, e mulheres de Marcelliano, e Marcos se convertêrão.

E por ultimo a maior destas maravilhas foi a conversão que logo se seguio do mesmo Chromacio, Vigario do Prefeito de Roma. Tinha elle mandado vir a Tranquilino, para saber se os seus dous filhos se havião rendido ás suas lagrimas. « Os meus filhos (respondeo Tranquilino) são venturosos, e eu com elles, depois de conhecermos a verdade, e santidade da Religião Christã, que já professâmos todos, e fóra da qual não ha que esperar salvação.» « Pois tambem tu (replicou Chromacio) depois de velho, te fizeste louco? »

« Não, por certo (respondeo Tranquilino) eu não sou louco, antes eu mesmo, depois de ter a felicidade de ser Christão, cheguei com effeito a ser sabio, o que até agora não era. Pois que maior loucura, que o preferir (como eu praticava, e como tu fazes ainda) o erro á verdade, e uma duração de poucas horas a uma vida sempiterna?» « Isso assim é (replicou Chromacio) mas podes-me tu provar, e fazer-me conhecer, que tem essa bondade solida a Religião Christã?» « Promptamente (respondeo o novo Apostolo) com tanto porém, que attentamente me queirais ouvir, e muito mais ao Senhor Sebastião.»

Feita, pois, a conferencia, triunfou a divina Graça; e Chromacio, convertido, e instruido a fundo sobre as verdades da Fé, com todos os mais da sua familia, que erão em grande numero, recebêrão to-

dos o baptismo; e dando liberdade a todos os seus escravos, renunciou o seu emprego, e retirou-se para uma casa de campo, que veio a ser o refugio dos bons Fiéis perseguidos, e o sería tambem do mesmo S. Sebastião, como todos desejavão, e instantemente lhe pedião.

Porém este grande Heroe da Fé desejou com tal ardor o ficar em Roma para animar, e soccorrer aos Fiéis encarcerados, e allegou as suas razões com tanta efficacia diante do Papa Caio, que o Santo Pontifice lhe disse por ultimo: «Ficai, meu filho, no campo da batalha, e com essa farda de official distincto do Imperador Diocleciano sêde generoso defensor da Igreja de Jesu Christo.»

Com effeito, a sua presença foi logo necessaria para assistir, e animar aos Martyres, entre os quaes Zoé, mulher de Niscostrato (que depois de uma grave molestia ficára muda por muitos annos, e S. Sebastião com o signal da Cruz lhe restituio a falla) foi a primeira que recebeo o martyrio. Depois o mesmo Nicostrato, com seu irmão Castor, Claudio carcereiro, Symforiano seu filho, e Victorino seu irmão, provados primeiro com varios tormentos, forão levados á foz do Tibre, e precipitados no mar. Tiburcio, filho de Chromacio, teve a cabeça cortada; Castulo, official do Imperador, e Christão muito zeloso, foi sepultado vivo; Marcelliano, e Marcos morrêrão penetrados a golpes de lança.

Sendo, pois, estas preciosas victimas consagradas a Deos vivo, os principaes fructos do ardente zêlo de Sebastião Santo, era já tempo de que elle tambem consummasse o seu sacrificio. Para cujo effeito deo occasião um desgraçado apóstata, que advertio ao Juiz Fabião, successor de Chromacio, ser Sebastião o prégador, e protector efficaz, que baptizava os gentios, e animava os Christãos. Porém não se atrevendo o Juíz a prender a Sebastião, pelo alto emprego que occupava na côrte, foi informar ao Imperador do estranho procedimento, e nova Religião, que observava aquelle primeiro Capitão das suas guardas.

Mandou logo este Principe, que viesse o Santo á sua presença, e com rosto irado asperamente o censurou pela sua não esperada ingratidão, que viria a ser causa da ira dos deoses sobre todo o Imperio, sahindo do seu mesmo palacio uma nova Religião tão perniciosa ao Estado..... Ao que S. Sebastião, cheio de respeito, mas sem temor, respondeo logo: «Que elle não podia fazer maior serviço a todo o Imperio, do que obedecer aos preceitos do unico Deos verdadeiro; e que bem longe de obrar contra o seu dever no culto que dava, e fazia dar a Jesu Christo, nada era mais conveniente ao Principe, e ao Estado, do que os fiéis vassallos, que, desprezando aos falsos deoses, fazião a seu respeito perennes votos ao Supremo Creador do ceo, e da terra.»

Irritado, pois, Diocleciano com esta digna resposta, mandou que sem mais demora, e sem outra fórma de processo Sebastião fosse morto a golpes de settas pelos mesmos soldados das suas guardas. O que promptamente executado, alli foi deixado por morto. Mas a devota Irene, viuva do martyr Castulo, indo para o sepultar na noite seguinte, e achando-o ainda vivo, o levou para sua casa, aonde brevemente se achou restituido á sua primeira saude.

E por mais instancias que lhe fizerão os Christãos para que se retirasse, elle o não approvou; antes muito de proposito se foi apresentar ao Imperador para lhe dizer: «É possivel, meu Principe, que não acabeis de conhecer as imposturas, e calumnias, com que vos vem enganar, para perseguirdes os Christãos? Sabei, pois, que bem fóra de serem elles inimigos do Estado, vós não tendes vassallos mais fiéis; e que ás suas continuas orações deveis sempre attribuir todas as vossas prosperidades.

Aqui atonito Diocleciano de ouvir fallar a um homem, que já tinha por morto, exclamou suspenso: «Ès tu, Sebastião, aquelle, que ha poucos dias fiz morrer a tiro de settas?» Eu mesmo, (respondeo o Santo) e foi meu Senhor Jesu Christo o que me quiz conservar a vida, para dar na vossa presença, á vista de todo este povo, um testemunho publico da injustiça, e impiedade que commetteis, perseguindo os Christãos com tanto furor.

Diocleciano, pois, muito mais irritado, ordenou, que o Santo fosse levado ao circo, aonde a golpes de bastão não deixassem de o bater, em quanto o não vissem expirar. Com effeito daquelle cruel supplicio passou este grande Santo a receber no Ceo a coroa do martyrio no dia vigessimo do mez de janeiro do anno 288 da era Christã. E querendo os gentios arrojar-lhe o cadaver em um logar immundo, o Santo appareceo na seguinte noite a uma virtuosa matrona, chamada Lucina, para que extrahindo dalli o seu corpo, que ficára no ar suspenso, o sepultasse na entrada do cemiterio appellidado das Catacumbas, aos pés dos grandes Apostolos S. Pedro, e S. Paulo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Trazia este glorioso Santo profundamente impresso aquelle aviso de S. Pedro, com que exhortava aos Fiéis para participarem dos trabalhos de Christo, e se gloriarem de padecer pelo seu amor. Nenhum de vós outros *(diz o Santo Apostolo)* se porte de maneira, que mereça ser castigado por homicidio, por furto, ou maledicencia, ou por qualquer outro grave delicto. Porém se fôr maltratado por ser Christão, não se envergonhe, antes dê muitas graças a Deos.

Aproveitemo-nos, pois, deste virtuoso documento; e, evitando toda a occasião de sermos cen-

surados por algum vicio, supportemos com bom animo qualquer perseguição, e calumnia, que contra nós se levante, por servirmos a Deos fielmente. Antes gratifiquemos sempre ao mesmo Senhor a occasião de merecer, que alli nos dá, e não deixemos jámais de obrar, como é justo, por qualquer humano respeito, ou temor mundano.

JANEIRO — 21.

DE

SANTA IGNEZ, VIRGEM,

E MARTYR.

NO SECULO IV.

As noticias mais certas do martyrio desta grande Santa são referidas por Santo Ambrosio, e Prudencio Poeta, que vivião no mesmo seculo. E os documentos de um, e outro achão-se referidos pelo celebre Ruinart nos Actos sinceros dos Martyres, pag. 402 da edição de Verona.

Entre as innumeraveis Virgens, que santificárão o seu sangue, e a sua vida pela Fé de Jesu Christo, talvez não ha outra, cujo nome seja mais celebre que o de Santa Ignez; porque os escriptos, (de S. Jeronymo) e as linguas de todos os povos se unem para recommendar o singular merito desta Santa Virgem, que vencendo a debilidade dos eu sexo, e a crueldade do tyranno, consagrou o titulo da virgindade com a coroa do martyrio. E sempre foi especialmente invocada com a Mãi de Deos, e Santa Tecla para se obter, e conservar na vida a virtude da pureza.

Nasceo, pois, Santa Ignez na côrte de Roma de uma familia illustre, e de pais Christãos no fim do terceiro seculo da Igreja, pouco tempo antes da perseguição geral, que Diocleciano Imperador accendeo contra os Fiéis no anno de 303. As santas instrucções dos pais de Ignez profundárão tanto mais as impressões da graça em seu coração, que já na idade de dez annos erão tão nobres os sentimentos da sua alma, que parecia haver chegado a uma perfeição consummada.

Ella amou a Deos (diz Santo Ambrosio) desde que o pôde conhecer; e póde-se affirmar, que quasi apenas nascida, o conheceo logo; porque os exercicios da mais terna devoção fôrão os unicos divertimentos da sua infancia. A sua rara belleza sómente lhe servia para dar maior resplendor á sua modestia; e a ternura extrema, que ella, quasi desde o berço, teve para com a Rainha das Virgens, lhe conciliou uma tal estimação da pureza, que resolveo logo na sua menor idade tomar só a Jesu Christo por seu verdadeiro Esposo.

Tendo ella não mais de treze annos succedeo por acaso ser vista de Procopio, filho de Symphronio, Governador de Roma, e ficou tão attrahido da sua extrema formosura, e das mais qualidades, de que já tinha noticia, que, assentando fixamente em a querer por esposa, lhe enviou, com beneplacito do dito seu pai, um rico presente, declarando-lhe o seu designio. E supposto que a casta donzella lhe recusou o donativo, esta mesma repulsa lhe accendeo mais o affecto; e procurando occasião opportuna de fallar com ella em propria pessoa, lhe fez a sua proposta com os termos da maior persuasiva.

Mas animada a Santa de uma generosa firmeza, muito superior á sua idade, lhe respondeo para logo, sem o menor temor, e com um tom resoluto: « Retira-te, estimulo do peccado, tentador importu- « no, emissario do principe das trévas. Cessa de aspi- « rar aos desposorios de uma donzella, promettida « a um Esposo immortal, unico Senhor do univer- « so, que ama as virgens puras, e lhes concede os « maiores beneficios. »

Informou logo Procopio a seu pai desta não esperada repulsa, com o maior desprazer. E como elle amava muito a este seu filho, determinou empregar toda a sua authoridade, para lhe conseguir promptamente o desejado desposorio. Assim, pois, com o poder de Governador mandou que viesse Ignez á sua presença; e depois de a receber com todas as honras, que erão devidas á sua qualidade, e ao seu merito, lhe fallou desta maneira:

« Illustre Ignez, Procopio, meu filho, deseja ardentemente, que vós sejais sua esposa; e eu, attendendo á vossa nobreza, e a todas as mais prerogativas, que adornão a vossa pessoa, approvo muito esta alliança; e como estou na certeza, de

que não podereis achar outro melhor partido, tenho por sem duvida, que não sereis tão inimiga de vós mesma, que chegueis a rejeitar uma pertenção por todas as razões tão justa. »

Então a virtuosa Ignez, conservando um ar modesto, mas sem temor, respondeo prompta: que ella nada ignorava a honra, que se lhe fazia em se pensar na sua pessoa para uma tal alliança; porém que ella tinha feito eleição de outro Esposo muito mais nobre, e sem comparação alguma mais poderoso. E supposto que as suas riquezas não erão deste mundo, erão por isso mesmo muito mais preciosas. E que a virgindade (por ella mais estimada que todas as coroas da terra) era o unico dote, que aquelle seu Esposo nella desejava.

Aqui o Governador, ou não entendendo, ou mostrando que não comprehendia qual era o Esposo de que Ignez fallava, ficou suspenso, e como um pouco pensativo. O que visto pelo seu Ajudante de ordens, lhe disse: « Eu creio, senhor que essa donzella é Christã, e consequentemente nutrida ella desde o berço nas extravagantes superstições da sua seita, o Esposo, que ella tem dito, é só Jesu Christo, e não outro. »

Então o Governador, passando para tom imperioso, lhe fallou deste modo: « Mulher, eu farei que vejas logo o fatal engano do teu espirito, no caso de que antes não deixes essas idéas frivolas de virgindade, e os falsos prestigios que infunde essa seita em todos os que a seguem. Sendo, pois, necessario que d'aqui em diante hajão de ser os nossos deoses o unico objecto do teu culto, e todas as suas maximas a principal regra da tua vida; de duas uma (para cuja resolução te dou sómente o prazo de vinte e quatro horas) ou fazer-te por este meio, com o proposto partido, uma das grandes senhoras do mundo, ou vir a expirar com infamia á custa dos maiores tormentos. »

« Não é preciso tão grande intervallo (respondeo a Santa) para eu declarar o meu partido. Já vos tenho protestado, que só Jesu Christo será sempre o meu Esposo. O mesmo repito ainda; e que todas as grandezas da terra para mim não são nada, consistindo toda a ambição que tenho em poder coroar a minha virgindade com a laureola do martyrio. »

Ordenou então Symphronio, que se apresentassem á vista de Ignez as catastas, as unhas de ferro, os equleos, e todos os mais instrumentos, que se usavão nos supplicios. Porém a Santa Virgem, sem mudar de côr, nem mostrar a menor emoção, olhou com rosto sereno para aquelle funesto apparato; e conduzida logo aos altares profanos para offerecer incenso aos idolos, os movimentos, que lhe fazião dar á mão servírão só para ella formar o signal da Cruz, como um trofeo sagrado, que levantava, naquelle sitio, para desengano dos gentios, e confusão dos demonios.

Vendo, pois, o tyranno, que erão inuteis todas estas diligencias, e julgando, como diz Prudencio, que á castissima donzella se faria mais sensivel a perda da sua virgindade, do que os maiores supplicios, e ainda a mesma morte, lhe disse: « Que se ella, sem demora, não adorava, e não pedia perdão á deosa Minerva, a faria levar ao prostíbulo, para ser exposta aos insultos dos mais lascivos mancebos. »

A cuja proposta respondeo logo a Santa com semblante modesto, e sem o menor susto: « Não « cuida tão pouco em defender os seus servos o « meu Esposo, e meu Senhor Jesu Christo, que ha« ja de esquecer-se de mim em uma tal occasião. « Elle, que sempre está prompto para soccorrer « com mão poderosa aos amantes da pudicicia, cer« tamente não permittirá que se me roube a bella « joia da virginal inteireza. E portanto, podendo « tu com os teus supplicios tingir o teu ferro no « meu sangue, nunca poderás fazer, que fique por « esse modo maculado o meu corpo. »

Com effeito, sendo esta pura, e candida pomba, por ordem do iniquo Juiz, conduzida ao logar infame, experimentou logo os signaes evidentes daquella protecção divina, em que justamente confiava. E supposto que alli concorrêrão varios mancebos libertinos, forão todos apprehendidos do mais profundo respeito para com a virginal modestia da Santa, excepto um delles, que, excitado pelo espirito impuro, estava para commetter algum excesso. Mas um raio de fogo o deixou logo cego, e arrojando-o em terra meio morto, alli ficaria se as orações da Serva de Deos lhe não obtivessem a vida, e saude.

Esta illustre victoria foi logo seguida de outra. Porque vendo-se o tyranno vencido, com tanta injuria sua, por uma tenra donzella, mandou que immediatamente fosse punida de morte. O que ouvido pela Santa, caminhou com tal prazer para o logar do supplicio, que deixou possuidos do maior assombro a todos os que assistírão naquelle acto; pasmando uns de que fizesse tão pouco apreço da vida, a que apenas havia começado a sua carreira, e admirando outros a omnipotencia de Deos, que fazia ser testemunha da Fé verdadeira aquella mesma, que pela sua pouca idade quasi que não tinha vigor bastante para usar do seu livre alvedrio.

Chegando, pois, ao logar destinado para complemento do seu triunfo, o mesmo algoz, que não tinha valor para executar a iniqua sentença, usou todas as industrias, e todas as possiveis instancias para remover a Santa do seu firme proposito. Accrescêrão no mesmo tempo as multiplicadas rogativas de todos os circumstantes, e principalmente daquelles, que reputavão por sua maior felicidade o conseguilla por esposa.

Porém ella sempre constante, e por outra parte como impaciente de ver consummado o seu sa-

crificio, dirigindo-se ao algoz, (que preoccupado de um temor respeitoso estava tremendo) lhe fallou deste modo: « Que te suspende? Executa a or- « dem, que recebeste, e não repares em destruir « este corpo, que teve a infelicidade de agradar « a outros olhos, que não fossem os do meu « divino Esposo, unico possuidor do meu coração. « Não temas, pois, de me dar a morte transito- « ria, que me vai a ser o principio de uma vida « sempiterna. »

E dirigindo affectuosamente os olhos ao Ceo, concluio, dizendo: « Recebei, Senhor, esta alma, que e tanto vos custou, e que Vós muito amais. » Ditas «stas palavras, o algoz com mão tremula lhe penetrou o peito com a espada, que lhe fez unir de um só golpe a joia da virgindade á corôa do martyrio no dia 21 de janeiro do anno 304, ou 305 da Era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Celebra-se neste dia (diz Santo Ambrosio) a festa de uma Santa Virgem, procuremos ser castos. Celebra-se o martyrio de uma Santa Donzella, façâmos sacrificios a Deos pelo exemplo da mesma, que em tão pouca idade lhe sacrificou a sua propria vida. Della aprendão as donzellas, que a sua maior gloria consiste em conservarem-se puras, em obsequio do divino Esposo, que gosta de habitar entre lirios.

Aprendão, pois, a sacrificar tudo (ainda a mesma vida, se for necessario) antes do que macular a alma, e o corpo com alguma nodoa de impureza. Aprendão, finalmente, a não temer os assaltos daquelles, que, instigados pelo demonio, attentarem por algum modo á sua pudicicia; e tenhão a certeza de que portando-se fiéis em fugir, e evitar as perigosas occasiões, quanto na verdade lhes for possivel, o divino Senhor cuidará na sua defensa (ainda com milagres, se for preciso), como praticou com Santa Ignez, e outras muitas virgens, que se refere na Historia Ecclesiastica.

JANEIRO — 22.

DE

S. VICENTE, MARTYR.

NO SECULO IV.

Desde os primeiros seculos da Igreja se lião os Actos deste Santo, como se vê nos Sermões 274, 275, 276, e 277 de Santo Agostinho; e estes Actos se conservárão até os nossos tempos, como vem referidos pelo celebre Ruinart, pag. 323 da edição de Verona.

Um dos mais illustres Martyres da Hespanha é sem duvida o glorioso Diacono S. Vicente, filho de Euricio, nobre fidalgo da Cidade de Saragoça na Provincia de Tarragona. Educado elle desde a sua infancia por Valerio, Bispo daquella Cidade, em breve tempo se fez habil na sciencia da Religião, e nas letras humanas. E vendo o santo prelado os grandes progressos do seu Discipulo, o fez Diacono da sua Igreja, e lhe confiou o ministerio da palavra. E como á efficacia da sua eloquencia se ajuntava o exemplo da sua virtude, instruia o Santo Diacono não sómente aos Fiéis, mas tambem convertia um grande numero de pagãos.

Naquelle tempo (que era o fim do anno 303) os Imperadores Diocleciano, e Maximiano, havendo publicado por geraes edictos a sua perseguição famosa contra os Christãos, o Proconsul Daciano, Governador da Provincia, mandou, que Valerio, e Vicente fossem logo conduzidos á sua presença; tendo por sem duvida, que os descommodos do caminho, (que fizerão a pé, carregados de cadeias) e logo os horrores de um medonho carcere, em que os reteve por alguns dias, fazendo-os padecer fomes, sedes, frios e outros máos tratamentos, os abrandaria de modo, que lhe sería facil o movellos, para abandonarem a Fé que professavão.

Porém vendo-os depois vigorosos, e com boa côr em seus rostos, voltou-se contra o carcereiro, pelo bom tratamento, que, segundo elle pensava, lhes fizera, e assim lhes disse: « Impio, infiel, pouco será temido o teu carcere se assim tratas aos malfeitores. Antes haverá muitos que talvez queirão commetter delictos, para gozar similhantes regalos. » E sem esperar a desculpa, converteo-se para os Martyres, dizendo-lhes em tom severo: « Os Imperadores de Roma teem mandado, que se conserve a

antiga religião dos deoses, entre os quaes o grande Diocleciano, por suas heroicas acções, merece ser adorado. Offerecci, pois, incenso áquella sua estatua, que para isso aqui foi posto este brazeiro.»

Então S. Valerio, com voz trémula pelos seus muitos annos, e tambem com suas pausas, por algum impedimento da lingua, indo a responder com modesta brandura, o generoso Vicente, movido por Deos, lhe fallou assim: «O' meu pai, e mestre meu! Vós quereis mostrar por esse modo, que tendes medo deste tyranno? Levantai a voz, para que vos percebão todos, e fique supplantada a raivosa furia deste inimigo; e se me dais licença, eu por vós fallarei.» «Sim, meu filho (respondeo Valerio) eu já te constitui na prédica por meu substituto, e agora te recommendo, que prosigas o mesmo ministerio.»

Havida, pois, esta licença, disse a Daciano o valoroso Levita: «Esses taes deoses sejão para ti, ó Proconsul: adora-os, e offerece-lhes incenso em seu obsequio, que nós outros os Christão adorâmos sómente ao Eterno Pai, a seu Filho Jesu Christo, e ao Espirito Santo, Consolador, tres Pessoas distinctas, e um só Deos verdadeiro, a quem offerecemos o incenso puro das nossas almas, com resolução firme de sacrificar por elle as nossas vidas entre as maiores, e mais tormentosas penas.»

Ouvindo isto Daciano, mandou retirar a Valerio, contentando-se de o enviar para um desterro. E fazendo que o Diacono Vicente, depois de despido, fosse suspenso pelos braços, e atado pelos pés a uma alta columna, que alli estava, ordenou que o açoutassem logo com o maior rigor possivel. E os barbaros Ministros o forão executando com tão inhumana crueldade, que dentro em breve espaço já todo o corpo do Santo Martyr estava banhado em arroios de sangue. Porém elle com rosto alegre dizia ao tyranno: «Miseravel! Maior é a pena, que tu padeces no coração, do que a dôr que eu sinto no meu corpo com a inutilidade dos teus tormentos.»

Aqui Daciano, transportado em furor, tomou da mão dos verdugos os sanguinolentos flagellos, e com elles começou a ferir, não ao Santo Martyr, mas aos mesmos Ministros, chamando-os preguiçosos, e fracos; e incitando-os de novo a proseguir os tormentos, elles o fizerão com a maior atrocidade, e passárão depois a dilacerar-lhe o corpo com pentes, e unhas de ferro, até se fatigarem tanto, que lhes faltava o vigor para continuar o supplicio. Mas ao Santo Martyr se augmentavão tanto mais as interiores delicias, quanto a elles se diminuião as corporaes forças.

Disse-lhes então Daciano: «Descançai agora um pouco, e depois que a esse padecente se esfriarem as feridas, e se congelar nellas o sangue, tornarei a ferillo com maior vigor.» Porém o Santo lhe dizia: «Desvela-te, infeliz, em descobrir novas crueldades; ainda que deves ter entendido, que tão pouco te valerão como as antecedentes. E na verdade te enganas, se pensas que me affliges em despedaçar o meu corpo, sendo este mesmo que tu pertendes destruir um fragil vaso da terra, que por um, ou outro modo por fim se ha de quebrar. Outro homem ha em mim, outro eu na minha alma, que estando sempre inteiro, e com plena liberdade, é o que despreza os teus tormentos, e se porta nelles com alegria.»

Ouvindo isto Daciano, tomou outro partido, fallando a Vicente deste modo:» Pois que tens o coração tão duro, que não sentes o rigor das penas, e estás determinado a não adorar aos deoses, ao menos (para evitar os tormentos que te restão ainda) descobre-me aonde estão os livros, que ensinão essa tua Religião, e te deixarei livre, dando-me por satisfeito com os queimar, e me vingar nelles por este modo dos grandissimos damnos, que causão a todo o Estado.»

Recusando, pois, o Santo Martyr com o devido horror, e abominação justa, aquella iniqua proposta, Daciano o mandou tirar da columna, em que estivera pendente, e passar para um leito de ferro em fórma de grelhas, cujas barras de espaço a espaço estavão armadas de pontas agudas; e o valoroso Vicente, incitado pelo Espirito Santo, recostando-se por si mesmo naquella cama de ferro, cujas pontas lhe penetrárão o corpo por varias partes, os algozes lhe pozerão por baixo fogo lento, para lhe ser a dôr mais sensivel, lançando ao mesmo tempo algumas pedras de sal naquelle fogo, para o mesmo effeito; e para lhe fazer geral o martyrio, o queimavão pela parte de cima com laminas de ferro feitas em braza.

Todos estes martyrios de fogo mais atormentavão as entranhas, e ossos, do que as carnes de S. Vicente; e confuso Daciano de o vêr sempre com rosto alegre, e sereno, mandou que levado ao carcere assim despido, como estava, lhe mettessem os pés em um cepo, estendendo-lhe o corpo na terra, que tinha feito semear de miudos fragmentos de telha, para que os seus dilacerados membros dnenhum modo tivessem descanço. Mas a obscuridae de daquelle carcere desappareceo logo com a prodigiosa luz, que sobreveio do Ceo; e transpirava no pavimento uma fragancia suavissima, como se estivesse coberto de rosas.

Sentio-se fóra, não sómente aquella fragancia, senão tambem a doce melodia dos Anjos, que alli vierão celebrar com o Santo Martyr a gloria do seu triunfo; o que, visto, e admirado pelo carcereiro, e guardas daquella casa, abrírão logo as portas a muitos Christãos, que alli vierão de noite para saber o que se obraria com o glorioso Diacono. E sendo venturosas testemunhas daquelle admiravel prodigio, forão logo em altas vozes publicando-o por toda a Cidade.

Daciano, ouvindo isto, entrou a tremer de es-

espanto; e mudando de pensamento, mandou preparar uma cama branda para regalar ao Santo Martyr, mas apenas o lançárão nella, acabou a vida. O que sabido pelo tyranno, pensando ainda em vingar-se daquelle corpo morto, e juntamente impedir que lhe fizessem os Christãos algum obsequio, mandou que fosse arrojado nas aguas immundas de uma lagôa, que estava fóra da Cidade, para que alli, devorado pelas feras, e aves de rapina, se extinguisse de todo a sua memoria.

Mas um corvo, enviado pelo Ceo, prodigiosamente o defendeo; e o cruel Daciano, sempre incançavel em perseguir ao Santo, mandou que, encerrado em um couro de boi, com uma grossa pedra, fosse lançado ao mar. O que assim se executou por um marinheiro chamado Eumorpho, o qual ao sahir da barca, vendo que primeiro do que elle chegára o mesmo corpo á praia, preoccupado de medo por um tal prodigio, alli o deixou, aonde a resaca do mar, e o vento movendo a areia, brevemente o encobrírão á vista.

Appareceo depois o Santo a uma devota viuva, declarando-lhe aonde jazia o seu corpo; e participando ella esta noticia a varias pessoas, o descobrírão pelos signaes, que dava a boa mulher, e com grande veneração o depositárão em uma casa fóra dos muros de Valença. Passado algum tempo, fugindo daquella Cidade, e mettendo-se ao mar uns Christãos, por temor do impio Abderraman que alli reinava, levárão o corpo do Santo Martyr, e o collocárão em uma pequena ermida no Promontorio do Algarve, que hoje se chama o Cabo de S. Vicente, donde depois se trasladou para Lisboa por ordem do famoso Rei D. Affonso Henriques.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Nunca Deos manifesta mais visivelmente o seu poder, que quando permitte aos infeis molestar a sua Igreja com as perseguições. Por quanto nunca a sua Graça triunfou com maior resplandor, que nas victorias dos Martyres, e nas heroicas virtudes, que elles fazem brilhar entre os mais atrozes tormentos.

Sirva-nos, pois, o seu exemplo, quando menos, para humilhar-nos, porque nós nada querendo padecer por Jesu Christo, a mais leve contradicção nos abate, e nos desanima; e sempre frouxos, e impacientes reputâmos a nossa situação pela mais infeliz que ha no mundo.

E' bem verdade, que a natureza padece nas provas, mas tambem podêmos pedir a Deos o remedio, com tanto que se interesse a gloria do mesmo Senhor em o nosso allivio; e se as nossas supplicas não são logo attendidas, soffrâmos com resignação, que é o que mais nos convem, porque Deos não se retira de nós, senão para nos dar occasião de o procurarmos com maior ardor, e fazer-nos desejar unir-nos a elle por um modo mais perfeito.

JANEIRO — 23.

DOS

DESPOSORIOS DE NOSSA SENHORA

COM O PATRIARCHA S. JOSE'.

DO PADRE JOÃO CROISET, NO SEU ANNO CHRISTÃO.

A FESTA dos Desposorios de Nossa Senhora com S. José celebrou-se muitos annos antes na Igreja grega do que na latina; e querem alguns authores, que já no anno 712 se fizesse commemoração deste dia em algumas Provincias do Oriente. E' sem dúvida, que os Reis Catholicos forão os primeiros, que na Europa a estabelecêrão com grande solemnidade, e devoção, porque ElRei Carlos II a impetrou do Summo Pontifice Innocencio XI; e o Imperador Carlos V mandou, que se celebrasse em todos os Reinos, e Provincias dos seus dominios. Pouco tempo depois passou a França, e hoje se festeja universalmente na Christandade, respeitando, e venerando a memoria daquelle plausivel dia, principio da maior, e mais admiravel obra, que a Divina Sabedoria tinha premeditado desde toda a eternidade.

Havia já onze annos que a Santissima Virgem, desde os tres da sua idade, assistia no famoso templo de Jerusalem, entregue a Anna Prophetisa, sua mestra, a qual a respeitava, e extremosamente amava; prevendo, que aquella prodigiosa Menina viria a ser por suas incomparaveis virtudes, não só a admiração dos homens, mas ainda dos mesmos Anjos.

E chegado o perfixo tempo, em que Deos permittio a morte de seu pai S. Joaquim, e pouco depois a de sua mãi Santa Anna, ficou a exemplar menina inteiramente sujeita aos Sacerdotes do templo, que erão os tutores, e administradores de todas as donzellas orphãs, que nelle residião.

Logo, pois, que a Santissima Virgem completou a idade de quatorze annos, (em que ordinariamente se costumava dar estado ás donzellas) entrárão os seus tutores na diligencia de lhe procurar um esposo, que fosse digno della. Porém não tendo sido para este effeito consultada a vontade da Santa Virgem, a primeira noticia, que lhe derão daquella resolução, a surprendeo, e assustou. Um author antigo e fidedigno, citado por S. Gregorio de Niza, diz que a Santa Virgem, com inexplicavel modestia, e energia representára aos Sacerdotes, que tendo-a seus pais destinado, e consagrado a Deos, ainda antes de nascer, para se empregar no serviço do templo, ella havia ratificado esta dedicação com o seu firme proposito de se conservar sempre Virgem até o fim da propria vida. Que se querião attender aos seus rogos, e condescender com a vontade de seus pais, devião conservalla no feliz estado, em que se achava.

Louvárão os Sacerdotes, e admirárão a devoção de Maria, porém não deferírão ás suas supplicas, porque sendo a maior gloria entre os judeos o terem propria posteridade, de que esperassem participar alguma consanguinidade com o promettido Messias, fazia-se indispensavel o casar, especialmente aquellas pessoas, que erão da tribu de Judá, e descendentes de David; circumstancias todas que concorrião na Santissima Virgem. Não julgou ella conveniente allegar o voto, que havia feito de perpetua virgindade, ou por saber que o Celeste Esposo queria que o tivesse occulto, ou tambem pelo receio de que lh'o dispensassem, por haver sido feito na sua primeira infancia. E assim se vio precisada a Purissima Virgem a recorrer nesta parte a Deos com o maior fervor: « Vós, meu Divino Esposo, (lhe diria) possuis o meu coração desde o primeiro instante, em que o formastes, e o vosso Santo Espirito tem habitado na minha alma, como eu em seu vivo templo. Não permittais, pois, ó Deos da pureza, que em tempo algum venha a ser maculado este mesmo templo, que sempre foi vosso. »

Assim, depois de repetidas supplicas, que a amantissima Maria faria a este respeito ao Celestial Esposo, é crivel que conseguisse uma occulta certeza, de que o casamento, que contrahisse, segundo os designios da Divina Providencia, se não opporia á conservação do seu voto; porque o Esposo, que o Ceo lhe destinava, sería fiel custodio da sua purissima virgindade.

Era costume entre os judeos, inviolavelmente observado, que a familia, que tivesse uma só filha, a casasse com o parente mais proximo da sua tribu; para que conservando-se as allianças distinctas umas das outras, se vissem verificadas mais claramente as prophecias da genealogia do Messias promettido, que era o fim principal de todos os casamentos na lei da natureza, e na escripta. Por este motivo ordenárão os Sacerdotes, que se fizesse uma assemblea de todos os parentes mais proximos da Purissima Virgem.

E dizem alguns authores, que o Sacerdote Summo, desejando acertar naquella importante eleição, recorrêra instantemente a Deos, pedindo-lhe com viva fé se dignasse mostrar-lhe qual era neste ponto o seu divino agrado; e que o mesmo Senhor lh'o revelára, ordenando-lhe, que désse a cada um daquelles mancebos uma vara sêcca, e que por aquelle modo viria a conhecer qual era o eleito. O que assim aconteceo, reverdecendo só a vara sêcca, que S. José tinha na mão. E ainda, para maior certeza, desceo do Ceo uma candida pomba, e se lhe poz visivelmente sobre a cabeça.

O celebre Gerson, prégando no dia da Natividade da Santissima Virgem, na presença dos Prelados do concilio Constanciense, não duvidou affirmar, se devia crer piamente, que S. José antes de nascer para o mundo, fôra santificado no ventre materno. E o certo é, que os seus primeiros annos mostrárão bem a sublime distincção, com que Deos o formou. Prevenido desde o berço de copiosas bençãos do Ceo, crescia nas virtudes, mais que na idade; e o Senhor, que o havido creado para si, reinou desde logo no seu candido coração. A sua especiosa pureza não admittio jámais nem a minima sombra. Foi o mais observante da lei, o mais piedoso, o mais humilde, o mais caritativo, e (para o dizermos mais breve) os seus santissimos costumes, e purissimos pensamentos, o havião chegado áquelle auge de perfeição que o Evangelho explica em uma só palavra, chamando-lhe por excellencia o *Justo*, que quer dizer, um homem, que possue todas as virtudes em eminente grão.

Declarada, pois, a S. José a sua incomparavel felicidade na eleição, que o Ceo havia delle feito para esposo de uma Virgem de tão excelsas prerogativas, elle, com summa humildade, e reverencia, reconhecendo-se indigno de tanta ventura, rendeo a Deos as graças por tão alta mercê. Porém como estimava, e amava singularmente a preciosissima joia da virgindade, constante, e fervoroso ratificou ao mesmo passo o voto de castidade perpteua, que havia feito aos doze annos da sua idade.

Estava naquelle tempo a divina Senhora encerrada no seu aposento, e pedindo a Deos com ardentes lagrimas a soccorresse, e conservasse pura por toda a vida. E sendo-lhe intimada a ordem do Summo Secerdote, que a chamava, veio logo como a mais obediente das creaturas, poz-se de joelhos na sua presença, e delle ouvio o seguinte: « Que sem embargo dos seus louvaveis desejos, e fervorosa devo-

ção, que tinha de se conservar no templo, era preciso tomar estado, por ser contra o costume deixarem de casar as primogenitas; e que portanto devia obedecer á lei, conformando-se aos seus sagrados ritos.» Ouvida esta proposta pela Santissima Virgem, com incomparavel humildade, e modestia se sujeitou ao Summo Pontifice, o qual logo a desposou com S. José, o mais casto, e mais Santo Varão, que naquelle tempo havia no mundo.

É certo, ou mui verosimil, que a Purissima Virgem consentio nos Desposorios, estando plenamente informada da sublime virtude de S. José, e do voto, que tinha feito de castidade. E o Cardial S. Pedro Damião persuade-se tão firmemente, que S. José foi sempre virgem, que diz sería justo contassemos esta verdade em o numero daquellas, de que não é permittido duvidar-se. O Doutor Angelico discorre assim mesmo, dizendo que se o Salvador do mundo não recommendou sua Santissima Mãi, senão ao discipulo, que era virgem, como sería possivel o permittir, que um homem, que o não fosse, com ella se desposasse?

Aquelle matrimonio (diz o grande Gerson) foi um contrato de duas virgindades, que se alliárão. E a verdade é, que não houve no mundo tão ditoso Desposorio; porque o não houve nunca tão santo. Maria recebeo um Guardião, e Protector da sua Virgindade, e José a mais alta excellencia, que se póde imaginar sobre a terra, sendo Esposo de Maria.

Ratificárão os Santos Esposos o seu voto de virgindade logo que sahírão do templo. E não se deve suppôr menos, como diz Santo Thomaz, de duas Pessoas tão virtuosas; sendo esta religiosa pratica a todas as luzes digna, e conforme á inclinação daquellas duas Almas illustradas pelo Divino Espirito, que tem particular cuidado sobre as que são castas, e puras.

O voto de perpetua castidade não era até então conhecido. Porque, ainda que no antigo Testamento vivêrão com pureza Elias, Eliseo, Daniel, e alguns outros, como os tres mancebos, que sahírão illesos da fornalha de Babylonia; não consta que se obrigassem com voto a um estado tão perfeito. A Virgem Maria, diz Santo Ambrosio, foi a primeira que deo um tão admiravel exemplo, levantando na terra com o seu voto perpetuo o estandarte da virgindade, e adquirindo para o Ceo um immenso numero de virgens, que seguem por toda a parte ao Divino Esposo, e fazem mais brilhante o resplandor da sua côrte.

Quiz Deos, que a Virgem Maria, a quem desde a eternidade havia destinado para Mãi do seu Unigenito, sem deixar de ser Virgem, se desposasse, por muitas razões, que allega S. Jeronymo. A *primeira*, para que se soubesse, que era o Salvador da tribu de Judá, e familia de David; sendo filho de Maria desposada com José, que procedia daquelle sangue real, e era seu primo inteiro, por ser filho de Jacob, irmão de Santa Anna, sua mãi. *Segunda*, porque se lhe não fizesse crime da sua milagrosa prenhez; o que facilmente se não evitaria, se a vissem pejada sendo Donzella. *Terceira*, para ter esposo, que a defendesse, e a consolasse na jornada, e durante o tempo que esteve com o Menino Deos na região do Egypto. Santo Ignacio Martyr accrescenta outra razão de ser preciso desposar-se a Senhora, dizendo, que foi para que ignorasse o demonio a milagrosa Conceição do Messias; não podendo persuadir-se, que fosse Filho de uma Virgem, sendo ella mulher casada.

Bem se póde, e se deve crer, quão santa, e edificativa foi a vida daquelles dous Esposos: a paz, a união, e veneração reciproca daquella Sagrada Familia! Sahírão os dous Consortes do templo de Jerusalem, e forão residir na Cidade de Nazareth, onde geralmente erão applaudidos, como espelhos de pureza, e santidade. Estimavão todos as sublimes prerogativas de José, e de Maria; porém o justo valor, e incomparavel merecimento destas duas preciosissimas joias, só a celeste Jerusalem o alcançava. Só ella sabía, que era a Divina Senhora o santuario da Divindade, e o templo vivo do Espirito Santo. Assim mesmo S. José era respeitado de todos, não pela sua maior prerogativa de legitimo Esposo da Mãi do Salvador, pois até elle a ignorava, mas por outras muitas perfeições, que nelle florecião, por especial dom de Deos; o que elegantemente exprime Gerson naquellas suas cartas eruditissimas, com que procurou persuadir a devoção deste grande Patriarcha; a primeira escripta ao Duque de Berry em 1413, a segunda ao Chantre da cathedral de Chatres, e a terceira a todas as Igrejas do Reino de França.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O Exemplo da vida de Nossa Senhora no estado do matrimonio, em que a poz o Altissimo, reprehende a desculpa, que alguns allegão, para não serem perfeitas as almas, que assistem no mundo; porque para Deos nada é impossivel, nem para a alma, que espera nelle com viva fé, e se submette em tudo á sua disposição Divina.

Maria Santissima vivia em casa de seu Esposo com a mesma perfeição que no templo, porque o estado lhe não mudou o affecto, nem o desejo, e cuidado de amar a Deos, e servillo; antes o augmentou, para que nada lhe impedisse as obrigações de Esposa. E por isso o Senhor lhe assistia mais com o seu auxilio, e a sua mão poderosa lhe dispunha todas as cousas, segundo o seu desejo.

Isto mesmo, pois, praticaria o Senhor com todas as creaturas, se da sua parte lhe correspondessem. Porém culpão o estado do matrimonio, enganando-se a si mesmas; porque o impedimento para

não serem perfeitas, e santas, não é o estado, senão os cuidados superfluos, a que se entregão, esquecendo-se do mesmo Senhor, e antepondo a tudo a satisfação do proprio appetite.

JANEIRO — 24.

DE

S. TIMOTHEO,

DISCIPULO DE S. PAULO APOSTOLO.

NO SECULO I.

Nos Actos Apostolicos, e outros logares de S. Paulo se falla de S. Timotheo; e quanto ás outras suas acções, e ao seu martyrio trata muito bem o douto Tillemont no tom. 2. das Memorias Ecclesiasticas.

Entre os Varões Apostolicos, que no primeiro seculo da Igreja contribuírão muito para a propagação da Fé Catholica, um dos mais illustres foi sem duvida S. Timotheo, discipulo do Apostolo S. Paulo, e companheiro seu na prégação do Evangelho. Nasceo elle na Cidade de Listres da Provincia Licaonia na Asia menor. Era seu pai gentio, e sua mãi era judia, como tambem sua avó Loide; e como estas duas matronas (segundo attesta S. Paulo) erão de conhecida piedade, ellas educárão santamente a Timotheo, instruindo-o desde a sua infancia no conhecimento de Deos, e na intelligencia das sagradas letras.

Quando S. Paulo no anno 52 chegou a Listres, já Timotheo havia abraçado a Fé com sua mãi, e avó; e os Fiéis daquella Cidade formavão delle uma tal estimação, que o Santo Apostolo, conhecendo ser bem fundado aquelle conceito, o quiz tomar por seu discipulo, e coadjutor no ministerio evangelico. E para que a sua pessoa fosse util, não sómente aos gentios, mas tambem aos judeos, convertendo-os á Fé de Jesu Christo, o fez logo circumcidar (sem embargo de ser adulto) por haver nascido de mãi judia.

S. João Chrysostomo admira neste passo a singular prudencia, e caridade de S. Paulo, querendo circumcidar a este seu discipulo, ao qual tambem louva muito o Santo Padre por querer sujeitar-se espontaneamente a esta dolorosa ceremonia, que depois da morte de Jesu Christo já não era necessaria, só por haver de empregar-se utilmente na conversão dos mesmos hebreos.

Desde aquelle tempo abandonou Timotheo a patria, os parentes, e todos os seus bens para seguir fielmente ao grande Apostolo em todas as viagens que fazia de Cidade em Cidade, e de uma Provincia a outra para annunciar o Evangelho. E foi tambem participante das suas fadigas apostolicas, e das muitas perseguições, que por toda a parte encontrava, prégando a Fé de Jesu Christo. E por isso mereceo ao Santo Doutor os mais altos elogios; tanto mais estimaveis, quanto erão fundados sobre as suas eminentes virtudes, e procedião do espirito de verdade, que animava ao mesmo Apostolo.

Escrevendo elle aos Fiéis de Roma, chama a Timotheo Coadjutor seu no ministerio evangelico. E escrevendo aos Corinthios diz: que tendo de os visitar Timotheo, o recebão com todo o respeito, como um fiel Ministro do Evangelho, e seu carissimo filho. Escrevendo aos Filippenses, diz tambem: que cedo espera enviar-lhe a Timotheo, como o mais conforme aos seus sentimentos, e tão obediente, como um bom filho a seu pai. Finalmente, em muitas das suas cartas ajunta o Santo Apostolo o seu nome ao de Timotheo, afim de insinuar ás Igrejas a que escrevia a estimação que formava deste seu discipulo, eleito por Deos para seu Coadjutor na prégação do Evangelho.

Mas sobre tudo, nas duas cartas de S. Paulo, escriptas ao mesmo Timotheo, se vê quanta era a sua virtude, e quão singular o seu merito. Tinha já o Santo Apostolo exaltado este seu discipulo á ordem do episcopado, em que recebeo, como elle attesta, uma graça abundantissima, com varios dons do espirito; e consequentemente o destinára á Igreja de Efeso, uma das principaes na Asia menor, encommendando-lhe efficazmente tambem o cuidado, e vigilancia sobre as outras Igrejas daquella Provincia.

Achando-se, pois, S. Paulo em Macedonia no principio do anno 64, escreveo a Timotheo, que estava em Efeso, a sua primeira carta, na qual o ap-

pellida seu filho amado, e o exhorta a manter-se constante na Fé que havia confessado em presença de muitas testemunhas; fallando talvez São Paulo por esta expressão daquella confissão publica, que Timotheo, estando prêso pela Fé de Jesu Christo, havia feito com generoso valor no tribunal dos gentios.

Nesta primeira carta exhorta São Paulo a Timotheo a ser mui circumspecto na eleição dos sagrados Ministros, descrevendo-lhe os dotes, de que devem ser adornados; a conservar com diligencia o deposito da doutrina, que delle aprendêra, para a communicar aos outros em toda a sua pureza; a frequentar a lição dos sagrados livros, para exhortar, e instruir aos outros nos dogmas da Fé, e exercicios de piedade; e finalmente a ser elle mesmo um vivo exemplar de castidade, paciencia, humildade, caridade, e das mais virtudes, que devem particularmente resplandecer nas pessoas dos sagrados Pastores, destinados para o governo dos povos a elles commettidos.

Desta mesma carta sabemos, que S. Timotheo não bebia vinho, e que era sujeito a frequentes enfermidades. E elle sem duvida praticava outras austeridades, que não sabemos; como nem desta teriamos noticia, se o Santo Apostolo se não visse obrigado a moderalla, obrigando-o a usar de uma breve porção de vinho para confortar o seu estomago, e remediar as suas molestias.

Com effeito, a saude de S. Timotheo era tão util ao bem da Igreja, que merecia ser conservada, ainda com meios extraordinarios. Mas supposto que naquelles tempos o dom de milagres, e a graça dos corações se communicava aos Apostolos, e aos outros bons Fiéis, comtudo S. Paulo não julgou conveniente usar deste meio a favor do seu discipulo, por entender que a sua virtude devia aperfeiçoar-se, como a de seu mestre, nos trabalhos, e enfermidades.

Passado algum tempo, achando-se prêso S. Paulo em Roma, escreveo a Timotheo, poucos mezes antes do seu martyrio, a sua segunda carta, que é reputada como seu testamento; porque nella se contém as ultimas recommendações de um pai affectuoso a seu carissimo filho, (como elle chama a Thimotheo) e a declaração da sua ultima vontade, que era a mesma de Jesu Christo, pela qual tinha logo de derramar o seu sangue.

Para cujo effeito lhe repete com muita efficacia os mesmos documentos, que lhe dera na primeira carta; e lhe adverte que se prepare para os trabalhos, e perseguições, que tinha de padecer por amor de Jesu Christo; declarando-lhe ser esta a sorte destinada para todos aquelles que desejão servir a Deos com verdadeira piedade, e sincero coração. E por ultimo lhe faz saber, que ainda que se acha abandonado por quasi todos, não lhe causa isto afflicção, porque toda a sua confiança está posta em Jesu Christo, que brevemente, como espera, lhe concederá a coroa de gloria que lhe está preparada.

Quaes fossem as obras de S. Timotheo, depois de receber esta carta, não temos noticias; mas a Igreja honra a este Santo, como Martyr de Jesu Christo. E com effeito, consta de uma antiga tradição, que celebrando-se na Cidade de Efeso uma grande festa em honra da deosa Diana, em que andavão os gentios dançando pelas ruas com grossas massas na mão, S. Timotheo, accendendo-se em zêlo os reprehendeo, procurando removellos daquella abominação sacrilega. Porém elles, indignados, com o maior furor o ferírão com as mesmas massas, e outros por ultimo com tiros de pedras lhe acabárão a vida no dia 22 de janeiro do anno 97 da Era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Julgão alguns Interpretes, que São Timotheo é aquelle Anjo de Efeso, a quem S. João no seu Apocalypse dirige em nome de Christo estas palavras: Louvo a tua tolerancia, em padecer muitos trabalhos pelo meu Nome. Mas tambem te aviso, que tens perdido o primeiro fervor da caridade. . . Faze, pois, penitencia, e renova a pratica das primeiras obras. . .

Mas se isto foi dito a S. Timotheo, e um tão grande Santo como elle, necessitava de fazer penitencia (só por algum leve defeito) e exercitar-se ainda a um novo fervor, segundo o aviso do Ceo; quanto mais carecemos nós de uma rigorosa penitencia pelos nossos muitos peccados leves, graves, e gravissimos? E quanto mais devemos procurar exercitar-nos em as boas obras, e affervorar-nos na caridade, que é como a alma de toda a virtude, sendo nós tão frouxos, e talvez relaxados!

JANEIRO — 25.

DA

CONVERSÃO DE S. PAULO.

No capitulo nono, e vigesimo segundo dos Actos Apostolicos se refere a prodigiosa Conversão de S. Paulo, da qual tambem elle mesmo falla em varios logares das suas Epistolas.

Um dos mais gloriosos triunfos da graça de Nosso Senhor Jesu Christo é sem duvida a maravilhosa Conversão do grande S. Paulo, cuja memoria celebra a Santa Igreja com uma festa particular, não só para agradecer a Deos o alto beneficio de lhe conceder para seu Ministro a um tal Apostolo, senão tambem para animar os peccadôres a confiarem no valor da Graça divina, que pode converter e attrahir os corações mais duros para o virtuoso caminho da penitencia.

Era Paulo (ou Saulo, como antes se chamava) descendente de Abrahão na tribu de Benjamin, nascido em Tharso, Metropoli da Cilicia, de um pai, que seguia a seita dos Fariseos, e erão os mais exactos observadores da lei, e da moral mais severa. Elle seguio esta seita, e o seu patrio nascimento lhe dava a honra de cidadão romano; privilegio que Julio Cesar, e Augusto concedêrão perpetuamente a todos os nacionaes da Cidade de Tharso, em reconhecimento, e compensação de haverem seguido o seu partido, e se lhes mostrarem sempre fiéis no tempo das guerras civís.

Saulo passou os seus primeiros annos em Tharso, estudando as sciencias dos gregos, que alli se ensinavão, como em Athenas, e Alexandria. E enviado depois por seus pais a Jerusalem, alli na escola de Gamaliel, celebre Doutor da lei, se instruio exactamente em tudo o que pertence á religião, ceremonias, e costumes dos judeos; distinguindo-se muito entre os seus coetaneos, pelo zêlo que tinha da lei Moysaica, e tradições dos seus maiores.

E quanto nesta parte era o seu zêlo mais ardente, tanto era maior o furor, com que perseguia aos discipulos de Jesu Christo. Por onde se julga, que elle foi um dos que vierão da Cilicia, dos quaes se diz nos Actos Apostolicos, que levantando-se contra Santo Estevão, com elle disputavão, quando o illustre Diacono cheio do Espirito Santo prégava em Jerusalem a Palavra de Deos, e com os grandes milagres que fazia convertia para a Fé de Christo muitos hebreos de toda a sorte, e condição.

E sem duvida alguma elle consentio na morte violenta, que se deo ao Santo Proto-Martyr; porque achando-se alli presente, e guardando os vestidos dos que o apedrejavão, era o mesmo que apedrejallo com as mãos de todos. Ouvio tambem, diz Santo Agostinho, a oração que fez Santo Estevão pelos seus perseguidores, de que não fez caso algum. Se bem que a esta oração preciosa (como julga o mesmo Santo Doutor) se deve attribuir a graça da sua Conversão. De maneira que não honrariamos entre os Santos a Paulo, se não orasse por elle Santo Estevão.

Porém não se deo por satisfeito o furor de Saulo contra os Christãos com o sangue de Santo Estevão, antes entrou a ser um dos mais crueis Ministros da perseguição, que se excitou em Jerusalem contra os Fiéis. O seu falso zêlo de tal modo o cegava, que (como elle mesmo confessa) era o mais ardente em blasfemar o Nome de Christo, e perseguir os seus sequazes. Elle, com o poder que tinha do Summo Sacerdote, e Deputados da Synagoga, devastava a Igreja de Deos, entrando pelas casas, e extrahindo carregados de cadeias a todos os Christãos, que encontrava, com que enchia os carceres, e se alegrava depois de os ver açoutar cruelmente, e a muitos delles condemnar á morte.

Em summa, cresceo por tal modo o furor de Saulo, que, chegando a varias Cidades remotas a fama dos grandes males, que havia feito padecer aos Fiéis de Jerusalem, bastava o seu terrivel nome para encher de espanto ainda aos mais valorosos Christãos. E parecendo-lhe pouco tudo isto, foi empenhar a Caifaz, Summo Sacerdote, e aos principaes da synagoga, afim de lhe assignarem cartas para os Deputados da synagoga de Damasco lhe subministrarem poderoso auxilio, com que houvesse de conduzir presos para Jerusalem todos os Christãos de ambos os sexos, que alli encontrasse.

Estes erão os meritos, que tinha Saulo, diz Santo Agostinho; meritos grandes para sua ruina, e condemnação sua, se Deos, que desde o ventre de sua mãi o tinha singularmente escolhido (como diz elle mesmo) por um effeito da sua misericordia gratuita o não houvesse chamado, e convertido com a sua voz omnipotente. O Divino Salvador (como observa São João Chrysostomo) para converter a S. Paulo não quiz esperar, que a sua paixão se pozesse em socego, mitigando-se o seu furor, antes o chamou, e converteo no maior fervor da sua ira, para melhor mostrar o seu poder, pelo modo que

um medico ostenta mais a sua sciencia, curando uma grave molestia no maior auge da sua força.

Caminhando, pois, Saulo a horas de meio dia perto da Cidade de Damasco, todo cheio de fervor para haver de executar a sua iniqua empreza, de repente se vio cercado de uma luz do Ceo, mais brilhante que a do sol, que assombrando-lhe a propria vista, o fez cahir em terra. Assim quiz Deos, dizem os Santos Padres, abater primeiro a soberba, de que Saulo estava cheio, afim de o dispor para receber com humildade as ordens que depois lhe daria. Aterrou-o para o converter, e prostrou-o para o levantar, fazendo-o de um lobo feroz um manso cordeiro, e de um perseguidor furioso um prégador intrepido, e Doutor excellente; vencendo nelle aquella obstinação soberba, que o tinha feito insensivel á efficacia da divina Palavra.

Saulo, assim aterrado, ouvio alli uma voz que lhe disse: *Saulo, Saulo, porque me persegues?* E Saulo respondeo: *Quem sois vós, Senhor?* E o Senhor lhe disse: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues, e te é cousa dura recalcitrar contra o aguilhão.* Esta voz do Senhor (diz S. João Chrysostomo) foi um doce orvalho, que mitigou todo o ardor da sua perigosa febre espiritual. Porque elle, atonito, e todo tremendo, respondeo logo: *Senhor, que quereis Vós, que eu faça? Levanta-te* (respondeo o Senhor) *e vai para Damasco, aonde se te dirá o que deves fazer.*

Então os socios, que estavão com Saulo, vírão sim aquella luz, e ouvírão a voz do mesmo Saulo; porém como não vírão a Jesu Christo, nem ouvírão a sua voz, estavão atonitos, sem ver, nem saber com quem Saulo fallava. E S. João Chrysostomo julga, que elles, sem embargo do referido, ficárão na sua infidelidade, permittindo-o Deos assim, para que o testemunho que darião depois daquelle grande prodigio fosse inteiramente incontrastavel, e todo livre de qualquer suspeita.

Saulo, pois, levantando-se da terra, ainda com os olhos abertos, mas que nada vião, por se lhe haverem formado sobre elles umas como escamas, que totalmente o privavão da vista do corpo no mesmo tempo, em que Deos lhe illuminava os olhos da alma; Saulo, pois, levado pela mão, foi conduzido a Damasco, e hospedado em casa de um certo Judas, aonde permaneceo tres dias, sem comer, nem beber, unicamente applicado a orar, e chorar as culpas da vida passada; pedindo perdão a Deos com aquella dôr, e pezar, que facilmente se póde inferir de uma tal Conversão.

Havia naquelle tempo em Damasco um bom Christão chamado Ananias, ao qual apparecendo o Salvador em uma visão, lhe fallou assim: *Levanta-te, Ananias, e vai procurar em casa de Judas na rua direita um homem de Tharso, chamado Saulo, que está fazendo oração. Eu, Senhor* (disse logo Ananias) *tenho ouvido muitos males, que esse homem tem feito aos Fiéis em Jerusalem, e que vem aqui agora com faculdade dos Principes dos Sacerdotes, para conduzir presos todos os que invocão o vosso Nome. Vai,* (accrescentou o Senhor) *porque eu tenho escolhido a este homem para levar o meo Nome aos gentios, aos Reis, e aos filhos de Israel; e eu lhe mostrarei, quanto haverá de padecer pelo meu Nome.*

No mesmo tempo, em que Jesu Christo assim fallava a Ananias, Saulo teve tambem uma visão, na qual se lhe apresentou um homem, que lhe impunha as mãos para restaurar-lhe a vista. Entrando, pois, Ananias na dita casa, onde Saulo assistia, lhe disse logo; *Saulo, meu irmão, aqui me manda o Senhor Jesus, que de proximo te appareceo no caminho, para que recuperes a vista, e fiques cheio do Espirito Santo.* E com effeito, logo que Ananias lhe impoz as mãos, cahírão-lhe dos olhos as escamas, e recobrou a vista.

Então Ananias lhe manifestou, como Deos o havia destinado para levar o seu Nome por toda a terra. E concluio dizendo-lhe: *Levanta-te, baptiza-te, e purifica-te dos teus peccados, invocando o Nome do Senhor.* Baptizou-se, pois, Saulo, e tomando um pouco de alimento, restaurou as forças perdidas pelo temor, e por haver passado tres dias sem comer. E logo que se achou convalescido, começou a prégar a Fé, e confundir os judeos, que habitavão em Damasco; mostrando-lhes que Jesu Christo era o Messias verdadeiro. E todos ficavão atonitos, vendo que aquelle mesmo, que pouco antes era o maior perseguidor, e inimigo do Nome de Christo, era agora um prégador seu com o maior zêlo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A Conversão deste grande Apostolo é uma evidente prova do thesouro inexhaurivel da Bondade de Deos, que usou com elle de misericordia, para ostentação gloriosa da sua Paciencia, e Benignidade infinita. Elle é a doce consolação de todos os peccadores. Pois qual é aquelle, por mais carregado que esteja de culpas, que deva desesperar da Misericordia de Deos, vendo que a um blasfemador do Nome de Christo, e um tão cruel perseguidor dos Fiéis, qual era Saulo, a divina Misericordia lhe concedeo a graça de chegar a ser um grande Apostolo, um vaso de eleição, e um zelosissimo pregador do sagrado Evangelho?

Serve tambem esta Conversão, bem ponderada, para animar a todos que teem de combater contra os seus vicios, e inveteradas paixões, porque nada é difficil ao triunfante poder da divina Graça; á qual por tanto devem recorrer com plena confiança de vencer todos os obstaculos, e supplantar todas as difficuldades, como venceo, e superou S. Paulo; só com esta differença, que Deos por um modo extraordinario, e sensivel obrou nelle aquel-

la mudança em um momento, e nos outros não o costuma fazer senão pouco a pouco, e por um modo quasi insensivel.

Mas sempre é certo, que a Graça de Deos é a que obra em todos a mudança do coração, e a saude da alma. E por isso nesta Graça devemos collocar toda a nossa esperança, esta devemos pedir com fervorosas supplicas, e a ella devemos corresponder com fidelidade; e finalmente, a ella se ha de attribuir a grande obra da nossa conversão, e santificação, e não a nós mesmos, ou ás nossas proprias forças.

JANEIRO — 26.

DE

S. POLYCARPO, BISPO, E MARTYR.

NO SECULO II.

Ao Historiador Eusebio, no seu livro 4, devemos a conservação da celebre carta que os Fiéis da Igreja de Smyrna escrevêrão ás outras Igrejas a respeito do martyrio de S. Polycarpo. E esta mesma carta (que é um dos mais antigos, e mais preciosos monumentos da Igreja Catholica) Ruinart a refere na pag. 24 dos Actos sinceros dos Martyres.

S. Polycarpo, discipulo de S. João Evangelista, Bispo de Smyrna, e glorioso Martyr, veio ao mundo no anno 70 da Era Christã, e foi conduzido á Fé desde os seus primeiros annos, reinando o Imperador Tito. A pureza dos seus costumes, a sua piedade, e o seu zêlo para com a Santa Religião o fizerão amavel não sómente aos seus patricios, senão ainda aos mesmos Apostolos, que vivêrão com Jesu Christo na terra, e particularmente a S. João Evangelista, que o tomou por seu discipulo, donde é facil inferir quaes serião com um tal mestre os seus progressos na virtude.

E como o mesmo Evangelista tinha a intendencia de todas as Igrejas da Asia, e conhecia o merito de São Polycarpo, deputou-o para Bispo da Igreja de Smyrna em o anno 96 da Era Christã. E crese, que a elle se dirigem aquellas palavras de Jesu Christo no capitulo 2 do Apocalypse; nas quaes, fallando o Senhor com o Anjo, ou Bispo de Smyrna (unico entre os sete Bispos declarado innocente) diz assim: *Eu sei a tua tribulação, e a tua pobreza; porém tu és rico de virtudes, supposto que calumniado por aquelles que se chamão judeos, e não o são, por serem sómente uma synagoga de Satanaz. Não temas, pois, as suas ameaças, e conserva-te fiel até á morte, que eu te darai a coroa da vida.*

Um elogio como este, feito pela Verdade mesma, é muito glorioso para S. Polycarpo, e nos mostra com evidencia quão eminente era a sua virtude. Elle governou a Igreja de Smyrna pouco menos de setenta annos, reputado sempre como principal cabeça dos Bispos da Asia, e tão respeitado por todos os Fiéis, que cada qual o desejava servir, e tinha por grande honra o beijar-lhe a mão. O glorioso Santo Ireneo, que foi discipulo do nosso mesmo Santo, escreve o seguinte a seu respeito.

« Ainda tenho impressa na memoria a gravidade do seu portamento, a magestade do seu rosto, « a pureza da sua vida, e aquellas instrucções que « participava ao seu povo. Parece-me que lhe estou « ouvindo referir as praticas que tivera com S. João, « e outras pessoas que conhecêrão ao Senhor Jesus, « e a doutrina que aprendêrão deste divino Salvador. Eu posso assegurar diante de Deos, que se « elle ouvisse a doutrina falsa, que alguns hereges « presentemente ensinão, taparia os ouvidos, e fugiria dalli cheio de horror. . . »

A Igreja de Smyrna, governada pelo nosso Santo, estava em boa paz no tempo do Imperador Trajano, supposto que então agitava a perseguição a outras Provincias da Christandade, principalmente a de Antioquia, que no anno de 102 teve a magoa de a privarem do seu grande Bispo Santo Ignacio. O qual, viajando para Roma afim de ser exposto ás féras, passou pela Cidade de Smyrna, aonde foi hospedado por S. Polycarpo, seu particular amigo, que beijou com respeito as suas cadeias, e juntamente com o seu povo rendeo ao Santo Martyr todos os possiveis obsequios.

Vendo, pois, Santo Ignacio a piedade, e a Fé do povo de Smyrna, e do seu Santo Pastor, deo muitas graças a Deos, e chegando a Troade escreveo uma ternissima carta, cheia do espirito apostolico ao Bispo, e aos Fiéis daquella Cidade. E ainda da Cidade de Filippe na Macedonia lhes escre-

veo outra, dictada pelo mesmo espirito, com admiravel doutrina, e santissimas instrucções, de que muito se aproveitárão aquelles devotos Fiéis.

Passava já de sessenta annos, que governava S. Polycarpo a sua Igreja, quando no anno 157 elle quiz ir a Roma para conferenciar com o Santo Padre Aniceto sobre algumas controversias de Religião, e principalmente a respeito do dia certo para a celebração da Pascoa. O Santo Pontifice venerou muito a Polycarpo, reconhecendo o seu grande merito; e a sua demora em Roma aproveitou a muitos, que movidos pelas fortes exhortações de um tão douto, e veneravel Bispo, abandonárão os erros que lhes introduzírão os hereges, e se unirão aos bons Fiéis no gremio da Santa Igreja.

Succedeo então no tempo em que na Cidade de Smyrna padecêrão martyrio S. Germanico com seus companheiros, o povo gentilico, que estava no amphitheatro, se enfureceo de maneira pelo heroico valor alli praticado por aquelles Santos Martyres, que entrou a clamar geralmente a uma voz: *Desterrem-se os impios, e prenda-se a Polycarpo.* Informado logo o Santo Velho deste furor do populacho, nada se alterou, nem teve o menor susto; e certamente se deixaria ficar na Cidade, se os Christãos o não obrigassem a retirar-se para uma casa de campo, aonde, occulto por alguns dias, esteve sempre orando, segundo o seu costume por todas as Igrejas do mundo.

Tres dias antes de ser prêso teve em sonhos uma visão, em que lhe parecia, que o seu travesseiro se queimava, por onde comprehendeo que tinha de ser o seu martyrio lançado vivo no fogo, como logo disse aos Fiéis que lhe assistião; os quaes o obrigárão a refugiar-se em outra casa; mas apenas elle tinha sahido, chegárão por outra parte os soldados, que o procuravão; e como o não achárão, um servo da casa, constrangido pelos tormentos que lhe derão, declarou para onde fôra; e com effeito alli chegárão no mesmo dia, que era uma sexta feira, e se apoderárão do veneravel Bispo.

Elle muito de proposito não quiz fugir, como podéra, antes disse logo a quem lhe fez aviso do perigo em que estava: *Seja feita a vontade de Deos.* E com rosto alegre foi por si mesmo receber os soldados, que o buscavão, aos quaes fez tanta impressão a sua veneravel presença, que tiverão um grande desprazer de lhes ser commettida aquella empreza. O Santo Bispo lhes mandou preparar uma larga ceia; e obtendo delles permissão para fazer a sua oração costumada, esteve orando em pé, assim velho como era, com tal fervor pelo espaço de duas horas, que todos ficárão atonitos.

Chegada a hora de partir, o montárão sobre um jumento para o conduzirem á Cidade; e topando-o no caminho um dos primeiros Ministros do Pro-Consul, o fez subir á sua carroça, para haver de o attrahir ao seu partido, dizendo-lhe por este modo: *O' meu bom Velho, que mal vem a ser o dar o titulo de senhor a Cesar, e sacrificar um pouco de incenso em seu obsequio, quando por uma tão facil diligencia se póde salvar a propria vida?* Calou-se a isto Polycarpo, mas obrigado a responder, disse resolutamente: *Eu não posso fazer o que me aconselhas; nem a prisão, nem a fome, nem os supplicios, nem a morte me farão jámais assentir á tua supplica.*

Ouvindo então aquelle Ministro esta generosa resposta, se irritou por tal fórma, que, depois de o affrontar com injuriosos nomes, o arrojou da carroça com tal impeto, que ficou em terra maltratado por todo o corpo. O que não obstante, chegado que foi á Cidade, subio como pôde alegremente ao amphitheatro, que era o logar destinado para o seu martyrio. E no mesmo tempo, não só elle, mas tambem muitos Christãos, que alli se achavão, ouvírão uma voz do Ceo, que dizia: *Animo, ó Polycarpo, conserva-te firme.*

Então o Pro-Consul Quadrato, conduzido o Santo á sua presença, depois de lhe perguntar pelo seu nome, e qual era a sua profissão, lhe disse com brandura: *Considera, ó Polycarpo, a idade extrema, em que te achas, por onde deves discorrer, que não poderás supportar os tormentos, que teem feito desfallecer a muitos mancebos robustos. Jura, pois, pela pessoa, e pela fortuna de Cesar, e dize tambem com todo o povo: sejão exterminados os ímpios.*

Aqui logo Polycarpo, voltando-se para a grande multidão de gentios, que enchião o amphitheatro, disse em alta voz, e quanto lhe foi possivel sonora: *Sejão exterminados todos os ímpios;* entendendo, ou querendo dar a entender o desejo que tinha de que todos os máos temessem o castigo, que pela sua impiedade merecião.

Mas o Pro-Consul não penetrando o diverso sentido daquellas palavras, (que elle attribuia aos Fiéis, e o Santo Martyr aos pagãos) e julgando assim, que fizera algum fructo a sua persuasão, continuou dizendo: *Jura agora pela fortuna de Cesar, blasfemando de Christo, e te mandarei solto.* Ao que respondeo Polycarpo, dizendo: *Ha oitenta e cinco annos que sirvo a Jesu Christo, de quem nunca recebi algum mal, antes muitas graças todos os dias. Logo como poderei blasfemar do meu continuo Bemfeitor? Ou como haverei de offender ao meo Salvador, e meo Deos, sendo Elle o supremo Juiz, que tem de punir aos máos, e premiar aos bons?*

Ainda o Pro-Consul insistia em persuadir ao Santo, que se rendesse á sua vontade. Porém elle, com liberdade de espirito, lhe disse resoluto: *Eu sou Christão, e tenho tanto prazer de ser o que digo, quanto a ti te desagrada. Se queres, pois, saber em que consiste o Christianismo, dá-me tempo, e te deixarei satisfeito.* E replicando-lhe o Pro-Consul, que era preciso primeiro satisfazer ao povo, respondeo Polycarpo: *A nossa Religião nos ensina a*

honrar os Magistrados, estabelecidos por Deos, em tudo o que não offende a consciencia, e por isso me offerecia a justificar-me para comtigo, e não para com o povo, que é inutil, e para com elle não sou obrigado.

Vendo, pois, o Pro-Consul, que nada lucrava com exhortações suaves, passou ás ameaças, dizendo ao Santo, que se não mudava de sentimento o faria queimar vivo. Ao que elle respondeo logo : *O fogo deste mundo não dura mais que um momento, por onde só se deve temer o que é de eterna duração, e destinado para os máos. Que esperas, pois, ou porque te demoras em fazer o que determinas!* Proferio o Santo estas ultimas palavras com tanto valor, com rosto alegre, e tão cheio de graça, e magestade, que o Pro-Consul ficou aturdido.

Mandou logo, segundo o costume, apregoar tres vezes por um porteiro, que Polycarpo havia confessado ser Christão ; e todo o povo alli congregado começou a dizer em altos gritos : *Deve entregar-se ás feras, por ser o pai dos Christãos, e destruidor dos nossos deoses.* Ao que respondeo o Pro-Consul : que não podia ser assim, por estarem terminadas as festas, em que os taes espectaculos erão permittidos. Em cujos termos lembrárão-se todos (cumprindo-se o vaticinio acima declarado) que fosse Polycarpo queimado vivo.

E sem mais demora, concorrendo os judeos, e os gentios, se apromptou lenha bastante para um grande fogo ; e vendo Polycarpo, que se preparavão pregos para o terem seguro, lhes disse : *Deixai-me solto, porque o mesmo que me dá vigor para soffrer as chammas, m'o dará tambem, sem mais prisão, para me conservar firme.* Despio-se, pois, por si mesmo, em quanto se applicava o fogo á lenha, e levantando os olhos ao Ceo, fez esta oração :

Senhor Deos Omnipotente, eu vos rendo as graças por me haverdes feito chegar a este dia, e a esta hora, introduzindo-me em o numero dos vossos Martyres ; para que fazendo-me participante do calix da Paixão do vosso Santissimo Filho, participe tambem da sua gloriosa Resurreição na vida eterna. E portanto vos louvo, e glorifico, mediante o mesmo Senhor, e Salvador meu, ao qual, e a Vós com o Espirito Santo seja sempre dada a devida honra, agora, e por todos os seculos. Amen.

Concluida esta oração, levantava-se já um grande incendio, mas o fogo com maravilhoso prodigio, em vez de consumir o Santo Martyr, formava um circulo de chammas ao redor delle ; e o seu corpo intacto exhalava uma fragancia suavissima. Vendo, pois, os gentios, que o fogo o respeitava, o fizerão atravessar com um golpe de lança, que acabando-lhe a vida, completou entre as chammas o seu sacrificio, como relatão os Fiéis de Smyrna em a sua famosa carta, dirigida ás Igrejas Catholicas de todo o mundo.

Na mesma carta se diz, que depois da morte do Santo Martyr, desejando muitos possuir o seu veneravel corpo, o impio Nicetas, instigado pelos inimigos do nome Christão, rogára ao Pro-Consul, que não permittisse lhe fosse dada sepultura, afim de que os Christãos não abandonassem o seu Crucifixo para adorarem este homem morto.

Não sabião aquelles cegos gentios (advertem os Fiéis de Smyrna) *que nós não podêmos jámais abandonar a Jesu Christo, que tanto padeceo pelos nossos peccados, nem nós podêmos adorar a outro fóra delle, que é o unico Filho de Deos. E assim, se venerâmos aos Martyres, é por serem elles seus discipulos, e imitadores, e pelo amor que tiverão a este seu Rei, e divino Mestre.*

E supposto que os gentios (accrescentão aquelles Fiéis) *depois da morte do Santo entregárão ás chammas o seu corpo, ainda podémos conseguir os ossos que restárão, e os depositámos em um logar decente, como um thesouro preciosissimo, esperando que o Divino Senhor nos fará a graça de celebrarmos annualmente neste logar a festa do seu glorioso martyrio.*

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Da grande piedade d'aquelles bons Fiéis para com os Santos Martyres devemos todos aprender a celebrar com o mesmo espirito as festas dos Santos, se queremos participar da gloria, que elles gozão na eterna vida.

E quando formos tentados para voltar as costas a Jesu Christo, commettendo algum peccado, que nos prive da sua Graça, digâmos com S. Polycarpo : Como posso eu offender ao mesmo Salvador, e meu Deos, que me tem feito, e me faz tanto bem? *E desprezando por este modo todos os bens, e males do enganoso mundo, temâmos o unico, e summo mal, que é o peccado, com a sua condemnação para o fogo eterno, para que, amando só ao verdadeiro, e summo Bem, entremos, mediante a final Graça, na posse felicissima da eternidade gloriosa.*

JANEIRO — 27.

DE

S. JOÃO CHRYSOSTOMO,

BISPO, E DOUTOR DA IGREJA.

NO SECULO IV, E V.

Palladio, Bispo de Heonópleli, e contemporaneo do Santo Doutor, escreveo a sua vida; e no tomo 12 *da ultima edição das obras de S. João Chrysostomo se acha a sua vida, composta pelos editores com exacta diligencia; o que já Tillemont havia feito no tomo* 11 *das suas Memorias Ecclesiasticas.*

O glorioso S. João, que pela sua maravilhosa eloquencia foi denominado *Chrysostomo* (palavra grega, que significa *Boca de ouro*) nasceo em Antioquia no anno do Senhor 337, de uma das primeiras familias daquella Cidade. Morto Secundo, seu pai, sendo o Santo ainda menino, Antosa sua mãi, ficando viuva na idade de vinte annos, applicou-se toda a educar na piedade a este seu filho, e a uma filha tambem, que antes delle lhe nascêra. E a tempo competente entrou João nos estudos de rhetorica, e filosofia, em que fez taes progressos (especialmente na eloquencia) que os seus primeiros discursos forão admirados pelos seus proprios mestres.

Chegado elle á idade de vinte annos, abandonou a profissão da jurisprudencia (que era naquelle tempo o direito caminho para subir ás mais altas dignidades) e dando-se todo á oração, e lição da Sagrada Escriptura, e usando no exterior de um vestido simples, e modesto, mostrava em todas as suas acções que estava firmemente resoluto a viver só para Deos. O que visto, e ponderado por São Melecio, Bispo de Antioquia, tomou a seu cuidado este Mancebo; e depois de o haver instruido pelo espaço de tres annos, o baptizou, e fez leitor da sua Igreja.

Todo o tempo que deste emprego lhe restava, passava João, como se estivesse em um deserto, orando, jejuando, velando, dormindo no pavimento, e domando as suas paixões com estas, e outras muitas austeridades, estando sempre recolhido, sem commercio algum com o mundo, como quem tinha por certo, que só com o possivel retiro das creaturas se podia conservar intacta a innocencia dos costumes.

Completo aquelle triennio, vio-se João obrigado a sahir do palacio de S. Melecio, para satisfazer aos rogos de sua mãi, que o desejava ter na sua companhia. Pouco tempo depois os Bispos da Provincia, que bem conhecião os meritos de João, e de um seu íntimo amigo, chamado Basilio, congregarão-se de commum accôrdo para os promoverem ao episcopado. Porém João (que por sua humildade se julgava indigno) fugindo secretamente, valeo-se de uma pia industria, e se conservou occulto até ver ordenado outro em seu logar, e juntamente o dito seu amigo. O qual, queixando-se-lhe muito a este respeito, foi causa de compor o Santo, como em sua defeza, o insigne *Tratado do Sacerdocio.*

Quatro annos depois (isto é, no anno de 374) se alistou João entre os santos anacoretas, que habitavão nos montes proximos de Antioquia, aonde, sujeitando-se a um solitario veterano muito dado á mortificação, procurou imitar as austeridades da sua vida no espaço de quatro annos. E querendo depois viver mais desconhecido, foi habitar só em uma caverna, onde esteve pouco menos de dous annos, todo occupado na oração, e lição da Sagrada Escriptura, que pela maior parte aprendeo de memoria. Porém vendo arruinada a sua saude pelo rigor das austeridades, voltou para Antioquia, aonde S. Melecio o ordenou Diacono.

Passados cinco annos, Flaviano successor de Melecio, conhecendo muito bem os grandes talentos de João, o ordenou Sacerdote, encarregando-lhe juntamente o prégar em publico na Igreja a Palavra de Deos; ministerio, que de modo ordinario era só reservado para os Bispos, e Pastores de almas. Constituido, pois, o Santo neste sublime emprego, entrou a exercitallo com summo zêlo, e com igual fructo.

Elle explicava a Escriptura com muita propriedade, e clareza. As suas instrucções erão solidas, e luminosas; e as suas exhortações vivas, e penetrantes. Reprehendia com força, admoestava com caridade, e sabía accommodar-se em tudo á capacidade, e intelligencia daquelles a quem prégava. E por isso o povo de Antioquia ouvia sempre os seus sermões com o maior gosto e com tanto apreço, que algumas vezes lhe interrompião o discurso com acclamações sensiveis, de que elle muito se desgostava, porque todo o seu intento era converter aos ouvintes. *Este é todo o applauso* (lhe dizia) *que de vós*

espero; e estes são os unicos elogios, que desejo de vós outros.

Com effeito, a eloquencia dos seus discursos fazia-se tão efficaz, porque andava unida com uma vida santa, e exemplar, com o maior desinteresse, e uma caridade universal, de que deo illustres provas quando, depois de uma sedição popular, que houve em Antioquia, toda a Cidade estava ameaçada dos mais terriveis effeitos da indignação do Imperador Theodosio. Porque o nosso Santo com os seus discursos consolou aquelle povo afflicto; e aproveitando-se do mesmo temor, de que todos estavão cheios, os conduzio a uma publica penitencia, com o que se lhe fez depois facil conseguir um perdão geral do severo Imperador.

Havia já doze annos, que São João Chrysostomo exercitava em Antioquia o virtuoso emprego de prégador apostolico, quando no anno de 397, ficou vaga a sé de Constantinopla, por morte do seu Patriarcha Nectario. E rogando o povo ao Imperador Arcadio, que deputasse para aquelle emprego um homem digno; como o nome do nosso Santo era então celebre em todo o Imperio, foi proposto, e eleito com unanime consentimento do clero, e do povo; e o mesmo Imperador auxiliou com todo o seu poder esta dignissima eleição.

Faltava só vencer a difficuldade grande de o extrahir de Antioquia; porque além de estar elle resoluto a não abandonar aquella Igreja, era alli amado com tal extremo, que o povo estava disposto, antes a expor-se a qualquer risco, do que a ver-se privado de um tão grande homem. Em cujos termos, escrevendo o Imperador a Asterio, Governador do Oriente, que lhe enviasse a Chrysostomo com cautéla, e sem estrepito, elle o fez chamar, como para communicar-lhe um negocio. E depois de lhe haver proposto o visitar com elle uma Igreja fóra da Cidade, o tomou na sua carroça; e conduzindo-o apressadamente pelo espaço de algumas legoas, o entregou a dous Officiaes, que o esperavão, mandados pelo Imperador para o conduzirem a Constantinopla.

Recebendo, pois, o Santo com íntima dôr do seu coração a sagração episcopal no dia 26 de fevereiro do anno 398, applicou-se logo com sollicito desvelo a conhecer, e remediar as principaes indigencias do seu rebanho. Erão ellas sem numero, e de uma cura difficilima em uma côrte naquelle tempo a maior do mundo, e que acabava de ter por seu Bispo no espaço de dezeseis annos a um homem sem zêlo, nem sciencia, qual era Nectario, que do estado de leigo subíra aquella episcopal dignidade.

Assim, pois, o novo Bispo, procedendo na reforma com o seu proprio exemplo, exterminou do palacio episcopal todas as despezas superfluas, e se reduzio a uma vida pobre, não querendo ter moveis preciosos, nem trazer vestidos de seda. Usava de alimento ordinario, e comia sempre só, por causa das suas molestias, e para evitar a perda de tempo. E esta sua parcimonia se fazia util ao seu povo; dando-lhes meios, com que remediar aos necessitados, visitando, assistindo, e consolando por si mesmo aos pobres, encarcerados, e enfermos.

E não satisfeito o veneravel Bispo com prégar publicamente a Palavra de Deos, convidava aos que necessitavão de maior instrucção, para lh'a dar em sua casa, estando sempre prompto para responder a qualquer, quanto lhe podião permittir as suas funcções pastoraes. E particularmente se mostrava incançavel em prégar contra os theatros, e espectaculos profanos, que erão frequentes naquella grande côrte; usando de toda a prudente industria para retirar o seu povo daquelles vãos divertimentos, e de toda a especie de vicios, relaxações, e peccados.

Esta sua ardente caridade, e applicação infatigavel aos seus deveres lhe conciliou para logo o amor, e confidencia da maior parte do seu povo; e assim lhe foi facil o corrigir muitas desordens, estabelecer nas Igrejas, e casas particulares o canto dos Psalmos, e oração quotidiana. E ao mesmo passo retirando a muitos do jogo, e do ocio para uma vida seria, e virtuosamente occupada, em breve tempo, com grande consolação do seu espirito, se vio Constantinopla mudar de face.

E applicando-se depois com particular cuidado a reformar os costumes do clero, que estavão em grande desordem, obrigou aos seus ecclesiasticos a viver segundo as leis da Igreja, e especialmente lhes prohibio toda a conversação, e trato familiar com mulheres, que se havia introduzido a titulo de caridade. E havendo em Constantinopla muitos monges, que em vez de praticarem uma vida conveniente ao seu estado, giravão pelas ruas, e casas com escandalo manifesto do seu monastico instituto, o Santo, usando para com elles de uma justa severidade, os obrigou a emendar os seus indignos procedimentos.

Elle da mesma sorte costumava nos seus sermões reprehender com grande força, e com liberdade evangelica o luxo, o fasto, a vaidade, a avareza, e immodestia, tanto dos homens, como das mulheres; sem deixar jámais de censurar com summo zêlo todos estes, e outros vicios, e desordens, donde lhe resultárão em todo o genero de pessoas muitos, e poderosos inimigos, assim na côrte, como no clero. E por aqui se vio logo, que o extrahillo Deos de Antioquia (aonde não experimentára contradicção alguma) e elevallo ao throno episcopal de Constantinopla, foi para haver de o sacrificar por meio das maiores perseguições, que contra elle exercitárão, não já pelos pagãos, ou pelos hereges, mas pelos mesmos Catholicos, em que entravão muitos Bispos, monges, e Sacerdotes; e a principal causa foi o que agora diremos.

Certos solitarios, que Theofilo, Bispo de Alexandria, exterminára do Egypto, pelo falso pretexto

de serem hereges Originistas forão valer-se de S. João Chrysostomo, o qual os recebeo com caridade, ainda que sem os admittir á communhão, em quanto a sua causa não estava plenamente justificada. Logo, pois, que foi constante a pureza da sua Fé, escreveo o Santo a seo favor, rogando a Theofilo instantemente, que se dignasse de receber benigno aquelles innocentes solitarios.

Porém Theofilo, que era homem soberbo, feroz, e inexoravel, dando-se por offendido de que o nosso Santo protegesse a uns homens, que elle declarára por seus inimigos, tomou a resolução de o arruinar por todos os possiveis modos; para cujo effeito (por sua desgraça) se lhe abrio a porta, pela maneira seguinte.

Theofilo naquelle tempo teve ordem do Imperador para vir á côrte, afim de responder aos capitulos, que formavão contra elle os referidos monges do Egypto. E logo que alli chegou no mez de septembro do anno 403, com alguns Bispos do seu partido, o nosso Santo com instantes veras o mandou convidar para hospedar-se no seu palacio. Porém o soberbo maligno respondeo sómente ao mensageiro: « Dizei a quem me faz essa offerta, que lhe não quero ver a casa, e muito menos a pessoa. »

Entrando, pois, Theofilo a conferenciar com os inimigos do Santo (que como fica dito, erão alguns máos Bispos, ecclesiasticos escandalosos, e cortezãos libertinos) sobre o meio mais opportuno para arruinar a Chrysostomo, succedeo então o que mais poderião desejar para o seu intento, que foi desgostar do Santo a Imperatriz Eudoxia, por causa de um sermão, que elle prégou contra a vaidade das mulheres soberbas, e mundanas, e ella o reputou como dirigido á sua pessoa.

Aproveitando-se, pois, Theofilo desta para elle favoravel conjunctura, em poucos dias por tal modo se mudárão as cousas a seu respeito, que vindo réo de Alexandria para justificar-se em Constantinopla, se vio em estado de ser juiz do que elle tinha por seu maior inimigo. Porém os adversarios do Santo (ainda que seguros com a protecção do throno) não se attrevendo, por temor do povo, a congregarem-se em Constantinopla, elegêrão um logar visinho de Calcedonia, denominado *Carvalho*, aonde Theofilo com os 36 Bispos, que o seguião, teve o seu concilio contra S. João Chrysostomo; o qual entretanto estava com socego em sua casa, acompanhado de quarenta Bispos, igualmente escandalizados do injusto proceder de Theofilo, e dos seus partidistas indignos.

Com effeito, o grande Chrysostomo, sem perder cousa alguma da sua paz costumada, consolava, e exhortava aquelles seus socios a trabalhar nas suas Igrejas pela salvação das almas, não obstante qualquer mal, que a elle podesse acontecer. Mas que faremos nós outros (lhe perguntou um dos mesmos) se nos obrigarem a communicar com os vossos inimigos, e a subscrever a vossa condemnação? *Communicai com elles* (lhes respondeo o Santo) *por não dividir a Igreja; porém não subscrevais, porque eu estou innocente.*

E como aquelles Bispos amigos não cessavão de chorar, mostrando-se inconsolaveis pela grande perda que sobrevinha á Igreja de um Prelado tão util ao seu povo, e a todo o mundo, segundo a sua santidade, e a sua doutrina, procurou elle mitigar-lhes a dôr, dizendo-lhes entre outras cousas: *Suspendei o pranto, porque a minha vida é Christo, e a morte o meu lucro. Tende bem na lembrança o que eu sempre vos disse: A vida presente é um caminho, por onde passão igualmente, assim as cousas, que agradão, como as que molestão.*

Partírão entre tanto alguns máos ecclesiasticos de Constantinopla, afim de apresentarem no conciliabulo de Theofilo muitos capitulos de accusações falsas contra o seu veneravel Bispo. O qual, sendo depois citado para defender a sua causa, respondeo: que estava prompto para comparecer na assemblea, com tanto que lhe não fossem juizes Theofilo, e seus adherentes, notoriamente suspeitos, como seus inimigos declarados. Mas sem embargo deste protesto, tão racional, e tão justo, procedendo aquelles ímpios na condemnação por um modo totalmente irregular, Chrysostomo foi deposto; e o Imperador ordenou logo, que fosse expulso da sua Igreja, e conduzido ao degredo.

Chegando esta noticia ao povo, congregou-se ao redor do palacio episcopal com repetidas sentinellas, para haver de impedir o exterminio do seu Pastor. E o Santo neste intervallo fez ao mesmo povo um discurso, digno verdadeiramente de um heroe, como elle era, cheio de fé, e confiança na protecção divina, concluindo-o desta maneira:

« E que temos nós para temer? A morte? A « minha vida é Christo, e a morte o meu lucro. O « desterro? Toda a terra é do Senhor. A confisca- « ção dos bens? Nós nada trazemos ao entrar neste « mundo, e nada levaremos ao sahir delle. Em « summa, eu não temo a pobreza, nem os traba- « lhos, nem a morte; porque estou posto nas mãos « daquelle Senhor, que nunca desampara a quem « nelle confia. Digo, pois, e direi sempre: Senhor, « se quereis que eu fique, não repugno: se quereis « que eu parta, estou prompto. Faça-se em tudo, e « por tudo a vossa santa vontade. »

Com taes sentimentos de um coração tão generoso, passado já o terceiro dia depois da assignatura do degredo, o Santo, achando modo para sahir occultamente do palacio, e encontrando-se de proposito com os que tinhão ordem para o prender, o mettêrão logo em uma embarcação, e o transportárão para Bitinia, sem que por toda a viagem se lhe ouvissem mais do que estas palavras: *O Senhor o deo, o Senhor o tirou, como foi do seu agrado; seja, pois, o seu Nome eternamente bemdito.*

Mas havendo em Constantinopla na noite do dia seguinte ao exterminio do Santo um formidavel terremoto, que todos reputárão como effeito da divina vingança, a mesma Imperatriz, cheia de assombro, foi persuadir ao Imperador, que fizesse (como fez) retroceder ao Santo Bispo, passando para este effeito na mesma hora todas as ordens necessarias.

E divulgada a noticia de que o Santo vinha já perto da Cidade, correo a maior parte do povo a recebello com tochas accesas, cantando hymnos, e Psalmos. E conduzindo-o como em triunfo á Igreja dos Apostolos, entrárão todos a rogar-lhe com instancia, que subisse ao seu throno episcopal. Repugnava elle a receber esta honra, em quanto não justificava a sua innocencia. Mas, cedendo á instancia do povo, authorizada pelo Imperador, subio á cadeira, e fez um discurso cheio de amor, e ternura para com o seu povo, com que ficárão todos plenamente consolados, e satisfeitos.

Comtudo, pouco tempo esteve Chrysostomo exercitando em paz o seu ministerio, porque um novo incidente mudou a face das cousas, e metteo a Igreja em maiores desgraças. Havia-se levantado á Imperatriz na praça de Santa Sofia uma estatua, em cuja dedicação se fazião bailes, e espectaculos com tão altos gritos do povo, que perturbavão os officios divinos da Igreja cathedral, que lhe ficava defronte. E o Santo (sempre opposto a similhantes festejos causadores de innumeraveis desordens) subindo ao pulpito, ardendo em zêlo, declamou fortemente contra aquelle insulto, quasi feito á sua vista defronte da Igreja metropolitana.

Servírão-se logo desta occasião os seus inimigos para irritarem contra elle a Imperatriz Eudoxia, a qual, deveras indignada, jurando novamente a sua ruina, valeo-se dos Bispos contrarios ao Santo para pôr em pratica o seu intento. E assentando que o melhor meio era condemnallo em um concilio, Theofilo na mesma distancia, em que se achava, (porque ao entrar o Santo em Constantinopla, fugirá) guiou toda a empreza, suggerindo aos adversarios de Chrysostomo, que lhe imputassem, como delicto, o haver entrado nas funcções episcopaes, sem justificar-se primeiro em um concilio.

Era falso este pretexto, porque os canones que se dizião supplantados por Chrysostomo, não erão legitimos, havendo-se formado em Antioquia por Bispos Arianos contra Santo Athanasio. E além disto, o Santo restituio-se á sua sé, não por authoridade propria, mas por mandado do Imperador, e por uma especie de popular violencia. E sobre tudo, no congresso de sessenta Bispos se havia declarado nullo, e de nenhum vigor o que se processára contra o Santo no perfido concilio do *Carvalho*.

Mas, sem embargo de todas estas razões, os adversarios de Chrysostomo, e fautores da Imperatriz, congregando um novo concilio, e condemnando-o como réo, o julgárão deposto da sua dignidade, menos quarenta e dous Bispos, que se portárão constantes em defendello. E logo o Imperador, approvando a iniqua sentença, lhe fez intimar na manhã de Sabbado Santo, que não entrasse na Igreja, nem sahisse do palacio. A cuja ordem respondeo o Santo, que elle só por si não podia desamparar aquella Igreja, cujo governo lhe fôra commettido pelo mesmo Deos; em cujos termos, se o Imperador, como senhor absoluto, ordenava o contrario, o exterminasse por força, para que a sua authoridade lhe servisse como escusa de haver abandonado o seu povo.

Esta magananima resposta do veneravel Bispo deo occasião aos seus furiosos inimigos de usarem logo a maior violencia. Porque, obtida permissão do Imperador, mandárão tropas armadas á Igreja de Santa Sofia na mesma noite de Sabbado Santo, para dissiparem o rebanho, maltratando ao Pastor. Porque, entrando de improviso os ímpios soldados por entre a multidão de povo, que alli se achava, chegárão até o côro da capella mór; e pondo em fugida aos Ministros do Santuario, que alli se achavão com o Santo Bispo, profanárão por muitos modos aquelle venerando logar.

Vendo então os Sacerdotes, e Diaconos daquella Igreja, que não podião celebrar as funcções da Pascoa em companhia do seu Prelado, se congregárão com o povo, e com os Catecumenos, que tinhão de receber o baptismo em um logar proximo á côrte denominado *as Caldas de Constancio*. O que sabido logo pelos inimigos de Chrysostomo, fizerão que fosse alli enviado um official de guerra com gentes bastantes para desfazer aquelle congresso. O que elles cumprírão com inhumanidade tanta, que não só maltratárão, e ferírão, senão tambem matárão muitas pessoas de toda a sorte, e condição, excedendo as desordens, que pouco antes havião praticado na Igreja de Santa Sofia; e profanando por este modo aquella sacratissima festa, que é a gloria, e o jubilo da Igreja Santa, o terror, e confusão de todo o inferno.

Continuando entretanto S. João Chrysostomo a residir em Constantinopla, (talvez porque o Imperador se não atrevia a desterrallo por força) intentárão os seus inimigos dar fim á cruel tragedia, fazendo assassinar ao Santo na sua propria residencia. Porém como Deos o reservava para mais longos trabalhos, dissipou o conselho daquelles iniquos, não podendo os dous exectores romper as multiplicadas sentinellas, com que o povo de noite, e de dia, sem intermissão alguma, guardava todas as portas do episcopal palacio.

Forão então alguns Bispos (que erão os mais furiosos inimigos do Santo) representar ao Imperador, que em quanto estivesse João naquella côrte, não haveria quietação no povo, nem paz na Igreja, nem socego no Estado; e portanto se fazia indis-

pensavel que um tal homem, sem dilação alguma, fosse mandado em degredo; e movido aquelle Principe por tão repetidas, e encarecidas instancias, mandou no dia 20 de junho do anno 404 intimar da sua parte por um Notario publico a S. João Chrysostomo, que sahisse da Igreja, e do palacio, para ser conduzido a um desterro.

Julgou o Santo, que não devia resistir a este preceito; e sahindo do palacio para a Igreja proxima, alli, depois de uma breve oração, se despedio com as lagrimas nos olhos de alguns Bispos, que lhe assistião. E passando logo ao baptisterio, disse a umas devotas senhoras, que alli se achavão: (entre as quaes era uma a celebre Santa Olympia) *Amadas Filhas, vós não vereis mais a minha face, porque estou certo, que não terei muita demora em chegar ao termo da minha vida. Rogo-vos, pois, que vos conserveis firmes na fiel pratica da virtude, e no ardente amor para com a Santa Igreja.*

E sahindo logo pela parte oriental do templo, em quanto o povo se achava na parte opposta, (o que elle fez para evitar alguma sublevação, que podia acontecer, se visse o mesmo povo, que lhe roubavão com violencia o seu Pastor) se foi metter nas mãos dos soldados, que o esperavão para o conduzirem a Bitinia; aonde, assim que alli chegou, achou expressa ordem da côrte para ser transferido sem demora a cumprir o seu degredo em Cucuso, que era uma miseravel Cidade, situada entre os desertos proximos ao monte Tauro nos confins da Armenia.

E como os conductores do Santo o fazião viajar sem socego por um Paiz, em que os raios do sol são ardentissimos naquella estação, e não havia fontes, nem outro alimento mais do que pão duro por aquelle deserto, chegou Chrysostomo ardendo em febres, e quasi morto á Cidade de Cesaréa, capital da Cappadocia, aonde com effeito, demorando-se por uns poucos dias, poderia recobrar algum esforço. Porém Farétrio, Bispo daquella Cidade, não só por inveja das honras, que o Santo alli recebia das principaes pessoas, senão muito mais pelo temor de desagradar á côrte, e principalmente á Imperatriz, valendo-se de uma tropa de relaxados, e facinorosos monges, o fez sahir logo da Cidade, e pouco depois, de uma proxima Villa aonde uma pia, e nobre senhora o recolhêra.

Ultimamente, apesar de tantos, e tão pesados incommodos, chegando Chrysostomo a Cucuso no fim do mez de agosto, lhe pareceo (como elle depois dizia) que entrára na posse de um grande thesouro; porque, não obstante o ser aquelle Paiz um dos mais desprovidos do mundo, e summamente destemperado nas estações do tempo, dispoz Deos, que um principal cortezão, por nome Dióscoro, conduzisse com singular apreço aquelle grande hospede para sua casa; e que o Bispo daquella Cidade o tratasse com todo affecto, digno do seu alto merecimento. O que junto aos copiosos, e continuos soccorros, que de varias partes lhe enviavão os seus amigos, estava o Santo provido, não só do necessario á sua pessoa, senão que ainda lhe sobejavão dinheiros para remir não poucos escravos, e soccorrer varias familias pobres por todos aquelles contornos.

Corria já o terceiro anno desde que este heroe da Igreja se achava em Cucuso, onde, sem embargo das suas muitas, e penosas molestias (causadas principalmente pelo excessivo rigor do frio) a sua ardente caridade se empregava com o maior affecto, quanto lhe era possivel, no bem espiritual e temporal de todas aquellas gentes, quando no anno 406, sahindo a campo em numerosas turmas os ladrões Isauros, com intento de sitiar, e saquear a Cidade de Cucuso, vio-se o Santo obrigado a fugir no rigor do inverno, e andar vagando pelo interior dos bosques, e cavernas dos montes, até poder refugiar-se na fortaleza de Arabiso, distante de Cucuso pouco menos de vinte legoas.

Retirados os ladrões Isauros, poude o Santo voltar para Cucuso. Mas pouco tempo depois, vendo os seus inimigos, que o seu credito, e estimação naquella Cidade cada vez erão maiores, o fizerão conduzir de novo para a mesma fortaleza de Arabiso; e ultimamente, constando áquelles impios, que o Santo Bispo alli gozava boa saude, mandárão da côrte uma nova ordem, que lhe mudava o degredo para Pitiúnto, Cidade quasi deserta, e tão distante, que era a ultima do Imperio na parte oriental do Ponto Euxino.

Para este effeito enviárão a dous officiaes, com promessas de adiantamento, se o Santo morresse no caminho. E assim, chegados que forão, o fizerão partir sem demora, e sem lhe permittirem descanço na viagem, por maiores que fossem os frios, ou as chuvas, e algumas vezes os ardores do sol; e até lhe não permittião alojar-se nas Cidades, e logares populosos, aonde poderia encontrar algum allivio; mas antes de proposito pensado o fazião pernoitar em algum miseravel logarejo, aonde sabião que faltava tudo.

Continuando, pois, o Santo Bispo com todos estes, e outros incommodos á sua penosa viagem até á Cidade de Comana no Ponto, quizerão os barbaros conductores que passasse adiante, para ficar em uma casa proxima á Igreja do Martyr S. Basilio, o qual, apparecendo-lhe naquella noite, lhe disse: *Animo, João, irmão meu, pois ámanhã estaremos juntos no mesmo logar.* E assegurando-se o Santo sobre esta revelação de estar vizinha a sua morte, rogou aos conductores, que demorassem a partida até á uma hora depois do meio dia, o que elles não concedêrão; mas depois de haverem caminhado quasi uma legoa, vírão-se obrigados a voltar para a mesma casa donde sahírão, porque o Santo se achava no extremo da vida.

Logo, pois, que alli chegou, pedio que lhe vestissem uma tunica branca, e depois distribuindo aos assistentes o pouco que lhe restava, recebeo a Santissima Eucaristia, fez a sua ultima oração, concluindo-a com as palavras que frequentemente repetia — *seja Deos por tudo louvado;* e formando sobre si o signal da Cruz, ao dizer *Amen*, rendeo a alma a Deos no dia 14 de septembro do anno 407, e sexagesimo da sua vida, depois de nove annos e meio do seu bispado, e quasi tres do seu degredo.

Divulgada a noticia de ser fallecido o Santo Prelado, concorrêrão varias pessoas de todas as terras circumvizinhas, e assistírão com muitas lagrimas ao enterro do seu corpo naquella Igreja de S. Basilio. Donde, passados pouco menos de trinta annos, foi transferido para Constantinopla por ordem do Imperador Theodosio, o Moço, a instancias de São Proculo, que então occupava a cadeira episcopal daquella côrte.

Fez-se esta função com a maior solemnidade que foi possivel, porque levado o caixão, em que descançava inteiramente incorrupto o corpo do Santo até o porto de Calcedonia, aonde o esperava o Imperador com uma inteira armada de navios grandes, e pequenos, pomposamente adornados, alli com summa reverencia prostrado de joelhos o recebeo na sua capitania aquelle Principe entre o alegre estrondo de acclamações geraes, e hormonicos instrumentos.

Porém maior foi o applauso logo que a armada chegou a Constantinopla, porque todo o seu porto estava coberto de embarcações adornadas, e rodeadas de luzes, aonde chegando á praia o sagrado cadaver, foi collocado na carroça imperial: e ordenando-se logo uma procissão solemnissima até o magnifico templo dos Apostolos, fazião muito mais alegre esta devotissima função os mudos que por meritos do Santo desatavão as linguas, os surdos que recuperavão o ouvido, os tolhidos, que caminhavão cheios de jubilo, os cegos, que abrião os olhos, e outros muitos enfermos, que recobravão inteira saude.

Ultimamente, collodado no presbysterio o veneravel deposito, abrio o Patriarcha o caixão; e para maior consolação dos assistentes, ordenou que se collocasse o Santo Bispo no seu throno, e episcopal cadeira. O que assim feito pelos Ministros paramentados com a devoção, e reverencia devida, foi qual se póde julgar a commoção, e ternura em todo o povo, á vista de um tão novo espectaculo; e muito mais quando logo alli mesmo, abrindo o Santo Bispo os seus labios, com voz clara, magestosa, e distincta proferio estas duas palavras: *Pax vobis*: a Paz seja comvosco.

Aqui, pois, ouvindo isto, crescêrão as acclamações, renovarão-se os devotos prantos, e o mesmo Imperador, prostrado aos pés do Santo Padre, não sabía como acabar, ou de banhallos com suas lagrimas, ou de imprimir nelles repetidos osculos, até que, quasi por força, lh'o tirárão diante para o depositar em um magestoso sepulchro proximo ao altar mór em tal dia como hoje do anno 438 da Era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O Apostolico zêlo da gloria de Deos, e salvação das almas, de que estava cheio S. João Chrysostomo, o fez superior a todo o respeito humano; e por mais que soubesse que desagradava aos grandes do seculo, e á mesma côrte imperial, nunca deixou de cumprir o seu ministerio, censurando livremente todos os vicios. Veneremos, pois, e abracemos aquellas verdades, que elle prégou, e confirmou com a jactura da honra para com o mundo, e com a perda da sua dignidade, e da mesma vida.

E por outra parte, imprimâmos altamente em os nossos corações aquella grande maxima do Santo Doutor, de que não ha cousa alguma neste mundo, que mais se deva temer, do que o peccado, e offensa de Deos; e assim mesmo aquellas palavras, que o Santo frequentemente repetia: Seja Deos por tudo louvado. Faça-se em tudo a sua Santa vontade, *afim de nos conservarmos isentos de toda a culpa, e sempre fieis a Deos, ainda no tempo das afflicções, por onde mereçâmos depois da presente vida chegar ao porto da felicidade eterna.*

JANEIRO — 28.

DE

SANTA PAULA ROMANA.

NO SECULO IV.

O Doutor Maximo S. Jeronymo, Director espiritual desta Santa, escreveo exactamente a sua vida, a qual se acha nas cartas do mesmo Santo Doutor, e é referida (entre outras) pelo celebre Rosweido no Livro 1.º das Vidas dos Padres do Ermo.

Santa Paula nasceo em Roma no anno do Senhor 347 de uma familia das mais illustres, que então havia naquella capital do mundo, a qual contava entre os seus antepassados os Scipiões, os Gracchos, e os Paulos Emilios, além de outros varões insignes da republica romana, e era tambem possuidora de copiosas riquezas. Ella casou com Tossozio (que em nobreza, e bens lhe era igual) de quem teve um filho, que tomou o nome do pai, e quatro filhas, Rufina, que morreo na sua infancia, Blesilla, Paulina, e Eustoquia, celebres todas tres por sua grande santidade.

Vivia Paula no estado matrimonial por um modo irreprehensivel aos olhos do mundo, mas a sua virtude era meramente humana; porque se bem Christã, não conhecia o espirito do Christianismo; e tratando-se como as outras senhoras da sua qualidade, praticava uma vida deliciosa, dada ao luxo, aos divertimentos, e vaidades do seculo. Ficando, pois, viuva na idade de trinta e dous annos, o misericordioso Deos, para desapegalla do mundo, e conduzilla á maior perfeição, servio-se de Santa Marcella, senhora romana, muito sua amiga, a qual com a sua virtuosa doçura insinuando-se no coração de Paula, lhe inspirou o sincero desejo de observar uma vida Christã conforme ao Santo Evangelho.

Veio então a Roma o Doutor Maximo S. Jeronymo, aonde se demorou por tres annos; e tendo occasião de conhecer a Santa Paula, procurou com suas saudaveis admoestações não só confirmalla nos seus santos propositos, senão ainda exhortalla a crescer sempre mais na virtuosa perfeição; e então foi (diz o mesmo Santo) que ella arvorou o estandarte da Cruz, e se consagrou inteiramente a servir a Deos, abandonando as delicias, e preciosas gallas, e abraçando com resolução generosa uma vida penitente, e mortificada.

Além disto o ardente amor, que Paula tinha a Deos, estendendo-se para com o proximo, empregava em largas esmolas aquelle dinheiro, que antes dispendia no luxo, e pompas do seculo, obrando a este respeito com profusão tão generosa, que parecia querer consumir para logo as suas grandes riquezas; e quando os seus parentes lhe censuravão o querer por aquelle modo empobrecer os seus filhos, ella respondia: que na protecção, e misericordia divina deixava a seus filhos um patrimonio, e uma herança muito maior do que a sua.

Tambem S. Jeronymo, vendo que não satisfeita Paula com dispender o que tinha, passava a pedir emprestadas não pequenas quantias para remediar necessidades alheias, julgou-se obrigado a persuadir-lhe que se limitasse nas suas esmolas, porque ninguem se deve fazer pobre para soccorrer aos outros; até no mesmo Evangelho se diz, que o que tem dous vestidos, basta que dê um por esmola, ao que ella respondeo: *Se eu me visse reduzida a padecer necessidade, acharia talvez quem me soccorresse; e por outra parte, eu seria responsavel a Deos, de que um pobre morresse de fome, podendo eu remediallo, ainda por via de emprestimo; quanto mais, que eu gostaria de morrer tão pobre, que faltando-me tudo, me sepultassem por caridade.*

E como á medida do prazer que experimentava Paula no serviço de Deos, se lhe augmentava o desgosto para as cousas do mundo, por onde se lhe fazia insupportavel a vida tumultuosa, e distrahida na côrte de Roma, tomou a resolução de retirar-se para a Palestina, para onde se ausentára de todo o seu director S. Jeronymo. E com effeito, sem embargo das supplicas, e lagrimas dos filhos, parentes, e amigos, nos primeiros dias do mez de septembro do anno 385 embarcou para aquellas partes, sómente acompanhada de Eustoquia sua filha. E encontrando ainda a S. Jeronymo na Cidade de Antioquia, dalli montada sobre um vil jumentinho (aquella mesma, que andava antes em carroças douradas) se encaminhou para Jerusalem no coração do inverno.

Chegada, pois, á Cidade Santa, recolheo-se em uma pobre casinha, recusando o nobre alojamento, que o Governador lhe tinha preparado. E depois de

visitar com sentimento de grande piedade, e ternura todos os logares santificados com a presença corporal, e sagrados Mysterios do divino Salvador, quiz fazer viagem ao Egypto, afim de ver com seus proprios olhos os prodigios, de que ouvíra fallar estando em Roma, e visitar os monges, e anacoretas, que habitavão naquelles desertos, não por curiosidade, mas para aproveitar-se dos seus exemplos, e das suas palavras, e entrar com maior vigor na vida penitente.

Voltando Paula para a Palestina, estabeleceo a sua residencia em Belém, para conservar presente a lembrança das humilhações profundas do Filho de Deos, tão abatido por nosso amor, e salvação, que se dignou de nascer em um presepio. E com effeito, alli habitou Paula todo um triennio em uma vil choupana, até que fez fabricar um hospital magnifico, para recolher os peregrinos, que vinhão visitar aquelles Santos Logares, e dous grandes mosteiros, um para homens, que governava S. Jeronymo, e outro para mulheres, aonde ella se recolheo com sua filha Eustoquia, e de cujo governo se encarregou a rogos do mesmo Santo seu director; supposto que ella se empregava sempre nos officios mais baixos do mesmo mosteiro, reputando-se pela ultima, e mais desprezivel de todas.

O habito destas santas religiosas era de panno ordinario, e grosseiro: cantavão de dia, e de noite nas suas proprias horas o Officio divino: comião todas juntas com parcimonia, e jejuns frequentes: no tempo que restava do côro applicavão-se ao trabalho com que fazião os seus habitos, e vestidos para os pobres: só nos dias de festa sahião do mosteiro até á Igreja proxima, para ouvirem a palavra de Deos, e assistirem ao sacrificio da Missa: erão todas obrigadas a saber de cór o Psalterio, e aprenderem cada dia, tambem de memoria, alguma cousa da Sagrada Escriptura; e não lhes era permittido possuirem cousa alguma em particular, devendo contentar-se com o vestido, e alimento, que o commum sem falta lhes ministrava.

Governava, pois, Santa Paula esta religiosa communidade com grande prudencia, e singular caridade, animando a todas com as suas instrucções, e muito mais com o seu exemplo, para a devida pratica das virtudes Christãs. Se via que alguma cuidava do seu corpo com excesso, suavemente a reprehendia, e principalmente no que tocava á compostura do vestido; dizendo que o demasiado asseio nesta parte coinquinava a pureza do espirito. Ella queria que as de menos annos mortificassem as suas carnes com jejuns mais vigorosos; dizendo que para a robusteza do espirito concorria mais o estomago fraco.

Porém ella excedia a todas nas humilhações, nas vigilias, nas mortificações, e abstinencias, dormindo sempre sobre a nua terra, coberta só com uma grosseira manta. E quando se recordava da vida deliciosa que tivera no seculo, e particularmente quando commettia algum defeito, era tal a sua compunção, e tão vehemente a sua dôr, que o mesmo S. Jeronymo, receando que ella perdesse a vista pelas continuas lagrimas, quando não abreviasse a vida com as demasiadas penitencias, lhe rogou com instancia, que a este respeito se moderasse um pouco; cuidando ao mesmo passo em conservar a vista, para poder continuar a lição da Sagrada Escriptura...

Ao que respondeo a Santa estas memoraveis palavras: *Deve-se desfigurar com o pranto aquelle rosto, que algum tempo se pintou para agradar ao mundo. Deve-se affligir aquelle corpo, que se deo com excesso ao regalo. Devem-se lavar com lagrimas continuas as profundas nodoas, que imprimirão na alma as alegrias mundanas. Devem-se mudar em asperrimos cilicios todos os superfluos preciosos adornos. Em summa, depois de haver por tantos modos, em tantos tempos, e com tanto excesso procurado agradar ao mundo, e ao marido, só devo aspirar, e querer agradar a meu Senhor Jesu Christo.*

As maiores delicias de Paula erão ler, e meditar as palavras da Santa Escriptura, e para entender melhor o seu sentido, aprendeo a lingua hebraica ainda quando morava em Roma, e quasi toda a sabia de memoria; e depois que se estabeleceo em Belém, repassava com sua filha Eustoquia o Antigo, e Novo Testamento, fazendo-se explicar por S. Jeronymo as difficuldades que encontravão em algum Texto. E ultimamente, havendo a Santa alli passado pouco menos de dezoito annos no exercicio da humildade, penitencia, e caridade, cahio mortalmente enferma, ou antes (como diz o mesmo S. Jeronymo) obteve o que mais desejava, deixando de habitar entre as creaturas na terra, para unir-se perfeitamente a Deos entre os seus Anjos no Ceo.

Assim, pois, a vizinhança da morte não lhe causou perturbação alguma, antes recitando continuamente os versos dos Psalmos, que exprimião o seu ardente desejo de ir gozar a gloria celeste, chegou á sua ultima suspirada hora no dia 26 de janeiro do anno 404, e quinquagesimo setimo da sua idade. O seu funeral parecia um glorioso triunfo, porque erão nelle continuos os canticos de graças a Deos, pelas copiosas bençãos que se dignou conceder a esta sua Serva, cujo corpo foi levado á Igreja por alguns Bispos, e collocado em um sepulchro defronte do presepio de Nosso Senhor Jesu Christo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A vida de Santa Paula antes de converter-se inteiramente a Deos parecia irreprehensivel aos olhos das gentes, e comtudo não era assim na presença do mesmo Senhor, porque satisfeita ella só com

uma honestidade natural entre os prazeres, e vaidades do mundo, nada tinha no mesmo tempo do verdadeiro Espirito de Jesu Christo. Mas felicissima Paula, que achou uma fiel amiga, qual foi Santa Marcella, e um Director illuminado qual foi S. Jeronymo, que a fizerão conhecer o seu engano, e a mettêrão na estrada do Evangelho.

Venturosas, pois, são aquellas almas, que por favor do Ceo encontrão com alguma pessoa illustrada, de que recebão saudaveis documentos para entrarem, e proseguirem com fervor na pratica da vida Christã. Por isso com razão dizem os Santos Doutores, que, para evitar os innumeraveis perigos de errar no caminho da salvação, se deve procurar, a bem de dizer, entre muitos mil, um fiel, e sabio director, que nos conduza no caminho, por onde se vai ao Ceo.

Em cujos termos, todo aquelle, que com um coração recto, e simples, e um efficaz desejo de agradar a Deos, e salvar-se, roga para este effeito instantemente ao mesmo Senhor, póde ter a certeza de que o ha de conseguir. E pelo contrario, todo aquelle que com animo distrahido quer juntamente servir a Deos, e ao mundo, unindo a pratica da devoção, e algumas boas obras, com a lisonja das paixões, e criminaes concupiscencias, corre manifesto perigo de encontrar com um director cego, que deixando-o caminhar pela estrada larga da vontade propria, vá cahir no fim da carreira no fatal precipicio da perdição eterna.

JANEIRO — 29.

DE

S. FRANCISCO DE SALES,

BISPO, E PRINCIPE DE GENÉBRA.

NO SECULO XVI, E XVII.

Tirada dos seus escriptos, da bulla da sua canonização, e de varias Historias da sua vida, dadas á luz por Carlos Augusto de Sales, irmão, e successor do mesmo Santo no seu bispado.

No anno de 1567 nasceo Francisco no Castello de Sales, bispado de Genébra. Forão seus pais o Conde Francisco de Sales, e Francisca de Sionas, ambos de sangue illustre, e piedade eminente, com que fazião grandes esmolas, principalmente áquelles Catholicos, que expulsos pelos hereges do seu Paiz se vião privados dos proprios bens. E nascendo Francisco no fim do seu setimo mez, sahio com uma constituição tão delicada, que varias vezes esteve em perigo de vida; porém depois com o tempo, contra a expectativa de todos, chegou a ter um temperamento robusto.

Desde os seus primeiros annos mostrou elle uma grande propensão para o bem, e uma singular docilidade em receber as instrucções, que lhe dava a Condessa sua Mãi; a qual se desvelava muito em lhe instillar com a piedade uma terna devoção para com a Santissima Virgem, que elle conservou sempre em toda a sua vida. Ella tambem, desde que este seu filho poude andar por si mesmo, o conduzia pela sua propria mão á Igreja, e lhe inspirava um profundo respeito para com aquelle Logar Santo, e para qualquer exercicio da Religião. E queria assim mesmo, que sempre a acompanhasse, quando visitava os pobres, e lhes fizesse os pequenos serviços de que era capaz, distribuindo-lhes por sua propria mão as esmolas.

Correspondia Francisco perfeitamente aos pios desejos da virtuosa mãi. Ouvia Missa, e fazia as suas orações com um recolhimento, e devoção muito superior á sua idade; e todas as suas acções, e discursos erão acompanhados de uma modestia, e singular doçura. Era cordialmente sincero, e tinha um tal horror á mentira, que ainda comettendo alguns defeitos daquelles que são ordinarios nos meninos, queria mais sujeitar-se ao castigo, do que evitallo por via do engano. E o seu amor para com os pobres era tal, que, não satisfeito com os pequenos donativos, que lhe concedia sua mãi para soccorrellos, pedia outros para isto mesmo aos seus parentes, e amigos, e até lhes dava uma boa parte do seu proprio alimento.

A Condessa de Sales, reconhecendo os ordinarios perigos que acontecem nas escolas publicas, queria tomar mestres capazes, que no proprio palacio ensinassem a seu filho as letras humanas. Mas o Conde seu pai, sabendo que a emulação entre os condiscipulos concorre muito para os seus littera-

rios progressos, quiz que seu filho logo na idade de seis annos fosse ter nos collegios da Rocha, e de Annecy os seus primeiros estudos. E como á sua excellente memoria, e penetração viva, ajuntava elle uma applicação grande, brevemente excedeo a todos os mais da sua idade.

O que bem advertido pelo discreto, e pio Conde de Sales, resolveo no anno de 1578 que fosse Francisco acabar os seus estudos na universidade de París. E vendo então a Condessa, que elle por muito tempo se ausentava dos seus olhos, recommendava-lhe sobre tudo o amor de Deos, e da oração; o odio do peccado, e das occasiões que o facilitão, repetindo-lhe muitas vezes o que a Rainha Dona Blanca costumava dizer a S. Luiz: *Meu filho, eu mais quizera ver-te morto, do que tu commettesses algum mortal delicto.*

Conduzindo, pois, a París o gracioso menino, em companhia de um Sacerdote habil, e virtuoso, estudou com feliz successo a rhetorica, e filosofia no collegio dos Padres Jesuitas. Passou depois para a academia, afim de aprender o montar a cavallo, dançar, jogar as armas, e tudo mais que um Fidalgo da sua qualidade não devia ignorar. E supposto que estes exercicios não erão do seu gosto, elle comtudo, como obedientissimo executor da vontade de seus pais, instruio-se muito bem no que alli se ensinava. E por ultimo passou a tomar conhecimento das linguas hebraica, e grega com o famoso mestre Genebrardo, e a instruir-se na theologia positiva com o celebre Jesuita Maldonado, gastando quasi seis annos em todos estes estudos.

E entretanto dava tambem Francisco uma boa parte do tempo aos exercicios de piedade, para animar todas as suas acções com o espirito do Christianismo. O seu maior prazer era ler, e meditar a Sagrada Escriptura; e depois deste livro divino, fazia tanto apreço do que tem por titulo *Combate Espiritual*, que o trazia sempre comsigo, para ler nelle quotidianamente algum capitulo.

Tratava Francisco naquella côrte só com pessoas virtuosas, e particularmente com o Padre Angelo de Joyeuse, que, abandonando o mundo, e os altos titulos de Duque, e Marechal de França, se fizera Religioso Capuchinho. E com effeito, as frequentes praticas com este santo homem sobre a virtude da pureza, e mortificação voluntaria movêrão o devoto mancebo a fazer voto de castidade perpetua, e accrescentar ás suas devoções ordinarias tres dias de cilicio em cada semana, como observou por toda a vida.

Porém, chegado o momento, em que Deos queria provar a constancia do seu Servo, insensivelmente se encheo de trévas o seu espirito; uma agitação violenta entrou no logar da paz profunda, que antes gozava; seguio-se-lhe depois uma desabrida seccura, e inconsolavel melancolia, por onde entrando a temer, e talvez a persuadir-se que tinha de ser infeliz por toda a eternidade, esta horrenda situação (de que só podem formar uma justa idéa os que se tem visto em taes circumstancias) lhe fazia passar os dias, e noites gemendo, e chorando, sem descanço, nem consolação alguma.

Porém Deos, que para os seus servos sempre depois da tempestade conduz a bonança, permittio que entrando Francisco na Igreja de Santo Estevão, sentisse animada a sua confiança, vendo uma pintura da Santissima Virgem. Prostrado, pois, diante da Imagem da Mãi de Deos, e julgando-se indigno de orar directamente ao Eterno Pai, rogou com a mais profunda humildade á divina Senhora, que intercedesse a seu favor, para que ao menos lhe conseguisse a graça de amar a Deos com todo o seu coração sobre a terra, se elle fosse tão infeliz depois da morte, que o houvesse de aborrecer eternamente. Acabada esta oração humilde, sentio logo Francisco desapparecer a negra nuvem, que como um pêso immenso lhe opprimia, e perturbava o espirito; com o que recobrou sem demora o espiritual socego, que antecedentemente gozava.

Querendo então o Conde de Sales que seu filho se aperfeiçoasse, e concluisse os seus estudos na universidade de Padua, alli o enviou no anno de 1584, dirigido com recommendação particular ao celebre Doutor Pancyróla. Porém elle, ainda que applicava todos os meios para chegar a ser sabio, procurava mais por todos os modos subir á perfeição do espirito. Para cujo effeito, com a direcção do pio, e sabio Jesuita Possevino se formou um regulamento de vida, o qual continha entre outras cousas — que faria todo o esforço para se conservar sempre na presença de Deos; que applicaria, e faria tudo para conciliar, e merecer o seu divino agrado; que imploraria o soccorro da sua Graça no principio de qualquer obra, &c. Por este modo, e com outros espirituaes exercicios se conservou Francisco sempre inculpavel, por mais redes que os libertinos quizerão armar á sua innocencia.

Sobreveio-lhe naquelle tempo uma perigosa enfermidade, em que mostrou com evidencia, quanto era o seu desapego do mundo, e a submissão em que estava aos decretos da Providencia divina. Chamárão-se os medicos mais peritos, que havia naquella Cidade, e por todas as suas vizinhanças, os quaes, depois de applicarem inutilmente todos os possiveis remedios, declarárão que o mal era absolutamente incuravel. E o virtuoso enfermo, naquelle perigoso estado, conservava-se não só sem o menor susto, senão ainda esperando com summo prazer o feliz momento, em que a sua alma, livre das prisões do corpo, poderia entrar no Paraizo, e prostrar-se ante o throno da Suprema Divindade.

E perguntando-lhe seu mestre, penetrado de intima dôr, e todo banhado em lagrimas: « Que determinava do seu corpo para depois do seu transito? » Respondeo logo: *Entregue-se aos praticantes*

da anatomia, que poderá servir por este modo de alguma utilidade ao publico. Porém Deos, que tinha outros designios sobre o seu Servo, lhe restituio brevemente a saude, contra a esperança de todos, com que o pôz em estado de poder continuar os seus estudos até receber o gráo de Doutor entre os maiores elogios dos sabios, dignamente merecidos pelos seus sublimes talentos,

Achava-se então Francisco na idade de vinte e quatro annos; e a tempo que se dispunha para restituir-se á patria, recebeo uma carta de seu pai, em que lhe ordenava, que viajasse primeiro pelas mais terras da Italia. Partio, pois, para Roma, aonde o seu primeiro cuidado foi visitar os sagrados templos, e sepulchros dos Santos Martyres com inexplicavel ternura do seu espirito. E as mesmas ruinas do esplendor, e magnificencia da antiga Roma, fazendo-lhe ver o desprezivel nada das grandezas mundanas, lhe apertavão mais os estreitos laços, que o tinhão unido ao serviço de Deos.

Ultimamente, depois de visitar com summa devoção a santa casa do Loreto, e haver discorrido pelas principaes terras da Italia, chegou Francisco á sua patria, aonde toda a sua familia (que o esperava no palacio de Thuilo) o recebeo com o maior jubilo; porque nelle fundavão os seus pais, e parentes as mais bellas esperanças, vendo unidas na sua pessoa as qualidades mais sublimes, que para todos o fazião amavel. E como elle era o primogenito da sua casa, seu pai lhe propoz uma digna alliança, que lhe havia destinado, e lhe apresentou as provisões, que conseguíra do Duque de Saboia para o cargo de Conselheiro no Senado de Chambery.

Recusou elle um, e outro partido, ainda que sem declarar, que todo o seu desejo era seguir o estado ecclesiastico. E para conferir com seu pai a este respeito, elegeo por interlocutor a seu mestre. Porém este, não querendo encarregar-se de uma commissão tão delicada, empregou antes todo o credito que tinha para com o mesmo discipulo, afim de o fazer abandonar uma tal resolução. E assim lhe representou fortemente: que sendo elle o primogenito da sua familia, não devia transtornar a ordem da natureza; que esta mesma qualidade o obrigava a ficar no mundo, para conservação da sua casa; que este era o fim, a que se dirigião os cuidados que se tomárão para a sua educação; e que todos se podião salvar no mundo, estando alli collocados por ordem da divina Providencia.

Vendo então Francisco que era seu mestre de parecer differente, dirigio-se a Luiz de Sales, seu primo, e Conego da cathedral de Genébra, para conseguir o consenso de seu pai, pela grande amizade, que com elle tinha. E com effeito, elle com tão prudente efficacia soube manejar o proposto negocio, que, apesar de difficuldades grandes, obteve por ultimo o pertendido consenso. E fallecendo no mesmo tempo o Parocho da Igreja de Genébra, Luiz de Sales, sem mais demora, pedio, e obteve do Papa este beneficio para o seu parente. Do que admirado Francisco (que inteiramente ignorava as occultas diligencias daquelle seu primo), não só não estimou, mas antes lhe custou muito o resolver-se a tomar posse daquella nova dignidade.

Logo, pois, que recebeo Francisco a sagrada ordem de Diacono, o seu Bispo lhe encarregou o ministerio da palavra; e com tão feliz successo, que os seus primeiros sermões lhe conciliárão logo uma grande reputação, e produzírão copiosos fructos; o que não é para admirar, porque elle possuia todas as bellas qualidades, que se podem desejar para um tão alto ministerio. A sua figura era grave, e modesta; a sua voz forte, e agradavel; as acções vivas e animadas; e tudo natural sem a menor affectação; fazendo bem ver, que a instrucção que dava aos outros procedia do interior do seu espirito: para cujo effeito, como estava bem certo de que um Prégador, se não é homem de oração, não póde produzir espiritual fructo, sempre que havia de prégar ao povo fazia o seu principal estudo aos pés do Senhor Crucificado.

Preparando-se depois para a sagrada ordem de Presbytero com um fervor todo celeste, logo que recebeo a imposição das mãos, ficou cheio do espirito sacerdotal; e fazendo-se logo um dever perpetuo de celebrar todos os dias o Sacrificio Augusto, elle o praticava sempre com uma piedade tal, que em todos os que o vião excitava a mais terna devoção. Depois da Missa (que de modo ordinario celebrava de manhã cedo) ouvia as confissões dos penitentes, que occorrião; e depois (se as outras occupações lhe davão tempo) hia pelos logares pequenos instruir aquella porção do rebanho de Christo, que vive ordinariamente na mais profunda ignorancia dos seus deveres.

E porque elle se compadecia muito daquelles miseraveis camponezes, como se fossem na verdade seus filhos, alli se demorava, quanto mais podia, visitando os enfermos, soccorrendo os pobres, instruindo, e tratando a todos com aquella especial doçura, que fazendo-o todo para todos, sempre se fazia amavel.

Adquirio Francisco esta especiosa virtude á força de muitos combates, porque o seu temperamento era vivo, e naturalmente colerico. Porém elle desde a sua mocidade fez tão grandes esforços para rebater os impulsos da natureza, e estudou com tanta efficacia na escola de um Deos doce, e humilde de coração, que chegou felizmente a estabelecer sobre as ruinas da sua paixão dominante o reino de uma virtude, que muito o distingue entre os mais Santos, e lhe produzio o glorioso triunfo de setenta e dous mil Calvinistas, que arrancou do seio da heresia, fazendo-lhes conhecer, e renunciar os seus erros.

Para melhor conhecimento destes seus trabalhos apostolicos, devemos tomar as cousas um pouco mais acima. Recusando Genébra obedecer ao seu Bispo, e ao Duque de Saboya, seus legitimos Principes, se havia levantado em Republica, e constituido centro do Calvinismo. Depois disto, os mesmos genebrezes conquistárão o Ducado de Chablé e os Bailiados de Gex, Terni, e Galhard; ao mesmo tempo que os suissos protestantes do cantão de Berne se fizerão senhores do Paiz de Vod; e uns, e outros, desterrando a Religião Catholica daquellas terras, substituírão a heresia de Calvino, que alli reinou sessenta annos.

Porém Deos não permittio que elles gozassem por mais tempo do fructo da sua usurpação. Por quanto, o famoso Carlos Manoel, Duque de Saboya, recobrando á força de armas o Ducado de Chablé, e os tres Bailiados, empregou o seu primeiro cuidado em restabelecer alli a Fé sobre as ruinas do erro. Para cujo effeito escreveo logo o mesmo Principe ao Bispo de Genébra, afim de lhe communicar nesta parte os seus pios desejos, e lhe pedir para a sua execução os precisos missionarios.

Vista, pois, esta empreza só com os olhos da prudencia humana, parecia absolutamente impraticavel, e por tal a tiverão todos aquelles ecclesiasticos, a quem o mesmo Bispo expoz este projecto. Antes em vez de se offerecerem para o emprehender, empregavão as mais fortes razões para o dissuadir. E este sem duvida sería o final termo, se o virtuoso Francisco, mais ardente, e mais zeloso que todos os outros, se não offerecesse com gosto para aquella empreza, e não seguisse logo o seu exemplo o Conego Luiz de Sales, seu parente, e bom amigo. Resolvendo-se, pois, o Bispo a começar a missão com estes dous operarios, persuadio-se com bem fundadas esperanças, de que Deos não deixaria de abençoar-lhe as suas apostolicas fadigas.

Teve então Francisco para vencer tudo o que era mais capaz de commover a um coração terno, como era o seu, sobre o desprazer de todos os seus amigos, e mais que tudo, sem embargo da authoridade de seu pai, que desapprovava altamente aquella empreza, as lagrimas de sua mãi, que olhava com espanto para os grandes perigos, a que o amado filho ficava exposto. Porém nada o reteve, e partio logo para a sua missão, disposto para tudo que lhe podesse acontecer. E assim que chegou ás vizinhanças de Chablé, ajoelhou, e fez oração a Deos com muitas lagrimas; e abraçando depois ternamente a seu digno socio Luiz de Sales, lhe disse: *Como nós entrâmos neste Paiz a cumprir o ministerio dos Apostolos, devemos imitallos para sermos bem succedidos. Enviemos, pois, os nossos cavallos, e caminhemos sempre a pé, que Deos nos assistirá com todo o vigor necessario.*

Começou logo Francisco a sua missão pela Cidade de Tonon, capital de Chablé, aonde não havia mais do que sete Catholicos; e via-se obrigado a sahir no fim de cada dia, para passar a noite no castello de Allinges, duas legoas distante, cujo Governador, e a maior parte da guarnição professavão a verdadeira Fé. Assim se passárão não poucos tempos, sem os Calvinistas o quererem ouvir; antes formárão contra a sua vida uma formidavel conspiração, de que elle escapou por especial favor de Deos. O que sabido por seus pais, parentes, e amigos, e reflectindo elles, que ficava ainda o mesmo perigo de ser Francisco assassinado por alguns daquelles perfidos, applicárão novos esforços para o fazerem desistir da principiada empreza. Porém elle, que a nada mais attendia do que á gloria de Deos, conservou-se tão constante em proseguir a diligencia, que até os mesmos obstaculos lhe inflammavão mais o ardor do espirito, esperando sempre que a luz da verdade dissiparia por ultimo as trevas do erro.

Felizmente assim succedeo, e a primeira conquista do nosso Santo foi a conversão dos soldados da guarnição de Allinges, aos quaes reformou os costumes, fazendo-lhes abandonar os excessos do vinho, do jogo, duellos, e outros mais vicios, entre elles ordinarios; e com este exemplo, humanando-se pouco a pouco os habitadores de Chablé, e logo resolvendo-se a ouvir os seus sermões, muitos delles abjurárão a heresia, apesar dos grandes esforços, com que se lhes oppunhão os seus soberbos Ministros; aos quaes offerecendo Francisco conferencias publicas, nunca acceitárão o convite. O que junto ás violencias, que elles havião empregado contra o Santo, e não menos contra um dos seus partidistas que proximamente se convertêra, fez notoriamente suspeita a injusta causa que defendião. E pelo contrario, o procedimento apostolico de Francisco, a sua piedade, a sua doçura, a sua caridade, o seu desinteresse, e seu zêlo infatigavel, erão outras tantas vozes que aos ouvidos dos Calvinistas dizião, que só aquelle grande homem era o Prégador da verdade.

Entre as muitas conversões que se fizerão naquelle bello principio, deo grande brado a do Barão de Avuli, Fidalgo da mais alta consideração entre os mesmos Calvinistas. O qual, resentido de que o celebre Ministro la-Faye faltasse indignamente á palavra que lhe dera de vir conferenciar com o Santo Missionario sobre as verdades da Religião, levoulh'o elle mesmo em pessoa a sua casa em Genébra. Fez-se com effeito a conferencia publica, que durou tres horas; porém todas as vezes que o perfido Ministro se via apertado, sem achar que responder, mudava para outra questão, com o que nada se podia concluir. E por ultimo, percebendo elle que todos os assistentes o reputavão por vencido, rompeo a conferencia com uma torrente de injurias, que vomitou contra o Santo, o qual, ouvindo-as com a sua ordinaria doçura, não soltou uma só palavra, que indicasse a menor aspereza. Se-

guio-se, pois, desta disputa a reducção de varios hereges, e ratificar-se mais na que havia feito o venturoso Barão de Avuli.

Passou logo Francisco a executar a commissão, que lhe fizera o Papa Clemente VIII para reduzir ao gremio da Igreja o famoso Theodoro Beza, primeiro chefe do Calvinismo. Quatro vezes o procurou, e conferenciou com elle em Genébra, com razões tão solidas, e tão bem fundadas, que aquelle seu adversario pelo seu mesmo silencio, e inquietação dos olhos, dava bem a conhecer, que elle interiormente balançava entre o abjurar a sua seita, e reunir-se a uma Igreja, em que não duvida confessar, que podia haver salvação. E com effeito, uma vez, levantando elle os olhos ao Ceo, chegou a dizer: *Se eu não vou por bom caminho, peço a Deos que me illustre, e me dirija por sua infinita misericordia.*

Esperava o Santo Missionario uma quinta conferencia para desfazer todas as duvidas ao infeliz Beza. Porém os seus partidistas, temendo a consequencia daquellas disputas, o reservárão com tanto apêrto, que o fizerão inaccessivel ao zeloso Santo. Depois disto, viveo Beza pouco tempo, e se diz que elle nos seus ultimos dias mostrára grande pena de não poder fallar ao glorioso Sales. Pelo menos é certo que elle ficou como irresoluto no fim da quarta conferencia. Mas como era chefe de partido, não lhe permittio a soberba, que chegasse a retractar sinceramente o seu erro. E por outra parte, faltoulhe o valor, e esforço para quebrar os laços, e sahir do lodo immundo das occultas, e vergonhosas paixões, em que estava submergido.

Continuando, pois, o nosso Santo os seus trabalhos apostolicos no Ducado de Chablé, uma cruel peste, que sobrevio á Cidade de Tonon, lhe ministrou nova occasião para mais mostrar o seu zêlo, e a sua caridade naquelle Paiz. Elle, pois, nada temendo aquelle terrivel flagello, (que não poucas vezes se tem feito formidavel para muitos corações, aliás intrepidos) e offerecendo-se generosamente para servir aos empestados, discorria por todas as casas aonde havia enfermos, e lhes procurava todos os soccorros necessarios tanto para as almas, como para os corpos.

Então os hereges (que nada disto vião nos seus Ministros) forão tão altamente edificados, que reconhecendo ao mesmo passo não haver na sua seita verdadeira virtude, que promovesse uma tal caridade, vinhão póvos inteiros reconciliar-se com a Igreja, abjurando os seus erros. E com estas perdas do Calvinismo o glorioso Sales (ajudado por alguns operarios evangelicos, que se lhe tinhão enviado) se vio logo em termos de poder fundar diversas Parochias, das quaes foi a primeira a de Santo Hyppolito, que elle depois appellidava a sua especial Igreja, e nella deo a Communhão por sua mão propria a pouco menos de mil pessoas na festa do Natal do anno de 1597. E no anno seguinte os erros de Calvino forão inteiramente desterrados do Ducado de Chablé, e Bailiados de Terni, e Galhard, fazendo todos os seus moradores uma publica, e solemne profissão da verdadeira Fé.

E na verdade para obrar em tão pouco tempo uma tão prodigiosa mudança era preciso um Missionario tal como o nosso grande Santo, animado do zêlo mais puro, incançavel nos trabalhos, intrepido nos perigos, todo cheio daquella doçura, que se faz insensivel ás contradicções, e calumnias; em menos palavras, um S. Francisco de Sales, o qual julgando que a sua presença não era já tão necessaria no Ducado de Chablé, voltou para Annecy, afim de participar ao seu Bispo, e depois ao Duque de Saboya uma relação exacta do feliz successo da sua missão.

Communicou-lhe neste tempo aquelle Bispo a intenção que tinha de o pedir para seu Coadjutor; e o Santo, que bem conhecia a grandeza, e multidão dos perigos que traz comsigo o bispado, recusou com absoluto esforço prestar o seu consentimento. Mas havendo o Prelado conseguido para este effeito o beneplacito, e approvação do Duque de Saboya, intimou-lhe que acceitasse o proposto emprego, com preceito formal de santa obediencia.

A estas palavras aterrado Francisco com o pêso da authoridade da Igreja, e do mesmo Jesu Christo, que elle respeitava na pessoa do seu Prelado, não se atreveo a resistir. Mas antes de dar o seu consenso, foi prostrar-se diante do Santissimo Sacramento, derramando muitas lagrimas, e padecendo no interior um combate forte entre o desejo de obedecer ao Bispo, e o temor dos perigos a que o expunha a santa obediencia. Até que por fim, temendo resistir á vontade de Deos, sujeitou-se ao preceito, e acceitou o encargo.

Porém este esforço de obediencia lhe custou bem caro, porque, apenas declarou o seu consentimento, sentio-se penetrado da mais viva dôr, perdeo o somno, e cahio pouco depois em uma perigosa enfermidade. Mas sem mais demora, logo que se achou com saude, partio para Roma, aonde o Papa Clemente VIII (com quem tinha de conferir alguns pontos concernentes ás missões de Saboya) o quiz examinar por si mesmo. E admirando a sua grande capacidade, e doutrina lhe fez grandes elogios em pleno consistorio, denominando-o Apostolo de Chablé . . . , e ordenou, que lhe fossem expedidas gratuitamente as bullas, e nomeando-o Bispo de Nicópolis, e Coadjutor de Genébra.

E não tendo o Santo nada mais que o retivesse em Roma, foi visitar a Igreja de Nossa Senhora do Loreto, e seguio a sua derrota para Annecy, aonde assim que chegou, os interesses da Religião o chamárão á côrte de França no anno de 1602, porque havendo-se cedido a França o Paiz de Gex, pertencente ao bispado de Genébra, não podia o

Santo fazer alli algum fructo sem ser apoiado pela authoridade regia. Chegou, pois, a París, aonde a fama da conversão das muitas almas, que Deos tinha obrado pelo seu ministerio, lhe havia adquirido um tão alto conceito, que logo com as suas predicas, e com as suas praticas fez que muitos peccadores abandonassem as suas desordens, e abraçassem a penitencia. E o mais é, que reconduzio alli á Fé Catholica um tão grande numero de Calvinistas, que o douto Cardeal de Peron costumava dizer: *Não ha herege algum, que eu me não atreva a convencer; mas para o converter de coração, deve-se enviar ao Senhor Coadjutor de Genébra.*

Querendo então o Rei Henrique IV reter na côrte a Francisco, lhe fez intimar o seu desejo pelo Duque de Epernon, offerecendo-lhe desde logo uma pensão consideravel, e o primeiro bispado que vagasse. Porém o Santo respondeo: que havendo-o Deos conduzido, bem á custa sua, para Bispo de Genébra, julgava-se obrigado a seguir a sua vocação, e conservalla por toda a vida. E no que respeitava á generosa pensão por Sua Magestade offerecida, não podia deixar de dizer: que bastando o pouco que tinha para commodamente o sustentar, uma renda maior só lhe servia depois para ter mais em que se distrahir na sua justa applicação.

Comtudo, sabendo aquelle Rei, que a renda do bispado de Genébra apenas chegava a oitocentos mil réis, e julgando ser isto muito pouco para o merito de um tal Bispo, fez expedir um alvará, em que lhe concedia a pensão annual de quatrocentos mil réis. Não se attreveo Francisco a recusar expressamente aquella generosa offerta. Rogou sómente a Sua Magestade, (depois render-lhe as graças) que o dinheiro da pensão ficasse na mão do Thesoureiro, donde o extrahiria quando lhe fosse necessario. E como o Rei bem penetrou, que esta simples resposta era uma discreta repulsa, admirou a grande virtude, e generoso desinteresse do Santo, e o honrou sempre com os maiores elogios.

Voltando então o glorioso Santo para Annecy, depois de haver estado nove mezes em París, teve noticia no caminho de ser morto Claudio Granier, Bispo de Genébra; Prelado, em que brilhavão as mais bellas qualidades, e todas as grandes virtudes, que fórmão o caracter dos benemeritos Pastores. E dirigindo-se o Santo para o palacio de Sales, em que tinha de celebrar-se a sua sagração, alli se preparou para esta augusta ceremonia com um retiro de vinte dias, e uma confissão geral de toda a sua vida.

E na mesma occasião formou para seu regulamento o seguinte plano, que observou por toda a vida. = Que os seus vestidos serião sómente de lã, como até então praticava; que não haveria na sua casa móveis preciosos, e só algumas pinturas de dovoção, mas de pouco preço; não ter carruagem, nem liteira propria, e fazer a pé a visita do bispado; não ter em casa mais do que dous Sacerdotes, um para servir de esmoler, e outro para governar o temporal, e os criados do serviço inferior; usar sempre de alimento commum, e só exceder um pouco, sobrevindo pessoa de distincção; assistir a todas as festas de devoção no logar em que se achasse; estimar os pobres, como filhos, e visitallos nas suas molestias.

Levantar-se cada dia pelas quatro da manhã; ter logo uma hora de meditação; e depois de rezar Prima assistir á oração dos domesticos; e todo o resto do tempo até ás nove horas, em que deveria sempre dizer Missa, repartillo entre o estudo, e leitura da Escriptura Santa. Depois da Missa até o jantar expedir os despachos do bispado. Depois da mêsa, ter uma hora de conversação, e tornar aos negocios do bispado; e restando-lhe algum tempo, empregallo no estudo, e na oração. Depois de cêa fazer uma lição espiritual a seus domesticos, e terminando esta leitura com a oração da noite, rezar depois Matinas para o dia seguinte, etc.

Chegado o dia da sua sagração, (que foi aos 8 de dezembro do anno 1602) e reconhecendo com viva fé toda a extensão dos seus deveres, entregou-se todo á prégação, e ás outras funcções do sagrado ministerio. Elle menos empenhado em multiplicar o numero dos Ministros, do que em procurar que fossem dignos, ordenava sómente, depois de um maduro exame, os que sentia capazes em sciencia, e bons costumes. Instituio catequistas sabios, e catecismos solidos em todos os domingos, e dias festivos para instrucção dos ignorantes. Publicou um novo ritual para introduzir uma perfeita uniformidade na celebração das cousas santas. Restabeleceo as conferencias ecclesiasticas, que sempre se fazem uteis, quando são bem feitas. Em summa, desterrou, ou prevenio todos os abusos havidos, e por haver, com sabios regulamentos, quaes se devião esperar de um Santo Bispo, que tomára a S. Carlos Borromeo por seu exemplar modêlo.

Depois disto, emprehendeo Francisco a visita do seu bispado, afim de conduzir ao rebanho muitas ovelhas desencaminhadas, especialmente nas montanhas, aonde talvez se não ouvíra jámais a voz do seu Pastor. Para este effeito padeceo o Santo grandes trabalhos, viajando a pé por caminhos asperrimos, pernoitando muitas vezes em pobres cabanas, e frequentemente obrigado a subir, e passar por montes quasi inaccessiveis, com perigo de resvalar, e cahir em mortaes precipicios.

Fallava, pois, áquellas pobres gentes com a mais terna bondade, e informando-se das suas afflicções, e indigencias, lhes subministrava tudo o que podia; succedendo mais de uma vez, quando já não tinha que dar áquelles miseraveis, repartir com elles uma parte dos seus vestidos. E estes heroicos actos de caridade, unidos á unção admiravel

dos seus discursos, produzião por todas as terras do seu bispado maravilhosos fructos na conversão dos hereges, e reforma dos peccadores.

Mas por mais occupado que elle fosse com estas suas funcções pastoraes, achava ainda tempo para instruir a todos os Fiéis com os seus escriptos, entre os quaes o primeiro, e para todos mais adequado, foi o da sua *Introducção á vida devota*, que lhe deo a justa satisfação de ver os grandes fructos, que produzio, ainda nos seus dias. E além disto, elle por si mesmo, não só dirigia innumeraveis almas, senão tambem ouvia as confissões de todos aquelles, que se lhe apresentavão, e ás vezes em tanto numero, que o fazião passar dias inteiros no confessionario; porque até o procuravão para este ministerio não poucas pessoas, que moravão distantes muitas legoas.

A cujo proposito referiremos um successo, que lhe aconteceo, achando-se elle na Cidade de Leão. Chegou-se a elle uma pessoa desconhecida, e lhe entregou uma carta, a qual continha sómente estas palavras: *Se não vindes confessar-me sem demora, dareis conta a Deos da minha alma.* Respondeo logo o Santo: que elle estava de caminho para o mosteiro da Visitação, em cujo locutorio o podia esperar essa pessoa.

Assim, pois, logo que chegou ao mosteiro o Santo Bispo, achou um criado, que sustinha dous cavallos pela redea. E entrando no locutorio, divisou alli um homem de alta estatura, por dentro bem vestido, e por fóra com uma capa de campo, cujo capuz lhe cobria o rosto, para não ser conhecido. O qual, cumprimentando ao Santo Bispo sem muita ceremonia, e com poucas palavras, fechou, e tirou a chave da porta, depois de cortar a corda da campainha, para não ser interrompido na sua conferencia.

Observava attentamente Francisco aonde irião parar todas estas cautélas; e então o forasteiro, rogando-lhe que se assentasse, lançou-se a seus pés, e lhe disse: «Eu sou Geral de uma ordem, e sub-«mergido nos vicios de uma vida licenciosa, cujos «máos exemplos têem conduzido ás mesmas desor-«aens a maior parte dos meus subditos. Ha mui-«tos tempos que Deos interiormente me inspira pa-«ra uma verdadeira conversão, porém o natural pe-«jo, e não menos o receio de encontrar com algum «Confessor, que pouco se compadeça da minha fra-«gilidade, me tem retido na antiga miseria; até «que finalmente, estando d'aqui bem longe, e ou-«vindo fallar da vossa grande caridade para com «todos os penitentes, tomei a resolução de chegar «á vossa presença, para fazer uma confissão geral «da minha perversa vida.»

Confessou-se com effeito logo naquella occasião, com muitas lagrimas e com todos os signaes de uma contrição verdadeira. E o benigno Santo, justamente commovido, o tratou com a sua doçura costumada, excitando-o a ter uma plena confiança na divina misericordia, sempre disposta para receber os grandes peccadores, que a ella recorrem com espirito, e coração sincero. Impoz-lhe uma penitencia proporcionada ás suas culpas; e tomando com elle as medidas para concluir pelo meio das cartas o regulamento da sua nova vida, teve a doce consolação de o enviar convertido em um novo homem, sem alli ser conhecido de alguma outra pessoa. E o mais é a noticia, que teve depois, de que a sua conversão produzíra tão bellas consequencias, que a maior parte dos seus Religiosos, edificados pelos seus bons exemplos, reparárão com obras de penitencia todos os seus passados escandalos.

Não forão menos maravilhosas outras duas conversões, que fez o nosso Santo; a primeira das quaes foi a seguinte. Visitando elle o seu bispado denunciarão-lhe um Ecclesiastico de vida escandalosa, cujas desordens não correspondião á sua sciencia mais que ordinaria. Fazendo-o, pois, chamar o Santo Bispo, elle se expoz na sua presença com tão livre desembaraço, como se de todo estivera innocente; protestando ao mesmo passo, que todas as culpas que lhe impunhão, erão calumnias falsas, formadas pelos seus inimigos.

O Santo o recebeo com todo o agrado, cheio da sua ordinaria benignidade; porém, vendo a injusta constancia, com que o réo se defendia, abaixou os olhos, como envergonhado; e conservando-se assim por um largo espaço, sem dizer palavra, isto foi bastante para mover o coração daquelle duro impenitente; o qual, querendo prevenir a face do seu Juiz, pedio, e facilmente conseguio do Santo Bispo, que o ouvisse no tribunal da penitencia, de cuja saudavel piscina sahio logo revestido com a preciosa tunica da Graça, que introduz os peccadores penitentes ao magnifico throno da benevolencia divina.

Disse-lhe então o venturoso Ecclesiastico: *Ah Monsenhor, que pensais vós agora do maior peccador da terra? Que o piedoso Deos* (lhe respondeo o Santo) *derramou sobre vós a grande misericordia, com que pareceis aos meos olhos todo brilhante com os resplandores da sua Graça. Pois vós, meu Senhor,* (replicou o penitente) *não vos lembrais do que eu fui? Não,* (respondeo o Bemaventurado) *nem eu posso guardar na minha memoria, o que Deos tem posto em esquecimento; e para saberdes com evidencia o juizo que eu fórmo, de que recebestes na alma uma copiosa torrente de Graças, rogo-vos com instancia, que me participeis uma porção, dando-me a vossa benção...*

Dizendo isto, prostrou-se logo a seus pés, de que o Ecclesiastico ficou atonico, e confuso. Porém o Santo na mesma postura lhe disse ainda: *Aqui não ha fingimento, e portanto vos rogo que me façais o mesmo officio, que agora de mim recebestes, ouvindo-me em confissão.* Ainda o Sacerdote repu-

gnava, mas o Santo Prelado o obrigou; e confessando-o com effeito, recebeo uma edificação inexplicavel, deixando para decidir, qual se devia mais admirar, se a humildade profunda do Santo Bispo, ou a conversão milagrosa do venturoso Ecclesiastico.

A outra conversão foi a seguinte. Apresentou-se uma vez ao nosso Santo uma pessoa illustre para haver de confessar-se, o que entrou a fazer com tal desenvoltura, que mais parecia referir uma historia, de que se comprazia, do que uma confissão que o magoava. Conhecendo então o Bemaventurado o estado interior daquella alma, começou a chorar, suspirar, e gemer, sem lhe interromper a narração.

O que visto por aquella pessoa, lhe perguntou, se tinha alguma molestia? *Não, meu carissimo* (respondeo o Santo) *eu estou bom de saude, graças a Deos; porém vós estais muito mal. Não estou, certamente* (respondeo elle) *porque eu não sinto em mim molestia alguma. Continuai pois,* lhe disse o Santo. E elle, proseguindo com o mesmo desembaraço, foi referindo sem pejo algum os seus enormes delictos. E continuando o Bemaventurado a chorar, e suspirar com abundancia, respondeo á nova pergunta, que lhe fez o penitente a este resto: *Eu choro, porque vós não chorais.*

Vendo, pois, o miseravel, que as suas gravissimas culpas causavão tão largos prantos áquelle innocente, foi tal a sua dôr com o golpe da divina Graça, que, cahindo sem alento, esteve em termos de perder a vida. E recebida a Graça do Sacramento, deo-se todo a Deos, fazendo-se um modêlo de penitencia; e dizia depois aos seus amigos, referindo-lhes este passo: « Os outros Confessores fazem algumas vezes chorar aos seus penitentes, mas eu fiz chorar ao meu Confessor, donde procedeo todo o meu bem. »

No tempo da segunda viagem que fez o nosso Santo a París, vencêrão os Ecclesiasticos do seu bispado contra alguns Fidalgos da mesma Diocese uma demanda renhida, na qual o Santo Prelado consentíra, por se tratar nella dos direitos da sua Igreja; e querendo depois o seu Mordomo entrar na cobrança das custas, que se havião feito, lhe disse o Santo: *Deos me livre de perseguir por esse modo a quem quer que seja; e muito mais aos meus diocesanos, que são meus filhos.*

E representando-lhe o Mordomo, que as taes custas importavão em uma grossa quantia, que era necessaria para restaurar as despezas da demanda: *Contais vós por um pequeno lucro* (replicou o Santo) *o recobrar os corações, que talvez esse processo haverá feito meus inimigos? Pois eu tenho isto por muito.* E na mesma hora mandou chamar aquelles Fidalgos, que ficárão justamente admirados, ao verem-se favorecidos com a quitação generosa de uma tão consideravel quantia!

Esta profusa caridade que frequentemente praticava o Santo, dava pena ao seu Mordomo, porque lhe faltava com que supprir a despeza quotidiana, e por isso frequentemente se lhe queixava; e uma vez chegou a protestar-lhe que brevemente se despediria. Porém Francisco dizia-lhe com a sua doçura costumada: *Tendes razão, eu sou nessa parte um incorrigivel; e peior é que não acho meio para emendar-me.* Então o Mordomo todo confuso, se encontrava depois algum domestico, lhe dizia: *O nosso amo é um Santo; mas se continúa como tem começado, iremos todos para o hospital, e elle será o primeiro.*

Ora uma santidade tão eminente, e uma virtude tão geralmente reconhecida, parece que devia ser isenta das perseguições, e calumnias. Porém Deos permittio (para provar a constancia do nosso Santo) que além do que padeceo na missão de Chablé, fosse tambem diversas vezes, e por differentes modos perseguido, e ainda por algumas pessoas que elle beneficiára com distincção.

Elle sendo simples Sacerdote foi denunciado ao seu Bispo, como um hypocrita, maldizente, e um máo homem. Depois, sendo Bispo, foi por um Religioso de credito delatado ao Summo Pontifice, como um Prelado indigno, relaxado, e sem zêlo; que deixava correr no seu bispado livros hereticos, e perneciosos ás almas. Estando em París, alguns invejosos o denunciárão ao Rei Henrique IV como um caviloso infiel, que maquinava sedições contra o estado, e contra a sua pessoa; e outros o accusárão ao seu Soberano o Duque de Saboya, por um perfido ingrato, que tratava occultas intelligencias com os inimigos de Sua Alteza, e contra o bem publico.

Mas o Santo em todos estes encontros (se bem procurava com modestia justificar a sua fidelidade, e mostrar a sua innocencia) conservou sempre inalteravel a paz do seu animo, e uma sincera caridade para com os seus malevolos perseguidores, pelos quaes orava continuamente a Deos; e respondia aos que lhe censuravão, a que elles suppunhão demasiada indolencia a este respeito, pela maneira seguinte:

« Todos os que me calumnião me fazem mer-
« cê, desejando-me melhor do que sou. Bemdito se-
« ja Deos, que assim me faz ver quanto me devo
« corrigir! Pois dado ainda que pelos crimes, que
« me imputão não deva ser accusado, não deixo de
« o merecer por outro motivo, e um castigo tão le-
« ve sempre é misericordia grande. »

E depois sabendo em certa occasião de maior calumnia, que havia quem tomava a sua defensa, provando que tudo era falso . . . dizia elle: « Eu
« reconheço a benevolencia dos meus amigos, mas
« tambem devo agradecer a advertencia, que tacita-
« mente me fazem os meus adversarios, para que eu
« me acautele de fazer os seus ditos verdadeiros. »

E continuando os taes amigos em fazer mais notoria a sua innocencia, lhes dizia o Santo: « Eu « dei-vos procuração para advogardes a meu res- « peito? Deixai dizer o que quizerem essas gentes, « porque dos seus improperios só se me fórma uma « Cruz de palavras, cuja memoria acaba com o « mesmo som.

« Quanto mais, como ninguem se deve repu- « tar por de todo irreprehensivel, bem póde ser « que estes meus contrarios me conheção melhor do « que eu, e todos os mais que me tem amor; o « qual não poucas vezes dá o nome de murmura- « ções ás verdades, que nos desagradão.

« E sobre tudo, que injuria se faz, quando se « tem máo conceito de nós? Não o devemos nós « mesmos formar de nós outros assim? Estes taes « individuos não são nossos adversarios, antes são « nossos partidistas, procurando a destruição do « nosso amor proprio; e é muito para estimar quem « nos dá soccorro contra um tão poderoso inimigo. »

Assim, pois, zombava o Santo das calumnias, que o diffamavão, e defeitos, que lhe attribuião, julgando elle que o silencio, e a modestia bastavão para lhes resistir, sem que lhe fosse necessario empregar a paciencia em cousa, a seu parecer, de tão pouca ponderação.

Continuava Francisco em trabalhar sempre com maior ardor na obra de Deos, e santificação das almas a elle commettidas; mas a sua saude se debilitava por tal modo, que se vio obrigado a exonerar-se de alguma parte das suas fadigas sobre o Bispo de Calcedonia seu Coadjutor, reservando sempre para si o ministerio da palavra de Deos, como indispensavel a um Bispo

E recebendo elle no anno de 1622 ordem do Duque de Saboya para ir a Avinhão, onde aquelle Principe tinha de avistar-se com o Rei Luiz XIII, partio de Annecy assás indisposto, e com bastantes indicios da sua proxima morte. Chegado alli, o Cardial de Saboya o levou para Leão, aonde prégou em dia de Natal; e no dia de São João, depois de celebrar a Santa Missa, cahio em uma extrema debilidade, a que se lhe seguio (depois de receber a Extrema-Unção) uma grave apoplexia, de que morreo no dia seguinte 28 de dezembro na idade de 55 annos, e vigesimo do seu bispado.

O seu corpo, levado para Annecy, sepultou-se na Igreja das Religiosas da Visitação, e o seu coração ficou em Leão no mosteiro da mesma ordem. Depois no anno de 1665 foi canonizado pelo Papa Alexandre VII, o qual decretou, que a sua festa se celebrasse no dia 29 de janeiro, em que o seu corpo se transferíra de Leão para Annecy.

REFLEXÕES DO UTRINAES.

A Virtude dominante do glorioso São Francisco de Sales era, como temos visto, a doçura, para cuja acquisição dizia elle que estudára tres annos com o maior empenho na Escola de Jesu Christo; e com effeito ella a possuia em tão alto gráo, que, apesar das suas grandes, e continuas occupações, por mais gentes que o fossem procurar, a todas recebia com agrado, e os ouvia com attenção.

« *Todas essas pessoas (dizia o Santo) que me « pedem audiencia, são filhos, que procurão o seio « de seu pai; e uma gallinha não leva a mal que « os seus pintainhos se lhe mettão debaixo das azas, « antes ella as estende o mais que póde, para os « cobrir a todos; e assim me parece que o meu co- « ração se dilata, á medida que o numero dessas « pessoas se augmenta.* »

E dizendo-lhe uns seus amigos, que reputavão por excessiva a sua grande indulgencia para com todos os peccadores, lhe respondeo: « As duas cou- « sas principaes, que o divino Salvador particular- « mente nos recommendou, para que delle as apren- « dessem, foi o ser doces, e humildes de coração; e « quereis vós que eu não imite, o mais que podér, « uma virtude tão recommendada pelo mesmo Se- « nhor, e de que elle a cada passo nos deo o exem- « plo? »

Assim, pois, quando procuravão ao nosso Santo quaesquer apostatas, e peccadores, elle lhes abria o coração com inexplicavel ternura, dizendo-lhes com entranhas de verdadeiro pai: « Vinde, meus « amados filhos, que eu estou prompto para vos re- « ceber, e metter-vos no meu coração. Deos, e eu « vos assistiremos. Peço-vos só que não desespereis, « e deixai por minha conta o restante. »

E aos que se escandalizavão deste seu procedimento, e lhe propunhão que concorria em certo modo para se não ter horror ao peccado, respondia: « Vós não vêdes que são ovelhas minhas? E « se Deos lhes deo todo o seu sangue, eu lhes recu- « sarei as minhas lagrimas? Estes lobos mudados « em cordeiros se farão talvez mais Santos do que « nós o somos. O certo é que se o mesmo Saulo « fosse logo rejeitado, não chegaria depois a ser S. « Paulo. »

JANEIRO — 30.

DA

BEATA JACINTHA MARESCOTI, VIRGEM,

RELIGIOSA DA SAGRADA SERAFICA ORDEM TERCEIRA.

NO SECULO XVI. E XVII.

O Padre Francisco de Amatia escreveo a vida desta Serva de Deos logo depois da sua morte, e a imprimio em Viterbo no anno de 1642 *; e o Illustrissimo Ventimilha, Bispo de Lipari, escreveo tambem a mesma vida, que foi impressa em Roma no anno de* 1695, *a tempo que se tratava da sua beatificação.*

A Beata Jacintha, filha do Conde Marco Antonio Marescoti, e da Condessa Ottavia Orsini, (ambos illustrissimos pela nobreza do sangue, e copiosas riquezas) nasceo no anno de 1585 em Vinhanello, solar antigo da casa Marescoti, distante pouco mais de doze legoas da côrte de Roma. Ella teve no seculo o nome de Clarice, que mudou no de Jacintha quando se fez Religiosa. Teve tambem dous irmãos, e duas irmãs, uma de maior idade chamada Ginevra, e depois na Religião, Innocencia, e outra menor que se chamou Ortencia, e casou com o Marquez Capizuchi.

E supposto que Jacintha foi educada desde a infancia com boas maximas de piedade pela Condessa sua mãi, como tinha um genio aspero, e altivo, correspondeo tão mal áquellas pias diligencias, que se deixou transportar pelas suas paixões ao amor das vaidades, adornos, passatempos, e delicias mundanas; o que bem advertido por seus pais a metterão, como educanda, no mosteiro de S. Bernardino da Sagrada Ordem Terceira de S. Francisco, esperando que na companhia daquellas boas Religiosas, e virtuoso exemplo de sua irmã Innocencia (que alli estava já professa, e praticava uma vida exemplar) emendasse os seus relaxados costumes, e propensões vaidosas.

Porém ella pouco ou nada se aproveitou deste meio tão opportuno, antes conservando no religioso claustro o mesmo fasto, e altiveza de animo, e desprezando os avisos, e exhortações da boa irmã, e das mais Religiosas, nada mais pensava que em chegar ao tempo de figurar no mundo, tomando o estado do matrimonio; e assim passava os dias, entretendo-se em occupações inuteis, divertimentos, regalos, e delicias, até que seus pais, informados disto mesmo, tirando-a do mosteiro, a conduzírão para Vinhanello, aonde até á idade de vinte annos continuou a mesma vida dissipada, cuidando sómente nas vaidades do mundo.

Entretanto o Conde de Marco Antonio seu pai, que era (como diz o primeiro author da vida da Santa) um homem de temperamento forte, e natureza terrivel, que sempre queria dispor a seu modo o futuro estado de seus filhos, casou a Ortensia, sua filha mais nova, com o Marquez Capizuchi, e propoz a Jacintha o fazer-se Religiosa no sobredito mosteiro de S. Bernardino.

Não se attreveo Jacintha a contradizer a vontade do rigoroso pai, porém dentro de si mesma amargamente sentia ver-se por sua irmã mais nova preferida para o nobre desposorio a que aspirava; e não se póde imaginar (accrescenta o sobredito author) com que inveja, e profunda magoa via as preciosas galas, e riquissimas joias, que se preparavão para a nova esposa.

Executando, pois, Jacintha a vontade de seu pai tomou o habito religioso no sobredito mosteiro em o anno de 1605 com livre desembaraço, e com rosto na apparencia alegre, porém no interior com animo tão adverso á Religião, que logo ao entrar no claustro disse a uma sua amiga: *Eu sim estou Religiosa, porque o dispõe assim meu pai, mas sempre quero viver como quem sou.* E na verdade vestindo ella o habito religioso, não depoz a altiveza de espirito, nem a sua inclinação ás pompas, delicias, e vaidades do mundo; e assim por este modo em todo o espaço de dez annos praticou uma vida inteiramente contraria ao seu religioso estado.

Para cujo effeito mandou alli fabricar uma casa com todos os commodos, e com varios adornos de sedas, pinturas, peças de ouro, e prata, e outros móveis preciosos, que bem davão a conhecer (e assim mesmo os seus vestidos, e os seus discursos) que tudo nella era vaidade, e mundana delicadeza. Nem bastavão para reduzilla a uma verdadeira reforma os exemplos, e admoestações das outras Religiosas, e principalmente de sua irmã Innocencia, que alli se portava com perfeita observancia, e geral edificação de todo aquelle mosteiro.

Tal foi Jacintha, sem dar esperança de emenda por todo aquelle tempo acima referido, até que vendo-a o divino Senhor com benignos olhos de misericordia, não só a quiz converter para o caminho da salvação com a sua poderosa Graça, mas ainda elevalla a um sublime gráo de perfeição, e santidade extraordinaria.

Fallou, pois, o benigno Pastor ao coração de Jacintha, para suspender na carreira, e reconduzir ao rebanho esta ovelha desencaminhada; e logo enviando-lhe uma penosa molestia a reteve sem allivio por muitos mezes, apesar de todos os remedios, que lhe forão applicados. Neste abatimento de forças de corpo, e espirito, Jacintha abrio os olhos da alma para considerar seriamente o estado miseravel, em que o seu interior se achava; e resolveo-se a mudar de vida, e dar-se ao serviço de Deos na exacta observancia das regras da sua ordem, para o que tambem concorrêrão muito as sabias admoestações de um prudente Sacerdote, com o qual naquella occasião se confessou.

Diminuindo-se, pois, o mal, começou Jacintha, ainda com muita debilidade, a levantar-se do leito; e pensando de espaço na mudança de vida, que promettêra a Deos, vacillava no animo entre varios projectos, que lhe occorrião para executar a sua resolução; e parecendo-lhe que bastaria obrar com mais reserva, sem que lhe fosse preciso aspirar á perfeição, até chegar a ser Santa, lançou casualmente os olhos para uma lamina de Santa Catharina de Sena, em que estavão escriptas estas palavras: *Que posso eu, Senhor, pertender fóra de Vós?*

Forão estas palavras para Jacintha uma aguda setta, que lhe penetrou o coração; e toda cheia de confusão, por haver sido ingrata para com um Deos tão misericordioso, e tão bom, prostrou-se logo por terra, pedindo com muitas lagrimas ao mesmo Senhor que lhe perdoasse benignamente todos os aggravos que lhe fizera, promettendo-lhe firmissimamente de consagrar-se toda, sem alguma reserva, ao seu divino serviço.

E assim cheia Jacintha de um novo espirito foi lançar-se aos pés da sua superiora, em cujas mãos renunciou logo as casas em que morava, com todos os móveis, e tença annual de quarenta mil réis, que possuia; e despindo os seus habitos delicados se revestio de uma tunica velha, e grosseira, e cobrio a cabeça com um tosco véo de estamanha. Pedio depois que se lhe concedesse uma pequena cella, na qual não quiz outro movel, senão uma pobre barra com um enxergão, um banco pequeno, e uma grande Cruz de páo.

Entrando, pois, por este modo em uma guerra continua contra o seu corpo, praticava com summo rigor muitos jejuns fóra dos do Advento, e Quaresma, e os mais que manda a Igreja, e em cada semana desde quinta até o sabbado ficava sempre sem comer cousa alguma; e sem embargo do seu delicado temperamento macerava as suas carnes com frequentes cilicios, e disciplinas, e com expor-se de proposito ao mais rigoroso frio, e calor do tempo; e para reparar o escandalo, que talvez daria com a sua vida relaxada, entrava muitas vezes no refeitorio açoutando-se fortemente, e pedindo perdão das suas desordens a todas as Religiosas, que ficavão summamente edificadas da grande humildade da Serva de Deos.

Renunciou tambem no mesmo tempo toda a sorte de correspondencias com as pessoas do seculo, até com os seus mesmos parentes, aos quaes, quando a procuravão, fazia conhecer que não estimava as suas visitas, porque gostava de viver recolhida, e tratar na oração com o seu Deos, e com os Santos; pelos quaes costumava dizer, que erão os seus legitimos parentes, e verdadeiros amigos; e para melhor mostrar quanto se esquecia do que era no seculo, não tornou a denominar-se Jacintha Marescoti, senão *Jacintha de Maria Virgem*, da qual era devotissima, e nella, depois de Deos, punha toda a sua confiança.

Além das sobreditas humilhações, e voluntarias penitencias, que a Beata Jacintha exercitou em todos os vinte e quatro annos, que viveo ainda depois de se dar inteiramente a Deos, se lhe ajuntárão outras afflicções do corpo e espirito, com as quaes o mesmo Senhor purificou, e santificou cada vez mais o coração da sua Serva, começando primeiramente a enviar-lhe duas vezes cada mez umas colicas agudissimas, que a deixavão no estado de extrema fraqueza.

Porém ella naquelle tormento dava graças ao Senhor, que a castigava nesta vida, reservando-lhe a misericordia para a outra; e quanto mais se lhe diminuião as forças do corpo, tanto mais se lhe vigorava o espirito, e se refinava a sua paciencia; por cuja causa dizia ella a uma sua amiga: *Eu sou visitada todos os quinze dias com atrocissimas dôres; e praza a Deos que isto me sirva por digna pena do que devêra padecer na outra vida.*

Além disto foi a Santa sujeita aos improperios, e ultrages de algumas Religiosas suas, as quaes censuravão a sua escrupulosa observancia das regras monasticas, e as suas (a seu parecer) excessivas penitencias, e mortificações, chamando-a hypocrita, e embusteira; e uma vez, beijando ella, como costumava, os pés das Religiosas em acto de communidade, uma leiga tratando-a de louca, lhe deo um pontapé no rosto, o que ella tolerou com serena paz, e procurou depois fazer-lhe todo o possivel bem, e assim mesmo a todas as mais que a offendião; de modo que passou como em proverbio no mosteiro — que para qualquer receber favores de Jacintha, devia primeiro desprezalla.

Porém quanto era a Santa rigorosa comsigo mesma, era tanto mais benevola para com as suas

Religiosas, em tudo o que não era contra a observancia monastica; como bem mostrou no emprego de Vigaria, que apesar da sua intima repugnancia acceitou por preceito de obediencia, procurando que todas cumprissem as cousas essenciaes do seu instituto, e oppondo-se com todo o vigor aos abusos, que pouco a pouco se vão introduzindo, e passão depois para costumes, se não se atalhão nos principios.

Assim, pois, ella não approvava certo modo de vestir com demasiado asseio, que tinha sua especie de vaidade; e por outra parte, como era muito amante da limpeza, conciliava os dous extremos por este modo: *Pobre sim, mas sem alinho, e nada immunda.* E não menos reprovava as despezas superfluas nas recreações, e officios, e com especialidade aquellas que acabão em custosas, e delicadas merendas, para maior regalo dos sentidos.

E como a nossa Santa era dotada de um juizo perspicaz, e de um singular discernimento em materias de espirito, obrigada pela caridade, respondia por escripto ás pessoas que a consultavão, dando-lhes sabias advertencias muito a proposito, e resolvendo as suas duvidas com suaves doutrinas, com que muito as consolava, e santamente instruia.

Escrevendo-lhe, pois, uma boa Religiosa, que experimentava grande pena em não poder vencer o somno, respondeo ella: «Se não dormir o que lhe «for necessario, se fará inhabil para obrar bem. «Póde, pois, dormir sete horas cada dia, como «praticão muitas Religiosas, porque o dormir pou«co é dom particular de Deos, que não costuma «conceder a todos. Eu mesma ainda o não pude «conseguir, por mais que o tenho supplicado; e «não me desconsolo porque nem todos os Santos «forão pelo caminho de dormir pouco.»

Louvando-se-lhe uma pessoa religiosa de outro Paiz, da qual se dizia que logo ao entrar em oração se via toda banhada em doces lagrimas, e pedindo-se-lhe sobre isto o seu sentimento, respondeo: *Quizera ver primeiro se essa pessoa é desapegada, humilde, e soffredora, e particularmente como se porta quando lhe contradizem a propria vontade, ainda em cousas boas. Eu quanto a mim* (accrescentou) *inclino-me sempre a gentes desprezadas, despidas da vontade propria, e sem tantas ternuras, e espirituaes delicias. Cruzes, cruzes: padecer, padecer sem gosto, e permanecer forte, aqui está Deos verdadeiramente.*

Um Confessor de certo mosteiro prohibio absolutamente a uma Religiosa o ter na cella algumas bellas imagens, que conservava para exercicio da sua devoção; e consultada a Santa a este respeito, respondeo assim: «Eu julgo que não póde ser con«tra o divino agrado a devota vista das sagradas «imagens; e por outra parte não approvo o perten«der-se dos principiantes que cheguem logo ao es«tado perfeito. O espirito nos seus progressos vai «passo a passo, e nem todos os Santos caminhárão «por um modo, nem o mesmo Christo usou jámais «de rigidez, sendo todo suavidade, e doçura para «os seus discipulos. O verdadeiro Servo de Deos «faz caminhar aos outros com brandura, imitando «a benevolencia de Deos para com os peccadores.»

A proposito de similhantes directores, e dos diversos modos por elles praticados, costumava dizer a Santa: *Os varios humores de algumas pessoas espirituaes me tem posto a perigo de se me revoltar o meu cerebro; parecendo-me, pelo que me dizião, estar eu já condemnada, se Deos com a sua Graça não pozesse a minha alma em socego.*

Mas supposto que a nossa Santa estivesse desapegada das creaturas, e o seu affecto voltado todo para Deos, comtudo gostava muito das flores, da musica, e do canto das aves, pelo que costumava dizer: *A vista, e fragrancia das flores me traz ao pensamento os floridos jardins da eternidade. A harmonia da musica me recreia, elevando-me a consideração para os suavissimos córos dos bemaventurados no Ceo; e o canto das aves docemente me ensina a louvar, e dar graças ao Creador.*

Mas sobre tudo, o que dominava mais no coração da Beata Jacintha era a sua ardente caridade para com Deos, e para com o proximo, desejando sempre fazer novos progressos nesta virtude, que é como a alma, e rainha de todas as outras; e com effeito quanto ao proximo, ainda que ella, como perfeita Religiosa, nada tinha de seu com que favorecer aos pobres, sempre os soccorria frequentemente com as muitas esmolas, que extrahia dos seus parentes, e pessoas conhecidas.

Outras vezes escrevia ás Religiosas Dominicas da côrte de Roma para isto mesmo, e lhes dizia: *Mandai, irmãas minhas, mandai do que tiverdes, tunicas usadas, toalhas, guardanapos, retalhos, pannos velhos, e cousas similhantes, que sendo inuteis para vós outras, servem de muito para pobres creaturas.* E todavia aquellas boas Religiosas, pelo grande conceito que formavão da Beata Jacintha, obtida licença dos seus superiores, lhe enviavão abundantes esmolas, não só do que era do seu proprio uso, senão tambem do que extrahião de seus pais, parentes, e pessoas ricas, a quem para este effeito supplicavão; e algumas vezes nestas occasiões, impellida a Santa pela sua ardente caridade, exclamava, dizendo: *O' Deos do meu coração! Porque não sou eu senhora do mundo para o renunciar por vosso amor, e dos pobres meus irmãos?*

Sendo, pois, a nossa Santa affeiçoada com tanto extremo para com as pessoas que moravão fóra do claustro, bem se póde inferir qual sería o seu amor para com as Religiosas do seu mosteiro. Ella amava a todas com summa caridade, e sem preferencia alguma, procurando-lhes todos os meios pa-

ra o seu bem espiritual, e temporal; e quando algumas cahião enfermas, lhes assistia com aquelle affecto que teria uma extremosa mãi ao seu amado filho; tanto assim, que chegou algumas vezes a passar inteiras semanas quasi sem dormir, assistindo de continuo ás enfermas, e servindo-as nas occupações mais laboriosas, e mais humildes, com inexplicavel jubilo, e prazer do seu espirito.

E quanto ao seu amor para com Deos, pode-se dizer sem encarecimento algum, que desde o ponto em que ella se entregou deveras ao mesmo Senhor, se lhe ateou no coração por tal modo o celeste fogo do amor divino, que chegando a fazer-se um vasto incendio, frequentemente a trazia fóra de si, enchendo-a toda de ineffaveis doçuras.

Poucos annos antes que ella sahisse deste mundo, escrevendo a uma Religiosa sua amiga, lhe dizia entre outras cousas: *Eu não procuro, nem desejo senão amar a Deos com todas as veras. Ha quasi dezesete annos que mudei de vontade, e pensamento, desejando efficazmente morrer para o mundo; e para o conseguir abandonei o que tinha, e assim mesmo todo o affecto aos parentes, e pessoas conhecidas.*

Outras vezes exclamava: *Venturosos aquelles, que nos seus primeiros annos começárão a amar, e viver para Deos! E miseravel de mim que tão tarde amei a tão bom Senhor! Ah meu Deos! e como posso eu viver sem me saciar do vosso amor! O' amor, ó amor, vinde, vinde ao meu coração.*

Esta grande chamma do amor divino, que ardia no coração de Jacintha lhe fazia derramar lagrimas de compunção; dom particular, com que a favorecia o celeste Esposo, especialmente quando meditava na sua dolorosa Paixão, que era o seu mais frequente emprego, ou quando assistia ao Sacrosanto Sacrificio do Altar, immovel, e como fóra de si, contemplando na excessiva caridade de um Deos humilhado, até fazer-se a nossa victima, e o nosso alimento nas sagradas especies do Sacramento Augusto, que ella recebia sempre com inexplicavel devoção, como quem nelle encontrava a sua maior delicia.

Chegou, finalmente, a suspirada hora, em que a extremosa caridade da bemaventurada Jacintha, subindo ao cumulo da sua perfeição, tinha de ser admittida a ver a face daquelle Deos, a que unicamente aspiravão os seus ardentissimos votos. Havendo já tempo que ella não padecia as suas costumadas dôres de colica, no dia 30 de janeiro do anno 1640 lhe sobrevierão as mesmas dôres com tão furiosa atrocidade, que em breves horas a reduzírão ao final termo da sua vida, com vomitos continuos, e inexplicaveis angustias, entre as quaes perfeitamente resignada na disposição divina, e toda cheia de confiança na infinita bondade do misericordioso Deos, depois de receber o Sacramento da Extrema-Unção, rendeo a sua bella alma ao mesmo Senhor, que deo logo ao mundo evidentes provas da sua santidade com um grande numero de milagres, a favor dos que implorárão o seu patrocinio.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Sería muito para desejar não haver pais, e mãis, que, abusando do patrio poder sobre os seus filhos, violentamente os constrangessem a tomar o estado Religioso, ou tambem os distrahissem, sendo para elle convocados por legitima inspiração divina; porque, além da grave offensa que fazem a Deos, cahem nas formidaveis censuras, fulminadas pela Igreja nos seus concilios, contra os operarios de tão injustas violencias.

Mas se acontecer a alguma donzella (como succedeo á Bemaventurada Jacintha) o professar contra vontade o estado religioso, por não ter valor para contradizer a disposição de seus pais, deve adorar, e ainda agradecer á divina Providencia, que, livrando-a por este meio de algum perigoso acaso, que talvez a precipitasse na sua ultima ruina, a collocou entre as Esposas de Jesu Christo, aonde com a maior facilidade póde santificar a sua alma, e conseguir a salvação eterna.

Roque, pois, a Deos que com o poder de sua Graça lhe tire do coração todo o apêgo ao mundo, substituindo em logar delle o seu divino amor, como praticou com a Bemaventurada Jacintha, depois de passar dez annos em sentimentos contrarios; e lembre-se para este effeito, que o mesmo Senhor (como diz o Santo Agostinho) permitte os males no mundo para tirar delles grandes bens a favor dos seus escolhidos; e seguindo por este modo os exemplos da Bemaventurada Jacintha, passará depois do breve tempo da presente vida a gozar com ella as eternas delicias da gloriosa eternidade.

JANEIRO — 31.

DE

S. PEDRO NOLASCO,

FUNDADOR DA SAGRADA ORDEM DE N. SENHORA DAS MERCÊS, REDEMPÇÃO DE CAPTIVOS.

NO SECULO XIII.

Tirada da vida do Santo da que escreveo em italiano Francisco Oliano em 1668, *e da Historia da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, composta em hespanhol por Alonso Romano em* 1618, *e da que escreveo Bernardo de Vargas em Palermo no anno de* 1622.

Pedro Nolasco, de uma das primeiras familias do Languedoc no Reino de França, nasceo no bispado de S. Papul no fim do seculo decimo segundo, correndo o anno de 1189. Seus pais, que erão muito pios, lhe derão uma excellente educação, cultivando as felices inclinações, que a Graça produzíra na sua bella alma.

Tinha elle uma compaixão extraordinaria para com todos os pobres, e rapartia entre elles os poucos dinheiros, que se lhe davão para os brincos da sua idade; e daqui lhe proveio o santo costume de dar sempre alguma cousa em todas as manhãs ao primeiro pobre que encontrasse.

Tinha Pedro quinze annos quando perdeo a seu pai; porém ficou-lhe a piissima mãi, que com os seus exemplos, e exhortações continuas o entreteve, e consolidou em todos os sentimentos de Religião, em que sempre estivera, fortificando-o cada vez mais com serias reflexões sobre a vaidade das cousas terrenas.

E assim desapegado do mundo, e unido a Deos, não só recusou a offerta de um excellente matrimonio, que se lhe propunha, senão ainda se obrigou por voto a observar continencia perpetua, e applicar os seus bens a obras pias, que servissem para gloria de Deos; e em quanto o Ceo se lhe não explicava com algum signal expresso a este proposito, foi militar na expedição do celebre Conde de Monforte, General da Cruzada dos Catholicos contra os hereges Albigenses, cujas crueldades inauditas havião assolado o Paiz de Languedoc.

Venceo o Conde aquelles hereges, e pouco depois a D. Pedro Rei de Aragão na famosa batalha de Muret, aonde o mesmo Rei não só perdeo a vida, mas tambem lhe ficou prisioneiro Jacob seu unico filho. Compadecido, pois, o generoso Conde da infelicidade daquelle Principe, que não tinha mais do que seis annos, o enviou para Hespanha, encarregando a sua educação ao nosso Pedro Nolasco, de cuja virtude, prudencia, e mais requisitos havia já formado um alto conceito.

Então, pois, o nosso Santo (que ainda não passava de vinte e cinco annos) se fez ver um modêlo de todas as virtudes á Cidade de Barcelona, côrte naquelle tempo do Reino de Aragão; e com effeito elle praticava alli todos os exercicios, e austeridades do claustro. Desapegado dos prazeres, e vaidades do mundo, considerava isto como redes armadas á sua innocencia, e que só se podião evitar com a fuga. A oração, a meditação, e lição dos bons livros occupavão todo o espaço, que lhe deixavão livres as funcções do seu emprego.

Gemia naquelle tempo um grande numero de Christãos na cruel escravidão dos mouros, que então dominavão a maior parte da Hespanha; e compadecido o Santo daquelles miseraveis, pelo perigo em que estavão de abandonarem a sua Fé, formou o nobre projecto de empregar na sua redempção todos os seus cabedaes, e fez tambem com que varias pessoas concorressem com sommas consideraveis para esta obra pia, que o Ceo lhe inspirava.

Faltava sómente o perpetuar este espirito de caridade, fazendo-o passar aos seculos seguintes, em cujo supposto propoz o Santo o estabelecimento de uma ordem religiosa, que por instituto particular se applicasse a remir os captivos: e não obstante o ser a caridade o unico objecto deste estabelecimento, teve logo de experimentar não pequenas contradicções.

Porém todas as difficuldades se dissolvêrão por uma visão, que teve na mesma noite S. Pedro Nolasco, S. Raymundo de Peñaforte, e o Rei de Aragão. Apparecendo a Santissima Virgem a todos tres, e exhortando-os para a execução daquelle projecto glorioso, e utilissimo á Religião, julgou S. Raymundo, que sem demora alguma se lhe devia dar principio, e prevaleceo o seu voto; e logo o Rei prometteo accommodar os primeiros alumnos da no-

va ordem no seu mesmo palacio, e ser juntamente o seu protector.

Assim, pois, no dia de S. Lourenço, do anno 1223, Pedro Nolasco foi conduzido pelo Rei, e S. Raymundo á Igreja cathedral, aonde sobre os tres votos ordinarios da Religião, que fez nas mãos de Berengario, Bispo de Barcelona, accrescentou o quarto, pelo qual obrigava os seus bens, e a sua liberdade, se assim fosse necessario, para a redempção dos captivos.

Subindo então ao pulpito S. Raymundo, fez um discurso edificante a este proposito, descrevendo o modo, com que Deos revelára a tres differentes pessoas a fundação de uma nova ordem para remir os Christãos captivos entre os infiéis; e o povo, dando muitos applausos ao estabelecimento do novo instituto, concebeo uma grande esperança do seu feliz progresso.

Declarou logo S. Raymundo a Pedro Nolasco por primeiro Geral da sua ordem; e com as proprias constituições, que lhe formára, lhe destinou o habito, e escupulario branco, como côr propria para recordar a innocencia, em que devião viver os seus alumnos, entre os quaes forão dous Fidalgos os primeiros que abraçárão este instituto no mesmo dia que o nosso Santo; e o Rei quiz que trouxessem todos no escupulario as armas de Aragão, como perpetuo monumento da protecção que promettia a toda a sua ordem.

Ella no seu principio constava de duas qualidades de pessoas; de *Religiosos*, obrigados a receber as ordens, e rezar o Officio divino; e de *Cavalleiros*, que só trazião manifesto o escupulario, e no restante do vestido trajavão como seculares; e supposto que de modo ordinario andavão guardando as costas para impedir as incursões dos sarracenos, erão comtudo obrigados ao côro, quando não estavão no serviço.

O mesmo S. Pedro Nolasco nunca foi Sacerdote, nem os sete Geraes seus successores, que todos forão extrahidos de entre os *Cavalleiros*; mas havendo os Papas Clemente V, e João XXII ordenado que sómente os Religiosos podessem ser elevados ao generalato, os Cavalleiros forão encorporados em ordens militares, e o primeiro Geral Religioso foi Raymundo Alberto no anno de 1317.

Logo que S. Pedro Nolasco abraçou a monastica profissão, abandonou a côrte; e por mais que o Rei procurou retello, nada pôde contrabalançar no seu coração o amor que elle tinha ao retiro; e supposto que algum tempo depois veio á côrte, só a caridade o attrahio, afim de reconciliar dous Fidalgos poderosos, cujas divisões perturbavão o Estado, e accendião a guerra civil.

Tendo, pois, a felicidade de extinguir o fogo da discordia, voltou para o seu mosteiro; e como elle queria dar uma nova perfeição á sua ordem, representou aos Religiosos, que não bastando o remir alguns captivos só nas terras sujeitas aos Principes Christãos, era preciso eleger, pelo menos dous, que fossem praticar esta boa obra nas terras dominadas pelos infiéis.

Por este aviso, que todos recebêrão com applauso, foi eleito elle mesmo, e mais outro Religioso, com o titulo de *Redemptores*, que depois se communicou aos que exercitárão o mesmo emprego. Partindo, pois, de Barcelona, e chegando ao Reino de Valença, dominado então pelos mouros, deo alli a caridade de Pedro o espectaculo mais edificante, occupando-se por tal modo nos exercicios desta virtude, que quasi lhe não ficava tempo para respirar.

Passava os dias, e noites em visitar, instruir, e consolar os captivos; e na impossibilidade em que estava de os remir a todos, sempre alcançou a liberdade para os mais que pôde; o que fazia por tal modo, que os mesmos mahometanos ficavão admirados do resplandor das suas virtudes, e muitos de entre elles abrírão os olhos á luz do Evangelho.

Fez tambem o Santo outras viagens pelas costas de Hespanha, e sempre com o mesmo feliz successo; só no Reino de Argel teve que padecer muito, vendo-se alli carregado de ferros pela Fé de Jesu Christo; porém elle, sem embargo da prohibição que se lhe havia feito, sempre continuava em illustrar, e instruir os infiéis sobre os seus erros tão impios, como extravagantes, sendo o seu valor tanto mais invencivel, quanto o martyrio era todo o objecto de seus ardentes desejos.

Elle, depois de restituido a Barcelona, quiz logo eximir-se do generalato, afim de viver como simples Religioso no resto dos seus dias; porém o mais que pôde conseguir foi concederem-lhe um Vigario, que o exonerasse de alguns trabalhos maiores; e reputando-se elle sempre como infimo entre os seus Religiosos, procurava por todos os modos os officios mais baixos da communidade, e principalmente o repartir as esmolas na portaria, porque este exercicio lhe dava meios para instruir aos pobres, e exhortallos á pratica da virtude.

O grande Rei de França, S. Luiz, formava um justo apreço do nosso Santo; e escrevendo-lhe varias cartas para que lhe fizesse uma visita, teve esta satisfação em Languedoc, no anno de 1243. Recebendo-o, pois, com alegria, e abraçando-o com ternura aquelle pio Monarcha, depois de varias conferencias, que entre si tiverão, o convidou para o seguir na expedição, que intentava fazer para a terra da Palestina.

Acceitou o Santo alegremente o convite, por ter sempre desejado fazer esta viagem; porém a falta de saude o impedio, porque as suas fadigas, e penitencias quotidianas o reduzírão a termos de uma extrema debilidade; e augmentando-se de dia em dia as suas molestias, no anno de 1249 dimit-

tio-se inteiramente do generalato, e officio de Redemptor para cuidar só na passagem deste mundo para a eterna vida.

E na sua ultima enfermidade (em que tolerou com heroica paciencia as mais vehementes dôres) estando proximo a entrar na agonia, fez a seus Religiosos sobre a preseverança uma devota instrucção, que terminou com estas palavras: *O Senhor enviou um Redemptor ao seu povo, e fez com elle uma alliança para toda a eternidade:* E encommendando depois a sua alma a Deos, a entregou nas suas mãos em dia de Natal do anno de Jesu Christo 1256, estando no anno sexagesimo setimo da sua idade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

É certo que todos os Santos tiverão sempre uma caridade grande para com todos os homens, estando promptos a sacrificar por elles a sua vida, quando para seu legitimo bem lhes fosse necessario; e não satisfeitos com lhes subministrar o que podião para as necessidades do corpo, trabalhavão ainda mais para destruir nas suas almas o reino do peccado, e estabelecer em seu logar o da santidade e justiça.

Em cujo supposto, como se poderá justificar aquella ímpia dureza, que, debaixo de mil pretextos frivolos, nos faz que recusemos aos infelizes necessitados uma pequena porção dos nossos bens temporaes? Não sabemos que Jesu Christo Redemptor (e de quem, e por quem recebemos tudo) nos fez um preceito formal da caridade para com o proximo, e em particular para com os pobres? Elle nos assegura que se obriga a compensar as nossas esmolas com uma gloria immortal; o que é mais que bastante para excitar a ternura em um coração de pedra.

E o mais é, que o mesmo Jesu Christo, a quem nós recusâmos nutrir, segundo a nossa possibilidade, na pessoa dos pobres, nutre as nossas almas com a sua carne sacratissima, e seu precioso sangue; e depois de um tal proceder esperaremos achar Graça no divino Tribunal? O' cegueira incomprehensivel! Assim profundâmos talvez as formidaveis cavernas de um espantoso abysmo, com o que poderiamos segurar a conquista de um Reino eterno.

FEVEREIRO — 1.

DE

SANTO IGNACIO, BISPO, E MARTYR.

NO SECULO II.

Das cartas deste Santo, dos escriptos de Eusebio, e S. João Chrysostomo, e dos Actos Originaes, traduzidos pelo celebre Ruinart, da edição de Verona.

Santo Ignacio, chamado tambem *Theóforo* (palavra grega, que, segundo os diversos accentos, significa *o que leva a Deos*, ou *é levado por Deos*), havendo abraçado a Fé por obra dos Apostolos, foi por elles ordenado Bispo de Antioquia, Igreja então a mais celebre de todo o Oriente, fundada já, e governada alguns annos antes pelo mesmo Principe dos Apostolos São Pedro.

Tocou a este Santo Bispo o serenar a tempestuosa perseguição, excitada contra a Igreja pelo Imperador Domiciano; o que elle fez, como sabio e espiritual piloto, por meio da oração, do jejum, e continuas exhortações ao seu povo para a pratica das virtudes, com o soccorro, e efficacia do Espirito de Deos, de que estava cheio.

Applacada, pois, esta tempestade pela paz, que Deos concedeo á sua Igreja, fazendo cessar por algum tempo o fogo da perseguição, recebeo o Santo um grande jubilo, e sómente lhe desagradava o não ter a felicidade de dar a propria vida por Christo; e assim pensava entre si mesmo, que não chegára ainda ao amor verdadeiro, que fórma a estreita união de Deos com a creatura, e se consegue mediante o martyrio.

Mas entretanto conformando-se resignado ás ordens da divina Providencia, attendia a exercitar pontualmente os officios de um bom Pastor, edificando o proprio rebanho a elle commettido com os luminosos exemplos das suas virtudes, nutrindo-o com o saudavel pasto da divina Palavra, e defendendo-o com summa vigilancia dos cavilosos enganos, com que alguns hereges intentavão corromper a sua Fé.

Com effeito, a paz de que gozavão os Christãos não foi perturbada em todos os quinze mezes, que durou o governo do Imperador Nerva;

mas a perseguição se accendeo logo em algumas Provincias por ordem do Imperador Trajano, como consta de varias cartas de Plinio, o moço, Governador de Bichynia, escriptas áquelle Principe, o qual, persuadindo-se que devêra á protecção das suas imaginarias divindades as victorias que alcançára contra os scythas, e dacios, julgando consequentemente que ninguem poderia resistir ás suas armas, resolveo convertellas contra os parthos, que perturbavão a quietação do Imperio.

Partio, pois, para o Oriente o soberbo Imperador no anno 106 de Jesu Christo, que era o nono do seu reinado; e chegando no anno seguinte á Cidade de Antioquia cuidou primeiro que tudo em promover a gloria dos seus deoses, ordenando aos Christãos por um edicto geral, que todos lhes dessem solemne culto, sob pena de morte.

E mandando logo vir á sua presença o Patriarcha Ignacio, lhe disse: *Tu és o máo demonio, que te atreves a desprezar as minhas ordens, e persuadir a muitos, que pereção miseravelmente?* Ignacio respondeo: *Ninguem póde chamar a Theóforo um máo demonio.* Trajano: *E quem é Theóforo?* Ignacio: *O que traz a Jesu Christo no seu coração.* Trajano: *Pois tu crês, que nós outros não temos em nossos corações aos deoses, que nos ajudão a vencer os nossos inimigos?* Ignacio: *E' grande erro chamar deoses aos demonios, que adorais; não havendo mais do que um só Deos, que fez o ceo, e terra, com tudo o que alli se contém; e um Jesu Christo seu Filho unico, em cujo Reino desejo ardentemente ser admittido.*

Trajano: *Tu queres talvez fallar daquelle, que foi crucificado por Poncio Pilatos?* Ignacio: *E' esse mesmo, que por sua morte crucificou o peccado, e ao demonio, seu author soberbo, que mette debaixo dos pés aos que o trazem no coração.* Trajano: *Trazes tu, pois, a Jesu Christo em ti mesmo?* Ignacio: *Sim; e segundo está escripto, habitarei, e descançarei nelle.* Irritado então o soberbo Imperador pela constante firmeza, com que o Santo Bispo confessava a sua Fé, proferio contra elle a sentença seguinte: *Ordenâmos, que Ignacio, que diz trazer em si mesmo ao Crucificado, seja prêso, e conduzido a Roma, para ser alli devorado pelas feras, e servir de espectaculo ao povo.*

Ouvindo o Santo Martyr esta sentença da sua morte, exclamou em um transporte de jubilo: *Senhor, eu vos rendo muitas graças, por me haverdes dado um perfeito amor para comvosco, e por quererdes que eu seja ligado com cadeias, como Paulo vosso Apostolo.* Ditas estas palavras, elle mesmo se cingio com as cadeias que alli estavão; e orando a Deos pela sua Igreja, se entregou aos soldados, que tinhão de o conduzir para Roma.

Partindo, pois, sem demora, chegou a Seleucia, e estando já embarcado em um navio, que tinha de girar pela costa da Asia-Menor, lhe destinárão outro, cuja viagem devia ser mais extensa, de que se não sabe a legitima causa para esta mudança; só se fosse talvez quererem mostrar o Santo em differentes logares, para que, á vista do supplicio que se lhe destinava, se assombrassem os Christãos, e todos os mais que o quizessem ser. Mas como quer que seja, deve-se crer que esta navegação prolongada foi disposta pela Providencia divina, para que o mesmo Ignacio podesse consolar, e edificar a muitas Igrejas.

Porque, sem embargo da continua vigilancia, com que o observavão os seus guardas, sempre Deos lhe dava meio para instruir, e confirmar os Fiéis, que habitavão nas terras por onde passava; insistindo principalmente em que fugissem dos scismas, e heresias, e se unissem com inviolavel firmeza á tradição dos Apostolos; e São João Chrysostomo accrescenta, que elle exhortava tambem com uma unção particular a desprezar a vida presente, suspirando só pelos bens futuros, sem o menor temor de quaesquer males peremptorios.

O nosso Santo, chegando a Smyrna, e aproveitando-se da liberdade que se lhe concedeo para sahir no navio, foi saudar a S. Polycarpo, Bispo daquella Cidade, que tambem, como elle, fôra discipulo de S. João Evangelista. Escreveo alli Santo Ignacio as suas primeiras quatro cartas, todas cheias de espirito apostolico. A primeira é dirigida aos Efesios, na qual o Santo, depois de elogiar ao seu Bispo Onésimo, e assim mesmo aos que o acompanhavão, exhorta a estes particularmente a glorificarem a Jesu Christo em todas as cousas, e submetterem-se com docilidade não sómente ao Bispo, senão ainda aos Sacerdotes.

« E se eu (dizia o Santo) vos faço este aviso « (venerando-vos a todos por meus mestres, de quem « devêra receber as instrucções) é só porque o gran- « de amor que vos tenho não me permitte ficar em « silencio... Eu me alegro com a noticia de que « vós sempre orais pelos outros homens. Vós po- « deis tambem instruillos, e animallos com as vos- « sas obras. Opponde a doçura á sua ira, a humil- « dade á sua soberba, e a oração ás suas injurias. « Eu daria de boa vontade a minha vida por vós « outros, e por aquelles que me haveis enviado. « Lembrai-vos de mim, e orai pela Igreja da Syria, « donde sou levado para Roma carregado de fer- « ros. Eu vos saudo em Deos Padre, e em Jesu « Salvador nosso.

As admiraveis instrucções, comprehendidas na carta, que acabâmos de analysar, se achão tambem nas outras que o Santo escreveo ás Igrejas de Magnesia, e de Tralles, com a mesma unção, e com a mesma força; e um dos pontos, em que mais insiste o Santo Martyr, é justo horror, que um Christão deve ter ao scisma, e á heresia. Por ultimo nada é mais tocante que o modo com que elle pede orações aos Fiéis, tanto por si mesmo, como

pela Igreja da Syria, de que elle se reputa por um membro indigno.

E como Santo Ignacio reconhecia bem o poder que teem os Santos para com Deos, temia que orassem, e conseguissem do mesmo Senhor o seu livramento. Neste supposto rogou elle a S. Polycarpo, e aos outros Fiéis que supplicassem unidamente a Deos, para que lhe consummasse o beneficio de ser devorado pelas féras; e para isto mesmo escreveo de Smyrna anticipadamente aos Fiéis de Roma, cuja carta, unica neste genero, concebida nos termos da mais ardente caridade, aqui transcreveremos, quasi toda, para edificação do leitor devoto.

« Meus irmãos, eu temo que o vosso amor me « venha a ser prejudicial, porque vos será facil o « conseguir o que talvez intentareis; e assim deveis « saber, que se vós não fallais a meu favor, eu se- « rei reunido a Deos; e se me amais segundo a « carne, ficarei na carreira da vida; e vós não me « podeis dar uma prova maior da vossa ternura, « do que deixar-me sacrificar a Deos, quando o « altar estiver preparado. Pelo que, toda a graça « que eu vos supplico vem a ser, que, formando « todos um coração unido pela caridade, entoeis um « cantico em acção de graças a Deos Padre, de « que pelos meritos de Jesu Christo fez passar o « Bispo da Syria do Oriente para Occidente, afim « de o transportar deste mundo para o seio da sua « gloria.

« Vós, que haveis instruido aos outros, e não « tendes inveja a pessoa alguma, obrai agora se- « gundo as vossas mesmas instrucções: alcançai-me « com as vossas orações a interior, e exterior for- « ça, que me é necessaria para dizer, e querer, de « modo que não diga sómente que sou Christão, « mas que em tudo me porte como tal; pois o que « faz ao Christão verdadeiro, não são as simplices « apparencias, mas é a solidez da virtude, e a gran- « deza da alma nas provas.

« Eu tenho avisado ás Igrejas, que vou a pa- « decer por Deos, se vós m'o não impedirdes. As- « sim, pois, não vos deixeis levar de uma falsa « compaixão para comigo. Dirigi antes as vossas « supplicas para que eu seja pasto das feras; por- « que sendo eu como trigo de Deos, devo primeiro « ser moido para fazer-me pão todo puro... Desejo, « pois, por este motivo que as feras por tal modo « se fação o meu tumulo, que nada deixem do meu « corpo...

« Na minha viagem da Syria para Roma es- « tou sempre entre dez leopardos; isto é, dez sol- « dados, que cada vez mais se fazem peiores; e « comtudo suspiro sempre pelas feras, que me es- « tão preparadas, e que ao primeiro impulso me fa- « ção logo em pedaços; e quando ellas não quei- « rão, eu mesmo as irritarei, para que me não suc- « ceda como a outros, a quem não ousárão tocar. « Perdoai-me, por quem sois, pois o que me é util « eu o sei, e tenho para isto mesmo uma particular « inspiração.

« Agora começo a ser discipulo de Jesu Chris- « to, de modo que tudo mais, assim visivel como « invisivel, se me faz indifferente, e por isso não « temo o fogo, nem a cruz, nem as feras, nem a « deslocação dos meus ossos, nem a divisão dos « meus membos, nem a destruição do meu corpo, « nem todos os tormentos que póde inventar o de- « monio, com tanto que eu goze a Jesu Christo, « que padecco, e morreo por nós outros. Ajuntai, « pois, as vossas orações ás minhas, para que eu « chegue felizmente ao suspirado fim da minha car- « reira.»

Elevado assim o Santo Martyr por virtude da Graça sobre todas as cousas terrenas, não lhe custava mais o deixar vida, que a qualquer outro homem o despir-se dos seus vestidos. Elle só desejava chegar ao ponto em que sería entregue ao furor das feras; e este horrendo supplicio, capaz de assombrar os corações mais intrepidos, não fazia na sua alma impressão alguma; porque estando morto a si mesmo pelo modo mais perfeito, ficava inteiramente insensivel para todo o restante no mundo.

Partindo, pois, de Smyrna para Troade, teve alli o Santo uma grande consolação, pela noticia que lhe derão de haver cessado a perseguição na Igreja de Antioquia; e como os guardas lhe não derão tempo para escrever, e congratular-se com aquelles Fiéis, rogou a S. Polycarpo, que por elle o fizesse. De Troade passou para Napoles na Macedonia, de lá a Philippe, e logo a pé até o Egypto, aonde embarcando-se para Dalmacia, e dirigindo-se depois á Cidade de Reggio, aportou finalmente na foz do Tibre, distante seis milhas, ou duas legoas da côrte de Roma.

« Logo que nos pozemos em terra (dizem os « authores das suas Actas, que o acompanhavão) « fomos penetrados da maior dôr, considerando que « em breve espaço perderiamos o nosso amado Mes- « tre; e elle pelo contrario se alegrava de chegar « ao fim da sua carreira.» E tambem os soldados lhe davão pressa, por terem de acabar-se logo os jogos publicos; e correndo a noticia de ser alli chegado o veneravel Patriarcha, sahírão a recebello os Christãos de Roma com a maior alegria; e por outra parte com summa pena, vendo que tão brevemente lh'o havia de roubar a morte.

Desejavão, pois, que o resto do povo se unisse com elles para haverem de supplicar o perdão, e se lhe conservar a vida; porém o Santo Martyr, vendo por uma luz sobrenatural, o que se passava em seus corações, os conjurou logo (ainda com maior força, que a que lhes mostrava na sua carta) para que não se oppozessem á sua felicidade; e ajoelhando alli mesmo com todos os mais, orárão a

Deos, para que se compadecesse da sua Igreja, pondo fim á perseguição, e conservasse a caridade entre todos os Fiéis.

Chegando então a Roma no dia 20 de dezembro, que era o ultimo dos jogos publicos, o Prefeito da Cidade, havendo recebido a carta do Imperador, fez conduzir o Santo ao amphitheatro, aonde, ouvindo elle os rugidos dos leões, exclamou logo transportado de jubilo: *Sou trigo de Deos, e depois de moido pelos dentes destes animaes, ficarei pão todo puro para a mêsa do mesmo Senhor.* E acabando de proferir estas palavras, arremetêrão a elle dous leões, que para logo o devorárão, sem deixarem do seu corpo senão alguns ossos maiores, e mais duros, cumprindo-lhe Deos por este modo os seus ardentes desejos.

« Em tão funesto espectaculo (dizem os autho-« res das suas Actas, que se achárão presentes) « derramavamos todos copiosas lagrimas; e passan-« do a seguinte noite em oração continua, para ob-« termos do Ceo algum signal, que nos désse a co-« nhecer a gloria que lá gozava o Santo Bispo, quiz « o divino Senhor attender ás nossas humildes sup-« plicas; porque alguns de nós outros vírão por so-« nhos, mas com admiravel clareza, a sublime glo-« ria, que elle gozava no celeste Paraizo. Assignā-« mos, pois, o dia da sua morte, afim de nos con-« gregarmos annualmente, para celebrarmos, como é « justo, o glorioso triunfo do seu martyrio. »

Lê-se em S. João Chrysostomo, que as reliquias de Santo Ignacio forão solemnemente conduzidas para Antioquia pelos Christãos de todas as Cidades, que se encontravão no caminho; e alli depostas no cemiterio proximo á porta Daphnitica; depois em tempo do Imperador Theodosio, moço, se transferírão para uma Igreja, que havia sido templo da Fortuna, e depois se denominou a Igreja de Santo Ignacio; mas presentemente as principaes reliquias deste Santo estão em Roma na Igreja de S. Clemente, para onde forão transportadas em tempo do Imperador Heraclito, quando a Cidade de Antioquia cahio nas mãos dos barbaros sarracenos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Na memoravel carta, que este Santo Martyr escreveo aos Fiéis de Roma se vêem expressos uns tão generosos sentimentos, e tão superiores ao pensamento humano, que bem se vê ser o divino Espirito o que os formava no coração, e os explicava com a lingua deste seu Servo; porque na verdade é admiravel sobre tudo o insaciavel desejo, que tinha este Santo Martyr de padecer todo o genero de tormentos até morrer por Jesu Christo. Tanta, e tão ardente era a caridade, em que a sua alma se abrazava!

Roguemos, pois, ao mesmo Santo, que nos alcance com os seus meritos, pelo menos, uma parte daquelle grande amor divino; de modo que se não chegarmos ao sublime ponto de um desejo tão vivo de padecer, e dar a vida por Christo, saibâmos sempre padecer com resignação, e se possivel nos fôr, com alegria, aquellas tribulações, que para nosso bem nos forem enviadas por Deos; recordando-nos, e repetindo ao mesmo tempo as bellas palavras do Santo Martyr: Agora começo a ser discipulo de Christo... Toda a terra, e todas as cousas deste mundo para mim são nada.

FEVEREIRO — 2.

DA

FESTA DA PURIFICAÇÃO

DE MARIA SANTISSIMA NOSSA SENHORA.

DO PADRE JOÃO CROISET, NO SEU ANNO CHRISTÃO.

O Santo dos Santos, o Sacerdote da nova Alliança, o Filho unico do Padre Eterno, o Redemptor de todos os homens, que vem offerecer-se ao Senhor como victima... Maria Mãi de Deos, a mais Santa de todas as Virgens, a mais terna, e extremosa de todas as mãis... Em summa, um Deos victima, que quer ser resgatado para se sacrificar por nós no Calvario: uma Virgem, que, encobrindo o ser que tem, só faz as vezes de Mãi; e um Propheta, que, tendo em seus braços ao Messias, decifra, e penetra os occultos segredos da nossa redempção, formão o sagrado objecto da presente Solemnidade; e tudo contribue a mostrar-nos evidentemente o excesso, a que chega o amor de um Deos para com os homens, e a ternura da Mãi do mesmo Deos para com os peccadores; o culto da Re-

ligião, a perfeita submissão á lei, o merecimento da humildade, e a grande importancia da salvação. Quantos mysterios em um só! Que admiraveis assumptos para as mais salutiferas reflexões!

Quando o Senhor deo a lei ao seu povo, ordenou que as mulheres depois do parto ficarião algum tempo sem tocar em cousa, que fosse consagrada a Deos, sem entrarem no templo: (o tempo prescripto era de quarenta dias pelo nascimento de um filho, e de oitenta pelo de uma filha) que completo este prazo, iria a mãi ao templo, e offereceria um cordeiro em holocausto, como acção de graças pelo feliz successo, e um pombo, ou uma rôla para expiar o peccado da impuridade legal; porém que se a mãi fosse pobre, só offereceria um pombo, ou uma rôla, em logar do cordeiro; e feita esta offerta pelo Sacerdote ao Senhor, a mulher ficaria purificada.

Além desta lei da purificação de commum, havia outra particular, que só pertencia aos filhos primogenitos, ordenando, que se o primeiro fructo da mãi fosse um filho, se separasse para o Senhor, e se lhe consagrasse. Por esta lei especial devião destinar-se ao ministerio dos altares todos os primogenitos dos filhos de Israel; e posto que Deos havia destinado para este emprego aos filhos da tribu de Levi, mandava comtudo que os primogenitos das outras tribus não havendo de servir no templo, fossem apresentados ao Senhor, como primicias, que lhe erão devidas, e depois fossem alli remidos a preço de dinheiro.

Não obrigava esta lei a Maria Santissima, que, tendo concebido ao Salvador por obra do Espirito Santo, sendo assim Mãi, sem cessar de ser Virgem, não tinha cousa alguma de que se purificar. Porém como bastava para a Divina Senhora o ser um acto de Religião, e de humildade, para se não querer dispensar da sua observancia, obedece promptissimamente sem attender ao seu incomparavel privilegio e altissima dignidade. Que pejo, e confusão para aquellas almas que com tanta facilidade se dispensão das mais essenciaes obrigações da Religião, persuadindo-se individamente, que as escusão dellas, ou a grandeza das dignidades, ou o resplandor da nobreza!

Chegada, pois, a ditosa manhã do segundo dia do mez de fevereiro, em que nos braços da purissima aurora havia de cahir á vista do mundo o Sol Divino (por estarem completos os quarentas dias, desde que elle nascêra no horizonte do presepio) a prudentissima, e obedientissima Senhora, prevenidas as duas rolinhas, e duas vélas, alinhou nos seus panninhos ao Menino Deos, e acompanhada de seu castissimo Esposo José, sahio de casa para o templo.

Um veneravel velho, chamado Simeão, (homem justo, e temente a Deos, que sempre suspirára pela vinda do Salvador, de que pendia a felicidade, e consolação do seu povo) havia recebido do Ceo um secreto presentimento, de que não morreria sem que primeiro visse o Christo do Senhor; e tendo-o conduzido o Espirito Santo naquella hora ao templo, lhe fez perfeitamente conhecer, que aquella mulher era a Mãi do seu Deos, e que o Menino, que trazia nos braços, era o desejado Messias. Cheio então de incomparavel amor, reconhecimento, jubilo, e respeito, tomou em seus braços ao gracioso Menino, e exclamou a Deos naquelle seu cantico, vindo a dizer deste modo:

«É esta, Senhor, a ditosa hora, em que podeis dispor do vosso servo, chamando-o ao eterno descanço, e gloriosa paz, segundo a vossa promessa. Já morro alegre, e plenamente satisfeito, nem tenho mais que appetecer sobre a terra. Já gozarei de paz segura, e verdadeira, havendo logrado o aspecto do vosso Unigenito Filho feito Homem, para nos dar a salvação eterna, destinada, e decretada antes dos seculos no altissimo consistorio da vossa Divina Sabedoria, e Misericordia infinita. Tempo é, pois, de que os meus olhos se fechem, depois de haverem visto o que vós mandais para salvar o mundo; aquelle que deve instruir as Nações, e dissipar com as suas luzes a tenebrosa escuridade do erro da idolatria, dispersa sobre a face da terra; aquelle, emfim, que será o jubilo, o prazer, e a gloria universal do vosso povo de Israel.

Acabada a exclamação a Deos, o santo velho com summa veneração fallou á Santissima Virgem, como se assim lhe dissera: «Eu vejo, Senhora, e comprehendo que este precioso Deposito, que vos entrego, este vosso amado, e amantissimo Filho, ainda que veio ao mundo para salvar a todos os homens, tempo haverá em que seja a occasião da perda de muitos, que se não quizerem aproveitar do merecimento infinito da sua morte, e dos seus tormentos. Por grande que haja sido o desejo, que tiverão os judeos da sua vinda, persuado-me que elle não terá, nem padecerá maior contradicção, que no seu proprio povo. Elle nesta hora se offereceo a seu Eterno Pai como victima, e vós, Senhora, consentistes na sua apresentação, e consequentemente na sua morte. Preparai-vos, pois, desde logo para ver a vossa alma traspassada de dôr, quando for posto em execução aquelle sanguinolento Sacrificio.»

Ao tempo que o santo homem explicava por este modo a Dignidade do Salvador, e o mysterio da Redempção, uma santa viuva de oitenta e quatro annos chamada *Anna*, filha de Fanuel, e não menos famosa pelo dom de prophecia, que pelos seus justificadissimos procedimentos, depois da morte de seu marido, com o qual vivêra só sete annos, veio naquelle dia ao templo, como fazia em quasi todos, e merecendo a mesma inspiração, que Simeão tivera do Divino Espirito, á vista do Menino Deos, não lhe cedeo no gosto, reconhecimento, e amor, com que de todo o coração louvou a Deos, e repetio com immenso jubilo quanto sabía daquelle amavel, e

adoravel Menino a todos os que esperavão a redempção, e salvação de Israel.

A festa da Purificação da Santissima Virgem, que é uma das antigas da Igreja, dizem alguns, que fôra instituida em Constantinopla pelo Imperador Justiniano em o anno do Senhor 542, e decimo quinto do seu Imperio; não só pela sua grande devoção para com a Mãi de Deos, senão muito mais para pacificar a justa indignação do Todo Poderoso, e suspender o rapido curso de uma mortal peste, que assolava então aquella nova Roma, capital do Imperio do Oriente. Outros dizem, que o Papa Gelasio I, que governou a Igreja de Deos antes daquelle Imperador mais de trinta annos, estabelecêra esta festa em Roma, para extinguir a que chamavão dos *Lupercaes*, ou purificações profanas, que os romanos, ainda gentios, celebravão neste mez.

O certo é, que a Santa Igreja, illustrada pelo Divino Espirito, instituio a festa da Purificação da Santissima Virgem com a ceremonia da procissão, e das vélas, denominadas *Candeias*, afim de abolir com a santidade dos nossos mysterios a profanação, e as infamias, que aquelles ímpios commettião neste tempo, levando tochas accesas, e fazendo diversas ceremonias supersticiosas á roda do seu templo, a que chamavão *Lustrações*, para obsequiarem o deos *Februo*, ou *Platão*, a quem se consideravão devedores da fundação, e glorioso augmento do seu Imperio.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O maternal cuidado, que tem a Santa Igreja de nos expor aos olhos a Purificação voluntaria da Santissima Virgem; as devotas procissões, que nos faz cumprir, e as vélas bentas, que nos põe nas mãos são religiosos estimulos, com que nos quer obrigar a que purifiquemos os nossos corações com uma verdadeira penitencia, e que os abrazemos com o sagrado fogo do amor divino. Por esta razão reveste ella os seus Ministros, e altares na procissão, e benção das vélas, de paramentos roxos, que symbolisão a dôr, e penitencia; e por isto mesmo costumavão algum tempo o Papa, e os Cardiaes ir descalços na procissão, que neste dia se faz em Roma, da Igreja de Santo Adrião para a Basilica de Santa Maria Maior.

Quer, pois, a Santa Igreja, que, unindo-nos ao sacrificio do Menino Deos neste dia, nos offereçâmos, como elle, a seu Eterno Pai, e lhe consagremos sem reserva, como José, e Maria, tudo o que temos mais amavel, e mais precioso; e que segundo o exemplo de Anna, e Simeão, lhe dediquemos os mais fervorosos canticos de louvor, e de bençãos, e acções de graças.

As vélas bentas, que fazem uma grande parte das ceremonias desta festa, symbolisão não sómente ao Verbo Incarnado, Luz verdadeira, que illumina a todo o homem neste mundo; mas tambem a nossa Fé, luz interna, e verdadeira, que em tudo nos deve dirigir, para caminharmos com segurança, e com aquella pura alegria, que nos dá o fiel testemunho de uma boa consciencia.

Obrigar-nos, pois, a mesma Igreja a que tenhâmos estas vélas na procissão, e na Missa, é para que entendâmos que as nossas offertas, e os nossos sacrificios devem ser acompanhados da oblação mais pura, e do sacrificio mais excellente, qual é o nosso Salvador Jesu Christo: é dizer-nos, que as nossas offertas devem nascer de uma Fé viva, illustrada, e animada pela caridade; e que os nossos sacrificios devem ser em seu modo, como o da nova Alliança, mysterios da Fé; é fazer-nos entender, que as boas obras, capazes de edificarem ao proximo, e de o excitarem a louvar, e glorificar ao Eterno Pai, que está nos Ceos, são o donativo mais agradavel, que podêmos presentar aos seus olhos; é, finalmente, advertir-nos, que esta, e as outras nossas festividades, devem ser celebradas com espiritual alegria, e que os nossos votos, e sacrificios devem ser feitos com aquella boa graça, e effusão de espirito, que Deos quer ver em nós outros.

FEVEREIRO — 3.

DE

S. BRAZ, BISPO E MARTYR.

NO SECULO IV.

Nós temos quatro sortes de Actas differentes de S. Braz, todas escriptas em grego; porém os seus authores não são muito antigos, e merecem pouca fé. Bollando as publicou, e estava neste sentimento.

A historia da vida deste Santo Bispo nos é incognita, porque delle só sabemos com certeza que era Bispo de Sebaste, e que foi martyrizado por ordem de Agricoláo, Governador da Cappadocia no anno de 316, durante a perseguição do Imperador Licinio; e lemos tambem nas Actas de Santo Eustrato, que padeceo em tempo do Imperador Diocleciano, que S. Braz, Bispo de Sebaste, recolheo as suas reliquias para as collocar com as de Santo Oresto, que vem no Martyrologio em o dia 13 de dezembro.

Até aqui o que sabemos pelo P. Bollando na sua famosa obra do *Acta Sanctorum*. Porém como o glorioso São Braz é mui festejado neste Reino, para soccorro dos oradores, e consolação dos devotos, copiaremos aqui o que delle escreveo o P. Croiset no seu *Anno Christão*, neste dia.

S. Braz, celebre Martyr em todo o mundo Christão, pelo dom dos milagres, com que Deos o honrou, era natural de Sebaste, Cidade da Armenia, aonde depois foi Bispo. A pureza dos seus costumes, a doçura do seu genio, a sua modestia, a sua sciencia, e sobre tudo a sua insigne piedade o fizerão estimar por todas as gentes de bem.

Nos primeiros annos da sua mocidade applicou-se ao estudo da filosofia; e como era dotado de excellente discurso, fez em pouco tempo grandes progressos. Depois disto as bellas noticias, que adquirio no estudo da natureza, excitando-lhe o gosto para a medicina, deo-se todo a ella sem demora, e a praticou com felicidade; por cujo motivo obrigado a ver de mais perto as enfermidades, e miserias da vida humana, teve logar de fazer reflexões mais serias sobre a sua pouca duração sobre si mesmo, e sobre a firme solidez dos bens eternos.

Penetrado, pois, destes religiosos sentimentos, tomou a resolução de prevenir os pezares que ha na morte, se lhe não antecede uma vida plenamente virtuosa. Persuadido deste pensamento pensava em eleger o retiro, escondendo-se em um deserto; porém não o pôde executar, porque fallecendo naquelle tempo o Bispo de Sebaste, todo o povo elegeo a Braz para haver de o substituir.

Com effeito esta mesma dignidade deo um novo lustre á sua grande virtude, e o fez praticar ainda uma vida mais santa. O cuidado, que elle tomou pela salvação das suas ovelhas, augmentou o que elle já tinha pela sua salvação propria. Applicou-se a instruir o seu povo, tanto com as suas palavras como com os seus exemplos; e todos achavão nelle um zeloso Pastor, um benigno pai, um perfeito modêlo, e um conductor seguro.

Mas prevalecendo o amor que tinha o Santo ao retiro, pelo desejo ardentissimo de se fazer cada vez mais perfeito, foi residir em uma caverna do monte Argeu, proximo á Cidade, aonde, passados poucos dias, lego Deos quiz manisfestar o merito extraordinario, e santidade eminente do seu Servo; porque não só as gentes o procuravão, senão tambem as mesmas feras para remedio dos seus males. E varias vezes acontecia, que chegando ellas a tempo em que o Santo orava, não o interrompião, mas esperavão em socego, que elle acabasse, para receberem a sua benção, e com ella a desejada saude.

Nomeado então Agricoláo, e instituido Governador da Cappadocia, e menor Armenia, veio a Sebaste no anno 315, por ordem do Imperador Licinio para tirar a vida a todos os Christãos, mandando sem reserva alguma, que todos os que naquelle tempo estivessem prêsos, fossem expostos ás feras.

Para cujo effeito o Governador enviou gentes bastantes, que discorrendo pelo monte Argeu, armassem laços, e conduzissem dalli alguns tigres, e leões. Chegando, pois, os caçadores á caverna de S. Braz, ficárão atonitos de verem alli o Santo rodeado de muitas feras, e fazendo a sua oração com todo o socego; do qual prodigio avisando logo ao Governador, elle ordenou sem demora, que conduzissem aquelle Bispo á sua presença, o qual cheio de jubilo disse aos seus conductores: «Ha muito que eu desejo receber a coroa do martyrio, e nesta noite me fez conhecer o divino Senhor, que elle acceitava o meu sacrificio.»

Divulgada, pois, a noticia de que se levava prêso o Santo Bispo de Sebaste, lhe sahírão ao en-

contro innumeraveis gentes, até os mesmos pagãos, afim de receberem a sua benção, e o allivio nas suas molestias; e rompendo por esta multidão uma desconsolada mulher, chegou confiadamente aos pés do Santo, e lhe apresentou com muitas lagrimas a um seu filho unico, que com uma espinha atravessada na garganta (depois de varios remedios inutilmente applicados) estava em proximos termos de perder a vida.

E compadecido o Santo Bispo do perigo evidente daquelle menino, e não menos das lagrimas da sua afflicta mãi, levantou as mãos, e os olhos ao Ceo, fazendo esta oração: « Eterno Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, attendei, Senhor, ás humildes supplicas do vosso Servo, dando a desejada saude a este menino, para que todo o mundo reconheça, que só Vós sois o Senhor, assim da morte, como da vida; e como Vós sois liberal para com todos os que invocão o vosso Nome, eu vos supplico, e efficazmente rogo para o futuro, que todos aquelles, que em similhantes molestias se dirigirem a mim para alcançarem da vossa Omnipotencia o seu remedio, sejão logo felizmente deferidos. »

Concluida esta oração, o menino ficou curado, e livre de todo o perigo; e deste grande prodigio, que a fama fez notorio, procedeo a geral devoção para com o nosso Santo contra todo o mal da garganta; e o soccorro prompto que a experiencia mostra, havendo no supplicante uma viva Fé, dá bem a conhecer a poderosa efficacia do milagroso Protector.

Chegado o Santo Bispo á presença do Governador, este lhe intimou logo, que se queria salvar a vida, sacrificasse aos deoses immortaes. Oh Deos! (exclamou o Santo Martyr) Hei de sacrificar aos demonios nossos immortaes inimigos? Eu adoro sómente ao Creador do ceo, e da terra, Deos Immortal, Omnipotente, e Eterno.

Irritado o Governador por esta resposta, proferida sem demora, e com firmeza, mandou que fosse o Bispo alli mesmo fortemente bastonado; o que se executou com rigor tanto, que outro qualquer não poderia sobreviver a um tal supplicio; mas o alegre prazer que se via no rosto do Santo Martyr, bem mostrava que alguma força sobrenatural o sustinha.

Levado, pois, ao carcere o Santo Bispo, obrou alli tantos milagres, que entrando o Governador em uma especie de furia, mandou que fosse alli mesmo com pentes de ferro cruelmente dislacerado o seu corpo; e avisado o Governador de que umas sete mulheres devotas recolhião o sangue, que corria das chagas do Santo Martyr, mandou que fossem levadas á praça da Cidade, aonde, sob pena de morte, sacrificassem aos idolos publicamente.

Pedirão ellas que lhe presentassem naquelle sitio alguns idolos de mais facil conducção; e julgando todos que ellas, e seus filhos alli mesmo os querião adorar, ficárão admirados quando virão que os pedirão sómente para os submergirem no lago, que alli estava proximo; o que sabido pelo Governador, mandou que ellas, e seus filhos fossem alli mesmo degolados, compensando-se-lhes por este modo com a preciosa coroa do martyrio a piedade que usárão com o Santo Martyr.

Envergonhado então o soberbo Agricolão de se ver sempre vencido, mandou que submergissem ao Santo Bispo no mesmo lago, em que forão lançados os idolos; mas prevalecendo-se elle com o signal da Cruz, foi marchando sobre as aguas, sem se afundir; e assentando-se no meio do lago, convidou aos infiéis, que fizessem outro tanto, se imaginavão que os seus deoses os podião auxiliar para este effeito. Quizerão então alguns delles fazer esta tentativa, mas forão logo submergidos.

Ouvio S. Braz naquelle tempo uma voz, que o convidava para sahir do lago, afim de receber a coroa do martyrio, como assim succedeo, porque logo que chegou á terra, o Governador, que estava presente, e ardendo em ira, lhe mandou cortar a cabeça no anno de 316 da Era Christã.

As muitas graças, que Deos concedeo aos Fiéis pela intercessão deste Santo Martyr, fizerão celebre o seu culto em toda a Igreja Catholica. Os gregos o festejão, ainda depois do scisma; e em muitas Cidades, e bispados da Igreja latina a sua festa é de preceito. A Cidade de Ragusa em Dalmacia o elegeo por primeiro Patrono da sua Igreja, e republica, e a solemnidade da sua festa annual dura quatro dias

Vêem-se muitas Igrejas do campo, que lhe são dedicadas; e os soccorros, que frequentemente se alcanção pelos seus meritos, (não só contra o mal da garganta, senão tambem para as molestias dos meninos, e dos brutos) teem contribuido muito para estender esta devoção; e é digno de especial nota, que Aécio, medico grego muito antigo, entre os remedios que assigna para o mal da garganta, assigna singularmente a devoção para com S. Braz, como remedio prompto, e efficacissimo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Poderemos nós reflectir sobre os tormentos, que padecêrão os Martyres por amor de Jesu Christo, sem nos confundirmos á vista da nossa laxidão? Que inconstancia a nóssa, em todas as bellas resoluções que tomâmos varias vezes para servir bem devéras a um Deos, que tanto obrou por nós para a nossa gloriosa salvação! A menor difficuldade nos assombra, nos affrouxa, nos desconcerta, e tornâmos logo a entrar no caminho das primeiras desordens.

Pois que! Não teremos jámais valor para conformar a nossa vida com as nossas luzes? Te-

remos sempre a fraqueza de ceder á torrente do mundo, de seguir os seus exemplos, e adoptar as suas maximas, que reputâmos contrarias ao espirito do Evangelho, quando as considerâmos no silencio das paixões? Em summa, não deixaremos de ser escravos de uma imaginação, que engrandece os obstaculos á nossa vista, para nos impedir o lançar mão á obra?

Ah! Formemos no dia de hoje uma nova resolução de nos unirmos ao serviço de Deos; mas uma resolução que seja efficaz, e que nos faça victoriosos de todos os esforços, que a carne, e o mundo poderem fazer para nos reconduzir ás nossas antigas infidelidades.

FEVEREIRO — 4.

DE

SANTO ANDRÉ CORSINO, BISPO.

NO SECULO XIV.

De duas differentes vidas do mesmo Santo, das quaes a primeira foi formada por um dos seus discipulos, e a segunda foi composta por Fr. Pedro André Castanha, Religioso Carmelita passados cem annos depois da morte do Santo; e de outra em latim por Francisco Venturio, Bispo de S. Severo, em 1620.

Santo André, oriundo da preclarissima familia dos Corsinos em Florença, nasceo nesta Cidade, correndo o anno de 1302, em 30 de novembro, dia de Santo André Apostolo, de quem tomou o nome no baptismo. Seus pais (que o reputárão como fructo das suas orações, e o dedicárão a Deos por meio de um voto, antes do seu nascimento) tiverão um cuidado particular de o educar com as verdadeiras maximas, e santas doutrinas da piedade Christã.

Não correspondeo André a estas boas diligencias, porque a forte inclinação que tinha ao prazer, e a frequente companhia de alguns mancebos da sua qualidade pouco sabios, e muito libertinos lhe fizerão amar o jogo, os espectaculos, e outros criminaes vicios, em tanto extremo, que era geralmente reputado por um dos mancebos mais dissolutos, apesar das saudaveis exhortações, que a sua boa mãi continuamente lhe fazia.

Chorava a desconsolada matrona a toda a hora, vendo sem remedio a libertinagem de seu filho; porém recorria ao mesmo passo á Santissima Virgem, por cuja intercessão lhe fizera Deos a graça daquelle mesmo filho, e a cujo serviço ella o consagrára por voto, ainda antes do seu nascimento; e com effeito uma tão firme confiança não veio a ficar defraudada, porque um dia, em que André se preparava com muito gosto para um dos seus ordinarios divertimentos, observando elle que sua mãi estava chorando com excesso, a propria ternura, e natural curiosidade, lhe fez perguntar com instancia, qual era a causa para tantas lagrimas!

«Eu choro, meu amado filho, (respondeo a virtuosa senhora) por ver assás verificada a primeira parte de um sonho que tive na mesma noite que antecedeo ao teu nascimento, parecendo-me que dava ao mundo um furioso lobo; o qual, comtudo, passado algum tempo, entrando elle na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o vi convertido em um manso cordeiro.

«Eu então, e teu Pai, para evitarmos um tão funesto prognostico, te offerecemos por voto á Santissima Virgem, e cuidámos depois em te educar por todos os modos na mais solida piedade; porém toda a nossa precaução só veio a fazer maior o nosso justo pezar, porque os teus livres costumes me provão com evidencia, que aquelle meu sonho foi realmente uma visão verdadeira. Sería eu, pois, feliz se ainda neste mundo te visse transformado em cordeiro.»

Acompanhadas estas palavras com muitas lagrimas, e ardentes suspiros, e proferidas com o tom suave, que lhe davão o amor, a piedade, e a ternura, tocárão o coração do venturoso André; e entrando a Graça no seu coração já contrito, completou logo a sua obra; pelo que respondendo elle a sua mãi naquelle mesmo acto, lhe fallou assim:

«Ficai na certeza, minha mãi muito amada, de que não morrereis sem ter a consolação de ver este lobo mudado em cordeiro; e como vós me haveis consagrado á Mãi de Deos, é justo que eu me empregue todo em seu serviço, e que produzão este fructo as vossas lagrimas. Perdoai-me, pois, os desprazeres que vos tenho causado; esquecei-vos das

minhas ingratidões, e durezas, e alcançai-me com as vossas orações o perdão das minhas culpas.»

Ditas estas palavras, que causárão na mãi um agradavel assombro, por uma tão prompta, e tão pouco esperada conversão, André, sem mais demora, sahio do palacio para a Igreja dos Padres do Carmo, aonde, prostrando-se diante da altar da Santissima Virgem, derramando copiosas lagrimas, se offereceo a Deos, e a esta divina Mãi, como uma victima, que lhe fôra dedicada, ainda antes de nascida, e que o mundo desconcertára, retendo-a em seus ferros por mais de doze annos.

A sua offerta foi acceita, e André, sentindo-se livre dos seus laços, e animado de um novo espirito, resolveo (sem tornar a casa) vestir o habito religioso naquelle mesmo convento dos reverendos Padres Carmelitas, que não duvidárão conceder-lhe para logo esta graça, vendo que uma pessoa de tão alta qualidade a supplicava com tão viva instancia, dando as provas maiores da sua vocação justa.

Admittido, pois, ao noviciado, o seu virtuoso fervor admirou logo aos mais perfeitos; e supposto que as paixões, a cujo dominio elle se entregára no mundo, lhe fazião agora a mais dura guerra, elle comtudo as domou tão promptamente com a mortificação perenne de todos os seus sentidos, com um silencio perpetuo, e oração continua, que veio a ficar plenamente victorioso, ainda antes de concluir o seu anno de noviciado.

Conta-se que neste tempo resentido o demonio de tantos progressos na virtude em um mancebo um pouco antes libertino, lhe apparecêra na figura de um dos seus parentes, que mais o estimava, sollicitando-o para que deixasse o habito, e tornasse para o seculo; porém o Santo Noviço, sem admittir pratica ao tentador, só lhe quiz dizer: *Eu não tenho licença para fallar*; e o demonio, envergonhado por uma resposta tão edificante, desappareceo sem demora, dando a conhecer na mesma fuga a sua industriosa malicia.

Feita a sua profissão, André formou uma lei de observar sempre as virtuosas praticas do noviciado; e com effeito elle nada diminuio por toda a vida as costumadas horas de oração, o quotidiano silencio, as frequentes humilhações, e sobre tudo, a pontual obediencia, ainda em cousas minimas.

Depois dos estudos ordinarios da Sagrada Theologia, e Escriptura Santa, com feliz successo, André foi ordenado Sacerdote em 1628; e tendo seus pais tudo prompto, para que elle celebrasse com magnifica pompa a sua primeira Missa, a sua grande humildade lhes frustrou os projectos, retirando-se occultamente para um pequeno mosteiro, distante duas legoas de Florença, aonde, sem ser conhecido, offereceo a Deos as primicias do seu sacerdocio com tal recolhimento, e devoção, que parecia um Anjo do Ceo.

Nesta occasião, entre aquelles celestes ardores, appareceo ao nosso Santo a Santissim Virgem, e lhe disse estas doces palavras: *Tu és o meu Servo, e eu em ti serei glorificada*; e na verdade, esta foi no devoto André a sua especial virtude, mostrando por todos os modos, que era verdadeiro Servo de Maria.

Enviado pelos superiores a estudar ainda Theologia na Universidade de París, alli se demorou tres annos até receber o gráo de Doutor, e depois foi continuar os mesmos estudos em Avinhão com o Cardial Corsino seu tio; e voltando depois para a sua patria, foi eleito Prior do convento de Florença pelo capitulo provincial; e logo os seus exemplos, e os seus sermões produzírão tão maravilhosos fructos, que era geralmente reputado por segundo Apostolo do Paiz.

Succedeo então, que cahindo enfermo da mais profunda melancolia um fidalgo seu parente, instituio para seu allivio uma assemblea publica em sua casa. Porém animado André de um santo zêlo, lhe representou com tanta energia a inutilidade que tinhão, e o perigo que causavão os profanos divertimentos, que a tal assemblea foi logo exterminada; e Deos compensou a docilidade do enfermo, porque tomando a devoção, que o Santo lhe aconselhou, de recitar quotidianamente sete vezes o *Padre nosso, e Ave Maria*, e uma *Salve Rainha* ficou perfeitamente curado daquella molestia, que havia resistido a todos os mais remedios.

Conheceo-se tambem no mesmo tempo, que o Ceo concedêra ao virtuoso André o particular dom da prophecia. Porque olhando elle em certa occasião para uma criança de poucos mezes, se poz a chorar, sem dizer palavra; e perguntando-lhe o pai do menino, qual era o motivo das suas lagrimas? Respondeo; «Eu choro, prevendo que este menino será a ruina da sua familia, e terá um fim desgraçado.» Verificou o successo o seu vaticinio.

Por estes, e outros prodigios admirava toda a Toscana as virtudes insignes do nosso Santo, quando a Cidade de Fiezoli, distante uma legoa de Florença, o elegeo para seu Bispo; e elle, assombrado com esta noticia, retirou-se logo para o mosteiro dos Padres Cartuxos, e tão occultamente, que frustrando as diligencias de todos os que o procuravão, se resolvêrão os Conegos a proceder a outra eleição. Porém um menino de tres annos clamou dizendo: «André, escolhido para nosso Pastor, está em oração no convento da Cartuxa.» E elle, conhecendo por este meio, que Deos o chamava para o episcopado, acceitou o emprego, e recebeo a sagração no anno de 1360.

Mas a obrigação de viver como Bispo não introduzio mudança alguma na pratica do seu primeiro instituto; antes, na consideração de que um Bispo deve ser mais santo, que um simples Religioso, accrescentou austeridados novas ás suas mortifica-

ções ordinarias. Ajuntou ao cilicio um cinto de ferro, e ao Officio divino de cada dia os sete Psalmos penitenciaes, que terminava com uma sanguinolenta disciplina; e para dar algum tempo ao somno da noite, umas poucas varas de vide estendidas na terra erão o seu leito ordinario.

Todo o seu tempo era repartido entre a oração, e funcções do bispado; e para tomar algum descanço meditava, lendo a Sagrada Escriptura. Evitava, quanto lhe era possivel, o fallar com mulheres, o que fazia sempre com olhos baixos, e nunca na propria casa. A sua caridade para com os pobres era extrema, e em todas as quintas feiras lavava os pés a um certo numero delles, entre os quaes succedeo que recusando um apresentallos, por estarem cobertos de chagas, venceo o Santo a sua resistencia, e logo que lh'os lavou, ficárão perfeitamente curados.

Digno imitador do grande Pontifice S. Gregorio, tinha o Santo Bispo uma lista dos pobres do seu bispado, para os soccorrer em tempo opportuno, segundo as suas indigencias; e como nenhum jámais partia da sua porta sem levar esmola, alguma vez lhe foi preciso multiplicar milagrosamente o pão para soccorrer aos muitos que concorrião.

Ora uma vida tão santa não podia deixar de attrahir todas as sortes de bençãos sobre o seu povo; e com effeito, um tão virtuoso Pastor reduzio logo ao rebanho todas as ovelhas desgarradas, não havendo algum peccador tão endurecido, que se não convertesse pelas exhortações deste bom Prelado, nem algum libertino, que podesse resistir ao seu zêlo.

E o dom maravilhoso que elle tinha para reconciliar as divisões, e pacificar as discordias, fez que o Papa Urbano V o enviasse em qualidades de seu legado a Bolonha, afim de applacar as sedições, que havia naquella Cidade; e logo que alli chegou este Anjo da paz, tudo se poz em socego. Reconciliárão-se os discordes, convertêrão-se os peccadores, e vio-se com evidencia o muito que pode um Bispo Santo.

Neste tempo, chegando elle á idade de quasi setenta e dous annos, conheceo por luz superior, celebrando a Missa em a noite do Natal, que estava proximo o fim da sua vida; e sobrevindo-lhe uma ardente febre no dia seguinte, preparou-se com alegre fervor para o seu transito final, que sempre trouxe na memoria depois da sua conversão; e recebidos os santos Sacramentos com grande consolação do seu espirito, exhallou com sereno aspecto o seu ultimo alento no dia 6 de janeiro do anno de 1373.

O seu corpo foi conduzido a Florença, para a Igreja dos Padres Carmelitas, como elle desejava; e confirmada com muitos milagres a opinião geral da sua heroica virtude, o Papa Eugenio IV o beatificou no anno de 1440, e depois o Papa Urbano VIII, no anno de 1629, o canonizou com muita solemnidade, destinando para a sua festa o presente dia 4 de fevereiro.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Para haver de conseguir a verdadeira santidade deve cada qual domar as proprias paixões, e morrer inteiramente para si mesmo. Esta maxima, confessada e seguida por todos os Santos, é a solida base, e fundamento principal da doutrina evangelica.

Por isso o grande Servo de Deos, cuja vida descrevemos, cuidava tanto em mortificar os proprios sentidos, e conservar a sua alma no recolhimento, afim de apurar cada vez mais os seus affectos; e por isso tambem, como legitima consequencia, a falta de pratica desta importante maxima faz que haja tão poucos virtuosos no mundo, e tão raros Santos no claustro.

E na verdade quantos perdem o fructo dos seus trabalhos, por não praticarem a sciencia, que ensina o morrer cada um para si mesmo? Esta negligencia lhes favorece o amor proprio; o qual, não sendo reprimido, lhes corrompe as boas obras, enchendo-as de milhares imperfeições; e esta é a propria causa de haver não poucos, ainda entre os mesmos Religiosos, que depois de passarem muitos annos na observancia exterior das regras, lhes faltou o vigor para vencer qualquer obstaculo, e resistir a uma leve contradicção.

FEVEREIRO — 5.

DE

SANTA AGUEDA, VIRGEM, E MARTYR.

NO SECULO III.

As Actas Latinas desta Santa merecem toda a fé, por serem da mais alta antiguidade. Tillemont nos deo dellas um compendio no tomo 3.º das suas Memorias Ecclesiasticas; aonde se vê, que são conformes com dous Panegyricos, que o Papa São Damaso, e Santo Isidoro de Sevilha fizerão a esta Santa.

As duas celebres Cidades Palermo, e Catana disputão entre si a gloriosa honra de haver dado ao mundo esta illustre Santa, que é a primeira das principaes Virgens, e Martyres do Occidente, de que se faz menção no Canon da Missa; e o que se sabe com certeza a este respeito, é que ella nasceo em Sicilia no anno 330 da Era Christã; e que estando em Palermo no tempo da perseguição do Imperador Decio, foi depois martyrizada na Cidade de Catana, em o anno de 251.

Seus pais, que erão da primeira nobreza de Sicilia, e sobre serem Christãos, possuião grandes bens, cuidárão logo em dar a esta filha uma educação digna da sua piedade, e do seu nascimento; e ella da sua parte, além da mais fiel observancia a tudo que se lhe mandava, fez voto de virginal pureza, querendo só a Jesu Christo por seu Esposo; e assim por mais instancias que fizerão as pessoas da maior qualidade, a todos rejeitou com absoluta firmeza.

Achava-se então Quinciano Governador da Sicilia; e tendo noticia de ser Agueda de illustre sangue, possuir copiosos bens, e passar pela mais formosa donzella do seu tempo, intentou a sua alliança, julgando que tanto ella como seus pais não lhe opporião a menor duvida; em cujo supposto mandou que viesse á sua presença; e sabendo Agueda desta ordem do Governador, crêo que o Divino Senhor acceitava o sacrificio, que lhe havia feito da sua vida. Pelo que, animada ella com esta esperança, que lhe abria a porta para juntar a gloria do martyrio á honra da virgindade, ajoelhou, fazendo esta oração.

«Jesu Christo, meu Senhor, meu Soberano Deos, e meu Divino Esposo, Vós sabeis quaes são os meus sentimentos, Vós vêdes o meu coração, e que só Vós o possuis eternamente. Conservai-me pois contra o tyranno, livrando-me de todo o criminal perigo: eu sou vossa ovelha, defendei-me do lobo, e concedei-me que vos seja sacrificada, como victima pura, que ha muito tempo vos é offerecida. A hora do sacrificio está proxima: attendei á minha supplica, e acceitai a minha offerta.»

Chegárão neste tempo os Ministros do Governador, que a devião conduzir a Catana, aonde elle residia; e partindo ella sem demora, occupou-se por todo o caminho no alegre pensamento de ir derramar o seu sangue por amor de Jesu Christo; de modo que toda a sua viagem foi uma oração continua; e animada ella de uma nova confiança, marchava para a morte, como para um triunfo.

Vendo-a, pois, o Governador, e julgando que os actuaes edictos do Imperador contra os Catholicos a obrigarião a renunciar a Fé de Jesu Christo, comtudo não se resolveo para logo a fallar-lhe, como Juiz severo. Contentou-se com a metter nas mãos de uma desgraçada mulher, chamada Afrodizia, que alli com suas filhas vivião em uma publica libertinagem.

Não podia o tyranno condemnar a nossa Santa a outro para ella mais horroroso supplicio, nem é facil de explicar o que ella teve de soffrer por parte daquellas abominaveis creaturas, em cuja casa a detiverão por todo o espaço de um mez: ella chorava diante de Deos, rogando-lhe sem cessar, que não deixasse de a proteger em uma tão perigosa tempestade.

Portando-se, pois, incontrastavel a virtuosa Donzella a todos os assaltos com que alli a perseguírão, declarou Afrodizia a Quinciano, que sería mais facil amollecer um diamante, do que vencer a firmeza da Donzella Agueda; que como era Christã, não havia esperança de a perverter. Quinciano ouvindo isto, entrou em furor, e jurou pelos deoses, que se vingaria daquella desobediente com os mais horriveis supplicios.

Mandou-a, pois, conduzir, e chegada ella, perguntou-lhe com imperiosa voz: «Qual é o teu nome, e qual a tua condição?» «Eu me chamo Agueda, (respondeo a Santa) e tu não ignoras a nobreza da minha familia.» «Pois por isso mesmo (replicou Quinciano) eu me admiro, de que sendo tu

livre, e de tão alta qualidade, te ponhas em o vil numero das escravas.» «Se o que dizes de ser eu escrava (respondeo Agueda) é por ser Serva de Jesu Christo, eu faço tanta gloria de o ser, que só tenho por verdadeira nobreza a de o servir.»

Quinciano, ouvindo isto, concluio a pratica, mandando á Santa absolutamente, que sem demora sacrificasse aos deoses, sob pena de padecer os mais crueis supplicios. Porém ella, sem se perturbar, lhe respondeo: «Se queres, que eu sacrifique aos deoses do Imperio, dize-me primeiro, quaes são esses deoses? Não são elles unicamente umas estatuas insensiveis de metal, ou de páo, ou de pedra, que representão (por exemplo) a um Jupiter, que, segundo as vossas historias, foi um depravado, ou uma Venus, de quem tu não quizeras que tua mulher fosse imitadora?»

Irritado então o Governador por uma resposta tão sabia, espiritual, e convincente, mandou, que lhe dessem logo alli muitas punhadas no rosto; e não querendo por aquella vez adiantar mais o interrogatorio, ordenou que fosse mettida a Santa em um escuro carcere, afim de a dispor entretanto ou a renunciar a Fé, ou a padecer os mais horriveis tormentos.

No dia seguinte reconduzida a Santa á presença do Governador, lhe perguntou este; «Se havia pensado seriamente em salvar a vida?» «Pensei, respondeo ella.» «Renuncia, pois, a Jesu Christo, lhe disse o Governador.» «Eu renunciar a Jesu Christo (respondeo Agueda) a Jesu Christo, que é o meu Salvador, e o meu Esposo! Elle me remio com o seu precioso Sangue, e eu devo dar por elle a minha vida. A minha resolução é esta, desengana-te, e não esperes outra; emprega, pois, o ferro, e o fogo, serás o instrumento do meu sacrificio.»

Uma resposta tão generosa irritando sobre modo ao tyranno, lhe fez mandar que fosse levada Agueda ao cavalete, aonde, depois de ser dislacerada com pentes de ferro, lhe applicassem laminas ardentes aos lados; e todos estes tormentos, que sendo mais crueis ainda em um corpo tão delicado, causavão horror aos circumstantes, a Santa os tolerava, não só com invencivel constancia, senão, o que é mais, com interior socego, e exterior alegria.

O que visto por Quinciano, cada vez mais furioso, ordenou com inaudita crueldade, que depois de atormentarem os peitos da Santa com tenazes de ferro, lh'os cortassem de todo; e logo elle por uma parte confuso de uma tal inhumanidade, e por outra envergonhado de ficar vencido por uma mimosa Donzella, que não cedeo a uma dôr tão viva, mandou que a levassem á prisão, com expressa ordem de lhe negarem todo o alimento, e não lhe curarem as feridas.

Mas apenas entrou a Santa no carcere, uma luz sobrenatural desterrou as trevas, e apparecendo-lhe o Apostolo S. Pedro, a curou tão perfeitamente, como se nada houvera padecido. O que chegando á noticia do Governador, a fez conduzir ao seu tribunal, e sem perguntar pela causa de uma cura tão milagrosa (que a cegueira dos pagãos reputava por feitiçaria) lhe disse resoluto: «Que se não adorasse logo aos deoses, passaria para tormentos novos, muito mais horriveis que os antecedentes.» «Não ha mais que um Deos (replicou a Santa) ao qual eu fielmente sirvo, e assim não posso adorar a outro.»

Ordenou então o Governador que se alastrasse aquelle pavimento com fragmentos de telha, e vidro, sobre os quaes misturados com carvões accesos, se revolvesse o corpo nú da Santa. Porém este mesmo tormento foi para ella um novo triunfo; porque logo no principio da sua execução houve um grande tremor de terra, que abateo muitos edificios, em cujas ruinas ficárão mortos (entre outros) Silvano, e Falconio, intimos amigos do Quinciano; o qual, obrigado a fugir (não só do terremoto, senão tambem de uma geral sublevação dos moradores da Cidade, que tiverão aquelle funesto incidente por justo castigo do cruel tratamento que fizera á Santa) foi submergido em um rio, e não appareceo mais o seu corpo.

E a gloriosa Agueda (á qual o Governador antes da sua fuga fizera reconduzir á prisão) logo que entrou no carcere fez esta oração a Deos: «Eterno Omnipotente Senhor, que por um effeito da vossa Misericordia infinita me tomastes ao vosso particular cuidado desde a minha infancia, e me preservastes do amor contagioso do mundo, abrazando o meu coração só com o fogo do vosso puro amor.... Vós, meu Salvador, que me haveis conservado no meio de tantos tormentos para gloria do vosso Nome, e para confundir todas as potencias das trevas, dignai-vos de receber a minha alma entre os vossos Cortezãos celestes, como espero da vossa benigna Clemencia.

Acabando de proferir a gloriosa Agueda esta breve oração, docemente expirou no dia 5 de fevereiro do anno 251; e o seu nome se fez logo celebre em todo o mundo Christão; porque os muitos, e grandes milagres, que obrou Deos logo depois da sua morte por sua intercessão, fizerão ver com evidencia, quanto ella era poderosa para com o mesmo Senhor.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A gloriosa Agueda santificou os seus tormentos por uma perfeita pureza de intenção, que destruio nella o amor das creaturas, para substituir em seu logar o do Creador; e assim tambem pelo meio desta virtude é que nós faremos de todos os nossos trabalhos, e de todas as nossas obras outros tantos sacrificios agradaveis ao mesmo Senhor.

Todo o homem, com effeito, nasce para trabalhar, e padecer, ou na alma, ou no corpo, em quanto vive neste mundo; e portanto, se nós só queremos padecer quando temos testemunhas da nossa paciencia, ou se depois de haver soffrido animosamente, nos deixâmos desconcertar pela mais leve contradicção, é isto signal de que não estamos ainda mortos para nós mesmos, e que não possuimos ainda a legitima pureza de intenção, que anniquila em nós outros tudo o que não é de Deos. Digâmos, pois, não só de palavra, senão com as obras, como a nossa Santa: Sêde, meu Deos, o unico possuidor de tudo o que eu sou.

FEVEREIRO — 6.

DE

SANTA DOROTHEA VIRGEM, E MARTYR.

NO SECULO IV.

Os Actos do martyrio de Santa Dorothea, referidos por Surio no presente dia, e pelos Bollandistas, ainda que não são originaes, têem comtudo seu merito, e são julgados dignos de fé por homens doutissimos, segundo os mesmos Bollandistas, e por Tillemont no tomo 5 das suas Memorias Ecclesiasticas em o titulo de Santa Dorothea.

Vivia no quarto seculo em Cesaréa de Cappadocia uma virgem por nome Dorothea, adornada das mais singulares virtudes, que podem fazer illustre a uma donzella Christã. A sua familia era distincta entre as mais nobres da Provincia, e ainda muito mais pela sua notoria piedade; tanto assim, que seu pai, e sua mãi tinhão a gloria de haver derramado o sangue por Jesu Christo, antes que Dorothea sua filha merecesse a coroa do martyrio.

Resplandecião com effeito nesta Donzella uma tal modestia, e pureza de costumes, sobre uma rara formosura, e uma tal sabedoria, e prudencia em todas as suas obras, que levava as attenções de toda a Cidade de Cesaréa, merecendo ser alli reputada, como digno exemplar de todas as virgens Christãs, e fazer-se respeitavel ainda aos mesmos gentios.

Chegando, pois, a Cesaréa no anno 306, o Governador Sapricio, inimigo capital dos Fiéis Christãos, e ouvindo fallar do merito extraordinario da Virgem Dorothea, e que persuadia aos Christãos, que não obedecessem aos edictos dos Imperadores, mandou-a logo prender, e conduzir á sua presença; e perguntando-lhe, qual era o seu nome? « Eu me chamo Dorothea, respondeo ella com a sua modestia, e doçura. »

« E porque recusas tu (replicou o Governador) adorar os deoses do Imperio? Ignoras por acaso as ordens que os Imperadores têem publicado a este respeito? » « Não ignoro os edictos dos Imperadores (respondeo a Santa) mas tambem sei que só se deve adorar ao verdadeiro, e unico Deos; e que os que vós denominais deoses do Imperio, forão uns homens depravados, a que vós outros chamastes deoses, para authorizar a licença dos máos costumes, e das paixões mais vergonhosas. Julga tu agora, á vista desta verdade, se é licito adorar a uns taes deoses, por mais que o mandem os Imperadores? »

Embaraçado Sapricio com esta resposta tão genuina, e tão pouco esperada, contentou-se com dizer simplesmente a Dorothea, que obedecesse, como se lhe mandava, para haver de salvar a vida. « Eu não temo os tormentos (lhe disse a Santa) antes todo o meu desejo é dar a vida por aquelle que me remio com o preço do seu Sangue. » E quem é esse (perguntou Sapricio) por quem tanto desejas morrer? » « É Jesu Christo (respondeo Dorothea) meu Salvador, e meu Deos. » « E aonde está esse Jesu Christo? » perguntou o Governador. « Como Deos (respondeo a Santa) está em toda a parte, e como Homem, está no Ceo, á direita de Deos seu Pai, aonde depois da morte o espero possuir eternamente. »

Porém o Governador, desprezando o que acabava de ouvir, lhe disse por conclusão, que se desfizesse para logo de todas aquellas extravagantes idéas, que sacrificasse aos deoses, e cuidasse em tomar esposo, porque de outro modo não poderia evitar o ultimo supplicio. « Não permitta Deos (respondeo a Santa) que sendo eu Christã, sacrifique aos demonios, nem que tendo a honra de ser Esposa de Jesu Christo, pense em passar a outras bodas.

Então Sapricio, interrompendo a pratica, ordenou que fosse entregue Dorothea a duas irmãs

chamadas Christa, e Calista, que uns dias antes havião renunciado á Fé; promettendo-lhes uma grande recompensa, se chegassem a perverter aquella Santa. Porém Deos dispoz tudo pelo contrario, porque forão tão vivas, e efficazes as exhortações, que lhes fez Santa Dorothea para que se arrependesem do seu erro, e fizessem penitencia, que ambas as irmãs ficárão penetradas, e compungidas.

E porque ellas ao mesmo passo quasi que desesperavão de conseguir o perdão do seu enorme delicto, a Santa com doces palavras as fez confiar na divina Misericordia, fallando-lhes desta maneira: «Não queirais desesperar da bondade do benigno «Senhor, antes sabei, que essa desesperação sería «um peccado maior do que a apostasia, que ha- «veis feito, renunciando a Fé. Deos é bom, e mi- «sericordioso, e não ha chaga tão profunda, que «não possa por elle ser curada. Jesu Christo é cha- «mado Salvador, Redemptor, e Libertador, porque «salva os peccadores, toma á sua conta a redem- «pção dos peccados; e aos que a elle recorrem li- «vra das prisões dos demonios. Convertei-vos, pois, «para Elle de todo o vosso coração, e conseguí- «reis o perdão benigno dos vossos grandes pec- «cados.»

Prostrárão-se logo as duas irmãs aos pés da Santa, rogando-lhe com muitas lagrimas, que intercedesse por ellas, e lhes alcançasse o perdão das suas culpas; e ella, levantando os olhos ao Ceo, fez alli esta oração: «Meu Senhor, e meu Deos, «Vós, que não quereis a morte do peccador, mas «que se converta, e viva, e que dizeis no vosso «Evangelho, haver no Ceo maior jubilo por um «peccador, que faz penitencia, do que por noventa «e nove justos, que della não necessitão, dignai- «vos de mostrar agora a vossa benigna clemencia «para com estas pobres creaturas, que se achão «arrependidas, e desejão tornar ao seio da vossa «Graça.»

Passados alguns dias mandou o Governador, que viessem á sua presença Christa, Calista, e Dorothea; e chamando á parte as duas irmãs, lhes pedio conta do que havião feito com a Santa Virgem; e respondendo-lhe ellas, que estavão summamente pezarosas da sua passada apostasia, e que portanto não reconhecião outro Deos, senão a Jesu Christo Filho do Eterno Pai, por cuja Fé estavão promptas para dar o sangue, e a vida... o Governador, sobre modo indignado, mandou, que, ligadas juntas costas com costas, fossem queimadas vivas na presença de Dorothea.

Ouvindo as duas irmãs esta sentença, levantárão a voz, e disserão; *O' Senhor Jesu Christo, acceitai esta nossa penitencia, e perdoai-nos.* E continuando em repetir esta mesma oração, consummárão o seu martyrio á vista da gloriosa Dorothea; a qual, cheia de jubilo, por haver felicitado aquellas duas almas, lhes disse primeiro: *Andai, irmãs, andai para o Ceo antes de mim, e tende por certo, que Deos, attendendo ao vosso martyrio, vos ha perdoado, e vós recobrais tudo o que haveis perdido.*

Entretanto julgava Sapricio, que Dorothea presenciando o supplicio das duas irmãs, haveria mudado de parecer. Mas encontrando-a muito mais constante, e animosa, ordenou que fosse por todo o corpo cruelmente dislacerada, e se lhe applicassem laminas ardentes aos lados; e vendo por ultimo, que nada bastava para vencer a constancia da Santa Donzella, mandou que se terminasse o supplicio, fazendo-lhe cortar a cabeça.

E caminhando ella para o cadafalso toda cheia de jubilo, um Advogado do tribunal do Governador, chamado Theofilo, que estivera presente ao interrogatorio, lhe disse então por zombaria: *O' Esposa de Christo, manda-me alguns pomos, e flores do jardim do teu Esposo. Sim* (respondeo a Santa, movida do divino Espirito) *assim o farei certamente.* Chegada ella ao logar do supplicio, dobrou os joelhos em terra, e feita uma breve oração, offereceo sem o menor susto a propria cabeça ao fio da espada, que lhe poz a coroa do martyrio, e a fez voar triunfante para o glorioso throno do Paraizo.

Estava entretanto o referido Theofilo contando a alguns amigos o que passára com a Santa, e a promessa que ella lhe fizera; e apparecendo-lhe logo um Anjo em fórma de especioso menino, lhe apresentou tres bellissimos pomos com uma fresca rosa, em nome da Santa Virgem Dorothea, e no mesmo instante desappareceo. Theofilo a um tal prodigio ficou atonito, por ser no mez de fevereiro, em que toda a Cappadocia está coberta de neve, e de gêlo; e obrando no seu coração a divina Graça, começou logo a confessar por verdadeiro Deos a Jesu Christo, e exhortar aos seus parentes, e amigos, que abraçassem a sua Fé, e se fizessem seus sequazes.

Informado logo o Governador desta mudança de Theofilo o mandou prender; e conduzido á sua presença, applicou todos os esforços, e industrias possiveis, para o fazer tornar ao culto dos idolos; e vendo frustradas todas as suas tentativas (porque Theofilo com generoso vigor desprezou as suas lisonjas, e ameaças) o fez açoutar cruelissimamente; porém elle dizia no mesmo tempo com grande prazer, e tranquillidade de espirito: *Agora sou verdadeiro Christão, padecendo pela Fé do meu Senhor Jesú Christo.*

E Sapricio no mesmo tempo o insultava deste modo: *Miseravel! Assim desprezas o teu corpo, e tão pouco estimas a tua vida! Sim* (respondeo o Santo Martyr) *eu não desprezo o meu corpo, antes o conservo, e com elle a minha alma, para merecer a eterna vida. E assim queres, ó Theofilo* (concluio Sapricio) *precipitar-te em uma morte vergonhosa por um excesso de loucura? Antes eu mesmo*

(respondeo o Santo) *dou uma grande prova de ser sabio, em preferir os bens eternos aos temporaes, que tem tão pouca duração.*

Irritado, pois, o Governador por esta firme resolução do Santo Martyr, ordenou, que despedaçadas as costas com pentes de ferro, lhe applicassem tochas accesas a todas as chagas; e elle no meio de tão crueis tormentos estava dizendo estas palavras: *Bemdito sejais, Senhor meu Jesu Christo, filho de Deos vivo. Fazei-me a graça, por quem Vós sois, de unir-me á companhia dos vossos Santos.* Até que chegando o algoz a cortar-lhe a cabeça, elle por especial favor da divina Graça foi receber no Ceo a preciosa coroa, que merecêra na sua hora undecima, ou nos ultimos fins da sua vida.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Quem por mercê de Deos não tem commettido mortal culpa, que lhe fizesse perder a espiritual innocencia, resista com vigor a todos os assaltos do demonio, e a todos os esforços do inferno; querendo antes, como Santa Dorothea, padecer, e arriscar tudo, ainda a mesma vida, do que perder a posse de um tão precioso thesouro.

E quem, por sua desgraça, cahio na escravidão da culpa, e talvez se precipitou no abysmo da infidelidade contra a santa Religião (como Theofilo, Christa, e Calista) aqui tem o exemplo para não perder a confiança, e não cahir em desesperação, que é o peccado maior, que se póde commetter contra a infinita Misericordia do divino Senhor.

Antes de peccar, diz Santo Agostinho, tema-se, e tema-se muito a divina Justiça, para se não cahir nas mãos de um Deos indignado; porque nos póde precipitar em um abysmo de sempiternas penas, sem nos dar tempo de penitencia; mas depois de haver peccado, confie-se muito, e muito deveras na poderosa Graça, e bondade immensa de Deos, que não quer a morte do peccador, qualquer que ella seja, mas que se converta, e viva.

FEVEREIRO — 7.

DE

S. ROMUALDO, ABBADE,

FUNDADOR DA ORDEM CAMALDULENSE.

NO SECULO X.

A sua vida foi escripta por S. Pedro Damião, passados quinze annos depois da morte deste Santo, e se acha em Surio no dia 19 do mez de junho, e tambem na grande obra dos Bollandistas.

No anno de 956 nasceo S. Romualdo em Ravena de uma familia Ducal, que tinha ainda no seu tempo um caracter distincto entre a maior nobreza da Italia. Seus pais muito mais cheios das maximas do mundo, que das de Jesu Christo, lhe inspirárão o gosto dos prazeres; e como uma tal educação não podia deixar de produzir funestissimas consequencias, o mancebo Romualdo corria a largos passos para a sua perda pelo fogo activo das suas paixões.

Mas a Providencia, que intentava fazer delle um modêlo de santidade, lhe mostrava de tempo em tempo o miseravel estado da sua alma, e o movia a obrar alguma cousa grande para gloria de Deos. Algumas vezes, sahindo á caça, e achando-se no meio de um bosque, exclamava enternecido: «Oh, como erão felices os antigos solitarios, habitando em similhantes desertos! Com que «socego de espirito servirião elles ao Senhor, estando assim remotos do tumulto do mundo!»

Ultimamente o fatal successo, que vamos a referir, foi o meio de que usou Deos para concluir de uma vez a conversão de Romualdo. Sergio, seu pai, homem violento, e ambicioso, tendo uma grave disputa com um seu parente por certo interesse temporal, resolveo terminar a questão por um publico duelo, em o qual quiz o mesmo Sergio, que se achasse tambem seu filho Romualdo, ainda que só como inspector, e testemunha.

Prevalecendo, pois, Sergio no conflicto, deo a morte ao seu adversario, de cujo successo teve Romualdo tanto horror, (supposto que só a elle assistíra, intimidado pela ameaça que o pai lhe fizera de perder a sua graça, e domestica herança) que reputando-se culpado naquelle homicidio, to-

mou a resolução de o expiar por uma rigorosa penitencia de quarenta dias no mosteiro denominado de Classé, distante pouco mais de uma legoa da Cidade de Ravena.

O seu designio por então não era estender a mais o seu retiro, mas o espirito de fervor, e compunção, de que estava animado, lhe fizerão gostar ineffaveis doçuras nos exercicios mais penosos da penitencia; e sentindo-se cada vez mais penetrado do temor, e amor de Deos, os bons exemplos, que alli tinha diante dos seus olhos, juntos ás instrucções, que um Santo Religioso leigo, destinado ao seu serviço, lhe dava a cada passo sobre a eternidade futura, lhe produzírão um tal desprezo do seculo, que elle, abandonando-o com animo resoluto, pedio em pleno capitulo ser admittido naquelle mosteiro em qualidade de penitente.

Duvidárão os monges, e não quizerão deferir para logo a estas supplicas de Romualdo, temendo expor-se a alguma violencia por parte do imperioso pai. Mas o fervoroso pertendente recorreo sem demora ao Arcebispo de Ravena, que antes do bispado fôra Abbade daquelle mosteiro; e elle bem informado da solida vocação de Romualdo, ordenou com positivo preceito aos monges, que promptamente o recebessem.

Neste mosteiro esteve Romualdo tres annos em continuos exercicios de mortificação, e penitencia com summa paz, e tranquillidade de espirito. Mas passado este tempo, começou a suscitar-se contra elle a má vontade de alguns monges menos observantes, que não podião levar a bem as caritativas exhortações, que lhes fazia Romualdo para os reduzir ao bom caminho; e chegou a tal excesso o odio daquelles malvados, que assentárão no projecto de o tirar deste mundo; e Romualdo com esta noticia pedio, e obteve permissão do Abbade para ir habitar em outro mosteiro.

Chegando, pois, aos suburbios de Veneza, sugeitou-se á direcção de um santo Eremita, chamado Marino, homem de vida austérrima, que como tal tratou nos primeiros tempos duramente ao novo discipulo. Elle tomou a seu cuidado instruillo não só na virtude, mas tambem nas lettras; e cada vez que commettia algum defeito, depois da reprehensão, o feria com uma vara, e sempre na mesma parte da cabeça. Pelo que lhe disse um dia Romualdo: *Meu padre, feri-me da outra parte, porque desta em que vós me dais tenho perdido a sensação, e o ouvido.* Estas palavras, proferidas com ingenua simplicidade, fizerão impressão no animo de Marino, e forão causa de mitigar para com o bom discipulo a sua severidade ordinaria.

Era naquelle tempo Dóge (Principe Governador) de Veneza, Pedro Urséolo, o qual cheio de remorsos, que lhe atormentavão a consciencia, (por haver subido áquella dignidade com o favor dos conjurados, que tinhão assassinado a Candiano seu antecessor) consultou a este respeito ao Abbade Gaurino (que viera de Catalunha visitar os Santos Logares da Italia) para saber o que devia obrar naquelle caso, de modo que ficasse livre de todo o escrupulo. O Abbade Gaurino conferenciou sobre o facto com Romualdo, e Marino, e todos tres concluírão, que Urséolo devia renunciar aquella dignidade tão mal adquirida; e para reformar a consciencia propria, sujeitar-se á direcção alheia, elle que por excesso de ambição quizera dominar aos outros.

Então Urséolo (a quem o Senhor tinha já com a sua Graça tocado o coração) promptamente abraçou o conselho daquelles santos homens; e partindo secretamente de Veneza em companhia dos mencionados Gaurino, Romualdo, e Marino, deixou-se ficar em Catalunha no mosteiro do Abbade Gaurino, aonde, professando, e observando a vida monastica, viveo, e morreo santamente; e Romualdo, e Marino, despedindo-se de Urséolo, retirárão-se para um deserto não muito distante, afim de passarem, como antes, os seus dias em uma rigorosa vida eremitica.

Pouco tempo depois se unírão muitos a estes dous solitarios, e Romualdo era de todos (até do mesmo Marino) concordemente reputado como mestre, e director dos outros; porque na verdade elle precedia a todos com o maior exemplo de uma abstinencia rigorosissima, e com o fervoroso exercicio das mais excellentes virtudes. Elle por um anno inteiro nada mais comeo cada dia do que um punhado de grãos cozidos em agua. Depois pelo espaço de tres annos sustentou-se com o limitado fructo, que lhe produzia uma pequena porção de terra por elle cultivada.

Depois (sem deixar o trabalho de mãos) passou a imitar aos monges do Oriente, estando toda a semana sem comer cousa alguma, senão só uma vez no sabbado, e no domingo, pelo tempo da Quaresma; e nesta fórma de jejum perseverou mais de quinze annos. A todas estas mortificações (com que o Santo affligia o seu corpo, e o reduzia á servidão do espirito) se devem ajuntar as vexações que elle padecia por parte do demonio, que não cessava de o molestar, ora com tentações, que o incitavão ao vicio, ora com espantosas apparições de medonhas figuras, ora com horriveis estrondos, que lhe perturbavão o pouco descanço nocturno, e por outros muitos modos, com que o mortificava, como attesta S. Pedro Damião, escriptor da sua vida.

Mas ainda que S. Romualdo usava tanto rigor comsigo mesmo, era assás moderado com os que dependião do seu governo. Elle não consentia que os seus discipulos deixassem de tomar cada dia algum alimento; e nos domingos, e quintas feiras lhes permittia, que mitigassem o rigor da abstinencia, e vigilias; e particularmente desejava que houvesse entre elles uma perfeita uniformidade, ainda

no portamento exterior, e que nunca omittissem o exercicio da oração, apesar das distracções que nella padecessem.

Entretanto os exemplos, e instrucções de Romualdo não aproveitavão sómente aos que debaixo da sua direcção observavão a vida eremitica, senão tambem a outros, que, arrependidos das suas culpas, pensavão em segurar a salvação eterna, entre os quaes foi um certo Conde por nome Olibano, senhor do mosteiro, que governava Gaurino. Procurou elle a Romualdo para dar-lhe conta da sua vida, e o servo de Deos, depois de o ouvir attentamente, lhe disse: « Que para haver de salvar-se, devia deixar o mundo, e recolher-se em um mosteiro a fazer penitencia. »

A esta absoluta resposta perturbado o animo do Conde, replicou elle: que outras pessoas de espirito, com as quaes conferíra o estado da sua consciencia, não lhe derão um tal conselho; e fazendo logo vir á presença de Romualdo alguns Bispos, e Abbades, que o havião acompanhado, lhes perguntou: se era justo o conselho de Romualdo? E todos uniformemente respondêrão, que sim; accrescentando, que elles por temor, e humano respeito lhe não disserão antes o mesmo. Então o bom Conde, que devéras queria salvar-se, foi recolher-se no mosteiro de Monte Cassino, aonde passou o resto da sua vida, servindo a Deos na observancia da regra do Patriarcha S. Bento.

Entretanto o illustre Sergio, pai de S. Romualdo, tocado tambem pela Graça de Deos, recebeo o habito de monge no mosteiro de S. Severo, proximo á Cidade de Ravena para fazer penitencia dos seus peccados. Mas pouco depois, arrependido desta sua resolução, estava quasi em termos de abandonar aquelle genero de vida, e voltar para o mundo. O que sabido por seu filho Romualdo, partio sem demora para Ravena, fazendo esta longa viagem sem provimento algum, e com os pés descalços, afim de implorar a divina Misericordia a favor de seu pai.

Chegando, pois, á presença delle, e deposta no exterior a submissão de filho, o reprehendeo com authoridade, e aspereza, (por inspiração particular de Deos) e com effeito, reduzindo-o ao bom caminho, o fez constante no seu bom proposito, e o affervorou de modo no serviço de Deos, que viveo todo o resto dos seus dias com summa edificação dos outros monges, e morreo felizmente em grande opinião de santidade.

Logo, pois, que Romualdo satisfez para com seu pai todos os deveres da caridade, e piedade christã, foi habitar em uma pequena caverna, não muito distante da Cidade de Ravena, aonde por varios modos o atormentárão os infernaes espiritos, concedendo-lhes Deos esta permissão, para maior merecimento do seu fiel Servo; o qual, fundando depois com esmolas dos Fiéis um grande mosteiro á honra do Arcanjo S. Miguel, em um logar denominado *Banho*, alli concorrêrão logo, e se fizerão muitos monges, sugeitando-se á sua direcção, e governo.

Mas, passado pouco tempo, não levando a bem aquelles novos discipulos as sabias exhortações, e virtuosos exemplos, que lhes dava um tão Santo, e sabio Mestre, e particularmente indignados de haver o Santo remettido para certo mosteiro vizinho, arruinado por um incendio, uma consideravel porção de dinheiro, que lhe tinhão dado de esmola, entrárão com bastões na sua cella, e depois de o maltratarem cruelmente, o levárão como de rastos, até fóra da clausura do mosteiro; soffrendo o Santo com admiravel paciencia aquella cruel atrocidade, e aleivosa injuria.

E pensando elle por este motivo, que só devia tratar de si mesmo, Deos lhe inspirou ser vontade sua, que se empregasse, como antes, em dirigir aos outros pelo caminho da penitencia, e perfeição evangelica; para cujo effeito lhe ordenou o mesmo Senhor, que voltasse para o primeiro mosteiro de Classé, aonde recebêra o habito monastico, o que elle executou sem demora.

Achava-se naquelle tempo em Italia o famoso Imperador Ottão III, o qual, desejando pôr em ordem a abbadia de Classé, intimou aos seus monges, que elegessem um Abbade de vida exemplar, e observante da profissão monastica; e elles concordemente prestárão os seus votos para que fosse Romualdo o seu Abbade. Mas passados poucos mezes, se arrependêrão da eleição, que havião feito, por não poderem supportar a exactidão da disciplina, que elle a todo custo sempre queria que fosse por todos observada.

Começárão, pois, por este motivo a dilacerar com indignas maledicencias a sua fama, e a dar por outros modos taes, e tantos escandalos, que o Santo Prelado, reconhecendo ser aquelle emprego prejudicial a si mesmo, e servir de occasião aos seus monges de se fazerem cada vez mais criminosos, foi procurar ao Imperador, que estava sitiando a Tivoli, e na sua presença, e do Arcebispo de Ravena, dimittio o governo do mosteiro de Classé, apesar de toda a repugnancia que tinha o Imperador em consentir na tal dimissão.

Nesta occasião occorreo um incidente, que fez bem conhecer, quanto Romualdo era superior a todos os respeitos humanos, quando era necessario advertir, como se devião portar os grandes do mundo. Foi o caso: certo Senador romano, chamado Crescencio, logo que a Cidade de Tivoli se rendeo ao Imperador, foi refugiar-se na insigne fortaleza do castello de Santo Angelo; e o Imperador, valendo-se de um seu confidente por nome Tammo, lhe fez prometter da sua parte com juramento, que se espontaneamente lhe cedesse aquella fortaleza (tida então por inexpugnavel) lhe salvaria a vida, e não lhe causaria algum damno.

Consentio o Senador na proposta, mas o perfido Imperador, apenas se vio possuidor da tal fortaleza, quebrando a sagrada fé do prestado juramento, fez dar a morte ao Senador, e tomou para concubina a sua mulher. Informado, pois, Romualdo deste enorme, e abominavel excesso, representou logo a Tammo, e ao Imperador, a obrigação em que estavão de fazer publica penitencia dos seus peccados; para cujo effeito devião abandonar o mundo, e passar em lagrimas, e mortificações o restante dos seus dias.

Obedeceo Tammo promptamente, tomando o habito de monge no Monte Cassino, e o Imperador, fazendo logo uma peregrinação com os pés descalços de Roma até o Monte Gargano, em obsequio de S. Miguel Arcanjo, retirou-se depois para o mosteiro de Classé, aonde passou uma Quaresma inteira em varios exercicios de obras penitenciaes, promettendo por ultimo a S. Romualdo, que, renunciando o Imperio, se faria tambem monge naquelle mosteiro.

Passado algum tempo, e excitando Romualdo ao Imperador para o fiel cumprimento daquella promessa, lhe respondeo elle: que desejava primeiro chegar a Roma, afim de pôr em boa ordem aquella Cidade, que se lhe havia rebellado; depois do que sem duvida alguma abraçaria a vida monastica. Mas o Santo Abbade replicou, dizendo-lhe: que se elle então viajava para Roma, não tornaria mais a Ravena, como assim succedeo, morrendo este Principe na jornada.

Mandou neste tempo S. Romualdo alguns seus discipulos annunciar o nome de Christo ás Nações barbaras, como foi S. Bonifacio, o qual, prégando o Evangelho aos russos, e convertendo alli a muitos a Santa Fé, sellou com o proprio sangue a sua prégação; e assim mesmo outros dous discipulos (João, e Bento) que annunciando o Evangelho no Reino de Polonia, forão cruelmente mortos, e agora são venerados como Santos.

Inflammado, pois, o Santo Abbade por estes heroicos exemplos, partio tambem com vinte e quatro discipulos para annunciar o Evangelho aos barbaros hungaros, como quem tanto desejava dar a vida por Christo; porém como nem sempre os designios dos homens, ainda que bons, são conformes ás disposições da divina Providencia, apenas Romualdo pôz o pé na Hungria, lhe sobreveio uma tal debilidade, que lhe não foi possivel passar adiante.

E reconhecendo por isto mesmo, que não era vontade de Deos o entrar elle na Hungria, chamou os seus companheiros, e deixando a cada um a liberdade para proseguir aquelle caminho, ou voltar com elle para Italia, sete dos mesmos tornárão com o Santo, e os outros dezesete passárão á Hungria, aonde padecêrão muito por Christo, supposto que não chegárão ao martyrio, como o Santo Abbade lhes vaticinára.

Mas se Deos negou a Romualdo a Graça de derramar o seu sangue entre os infiéis, reservou-lhe comtudo outro mais extenso, e mais penoso martyrio; consistindo este, não só na sua vida sempre mortificada, e penitente, senão tambem nos continuos cuidados que tinha pela salvação do proximo, e nas contradicções que padeceo pela extirpação do vicio, particularmente o da simonia, de que naquelle tempo se não fazia escrupulo, porque ninguem o reputava por peccado; e muito mais ainda pela atroz injuria, que teve de padecer no mosteiro da Sitria, proximo a Saxo-ferrato; tal, e tão horrenda, que ella só bastaria para provar a eminente santidade deste grande Servo de Deos, e a sua invicta paciencia em soffrer qualquer adversidade, por mais dura e penosa que ella fosse. Foi o caso.

Havia entre os outros seus monges daquelle mosteiro um certo romano, de nobilissimo nascimento, mas de pessimos costumes, o qual, não podendo, ou não querendo soffrer o rigor, com que o Santo o tratava, para o curar do vicio da impureza, teve o desaforo de accusar publicamente ao Santo Abbade do mesmo delicto, em que só elle estava envolto.

Não se podia excogitar calumnia mais negra, nem mais inverosimil do que esta; porque não sómente a sua notoria, e reconhecida virtude, senão tambem a sua extrema velhice, junta a uma não vulgar extenuação de corpo, que lhe mostrava a pelle sobre os ossos, era mais que bastante para remover toda a suspeita de uma tão enorme culpa. Mas (quem tal crêra!) Deos permittio, para maior merito deste seu Servo, que todos aquelles monges prestassem inteiro credito ao detestavel calumniador.

E consequentemente indignados contra o Santo Abbade, uns o julgavão merecedor de ser suspenso em um patibulo, outros o condemnavão a ser queimado vivo na sua mesma cella, e por ultimo concordárão todos em lhe impor uma severissima penitencia, como a réo da maior culpa, prohibindo-o entretanto de celebrar a Santa Missa; e o Servo de Deos (que com summa facilidade poderia dissolver a calumnia) quiz antes acceitar a injusta pena, e soffrer por amor de Deos uma confusão tão injuriosa.

Esteve, pois, seis mezes sem chegar ao altar, e ordenando-lhe então o Senhor em uma expressa revelação, que offerecesse, como antes, o incruento Sacrificio, o Santo o praticou no dia seguinte; e nelle, depois da consagração, ficou extatico, e suspenso no ar por um grande espaço de tempo, com geral admiração dos monges que o vírão, concorrendo Deos por este modo para ser a todos manifesta a pura innocencia do seu humilde Servo; o qual tolerava todas estas, e outras muitas contradicções, não só com interior resignação, senão ainda com exterior alegria.

Depois disto retirou-se o Santo para o seu mosteiro de Val de Castro, com o designio de encerrar-se em uma pequena cella, aonde, todo occupado na meditação das cousas celestes, melhor se preparasse para o ponto da morte; e não obstante o sentir-se nimiamente debilitado pela sua extrema velhice, e por uma continua tosse no espaço de seis mezes, observou sempre o rigor da sua vida penitentissima; até que por ultimo reconhecendo elle, que pouco a pouco lhe hia faltando o alento, disse aos monges que lhe assistião, que o deixassem descançar, e voltassem de manhã, para rezar Matinas.

Sahírão elles, só por obedecer-lhe, mas temendo que o Servo de Deos entretanto expirasse, ficárão velando á porta da cella; e como passadas algumas horas não sentírão rumor, nem movimento algum, abrírão a porta, e acharão o Santo já morto, com os olhos no Ceo, e as mãos cruzadas no peito. Tal foi a morte de S. Romualdo no anno de 1027, estando na idade de cento e vinte annos; vinte dos quaes passára no seculo, tres no mosteiro de Classé, e noventa e sete como Eremita, em diversas partes; e Deos, com muitos, e grandes milagres, confirmou os altos merecimentos deste seu fiel Servo, como attesta São Pedro Damião, digno escriptor da sua vida.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Todos os escriptores da Historia Ecclesiastica reputão o seculo decimo por seculo de ferro, ou lamentavel seculo em que reinava a ignorancia, e era quasi universal a depravação dos costumes. Porém o Senhor no meio de tantas, e tão densas trevas suscitou a S. Romualdo, como uma resplandecente luz, para dirigir a muitos no caminho da salvação. Elle prégou a penitencia, e mais com o exemplo, que com as palavras; e este seu exemplo, auxiliado com a divina Graça, foi tão efficaz, que reduzio a muitos a deixar o vicio, e a tenebrosa estrada do seculo, que conduz á perdição, e fundou a celeberrima ordem Camaldulense, que depois de tantos annos persevera, e edifica ainda a Igreja de Deos com a sua vida austera, e penitente.

Aproveitemo-nos, pois, destes illustres exemplos, e correspondâmos ás Misericordias do Senhor, que depois da culpa nos chama á penitencia; e se não temos valor, ou talvez não podêmos separar-nos do mundo, segundo as obrigações do proprio estado, ao menos retiremos delle o coração, praticando uma vida seria, mortificada, e penitente, que nos preserve da corrupção do peccado, e nos ponha em uma bem fundada esperança de conseguirmos depois a vida eterna.

FEVEREIRO — 8.

DE

S. JOÃO DA MATHA,

FUNDADOR DA ORDEM DA SS. TRINDADE.

NO SECULO XII.

Das bullas do Papa Innocencio III, e dos authores que escrevêrão a vida do Santo, e principalmente do sabio Roberto Guaguino, eleito Geral dos Trinitarios no anno de 1490.

Nasceo este Santo de illustre familia em uma terra chamada Falcão na Provença, correndo o anno de 1160. Sua mãi, senhora piissima, o consagrou desde menino particularmente a Deos, debaixo da protecção da Santissima Virgem, cuidando muito em o educar com sentimentos de piedade, e nas maximas da Religião Christã. Correspondeo João ás santas intenções da mãi por tal modo, que já nos annos puerís mostrava uma piedade, e uma modestia superior á sua idade, empregando na oração, e lição dos livros espirituaes o tempo, que de modo ordinario gastão os outros meninos em varios jogos, e divertimentos.

Crescido nos annos, seu pai Eufemio o enviou á Cidade de Aix na Provença para estudar as bellas lettras, e aprender as artes liberaes convenientes á sua nobreza. Em tudo isto fez João os progressos, que seu pai pertendia, sem abandonar as praticas de piedade, e devoção, em que sua mãi o instruíra, e efficazmente lhe recommendára. Elle distribuia aos pobres os dinheiros, que seus pais lhe subministravão para os seus honestos divertimentos; e entre outros devotos exercicios gostava muito de visitar os hospitaes, e fazer todo o serviço aos pobres enfermos.

Concluidos os seus estudos, e restituido á pro-

pria patria, obteve permissão de seu pai para retirar-se a um deserto pouco distante de Falcão, aonde, separado do mundo, e unido a Deos, se occupava continuamente em devotos exercicios, em contemplação das cousas celestes, em quanto seu pai o não enviou a París afim de instruir-se na sagrada theologia, para haver de seguir a vida ecclesiastica, a que mais se inclinava.

Chegando, pois, áquella grande côrte, procurou conhecer, e praticar com pessoas virtuosas, e applicar-se ás obras de piedade, que erão compativeis com o seu estado; e nos estudos theologicos foi tal o seu aproveitamento, que, apesar da sua humilde repugnancia, o obrigárão os mestres a tomar o gráo de Doutor; e pouco depois o Bispo de París lhe conferio as sagradas ordens até o fazer Presbytero; e querendo o mesmo Bispo que o novo Sacerdote celebrasse no seu oratorio a primeira Missa, estando alli presentes os Abbades de S. Victor, e de Santa Genoveva, e o Reitor da Universidade, forão todos testemunhas do interno fervor e devoção sensivel, com que o Santo Sacerdote celebrou o seu primeiro Sacrificio.

Mas prevalecendo em João o amor da vida solitaria, e dos exercicios da penitencia, foi procurar um celebre Eremita chamado Felis de Valois, que com grande fama de santidade praticava uma vida penitente no bosque chamado *Cervo-frio*, no bispado Meldense; e juntos estes dous solitarios, se applicárão com o maior fervor á pratica de todas as as virtudes, como vivendo só para o Ceo. Não havia austeridade que não abraçassem para mortificar os seus corpos, e os seus sentidos. As suas vigilias, e os seus jejuns erão continuos. A sua occupação ordinaria, era a oração, e contemplação das cousas divinas; e todas as suas praticas erão sempre dirigidas a excitar-se mutuamente ao serviço, e amor de Deos.

Aqui, pois, João, e Felis estando junto de uma fonte conversando em cousas do espirito, appareceo-lhes um veado de extraordinaria grandeza, que trazia entre as pontas uma resplandecente Cruz, composta das duas côres encarnada, e azul; e admirado Felis da novidade lhe descobrio João a visão que tivera na sua primeira Missa; na qual, depois da consagração, lhe apparecêra um Anjo, vestido de branco com uma Cruz das mesmas côres, e aos lados dous captivos de differente religião, em acção de os remir.

E reflectindo ambos nas duas grandes utilidades daquella boa obra da redempção, quaes erão o livramento dos corpos, e a salvação das almas, que se arriscavão muito em poder dos barbaros Mahometanos, entrárão a conferir sobre os meios, que se devião tomar para concluir o nobre desejo, que a este respeito lhes inspirava a caridade para com o proximo; duplicando ao mesmo passo as suas orações, e penitencias, afim de obterem do Ceo novas luzes, que os dirigissem nesta santa empreza.

Entretanto a boa reputação dos dous solitarios lhes attrahio logo um grande numero de discipulos, que, drigidos por estes insignes mestres da vida espiritual, fazião maravilhosos progressos no caminho da virtude; e assim no espaço de pouco tempo se formou alli uma veneravel communidade, que foi como o berço da esclarecida ordem, que tendo debaixo do governo de S. João da Matha o caracter distinctivo da caridade Christã mais perfeita, produzio logo, e produz ainda um copioso numero de grandes homens, e grandes Santos.

Então, pois, S. João, e S. Felis, não duvidando já de que Deos os destinava para trabalhar no livramento dos Fiéis, que gemião na cruel servidão dos barbaros Mahometanos, resolvêrão ir a Roma para declarar ao Papa os seus disignios, e receberem, com a necessaria approvação, as suas ordens; e partindo com effeito no fim do anno de 1197, chegárão aos pés do Summo Pontifice, que era então Innocencio terceiro; o qual, instruido da sua santidade por cartas do Bispo de París, os recebeo, como a dous Anjos enviados do Ceo; e hospedando-os no seu palacio, lhes concedeo varias audiencias, para melhor se informar da qualidade e cirumstancias das suas pertenções.

E convocando depois o collegio dos Cardiaes, com alguns Bispos no palacio de S. João de Latram, para ouvir os seus pareceres em um negocio de tanta importancia, indicou tambem um jejum, e orações particulares por tres dias para alcançar de Deos a declaração da sua vontade.

Em cujo tempo, celebrando o Papa o Sacrificio da Missa, e apparecendo-lhe tambem um Anjo vestido de branco com uma Cruz no peito das mesmas côres com que as víra São João da Matha, esta visão celeste o determinou para approvar, e louvar aquelle novo instituto, cujo habito quiz que fosse branco, e adornado com a Cruz daquellas côres; e que seus alumnos, ou a sua Ordem tivessem o nome da Santissima Trindade, e Redempção dos Captivos; e elegendo logo a S. João da Matha por seu primeiro Ministro Geral, depois de varios indultos, e privilegios, com que os favoreceo, os enviou para França, recommendando-lhes com grande affecto a propagação do seu instituto.

Logo que os dous Santos conseguírão o que desejavão, despedirão-se de Sua Santidade, e voltárão para França; e o Rei Filippe Augusto, a quem referírão tudo o que havião passado, admittio com muito gosto a nova Ordem no seu Reino, favorecendo-a juntamente com generosa liberalidade. Por cujo exemplo Gauter III, Senhor da Chatillon, lhe concedeo, e doou o logar denominado *Cervo-frio*, em que primeiro assistíra, como Eremita, S. Felis de Valois; logar, em que se fundou o mosteiro, que sempre foi tido por primeira casa da Ordem dos Trinitarios.

João, e Felis, depois de edificarem outros mosteiros no Reino de França, enviarão alguns seus discipulos aos Condes de Flandres, e outros senhores Cruzados, que se embarcavão para a Palestina, afim de cuidarem nos soldados enfermos, e sollicitarem a redempção dos captivos; e escrevendo o Papa ao Miramolim de Marrocos a favor da redempção, dous discipulos do nosso Santo para aquelle Principe no anno 1201, concluírão felizmente a redempção de cento e oitenta e seis escravos Christãos. No anno seguinte foi o mesmo Santo a Tunes, aonde remio mais de cem captivos; e voltando logo para Provença ajuntou sommas consideraveis, com que procurou a liberdade de muitos Christãos captivos em poder dos mouros de Hespanha.

Ainda o nosso Santo, no anno de 1210, fez uma segunda viagem ao Reino de Tunes, em que teve de padecer muito por parte dos Mahometanos, que irritados do ardor, com que elle exhortava aos Christãos a supportar os males com paciencia, e a morrer antes do que renunciar a sua Fé, logo que elle se embarcou com os cento e dez escravos que resgatára entrárão furiosamente em o navio, e arrancando-lhe o leme, e rasgando-lhe as vélas, o deixárão sem governo, expostos todos a um evidente naufragio.

Porém o Santo cheio de confiança em Deos, logo que os barbaros se retirárão, disse aos seus companheiros, que estendessem as proprias capas em fórma de vélas, e elle pondo-se de joelhos no tejadilho com o Crucifixo na mão, foi cantando Psalmos, e mostrando com evidencia, que uma Fé viva nunca deixa de ser gloriosamente recompensada; porquanto a viagem por aquelle modo foi tão feliz, que o navio em breves dias chegou ao porto de Ostia na Italia, proximo a Roma.

E como as continuas austeridades, e penitencias do nosso Santo (que elle nunca interrompeo, ainda no meio das suas peregrinações, e fadigas) lhe debilitárão extremamente as corporaes forças, vio-se obrigado a ficar em Roma, aonde nos ultimos annos da sua vida se empregava assim mesmo em visitar os presos, assistir, e consolar os enfermos, prégar a Palavra de Deos, e outros exercicios de piedade Christã; até que no anno de 1213 consummou o sacrificio da sua vida com uma morte preciosa no dia 21 de dezembro, e sexagesimo primeiro da sua idade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

S. *João Chrysostomo com a sua ordinaria eloquencia exalta a caridade da Viuva de Sarepta de Sidonia, á qual nem a pobreza, nem os filhos, nem a fome, nem o temor da morte podérão fazer que não soccorresse ao necessitado propheta; em cujo supposto, qual deve ser a nossa confusão, comparando a nossa dureza com a caridade dos Santos; isto é, a nossa insensibilidade para com os pobres, em comparação do zêlo ardente, que fazia aos servos de Deos sacrificar tudo para o allivio espiritural e temporal dos seus irmãos infelizes; e nada obraremos em utilidade sua, á vista de tão illustres exemplos?*

FEVEREIRO — 9.

DE

SANTA APOLONIA, VIRGEM, E MARTYR.

NO SECULO III.

O seu glorioso martyrio foi descripto por S. Dionysio, então Bispo de Alexandria (e como tal testemunha de vista) em uma sua carta dirigida a Fabio, Bispo de Antioquia, e conservada por Eusebio Cesariense no Livro 6.º da sua Historia Ecclesiastica.

A paz, que Deos concedêra á sua Igreja no seculo terceiro depois da perseguição do Imperador Severo, terminou-se nas provincias do Imperio Romano, quando o Imperador Decio, no anno 250, promulgou um novo edicto contra os Christãos. Mas um anno antes começou a perseguição dos Fiéis em Alexandria do Egypto, aonde muitos Christãos forão martyrizados, como consta de uma carta de S. Dionysio, que sendo então Bispo daquella Cidade, nos conservou a historia do seu triunfo.

A origem desta perseguição foi um miseravel poeta, diabolico feiticeiro, que, jactando-se de adivinhar o futuro, entrou a vaticinar a maior infelicidade á Cidade de Alexandria, se não se exterminassem com presteza todos os Christãos, declarados inimigos dos deoses, e do seu culto; e bastou isto pa-

ra excitar o furor daquelle povo sedicioso contra todos os que professavão a Fé de Christo.

« Aquelle abominavel magico (escreve S. Dio-« nysio) animou logo os gentios contra nós; e ex-« citando-os pela superstição, que lhes era natural, « accendeo o furor em seus corações, de maneira, « que acreditando elles aquelle ímpio, e seguindo as « impressões que lhes inspirava, se elevárão contra « nôs, praticando todos os excessos da maior cruel-« dade. Elles fizerão consistir a sua piedade imagi-« naria em ser crueis contra os Christãos, julgando « todos que não podião honrar melhor aos seus deo-« ses falsos, do que sacrificando-lhes os adoradores « do Deos verdadeiro, &c. »

As suas casas estavão expostas ao saque dos gentios, os quaes arrojavão pelas janellas, ou queimavão tudo o que não querião, de modo que a desgraçada Alexandria parecia uma Cidade abandonada ao furor de uma soldadesca inimiga. No meio desta desordens, procurárão muitos Christãos subtrahir-se com a fuga aos insultos dos idolatras; porém cahírão alguns nas mãos dos sediciosos, que os fizerão morrer entre crueis tormentos; e São Dionysio assegura, que entre os que forão presos só um renunciou a Fé de Jesu Christo.

No principio do tumulto prendêrão os gentios a um santo velho, chamado Metas, ou Metrano; e porque o não podérão obrigar a proferir blasfemias contra a nossa Santa Religião, irritados pela constancia deste generoso Fiel, lhe mortificárão todo o corpo a golpes de bastão, ferírão-lhe o rosto, e lhe vazárão os olhos com ponteiros de cana, e por ultimo arrastando-o fóra da Cidade, cruelmente o apedrejárão.

Prendêrão tambem a uma santa mulher, chamada *Cointa*, e levando-a ao templo do seu idolo, para que o adorasse, o horror que ella mostrou publicamente de uma tal impiedade, fez aquelles furiosos ainda mais crueis; os quaes, atando-a pelos pés, e levando-a de rastos pelas ruas, a ferião no mesmo tempo de um, e outro lado com grossos bastões; e nada disto foi bastante para saciar o seu furor. Antes conduzindo-a ultimamente ao logar, aonde Metrano por elles fôra morto, alli tambem a tiros de pedras lhe acabárão a vida.

Então, pois, entre estes prodigios de constancia Christã se distinguio Santa Apolonia por um tão heroico valor, que até se fez admirar pelos mesmos pagãos. Era ella uma virgem veneravel pela sua muita idade, e ainda mais pelo continuo exercicio de uma solida virtude. Crêrão alguns que ella era senhora illustre, e que desde os seus primeiros annos fôra educada na Religião Christã; mas o que ha de certo é, que ella era venerada entre os Fiéis de Alexandria, aos quaes servia de exemplo, vivendo em retiro, e passando os seus dias na pratica do jejum, da oração, e das outras virtudes.

Ella, encerrada na sua casa, e esperando ser victima naquella revolução do povo, dirigia os olhos, e o coração ao Ceo, preparando-se com fervor para o seu sacrificio. Entretanto os gentios, cada vez mais sequiosos do sangue dos Christãos, entravão por suas casas, aonde roubavão, queimavão, e arruinavão tudo; e lançando mão de Santa Apolonia, a fizerão padecer tanto mais, quanto ella tinha maior veneração entre os Fiéis.

O primeiro passo da sua crueldade foi quebrarem-lhe todos os dentes, e mortificarem-lhe o rosto com grossas pedras; e irritados do prazer que ella mostrava em padecer por Jesu Christo, não houve atrocidade que não exercitassem sobre aquella virtuosa heroina, cuja constancia os assombrava. Valêrão-se de ameaças, de promessas, e de todos os artificios para abalar a sua Fé, mas encontrárão nella sempre uma tal firmeza, e valoroso animo, que excedia muito á sua idade, e ao seu sexo.

Desesperando, pois, de conseguirem por aquelle modo o seu intento, julgárão que a constancia de Apolonia cederia á prova do fogo, porque uma mulher da sua idade não deixaria de ter horror a ser queimada viva; e assentando neste supposto, a levárão fóra da Cidade, aonde, fazendo accender um grande fogo, lhe intimárão, que atada de pés, e mãos alli a arrojarião, se ella não adorasse o idolo, e não blasfemasse de Jesu Christo.

Pedio ella então, que lhe permittissem um pouco de tempo, como para resolver-se; e conservando-se por algum espaço em um profundo recolhimento, supplicou ardentemente ao divino Senhor, que se dignasse de acceitar o sacrificio, que estava para fazer da sua vida; e logo cheia de uma viva confiança, e abrazada de um amor de Deos ardentissimo (querendo mostrar aos infiéis, que os mais crueis supplicios não intimidão aos verdadeiros Christãos) ella por si mesma se lançou no fogo, que a consumio logo.

Uma tal generosidade, tão fóra do commum, deixou atonitos aos pagãos, que não podião comprehender, como uma fraca mulher, e já adiantada em annos, tivesse maior empenho de fazer a Deos sacrificio da sua vida, consumida pelo fogo, do que tinhão elles mesmos de a ver reduzida em cinzas. Cuidárão então os devotos Fiéis em ajuntar alguns restos que ficárão dos ossos da Santa, e principalmente os seus dentes, que se repartírão por varias Igrejas da Christandade.

E os grandes soccorros, que se hão recebido, e recebem ainda pela intercessão desta Santa, fazem ver o poderoso credito, que ella tem para com Deos, e a bondade que ella mostra para com aquelles, que implorão a sua protecção. Pode-se dizer, que quasi logo depois do seu martyrio recorrêrão os Fiéis a ella em diversas enfermidades, e com especialidade nas molestias dos dentes. Achão-se nos Breviarios de algumas Igrejas orações particu-

lares para este effeito; e eis-aqui um exemplar, que se encontra em um Breviario antiquissimo da Igreja de Colonia.

« Ó Deos, por cujo amor a Bemaventurada Apo-« lonia, Virgem, e Martyr vossa, soffreo com admi-« ravel constancia, que se lhe arrancassem todos os « dentes: nós vos supplicâmos, que vos digneis « conceder a todos aquelles, que implorão o seu « patrocinio, que sejão preservados dos males de « cabeça, e dos dentes; e que, depois das mise-« rias deste penoso desterro, consigão a preciosa « Graça de entrar para sempre no vosso glorioso « Paraizo. Por nosso Senhor Jesu Christo, vosso « Filho, que sendo Deos, vive e reina comvosco « em unidade de Deos Espirito Santo por todos os « seculos dos seculos. Amen. »

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Supposto que segundo as regras ordinarias da Lei Divina, é prohibido a cada qual o procurar a morte a si mesmo, comtudo, como Deos é supremo Senhor da vida das suas creaturas, com impulso particular, e extraordinario tem inspirado a alguns Santos o apresentarem-se por si mesmos aos tyrannos, ou cooperarem por outro modo para o seu martyrio; e desta particular inspiração, ou extraordinario impulso do Espirito Santo, só póde julgar, e decidir a Santa Igreja, a qual sempre reconheceo, e venerou por illustre Martyr de Jesu Christo a Santa Apolonia.

Assim, pois, o seu martyrio nos é proposto, como heroica acção, digna de se admirar, e não como exemplo, que se haja de seguir. Donde devemos aprender a não ser tão faceis em censurar aquellas acções dos Santos, que parecem superiores ás regras ordinarias, e contermo-nos em os nossos procedimentos entre as regras communs da piedade Christã, para nos não expormos ao perigo de sermos enganados pelo anjo das trevas, que varias vezes, como diz São Paulo, se transforma em Anjo de luz.

FEVEREIRO — 10.

DE

SANTA ESCOLASTICA, VIRGEM.

NO SECULO VI.

Dos Dialogos do Summo Pontifice S. Gregorio Magno, no Livro 2.°, *Capitulo* 33, *e* 34.

A Gloriosa Virgem Santa Escolastica, irmã do grande S. Bento, Patriarcha dos monges do Occidente, de uma das mais nobres familias da Italia, nasceo no territorio da Cidade de Nurcia, do Ducado de Spoleto na Umbria. Ella, e seu irmão forão estimados, como um dom, que o Ceo fazia ao mundo Christão; porque os seus pais, havendo passado uma grande parte da vida sem filhos, obtiverão por fim com as suas esmolas, e orações estes dous grandes modelos da perfeição religiosa.

Escolastica foi educada com todo o cuidado que se podia esperar de uma mãi tão pia, como era a Condessa de Nurcia. Esta virtuosa senhora, sabendo que as primeiras impressões, que se dão aos filhos, influem no resto da sua vida, applicou-se com desvelo a inspirar a sua filha aquelles altos sentimentos de Religião, aquelle summo desprezo de todas as vaidades, e aquella profunda estimação das santas maximas do Evangelho, que depois forão as unicas do seu maior apreço.

As santas inclinações de Escolastica, a sua devoção anticipada, a sua modestia, a sua docilidade fizerão logo julgar á virtuosa mãi, que o Ceo lh'a tinha dado, como em deposito; e que certamente o Senhor a escolhêra para sua Esposa. E com effeito, ainda que a sua belleza, a sua qualidade, e os grandes bens, de que era herdeira, depois do retiro de seu irmão, e da morte de seus pais, a fizerão ser procurada pelos maiores senhores da Italia, ella se negou a todas as suas propostas, por se haver consagrado a Deos com o voto de virgindade, desde a sua infancia.

Nascida, pois, Escolastica com tão bellas disposições para a virtude, educada com sentimentos tão pios, e nutrida nos mais santos exercicios da caridade Christã, fazia tão maravilhosos progressos no caminho da perfeição, que era no mundo o exemplo, e admiração das mais santas virgens. Ella, depois de mortos seus pais, soube do generoso retiro de seu irmão; e considerando, que a perfeição evangelica, que seu irmão observava, era igualmente proposta para todos, distribuio logo todos os

seus bens aos pobres, e só com uma criada que a servia foi buscar ao dito seu irmão, o qual passando do deserto de Sublaco para o monte Cassino, nelle havia fundado aquelle celebre mosteiro, que foi como berço da vida monastica do Occidente.

Sabendo então S. Bento, que sua irmã alli chegava, sahio da propria cella, acompanhado de alguns monges, e a foi receber fóra da claussura. É facil de comprehender qual sería a primeira pratica daquellas duas almas, prevenidas desde o berço com as mais doces bençãos do Senhor, e abrazadas com o fogo do seu amor divino. S. Bento referio a sua irmã uma parte das graças, e maravilhas, com que Deos o favorecêra, e Santa Escolastica declarou a seu irmão os favores extraordinarios, com que o Senhor a enriquecêra.

E no tempo em que estas grandes almas conferião as Misericordias do Senhor a seu respeito, assegura-se que uma prodigiosa luz se lhes apresentou, e lhes fez conhecer os disignios da Providencia para haverem de trabalhar sollicitamente na salvação, e perfeição das pessoas, que se encommendarião aos seus cuidados. E neste mesmo tempo declarou Santa Escolastica a seu irmão o intento que ella formava de passar os seus dias em uma solidão não muita distante da sua, rogando-lhe juntamente que se dignasse elle de ser seu Padre espiritual, prescrevendo-lhe os dictames que devia seguir.

Approvou S. Bento o projecto de sua irmã, e fazendo edificar não longe de clausura do mosteiro uma cella para a mesma irmã, e para a sua criada, lhes communicou as mesmas regras, que havia dado aos seus monges. E logo a reputação geral da eminente santidade desta nova Fundadora lhe attrahio um grande numero de donzellas, que, sujeitando-se ao seu governo, e de S. Bento, se obrigárão, como ella, a observar a mesma regra.

Bem se póde julgar do fervor, e austeridade de vida desta nova colonia de Esposas de Jesu Christo, pelo prodigioso numero de grandes Santas, que este admiravel instituto deo ao Ceo, e a quem Santa Escolastica, e suas companheiras servírão de modêlo sobre a terra. Unicamente occupadas no cuidado de agradar a Deos, perdião toda a lembrança das creaturas. A oração era o seu exercicio ordinario de noite, e de dia; o silencio era perpetuo, e o jejum continuado; em summa, na cella, móveis, alimento, e vestido tudo respirava penitencia, e pobreza evangelica.

Tal foi o principio desta Ordem celeberrima, e tão extensa, que chegou a contar quatorze mil mosteiros de Religiosas em todo o Occidente; aonde se virão grandes Princezas sepultar na obscuridade de um véo tudo o que tem o mundo de mais illustre; e aonde se veem ainda varias senhoras muito distinctas pelo seu nascimento, e bellas qualidades, á imitação de Santa Escolastica, preferirem a Cruz de Jesu Christo, ao resplandor, e fasto do mundo, e maiores commodidades da vida.

Recebendo, pois, Santa Escolastica a sagrada regra, que lhe deo S. Bento, tratou de cumprir, e desempenhar a alta idéa, a que era chamada. E assim, por mais austera que até então fôra a sua vida, ella reduplicou os rigores; e a sua oração, e recolhimento interior foi quasi sem interrupção; e a devoção terna, que ella tivera sempre para com a Rainha das Virgens, cresceo muito mais, e no mesmo tempo o seu amor para com Deos chegou a tanto, que quasi não tinha limites.

Ella não fez voto de clausura, mas sempre a observou estreitamente, reservando só o direito de visitar a seu irmão uma vez cada anno, para lhe dar conta da sua pessoa, e da sua communidade, e recebendo as suas ordens, aproveitar-se dos seus avisos. E como S. Bento não queria que ella entrasse no recinto do mosteiro, elle com alguns monges a esperava em um logar proximo á clausura, aonde aquellas duas almas, como estranhas sobre a terra, praticavão só em cousas divinas, e ajudando-se mutuamente para maior perfeição nos caminhos do espirito.

Advertida, pois, a nossa Santa (por superior revelação) do dia da sua morte, veio fazer a seu irmão a costumada visita annual. E depois de haverem cantado alguns Psalmos, e praticarem sobre diversas materias de piedade, rogou Escolastica a seu irmão (disposto já para despedir-se) que se demorasse com ella até o dia seguinte, afim de conferirem sobre as mesmas materias mais largamente.

Porém S. Bento, que não queria pernoitar fóra do mosteiro, por não dar máo exemplo aos seus monges, recusou absolutamente o despacho daquella supplica: e orando logo a Santa secretamente a Deos com muitas lagrimas a seu favor, conseguio do Ceo o que desejava, como diz S. Gregorio, porque logo o ar (que até então estava sereno) se perturbou de modo com tantos relampagos, trovões, e tempestuosa chuva, que o sahir S. Bento, e seus companheiros se fez totalmente impraticavel.

Queixando-se então o Santo com simplicidade innocente á devota Escolastica, lhe disse: *Perdoete Deos, ó irmã. Que é o que fizeste? Eu* (respondeo ella) *pedi, que ficasses comigo esta noite, e não me attendeste: roguei então ao Senhor, e logo me deferio.* Continuárão pois as duas bellas almas em discursos espirituaes por toda a noite, recreando-se ao mesmo passo com a lembrança do Ceo, a que mutuamente aspiravão.

E voltando S. Bento para o seu mosteiro na manhã seguinte, Santa Escolastica se recolheo á sua cella, aonde passados tres dias expirou santamente, voando a sua alma ao Ceo em fórma de uma candidissima pomba. O que visto pelo mesmo Santo, estando em altissima contemplação, teve grande prazer; e mandou logo a uns seus discipulos,

que transportassem o cadaver, e o depositassem no sepulchro que preparára para si mesmo; afim de que uma mesma sepultura conservasse os corpos, cujas almas com os doces laços de uma sincera caridade, e devoção estiverão sempre estreitamente unidas.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

As pias, e devotas praticas, destas santissimas pessoas, que fomentavão a sua piedade com espirituaes discursos, nos convidão a ter sempre por fim em as nossas conversações a edificação do nosso proximo. Por cuja causa o Apostolo São Paulo, escrevendo aos Efesios, exhorta aos Fiéis de qualquer estado, e condição que sejão, que se excitem uns aos outros a louvar a Deos, e render-lhe muitas graças, sem perder tempo em conversações superfluas.

E quanto mais convem isto mesmo ás donzellas Christãs, e especialmente ás dedicadas a Deos nos sagrados claustros, quando a necessidade, ou civilidade as obriga a receber as visitas dos seus parentes, ou conhecidos? O certo é que devem procurar o dirigir os discursos para edificação de todas as pessoas, com quem tratão; de modo que se verifique nellas o que recommenda o mesmo Apostolo; isto é, que de toda a sorte fação transpirar a boa fragrancia de Jesu Christo na fiel observancia das santas maximas do Evangelho.

FEVEREIRO — 11.

DE

S. NICÉFORO, MARTYR.

NO SECULO III.

Os Actos sinceros do seu martyrio são referidos pelo douto Ruinart na pag. 208 *da edição de Verona.*

S. Nicéforo, de que se faz honorifica menção na Historia Ecclesiastica, era um simples leigo, mas bem instruido nas verdades da Religião Christã, que vivia (segundo se crê) na Cidade de Antioquia em tempo dos Imperadores Valeriano, e Galieno. Tinha elle contrahido uma estreita amizade com um Sacerdote chamado Sapricio, e desta união de animos nascia nelles uma santa competencia na quotidiana pratica de boas obras. Mas por um incidente (de que não temos certeza qual fosse) pouco a pouco se foi diminuindo entre elles aquella mutua correspondencia, até degenerar por ultimo em uma notoria inimizade.

Passado algum tempo, e reflectindo Nicéforo no que diz o Evangelho a respeito do amor do proximo, e dos inimigos, quiz procurar por meio de alguns amigos a sua reconciliação com Sapricio. E sahindo-lhe inutil esta diligencia, foi elle mesmo em propria pessoa supplicar o perdão, prostrado aos pés daquelle Sacerdote. O qual, sempre inflexivel, nem assim se applacou; perseverando cada vez mais duro em negar o pedido perdão a seu irmão humilhado.

Alguns mezes antes havia começado a perseguição de Valeriano contra a Igreja; e como se dirigia especialmente contra os Sacerdotes, e Ministros ecclesiasticos, os soldados, que andavão no alcance dos mesmos, prendêrão, entre outros, ao mencionado Sapricio, e o conduzírão ao Prefeito. Pelo qual examinado judicialmente, não só lhe respondeo com generoso valor, senão que ainda soffreo com grande paciencia uma cruelissima tortura. Mas tudo lhe era inutil, faltando-lhe a caridade, como diz o Apostolo.

Vendo, pois, o Juiz a Sapricio immovel na confissão da Fé, o condemnou a ser degolado, e ordenou, que sem mais demora fosse levado ao supplicio. Então Nicéforo, constando-lhe esta sentença, procurou logo a Sapricio, e venerando-o já como Martyr de Christo, lhe supplicou de joelhos com a mais profunda humildade o perdão benigno. Porém Sapricio, perseverando na sua dureza, nem ainda quiz pôr os olhos em Nicéforo, o qual, comtudo, não perdendo a esperança de abrandar com suas lagrimas aquelle coração de pedra, o foi seguindo até o patibulo, repetindo a cada passo a sua humilde supplica.

Admiravão-se os soldados de tanta instancia em Nicéforo para reconciliar-se com uma pessoa, que passado um pouco espaço tinha de perder a cabeça a golpes de um alfange; e o desgraçado Sacerdote a nada se movia; antes sem perdoar a seu irmão, contra o preceito do Senhor, subio intrepido ao cadafalso, presumindo consummar nel-

le com a propria morte o seu começado sacrificio.

Porém Deos não permittio, que o que negára a paz ao fiel irmão, tivesse a honra de dar a vida pela sua Fé; porque vendo Sapricio ao algoz, que se lhe presentou para o degolar, se perturbou por tal modo, que pedio logo ao Prefeito lhe concedesse a vida, promettendo obedecer aos Imperadores, e sacrificar aos deoses. O que ouvido por Nicéforo, foi tal o seu horror, que, rompendo por entre os soldados, e querendo expor a propria vida por amor daquelle que o rejeitava, lhe exclamou com affectuosa vehemencia, que não quizesse perder o merito dos passados tormentos, renunciando a Fé de Jesu Christo.

Nada aproveitou a caridade de Nicéforo no endurecido coração de Sapricio; porém não ficou de todo infructuosa, antes foi bem util a elle mesmo, porque vendo elle desesperada a salvação daquelle máo Sacerdote, declarou-se logo por Christão, e entrou a confessar em alta voz o Sacrosanto Nome de Jesu Christo, renunciado por aquelle apostata, e a pedir com grande instancia o ser em seu logar degolado.

É bem verdade, que este fervoroso procedimento, considerado á primeira vista, não parecia conforme ás regras da Santa Igreja, que a ninguem permitte a liberdade de apresentar-se por si mesmo ao martyrio. Mas aquelle mesmo espirito de caridade, que o movêra a humilhar-se para abrandar o coração de seu irmão indignado, o induzio tambem a reparar por este modo, com uma espontanea confissão da sua Fé, a injuria que o máo Sapricio fizera a Jesu Christo.

Todos os circumstantes ficarão atonitos daquella resolução de Nicéforo. E julgando uniformes, que nada se devia resolver sem positiva decisão do Prefeito (que já se havia ausentado, depois de suspender a sentença de Sapricio) um executor da justiça lhe foi dar parte do succedido na presente materia. E a resposta foi, que se Nicéforo persistisse na sua declarada profissão, sem mais demora, e sem outra formalidade de Juizo, lhe fosse cortada a cabeça. Não ficou expressa memoria do fim que veio a ter o desgraçado Sapricio; mas a sentença, que condemnava a Nicéforo foi logo executada. E elle portanto, depois de haver mostrado o seu zêlo pela paz, e Religião Christã, mereceo com a coroa do martyrio a gloria do seu triunfo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Aprendâmos por este exemplo a não darmos logar de aversão contra o nosso proximo, a quem devemos amar sinceramente, e perdoar-lhe deveras qualquer injuria, segundo o preceito de Jesu Christo no seu Evangelho. E não nos deixemos enganar pelas falsas escusas, ou pretexto, que nos possão suggerir a paixão, e o amor proprio. Antes devemos advertir o que escreve o Apostolo S. João: Que o que diz que ama a Deos, tendo odio a seu irmão, não falla verdade; pois se elle não ama a seu irmão, a quem vê, como póde amar a Deos, a quem não vê?

FEVEREIRO — 12.

DE

SANTO ILDEFONSO, ARCEBISPO.

EM 23 DE JANEIRO.

NO SECULO VII.

A sua vida, escripta por Juliano, que lhe succedeo no bispado de Toleto, acha-se em Surio, e nos Bollandistas; e o monge Constantino Caetano escreveo tambem as Memorias da sua vida, que forão estampadas em Roma no anno de 1606.

Nasceo Santo Ildefonso na Cidade de Toledo nos principios do seculo setimo de pais illustres, os quaes, logo que elle se achou em estado de aprender as sciencias, o recommendárão a Santo Isidoro, Bispo de Sevilha, afim de ser educado entre aquelles, que o Santo Doutor instruia na piedade, e nas letras, para serem depois uteis á Igreja, e ao Estado, como agora se pratíca nos seminarios, e collegios bem regulados; e com effeito, naquella excellente escola fez Ildefonso grandes progressos, aprendendo sobre tudo a servir, e amar a Deos com todo o seu coração, e a reputar por nada as cousas terrenas, e vaidades do seculo.

Restituido Ildefonso á propria patria, intenta-

vão seus pais estabelecello no mundo; porém elle antes quiz recolher-se no mosteiro Agaliense, proximo a Toledo, e alli se applicou com todo o cuidado a purificar-se cada vez mais com os exercicios da penitencia, e outras virtudes Christãs, especialmente da humildade, e caridade, com que se fazia mais acceito a Deos, para o qual se dirigião todos os affectos do seu coração, como a seu unico, e summo Bem.

Mas ainda que Ildefonso nada mais procurava na terra, do que agradar a Deos em uma vida humilde, e retirada, a sua singular virtude, dando-o a conhecer ao Bispo de Toledo, este no anno de 632 o quiz sublimar á sagrada Ordem do diaconado; e pouco depois, ficando elle por morte de seus pais herdeiro de um rico patrimonio (porque naquelles tempos não era prohibido aos monges o receber qualquer herança, que legitimamente lhes pertencesse) o Santo, como inteiramente desapegado dos bens da terra, empregou parte delles na fundação de um mosteiro de sagradas virgens, e o restante para soccorro dos pobres, e outras obras de piedade.

Chegando depois o anno de 636, em que falleceo o Abbade do mosteiro Agaliense, Ildefonso, apesar de toda a sua repugnancia, foi eleito, e obrigado a acceitar aquelle emprego, que exercitou pelo espaço de vinte annos com a maior discrição, e sabedoria, e singular proveito dos seus subditos; porque, unindo as frequentes instrucções, que lhes dava, aos exemplos da sua santa vida, fez alli florecer tantas virtudes, que por todas as partes se derramou o bom cheiro da piedade, que reinava naquelle mosteiro, com edificação da Cidade de Toledo, e de toda a Provincia.

Mas o Senhor, que o havia destinado para reger, não uma só communidade de Religiosos, senão tambem a um numeroso povo, dispoz que vagando no principio do anno 657 a cadeira episcopal de Toledo, por morte do seu Bispo Santo Eugenio, o clero, o povo, e até o mesmo Rei Recosvinto, para compensarem a perda que experimentavão na falta daquelle Santo, elegessem, e obrigassem a Ildefonso para que fosse o seu Pastor, indo-o extrahir do logar mais recondito do mosteiro, aonde a sua repugnante humildade o fizera esconder.

Elevado, pois, o Santo a esta sublime dignidade, resplandecêrão mais as suas virtudes aos olhos de todos; e elle seriamente applicado a satisfazer as altas obrigações do seu ministerio, promoveo com summa diligencia a pureza dos costumes no povo, e a disciplina ecclesiastica no clero; e como tinha um raro talento para prégar a Palavra de Deos, e dispensava quotidianamente este Pão de vida, produzia tanto mais copioso fructo, quanto os seus discursos erão sempre animados pelos seus virtuosos exemplos.

Tinha o Santo Arcebispo, entre as outras suas heroicas virtudes, uma especial, e summa devoção para com a Santissima Virgem; contra a qual se atreveo no seu tempo um perfido judeo a renovar as blasfemias de Elvidio, e Joviniano, que punhão em duvida a purissima Virgindade da Mãi de Deos; o que sabido por Santo Ildefonso, tomou logo a penna, inflammado de um ardente zêlo, e escrevendo a sua excellente obra *Da perpetua Virgindade de Maria Mãi de Deos*, mostrou evidentemente, que assim como ella concebeo a Jesu Christo por virtude do Espirito Santo, sem detrimento da sua Virgindade, assim tambem no parto, e depois do parto conservou sempre immaculada a sua virginal pureza.

Compensou Deos a Santo Ildefonso o presente obsequio, que elle dirigíra para maior honra de sua Mãi Santissima, com prodigiosos favores, e sensiveis signaes do seu divino amor, e singular estimação; e passados já nove annos, em que Santo Ildefonso governára a Igreja de Toledo com grande fama de santidade, e virtuoso proveito das almas a elle commettidas, querendo o mesmo Senhor premiar as suas apostolicas fadigas na Gloria celeste, á qual aspirára sempre na sua mortal vida, o chamou a si no dia 23 de janeiro do anno 667.

O seu corpo foi sepultado na Igreja de Santa Leocadia da mesma Cidade de Toledo; e depois, sobrevindo a destruição da Hespanha pelos sarracenos, e mouros de Africa, foi transferido para a Cidade de Zamora, aonde presentemente se venera, recebendo muitos beneficios da Misericordia de Deos todos os que com viva Fé implorão em qualquer indigencia a sua poderosa intercessão.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Imitemos, pois, entre as outras virtudes de Santo Ildefonso, particularmente a da sua grande devoção para com a Virgem Mãi de Deos, mostrando em todas as occasiões o zêlo que devemos ter pelas suas excelsas prerogativas, em que tanto se distingue a sua virginal pureza; e se queremos, que este nosso zêlo seja plenamente agradavel á mesma Senhora, e não menos proveitoso ás nossas almas, procuremos imitar tambem a Santo Ildefonso na pureza dos costumes, evitando toda a culpa grave, que possa macular a nossa consciencia: para cujo effeito devemos fugir de todas as occasiões, em que a experiencia nos tem mostrado que póde haver perigo.

FEVEREIRO — 13.

DE

SANTO HILARIO, BISPO,

E DOUTOR DA IGREJA.

EM 13 *DE JANEIRO.*

NO SECULO IV.

Dos Historiadores contemporaneos do mesmo Santo que escrevêrão da sua vida as Memorias mais authenticas; e as temos compiladas por D. Constante, Benedictino da Congregação de S. Mauro, e tambem por Tillemont no Tomo 7.º das suas Memorias Ecclesiasticas.

No principio do quatro seculo nasceo Santo Hilario na Cidade de Poitiers, de uma das mais illustres familias do Reino de França; e sendo na sua mocidade muito bem instruido nas sciencias profanas, chegou a ser um Varão sabio, e um eloquente orador. Porém, como vivia sepultado nas trevas do paganismo, de nada lhe servirião aquellas preciosas qualidades, se o misericordioso Deos (segundo elle mesmo refere) se não dignasse de o illuminar, e conduzir, como por degráos, ao sublime conhecimento das verdades eternas.

Primeiramente, as simplices luzes da razão lhe fizerão ver, que o homem, sendo creado livre, fôra collocado no mundo para viver no exercicio das virtudes; por cuja pratica conseguiria depois da presente vida a gloriosa recompensa do Ser Supremo.

Passou depois a indagar a natureza da primeira causa, e deduzio por consequencia, que o paganismo, com a multidão dos seus deoses, encerrava mil absurdos; não podendo haver mais do que um Deos, essencialmente Eterno, Immutavel, Omnipotente, e primeira Causa de todos os Seres.

Cheio, pois, destas sabias reflexões, que lhe formou o seu discurso, passou a ler a Escriptura Santa, principiando pelo Antigo Testamento, e lhe fizerão uma forte impressão aquellas veneraveis palavras *Eu sou o que sou*, de que Deos se servio para fazer entender a Moysés, que o seu proprio Ser o tinha Elle de si, e em si mesmo. E ainda cresceo mais a sua admiração pela idéa, que lhe derão os prophetas da Immensidade, e Omnipotencia de Deos, ponderando as imagens sublimes, com que elles descrevem aquelles seus dous Attributos.

Finalmente, da lição do Testamento Antigo passou Hilario á do Novo; e depois de aprender no primeiro Capitulo do Evangelho de S. João, que o Verbo Divino, Deos Filho, é Coeterno, e Consubstancial a seu Pai, alli suspendeo a sua propria curiosidade, sujeitando o seu entendimento a uma revelação, fundada sobre a veracidade do mesmo Deos, e adorando os Mysterios Augustos, cuja profundidade era infinitamente superior ás fracas luzes da sua razão.

Taes forão os meios, que empregou a divina Graça, para conduzir a Hilario ao conhecimento da Fé; e o seu reconhecimento para com Deos não tardou em se mostrar por admiraveis effeitos, porque logo que se purificou Hilario pelas aguas do baptismo, pareceo um homem inteiramente novo.

Todo o seu procedimento se regulava pelas maximas do Santo Evangelho, e além disto, elle exhortando os outros á virtude, os firmava tambem na crença do Sacrosanto Mysterio da Trindade Santissima, que os hereges daquelles tempos insultavão com as suas blasfemias; de modo que delle, ainda leigo, se podia dizer, que já possuia a graça do sacerdocio.

Elle antes da sua conversão era casado, e sua mulher (da qual teve uma filha por nome *Apra*) vivia ainda no anno de 353, em que elle foi nomeado Bispo. Porém logo depois de sagrado se apartou della, e viveo sempre em um perfeita continencia. Não esperava elle, nem aspirava certamente á episcopal dignidade, como bem se vio nos grandes esforços que a sua humildade fez para se eximir daquelle emprego, de que se julgava indigno; mas foi obrigado a render-se aos empenhos dos Fiéis, que o reputavão tanto mais merecedor de ser Bispo, quanto elle mais se oppunha á sua justa eleição.

Logo, pois, que se vio Hilario constituido por Deos para annunciar a sua divina Palavra, entrou neste apostolico exercicio com infatigavel zêlo, procurando por todos os modos, com a lingua, e com a penna, promover o maior odio ao peccado, dar a conhecer o Santo Nome de Deos, e abrazar todos os corações no fogo do Amor divino; por onde, tocados os peccadores dos seus fervorosos dircursos, entravão logo nos mais vivos sentimentos de com-

punção, e reformavão as desordens dos seus costumes.

E porque todos aquelles que com verdadeiro espirito seguem o caminho da piedade, e serviço de Deos, teem de ser perseguidos, como diz S. Paulo, assim se verificou em o nosso Santo, de cujo successo daremos agora uma breve noticia. Fazia naquelles tempos a heresia Ariana, com a protecção do Imperador Constancio, o maior estrago, e perturbação na Santa Igreja.

Por cuja causa o nosso Santo, e zeloso Bispo, que só procurava a gloria de Deos, sem o menor temor das potencias seculares, enviou ao Imperador, em seu nome, e dos outros Prelados da França uma larga supplica, na qual, mais com as lagrimas, que com as palavras, humildemente lhe rogava, que se dignasse de pôr fim ás insoffriveis perseguições, a que estavão sujeitos os bons Fiéis; ordenar, que os Juizes seculares se não intromettessem nos negocios ecclesiasticos; permittir que aos Catholicos se administrasse livremente a Palavra de Deos, e os Sacramentos; e reconduzir todos os Bispos, que, injustamente desterrados, andavão peregrinos pelos desertos.

E no mesmo tempo, em que o Santo implorava o auxilio do Imperador para impedir as violencias dos hereges, elle da sua parte obrava quanto podia para preservar os Fiéis de cahirem no erro. Por cujo motivo, collocado elle na frente dos mais illustres Bispos da França, separou-se da communhão de Saturnino, Bispo de Arles, (que além da heresia Ariana se achava envolto nos mais enormes delictos) declarando-o por excommungado, com Valente, e Urçacio, Bispos seus adherentes.

Irritado então deste justo procedimento o ímpio Saturnino, attrahio alguns máos Bispos ao seu partido, e congregando um synodo em Bezieres, convocou, e obrigou a assistir nelle Santo Hilario, o qual, sem temor algum, antes com intrepido valor, se oppoz ás blasfemias dos hereges, e denunciou publicamente os que procuravão com todo o esforço propagar o Arianismo, offerecendo-se prompto para justificar quanto dizia com as provas mais evidentes.

Mas aquelles rebeldes, em vez de attenderem ás palavras do Santo, seguirão os dictames do ímpio Saturnino; e não satisfeitos com sentenciar, e depor a Hilario do seu bispado, fizerão que o Imperador Constancio ordenasse a Cesar Juliano (então Governador das Galias, e depois bem conhecido pelo nome de *Juliano Apostata*) que exterminasse logo a Hilario, como fez, desterrando-o para a Frigia no anno de 356.

Sujeitou-se o Santo sem repugnancia alguma á sentença do seu desterro, por não ceder á violencia dos que pertendião o seu consenso na confirmação da impiedade; e chegado elle á Frigia, não sentia tanto os graves incommodos de um tão penoso desterro, quanto o encontrar naquellas partes a Fé mal segura, pelos combates dos inimigos da Divindade de Jesu Christo. Por cujo motivo compoz naquelle tempo as suas excellentes obras *do Synodo*, e *da Trindade*, que sobre serem cheias da mais profunda doutrina, transpirão por todas as partes caridade, zêlo, e sincero amor da verdade.

Depois disto, dispoz a divina Providencia, que no anno de 359 se achasse o Santo no concilio de Seleucia, composto de Bispos orientaes, aonde, no meio de tantos adversarios da Divindade do Salvador, deo um authentico testemunho da purissima Fé dos Bispos do Occidente, protestando, que só professavão a Fé do santo concilio Niceno; e ouvindo logo as mais detestaveis blasfemias contra esta suprema verdade, sahio cheio de horror daquelle conventiculo de Satanaz.

E partindo com presteza para a côrte de Constantinopla, afim de defender na presença do Imperador a Fé perseguida pelos hereges, abrio-se ao Santo Bispo um largo campo para mostrar a grandeza do seu zêlo; porque então se achavão naquella Cidade, além dos deputados do concilio de Seleucia, tambem os do concilio de Rimini, aonde a heresia Ariana prevalecêra; e pelo credito que os Arianos tinhão na côrte, a verdade era opprimida, e o erro propagado entre as pessoas mais authorizadas, partidistas do Imperador Constancio.

A tão impetuosa torrente, que arrastava quasi todos ao precipicio da heresia, se oppoz animosamente o grande Hilario, prégando, e defendendo publicamente a Divindade de Jesu Christo; e considerando o extremo perigo, a que ficava exposta a verdade no concilio que então se convocava para aquella Cidade imperial, composto de Bispos Arianos, apresentou o Santo ao Imperador uma supplica, em que lhe pedia uma publica conferencia com seu inimigo Saturnino, que então se achava em Constantinopla, deixando ao arbitro do mesmo Imperador a determinação do logar, e do modo, com que sería praticada esta conferencia.

Alli se obrigava o Santo, pelo que respeitava á sua pessoa, a constranger o seu adversario a confessar a negra calumnia contra elle proferida; protestando ao mesmo passo, que se elle supplicante fosse convencido de haver obrado alguma cousa indigna da santidade de um Bispo, ou da piedade de um Christão, não só não pertenderia a graça de ser restituido ao seu bispado, senão ainda sem a menor duvida, ficaria no estado de simples leigo em todo o resto da sua vida.

E passava por ultimo o Santo Bispo a supplicar ao Principe que lhe concedesse uma audiencia publica, aonde na sua presença, e de todo o concilio podesse tratar as materias da Fé, segundo as verdades da Santa Escriptura. Porém os Arianos, que com razão temião muito a grande virtude, e profunda erudição de Santo Hilario, recusárão o

comparecer á vista delle em publica conferencia, e quizerão antes persuadir ao Imperador, que o fizesse voltar para França, porque só desta sorte haveria paz no Oriente.

Partindo, pois, Santo Hilario para França, foi por toda a viagem animando os Christãos fracos, e vacillantes na Fé; e chegando por ultimo a Poitiers, alli foi recebido com demonstrações do maior jubilo, não só pelas proprias ovelhas do seu bispado, senão ainda por todas as Igrejas da França, que muito se utilisárão com a sua vinda; e tambem o mesmo Deos quiz fazer mais plausivel a vinda do Santo, obrando por sua intercessão alguns milagres; entre os quaes merecem particular menção a resurreição de um menino, morto sem baptismo, e obter uma morte milagrosa á sua filha Apra, como agora diremos.

Soube o Santo no tempo do seu desterro, que um mancebo nobre, rico, e bem procedido procurava para esposa aquella sua filha; porém o Santo Bispo expunha sempre ao Ceo um efficaz desejo, de que ella só tivesse a Jesu Christo por seu Esposo. E logo que recebeo a carta, em que a mesma Apra lhe participava aquella noticia, elle, accommodando-se á capacidade da innocente donzella, que não passava ainda de treze annos, procurou insinuar-lhe na sua resposta, que só quizesse por Esposo a Jesu Christo; dizendo-lhe admiraveis cousas das suas incomparaveis qualidades, e representando-lh'o adornado de riquissimas joias, sobre os mais bellos e preciosos vestidos.

Chegado, pois, o Santo Bispo a Poitiers, não tardou em perguntar á dita sua amada filha, se ella de boa vontade acceitaria o singular Esposo, insinuado na carta, que lhe escrevêra do seu desterro; e respondendo ella, que estava prompta para o receber com o maior jubilo, elle impetrou com suas orações, que Deos a chamasse logo a si, sem lhe fazer sentir alguma dôr, e sem que a sua morte fosse precedida de alguma molestia.

Mas o maior milagre, ou o mais importante beneficio da divina Providencia, foi a volta de Hilario para a sua Igreja naquelle tempo, em que a maior parte dos ecclesiasticos Pastores se achavão desterrados, e varios Bispos francezes, que assistírão no concilio de Rimini se deixárão enganar pelos manhosos artificios dos perfidos Arianos. E congregando-os o nosso Santo em diversos concilios, não só os moveo a renuneiar os seus erros, senão tambem os fez depor formalmente a Saturnino Bispo de Arles, e a Fortunato de Perigueux, principaes cabeças dos hereges. Por onde, enfraquecidos elles com a falta daquelles seus promotores, e mais ainda pela morte do Imperador Constancio, proximamente fallecido, teve Santo Hilario a justa satisfação de ver por seu meio livre a França da heresia, e reduzida a Fé á sua pureza.

O mesmo tambem obrou o nosso Santo na Italia, unido com Santo Eusebio Bispo de Vercellis, e particularmente em Milão, aonde mostrou Hilario o seu zêlo, e profunda sabedoria contra Auxencio, Bispo daquella Cidade, e declarado inimigo da Divindade de Jesu Christo. Estava o povo naquelle tempo dividido em dous bandos, inclinando-se uns á seita heretica de Auxencio, e communicando com elle, e seguindo outros a doutrina Catholica, e recusando communicar com o perfido Bispo, mas congregando-se fóra da Igreja, porque estava em poder dos Arianos.

Vindo, pois, a Milão no anno de 364 o Imperador Valentiniano, novamente eleito, necessariamente devia declarar-se, ou a favor, ou contra Auxencio: e qualquer dos partidos lhe era difficultoso, e lhe causava cuidado. Porquanto, a querer unir-se aos Catholicos, tinha de o fazer, como fica dito, fóra da Igreja, contra o decoro da sua dignidade; e a dever expulsar o ímpio Auxencio da Igreja, alterava a resolução que havia tomado de não causar molestia alguma por materia de Religião.

Sabendo isto o ímpio Auxencio, e que o novo Imperador era bom Catholico, procurou com termos ambiguos enganá-lo mostrando externamente, que abominava o Arianismo; e illudido o sincero Principe pelas falsas demonstrações do astuto herege, e movido pelo desejo de conservar a paz, e união (a qual não póde ser verdadeira, nem approvada por Deos, faltando o fundamento da verdade, e da justiça) intentou obrigar a todos a sujeitarem-se a Auxencio, por força de um edicto, que pôz em disturbio toda a Cidade de Milão.

O que sabido por Santo Hilario, julgou, como Ministro de Deos, e depositario das verdades ensinadas por Christo, que não devia ficar em silencio á vista de tão grave escandalo. Por cujo motivo dirigio a Valentiniano uma representação, em que lhe mostrava ser Auxencio um blasfemo, declarado inimigo do Salvador, e remotissimo da Fé verdadeira, que dava a entender que professava.

Movido então o Imperador pelas solidas razões de Santo Hilario, ordenou, que entre o mesmo Santo, e Auxencio houvesse uma livre conferencia na presença de dez Bispos, do Questor, e Mordomo do palacio; e o Santo, produzindo nella as mais fortes razões, fundadas na authoridade das divinas Escripturas, fez que o perfido Auxencio confessasse publicamente a mesma Divindade em Jesu Christo, e a mesma Substancia do Eterno Pai; e esta confissão reduzida por escripto, Santo Hilario a remetteo pelo Questor a Valentiniano, junta com a relação sincera de tudo mais que na conferencia se praticára.

Mas tambem o sagaz Auxencio enviou por outra parte um escripto, no qual, supposto que apparentemente mostrasse, que venerava, e approvava a definição da Fé feita no concilio Niceno, dava comtudo taes provas da sua pertinacia no erro Ariano,

que bastava lêr-se o tal escripto para detestar-se o seu author; o que não obstante, seguio-se o contrario, correndo a voz de que Auxencio reconhecia a Divindade do Salvador, convindo com Hilario em todos os pontos de Religião: e o Imperador ficou tão persuadido disto mesmo, que recebeo na sua graça áquelle perfido.

Declamou então o grande Defensor da Fé, que tudo o que se havia obrado por Auxencio no presente negocio era uma dolosa ficção, como dava a entender a sua profissão de fé, concebida em termos equivocos, e fraudulentos; porém a voz da verdade não foi attendida, por alterar a paz (ainda que falsa, e perniciosa) de que se queria gozar; e assim reputado como semeador de discordias o veneravel Protector da Fé, teve ordem para partir de Milão.

Obedeceo o Santo, mas publicou logo uma carta, dirigida a todos os povos Catholicos, em que manifestava a dolosa perfidia do Bispo Auxencio, e a sua obstinação na heretica doutrina, para que todos se abstivessem de communicar com elle. Em summa, depois de tantos combates sustidos pela Fé Catholica no Oriente, e Occidente, chegou Santo Hilario a Poitiers, aonde, cheio de annos, e meritos, terminou em santa paz a sua vida no dia 13 de janeiro do anno 308.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O Famoso Santo Hilario, nascido, e educado nas trevas do paganismo, chegou ao conhecimento do verdadeiro Deos, e dos seus Attributos pela attenta lição, e meditação profunda das Escripturas divinas. Este foi o meio de que Deos se quiz servir para formar em Hilario um perfeito Christão no estado secular, e conjugal, e depois um Prelado santissimo, e um valoroso Defensor da Fé. Nós, pois, que fomos nascidos, e educados no seio da mesma Fé Catholica, devemos com maior razão contemplar as infinitas grandezas, e perfeições daquelle mesmo Deos, em quem cremos; e meditando as augustas verdades da nossa Religião, conformarmos as nossas obras com a nossa crença.

Aprendâmos tambem deste Santo a mostrar em toda a occasião, segundo a propria capacidade, o nosso espiritual zêlo para com as santas maximas da divina Fé, que por especial Graça de Deos professâmos; porque ainda que fiquemos expostos a ser perseguidos, como aconteceo a Santo Hilario, esta é a maior gloria de um Christão verdadeiro, e depois se lhe segue a gloriosa coroa, promettida por Christo no seu Evangelho.

FEVEREIRO — 14.

DE

SANTO EFREM, PADRE DA IGREJA.

NO SECULO IV.

Temos nas obras litterarias deste grande Santo uma parte da sua vida, escripta por elle mesmo, com o titulo de Confissão; e o resto das suas acções foi recolhido pelos Bollandistas no primeiro dia do mez de fevereiro, e tambem por Tillemont no Tomo 8.° das suas Memorias Ecclesiasticas.

O Glorioso Santo Efrem (que em todos os tempos foi respeitado não só como um dos mais celebres Eremitas, senão tambem coma um dos grandes Doutores da Igreja (nasceo no principio do quarto seculo em Nisibi, Cidade da Mesopotamia de uma familia assás illustre para com Deos, (por ter havido nella alguns Martyres, e os seus proprios pais terem confessado o Nome de Christo na perseguição do Imperador Diocleciano) mas de baixa condição, quanto ao mundo; por serem todos uns pobres agricultores, que se alimentavão com o trabalho das suas mãos.

Mas ainda assim cuidárão muito os pais na boa educação de seu filho Efrem, consagrando-o desde o berço, como outro Samuel, a Deos, instillando-lhe pouco a pouco o seu divino temor, e costumando-o, quando depois foi capaz, á lição, e meditação das santas Escripturas. Correspondeo elle, como era justo, a tão saudaveis diligencias, praticando desde a infancia uma vida irreprehensivel, como attesta S. Gregorio Nisseno; sem embargo de que elle mesmo, impellido pela sua humildade profunda, exaggera grandemente na sua *Confissão*, que deixou por escripto, as antigas desordens da sua mocidade.

É bem verdade, que o espirito de Efrem nos

seus primeiros annos não teve aquella perfeição, a que chegou depois na idade maior, porque o caminho da virtude tem seus degráos, por onde se vai subindo. Elle com effeito, antes de abraçar a vida monastica, era propenso aos movimentos da ira; e elle mesmo confessa haver tido pensamentos, suggeridos pelo demonio, indignos da Providencia divina; como se o acaso, e não ella regulasse as cousas do mundo; e Deos para o livrar de uma tentação tão perigosa, permittio, que lhe occorresse o seguinte successo.

Estando elle em certo dia no campo, encontrou solitaria a vacca de um pobre homem; e estimulado do seu ardor juvenil, a foi perseguindo com pedradas, até que ella se metteo por um bosque, aonde uma fera a devorou; e perguntando-lhe por ella o dono que a buscava chorando, a resposta que Efrem lhe deo, forão muitas palavras injuriosas, com que injustamente o aggravou.

Passado depois um mez, ao voltar Efrem do campo, anoitecendo-lhe no caminho, vio-se obrigado a ficar na cabana de um pastor, que de boa vontade o recolheo. Mas dormindo ambos a somno solto, levárão os lobos algumas ovelhas do rebanho; e achando os donos na manhã seguinte aquella falta, que attribuírão aos ladrões, e não aos lobos, prendêrão ao pastor, o com elle a Efrem, julgando-o socio, e introductor dos imaginados ladrões; e apresentando-o logo ao Juiz, como réo daquelle delicto, elle o fez metter em um carcere, aonde se achavão outros presos, um por homicidio, e outro por adulterio, ainda que naquella parte estavão tambem innocentes, por não haverem commettido as culpas, que lhes erão impostas.

Chegado o mancebo Efrem ao setimo dia da sua prisão, appareceo-lhe em sonhos um Anjo, que, ainda que de terrivel aspecto, lhe perguntou com voz agradavel, qual fôra a causa da sua prisão? *Eu aqui estou* (respondeo Efrem) *por me haverem falsamente accusado de introduzir os ladrões em um rebanho. Sim,* (lhe disse o Anjo) *eu estou bem certo que não és responsavel daquelle delicto; mas tambem não ignoro tudo o mais que tens feito.*

Lembra-te, pois, dos pensamentos que tiveste, e da travessura que commetteste, por onde reconhecerás, que com justo motivo te sobrevierão estes trabalhos. Pergunta depois aos teus companheiros, porque se achão aqui presos? E crê, que tambem outras, e não as culpas de que os accusárão lhes merecêrão esta pena. Reconhece, pois, a Providencia divina, e confessa ao mesmo passo, que Deos em tudo é justo, e sempre rectissimos os seus Juizos.

Despertado logo Efrem, começou a examinar em si mesmo, qual sería a sua culpa, que o Anjo lhe anunciára, e occorreo-lhe o caso da vacca, de que havia perdido a lembrança. Narrou depois o sonho a seus companheiros, os quaes sinceramente lhe confessárão, que commettêrão outros delictos, e não aquelles por que forão presos.

Passados dous dias, Efrem com os outros presos forão conduzidos á presença do Juiz, para se lhes fazer o interrogatorio, e mettidos a tormentos. Começou-se o processo pelos dous socios de Efrem, os quaes, depois de cruelmente açoutados, forão reconduzidos ao carcere. Seguirão-se logo outros cinco encarcerados, que forão punidos pelo mesmo modo; e o mancebo Efrem, que tudo isto via, e esperava outro igual tormento, chorava sem consolação alguma. Porém Deos dispoz, que elle fosse logo remettido á prisão sem passar pelo tormento naquelle dia.

Esteve ainda no carcere dous mezes, e apparecendo-lhe depois o mesmo Anjo, lhe disse: *Efrem, estás já bem certo de que Deos governa o mundo por um modo cheio de equidade, e sem a menor injustiça? Sim, senhor,* (lhe respondeo) *eu não posso duvidar de serem admiraveis as suas obras, e impenetraveis os seus Juizos; porém já que tanto me consolais com a vossa presença, livrai-me desta prisão, para poder, feito monge, servir a Jesu Christo meu Senhor.*

Respondeo-lhe o Anjo, que ainda uma vez sería perguntado pelo Juiz, e posto depois em liberdade. *Mas eu não posso* (replicou Efrem) *supportar as reprehensões do Juiz, e o rigor dos tormentos;* e o Anjo lhe respondeo: *Como tu mereceste um tal castigo, que posso eu fazer-te?* Comtudo lhe deo a certeza de que padeceria pouco, e que cedo se veria livre; como assim succedeo, logo que se descobrio a verdade, e se reconheceo a sua innocencia.

Livre, pois, do tenebroso carcere o mancebo Efrem, partio sem demora a executar a sua promessa de professar a vida monastica. Para cujo effeito foi procurar a um velho venerando, e santissimo, por nome *Julião*, que praticava sobre um monte a vida solitaria, e penitente; e narrando-lhe tudo o que lhe acontecêra, lhe supplicou com muitas lagrimas, que se dignasse de o receber, e encarregar-se da sua direcção.

Obtida então do bom velho a pedida graça, entrou Efrem com fervor a utilisar-se das opportunidades, que offerece a vida solitaria; pondo todo o seu estudo em aprender a sciencia dos Santos, para merecer da Clemencia divina o perdão dos peccados, e a abundancia da sua Graça, que elle preferia a todas as grandezas, e riquezas do seculo.

Elle jejuava com tal rigor, que de modo ordinario passava muitos dias sem tomar alimento algum. Velava a maior parte da noite; e o limitado somno, que lhe era necesario para viver, o tomava sobre a terra núa. E era tanto o seu fervor, que parecia não admittir termo ás suas mortificações, e austeridades; por onde chegou a reduzir o seu cor-

po a uma tal servidão, que o sujeitou inteiramente ao espirito, e o fez como insensivel a todo o movimento de concupiscencia, e até lhe conciliou um total desapego das cousas do mundo.

Mas a virtude, que mais resplandeceo neste Santo, foi sem duvida a humildade, como bem se vê nos seus escriptos. Esta era aquella, que lhe fazia reputar as faltas leves da sua mocidade por gravissimas culpas; e por isso desejava, que todos o tivessem por um grande peccador, abominando com tal extremo a estimação dos homens, que louvando-o uma vez certa pessoa na sua presença, o virão os circumstantes todo agitado, e inquieto, mudar de côr, abaixar os olhos, suar por todo o corpo, e não saber proferir palavra, pela confusão, que o abatia.

Outra vez, chegando-lhe a noticia de estar eleito Bispo, e que o procuravão para o sagrar, elle, fingindo-se louco, se foi pôr no meio da praça, rasgando os vestidos, e comendo á vista de todos; e portanto aquelles que o buscavão, o deixárão por mentecapto, e elle fugindo logo, se foi esconder, até que lhe constou estar outro eleito Bispo em seu logar.

Caminhando o mesmo Santo para a Cidade de Edessa (em cujas visinhanças assistião alguns solitarios, com os quaes desejava conferenciar sobre as cousas do seu espirito) rogou a Deos, que na sua chegada o fizesse encontrar com pessoa, da qual podesse aprender algum documento espiritual da Escriptura divina. Entrando, pois, pela porta da Cidade, topou com uma mulher, que pelo seu modo de vestir, e livre desembaraço, lhe pareceo de máo procedimento.

E desgostado elle de ser uma tal pessoa a primeira que encontrasse, dizia no seu interior: *Agora vejo, meu Deos, que não quizestes attender á oração do vosso Servo; pois que cousa boa posso eu aprender de uma tal mulher?* E reparando Efrem que a mesma mulher, não retirava delle os seus olhos, lhe disse: *Porque olhas para mim tão fixamente? Assim o devo fazer* (respondeo ella) *porque a mulher reconhece a sua origem do homem; e tu só deves olhar para a terra, de que foste formado.* Admirou o Santo esta resposta, e daqui reconheceo que o Senhor concede algumas vezes as graças que lhe pedimos pela parte que não esperâmos.

Entretanto o povo de Edessa, reconhecendo o merito, e a virtude de Santo Efrem, o obrigou a deixar-se ordenar Diacono daquella Igreja, em cujo emprego os assumptos dos seus discursos na prégação da divina Palavra erão penitencia, e o juizo final, que elle sempre trazia na lembrança. E como o espirito, que dirigia a lingua do Santo quando prégava, guiava tambem a sua penna quando escrevia, as suas obras erão tanto estimadas, que até se lião publicamente em algumas Igrejas, depois da Sagrada Escriptura.

Mas antes que o mesmo Santo terminasse a sua vital carreira, querendo o Senhor dar-lhe occasião de ter maior exercicio na caridade para com o proximo, permittio que a Cidade de Edessa padecesse uma tal carestia, que reduzio a muitas pessoas á mais extrema miseria. Movido, pois, o Santo de uma grande compaixão para com aquelles pobres, sahio do seu retiro para soccorrer aos necessitados, excitando, e promovendo a caridade dos ricos com as mais efficazes exhortações, propondo a uns os gloriosos premios, e ameaçando a outros com os eternos castigos.

E porque alguns se escusavão com o pretexto de não acharem pessoa fiel, a quem commettessem a distribuição das esmolas, elle tomando este encargo, e exercitando-o com incansavel diligencia, alentava os desfallecidos, curava os enfermos, sepultava os mortos, e ensinava a todos, com as palavras, e com os exemplos, como se deve praticar a caridade christã, com todos os nossos proximos, constituidos em miserias.

Cessando então a carestia, que alli durou por um anno inteiro, voltou o Santo para o seu retiro, aonde no fim de um mez, depois de uma breve enfermidade, passou a gozar o eterno descanço. Toda a Cidade de Edessa presenciou o transito feliz deste grande Servo de Deos, e ouvio os sentimentos ultimos do seu espirito no seu famoso testamento que anda incerto nas suas obras.

Sentindo, pois, Santo Efrem estar já proximo o seu fim, deixou a seus discipulos diversas advertencias, e lhes disse muitas cousas, que forão outras tantas prophecias, depois por Deos verificadas; e sobre tudo lhes mostrou neste seu testamento aquella grande humildade, que foi o caracter de toda a sua vida. Prohibio-lhes severamente o dar-lhe algum louvor, ou fazer-lhe alguma honra depois da morte. Mandou-lhes que o sepultassem no cemiterio dos forasteiros, porque se não julgava digno de ter sepultura no templo do Senhor, aonde estão as Imagens dos Santos.

Ordenou que o seu corpo fosse levado ao sepulchro sem pompa, nem mortalha rica, mas só com o seu manto, e tunica ordinaria, como de um homem que só merecia ser desprezado. Mas ainda assim rogou a todos, que se dignassem de acompanhar o seu cadaver, recitando Psalmos, e orações, e fizessem por elle oblações frequentes, principalmente no trigesimo dia depois da sua morte.

Rogou tambem a todos os moradores de Edessa, que empregassem a maior parte do que houvessem ideado dispender no seu funeral, para soccorro dos pobres; esperando que Deos por estas esmolas recompensaria a elles a sua generosa caridade, e a elle o seu bom conselho; e accrescentou logo, que todo aquelle que subtrahisse, em prejuizo dos pobres, alguma porção do que houvesse de empregar no seu funeral, sería punido por Deos.

Com effeito, succedeo logo, que possuido do demonio um dos circumstantes mais ricos, cahio em terra, e começou a revoltar-se com violentas convulsões, lançando pela boca muitas espumas, e vehementes bramidos; e dizendo-lhe o Santo, que confessasse o seu peccado, elle se accusou de haver destinado uma mortalha rica para cobrir o corpo do Santo. Mas ouvindo depois, que elle recusava similhantes honras, assentára em reter para si o dinheiro, que a tal peça lhe poderia custar.

Compadecido, pois, o Santo daquelle miseravel, mandou-lhe dar aos pobres o que intentava dispender com elle; e orando logo a Deos, lhe impoz as mãos, e o deixou livre do maligno espirito. Finalmente, depois de outros factos similhantes, que por brevidade se não referem, morreo Santo Efrem na paz do Senhor, em idade avançada, de cuja morte se não sabe o anno com certeza, e foi sepultado como ordenára em seu testamento.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Sirva tambem para nós a instrucção que deo o Senhor a este Santo a respeito da sua Providencia. Advirtâmos em todos os successos, que Deos com altissima sabedoria, e rectissima justiça, governa, e dispõe todas as cousas do mundo; de maneira que sem permissão da sua vontade (como elle diz no seu Evangelho) não cahe um cabello da nossa cabeça. Resignemo-nos, pois, ás suas disposições divinas em tudo, e por tudo, ainda que não penetremos a razão do succedido; bastando-nos a certeza de que tudo conspira para gloria de Deos, e utilidade dos seus escolhidos; ou excitando-os á virtude, ou preservando-os, ou purificando-os das maculas dos seus peccados.

E das ordens, que deo o Santo a respeito do seu funeral, aprendâmos tambem, que o melhor modo de honrar a Deos nos seus Santos, é o imitar as suas virtudes, e empregar em soccorro dos pobres, que são membros vivos de Jesu Christo, o que ás vezes se dispende em certas pompas profanas, que ordinariamente, como diz S. Bernardo, mais são fructos da vaidade, e amor proprio, do que effeitos de uma solida piedade, e verdadeira devoção para com os Santos.

FEVEREIRO — 15.

DE

S. RAYMUNDO DE PENNAFORT.

EM 24 DE JANEIRO.

NO SECULO XIII.

Em o dia 7 de janeiro na grande obra dos Bollandistas vem transcripta a vida deste Santo na bulla da sua canonização, feita pelo Summo Pontifice Clemente VIII no anno de 1601.

Nasceo Raymundo no Castello de Pennafort em Catalunha, cuja familia descendia dos Condes de Barcelona, proximos parentes da casa real de Aragão. Os progressos de Raymundo nos estudos forão tão rapidos, que já na idade de vinte annos ensinava publicamente a filosofia em Barcelona; e com tanto applauso, que além do innumeravel concurso, que vinha aproveitar-se das suas lições, não poucas vezes os mesmos mestres mais habeis o vinhão consultar sobre alguns pontos mais difficeis.

Porém o Santo se applicava com maior affecto a purificar os corações, do que a illustrar os entendimentos, inspirando sempre com ardente zêlo uma piedade solida aos seus discipulos; e o tempo que podia roubar ás incumbencias do seu emprego, e do seu estudo, o destinava para soccorrer aos pobres, e compor as discordias, que se originavão entre os seus parentes, domesticos, e patricios.

Chegado o Santo á idade de trinta annos, partio para Italia, afim de se aperfeiçoar em os estudos do Direito Canonico, e Civil na Universidade de Bolonha; e recebendo alli o gráo de Doutor, e o emprego de Professor publico, o exercitou com o mesmo zêlo, e desinteresse, com que o praticára na sua patria. Mas ainda que a Universidade, e o Senado de Bolonha justamente se comprazião de gozar um Professor de tanto merito, durou-lhe esta felicidade pouco tempo.

Porquanto, no anno de 1219, nomeado Berengario Bispo de Barcelona, o levou comsigo na vol-

ta da viagem que fizera a Roma; e dando-lhe logo um canonicato na sua cathedral, o elevou successivamente ás dignidades de Arcediago, Vigario geral, e Provisor do seu bispado. Em todos estes empregos edificava Raymundo ao clero de Barcelona com os seus virtuosos exemplos; distinguindo-se entre todos pelo seu fervor, modestia, zêlo, e caridade para com os pobres, que elle reputava por seus credores.

E contrahindo o Santo uma estreita amizade com os Religiosos da Ordem dos Prégadores, proximamente estabelecidos em Barcelona, pedio, e recebeo o habito da mesma Ordem no anno de 1222, oito mezes depois da morte do seu illustre fundador, o grande Patriarcha S. Domingos. Tinha elle de idade quarenta e sete annos; e comtudo, na obediencia, humildade, e fervor era o mais exemplar.

A sua oração continua aperfeiçoou o espiritual edificio, cujos fundamentos lançára o Santo sobre uma mortificação absoluta; e desejando elle purificar-se inteiramente de algumas culpas leves dos seus primeiros annos, rogou aos seus Prelados, que lhe impozessem alguma rigorosa penitencia, com que podesse expiar aquelles seus defeitos. E elles lhe assignárão uma bem diversa da que esperava, a qual foi, que fizesse uma recopilação de casos de consciencia para instrucção dos Confessores, que é a primeira deste genero, conhecida pelo nome de *Summa de S. Raymundo*

Succedendo naquelle tempo haver o Rei de Aragão casado sem dispensa com Leonor de Castella sua parenta proxima, enviou o Summo Pontifice Gregorio IX um seu Legado para examinar, e julgar este negocio; e com effeito, o matrimonio foi declarado nullo pelos Bispos de dous Reinos, congregados em concilio na Cidade de Tarragona. Os quaes juntamente declarárão, que D. Affonso nascido deste matrimonio, sería reputado por legitimo, e habil para succeder na coroa a seu pai.

E o Cardial Legado fez um tal conceito da capacidade, e virtudes de Raymundo (mandado pelo Rei ao concilio) que o encarregou de prégar a cruzada contra os mouros; o que elle cumprio com tanto zêlo, prudencia, e caridade, que abateo em grande parte a formidavel soberba daquelles infiéis. E aos Christãos escravos dos mouros, que estavão lamentavelmente corruptos, e assim mesmo aos outros Christãos relaxados em diversos Reinos da Hespanha, prégando a todos com viva força, que em vão esperarião a victoria, sem destruirem o reino do peccado, produzírão tal effeito os seus discursos na reforma dos costumes do povo, que, desarmada a ira celeste, as victorias, e conquistas forão continuas sobre aquelles barbaros inimigos.

O Papa Gregorio IX, sabedor já da grande virtude e sciencia de Raymundo, o chamou a Roma no anno de 1230, para o fazer Auditor das causas do palacio apostolico; e cheio de confiança nas suas luzes, além de o tomar por seu Confessor, lhe pedia sempre o seu parecer, antes de resolver os negocios de maior ponderação; e a principal penitencia que o Santo lhe impunha, quando o confessava, era que não demorasse o despacho dos requerimentos que se lhe representavão, especialmente dos pobres, de que era elle o mais zeloso procurador, e amante pai.

E sendo aquelle Pontifice muito versado na sciencia do Direito Canonico, encommendou ao nosso Santo o fazer uma collecção dos decretos, e concilios desde o anno de 1150, em que terminou Graciano a sua compilação. Trabalhando, pois, nesta obra pelo espaço de tres annos, a dividio em cinco livros, a que deo o titulo de *Decretaes;* e ordenando o mesmo Pontifice no anno de 1234, que fosse esta collecção seguida nas escolas, e nos tribunaes, sobre ella com effeito tem trabalhado os Doutores, e feito os seus commentarios.

No anno seguinte o mesmo Papa nomeou a Raymundo Arcebispo de Tarragona, Capital de Aragão. E supposto que o humilde Religioso apresentou supplicas, e lagrimas para eximir-se daquelle emprego, de que elle se julgava indigno, não forão attendidos os seus rogos. Mas foi tão viva a impressão, que lhe fez o pêso do bispado, que chegou a cahir gravemente enfermo. O que sabido pelo Papa, admittio-lhe a renuncia, debaixo da condição de que insinuasse para o mesmo logar uma pessoa digna; como fez, nomeando a um pio, e sabio Conego de Girona.

Voltou logo Raymundo, com permissão do Summo Pontifice, para a sua patria, afim de recobrar a perdida saude. E restituido ao seu convento, não só tornou aos seus primeiros exercicios, senão que, desejando ainda fazer um como segundo noviciado, rogou aos seus superiores, que lhe ensinassem de novo as regras da perfeição religiosa; e reduzindo a maior aperto as austeridades da propria regra, comia sempre (exceptos os Domingos) uma só vez cada dia.

Assim gozava Raymundo das doçuras da vida religiosa em Barcelona, quando o capitulo geral da Ordem dos Prégadores, celebrado em Bolonha no anno de 1238, lhe enviou quatro deputados, para dar-lhe o feliz annuncio de haver sido concordemente eleito por supremo Prelado de toda a Ordem; que vinha a ser o seu terceiro Geral, entrando elle depois do Beato Jordão, immediato successor de S. Domingos.

Consternado, pois, Raymundo com esta noticia, e não lhe admittindo, apesar das maiores instancias, a sua escusa, acceitou o encargo só por obediencia; e começou logo a fazer a visita da ordem, indo sempre a pé, e sem omittir cousa alguma das suas austeridades, e quotidianos exercicios. O seu principal cuidado foi inspirar a todos os subditos o amor da regularidade, da mortificação, do

retiro, da oração, e dos trabalhos evangelicos na frequencia do confessionario, e prégação da Palavra de Deos.

Elle pòz em melhor methodo as constituições da sua Ordem, e as illustrou com sabias notas em varios pontos, que poderião padecer alguma duvida na sua legitima intelligencia. Esta obra foi approvada no capitulo geral celebrado em París no anno de 1239; aonde o Santo fez decretar, que sería acceita a demissão de um superior, se elle para este effeito allegasse boas razões. O que elle mesmo praticou no anno seguinte, renunciando o emprego do supremo generalato, pelo racionavel pretexto da sua muita idade.

Vendo-se, pois, Raymundo com o maior jubilo do seu espirito no primeiro estado de simples Religioso, tornou ás funcções do evangelico ministerio; porque o zêlo da salvação das almas o estimulava sempre, e todo o fim dos seus pensamentos era fazer para a Igreja novas conquistas, principalmente entre os sarracenos. Para cuja melhor execução fez introduzir o estudo das linguas hebraica, e arabica nos conventos da sua Ordem, e procurou que se fundassem dous entre os mouros; um em Tunes, e outro em Murcia. Donde resultárão tão felices effeitos, que no anno de 1256 escreveo elle ao seu Geral, dando-lhe a noticia de haverem recebido o santo baptismo dez mil sarracenos.

A viagem, que Raymundo fez a Malhorca com o Rei D. Jacobo, consolidou muito a Igreja proximamente fundada naquella ilha; porque o dito Rei, tão grande militar, como habil politico, promovia sinceramente a Religião, ainda que o seu indigno amor para com as mulheres offuscava o resplandor das suas bellas qualidades. Elle sim attendia com docilidade aos saudaveis avisos, que o Santo lhe dava sobre as suas desordens; mas, sem embargo das repetidas promessas que elle fazia de mudar de vida, não tinha valor para vencer a sua criminal propenção; como praticou ultimamente, faltando á palavra que dera a Raymundo de abandonar o commercio illicito, que tinha com uma principal dama da côrte.

Desgostado, pois, o Santo por este motivo, pedio logo permissão de voltar para Barcelona; e o Rei, sobre lh'a não conceder, prohibio com pena capital, que alguem lhe désse transporte. Porém Raymundo, cheio de confiança em Deos, disse a seu companheiro: *Se o Rei da terra nos impede a passagem, o Rei do Ceo a supprirá.* E a sua esperança não foi confundida, porque estendendo elle sobre as aguas a sua capa, em que se pôz com seu companheiro, Deos lhe felicitou a viagem, fazendo-o navegar por este modo em poucas horas nada menos de sessenta legoas, que distão de Malhorca a Barcelona; e informado o Rei de um tal prodigio, entrou em si mesmo, e seguio depois os conselhos de Raymundo, tanto para a direcção da sua consciencia, como para o governo do seu Reino.

Depois disto, sentindo Raymundo que estava proximo o fim da sua vida, preparou-se com maior fervor para a hora da morte, consagrando os dias, e noites aos exercicios da oração, e penitencia. Na sua ultima enfermidade os Reis de Castella, e Aragão pessoalmente o visitárão, dando-se por mui venturosos em ser por elle abençoados, e elle, recebendo logo com summa devoção os Sacramentos da Igreja, terminou placidamente o centesimo, e ultimo anno da sua vida no dia 6 de janeiro de 1275.

Os ditos dous Reis, com todos os Principes, e Princezas assistírão aos seus funeraes; e Deos obrou logo no seu tumulo tantos milagres, que transcriptos por Bollando, enchem quinze paginas da sua obra, muitos dos quaes vem referidos na bulla da sua canonização, feita por Clemente VIII no anno de 1601. E o Summo Pontifice Clemente X transferio a festa deste Santo para o dia 23 de janeiro.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Nunca entrárão os Santos nas funcções do sagrado ministerio, sem aprender primeiro na solidão a morrer para o mundo, e para si mesmos; revestindo-se do espirito de Jesu Christo, e familiarizando-se com a pratica do recolhimento interior. E quando a utilidade do proximo os applicava aos trabalhos apostolicos, sempre reservavão certas horas, aonde no silencio do retiro dirigião para Deos os seus gemidos, e desejos; fazendo assim todas as suas obras com uma tal disposição de espirito, que a sua vida parecia por este modo um acto de amor, e louvor continuo, como se vê em S. Raymundo.

E o procedimento, que teve o mesmo Santo com o Rei de Aragão, é uma lição importante a todos os Confessores, para que não admittão aos Sacramentos aquelles (quaesquer que sejão) que voluntariamente perseverão na occasião proxima de peccar, se primeiro se não retirão, e effectivamente se emendão. E tambem para os penitentes, afim de que não profanem as cousas santas, e não se persuadão que se podem reconciliar com Deos, aproveitando-se da absolvição, dada por algum Confessor indulgente, quando na verdade não estão resolutos a separar-se das criminaes occasiões voluntarias.

FEVEREIRO — 16.

DE

S. JOÃO, ESMOLER.

EM 23 DE JANEIRO.

NO SECULO VII.

A sua vida foi escripta por Leoncio Bispo de Napoles, em Chipre, author contemporaneo, e traduzida em latim por Anastacio, Bibliothecario da Igreja romana, e é referida pelos Bollandistas, e por Bosweido no Livro 1.° das Vidas dos Padres do Ermo.

O illustre S. João (que pela sua extraordinaria caridade para com os pobres mereceo na Historia Ecclesiastica o glorioso sobrenome de *Esmoler*) nasceo em Amatunta, Cidade da Ilha de Chipre, quasi na metade do sexto seculo. Seu pai Epifanio, homem nobre, e rico, julga-se que era Governador daquella Ilha, o qual, como bom Christão, educou este seu filho unico nos virtuosos sentimentos da catholica piedade.

Chegado João aos annos de poder tomar estado, casou com uma nobre donzella, por comprazer aos desejos de seu pai, que levava em gosto esta alliança. Mas passados poucos annos, chamando Deos a si esta sua consorte, e os filhos que della tivera, gratificou João ao mesmo Senhor o ficar solto de similhantes laços, e inteiramente livre no meio do seculo; passando de um exemplar casado a um perfeito, e honesto viuvo; e applicando com maior largueza os seus bens temporaes em varias esmolas, com que encheo aquellas terras do bom cheiro da sua piedade, caridade, e fervor de espirito.

Era João naturalmente compassivo, e o foi mais ainda, depois que o Ceo o favoreceo com a seguinte visão. Estando elle dormindo, pareceo-lhe que via junto a si uma donzella formosissima, coroada de oliveira, e mais resplandecente que o Sol; e perguntando-lhe quem era? *Eu sou a Misericordia* (lhe respondeo) *filha primogenita do Altissimo, com o qual ninguem póde tanto como eu; sendo eu a mesma que o fiz descer do Ceo á terra para fazer-se Homem, e remir o genero humano. Conserva-me, pois, no teu coração, e terás sempre o favor do supremo Rei.*

Inflammado, pois, João com esta visão celeste, continuou não só em ser liberal, senão ainda summamente profuso nas obras de caridade para com os pobres. E correndo a fama do seu merito singular, e das copiosas esmolas que dispendia, a tempo que estava vaga a cadeira episcopal de Alexandria por morte de Theodoro seu Prelado, o povo, e clero a uma voz o elegêrão para seu Patriarcha. E supposto que o humilde João, reputando-se indigno de tão sublime emprego, resistio quanto pôde em prestar o seu consenso, foi-lhe preciso ceder, não só ás instancias do povo, e do clero, senão tambem aos desejos do Imperador Heraclio, que lhe não admittio escusa alguma.

Entrando, pois, o illustre João na posse da veneravel Igreja Alexandrina correndo o anno de 611, depois de haver recebido a sagração, com a benção, e despachos do Summo Pontifice Bonifacio IV, compoz a sua casa com attenção religiosa, conservando uma familia moderada, e não superflua, e as alfaias precisas para a necessidade, e não para o ornato; attendendo mais ao ministerio, do que á dignidade, como quem se considerava mais Pastor do que Patriarcha.

E chamando logo os Ministros do seu conselho, disse-lhes: « Que desejando saber o numero dos senhores, a quem tinha de servir, fossem por toda a Cidade, e os alistassem, para não faltar a tão precisa obrigação. » Ouvindo isto suspensos, e admirados os Ministros, perguntou-lhe um delles: *E quaes são nesta Cidade os vossos senhores, quando todos vos amão, e venerão como a pai, e vos estimão, e respeitão como a senhor? Os pobres* (respondeo o veneravel Prelado) *são os que eu reputo por senhores meus, porque representão a Christo Senhor nosso; e elles me hão de ajudar, para que, servindo-os eu, possa depois conseguir a minha eterna salvação.*

Obedecêrão, pois, os Ministros, indo alistar os pobres de Alexandria; e achando alli nada menos que sete mil e quinhentos, a cada um delles mandou o Santo que se désse uma porção quotidiana, com que podessem passar a vida; esmola tão avultada, que só a podéra supprir uma tão rica Igreja, com um tão generoso Patriarcha.

Sabendo então o mesmo Santo, que nos pesos, e medidas se commettião fraudes, com prejuizo dos pobres, remediou logo esta desordem com

um edicto, que publicou a este respeito, e com fazer visitar todas as tendas por fiéis Ministros; e sendo tambem informado que os Juizes, movidos por interesses pecuniarios, atropelavão a justiça em damno dos pobres litigantes, admoestou-os com doces palavras, que se emendassem de taes excessos; e augmentando-lhes o salario, para poderem viver commodamente, todos se emendárão, e não houve mais queixas nesta materia.

E para que tivessem todos facil accesso, com que podessem recorrer á sua pessoa, dava publica audiencia em todas as quartas, e sextas feiras á porta da Igreja, assistido só de um Official para executar as suas ordens. E porque alguns se admiravão deste seu modo de proceder, lhes dizia: *Se a nós outros, homens indignos, se nos permitte o entrar na Casa de Deos, quando queremos, para expormos a sua divina Magestade as nossas supplicas, muito mais devemos nós mesmos dar plena liberdade aos nossos irmãos, para nos exporem os seus requerimentos, obrigados da sua indigencia.*

E o Santo Patriarcha não só era sollicito em soccorrer com frequentes esmolas aos que necessitavão de quotidiano alimento, senão que subministrava tambem sommas grossas de dinheiro, a quem não tinha meios para restaurar o perdido, como agora diremos. Um certo mercador, submergindo-se-lhe no mar um navio, correo logo ao commum pai dos afflictos, e expondo-lhe com muitas lagrimas a sua desgraça, o Santo lhe fez dar cinco libras de ouro, para continuar o seu negocio; mas apenas se fez á véla, levantou-se uma grande tempestade, que lhe foi necessario arrojar ao mar a fazenda para salvar a vida.

E tornando o mercador cheio de afflicção aos pés do Patriarcha, lhe disse elle: *Crê-me meu irmão, que te sobreveio essa desgraça, por misturares a fazenda que comprastes com o meu dinheiro, com o resto que ficou da tua; a qual sendo mal adquirida, fez perecer uma, e outra.* O que não obstante mandou que se lhe dessem outras cinco libras de ouro; ordenando-lhe, que a fazenda com ellas comprada não a ajuntasse com a sua, como fez, embarcando-a em outro navio, que então se fazia á véla. Mas tambem este naufragou, salvando-se só as pessoas; de que o mercador tomou tanta pena, que esteve quasi para morrer, e não tinha valor para recorrer ainda ao Patriarcha.

Elle, porém, compadecido, o mandou chamar, e consolando-o lhe disse: *Bemdito seja Deos, que te enviou este flagello, do qual sem duvida foi motivo o ser o teu navio mal ganhado.* Mandou então, que se lhe emprestasse um dos vinte navios que tinha a Igreja carregado com vinte mil fanegas de trigo; e sahindo o mercador com esta embarcação do porto de Alexandria, teve uma feliz viagem, com que em vinte dias chegou a uma Cidade da Bretanha, aonde por haver nella carestia, vendeo todo o trigo por alto preço, com que veio a fazer um grande lucro.

A mesma compaixão, e misericordia, que tinha o Santo para com os pobres, e miseraveis, procurava tambem suggerir aos outros; como fez em um dia, que indo visitar um hospital com outro Bispo, chamado *Troilo*, que era muito interessado, e avarento, lhe disse o Patriarcha: *Compadece-te meu irmão, e soccorre a estes pobres miseraveis, que são irmãos de Jesu Christo.* O que elle disse, por saber que o Mordomo do tal Bispo trazia uma boa quantia de dinheiro, com que intentava comprar uma baixella de prata para a sua mêsa. Mas por pejo do Patriarcha, e tambem compungido com a lastimosa vista de tantos miseraveis, mandou ao seu Mordomo que a cada um daquelles pobres désse um escudo de ouro; e com effeito erão elles tantos, que chegárão a absorver todo aquelle dinheiro.

Chegando, pois, o Bispo a casa, e reflectindo na grande esmola que fizera, teve tal arrependimento, que sobrevindo-lhe uma ardente febre, cahio na mais profunda tristeza; e informado o Patriarcha do seu mal, e do motivo delle, o foi logo procurar, e dizer-lhe: *O' meu irmão, eu te roguei, e fui a causa de que houvesses de repartir aquella grande esmola, porque o meu Mordomo se achava sem dinheiro naquelle dia; agora, pois, venho restituir-te o que dispendeste, por me haver chegado algum recibo.* O que ouvindo, e vendo cumprido o Bispo avarento, teve tal prazer, e ficou tão consolado, que se lhe extinguio a febre, e recobrou a saude; e o mais é, que tambem Deos (talvez a rogos do Santo Patriarcha) se dignou de o curar de outra doença mais perigosa, qual era a sua avareza, com a seguinte visão.

Dormindo elle um dia depois da cêa, pareceo-lhe que era levado ao Ceo, aonde vio logo um magnifico palacio, cuja porta era de ouro, e sobre ella estava escripto: *Habitação gloriosa, destinada para o Bispo Troilo.* Mas durou-lhe pouco o alegre jubilo, porque chegando naquelle tempo um magestoso Principe, mandou, que se riscasse a dita inscripção, e se pozesse esta em seu logar: *Eterna habitação para João Patriarcha, comprada com as suas esmolas, e com o dinheiro restituido a Troilo.* O qual despertando, e reconhecendo o seu erro, o foi confessar no dia seguinte ao Santo Patriarcha, referindo-lhe a visão que tivera; e dalli em diante foi sempre muito esmoler, e liberal com os pobres.

Como todos sabião as muitas, e grandes esmolas, que fazia o Santo Patriarcha, para as quaes não erão bastantes as copiosas rendas do seu bispado, varias pessoas ricas lhe subministravão frequentemente grossas quantias de dinheiro para o seu generoso exercicio. Entre as quaes foi um mer-

cador opulento, que levou ao Santo oito libras de ouro, para que rogasse a Deos pela salvação de um seu filho unico, que enviava para Africa em um navio com varias sortes de fazenda. Recebeo o Santo o dinheiro, e orou a Deos por aquelle motivo; mas passado um mez, correo voz de que o filho, fazenda, e navio, tudo no mar perecêra.

Ouvindo o pai a funesta nova, teve tão viva dôr, que nada o podia consolar; e referido este successo ao Patriarcha João, orou fervorosamente a Deos que por sua Misericordia consolasse aquelle atribulado, que elle não ousava chamar á sua presença, vendo que lhe forão inuteis as orações que elle fizera, como o tal homem lhe pedíra. Deferio logo o Senhor ás supplicas do seu Servo, porquanto na seguinte noite appareceo em sonhos ao tal mercador um veneravel ancião, que representava a figura do Santo Patriarcha, o qual lhe fallou assim:

Qual é o motivo da tua afflicção? Tu não me disseste que eu orasse a Deos para que salvasse o teu filho? Tem, pois, por sem duvida que elle se salvou, e que se mais vivêra, se condemnaria. Em cujos termos deves dar graças a Deos de que pela tua boa obra se dignou de salvar o teu filho; e de te livrar da justa dôr de o ver fazer-se um pessimo homem, se mais vivesse.

Despertando então o mercador, e sentindo-se interiormente consolado, sem a menor sombra de tristeza, correo logo ao veneravel Patriarcha, para referir-lhe a visão que tivera, e agradecer a consolação que por seu meio recebêra. Sobre o que lhe disse o Santo: *O' filho, não attribuas a mim o que succedeo, mas á divina Piedade, e á tua fé, que te mereceo essa graça.* Assim fallou o Santo, por formar de si mesmo o mais baixo conceito; como fez conhecer em varias occasiões, que refere Leoncio na sua vida, de que assignaremos ainda só duas.

1.ª Vio-se obrigado o Santo Patriarcha a fulminar as ecclesiasticas censuras, para punir as criminaes desordens de um seu máo Clerigo de pessimos costumes, o qual, em vez de corrigir-se, e fazer penitencia, conservava sempre o mais odioso rancor contra o mesmo, que lhe desejava o seu maior bem. Determinava o Santo chamallo á sua presença, para o ganhar com a doçura; porém Deos dispoz, que esta sua resolução se lhe riscasse da memoria.

Passárão-se depois alguns dias, em um dos quaes achando-se João no altar, depois de haver principiado a Missa, se lhe suscitou a perdida lembrança; e occorrendo-lhe no mesmo tempo o que diz o Salvador no seu Evangelho a cada um — *Que deixe a sua offerta no altar, e se vá reconciliar com seu irmão...* tomou o pretexto de uma urgente necessidade para retirar-se do altar. E fazendo logo chamar o Clerigo rebelde, prostrou-se-lhe aos pés com humildade profunda, e o abrandou, e moveo por este modo; e voltou depois alegre para a Igreja a continuar o principiado Sacrificio.

2.ª Tinha em casa o Santo Patriarcha um seu sobrinho, (que veio a ser seu successor) o qual, recebendo uma grave injuria de um taberneiro, recorreo logo ao virtuoso Tio, para que houvesse de punir, como era justo, severamente aquella offensa; e o Santo lhe prometteo de tratar por modo aquelle seu offensor, que causaria a toda a Cidade a maior admiração. Passado algum tempo, e applacada um pouco a ira do sobrinho, lhe disse o Santo: *Se tu pertendes, que te estime por meu sobrinho, deves estar sempre disposto para receber toda a injuria de quem quer que seja, como tens o exemplo na minha pessoa; porque eu vivo na certeza de que a uniformidade dos bons costumes, e não a conjuncção do sangue constituem o parentesco verdadeiro.*

Ordenou depois o Santo Patriarcha, que para o futuro ficasse livre aquelle taberneiro de todas as pensões, que antecedentemente era obrigado a pagar á Igreja de Alexandria; e com effeito, este novo modo de vingar-se causou uma justa admiração a toda aquella Cidade, como havia dito o mesmo Santo.

Procurava elle introduzir nos corações de todos este espirito de mansidão, de paz, e humildade; por onde era elle o Pacificador ordinario das dissenções, e discordias, que se originavão entre os seus diocesanos. Soube elle de um Fidalgo illustre, que estava duro, e inflexivel em perdoar as offensas, que recebêra de certa pessoa; e sahindo-lhe inuteis todas as diligencias que applicou a este respeito, mandou chamar aquelle senhor, como para conferir com elle um negocio de grave inportancia.

Chegado elle, convidou-o para lhe assistir á Missa na sua particular capella, aonde então só permittio que entrasse elle, e o preciso acolyto. E recitando todos tres depois da Consagração em voz alta (como era costume) a oração do *Padre nosso*, ao chegarem ás palavras — *Perdoai-nos as nossas dividas, assim como nós perdoâmos aos nossos devedores*, voltou-se o Santo para aquelle Fidalgo, e lhe disse: *Pensa agora, meu filho, como fallas com Deos a este respeito, á vista dos sacrosantos Mysterios; e tem por sem duvida, que se não dás o perdão, tambem Deos t'o negará.* Forão estas palavras um trovão espantoso, que atterrando aquelle coração altivo, humilhárão o seu espirito soberbo, e o fizerão reconciliar para logo com o seu mesmo adversario.

Mas supposto que o nosso Santo resplandecesse em toda a sorte de virtudes, o seu caracter singular, que lhe mereceo o nome de *Esmoler* (titulo mais glorioso, sobre quantos póde inventar a vaidade humana para os seus heroes) foi sem duvida a sua pouco menos que immensa caridade para com

os pobres, acompanhada de uma firme, e invicta confiança na divina Providencia.

Elle com esta virtude abraçava a todo o genero de pessoas de qualquer estado, e condição que fossem; e para participar das suas esmolas não era necessario outro requisito mais que o ser pobre, e atribulado. De maneira, que não sendo possivel o referir por extenso as infinitas liberalidades, praticadas pelo Santo Patriarcha com similhantes pessoas, baste dizer-se, que soccorria a todos os que se lhe apresentavão, ou fossem cidadãos, ou estrangeiros, ou barbaros.

Além disto, elle se informava diligentemente das necessidades de outros, que se envergonhavão de lhe pedir em propria pessoa, e os soccorria com presteza, e abundancia. Os mercadores arruinados achavão na sua caridade com que restabelecer os seus negocios. As familias reduzidas á mendicidade por causa de algum incendio, ou por outra desgraça, ficavão alliviadas. Tal, em summa, era a sua compaixão, e ternura para com todos os necessitados, que derramava muitas lagrimas quando se lhe referião as suas miserias; e estava sempre prompto, não só para lhes dar quanto tinha, mas ainda a si mesmo, se fosse necessario.

Um dia, em que elle mesmo com suas proprias mãos deo secretamente uma grossa quantia a um pobre miseravel, que algum tempo fôra seu domestico, agradecendo-lhe este com expressões vivas a sua generosa piedade, lhe disse o Santo estas bellas palavras: *Meu amado irmão, eu nunca derramei por ti o meu sangue, como fez Jesu Christo por nós todos.* Com effeito, uma tão grande liberalidade exhauria muitas vezes as copiosas rendas da Igreja de Alexandria; mas a divina Providencia assistia logo, e sempre a este seu fiel Dispenseiro.

No anno de 614 dispoz o Senhor, que tivesse o Santo Patriarcha uma extraordinaria occasião de exercitar a sua caridade para com os miseraveis; porque fazendo os persas varias correrias na Syria, e na Palestina, muitos procurárão o seu refugio em Alexandria. Recebeo-os o Santo com boa vontade, e fez que se lhes désse todo o preciso, tanto aos sãos, como aos enfermos; e dizendo-lhe os seus Ministros, que se obrigava a muito, respondeo elle: *Se todos os homens do mundo viessem a Alexandria pedir esmola, não esgotarião os infinitos thesouros de Deos, e da sua Igreja.*

E mostrou depois com os factos, não menos que com as palavras, quão bem se fundava em Deos a sua confiança; porque no mesmo tempo, em que se julgava, que elle não poderia assistir a tantos pobres, que se achavão naquelle Paiz, enviou grossas esmolas a Jerusalem, saqueada pelos inimigos, persas, e o preço competente para o resgate de dous Bispos, e um Abbade, feitos escravos por aquelles barbaros.

No mesmo anno, sobrevindo uma grande carestia em todo o Egypto, e concorrendo innumeraveis pobres a Alexandria, exhaurio-se o thesouro da Igreja. Pedio então o Santo por emprestimo mil libras de ouro, que distribuio logo; e não achando quem lhe emprestasse mais dinheiro, recorreo com fervor á oração, pedindo soccorro a Deos para alimentar os seus pobres.

Achando-se, pois, o Santo em taes angustias, um homem rico, que desejava ser promovido á ordem de Diacono (ainda que as regras da Igreja lh'o não permittião, por haver sido duas vezes casado) crêo que naquella occasião conseguiria o seu intento, expondo ao Patriarcha na sua supplica, que desejava ser admittido ao diaconato, para poder, no serviço dos altares, merecer a Deos o perdão das suas culpas, offerecendo juntamente duzentos moios de trigo, e cento e oitenta libras de ouro para soccorro dos seus pobres.

Mandou logo o Santo vir aquelle homem á sua presença; e retirando-o á parte, lhe disse: *A tua offerta é boa em si, e de grande opportunidade, na presente occasião; porém como é defeituosa não póde ser agradavel a Deos; e pelo que respeita aos pobres meus irmãos, o mesmo Senhor, que até agora lhes sustentou a vida, os alimentará tambem para o futuro, com tanto que nós todos observemos os seus Preceitos; e elle, que com cinco pães saciou a cinco mil homens, póde igualmente com a sua Benção multiplicar os dez moios de trigo, que ainda me restão no celeiro.*

Com estas animosas palavras despedio o Santo confundido aquelle homem, sem acceitar a sua offerta, em attenção ás regras ecclesiasticas; e o misericordioso Deos recompensou logo a fidelidade do seu Servo, recebendo no mesmo tempo a noticia de haverem alli chegado dous navios carregados de trigo da Cecilia, aonde pouco antes elle os enviára.

Passados alguns mezes, e sabendo o Santo que vinhão os persas sitiar a Alexandria, partio com o Governador Nicetas para Constantinopla, afim de impetrar do Imperador o soccorro necessario para a defeza daquella Cidade. Porém chegando a Rhodes, e tendo revelação de estar proximo á sua morte, voltou para Chypre, e chegando á sua patria Amatunta, alli falleceo santamente (na idade de sessenta e quatro annos, e oito de bispado) depois de haver dictado o seu testamento nos termos seguintes:

« Graças vos dou, ó Grande Deos, por atten-
« derdes aos meus desejos de me não achar com ri-
« quezas na hora da morte; pois averiguando agora
« quanto tenho, me resta sómente uma pequena moe-
« da. Vós, Senhor, bem sabeis, que achei no the-
« souro da Igreja, quando entrei a servilla, oitenta
« mil escudos de ouro, e que esta quantia, com as
« esmolas dos Fiéis, e da vossa divina Piedade, cres-
« ceo a uma somma tão grande, que não me é pos-
« sivel contalla. Conhecendo, pois, que toda esta fa-

« zenda era vossa, eu a reparti entre os pobres ir-« mãos meus, por cujas mãos a fiz voltar para Vós. « Em cujos termos, como estes poucos reaes que me « restão tambem são vossos, mando que igualmente « sejão dados aos mesmos pobres. »

Correndo, pois, a voz de ser fallecido o Santo Patriarcha, se commoveo, e lamentou a Ilha de Chypre, vendo tão brevemente extincta a sua maior felicidade. Concorrêrão logo as gentes de toda a qualidade, e era tão grande a dôr, e lagrimas dos pobres, como se o Santo fallecêra em Alexandria, theatro illustre das suas heroicas virtudes. Assistírão ao seu enterro todos os Ecclesiasticos, e publicos Magistrados, além do innumeravel povo, levando o féretro os principaes assistentes, com as circumstancias, e decencia que erão devidas á dignidade, e santidade de um tal Patriarcha.

E conduzindo o corpo do Santo (depois de celebrada solemnemente a Missa) ao proprio jazigo dos Bispos, achárão no maior sepulchro, que alli abrírão, dous corpos de Prelados Santos, que erão mortos havia mais de duzentos annos, e ainda tão incorruptos, como se fossem naquelle dia sepultados, e assim mesmo com as suas pontificaes vestimentas que tambem estavão inteiras.

Duvidárão então os Ecclesiasticos sobre o logar, em que depositarião o veneravel corpo do Santo Patriarcha, se á direita, ou esquerda daquelles Bispos; porém dissolveo-se esta duvida por um estupendo milagre, porque logo os corpos dos taes dous Santos, visivelmente se apartárão um do outro, deixando no meio logar bastante para receber o novo hospede; e atonito o povo por um tal prodigio, deo muitas graças a Deos, vendo publicada com tanta evidencia a santidade insigne do glorioso Patriarcha S. João.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Sirva-nos o exemplo deste grande Esmoler de poderoso estimulo para sermos liberaes com os pobres, quanto nos permittir a nossa possibilidade; recordando-nos para este effeito, que os pobres representão a Pessoa de Jesu Christo, o qual protesta no seu Evangelho, que passa para elle mesmo o que por seu amor se dá aos seus minimos Irmãos.

Procuremos, pois, quanto podêrmos, que as nossas esmolas sejão abundantes, porque só quem muito semeia recolhe muito; e que sejão feitas com alegria; o que facilmente, praticaremos, se bem ponderarmos, que não ha na presente vida negocio de maior lucro. Porquanto, como diz Santo Agostinho, damos bens temporaes, e recebemos bens eternos; damos uma porção do que recebemos de Deos, e se nos dá em premio o mesmo Senhor, ao qual veremos, amaremos, e possuiremos depois por toda a eternidade.

FEVEREIRO — 17.

DA

BEATA MARGARIDA

DE HUNGRIA, VIRGEM.

EM 28 DE JANEIRO.

NO SECULO XIII.

O douto Gariano, Religioso da Ordem dos Prégadores, escreveo a vida desta Serva de Deos, extrahindo-a do processo que se fez para a sua canonização, passados cinco annos depois da sua morte; e os Bollandistas no mesmo dia 28 de janeiro trazem esta vida na sua original inteireza.

Nasceo a Beata Margarida no anno de 1243, sendo filha de Bela IV, Rei de Hungria, e da Rainha Maria, ambos mais illustres pela sua singular piedade, que pela sublime dignidade de Soberanos. Ella antes de nascer foi consagrada ao Senhor, porque achando-se naquelle tempo infestada dos tartaros a Hungria, fez sua mãi, com beneplacito do Rei seu marido, voto expresso a Deos de logo dedicar ao seu serviço o féto que trazia no ventre, se livrasse aquelle Reino das armas, e furor dos tartaros, como assim succedeo, voltando sem demora para o seu Paiz aquelles barbaros.

Assim, pois, logo que a menina Margarida chegou á idade de tres annos e meio, foi consignada

ás Religiosas do mosteiro de Vesprino da ordem dos Prégadores, para ser alli educada no santo temor de Deos, e piedade Christã; e se vio desde logo, que o Senhor acceitou com agrado aquella religiosa offerta, porquanto Margarida desde os seus primeiros annos se vio sempre inclinada á devoção, e com um summo desejo de agradar só ao mesmo Deos.

As santas instrucções, que recebia daquellas boas Religiosas penetravão docemente o seu coração, e produzírão um virtuoso fructo assás superior á sua idade. Ella aborrecia deveras toda a pompa humana; e até fugia daquelles mesmos divertimentos, que são ordinarios nas meninas (especialmente nas nobres) pondo todo o seu prazer em recitar varias orações, e particularmente o Officio da Santissima Virgem, a quem teve sempre um singular affecto.

E querendo alguma vez a Religiosa sua mestra distrahilla um pouco dos espirituaes exercicios, a que se applicava de contínuo, ella chorava com tanto excesso, que o unico meio para serenalla era permittir-lhe que fosse á Igreja, ou capella do mosteiro continuar a sua oração; cujo exercicio lhe foi por toda a vida o suave nutrimento da sua alma, de modo que sem encarecimento algum se póde dizer, que todo o seu tempo foi uma perpetua oração, e contínua pratica com o seu Esposo celeste, ainda quando entretida no trabalho, e nas obrigações do mosteiro.

Passados oito annos, edificárão seus pais de proposito um mosteiro em uma ilha do Danubio, pouco distante da Cidade de Buda, para onde foi transferida com algumas Religiosas do mosteiro de Vesprino, e alli professou a regra do Patriarcha S. Domingos; o que não obstante foi a Santa virgem procurada em diversos tempos para esposa do Duque de Polonia, do Rei de Cecilia, e do Rei de Bohemia; a favor do qual mostrou o pai o maior empenho para que sua filha consentisse neste matrimonio, reputando-o por util mais que todos á Religião, e ao Estado. E para remover-lhe todo o escrupulo, prometteo enviar deputados ao Summo Pontifice, afim de impetrar a mais ampla dispensa que se podesse desejar nesta materia.

Porém forão inuteis todas as suas tentativas, e assim mesmo as da Rainha sua mãi, que fazia a este respeito não menores instancias; porquanto ella protestou, que só queria a Jesu Christo por seu Esposo, mais do que ser Imperatriz de todo o mundo. E pretendendo ainda obrigalla pelo motivo da obediencia que devia a seus pais, respondeo logo: *Estou prompta para obedecer-lhes em todas as outras coisas, segundo a Lei de Deos; porém neste particular quero, e devo obedecer mais a Deos, do que aos homens, Elle me elegeo para sua Esposa, e eu tal me conservarei sempre.*

Seguio-se a esta victoria, que Margarida conseguio de tão vehementes tentações, o ser logo recompensada por Deos com uma copiosa effusão dos seus dons celestes, e augmento de todas as virtudes, fazendo nellas maiores progressos, á proporção que crescia nos annos. A sua humildade (preciso fundamento da piedade Christã) era tão profunda, que não consentia distincção alguma entre as outras Religiosas, nem ainda ser nomeada filha do Rei de Hungria, dizendo, que antes quizera haver nascido filha de um pobre lavrador, para assimilhar-se a seu Esposo, Mestre, e Exemplar da humildade.

Effeito proprio desta sua particular virtude era tambem o reputar-se inferior a todas as suas companheiras, e servillas nos empregos mais abjectos, especialmente quando enfermas, para com as quaes tinha uma singular ternura, porque representavão melhor a Pessoa de Jesu Christo; de maneira que algumas vezes, ella só, tomava o cuidado de servir, e assistir continuamente áquellas que por molestias fastidiosas, e de máo cheiro, erão abandonadas pelas outras Religiosas.

Effeito igualmente da sua rara humildade era o usar sempre de panno grosseiro, repartindo pelos pobres os vestidos de maior preço que se lhe enviavão do palacio. Effeito, finalmente, da sua humildade era a promptidão, com que ella obedecia á superiora do mosteiro, nada menos do que um servo fiel obedece a seu senhor.

Igual á humildade era em Margarida a mortificação, que ella exercitou em quanto viveo, com ardor insaciavel. Ella, segundo as regras do Instituto Dominicano, não comia carne, senão em caso de grave molestia; e varias vezes dissimulava os seus males, para não ser obrigada a suspender os seus jejuns, e penitencias, de cilicios, e disciplinas, etc.

Esta sua ardente sêde de padecer, e mortificar-se nascia da frequente meditação que ella fazia sobre a Paixão do Salvador, e lição das vidas dos Santos Martyres, cuja sorte invejava, rompendo em dizer muitas vezes: *Que grande felicidade sería a minha, se me achasse naquelles tempos, em que erão tão frequentes as occasiões de padecer, e morrer por Jesu Christo.*

Desta contemplação contínua, e fervorosa, que praticava Margarida sobre a Paixão do Salvador procedião aquellas chammas de ardentissima caridade para com Deos, e com o proximo. Os seus transportes de amor para com Deos erão tão vivos, e vigorosos, que frequentemente lhe causavão um suavissimo extasis em que algumas vezes se vio elevada da terra na altura de um covado; o que especialmente lhe acontecia, quando chegava á Eucharistica Mêsa.

E o amor de Margarida para com o proximo tambem não tinha limite. Ella amava com ternura as suas Religiosas, servindo a todas com grande affecto; e se recebia de alguma qualquer offensa, era ella a primeira em pedir-lhe perdão, prostrada a

seus pés; e vendo que alguma lhe não fallava, ou passava por ella com máo aspecto, hia logo procural-a, e valer-se de todos os modos para ganhar-lhe o coração, e conciliar o seu agrado.

Outro tanto praticava quando succedia alguma dissenção entre as Religiosas, sendo em taes occasiões a medianeira, para reintegrar entre ellas a mutua concordia, como felizmente lhe succedia. Em summa, ella nutria no seu coração o mais terno amor para com o proximo, e com especialidade para com os pobres; aos quaes, com permissão da superiora, liberalmente repartia o que os seus reaes progenitores lhe mandavão.

Dignou-se tambem o Senhor de favorecer a esta sua amada Serva com o dom da prophecia, e de milagres entre os quaes é celebre o seguinte. Cahindo uma criada do mosteiro em um poço, donde se extrahio quasi morta, a Beata Margarida com suas orações a restituio repentinamente á sua perfeita saude, que gozou depois por muitos annos.

Teve tambem revelação do seu proximo transito deste desterro para o celestial Paraizo, a que sempre anhelava; o qual lhe aconteceo no dia por ella declarado, que foi o 28 de janeiro, tendo ella de idade vinte e oito annos; e depois da sua morte se dignou o Senhor de manifestar a sua santidade com muitos prodigios, referidos pelo sincero author da sua vida.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Venturosa esta Santa Virgem, que separada do mundo desde menina, e educada na piedade por aquellas santas Religiosas, viveo sempre livre dos perigos, e desordens, que são tão frequentes no seculo! E venturosas tambem aquellas meninas, que em tenra idade nos nossos dias vão educar-se nos claustros das sagradas virgens, aonde aprendem a desprezar as vaidades mundanas, e amar, e servir de todo o coração a Deos, unico, e summo Bem das almas.

Outro tanto devem, á proporção, praticar todos os Catholicos, sendo todos obrigados a observar as promessas, que fizerão no baptismo, renunciando as pompas, e vaidades do mundo, para serem verdadeiros discipulos de Jesu Christo. Porém como a maior parte dos Christãos se esquecem destas suas obrigações, correndo á redea solta pelo caminho da perdição, roguemos ao divino Senhor, que ao menos se observem, como é justo, nas casas destinadas para o seu serviço, para que as pessoas que nellas residem sejão sempre cada vez mais perfeitas, e santas.

FEVEREIRO — 18.

DE

SANTA MARCELLA, VIUVA.

EM 30 DE JANEIRO.

NO SECULO IV.

O Doutor Maximo S. Jeronymo, na sua carta dirigida á Santa Virgem Pricipia, descreve as acções gloriosas daquella illustre senhora romana. Acha-se esta carta, não só entre as mais do santo Doutor, senão tambem no Livro primeiro das Vidas dos Padres do Ermo, que escreveo o douto Rosweido.

A illustre Santa Marcella é louvada por S. Jeronymo, appellidando-a gloria da Igreja, honra da côrte de Roma, e um perfeito modêlo da virtude para todas as senhoras Christãs. Ella procedeo de uma familia nobilissima, cujos ascendentes havião occupado as primeiras dignidades do Imperio. Era, porém, muito mais illustre para Deos, que lhe concedeo a graça de desprezar a nobreza, e bens temporaes, para abraçar a humildade, e pobreza de Jesu Christo.

Sendo casada com um fidalgo igualmente nobre (cujo nome se não sabe) passados sete mezes neste estado, lhe morreo o marido; e sendo logo procurada para esposa de Cereal, homem riquissimo, e parente do Imperador, como elle era avançado em annos, prometteo-lhe, para a induzir a prestar o seu consenso, fazella herdeira de todos os seus bens. Porém ella respondeo-lhe, que estava na resolução de consagrar-se a Deos; e quando houvesse de casar-se, quereria um marido, e não uma herança.

Ella foi a primeira, que confundio em Roma a soberba do paganismo, fazendo ver a todos o precioso valor de uma senhora verdadeiramente Christã; porque antes della não houve pessoa do seu caracter, que abraçasse a vida retirada, e de-

vota, que era tida em desprezo. Porém Marcella, ouvindo referir a Santo Athanasio (refugiado em Roma, por causa da perseguição dos arianos) a vida celeste de Santo Antão, de S. Pacomio, e de um grande numero de homens, virgens, e viuvas, que povoavão os desertos do Egypto, não se envergonhou de seguir aquelle theor de vida, reconhecendo ser acceita a Jesu Christo.

Depostas, pois, as galas, e ornatos preciosos, usou de vestidos simplices, e ordinarios, e começou a empregar as suas riquezas em soccorro dos pobres. Ella a ninguem fallava em sua casa (ainda que fosse Ecclesiastico, ou Religioso) sem a presença de outras pessoas, virgens modestas, e viuvas graves, que tinha sempre comsigo. Sahia poucas vezes de casa, e evitava, quanto podia, o visitar a outras senhoras de qualidade, para não ver em casa alheia o que abandonára na sua.

E quando se dirigia a fazer oração nas basilicas dos Apostolos, e dos Martyres, era sempre a horas, em que não houvesse concurso do povo. Ella, em summa, no meio de Roma praticava uma vida penitente, e mortificada; occupada sempre, ou no trabalho manual, ou na oração, e meditação das verdades eternas, especialmente da morte, para a qual quotidianamente se preparava.

Correndo logo a fama da sua santidade, attrahio muitas pessoas nobres do seu sexo para a mesma vida retirada, e penitente, entre as quaes uma foi Santa Paula, como dissemos na sua vida (em 28 de janeiro) e tambem Santa Eustoquia, filha da mesma Santa Paula; e a ordinaria residencia de Marcella era em uma casa de campo, afim de gozar melhor as utilidades da solidão, e occupar-se de continuo na suave meditação das coisas celestes.

Mas o que S. Jeronymo exalta sobre tudo nesta Viuva Santa, é o seu grande amor para com as divinas Escripturas; sobre as quaes ella lhe fazia varias perguntas, e propostas, com tanta sabedoria, e com tal discernimento, que o Santo Padre a reputava sempre mais como Doutora, que como Discipula. Porém este ardor de Marcella pelo estudo das Escripturas divinas não provinha de uma curiosidade feminil, e muito menos de soberba, para haver de parecer douta, senão só de um vivo desejo de as entender com perfeição, e praticar fielmente os seus preceitos.

Dispoz então o Senhor, que Marcella fizesse uso da sciencia dos Santos, que adquiríra na meditação da Escriptura Sagrada, provando-a com o fogo da tribulação; porque no anno de 410, conquistando, e saqueando os godos a Cidade de Roma, alguns daquelles barbaros, entrando furiosamente na casa de Marcella, lhe pedírão todo o seu ouro, e prata; e ella com animo socegado, mostrando-lhes os seus pobres vestidos, lhes disse: que uma viuva tal, como ella, mal adornada, não dava indicios de alguma riqueza.

Porém, não acreditando elles esta verdade, por saberem a alta condição daquella Senhora, a maltratárão por muitos modos, para que lhes descobrisse os seus thesouros. Soffreo Marcella este supplicio com tal constancia, que parecia insensivel; e pondo-se de joelhos, pedio-lhes só por especial graça, que não a separassem de Princípia sua amada filha. E pedio isto para que não commettessem algum insulto contra a sua honestidade, o que ella de si propria não temia, pela sua idade avançada. Felicitou logo o Ceo uma tão justa supplica; porque movidos aquelles barbaros á compaixão, ainda para mais assegurar a ambas de todo o perigo, elles mesmos as conduzirão á basilica de S. Paulo, aonde Alaríco Rei dos godos mandára que a ninguem se offendesse dos que alli se refugiassem.

E Santa Marcella no meio desta tribulação, animada de uma viva Fé, se alegrava, e dava muitas graças a Deos, de que a conquista, e ruina de Roma a viesse achar já pobre, por amor de Christo; e consequentemente por se ver reduzida a viver de esmolas em todo o resto dos seus dias. Purificada, pois, assim esta grande Serva de Deos, falleceo pouco depois com aquella paz, e confiança, que inspira ás almas justas uma boa consciencia, e uma bem fundada esperança de possuir os gloriosos bens na eterna Patria.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O exemplo de Santa Marcella, e de outras Princezas, e senhoras, que florecêrão na Igreja, especialmente no quarto seculo, e a edificárão com os seus santos costumes (por onde merecêrão os elogios dos Santos Jeronymo, Ambrosio, Agostinho, Chrysostomo, e outros santos Doutores, e Padres, da Igreja) um tal exemplo, digo, sirva de desengano ás pessoas do seu sexo, e condição.

Ellas julgão que a nobreza, e as riquezas lhes permittem unir á profissão Christã uma vida molle, deliciosa, e seguida de continuos divertimentos, conversações, e passatempos; como se o caminho estreito da penitencia, e mortificação, insinuado por Christo no Evangelho para chegar á vida eterna, não fosse para ellas, ou antes não fossem ellas tanto mais obrigadas a fazer-se violencia, e mortificar-se, quanto são maiores os obstaculos, e impedimentos, que põem á sua salvação as mesmas riquezas, e commodidades, que gozão no seculo.

O Apostolo S. Paulo, escrevendo aos romanos intima a todos, grandes, e pequenos: que todo o que viver segundo a carne, ou segundo as suas paixões, e desejos, cahirá na morte eterna; e que só conseguiráõ a eterna vida, os que mortificarem as obras da carne, a soberba, a molleza, e outras inclinações da natureza corrupta; e que emfim, só

são filhos de Deos, e herdeiros do Paraizo os que se movem, e se conduzem pelo divino Espirito, espirito de humildade, de mortificação, e abnegação das proprias concupiscencias.

FEVEREIRO — 19.

DE

S. FLAVIANO, BISPO, E MARTYR.

NO SECULO V.

Nas Memorias Ecclesiasticas de Tillemont, tomo 15.°; na vida de S. Leão, art. 15.°, e n'outras partes; e nos Bollandistas no dia 18 de fevereiro se achão descriptas diligentemente as illustres acções de S. Flaviano.

Estando vaga no anno 446 a Sé Patriarchal de Constantinopla, por morte de S. Proclo, que governára aquella Igreja pelo espaço de treze annos, dispoz o Senhor, que se elegesse em seu logar a S. Flaviano, Presbytero, e Thesoureiro da mesma Igreja. Porém a sua eleição, que foi approvada por todos os bons, desagradou muito a certo Official favorecido do Imperador Theodosio II, por nome *Crisáfio;* o qual, não podendo impedir a eleição de Flaviano, pensou em buscar meios para o depor, fazendo-o odioso á côrte.

Suggerio, pois, ao Imperador, que mandasse pedir a Flaviano, pela sua sagração algum donativo, debaixo do especioso titulo de *Eulogia*, que significa *Coisas bentas;* e enviando-lhe logo o Santo alguns pães por elle bentos, Crisáfio os rejeitou com desprezo, dizendo que o Imperador não carecia de pão, e que a benção que pedia, era ouro e prata.

Sobre o que replicou o Santo Bispo, que elle só tinha o ouro dos vasos sagrados, os quaes, como bem sabia, erão consignados para o culto divino, ou para sustento dos pobres, em caso de maior necessidade. O que não obstante, enviou o Santo alguns destes vasos, para confundir a sacrilega avareza de Crisáfio, e persuadindo-se que a piedade de Theodosio, em vez de acceitar um tal donativo, o recusaria com horror.

Porém aquella resposta, e esta acção irritou mais o furor de Crisáfio, e de novo o confirmou no pensamento de o expulsar da sua Sé a todo o custo; e a occasião de que se valeo para este seu designio, foi a causa que S. Flaviano devia tratar do impio Eutiques, Abbade de um mosteiro proximo a Constantinopla, e falsamente reputado na côrte por homem de grande santidade, e doutrina.

Tinha elle mostrado um grande zêlo contra a heresia de Nestorio, o qual affirmava dever-se admittir em Christo, não só as duas Naturezas Divina, e Humana, senão tambem duas Pessoas distinctas, donde se deduzia, que uma coisa era o Filho de Deos, e outra o Filho de Maria; a qual portanto (como blasfemava Nestorio) não podia chamar-se *Mãi de Deos*, senão *Mãi de Jesu Christo*, Homem, no qual, como em seu templo, habitava a Divindade.

Combatendo, pois, Eutiques este perniciosissimo erro (condemnado já no terceiro concilio geral, celebrado em Efeso) veio a cahir em outro erro contrario; porque, não se contendo nos limites da doutrina Catholica (a qual ensina haver em Christo duas Naturezas distinctas, Divina e Humana, subsistentes na unica Pessoa do Verbo) elle negava esta distincção das duas Naturezas, dizendo, que pela Incarnação se confundíra a Humanidade com a Divindade.

Avisado, pois, S. Flaviano do perverso dogma, que Eutiques derramava; ainda que ponderava as contradicções que encontraria, oppondo-se a um homem, qual era Eutiques, envelhecido nos exercicios da vida monastica, acreditado por varão sabio, e singularmente protegido pelo poderoso Crisáfio, nenhuma destas reflexões humanas bastou para o desviar da obrigação que tinha, como Bispo, de conservar intacto o deposito da Fé, e oppor-se aos erros, que a corrompião.

E congregando logo alguns Bispos, que para seus particulares negocios se achavão então naquella côrte, fez ler diante delles um libello, em que se expunhão as blasfemias proferidas por Eutiques contra a Fé da Incarnação de Jesu Christo. E como já tinha experiencia, de que as particulares, e amigaveis exhortações, feitas ao mesmo Eutiques, nada valião para o fazer abjurar os seus erros, o mandou citar para comparecer no concilio, e dar nelle razão da sua fé.

Escusou-se no principio o doloso Eutiques, applicando todo o seu esforço para subtrahir-se daquelle Juizo. Porém vendo que lhe não era possi-

vel o dispensar-se, recorreu ao seu Crisáfio: por cujo meio conseguio do Imperador o hir acompanhado ao concilio por um Capitão Imperial com muitos soldados, e varios monges do seu partido, o que nada intimidou a S. Flaviano, que punha a sua confiança em Jesu Christo, cuja causa sustinha.

Procedeo, pois, o Patriarcha ao exame da doutrina de Eutiques, e achando-o pertinaz no seu erro, proferio em nome de todo o concilio contra elle a sua sentença, na qual o declarava decahido do officio sacerdotal, da communhão da Igreja, e do governo do mosteiro; e fazia entender a todos que incorrião na mesma censura de excommunhão, os que dalli em diante se atrevessem a communicar com Eutiques.

Começou então S. Flaviano a sentir os effeitos do furor dos seus inimigos. Eutiques primeiramente com os seus sequazes derramou mil calumnias contra o Santo Patriarcha, e contra o synodo, que elle convocára; e escreveu uma carta ao Summo Pontifice S. Leão, queixando-se das injurias, e aggravos, que (segundo elle dizia) se lhe fizerão no concilio de Constantinopla; e sobre tudo, procurou, e lhe foi facil por meio do seu Crisáfio, ganhar a protecção do Imperador.

Theodosio, pois, enganado pelos artificios daquelle manhoso valido, entrou em suspeita da doutrina de S. Flaviano, presumindo, que elle, e não Eutiques, defendia o erro. Por cujo motivo mandou pedir a S. Flaviano a profissão da sua Fé, para melhor certificar-se sobre os seus sentimentos; e o Santo, sem queixar-se da injuria, que por este modo se lhe fazia, a exhibio promptamente, propondo todo o seu respeito pessoal ao publico bem.

Comtudo, ainda o Imperador não ficou persuadido da innocencia de S. Flaviano, antes reputando-o por author das perturbações nascidas na Igreja de Constantinopla, escreveu contra elle uma carta ao Papa S. Leão; e devendo justificar-se o Santo para com o Summo Pontifice, elle o fez com tão feliz successo, que obteve do mesmo Santo Padre aquella famosa carta, que depois no concilio Calcedonense foi reconhecida por um oraculo divino, que dá luz á doutrina da Igreja a respeito da Incarnação do Verbo contra os erros de Eutiques, e Nestorio.

Mas por maiores que fossem as vexações que padecia S. Flaviano, não extinguião o furor de Crisáfio, que absolutamente, e por todos os modos o queria deposto da sua Sé; unindo-se, pois, com Eutiques, e com Dioscoro, Patriarcha de Alexandria, fez que por ordem do Imperador Theodosio se convocasse um concilio em Efeso, para se tratar, e decidir a causa de Eutiques, e Flaviano; sendo este nas lettras convocatorias o primeiro declarado para ser julgado como réo.

Para presidir neste concilio foi nomeado o sobredito Dióscoro, capital inimigo de S. Flaviano, e da Syria foi chamado expressamente um certo Abbade, por nome *Barsuma*, homem furioso, e turbulento, e que com seu fanatico zêlo, e corrupta doutrina, havia posto em desordem as Igrejas da Syria. Ao qual (ainda que não era mais do que um simples Abbade de monges) foi facultada a insolita prerogativa (que nunca antes se concedêra a outro seu igual) de estar sentado entre os Bispos, e sentencear juntamente com elles as causas alli propostas.

Além disto, enviou o Imperador ao concilio alguns seus Officiaes, e mandou ao Proconsul da Asia, que lhe subministrasse um bom numero de soldados, com o pretexto de se dar á execução o que se ordenasse no mesmo concilio, e reprimir as facções, e tumultos, que alli houvesse. Outras mais coisas se praticárão contra a disposição dos canones, e leis da justiça naquelle synodo, no qual o que unicamente se pretendia, era condemnar o innocente S. Flaviano, e fazer triunfar a eutiquiana impiedade.

Assim, pois, em uma tal assembléa (que depois mereceu o nome de *Latrocinio de Efeso*, por não haver lei divina, nem humana, que alli não fosse atropelada) teve de comparecer S. Flaviano, não já como Juiz (segundo pedia a sua dignidade) mas como réo; e a primeira coisa que se determinou, foi restituir solemnemente a Eutiques ao seu gráo, e prelatura, approvando-se como catholica a sua doutrina.

Depois, com o supposto falso de que o Santo Patriarcha no exame que fizera da doutrina de Eutiques se apartára do canon estabelecido no concilio Efesino (pelo qual se prohibe fazer novas formulas de Fé, e alterar por algum modo o symbolo Niceno) o impio Dióscoro proferio sentença de deposição contra o Santo, sem lhe fazer perguntas, nem dar-lhe logar para a defeza, nem tambem permittir que se lesse a carta, que lhe escreveu S. Leão.

Vendo, pois, o Santo Patriarcha, que se lhe intimava uma tão iniqua sentença, appellou para a Sé Apostolica, e muitos dos Bispos assistentes, não podendo dissimular a dôr, e desprazer que sentião, se prostrárão aos pés de Dióscoro, rogando-lhe com muitas lagrimas, que não executasse uma tal sentença; porque o innocente Flaviano nada havia feito, por onde merecesse ser deposto. Mas forão inuteis todas as rogativas, protestando sempre o iniquo Dióscoro, que antes consentiria ser feito em pedaços, do que revogar aquella sua sentença.

E porque alguns dos mesmos Bispos ainda continuavão os seus bons officios a favor do veneravel Patriarcha, fez Dióscoro entrar na sala do concilio os Officiaes, e soldados do Imperador com as espadas nuas, e os furiosos monges de Barsuma com grossos bastões, que tudo pozerão em consterna-

ção; e tal espanto occasionárão no animo dos Bispos, que todos por ultimo (excepto os Legados do Papa) concordárão na deposição de S. Flaviano, e subscrevêrão de propria mão a sacrilega sentença.

Desta sorte aquelles Bispos pusillanimes (que não erão menos de cento e trinta) prestárão as mãos á iniquidade; e supposto que de algum modo possão merecer compaixão, por obrarem intimidados das ameaças, e temor da morte, comtudo não podem ser por isto plenamente justificados, porquanto (como depois se lhes lançou em face no concilio Calcedonense) todo o Christão, e muito mais um Bispo, não deve jámais condemnar a innocencia, e verdade por motivos humanos.

Só os Legados do Papa, como fica dito, forão os que mostrárão valor, e firmeza de animo, não só para não approvar, nem subscrever a sentença contra o Santo Patriarcha, senão tambem para receber a appellação, que elle fez para a Santa Sé Apostolica.

Porém esta appellação de S. Flaviano foi a que excitou mais contra elle a raiva, e furor de Dióscoro, o qual, sem pejo, nem horror de macular as mãos no sangue de um Varão tão justo, sahio do seu logar para o investir, como fez, dando-lhe muitos golpes de punho no rosto, vehementes pancadas no estomago, e até o lançou por terra para lhe pôr os pés sobre o ventre.

E se assim se portou Dióscoro, apesar do decoro, que pedia a sua dignidade, o que não obrarião logo, além dos soldados, os seus Clerigos, e outros ministros do seu furor, principalmente os monges de Barsuma, que por elle excitados, ouvião dizer-se-lhes: matai-o, matai-o!

Assim, pois, maltratado, e coberto de sangue, e feridas sahio S. Flaviano do concilio para o carcere, e no dia seguinte, sem lhe permittirem curar as chagas, foi consignado aos guardas, que tinhão de o conduzir para o degredo, soffrendo elle sempre com invicta paciencia todos estes martyrios, sem abandonar a verdade que animosamente defendia.

Mas posto elle a caminho, e chegando no dia terceiro a uma Cidade da Lidia, por nome Edipa, alli pelos máos tratamentos do synodo (ou talvez por alguma ordem secreta, que trouxessem os mesmos guardas para accelerar-lhe a morte) rendeu a sua ditosa alma a Deos no dia 11 de agosto do anno 449.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Havendo predito o Salvador no Evangelho, que nascerião na sua Igreja escandalos, discordias, e heresias, não devemos admirar-nos, quando em os nossos dias se verifiquem aquellas divinas predicções, como succedeu nos tempos de S. Flaviano. Deve, sim, todo o Christão em similhantes casos, humilhar-se diante de Deos, doendo-se dos proprios peccados, e tambem dos alheios, que são a causa dos males da Igreja, e das perseguições que o mesmo Senhor permitte contra a boa doutrina, e contra as pessoas virtuosas, que a defendem.

Devemos tambem consolar-nos com as promessas do Salvador, que nos assegura, de que toda a potencia do inferno, e todas as intrigas, fraudes, e violencias dos homens não prevaleceráõ jámais contra a sua Igreja; antes as mesmas perseguições serão motivo de prova, e exercicio de virtude para os seus escolhidos; os quaes, se talvez padecem, como S. Flaviano, pelo poder dos impios deste mundo, tambem depois, como elle, são coroados pelo Pai Celeste.

E aquellas verdades pelas quaes elles tem pugnado, e padecido, tarde ou cedo triunfão; servindo-se Deos das mesmas disputas, excitadas pelos homens turbulentos, para mais illustrallas, e estabelecellas; como aconteceu depois da morte de S. Flaviano em o concilio Calcedonense. Conservemos, pois, estas verdades sempre fixas no animo, e roguemos continuamente ao Senhor, que tenha longe de nós todo o erro, e nos conceda o preciso esforço para resistirmos, como é justo, a tudo o que for opposto á sua graça, e amizade.

FEVEREIRO — 20.

DE

S. JERONYMO EMILIANI, CONFESSOR.

EM 8 DESTE MEZ.

NO SECULO XV, E XVI.

Da vida que escreveo deste Santo Fundador um Religioso da sua congregação por nome Constantino de Rossi, que depois foi Bispo de Veglia, e do decreto da sua beatificação, feito por Benedicto XVI, no anno de 1747, que vem no tomo II do seu Bullario.

Este Santo Fundador da sagrada Religião dos Clerigos regulares da Somasca, nasceo em Veneza no anno de 1481. Os seus pais forão Angelo Emiliani, e Dianora Marosini, ambos de familias patricias, e senatorias daquella Republica. Jeronymo pelo nascimento foi o ultimo de quatro filhos que seus pais tiverão; mas o primeiro pela Graça, e merito para com Deos.

O pai, por muito occupado nos negocios da Republica, commetteo a educação deste seu filho a sua propria mãi, a qual sendo senhora de muita piedade, não deixou de instillar ao amado filho as santas maximas da Religião Christã, applicando-o aos exercicios da oração, e das virtudes competentes ao seu gráo, e á sua idade.

Porém estas boas sementes ficárão logo suffocadas pelo ardor das paixões juvenís, porque chegando Jeronymo á idade de quinze annos, e movido dos perversos exemplos de outros mancebos nobres seus coetaneos, abandonou os estudos; e suspendendo toda a pratica de devoção, attendia sómente ao seu corporal prazer. E se por divertimento lançava mão de alguns livros, erão só dos que tratão de vaidades mundanas, que corrompião mais o seu espirito, e o fazião abominavel aos olhos de Deos; supposto que para a vista dos homens conservava sempre aquelle decoro, que convinha á sua nobreza, de que era assás zeloso.

Entretanto, morrendo seu pai (a quem tinha alguma sujeição) se augmentou a sua desordem, e mais ainda depois de abraçar a Milicia, servindo a Republica nas vivas guerras, que teve naquelles tempos contra os poderosos inimigos, conjurados para a sua ruina, na famosa Liga de Cambré. Assim, pois, na ordinaria licença militar se deo Jeronymo a todos os vicios por tal modo, que quanto mais valoroso se mostrava aos olhos dos homens nas emprezas, e batalhas contra os inimigos do Estado, outro tanto com a sua vida escandalosa reforçava mais as cadeias dos seus máos habitos, e abominaveis vicios; e assim perseverou Jeronymo neste miseravel estado até o trigesimo anno da sua vida, em que a divina Bondade quiz converter este vaso de contumelia, e de ignominia em vaso de eleição, e de honra, como agora diremos.

No anno de 1511, achando-se Jeronymo com o governo da fortaleza de Castel-novo, praça de muita importancia na Provincia Trevisana, foi posto em sitio pelo exercito imperial no mez de agosto; e não obstante a vigorosa, e porfiada defeza que fez, e os seus soldados, com todos os cercados venezianos, tomou-se a fortaleza de assalto; e elle, feito prisioneiro de guerra, foi logo mettido no tenebroso carcere de uma torre, aonde, carregado de pesadas cadeias, era muitas vezes bastonado, sem lhe darem outro alimento fóra de um pouco pão, e agua por medida.

Então, pois, fallando o Senhor efficazmente ao coração de Jeronymo, e fazendo-lhe conhecer com as luzes da divina Graça as graves desordens da sua criminal vida, começou a temer os tremendos castigos de fogo eterno, que tanto merecia pelas suas muitas offensas contra a Magestade de Deos, porque a penosa tribulação que o opprimia, e o perigo que a cada momento o ameaçava de acabar os seus dias com uma morte violenta, o humilhárão na presença do divino Senhor.

Por onde, qual outro Manassés, do fundo da sua prisão elevou a mente, e o coração ao Deos das Misericordias, supplicando-lhe com perennes lagrimas, e suspiros, que lhe perdoasse os seus escandalosos excessos, e o livrasse não menos das cadeias que opprimião o seu corpo, que das outras mais duras, e mais pesadas, que aggravavão o seu espirito; promettendo ao mesmo passo expiar os seus delictos com a devida penitencia, e praticar para o futuro uma vida de Christão perfeito.

Interpoz tambem para este fim o poderoso patrocinio da Santissima Virgem, á qual recorreu, supplicando-lhe humildemente, que lhe obtivesse de seu divino Filho uma verdadeira contrição, e remissão das suas culpas, e o soccorro opportuno pa-

ra as suas temporaes indigencias. O despacho foi prompto, porque não tardou muito em conseguir os effeitos da divina Piedade, e protecção da Mãi de Misericordia; sentindo-se todo no interior mudado, e no exterior, não sómente solto das suas cadeias, senão ainda por virtude do mesmo milagre, inteiramente livre das trevas daquelle carcere sem opposição alguma á sua plena liberdade.

Voltou logo Jeronymo para Veneza, cheio de um profundo reconhecimento para com Deos, pela prodigiosa Graça recebida, e firmemente resoluto para reparar os seus escandalosos excessos com uma vida exemplar, e santa; e supposto que por então não depoz a toga senatoria, nem deixou de assistir ás publicas assembleas do Senado, e exercitar as magistraturas da sua patria, mostrava sempre em todos os seus discursos, e em todas as suas acções uma singular piedade, e uma tal mudança de sentimentos, e um tal zêlo da honra de Deos, que admirava a todos, e grandemente os edificava.

Procurou entre muitos um director pio, e douto, a cujos pés, depois da confissão geral dos seus peccados, propoz, com o seu conselho, um systema de vida penitente, e mortificada. Jejuava frequentemente com rigor, cingia o corpo com asperos cilicios, e fazia longas orações, e vigilias, sobre outras corporaes penitencias, assim para castigar a sensualidade da sua antecedente vida, como para ter a carne sujeita ao espirito, e não menos para implorar, e merecer sobre si maior abundancia das divinas Misericordias.

Attendia tambem com todo o cuidado a mortificar as suas paixões, especialmente a ira, que mais o dominava; e mediante a divina Graça o conseguio de maneira, que chegou a ser depois o homem mais humilde, e pacifico do mundo. Visitava os enfermos nos hospitaes, frequentava os Santos Sacramentos, que são as fontes da divina Graça, e fazia abundantes esmolas, especialmente para com as pobres familias, que, não lhes sendo licito andar mendigando, carecem muitas vezes do necessario alimento; em summa, toda a vida deste Servo de Deos, depois da sua conversão era uma serie continua de exercicios de piedade, e boas obras.

E reputando elle (inteiramente desenganado das vaidades do mundo) todas as grandezas da terra por coisas de nada, em comparação das eternas, a que unicamente aspirava, facilmente se retiraria ao interior de um bosque, para passar os seus dias, como penitente solitario; mas foi impedido pela anticipada morte de seu irmão primogenito, que, deixando alguns filhos em tenra idade, lhe recommendou muito a sua boa educação, e administração dos seus bens, o que elle fidelissimamente cumprio.

Apresentou-se entretanto a Jeronymo uma bella occasião de exercitar a sua generosa caridade para com os pobres, por causa da grande fome, que padeceo toda a Italia no anno de 1528. É bem verdade que em Veneza havia menos falta de pão, do que n'outras terras, porque os seus sabios Senadores, prevendo nos campos a carestia futura, fizerão anticipadas provisões, quanto mais lhes foi possivel, sem poupar despeza, nem diligencia alguma; mas forão tantos os pobres, e os famintos, que de varias partes concorrêrão para aquella Cidade, que enchendo-se as ruas, e praças, com vozes, e lagrimas pedião soccorro nas suas miserias.

A este lamentavel espectaculo enterneceu-se mais que todos o piedoso coração de Jeronymo; e respeitando naquelles miseraveis ao mesmo Jesu Christo, que por amor de nós se fez pobre, resolveo empregar-se a si mesmo, em tudo quanto tinha nesta grande obra de caridade, para cujo effeito, depois de haver repartido entre aquelles miseraveis o trigo e dinheiro, com que se achava, vendeo tambem para o mesmo fim todos os ricos móveis, e preciosas alfaias do seu palacio.

A sua casa era o refugio dos pobres, aos quaes por sua mão propria distribuia o pão, ou o dinheiro, e tambem a muitos dava logar na sua mesma habitação, para não morrerem de frio nas publicas praças; e não satisfeita com tudo isto a sua caridade immensa, informava-se tambem das pobres familias, que se achavão nas mesmas angustias; e com affecto de pai lhes procurava todo o soccorro que podia, chegando por esta causa a reduzir-se a tal indigencia, que algumas vezes lhe faltou pão para a sua propria pessoa; e este grande exemplo da sua caridade generosa commoveu tanto aos outros Fidalgos, e ricos da Cidade, que não podêrão deixar de concorrer da sua parte para o allivio dos pobres naquella fatal indigencia.

Seguio-se á fome, e carestia (como em similhantes casos succede) uma enfermidade contagiosa, que abrio a Jeronymo um novo campo para exercicio maior da sua caridade. Visitava, pois, frequentemente os hospitaes para assistir aos pobres enfermos, e para os animar com pias exhortações a tolerar com paciencia os seus males, e a dispor-se para uma boa morte, no caso de os chamar o Senhor para a outra vida; e tantas forão as fadigas, e taes os incommodos, que padeceo nesta obra de caridade, que tambem elle por fim veio a cahir enfermo de uma febre ardente, e pestilencial, julgada pelos medicos sem esperança de remedio algum; mas o Senhor, que o reservava para obras maiores, e mais uteis ao proximo, o restituio logo com um prodigioso milagre á sua primeira saude.

Recebeo o Servo de Deos (que então se achava na idade de 48 annos) este prolongamento de vida, como um convite do mesmo Senhor, para mais empregar-se no seu divino serviço, para preparar-se com maior fervor, e se achar com melhor disposição na grande passagem desta vida para a eterna; e renunciando logo os cargos da Republica, e commettendo a administração dos bens domesti-

cos ao primogenito dos seus sobrinhos, que já estava em idade para poder governar a casa por si mesmo depoz para sempre a toga senatoria; e tomando um vestido grosseiro, de que usavão as pessoas pobres, propoz consagrar-se todo a Deos, e ao bem do proximo.

Uma tal resolução (tomada depois de muitas orações dirigidas ao Pai das luzes, e com o conselho de pessoas illuminadas, como era o seu director João Pedro Caraffa, que depois foi Summo Pontifice, com o nome de Paulo IV) uma tal resolução, digo, foi louvada por todos os bons, e pelos que o não erão, censurada; porém elle, que só pertendia agradar a Deos, desprezou igualmente os louvores, e censuras dos homens, estando bem persuadido, de não haver cousa mais opposta ao espirito do verdadeiro Christão, do que a indigna apprehensão dos respeitos humanos, e o vão temor do que dirá o mundo.

E na verdade o feliz effeito deo bem a conhecer, que elle era conduzido pelo Espirito do Senhor, porque, entrando a praticar uma vida mais perfeita do que antes, mais humilde, e penitente, e mortificada, emprehendeo por inspiração divina uma obra pia de grandissima utilidade ás almas, e de não menor proveito ao bem do Estado, qual foi a seguinte.

Como as guerras, carestia, e doenças contagiosas havião assolado a Italia, tirando a vida a innumeraveis pessoas, e cabeças de familias, muitos meninos, ficando sem pais que os sustentassem, andavão dispersos, mendigando o sustento pelas portas, sem proprio domicilio, sem temor de Deos, sem haver quem cuidasse da sua educação, com evidente perigo de perecerem na alma, e no corpo.

Então, pois, o Bemaventurado Jeronymo, movido á compaixão das necessidades espirituaes, e temporaes daquelles miseraveis orfãos, começou a juntallos em uma casa, que alugou para este fim, e a subministrar-lhes, com o necessario alimento, as virtuosas instrucções para o caminho da salvação; o que assim feito, cresceu logo tanto o numero daquelles meninos, que o Santo achou em Veneza, e lhe vierão das Ilhas adjacentes, que lhe foi necessario recorrer á piedade das pessoas ricas, e honestas para o ajudarem com suas esmolas em uma obra tão santa, e tão proveitosa, como felizmente assim succedeo.

Elle, pois, para com aquelles pobres orfãos fazia as vezes de pai, mãi, e mestre, estabelecendo uma bellissima ordem na sua educação; porque, além dos quotidianos exercicios de piedade Christã, queria que todos aprendessem a ler, escrever, e contar, e se applicassem a algum officio, segundo a qualidade de cada um, para que, chegando a ser adultos, tivessem meio para sustentar-se. A outros de maior capacidade, e talento fazia applicar aos estudos; e todos, em summa, mediante a sua industria, e diligencias, praticavão uma vida tão devota, e bem regulada, que edificavão a toda a Cidade de Veneza.

Vendo então Jeronymo, que esta obra pia naquella Cidade fôra tão abençoada pelo Senhor, e estabelecida por tal modo, que podia bem proseguir-se, ainda sem a sua pessoal assistencia, pensou que faria o mesmo fructo em outras partes, principalmente nas Cidades do dominio veneziano, aonde, pelas proximas guerras, peste e carestia, que padecêrão os povos nos annos antecedentes, devia ser maior a necessidade.

Assim, pois, no anno de 1531, partindo elle de Veneza (não sem desprazer dos seus patricios) em habito pobre, e só confiado na divina Providencia, foi discorrendo, e promovendo a sua obra pia nas Cidades, e logares da Lombardia veneziana, de modo que no espaço de seis annos, que ainda viveu, fundou alli muitas casas para os meninos orfãos; concorrendo á competencia varias pessoas ricas com suas esmolas, pelas efficazes exhortações do Servo de Deos, e grande conceito, que formavão todos da sua santidade.

E não só nas Cidades do dominio de Veneza, senão tambem no Ducado de Milão promoveo a mesma obra pia, e especialmente em Bergamo, aonde lhe pareceo mais precisa, segundo as circumstancias, em que se achava esta Cidade; e por isso não só instituio alli uma casa para os meninos, como em outras partes, senão tambem uma para as meninas orfãs, e outra para as mulheres de má vida, as quaes por sua exhortação se convertião, abandonando o peccado, e abraçando a penitencia.

Em todas estas Cidades, e logares, por onde passava o Santo para o referido effeito, succedia que muitas pessoas graves, ecclesiasticas, e seculares, vendo a piedade singular, que nelle resplandecia, e ouvindo as efficazes palavras, com que os exhortava, se offerecião a si mesmos com os seus bens ao mesmo Servo de Deos, para que dispozesse de tudo a seu arbitrio na grande obra por elle instituida.

E com ser elle um mero Secular (por não querer jámais receber alguma Ordem ecclesiastica de que por sua humildade se julgava indigno) ainda assim todos o reconhecião, e veneravão por seu pai, e espiritual director, prestando-lhe em tudo a mais perfeita obediencia; e elle estimando aquellas pessoas, como outros tantos operarios, que a divina Providencia lhe enviava para a continuação da sua obra, os repartia pelos diversos empregos de instruir os meninos nas maximas da Religião; dirigir aos capazes no estudo das sciencias; subministrar a todos o vestido, e alimento necessario; e alguns tambem para insinarem a doutrina Christã ás pessoas rusticas, e ignorantes, nos campos, e aldeias vizinhas.

Crescendo, pois, o numero destes bons opera-

rios, julgou o Santo, que sería conveniente unillos com algum vinculo de caridade, para que fosse permanente aquelle espirito, com que se havião congregado em beneficio do proximo, para cujo effeito, aconselhado nesta materia, tomou a resolução de estabelecer em algum logar uma casa, que fosse como centro, e cabeça das que havia, e se fundarião depois, não só no Estado de Veneza, senão tambem no Ducado de Milão, e por outras mais partes.

Elegeo-se, pois, para este fim, depois de madura ponderação, a pequena terra, ou Villa da Somasca, no Condado de Bergamo, de que tomou o nome a congregação fundada pelo Bemaventurado Jeronymo, que depois da sua morte se erigio em religião, com authoridade da Sé Apostolica; e para esta casa, como logar solitario, se retirava o Santo de tempo em tempo, para applicar-se com maior socego á oração, e penitencia, afim de purificar cada vez mais o seu coração daquelles leves defeitos, em que por humana fragilidade cahem tambem as pessoas santas.

E nesta mesma casa da Somasca terminou o Bemaventurado Jeronymo os seus dias com a morte mais preciosa, occasionada por uma enfermidade gravissima, que contrahíra na assistencia aos inficionados da peste; e como todo o emprego deste Servo de Deos depois da sua conversão foi um exercicio continuo de caridade para com o proximo, tambem a sua morte foi um effeito da sua ardente caridade, com que felizmente poz o sêllo aos ultimos momentos da sua vida no mez de fevereiro do anno de 1537, estando na idade de cincoenta e seis annos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Na conversão, e santificação do Bemaventurado Jeronymo admiremos, e louvemos a infinita Misericordia do Senhor, que o extrahio do profundo da iniquidade, e o exaltou com a sua poderosa Graça a um excelso gráo de virtude, reconhecida em toda a Igreja; por cujo exemplo devemos tambem confiar na clemencia do mesmo Senhor, em qualquer estado que nos achemos; porque Elle nos assegura com a sua infallivel palavra, que nunca rejeita um coração contrito, e humilhado.

Mas para nos aproveitarmos da Misericordia de Deos, duas cousas nos são necessarias, á imitação do Bemaventurado Jeronymo: a primeira vem a ser, que não rejeitemos as humilhações, e tribulações penosas, por meio dos quaes o Senhor nos faz conhecer a enormidade das culpas commettidas; e desapegando a alma das vaidades do mundo, a levanta ao amor das cousas celestes, como praticou com o Bemaventurado Jeronymo.

E a segunda não menos necessaria, é esta: que a nossa penitencia não seja só de palavras, mas acompanhada sempre de boas obras, proporcionadas á graveza das nossas culpas, como foi a do Bemaventurado Jeronymo: sendo a principal dellas, como temos visto, a caridade para com o proximo; porque esta virtude (como diz o Apostolo Sant-Iago) cobre a multidão dos peccados.

FEVEREIRO — 21.

DE

SANTA CATHARINA DE RICCI, VIRGEM.

EM 13 *DESTE MEZ.*

NO SECULO XVI.

Do primeiro escriptor da vida desta Santa, Mr. Catani, Bispo de Fiesole, que a estampou passados dous annos depois da morte da mesma Serva de Deos, e a dirigio ás Religiosas do seu convento do Prado.

No dia 23 de abril do anno 1522 nasceo em Florença Santa Catharina da nobre familia de Ricci; deo-se-lhe no baptismo o nome de *Alexandra*, que ella depois mudou no de *Catharina*, quando se fez Religiosa. Sua mãi Catharina de Ricasoli, senhora illustrissima, pouco depois do nascimento desta filha, passou para melhor vida; e seu pai Francisco de Ricci, senhor de Panzano, casou novamente com outra senhora de igual nobreza.

Porém não foi prejudicial este segundo matrimonio á boa educação de Catharina, porque assim o pai, como a madrasta cuidárão muito em a conduzir pelo santo temor de Deos; o que lhes foi bem facil, porquanto prevenida ella desde os seus pri-

meiros annos com as bençãos do Ceo, se mostrou sempre alheia das vaidades do mundo, e muito inclinada aos exercicios da piedade, e devoção. E logo que chegou á idade de dez annos, foi posta no mosteiro de Monticelli, debaixo da direcção de uma sua tia por nome Ludovica, alli Religiosa.

Aqui, pois, começou Catharina a dar indicios da eminente santidade, a que Deos a destinava; porque além de ser promptissima na execução de tudo o que se lhe ordenava, era tão applicada ao exercicio da oração, que até no tempo, que se dava ás educandas para seu recreio, ella tinha por maior prazer o ficar de joelhos diante da Imagem de um Crucifixo, a que tinha especial devoção; desejando ardentemente participar, quanto lhe fosse possivel, o amargo da Paixão do mesmo Senhor.

Para cujo effeito assentou fixamente em voltar as costas ao mundo, e professar o instituto religioso em algum mosteiro, aonde a observancia regular estivesse em todo o seu vigor. Entretanto seu pai, que cuidava em procurar-lhe algum decente matrimonio, retirou-a do mosteiro para sua casa, e lhe fez varias propostas a este respeito; porém ella, constante no seu proposito, respondeo sempre, que só queria a Jesu Christo para seu Esposo.

Succedeo então, achando-se Catharina em uma casa de campo proxima á Cidade de Prado, sahir a passeio com suas criadas, e encontrar com duas Religiosas conversas da terceira Ordem de S. Domingos da mesma Cidade, as quaes, por ser o convento pobre, e sem clausura, andavão pedindo esmolas para supprir as necessidades do mesmo mosteiro. E Catharina, sabendo por ellas a vida austera, penitente, e mortificada, que alli praticavão aquellas boas Religiosas, tomou a resolução de professar solemnemente aquelle religioso instituto.

E com effeito, depois de varias opposições, e difficuldades vencidas, Catharina, que já chegava aos seus quatorze annos, em o de 1535, vestio o religioso habito da terceira Ordem do Patriarcha S. Domingos no referido mosteiro de S. Vicente do Prado, com tanto prazer do seu espirito, que no mesmo acto foi favorecida por Deos com um suavissimo extasis, em que lhe pareceo, que Jesu Christo, e Maria Santissima a fazião entrar em um amenissimo jardim cheio das mais bellas flores, e de toda a sorte de delicias.

E como o Senhor havia destinado esta Santa Virgem para sua Esposa, dignou-se tambem, pouco depois que ella entrou no mosteiro, de a visitar com uma longa, e molesta enfermidade, para purificar mais o seu espirito com o fogo da tribulação, exercitando a humildade, a paciencia, e outras virtudes, que a fizessem similhante ao seu Esposo crucificado.

O citado escriptor da sua vida refere que no anno de 1538 no principio do mez de março foi assaltada a Santa de uma gravissima molestia com febre quotidiana, e dôres agudas por todo o corpo, a que se seguio o degenerar em asma, e hydropesia, pelo espaço de dous annos, e com tanta pertinacia, que os medicos a desamparárão, por verem que os remedios, em vez de lhe darem algum allivio, lhe causavão maior tormento.

Supportou a Santa com admiravel paciencia, e perfeita resignação esta molestia até o anno de 1540, em que chegou o mal a tanto extremo, que perdida toda a esperança de saude, se temia a cada hora o fim da sua vida; porém no dia 22 do mez de maio, que era vespera da festa da Santissima Trindade, apparecendo-lhe um Santo da Ordem de S. Domingos (de que se não sabe qual fosse) e chamando-a pelo seu nome lhe fez sobre o estomago o signal da Cruz, com o que ficou logo sã, e perfeitamente curada de todos os seus males; de cujo milagre rendeo as devidas Graças a Deos, affervorando-se em o servir dalli em diante com maiores progressos no caminho das virtudes; das quaes só vamos a referir as que se achão no processo para a sua canonização.

A caridade de Catharina para com o proximo era de tal qualidade, que por este motivo se empregava sempre nos officios mais baixos, e mais laboriosos do mosteiro; e quando alguma das suas Religiosas enfermava, lhe assistia sempre, e a servia em tudo até á morte, privando-se do somno, para que as mais descançassem. Não é facil de exprimir a sua paciencia nas tribulações, e penosissimas enfermidades que padeceo, algumas das quaes pedio a Deos pela salvação dos peccadores, em desconto das penas merecidas pelas suas culpas.

Erão em grande numero as penitencias que praticava, andando sempre cingida com uma cadeia de ferro, além de um asperrimo cilicio. Jejuava frequentemente a pão, e agua, e pelo espaço de quarenta e oito annos não comeo carne, nem ovos; foi sempre obedientissima aos preceitos de quem a governava, e dirigia; vencendo toda a repugnancia, que ás vezes tinha para a execução prompta do que se lhe ordenava

Abominava com horror o ser estimada, e tida em bom conceito, sentindo uma summa afflicção, quando ouvia louvar as suas acções; e até procurava fugir, e esconder-se, se antes tinha noticia, de que vinha alguem só para visitalla: mas sobre todas as virtudes de Santa Catharina excedia a sua quasi angelica pureza, pela qual recebeo tantas Graças do divino Senhor, sendo uma dellas o dom de prophecia, e o de penetrar os segredos dos corações alheios, com o que o seu nome se fez famoso, não só na Toscana, aonde vivia, mas em toda a Italia, e outras regiões mais remotas.

Finalmente, depois de haver Santa Catharina purificado o seu espirito pela heroica resignação, e paciencia, com que se portou na sua ultima enfermidade, e depois de haver recebido com extraordi-

naria devoção os ultimos Sacramentos da Igreja, expirou placidamente no dia 2 de fevereiro do anno 1590, completando a idade de setenta e oito annos, menos cincoenta e quatro dias; tendo governado o seu mosteiro, como Priora, e Superiora delle, pelo espaço de quarenta e dous annos, com grande utilidade espiritual, e temporal das suas Religiosas.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Admiravel certamente foi a vida desta Santa Virgem por tantas Graças, e dons singulares de extasis, visões, prophecias, milagres, e outros prodigiosos favores, com que a enriqueceo a divina Bondade; mas é sem duvida, que não por isto, mas pela fervorosa pratica das virtudes (e particularmente da caridade, rainha de todas) santificou Catharina a sua alma, e a fez grande aos olhos do Senhor.

Admiremos, pois, e louvemos, como é justo, a divina Bondade, pelos favores extraordinarios, que concede aos seus Santos; mas procuremos sempre imitar as suas virtudes, e praticallas com diligencia, se queremos agradar a Deos, e adquirir a perfeição conveniente ao nosso estado. Meditemos com frequencia (á imitação de Santa Catharina) sobre a Paixão do Salvador; a qual, como diz Santo Agostinho, é uma devotissima escola, em que se aprende a humildade, a paciencia, a mortificação, a caridade, e todas as mais virtudes, que fazem gloriosa a alma por toda a eternidade.

FEVEREIRO — 22.

DE

SANTA MARGARIDA DE CORTONA, PENITENTE,

DA TERCEIRA ORDEM DE S. FRANCISCO.

NO SECULO XIII.

Da vida que escreveo o Confessor desta Santa penitente, chamado o P. Junta de Bevagna, da Ordem dos Menores, e se acha traduzida em latim na grande obra dos Bollandistas.

Margarida (chamada de *Cortona*, pelo muito tempo que assistio nesta Cidade, e nella morreo) nasceo no meio do seculo decimo terceiro em Laviano do bispado de Chiusi na Toscana; seus pais de pobre condição erão lavradores de terra, mas de honrados costumes. Margarida, tendo não mais de sete annos, perdeo a mãi, e passando o pai a segundo matrimonio, começou ella a seguir as inclinações da natureza corrupta, procurando por todos os modos ganhar os alheios agrados.

E a mesma formosura, e viveza de espirito, com que a natureza a dotára, a impellio mais facilmente para dar-se aos prazeres, e vaidades do seculo, até cahir desgraçadamente nas criminaes redes daquelles libertinos, que armavão laços á sua honestidade; e desta sorte, desprezando as admoestações do pai, e as reprehensões (talvez duras, e asperas) da madrasta, se fez a fabula do povo, e o escandalo do paiz; principalmente pela amizade illicita que contrahio com um Fidalgo da proxima Cidade Montepulciano, com o qual praticou uma vida licenciosa por todo o espaço de pouco menos de nove annos.

Neste profundo abysmo de iniquidade precipitárão a Margarida as desordenadas paixões do seu coração corrupto, até que dignando-se o divino Senhor de a ver com benignos olhos, permittio que sobreviesse um funesto accidente ao seu infeliz amante. Sahíra elle um dia da Cidade, levando comsigo uma cadellinha de Margarida, e repentinamente investido, ferido, e morto por uns inimigos (talvez seus competidores) o arrojárão em um fosso, cobrindo-o com terra, e ramos de arvore.

Passados dous dias, tornou a cadellinha para casa de Margarida, ladrando, e puxando-lhe por o vestido, como para a conduzir a alguma parte; e ella que já entrava em cuidado pela falta que lhe havia feito o seu amasio, sahio toda cheia de temor, e afflicção, seguindo a cadellinha até o logar aonde parou, e começou de novo a ladrar; e tirando ella, como pôde, aquelles ramos, e terra solta, que alli estava, vio, e conheceo pelos vestidos que era o corpo do seu desgraçado amante, desfigurado, coberto de bixos, e exhalando um fedor intoleravel.

A tão horrendo espectaculo atonita Margarida, considerando por uma parte a desgraçada sorte do

corpo, e alma daquelle mancebo, por ella tanto amado, começou a entrar no conhecimento de quão enganosas, e de pouca duração são as cousas do mundo; e por outra parte, olhando logo para si mesma, e reconhecendo-se no interior muito mais desfigurada, e hedionada que aquelle podre cadaver, concebeo o maior horror de si propria, e do perigo, a que estava exposta de cahir para sempre no inferno; e obrando no seu coração a Graça de Deos, abominou com íntima dôr as suas passadas desordens, propoz firmemente mudar de vida, e expiar as suas culpas com a mais severa penitencia.

E para subtrahir-se aos perigos, e occasiões de peccar, partio logo para Laviano, aonde, prostrada aos pés de seu pai, pedio-lhe perdão dos seus excessos, supplicando-lhe humildemente com lagrimas, e suspiros, que a recebesse novamente em sua casa, como o pai evangelico recebêra ao filho prodigo; o que elle enternecido facilmente concedêra, se não fosse impedido por sua consorte, a qual conservava contra Margarida toda a aversão, e dureza de uma inexoravel madrasta.

Então ella, sem embargo desta exclusiva, querendo dar uma prova maior do seu sincero arrependimento, e reparar publicamente o escandalo, que a sua má vida havia causado naquelle povo, foi apresentar-se na Igreja de joelhos, com uma corda ao pescoço, pedindo a todos com muitas lagrimas benigno perdão das suas passadas desordens; porém esta publica humilhação, que devêra conciliar-lhe o affecto de seus pais, servio só para mais os irritar, especialmente á dura madrasta, a qual, esquecida de todos os sentimentos da humanidade, injuriou a Margarida com os nomes mais affrontosos, e por ultimo a expulsou da casa paterna, expondo-a aos maiores perigos da sua eterna salvação.

Vendo-se, pois, Margarida vergonhosamente rejeitada, não só de seus pais, senão tambem dos seus mesmos patricios, nenhum dos quaes lhe offereceo acolhimento: cheia de confusão, e tristeza, foi sentar-se debaixo de uma figueira, firmemente resoluta a morrer antes de fome, e miseria, do que voltar ás desordens da sua escandalosa vida; e logo entre um diluvio de lagrimas exclamava ao Ceo desta maneira.

«Ó Redemptor do mundo, benigno Salvador das almas! Vós, que nunca rejeitais a quem chega aos vossos pés, e sempre estais prompto para receber um coração contrito, e humilhado, sereis agora surdo, e insensivel ás vozes, e aos suspiros desta pobre peccadora? Ella não vos custou menos, do que uma Thais, uma Magdalena, e outras muitas da mesma condição, que, como eu, vos offendêrão, e benignamente lhe perdoastes: Vós, pois, meu Salvador, que me remistes com o preço do vosso Sangue, não me desampareis na oppressão, em que me vejo, e usai para comigo, como espero, da vossa piissima Misericordia.»

Assim derramava Margarida o seu coração em frequentes soluços, e ardentes suspiros, quando, sentindo-se interiormente inspirada para ir á proxima Cidade de Cortona, se pôz a caminho sem demora; e logo que alli chegou, lhe deparou Deos uma virtuosa senhora, que sem difficuldade alguma a recolheo em sua casa.

E Margarida no seguinte dia, dirigindo-se a um bom Religioso da Ordem de S. Francisco, fez a seus pés com muitas lagrimas uma plena confissão de toda a vida, pedindo por ultimo o ser admittida entre as irmãs da terceira Ordem da Penitencia. O prudente Confessor a consolou, e animou, como era justo, a seguir, e conservar-se firme no seu bom proposito, para applacar a justiça divina; dando-lhe tambem esperança de obter a seu tempo o pedido habito da penitencia, como com effeito se lhe concedeo, depois que ella no decurso de tres annos deo uma evidente prova da sua sincera constancia.

Dalli em diante o procedimento de Margarida foi um maravilhoso complexo de toda a sorte de mortificações, e penitencias. Estava sempre encerrada em um estreito aposento, donde não sahia senão para ir á Igreja. Observava um continuo, e rigoroso jejum; dormia pouco, e sobre a núa terra, tinha uma pedra por cabeceira; passava a maior parte das noites em oração aos pés de um Crucifixo, lamentando as offensas, que fizera a sua divina Magestade; e tinha concebido um odio tal contra o seu corpo, que fôra o instrumento das passadas culpas, que, não satisfeita de o extenuar com asperrimas penitencias, estava resoluta a desfigurar o rosto com algum ferro, se não fosse impedida por ordem do seu Confessor.

Então o inimigo do genero humano, ainda que assombrado pelo generoso fervor de Margarida, deo bem a conhecer, que elle não desconfia, nem perde o animo por ver em uma creatura as maiores austeridades, nem a mesma perseverança; e assim continuando elle em perturbar a Margarida, entrou a tentalla por outro modo, querendo persuadir-lhe, que o seu retiro era demasiado, e a sua penitencia indiscreta; que por aquella fórma ia a fazer-se homicida de si mesma com as suas excessivas austeridades, que havendo obrado já tanto a este respeito, pedia a razão, e era tempo de tomar um pouco descanço; e sobre tudo, que dando-lhe Deos um claro conhecimento de haver-lhe perdoado as suas culpas, nada mais lhe era preciso, para viver com todo o socego, e andar plenamente certa da sua ultima felicidade.

Mas a Bemaventurada Penitente estava muito illustrada para não reconhecer nestas dolosas maximas as malignas industrias do infernal inimigo, o qual vio, muito a seu pezar, que todas as suas diligencias excitavão sempre em Margarida o desejo

de reduplicar as suas austeridades, e portar-se cada vez mais humilde, com o que se fazia invencivel a todo o esforço do formidavel tentador.

E muito mais depois que ella em certo dia, orando a este respeito aos pés do seu Crucifixo, lhe disse o mesmo Senhor: «Está de bom animo, mi-«nha filha, e não tenhas medo, por mais violentos «que sejão os esforços de demonio; porque eu não «deixo de estar comtigo, em quanto dura o comba-«te; segue fielmente os conselhos do teu director; «confia cada vez mais na minha Bondade, descon-«fiando sempre das tuas proprias forças; e por este «modo em qualquer encontro chegarás a conseguir «o triunfo.»

Assim, pois, quanto mais a virtude de Margarida se aperfeiçoava, tanto nella era maior o amor da Cruz, e humilhações: ella toda se reputava como um objecto de horror, pelo que se admirava muito de a quererem consentir em Cortona: o maior prazer que se lhe podia dar, era fazer-lhe conhecer, que a desprezavão, para cuja pratica pedio, e obteve dos seus superiores o ir algumas vezes pelas ruas da Cidade com uma corda na garganta, pedindo perdão a todos dos escandalos que lhes causára com as iniquidades da sua vida.

Mas por isso mesmo, como uma alma tão penitente, e tão humilde não podia deixar de ganhar o coração a Deos, elle a honrou, e enriqueceo com as maiores Graças, concedendo-lhe o dom de prophecia, de milagres, e contemplação sublime, favorecendo-a com varias visões dos espiritos celestes, particularmente do seu Anjo Custodio; e sobre tudo, o seu Confessor, que lhe escreveo a vida, nos assegura, que o mesmo Salvador frequentemente a instruia, fallando-lhe entre as suas meditações por um modo extraordinario.

E como a Paixão do mesmo Senhor era sempre o objecto da sua maior devoção, meditava nella de continuo, e sempre com maiores desejos de padecer mais por seu amor: tambem a devoção affectuosa, que tinha para com a Santissima Virgem, lhe causava uma singular ternura, venerando-a muitas vezes, como certo refugio dos miseraveis peccadores; e pelo que respeita aos Sacramentos da Penitencia, e Eucharistia, ella os recebia quotidianamente, e sempre com maior fervor, e sua nova consolação.

Havendo, pois, vinte e tres annos, que esta Bemaventurada Penitente vivia no exercicio das mais heroicas virtudes, e singularmente de uma excessiva austeridade, o Senhor lhe deo a conhecer, por uma luz sobrenatural, que estava proxima a sua morte, na qual sería assistida por todas as almas, que ella com suas orações livrára do Purgatorio. Chegada, pois, a sua ultima hora, recebeo Margarida com summa devoção os Santos Sacramentos da Igreja, e entre suavissimos colloquios toda inflammada no amor divino, rendeo tranquillamente a ditosa alma nas mãos do seu Creador no dia 22 de fevereiro do anno de 1297, quadragesimo oitavo da sua idade. O seu corpo ficou inteiramente incorrupto, e assim se conserva presentemente, expondo-se todos os annos neste dia á vista do povo na Igreja dos Padres da estreita observancia da Cidade de Cortona, aonde logo foi depositado.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Dos grandes exemplos da gloriosa Santa Margarida aprendâmos todos a converter-nos de coração para Deos, quando, com a voz interior da sua Graça, nos convida para a penitencia por meio de alguns flagellos, ou desgraças deste mundo, que são o caminho ordinario, por onde o mesmo Senhor costuma usar da sua benigna Misericordia; porém esta penitencia, para merecer da nossa parte os predicados de verdadeira, e saudavel, deve ser, senão igual, ao menos similhante á de Santa Margarida; isto é, prompta, estavel, e effectiva.

Prompta, *não differindo o peccador um só momento o abandonar o peccado, e as occasiões delle, porque de outro modo (segundo o Oraculo infallivel do Espirito Santo) a sua eterna salvação fica exposta a cada passo a um manifesto, e evidente perigo.*

Estavel, *de maneira, que não torne ao vomito, maculando-se novamente nas suas mesmas immundicias, porque de outra sorte (segundo o Santo Evangelho) a sua condição se fará peior do que antes, sendo-lhe (como diz o Apostolo S. Paulo) cada vez mais difficil o voltar para Deos.*

Finalmente, effectiva, *abraçando com valor os exercicios, e rigores da penitencia, proporcionada ás suas culpas, segundo os conselhos de um director illuminado, assim para satisfazer á justiça de Deos, ultrajado com os seus delictos, como para destruir em si mesmo os habitos viciosos, com a pratica das virtudes contrarias, e não menos para fortificar-se cada vez mais no intimo aborrecimento do peccado, e no sincero amor divino.*

FEVEREIRO — 23.

DE

S. JOSÉ DE LEONISSA, CONFESSOR.

EM 4 DESTE MEZ.

NO SECULO XVII.

Do processo, e bulla da sua canonização, feita pelo Summo Pontifice Benedicto XIV no anno de 1746, *que se acha no tomo segundo do Bullario do mesmo Santo Padre.*

Nasceo o glorioso S. José em Leonissa, da Provincia de Abrúzo no Reino de Napoles, correndo o anno de 1556, de honrados, e pios progenitores, João Desiderio, e Francisco Paulini; os quaes, fallecendo em breves dias, sendo ainda José de poucos annos, um seu tio, que habitava na Cidade de Viterbo, tomando-o na sua tutella, o enviou á Universidade de Espoleto, para applicar-se ao estudo das letras humanas.

Collocado alli o mancebo José, praticou sempre uma vida pura, e applicada, não sómente aos estudos literarios, senão muito mais á frequencia da oração, e dos Sacramentos, entre outros espirituaes exercicios; e para conservar o thesouro da castidade, que está exposto a continuos perigos, fugia sempre das más companhias, e de assistir ás comedias, aos bailes, e conversações com pessoas de differente sexo.

Entretanto sobreveio a José uma longa, e perigosa molestia, a qual lhe deo maior conhecimento de quanto enganosas são as cousas deste mundo, e de quão fragil, e de pouca duração é a vida humana, e portanto se resolveu a cuidar sómente na acquisição dos solidos bens celestes, aspirando sempre áquella vida, que só merece este nome, por ser eterna; para cujo fim procurou ser acceito na Ordem dos Padres Capuchinhos, sem dar parte a seu tio, do qual tinha noticia, que lhe procurava um decoroso matrimonio.

Tendo, pois, José dezesete annos de idade, recebeo o religioso habito no convento de Assis, que se chama *dos Carceres*, (aonde mudou o nome de *Eufanio*, que recebêra no baptismo, trocando-o pelo de *José*) e emprehendeo com tanto fervor a carreira da penitencia, que, não satisfeito com as austeridades daquella religião, com serem muitas, e graves, accrescentou outras de tal pêso, e numero, que parecerião incriveis, se não fossem attestadas por pessoas dignas de toda a fé no processo para a sua canonização, e se não se soubesse até onde póde chegar o vigor do espirito humano, alentado com os auxilios da divina Graça.

Informado, pois, o tio de haver José entrado na religião, foi tão grande a sua dôr, que esteve quasi para enlouquecer; e querendo applicar todo o possivel esforço para reconduzir o sobrinho ao seculo, enviou a Assis um seu primo, por nome Lelio Ercolani, com outras pessoas igualmente poderosas, para que ou por lisonjas, ou por ameaças, ou por amor, ou por violencia, se portassem de modo, que lhe alcançassem o consenso, e reconducção do sobrinho.

Porém tudo sahio frustrado, porque estando José estreitamente unido com a Cruz de Jesu Christo, alli se conservou constante, desprezando igualmente as lisonjas, e ameaças de Ercolani, e seus socios, os quaes por fim vendo-o immovel na sua santa resolução, o deixárão em paz; e elle foi proseguindo o caminho da perfeição com tal fervor, que em breve tempo se fez um exemplar completo de obediencia, de mortificação, de pobreza, e desapego de todas as cousas creadas; e em summa, de pureza, de humildade, e de todas as virtudes com geral maravilha dos seus Religiosos irmãos.

Mas sobre tudo, o que mais resplandecia em José era o seu ardente amor para com Deos, e para com o proximo; por cujo motivo fez repetidas instancias ao seu Padre Geral, para que o introduzisse na missão dos Religiosos que enviava a Constantinopla, querendo por este meio auxiliar quanto podesse os miseraveis Christãos, que gemião tyrannizados pelos barbaros mahometanos, e ainda procurar a conversão dos mesmos infiéis, se tivesse alguma opportuna occasião; esperando sempre ganhar muitas almas para Deos, e talvez dar a propria vida pela Fé do mesmo Senhor.

Conseguido, pois, o desejado intento no anno de 1587, partio José cheio de jubilo para Veneza; e depois de uma tempestuosa navegação (em que por especial protecção de Deos foi livre muitas vezes de perder a vida) chegou são, e salvo á côrte de Constantinopla, aonde, assim que pôz o pé em terra, foi apresentar-se humilde ao Padre Perfeito da missão dos Religiosos Capuchinhos naquella Cidade, o qual

o distinou para assistir aos pobres captivos, encerrados no carcere denominado *Banho*.

E logo que entrou José naquella horrenda masmorra, ficou penetrado de íntima dôr, ao ver aquelles miseraveis Christãos carregados de cadeias, submergidos em immundicias, e muitos delles cobertos de chagas, sem refrigerio, e sem allivio, como privados de todo o soccorro, e com evidente perigo de renunciarem a Fé, para livrar-se daquelles tormentos. Applicou-se, pois, com todo o affecto a consolallos, e animallos a soffrer com paciencia os seus males, pela esperança da recompensa, que Deos lhes preparava, offerecendo-se prompto a empregar toda a sua diligencia para lhes subministrar, quanto lhe fosse possivel, todos os espirituaes, e temporaes soccorros.

Para cujo fim alli se encaminhava, e se entretinha desde a manhã até á tarte (e algumas vezes tambem estava semanas inteiras, sem dalli se ausentar) administrando-lhes os santos Sacramentos, e nutrindo-os com a Palavra de Deos, a qual se lhes fazia tanto mais efficaz, e mais fructuosa, quanto elle com o maior affecto se interessava em todas as suas indigencias, curando-lhes as chagas, servindo-os nas enfermidades, e procurando-lhes todos os soccorros, que lhe erão possiveis, por onde em breve tempo se exterminárão daquelle carcere as palavras obscenas, os perjuros, as blasfemias, os jogos, os odios, e desesperações, formando alli mesmo, do que antes era um recinto de iniquidade, um como mosteiro de Religiosos.

Mas o ardente zêlo do Santo pela salvação das almas não se restringia sómente aos Christãos, dirigia-se tambem para os infiéis, que perecião na seita mahometana; e com effeito, pelas suas doces palavras, e persuasões suavissimas chegou a converter alguns á Fé de Jesu Christo, e tambem a reduzir para o seio da Igreja outros que havião renunciado o Christianismo, entre os quaes foi um Bispo grego, que tinha apostatado, para o fazerem Baxá, ou Governador de Provincia, ao qual conduzio comsigo a Roma, quando voltou depois para Italia.

Animado então o Servo de Deos por estes felices successos do seu zêlo, entrou no pensamento de apresentar-se ao Imperador dos turcos, e fazer todo o esforço para o induzir a professar a Religião Christã, com o que depois sería facil o propagar a Fé por todo o Imperio; e supposto que era quasi insuperavel o ter accesso ao Principe (e algumas vezes que o intentou, foi rebatido, e maltratado) todavia, tão perdeo o animo, até que um dia de manhã cedo pôde entrar, e chegar sem ser sentido até á terceira antecamera do palacio do Grão-Senhor.

Mas encontrando com os guardas, que alli se achavão, foi logo prêso, e reconhecido por Christão, de quem por aquelle modo temião, que quizesse attentar contra a vida do Principe, e o condemnarão por traidor ao cruel supplicio da Polé Turquesca, o qual consiste em uma grossa viga plantada na terra, e no alto della uma travessa forte, de que pendem duas cadeias de ferro, com seus ganchos agudos nas extremidades, em que o paciente é suspendido por uma mão, e por um pé, ficando o resto do corpo no ar.

Assim se praticou com o nosso Santo, o qual ao mesmo tempo, mostrando o maior jubilo de poder consumar por aquelle modo o seu martyrio, não deixava, entre as suas acerbas dôres, de prégar a Fé de Jesu Christo, a todas as gentes, que concorrêrão em grande numero para ver o barbaro espectaculo; e supposto que o Servo de Deos naturalmente devia morrer naquelle supplicio, o mesmo Senhor, que ainda o destinava para outras emprezas da sua gloria, enviou na seguinte noite um Anjo, que extrahindo-o sem demora, e curando-lhe perfeitamente as feridas, lhe ordenou que tornasse para Italia.

Chegando, pois, o Santo (depois dos dezoito mezes que estivera em Constantinopla) com prospera viagem á sua patria, continuou no ministerio apostolico de prégar a divina Palavra com incançavel zêlo, e com um generoso valor sobre todo o respeito humano; e assim por seu meio converteo o Senhor innumeraveis peccadores á penitencia, extinguio odios, e inimizades antigas, arrancou abusos, e supertições criminaes, purificou o campo evangelico de todos os escandalos, e zombarias, que o fazião esteril, e infructuoso em toda a Umbria, e terras do Abruzo.

E sobre tudo, aonde mais se distinguio o seu zêlo, foi na diligencia, que fez para exterminar as comedias, os bailes, as assembleas, os jogos, e outros profanos divertimentos, especialmente no tempo do carnaval, aonde o demonio por este meio faz copiosa colheita de innumeraveis delictos; mas o Santo prégava com tanta efficacia a este respeito, que felizmente de modo ordinario impedia as abominaveis dissoluções, que antes se praticavão naquelle tempo.

E supposto que alguns censuravão, e reputavão estas emprezas do Servo de Deos por uns transportes de zêlo imprudente, e indiscreto, elle zombava da sua falsa prudencia, e a nada mais attendia do que a salvar a honra de Deos; e para obter do mesmo Senhor, que fecundasse o seu zêlo com um feliz successo, anticipava da sua parte muitas mortificações, jejuns, e disciplinas; podendo-se dizer com razão, que o Santo annualmente padecia no carnaval um martyrio, pelas muitas austeridades, e macerações com que atormentava o seu corpo, para applacar a ira do Ceo, provocada pelas gravissimas culpas, que se commettem naquelles dias.

Passados, pois, vinte annos, depois que o nosso Santo, vindo de Constantinopla, se empregava no ministerio apostolico de instruir os povos das Provincias da Umbria, e do Abruzo na Lei de Deos,

não só com a efficacia das palavras, senão muito mais com os illustres exemplos da sua santa vida austera, mortificada, e por extremo penitente, chegou o tempo, muito por elle desejado, de soltar-se dos ligames do corpo, e unir-se com Jesu Christo.

Achava-se elle (correndo o anno 1611) morador no convento denominado da *Amatriz*, da sua religião dos Capuchinhos, quando no principio do mez de outubro se sentio accommettido de uma ardente febre, acompanhada de uma vehemente dôr de cabeça, e de um total fastio, que lhe durou por espaço de tres mezes, supportando elle tudo isto com heroica paciencia.

Ajuntou-se a estes males uma horrivel gangrena nas partes mais sensiveis do corpo, para cujo remedio foi preciso usarem os cirurgiões do ferro, e fogo; mas em logar de receber algum allivio, lhe accrescêrão immensas dôres, entre as quaes o pacientissimo Santo se portou de maneira, como se fôra insensivel, ou se fizessem aquellas dolorosas operações, não sobre o seu, mas em outro corpo.

Purificado, pois, por este modo o illustre Servo de Deos, e assim provada a sua heroica virtude, recebeo por ultimo com singular devoção os santos Sacramentos da Igreja, e rendeo placidamente a ditosa alma nas mãos do seu Creador no dia 4 de fevereiro de 1612, tendo de idade 57 annos; e o mesmo Senhor, que se dignou de o illustrar em vida com muitos milagres, o honrou tambem depois da morte com varios prodigios, principalmente em Leonissa, patria sua, para onde foi transferido no anno de 1639.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A grande aversão, e ardente zêlo, que teve o nosso Santo contra os profanos divertimentos do carnaval, foi sempre commum aos bons Pastores da Igreja, que detestárão em todo o tempo aquellas desordens, como inteiramente oppostas á virtuosa profissão do Christianismo; e se bem é verdade, que não prohibírão com preceito expresso aquelles taes divertimentos, tambem é certo, que não os approvárão em tempo algum; e só simplesmente, e de má vontade os tolerárão para evitarem damnos maiores; porque, emfim, nunca a Igreja foi negligente em obstar, quanto póde, aquellas publicas desordens, antes sempre recorreo ás orações, e obras de piedade, rogando a Deos, que suspendesse os flagellos contra os peccadores, e que subministrasse remedio efficaz, e opportuno para remover um tão grande mal.

FEVEREIRO — 24.

DE

S. MATHIAS, APOSTOLO.

Do sagrado livro dos Actos Apostolicos, e do celebre Tillemont, no Tomo I, pag. 406, e do Padre João Croiset em o seu Anno Christão, neste mesmo dia.

Nasceo o glorioso S. Mathias em Belém da tribu de Judá, de uma familia muito distincta por sua nobreza e pelos grandes bens, que possuia, e singularmente pelo seu virtuoso zêlo para com a santa Religião; e a educação que elle teve nos bons costumes, e na sciencia das sagradas letras, foi nelle uma grande disposição para se unir a Jesu Christo, logo que o mesmo Senhor depois do baptismo começou a manifestar-se ao mundo; e Mathias, sendo depois numerado entre os seus setenta e dous discipulos, teve a honra de o seguir na companhia dos Apostolos, desde o principio da sua prégação até a sua Ascensão ao Ceo.

Voltando, pois, do Monte Olivete para Jerusalem os discipulos do Salvador, como elle lhes recommendára, entrárão na casa do Cenaculo, que foi a primeira Igreja dos Christãos, aonde se costumavão fazer as suas santas assembleas, em uma das quaes se tomou a resolução de prover o logar do collegio apostolico, que vagára por morte do infame traidor Judas.

Elles ainda não tinhão recebido o Espirito Santo; porém S. Pedro, que, em qualidade de Principe dos Apostolos, de Vigario de Jesu Christo, e Cabeça visivel da Igreja, devia regular todas as cousas, levantou-se no meio dos discipulos, que alli se achavão, em numero de quasi cento e vinte, e fallou a todos em substancia desta maneira.

«Meus amados irmãos, este é o tempo, em que se deve cumprir o oraculo, que o divino Espirito proferio na Escriptura por boca do Real Propheta a respeito de Judas, que vendeo o seu, e nosso Mestre, e foi o conductor dos que o prendêrão, e o fizerão morrer, como se elle fosse um malfeitor.

« Vós, que não ignorais, que sendo elle Apostolo, como nós outros, depois dos latrocinios, e sacrilegios commettidos na administração do seu cargo, e sobre tudo depois da sua traição monstruosa se enforcou de desesperado, e cahindo de rosto em terra, arrebentou pelo meio do corpo por onde lhe sahírão os intestinos, e rendeo a sua alma ao demonio, depois de restituir o dinheiro que fôra o infame preço da sua sacrilega venda.

« O facto foi publico, e tão notorio em toda a Jerusalem, que para se conservar na memoria, se comprou com aquelle dinheiro um campo, a que se impoz o nome *Haceldana*, que significa em hebreo *Terra de sangue*, terra fatal, que desejava David se fizesse um deserto inculto, e inhabitavel, e que o maldito de Deos, e dos homens, que houvera de ser o seu possuidor, deixasse o seu logar a outro, depois de haver decahido do seu episcopado.

« Deve-se logo procurar outro de um merito reconhecido, que seja tão capaz de substituir, como é justo, aquelle emprego, quanto Judas era delle indigno: porque o divino Salvador quer que o numero dos seus Apostolos esteja completo, e que haja na Igreja, como nas doze tribus de Israel, doze Principes do seu povo.

« Deve-se, pois, eleger aqui um, que possa dar comnosco um testemunho certo da Resurreição de Jesu Christo, sendo um daquelles mesmos, que sempre o acompanhárão nas suas viagens, desde o tempo em que elle foi baptizado por João, até o dia em que subio ao Ceo, e que tenha ouvido as suas instrucções, e presenciado os seus milagres. »

Consultou-se então na assemblea, sobre quem devia cahir a eleição, e depois de orarem a Deos todos os que estavão presentes, deo cada qual o seu voto, de que resultou pela maior parte serem dous os propostos por mais benemeritos, quaes forão Mathias, e José, que tambem se chamava *Barsabê*, e tinha por cognome o *Justo*.

Ambos erão capazes de substituir o logar; porém como este era só um, e os eleitores não sabião a qual dos dous devião dar a preferencia, orárão de novo dizendo assim: *Vós, Senhor, que penetrais o interior dos homens, fazei-nos conhecer, qual dos dous merece a vossa eleição, para substituir o logar do traidor Judas neste ministerio, e apostolado, de que elle abusou para ir ao logar, que lhe era devido.*

Obrigados então os dous concurrentes a tirar cada qual o seu bilhete, segundo a pratica dos judeos, para se ver qual era o preferido, a mão de Deos dirigio por tal modo a sorte, que veio a cahir sobre a pessoa de Mathias, o qual, assim feito Apostolo, recebeo com os outros seus collegas as graças do Espirito Santo; e como era muito estimado entre os da sua Nação pelo seu nascimento, e louvaveis costumes, converteo a muitos para a Fé de Jesu Christo.

Na repartição, que fizerão os Apostolos do universo para levarem por toda a parte a luz da Fé, e do Evangelho, coube a S. Mathias todo o Paiz da Judéa; e o zêlo ardente, que elle tinha pela salvação dos seus nacionaes, fazendo-lhe devorar immensas contradicções, o expoz a grandes perigos, lhe fez padecer perseguições continuas, e por ultimo lhe fez coroar a sua vida santa com um glorioso martyrio.

Elle viajou por todas as Provincias da Judéa, annunciando sempre a Jesu Christo, confundindo os inimigos da Fé, e fazendo por toda a parte admiraveis conversões, e gloriosas conquistas. S. Clemente Alexandrino soube por tradição, o que nos refere de S. Mathias, que era um Prégador da mortificação, que ensinava com os seus exemplos, e discursos o que aprendêra de seu divino Mestre, persuadindo os rigores da penitencia; que é necessario reprimir os impulsos da sensualidade, levando cada qual a sua cruz todos os dias, e regulando a propria vida pelas maximas do Evangelho.

E accrescentava, que por não bastar esta mortificação exterior, era preciso que fosse acompanhada de uma viva fé, de uma esperança firme, e uma caridade ardente; e que ninguem de qualquer idade, ou condição que fosse, podia ter dispensa desta verdade, por não haver outra moral para o legitimo Christão: por este modo fez São Mathias grandes fructos em toda a Judéa, que foi o theatro glorioso da sua missão, e dos seus trabalhos.

Irritados, pois, os principaes judeos pelas innumeraveis conversões que fazia o Santo Apostolo, resolvêrão tiralo deste mundo; e o *livro dos condemnados* (em que se escrevião os que forão mortos na Judéa depois da Resurreição do Salvador, por haverem violado a lei de Moysés, como Santo Estevão, e os dous Jacobos) refere, que o nosso Santo, mandado prender pelo Summo Sacerdote Ananias, e havendo confessado a Jesu Christo em plena assemblea, e provado a sua divindade, e qualidade de Redemptor pelo testemunho das Escripturas, e prodigiosos factos, que a todos erão notorios, isto não obstante fôra declarado inimigo da lei dos judeos, e condemnado como tal a ser apedrejado.

Chegando, pois, o Santo ao logar do supplicio, ajoelhou, e levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, agradeceo ao Salvador a Graça, que lhe concedia de morrer pela defensa da sua Religião: orou pela salvação dos que alli se achavão, e de todos os seus nacionaes... e accrescenta o mesmo livro que os romanos dominantes na Provincia, não podendo consentir um tal supplicio, suspendêrão a furia dos executores; e extrahindo o Santo Apostolo meio morto, lhe fizerão cortar a cabeça: succedeo este glorioso martyrio no dia 24 de fevereiro, porém não se sabe com certeza qual fosse o anno.

Consta por tradição constante, que o seu santo corpo fôra enviado a Roma por Santa Helena,

mãi do Imperador Constantino Magno, fazendo collocar a maior parte na Basilica de Santa Maria Maior, e concedendo o resto a Santo Agacio, Arcebispo de Treves, que o depositou na Igreja, appellidada hoje com o nome do mesmo Apostolo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A nossa vocação á Fé, assim como a de S. Mathias, foi um puro effeito da Misericordia de Deos, meramente gratuita: elle nada achou em nós, que o podesse mover a separar-nos da massa da perdição, e a purificar as nossas almas das immundicias do peccado, para nos fazer participantes da adopção divina, e herdeiros do seu Reino.

E como poderemos nós deixar de reconhecer um tão alto favor, não concedido a tantos, e tantos que vivem ainda nas trevas do peccado, e do erro! Com que transportes de sincero amor não devemos louvar, e agradecer a um Deos para nós tão liberal! E com que fervor lhe não devemos pedir a Graça de sermos fiéis á nossa vocação, afim de não imitarmos aquelles que por sua culpa perdêrão o precioso thesouro, que como a nós lhes fôra confiado?

Felicissima sem duvida seria a Igreja de Christo, se todos os seus filhos se occupassem, como é justo, destas grandes verdades, ella então não teria a dôr de ver todos os dias a um tão grande numero delles viver na mais abominavel negligencia dos seus deveres, e recahir em um estado muito peior do que aquelle, donde forão extrahidos.

FEVEREIRO — 25.

DE

S. VALENTIM, MARTYR.

EM 14 DESTE MEZ.

NO SECULO III.

Das Memorias Ecclesiasticas do celebre Tillemont, no Tomo IV, pag, 678. e do P. Croiset no seu Anno Christão.

O Sacerdote S. Valentim estava em Roma no tempo do Imperador Claudio II, no anno de Jesu Christo 270. Era elle tido em tão alta reputação de sabedoria, e santidade, que até os mesmos gentios o tratavão com summo respeito: a sua caridade o fazia pai dos pobres, e o seu zêlo para com a Religião era tanto mais efficaz, quanto era mais puro, e desinteressado.

Além disto, a sua humildade, e a sua doçura, a solidez das suas palavras, e um ar de santidade em todo o seu portamento attrahião a todo o mundo, e lhe conciliavão os corações de muitos, que elle ganhava logo para Jesu Christo. Sendo, pois, S. Valentim tão estimado na côrte por grandes, e pequenos, fallou-se delle ao Imperador, como de um homem de superior merito, e de uma sabedoria extraordinaria.

O Imperador o quiz ver; e o modo, com que este Principe o recebeo, mostrou bem o alto conceito, que delle fazia; começou logo por lhe dizer: «Donde procede, ó Valentim, que tu não sejas meu amigo, quando eu o quero ser teu? Eu te estimo muito, e por isso não levo a bem, que professes uma Religião inimiga dos deoses do Imperio, e consequentemente dos Imperadores.»

Então S. Valentim, que pelo seu ar doce, e modesto já tinha attrahido os agrados do Imperador, lhe respondeo em substancia nestes termos: «Se vós, Senhor, conhecesseis o dom de Deos, e qual é aquelle a quem eu adoro, e a quem sirvo, sem duvida vos terieis por mui feliz em obedecer a um tal Senhor; e detestando o culto, que cegamente rendeis aos demonios, adorarieis só, como eu, ao Deos verdadeiro, Creador do ceo, e da terra, e a seu unico Filho Jesu Christo, Redemptor do genero humano; deste Senhor ó grande Principe, recebestes vós o ser, e o Imperio; e só elle vos póde fazer feliz, e a todos os vossos vassallos.»

Mas um Doutor, que alli se achava, interrompendo a pratica do Santo, lhe fez esta pergunta: «E que pensas tu do grande deos Jupiter, e de Mercurio?» «O que eu penso (respondeo Valentim) e tu da mesma sorte deves pensar, vem a ser, que não houve homens mais depravados do que esses, que tu chamas deoses: os vossos historiadores, e poetas nos descrevem as suas dissoluçõss, e infamias; e

vós, que isto sabeis, deveis concordar comigo, que não houve malfeitores mais depravados. »

Uma resposta tão animosa, e tão verdadeira fez aturdir a toda a assemblea, e só exclamárão em commum, que tudo aquillo erão blasfemias; mas o Imperador (talvez porque estivesse interiormente convencido das verdades que ouvíra) desprezando os clamores dos cortezãos, quiz ter uma conferencia particular com S. Valentim.

E entre varias perguntas que lhe fez a este proposito, lhe disse: « Se Jesu Christo é Deos, porque se não manifesta? E tu porque me não fazes conhecer melhor uma verdade tão importante? » Explicou-lhe então S. Valentim, pelo modo mais claro, e mais efficaz, os principaes pontos da nossa Santa Fé, e concluio, dizendo-lhe:

« Quereis vós, ó grande Principe, ser feliz, que o vosso Imperio floreça, e que sejão dissipados todos os vossos inimigos? Quereis fazer affortunados os vossos povos, e assegurar-vos depois uma eterna felicidade? Crêde em Jesu Christo, sujeitai o vosso Imperio ás suas leis, e recebei o santo baptismo; como é unico o Deos dos Christãos, tambem não ha salvação fóra da Religião, que elles professão; sim, ó grande Principe, fóra do Christianismo não ha, nem póde haver salvação. »

Por este, e outros modos fallou Valentim com tão vigorosa energia, que penetrado o Imperador em seu coração, disse depois aos grandes da côrte: «É preciso confessar, que aquelle homem nos expõem as mais bellas cousas, e que a sua doutrina tem um tal ar de verdade, que inteiramente convence. Ouvindo estas palavras Calpúrnio, Prefeito da Cidade, exclamou logo, dizendo em alta voz: « Aquelle encantador terá enganado ao nosso Principe; mas quanto a nós outros, elle não poderá persuadir-nos, a que deixemos a religião dos nossos pais, que recebemos em o berço, para abraçar uma seita incognita, e incomprehensivel. »

Esta replica sediciosa do Prefeito fez temer ao Imperador alguma revolta, e este fatal temor, supplantando a Graça, que lhe batia ao coração, lhe fez sacrificar a sua salvação eterna a um vil respeito humano; e suffocando assim todos os seus bons sentimentos, remetteo o Santo Sacerdote ao mesmo Prefeito Calpúrnio, para o julgar segundo as leis do Imperio.

Elle, pois, o fez logo conduzir a um escuro carcere, e ordenou ao Juiz Asterio, que sem demora lhe formasse o seu processo, como a um Christão, e um dos maiores inimigos do Imperio. Então o Juiz, que fôra testemunha da impressão, que as palavras do seu prêso fizerão no espirito do Imperador, quiz praticar com elle de espaço, não duvidando pelos seus discursos, e artificios fazer que vacillasse na Fé, e abjurasse o Christianismo.

Mandou, pois, conduzir o Santo á sua presença, o qual tanto que alli chegou, levantou as mãos, e os olhos ao Ceo, orando instantemente a Jesu Christo, que havendo elle dado a sua vida pela salvação de todos os homens, se dignasse de illustrar com as luzes da Fé a todos os moradores daquella casa, que jazião sepultados nas trevas da idolatria, e lhes fizesse a Graça de conhecerem a Jesu Christo, verdadeira luz do mundo.

Asterio, ouvindo isto, lhe disse logo: « Eu estou admirado, de que passando tu por um homem de bom senso, reputes ao teu Jesu Christo por uma luz verdadeira! Certamente me compadeço muito de te ver preoccupado de um tal erro! » Ao que o Santo respondeo, dizendo: « Sabe, ó Asterio, que eu não vivo errado, antes não ha cousa mais certa do que ser Jesu Christo, meo Salvador, e meo Deos, uma verdadeira luz que illustra a todos os que voluntariamente não querem ser cegos. »

« Pois se isso assim é (replicou Asterio por um modo de zombaria) quero que se faça a prova em uma filha, que tenho, por mim muito amada: ella ha muitos annos que se acha cega, e se tu obras de maneira, que o teo Jesus lhe restitua a vista, eu te prometto de me fazer Christão, com todas as gentes da minha casa.

Animado então S. Valentim de uma verdadeira Fé, mandou que lhe conduzissem a tal donzella, e fazendo-lhe o signal da cruz sobre os olhos, orou a seu favor desta maneira: « Meu Senhor Jesu Christo, verdadeiro Deos, e verdadeiro Homem, que déstes a vista a um cego de nascimento, e quereis a salvação de todos os homens; dignai-vos de attender a este miseravel peccador, e curar esta pobre filha. »

Proferidas estas palavras, a enferma sem mais demora recobrou a vista; e Asterio, com sua mulher, prostrando-se aos pés do Santo, pedírão o Sacramento do Baptismo, que elle lhes conferio, depois de os instruir, e aos mais da sua casa, que chegavão ao numero de quarenta e quatro, e a maior parte delles, passado pouco tempo, tiverão a felicidade de ser martyres.

Chegando, pois, a noticia deste successo aos ouvidos do Imperador, admirou a virtude divina, que visivelmente se mostrava em todas aquellas maravilhas, e por isso desejou muito salvar a vida ao Santo; porém temendo alguma rebellião do povo (em que alguns já presumião, que elle era Christão) o remetteo de novo a outros Juizes para o condemnarem, conforme as leis, os quaes fazendo-o metter em um medonho carcere, carregado de ferros, e por vezes cruelmente fustigado, por ultimo lhe mandárão cortar a cabeça no anno de Jesu Christo 270.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Nem a vista dos supplicios, nem o temor da morte obstárão a S. Valentim para deixar de soccorrer os Christãos encarcerados, porque nada era

capaz de separar aos Martyres do amor de Jesu Christo: este fogo sagrado, que abrazava os seus corações, os fazia suspirar perennemente pela sua patria celeste, desejando com ardor a dissolução dos seus corpos para conseguirem mais cedo a união perfeita com o seu Esposo divino.

Sendo, pois, certo, e sem duvida, que nós, e elles adorâmos ao mesmo Deos, e que somos herdeiros da mesma Fé, poderemos tambem dizer, que a nossa caridade é igual á sua. Oh, que grande confusão para nós, comparada a nossa indifferença, ou a nossa tibieza, com o seu amor!

FEVEREIRO — 26.

DE

S. FAUSTINO, E JOVITA, MARTYRES.

EM 15 DESTE MEZ.

NO SECULO II.

Pelo P. João Croiset no seu Anno Christão, em 15 do mez de fevereiro.

S. Faustino, e Jovita, irmãos, procedião de uma familia illustre da Cidade de Brixia na Lombardia: é provavel que seus pais fossem Christãos, e é certo que estes Irmãos, desde os seus primeiros annos erão muito venerados entre os Fiéis pela sua piedade exemplar, e pelo seu zêlo fervoroso para com a Santa Religião.

Não se vírão Irmãos mais bem unidos, porque o espirito de Deos, que os animava, os fazia obrar pelos mesmos principios, achando sempre um gosto igual nos exercicios santos; e sendo a sua maior occupação o visitar os Fiéis, que por causa da perseguição se achavão occultos, a uns animavão, consolavão a outros, e beneficiavão a todos.

Então Apollonio, Bispo de Brixia (que naquella horrivel tempestade se havia retirado para um deserto vizinho) tendo noticia do valor, e zêlo, com que estes dous Heroes Christãos se empregavão nas obras de caridade, fez que viessem á sua presença; e achando nelles mais virtudes, e merito do que publicava a fama, julgou, que faria um grande serviço á Igreja, elevando-os ao sagrado ministerio por meio das Ordens sacras.

Sahírão, pois, do seu retiro estes dignos Ministros de Jesu Christo, como sahírão do Cenaculo os Apostolos, todos cheios de Espirito Santo, e animados de um intrepido zêlo, fizerão logo grandes conquistas, convertendo para a Fé um copioso numero de gentios; e como o seu novo caracter lhes dava authoridade maior, augmentava tambem o seu fervor.

Prégavão, pois, animosamente a Fé, e com tanto mais feliz successo, quanto a boa reputação que elles já tinhão, servia não menos para lhes fazer mais doceis os corações dos seus ouvintes; nada resistia á prodigiosa efficacia destes novos Apostolos, cujas maravilhas attrahião á sua presença os povos vizinhos: e já se via a cada passo detestarem os idolatras as suas superstições, e despedaçarem os seus idolos, de maneira que toda a Cidade, e quasi todos os seus moradores erão Christãos.

Ora tantas e tão inopinadas conversões, dando muito que sentir ao inimigo commum da salvação das gentes, armou todas as potencias do inferno para suspender o curso destas conquistas, e tomou por seu particular instrumento ao Conde Italico, um dos maiores adversarios do nome Christão.

O qual, com effeito, sabendo que o Imperador Adriano havia chegado a Liguria, foi prostrar-se a seus pés, supplicando-lhe, que cuidasse com toda a presteza na segurança da sua pessoa, e do seu Imperio, que estavão em proximo perigo pela detestavel malicia de dous mortaes inimigos dos deoses, homens os mais depravados do mundo. « Pois quem são esses homens, (perguntou o Imperador) e com que meios pertendem effeituar o seu designio? »

« Senhor (respondeo o Conde) são dous Cidadãos de Brixia, Faustino, e Jovita, summamente habeis para enganar as gentes do povo; encantadores tão poderosos em palavras, e artificios, que apenas abrem a boca, todos os que os ouvem deixão o culto dos nossos deoses, quebrão, e pisão aos pés os nossos idolos, e não adorão senão a um tal Jesu Christo, Judeo de nascimento, que veio a morrer crucificado.

« Elles já pervertêrão o cerebro de muitas pessoas de qualidade, os nossos templos estão desertos, e a religião dos nossos pais vai a ser abolida, se vós, ó grande Principe, lhe não applicais um efficaz, e prompto remedio; defendei, pois, os deoses,

a quem deveis a vida, e o Imperio, e publicai sem demora os vossos veneraveis edictos, para extincção fatal dos Christãos. »

Tocado, pois, o Imperador por este sacrílego, e blasfemo discurso, julgou que para haver de remediar mais efficazmente aquella presumida infelicidade, não poderia achar sogeito mais idoneo do que aquelle mesmo, que tanto a fundo conhecia, e com tanta clareza lhe propunha as suas formidaveis consequencias; isto é o que o Conde pertendia, e acceitando alegre a commissão, entrou barbaro a cumprilla com toda a tyrannia, que delle se esperava.

Partio sem demora para Brixia, e fazendo logo prender, e conduzir á sua presença a Faustino, e Jovita, lhes intimou, severo, que se não offerecião incenso aos deoses, ficassem na certeza, de que terião de padecer os mais atrozes tormentos. A resposta firme, e absoluta dos dous Santos Irmãos tirou logo ao tyranno toda a esperança de os vencer; porém como o Imperador tinha de chegar alli no dia seguinte, esperou por elle o Conde, para saber com que supplicios devião morrer uns homens daquella qualidade, e reputação.

Informado então o Imperador do que se havia passado a este respeito, ordenou que os taes Irmãos viessem com elle ao templo, para assistir ao sacrificio, que alli se fazia ao simulacro do Sol; porém tanto que alli apparecêrão os dous Martyres, a estatua, que era de ouro, se fez negra, como de carvão; e admirado o Imperador deste successo, mandou que se fosse lavar a estatua, porém chegando alli os Ministros, ella cahio toda desfeita em pó, por orações dos dous Santos.

E attribuindo o Principe a arte magica este grande prodigio, e temendo por outra parte a ira dos deoses, condemnou os dous Irmãos a serem expostos ás féras; mas apenas entrárão no amphitheatro, quatro leões que lhes lançárão para os devorar, se prostrárão reverentes a seus pés, o que tambem fizerão os leopardos, e ursos, enviados depois. Enfurecido então o Conde Italico, quiz elle mesmo, acompanhado de alguns cortezãos, irritar aquellas féras contra os Santos; mas forão todos por ellas devorados, para maior prova do poder de Deos, a quem adoravão os dous Irmãos.

Succedeo então outro prodigio não menos admiravel; porque o povo, penetrado de um justo temor pelo formidavel castigo daquelles desgraçados cortezãos, começou a fugir precipitadamente do amphitheatro, e ficando as portas abertas, mandárão os Santos em nome de Jesu Christo áquelles ferozes brutos, que se retirassem para os bosques, sem causar damno a pessoa alguma, o que elles promptamente executárão.

O perfido Imperador tambem fugio naquella occasião, temendo algum motim; mas julgando sempre, que as maravilhas dos nossos Santos erão por obra de arte magica, pareceo-lhe que transferidos elles a outras Cidades, perderião aquella virtude; ordenou, pois, que fossem conduzidos a Milão, e tambem um dos seus primeiros Officiaes, chamado Calocerio, que se havia convertido á Fé, por ver aquelles prodigios.

Chegando, pois, a Milão carregados de ferros os dous Santos não houve tormentos, que lhes não fizessem padecer, e de que elles não houvessem de triunfar; derramárão sobre elles chumbo derretido, quebrárão-lhe as pernas, e os braços, applicárão-lhes aos peitos, e costas laminas ardentes... E neste ultimo supplicio exclamou Calocerio, dizendo: *Orai por mim a Deos, ó santos Martyres, para que me dê força, com que supporte até o fim o rigor do fogo que me abraza;* e logo que orárão os Santos, elle ficou em refrigerio, e pouco depois recebeo a coroa do martyrio.

Dalli partindo o Imperador para Roma, e Napoles, continuou em querer levar comsigo aos dous Irmãos, sem saber, que o Ceo o dispunha assim, para fazer novas conquistas para a Santa Igreja nas tres mais celebres povoações da Italia. Elles sim padecêrão por toda a parte os mais crueis tormentos, mas a sua heroica paciencia, e as prodigiosas maravilhas que obravão, convertião para a Fé um grande numero de idolatras.

E por ultimo, reconduzidos a Brixia, depois de tantas, e tão illustres victorias, consummárão o seu martyrio, cortando-se-lhes as cabeças fóra da Cidade na estrada, que conduz para Cremona, correndo o anno 122 da Era Christã; e desde então aquella Cidade os honrou sempre como seus patronos, e presentemente conserva as suas reliquias na Igreja, que tem os seus nomes, em um precioso tumulo, sustentado sobre seis columnas de marmore.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

É certo que todos os Christãos são chamados para uma especie de martyrio, que consiste em uma vida mortificada, e penitente; porque só mortificando a carne com os seus appetites se recobrão as forças da alma, e se purificão os affectos do coração; e a razão é, porque só por este meio se consegue o amor divino, que produz em cada qual a abnegação de si mesmo, a humildade, e a paciencia nos trabalhos da vida, que por este modo inteiramente se fazem suaves com a doce esperança da resurreição gloriosa.

FEVEREIRO — 27.

DA

BEATA JOANNA VALESIA,

RAINHA DE FRANÇA

EM 4 DESTE MEZ.

NO SECULO XV.

Nobilissimo foi o nascimento da Beata Joanna Valesia, como legitima filha de Luiz XI, Rei de França, no anno de 1465. E sem embargo da sua regia condição, dispoz Deos, que em toda a sua vida padecesse muitas, e graves tribulações, por meio das quaes a sua alma fosse purificada, e santificada, segundo a pratica ordinaria, que observa o mesmo Senhor com os seus escolhidos.

Não devia Joanna á natureza algum daquelles dotes, que fazem as mulheres agradaveis aos olhos dos homens, por lhe faltarem no rosto as proporções devidas, e ser de baixa, e grossa estatura, por cujo motivo até o mesmo Rei seu pai olhava com aversão para ella desde menina, e era por todos tratada como uma mulher grosseira, e como se não procedesse do sangue real de França.

Porém ella, tanto que chegou á idade de poder discernir o bem do mal, prevenida com as bençãos do Ceo, deo muitas graças a Deos de a privar daquelles dotes naturaes, que agradão aos homens; por ficar menos exposta aos perigos, que trazem comsigo as bellas qualidades ás pessoas do seu sexo. Consagrou-se, pois, inteiramente a Deos; e vivendo retirada no seu quarto, applicava a maior parte do tempo, além do trabalho manual, á oração, á lição, e outros exercicios espirituaes, procurando unicamente agradar em tudo ao mesmo Senhor.

Entretanto o Rei Luiz seu pai, levado de motivos politicos (que costumão ser a regra principal para as deliberações dos grandes do seculo) quiz collocar a Joanna em matrimonio com Luiz, Duque de Orleães, seu primo inteiro, e primeiro Principe do sangue real; porém este matrimonio (que a Santa Princeza acceitou, por não contradizer a seu pai) foi para ella uma perenne fonte de amarguras, e afflicções varias, que ella estimou como efficazes meios para mais santificar o seu espirito.

Com effeito o Duque seu marido a tratou sempre de maneira, como se ella não fôra sua esposa, mostrando em tudo um tal desprezo, e aversão para com ella, que não deixava passar occasião alguma, em que podesse desgostalla; e tudo soffria a Serva de Deos com admiravel paciencia, sem formar a menor queixa, antes conservando sempre no seu coração um sincero affecto para com o proprio marido, de que chegou a dar a mais clara prova no seguinte successo.

Entrou o Duque em uma conspiração contra o Rei Carlos VIII, que succedêra a seu pai Luiz XI no Reino de França; e sendo logo prêso formou-se-lhe o processo, e provado o delicto da sua rebellião, resolveo o Rei Carlos condemnallo a perder a vida, para que este exemplo de justa severidade aterrasse a outros sediciosos, que naquelles tempos causavão no Reino grandes, e frequentes tumultos.

Mas a Princeza Joanna, vivamente interessada em livrar o esposo do eminente castigo, expoz ao Rei Carlos seu irmão as supplicas mais ternas, acompanhadas de muitas lagrimas, para que perdoasse generosamente ao Duque, e o restituisse á sua liberdade; e tanta foi, e tão efficaz a sua instancia, que finalmente conseguio a pertendida graça; e o mais é, que procurou ainda, e felizmente obteve do mesmo Rei admittir o Duque á sua primeira amizade, e antiga confiança.

Todas estas diligencias, e relevantes serviços devêrão obrigar o coração do Duque, e fazer que fosse mais condescendente, e mais affectuoso para com a sua boa consorte; mas succedeo tudo pelo contrario, continuando elle sempre a mesma indifferença, e até a mesma aversão para com ella, que em tudo isto pacientemente se conformava, reconhecendo, que a vontade de Deos para seu maior merito assim o dispunha.

E muito mais padeceu a Santa, quando seu marido subio ao throno, depois de Carlos VIII, que falleceo sem successão; porque o seu primeiro pensamento, logo que se vio Rei de França, foi dissolver o matrimonio com Joanna, debaixo do pretexto de o haver contrahido por força do preceito de Luiz XI; e para este seu intento dava tambem calor a ambição de unir á coroa o Ducado de Bretanha, casando com a Princeza Anna, sua legitima herdeira.

Recorreo, pois, ao Papa Alexandre VI, o qual, deputando Juizes Commissarios em França, que jul-

gassem segundo as leis aquelle grave negocio, sobre elle não fez Joanna requerimento algum, antes cometteo a causa ás disposições de Deos, e ao juizo da Santa Igreja. Com effeito, o matrimonio foi declarado nullo; e supposto que a Santa por virtude desta sentença, se vio privada do titulo de Rainha, e exterminada da côrte, ella, insensivel a um tal golpe, não proferio palavra, nem mostrou a menor pena, antes no seu interior deo muitas graças a Deos, por se ver com maior liberdade para consagrar-se de todo ao seu serviço.

E havendo-lhe assignado o Rei para seu sustento o Ducado de Berri com doze mil escudos de rendimento annual, ella se retirou logo a praticar uma vida penitente, trazendo sobre um aspero cilicio um vestido de panno grosseiro, fazendo rigorosos, e frequentes jejuns, applicando á oração a maior parte do tempo, dispendendo em allivio dos pobres todas as suas rendas, fóra da tenue porção, que reservava para seu parco alimento, e da sua limitada familia, e em summa, praticando outros exercicios de piedade Christã, que o Senhor lhe compensava com as suas consolações, uma gota das quaes excede incomparavelmente a todas as delicias, e grandezas do mundo.

E como a Santa Princeza tivera sempre uma singular devoção para com a Santissima Virgem (especializando entre os seus mysterios o da sua Annunciação, que a sublimou ao incomprehensivel gráo de Mãi de Deos) resolveo-se a instituir uma Ordem de Virgens Religiosas, que tivessem por seu principal instituto venerar a Santissima Virgem no adoravel mysterio da sua Annunciação gloriosa; e com effeito assim o executou no anno de 1500 na Cidade de Burges, formando-lhe o seu Confessor, que era Religioso da Ordem Serafica, as proprias constituições, que depois forão approvadas pela Sé Apostolica.

E querendo ella tambem ser uma daquellas mesmas Religiosas, no anno de 1504 vestio o sagrado habito, e professou os seus votos com grande humildade, e singular prazer do seu espirito, dando sempre a todas aquellas Religiosas, no pouco tempo que depois viveo, os mais illustres exemplos de mortificação, de humildade, de caridade, e de todas as virtudes Christãs, até que no anno de 1505, em o dia 4 de fevereiro, a tirou o Senhor Deos deste mundo para compensar os seus trabalhos com eternos jubilos no celestial Paraizo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Considerados os successos, que firmárão a vida da Bemaventurada Joanna, segundo o que em taes casos costuma julgar o mundo, parece á primeira vista, que ella foi infeliz, e desgraçada; e comtudo, a Fé nos ensina, que foi felicissima aos olhos do Senhor, o qual a fortificou, e santificou de maneira, que pôde supportar as tribulações, e desprezos com admiravel paciencia, e perfeita submissão á sua divina Vontade.

Aprendâmos, pois, a reformar os nossos juizos, tomando o pêso ás cousas não pelas enganosas balanças do mundo, mas pelas verdadeiras do santuario, e veremos, que a privação dos talentos, e commodidades humanas nos facilita o caminho para a salvação eterna, servindo-nos, com os auxilios da divina Graça, para desapegarmos o coração do amor do mundo, e de nós mesmos, subministrando-nos occasiões para exercitarmos a humildade, a paciencia, e outras virtudes mais, que são, e devem ser os verdadeiros bens de um fiel Christão.

FEVEREIRO — 28.

DE

S. MARTINIANO, EREMITA.

NO SECULO IV.

A sua vida é referida por Surio, e pelos Bollandistas no dia 13 de fevereiro. E supposto que passou pelas mãos de Metafraste, que, segundo o seu costume, a publicou com alguns additamentos; comtudo, na substancia dos factos é julgada digna de fé por Tillemont no Tom. XII das Memor. Ecclesiast., Art. XIV.

É celebre na Historia Ecclesiastica, tanto a quéda, como a penitencia de S. Martiniano, podendo servir de modêlo, e consolação para todos aquelles, que fatalmente vencidos pelo demonio depois de haverem praticado uma santa vida, não devem desesperar da Misericordia do Senhor, mas antes levantar-se logo a fazer penitencia dos seus peccados.

Era Martiniano da Cidade de Cesarea na Pa-

lestina, e penetrado do temor de Deos, e do desejo de santificar a sua alma, retirou-se na idade de dezoito annos para o deserto de um aspero monte, não muito distante da mesma Cidade de Cesarea, aonde fazião vida solitaria, e penitente alguns Eremitas; e abraçando com grande fervor de espirito aquella asperrima vida, se applicou de continuo á oração, e meditação das santas Escripturas, ao canto dos Psalmos, ao trabalho, e exercicios de todas as virtudes Christãs.

E taes forão os progressos que elle fez na perfeição evangelica, que o reputavão todos por um exemplar de santidade; e tambem o Senhor se dignou de o condecorar com o dom de milagres, e com singular poder sobre os demonios, por cujo motivo concorrião a elle muitas pessoas, que se achavão possessas daquelles espiritos malignos, e outras tambem para receberem allivio no remedio prompto das suas molestias.

Passados, pois, vinte e cinco annos desde que Martiniano praticava naquella solidão uma vida mais angelica do que humana, resentido o demonio de tão alta virtude, e muito mais ainda depois de haver assaltado inutilmente ao Servo de Deos com horriveis apparições, armou-lhe um laço de carnal prazer, em que miseravelmente o fez cahir: foi o caso.

Uma famosa meretriz, chamada Zoé, tão bella de corpo, como deforme na alma, achou-se um dia presente ao discurso que fazião uns mancebos sobre a santidade de Martiniano, geralmente reconhecida, e por todos admirada; e então aquella infeliz, estimulada do infernal espirito, e toda presumida da sua efficacia, chegou a dizer, que uma breve conversação que ella tivesse com aquelle Servo de Deos, era mais que bastante para o attrahir á sua rede, e dar a conhecer a todos, quanto era apparente a sua virtude.

E replicando os taes mancebos, que lhe era impraticavel aquelle intento, por ser Martiniano um homem Santo, extenuado penitente, e superior á humana fragilidade, ella por isso mesmo se empenhou, e apostou com elles fazer verdadeiro o seu protesto; para cujo effeito, vestindo-se de peregrina, chegou quasi noite á cella do Santo, e fingindo haver perdido o caminho, começou a gritar fóra da porta, supplicando ao Servo de Deos, que a recolhesse para dentro até o dia seguinte, para que a não devorasse alguma fera naquella noite.

Compadecido Martiniano, abrio-lhe a porta, e recebendo-a na gruta, apresentou-lhe algumas tameras para lhe servirem de cea; e usando logo a precaução devida, retirou-se para um logar separado na mesma gruta, para haver de cumprir as suas costumadas orações, e tomar depois um breve descanço sobre a nua terra; mas o demonio entretanto não cessava de excitar na sua idéa representações lascivas, com pensamentos impuros, e tambem a depravada mulher se preparava da sua parte discorrendo, como daria melhor o assalto para haver de conseguir o triunfo.

Chegando a manhã no dia seguinte, estava Martiniano para despedir a mulher; mas demorando-se algum tanto em a ver, e fallar com ella, pouco a pouco o seu coração se inflammou de maneira, que no seu interior chegou a consentir na diabolica suggestão.

Mas o piedoso Senhor (que permittio no seu Servo esta espiritual fragilidade, talvez em castigo de alguma sua occulta soberba, e da sua nimia facilidade em dirigir os olhos para aquelle perigoso objecto) não o deixou cahir corporalmente no abominavel precipicio; mas antes com a sua Graça lhe tocou o coração por tal modo, que o fez logo conhecer, e detestar o erro commettido; e portanto, sem mais demora, para confundir o infernal inimigo, e extinguir as chammas de concupiscencia, que então lhe excitára, accendeo fogo, pondo logo os pés sobre as brazas, e dizendo a si mesmo no proprio tempo, em que alli com as mais vivas dôres se lhe queimava a carne:

E bem; que dizes agora, ó Martiniano? Se tanto te custa a soffrer os ardores de um fogo fraco, como te haverás com as chammas do voraz inferno? Se tanto te custa um fogo, que acaba logo, quanto será maior o tormento de um fogo, que sempre dura? Este fogo, que qualquer accende, póde-se apagar com agua; mas aquelle, acceso pela ira de Deos, nunca se extingue. Dizendo isto Martiniano, cahio por terra com a vehemencia das dôres, e começou ainda a bater nos peitos, e a chorar amargamente.

A um tal espectaculo se encheo de horror aquella mulher, e interiormente compungida, lançou-se aos pés de Martiniano, pedindo-lhe humildemente perdão do seu delicto, e protestando ao mesmo tempo, que dalli se não retirava sem que elle a mettesse no caminho da salvação, estando seriamente resoluta a fazer penitencia da sua criminal vida.

Então Martiniano dirigio-a com recommendação sua á celebre Santa Paula, que governava um mosteiro de mulheres na Cidade de Belem pela direcção de S. Jeronymo, e alli recolhida pela Santa benignamente, emprehendeo a carreira da penitencia, para expiar as innumeraveis culpas, com que offendêra ao seu Creador na sua escandalosa vida.

Ella viveo dez annos naquelle mosteiro, jejuando todos os dias a pão, e agua, exceptos os Domingos, dormindo sempre sobre a terra, e fazendo taes, e tantas austeridades, que Santa Paula julgou-se obrigada a moderalla algumas vezes; e o mesmo Senhor, em signal de lhe haver concedido o perdão, quiz obrar por seu meio algumas curas milagrosas antes que ella sahisse deste mundo.

Entretanto Martiniano ficou prostrado na terra, sem poder sahir da sua gruta, pelo espaço de sete mezes, que tanto lhe foi necessario para curar as

profundas chagas, que nos pés lhe causára o fogo; e resoluto depois (por conselho de um bom Sacerdote a quem se confessou) a procurar algum sitio inaccessivel a toda a pessoa do mundo, elegeo uma pequena Ilha deserta no meio do mar, aonde se fez conduzir por um marinheiro, ajustando com elle trazer-lhe agua, e biscoito tres, ou quatro vezes no anno, e alguns ramos de palmeira, para fazer esteiras, e alcofas, de que o mesmo marinheiro se utilizaria em desconto do alimento, e do seu trabalho.

Assím, pois, neste sitio esteve o Santo seis annos, applicado sempre aos exercicios da sua severa penitencia, separado de todo o humano commercio; e succedendo então naufragar alli um navio (cujos navegantes se affogárão todos) escapou sómente uma donzella de vinte e cinco annos, a qual, pegando-se a uma taboa, procurava chegar á terra, e vendo de longe ao Servo de Deos, começou a gritar, que a livrasse do perigo de sobrevir alguma onda, que a houvesse de submergir.

Perturbou-se Martiniano ao principio, ouvindo as vozes de uma mulher, e temendo algum engano do inimigo infernal; porém logo julgando-se obrigado a soccorrella, e orando a Deos para que lhe assistisse, foi dar a mão á donzella; e tirando-a fóra da agua lhe disse logo: *Filha, a palha junta ao fogo corre perigo de incendio; fica, pois, neste sitio com o pão, e agua que te deixo; e um marinheiro que costuma visitar-me, e aqui virá passados dous mezes, te conduzirá ao teu Paiz.*

Ditas estas palavras, fez Martiniano sobre si o signal da cruz, e sem mais demora se lançou no Mar sobre a mesma taboa, em que se salvára a donzella, dizendo entretanto no seu interior: *Meu Deos, eu confiando em vós me entrego ao mar, porque antes quero terminar a vida do corpo submergido na agua, do que expor-me a perigo de morrer na alma, e cahir no inferno.*

Protegeo o Senhor ao seu Servo, levando-o com felicidade ao porto, sem algum detrimento; e elle, rendendo-lhe as devidas graças por aquelle beneficio, sentio-se inspirado pelo mesmo Senhor para não demorar-se em algum logar, e continuar a sua vida penitente, viajando como pobre peregrino de terra em terra, e de Cidade em Cidade; o que fielmente assim observou pelo espaço de dous annos, no fim dos quaes, correndo o anno 400 da Era Christã, cahio enfermo na Cidade de Athenas, aonde foi assistido até o seu ultimo suspiro pelo Bispo da mesma Cidade, a quem o Senhor havia revelado o merito, e indigencia do seu fiel Servo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O exemplo de S. Martiniano é um expresso documento, que nos obriga ao temor de nós mesmos, e da nossa extrema fragilidade, para não nos expormos áquellas occasiões perigosas, em que de algum modo se póde perder o precioso thesouro da casta pureza; porque Jesu Christo nos adverte no seu Evangelho, que todo o que se dirige para um tal objecto com olhos impuros, e desejo lascivo, já no seu coração commetteo o peccado, e é réo da eterna pena.

Os outros vicios vencem-se de modo ordinario, resistindo, e combatendo cara a cara com o mesmo inimigo; mas o vicio da impureza só se vence fugindo, e abandonando com a presteza possivel as occasiões perigosas, sendo sempre certo o sentencioso dito de S. Martiniano — que a palha junta ao fogo, corre perigo de incendio.

FESTAS MÓVEIS,

QUE PODEM OCCORRER NO MEZ DE FEVEREIRO.

DOMINGO DA SEPTUAGESIMA.

SOBRE A MISSA, E MYSTERIOS DESTE DIA.

Como o celebre Domingo de Pascoa é a regra de todas as festas móveis pelo decurso do anno, este Domingo da Septuagesima é o primeiro termo das que o precedem; e esta é uma das razões, porque a Igreja Santa assignou o principio da Sagrada Escriptura para as primeiras lições do seu Officio, ou das suas Matinas.

Quanto ao nome de *Septuagesima*, que se deo a este Domingo, parece que, tomado literalmente, deve notar um computo de setenta dias, e assim é que o explicão, pela maior parte, os authores liturgicos; porque na verdade ha setenta dias deste Domingo até o sabbado immediato ao Domingo *in Albis*, ou Pascoela, em que se fecha o oitavario da Pascoa, que, segundo o rito da Igreja, é reputado por um só dia.

E sem ir mais longe procurar a razão do mysterio, póde-se dizer, que assim como o primeiro Do-

mingo dos quarenta dias de jejum é denominado, segundo a frase da Igreja, o *primeiro Domingo da Quaresma*, retrocedendo, como por degráos, aos tres Domingos precedentes, (cujas semanas servem de preparação á mesma Quaresma) guardou-se a ordem dos numeros por dezenas; e assim se deo o o nome de *Quinquagesima* ao Domingo, que precede o primeiro da Quaresma, e *Sexagesima*, e *Septuagesima*, aos dous Domingos antecedentes.

Mas o que ha de certo sobre a causa desta anticipação do santo tempo da Quaresma é, que a Santa Igreja nas tres semanas, que precedem o tempo da penitencia, pertende que os seus filhos se preparem para elle com o retiro, oração, frequencia de Sacramentos, e outros exercicios de piedade; porque é bem sabido, que o que se faz em peccado mortal, vai perdido para sempre; devendo pois o jejum, penitencia, e boas obras fazer-se em estado de Graça: a Igreja mãi, sempre sollicita, e desejosa da salvação do seus Fiéis, consagra aos exercicios mais santos os tres Domingos que precedem aquella penosa carreira, para que lhes haja de ser fructuosa, pertendendo a zelosa Igreja, que seja maior a devoção dos filhos nas suas proximas semanas, que antecedem a santa Quaresma, por isso mesmo que o inimigo demonio (sempre opposto ao Espirito de Jesu Christo) suscitou no mundo as praticas profanas, e licenciosos costumes em tudo contrarios.

SOBRE A EPISTOLA.

Ella é tirada do capitulo nono da primeira carta, que o Apostolo S. Paulo escreveo aos Fiéis de Corintho, onde o Doutor das gentes, para exhortar os Fiéis á mortificação, e penitencia serve-se do exemplo daquelles que corrião no jogo publico, e se excitavão para a lucta solemne, praticando por esta causa a vida mais austera, só afim de alcançarem uma corruptivel coroa; e serve-se, digo, deste exemplo, para animar os Christãos a domar os seus corpos com a mortificação rigorosa, pela doce, e firme esperança de obterem depois uma eterna recompensa.

Como os famosos combates, ou jogos da Grecia (denominados *Isthmicos*, do Isthmo, ou lingua de terra, que ajunta a Grecia com o Peloponeso) erão celebrados nas vizinhanças de Corintho, falla delles o Santo Apostolo, como de cousa notoria a todos os moradores daquelle Paiz: erão estes combates de cinco especies, o da *Carreira*, (de que o Santo aqui falla) o da *Lucta*, e do *Pugilato*, (a que depois allude) e o do *Salto*, e do jogo da *Bolla*.

Os athletas, que se preparavão para estes combates, abstinhão-se de tudo o que podia diminuir-lhes as forças, ou fazellos de menor agilidade; para cujo effeito comião, e dormião pouco, vivião na continencia, não usavão de vinho, e fugião de toda a delicadeza, praticando uma fórma de vida com tal parcimonia, que os houvesse de conduzir por todos os meios a endurecer, e fortificar os seus corpos.

É certo que elles entravão a correr desde um ponto, e para um termo fixo; porém um sómente alcançava o premio designado, o qual não consistia mais do que n'uma coroa de oliveira, ou de louro; esta era toda a gloria, a que tanto aspiravão aquelles laboriosos athletas; e este era o singular premio, que se dava áquelle venturoso, que, ou na força, ou na ligeireza excedia a todos os outros.

Para cujo effeito (principalmente os denominados *Pugilantes*) não só praticavão a vida mais austera, como fica dito, senão que agitavão os braços com furor, removendo-os fortemente no ar, antes de virem ás mãos uns com os outros, quando, armados com luvas de ferro, ou de chumbo, se ferião mutuamente a grandes golpes de punho, até ficar um dos dous aterrado, e lançado aos pés do seu contendor.

A isto, pois, allude o Santo Apostolo, quando protesta, que elle castiga o seu corpo, não como quem corta o ar em vão, mas para o reduzir á sujeição do espirito, querendo persuadir ao mesmo tempo, como se dissera deste modo: se por uma recompensa minima, e por uma gloria imaginaria não duvidavão os gentios (creados na desordem, e corrupção dos costumes) abster-se dos prazeres, e commodidade da vida, que escusa podem ter os Christãos, que por tantos, e tão indignos modos se entregão á redea solta aos mais escandalosos excessos?

A vizinhança dos jejuns quaresmaes dispensa-os da penitencia, e dá-lhes direito para a dissolução? Ou a condição de Catholicos, e o privilegio illustre de Nação santa, de povo amado, e geração escolhida, sem outra alguma diligencia, bastará para os metter na posse da eterna Bemaventurança?

Para prevenir o Santo Apostolo esta confiança falsa, pondera logo, que tambem os israelitas passárão todos o Mar-Vermelho, que todos andárão debaixo da mesma nuvem, que todos bebêrão da mesma agua, que todos se nutrírão do mesmo alimento, e que nada destas cousas, obradas milagrosamente a seu favor, fôra impedimento bastante para não virem a morrer no deserto, por haverem desagradado a Deos, desprezando as suas Ordens.

E portanto conclue o Doutor das gentes, quasi dizendo-nos deste modo: como todas aquellas cousas erão symbolicas figuras, que vinhão a nós dirigidas, aproveitai-vos dos seus exemplos, assim como eu faço na minha pessoa, castigando o meu corpo com rigorosa severidade, para que me não succeda, que, procurando introduzir aos outros entre os cortezãos do empyreo, venha a ficar como réprobo entre os moradores do abysmo.

SOBRE O EVANGELHO.

Querendo o benigno Salvador dar-nos uma justa idéa de toda a economia da Graça, e salvação eterna, serve-se da presente parabola dos trabalhadores da vinha, com que nos explica em termos claros este grande mysterio, como dizem uniformes, pela maior parte, os interpretes, e Santos Padres.

Deos é, pois, aquelle Grande Pai de familias, que logo que amanhece em nós a primeira luz da razão, nos convida para o trabalho da sua vinha; isto é, para cultivar a nossa alma pelo exercicio das virtudes: elle ao mesmo passo ratifica o ajuste, que fez comnosco, ao recebermos a Graça do santo Baptismo, promettendo-nos generoso, não o jornal daquelle tempo, (que chegava só a quatro vintens, segundo o valor da nossa moeda) mas a posse da sua Gloria no ultimo fim da nossa vida, a qual é muito menos do que um dia, se a compararmos com a eternidade,

E supposto que não ha tempo, nem idade, em que não deva qualquer trabalhar a todo o custo na sua propria salvação, poucos são aquelles, que sem algum descuido, antes com o possivel desvelo se applicão a este supremo negocio, desde o principio da sua vida; mas o piissimo Redemptor, que deseja a salvação de todos os homens, quiz logo aqui animar aquelles grandes peccadores, que, havendo passado os seus annos em desordens continuas, e total esquecimento das cousas eternas, se achão abandonados de toda a esperança na sua ultima hora.

Nesta parabola, pois, lhes ensina, que por mais que se vejão no fim da vida, e submergidos na maior miseria, nunca devem desesperar da divina Misericordia, com tanto que cheguem á sua presença com as indispensaveis circumstancias do arrependimento pelo passado, e do proposito para o futuro.

É bem verdade, que estas conversões no fim da vida são raras; e serião talvez incertas (por não dizer falsas) para quem perseverasse na iniquidade, sobre a esperança temeraria de vir a converter-se nos seus ultimos dias; mas tambem é certo, que (geralmente fallando) em qualquer dia da vida se póde receber a recompensa eterna, com tanto que se trabalhe devéras até á ultima hora; porque Deos não olha tanto para o trabalho, que se tem feito, como para o fervor, com que se executa; e por isso aquelles, que trabalhárão não mais de uma hora, forão compensados tão liberalmente, como os que havião trabalhado em todo o dia.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Penetrados das funestas consequencias, ou dos males sem numero, que causou a fatal quéda dos primeiros pais a toda a sua infeliz posteridade (como vêdes no Livro dos Gentios, que a piedosa Santa Igreja nos propõe nestes dias, para ordinario assumpto das nossas reflexões) conhecereis a necessidade extrema, que perennemente vos obriga a unir-vos mais, e mais ao segundo Adão, que veio a reparar as ruinas do primeiro.

Compungidos, pois, pela horrorosa vista das vossas culpas, que a mesma Santa Igreja quer que estejão sempre manifestas aos vossos olhos (como agora vos faz entender nas lições dos seus Officios divinos) naturalmente vos considerareis como umas victimas destinadas á morte, e morte eterna, aonde estarieis já sem a menor duvida, se não participasseis da redempção misericordiosa, que obrou na terra o seu Celeste Esposo. Não omittais, pois, cousa alguma, que possa collocar-vos na situação feliz, de se perpetuar em vós esta Graça.

Assombrados tambem pela terrivel verdade, que a mesma Igreja vos annuncia na Epistola, e Evangelho deste Domingo, sobre o pequeno numero dos escolhidos, em comparação da multidão prodigiosa dos que são chamados, gemei pela infelicidade dos muitos Christãos, que provão com a perda das suas almas esta lastimosa differença; e applicai-vos com sollicito desvelo (conforme o santo conselho do grande Principe dos Apostolos) a fazer a vossa vocação, e eleição cada vez mais certa, pelo virtuoso exercicio das boas obras.

E por ultimo, entrando, como deveis, na dôr da Santa Igreja, que se reveste de ornamentos lugubres, e suspende os canticos de alegria, deixai generosamente os profanos divertimentos do mundo, e consagrai um tempo tão santo aos divinos Officios, á frequencia dos Sacramentos, á penitencia, á lição, e oração, e aos mais exercicios de piedade, que forem compativeis com o vosso estado, e que são proprios do Christianismo.

DOMINGO DA SEXAGESIMA.

SOBRE A MISSA, E MYSTERIOS DESTE DIA.

O Domingo da Sexagesima não tem outro mysterio no seu nome, como já se disse, que o numero de seis semanas até o Domingo da Paixão, ou de Lazaro, e os quarenta dias de jejum para com aquelles, que não jejuavão nas quintas, e sabbados, e consequentemente começavão a Quaresma na segunda feira depois deste Domingo da Sexagesima, para inteirarem a conta da sua perfeita quarentena.

A Igreja na semana da Septuagesima toma por assumpto dos seus nocturnos Officios a historia da creação, e da quéda do primeiro homem; e nesta da Sexagesima elege a historia da reparação do genero humano depois do Diluvio: a primeira conta a historia desde Adão até Noé; e esta desde Noé até Abrahão, em que se comprehendem as duas primeiras idades do mundo.

A instituição da Sexagesima é da mesma antiguidade, que a da Septuagesima antecedente; porém, vendo-se depois, que a dispensa do jejum nas quintas, e sabbados da Quaresma fôra só para suavizar a rigorosa continuação da penitencia, os Padres do concilio Aurelianense (celebrado no anno de 541) reputárão por abuso esta doçura, como relaxação da disciplina; e ordenando a uniformidade em todas as Igrejas, mandárão que se interrompessem os quarenta dias quaresmaes pelo santo dia do Domingo, o qual, sendo reputado na Igreja como oitava continua da Resurreição do Senhor, era dia de prazer, e como tal isento do jejum.

SOBRE A EPISTOLA.

Escreveo S. Paulo esta segunda carta aos Fiéis de Corintho no meio do anno 57 de Jesu Christo, quasi um anno depois que lhes escrevêra a primeira; nella refere o Santo Apostolo as suas visões, os seus trabalhos, as suas tentações, os seus martyrios, e tudo o que lhe pareceo conducente para desvanecer a vaidade dos Apostolos fingidos, que, para fazerem valer a sua propria reputação, desacreditavão a S. Paulo entre aquelles Fiéis: devemos referir o successo, que passou desta maneira.

Depois que o Doutor das gentes sahio de Corintho, irritado o demonio pelas prodigiosas conquistas, que havia feito para Deos aquelle grande Apostolo, enviou logo alli os seus emissarios; erão estes, na apparencia, Christãos muito zelosos, os quaes, por haverem sido judeos, querião misturar as ceremonias da antiga lei com as observancias do santo Evangelho; e para desacreditarem a S. Paulo, (cuja doutrina se não conformava com a sua) fallárão delle com tanto desprezo, quanta era a soberba arrogancia, com que a si mesmos se recommendavão.

Dizião elles, que S. Paulo era um relaxado na sua moral; que anniquilava a lei antiga, pelo especioso pretexto de fazer valer a nova; que elle não recebêra a sua missão de Christo, nem dos primeiros Apostolos; que nenhuma prova havia dado do seu apostolado até aquelle tempo; que era desprezivel pela sua pessoa, e o não era menos pelos seus talentos; e em summa, que por outras muitas razões lhes devia ser suspeita a sua doutrina.

E como aquelles embusteiros affectavão parecer mortificados, andando por toda a parte com o semblante modesto, esta mascara de piedade, e de reforma enganava facilmente aos ignorantes, e lhes conciliava cada vez mais muitos affectuosos partidistas, advertido, pois, São Paulo destes artificios malignos, creo, que estava obrigado a empregar os possiveis remedios para impedir um mal tão grande, e fazer abrir os olhos aos que havião cahido na rede.

Vio-se assim constrangido a mostrar á vista do mundo a diabolica perfidia daquelles falsos prophetas, e a fazer ver por outra parte a verdade authentica da sua missão, formando para isto mesmo, apesar da sua humildade, o seu proprio elogio, e um como compendio historico dos passos principaes da sua vida; e por isso, como aquelles chamados prophetas, se gloriavão do seu zêlo, e dos muitos trabalhos, que (falsamente) dizião haver supportado por Christo, S. Paulo os confunde com a recordação da sua origem, e com a individual relação das muitas contradicções, e martyrios, que realmente havia tolerado nas funcções do seu ministerio.

E como aquelles mesmos se gloriavão (sem fundamento algum) de serem não pouco favorecidos por Deos: «Sabei, meus irmãos, (dizia S. Paulo aos seus amados Fiéis) que Deos não communica as suas Graças aos que não seguem o seu espirito, e não vivem sujeitos á sua Igreja»; e passa logo a referir-lhes os destinctos favores, com que o mesmo Senhor o enriquecêra, e que elle quizera conservar escondidos em um perpetuo silencio; por ultimo, para não perder de vista a humildade santa, (sua virtude a mais estimada) accrescenta, que entre todas as Graças, com que o Senhor o favorecêra, lhe deixára o estimulo da carne, que lhe fazia sentir a sua fraqueza, e lhe servia de contraveneno a todos os sentimentos de vaidade.

O parecer mais commum dos Santos Padres,

é, que o Doutor das gentes, por aquella expressão metafórica, quiz dar a entender a rebellião da carne contra o espirito, de que nem sempre se vêem isentos ainda os maiores Santos, servindo-se Deos daquella tentação, ou daquella importuna lucta, para lhes dar exercicio de paciencia, e para que se não desvaneção com os seus Dons; e tambem ao mesmo passo, para confundir a soberba do tentador, e dissipar os seus esforços.

S. Paulo diz logo, que rogára muitas vezes a Deos, para que o livrasse daquella tentação; e que o Senhor lhe respondêra, que a sua Graça lhe bastava: assim, pois, permitte Deos, que o demonio nos venha tentar; porém não consente jámais que tenhâmos tentação maior, que aquella, a que podêmos resistir: elle combate para nosso bem, e favor, e proporcionando os seus soccorros aos esforços dos nossos inimigos, ficaremos sempre com a victoria, se correspondendo-lhe fiéis, nos portarmos com valor, e perseverança; mas para nós experimentarmos este soccorro da Graça, (que Deos a ninguem recusa) não nos exponhâmos á tentação com presumpção temeraria.

SOBRE O EVANGELHO.

Achando-se o Salvador junto ao lago de Genesareth, chamado o mar de Galiléa, correo para elle uma tão grande multidão de povo das Cidades circumvizinhas, que se vio obrigado a metter-se em uma barca, que lhe ficava proxima, para dalli ser visto, e ouvido por todos. Sentando-se, pois, o divino Mestre, começou a instruir aquelles povos, que se achavão dispersos por aquellas praias.

O modo ordinario, com que o Senhor intimava a sua doutrina, era propondo parabolas aos seus ouvintes, tão agradaveis, como uteis; e por estas comparações familiares lhes exprimia, como em uma pintura, as diversas disposições, e differentes estados das suas almas, tão clara, e intelligivelmente, ainda aos entendimentos mais grosseiros, que cada um comprehendia o que o mesmo Senhor lhe ensinava.

Propondo-lhes, pois, a parabola da semente com toda aquella miudeza, que se lê no Evangelho, concluio o discurso com as mysteriosas palavras: *O que tem ouvidos dispostos para ouvir, attenda.* Como se assim lhes dissera: se eu vos fallo por figuras, é pelo abuso, que fazeis das divinas Graças, ouvindo a cada passo as minhas instrucções, e não vos fazendo melhores, nem mais dóceis, ou satisfazendo-vos com perceber as minhas palavras, sem procurar a execução das minhas doutrinas; por cuja causa se verifica em vós outros o que lá disse o Propheta Isaias: *Escutareis com os vossos ouvidos, e não ouvireis: presenciareis com os vossos olhos, e não vereis,* porque depois de me haverdes ouvido, nada fazeis do que vos tenho ensinado.

Só as almas puras, fervorosas, e bem dispostas, não recebem jámais em vão a semente da divina Palavra, nem tambem a divina Graça, que pela mesma semente é entendida; antes a conservão sempre com um desejo efficacissimo de não a ter ociosa, e de que as importunas aves não lh'a roubem; quero dizer, estando em perenne vigia contra as industrias do demonio, contra os impetos das paixões, contra a violencia dos adversarios, contra os artificios do amor proprio; e soffrendo por outra parte com resignação, e silencio as contradicções, e contrastes da fortuna, e esperando com firme paciencia o alegre tempo da colheita.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Como não ha cousa alguma mais preciosa do que a Graça, não vos exponhais a perigo de perdella: ella é uma semente preciosissima: cultivai-a, pois, com cuidado no interior do vosso coração, e arrancai dalli tudo o que póde obstar a que produza cento por um. Alli nascem os abrolhos com abundancia: necessita-se, pois, de ferro, e fogo para exterminallos: do ferro da penitencia, e do fogo do amor de Deos.

A mortificação dos proprios desejos é uma penitencia bem saudavel. Reprimi, pois, generosamente aquelle amor dos prazeres, e aquella fatal propensão para satisfazer os vossos sentidos, as vossas paixões, e o vosso amor proprio, sacrificando sem reserva tudo o que vos póde servir de impedimento a que produzão em vós o desejado fructo as suavissimas operações da divina Graça.

Abstende-vos inteiramente de todos os divertimentos profanos, que pratica nestes tempos a relaxação do seculo corrupto, reputando-os, como festas dos gentios, como escolas da iniquidade, e tropeços da innocencia: santificai cam algum acto de Religião o tempo, que perdem tantas gentes naquelles exercicios, e occupações indignas; e, se podeis, rezai todos os dias até quarta feira de cinza os sete Psalmos penitenciaes.

DOMINGO DA QUINQUAGESIMA.

SOBRE A MISSA, E MYSTERIOS DESTE DIA.

Este Domingo da Quinquagesima não é menos privilegiado que os dous antecedentes: nelle, como diz Pedro Bessense, começavão os Ecclesiasticos o jejum da Quaresma, porque a maior parte dos Fiéis naquelles primeiros tempos entendião que sexta, e sabbado da semana santa não se devião comprehender nos quarenta dias do jejum quaresmal, por serem destinados desde o tempo dos Apostolos aos particulares obsequios para com a Paixão, e Morte de Jesu Christo; e por esta causa começavão o jejum da Quaresma no dia de ámanhã, segunda feira, como ainda hoje observão muitas communidades religiosas.

A Igreja Santa, que procura por todos os meios inspirar aos Fiéis o espirito de compunção, de penitencia, e de retiro, principalmente nestas tres semanas, que precedem ao sagrado tempo da Quaresma, escolheo na Escriptura para as primeiras lições dos seus nocturnos Officios a historia das primeiras tres idades do mundo, que corrêrão desde Adão até Moysés, pertendendo representar-nos na imagem daquelles primeiros tempos um visivel plano de toda a economia da divina Providencia sobre os seus escolhidos; e com a lembrança do paternal cuidado, que Deos costuma ter dos seus filhos, excitar-nos a recorrer a elle em todas as nossas indigencias, e a ter sempre maior confiança na sua piissima Bondade, observando sempre com resolução constante uma vida justa e penitente.

Porém a corrupção do seculo, sempre contraria ao espirito da Igreja, e de Jesu Christo, ensina maximas, e frequenta costumes oppostos. Quer que a tristeza, e o retiro que se nos persuadem, e recommendão para estes dias de devoção, se convertão em prazeres, e festas inteiramente profanas; e que estes ultimos dias do Carnaval, que são como um preludio do santo tempo da Quaresma, se façáo uns dias de dissoluções, dedicando-os aos banquetes, espectaculos, assembleas, e divertimentos gentilicos.

Feita quasi universal esta lastimosa desordem, entrou o zêlo virtuoso dos verdadeiros Fiéis a procurar todos os meios, que podessem servir de reparo a tão impetuosa torrente; o que deo occasião para o estabelecimento das orações publicas das solemnes Quarenta-Horas, quando no meio do seculo decimo sexto inspirou o Senhor aos seus mais amantes Servos o pensamento de erigir este religioso antemural contra a depravada licença dos malignos, e formidaveis esforços do demonio.

SOBRE A EPISTOLA.

Nesta primeira carta, que o Doutor das gentes escreveo aos Fiéis de Corintho no anno 56 de Jesu Christo, lhe fez ver a precisão, que tinhão da caridade, e quaes erão os seus deveres; quanto ella deve ser constante, e quanto é superior á Fé, á Esperança, e aos outros Dons de Deos.

E sabendo S. Paulo na Cidade de Efeso, onde então assistia, (ou pelo que lhe disserão Stefanas, Fortunato, e Acaico, que alli vierão visitallo, ou por cartas, que lhe escrevêrão os principaes da Igreja de Corintho) que depois que elle se ausentára, se havia introduzido um espirito de scisma, e divisão entre os Fiéis, faz-lhes ver na presente carta, que quando tivessem recebido todos os Dons de Deos mais estimaveis, se lhes faltasse a caridade, que une os espiritos, e os corações, todas as suas imaginadas virtudes serião defeituosas, e não lhes serverião de cousa alguma.

A origem, pois, daquella discordia vinha a ser esta. Costumados os Corinthios á distincção de differentes seitas dos filosofos, que reinavão na Grecia, julgarão logo, que o mesmo se praticava na Santa Igreja; e que Pedro, Paulo, e Apollo, a quem elles veneravão, como Doutores da Fé, compunhão tambem outras tantas seitas, formando cada qual o seu partido; e posto que elles na verdade ensinavão uniformes a mesma doutrina: comtudo, os Corinthios fazião gloria especial de serem particulares discipulos daquelles, que os havião baptizado, exaltando cada qual o relevante merito daquelle, por quem fôra instruido; e esta indigna parcialidade causava entre elles uma reciproca divisão, formando por consequencia uma especie de perigoso scisma.

Portanto, para abolir estas divisões, fazendo-lhes seccar a fonte na sua primeira origem se estende S. Paulo no capitulo decimo terceiro (donde é tirada a presente Epistola) sobre a caridade para com Deos, e com o proximo, fazendo-lhe ver a sua precisão, descobrindo-lhes as suas qualidades, e mostrando-lhes os seus effeitos com uma frase tão eloquente, e um estilo tão engenhoso, e tão vivo, que se não podia discorrer melhor a este proposito.

E depois de lhes haver proposto as qualidades indispensaveis da caridade verdadeira, acaba com dizer-lhes, e a todos os mais, que o que se faz absolutamente necessario nesta vida, e o que devemos desejar sobre todas as cousas, e conservar sempre com a maior vigilancia, não são os dons extraordinarios, são as virtudes da Fé, Esperança, e Carida-

de; e ainda nestas mesmas, como a Fé, e a Esperança não teráõ logar no Ceo, por causa da visão intuitiva na presença de Deos, devemos dar á Caridade o primeiro logar em todo o sentido.

SOBRE O EVANGELHO.

É elle extrahido do capitulo decimo oitavo do Evangelista S. Lucas, onde se refere o que o Salvador hia conversando com os doze Apostolos na ultima jornada, que fez para entrar em Jerusalem. Vinha de Efrem, Cidade proxima ao deserto da Judéa, onde assistíra algum tempo com os mesmos Discipulos depois da resurreição de Lazaro; e sahindo dalli aos 22 de março, para ir celebrar Pascoa em Jerusalem, lhes referio nesta viagem, o que se lê no presente Evangelho.

E nota o Evangelista S. Marcos, que marchava o Salvador com tanta ligeireza, que supposto considerasse aquella miseravel Cidade, como theatro funesto dos seus opprobios, o activo zêlo, e ardente desejo, que tinha de derramar o seu Sangue pela salvação dos homens, o fazia correr, e adiantar muito a todos aquelles, que o acompanhavão.

Revelou-lhes, pois, neste caminho, que era chegado o tempo de se cumprir inteiramente o que estava escripto pelos Prophetas dos seus tormentos, e da sua morte; porém todo este discurso era ainda para os Apostolos um impenetravel enigma, não podendo comprehender como o Messias, tanto tempo esperado, houvesse de ser tratado por um modo tão indigno, nem podendo concordar tantas ignominias, e máos tratamentos, com tanta dignidade, e grandeza na adoravel pessoa de seu Mestre.

Entretendo-se, pois, nestas praticas, chegárão á Cidade de Jericó, onde aquelle cego, que pedia esmola junto do caminho, aproveitando-se desta feliz conjunctura, pedio ao Salvador, que usasse com elle de piedade: e que desgraçado sería, se deixasse passar esta occasião opportuna! É mui provavel, que viria a morrer na sua cegueira; o certo é, que ha uns felizes momentos, em que Deos se chega mais ao peccador, fazendo-lhe sentir de mais perto as impressões da sua Graça: e miseravel elle, se não se aproveita desta occasião preciosa, procurando desde logo emendar a vida!

Restituio o Salvador a vista áquelle venturoso cego; e elle, agradecido devéras ao seu divino Bemfeitor, o foi seguindo fiel, e veio a ser um dos seus muitos Discipulos: qualquer, pois, (exclama neste passo S. Gregorio) que reconhece as trevas da sua cegueira, qualquer que se vê privado do resplandor da luz eterna, grite do fundo do seu coração, e clame em alta voz ao Salvador: *Jesus, filho de David, tende Misericordia de mim.*

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Se o inimigo da salvação não poupa diligencia alguma nesses ultimos dias do Carnaval para enredar as almas com os prazeres, e divertimentos, que o espirito do mundo tem introduzido, tambem o Espirito Santo usa de varias industrias, para santificar as mesmas almas, fazendo frequentar o exercicio de muitas praticas de piedade, authorizadas já por toda a Igreja, sendo mui poucas as Cidades, e terras grandes, em que a indulgencia das Quarenta-Horas se não veja estabelecida, e onde se não frequentem varios exercicios de devoção, que fórmão um contraveneno, capaz de fazer inuteis os pestilentes artificios do demonio.

Fazei-vos, pois, uma lei de não faltar, quanto mais vos fôr possivel, nestes ultimos tres dias a todos os exercicios de piedade. Não vos deixeis arrastar pelo máo costume. Antes quando os outros correm para as assembleas de prazer, fazei o que o santo Varão Tóbias fazia, que no mesmo tempo, em que os seus compatriotas hião adorar o novilho de ouro, elle entrava no templo do Senhor, para obsequiar o Grande Deos de Israel; imitai, pois, com pio affecto este religioso exemplo.

As gentes relaxadas, movidas do espirito da dissolução, procurão companheiros das suas desordens, para engrossar o numero dos que se perdem; vós, pois, mais zelosos da gloria do vosso Deos, do que são aquelles pelo serviço do mundo, persuadi a todos os que poderdes, para occuparem com santos exercicios este precioso tempo.

Não deixeis de vos confessar, e commungar, pelo menos em um destes tres dias; assisti aos mais actos de piedade, pois quanto é maior a multidão dos que augmentão o numero dos peccados, tanto se porta Deos mais liberal para com os seus Fiéis Servos; e por ultimo vos advirto, que não tenhais receio de que os vossos temporaes negocios padeção damno, empregando vós este precioso tempo nos santos exercicios de um bom Catholico.

QUARTA FEIRA DE CINZA.

SOBRE AS CEREMONIAS, MISSA, E MYSTERIOS DESTE DIA.

Logo que a Igreja latina, em o fim do seculo nono recebeo a virtuosa pratica de começar a sua quarentena de jejum na quarta feira da semana da Quinquagesima, compoz para este dia uma Missa, um Officio, e ceremonias proprias a fazerem entrar os Fiéis nas pias intenções, que levárão os primeiros Discipulos do Salvador a estabelecer a abstinencia, o jejum, a mortificação, e penitencia do sagrado tempo da Quaresma.

A mystica ceremonia da imposição das cinzas foi a principal, que para este effeito escolheo da Igreja primitiva, porque sempre fôra tanto no Velho, como Novo Testamento um symbolo expresso da mortificação, e penitencia, e um signal sensivel, e vulgarmente praticado para exprimir a dôr, e afflicção.

Fazem-se estas cinzas das palmas, que se benzêrão no anno antecedente, e se levárão em procissão no Domingo de Ramos; e a Igreja Santa, para exhortar aos Fiéis a fazerem util, e efficaz esta ceremonia, usa (em quanto ella se administra ao povo) das palavras do Propheta Joel, que no seu logar vão traduzidas.

Onde é de notar a profunda sabedoria da nossa caritativa Mãi a Santa Igreja, e o piedoso artificio, de que ella se serve para pacificar a ira de Deos, e conciliar a sua Misericordia para com os peccadores humilhados, e penitentes, que ella lhe apresenta neste dia: a corrupção da sua origem, a sua inclinação para o mal, a facilidade, que elles têem para o commetter, as tentações do demonio, os enganos do mundo, e os congrates da carne contra o espirito; que grandes motivos da parte do peccador para obrigarem a Deos a lhe perdoar, e fazer Misericordia!

E pela parte do divino Senhor, a sua Bondade, a sua Clemencia, e a sua Misericordia sem limites, o desejo que elle tem tão frequentemente reiterado de fazer Graça aos que sinceramente se arrependem de o haver offendido, os meios que tem tomado o Eterno Pai para se reconciliar com os homens pela mediação de seu Filho, e o muito que este Senhor chegou a obrar, e padecer para merecer, e conseguir a remissão dos peccados; de tudo isto, pois, se serve a Santa Igreja para obter a seus filhos o desejado perdão, pelos meritos de seu divino Esposo, que é o poderoso Advogado, e a Victima de propiciação pelos peccados de todo o mundo.

Não é, pois, esta mystica ceremonia da imposição das cinzas um popular costume, indifferente, e ainda inutil, como o reputão os hereges; é, sim, uma pratica religiosa, que nos excita a lembrança da formidavel sentença, proferida pelo Supremo Juiz contra o nosso primeiro pai, e consequentemente contra todos nós, seus miseraveis filhos.

Por esta mesma acção imitâmos o que fazia Josué, quando, para pacificar o Deos dos exercitos, e compensar as iniquidades commettidas em Jericó, elle, e os anciãos de Israel cobrião as cabeças de cinzas; fazemos o que recommendava Jeremias aos Principes de Judá na destruição da sua patria, lembrando-lhes, que estava proximo o fim da sua vida; fazemos, emfim, o que fazia Esther, Judith, Mardoqueo, e o Rei de Ninive, e o que na Lei da Graça fizerão muitos Santos, e Santas, cobrindo as proprias cabeças de cinza, em signal da sua dôr, e penitencia.

As palavras humilhantes, que o Sacerdote com a cinza na mão profere neste dia sobre os Christãos prostrados a seus pés, são os proprios termos da fatal sentença, intimada ao primeiro homem por castigo do seu peccado; e o designio da Igreja ao pôrnos a cinza sobre as cabeças, é excitar-nos á penitencia, e ao desprezo do mundo, na consideração do funesto avanço, em que se terminão todas as honras, prazeres, bens desta vida, e em que nós mesmos seremos reduzidos depois da nossa morte.

As orações, de que usa a Igreja na benção das cinzas, dão uma secreta virtude a esta religiosa ceremonia, que inspira compunção, e attrahe a Graça da penitencia a todos os que as recebem com espirito humilhado, e coração contricto. O pensamento da morte, inseparavel desta religiosa pratica, é o primeiro effeito, que ella produz no Christão penitente; fosse elle o homem mais feliz do seculo, e ainda o mais poderoso Monarcha, conhece bem que morrerá, e que toda aquella grandeza, e pomposa felicidade brevemente se converterá em sombras, e se desfará em cinzas.

A estimação, e amor da virtude é outro effeito desta sagrada ceremonia, como é consequente esta natural reflexão: todos acabão, todos morrem, assim os Santos, como os peccadores; mas que differença de cinzas! As de uns são motivos de horror, as de outros são os objectos de veneração; tão efficaz attractivo tem a verdadeira santidade!

Prostramo-nos com respeito ás reliquias dos Santos, e ainda venerâmos a terra, que lhes tem coberto os seus córpos; donde se deve concluir, que é uma insigne loucura o collocar a propria felicidade nas honras, nos bens, e prazeres desta vi-

da, sendo necessario dizer-se, que tem perdido o juizo, quem devéras não cuida em fazer-se Santo.

SOBRE A MISSA.

Introito. *Vós, Senhor, que nada aborreceis &c.*

Deos não aborrece o homem, a quem creou, mas tem odio ao peccado, que não fez; o que o homem ajunta á sua natureza por sua propria culpa, é unicamente o que Deos aborrece; porém como elle, attendendo á nossa penitencia, tem muito gosto em nos perdoar, animemo-nos, com o verso do Introito: *Compadecei-vos de mim, meu Deos, compadecei-vos de mim, porque a minha alma confia em Vós.*

EPISTOLA.

Lição do Propheta Joel, &c.

Este Propheta, filho de Phatuel, da tribu de Ruben, nasceo em Bethoron, onde morreu antes de Jesu Christo 790 annos, havendo prophetizado nos tempos de Osias, Joathan, e Achaz, Reis de Judá. Elle é o segundo dos doze Prophetas menores; e nada póde convir melhor ao espirito, e á celebridade do dia de hoje, do que a sua prophecia, na qual o Varão Santo, prevendo os flagellos, e castigos do povo, lhe subministra os meios mais proprios para evitallos, persuadindo a todos os seus individuos, a que recorrão á oração, e penitencia.

Rasgai os vossos corações, &c. Costumava-se naquelles tempos rasgar os proprios vestidos, em demonstração de viva dôr por algum successo fatal; porém Deos, que não se satisfaz com estes signaes externos de arrependimento, deseja ver em nós outros um coração contricto, e humilhado, uma dôr íntima, uma conversão sincera, fructos dignos de penitencia, que produzem uma inteira reforma de costumes; e por isso lhes diz o Propheta: *Rasgai os vossos corações, e não os vossos vestidos.*

Ordenai um rigoroso jejum ao som da trombeta, &c. Ao som desta se intimavão as festas, e assembleas publicas entre os Israelitas, como lhes mandára o Senhor no capitulo decimo do Livro dos *Numeros*. Por isso o Propheta exhorta os principaes da sua Nação a que fação desse modo ajuntar o povo, afim de intimar a todos um jejum solemne, com o qual, e com as suas lagrimas, e orações hajão de pacificar a ira de Deos.

Zelou o Senhor a sua terra. Logo que o Propheta exhortou nesta fórma a seus irmãos, e os vio bem dispostos a fazer penitencia, os consolou, dizendo-lhes: que o Senhor, movido das suas lagrimas, lhes perdoava todas as culpas, seguindo-se ao benigno perdão não sómente a suspensão dos flagellos, mas toda a sorte de bençãos, e gloriosas prosperidades: tanto é certo que a compunção, e penitencia desarma a Deos, por mais irritado que esteja contra nós outros.

Tracto. *Senhor, não nos trateis, &c.* Esta deprecação pareceo tão bella á Santa Igreja, que a fez repetir tres vezes (isto é, na segunda, quarta, e sexta feira) em cada semana da Quaresma; e as palavras do verso immediato, *Senhor, não vos lembreis, &c.* fórmão este sentido: se Vós, Senhor, vos lembrardes dos nossos delictos, não podêmos esperar da vossa Justiça mais que a morte, e os castigos eternos. Não consulteis, pois, Clementissimo Deos, senão a vossa piissima Misericordia, a vossa summa Liberalidade, a nossa extrema pobreza, e as nossas necessidades sem numero, porque estes são os unicos titulos, em que podêmos fundar as nossas esperanças.

EVANGELHO.

O Evangelho desta Missa é tomado do capitulo sexto de S. Mattheus, no qual Jesu Christo nos ensina a pureza de intenção, que se deve ter no jejum. Acabava o Salvador de ensinar os seus Apostolos, como devião pedir a Deos, dando-lhes no *Padre nosso* . . . um perfeito modêlo da mais excellente oração; e como devião perdoar as injurias, propondo-lhes com as razões mais vivas esta generosa caridade; e depois de lhes haver dado estes preceitos, lhes ordenou tambem o jejum, que devia acompanhar, e suster a caridade, e a oração.

Quereis vós saber (lhes disse o Salvador) quaes são os santos jejuns agradaveis a Deos? São os que se praticão em segredo. Assim, pois, não vos admireis de que Eu não permitta, que imiteis aos hypocritas, que, por um exterior triste, e austero, procurão nos seus mesmos jejuns a reputação, e estimação das gentes; porque na verdade vos digo, que para esses taes não haverão outra recompensa fóra daquella vã pertendida honra.

Tu, pois, quando jejuas, unge, ou adorna a tua cabeça, &c. Não se devem entender literalmente estas palavras, porque na dôr, e no jejum em nenhum tempo se usou de unções, ou perfumes; o que quer dizer o Salvador é só: que os seus Fiéis não affectem o parecer jejuadores, antes que em logar do aspecto melancolico dos hypocritas phariseus, nos portemos em similhantes occasiões sem affectação, sem fingimento, e sem vaidade, para que não pareça (digâmos assim) que pertendemos vender aos homens os nossos jejuns.

Não procureis accumular thesouros, &c. Ajunta o Salvador o desapêgo dos bens terrenos ao preceito do jejum, para que o mesmo que poupâmos, jejuando, não sirva, como nos expõe Santo Agostinho, de alimento á nossa avareza, senão que o ajuntemos nos thesouros do Ceo, distribuindo-o pelas mãos dos pobres.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Como a imposição das cinzas é uma pratica da Religião observada desde a Igreja primitiva, recebei-a sempre com todas as boas disposições, que pede uma tão santa ceremonia; porque se a alma não está bem persuadida da idéa do seu nada, toda esta humilhação externa não passa de uma inutil apparencia.

Ide, pois, receber a cinza com um coração contricto, e humilhado. Ouvi aquella sentença de morte com uma resignação perfeita, e offerecei a Deos no mesmo tempo um voluntario sacrificio da vossa vida. Acceitai a morte, a que o mesmo Senhor vos condemna, em satisfação dos vossos peccados, como propria, e justa pena, que assaz haveis merecido.

Conservai a lembrança da morte, (de que é symbolo aquella cinza) porque este pensamento efficaz persuade facilmente a mortificação, e lhe adoça todo o rigor. Começai com espirito de penitencia o santo tempo da Quaresma, que talvez para vós outros tenha de ser a ultima; e se assim o fôr, e vos portardes bem, qual será depois a vossa doce consolação?

Uni vosso jejum com o de Jesu Christo, para se vos fazer meritorio; e porque uma das mais perniciosas industrias, e continuas diligencias do infernal inimigo, é fazer-nos reputar as santas ceremonias da Religião por uns costumes indifferentes, vós outros, pelo contrario, acompanhai, e animai a do presente dia com um espirito Christão; e em summa fazei por não perder da memoria aquella divina sentença: Lembra-te, homem, que és pó, e que em pó te has de tornar, *talvez, talvez dentro em breves dias.*

MARÇO — 1.

DE

S. GREGORIO NISSENO,

PADRE DA IGREJA.

EM 9 DESTE MEZ NO MARTYROL. ROMANO.

NO SECULO IV.

Na grande obra dos Bollandistas em o dia 9 de março, e no Tomo IX das Memorias Ecclesiasticas de Tillemont se achão todas as noticias que pertencem á vida, e acções deste glorioso Santo.

Gregorio, filho de Basilio, e de Emmelia (ambos venerados entre os Santos) nasceo em Cappadocia no anno de 331. A casa de seu pai foi para Gregorio uma escola de piedade, sendo toda composta de pessoas santas, onde, além dos exemplos de virtude, que lhe davão seus pais, via tambem os de sua irmã Santa Macrina, e os de S. Basilio seu irmão, que nascêrão primeiro, e a quem elle sempre honrou, e respeitou grandemente.

Porém não imitou logo o seu modo de vida, porque em vez de retirar-se á solidão, como fez seu irmão São Basilio, inclinou-se á vida commum do seculo, unindo-se em matrimonio com Theosebia, mulher de grande merito, e virtude, como consta dos elogios, que lhe fez S. Gregorio Nazianzeno.

E supposto que o estado conjugal, a que se ligou o nosso Gregorio, seja bom, e louvavel em si mesmo, elle o via depois com desprazer, considerando que por elle perdêra a preciosissima joia da virgindade; e por isso na obra que compoz sobre esta virtude, ingenuamente confessa, que vinha a ser-lhe inutil quanto bem dizia a seu respeito, comparando-se por este motivo a um miseravel pobre, a quem a vista das riquezas alheias serve só para sentir mais a sua propria indigencia.

Estava o Santo embaraçado ainda em alguns negocios seculares quando lhe occorreo um caso, de que elle mesmo, com exemplo de singular humildade, quiz dar noticia a todo o mundo.

Querendo Santa Emmelia, sua mãi, depositar as reliquias dos Santos Quarenta Martyres em uma Igreja proxima ao logar onde então assistia, e desejando que na occasião do solemne recebimento se achasse tambem Gregorio, mandou-lhe anticipado aviso, expressando-lhe esta sua vontade,

Porém elle que morava distante algumas legoas,

e tinha de concluir certas temporaes dependencias, deferio a sua vinda até á vespera da mesma solemnidade; e portanto elle fatigado do caminho teve precisão de passar pelo somno, e tomar algum descanço, em quanto os mais da casa gastavão a noite daquella vigilia em fazer oração, e cantar Psalmos á honra dos Santos Martyres no mesmo jardim aonde paravão as suas reliquias.

Succedeo então a Gregorio, depois de submergido no somno, representar-se-lhe na fantasia, que ao querer entrar naquelle jardim, uns soldados, que estavão de guarda, o impedírão, ameaçando-o com uns bastões, que tinhão na mão, até que um delles, que era seu superior, e mais compassivo, lhe deo permissão para poder entrar. Aqui despertou Gregorio, e reflectindo ao mesmo passo na sua indigna demora em vir assistir á festa dos Santos Martyres, percebeo logo o mysterio indicado pelos soldados, que víra no sonho.

Detestando, pois, a sua negligencia, levantou-se sem demora, e cheio de dôr foi banhar com suas lagrimas a caixa das preciosas reliquias, afim de mover a divina Piedade, e obter pela intercessão daquelles soldados de Christo o benigno perdão do seu erro. Assim fallava depois o nosso Gregorio na presença de todo o povo, para mostrar que os gloriosos Martyres vivem, e assistem ao throno da Suprema Magestade, e tambem para insinuar o culto, e devoção, que se deve ter aos mesmos Santos.

Não se sabe com evidencia se foi esta visão a que induzio a Gregorio a renunciar a vida mundana, e as esperanças do seculo; mas é sem duvida que elle pouco depois tomou o estado ecclesiastico, e foi ordenado Leitor; mas passado algum tempo, em que elle exercitou as funcções daquella Ordem, uma forte tentação do demonio o fez abandonar o ecclesiastico ministerio; e em vez da lição dos livros divinos, applicou-se ao estudo da arte rhetorica, de que fez publica profissão, ensinando-a a alguns discipulos.

Deo isto muito que murmurar a todos, como de cousa indigna, e ainda vergonhosa, não sómente ao mesmo Gregorio, senão ainda a todo o estado ecclesiastico, sentindo-o mais que todos S. Gregorio Nazianzeno, como particular amigo do nosso Santo; e escrevendo-lhe logo uma carta efficacissima, em que lhe representava com as mais vivas côres a injuria que fazia, não tanto a si como á Igreja, em abandonar a lição das divinas Escripturas, e a pratica das funcções ecclesiasticas, para entregar-se á leitura dos livros profanos, e ao exercicio de cousas seculares cas, procurava por todos os modos persuadillo a voltar para o ecclesiastico ministerio; o que elle assim cumprio, como attesta o mesmo S. Gregorio Nazianzeno.

Entretanto no anno de 370, sendo S. Basilio seu irmão eleito Bispo de Cesarea, metropole da Cappadocia, convidou o nosso Gregorio, para o ajudar, servindo-se delle no exercicio das funcções pastoraes; e algum tempo depois, no anno de 372, vagando o bispado de Nissa, nas fronteiras da menor Armenia, Basilio, como seu metropolitano, o nomeou para elle, que tal não pertendia; sendo-lhe preciso usar de toda a authoridade para o fazer consentir na sua ordenação, que foi no mesmo anno de 372.

Constituido, pois, Gregorio naquella sublime dignidade, deo logo a conhecer, que fôra chamado por Deos, e que o mesmo Senhor o enchêra de zêlo, e santidade correspondente ao seu ministerio, começando por vender o pingue patrimonio, que lhe deixárão seus pais, para o distribuir aos pobres; e oppondo-se, como depositario da Fé Catholica, contra os perfidos Arianos, que então devastavão a santa Igreja; o que elle fez com tal firmeza, que não a podendo tolerar aquelles inimigos da Divindade de Christo, o expulsárão violentamente do seu bispado, e obtiverão do Imperador Valente, que o mandasse em desterro, donde não pôde tornar para a sua Igreja antes do anno de 378, em que o Imperador Graciano, depois de morto Valente, chamou a todos os Bispos desterrados.

No anno seguinte (depois da morte de seu irmão S. Basilio, que elle sentio com extremo) celebrou-se em Antioquia um grande concilio de Bispos orientaes, em que o nosso Santo assistio, e com tão alta estimação que todos aquelles Padres o encarregárão de visitar as Igrejas da Arabia, e da Palestina, para corrigir algumas desordens, que alli havia, e restituir a paz á Igreja de Jerusalem; o que elle não pôde recusar, considerando-se obrigado pelo emprego que tinha na Igreja, por vontade de Deos

Differio comtudo aquella viagem (justamente impedido por algumas dependencias da sua Igreja) até o anno seguinte, dispondo-o assim a divina Providencia, para elle neste meio tempo visitar a Santa Macrina sua irmã, que não tinha visto havia oito annos; mas procurando elle este prazer, achou motivo de nova afflicção, porque chegando elle ao mosteiro das Religiosas Virgens, que esta sua irmã governava, a vio já tão proxima aos ultimos extremos da vida, que no dia seguinte lhe expirou nos braços.

Voltando, pois, S. Gregorio para a sua Igreja de Nissa, partio, passada a Quaresma, para executar a commissão, que lhe encarregára o concilio, de visitar as Igrejas da Arabia, de cujos successos não nos ficou alguma noticia. Sabemos sómente, que depois da visita da Arabia elle partio para Jerusalem, não só afim de executar a sua commissão, senão tambem pelo desejo que tinha de ver, e venerar aquelles Santos Logares, em que obrára Jesu Christo os sagrados mysterios da nossa redempção.

Mas elle mesmo confessa, que nada o edificárão os costumes das pessoas, que alli residião, fi-

cando assim na certeza de haver então menos piedade em Jerusalem do que lá na Cappadocia; e por esta razão pedindo-lhe conselho um seu amigo a respeito de alguns monges, que intentavão fazer uma tal peregrinação, respondeo elle: que obrarião melhor aquelles sujeitos em sahir dos proprios corpos, elevando os seus corações a Jesu Christo, do que em sahir da Cappadocia para viajar a Terra Santa.

E em prova disto adduz o Santo algumas razões, parte das quaes convem a todos os Fiéis, mostrando que estas peregrinações (ainda que boas em si mesmas) não são necessarias; antes para muitos são mais perigosas do que uteis; e allega outras razões dirigidas sómente aos que professão vida retirada, com os quaes não é compativel a ordinaria dissipação, que produzem as longas viagens.

Mas nem por isto condemna o Santo absolutamente as peregrinações que se fazem aos Santos Logares, podendo ser uteis a algumas pessoas, senão sómente em geral julgava elle, que se não devêrão aconselhar, nem permittir a toda a qualidade de pessoas; e tanto mais que muitos naquelles tempos fazião consistir nellas a sua piedade, reputando-as por tão necessarias, como se não fosse bom Christão quem não visitava os Logares de Jerusalem.

Tornando agora ao que passou Gregorio na Cidade Santa, sabemos sómente que elle achou aquella Igreja assollada pelos Arianos, por haver já perto de um triennio que S. Cyrillo, seu legitimo Pastor, não era por muitos como tal reconhecido; e reduzida a sua authoridade a desprezo, resultava um escandaloso scisma naquella Igreja; e supposto que S. Gregorio fez todo o possivel para estabelecer alli a união, e a paz, todo o seu esforço foi inutil.

Passou depois o Santo para Constantinopla, aonde no anno de 381 foi celebrado o segundo concilio geral, em cuja numerosa, e respeitavel assemblea foi tal o conceito que se formou do nosso S. Gregorio, pela pureza da sua Fé, e solidez da sua doutrina, que foi um dos nomeados como centro da Communhão Catholica na Igreja oriental; de maneira que ninguem era reconhecido por Catholico se não communicava com S. Gregorio Nisseno, ou com outro daquelles Bispos deputados pelo concilio.

Finalmente, depois de haver o nosso Santo illustrado a Igreja com as suas acções virtuosas; depois de combater valorosamente contra os inimigos da verdade; depois que com a voz, e com os escriptos instruio por toda a parte os Fiéis, e particularmente aquelles que estavão commettidos ao seu cuidado, carregado de annos, e de meritos, passou a gozar da immortal vida na gloriosa eternidade, quasi no fim do quarto seculo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Foi providencia do Altissimo a conservação das obras deste grande Padre da Igreja, que servirão, e serviráõ sempre de grande edificação a todos os que attentamente as lerem. Todos os antigos derão os maiores elogios a este glorioso Santo, louvando sobre tudo a sua sabedoria, a sua fé, a sua innocencia, a sua moderação, e o seu valor nas adversidades; e o setimo concilio geral teve para com elle tão profunda veneração, que o denominou Pai dos Padres, *e allegou os seus escriptos para confirmar a antiga doutrina da Igreja, e para condemnar as impiedades de Nestorio.*

E nós entretanto, aproveitando-nos do que elle diz a respeito das peregrinações, reconheçâmos que se não deve formar grande apreço só das obras de exterior devoção, que podem ser compativeis com as viciosas paixões, podendo praticar-se tambem por aquelles que vivem mal. Sigâmos, pois, o que dizia o Santo quando exhortava a sahir do proprio corpo, *renunciando os desejos carnaes, e terrenos, amando, e aspirando aos bens eternos, sujeitando em tudo á disposição de Deos a propria vontade, e regulando a vida segundo as maximas do santo Evangelho, em que só póde consistir a verdadeira piedade Christã.*

MARÇO — 2.

DE

S. MELECIO, PATRIARCHA DE ANTIOQUIA.

EM 12 *DO MEZ DE FEVEREIRO.*

NO SECULO IV.

Dos dous Panegyricos, que consagrárão a este Santo S. Gregorio Nisseno, e São João Chrysostomo, e de Theodoreto, no Livro 3, *cap. V, pag.* 128.

S. Melecio era de Melitene, Cidade da Armenia, de uma das mais illustres familias daquella Provincia. O excellente natural, de que fôra dotado pelo Ceo, cultivado, como foi, por uma boa educação, o fez em breve tempo digno objecto do amor de todos, pela sua modestia, mansidão, humildade, e geralmente pelos seus virtuosos, e santos costumes.

Elle portanto na flor da sua mocidade foi nomeado para ser Bispo de Sebaste na Armenia pela deposição de Eustacio, que patrocinava a heresia dos Semi-Arianos; e encontrando naquelle povo uma opposição obstinada, renunciou o seu emprego, e retirou-se para Berea na Syria, afim de viver com paz em uma virtuosa solidão. Porém Deos destinava-o para os duros combates, que tinha de soffrer no throno de uma das mais illustres Igrejas do mundo, qual era a de Antioquia.

Achava-se aquella famosa Igreja por todo o espaço de trinta annos antecedentes dilacerada pelo scisma, e inficionada pela heresia; porquanto, desde a injusta deposição do seu Pastor legitimo Santo Eustathio (que foi no anno de 331) os hereges Arianos, auxiliados pelas Potencias do seculo, introduzírão sempre naquella Igreja sujeitos do seu partido, e indignissimos do bispado; com os quaes todavia não communicavão os bons Catholicos, que por este motivo erão denominados *Eustathianos.*

Então, correndo o anno 360, a passagem que fez Eudoxio, Ariano, da Sé de Antioquia para a de Constantinopla, dando logar á eleição de um novo Patriarcha, houve maiores divisões naquella Cidade, causadas pelos dous partidos; porém vindo alli no mesmo tempo o Imperador Constancio, convocou um concilio de Bispos, pela maior parte Arianos, para elegerem um digno Prelado daquella metropoli do Oriente; e conspirárão todos os votos na pessoa de Melecio, que não sendo bem conhecido pelos hereges, o presumião favoravel ao seu partido; e consentírão tambem os Catholicos, que justamente o estimavão por homem de pura Fé, e santos costumes.

Assim, pois, concorrendo todos com perfeita uniformidade para a pessoa de S. Melecio no anno de 361, formou-se da sua eleição um auto authentico por escripto, que todos os votantes subscrevêrão sem repugnancia alguma; e na mesma occasião, por vontade dos mesmos, se depositou aquelle escripto nas mãos de Santo Eusebio, Bispo de Samosata; e o Imperador da sua parte, todo cheio de prazer por se haverem pacificado as discordias, ordenou logo que Melecio, assistente em Berea, fosse procurado sem demora, e honorificamente conduzido para Antioquia, aonde com effeito os Prelados, o clero, e o povo alegremente o recebêrão; confirmando-se muito na estimação que delle fazião, ao verem a sua magestosa, e agradavel presença.

Porém durou pouco esta alegria, porque os hereges, que estavão na supposição de inclinar-se Melecio ao seu partido, vierão a conhecer o seu erro, quando o Imperador Constancio, achando-se ainda naquella Cidade, ordenou aos Bispos de maior reputação, que explicassem na sua presença como se devião entender aquellas palavras da Eterna Sabedoria em o capitulo VIII, verso 22, do sagrado Livro dos Proverbios: *O Senhor me creou no principio dos seus caminhos.*

Jorge de Laodicea, que fallou primeiro, deolhe uma explicação Ariana. Acacio de Alexandria, que se seguio logo, encerrou tambem o heretico veneno, ainda que por modo mais occulto. Chegando, pois, a S. Melecio, a occasião de expôr o seu sentido, estabeleceo a Consubstancialidade do Verbo, provando com tanta evidencia, que alli se tratava, não de uma creação propriamente dita, mas do novo Ser, que a Eterna Sabedoria tomou na sua Incarnação; que fez assim conhecer a todos quanto elle estava remoto da ariana impiedade,

E não satisfeito o Santo com haver por este modo declarado a sua Fé, entrou logo com ardente zêlo a depurar a sua Igreja da heretica zizania, estabelecendo no seu povo a recta crença, exterminando a todos os obstaculos na heresia, e animando aos bons Fiéis, para resistirem valorosamente a qualquer contraria opposição.

Vendo então os perfidos Arianos que o Santo Patriarcha com tanta presteza fazia florecer a Fé Catholica na Igreja de Antioquia, com decadencia grande da sua heretica seita, se accendêrão em raivoso furor contra elle; e accusando-o falsamente ao Imperador Constancio de ser herege Sabelliano, que não admittia distincção entre as pessoas divinas, obtiverão um rescripto imperial para ser expulso de Antioquia, como foi, passados só trinta dias, depois de ser alli recebido com o maior apreço, e universal applauso.

Vendo então Santo Eusebio de Samosata a perseguição cruel que excitavão os Arianos contra o respeitavel São Melecio, julgou que não devia demorar-se em Antioquia, e retirou-se para o seu bispado; e querendo aquelles ímpios tirar-lhe das mãos a escriptura, que levava da eleição de Melecio (que era um testemunho authentico da sua má fé, havendo elles mesmos concorrido para a sua exaltação com os seus votos) fizerão que o Imperador expedisse um mensageiro, pedindo-lhe a restituição daquelle auto; porém Eusebio respondeo logo: « Que havendo recebido aquelle deposito em nome de muitas pessoas, não podia, nem devia demittillo senão em presença daquelles mesmos que lh'o havião confiado. »

Indignado, pois, o Imperador desta absoluta resposta, expedio outro Ministro de maior porte a Eusebio, para o ameaçar, dizendo-lhe: que se lhe não entregava o tal escripto, executaria a ordem que trazia de cortar-lhe a mão direita; e Eusebio, sem perturbar-se, offereceo logo as duas mãos, dizendo que estava prompto para as perder ambas, antes do que restituir aquella escriptura, que era contra os ímpios Arianos uma prova manifesta da sua perfida injustiça. Desgostou-se muito o Imperador desta resposta, que frustrava as suas ameaças, mas não passou a mais, admirando o valor do Santo Bispo na sua prodigiosa constancia.

E por outra parte os bons Catholicos, havendo-se retirado de todo o commercio com os Arianos, protestárão uniformes de não reconhecer outro Bispo fóra de S. Melecio; porque ainda que gozárão pouco tempo de um Pastor tão digno, tinhão concebido para com elle um tal affecto, que alguns impozerão o nome de Melecio aos filhos que baptizárão naquelles dias, para os excitar depois á imitação das suas virtudes; e quasi todos á competencia procuravão ter em casa o seu retrato, para mitigar com a sua figura o desprazer da sua ausencia.

Sería com effeito a separação que observavão estes melecianos Catholicos, retirando-se de communicar com os Arianos, muito proveitosa á mesma Igreja, se se unissem com os outros Catholicos denominados Eustatianos; porém não querendo estes communicar com S. Melecio, nem com os do seu partido, por ser elle nomeado Bispo tambem com os votos dos Arianos, recusárão todas as propostas de reunião feitas por parte daquelles, que reconhecião ao nosso Santo, como legitimo Patriarcha de Antioquia.

Procurárão então Santo Eusebio de Vercelli, e Lucifer de Calhari, com outros zelosos Bispos, depois da morte do Imperador Constancio (que foi no mesmo anno de 361), procurárão, digo, com incessante cuidado accommodar aquellas divisões, que prejudicavão muito á Igreja; para cujo fim Lucifer se dirigio a Antioquia, e Santo Eusebio a Alexandria, aonde o grande Santo Athanasio, no anno de 362, congregou um concilio, no qual se estabeleceo, que os que tivessem communicado com os Arianos (se devéras detestassem a sua impiedade, e professassem a Fé Nicena) fossem conservados no mesmo gráo, que tinhão antes na Igreja.

Com effeito, esta prudente decisão tirava aos Eustatianos o escrupuloso pretexto, que tomavão para não reconhecer a S. Melecio por legitimo Bispo, e para não communicarem com os do seu partido; em cujo supposto commetteo o concilio a Santo Eusebio, e a Asterio, Bispo de Petra, o partirem logo para Antioquia, afim de pacificarem toda a discordia, e reduzirem todos os Catholicos a communicar com o mesmo Pastor.

Porém chegando alli os dous Prelados, virão com summa dôr removida toda a esperança de paz, porque Lucifer (sem esperar a resolução do concilio de Alexandria) vendo aos Eustatianos renitentes em reconhecer, e receber a Melecio, tinha-lhes ordenado por Bispo a Paulino, Sacerdote de exemplar vida, e que fôra sempre a principal columna dos mesmos Eustatianos; e esta não menos imprudente que intempestiva eleição augmentou mais o scisma, não sómente em Antioquia, mas ainda em toda a Igreja, procedendo dalli na maior parte dos Bispos do Oriente, e Occidente, duas facções, e partidos, que, fazendo profissão de uma mesma Fé, a respeito de Melecio, e Paulino, erão entre si discordes, e uns dos outros separados.

Entretanto (no anno 362) succedendo ao Imperador Constancio o ímpio Juliano Apostata, que mandou logo restituir os Bispos desterrados ás suas Igrejas, teve S. Melecio o prazer de entrar na sua, ainda que diminuido com a justa magoa de achar os Fiéis divididos nas sobreditas duas facções, e estabelecido mais profundamente o scisma pela imprudencia do Bispo Lucifer; porém, não devendo o Santo Bispo abandonar o rebanho, de que era legitimo Pastor, contentou-se com fazer as suas funcções em uma Igreja fóra dos muros da Cidade, mostrando-se sempre disposto para receber os Eustatianos logo que o Ceo lhes abrisse os olhos para abandonarem as suas mal fundadas prevenções.

A estas discordias intestinas, que tanto perturbárão a Santa Igreja, sobreveio a proxima perseguição, que o mesmo Juliano excitou contra a Religião Catholica por todo o Imperio, afim de resta-

belecer o paganismo; o que não teve effeito, porque no mez de junho do anno seguinte (363) foi morto na guerra dos persas aquelle impio apostata; e succedendo-lhe no throno o Imperador Joviano, valeo-se o nosso Santo da protecção deste piissimo Principe para formar em Antioquia um numeroso concilio, aonde ficou mais firme o edificio da recta crença, confirmando-se de novo a Fé estabelecida no concilio Nisseno.

Mas durou pouco tempo esta paz da Igreja, porque morrendo no anno seguinte (364) o amavel Joviano, o ímpio Valente, que lhe succedeo no throno, e era acerrimo Ariano, entrou a ser por toda a parte cruel perseguidor dos bons Catholicos. S. Melecio foi um dos primeiros, que experimentou o furor daquelle Principe, que tambem o expulsou da sua Igreja no anno de 365, ainda que pouco depois o mesmo Valente se vio obrigado a revogar-lhe o seu desterro; porque sublevando-se naquelle tempo um parente de Juliano, por nome Procopio, para tirar-lhe o Imperio, julgou Valente que lhe não convinha em taes circumstancias desgostar aos Antioquenos, conservando no exterminio ao seu amavel S. Melecio.

Restituido, pois, o Santo á sua Igreja, continuou com as suas solidas instrucções a preservar o seu rebanho da infecção da heresia, e a reduzir á verdadeira crença os pervertidos pelos hereges; e neste mesmo tempo elle coroou os grandes serviços que fez á Igreja Antioquena, e a todo o mundo Catholico, instruindo, baptizando, e alistando no estado ecclesiastico ao insigne Doutor S. João Chrysostomo.

Mas sendo intoleravel aos Arianos o zêlo de S. Melecio em promover o augmento da Fé Catholica, e combater os erros da heresia, fizerão que o Imperador Valente, seu grande protector, no fim do anno 370, ou no principio do seguinte, o mandasse outra vez de Antioquia em desterro para a Armenia, aonde residio pouco menos de oito annos, exhortando sempre com os seus escriptos aos Fiéis do seu bispado a manterem-se firmes na verdadeira crença, apesar de todo o esforço dos seus mortaes inimigos.

Morto, pois, no anno de 378 o Imperador Valente, e succedendo-lhe no Imperio Graciano, Principe Catholico, que chamou logo para as suas Igrejas a todos os Bispos desterrados, entrou S. Melecio na de Antioquia, como em triunfo, pelas acclamações, e demonstrações de jubilo, com que alli foi recebido; porém elle, sem se desvanecer por aquellas honras, applicou todo o seu cuidado a promover o bem da universal Igreja, e da sua particular de Antioquia.

Para cujo effeito no anno de 379 congregou na sua metropoli um concilio de alguns Bispos pios, e doutos do seu patriarchado, com os quaes estabeleceo solidamente a Fé da Divindade do Espirito Santo; e para extinguir a divisão, que havia entre os Catholicos do seu bispado, formou-se um tratado de reconciliação com Paulino, Bispo dos Eustatianos, em que se propoz que um, e outro governassem concordemente a Igreja de Antioquia; porém Paulino recusou acceitar este partido, e assim foi continuando o scisma naquella Igreja, que durou ainda depois da morte de S. Melecio.

Congregou-se então no anno de 381, a instancias do grande Imperador Theodosio, um concilio geral em Constantinopla, a que o Santo assistio; e o mesmo Theodosio, antes de ser associado por Graciano, e declarado Imperador do Oriente, vio em sonhos a um veneravel Prelado, que lhe punha a coroa na cabeça, e o adornava com o manto imperial.

Juntos, pois, os Prelados, em numero de cento e cincoenta, para celebrarem o referido concilio contra os hereges Arianos, Theodosio reconheceo logo ser Melecio aquelle Prelado, que na sua visão lhe apparecêra; e sahindo do seu throno, o foi procurar de proposito para o abraçar, e lhe beijar a mão que o havia coroado; referindo a todos no mesmo acto a visão que tivera a este respeito.

Procurou então o nosso Santo que se confirmasse naquelle concilio a eleição que se fizera de S. Gregorio Nazianzeno para Bispo de Constantinopla, sem embargo de toda a sua repugnancia; e esta foi a ultima acção de S. Melecio para utilidade da Igreja, porque morreo no tempo do mesmo concilio, com a gloria de haver padecido innumeraveis trabalhos em tres desterros pela Fé Catholica, e de ser Director, e Padre espiritual do insigne Doutor da Igreja S. João Chrysostomo.

A sua morte foi lamentada por todos os bons, mostrando-se inconsolaveis na intempestiva perda de uma tão forte columna da Igreja Catholica; e os seus funeraes forão magnificos, e honrados com a presença do grande Imperador Theodosio, e de todos os Prelados do geral concilio, entre os quaes S. Gregorio Nisseno, e Santo Anfiloquio de Iconio recitárão no primeiro dia o seu panegyrico, e depois todos os outros Bispos, que tinhão fama de eloquentes, quizerão tambem consagrar as suas linguas nos merecidos louvores deste grande Servo de Deos, do qual diz Theodoreto, que ajuntava em si todas as virtudes, que formavão a coroa dos maiores Santos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

S. João Chrysostomo, e outros Padres, reflectindo sobre as muitas, e grandes virtudes do glorioso S. Melecio, dizem que a sua mansidão, e doçura, com distincta singularidade o fazião mais acceito a Deos, e amavel aos homens. Mostrou o Santo esta virtude, não só para com o seu rebanho Antioqueno, que sinceramente amava, como seu pai, e Pastor, não só para com os Catholicos Eustatianos, indignamente contra elle prevenidos, senão tambem para com

os perfidos Arianos seus inimigos mais furiosos quando, como um manso cordeiro, soffreo por parte delles multiplicados desterros, perseguições, e máos tratamentos, sem abandonar a verdade, que susteve, e defendeo sempre com invencivel constancia.

Esta virtude, pois, deve ser o caracter distinctivo de todo o Christão, soffrendo os ultrages, e injurias com humildade, e mansidão, correspondendo bem por mal, e orando de coração pelos mesmos perseguidores, como fez S. Melecio; porque, obrando deste modo, cumpriremos como é justo, o que o Salvador recommenda aos seus sequazes no Evangelho: Aprendei de mim, que sou humilde, e manso de coração; *e seremos numerados entre aquelles, dos quaes diz o mesmo Senhor por S. Matheus:* Bemaventurados os pacificos, porque possuirão a terra; *isto é, gozaráõ a paz do coração nesta vida, e a eterna felicidade na outra.*

MARÇO — 3.

DE

S. NICOLÁO, ESTUDITA.

EM 14 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IX.

A vida deste Santo escripta fielmente pelos Religiosos do seu mosteiro, acha-se na obra dos Bollandistas em o dia 4 de fevereiro.

Nasceo Nicoláo no fim do anno 789, em uma Cidade de Candia, denominada Canea, de pais distinctos pela sua piedade, e nobreza, os quaes, para lhe procurarem uma educação virtuosa, o enviárão, ainda menino, a um mosteiro de Constantinopla, que se chamava *do Estudo* (donde lhe procedeo o nome de *Estudita*) para viver debaixo da disciplina de São Theodoro, Superior daquella casa.

E supposto que alli se achava um bom Religioso, chamado Therfano, que era tio de Nicoláo, todavia São Theodoro, logo que vio a Nicoláo, concebeo para com elle um grande affecto; e tomando-o a seu cuidado, o enviou para os meninos que se educavão naquelle mosteiro, tanto nas letras como nos bons costumes, até que vendo Theodoro os grandes progressos que elle fazia no exercicio das virtudes, não teve difficuldade de o admittir á profissão religiosa, sem embargo dos seus poucos annos.

Então Nicoláo, observando desde logo a mais prompta, e humilde obediencia, não sómente ao Superior senão ainda ao ultimo monge da communidade, deo bem a conhecer que renunciára devéras, não menos a propria vontade, do que as outras cousas do mundo. Elle com a continencia adquirio a pureza do coração; com as vigilias a contemplação; e á força de orações, e lagrimas obteve o espirito de compunção, com o que se fez tão perfeito em todos os exercicios de piedade, que os seus mesmos irmãos o respeitavão tanto, como se elle fosse seu Superior verdadeiro.

Elle pouco depois, apesar de toda a sua repugnancia, teve de sujeitar-se ao preceito da obediencia, que o fez receber a Sagrada Ordem de Presbytero; e o primeiro fructo deste seu ministerio foi ganhar para Jesu Christo a um seu irmão, chamado Tito, que viera participar-lhe a funesta noticia da lamentavel ruina, que fizerão os sarracenos na sua patria; porque a simples indifferença com que ouvio Nicoláo aquella desgraça, e as suas fraternas admoestações sobre a vaidade das cousas do mundo, fizerão tal impressão no animo de Tito, que se resolveo a deixar tudo, e ficar logo monge naquelle mosteiro.

Sublevou-se neste tempo contra a Igreja uma cruel perseguição, que muito servio para mais provar a virtude no nosso Santo. Leão Armeno, que usurpára o Imperio a Miguel I, seu legitimo Soberano, resolvendo-se a declarar guerra contra o culto das sagradas Imagens, procurou attrahir ao seu partido os Bispos, e principaes Abbades dos mosteiros, para cujo effeito os mandou vir á côrte.

A virtuosa liberdade, com que São Theodoro, Abbade do mosteiro do Estudo se oppoz ás impias intenções daquelle Principe, respondendo animosamente aos seus vãos discursos, foi recompensada com o desterro; e o nosso Nicoláo quiz acompanhar ao santo Abbade para o servir no que podesse, e aproveitar-se ao mesmo passo dos seus exemplos, e sabios conselhos. Chegando, pois, ao castello de Masope, que era o logar do seu degredo, forão mettidos em um tenebroso carcere, aonde supportárão com admiravel paciencia os mais duros tratamentos.

Vendo então os crueis executores que elles perseveravão constantes no seu bom proposito, depois de passarem um anno naquelle penoso logar, os extrahírão para os açoutarem com flagellos de nervos retorcidos, com que ficárão lastimosamente dilacerados: depois disto os encerrárão novamente na mesma prisão, para alli perecerem de fome, sêde, e frio entre as dôres das suas feridas.

Mas passado pouco tempo, e transferidos daquella prisão para o castello de Bonito, alli os foi procurar um Ministro do Imperador, afim de saber delles se forão authores de uma carta, na qual se fallava contra as pertenções do Principe sobre o culto das sagradas Imagens? E respondendo elles livremente, que a tal carta era obra sua, e que Nicoláo a escrevêra, o Ministro sem mais demora, mandando-lhe depôr a Nicoláo os vestidos, o fez açoutar cruelmente suspenso no ar por grande espaço, sem elle se queixar, nem dar o menor indicio de alguma dôr; e outro tanto se praticou com o santo Abbade Theodoro, que tambem se portou com igual constancia.

Irritado então o Ministro pelo generoso valor dos dous Servos de Deos, mandou que assim despidos como estavão, e cubertos de sangue, ficassem expostos aos rigores do frio, alli grandissimo, no meio do inverno; e porque elles ainda supportárão este tormento, forão novamente conduzidos á prisão, aonde, por obra de algumas pessoas caritativas, curando-se-lhes as chagas, pouco a pouco, contra toda a esperança, perfeitamente sarárão.

Neste penoso carcere estiverão os dous Santos retirados pelo espaço de tres annos, soffrendo fome, sêde, frio, nudez, e outros mais descommodos; e como se fosse tudo isto pouco, os transportárão para outra prisão na Cidade de Smyrna, aonde igualmente os açoutárão com incrivel fereza; e deixando-os ligados pelos pés a um madeiro, assim ficárão nada menos de vinte mezes, fazendo-os padecer de quando em quando atrocidades cruelissimas; mas por virtude da divina Graça, mantendo-se firmes na sua santa resolução de não abandonarem a Catholica verdade, ficárão victoriosos de todos os tormentos.

Finalmente, passados sete annos em um continuado martyrio, forão postos os dous Santos em liberdade por ordem do Imperador Miguel Balbo, que no anno 820 succedêra no Imperio do Oriente ao impio Leão Armeno, morto pelo mesmo Miguel na noite de Natal; e demorando-se elles pouco tempo no seu mosteiro do Estudo, passárão a viver em uma Ilha deserta, pouco distante da Calcedonia, aonde o nosso Nicoláo teve a justa magoa de lhe morrer o seu amavel companheiro, e mestre S. Theodoro.

Não pôde o nosso Santo ficar naquella Ilha, como quizera, para passar alli em serviço de Deos o restante da sua vida, porque uma nova perseguição, excitada contra á Igreja pelo Imperador Theofilo, que succedeo no throno a Miguel seu pai no anno 829, o fez andar fugitivo de um logar para outro, até que uma nobre, e pia matrona o recolheo em uma sua casa de campo proxima á côrte de Constantinopla, aonde se conservou occulto, e todo applicado aos exercicios da mais exacta perfeição Christã até o anno 842, em o qual, com a morte do Imperador Theofilo, teve fim a perseguição.

Bem quizera S. Nicoláo permanecer ainda naquelle logar (como fez por algum tempo) satisfazendo-se com visitar de quando em quando os seus monges do mosteiro do Estudo; porém, fallecendo no anno 848 o Beato Naucracio, Abbade daquelle mosteiro, quizerão os monges em todos os modos que entrasse Nicoláo no mesmo emprego; e o Santo (ainda que com grande repugnancia) o acceitou, e administrou santissimamente pelo espaço de tres annos.

Depois dos quaes, desgostoso de ver-se em um posto, que o fazia superior aos outros, quando elle desejava ser o ultimo, renunciou, e commetteo o officio a um santo monge, por nome Sofronio, na presença de Santo Ignacio, Patriarcha de Constantinopla, e retirou-se para a sua amada solidão de Firmopoli, aonde estava o hospicio, que lhe concedêra a referida matrona.

Passados alli quatro annos, e morrendo então o Abbade Sofronio, vio-se Nicoláo obrigado pelas supplicas, e lagrimas dos monges a tomar novamente o governo do seu mosteiro; o que lhe foi causa de maiores afflicções, e penalidades, porquanto Miguel III, que já estava em idade de poder administrar o Imperio por si mesmo, associou para o governo a Bardas, seu tio materno, homem tão depravado, e escandaloso, que julgou Santo Ignacio Patriarcha o devia excommungar como réo de publico incesto.

Por este facto foi o Santo Patriarcha desterrado da sua Sé, e intruso em seu logar o maligno Phocio, cujas violencias, e injustiças causárão tanto horror a Nicoláo, que para não ver-se obrigado a communicar com elle, fugio com Tito seu irmão do mosteiro do Estudo, e se retirou para certo hospicio, pertencente ao mesmo mosteiro, situado na Bithinia, não longe de Nicomedia.

Então a repentina fuga de um personagem tão acreditado, e venerado na côrte, fez grande impressão no animo do povo, julgando-a cada qual como uma solemne reprovação do que obrára o Imperador para com o Patriarcha Ignacio; e reconhecendo o mesmo Principe, e Bardas seu tio, quanto lhes era damnoso terem por contrario a S. Nicoláo, forão pessoalmente procurallo ao seu retiro, afim de lhe ganharem a vontade, com que houvesse de seguir o seu partido; porém tudo lhes sahio em vão, porque o Santo persistio sempre nos seus primeiros sentimentos; e até na mesma presença de Bardas

lhe censurou livremente os seus máos costumes.

Vingárão-se então aquelles Principes, ao partirem de Nicomedia, não só com prohibirem que alli se demorasse Nicoláo, senão tambem com decretarem, que de nenhum modo fosse recebido em qualquer logar dependente do mosteiro do Estudo; e assim partindo o Santo daquelle sitio, vio-se precisado a divagar fugitivo, até que um bom Fidalgo, chamado Samuel, movido a compaixão para com este veneravel Peregrino, lhe comprou uma pequena casa na mesma côrte, para nella viver occulto.

E chegando esta noticia aos seus tres inimigos, Imperador, Bardas, e Phocio, procurárão por todos os meios adduzillo ao seu partido; porém elle, fugindo de noite, conservou-se escondido em varios logares, até fixar a sua residencia na Ilha de Chersonezo na Thracia, donde, passados dous annos, foi extrahido por ordem do Imperador, que o fez encerrar em uma dura prisão no seu mesmo mosteiro do Estudo, ligado de pés, e mãos pelo espaço de dous annos inteiros.

E succedendo depois no anno 867 a desgraçada morte do Imperador, e de Bardas, como o mesmo Santo havia vaticinado, o Imperador Basilio, que succedeo a Miguel, o pôz em liberdade, restituindo tambem a Santo Ignacio á sua cadeira patriarchal, e desterrando ao ímpio Phocio; e não satisfeito ainda o novo Principe com livrar a S. Nicoláo da injusta, e penosa prisão, o constrangeo, apesar dos seus muitos annos, e não poucas enfermidades, a entrar terceira vez no governo do seu mosteiro do Estudo, aonde os seus monges o recebêrão como a seu antigo pai, e como um illustre Confessor, que ainda trazia no seu corpo as cicatrizes das chagas, que padecêra en defensa da justiça, e da verdade.

Quiz então o Senhor fazer mais gloriosos os combates deste seu servo, obrando por seu meio muitos milagres; mas por mais estrondosos que forão aquelles prodigios, não igualárão aos effeitos maravilhosos da sua paciencia, que servírão sempre da maior edificação a toda a Igreja. Morreo elle em paz na idade de 78 annos em o dia 14 de fevereiro do anno 868.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Aprendâmos, pelo exemplo deste Santo, que a verdadeira gloria de um Christão consiste em padecer com Jesu Christo muitos, e grandes trabalhos por amor da justiça, e verdade. Assim, pois, todo o que deseja devéras servir a Deos, e viver com piedade, prepare-se (diz o Apostolo S. Paulo) para ser por um, ou outro modo perseguido.

E para não perdermos o animo por este motivo, conservemos fixo na mente, e no coração o dito do mesmo Apostolo — que os trabalhos deste mundo são ligeiros, e momentaneos em comparação da immensa gloria, que Deos tem preparada no Ceo para aquelles que até o fim da vida houverem combatido, e padecido por seu amor.

MARÇO — 4.

DE

S. CASIMIRO, PRINCIPE DE POLONIA.

NO SECULO XV.

A sua vida, escripta fielmente por ordem do Summo Pontifice Leão X, existe na grande obra dos Bollandistas neste dia 4 de março.

As riquezas, honras, e commodidades da presente vida, para o homem naturalmente inclinado ao amor das cousas sensiveis, costumão ser impedimentos, que difficultão a salvação eterna; porém Deos quiz mostrar que o que parece impossivel ao homem, se lhe faz possivel, e facil com a sua Graça, a qual basta para vencer toda a sorte de obstaculos; fazendo observar a muitos Santos uma vida innocente no meio das enganosas lisonjas do seculo. Tal foi S. Casimiro, cuja memoria celebra a Igreja neste dia.

Casimiro III, Rei de Polonia, e Grão-Duque de Lithuania, teve de Isabel d'Austria, filha do Imperador Alberto II, Rei de Hungria, e de Boemia, treze filhos; o terceiro dos quaes (denominado tambem Casimiro, como seu pai) veio á luz do mundo no dia 5 de outubro do anno 1456; e pelo cuidado da Rainha sua mãi foi logo desde a infancia instruido na piedade.

Para este effeito deo-lhe por mestre a João Dlugoff, cognominado *Longino*, varão de um merito singular, de uma das mais illustres familias do Reino, e que recebêra do Ceo um particular dom para ensinar; porque, além da sciencia, e da piedade, tratava com tanto amor aos discipulos, que o maior cui-

dado com que elles se applicavão ao estudo, e á virtude, era pelo grande affecto, que tinhão todos a um tão bom mestre.

Porém nenhum fez tantos progressos, principalmente na virtude, como Casimiro, que desde os seus primeiros annos se mostrou tão penetrado do santo temor de Deos, que tinha o maior horror até das culpas leves; e quanto elle se mostrava indifferente para todas as cousas de terra, outro tanto, e muito mais era ancioso de ajuntar um rico thesouro no Ceo, aonde não podem os ladrões roubar as nossas riquezas, nem causar-nos algum damno os nossos inimigos.

Procurava, pois, Casimiro conservar para este fim immaculada a pureza do corpo, e alma, fazendo continua violencia a si mesmo, mortificando a propria carne com frequentes jejuns, dormindo muitas vezes sobre a nua terra, e praticando outros exercicios de penitencia, cingido sempre com asperrimos cilicios, sem a menor attenção á sua compleição delicada.

Além disto frequentava muito a oração, que é o canal ordinario por onde nos dimanão as divinas Beneficencias. Levantava-se de modo ordinario pela meia noite, e prostrando-se por terra derramava o seu coração na presença de Deos em longas, e fervorosas orações: assistia aos Officios divinos com tal recolhimento, e compostura, que admirava, e edificava a todos.

Uma grande parte das suas orações era occupada em meditar as verdades da Escriptura santa, e nos Mysterios da Paixão, e Morte de Jesu Christo, sentindo uma tão doce ternura a este respeito, que bastava ouvir fallar sobre as dôres, que por nós padecêra o Filho de Deos, ou sobre o excesso de amor, que o fizera victima pelos nossos peccados, e o induzíra a perpetuar este sacrificio em os nossos altares; bastava, digo, qualquer destas reflexões para não poder conter as lagrimas, e varias vezes sahia fóra de si por tal modo, que chegava a perder os sentidos.

Era tambem summamente devoto da Santissima Virgem, a cujo patrocinio recorria sempre para obter do Ceo alguma Graça; e sobre tudo, procurava imitar a sua pureza, e todas as mais virtudes desta Rainha dos Anjos; e todos estes exercicios de piedade praticava Casimiro sem affectação, e sem faltar á decencia, que pedia a grandeza da sua casa, e das pessoas, com quem tratava, como quem não ignorava que os actos da decencia politica, e Christã tambem são fructos da caridade.

Todos os seus discursos sempre se dirigião a cousas serias, e ordinariamente a materias de piedade. Nunca se lhe ouvio dizer mal do seu proximo, nem tão pouco proferir palavras inuteis. Cuidava muito no bom procedimento dos seus domesticos, e quando os reprehendia pelos seus defeitos, o fazia sempre com tal mansidão, e doçura, que era raro o que se não emendava; mas se algum persistia em desprezar os seus avisos, e continuar os máos procedimentos, o expulsava não só de casa mas tambem da côrte.

No seu animo pio achavão tão prompto remedio todos os necessitados, que com razão lhe davão os gloriosos nomes de *Pai dos pobres, Tutor dos orfãos, e Protector das viuvas;* e estava tão cheio de conhecimento, e gratidão para com a bondade de um Deos, que se entregou á morte pela salvação dos homens, que se julgava quasi obrigado a dar quanto possuia, e ainda a sua mesma pessoa, para alliviar as miserias dos pobres, que erão figura de Jesu Christo, reduzido por nosso amor a uma extrema indigencia.

Elle exhortava ao Rei seu pai para o governo dos seus vassallos, segundo as leis da justiça; e se talvez nesta parte lhe reconhecia alguma omissão, não deixava de o advertir, mas sempre com o devido respeito de um reverente filho; e como o pai reconhecia nelle, sobre a inteireza de um animo recto, um grande fundo, e penetração de juizo, com muito gosto o attendia; e no governo dos proprios Estados seguia sem repugnancia os seus conselhos.

Ora um Principe com taes qualidades sería certamente a felicidade dos povos, quando subisse ao throno, a que a divina Providencia, como parece, anticipadamente o chamava; porque os hungaros, mal satisfeitos com o governo do seu Rei Mathias Corvino, sacodírão o jugo, e expedírão Deputados ao Rei de Polonia, pedindo-lhe a Casimiro seu filho (que já tinha quinze annos) afim de o acclamarem por seu Soberano.

Acceitou o Rei a proposta; e logo no anno de 1471 expedio para a Hungria um exercito de quinze mil homens com o seu filho Casimiro; mas a irresolução deste Principe, e a frouxidão da sua marcha (talvez por entrar em duvida sobre o seu direito áquella coroa) derão logar a Mathias Corvino para reconciliar-se com a nobreza hungara, e oppor um corpo de dezeseis mil homens para resistirem aos polacos.

Vendo então Casimiro, depois de haver entrado na Hungria, que nenhum dos principaes Senhores, que o havião convidado, o procuravão para unir-se com elle, julgou que estava frustrada a empreza, e suspendeo a marcha das tropas até receber as ordens de seu pai nas presentes circumstancias; e succedendo no mesmo tempo mandar o Papa Sixto IV (que favorecia a causa de Mathias Corvino) uma embaixada ao Rei de Polonia, para representar-lhe a injustiça, que se praticava com o legitimo possuidor da coroa de Hungria, ouvindo o Rei esta allegação, e vendo tambem uma grande indifferença em seu filho a este respeito, ordenou que voltasse para Polonia.

Ora um tal successo, que a qualquer outro causaria desgosto, motivou um grande prazer ao vir-

tuoso Casimiro, que, reconhecendo os muitos perigos, que encontra a salvação na posse das honras, e grandezas do seculo, quando outros as desejão, elle mais prudente as temia. Assim, pois, em vez de tornar em direitura para a côrte, ficou por alguns mezes no castello de Dobzki, afim de expiar com a penitencia naquelle retiro alguma culpa, que na proxima empreza podesse haver commettido.

Ainda Casimiro sobreviveo doze annos, que empregou todos em obras santas, como fica dito; e sobrevindo-lhe depois uma molestia de tal natureza, que julgárão os medicos lhe serviria só de remedio o sacrificar-se a virgindade, que até então conservára illeza, todos os familiares se unírão aos medicos para obterem do virtuoso Principe, que admittisse o remedio proposto, como unico meio para livrar da morte; porém Casimiro, estimando muito mais do que a temporal vida o preciosissimo thesouro da castidade, quiz antes morrer do que faltar á sua santa resolução.

Crescendo, pois, o mal até o ultimo ponto, recebeo os santos Sacramentos com grande devoção, e presença de espirito, e pouco depois com uma morte preciosa aos olhos de Deos, falleceo este Martyr da castidade na bella flor dos seus annos em o dia 4 de março de 1484; e o seu corpo foi sepultado na Igreja do castello de Vilna, debaixo do altar da Santissima Virgem, a quem sempre honrava, como especial Protectora da sua virginal pureza.

Forão sem numero os milagres que Deos obrou para attestar a santidade deste seu Servo, cujo corpo, passados já cento e vinte annos, se achou incorrupto, como tambem os seus vestidos; e ao abrir-se a tumba, se derramou uma suavissima fragrancia por toda a Igreja, que durou tres dias, mostrando Deos por este modo quanto neste religioso Principe lhe fôra grata a sua perfeita castidade entre as mais virtudes.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A Graça especial, que Deos concedeo a S. Casimiro de conservar a castidade á custa da propria vida, elle a mereceo mediante a fidelidade com que sempre fugio de toda a occasião, em que podesse perigar aquella especiosa virtude, e com que mortificou a propria carne, frequentou a oração, e praticou a devoção sincera para com a Santissima Virgem Maria.

Em vão, pois, se persuade qualquer de poder conservar este rico thesouro, mettido em um vaso tão fragil, senão observa aquelles meios, que praticou o nosso Santo; porque ninguem póde ser continente, senão por Graça de Deos, *se diz no Livro da Sabedoria; e um tal dom só se concede a quem com instancia o supplica, e se porta diligente em o guardar com toda a vigilancia, que merece uma tão excellente virtude.*

MARÇO — 5.

DE

S. MACEDONIO, EREMITA.

EM 18 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV, E V.

De Theodoreto no seu Philotheo, cap. XIII. De S. João Chrysostomo no Tom. I, Homil. 17, *e de Tillem. no Tom. XII das Memorias Ecclesiasticas.*

É celebrado na Historia Ecclesiastica o nome de S. Macedonio, que no seculo quarto, e principio do quinto foi objecto de admiração a toda a Syria, não pelo seu nascimento, dignidade, ou sciencia (porque elle nasceo de pais pobres no campo, e não tinha letras, nem outra qualidade natural, que o fizesse amavel ás gentes) senão pelas suas singulares virtudes, extraordinarias penitencias, e dons sobrenaturaes, com que Deos o quiz enriquecer, por onde mereceo os elogios de S. João Chrysostomo, e de Theodoreto, que o tratou familiarmente, e nos deixou copiadas as suas acções maravilhosas.

No anno 360 retirou-se Macedonio para as fragosas montanhas proximas á Cidade de Antioquia, e pelo espaço de setenta annos alli viveo separado do mundo, e applicado unicamente aos exercicios da oração, e penitencia, ora em um logar, ora em outro, por entre as grutas daquelles montes, afim de esconder-se aos olhos dos homens, e evitar todo o perigo de ostentação, e vangloria. O seu alimento

por todo o espaço de quarenta e cinco annos foi sómente uma pequena porção de cevada, posta de molho cada dia; e só depois que chegou á idade de setenta annos começou a comer um pouco de pão, e habitar em uma pobre cabana, por causa das suas molestias.

Encontrando-o uma vez um homem nobre, que andava á caça por aquelles montes, e admirando a vida solitaria deste Servo de Deos, lhe perguntou pelo que fazia, ou em que se occupava naquelle deserto? Ao que respondeo Macedonio: *Eu ando á caça do meu Deos, como tu andas no alcance das feras. Tu procuras animaes ferozes, e eu corro para o meo Deos, afim de o contemplar, até o chegar a ver, e possuir: esta é a minha caça, e occupação quotidiana.*

Mas ainda que Macedonio queria viver solitario, e sempre remoto do mundo, a caridade do proximo o moveo uma vez a descer dos montes, aonde residia, e passar á Cidade de Antioquia, para consolar, e soccorrer aquelle povo, que se achava na maior afflicção, e proximo perigo de ver toda a Cidade mettida a saque, e inteiramente arruinada. Foi o caso.

No anno 387 impoz o Imperador Theodosio um tributo extraordinario por causa de algumas urgentes necessidades do Imperio; mas o povo de Antioquia, soblevando-se contra os executores daquelle tributo, passou a lançar por terra as estatuas do mesmo Imperio, e da piissima Imperatriz Flacilla, já defuncta, e arrastando-as por todas as ruas, as fez depois em pedaços; pelo que fortemente indignado o Imperador, mandou logo dous Capitães com um bom numero de tropas, para haverem de executar uma severa vingança; e corria voz de trazerem ordem, não só para punir de morte aos culpados, senão tambem para arrazarem de todo aquella nobilissima Cidade, capital do Oriente.

Levada, pois, a Macedonio esta funesta noticia, elle sem mais demora dirigio-se a Antioquia para valer a seus irmãos; e encontrando no meio da Cidade aos dous Capitães sobreditos, animado elle com o poder, e valor, que o Ceo lhe concedêra, se lhe pôz diante, e lhes disse: *Apeai-vos, porque tenho de fallar comvosco;* o que elles ouvindo pela boca de um velho pobremente vestido, estavão resolutos a castigallo; mas dizendo-se-lhes, que era Macedonio o que assim lhes fallava, apeárão-se logo, e com grande reverencia o abraçárão, offerecendo-se promptos para attentamente o ouvirem; e o veneravel Macedonio, usando daquella facundia, de que estava cheio o seu espirito, lhes fallou desta maneira:

Escrevei ao Imperador, que lembrando-se de ser homem, não attenda sómente á sua imperial authoridade, senão tambem á sua propria natureza, em nada maior que a de qualquer racional individuo; e que portanto, como homem, ainda que Imperador, deve usar de clemencia para com os outros homens seus vassallos, abstendo-se de toda a crueldade, se não quizer provocar contra si a ira do supremo Senhor.

Que considere tambem, que todo o homem, como obra das mãos de Deos, é formado á sua Imagem, e divina similhança, e que elle Imperador, com todo o seu poder, não é capaz de formar um só cabello dos que fossem mortos por seu mandado; e pelo contrario, como as estatuas de bronze se podem fundir repetidas vezes, em logar daquellas que forão destruidas, se podem formar outras novas; e que assim não queira arruinar as imagens vivas com a excessiva vingança da injuria que se fez a umas estatuas inanimadas.

Fazei, pois, saber ao Imperador estas cousas, e suspendei toda a execução, até que venha a sua resposta.

Ouvírão os dous Capitães com o devido respeito ao Servo de Deos; e aquelle seu modo de fallar lhes fez tanto maior impressão, quanto elles julgavão, e justamente se persuadião, de que o espirito do Senhor era o que dirigia, e lhes formava na boca as mesmas palavras. Avisárão, pois, ao Imperador o que se passára naquelle encontro, o qual, como era pio, e tinha grande veneração para com os Servos de Deos, concedeo promptamente o benigno perdão, que se desejava.

Restabelecida a paz, e segurança na Cidade de Antioquia, voltou S. Macedonio para o seu deserto; mas o Patriarcha S. Flaviano, querendo elevar ao sacerdocio um Varão de tanto merito, o chamou a Constantinopla debaixo de outro pretexto; e chamando-o a si no tempo, em que celebrava a Missa, lhe impoz as mãos, e o ordenou Sacerdote, sem elle saber, pela sua grande simplicidade, o que alli se obrava a respeito da sua pessoa.

E quando depois se lhe disse, que fôra ordenado Sacerdote, concebeo um grande desprazer contra o Patriarcha, e Ministros da Igreja que alli se achavão, discorrendo, que com aquella ordenação o querião privar do seu retiro, obrigando-o a viver na Cidade: tornou, pois, para o seu deserto, e passado algum tempo mandando-lhe dizer o Patriarcha, que sería melhor deixar o retiro, e vir para a Cidade, respondeo, que não queria expor-se novamente ao perigo de ser ordenado Sacerdote, por não saber que uma vez feita a ordenação, não se podia reiterar.

A muitos parecerão estranhas, e irregulares estas noticias; porém Theodoreto, que as refere, protesta que o faz, para que se veja a summa simplicidade deste grande Santo, a qual o formou tão grato a Deos, como se vio nos muitos milagres, que ainda em vida se dignou de obrar pela sua intercessão, referindo particularmente por coroa de todos o que praticou com sua mãi, conseguindo-lhe a fecundidade depois de ser esteril por muitos annos.

Não desejava aquella virtuosa matrona ter fi-

lhos, reconhecendo ser esta a vontade de Deos, com a qual resignadamente se conformava; mas o seu marido tinha grande pena de ver sem successão a sua casa, e supposto que recorrêra a muitos servos de Deos, nunca obtivera a pertendida Graça; recommendou-se, pois, por ultimo a S. Macedonio, o qual lhe deo logo a certeza, de que sua mulher conceberia; mas passando depois tres annos, sem se verificar a promessa, recorreo novamente ao Santo, e elle declarando-se mais, lhe disse, que certamente teria um filho, com tanto qne promettessem os dous consortes consagrallo ao serviço de Deos, como fizerão.

Com effeito não tardou muito em conceber a venturosa matrona, e cahindo no seu quinto mez mortalmente enferma, o Santo a foi visitar, e assim que entrou no seu aposento, lhe disse logo; *Está de bom animo, e fica na certeza, de que parirás um filho, com tanto que estejas pelo que prometteste de o consagrar ao Senhor.* Benzeo depois uma pouca porção de agua, e dando-lh'a a beber, logo ficou livre do mal, e de todo o perigo.

Este filho, que a seu tempo sahio felizmente á luz, foi o mesmo Theodoreto, e por isso ás orações de Macedonio é devedora a Santa Igreja deste grande homem, que pela doutrina, e piedade, foi um dos seus principaes ornamentos no quinto seculo; e elle procurava depois frequentemente a Macedonio, de quem recebia saudaveis instrucções, e utilissimas advertencias para se portar fielmente nos caminhos do Senhor.

Apesar das suas rigorosas austeridades chegou S. Macedonio a uma extrema velhice, e se crê que passou para a gloriosa immortalidade no anno 430, tendo de idade pouco menos de cem annos: foi sepultado com grande honra na Igreja denominada dos Martyres em Antioquia, para onde foi conduzido aos hombros das pessoas mais sublimes em nobreza, e dignidade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Muitos são os que se enganão, quando julgão, que prolongão a vida, nutrindo delicadamente os seus corpos, e concedendo á sua carne as satisfações, que deseja; pois aqui temos um Santo, que chegou a tão alta idade, observando uma vida durissima, e praticando austeridades, e penitencias mais admiraveis que imitaveis; e o mesmo se póde ver em outros innumeraveis solitarios, que vivêrão entre asperrimos rigores pelo decurso de largos annos.

O certo é, como se diz no Proverbio antigo, que a muitos mais tem morto a gula, do que a espada; *e o que mais, e unicamente importa, vem a ser, que as intemperanças no alimento, aggravão a alma, e fazendo-a inepta para a oração, e outros exercicios espirituaes, não poucas vezes a privão da sua vida verdadeira, que é a Graça de Deos.*

MARÇO — 6.

DA

BEATA COLETA, VIRGEM,

DA TERCEIRA ORDEM SERAFICA.

NO SECULO XV.

Pedro dos Valles, que foi por muitos annos Confessor desta Serva de Deos, escreveo diffusamente a sua vida no idioma francez, que traduzio depois em latim Estevão Juliaco, como se acha na obra dos Bollandistas no presente dia, em que a celebra toda a Ordem Franciscana.

A Beata Coleta, celebre pela sua santidade insigne, e pela reforma que introduzio na ordem de Santa Clara, nasceo no anno de 1380 em Corbeja Picardia, de baixos, e pobres pais quanto ao mundo, mas de muita piedade, e recommendaveis aos olhos de Deos. Derão-lhe no baptismo o nome de *Nicola*, que depois o uso commum mudou no de *Coleta*, por ser de estatura pequena.

Seu pai, Roberto Boelet, exercitava o officio de lavrar, ou serrar madeira, e sua mãi Margarida era quasi sexagenaria qnando deo á luz esta sua unica filha, que ella educou no santo temor de Deos, e lhe instillou desde a infancia uma terna devoção para com a Paixão do Salvador, e para com sua Mãi Santissima, que depois conservou, e augmentou sempre em todo o curso da sua vida.

Desde a idade de quatro annos mostrou Coleta uma grande inclinação para as cousas de Deos, e especialmente para a oração, buscando para estes exercicios logares solitarios, em vez de entreter-se

com as outras meninas; e o Senhor lhe inspirou o maior aborrecimento a todas as vaidades, e adornos femininos com um singular amor á pureza, de que foi tão zelosa, que não podia soffrer qualquer palavra menos honesta, nem ainda o ser vista de proposito por pessoas de outro sexo.

E vendo ella, que a belleza extraordinaria do seu rosto attrahia os olhos das gentes, concebeo tanto pezar por este motivo, que rogou instantemente ao Senhor com muitas lagrimas, orações, e penitencias para que a desfigurasse de modo, que viesse a perder todo o agrado; o que por fim veio a conseguir, ficando pallida, e macerada em todo o tempo da sua vida; mas com ser tão sollicita em mortificar o seu corpo, que tinha de reduzir-se em pó, cuidava muito mais em adornar o seu espirito com as flores das virtudes, para fazer-se digna Esposa de Jesu Chrtsto, extremoso amante das almas puras, e castas.

Coleta em quanto vivêrão seus pais exercitava-se na propria casa em toda a sorte de boas obras: todo o tempo, que lhe sobejava do trabalho nas occupações domesticas empregava na oração, na lição de livros espirituaes, e em santas meditações, particularmente na vida de Jesu Christo, e nos adoraveis Mysterios da sua Paixão; e nos dias de festa duplicava estes exercicios, preparando-se por este modo para a sagrada Communhão do alimento Eucharistico, donde recebia sempre novas forças, para continuar na pratica das santas virtudes.

Visitava os enfermos, servindo-os no que podia, e animando-os nas suas molestias, para que soffressem com paciencia, e interior alegria, com que lhes fosse maior o seu merito; e outras vezes congregando algumas meninas, as instruia sobre as virtudes proprias do seu estado, especialmente sobre o amor de Deos, e desprezo das vaidades do mundo; e tal era o fervor de espirito, e tão vigorosas as palavras da Santa nestas espirituaes conferencias, que penetrado os corações daquellas pupillas, muitas consagrárão a Deos a sua virgindade, e outras que depois se casárão, attendêrão sempre a santificar as suas almas, e as das suas familias.

Mortos seus pais, procurou Coleta separar-se do mundo, recolhendo-se a um mosteiro para melhor exercitar-se na perfeição evangelica; e com esta intenção entrou em um convento de Religiosas de Santa Clara, chamadas *Urbanas*, pelo nome do Pontifice Urbano IV, que mitigou a regra da Santa Fundadora, e lhe concedeo a faculdade de possuirem rendas.

Porém vendo ella que no tal mosteiro não reinava a piedade que antes presumia, nem se observava perfeitamente a regra, que alli se professava, procurou, por conselho do seu director, vestir o habito da Ordem Terceira de S. Francisco, que se chama da *Penitencia*, e abraçou a regra daquelle instituto, que não tem clausura, nem vinculo de votos, observando cada uma nas suas proprias casas os estatutos da mesma Ordem, que contém varios exercicios de piedade, e perfeição virtuosa.

Então Coleta, que amava sempre a solidão, e retiro, para viver escondida aos olhos do mundo, e se achava na idade de 23 annos, recolheo-se em uma pequena cella, que lhe concedeo o Abbade dos monges benedictinos de Corbeja; e alli, attendendo com o maior desvelo, a purificar o seu espirito, offerecia ao seu celeste Esposo um sacrificio continuo de louvor, e mortificação, com admiravel penitencia.

Ella trazia sempre sobre a nua carne um asperrimo cilicio, cingido, e apertado com uma cadeia de ferro de muitas voltas; dormia em terra sobre um feixe de vides, com uma pedra por cabeceira; passava a maior parte das noites em orações, e vigilias; o seu alimento era só pão, e agua, ajuntando-lhe alguma vez uma pequena porção de hervas, ou legumes; em summa, procurava esta Santa com mais anciosa iudustria affligir o seu corpo innocente, do que usão as pessoas mundanas para nutrir a sua carne peccadora.

O designio da Beata Coleta, era acabar os seus dias naquelle estado de separação do commercio do mundo, e da mais rigorosa penitencia; mas o Senhor, que a destinára para trabalhar na santificação de muitas almas, preparando-a para este effeito com a sua Graça, e dons celestes, fez-lhe conhecer, passados tres annos, que devia sahir para fóra, afim de communicar aos outros aquelle espirito, com que elle a enriquecêra.

Orando ella um dia, foi arrebatada em extasis, no qual se lhe representou a funesta situação de algumas Religiosas relaxadas, que faltavão á devida observancia dos seus votos, e estatutos, e se lhe mostrou tambem o rigor das penas, que na outra vida lhes estavão preparadas; e rompendo ella por uma tal vista em copiosas lagrimas, appareceo-lhe a Santissima Virgem com o Patriarcha S. Francisco, dando-lhe a entender, que devia procurar a reforma daquellas negligentes, e relaxadas Religiosas.

Desapparecida a visão, ficou a Santa muito afflicta, considerando por uma parte os formidaveis perigos, a que estavão expostas aquellas almas, e por outra no mesmo tempo julgando-se por sua humildade absolutamente inhabil para uma tão ardua empreza; mas aconselhando-se com o seu director, e fazendo muitas orações para este fim, veio a conhecer, que devia seguir a celeste inspiração, confiada sómente na Graça do Omnipotente Deos, que usa algumas vezes de fracos instrumentos para executar os grandes designios da sua Providencia sobre as suas creaturas.

Sahio, pois, a Beata Coleta da sua amada cellinha, e seguindo os conselhos do Padre Francisco de Balma, Religioso de S. Francisco, e Varão mui-

to illuminado, que era naquelle tempo seu director, foi á Cidade de Niza, aonde então residia o Cardial Pedro de Luna, que com o nome de Benedicto XIII era reconhecido por legitimo Pontifice no Reino de França, e por outras Nações, e até por alguns homens santos, como se diz na vida de S. Vicente Ferrer, até que o concilio de Constança declarou, e definio a controversia sobre o scisma, que entre os dous Pontifices dividia a Igreja Catholica.

Expondo, pois, Coleta a este Pontifice as suas intenções a respeito da reforma das reliquias de Santa Clara, e vencidas algumas difficuldades, obteve pleno poder para reformar aquelles mosteiros, que necessitassem de correcção, dando-lhe o Pontifice para este effeito o habito, e véo de Religiosa de Santa Clara, e constituindo-a Superiora Geral dos mesmos mosteiros, em que tambem consentio, e concorreo com a sua authoridade o Geral da Ordem de S. Francisco, que era um dos que seguião, e obedecião ao dito Papa Benedicto.

E assim munida com estas faculdades voltou a Beata Coleta para Corbeja, donde partio para outras Cidades, principiando por Bové, Amiens, Nojon, e París, afim de executar os seus santos designios, dirigidos ao bem espiritual das Religiosas de Santa Clara, apresentando-lhes o Breve Pontificio, e a authoridade, que lhe era nelle concedida; porém todas as suas diligencias por então se tornárão inuteis, porque em toda a parte foi rejeitada, e escarnecida, como presunçosa, frenetica, e visionaria.

Soffreo a Santa com invicta paciencia todas as contradicções, e calumnias, que se arrojárão contra a sua pessoa; e vendo ella a sublevação universal, que se lhe oppunha, julgou que por então devia ceder ao tempo; mas sem perder o animo, como quem não ignorava, que as obras do serviço de Deos sempre padecem contradicções; e portanto, com o conselho do seu director sahio do Reino de França, e passou a Saboia para casa de uma senhora, que era irmã do seu mesmo director.

Tocou então o Senhor os corações de muitas Religiosas de Santa Clara naquelle Reino para quererem abraçar a reforma proposta pela Beata Coleta; começando dalli em diante com grande edificação a observar as suas regras, votos, e estatutos. Imitárão logo as Religiosas de Borgonha o bom exemplo das de Saboia, e assim de mão em mão foi passando a reforma para outras Provincias de França, que por fim reconhecêrão a santidade singular de Coleta, e a recebêrão como Anjo da paz, que trazia a Benção do Senhor para o maior bem de tantas almas.

Além dos muitos mosteiros, que a Santa reformou, fundou tambem dezoito de novo, em que depois florecêrão todas as virtudes, especialmente a pobreza evangelica, que é o caracter distinctivo dos Religiosos de S. Francisco, e da sua discipula Santa Clara; e não sómente em França, senão tambem nos Paizes-baixos, na Alemanha, e por outras partes se propagou o instituto, e a reforma da Beata Coleta, e particularmente na Cidade de Gant em Brabante, aonde ella terminou felizmente o curso da sua vida.

Bem póde cada qual discorrer quantos trabalhos, e fadigas teria de padecer a Santa na introducção da reforma em tantos conventos de muitas Cidades, e Provincias, e não menos na fundação de outros mosteiros de novo instituidos; e muito mais soffrendo ella de modo ordinario não poucas enfermidades corporaes, fortissimas tentações, e continuas molestias do infernal inimigo, que ardia em furor, vendo sahir das suas garras um tão grande numero de almas, que elle retinha como escravas debaixo do seu tyranno poder.

Mas confortada a Santa pelo Senhor Omnipotente, em que ella collocava toda a sua confiança, supplantou todos os obstaculos, e triunfou de todas as opposições, que se lhe fizerão por parte dos homens, e do demonio com invencivel constancia, e grandeza de animo, acompanhada sempre de uma profunda humildade; e para este effeito o Senhor a condecorou com o dom de prophecia, e de milagres, que obrou em grande numero, referidos pelo escriptor da sua vida, que vivia naquelle tempo, e foi por muitos annos até á sua morte seu Confessor, e director de espirito.

Achando-se, pois, a Santa no mosteiro das Religiosas de Gant em o anno de 1447, teve um anticipado conhecimento da sua proxima morte, para a qual preparando-se logo com os actos das mais fervorosas virtudes, e especialmente de uma viva Fé, e animosa confiança nas Misericordias do Altissimo, e nos meritos do Divino Salvador, com a mais ardente caridade, depois de uma aguda molestia, supportada sempre com admiravel paciencia, e resignação, no dia 6 de março, tendo de idade 66 annos, rendeo o espirito ao seu Creador, que se dignou de illustrar o seu tumulo com muitos, e grandes prodigios.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Oh quanto é para desejar, que nas religiosas familias reine aquelle espirito de zêlo, que o Senhor inspirou a esta sua Serva, e concorreo para virtuosa perfeição de tantas almas! O estado religioso certamente é grato a Deos, por conter um perfeito sacrificio, e um inteiro holocausto, que a creatura faz de si mesma, e de todas as cousas ao seu Creador; mas de que serve o haver elegido este santo, e perfeito estado, a quem nada cuida em cumprir as obrigações a elle essencialmente annexas? Portanto, pois, qualquer que se acha livre para dispor da sua pessoa, antes de ligar-se com votos, pense maduramente, faça muitas orações a Deos, e aconse-lhe-se com pessoas illuminadas, para não expor

a maior perigo a sua salvação, tomando um pêso, e contrahindo uma obrigação tal, a que não haja de satisfazer.

E por outra parte, pondere tambem se na religião, que pertende abraçar, reina o espirito de observancia, que deve ter, quanto não, sería melhor imitar o exemplo da Beata Coleta, que não reparou em sahir do mosteiro, em que entrára, por ver que alli se não observavão as regras, e constituições do seu proprio instituto; como quem não ignorava a difficuldade summa, e os extraordinarios esforços, que são necessarios para não seguir a turba dos máos exemplos.

O estado religioso (dizia um varão douto, e pio) tem sua similhança com uma carroça de quatro rodas, que faz mais commodo, e facil o caminho direito para a Patria do Ceo, a que devemos todos aspirar; mas se a carroça estiver quebrada, e as rodas mal unidas, em vez de abbreviar, e facilitar a viagem, a fará, quando não impraticavel, muito mais difficultosa.

MARÇO — 7.

DE

S. THOMAZ DE AQUINO,

DOUTOR ANGELICO.

NO SECULO XIII.

Da vida do Santo, escripta por Bartholomeo de Luques, que foi algum tempo seu Confessor, e de outra, composta para a sua canonização por Guilherme de Tocco, Prior de Benevento.

Os Condes de Aquino em o Reino de Napoles trazião a sua origem de um Principe lombardo, e erão alliados com os Reis de Cicilia, de Aragão, e de França, e outros Soberanos da Europa, e o avô do nosso Santo teve por sua esposa uma irmã do Imperador Frederico I.

O pai de S. Thomaz foi Landulpho, Conde de Aquino, Senhor de Loreto, e de Belcastro, e Theodora sua mãi era filha do Conde de Chieti, da casa Caraccioli. O Santo nasceo no anno 1226, e se percebeo logo, que Deos o destinava para alguma cousa grande, porque a innocencia dos seus costumes, a serenidade do seu caracter, a sua modestia, e a sua doçura, tudo nelle annunciava, que a sua alma fôra prevenida com abundantes bençãos do Ceo.

Logo que elle chegou á idade de cinco annos, seu pai o entregou aos monges benedictinos do Monte cassino, para lhe darem os primeiros principios da Religião, e sciencias, e forão taes neste estudo os seus progressos, que admirados os mestres confessavão não terem encontrado outro discipulo, que annunciasse para o futuro iguaes talentos, nem mais felices disposições para a virtude.

Logo que Thomaz chegou aos seus dez annos, o Abbade de Monte Cassino aconselhou a seu pai, que sem mais demora o enviasse a alguma universidade para applicar-se aos estudos maiores; mas o Conde seu pai, quiz que passasse primeiro alguns mezes com sua mãi no castello do Loreto, aonde admirárão todos a sua modestia, piedade, e recolhimento; porque elle, todo occupado em Deos, fallava pouco, e repartia todo o seu tempo entre a oração, e o estudo, ou em outros exercicios tão serios, como uteis.

E vendo nelle a Condessa sua mãi tão preciosas qualidades, queria que alli na propria casa fosse continuando os seus estudos, para que não succedesse perigar a sua innocencia nas escolas publicas; mas o Conde, que não era deste parecer, quiz antes mandar seu filho a Napoles, aonde no anno 1224 se estabelecêra uma publica universidade provida de grandes mestres.

E conhecendo logo Thomaz a grande cautela, com que devia portar-se para evitar todo o espiritual perigo, não só se retirava de todas as más companhias, senão tambem quando os outros condiscipulos corrião para os divertimentos do mundo elle se recolhia em alguma Igreja para se entreter com Deos, ou no seu gabinete, para se applicar ao estudo.

O celebre Pedro Martin foi o seu mestre da rhetorica, e o curso de filosofia o teve na aula de Pedro de Hibernia, um dos mais sabios varões do seu seculo, e com tão grande aproveitamento, que causava admiração aos mesmos mestres; mas a sua applicação ao estudo nada lhe impedia o trabalhar

na perfeição do espirito: antes elle fazia sempre novos progressos na sciencia dos Santos pelo exercicio da oração, e pela pratica das boas obras, que a sua prudente humildade procurava occultar aos olhos dos homens.

Erão naquelle tempo os discipulos de S. Domingos (fallecido vinte e dous annos antes) um dos principaes ornamentos da Igreja pela sua eminente santidade, com um dos quaes, que estava cheio do do Espirito de Deos, praticou Thomaz familiarmente; e as instrucções que delle recebeo augmentárão o desprezo, que já tinha formado para com todas as cousas do mundo, accendendo-se ao mesmo passo cada vez mais em seu coração o sagrado fogo do amor divino.

Desgostado, pois, do seculo inteiramente Thomaz, firmou-se bem na resolução de seguir o ardente desejo que o estimulava para entrar na Ordem de S. Domingos; e por mais que o Conde seu pai se lhe oppoz com promessas, e ameaças para o remover de um tal designio, tudo foi inutil, porque o virtuoso mancebo (sabendo que a voz da carne, e sangue não deve ser attendida, quando a do Ceo se faz perceber) persistio firme na sua primeira resolução, e recebeo com effeito o santo habito em o anno de 1243, que era o decimo setimo da sua idade.

E chegando esta noticia á Condessa sua mãi, partio logo para Napoles, aonde Thomaz se achava noviço, determinada a fazer todo o esforço para o extrahir do convento, e o reconduzir ao mundo; mas prevendo os Padres dominicanos o perigo que poderia ter o seu noviço, se chegasse a ser combatido pelas persuasões da amorosa mãi, o enviárão secretamente para o convento de Santa Sabina na côrte de Roma.

O que sabido pela Condessa de Aquino, partio sem mais demora para a mesma côrte, com o premeditado intento; e vendo alli frustrada toda a sua esperança (porque já os Superiores tinhão enviado a Thomaz, acompanhado de quatro Religiosos, para continuar os seus estudos na universidade de París) ella grandemente irritada escreveo logo a dous filhos seus, que militavão no exercito do Imperador em Toscana, dando-lhes parte do que se passava, e ordenando-lhes, que a todo o custo aprehendessem o fugitivo irmão, e debaixo de uma boa escolta o fizessem voltar para a casa em que nascêra.

Executou-se pontualmente esta ordem, porque indo Thomaz na sua viagem, a tempo que descançava um pouco, junto a uma fonte nos suburbios de uma pequena Cidade situada sobre o rio Sena, e denominada *Agua pendente*, foi alli prêso por seus irmãos, os quaes, não o podendo induzir por algum modo a que largasse o habito religioso, o fizerão conduzir com segura guarda, assim vestido como estava, ao castello de Roca Sècca, aonde a mãi o mandou encerrar em uma camera do seu palacio, com expressa ordem de ninguem lhe poder fallar senão só suas irmãs.

Queixárão-se então deste facto os Padres dominicanos ao Summo Pontifice Innocencio IV, o qual escreveo logo ao Imperador para que houvesse de punir os irmãos de Thomaz, como aggressores daquella violencia; e elle assim o faria executar, se os mesmos Padres, por espirito de caridade evangelica, não suspendessem a instancia, e muito mais pela segurança que lhes dava a constancia do virtuoso noviço, o qual, sem embargo dos máos tratamentos, que recebia da mãi, e familiares da casa, persistia firme no seu bom proposito.

Pouco menos de dous annos esteve Thomaz encerrado no castello de Roca Sêcca, e tão longe de perder o animo, ou mudar de pensamento, que antes se confirmou, e estabeleceo mais na sua vocação, implorando sempre com fervorosas orações o auxilio do Senhor, de quem só esperava a luz, e a força, que naquella penosa situação lhe era necessaria, ocupando-se entretanto na frequente lição da Sagrada Escriptura, e no estudo da theologia pelo Mestre das Sentenças, livros que industriosamente lhe introduzírão os seus Padres.

E bem se vio nesta occasião quanto é efficaz a Palavra de Deos, valendo-se della o virtuoso Thomaz, não só para se defender de todos os assaltos dos seus inimigos, senão ainda para instillar a piedade no animo de suas irmãs, e principalmente na maior, de que a mãi se queria servir para o remover, porque ficou tão persuadida das verdades intimadas pelo irmão, que se resolveo para logo a deixar o mundo, e fazer-se Religiosa no mosteiro de Santa Maria de Capua, aonde viveo, e morreo santamente.

Não se podendo, pois, por modo algum fazer que Thomaz largasse o habito religioso, os irmãos, que tinhão vindo do exercito imperial, lh'o rasgárão, persuadindo-se, que elle por vergonha não quereria servir-se delle todo roto, como estava, e tomaria antes o vestido secular, que para isso lhe deixárão; mas enganárão-se, porque logo, concertando-o, como pôde, mostrou, vestindo-o sempre, a justa estimação que fazia delle.

Recorrêrão então aquelles impios a um detestavel artificio, de que só o demonio lhes podia suggerir o pensamento. Introduzírão-lhe na camera a meretriz de melhor parecer do Paiz, promettendo-lhe uma recompensa grande se chegasse a perverter aquelle mancebo, o qual, assustado pelo perigo, que podia ter a sua innocencia, implorou sollicito no seu coração o poderoso auxilio do Esposo das Virgens, e da Mãi da pureza; e armando-se logo com um tição acceso, correo contra aquella desgraçada, e a fez fugir a toda a pressa.

E formando logo na parede uma cruz com o mesmo tição, se pôz de joelhos, rendendo muitas graças a Deos pela victoria, que com a sua Graça

alcançára de tão perigoso inimigo, e pedindo-lhe juntamente com grande ardor o precioso dom de uma perfeita castidade. Ouvio o Senhor as fervorosas supplicas do seu humilde servo, e em recompensa da sua acção heroica lhe concedeo a Graça de nunca mais sentir, nem o mais leve estimulo de concupiscencia.

Tocou Deos no mesmo tempo o coração da mãi de modo, que, conhecendo ella o preço da perseverança do filho, ella mesma concorreo para que, posto em liberdade, fosse entregue aos seus Religiosos; os quaes, temendo ainda alguma nova perseguição por parte dos seus parentes, o enviárão a Roma, donde o seu Geral João Teutonico o conduzio logo a París, e depois o mandou estudar theologia na universidade de Colonia, debaixo da direcção do famoso Alberto Magno, tambem Religioso dominico.

Porém não se conhecêrão logo os grandes progressos, que fez Thomaz com as lições de um tal mestre, porque meditava muito, e fallava pouco; e com saber perfeitamente a materia de que se tratava, comtudo, para não dar accesso á soberba, e vaidade, continuava no seu silencio, e por isso os seus condiscipulos, que ignoravão este segredo, o tinhão por estupido, e insensato, dando-lhe por este motivo o nome de *Boi mudo*.

Succedeo então que um dos seus condiscipulos, estando com elle na cella, e propondo-lhe a duvida que tinha sobre certa questão difficultosa, Thomaz lh'a dissolveo, e explicou com tal clareza, que o Religioso ficou attonito; e rogando-lhe que dalli em diante lhe quizesse continuar a mesma graça, o Santo lh'o prometteo debaixo da condição de guardar segredo, porque temia mais o ser pelos homens louvado, e estimado, do que o ser por elles desprezado, e escarnecido.

Observou o companheiro por alguns dias o promettido silencio, mas por fim julgou-se obrigado em consciencia a dizer ao mestre dos estudantes, que aquelle, desprezado por todos como estupido, era um profundo thesouro de sabedoria; e querendo certificar-se o tal mestre a este respeito, procurou no dia seguinte um logar, donde, sem ser visto, podia perceber a conferencia que tinha Thomaz com o seu companheiro; e ficou tão altamente admirado, que foi logo informar do que presenciára ao grande Alberto, o qual, fazendo logo chegar Thomaz á sua presença, lhe mandou (para o dar melhor a conhecer) que se preparasse para no dia seguinte dissertar, e dissolver as duvidas de certa questão difficultosa.

Acceitou o Santo o proposto encargo, impellido pela sua fiel obediencia, apesar da sua grande humildade; mas antes de estudar a questão indicada, se foi pôr em oração, na qual gastou muita parte do tempo, como tinha por costume; e no dia seguinte, chegada a hora destinada, tratou elle a proposta materia com erudição, e doutrina toda propria de mestre, sem faltar á modestia conveniente a um discipulo.

E por mais subtis, e mais fortes argumentos, que lhe forão objectados, elle satisfez, e respondeo a tudo com tal, e tanta solidez, que admirado o grande Alberto, e prevendo para o futuro o que se devia esperar de um tão raro talento, disse em alta voz (alludindo ao nome, que lhe davão antes os seus condiscipulos:) *Espero que virá tempo, em que os mugidos deste Boi soarão por todo o mundo.*

Logo que Thomaz completou o seu curso de theologia em Colonia, foi mandado pelos seus Superiores a París, em cuja universidade ensinou aquella mesma sciencia, primeiro em qualidade de Bacharel, e pouco depois, como Doutor, titulo, e gráo, que com preferencia a outros mestres mais antigos, lhe conferio o Cancellario da universidade; porém todos estes signaes de honra, e o grande apreço que das suas lições se fazia, bem longe de o moverem a soberba, e vaidade, lhe causavão afflicção, e tristeza; de maneira, que se os Superiores lh'o permittissem, ficaria sempre em retiro, e silencio, como quem sinceramente se persuadia de que não era habil para algum emprego.

No decurso deste tempo compoz o Santo Doutor a maior parte das suas obras, verdadeiramente insignes, as quaes pelo todo se podem dividir em quatro classes, comprehendendo-se na primeira os Tratados da Filosofia, na segunda os da Theologia, na terceira os Commentarios sobre a Escriptura, e na quarta diversos Opusculos, em que se tratão, e se explicão varias materias.

Assim defendeo o Santo Doutor a Religião Catholica contra os judeos, e pagãos, e combateo o scisma dos gregos, e todos os erros, que no seu tempo se levantárão contra a Igreja; e a doutrina deste Santo nas materias theologicas (como tomada das purissimas fontes da Escriptura, tradição, e Santos Padres, especialmente de S. Agostinho) foi venerada sempre, e tanto estimada, que muitos Summos Pontifices a approvárão, como inconcussa, e segurissima.

Ora os importantes serviços, que S. Thomaz fez á Igreja, serião tambem recompensados na terra, se a sua humildade se não oppozesse com invencivel firmeza a toda a sorte de exaltação, ou temporal conveniencia; com effeito, o Summo Pontifice Clemente IV, que reconhecia, e estimava muito a virtude, e sciencia de Thomaz, lhe offereceo muitas dignidades ecclesiasticas, e avultados rendimentos, com faculdade de valer-se delles para soccorro da sua familia, que se achava expoliada pelas violencias do Imperador Frederico; porém nada foi bastante para o fazer sahir da sua pobreza, e do estado de simples Religioso.

Tal era a humildade deste grande Santo, e chegava a tão alto ponto, que até em cousas minimas se dava a conhecer, como succedeo, quando um dos

seus Religiosos, que o não conhecia, no convento em que se achava, ao viajar para Bolonha, o pedio por companheiro para andar pela Cidade: concedeo-lh'o o Prelado, parecendo-lhe que era outro o pedido, e elle, sem embargo da sua pouca saude, o foi logo seguindo; e censurando-lhe o tal Religioso a sua frouxidão em caminhar, o Santo humildemente se escusava com a debilidade, que lhe causavão as suas molestias.

Encontrando-o, pois, nesta fadiga alguns moradores da Cidade, e fazendo conhecer ao tal Religioso quem era aquelle que trazia por companheiro, lhe pedio logo o benigno perdão, allegando por desculpa a sua ignorancia: o que deo a Thomaz maior mortificação do que o trabalho antecedente; e fallando-se-lhe no convento sobre este successo, respondeo: *Sempre é glorioso a qualquer o sujeitar-se, a titulo de obediencia, a outro homem por amor de Deos, depois que o mesmo Deos, por nosso amor, se dignou de obedecer á vontade dos homens.*

Mas ainda que Thomaz sentia tão baixamente de si mesmo, que quizera na verdade ser por todos desconhecido, comtudo, os que o tratavão, e particularmente os Summos Pontifices, mostrárão sempre o grande apreço, e maior reputação, que formavão da sua pessoa, e da sua doutrina; e esta foi a causa porque o Papa Gregorio X, havendo convocado no anno de 1274 um concilio geral na Cidade de Leão, chamou para elle expressamente a S. Thomaz, attendendo á sua profunda sabedoria.

Achava-se então o Santo no fim do mez de janeiro daquelle anno em a côrte de Napoles, aonde fôra enviado pelos seus Superiores, a instancias do Rei Carlos; e com ser grande a sua debilidade, causada por um geral fastio, ainda assim se quiz pôr a caminho para o geral concilio, que tinha de principiar-se no primeiro dia do futuro mez de maio; mas augmentando-se-lhe o mal com os incommodos da viagem, e sobrevindo-lhe uma ardente febre, foi-lhe preciso parar no mosteiro de Fossa, celebre abbadia dos monges de Cister, por não haver naquellas vizinhanças algum convento da sua Ordem.

Entrou, pois, na Igreja para adorar o Santissimo Sacramento, segundo o seu costume, e passando logo ao claustro, disse ao P. Reinaldo seu companheiro: *Este é o logar do meu descanço.* Conduzírão-no depois os monges ao cubiculo do Abbade, onde esteve enfermo quasi um mez, e todos se julgavão por felices em o servir, e lhe fazer algum obsequio, venerando-o como a um Anjo vestido em um corpo mortal, ao verem a sua paciencia, a sua humildade, o seu recolhimento, e o seu fervor na oração, como se estivera em perfeita saude.

Rogárão-lhe então aquelles monges; que lhes explicasse o livro dos Canticos, como fizera S. Bernardo em similhante occasião; ao que elle respondeo: *Dai-me vós o espirito daquelle Santo Doutor, com o qual poderei fazer o que agora me pedis;* mas repetindo elles as suas instancias, o Santo lhes dictou uma breve exposição daquelle mysterioso livro, que foi precioso fructo de uma alma, que, correndo á fragrancia dos perfumes do celeste Esposo, deseja quebrar as cadeias da sua escravidão para ir gozar as delicias da eterna Patria.

E sentindo-se logo o nosso Santo com maior debilidade, recommendou-se ás orações dos assistentes, e lhes rogou, que o deixassem só com o Padre Reinaldo, para fazer novamente uma confissão geral de toda a sua vida; e supposto que não foi de culpas mortaes (porque nunca as commetteo, como attestou depois o referido Padre) ainda assim derramou muitas lagrimas, porquanto o seu grande amor para com Deos lhe representava os mais leves defeitos como consideraveis infidelidades.

Logo, pois, que o Santo Doutor recebeo a absolvição com todos os sentimentos de um perfeito penitente, pedio o sagrado Viatico; e em quanto o Abbade com os seus monges se preparavão para o conduzir, rogou o Santo aos assistentes, que lhe vestissem o habito, e o pozessem fóra do leito, para receber o Senhor com maior veneração, não obstante a debilidade extrema, em que se achava.

E assim que divisou nas mãos do Sacerdote a sacramentada Hostia prostrou-se humildemente por terra, fazendo muitos actos de Fé, e de adoração profunda com uma devoção tal, que a todos os presentes provocou a lagrimas; e depois de receber com a maior ternura o Sagrado Viatico não consentio que o reconduzissem á cama, sem concluir primeiro a sua acção de graças, em que gastou largo tempo.

Pedio, depois o Sacramento da Extrema-unção, em cujo acto respondeo por si mesmo distinctamente a todas as orações da Igreja, ficando depois em uma doce paz de espirito, que bem se dava a conhecer na serenidade do seu rosto; e observando elle as lagrimas, que a seu respeito derramavão os circumstantes, lhes disse para os consolar, que esperava a morte com alegria, por crer de certo que era para elle um grande lucro.

E expondo-lhe o Padre Reinaldo o pezar que tinha de o não ver triunfar dos inimigos da Igreja no concilio de Leão, e occupar depois um logar, em que podesse fazer os mais importantes serviços á mesma Igreja Catholica, respondeo elle com a sua humildade costumada: *Eu sempre pedi a Deos, que me conservasse neste mundo no proprio estado de simples Religioso; e agora que me chama para a sua gloria, lhe rendo como posso, as devidas graças, por me haver assim deferido.*

Voltou-se depois para o Abbade, e seus monges gratificando-lhes com o mais vivo reconhecimento todos os actos de caridade, que tinhão praticado a seu respeito.

E perguntando-lhe um dos monges nesta mesma occasião, pelo que deveria fazer para passar a vida em uma fidelidade perpetua á divina Graça?

lhe deo esta resposta, digna de andar na lembrança de todos: *Qualquer Christão, que se conservar, como deve, na presença de Deos, estará sempre prompto para lhe dar conta das suas obras, e não perderá jámais o seu amor, consentindo no peccado.* Forão estas as suas ultimas palavras, e passados poucos momentos, rendeo com doce socego nas mãos do Creador o seu espirito, passada a meia noite do dia 6 de março do anno 1274 e quadragesimo nono da sua idade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

É sem duvida, que o corpo mystico da Igreja, qual vem a ser a união de todos os Fiéis, tem entre si diversos membros á similhança do corpo humano; de maneira, que assim como no humano corpo nem todos os membros são olhos, braços, ou mãos, tendo cada qual o seu respectivo ministerio, assim tambem no corpo da Igreja, como diz S. Paulo, nem todos são Doutores, nem todos Prophetas, tendo cada qual aquelle dom que lhe foi concedido por Deos; mas ha uma cousa, que obriga a todos, qual é o ser membro são deste corpo mystico, estando em Graça de Deos, e aspirando á santidade; porquanto, como diz o mesmo Apostolo, a vontade de Deos é que sejâmos santos.

Cada um, pois, agradeça a Deos o beneficio grande que fez á sua Igreja com lhe dar um Doutor tão illustre, como foi S. Thomaz: mas advirta ao mesmo passo, que se não é obrigado a ser douto, como elle era, deve sempre imitar as suas virtudes, e principalmente a humildade, que foi nelle tanto mais admiravel, quanto soube unilla com a mais profunda sabedoria; a qual, ainda em menor gráo, tem produzido em muitos grande vaidade, e soberba.

E portanto, para evitarmos este tropêço, em que não poucos teem cahido, imitemos, como podêrmos, ao nosso Santo, que trazia sempre a Deos presente, e empregava cada dia um tempo consideravel no exercicio da oração, na lição espiritual, e sobre tudo em estudar a Jesu Christo crucificado, divino Mestre da sciencia dos Santos, que é só a que póde fazer a todos eternamente venturosos.

MARÇO — 8.

DE

S. JOÃO DE DEOS.

NO SECULO XV, E XVI.

A sua vida foi escripta poucos annos depois da sua morte por Francisco de Castro em lingua hespanhola, e traduzida depois na latina pelos Bollandistas, em cuja obra se acha neste dia, donde a copiámos.

Nasceo João na Villa de Monte-mór o novo, Arcebispado de Evora, no Reino de Portugal em o anno de 1495, de pais pouco favorecidos dos bens da fortuna, mas tementes a Deos, e com grande affecto á hospitalidade, principalmente de pessoas ecclesiasticas. Vindo, pois, um Sacerdote hospedar-se em sua casa, quando o nosso João contava só nove annos, disse tão bellas cousas da côrte de Madrid, para onde viajava, que excitando os desejos do menino para ver com os seus olhos aquellas grandezas, esperou que estivesse de partida o tal Sacerdote, e lhe rogou que o levasse na sua companhia, sem dar parte a seus pais; os quaes por este motivo tiverão tanta dôr, e afflicção, que a mãi no fim de tres semanas falleceo; e o pai, vendo-se sem mulher, e sem filho, partio para Lisboa, aonde se fez Religioso de S. Francisco.

Não cumprio aquelle Sacerdote o que promettêra ao nosso João, porque em vez de o conduzir a Madrid, o abandonou em Oropeza, aonde um certo Francisco lavrador opulento, tomando-o para seu serviço, e vendo o bem que se portava, logo que chegou á idade de quatorze annos, lhe confiou o cuidado sobre a sua familia do campo, e fazendo-o como Superintendente de todos os seus bens, passou a offerecer-lhe uma filha sua para esposa; porém elle que não era inclinado ao matrimonio, resolveo-se a deixar secretamente a casa de seu amo, para ir alistar-se no exercito do Imperador Carlos Quinto, que no anno de 1522 fazia guerra aos francezes.

João até este tempo havia conservado a innocencia, mas a licença da vida militar, e o máo exemplo dos camaradas lhe fez perder a devoção, abandonar os exercicios de piedade, e por ultimo correr a largos passos pelo abominavel caminho dos vi-

cios ; porém Deos, que sempre vê com benignos olhos aos seus escolhidos, servio-se de dous fataes accidentes para remover a João daquelle deploravel estado.

O primeiro foi uma precipitada quéda, que fez de um furioso cavallo, que o pôz em perigo manifesto de perder a vida ; mas invocando logo o patrocinio poderoso da Santissima Virgem, de quem antes era devoto, esta Mãi de clemencia lhe obteve a desejada Graça ; o segundo incidente foi este : que sendo-lhe roubada pelos inimigos uma certa bagagem, cuja guarda lhe confiára o seu Capitão, este, julgando-o por infiel, o condemnou a ser enforcado ; o que logo se executaria, se um Official maior, movido a compaixão, lhe não absolvesse a pena, e obtivesse a vida, debaixo de condição de se despedir do serviço militar.

Ponderando, pois, João os evidentes perigos, de que escapára, vio a Mão de Deos, que no mesmo tempo em que o punia pelas suas culpas, lhe mostrava a maior piedade, retirando-o daquelle genero de vida, que fôra occasião da sua ruina ; e voltando logo para Oropeza ao seu amo antigo, este o recebeo com muito agrado, e o constituio no seu primeiro emprego, que elle cumprio fielmente por espaço de alguns annos até o de 1532, em que se alistou de novo no exercito do Imperador Carlos V contra os turcos, portando-se sempre como bom Catholico, e obtendo no fim desta campanha o poder ir para onde quizesse.

Veio-lhe então ao pensamento o chegar á sua patria, donde havia trinta annos não tivera noticia alguma ; e informado alli por um seu tio, de que a sua inopinada ausencia causára a morte a sua mãi, concebeo por isto uma íntima dôr, e tomou a resolução de passar o restante da sua vida em rigorosa penitencia ; e querendo logo ir a Africa para servir como podesse os Christãos captivos, passou por um hospital, aonde com muita caridade foi recebido ; e entretendo-se aqui por algum tempo em servir aos enfermos com grande attenção, e caridade, os Superintendentes do mesmo hospital o convidárão para ficar alli continuando o mesmo ministerio.

Porém elle, ainda que estimava muito o poder obsequiar deste modo a Jesu Christo na pessoa dos seus pobres, não acceitou o partido, por querer antes seguir a sua viagem para Africa ; e encontrando em Gibraltar a um Fidalgo portuguez; que com sua mulher, e quatro filhas ia degradado para Ceuta, embarcou com elle de companhia para a mesma Cidade, aonde o mesmo Fidalgo, estranhando os ares, e as aguas, sobre os incommodos da longa jornada, cahio logo enfermo ; e como era pouco o provimento, com que sahíra da sua casa, veio a ficar em extrema penuria.

O que sabido pelo Servo de Deos, vendeo logo quanto possuia, e entregou o seu producto ao pobre Fidalgo para seu sustento, e da sua familia ; e não se dando com isto por satisfeita a sua generosa caridade, metteo-se a trabalhar nas obras publicas, e foi continuando em levar ao miseravel enfermo o seu salario de cada dia ; até que o mesmo, quando menos o esperava, foi absolvido do seu degredo, e restituido á posse de todos os bens, que se lhe havião confiscado.

Quiz logo João passar á terra dos infiéis, inflammado pelo desejo de conseguir o martyrio ; porém não sendo deste parecer o seu Confessor, voltou por seu conselho para Gibraltar, aonde começou a viver pelo trabalho das suas mãos, e pouco depois entrou a vender imagens de Santos, catecismos, e outros livrinhos de devoção ; o que lhe produzio tanto lucro, que commutado em outra fazenda, julgou que só na grande Cidade de Granada teria melhor expedição aquella sua copiosa mercancia.

E chegando alli a tempo, em que no dia seguinte se fazia uma grande festa ao glorioso Martyr S. Sebastião, foi João áquella Igreja, e ouvindo alli o sermão do famoso prégador, e insigne mestre de espirito, o veneravel João de Avila, sobre a necessidade da penitencia, e de padecer com Jesu Christo... ficou tão profundamente penetrado, e commovido, que, lançando os olhos da alma pelos muitos peccados da sua vida, se resolveo a purgallos com tal penitencia, que o fizesse no mesmo tempo desprezivel aos olhos dos homens, e similhante ao Salvador do mundo, atormentado, e saciado de oprobrios.

Começou, pois, alli mesmo, acabado o sermão a gritar no meio do auditorio, dizendo com muitas lagrimas : *Senhor Deos, Misericordia !* E logo que sahio da Igreja, entrando a lançar-se por terra, a revolver-se no lodo, a rasgar com as unhas o rosto, arrancar os cabellos da cabeça, e dar com ella nas paredes, o povo, que assim o vio, começou a atirar-lhe com pedras, e ferillo com páos, reputando-o por um louco furioso ; e chegando a casa, rasgou os livros profanos, e distribuio os de piedade, como tambem as imagens dos Santos, e assim mesmo o pouco dinheiro que lhe restava, e os vestidos que tinha, ficando só com a camisa, e calções, que então trazia.

Entretanto algumas pessoas pias, que attentamente observárão as acções de João, e fizerão conceito, de que não era insensato, conduzírão-no logo ao veneravel Sacerdote Avila, o qual, querendo fazer-lhe algumas perguntas para haver de formar o seu juizo, mandou retirar os presentes, ficando só com o Santo ; e este, vendo-se alli sem testemunhas, e formando o devido conceito do veneravel Sacerdote, manifestou-lhe sem rebuço os internos movimentos do seu espirito, depois de referir-lhe em compendio todos os passos da sua vida.

E não sendo preciso mais ao illustre director para logo conhecer o solido fundo do seu coração, deo-lhe as instrucções, e advertencias, que por en-

tão lhe convinhão, e permittio-lhe o continuar no mesmo genero de penitencia, porque ainda que era singular, e extraordinaria, não continha cousa culpavel, que merecesse censura; e sobre não ser sem exemplo na historia da Igreja, João a praticava para mais humilhar-se, e mortificar-se cada vez mais.

Proseguindo, pois, em fazer acções extravagantes, e na apparencia de homem insensato, foi conduzido ao hospital dos loucos, e alli tratado como se usa com os furiosos, dando-lhe crueis açoutes, que o reduzírão a um estado lastimoso; o que vindo á noticia do veneravel Avila, lhe foi logo dizer, que suspendesse a voluntaria loucura, para applicar-se a cousa mais util, tanto a si, como ao proximo; e elle o observou sem demora, pondo-se inteiramente ao serio com grande admiração dos serventes do hospital, que ignoravão a propria causa daquella repentina, e não esperada mudança.

E logo que João se vio curado das suas proximas feridas, querendo applicar-se todo ao serviço dos pobres de Jesu Christo, foi communicar esta intenção ao seu director; o qual, supposto que louvou este seu pensamento, disse-lhe comtudo, que devia primeiro recorrer a Deos, e a sua Mãi Santissima com muitas, e fervorosas orações.

E pondo-se logo a caminho, peregrinando a pé para o proposto fim até a Igreja, em que se venera a Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe na Estremadura, alli se demorou por algum tempo, fazendo muitas orações a Deos, e tomando por medianeira a mesma Senhora para a sua premeditada empreza; e voltando daquella romaria, o seu Padre lhe aconselhou, que ficando em Granada começasse a sustentar alguns pobres com o trabalho das suas mãos; o que assim feito com feliz successo, ajuntou o Servo de Deos algumas esmolas, com que alugou uma casa, e provendo-a dos móveis mais necessarios, a encheo logo de enfermos, aleijados, e de varios pobres, que foi procurar pela Cidade.

Tal foi o primeiro nascimento da Ordem dos Religiosos Hospitaleiros, com que Deos quiz renovar a fervorosa caridade dos primeiros seculos da Igreja; e esta santa congregação, tão util ao publico, depois de confirmada pelo Papa S. Pio V no anno de 1572, se propagou em pouco tempo até as extremidades do mundo Christão; e pelos soccorros espirituaes, e corporaes, que ella subministra a tantos miseraveis, se faz a admiração de todos os seculos, assim como aquelle primeiro asylo dos pobres, pela caridade do nosso Santo, e esmolas do povo, se fez brevemente o maior, e mais celebre hospital da Europa.

Não é facil de referir os cuidados que teve o Servo de Deos, e os trabalhos que tomou para concluir, e sustentar uma tão grande obra, sem outro fundo que o da divina Providencia. Elle de noite, e de dia cuidava nos enfermos com a maior vigilancia, elle lhes varria as cameras, elle lhes compunha as camas, e elle os pensava, os consolava, e servia de tal modo, que nada escapava á sua caridade, e ao seu zêlo. Indo, pois, o Arcebispo de Granada ver este novo estabelecimento, ficou tão satisfeito da ordem, e do asseio do serviço, da abundancia dos móveis, e dos víveres, e não menos da caridade, modestia, e paciencia dos que, attrahidos pela reputação do Servo de Deos, alli ministravão, imitando os seus exemplos... ficou, digo, tão satisfeito, que tomou aquella casa debaixo da sua protecção, e quiz tambem concorrer com uma boa porção para a sua despeza.

Mas a grande caridade do nosso Santo não se limitava só para com os enfermos do seu hospital; elle andava pela Cidade informando-se particularmente dos pobres vergonhosos para os soccorrer nas suas indigencias, provía as necessidades dos orfãos, e viuvas, e cuidava especialmente em evitar os perigos das donzellas, e até as mesmas meretrizes experimentárão os effeitos da caridade de João, porque muitas dellas fôrão por elle extrahidas do seu máo estado, e postas depois a bom caminho.

Mas com serem excessivos os trabalhos de João, as suas austeridades erão ainda maiores; elle dormia sobre a núa terra, com uma pedra por cabeceira, jejuava todas as sextas feiras a pão e agua, e como nos outros dias comia sómente alguns legumes, era a sua vida um jejum perpetuo. Andava sempre com pés descalços, e cabeça descoberta, tanto ao sol, como á chuva, e com tudo isto dizia muitas vezes, que era relaxada a sua vida.

Praticando com elle um dia o Bispo de Tuy, Presidente da camara real de Granada, e querendo saber qual era o seu sobrenome, lhe disse o Santo: *Um celestial menino, que me appareceo no caminho de Gibraltar, me chamou João de Deos;* esse pois (lhe disse então aquelle Prelado) será daqui em diante o teu nome; e em logar desses trapos de que estás vestido, trarás sempre este habito, que para ti mandei fazer, como mais proprio á decencia Christã: o Santo o acceitou com humildade, e veio a ser o modêlo do que usão presentemente os seus Religiosos.

E supposto que a vida do nosso Santo era continuamente operativa, ainda assim se póde dizer, que estava sempre em oração, não perdendo jámais a presença de Deos: elle foi favorecido do Ceo entre outras Graças, com um especial dom de altissima contemplação, e com os de prophecia, de milagres, e visões extraordinarias, em que varias vezes lhe appareceo Jesu Christo, e sua Santissima Mãi.

Dando-se-lhe a ver em certo dia esta Mãi de Misericordia, com uma coroa de espinhos nas mãos, lhe disse: *João, pelos espinhos, e trabalhos é que tu deves merecer a coroa, que meo Filho te reserva no Ceo.* Elle sentio no mesmo tempo agudissimas dôres na cabeça; mas o seu amor lhe fez dizer, que achava sempre nos trabalhos as suas delicias, e

que só reputava, e estimava por flores os espinhos da Cruz.

Em outro dia, encontrando elle um pobre na rua, que lhe pareceo reduzido á ultima extremidade, o tomou sobre as costas, e o levou para o seu hospital, e lavando-lhe logo os pés, segundo o seu costume, notou quando lh'os queria beijar, que estavão penetrados como os do Salvador; e levantando os olhos para ver o rosto daquelle enfermo, reconheceo que era o mesmo Jesu Christo, o qual lhe disse logo: *João, eu recebo sempre, como feito a mim mesmo, todo o bem, que recebem os pobres da tua mão.*

E depois que a visão desappareceo, ficou cercado o Santo de uma tão brilhante luz, que fez gritar aos outros pobres, parecendo-lhes que havia fogo no hospital, temendo talvez, que lhes sobreviesse outro incendio, similhante ao que alli houvera, em que o Santo, para extrahir os enfermos, andou illeso entre as chammas pelo espaço de meia hora.

Havia já dez annos, que o nosso Santo supportava com generoso vigor as grandes fadigas, a que o obrigava o quotidiano serviço do seu hospital, quando por ultimo cahio enfermo: a proxima origem da sua molestia attribuio-se ao trabalho que teve em livrar de uma repentina inundação varios effeitos pertencentes aos pobres, e salvar a vida de um homem, que estava em perigo de afogar-se; e supposto que elle dissimulou quanto pôde o máo estado da sua saude, para que o não fizessem diminuir as suas penitencias, e austeridades, ainda assim cuidou no mesmo tempo em fazer inventario de todas as peças do hosptial, em ajustar todas as contas, e concluir os sabios regulamentos para a boa administração espiritual, e temporal daquella casa.

Chegando, pois, a molestia do Santo a tão alto ponto, que não dava esperança de remedio, com esta noticia uma senhora virtuosa, chamada Anna Osoria, que muito o estimava, o foi logo visitar; e vendo o miseravel estado, em que se achava o Servo de Deos, avisou isto mesmo secretamente ao Arcebispo, o qual lhe mandou logo dizer, que obedecesse áquella senhora em tudo, como a elle seu Prelado; e munida a devota Anna com esta authoridade, fez que o Servo de Deos deixasse o hospital, e viesse com ella para o seu palacio. Obedeceo elle; mas antes de sahir nomeou por Superior a Antonio Martin: deo algumas instrucções a seus irmãos, e lhes recommendou sobre tudo a pratica da obediencia, e da caridade.

Visitou depois o Santissimo Sacramento, e derramou alli o seu coração com uma oração tão extensa, que pareceo justo á Fidalga o interrompella, para o fazer entrar na carroça, em que o conduzio ao seu palacio, aonde logo reservou só para si, e para suas filhas todo o cuidado de o servir na sua molestia, a qual foi logo crescendo com tão rapidos progressos, que não deixou logar á menor esperança: com esta noticia, o Arcebispo, e toda a nobreza o vierão visitar; e pedindo-lhe os Magistrados, que abençoasse aquella Cidade, lhes respondeo logo com a sua grande humildade, que se não devia pedir a benção de um tal peccador, como elle; mas, obrigado pelo Arcebispo, rendeo-se ás instancias dos Magistrados, abençoando o povo, e Cidade de Granada; e fazendo saudaveis exhortações aos que estavão presentes, concluio com recommendar-lhes todos os seus pobres, e os irmãos, que tratavão delles no hospital.

Confessou-se depois com o Arcebispo, o qual lhe disse Missa alli mesmo, e lhe administrou os ultimos Sacramentos: prometteo-lhe tambem pagar as dividas, que contrahíra a beneficio dos enfermos; que tomaria o hospital na sua protecção, e que assistiria sempre ás outras pessoas necessitadas, que delle recebião soccorro.

Vendo-se então o Servo de Deos mais proximo ao seu transito, fez que lhe lessem a Paixão de Jesu Christo, unico allivio das nossas almas, e original fonte das nossas esperanças; e rogando aos circumstantes, que se retirassem por um pouco, para ficar com mais socego, logo que elles sahírão levantando-se do leito, ajoelhou em terra, e abraçando o seu Crucifixo com a maior ternura, lhe entregou a ditosa alma, proferindo em voz clara, que se ouvio fóra, estas doces, e amorosas palavras: *Jesus, Jesus, eu encommendo a minha alma nas vossas mãos.*

Entrando, pois, os que tinhão sahido, o achárão já morto, mas ainda de joelhos, como o vírão tambem todos os mais que concorrêrão, porque elle sem encosto algum assim ficou no mesmo logar em que expirou, até o conduzirem para a sepultura. Aconteceo esta preciosa morte no dia 8 de março de 1550, em o qual dia, cincoenta e cinco annos antes, viera o Servo de Deos á luz do mundo: o seu corpo foi conduzido ao tumulo pelos Religiosos Franciscanos, e Minimos, e acompanhado por todo o clero secular, e regular, entre as lagrimas, e clamores de innumeraveis pobres, que lamentavão a perda de tão bom Pai!

Recitárão-se publicamente os elogios das virtudes do Santo em varias orações patheticas pelo decurso de nove dias que durárão os seus funeraes; e manifestada cada vez mais a sua heroica santidade pelos muitos, e grandes milagres, que obrou Deos a favor dos que o invocárão depois da sua morte, o Summo Pontifice Urbano VIII o beatificou no anno de 1620, e o Papa Alexandre VIII no anno de 1690 o canonizou com a maior solemnidade na Igreja de S. Pedro de Roma.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O nosso grande Santo, por ouvir um sermão doutrinal, quebrou inteiramente os ferros, que o reti-

nhão na escravidão do mundo, e das suas paixões; e porque não fazemos nós outro tanto, depois de tantos sermões, e leituras pias! E' porque não recebemos a palavra de Deos com as devidas disposições, não podendo esta divina Semente lançar raizes profundas em corações mundanos, nem produzir virtuosos fructos senão naquelles que o receberem com fé, com respeito, e socego da alma (que só se acha no silencio das creaturas) e depois a souberem nutrir, removendo-a de tudo o que a possa suffocar.

Tal foi a pratica fiel de S. João de Deos, fazendo-se um homem novo depois da sua conversão: elle observou constantemente todas as virtudes Christãs, e muito mais a da caridade tão frequentemente recommendada no Evangelho, applicando-se ao serviço do proximo, pela certeza que o Salvador nos dá de tomar, como feito a si mesmo, o que houvermos obrado para bem dos outros.

Imitemos, pois, quanto mais nos fôr possivel, ao nosso Santo em sermos beneficos, e caritativos com os pobres, para que mereçâmos que o divino Salvador diga a cada um de nós no dia de Juizo: Eu tive fome, e me déstes de comer; tive sêde, e me déstes de beber; estava nú, e me déste de vestir, &c. Vinde, pois, bemditos de meu Pai, possuir o Reino, que vos está preparado desde o principio do mundo.

MARÇO — 9.

DE

SANTA FRANCISCA ROMANA.

NO SECULO XV.

Das duas vidas desta Santa, escriptas uma pelo seu Confessor, e outra por Magdalena de Anguillara, Superiora do mosteiro da Torre dos Espelhos, que se achão neste dia na grande obra dos Bollandistas.

A Gloriosa Santa Francisca (que a Igreja propõe como um modêlo de vida perfeita, especialmente para todas as mulheres de qualquer estado, e condição) verificou na sua vida o que diz o Apostolo S. Paulo, que *tudo é limpo, e puro para quem é puro, e limpo*; porquanto os estados que ella teve de virgem, casada, viuva, e Religiosa, as riquezas, a pobreza, e diversos acontecimentos ora prosperos, e ora adversos, e tanto o viver no mundo, como no retiro, tudo igualmente concorreo para a fazer Santa.

Ella, que no anno de 1384 nasceo em Roma de pais nobilissimos (quaes forão Paulo de Buxis, e Jaquelina Rofredesqui) logo desde a sua infancia deo signaes de summa aversão para tudo o que podesse offender a pureza, mostrando em todas as suas acções uma admiravel modestia, e uma igual aversão a tudo que era delicia, sendo o seu maior prazer o estar só para evitar toda a occasião de culpa, e poder orar a Deos sem a menor distracção.

Não podendo, pois, ter na propria casa o desejado recolhimento, por causa das pessoas que a devião procurar para haverem de a educar, e servir, pensou retirar-se (sendo já de onze annos) para um mosteiro observante, afim de consagrar-se a Deos inteiramente; porém seus pais, passado pouco tempo, dispozerão della por outro modo, promettendo-a por esposa (sem procurarem o seu consenso) a um Fidalgo romano muito rico, e não menos illustre, denominado Lourenço Ponziani.

Vendo-se então Francisca obrigada a sacrificar a vontade propria á de seus pais, considerou a vida conjugal, como um estado de humilhação, em que Deos a collocava, para se applicar com maior vigilancia á santificação da sua pessoa, e da sua familia. Procurou em primeiro logar satisfazer as suas obrigações para com o marido, tratando-o com amor sincero, e respeitando-o como a seu Superior, assignado por Deos, para cujo effeito evitava tudo o que lhe podia causar desgosto, e soffria com humilde resignação alguns incommodos, que andão annexos ao estado conjugal, e reconhecendo isto o ditoso marido, a estimava, e amava muito.

Ella tratava aos domesticos, não como servos, mas como irmãos, e seus coherdeiros dos bens futuros; e portanto cuidava muito em os dirigir pelo caminho dos divinos Mandamentos, dando-lhes ella mesma o exemplo, e instruindo-os, como melhor sabía; e no que respeitava a sua propria pessoa, sempre estudou a Santa em se manter no mesmo espirito de retiro, e oração, evitando as companhias, e amisades perigosas, os jogos, espectaculos, e outros divertimentos mundanos.

Os seus vestidos erão de lã, com beneplacito do seu marido, e nada havia nos seus móveis, que

não fosse simples, e modesto: o tempo que lhe sobrava do governo da casa, o empregava na oração, na lição espiritual, e varias obras de piedade; mas sempre de maneira que a sua devoção a ninguem fosse onerosa, nem opposta ás obrigações do proprio estado, e por este modo respeitando a Deos em todas as cousas, em todas fielmente o servia.

E foi tal o nome, que por esta forma de viver adquirio a Santa para com as outras senhoras de Roma, que muitas dellas, movidas pelo seu exemplo, abandonárão as pompas mundanas, a ociosidade, e excessiva delicadeza, que não é pouco vulgar entre as pessoas de nobre condição; e houve tambem algumas, que quizerão unir-se á Santa, e praticar com ella as mesmas obras de piedade; o que deo fundamento á nova congregação, que ella instituio depois, como adiante diremos.

Quiz então o Senhor fazer maior prova da virtude da sua Serva, visitando-a com algumas graves tribulações; porque invadida a Cidade de Roma no anno de 1413 por Ladislão Rei de Napoles, e dilacerada a Igreja com pernicioso scisma, nesta occasião o marido da Santa foi desterrado, e confiscados os seus bens, e João Baptista, seu primogenito mettido em uma rigorosa prisão; o que tudo soffreo a Santa com resignação perfeita, e assim mesmo na morte de alguns filhos seus, dizendo nestas occasiões com o Santo Job: *O Senhor o deo, o Senhor o levou, seja sempre bemdito o seu Santo Nome.*

Restituido a Roma o seu marido, e recuperados os seus bens, approvou, e consentio que a sua amada Consorte continuasse em obrar tudo o que ella julgasse, que podia contribuir para maior gloria de Deos, santificação sua, e da sua familia, e allivio dos pobres: então, pois, que era o anno de 1425, fundou a Santa, com summa satisfação de seu bom marido, o mosteiro das *Oblatas* da congregação Olivetana, para onde podessem retirar-se tanto as donzellas, como as viuvas, que fossem por Deos inspiradas para deixar o mundo; e denominárão-se *Oblatas*, por não fazerem profissão, como as outras Religiosas, senão sómente uma *offerta*, ou *oblação* de si mesmas a Deos.

A regra, que a Santa ordenou para estas suas Oblatas, é a mesma de S. Bento, com algumas constituições particulares, por ella escriptas, e approvadas, passados alguns annos, pelo Summo Pontifice Eugenio IV; e o Senhor derramou tantas bençãos sobre esta nova congregação, encommendada especialmente á protecção da Santissima Virgem, que, não sendo capaz aquella primeira casa para accommodar tantas virgens, e viuvas, que a ella concorrião, para subtrahir-se da corrupção do seculo, foi necessario á Santa Fundadora procurar outro edificio maior, qual foi o chamado *Torre dos Espelhos*, para onde em 15 de março de 1433 transportou as suas espirituaes filhas.

Bem quizera a Santa retirar-se tambem logo para este seu asylo; porém só o pôde executar no anno de 1436, em que falleceo seu marido, e uma sua cunhada, matrona de muita virtude, porque então, livre a Serva de Deos de todos os vinculos, que a poderião reter no mundo, dirigio-se logo ao mosteiro da Torre dos Espelhos; e alli, com os pés descalços, e cingida com uma corda, pedio com muitas lagrimas, e fervorosa instancia o ser admittida ao numero das Oblatas, para terminar alli mesmo santamente os seus dias, obedecendo áquella Superiora, que fôra a sua primeira discipula.

Fez a Santa a sua oblação no dia de S. Bento do anno 1437, e com ser ella a Fundadora daquelle mosteiro, e merecer por outros titulos ser de todas respeitada, ella se considerava sempre pela mais inferior da communidade, e como tal se humilhava, e procurava servillas, até nos officios mais baixos, e tambem por agradecimento (dizia ella) da graça, que lhe havião feito, admittindo-a ao seu numero.

Ella no mesmo tempo se reduzio a um estado de verdadeira, e total pobreza, e praticou as maiores austeridades, domando o seu corpo com jejuns, vigilias, cilicios, e cadeias de ferro. O seu ordinario alimento era pão, e agua, accrescentando poucas vezes algumas hervas, e legumes; porém mandando-lhe o seu director que moderasse algum tanto aquelle rigor de vida, promptamente obedeceo, estando bem persuadida de que esta fiel sujeição lhe conciliava maior merito do que as mais asperas penitencias.

Entre as muitas, e grandes virtudes, que adornavão a alma da Serva de Deos, parece que a humildade tinha o primeiro logar, porque além do que fica dito, que ella praticava por exercicio desta tão bella, e tão necessaria virtude, costumava frequentemente ir ao campo ajuntar lenha para uso da communidade, que ella mesma conduzia nas suas proprias costas, ou sobre um jumentinho pelas ruas, e praças de Roma, á vista daquelles mesmos, que muito bem sabião quanto era nobre, e illustre Senhora.

Se bem que uma tão heroica humildade não pôde impedir o ser a Santa eleita por Superiora, porque nenhuma outra o quiz ser, em quanto ella vivesse; porém os cuidados, e obrigações, que são inseparaveis do cargo, nada lhe embaraçárão o vigiar, como antes, sobre si mesma, nem o visitar, e servir os enfermos nos hospitaes, aos quaes não só ministrava soccorro para bem dos corpos, senão que ainda os ajudava para a salvação das almas, dando-lhes saudaveis doutrinas proporcionadas ás suas espirituaes indigencias.

Em todas estas obras de caridade conservava a nossa Santa a presença de Deos, e com grande fervor de espirito meditava nos divinos Mysterios, e com especialidade nos da Paixão do Salvador, que era o mais frequente, e mais doce alimento do seu espirito, e donde extrahia luzes abundantes, e gra-

ças singulares para o exercicio das virtudes Christãs.

E quando chegava á Eucharistica Mêsa, depois de se preparar com o maior fervor, recebia o seu Senhor Sacramentado com tanta fé, e amor tão ardente, que depois da Communhão, quasi sempre ficava transportada fóra de si mesma, e arrebatada em extasis, em cujo tempo lhe revelava o Senhor muitos segredos, alguns dos quaes chegou a manifestar por mandado do seu Confessor.

Tentou o infernal inimigo perturbar, e distrahir a Santa por varios modos dos seus virtuosos exercicios; porém ella sempre o supplantou, auxiliada pela Graça de Deos, que, para mais mostrar a singular protecção, e distincto amor, com que tratava a esta sua Serva, lhe concedeo gozar quotidianamente a presença visivel do seu Anjo Custodio na figura de um especioso Menino, vestido de branco, e cercado de tão brilhante luz, que dissipava as sombras da mais escura noite, e punha em fugida ao Principe das trevas.

Além disto, lhe concedeo o mesmo Senhor o dom de prophecia, com que predisse varias cousas futuras, e penetrou os occultos sentimentos dos corações de muitos. Teve assim mesmo o dom de milagres, com que sarou repentinamente a diversos enfermos, e obrou tambem varios prodigios, que fizerão mais evidente a sua grande santidade, como se vê nos casos seguintes.

Não havendo em casa mais do que dous, ou tres pães para oitenta Religiosas, a Santa benzeo a mêsa, e appareceo logo pão com abundancia para toda a communidade. Trabalhando ella em uma vinha com suas irmãs em um dia do mez de janeiro, e não achando agua para extinguirem a sêde, lhes obteve a Santa o delicioso remedio de muitas, e excellentes uvas, que lhes subministrárão as vides; e ao recolherem-se para o mosteiro, não recebêrão o menor damno de uma tempestade violenta, e copiosa chuva, que excitou o demonio.

E sendo assim toda a vida desta Santa uma continua serie de virtudes, e prodigios, é facil de julgar quanto sería aos olhos de Deos preciosa a sua morte. Ella a presentio por uma febre violenta, que lhe sobreveio, quando menos se esperava, a qual, enchendo de susto as suas filhas, e toda a côrte de Roma, ella no mesmo tempo estava com um prazer sensivel, por ver que lhe chegava o momento precioso, em que tinha de se unir para sempre com o seu Deos, como assim se verificou no dia 9 de março do anno 1440, quinquagesimo sexto de sua idade.

Os muitos milagres, e heroicas virtudes, que ella obrou na sua vida, fôrão a causa de ser logo venerada com um culto publico, immediatamente depois da sua morte; e os diversos prodigios, que depois obrou Deos a favor dos que implorárão a sua intercessão, movêrão ao Summo Pontifice Paulo V para celebrar solemnemente a sua canonização no anno de 1608.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Ainda que o estado do celibato seja mais perfeito que o do matrimonio, comtudo, elle só por si não nos faz Santos. Assim como pelo contrario o estado conjugal não impede a nossa santificação, quando vemos que Santa Francisca, e outras muitas pessoas de ambos os sexos, em um, e outro estado vivêrão santamente. Basta, pois, que cada qual, a exemplo desta Serva de Deos, cumpra fielmente as obrigações daquelle estado, em que o poz a divina Providencia, e se exercite com perfeição naquellas virtudes, que convem á sua condição.

A modestia nos vestidos, o retiro, a fuga dos espectaculos, e outros vãos divertimentos, o exercicio continuo da caridade, a humildade sincera, e em summa, a pratica das boas obras, formárão nesta Santa um perfeito exemplar de virtude, o qual assim como foi imitado por muitas senhoras, em quanto ella vivia, assim é para desejar, que sirva de espelho a todas as mais em os nossos tempos, em que tanto reina o luxo, e a vida mundana, entre as quaes talvez não haverá poucas, que se persuadão andar no caminho do Ceo por algumas obras exteriores, e de superficial devoção; quando é certo, que as taes obras, ainda que boas em si mesmas, não bastão para conseguir a vida eterna, senão são animadas pelo espirito de caridade, de humildade, de penitencia, e de outras virtudes Christãs, nas quaes consiste a substancia da verdadeira devoção evangelica.

MARÇO — 10.

DE

S. SIMEÃO, BISPO, E MARTYR.

EM 18 DE FEVEREIRO.

NO SECULO II.

De Santo Egesippo, author do segundo seculo, refere Eusebio Cesariense no seu Liv. III o martyrio de S. Simeão; e o restante se acha em Tillemont, no Tom. II das suas Memorias Ecclesiasticas.

O GLORIOSO S. Simeão, descendente dos Reis de Judá, foi filho de Cleófas, e de Maria, prima inteira da Santissima Virgem; e por consequencia parente proximo de N. Senhor Jesu Christo, segundo a natureza, e irmão dos dous Apostolos, Jacobo Menor, e Judas Thaddeo.

É provavel que elle fosse um dos primeiros Discipulos do Salvador, porque seu pai Cléofas, e Maria sua mãi erão do numero daquelles que seguião ao mesmo Senhor nas suas evangelicas peregrinações; e portanto devia achar-se (como o dá a entender S. Lucas no seu Livro dos Actos) com os outros Discipulos no Cenaculo, quando no dia do Pentecostes desceo sobre elles o Espirito Santo, e os encheo dos dons celestes.

Quaes fossem as acções particulares deste Santo, enriquecido com as primicias do Salvador, não o sabemos, só se deduz das Memorias Ecclesiasticas, que quando os Santos Apostolos, e Discipulos de Jesu Christo se separárão para levar a todo o mundo a luz do santo Evangelho, elle ficou na Judéa para instruir os hebreos, e para ajudar no governo da Igreja de Jerusalem a seu irmão S. Tiago, que era o seu Bispo.

E certamente elle se achava naquella Cidade quando foi martyrizado o sobredito Apostolo, passados já vinte e tres annos depois da Resurreição de Nosso Senhor Jesu Christo, porque naquelle tempo S. Simeão, com muito valor, e constancia grande, censurou aos judeos a sua barbaridade, e horrivel attentado, que havião commettido, dando a morte a um homem tão santo, e tão justo.

Mas qual fosse a santidade de Simeão, e quaes os dons com que o Senhor o enriqueceo, nada o mostra melhor do que o juizo que delle formárão os Apostolos, os Discipulos, e Parentes do Salvador, que ainda vivião. Porquanto, congregados elles para elegerem o successor de S. Tiago, todos com igual consentimento nomeárão a Simeão por mais benemerito para reger aquella Igreja, que era o berço da Religião Catholica.

Pouco depois da sua eleição (a saber no anno 66, em que forão martyrizados os dous Principes dos Apostolos, S. Pedro, e S. Paulo) começárão em Jerusalem as fataes sublevações, que produzírão depois a total ruina daquella infiel Cidade; porquanto os perfidos sediciosos, passando ao fio da espada a guarnição romana, derão motivo ao General Céstio para que viesse a pôr sobre Jerusalem um apertado cerco; e supposto que depois se vio obrigado a retirar-se com grande perda sua, isto não foi bastante para evitarem os hebreos o formidavel castigo, que lhes vaticinára o Salvador do mundo; porque depois de Céstio veio Vespasiano com muito maior exercito cercar de novo aquella ingrata, e soberba Cidade.

Porém os Christãos, conhecendo por divina revelação, feita a alguns principaes, de ser chegado o tempo do vaticinado castigo sobre toda a Judéa, fugírão de Jerusalem, e das terras circumvisinhas com o seu Santo Bispo Simeão, e retirando-se para uma Cidade chamada Pella, continuárão a viver unidos em caridade perfeita, seguindo uniformemente as direcções do seu Pastor.

E depois de Jerusalem destruida, no anno septuagesimo da era Christã, Simeão, vadeando o Jordão com os seus Fiéis, tornou para o logar, aonde estivera Jerusalem, e alli se estabelecêrão todos, como lhes foi possivel, de maneira que a santidade insigne daquelles primeiros Christãos formou alli como uma nova Jerusalem, pelo edificio espiritual da Igreja de Jesu Christo, collocado sobre as ruinas do perfido judaismo, e illuminado por Deos com as virtudes daquelles que o compunhão, e com os muitos, e grandes prodigios, que por seu meio se obravão.

Mas o Santo Bispo, se por uma parte se alegrava ao ver as copiosas bençãos, que derramava o Ceo sobre o seu povo, tinha pela outra uma grande pena, e estava em um continuo cuidado, para que as perversas doutrinas dos hereges Cerinthianos, Ebionitas, Nicolaítas, e outros modernos sectarios não corrompessem a pureza da Fé, e verdades santas, que recebêrão de Jesu Christo.

E particularmente foi o Santo Bispo obrigado a mostrar o seu zêlo contra um falso Christão chamado *Tebuto*, convertido do judaismo, o qual, não conseguindo o ser Bispo, como ambicioso procurava, rebellou-se contra a authoridade da Igreja, e inventou erros contrarios ás verdades do Evangelho. Elle, pois, foi o primeiro, que deo por este modo funestos exemplos aos ambiciosos do episcopado.

Conservou o Ceo por largo tempo a vida deste Santissimo Bispo para que os primeiros Fiéis de Jerusalem se aproveitassem melhor das doutrinas de um tal Varão, que fôra instruido pelo mesmo Salvador; e assim, por mais diligencias que fizerão os Imperadores Vespasiano, e Domiciano para extinguirem os descendentes de David, para evitar aos judeos toda a occasião de se levantarem contra os romanos, elle sempre ficou incognito, e livre.

Até que por fim, chegando o tempo, em que Deos queria coroar os grandes meritos deste seu Servo, no Imperio de Trajano (que tornou a renovar aquellas diligencias contra os descendentes de David) permittio que S. Simeão fosse denunciado como tal ao Consul Attico, Governador da Palestina, o qual o fez padecer por muitos dias diversos tormentos, admirando aquelles barbaros a heroica paciencia, com que o Santo os soffria, sendo de uma idade tão decrepita, que já passava de cento e vinte annos.

Ultimamente, mandando o Governador crucificar a S. Simeão, teve elle a honra de ser tratado como o seu Divino Mestre, conseguindo por este martyrio glorioso a felicidade immortal do eterno Paraizo. Succedeo esta preciosa morte no anno 107 da Era Christã, em que se terminárão os tempos apostolicos daquellas pessoas, que tiverão a felicissima sorte de conversar com o Salvador sobre a terra, e ouvir da sua mesma boca as verdades do santo Evangelho.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Nada aproveitaria a S. Simão o ser proximo Parente de Jesu Christo, segundo a carne, se não fosse elle seu irmão, segundo o espirito, e não houvesse imitado os seus exemplos; assim como nada valeo a outros muitos o serem tambem seus parentes, por não crerem nelle, nem a toda a Nação judaica o proceder do seu tronco o mesmo Salvador, pois pela sua perfidia foi reprovada.

Nenhum apreço, pois, se deve fazer da consanguinidade com os Varões santos, senão se imitão as suas virtudes, porque só os Dons de Deos merecem ser estimados, por serem os unicos que nos podem constituir venturosos, fazendo-nos gloriosos cortezãos do Imperador Divino, como coherdeiros de Christo no seu Reino celeste.

MARÇO — 11.

DE

SANTO ISIDORO, PELUSIOTA,

PADRE DA IGREJA.

EM 19 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV.

Dos Bollandistas no dia 4 de fevereiro, e de Tillemont no Tom. XV das Memorias Ecclesiasticas se extrahio o que toca a este grande Padre da Igreja.

Nasceo Santo Isidoro na Cidade de Alexandria de uma familia illustre, que com a piedade Christã gozava os bens chamados da fortuna. Elle foi educado com grande attenção, e instruido nas sciencias por tal modo, que junto ao singular talento, de que era dotado, chegou a distinguir-se entre os mais doutos homens do seu seculo; porém o que mais o especializou aos olhos de Deos na sua Igreja, foi o santo uso que elle fez da sua sciencia, e o desprezo que mostrou sempre de todas as conveniencias, e grandezas humanas.

Renunciando, pois, o mundo, procurou formar o seu thesouro no Ceo, mediante a distribuição, que fez dos seus bens aos pobres; e retirando-se para um monte proximo á embocadura do Nilo, e á Cidade de Peluso (donde lhe procedeo o nome de *Pelusiota*) se unio a outros solitarios para applicar-se com elles ao conhecimento de si mesmo, e ao serviço divino.

Assim, pois, a occupação do Santo naquella solidão consistia em alimentar continuamente a sua alma com a meditação das santas verdades do Evangelho, e em mortificar o seu corpo, e debilitar a sua carne com perennes jejuns; e Deos o preparou com o silencio, e com um theor de vida similhante ao de S. João Baptista, para haver de prégar a penitencia, e o cumprimento das proprias obrigações aos que se apartavão das justas regras do Evangelho, ainda que fossem os mais respeitaveis pelas suas grandes dignidades.

Para cujo fim dispoz o Ceo, que este Santo Varão fosse condecorado com o sagrado caracter sacerdotal; e o alto conceito que fazia o mesmo Santo da grandeza, e obrigações do sacerdocio (como se vê por varios logares das suas cartas) dá bem a conhecer com que pureza de intenção elle entrou, e exerceo este veneravel ministerio.

Elle se esqueceo de todos os seus particulares interesses para attender sómente aos da Igreja com tão ardente zêlo, que ás vezes parecia excessivo, a quem só se regulava pelas maximas da prudencia humana; porém nada era mais conforme á verdadeira sabedoria, porque elle em taes occasiões obrava pela vontade de Deos, que delle se servia, como de instrumento, para extrahir muitas almas do criminal abysmo, em que a voluntaria cegueira as havia precipitado,

Se bem que a sua especial vocação parecia destinada para corrigir a fatal cegueira, que produzem as paixões desordenadas no coração daquelles, que collocados em sublimes empregos deshonrão a santidade do Christianismo, ou a dignidade do sacerdocio, e corrompem a pureza da moral do Evangelho, e a inteireza da ecclesiastica disciplina.

Assim, pois, com esta idéa, suggerida pelo Espirito Santo, escreveo Isidoro a varias pessoas mais de duas mil cartas, cheias de zêlo, e erudição, que se conservão, e existem impressas em os nossos dias. Nellas mostra o Santo Padre a intelligencia que tinha da Sagrada Escriptura, a viveza do seu discurso, e o feliz modo de explicar-se para inspirar amor á virtude, e horror ao vicio.

E este seu zêlo, e aversão contra o vicio o moveo a corrigir o seu proprio Superior, que era Eusebio Bispo de Palusio; o qual, em vez de imitar o ajustado regulamento de Santo Ammanio, seu predecessor, escandalizava com as suas injustiças, e com os seus discursos a todas as Igrejas do Egypto. Mostrou tambem o nosso Santo um igual valor em reprimir com feliz successo os attentados de um Governador da Provincia, que entre outras injustiças, e oppressões não guardava o devido respeito aos sagrados templos.

E como a reprehenção dos vicios costuma attrahir a indignação dos viciosos, não é para admirar de que o nosso Santo, havendo declarado uma guerra viva ao vicio, e ao erro, fosse o alvo das contradicções, e perseguições de muitos. Não ignorava elle esta consequencia, que via nos exemplos de varios Santos; porém confiava na Providencia de Deos, que o tinha armado da necessaria virtude para supportar todas as perseguições com valor.

Insultando-o, pois, por muitos modos os seus crueis inimigos, por ultimo o fizerão sahir da sua amada solidão; e elle, sem se perturbar, considerou aquelles máos tratamentos, e o seu injusto desterro como um beneficio enviado por Deos para cuidar com maior efficacia na sua propria santificação; o que elle bem exprime na carta que escreveo logo ao mesmo que contribuíra para o seu degredo, confessando-se por seu obrigado, ao dizer-lhe deste modo: *Vós me haveis feito adquirir uma coroa de gloria, sem o pensardes; porque agora com verdade posso dizer, que Deos me fez a Graça, não só de crer mais na sua Providencia, senão tambem de padecer alguma cousa por seu amor.*

E tão altamente estava persuadido o Santo de serem felicissimos os que padecem por amor da justiça, que a este respeito diz em outra sua carta a um seu amigo: *Se tem de ser maltratado o que segue o caminho da virtude, e pelo contrario, applaudido o que vai pela estrada do erro, é sempre certo que se deve obrar, e seguir o bem, sem attender, nem fazer caso da adversidade, que costuma sobrevir a esta justa eleição.*

Porquanto (ainda sem fallar no premio, que tem no outro mundo a virtude, nem tambem no castigo, com que é punida a iniquidade) a virtude por si mesma é um glorioso premio do homem justo; assim como o perverso encontra no proprio mal o seu supplicio.

Em cujos termos, por maiores que fôrão naquelles tempos as contradicções que padeceo a Igreja, e por mais que se multiplicárão as desordens, e os escandalos, ainda entre os sagrados Ministros, nunca a fé, nem o valor de Santo Isidoro se affrouxou; antes elle reputava todas estas cousas por importantes para fazer a mesma Igreja mais illustre, e mais perfeitos aos seus bons filhos; e por isso, vendo elle mover-se alguma guerra contra a sã doutrina, e em prejuizo da verdade, não olhava para o que então acontecia, senão para o fim da tribulação, que esperava ser util á mesma Igreja, e aos seus defensores.

Accommettido então o Santo Padre de uma grave molestia, sentio-se interiormente consolado, pela firme esperança, que então concebeo de se ver brevemente livre das perturbações da vida presente, como assim lhe succedeo, chegando por meio de uma suave morte, depois de uma longa velhice, ao suspirado termo da eterna felicidade no anno 445 da Era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Os documentos, e exemplos de Santo Isidoro a todos podem servir de regra, e principalmente áquel-

les que por seu officio tem de corrigir aos outros; para cujo effeito devem estar cheios de um verdadeiro zêlo da gloria de Deos, e bem do proximo; e além disto fazer muitas orações a Deos, acompanhadas de penitencias, e boas obras, para que lhe abençoe as palavras, e fadigas, de modo que se fação uteis, e proveitosas; sendo certissimo que ninguem póde corrigir fructuosamente aos outros, se por Deos não fôr visto com benignos olhos.

E' tambem necessario unir á caridade a prudencia Christã, porquanto (como diz o mesmo Santo Isidoro em uma das suas cartas) no reprehender aos outros deve-se usar de humildade, e doçura com alguns, e para com outros de força, e valor, pois nem todos se attrahem com os mesmos meios, assim como nem todas as enfermidades se curão com os mesmos remedios.

E por ultimo (qualquer que seja o exito) convem resignar-se nas disposições divinas, lembrando-se de que a Igreja é comparada por Christo no Evangelho, ora a uma rede que encerra os peixes bons, e máos, e ora a um campo, que entre o bom trigo produz o joio, para ensinar-nos a soffrer com paciencia os escandalos, e os escandalosos na presente vida, até se fazer a terrivel, e tremenda separação para a eternidade futura.

MARÇO — 12.

DE

S. GREGORIO MAGNO,

PAPA, E DOUTOR DA IGREJA.

NO SECULO VI, E VII.

Dos escriptos deste grande Pontifice, e do que delle deixou notado Paulo Diacono, monge do Monte Cassino, e da vida que delle escreveo com exacta perfeição o P. Francisco do Poço, da Congregação do Oratorio de Roma.

S. Gregorio (denominado *Grande*, pelo singular resplandor das suas obras, e virtudes) nasceo em Roma de uma familia nobilissima, no anno de 540. Seu pai, por nome Gordiano, era Senador, e muito rico, e Silvia sua mãi de igual nobreza, era de tão rara piedade, que a Igreja a venera por Santa, celebrando a sua memoria no dia 3 de Novembro. O Papa Felis II era seu proximo parente, e as Santas Virgens Tarsilla, e Emiliana erão suas tias.

Tinha, pois, S. Gregorio na sua familia tudo o que o podia fazer illustre, e respeitavel aos olhos dos homens — nobreza, honras, dignidades, e riquezas; porém elle no decurso da sua vida pouco ou nenhum caso fez de todas estas cousas, estimando sómente as que podião contribuir para o fazer grande aos olhos de Deos; isto é, a piedade, e exemplos de virtude de seus pais, e parentes.

Elle desde os seus primeiros annos foi logo educado á proporção da sua nobreza; e o singular talento que recebêra do Ceo, o applicou com feliz successo ao estudo das sciencias; e como era tambem dotado de uma grande prudencia, e singular destreza para manejar os negocios, depois de feito Senador; sendo ainda mancebo, o Imperador Justino II o constituio Prefeito de Roma, que era a segunda dignidade no romano Imperio.

Elevado, pois, Gregorio a este sublime emprego, parecia-lhe á primeira vista que bem poderia unir as pompas, e multidão immensa dos seculares negocios com uma sincera, e constante piedade; mas ponderando sobre isto mais de espaço, e entrando seriamente em si mesmo, veio a conhecer, e formar conceito de que elle não só na apparencia senão tambem na realidade servia ao mundo, o que lhe causou grande confusão.

Assim o dispunha Deos para logo depois da morte de seu pai quebrar os laços que o prendião no seculo; e com effeito, vendo-se elle então em uma plena liberdade para dispor de si mesmo, e de todos os seus bens, seguio sem demora a vocação de Deos, que no fundo do coração lhe dizia: que raras vezes se acha a Deos no tumulto, e embaraços do seculo. Começou, pois, pela distribuição que fez dos bens que possuia, dando uma boa parte aos pobres, e destinando a principal para a construcção de sete mosteiros, seis em Cizilia, e um em Roma (que ainda hoje existe, habitado pelos monges Camaldulenses, em o Monte Celio, com o titulo de S. Gregorio) aonde elle mesmo tomou o habito religioso para entregar-se ao serviço de Deos em um perfeito retiro do mundo.

Gozava então o Santo, na idade de trinta e cin-

co annos, de uma vigorosa robustez, que com a frequencia da oração, e rigor dos jejuns, e continua applicação ao estudo dos Livros Santos se pôz em grande debilidade; o que não obstante elle foi continuando sempre no mesmo rigor de vida, e na louvavel pratica dos seus virtuosos exercicios.

Succedeo então, que vendo o Santo, ao passar por uma das praças de Roma, estarem de venda alguns escravos de bella figura, perguntou donde vierão, e que religião seguião? e dizendo-se-lhe, que tinhão vindo da Ilha de Inglaterra, e que erão gentios, compadecido elle daquelles miseraveis (cujas almas erão tão disformes na presença de Deos, quanto erão bellos os seus corpos á vista dos homens) foi logo supplicar ao Papa Benedicto, que se dignasse de mandar sujeitos cheios de zêlo, e sciencia prégar a Fé de Jesu Christo naquella Ilha, offerecendo-se elle tambem para a mesma empreza.

Approvou o Papa esta supplica, e nomeando para a sua execução a Gregorio, elle se pôz logo a caminho; mas publicada em Roma esta noticia, o clero, e povo, esperando que passasse o Papa para S. Pedro, lhe clamárão a uma voz: *Santissimo Padre, vós sois a ruina de Roma, ausentando della a Gregorio;* e o Papa, ouvindo estes clamores, expedio logo correios, que ainda o encontrárão, e o fizerão voltar para o seu mosteiro.

Mas pouco foi o tempo que gozou o nosso Santo deste retiro, porquanto querendo-o Deos instruir para o governo da Igreja universal, dispoz que o Papa o elegesse para um dos sete Diaconos Regionarios da Igreja romana, e que depois fosse encarregado de uma commissão muito propria para dar a conhecer, não sómente a sua grande virtude, senão tambem a sua igual dexteridade em tratar com feliz successo toda a sorte de negocios, ainda os mais difficeis, como agora diremos.

O Summo Pontifice Pelagio II (que succedêra na cadeira romana ao Papa Benedicto) vendo o estado miseravel da Italia pelas incursões dos longobardos, que tudo levavão a ferro, e fogo, expedio a S. Gregorio, em qualidade de Apocrisario, ou Nuncio ao Imperador Tiberio II para obter delle o soccorro necessario para aquella consternada Provincia, como assim conseguio com a desejada presteza.

Fez tambem o Santo no tempo que esteve em Constantinopla outros importantes serviços á Igreja, porque sabendo elle que Eutiquio, Patriarcha daquella Cidade, ensinava, que os nossos corpos depois da resurreição não serião palpaveis, senão só apparentes, formados do ar, impugnou logo aquelle erro com razões tão efficazes, que não sómente o Imperador mandou queimar o livro que continha aquella falsa doutrina, senão tambem o mesmo Eutiquio se arrependeo de modo, que na sua ultima enfermidade, pondo a mão no seu braço, dizia aos circumstantes: *Creio que todos resuscitaremos com a nossa mesma carne.*

Naquelle tempo tambem começou S. Gregorio a sua utilissima obra dos *Moraes sobre o Livro de Job*, a instancias de S. Leandro Bispo de Sevilha, que tinha vindo á côrte para implorar a protecção do Imperador Mauricio, successor de Tiberio, a favor da Igreja de Hespanha, perseguida pelos Arianos, que dominavão naquelle Reino; em cuja occasião se unírão estes dous Santos com a mais estreita amizade, que durou por todo o tempo da sua vida.

Passados alguns annos, até o de 585, voltou o Santo da côrte de Constantinopla para o seu mosteiro de Roma, aonde esperava gozar com descanço as doçuras do religioso retiro; mas foi por pouco tempo, porque se vio obrigado a tomar o governo daquelle mosteiro, em logar do Abbade Maximiano, que o Papa nomeou para Bispo de Saragoça em Sicilia; e naquelle emprego se portou o Santo com todo o zêlo, e prudencia que se devia esperar da sua sciencia, e virtude.

Sendo, pois, S. Gregorio ainda Abbade do seu mosteiro, quando morreo o Papa Pelagio segundo, o clero, o senado, e o povo, todos a uma voz o elegêrão por mais capaz para governar a barca de S. Pedro, então combatida por todos os lados. Porém elle, que, pela sua humildade, nada via na sua pessoa da grande virtude que os outros nelle admiravão, escreveo uma carta ao Imperador Mauricio, allegando-lhe as suas molestias, e muito mais a falta dos requisitos, que pedia aquella suprema dignidade, afim de que não approvasse, nem prestasse o seu consenso sobre aquella eleição.

Sabendo então desta diligencia Germano Governador de Roma, fez suspender o correio, que levava a carta de Gregorio, e expedio outro ao mesmo Imperador, participando-lhe a noticia daquella eleição; o qual, como bem conhecia a virtude, e santidade de Gregorio, recebeo por este motivo grande prazer, e confirmou logo aquella eleição, segundo o uso, ou abuso praticado naquelles tempos pelos Imperadores gregos.

Ora, em quanto se esperava a resposta do Imperador, movido o Santo pela caridade que lhe inflammava o coração, sentio-se obrigado a vencer toda a sua repugnancia, e conformar-se ao uso, que então havia do Summo Pontifice eleito, com os tres principaes do clero tomarem o governo da Igreja, até vir confirmada a eleição com o beneplacito, e approvação do Imperador.

Entretanto esperava Gregorio, que, attendendo o Principe á sua supplica, mandasse proceder a nova eleição. Ouvindo, pois, dizer que o Imperador confirmava a que se havia feito, fugio disfarçado para uma gruta, que estava no interior de um bosque visinho, com animo resoluto de conservar-se naquelle sitio até saber que se havia nomeado em seu logar outro sujeito. Porém Deos, que tinha concorrido, movendo os corações, para a eleição de Gre-

gorio, tambem manifestou o logar aonde elle estava escondido, por meio de uma columna de fogo, que alli appareceo no ar; donde logo extrahido, e levado para a Cidade como em triunfo pelo alegre povo, foi consagrado Papa no dia 3 de setembro do anno 590.

Para dar uma idéa dos procedimentos de S. Gregorio no seu pontificado, bastará dizer em poucas palavras, que elle praticou sempre o que ensina em o seu livro, a que deo o titulo de *Pastoral*, aonde quer que os Pastores ecclesiasticos sejão solliciros em administrar ao seu povo a Palavra de Deos; que se interessem com efficacia em todas as suas espirituaes, e temporaes indigencias; que sejão os pais dos pobres, e especialmente das viuvas, donzellas, e orfãos.

Quer além disto que frequentemente se examine, como exercitão o seu ministerio; que instrucções dão ao seu povo, e que, supposto não commettão em todo o referido faltas graves, se humilhem comtudo na presença de Deos, para não perderem pela soberba, e vangloria o precioso fructo das suas boas obras. De tudo isto dava o Santo Padre em si mesmo um exemplo perfeitissimo, pelo virtuoso regulamento do seu pontificado; sendo um dos seus cuidados maiores o prover as Igrejas de bons Pastores, como quem não ignorava, que deve começar pela cabeça a santificação dos membros.

Procurou tambem com o maior cuidado propagar a Fé de Jesu Christo, desejando, se lhe fosse possivel, reduzir todos á unidade da Igreja Catholica; e com este intento, logo que entrou no pontificado enviou para a Grã-Bretanha a Santo Agostinho, Prior do mosteiro de Santo André, com outros monges seus companheiros, cujas fadigas tiverão tão feliz successo, que em breve tempo floreceo naquella Ilha a Religião Christã, por onde mereceo o nosso Santo o glorioso titulo do Apostolo de Inglaterra.

Trabalhou não menos o zeloso Pontifice em convencer, e reduzir os Bispos da Istria, que se havião separado da communhão Catholica, por causa do concilio quinto, que condemnára uma carta de Iba, Bispo de Edessa, com as obras, e pessoa de Theodoro de Mopsueste, e um escripto de Theodoreto, Bispo de Ciro, contra S. Ciryllo, julgando elles falsamente que a condemnação destes tres capitulos (que assim forão chamados) era prejudicial ás definições do concilio Calcedonense.

Fez no mesmo tempo todo o esforço para domar a obstinação dos hereges Donatistas na Africa; e para extinguir o arianismo na Europa, particularmente na Italia, aonde teve a consolação de ver aos longobardos, com o seu Rei Agilulfo, abandonarem para sempre a tal heresia.

Cuidou tambem o seu zêlo em purificar a ecclesiastica disciplina de alguns abusos, que insensivelmente se havião introduzido, e impedir ao mesmo passo que se intromettessem outros de novo. Protegia os pobres, e opprimidos, e era tão liberal nas esmolas que se reduzio muitas vezes a ficar sem o preciso para si mesmo.

Elle não tinha pejo de aconselhar-se com pessoas, que lhe erão inferiores, por ser a sua maxima — que a eminencia do posto não dá sabedoria; a qual não poucas vezes costuma Deos communicar aos humildes de coração, de qualquer estado, e condição que sejão.

Era tão grande o seu amor para com a justiça, que sempre a quiz observar com a devida exactidão, ainda á custa de perder a correspondencia com os seus maiores amigos; costumando dizer: que um bom Christão não deve reputar como dignos da sua amizade aquelles, que com suas iniquidades se fazem indignos do amor de Deos, suprema, e eterna Justiça.

Fundado, pois, o Santo neste principio, corrigia, e admoestava com liberdade apostolica aos maiores Principes do seculo, quando se desviavão do recto caminho da piedade Christã, portando-se comtudo a este respeito com suavidade, e doçura, como bem se vio, além de outras occasiões, no que praticou com Mauricio Imperador.

Tinha este Principe no anno de 593 promulgado uma lei, na qual ordenava, que todos aquelles que manejavão os negocios publicos, ou antecedentemente os houvessem exercitado, não podessem ser admittidos ao clericato sem primeiro dar contas da sua administração; e que todos os soldados, que não tivessem completado o tempo decretado pela milicia, não podessem abraçar a profissão monastica.

Intimada, pois, ao Santo Pontifice esta lei, conveio facilmente com o Principe, quanto á sua primeira parte, sobre serem excluidos dos officios ecclesiasticos os que estavão addictos aos serviços publicos, e não tinhão apurado as suas contas, concluindo com dizer, que os que depunhão o vestido secular, por aspirarem ás honras, e commodidades da ecclesiastica vida, mostravão com evidencia, que ainda que mudavão o habito, não abandonavão o mundo.

Porém quanto á segunda parte da lei, que prohibia aos soldados, como fica dito, a profissão da vida monastica, escreveo S. Gregorio ao Imperador Mauricio uma doutissima carta, na qual com muita efficacia, doçura, e humildade lhe expunha, que aquella sua determinação fechava a muitos o caminho do Ceo; pois, ainda que no seculo se podia viver santamente, comtudo havia muitos, que por sua fraqueza, e circumstancias em que se achavão, não se podião salvar, sem abandonar tudo.

Rendeo-se o Imperador ás razões do Santo Padre, moderando a sua ordenação na parte que pertencia aos soldados; e o mesmo S. Gregorio mandou depois, que as pessoas militares não se admittissem a entrar na vida monastica, sem se fazer primeiro uma prova da sua vocação, maior ainda que

a que se pedia commummente aos outros. Assim mostrou o Santo a estimação que fazia da vida monastica, e quanto a julgava util para a salvação eterna.

Aos outros cuidados pastoraes do Santo Pontifice se deve ajuntar o que elle tomou para reduzir a melhor ordem o Officio, e canto ecclesiastico, afim de aperfeiçoar uma acção tão nobre, como é a de offerecer ao Senhor nos seus templos, tanto no côro como no altar um perenne tributo de louvor, e acção de graças, querendo para este effeito que as orações da Missa, e Officio fossem ternas, e devotas; e o canto grave, e magestoso, como convem á santidade da Religião.

Mas o maior cuidado do Santo Pontifice foi o promover, e recommendar aos Bispos a sua principal obrigação de instruir os povos a elles commettidos; elle pela sua parte, ainda que opprimido com innumeraveis occupações, e não poucas molestias, cumprio este dever exactamente.

Ainda nos restão das suas Homilias quarenta sobre os Evangelhos, umas recitadas por elle mesmo, e outras pelos seus substitutos, pelas quaes se deixa ver, com quanto zêlo, e simplicidade santa, sem affectação de estylo, nem de sublimes conceitos, administrava elle a Palavra de Deos na primeira Igreja do mundo Catholico.

Além disto compoz tambem o Santo Padre outras obras, em que explica com admiravel clareza, e profunda doutrina os principios da moral Christã; e no mesmo tempo em que illumina a mente dos leitores, inflamma tambem os seus corações, e quasi que os obriga a amar, e abraçar a virtude.

Porém elle pela sua humildade estimava em tão pouco estas suas obras, que vindo-lhe á noticia que Mariniano, Arcebispo de Ravena, fazia ler publicamente na Igreja os seus discursos sobre o Livro de Job, o não levou a bem, e logo lhe aconselhou, que se servisse antes dos Commentarios de Santo Agostinho sobre o Livro dos Psalmos.

E pedindo-lhe Innocencio, Prefeito da Africa, os seus Moraes sobre o mesmo Job, o Santo sim lh'os remetteo, mas accrescentou logo, que se queria saciar-se de um alimento delicioso, lesse as obras de Santo Agostinho, as quaes, sendo na verdade como um precioso trigo, lhe farião ter fastio do seu insipido joio.

Em conclusão, para se formar conceito dos humildes sentimentos do Santo a respeito das suas obras, basta reflectir sobre o que elle escreveo no fim dos seus Moraes, dizendo: *Importa muito evitar nas cousas que se escrevem toda a sorte de vaidade, e viver na certeza de que ainda as cousas boas em si mesmas só merecem ser louvadas, quando se dizem pelo fim de unicamente agradar a Deos.*

Corria já o anno decimo quarto desde que este Santo Pontifice gemia debaixo do gravissimo pêso do sacerdocio, havendo elle empregado todo este tempo no governo da Igreja universal, attendendo ás indigencias do rebanho de Jesu Christo, commettido ao seu cuidado, sem embargo das muitas enfermidades de gota, e outras graves molestias, que quasi continuamente padecia.

Elle tudo attribuia aos seus peccados, e por isso não gostava de que os outros se condoessem dos seus males, porque os considerava, e os recebia como verdadeiros bens, e preciosas Graças de Deos. Procurava só com as suas, e alheias orações uma inalteravel paciencia para fazer bom uso daquellas visitas, com que o Senhor o favorecia. Assim, pois, cheio de virtudes, e meritos, e com estes humildes sentimentos, consummou o grande Padre S. Gregorio o precioso sacrificio da sua vida no dia 12 de março do anno 604, havendo occupado a cadeira de S. Pedro treze annos, seis mezes e dez dias.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Este Glorioso Santo não é só para os Pastores de almas bem perfeito modelo, senão ainda para todos os Christãos um exemplar nobilissimo. Elle desprezou as honras, as delicias, e riquezas, em que nascêra, e se educára. Elle resistio (quanto lhe permittio a submissão que devemos ter ás ordens de Deos) para não ser elevado ao supremo gráo da ecclesiastica jerarquia; e longe de comprazer-se, ou desvanecer-se por esta sublime dignidade, sempre se affligio, e por ella se humilhou na presença de Deos, e dos homens.

E pelo contrario, formou sempre um summo apreço da vida pobre, penitente, e desconhecida, doendo-se muito de a haver (bem que a seu pezar) abandonado. Elle reputou as molestias, e todas aquellas, que o mundo chama desgraças, por especial favor da Beneficencia Divina; e por ultimo desejou a morte, como feliz passagem para a eterna vida.

Deve, pois, todo o Christão, á vista deste exemplo, amar a vida retirada, e desconhecida, reputar os trabalhos, e tribulações como occasiões de merito, e penhor da salvação: deve, em summa, á imitação de S. Gregorio, conformar-se a Jesu Christo, que estimou o que o mundo despreza, e desprezou o que o mundo estima.

MARÇO — 13.

DE

SANTA EUFRASIA, VIRGEM.

NO SECULO IV, E V.

A vida de Santa Eufrasia Resweido a refere no Livro I das vidas dos Padres do Ermo; e os Bollandistas a trazem neste dia já correcta de alguns defeitos.

A ILLUSTRE Virgem Santa Eufrasia nasceo em Constantinopla no fim do quarto seculo, de Antigono, e Eufrasia, se muito respeitaveis pela sua grande nobreza, muito mais ainda pela sua piedade, e religião. Elles, apenas tiverão esta filha, a que derão tambem o nome de Eufrasia) propozerão mutuamente viver em continencia, como se fossem na verdade não esposos, mas irmãos.

Por tão bons pais foi educada Eufrasia christianissimamente no santo temor de Deos; e altamente persuadidos de que os meninos, em podendo perceber o que se lhes diz, devem ser instruidos sobre os seus deveres, não esperárão que Eufrasia chegasse ao tempo do uso da razão, para insinuar-lhe o conhecimento, e o amor do Summo Bem, procurando acompanhar as doutrinas que lhe davão, com suaves, e doces modos, para que a tenra filha com gosto, e boa vontade as recebesse.

Era esta menina de cinco annos quando lhe morreo seu pai, e sua mãi tinha só vinte e dous quando ficou viuva; mas era enriquecida de uma sabía prudencia, toda propria de outra idade mais avançada; e por isso o ficar ella viuva não a fez omittir a boa educação da filha, considerando-se obrigada a pôr da sua parte maior diligencia a este respeito, de modo que houvesse de supprir a falta de seu pai.

Querendo, pois, livrar-se das repetidas instancias, que para passar a segundas nupcias lhe fazião varias senhoras, e até a mesma Imperatriz, tomou a resolução de ausentar-se com sua filha para o Egypto, allegando por motivo o querer ver, e arrendar os muitos bens, que possuia naquelle paiz; mas na realidade era para buscar um decente retiro, em que podesse passar o restante da sua vida na oração, e meditação dos annos eternos, que devem ser o legitimo objecto de todos os nossos pensamentos.

Chegando, pois, ao Egypto, o Senhor lhe fez ter a noticia de um recolhimento de santas virgens, que praticavão uma vida penitente com grandissimas austeridades; porque, além de não comerem carne, nem usarem de vinho, ovos, e fructas, todo o seu alimento consistia unicamente em pão, legumes, e hervas, uma só vez cada dia, depois do sol posto; e algumas vezes passavão dous, e tres dias sem tomarem algum alimento. O seu leito era um aspero cilicio de pellos de cabra, estendido sobre a terra. Além dos exercicios espirituaes, occupavão-se em trabalho de mãos, á proporção das suas respectivas forças; e quando cahião enfermas, de modo ordinario não usavão de medicamentos, antes davão graças a Deos por aquelle favor.

E era tal o seu desapêgo das cousas do mundo, que offerecendo-lhe Eufrasia uma somma consideravel, para que rogassem a Deos pela alma de seu marido, lh'a recusárão, dizendo em nome de todas a Superiora: que sim rogarião ao Senhor, como ella desejava, mas que não acceitavão o dinheiro, por terem renunciado a todos os bens do seculo, e commodidades da vida, para se fazerem merecedoras de gozar no Reino celeste as eternas delicias.

Edificada, pois, summamente a viuva Eufrasia do singular portamento daquellas santas virgens, que via tão virtuosas, e desinteressadas, conduzia alli de quando em quando a sua filha Eufrasia, a quem Deos por este meio insensivelmente ia preparando para vir a ser alli mesmo uma sua grande Serva.

Gostava muito a Superiora de conversar com esta menina, que por então não tinha mais de sete annos; e perguntando-lhe uma vez a quem amava mais, se ás Religiosas do mosteiro, ou ao Fidalgo, a quem sua mãi a promettera para esposa? Respondeo ella: *Eu não conheço esse esposo, nem delle sou conhecida: amo sim a vós, a quem vejo; e vós a quem tendes mais amor, a mim, ou ao meu esposo? Nós todas vos amâmos,* (respondeo a Superiora) *e a nosso Senhor Jesu Christo. Pois eu tambem* (replicou a menina) *amo a vós, e a Jesu Christo nosso Senhor. Logo se nos amais* (lhe disse rindo a Superiora) *ficai comnosco. De muito boa vontade* (respondeo ella) *se minha mãi me conceder licença.*

Queria, pois, a menina ficar logo no mosteiro, visto que sua mãi não repugnava; mas a prudente Superiora, temendo que aquelle fervor procedesse da ordinaria propensão, que tem as crianças para cousas novas, disse, fallando seriamente para Eufrasia: *Amada filha, nenhuma menina pôde ficar neste mosteiro sem se haver consagrado a Jesu Christo; e Jesu Christo aonde está?* perguntou ella. Mostrou-se-

lhe então um Crucifixo, dizendo-lhe: que aquella era a Imagem de Jesu Christo, Salvador do mundo, e celeste Esposo das almas puras.

E ella sem mais demora se abraçou com a Sagrada Imagem, dizendo ao mesmo tempo: *Senhor meu Jesu Christo, eu a Vós me consagro, e não quero outro Esposo, nem sahir já deste mosteiro. Aqui não podeis ficar* (lhe disse a Superiora) *porque não ha logar para vos receber. E como assim* (replicou Eufrasia) *aonde vós estais não posso eu assistir tambem?* Disse-lhe então a Superiora para lhe metter medo: *Se vós quereis estar comnosco, deveis aprender de memoria todo o Psalterio, jejuar continuamente, passar as noites velando, e praticar outras muitas austeridades.* Ao que ella respondeo: *Espero em Deos fazer tudo isso, com tanto que me deixeis ficar na vossa companhia.*

Vendo então a Prelada nesta graciosa menina uma tal constancia, tão superiora á sua idade, disse a sua mãi: que depois de tão evidentes signaes da divina vocação naquella sua filha, não era justo resistir ao Espirito Santo, que destinando-a para Esposa sua naquelle estado de Religiosa, a enchêra por um modo extraordinario da sua Graça, e das suas Luzes.

Assentio logo a boa mãi á vontade quasi expressa do Altissimo; e conduzindo a filha aos pés do mesmo Crucifixo, lh'a offereceo com muitas lagrimas, rogando-lhe que a quizesse consagrar inteiramente ao seu serviço, e consolidalla por tal modo no seu amor, e temor santo, que nada fosse bastante para distrahilla; e por ultimo entregando-a nas mãos da Superiora, venceo com heroica, e singular constancia os sentimentos da natureza.

Depois deste sacrificio, que fez Eufrasia de sua filha ao divino Senhor, cuidou sómente em adiantar-se cada vez mais no caminho da espiritual perfeição. Empregava-se, quanto mais podia, no serviço dos pobres, e em toda a sorte de obras de piedade convenientes ao seu estado, e condição. Ella não admittia para seu alimento nem carne, nem peixe, nem vinho. Os seus jejuns erão continuos, usando só de legumes, e hervas.

E preparando-se deste modo para o seu ultimo transito, a Superiora do mosteiro de sua filha lhe fez aviso, passado pouco tempo, de que estava proximo o fim dos seus dias, segundo lhe fôra mostrado em uma visão que tivera, por cuja noticia deo a santa viuva muitas graças a Deos, que tão cedo se dignava de a livrar deste miseravel mundo, como sempre lhe rogára, depois da morte de seu marido.

Fez logo chamar a sua filha, afim de lhe participar esta noticia; e ella ouvindo-a começou a chorar amargamente, considerando-se naquella terra como orfã, estrangeira, e desamparada; porém a mãi a consolava, representando-lhe, que tendo ella por seu Pai, e seu Esposo a Jesu Christo, não podia reputar-se orfã, em quanto a Elle estivesse unida; e que a Superiora do mosteiro cumpriria no mesmo tempo o logar de mãi para com ella.

Fez-lhe depois outras advertencias para o cumprimento dos deveres da sua monastica profissão, e particularmente lhe recommendou, que, esquecendo-se do sangue real, tratasse de servir com humildade a todas as Religiosas do mosteiro, sem aspirar a ser dellas servida; e que fazendo bom uso das riquezas que lhe deixava, procurasse o viver pobre cá na terra, para ser rica depois na eterna Patria.

Outras mais cousas lhe disse, e recommendou, dignas todas de uma santa mulher, como ella era, nos tres dias que ainda viveo; e publicada a noticia da eminente santidade, e preciosa morte desta illustre matrona, começou logo a Igreja grega a veneralla por Santa, celebrando annualmente no dia undecimo de janeiro a sua memoria com a de Antigono seu marido.

Chegando, pois, a nova da morte de Eufrasia ao Fidalgo, Senador de Constantinopla, a quem ella promettêra por esposa a sua filha, supplicou logo, e conseguio do Imperador, que escrevesse á nossa Santa, significando-lhe o empenho, que a respeito da sua pessoa havião contrahido seus pais; porém ella sem faltar ao seu decoro, e todo cheia de religião, lhe respondeo desta maneira:

« Augusto Monarcha, eu sou de Jesu Christo, « e não posso dar-me a outro; e todo o meu dese- « jo é que o mundo se esqueça totalmente de Eufra- « sia. Rogo, sim, humildemente a V. Magestade, que « se digne de fazer distribuir aos pobres, e orfãos « todos os bens, que em Constantinopla, e seus su- « burbios me fôrão deixados por meus pais; de pôr « em liberdade todos os escravos da minha casa, e « perdoar aos rendeiros dos meus bens toda a som- « ma, que me estiverem devendo... Eufrasia ».

Fez esta resposta uma tal impressão no animo daquelle Principe, que a mandou ler em publico senado, e ordenou, que sem demora alguma se désse á execução tudo o que a Santa Virgem supplicava; e ella assim, desembaraçada do que a podia distrahir do importante negocio da sua salvação eterna, esqueceo-se inteiramente do mundo, e toda se deo á meditação das eternas verdades, e ao exercicio de todas as virtudes, principalmente da humildade, abnegação, e mortificação de si mesma.

Ella desde a idade de doze annos se costumou primeiro a não comer mais de uma vez cada dia, no fim da tarde; e depois, a passar dous, e ás vezes tres dias, sem tomar algum alimento; e no mesmo tempo se applicava com tal empenho aos empregos mais humildes, e trabalhosos da communidade, que parecia ser a publica serva de todas as Religiosas.

Além disto, querendo o Divino Senhor sublimar esta sua Serva ainda a maior perfeição, permittio que o demonio a tentasse com varias suggestões impuras; porém ella heroicamente as vencia, du-

plicando as fadigas, orações, e austeridades, principalmente os jejuns; de maneira que chegando á idade de vinte annos se resolveo a não comer senão uma vez cada semana; procurando por estes meios enfraquecer summamente o seu corpo, que ella reputava por seu inimigo.

E comtudo, sem embargo de uma vida tão penitente, e mortificada, era Eufrasia uma das mais robustas do mosteiro; e consequentemente as outras Religiosas, que assim a reconhecião, como testemunhas oculares da sua vida tão austera, tinhão isto, como era na verdade, por cousa maravilhosa; e pelo contrario, estimuladas as outras de inveja, chegou uma dellas, chamada Germana, em nome de todas, a dizer-lhe muitos improperios, reputando-a por hypocrita, e ambiciosa, que dirigia todas aquellas obras para ser eleita Superiora.

A tudo isto respondeo a Santa, dizendo com tranquilidade de espirito: *A nossa Superiora tem mandado a cada uma de nós trabalhar, e jejuar á proporção das proprias forças; toca, pois, a nós outras obrar o que podêrmos;* e prostrando-se logo a seus pés, humildemente lhe pedio perdão, e que orasse por ella a Deos. Soube a Superiora deste facto, e depois de reprehender a Germana pelo seu máo portamento, lhe mandou por penitencia, que estivesse separada da communidade; mas Eufrasia se interpoz por ella com tanta efficacia, que obteve da Superiora o perdão da imposta penitencia.

Uma virtude tão eminente da nossa Santa foi illustrada por Deos com muitos milagres; se bem que com razão se póde dizer, que toda a sua vida foi um milagre continuo de humildade, obediencia, castidade, mortificação, e caridade, que o mesmo Senhor compensou gloriosamente, transferindo-a deste miseravel mundo para o delicioso descanço do eterno Paraizo no dia 12 de março do anno 401 da Era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Aquella resposta, que a nossa Santa deo ao Imperador — eu sou de Jesu Christo, e não posso dar-me a outro, *deve andar na memoria, não só de todas as virgens consagradas a Deos, senão tambem na de todo o Christão, o qual pelo Baptismo pertence a Christo, constituindo-se por este Sacramento membro daquelle corpo, de que o mesmo Christo é Cabeça.*

E consequentemente não só devemos amar a este Senhor, por sermos seus, senão tambem por esta mesma razão devemos excluir do nosso peito qualquer affecto, que a Elle não seja referido. Porquanto qualquer amor, que devemos á creatura, sem o referir a Deos, a Elle o negâmos, a quem tudo devemos; e por isso exclamava Santo Agostinho, dizendo a Deos: Menos vos ama, Senhor, quem comvosco ama alguma cousa, que por Vós não ama.

MARÇO — 14.

DE

SANTA MATILDE, RAINHA DE ALEMANHA.

NO SECULO X.

As acções desta Santa Rainha fôrão compiladas pouco depois da sua morte por um diligente escriptor, recommendado para este effeito pelo Imperador Santo Henrique, e se achão no Tom. VII da obra dos Bollandistas, pag. 361.

Nasceo Matilde na Westfalia do Conde Theodorico, descendente de Virikindo, Principe da Saxonia, e da Condessa Reinildes, do sangue dos Principes de Dinamarca, e da Frisia. Estes pios, e illustres progenitores, que não ignoravão o pouco apreço que se deve fazer da grandeza, que só provém do nascimento, procurárão que sua filha Matilde fosse na verdade grande aos olhos de Deos, dando-lhe uma educação em tudo, e por tudo Christã; para cujo fim, sendo ella ainda menina, a pozerão no mosteiro de Erford, aonde sua avó, que alli era Abbadessa, a houvesse de exercitar na pratica das virtudes.

Assim, pois, as instrucções que ella lhe dava consistião particularmente em lhe fazer comprehender como devia applicar-se á oração, á lição de bons livros, além dos da Sagrada Escriptura, e ao trabalho conveniente ao seu sexo, e condição; porque nem a nobreza do sangue, nem as riquezas, e commodidades da casa podem desobrigar a qualquer de praticar uma vida seria, e occupada em cousas uteis, havendo Deos dito logo no principio do mundo: que todos devem ganhar, e comer o pão com o suor do seu rosto.

Repetia-se-lhe frequentemente, que quanto mais

uma pessoa excede as outras pela sua condição, tanto mais é obrigada a dar bom exemplo, com que provoque a todos para a virtude... e que todo o que ama o vicio, e o conserva no coração, se faz vil, e abominavel... Estas, e outras verdades penetrárão de tal modo o animo de Matilde, que supplicava perennemente a Deos lhe desse Graça para as pôr em pratica, e não permittisse jámais que as maximas do enganoso mundo lhe soffocassem no coração uma tão preciosa semente.

Ouvio o Senhor as humildes rogativas da sua Serva, porque ella se fez um exemplar perfeito de submissão, e piedade por todo o tempo que esteve no mosteiro, e um modêlo de virtude quando teve de sahir do claustro para ser esposa do Principe Henrique, filho de Ottão Duque de Saxonia no anno de 913; e este matrimonio, que era honroso para Matilde naquelle tempo, o foi mais passados tres annos, em que por morte de Ottão ficou Henrique sendo Duque de Saxonia, e no anno de 919 eleito Rei de Alemanha, em logar do defuncto Conrado.

Todas estas grandezas fôrão outros tantos meios de se exercitar em boas obras, e não menos occasiões para dar mais a conhecer a sua profunda humildade; porque estando mais proxima ás grandezas transitorias desta terra, mais se convencia do seu nada, pelo alto conceito que formava, de que excepto o amor de Deos tudo era vaidade no mundo; e por isso não acabava de admirar-se vendo andar os homens com tanta ancia no alcance de uma felicidade falsa, que nunca gozão com descanço, nem os segue com firmeza.

Como as occupações do seu estado não permittião á Santa o entreter-se com Deos quanto quizera de dia, por meio da oração, empregava algumas horas da noite neste santo exercicio, com permissão de seu marido, Principe todo inclinado á piedade. A caridade de Matilde para com os pobres, e enfermos era sem limite: ella os soccorria, e os consolava, animando-os com doçura a soffrer com paciencia os incommodos da molestia e da pobreza.

Visitava tambem os encarcerados, e lhes ministrava todo o auxilio opportuno para as suas indigencias; e dos mesmos ferros, com que estavão retidos os seus corpos, e de que tanto desejavão verse desempedidos, tomava ella motivo para excitallos a despedaçar com uma verdadeira penitencia as cadêas das culpas, que lhes retinhão as almas em outro mais funesto, e deploravel estado.

Havendo, pois, Matilde passado vinte e tres annos com seu consorte neste genero de vida cheio de obras santas, e virtuosas, quiz o Senhor aperfeiçoalla, fazendo-a padecer varias tribulações, como pratica ordinariamente com as almas, que intenta elevar a uma sublime santidade.

Tirando-lhe, pois, primeiramente o marido, recebeo a Santa um golpe assaz doloroso, pelo grande amor que lhe tinha, e pelas fataes consequencias, que da tal morte lhe provierão; porque supposto houvesse ella educado os seus filhos com toda a possivel diligencia de uma mãi tão Santa, persuadindo-os sempre a viverem unidos em boa paz, e concordia, comtudo estas suas exhortações não produzírão e desejado effeito, nascendo brevemente grandes dissabores entre estes dous Principes, que depois causárão amargas penalidades á Santa, como agora diremos.

Morto Henrique seu marido, Ottão, como primogenito, devia succeder nos seus Estados; porém a Santa, por amor particular, que tinha a Henrique seu filho segundo, queria que fosse este preferido; allegando por fundamento o haver nascido depois de seu pai ser eleito Rei de Alemanha, o que lhe dava direito (dizia ella) para ser considerado como primogenito, quanto a esta coroa, aquelle seu filho segundo.

Assim permittio Deos que esta preferencia desejada, e procurada por Matilde lhe fosse origem de afflicções grandes; porque unidos os dous Principes em dar ouvidos ás calumnias com que alguns malevolos dilaceravão a fama da Santa Rainha, dizendo que dissipava os bens da coroa, e accumulava riquezas immensas para dispendellas depois a seu arbitrio. O primeiro passo que derão foi confiscar os bens de todos aquelles de quem ella se servia para distribuir as esmolas; e passando a maior excesso, se apoderárão de quanto sua mãi possuia, até dos seus móveis, e bens dotaes, reduzindo-a por este modo á miseravel condição dos mesmos pobres, a quem ella antes favorecia; e pertendendo talvez que ella se recolhesse a um mosteiro para vestir o habito religioso.

Nada oppoz a Santa a tão inhumanos tratamentos, antes, soffrendo tudo com um profundo silencio, reputava aquelles sinistros successos como proprios flagellos de um pai amoroso, que castiga aos seus filhos, por isso mesmo que os ama; e assim quando alguem na sua presença se indignava contra aquelles seus filhos por tão máos procedimentos, ella procurava sempre escusallos, dando pelo menos a conhecer, que elles a respeito da sua pessoa erão executores da Vontade divina.

O meu filho Ottão (dizia ella) *trata-me como eu mereço; e pelo que respeita a meu filho Henrique (a quem tanto amei, e amarei sempre) não acreditarei jámais que elle se tenha alienado de mim, senão muito a seu pezar. Eu sim esperava que elle houvesse de ser toda a minha consolação, porém louvo a Deos, que o não dispoz assim; e rogo ao mesmo Senhor por sua infinita Misericordia, que, sem attender aos meus peccados, se digne de reconciliar, e reduzir a bom caminho estes meus dous amados filhos.*

Vendo, pois, a Santa Rainha que a perseguição de seus filhos contra ella cada vez mais se exasperava, julgou que devia ceder á violencia, e reti-

rar-se, como fez, para Westfalia, depois de haver solemnemente abandonado quanto lhe fôra deixado por seu marido.

Mas o benigno Senhor, e rectissimo Juiz, havendo por este modo purificado a sua Serva, dispoz que os ingratos filhos, que tão mal se portárão para com uma tal mãi, se vissem brevemente opprimidos com varias desgraças; porque Ottão (além de outros sinistros accidentes) teve successo infeliz na proxima guerra; e ao Principe Henrique sobreveio uma grave molestia, que pôz em perigo a sua vida.

O que bem ponderado pela Rainha Editha, mulher de Ottão, e pelos Bispos, e Senhores de Alemanha, se valêrão da occasião, como propria, para fazerem entrar aquelles dous Principes em si mesmos, e se arrependerem dos seus delictos. Com effeito, rendendo-se Ottão ás exhortações da mulher, e dos outros grandes, se condoeo publicamente, mostrando grande pezar dos máos tratamentos, que praticára com sua mãi; e com effeito, nomeando logo alguns Bispos, e outros Ministros do seu conselho, mandou que em seu nome lhe fossem pedir perdão, e juntamente lhe rogassem, que se dignasse de tornar para a sua companhia.

Recebendo, pois, Matilde esta embaixada do filho, deo muitas graças a Deos de haver attendido ás suas orações a este respeito, e se pôz logo a caminho com aquelles deputados; o que sabido por Ottão, lhe foi sahir ao encontro com sua mulher, e principaes da côrte; e logo que a vio, desmontou do cavallo, e prostrando-se a seus pés, lhe pedio perdão com a devida humildade de todas as offensas, que lhe fizera. Henrique tambem fez o mesmo, imitando o exemplo do irmão, e ambos facilmente conseguírão a benigna indulgencia, que supplicavão.

E restituida por este modo a Santa Rainha ao seu primeiro estado, entrou a praticar como d'antes as mesmas obras de caridade, e virtude. Entretanto foi Ottão seu filho a Roma coroar-se Imperador; e ao voltar, a Santa o foi esperar em Colonia com S. Bruno, seu filho, Arcebispo desta Cidade. Dalli passárão todos por Nortausen, aonde a Santa fundára um mosteiro de Religiosas; e dando alli o ultimo adeos ao Imperador, ella se deixou ficar, afim de dispor melhor a sua viagem para a outra vida.

Entretanto (ainda que já opprimida de uma lenta enfermidade) visitou a Santa os mosteiros, hospitaes, e outros logares pios, que fundára em toda a Saxonia, até que no fim do anno 967, presentindo que chegava o termo dos seus dias, se fez transportar a Quedelinbourg, que era o logar por ella destinado para seu sepulchro, por estar alli tambem o corpo de Henrique seu marido.

E logo que alli chegou, e se divulgou a nova de estar a Santa nos ultimos fins da sua vida, vierão visitalla todos os grandes daquellas terras, e entre elles Guilherme, Arcebispo de Moguncia seu sobrinho, ao qual disse ella com grande prazer: *Eu tenho por certo que Deos vos mandou aqui, porque nenhum é mais a proposito para me assistir no meu transito. Rogo-vos, pois, que ouçais a minha confissão, e me deis a absolvição dos meus peccados, depois do que ireis á Igreja offerecer o sacrificio de propiciação por todas as minhas culpas, pela alma de meu marido, e por todos os Fiéis.*

Voltando, pois, da Igreja o Arcebisbo Guilherme, e achando a Matilde em estado, que, segundo lhe parecia, não tinha proximo perigo, reconciliou-a de novo, ministrou-lhe o Viatico, e Unção extrema, e lhe pedio permissão para restituir-se á sua Igreja. Chamou então Matilde a Prelada do mosteiro, e lhe disse particularmente: *Que daremos ao Arcebispo de Moguncia antes da sua jornada?* Respondeo-lhe a Abbadeça: *Vós, Senhora, nada tendes, porque tudo o que era vosso se vendeo por vosso mandado, e se deo o producto aos pobres; ficárão sómente uns pannos, que reservastes para a vossa sepultura. Oh bem* (replicou a Santa) *dai esses pannos a meu sobrinho, que primeiro do que a mim lhe serão necessarios.*

O que assim se verificou, porque o Arcebispo, posto em viagem, morreo logo, e a Santa ainda viveo doze dias. No ultimo dos quaes pedio que viessem os Sacerdotes, e Religiosas do mosteiro, e dando-lhes saudaveis advertencias, se recommendou ás suas orações, para que impetrassem de Deos o perdão das suas culpas; e depois de concluida a Missa, na qual commungou segunda vez por Viatico, rogou que lhe recitassem os Psalmos penitenciaes, interpondo entre um, e outro a lição do santo Evangelho; e por ultimo, fazendo-se pôr sobre um cilicio, que estava no pavimento, ella mesmo com suas mãos cobrio a cabeça de cinza; e fazendo logo sobre si o signal da santa Cruz, placidamente rendeo o espirito ao seu Creador no dia 14 de março do anno 968.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Deixou-nos esta Santa Rainha entre as maiores grandezas do mundo os mais vivos documentos de humildade, e de soffrer com generosa paciencia toda a sorte de adversidade; as quaes, fazendo-se mais sensiveis, quando vem por aquelles mesmos, que nos são mais obrigados, ella os padeceo por mão de seus proprios filhos, e ainda entre estes, por aquelles a quem ella amava com maior ternura.

Aprendâmos, pois, do seu exemplo a considerar naquelles, que nos molestão, a Mão de Deos, que para nosso bem nos castiga, como bom Pai, que nos ama, ou como sabio Medico, que assim pertende curar as enfermidades do nosso espirito, e de contrahir outras no tempo futuro.

Estas reflexões, avivadas com a Graça de Deos, nos animarão a tolerar com paciencia qualquer ad-

versidade na presente vida; dizendo sempre com o Real Propheta: Eu louvarei ao Senhor em todo o tempo, *assim no prospero como no adverso, conformando-me inteiramente ao seu beneplacito, e disposição rectissima.*

MARÇO — 15.

DE

S. TARASIO, PATRIARCHA.

EM 25 DE FEVEREIRO.

NO SECULO VIII, E IX.

A vida deste Santo foi escripta fielmente por Ignacio, Diacono da Igreja de Constantinopla, seu discipulo, e depois Bispo de Nicéa: Surio, e os Bollandistas a transcrevem neste dia.

No meio do oitavo seculo nasceo S. Tarasio em Constantinopla de Jorge, e Encracia, ambos das familias mais illustres daquella Cidade imperial. Exercitou Jorge os primeiros cargos do Imperio com bem merecido louvor, por ser um homem de grande virtude, e assás instruido nas sciencias, e noticias necessarias para a recta administração da justiça, por onde as pessoas justas, e opprimidas sempre achavão nelle um generoso remunerador do seu merito, e um zeloso defensor da sua innocencia.

Encracia, mãi do Santo, era tambem uma piissima matrona, que em quanto seu marido expedia os negocios da ministratura, ella se applicava á educação de seu filho, instruindo-o nas santas maximas da Religião Christã, com tão feliz successo, que logo desde a idade de mancebo appareceo adornado das mais singulares virtudes, (especialmente de uma grande modestia, e humildade não ordinaria) que em todo o curso da sua vida o fizerão amavel a Deos, e agradavel aos homens.

Igual foi o progresso que elle fez no estudo das sciencias, convenientes ao gráo do seu nascimento, por onde se fez digno de ser elevado á dignidade de Consul, e pouco depois á de primeiro Ministro, e Secretario de Estado na côrte do Imperador; e com effeito elle exercitou estes empregos por tal modo, que, cumprindo todos os seus deveres com summa exactidão, e satisfação universal, tanto do Imperador, como do publico, nunca perdia de vista o que devia a Deos, á Igreja e á sua consciencia.

Elle mostrou sempre uma firme constancia em rejeitar todas as supplicas de cousas injustas, ou contrarias á honra de Deos; e especialmente se oppoz aos hereges, que perturbavão naquelles tempos a Igreja oriental; promovendo, quanto era da sua parte, todos os direitos da santa Igreja, e juntamente os dos seus sagrados Ministros.

E entretanto que Tarasio procurava por este modo santificar-se a si mesmo, no estado de simples leigo, dispoz Deos que elle fosse elevado ao sublime emprego de Bispo, e Patriarcha de Constantinopla, para que tambem cooperasse á santificação de muitos, e purificasse aquella Igreja illustre, e ainda a todo o Oriente, do venenoso fermento da heresia, como agora diremos.

Tinhão os hereges Iconoclastas, em todos os oitenta annos antecedentes, combatido o culto das sagradas Imagens, e perseguido aos Catholicos que as veneravão; desde que o Imperador Leão Isaurico, enganado por um perfido judeo no anno 726, excitou esta guerra, que proseguírão os seus successores, e mais que todos o Imperador Constantino Coprónymo, que no anno de 754 congregou um numeroso conciliabulo em Constantinopla de mais de trezentos Bispos, ímpios aduladores, e por elles fez proferir a sacrilega sentença contra a veneração, e devido culto das sagradas Imagens.

Mas succedendo no throno em o anno de 780 o Imperador Constantino VI, de menor idade, debaixo da tutella da Imperatriz Irene sua mãi, as cousas mudárão de face a favor da Religião. Era naquelle tempo Patriarcha de Constantinopla um certo Paulo, o qual, havendo tido a fraqueza de consentir na seita dos Iconoclastas, e sobrevindo-lhe depois uma grave e perigosa molestia, tocado dos remorsos da consciencia, pelo escandalo que dera ao seu povo, logo que recobrou algum esforço, retirou-se occultamente para um mosteiro, e alli, depondo os ornamentos pontificaes, vestio o habito de Religioso.

Visitando-o, pois, naquelle estado a Imperatriz Irene, e seu filho Constantino, lhe disse elle: que estava resoluto a continuar, e terminar os seus dias na penitencia, afim de expiar a gravissima culpa da sua prevaricação indigna. E no mesmo acto, sendo

por elles requerido para que nomeasse algum mais apto para bem governar aquella patriarchal Igreja . . . respondeo logo : que elle não conhecia outro tão digno, nem tão idoneo para o tal emprego, como era Tarasio, primeiro Ministro das suas Imperiaes Magestades.

Assim, pois, foi S. Tarasio (apesar da sua contradicção, e repugnancia) eleito Patriarcha de Constantinopla, com geral acclamação do clero, e do povo no anno de 784 ; e esta mesma eleição (ainda que dirigida logo a um homem leigo) foi tambem approvada pelo Summo Pontifice Adriano, attendendo á sua singular doutrina, e zêlo pela pureza da Religião Catholica.

Porém o Santo pedio logo ao Imperador, e aos Bispos congregados para a sua sagração uma solemne promessa de se convocar legitimamente um concilio geral dos Bispos gregos, e latinos, afim de se condemnar a heresia dos Iconoclastas, e restabelecer por toda a parte o devido culto das sagradas Imagens. O que lhe foi concedido ; e com effeito, depois de vencidas algumas contradicções, e difficuldades, celebrou-se o tal concilio, e nelle se definio, e restabeleceo aquelle culto na Cidade de Nicea correndo o anno 787 com a assistencia dos Legados do Papa, e trezentos e cincoenta Prelados, que nelle intervierão.

Concluido, pois, este grande negocio, que respeitava á paz da Igreja, e pureza da Fé, applicou-se Tarasio com o maior desvelo ao restabelecimento, e reforma dos costumes, que padecêrão uma grande decadencia entre as perturbações de tantos annos, suscitadas pelos hereges. Para cujo effeito elle com o seu exemplo servia de espelho a todos, evitando no seu tratamento, assim nos vestidos, como nos móveis, na mêsa, e nas outras cousas, toda a sombra de fasto, e superfluidade.

Além disto, fazia frequentes, e rigorosos jejuns : velava a maior parte das noites. empregando o tempo, que lhe ficava livre dos cuidados pastoraes, em fervorosas orações a Deos, e na lição, e meditação attenta das divinas Escripturas, donde extrahia as luzes necessarias para o seu particular regulamento, e do seu rebanho. E a sua pureza era tal, que, resplandecendo exteriormente no seu aspecto, attrahia as veneraçõe de todos.

Elle era affavel, e humilde para toda a sorte de pessoas ; e chegou a tão alto ponto a sua humildade, que não consentia ser servido por outrem, no que elle podia obrar por si mesmo. As grandes rendas da sua Igreja erão o patrimonio dos pobres, especialmente dos orfãos, e viuvas, segundo as suas respectivas necessidades, sustentando tambem quotidianamente a muitos, e servindo-os á sua mêsa.

Dispensava frequentemente o pão da Palavra de Deos, tanto em publico, prégando ao povo, como em particular, instruindo aquelles que para isto o procuravão, particularmente os hereges, dos quaes reduzio um grande numero ao seio da Igreja Catholica com a efficaz doçura das suas palavras ; e por estas, e outras obras de Pastor zeloso, e vigilantissimo, teve a justa consolação de ver reformados os costumes dos seus subditos, tanto ecclesiasticos, como seculares.

Taes erão as bençãos, que o Senhor derramava sobre este seu fiel Servo, e sobre o povo a elle commettido. Quando no anno 795 se excitou uma horrivel tempestade, que perturbou a paz daquella Igreja, e deo occasião a Tarasio de exercitar a sua grande humildade, e heroica paciencia, como agora diremos.

Desgostado o Imperador Constantino da Imperatriz Maria, sua legitima consorte, e namorado de uma dama de palacio, chamada Theodora, quiz casar com ella, e declaralla Augusta, repudiando a Imperatriz sua esposa, pelo falso pretexto de attentar com veneno contra a sua vida ; e para este fim procurou por todos os modos induzir o Santo Patriarcha ao seu partido.

Porém elle, com episcopal firmeza, protestou sempre, que estava prompto para soffrer os mais crueis supplicios, e ainda a mesma morte, antes do que ter parte em um divorcio tão injusto, e em um matrimonio tão escandaloso. *Pois ainda que fosse verdadeiro* (dizia elle) *o supposto delicto da Imperatriz, nunca seria licito, vivendo ella, passar o Imperador a outras nupcias, dissolvendo por este modo um sagrado vinculo, que o Senhor quiz que fosse perpetuo, e fazendo eterna a sua infamia entre as Nações da Religião Catholica.*

Mas o perverso Imperador, obcecado da sua criminal paixão, não fez caso algum das saudaveis advertencias do zeloso Prelado ; e obrigando logo a Imperatriz Maria a tomar o véo de Religiosa em um mosteiro, se desposou solemnemente com a sua adultera Theodora, por mãos do Abbade José, Ecónomo da Igreja de Constantinopla, que teve este temerario atrevimento, sem embargo da resistencia, e desapprovação expressa do Santo Patriarcha.

Lamentava elle amargamente, tanto em particular, como em publico, estes escandalos, sem fazer caso algum de qualquer damno, que lhe podesse acontecer ; mas, temendo que sobreviessem maiores males á Igreja, se excommungasse ao Imperador, como assás merecia, se contentou com fazer por elle fervorosas orações a Deos, para que lhe abrisse os olhos da alma, com que reconhecesse o seu erro, e se reduzisse ao caminho da salvação.

Mas o desgraçado Imperador, nada movido pela pacifica brandura do Santo Patriarcha, antes cada vez mais obstinado, e cheio de furor, mandoulhe cercar o palacio, como a réo de lesa-Magestade, ordenando ás sentinellas, que lhe não consentissem o sahir fóra, nem que pessoa alguma lhe podesse fallar com liberdade, tanto de noite, como de dia.

E por ultimo fez desterrar, e confiscar os bens

de alguns parentes, e familiares do Santo Patriarcha, o qual tudo soffria com admiravel paciencia, e tranquillidade de espirito, sem prorompер em alguma queixa contra o furioso Imperador, nem tambem render-se por modo algum ás suas injustas pertenções.

Só o que muito lhe ferio, e magoou o coração foi o saber que S. Platão (Abbade celebre naquelles tempos, pelas suas virtudes e milagres) julgando que elle Patriarcha devia a todo o risco fulminar as censuras da Igreja contra o Imperador, e todos os mais que havião contribuido para o seu escandaloso matrimonio, não approvára a nimia brandura, com que naquella occasião se houvera.

Mas o Santo Patriarcha (como observa o Cardial Baronio) ainda que não ignorava, que o Imperador bem merecia uma tal pena, discorreo prudentemente, que não o devia separar da Igreja; attendendo a que sendo elle um mancebo inconstante, e mal educado, podia com qualquer leve impulso declarar-se protector da heresia; o que era mais para temer, estando ainda frescas as feridas da Igreja, apenas curadas no anno precedente em o concilio geral de Nicéa.

Passado depois pouco tempo, punio Deos severamente ao desgraçado Imperador Constantino, porque foi deposto do Imperio, e se lhe arrancárão os olhos com tal violencia, que morreo com a dôr daquelle supplicio; e restituida ao throno a Imperatriz Irene, cessou a perseguição contra o Santo Patriarcha, o qual separou logo da communhão da Igreja ao Abbade José, que abençoára as impuras nupcias do Imperador, e se excusou com S. Platão, allegando as razões que o movêrão para usar de brandura com aquelle Principe.

E tornando com o mesmo vigor ás funcções do seu ministerio pastoral em todos os nove annos que ainda viveo, continuou em santificar-se a si mesmo, com a pratica de todas as virtudes, e a edificar o seu povo com instrucções frequentes, e perennes vigilias sobre as suas espirituaes indigencias, até o anno 806, em que lhe sobreveio uma grave molestia, que pôz o ultimo termo aos dias da sua vida.

Mas antes de expirar teve um extasis, no qual (como refere Ignacio, escriptor da sua vida, que com outros mais alli se achava) se ouvia disputar o Santo com os espiritos das trevas, que procuravão denegrir, e accusar algumas obras da sua vida passada; sobre o que elle com grande afflicção respondia, e se escusava; o que tambem fazia tremer aos circumstantes, vendo os esforços que fazião os demonios para criminar a vida de um homem de tão alta virtude.

Mas ficando logo em alegre socego, rendeo nas mãos do Creador o seu espirito no dia 25 de fevereiro do referido anno 806, havendo governado a Igreja de Constantinopla vinte e um annos, e quasi dous mezes. A preciosa morte deste Santo deixou em grande afflicção a todos os seus subditos, e não menos ao Imperador Niceforo, que, derramando muitas lagrimas, publicamente dizia: que perdêra naquelle seu Pastor, o seu pai, e seu conductor fiel nos caminhos da salvação. O seu corpo foi sepultado com grande pompa na Igreja do mosteiro dos Santos Martyres, fundado pelo mesmo Santo nos suburbios de Canstantinopla, e o seu tumulo se fez logo celebre por um grande numero de milagres.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O que aconteceo a S. Tarasio, e a São Platão, de terem sentimentos oppostos a respeito de uma só cousa, ainda que ambos animados de um recto fim, póde acontecer frequentemente em outros casos, e diversas circumstancias a cada qual, em quanto vive nas trevas deste seculo; e por isso, á imitação destes Santos, deve observar principalmente as duas cousas seguintes:

1.ª *Não se deixar transportar da paixão, que ás vezes se encobre com o pretexto de zêlo, e nada mais procurar do que a gloria de Deos, e o bem do proximo, que é todo o fim da caridade verdadeira, e conseguentemente a regra para todas as acções do fiel Christão.*

2.ª *Portar-se com pacifica humildade para com os mesmos que são contrarios aos seus sentimentos, como praticou S. Tarasio, o qual sendo, como Patriarcha, superior em dignidade a S. Platão, não duvidou expor-lhe as razões do seu procedimento, escusando-se para com elle sobre o que tinha obrado.*

MARÇO — 16.

DE

S. CESARIO, MEDICO.

EM 25 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV.

As acções de S. Cesario são referidas por S. Gregorio Nazianzeno, seu irmão, na oração funebre, que fez em seu obsequio: dellas trata tambem o celebre Tillemont no Tom. IX, Art. 8 das suas Memorias Ecclesiasticas.

S. Cesario, digno irmão de S. Gregorio Nazianzeno, (chamado o Theologo, Doutor da Igreja) depois de santamente educado na casa paterna foi estudar em Alexandria do Egypto, onde se portou sempre como sabio mancebo, e temente, a Deos, obedecendo a seus mestres, respeitando a todos, mostrando-se affavel com os seus companheiros, que erão de bons costumes, e nada querendo tratar com os viciosos, e libertinos.

Fôrão admiraveis os progressos, que alli fez em toda a sorte de sciencias, e principalmente na medicina, excedendo manifestamente, não só a todos os seus coetaneos, senão ainda aos outros, que muitos annos antes tiverão naquella universidade os seus estudos; e assim pela raridade dos seus talentos, e pela bondade dos seus costumes, era estimado, e applaudido por todo o genero de pessoas naquella famosa Cidade, donde, incitado pelo desejo de adquirir novas noticias, quiz logo passar, e assistir algum tempo em Constantinopla, antes de voltar para a sua patria.

E não tardou muito em se fazer o seu nome celebre naquella côrte, porque a sua sciencia, e virtude, e o seu trato nobre, civil, e affavel lhe conciliárão para com todos tanto amor, e estimação, que para o obrigarem a fixar alli a sua residencia, não só lhe offerecêrão uma rica alliança com a dignidade de Senador, mas até chegárão a expedir deputados ao Imperador Constancio, que estava em Milão, supplicando-lhe, que aos mais illustres da sua côrte ajuntasse este de ter a Cesario por seu morador, e seu Medico.

E supposto que o Imperador recebeo, e deferio com agrado a este requerimento, comtudo, S. Cesario recusou aquelle honroso partido, por conselho de seu irmão S. Gregorio, e voltou com elle para a sua patria, aonde se demorou algum tempo com grande consolação dos seus patricios. Até que o amor da gloria, e o desejo de fazer brilhar em um campo mais vasto, e mais nobre os seus raros talentos, o fizerão tornar para Constantinopla.

Não gostárão seus pais, e parentes desta resolução, a qual todavia (como diz o mesmo seu irmão S. Gregorio) não devia condemnar-se absolutamente; *pois ainda que a vida retirada, e conforme aos conselhos Evangelicos seja sem duvida por muitas razões mais excellente, comtudo, sendo ella incomparavelmente mais difficil, só é propria para aquelles, que sendo por Deos chamados, delle recebem o vigor preciso para conservar aquella boa vontade, com que se applicárão a um tal genero de vida.*

E não é pouco (accrescenta o mesmo S. Gregorio) *perseverar na virtude em um estado menos perfeito, e nelle preferir a Deos, e a salvação da alma a todo o vão esplendor do mundo, e considerar-se a respeito dos negocios puramente temporaes, como um representante de comedia, (a qual, concluida, nada é do que figurava) e applicando-se seriamente ao grande negocio da propria salvação eterna, conserva a alma como Imagem de Deos, de quem a recebeo, e a quem a deve restituir.* Isto é, pois, o que pontualmente praticava S. Cesario.

Elle chegou em pouco tempo ao posto de primeiro Medico, e particular favorecido do Imperador; e a sua probidade, generosidade, e civil portamento lhe ganhárão a amizade de todos os grandes, e pessoas distinctas na côrte, porque o seu merito era por todos tão reconhecido, que ninguem lhe tinha inveja das grandes honras, que gozava.

E por outra parte nem as glorias, nem as delicias em que vivia lhe corrompêrão o coração, pois por maiores que fossem as commodidades, e grandezas de que abundava, nada estimava mais do que o ser Christão, e parecer tal, julgando todo o restante por um mero sonho.

Era, pois, o seu portamento todo alheio do fasto, do luxo, e delicadezas da côrte. Soccorria com liberalidade a muitas casas pobres; e a facilidade, com que dava o que se lhe pedia, fazia que muitos se arrependessem de não lhe haver pedido mais.

Elle em todos os seus discursos familiares mostrava sempre, não só muito juizo, e muita graça,

senão tambem muito zêlo, e muita piedade pela Religião; e sabía manter-se em credito para com os grandes, sem ser á custa da verdade, da qual sempre tomou a defensa.

Tal era a pratica, que S. Cesario observava na côrte, o que não obstante, S. Gregorio seu irmão não se dava por satisfeito; e considerando os perigos, que o cercavão, o convidava sempre para o retiro.

Succedendo, pois, pela morte do Imperador Constancio no anno 361 subir ao throno o ímpio Juliano Apostata, começou logo a perseguição contra a Igreja, entrando pelos principaes da sua côrte, impellido, tambem, pelo grande odio que tinha ao seu predecessor, a quem havião servido.

E S. Cesario não entrou naquelle numero, porque Juliano, que o estimava muito, o quiz reter a seu lado; o que sabido por seu pai, teve tanta pena, que lhe era insupportavel a vida, considerando o perigo em que estava aquelle seu amavel filho ao lado de um tal apostata, e no meio de uma côrte cheia de profanações gentilicas.

Commovido, pois, S. Gregorio do perigoso estado de seu irmão, escreveo-lhe uma excellente carta, em que o persuadia com as razões mais efficazes para abandonar as esperanças do seculo, e não aventurar a salvação eterna por umas cousas peremptorias, quaes são as riquezas, honras, e glorias terrenas.

Representava-lhe tambem o que o mundo murmurava delle, e a afflicção que causava a toda a sua familia, concluindo com dizer-lhe: que se intentava por aquelle meio estabelecer a sua fortuna, tivesse a certeza de que se não recebesse mortaes feridas, sempre denegria muito a sua pessoa, e a sua fama com o fumo da impiedade, que reinava naquella côrte.

Produzio esta carta o desejado effeito, como bem se vio quando o Imperador Juliano, na presença de um grande numero de cortezãos, applicou todo o seu esforço para induzir a Cesario ao culto dos idolos; porque este Santo, depois de rebater os sacrilegos discursos daquelle Principe com tanta facilidade, como se fossem argumentos de meninos, protestou em voz alta — que elle era Christão, e que a todo o custo o sería sempre.

Ouvindo isto Juliano, que conhecêra em Athenas a S. Gregorio, irmão de S. Cesario, e sabía que não era menos Christão do que elle, exclamou dizendo: *Venturoso pai, mas desgraçados filhos*! dando a entender, que sendo feliz aquelle pai por ter uns filhos de tão alto merito, erão estes desgraçados em perder a sua fortuna pela firmeza que tinhão na piedade, e Religião, que elle chamava obstinação, e loucura.

Elle, comtudo, nada resolveo contra Cesario, pelo grande apreço que delle fazia, e porque esperava convencello em outra conferencia depois da guerra da Persia, na qual desgraçadamente pereceo; e logo Cesario, retirando-se da côrte, passou para casa de seu pai na Cappadocia.

Mas passado pouco tempo o Imperador Joviano, que succedeo ao infeliz apostata, o mandou logo voltar para a côrte; e supposto que este pio Monarcha viveo só oito mezes, e Valente que lhe succedeo no throno favorecia á seita dos Arianos, comtudo, não só manteve a Cesario no mesmo credito, senão ainda, pelo muito que o estimava, lhe conferio o grande emprego de Thesoureiro geral da Provincia de Bithinia.

Ora uma prosperidade tão grande, e não interrupta, pela qual as pessoas do mundo se alegrão com seus amigos, affligia a S. Gregorio, que amando a seu irmão unicamente com os olhos em Deos, não podia ver sem grave dôr, que um engenho tão illustre, e um animo tão nobre como o de Cesario se occupasse todo em cousas do seculo, e assim o exhortava sempre a retirar-se.

S. Basilio, íntimo amigo de S. Gregorio, fazia o mesmo cada vez que tinha occasião de escrever a Cesario, o qual sim recebia de boa vontade as saudaveis advertencias, que lhe enviavão estes dous Santos; porém como andava differindo de tempo em tempo o cortar por tudo, e pôr-se a caminho, foi necessario um golpe da Mão de Deos para o fazer tomar a sua ultima resolução.

Achava-se o Santo em Nicéa de Bithinia quando alli aconteceo um formidavel terremoto, que não só lhe destruio tudo o que alli possuia, mas até elle mesmo apenas salvou a vida por uma especie de milagre, ficando sepultado debaixo das ruinas, sem receber outro damno mais que o de alguma leve ferida, que servia só para ver o perigo, de que por beneficio de Deos escapára.

Aproveitou-se, pois, S. Gregorio deste incidente para estimular novamente a seu irmão a deixar por uma vez as enganosas lisonjas do seculo; e São Basilio, unindo-se ao seu amigo, escreveo tambem na mesma occasião a Cesario uma carta efficacissima, na qual, entre outras cousas, lhe dizia: que elle, mais do que outro qualquer, estava obrigado a servir a Deos, como uma pessoa resuscitada, depois que o mesmo Senhor por aquelle modo lhe conservára a vida.

Fôrão attendidos os votos destes dous Santos, porque Cesario escreveo logo a seu irmão, dizendo-lhe: que deveras estava resoluto a deixar a companhia do Rei da terra, para occupar-se unicamente em servir ao Rei do Ceo; porém dando-se por satisfeito este benigno Senhor com a boa disposição do seu fiel Servo, o quiz chamar a si, antes de lhe dar tempo para executar o seu designio.

Porquanto, passados poucos dias depois daquelle terremoto, Cesario cahio gravemente enfermo; e recebendo então o Baptismo (que naquelles tempos admittia algumas vezes larga demora) veio a morrer no principio do anno 369, tendo de idade qua-

renta annos; e delle attesta o mesmo S. Gregorio seu irmão, que mais de uma vez o vira em espirito reinar com os Santos no Ceo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Era S. Cesario cheio de muitas virtudes, e tão solidamente firme nos principios da Religião Catholica, que não duvidou resistir em face a um poderoso Imperador em defensa da honra de Deos, e da gloria de seu Nome; e sem embargo disto, dous grandes Santos, e Doutores da Igreja, quaes erão S. Basilio, e S. Gregorio Nazianzeno, temêrão que, demorando-se elle na côrte imperial, se corrompessem os seus costumes, e que o espirito do mundo viesse a dominar o seu coração.

A' vista do que, que diremos daquelles Christãos, que, fracos na Fé, e vacillantes nas maximas do Evangelho, se expõem temerariamente a todos os perigos, e sem o menor escrupulo bebem o ar contagioso, de que abundão as conversações mundanas, os profanos espectaculos, e as assembleas do grande mundo? Uma tão falsa segurança procede certamente de pouca luz que teem os taes das cousas de Deos, da ignorancia da propia fraqueza, e de parecer-lhes que podem unir a vida christã, e virtuosa com a voluptuosa, e dissipada, que se pratica no seculo; e portanto, de modo ordinario lhes succede o que está escripto no Livro do Ecclesiastico: Que todo o que ama, e se expõem ao perigo, perece nelle.

MARÇO — 17.

DE

S. PORFIRIO, BISPO.

EM 26 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV, E V.

A vida deste Santo, escripta com ingenua sinceridade, e simplicidade nobre por um seu discipulo chamado Marcos, que pelo espaço de trinta annos foi testemunha ocular das suas acções, até o fim dos seus dias, mereceo os louvores de todos os sabios versados na lição da Historia Ecclesiastica; os Bollandistas a trazem naquelle dia 26.

Como o divino Senhor havia destinado a S. Porfirio para converter com os seus exemplos, instrucções, e milagres a um povo idólatra, qual era naquelles tempos o da Cidade de Gaza na Palestina, logo desde a infancia o prevenio com celestes bençãos, e com a mediação da sua Graça o preparou para exercitar dignamente o apostolico ministerio de Sacerdote, e Prégador da sua divina Palavra.

Nasceo Porfirio em Thessalonica, Cidade da Macedonia, no anno 353, de pais Christãos, illustres, e opulentos, que o educárão nas letras, e na piedade com muita diligencia, de modo que o preservárão daquelles vicios, a que ordinariamente se inclina a incauta, e inexperta mocidade.

Assim, pois, chegando Porfirio á idade de 25 annos, concebeo um tal desprezo das cousas do mundo, e um tal desejo da perfeição evangelica, verdadeiro bem da creatura racional, que, abandonando a patria, os parentes, e todos os bens que possuia, marchou para o Egypto, aonde florecião innumeraveis monges, e santos solitarios, que alli praticavão uma vida mais angelica do que humana.

E elegendo para logar da sua residencia, e rigorosa palestra da vida penitente, que intentava, o celebre deserto de Sceti, alli perseverou pelo espaço de cinco annos, sempre applicado aos exercicios da oração, e meditação das divinas Escripturas, dos frequentes jejuns, e de toda a sorte de mortificações.

Passados estes cinco annos, sentio-se inspirado por Deos para ir visitar os Logares Santos da Palestina; e depois de satisfeita esta sua devoção, retirou-se para uma gruta nas margens do rio Jordão, aonde, exercitando-se em continuas austeridades por outros cinco annos, contrahio uma lenta febre, que o moveo a retirar-se para Jerusalem, supposto que ainda assim enfermo não deixava de visitar os Santuarios daquella Cidade, e passar noites inteiras orando a Deos nas Igrejas.

E aqui foi que o devoto Marcos, escriptor sincero, attrahido pela santidade de Porfirio, se fez seu discipulo, e o acompanhou sempre até á morte; e vendo Porfirio que se lhe augmentava a molestia, enviou o dito Marcos com as procurações, e pode-

res necessarios para vender, e lhe trazer o producto de todos os seus bens, que deixára em Thessalonica, o que elle fielmente cumprio.

Mas quando voltou no fim de tres mezes, achou o seu mestre milagrosamente restituido á sua primeira saude; porque, sentindo-se quasi proximo aos ultimos termos da vida, se fez conduzir ao Calvario, afim de poder expirar no mesmo sitio, em que morrêra o Salvador, aonde, arrebatado em um doce extasis, lhe appareceo Jesu Christo, ordenando ao bom ladrão, que o acompanhava, que fizesse levantar a Porfirio, e o conduzisse á sua presença; o que assim feito, desappareceo a visão, e Porfirio se achou logo plenamente restabelecido.

Chegando Marcos da viagem de Thessaloníca, entregou a seu mestre os dinheiros que produzio a venda dos bens, que alli tinha, os quaes repartio logo pelos pobres, sem reservar para si nem a menor porção, como quem só queria ganhar pelas proprias mãos o seu sustento, que consistia em um pouco de pão, e algumas hervas cosidas só, sem tempero algum, exceptos os dias de festa, em que lhe ajuntava algum azeite, e usava de um pouco de vinho destemperado com agua; e esta foi a sua pratica em todo o resto da sua vida.

Chegando, pois, a noticia da grande virtude de Porfirio ao Bispo de Jerusalem, este Prelado, ordenando-o Sacerdote da sua Igreja, lhe encarregou a custodia da vera Cruz, em que o Divino Salvador quiz morrer por nosso amor, que naquella Cidade se conservava com a devida veneração; mas apenas passados tres annos, se lhe commetteo o governo da Igreja da Gaza, pela maneira seguinte:

Morto o Bispo daquella populosa Cidade, os poucos Christãos, que nella existião, não concordando entre si mesmos sobre a eleição de novo Prelado, recorrêrão a João Bispo de Cesaréa, Metropolitano da Palestina, afim de lhe nomear um Bispo poderoso em obras, e palavras, que os houvesse de governar, e defender das violencias dos idólatras, que compunhão a maior parte do povo daquella grande Cidade.

Mas o tal Bispo de Cesaréa, antes de tomar a sua resolução na presente materia, intimou um jejum, e orações de tres dias, no fim dos quaes lhe revelou o Senhor: que era vontade sua se elegesse para aquelle ministerio a Porfirio, Sacerdote da Igreja de Jerusalem. Havida, pois, esta certeza, o Bispo de Cesaréa escreveo logo ao de Jerusalem, para que, debaixo de outro pretexto, lhe enviasse a Porfirio; e chegando elle, sem attender ás suas lagrimas e humilde repugnancia, lhe impoz as mãos, e o ordenou Bispo de Gaza.

Estava então aquella Cidade, como fica dito, quasi toda cheia de idólatras, e tão pertinazes nas suas superstições gentilicas, que nada valêrão para os converter as diligencias que fizerão Santa Asclepa, e S. Irenião, predecessores do nosso Santo.

Havia alli oito templos dedicados aos idolos, entre os quaes o de Marna era o mais famoso pela riqueza, e veneração, que lhe dava aquella gentilidade cega; e supposto que os Imperadores Christãos, principalmente o grande Theodosio, tinhão prohibido o sacrificar aos idolos, e mandado demolir os seus templos, comtudo os cidadãos de Gaza, á força de regalos, que fazião aos Governadores, tinhão até então conseguido o estarem os seus templos abertos, e continuarem nelles os seus sacrificios, e ainda vexarem os poucos Christãos, que alli residião, e não passavão de 280, contados tambem os seus filhos de menor idade.

Assim, pois, a este povo barbaro, ou a este inculto bosque, povoado de ferozes animos, foi destinado Porfirio para Bispo, e Pastor ecclesiastico no quadragesimo anno da sua vida; e confiando o seu auxilio na assistencia do Todo Poderoso, emprehendeo o regulamento daquella Igreja, principiando por se fazer recommendavel com os exemplos de uma vida toda santa, humilde, penitente, e adornada de todas as virtudes.

E acontecendo logo no primeiro anno do seu episcopado ver-se afflicta aquella Cidade com uma grandissima seccura, que ameaçava uma geral carestia, attribuião os idólatras este flagello á ira do seu Deos Marna, irritado pela vinda de S. Porfirio áquella terra, publicando funestos vaticinios do mesmo idolo a este respeito; e para applacarem o seu furor, e conseguirem a desejada chuva, fizerão muitos sacrificios, continuas supplicas, e procissões profanas pelo espaço de sete dias.

Cançados, pois, aquelles miseraveis de invocar sem fructo o seu falso deos, ao qual attribuião um poder particular sobre a chuva, ordenou S. Porfirio aos seus poucos Fiéis um dia de jejum, no fim do qual os congregou na pequena Igreja de Santa Irene, aonde passou com elles a noite em fervorosas orações a Deos, interpoladas com varias leituras pias, e canto dos Psalmos a dous côros.

Na manhã seguinte, arvorada a Cruz, e cantando hymnos, fôrão processionalmente á Igreja de Santa Asclepa continuar as suas devotas rogativas. Passárão dalli para a Igreja de São Timotheo, que estava fóra da Cidade, aonde, com igual fervor, supplicárão a Deos a chuva necessaria para a fertilidade dos campos. Voltárão depois com a mesma ordem para a Cidade, mas irritados os pagãos, e talvez excitados pelos sacerdotes dos idolos, lhes fechárão as portas, restando ainda tres horas de dia.

Conservando-se, pois, os Fiéis pelo espaço de duas horas naquelle logar, continuando sempre a implorar o soccorro do Altissimo com gemidos, e lagrimas, levantou-se de repente, quasi ao pôr do sol, um vento da parte do sul; e escurecendo-se o ar com densas nuvens, começou logo a cahir uma copiosa chuva, que recebêrão todos com a maior alegria.

E este evidente milagre tocou o coração de muitos idólatras de tal maneira, que não sómente abrírão as portas da Cidade, mas, unidos tambem ao corpo dos Fiéis, gritavão em alta voz: *Christo venceo: Christo é só o verdadeiro Deos*; e caminhando com elles em procissão para a Igreja, se resolvêrão a ser Christãos, e o Santo Bispo os admittio em o numero dos cathecumenos, e assim mesmo a outros idólatras, que tambem se convertêrão por verem continuar a chuva com abundancia nos dous dias seguintes.

Mas a conversão de alguns centos de idólatras era cousa pouca, em comparação de muitos mais que ainda ficavão adherentes ao supersticioso culto dos idolos; e por isso o Santo Prelado não cessava de noite, e de dia de orar ao Senhor, para que se dignasse de amolecer aquelles corações duros; e por outra parte não deixava de usar todos os meios possiveis para conciliar os seus animos, soffrendo com inalteravel mansidão os máos tratamentos, que elle, e os seus subditos a cada passo recebião daquelles furiosos barbaros.

Vendo, pois, o Santo Bispo que cada vez crescia mais a soberba arrogancia daquellas gentes, e que não era reprimida pelos Governadores, que elles corrompião com os seus preciosos donativos, julgou que era tempo de recorrer á authoridade do Imperador Arcadio, que então reinava no Oriente, para cujo fim no anno 398 enviou a Constantinopla o seu discipulo Marcos, que já era Diacono, com cartas ao Patriarcha S. João Chrysostomo, para que obtivesse do Imperador uma ordem expressa, pela qual se demolissem os templos dos idolos, e principalmente o de deos Marna.

Mas por então não se pôde conseguir do Imperador a total demolição dos templos, attendendo ao copioso tributo, que da Cidade de Gaza provinha ao imperial erario, e tambem porque se temia que aquelle povo, summamente apegado á idolatria, desertasse, e se seguissem depois outras desordens; em cujos termos, executando sómente os antecedentes edictos, mandou que se fechassem os templos, se quebrassem os idolos, e que de nenhum modo os consultassem, nem lhes offerecessem sacrificios; e para executor desta ordem nomeou a um certo Hilario Official de guerra.

Chegando, pois, Marcos a Gaza com esta importante noticia, achou a seu mestre gravemente enfermo, mas foi tal o seu jubilo ao ler a carta de São João Chrysostomo, em que lhe participava aquelle annuncio, que logo se lhe ausentou a febre, e recobrou inteira saude. Passados poucos dias veio o dito Official com soldados bastantes para executar as ordens do Imperador; mas, prevenido pelo povo idólatra com uma grande somma de dinheiro, deixou intacto o simulacro de Marna, e o seu templo, e que podessem entrar nelle por uma porta secreta, para haverem de continuar occultamente os seus sacrificios.

Vendo então o Santo Bispo, que não produzio o seu recurso todo o effeito desejado, foi soffrendo os insultos, e injurias dos pagãos, oppondo só da sua parte as armas da paciencia, e orações a Deos, com os prodigiosos milagres, que obrava, ainda em favor dos mesmos idólatras, como se vê do que então praticou em beneficio de uma senhora principal da Cidade.

Havia já sete dias que ella padecia agudissimas dôres, sem poder dar á luz o feto de que estava pejada, apesar de todos os remedios que se lhe havião applicado, e do recurso aos falsos deoses, de que se tinhão valido. Em cujos termos, indo visitalla uma senhora Christã, lhe disse: *O Bispo Porfirio te faz saber, que Jesu Christo, Filho de Deos vivo, te livra dessa molestia. Crê nelle e vivirás.* E no mesmo instante deo a senhora á luz um menino, sem a menor difficuldade.

E logo os circumstantes, que presenciárão este prodigio, exclamárão dizendo: *Grande é o Deos dos Christãos! e grande é o seu Sacerdote Porfirio!* E consequentemente a mesma senhora, com seu marido, e todos os seus parentes, que passavão de sessenta pessoas, abraçárão a Fé de Jesu Christo, e depois de instruidos nas verdades da sagrada Religião, recebêrão o Sacramento do Baptismo com o mesmo menino, a quem derão o nome de Porfirio.

Porém, não bastando este, e outros prodigios para abrandar os corações, e refrear a insolencia daquelles idólatras, antes enfurecendo-se mais contra os Christãos, até os despojar dos seus bens, e os excluir dos cargos publicos da Cidade, o Santo Bispo, que attribuia á sua insufficiencia, e aos seus peccados a inflexivel dureza daquelles pagãos, entrou no pensamento de renunciar a sua dignidade, e voltar para o deserto.

Partio, pois, para Cesaréa, afim de fazer esta renuncia nas mãos do seu Metropolitano. O qual, recusando acceitalla, concordou só em que fossem ambos a Constantinopla supplicar ao Imperador Arcadio, que com toda a efficacia, e brevidade quizesse reprimir a insolencia dos infiéis de Gaza e ordenar uma inteira abolição dos profanos templos, e residuos da idolatria; e dispostos os dous Santos para esta empreza, se embarcárão no fim do anno 400, e com uma feliz navegação chegárão á Cidade imperial em um tempo assás opportuno para obterem a pertendida graça.

Porque admittidos primeiramente á audiencia da Imperatriz, ella os recebeo com benigno agrado, e se lhes offereceo para patrocinar as suas pertenções com a maior diligencia, e possivel efficacia; e S. Porfirio, rendendo-lhe as devidas graças por este beneficio, que fazia á Igreja, lhe assegurou, que brevemente daria á luz um filho, que reinaria depois de seu pai.

Com effeito, chegada a hora do parto, ella, que até então só paríra filhas, vio nascer-lhe um filho,

quasi sem dôr, com a maior felicidade ; e foi tal o seu prazer, que sem mais demora fez formar uma petição com todas as circumstancias, que pedia o Santo Bispo, ao qual a entregou, recommendando-lhe, que depois de baptizado o Principe, a désse ao cortezão, que o teria nos braços, ao qual ella primeiro instruiria sobre o que devia obrar naquelle passo.

Assim, pois, concluida a função do Baptismo, offereceo S. Porfirio o memorial ao cortezão, o qual, abrindo-o, e lendo as primeiras regras, o dobrou ; e dando-o a beijar ao menino, e deixando-lh'o sobre o peito, pedio silencio a todos, e disse em voz alta : *Sua Magestade ordena, que o requerimento se admitta, e que tudo o que nelle se pede se execute.* E o Imperador sorrindo-se, disse logo, que assim devia ser ; porque não era justo rejeitar a primeira mediação de seu filho.

No dia seguinte chamou a Imperatriz os dous Bispos, e com o imperial decreto (cuja execução se commettia a um bom militar chamado Cynegio, homem de grande virtude, e singular zêlo pela Religião) lhes entregou tambem uma avultada somma de moedas para repartirem pelos pobres.

Rendeo S. Porfirio humildes graças a Deos pelo feliz successo da sua viagem a Constantinopla ; e chegando á sua Igreja de Gaza nos primeiros dias de maio do anno 401, sahírão a recebello os seus subditos em procissão com Cruz alçada, cantando hymnos com immenso jubilo, em cujo acto uma grande estatua de Venus (que era de marmore, e collocada no meio de uma praça, era muito venerada pelos gentios) assim que alli chegou a Cruz da procissão, cahio por si mesma sobre dous idolatras, que se estavão rindo dos Fiéis ; e matando-os para logo, foi causa de se converterem muitos pagãos.

Passados dez dias, chegou Cynegio a Gaza, assistido de um varão consular, com uma grande tropa de soldados, e todos os Magistrados do Paiz ; e lendo publicamente as ordens do Imperador, entrou logo a executallas, fazendo queimar, e demolir os templos do Sol, de Venus, de Apollo, de Proserpina, da Fortuna, e por ultimo o de Marna, o qual era tão vasto, e sumptuoso, que esteve a arder muitos dias. Fôrão tambem reduzidas a miudos pedaços todas as estatuas dos idolos, que estavão nos templos, nas praças, e nos campos vizinhos, para tirar de uma vez aos pagãos todo o fomento da idolatria.

E depois de inteiramente demolido o famoso templo de Marna, se começou no mesmo sitio a edificar com rito solemne uma igreja magnifica, em fórma de Cruz, segundo o desenho que mandou a Imperatriz, feito por um celebre arquitecto de Constantinopla ; e concluida esta grande obra com admiravel perfeição, no fim de cinco annos, o Santo Prelado com as costumadas ceremonias a sagrou no solemne dia de Pascoa entre as maiores acclamações, e inexplicavel jubilo dos Fiéis ; os quaes de dia em dia se augmentavão, pela conversão de muitos pagãos á Fé, que era o emprêgo, e cuidado principal do Santo, e zeloso Pastor.

E como elle em toda a sua vida teve grande amor aos pobres, soccorrendo-os com largas esmolas em todas as suas indigencias, mostrou tambem na morte o verdadeiro amor que lhes tinha, ordenando no seu testamento, que sempre se lhes désse em todos os dias da Quaresma a mesma esmola, que lhes ministrava na sua vida, estabelecendo para este effeito o rendimento necessario. Terminou, pois, os seus dias com uma morte preciosa em 26 de fevereiro do anno 420, tendo de idade pouco menos de sessenta e oito annos ; e o devoto Marcos, sincero escriptor da sua vida, a termina deste modo : *Elle que agora se acha gozando as delicias do Paraizo, interceda por nós outros, e nos consiga as Misericordias de Deos para nossa eterna salvação.*

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Para prova da nossa fidelidade no divino serviço, e não menos para exercicio das virtudes, e occasiões do nosso maior merito, e não por castigo, permitte Deos algumas vezes que experimentemos contradicções, e trabalhos em o nosso proprio estado, como vemos em São Porfirio, e n'outros muitos Santos, e ainda nos mesmos Apostolos, os quaes navegando no mar de Tiberiades por mandado de Christo, e em sua companhia, ainda assim fôrão combatidos de uma furiosa tempestade, e corrião perigo de naufragar, se lhes não valesse com o seu soccorro o mesmo Senhor.

Sendo, pois, este mundo um mar tormentoso, embarcação a presente vida, trabalho, e contradicção a tempestade, devemos despertar a nossa Fé adormecida, e recorrer a Deos com fervorosas supplicas, para que nos livre dos perigos a que estamos expostos, e nos conduza ao glorioso porto da feliz eternidade, concedendo-nos a paciencia, a humildade, e as mais virtudes, que repartio com S. Porfirio, exclamando repetidas vezes : Salvai-nos, Senhor, pois sem o vosso auxilio perecemos.

MARÇO — 18.

DE

S JULIÃO, MARTYR,

E SANTA BASILISSA, VIRGEM.

EM 9 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV.

Dos Martyrologios antigos, e dos Actos destes dous Santos, que se podem ver em Bollando, e Castelain, pag. 106, *se extrahio o que se segue.*

Nasceo Julião na Cidade de Antioquia, unico filho de pais Christãos, ricos, e nobres; e prevenido desde a infancia com os dons da divina Graça, e dotes da natureza, se fazia para todos amavel. Applicado ás letras, em breve tempo aproveitou muito, e muito mais na sciencia dos Santos; tanto assim, que lendo elle aquellas palavras de S. Paulo aos Fiéis de Corintho — que se deve usar das cousas terrenas como se dellas se não usasse, porque a figura deste mundo é transitoria... foi tal a impressão que recebeo, que, sem embargo de se ver na idade de dezoito annos, filho unico, e herdeiro de grossos cabedaes, tomou a resolução de consagrar-se todo a Deos no estado de celibato, com voto de castidade perpetua.

Então seus pais, que ignoravão a obrigação, que seu filho contrahíra, lhe propozerão, que sendo já tempo de elle tomar estado, para ter successão a sua casa, elles terião muito gosto de o ver assim estabelecido; e que esta sua vontade era mui conforme á de Deos, e que authorizava o matrimonio. Aqui Julião, que não sabía contradizer a seus pais, sentindo um interior combate entre a virtude da obediencia, e o voto que fizera a Deos, ficou um pouco suspenso; porém respondeo logo, que lhe concedessem, pelo menos, sete dias para não proceder precipitadamente em um negocio de tanta importancia.

Concedida facilmente esta breve dilação, entrou Julião no seu oratorio, e prostrado na presença de Deos, lhe fallou assim: «Vós, Senhor, bem sabeis «que depois que me concedestes a Graça de vos co- «nhecer, eu não deixei de vos amar. Vós, pois, que «me inspirastes o voto que vos fiz de castidade per- «petua, disponde o modo, com que eu o possa cum- «prir, sem faltar á obediencia, que devo a meus «pais.» Assim orava Julião a toda a hora, e uma supplica tão justa, acompanhada de jejuns, e austeridades, não podia deixar de ser attendida.

Appareceo-lhe o Senhor entre o somno de uma noite, e claramente lhe disse: «Obedece, meu filho, «a teus pais, porque a esposa, que te está destinada, «em nada será opposta á tua pureza. Ella cantará «no Paraizo entre o côro das Virgens, e tu tambem «no dos Virgens, e Martyres.» Aqui, despertando o nosso Santo, rendeo humildes graças a Deos pelo favor que lhe concedia; e correndo alegre para seus pais na manhã seguinte, lhes disse, que estava prompto para conformar-se ao seu agrado, na supposição de lhe procurarem uma esposa, cuja virtude lhe servisse de exemplo.

Alegres seus pais com esta resposta do nosso Santo, lhe declarárão logo, que Basilissa era a esposa destinada; donzella, cuja formosura dava maior resplandor ás suas grandes riquezas, illustre qualidade, e reconhecida virtude. Concluidos, pois, de parte a parte os ajustes, e feitas as escripturas, celebrárão-se com a devida magnificencia as alegres bodas.

E recolhidos os dous consortes ao seu aposento, santificárão os seus primeiros passos com uma devota oração a Deos. Seguio-se logo um milagroso perfume, que enchendo de prazer, e admiração a Basilissa, perguntou a Julião, qual era a causa de tão exquisita fragrancia! Ao que elle respondeo, dizendo-lhe: «Este perfume suavissimo é symbolo das doçuras ineffaveis, que gozão no Ceo as almas puras. Eu de mim vos confesso (accrescentou elle) que desde a minha infancia o amor desta virtude me causa as maiores delicias.» «Outro tanto, pois, (replicou Basilissa) ella será para mim; porque eu sinto no meu coração um desejo tão grande de conservar perpetuamente a minha virgindade, que, se vós o permittis, eu farei della sacrificio a Deos.» «Sim, minha amada esposa, (lhe disse Julião) approvo com o maior jubilo o vosso desejo, porque eu tambem á muito tempo offereci a Deos o mesmo sacrificio.»

Feito, pois, por Basilissa o seu voto, encheo-se a camera de uma luz prodigiosa (dizem os Actos dos nossos Santos) e apparecendo-lhes o Salvador com

a Santissima Virgem entre muitos cortezãos celestes, depois de lhes declarar, que recebêra com agrado os seus votos, concluio, dizendo: « Alegrai-vos agora de que os vossos nomes se achão escriptos no Livro da Vida; e que como Virgens entrareis no Ceo em o glorioso numero dos que nunca fôrão coinquinados, e acompanhão sempre ao divino Cordeiro.

Desapparecida esta visão, derão os dous consortes muitas graças a Deos por um tão grande favor; e pouco tempo depois, fallecendo-lhes seus pais, de quem ficárão universaes herdeiros, resolvêrão os dous Santos distribuir tudo pelos pobres, para não pensarem, nem procurarem mais do que os bens do Ceo.

E julgando a proposito o mudarem de casa, e viverem separados em habitações differentes, S. Julião (cuja virtude era assás conhecida) foi logo procurado de muitos mancebos, e de outros tambem de maior idade, que, não podendo viver no deserto, quizerão sujeitar-se á sua obediencia; com o que brevemente se veio a formar uma communidade numerosissima, cujos individuos, occupando a maior parte do dia, e da noite em contemplar as perfeições divinas, e cantar os louvores de Deos, vivião desapegados de todas as cousas da terra, e quasi não cedião aos mais austeros solitarios, e aos mais perfeitos Religiosos.

E as mulheres no mesmo tempo, igualmente empenhadas pela sua salvação, e não menos attrahidas pelos exemplos de virtude, que lhes dava Santa Basilissa, vierão sujeitar-se aos seus dictames, e a constituírão Superiora espiritual de uma numerosa communidade; e por este modo os nossos dous illustres Santos produzírão grandes fructos em toda a Provincia Antioquena, tirando muitos pagãos das trevas da idolatria, e não poucos Fiéis dos embaraços do mundo, para os elevar a uma vida penitente, e religiosa, fazendo-os imitadores das suas virtudes.

Succedendo então no anno 304 subir ao throno do Oriente o cruel Maximino, e excitar logo uma das mais horriveis perseguições contra a Igreja Christã, Julião, e Basilissa applicárão todo o cuidado em fortificar as pessoas da sua dependencia contra os terrores do tyranno; e augmentando os seus jejuns, orações, e austeridades, não cessavão de lhes metter animo para o combate, propondo-lhes a sempiterna, e gloriosa recompensa, que tinha de ser o premio da sua victoria.

Orando Basilissa em uma noite, Deos lhe fez saber, que seu esposo Julião padeceria terriveis tormentos pela gloria do seu nome, e conseguiria a palma do martyrio; e que ella, com igual merito, sem passar pelos tormentos, descançaria em paz, depois de serem recebidas no Ceo todas as suas filhas em o glorioso côro das Virgens; o que não tardou muito em se verificar, morrendo todas santamente no breve espaço de seis mezes.

E pelo que respeita a S. Julião, que suspirava a toda a hora pelo feliz momento de entrar em combate, succedeo deste modo. Marciano, homem cruel, e por extremo sequioso do sangue dos Christãos, foi enviado por Governador a Antioquia, com recommendação expressa de exterminar o Christianismo daquella populosa Cidade.

Para cujo effeito o primeiro passo que deo o tal Governador foi o prohibir aos Christãos, tanto o comprar como o vender, e ainda o tirar agua, e moer o trigo sem primeiro adorar, e incensar uns pequenos idolos, que para este fim estavão dispostos nos seus respectivos logares; e sabendo o mesmo Governador que o nosso Santo, como principal entre os Christãos, os animava a ser constantes na profissão da santa Fé, o chamou á sua presença; e consequentemente irritado pela sua generosa confissão, o mandou para o carcere, ordenando ao mesmo tempo, que se pozesse fogo á casa, em que então se achavão os seus discipulos.

E alegre S. Julião pela nova do glorioso martyrio de todos os seus alumnos, foi segunda vez conduzido á presença de Marciano, o qual, vendo que erão inuteis todas as caricias, e ameaças de que usou para contrastar a fé do Santo Martyr, mandou que fosse dilacerado com os mais crueis golpes de açoutes.

Succedendo então, por inadvertencia do algoz, perder um dos olhos o principal Ministro assistente, que no tempo do supplicio se chegou mais do que devêra ao Santo Martyr, este, no meio dos tormentos, se lhe offereceo para o curar em nome de Jesu Christo, o que não podião fazer todos os seus idolos; e com effeito, fazendo-lhe o signal da Cruz sobre os olhos ficou inteiramente restabelecido, como se nada nelles padecêra; por cujo favor, e maravilha exclamou logo o venturoso Ministro: *O Deos dos Christãos é o unico Deos verdadeiro;* e a preciosa recompensa desta sua confissão publica foi receber alli mesmo a gloriosa coroa do martyrio.

E querendo o ímpio Governador rebater a alta idéa, que da virtude do Santo produzíra aquelle milagre, ordenou que, conduzido pela Cidade carregado de cadêas, se lhe fizesse padecer um novo supplicio na entrada de todas as ruas; e correndo muitos para ver este espectaculo, teve a mesma curiosidade um filho de Marciano chamado Celso.

O qual, vendo logo que uns mancebos de extraordinaria formosura acompanhavão o Santo Martyr, tendo na mão umas preciosas grinaldas, com que o coroavão no fim de cada supplicio, justamente admirado deste grande prodigio, rompeo por entre o povo, e se foi prostrar aos pés do Santo, protestando publicamente, que só o Deos dos Christãos era o Deos verdadeiro.

O que sabido por Marciano mandou vir o filho á sua presença; e não o podendo remover do seu protesto, o fez metter com o mesmo Santo em

um tenebroso carcere; mas sobrevindo logo uma luz celeste, os vinte soldados que se lhes pozerão de guarda, penetrados desta maravilha, abraçárão tambem o Christianismo, e instruidos das eternas verdades, forão baptizados naquella noite com o venturoso Celso.

Informado então o Imperador de todo este successo, ordenou a Marciano que sem mais demora fizesse tirar a vida a todos aquelles Christãos, e não menos ao mesmo seu filho, no caso de que elle persistisse em conservar-se rebelde; e determinando logo o cruel Governador, que todos fossem submergidos em azeite fervendo, succedeo no tempo em que se preparavão as caldeiras passar por aquelle sitio um numeroso congresso, que levava um corpo morto á sepultura.

E o Governador, fazendo suspender o enterro, ordenou a S. Julião, que resuscitasse aquelle cadaver, parecendo-lhe que a impossibilidade do prodigio faria vacillar a muitos, e principalmente a seu filho; porém o Santo, cheio de confiança em Deos, fez sobre o morto o signal da Cruz, mandando-lhe em nome de Jesu Christo que tornasse á vida; e com effeito resuscitando sem mais demora, proferio claramente estas palavras: *As divindades dos pagãos são fabulas; porque fóra do Deos dos Christãos não ha outro Deos;* e prostrando-se logo aos pés do Santo, lhe supplicou que o recebesse em o numero dos seus discipulos.

Então o Governador, inteiramente assombrado por um tão alto prodigio, suspendeo o supplicio determinado, e mandou que todos os Christãos fossem levados ao carcere com seu filho, aonde esperava que sua mulher (que logo alli enviou) o houvesse de reduzir ás antigas superstições; mas o illustre mancebo e generoso Confessor de Jesu Christo fallou a sua mãi com tanta efficacia, que illustrada ella pela Graça divina, pedio Baptismo, e o recebeo na mesma hora, com o morto resuscitado, e os mais, que, movidos por aquelle milagre, se tinhão convertido.

Lançando, pois, este não esperado successo na ultima desesperação ao cruel Marciano, ordenou, cheio de furor, que se fizessem logo morrer todos aquelles Christãos, sem exceptuar o seu filho, nem a sua mulher; e posta em execução esta sentença, todos fôrão queimados vivos, menos S. Julião, a mulher de Marciano, e seu filho, que tiverão a cabeça cortada no dia 9 de janeiro do anno 309, segundo referem os Martyrologios mais antigos.

O glorioso triunfo destes illustres heroes foi o termo da perseguição da Igreja, porque o infeliz Marciano morreo miseravelmente, passados poucos dias; e o cruel Maximino, vencido na batalha contra Licinio, não só perdeo o Imperio, mas tambem acabou os seus dias com uma enfermidade estranha, que, fazendo-lhe rebentar os olhos, e consumindo-lhe as carnes, até lhe deixar a pelle sobre os ossos, parecia antes de morto um esqueleto vivo, e assim durou atormentado sempre com as mais vehementes dôres até o anno 313, em que acabou de morrer na Cidade de Tharso.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Ha umas virtudes, que alguns reputão por quasi impossiveis em certos estados, como por exemplo a humildade no throno, e a virgindade no matrimonio; porém Deos de tempo em tempo nos mostra em alguns casos, que é só difficultoso o que se julga impossivel. Supposto, pois, que só a Graça de Jesu Christo póde nutrir a virgindade no estado do matrimonio, por isso mesmo a castidade, e pureza destes dous Santos esposos condemna as criminosas desordens de muitas pessoas casadas.

MARÇO — 19.

DO

PATRIARCHA S. JOSÉ,

ESPOSO DE MARIA SANTISSIMA.

DO PADRE JOÃO CROISET, NO SEU ANNO CHRISTÃO

S. José, Esposo felicissimo da Santissima Virgem, e Pai Putativo do Salvador do mundo, nasceo na Judéa pouco menos de cincoenta annos antes do Nascimento de Jesu Christo. Não consta de certo qual foi o logar do seu nascimento, é provavel que fosse Nazareth, Cidade pequena da baixa Galiléa, onde vemos que tinha este Santo a sua ordinaria residencia. Elle era da tribu de Judá, e da familia real, que

havia reinado desde David até o captiveiro de Babylonia. O esplendor desta augusta casa estava extincto, porém a nobreza perseverava nos seus descendentes. Elles erão todos de sangue regio, posto que não tivessem bens, nem dignidades, que os distinguissem. Era uma nobreza escurecida, ou digâmos, como sepultada na humilhação, e na pobreza.

Dous Evangelistas, que tecem a genealogia de S. José, ambos mostrão com evidencia (posto que por differentes ramos) que elle era filho de David. Tanto era necessaria esta circumstancia para fazer conhecer o Messias na Pessoa do Salvador. Mas a Providencia Divina, que havia destinado a S. José para Esposo de Maria, e Pai Putativo do Salvador, se bem permittio que fosse de sangue real, quiz tambem que fosse pobre, porque havendo resolvido nascer em um presepio, e passar a vida na pobreza, não devia eleger por Pai a um homem rico, que vivesse com fastosa abundancia.

Prevenido desde o berço este Varão Santissimo com as maiores, e mais doces bençãos do Ceo, não sentio os impedimentos da infancia, antes crescia mais na virtude que na idade; e como Deos proporciona as suas Graças á qualidade dos empregos, havendo destinado a S. José para ser na terra o deposito dos seus maiores segredos, o Agente, e Secretario do Altissimo no Mysterio da Incarnação, o Esposo de Maria, e Protector da sua Virgindade, o Tutor de Jesu Christo, e neste sentido seu Pai: Discorrei (diz São Bernardo) qual sería o resplandor das suas virtudes, quanta a multidão, e qual a excellencia dos seus dons sobrenaturaes?

Chegou S. José áquelle cumulo de perfeição, que o Evangelho exprime por uma só palavra, denominando-o absolutamente *Justo*, que foi o mesmo que appellidallo Homem possuidor de todas as virtudes em gráo eminente; o que o fez benemerito, de que Deos o elegesse para Esposo legitimo daquella mesma Virgem, que Elle destinava para Mãi verdadeira do Divino Verbo Incarnado.

É certo que S. José, prevenido de uma Graça especial, quasi incognita naquelles tempos, estava resoluto a guardar uma virgindade perpetua; e é provavel, que pois não havia lei, que fizesse casar as donzellas, a Santissima Virgem não consentiria por seu Esposo a José se não estivesse bem informada da sua grande virtude, e do desejo que tambem tinha de ser Virgem, como ella; nem o mesmo Salvador (diz Santo Thomaz) que só recommendou a sua Mãi a um Discipulo virgem, permittiria que houvesse de ser seu Esposo qualquer, que não possuisse aquella preciosa qualidade.

Unindo-se, pois, (segundo a frase de Gersão) na celebração deste desposorio uma virgindade com outra, não houve matrimonio mais feliz, porque jámais o houve tão santo; e se Maria recebeo um Protector da sua Virgindade, e da sua Honra, José como Esposo de Maria, recebeo a mais augusta dignidade, que se póde imaginar sobre a terra. O Angelico Doutor Santo Thomaz é de parecer que S. José, e a Virgem Santissima logo depois do seu desposorio ratificárão de mutuo consentimento o seu voto de virgindade perpetua, porque duas pessoas tão santas não deverião dispensar-se de um acto de Religião tão perfeito.

Poucos dias depois, estando ainda na sua propria casa a Santissima Virgem, annunciou-lhe o Anjo S. Gabriel o ineffavel Mysterio da Incarnação, em que ella por obra do Espirito Santo, ficou Mãi do Divino Verbo feito Homem; e não querendo Deos que são José soubesse por então o que se passava, (talvez para que a sua duvida fosse uma sensivel prova da milagrosa Conceição do Salvador, e da purissima Virgindade de Mãi) guardou a prudentissima Senhora um profundo silencio a este respeito, não descobrindo a seu amado Esposo nada do que houvera succedido sobre aquelle adoravel Mysterio.

Até que já passados pouco menos de tres mezes, percebendo o Santo Varão os mais evidentes indicios da prenhez de sua Esposa, attonito com aquella novidade, ficou summamente perplexo, sem saber o que resolvesse. A sublime idéa, que elle formava da santidade de sua Esposa, não lhe dava logar á menor suspeita, que a fizesse reputar por adultera; antes (como quer S. Bernardo) presumindo talvez que ella sería aquella Virgem venturosa, de que fallava Isaias, que devia parir ao Salvador, este sentimento de humildade, e de respeito (similhante ao que fez dizer a S. Pedro: Senhor, apartai-vos de mim, porque sou um homem peccador) lhe fez tomar a resolução de querer separar-se da Santissima Virgem; e accrescenta o Santo Doutor, que esta sentença não é sua, mas dos Santos Padres.

O certo é que este Varão castissimo, não querendo, como justo, diffamar a sua Esposa, tomou por melhor conselho seguir o partido da ausencia; e estando nesta resolução, appareceo-lhe em sonhos o celestial Paranynfo, socegando-lhe os temores, ao dizer-lhe em substancia desta maneira: «Lembra-te, José, que és da casa de David, donde o Messias ha de nascer; e não julgues que por acaso se te dou a Maria para Esposa, porque ella, èm virtude do Espirito Santo, concebeo milagrosamente o Salvador do mundo, o Filho unico do Padre Eterno, o Grande Messias promettido, e Deos tem-te destinado para que sejas seu Tutor, e neste sentido seu Pai.

Não temas, pois, ficar com Maria, tua Consorte, sendo o feliz Custodio da sua Honra, e Virgindade, pois se ella não tivesse Esposo, não podia mostrar-se Mãi aos olhos do mundo, sem jactura do proprio credito. Tu darás ao Filho o Sacrosanto Nome de Jesus, para fazer conhecer aos homens que Elle os ha de remir, e salvar, vindo a offerecer-se em Sacrificio pela expiação dos peccados de todo o Genero Humano.»

Instruido assim S. José sobre o maior de todos

os Mysterios, e contemplando desde logo a Santa Virgem como adoravel Mãi do Redemptor, augmentou para com ella a sua veneração, e ternura; o que lhe foi causa de ser maior o seu pezar, quando se vio obrigado a ir com ella a Belém, afim de alistar alli o seu nome como descendente de David, na descripção geral, que o Imperador Augusto mandou fazer por todas as terras do seu dominio; e ainda mais, quando alli mesmo em Belém não pôde o seu cuidado descobrir outro hospicio senão um vil presepio na concavidade de uma gruta. Comtudo, adorou a Divina Providencia, sujeitando-se humildemente á disposição das suas Ordens.

Alli a horas de meia noite vio nascido ao Salvador do Mundo; e que favores extraordinarios, e que suavissimas doçuras não derramou este Divino Infante na alma de S. José, amando-o, e respeitando-o desde logo, como a quem fazia a figura de seu Pai na terra! O prazer, e alegria do nosso Santo foi tambem por extremo grande, quando vio chegar aquella tropa feliz de pastores devotos, que, inspirados, e avisados do Ceo, vinhão adorar o Salvador.

A chegada dos Magos, poucos dias depois, não foi para ella menor motivo de admiração, vendo que os Reis do Oriente vinhão render os seus obsequios áquelle mesmo, que desconhecido no proprio Paiz era regeitado dos seus, até se ver constrangido a nascer em um presepio. Teve tambem a felicidade, e a doce consolação de levar o Menino Jesus a Jerusalem, quarenta dias depois do seu Nascimento, onde presenciou com justo assombro todas as grandes maravilhas que alli acontecêrão.

Mas apenas voltou para Belém, foi advertido por um Anjo, que partisse com sua Esposa para o Egypto, salvando sem demora ao Divino Infante, a quem o cruel Herodes intentava tirar a vida. A sua perfeita submissão ás Ordens da Providencia não lhe permittio a mais leve demora. Partio logo cheio daquella Fé Divina, que é superior a todos os vãos raciocinios, e retirou-se com aquelle precioso Deposito para o Reino do Egypto, onde assistio sete annos, até que o Anjo, avisando-o da morte de Herodes, lhe ordenou que tornasse com a Mãi, e com o Filho para a Palestina.

Bem quizera S. José estabelecer-se em Jerusalem, ou em Belém, como logares mais proprios para a educação do Messias; porém sabendo que aquelle Paiz era dominado por Arquelão, filho de Herodes, e temendo que o novo Rei houvesse herdado a mesma desconfiança, e crueldade de seu Pai, retirou-se, segundo a Ordem do Ceo, para Nazareth, sua habitação ordinaria, onde, não havendo noticia dos prodigios, que acontecêrão em o Nascimento do Salvador, e elle mesmo, sendo alli mais conhecido, poderia viver com maior socego. E nesta venturosa Cidade residia aquella Santa Familia, a mais respeitavel do mundo; nutrindo S. José com os limitados productos do seu trabalho á sua amada Esposa, e ao Menino Jesus; e obedecendo-lhe este Salvador, como se Elle na realidade fôra seu proprio Filho.

Religioso observador da lei o nosso Santo ia annualmente a Jerusalem com a Santa Virgem celebrar a grande festa da Pascoa; e levando comsigo a Jesus, quando Elle tinha doze annos, ao voltarem, o perdêrão de vista, ficando na maior dôr, e afflicção até que o achárão no templo, passados tres dias, onde o Salvador com a sua resposta lhes fez suspender as lagrimas, e comprehender o Mysterio.

Depois disto nada mais nos diz o Evangelho, senão que S. José voltando para Nazareth, Jesu Christo lhe estava sujeito como um filho obediente a seu pai legitimo. Porém que mais se póde dizer, nem que cousa se póde affirmar, que nos dê uma idéa mais alta do merecimento extraordinario, e da santidade eminente deste grande Patriarcha, do que dizer que o Filho de Deos lhe vivia subordinado, honrando-o, e obedecendo-lhe como a seu Pai verdadeiro?

Ainda S. José viveo alguns annos na obscuridade, e na solidão com a Santissima Virgem, e com o Divino Salvador; porem não se sabe precisamente qual fosse o anno da sua morte. Presume-se que o Salvador, querendo livrar a S. José da pena, que os seus tormentos e dolorosa Morte lhe causarião, o tiraria deste mundo em algum dos annos da sua Prégação; porque é certo, e sem duvida, que o mesmo Senhor, estando na Cruz, não recommendaria a sua Mãi a S. João, se ainda fosse vivo S. José.

Qual fosse a morte deste grande Santo facilmente se comprehende, que a não houve mais doce, nem mais preciosa, nem mais santa no mundo; sendo assistido, e servido nella por Jesus, e Maria, até render os ultimos suspiros entre os seus affectuosos abraços, e acompanhada depois de uma grande multidão de Espiritos Celestes a sua ditosa Alma ao Limbo.

É certo que muitos Santos reassumírão os seus corpos no alegre dia da Resurreição de Christo; e é provavel que S. José não fosse excluido deste glorioso numero. Nem o Omnipotente Deos, que tem obrado muitos prodigios para expor ao culto dos Fiéis as reliquias de varios Santos, quereria privar desta honra as de S. José, se o seu sagrado Corpo houvesse ficado na terra.

E supposto que a Santa Igreja teve sempre uma singular veneração para com este grande Patriarcha, comtudo, não quiz que fosse universal o seu culto naquelles calamitosos seculos, em que só o nome de *Pai de Christo* faria uma forte impressão no espirito dos gentios, nada conveniente ao Christianismo, e serviria tambem de valente pretexto aos hereges, que negavão a sua divindade. Só depois que a Igreja ficou em paz, a devoção de S. José se fez familiar aos Fiéis. E ella todavia não é tão moderna, que se não ache o seu Nome nos Martyrologios

latinos ha mais de oitocentos annos, e ainda antes na Igreja grega.

Não ha Ordem Religiosa que não tenha uma singular veneração, e devoção particular a S. José. Nenhum verdadeiro Fiel, que não funde neste grande Patriarcha uma firme confiança. E os muitos, e especiaes favores, que recebem a cada passo todos os que invocão o seu patrocinio, fazem ver que o Salvador nada recusa aos rogos, e intercessão daquelle, a quem respeitou, e teve na terra por seu Pai. Porém ouçâmos o que diz Santa Teresa a este proposito, porque dá grande realce ao seu credito.

« Eu (diz a Santa Doutora no capitulo sexto da « sua propria vida) tomei por Patrono, e por meu « Intercessor ao glorioso S. José. Eu me recommen- « dei muito á elle; e reconheci neste grande Santo « em varias occasiões, em que era interessada a mi- « nha honra, e salvação, uma maior, e mais prom- « pta assistencia, do que eu me atrevêra a pedir-lhe. « Eu não me lembro de lhe haver até agora pedido « cousa alguma, que não conseguisse; nem posso « pensar sem assombro nas muitas Graças, que Deos « me tem feito por sua intercessão, e nos muitos pe- « rigos, de que me tem livrado, tanto para a alma, « como para o corpo.

« Parece-me, que Deos concede aos outros San- « tos a Graça de nos soccorrer em certas necessida- « des, e a S. José em tudo... Varias pessoas, a « quem persuadi, que se recommendassem a elle, o « tem, como eu, experimentado... A experiencia, « pois, que eu tenho das Graças, que Deos concede « por intercessão deste grande Santo, me excita o « desejo de persuadir a todo o mundo que tenha uma « grande devoção para com elle...

« Rogo, portanto, em nome de Deos, aos que « não derem credito ao que tenho dito, que fação « prova da sua parte, e conheceráõ por experiencia « quanto lhes é proveitoso recorrer a este grande Pa- « triarcha com uma devoção verdadeira. As pessoas « de oração devem, ao que me parece, ser-lhe affei- « çoadas... E as que não teem director, que bem as « possa instruir, tomem este admiravel Santo por sua « guia para não errar. » Até aqui são palavras de Santa Teresa.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Das poucas acções, que acima ficão referidas do Patriarcha S. José, se podem, e devem deduzir muitas, e muito importantes instrucções. Pois onde se póde melhor aprender a mansidão, a caridade, e a prudencia, que em ver como elle se portou com a Santissima Virgem, sua Esposa, quando notou nella indicios de fecunda, sem saber a razão do Mysterio?

Que melhor documento para a submissão devida á vontade de Deos, e obediencia fiel aos seus preceitos, que o que elle nos deo na execução prompta de partir para o Egypto, segundo as ordens, que teve do Ceo, apesar dos incommodos da longa jornada por um deserto arenoso, e ainda contra os oppostos raciocinios, que podéra suggerir-lhe o seu discurso?

Onde acharemos uma Fé mais firme do que aquella, com que o nosso Santo prestou inteiro credito ao maior, e mais incomprehensivel de todos os Mysterios, (qual era sem duvida a Incarnação do Verbo) apesar de quanto os proprios sentidos lhe podérão persuadir em contrario?

E a summa humildade, com que viveo, e se alimentou á custa das suas fadigas, como um pobre official, tendo em sua casa o Rei da Gloria todo obediente aos seus preceitos, e tendo por Esposa a Mãi de Deos, a Rainha dos Anjos, a quem não causa o maior assombro?

Em uma palavra, tudo é grande neste grande Santo, e é grande tambem a gloria que tem no Ceo, como é grande a efficacia do seu poder (assim na vida como na morte) para os que se querem valer do seu patrocinio, e procurão imitar as suas virtudes.

MARÇO — 20.

DE

SANTO ALEXANDRE,

PATRIARCHA DE ALEXANDRIA.

EM 26 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV.

De Theodoreto, de Santo Athanasio, e de Tillemont no Tom. VI, pag. 213.

Santo Alexandre (de cuja patria, e familia não trata a Historia Ecclesiastica) succedeo a Santo Achillas em o anno 313 na cadeira patriarcal de Alexandria. Elle era um homem de uma vida irreprehensivel, e de uma doutrina em tudo apostolica; e como tal cheio de zêlo, affabilidade, e caridade para todos. Elle foi muito feliz na eleição de varios Bispos, que destinou para differentes Cidades do Egypto, extrahidos pela maior parte dos que havião feito maiores progressos nos exercicios da vida solitaria.

Irritado então o demonio ao ver diminuido o seu imperio pelo activo zêlo de Alexandre, e mais que tudo pelo descredito geral, em que estava posta a idolatria, intentou reparar as suas perdas, suscitando uma heresia, que arruinasse os fundamentos do Christianismo; e um Presbytero de Alexandria, denominado *Ario*, foi o instrumento, de que elle se servio para a fatal execução dos seus infernaes designios.

Era este heresiarca assás versado no conhecimento das letras humanas, principalmente na rhetorica, e dialetica; e supposto que no fundo do seu espirito era um hypocrita, denominado pela soberba, ambição, e vangloria, comtudo, no seu exterior mortificado, e agradavel aspecto tinha o que lhe era necessario para insinuar-se nos corações de todos; e desta maneira, feito habil na perniciosa arte de parecer o que não era, debaixo de uma affectada modestia occultava um coração doloso, capaz de todos os crimes.

Elle no anno 300 de Jesu Christo seguio o partido do scismatico Melecio, Bispo de Nicópolis, contra São Pedro, Patriarcha de Alexandria, de que soube mostrar-se depois com tantos signaes de arrependido, que o mesmo S. Pedro o ordenou Diacono. Passado pouco tempo, fez-se accusador do seu proprio Bispo, e as perturbações que excitou por occasião dos Melecianos chegárão a um tal ponto, que o fizerão exterminar da Igreja. Porém, valendo-se logo das falsas apparencias de arrependido, enganou por tal modo ao sincero Achillas, que não sómente o admittio á communhão, mas tambem o fez Presbytero, e Parocho de uma Igreja de Alexandria.

Esta exaltação do ímpio Ario, despertando a occulta ambição, com que aspirava ao patriarchado por morte de Santo Achillas, fez conceber um mortal odio contra Santo Alexandre, que lhe foi preferido; e não tendo que censurar nos seus costumes, entrou a contradizer a sua doutrina, proferindo logo em particular, e depois publicamente no anno de 319, que Jesu Christo não era Deos, sendo só uma simples creatura, tirada do nada; que era capaz de peccar como qualquer dos homens; e adoptava por este modo todas as outras impiedades que vinhão a seguir-se de tão detestaveis principios.

Tocado, pois, Santo Alexandre no íntimo do seu espirito, ao ver os progressos do erro, (abraçado logo por dous Parochos de Alexandria, setecentas mulheres, doze Diaconos, sete Presbyteros, e dous Bispos) em vez de proceder com violencia, quiz antes praticar a doçura, parecendo-lhe que as exhortações dictadas por espirito de moderação serião mais efficazes.

Porém, mostrando-lhe a experiencia o contrario, fez citar aquelle ímpio no anno 320 para comparecer em o concilio provincial, que o Santo congregou na sua Igreja de Alexandria, aonde os cem Bispos, que formavão aquella assemblea, ouvindo os heresiarcas repetir as suas blasfemias, e ainda outras nada menos horriveis, o declarárão publico excommungado, e a todos os seus partidistas.

Ouvida, pois, esta sentença, retirou-se Ario para a Palestina, onde lhe foi facil contrahir amizade com os tres Bispos, Eusebio de Cesaréa, Theógonis de Nicéa, e Eusebio de Nicomedia, o qual lhe servio mais que todos para os seus intentos, pelo grande credito que tinha para com a Princeza Constancia, irmã do Imperador Constantino Magno, de modo que chegou por este meio a conseguir os agrados de uma grande parte dos cortezãos.

Entretanto escreveo Santo Alexandre ao Papa

S. Silvestre, dando-lhe conta da heretica doutrina de Ario, e condemnação, que se havia feito; e mandou tambem uma carta circular sobre isto mesmo a todos os Bispos Catholicos; e no mesmo tempo Ario, Eusebio, e outras pessoas do seu partido escrevêrão tambem ao referido Pontifice, rogando-lhe que annullasse a sentença de excommunhão, que contra elles se havia intimado.

E desejando o Imperador Constantino pacificar os espiritos, e pôr fim ás divisões, enviou a Alexandria o celebre Osio, Bispo de Cordova, para indagar a fundo o que havia na presente materia, pelo justo conceito que formava da sua prudencia, rectidão, e literatura, o qual, voltando da sua commissão, informou ao Imperador, que o Presbytero Ario estava constante em negar a divindade de Jesu Christo; e que o Bispo Alexandre se havia portado com o devido zêlo, e com toda a prudencia de um pe..to Pastor, em cujos termos lhe parecia justo congregar-se um concilio geral, como unico meio para obviar os grandes males, que perturbavão a paz da Santa Igreja.

Convencido, pois, o Imperador destas verdades, trabalhou quanto lhe era possivel para a celebração do concilio Ecumenico, escrevendo ao Papa, e convidando com respeitosas cartas a todos os Bispos; e fazendo-lhes á propria custa todas as despezas necessarias para a sua conducção até a Cidade de Niceá na Bithinia, aonde, em presença dos trezentos e dezoito Bispos, que alli se congregárão, se fez a abertura daquelle famoso concilio no dia 19 de junho do anno 325.

Muitos daquelles Prelados tinhão confessado generosamente a Fé nas perseguições antecedentes, e outros erão os maiores homens da terra, e os Bispos mais illustres de toda a Igreja, tanto pelas suas luzes extraordinarias, como pela sua vasta literatura, e não menos pela sua eminente santidade, e grande numero de milagres.

Santo Alexandre, apesar dos seus muitos annos, e não poucas enfermidades, quiz alli assistir com um Diacono da sua Igreja, o illustre Santo Athanasio, seu futuro successor, e que desde então se deo a conhecer por um dos mais fortes, e mais gloriosos defensores da Fé de Jesu Christo, como incançavel, e perpetuo flagello daquelles soberbos hereges.

Os Legados do Papa S. Silvestre, e o Patriarcha de Alexandria (que naquelle tempo era o principal Bispo de todo o Oriente) occupavão os primeiros logares; e o grande Imperador Constantino, para fazer mais illustre aquella veneravel assemblea, quiz tambem assistir, e dar-lhe principio com um alegre discurso, no qual protestou logo, que como a elle não pertencia o julgar as questões da Fé, commettia aos respeitaveis Prelados, que alli se achavão presentes, a sua ultima decisão, &c.

O Patriarcha Santo Alexandre alli recebeo os louvores, que dignamente merecêra com o seu zêlo intrepido, e trabalhos que padecêra pela defensa da verdade. O perverso Ario foi admittido ao concilio, tranquillamente ouvido em tudo o que elle quiz allegar a respeito da sua pessoa, e da sua doutrina; e esta liberdade, que se lhe concedeo, servio para se conhecerem melhor as suas impiedades, na ousadia que tomou para proferir publicamente, que o Filho de Deos não era eterno, antes era só uma creatura, que Deos por seu arbitrio tirára do nada, para crear por ella todas as outras.

Ouvindo estas horriveis blasfemias aquelles veneraveis Padres tapárão ao mesmo tempo os ouvidos, em signal do extremo horror, que umas tão ímpias proposições lhes causavão, e condemnárão uniformemente a ímpia doutrina de Ario, e de todos os seus partidistas, confirmando ao mesmo passo, e dando justos louvores a tudo o que Santo Alexandre havia obrado.

E para não ficar algum subterfugio á heresia, declarárão os mesmos Padres, que o Filho de Deos era *Consubstancial* ao Pai, ou da sua mesma substancia; e introduzindo esta palavra na fórmula da Fé (denominada *Symbolo Niceno*, e dirigida pelo Bispo Osio) todos a subscrevêrão, menos dous Bispos da Lybia, Theonas, e Secondo, que se portárão inflexiveis adherentes ao partido de Ario, e fôrão com elle desterrados para a Illyria.

Depois disto recebeo o concilio á communhão aos scismaticos Melecianos, por se mostrarem arrependidos, mas voltárão brevemente ao scisma, e muitos delles se ajuntárão aos Arianos; e formando-se por ultimo uns vinte canones de disciplina, se pôz termo ao concilio no dia 25 de agosto do referido anno 325 da Era Christã.

Voltou logo Santo Alexandre para o seu bispado, e a sua entrada em Alexandria foi uma especie de triunfo, tanto mais pomposo, quanto mais sincero. Todo o clero, e povo, cheios de immenso jubilo, sahírão a receber este glorioso Defensor da Fé, que acabava de conseguir sobre a heresia uma tão completa victoria; e collocado elle no meio do seu amado rebanho, se applicou com o mesmo vigor antigo a instruir, e cultivar aquella vinha do Senhor.

Porém chegado o tempo, em que Deos queria premiar os trabalhos, e coroar os meritos deste grande Santo, cahio gravemente enfermo; e conhecendo elle que a sua morte estava proxima, julgou que não podia fazer maior beneficio á sua Igreja do que nomear por seu successor a seu discipulo Santo Athanasio, cuja eleição servio muito para enxugar as lagrimas, que no dia 26 de fevereiro derramava o povo pela sensivel morte de um tal Pastor.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A humildade, e desconfiança de si mesmo são as proprias qualidades do verdadeiro Discipulo de Jesu

Christo, o qual, sujeitando-se espontaneamente a toda a authoridade estabelecida por Deos, encontra nesta santa disposição a sua paz, a sua segurança, a sua alegria, e um preservativo efficaz contra a presumpção, e soberba, que em todo o tempo tem produzido os maiores erros, perturbações, e desordens, como vemos no impio Ario, detestavel modêlo de todos os heresiarcas seus successores.

Aprendâmos, pois, a temer, e abominar a soberba, e arrogancia, cujas consequencias são tão funestas, e a substituir em seu logar as virtudes oppostas, que nos pódem merecer neste mundo, para gozarmos no outro as gloriosas qualidades de Discipulos de Jesu Christo.

MARÇO — 21.

DE

S. BENTO, ABBADE,

E PATRIARCHA DOS MONGES DO OCCIDENTE.

NO SECULO V, E VI.

De S. Gregorio Papa no Livro II dos seus Dialogos, o qual attesta, que tudo o que alli escreve é referido por quatro discipulos do mesmo Santo Patriarcha, a saber: Constantino, que foi seu successor no governo do Monte Cassino; Simplicio, terceiro Abbade do mesmo mosteiro; Valentiniano, primeiro Abbade do mosteiro de Latrão, e Honorato, Abbade do mosteiro de Sublaco.

Na Cidade de Nurcia da Provincia da Umbria, em o anno 480 da nossa salvação, veio á luz do mundo o grande Patriarcha dos monges do Occidente, S. Bento. Seu pai Eutropio, e sua mãi Abundancia, que erão das familias mais nobres, e mais opulentas daquella Cidade, logo que a idade o permittio, quizerão que tivesse os seus estudos em Roma, aonde em breve tempo fez taes progressos nas letras humanas, que deo motivo a uma bem fundada esperança, de que viria a fazer uma respeitavel, e honrosa figura no mundo.

Porém Deos, que o havia destinado para ser pai de um grande numero de Santos, lhe inspirou outros mais altos, e mais nobres designios. Tinha elle apenas dezeseis annos, quando, a corruptela grande que via nos mancebos companheiros nos seus estudos, fazendo-o temer o ser elle tambem transportado pela força do exemplo ao abysmo dos vicios, o moveo a retirar-se, como fez, para um deserto, abandonando os estudos, parentes, e tudo o que tinha no seculo. E no mesmo tempo a sua criada, que trouxera de Nurcia, e muito o amava, penetrando este designio, o quiz seguir, e com effeito o acompanhou até um logar chamado Afilo.

E succedendo alli por acaso quebrar-se um copo, que a dita criada pedíra por emprestimo a uma visinha, Bento com as suas orações obteve do Ceo, que aquelle vaso fosse restituido ao seu estado primeiro, sem que lhe ficasse algum signal da quebradura. Este foi o primeiro milagre, que obrou S. Bento, cuja fama, divulgada por todo aquelle Paiz, fez que os seus moradores começassem a ter uma grande veneração para com o Servo de Deos.

Porém elle, que amava mais o desprezo, do que a estimação dos homens, partio occultamente daquelle sitio, sem que o percebesse a sua criada, e caminhou até Sublaco, terra distante trinta milhas de Roma. Aonde encontrando uma estreita gruta, proxima a um pequeno arroio, alli se encerrou, e persistio pelo espaço de tres annos, desconhecido a todos os homens, excepto a um monge por nome Romano, o qual encontrando a Bento, quando ia a encerrar-se na gruta, e sabendo qual era a sua intenção, lhe deo o habito monastico, e prometteo subministrar-lhe o necessario soccorro, mantendo-o fielmente em segredo.

Assistia Romano em um mosteiro visinho, que governava o Abbade Theodato, donde em certos dias levava occultamente um provimento de pão a Bento, subministrando-lh'o por meio de uma longa corda, em cuja ponta ia prêsa uma campainha, para lhe dar aviso deste soccorro; porque da parte do mosteiro não havia caminho, nem vereda, por onde se descesse áquella gruta.

Vendo então o demonio a perfeição de vida, que Bento alli observava, macerando a sua carne com a penitencia, e nutrindo com a oração o seu espirito, excitou-lhe na fantasia uma tão viva ima-

ginação de certa mulher, que víra em Roma, que lhe faltou pouco para tomar a resolução de largar o deserto; porém logo a divina Graça lhe influio tal valor naquelle conflicto, que, pondo de parte o vestido, entrou a revolver-se nos espinhos de um proximo silvado, até que as muitas feridas lhe extinguírão com a sua dôr todo o sentimento sensual.

Recompensou o divino Senhor esta illustre victoria do seu valoroso soldado com a Graça que lhe fez de o isentar dalli em diante de outras taes tentações, que para as almas que amão a Deos sempre são importunas, e não deixão de ser perigosas.

Passados, pois, tres annos de residencia naquelle retiro, começou a correr a fama da santidade de Bento por meio de certos pastores, e de outras pessoas sabedoras já do caminho, que pela parte do valle havia para aquella gruta, que alli vinhão com frequencia instruir-se na pratica de vida para a sua salvação eterna; e até os monges do proximo mosteiro de Ricovaro o fôrão procurar todos juntos, para que se dignasse de querer ser seu Abbade.

Recusou o Santo humildemente o acceitar aquelle emprego, allegando varias razões, e particularmente os seus poucos annos, além da diversidade dos costumes; mas persistindo elles nas suas instantes supplicas, houve de render-se ás suas vontades; e logo que se vio na precisão de regular aquella communidade, pôz todo o seu estudo em procurar a observancia da disciplina monastica. Entrou a tirar os abusos, que se havião introduzido no mosteiro; e chamando para o bom caminho os monges, que se tinhão desviado, fez conhecer a cada um qual era o dever da sua profissão.

Não gostando, pois, aquelles monges deste regular procedimento, consequentemente se arrependêrão de eleger para seu Superior a um Varão tão opposto á sua antiga relaxação; e vendo elles por outra parte, que o não podião reduzir a que moderasse o seu rigor, resolvêrão livrar-se do seu jugo tirando-lhe a vida com veneno. A taes excessos se transportão os homens, quando uma paixão desordenada os domina!

Apresentando-lhe, pois, na mêsa o copo envenenado, e benzendo-o o Santo, segundo o seu costume, se quebrou logo; e elle então sem perturbar-se disse áquelles monges: *Deos vos perdoe, meus irmãos, a ingratidão, com que me tratais. Eu não vos disse logo, que não podiamos viver juntos? Procurai, pois, um Superior que seja mais do vosso agrado.* E sahindo logo do mosteiro, voltou para Sublaco, firmemente resoluto a cuidar só na salvação da sua alma, vivendo sempre na presença de Deos, sem divagar-se para outros pensamentos, que se não referissem para este ultimo fim, e summo bem de todos os homens.

Mas por maior que fosse o desejo, que tinha o Santo de viver solitario, não pôde impedir, que aquelle seu deserto não chegasse em breve tempo a ser um logar habitado; porque as virtudes, e milagres de Bento lhe attrahião um grande numero de pessoas, muitas das quaes lhe rogavão com tanto ardor, que se quizesse encarregar da sua direcção, que elle, movido pela caridade, cedeo ás suas instancias.

Fabricou, pois, naquelle logar doze pequenos mosteiros um pouco distantes uns dos outros, e em cada um delles metteo doze monges com seu Superior, reservando outros para a sua immediata direcção. Entre os mais celebres discipulos do Santo Abbade fôrão Santo Amaro, e S. Placido, ambos filhos de Senadores romanos, e que tanto souberão aproveitar-se dos exemplos, e instrucções do seu veneravel Mestre, que chegárão em breve tempo a um eminente grão de santidade, com que se pozerão em estado de guiar aos outros até á perfeição mais sublime.

Conta-se de S. Placido, que indo em certo dia tirar agua de um lago, inopinadamente cahio dentro; o que visto em espirito por S. Bento, que estava orando no mosteiro, disse logo a Santo Amaro, que alli se achava: Vai, meu irmão, com presteza livrar a Placido, que cahio na agua. E o fiel discipulo, sem mais demora, foi correndo até chegar ao mesmo Placido, e o conduzir pelos cabellos para a terra, aonde, e só então, conheceo, que havia andado sobre as aguas.

Teve, pois, o Santo Abbade a justa satisfação de ver florecer nos mosteiros que fundára toda a regular disciplina entre a caridade, e santidade dos costumes, com que se portavão aquelles seus discipulos; o que não obstante, um máo Sacerdote secular por nome Florencio, incitado pelo demonio, começou a denigrir com atrozes calumnias a reputação, e bom conceito do Santo Abbade, oppondo-se, quanto mais podia, aos seus intentos.

Tudo soffria o Servo de Deos com invencivel paciencia, até que, julgando por melhor o não assistir naquelle logar, retirou-se com alguns monges para o Monte Cassiano, deixando os outros nos seus mosteiros entregues á direcção dos Superiores, que lhes havia destinado. Mas apenas o Santo havia caminhado pouco mais de tres legoas, sobreveio Amaro muito alegre a rogar-lhe que voltasse para Sublaco, por quanto o seu inimigo Florencio morrêra opprimido nas ruinas da sua propria casa.

Porém o Santo Abbade, que, segundo o preceito do Santo Evangelho, amava deveras aos seus inimigos, não só não recebeo prazer por aquella noticia, mas antes chorou muito, e reprehendeo severamente ao mesmo Amaro, impondo-lhe depois uma rigorosa penitencia, por não sentir a morte daquelle miseravel, assim castigado pela Justiça de Deos.

Não quiz o Santo voltar para Sublaco, mas proseguio a sua viagem para o Monte Cassino, aonde achou campo para exercitar o seu zêlo, porque alli se adorava o deos Apollo em um grande tem-

plo, cercado de um frondoso bosque, dedicado á mesma falsa divindade. Vendo, pois, o Santo aquella detestavel abominação, procurou com o maior empenho, e fervorosa ancia abolir inteiramente aquelles barbaros avanços da idolatria.

Começou primeiramente por instruir com todo o cuidado na Religião de Jesu Christo os moradores daquelle monte, e logares circumvizinhos; e a sua prégação, similhante a dos Apostolos, unida sempre com a caridade, e desinteresse, obrou logo muitas conversões, confirmando o Senhor com varios prodigios o zêlo virtuoso do seu fiel Servo; e por ultimo, fazendo elle em pedaços o idolo de Apollo, demolio o altar, aterrou o templo, decepou o bosque, e fabricou alli dous oratorios, um com a invocação de S. Martinho, e outro de S. João Baptista.

Estes fôrão os primeiros alicerces para o celebre mosteiro do Monte Cassino, que sempre foi considerado, a respeito da religião benedictina, como veneravel centro da sua amplissima Ordem. Porém teve o Santo Patriarcha de padecer na sua fundação tantas difficuldades, e contradicções, que bem derão a ver, que sahindo elle de Sublaco, sim variou de logar, porém não de inimigo.

Porquanto, resentido o demonio de haver emprehendido Bento a destruição do seu imperio sobre aquelles miseraveis idolatras, procurou por todos os modos, que lhe fôrão permittidos, impedir os grandes progressos daquella boa obra. Apparecia-lhe frequentemente em forma visivel, com horrivel aspecto, cercado de chammas, fazendo-lhe muitas ameaças, e dizendo-lhe palavras injuriosas em voz alta, que os outros monges as percebião, ainda que o não divisavão; mas por mais que fôrão as contradicções, e vehementes combates, que o espirito maligno suscitou contra o nosso Santo, outras tantas fôrão as occasiões, que lhe subministrárão o triunfo.

Neste mosteiro do Monte Cassino concluio o Patriarcha S. Bento a sua regra para os monges, que foi sempre celebre na Igreja Catholica, e de que daremos neste logar um breve resumo. Nella principalmente insiste o Santo Abbade sobre a precisão de sujeitar a vontade propria á do Superior, e ter o coração desapegado de todas as cousas terrenas, para cujo effeito quer tambem, que nenhum monge retenha cousa alguma, como sua propria.

Outra cousa, que muito recommenda o Santo na sua regra, é a caridade para com o proximo, querendo que tudo ceda a esta virtude, base, e fundamento da perfeição evangelica. Ordena tambem um grande cuidado para com os enfermos, em cujas pessoas se serve ao mesmo Salvador, como Elle diz no seu Evangelho; e pela mesma razão quer que se recebão, e se tratem com todo o amor, e caridade os hospedes, e viandantes, dando-lhes ao mesmo passo, além do alimento do corpo, o nutrimento do espirito com a Palavra de Deos, e lição da Sagrada Escriptura.

Recommenda tambem o Santo aos seus monges o trabalho de mãos em certas horas, dizendo-lhes, que então serão monges verdadeiros, quando viverem do fructo dos seus trabalhos; e quer que nos Domingos se empreguem em lições devotas, principalmente da Escriptura Santa; e quando algum monge não possa ler, ordena que se lhe prescreva alguma occupação honesta, de modo que não esteja em ocio, com o que certamente se não santifica o dia de festa.

Além da inspiração particular, com que Deos assistio ao nosso Santo na formação da sua regra, toda cheia de sabedoria, discrição, gravidade, e clareza, o enriqueceo tambem o mesmo Senhor com os dons de milagres, e prophecia, para cuja prova apontaremos alguns casos, que refere o Papa S. Gregorio.

Tótila, Rei dos Godos, entrando na Italia, e ouvindo as maravilhas, que se dizião de S. Bento, quiz averiguar o que na verdade era. Passando pois pela Provincia de Campanha, mandou avisar ao Santo de que brevemente lhe faria uma visita, e mandou em seu logar a um cortezão seu chamado Rigon, vestido com insignias regias, e acompanhado de tres Fidalgos principaes, com um sequito numeroso; porém chegando elle á presença do Santo, este assentado, como estava, lhe disse logo: *Depõe, meu filho, esse vestido, que não é teu;* e Rigon, cheio de temor, e confusão, prostrou-se a seus pés com todos os mais que o acompanhavão.

Informado, pois, o soberbo Tótila deste successo, foi pessoalmente procurar o Santo, e assim que o vio de longe, prostrou-se por terra, sem atrever-se a chegar á sua presença, até que o mesmo Santo lhe foi dar a mão, e o mandou levantar, dizendo-lhe logo com liberdade de espirito: *Tens obrado muito mal, e o continuarás ainda. Entrarás em Roma, passarás o mar, e reinarás nove annos; porém morrerás no decimo; e serás chamado ao Tribunal da Juiz Supremo para lhe dar conta do que houveres obrado.*

Ouvindo Tótila estas palavras, que pontualmente fôrão verificadas, e recommendando-se ás orações do Santo, cheio de temor, e respeito, se portou menos cruel dalli em diante, como logo se vio na conquista de Napoles, aonde tratou os prisioneiros com a civil humanidade, que se não podia esperar de um furioso barbaro, qual elle era.

Narra tambem S. Gregorio, que entrando em certo dia na cella de São Bento um homem nobre chamado Theoprobo, por elle convertido, e vendo-o chorar com abundancia, lhe perguntára o motivo para aquelle excesso? Ao que respondeo o Santo: *Porque todo este mosteiro, com tantas fadigas edificado, por justo Juizo do Omnipotente Deos, cahirá em mãos de gentios; e apenas pude conseguir a Graça de ficarem salvas as pessoas;* o que depois se cumprio por meio dos longobardos, que entrando no

mosteiro de Monte Cassino, roubárão, e arruinárão tudo, sem causarem ás pessoas dos monges nem o menor damno.

Conheceo o Santo anticipadamente o dia certo da sua morte; e revelando-o logo a uns seus discipulos, que estavão presentes, recommendou-lhes segredo; e a outros, que se achavão distantes, lhes manifestou por carta o signal que verião na hora do seu transito.

Mandando, pois, abrir a sepultura seis dias antes da sua morte, sentio-se logo apprehendido de uma ardentissima febre, que em breve espaço o reduzio a uma debilidade extrema; e assim, chegado o final dia sexto, se fez transportar por seus discipulos ao proximo oratorio, aonde, depois de receber com a maior devoção o Santissimo Sacramento da Eucharistia, pondo fixamente os olhos no Ceo, entregou a ditosa alma nas mãos do seu Creador, no dia 21 de março do anno 543, estando na idade de 63 annos, de que passára quatroze no Monte Cassino.

Na hora do transito do Santo Abbade, dous dos seus monges, que moravão distantes, vírão uma estrada luminosa (que era o vaticinado signal) e por linha direita se estendia desde a cella do Santo até o Ceo, e ouvírão no mesmo tempo uma voz, que dizia: *Este é o caminho por onde sobe para o Ceo o fiel Bento, amado de Deos.* O seu sagrado corpo foi sepultado no oratorio de S. João Baptista, por elle edificado, aonde estivera antes o altar de Apollo; e o Senhor illustrou o seu Servo, ainda depois da morte, com muitos e grandes milagres.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O espirito da regra de S. Bento pertence a todos os Christãos, a cada um dos quaes se recommenda a mesma santidade que se encommenda aos monges; pois para todos se diz por Deos na sagrada Escriptura: Sêde santos, porque Eu sou Santo. *A todos diz Christo no seu Evangelho:* Sêde perfeitos como é Perfeito o vosso Pai celeste. *E diz tambem a todos:* O que não renuncía a tudo o que possue *(pelo menos no affecto)* não póde ser meu Discipulo: e se algum me quer seguir, negue-se a si mesmo, *(á sua propria vontade)* e leve a sua cruz.

Cada qual, pois (ainda que por differentes meios) deve encaminhar-se ao mesmo fim, a que se dirigem os Religiosos; pois se não faz voto de obediencia a um Superior, a quem sujeite a propria vontade, sempre tem de considerar-se em todas as suas acções, como dependente da vontade de Deos, ao qual as deve encaminhar como a seu ultimo fim; nem se póde reputar livre para fazer o que quizer, antes se ha de considerar como servo da Justiça, e Lei divina, por cuja norma deve regular todas as suas acções, obedecendo ao mesmo passo em tudo o que fôr justo, aos superiores constituidos por Deos para governarem os outros.

E se effectivamente se não despoja de todos os bens, que possue, ainda assim não os deve conservar com apêgo, antes ha de fazer delles aquelle uso, que prescreve a prudencia, a modestia, e a caridade; em summa, está sempre obrigado a negar a vontade propria, mortificando as paixões desordenadas, e vivendo, não segundo os desejos da carne, nem segundo os máos costumes do seculo, mas conforme as santas maximas do Evangelho, afim de chegar áquella gloriosa Patria, a que todo o bom Christão deve aspirar em toda a vida.

MARÇO — 22.

DE

S. BASILIO, PRESBYTERO, E MARTYR.

NO SECULO IV.

Os Actos do seu martyrio, publicados por Henschenio, achão-se em Tillemont, Tom. VII, pag. 375, e em Ruinart, entre os Actos sinceros, pag. 510 da edição de Verona.

Houve na Cidade de Ancyra da Provincia de Galacia um santo Sacerdote por nome Basilio, que no Imperio de Constantino, e no de Constancio se assignalou na defensa da divindade do Verbo contra os Arianos, os quaes por meio de alguns Bispos, que seguião o seu partido, lhe prohibírão o exercicio da prédica, e o denunciárão a Constancio, como um homem sedicioso, e perturbador da publica paz; mas o Imperador, que então se achava occupado na guerra contra os persas, não deo attenção a estas accusações, e assim continuando Basilio a impugnar os erros daquelles hereges, con-

verteo a muitos para a verdadeira crença da Fé Catholica.

Morto, pois, o Imperador Constancio no anno 361, e succedendo-lhe no throno Juliano Apostata, declarado professor da idolatria, procurou resuscitar o paganismo, quasi de todo anniquilado; e oppondo-se Basilio com generoso valor ás sacrilegas intenções do perfido Principe, gyrava pela Cidade, e logares visinhos, exhortando o povo a perseverar na piedade, e detestar as immundicias dos sacrificios profanos, e desprezar as promessas do manhoso Imperador, cujo poder teria pouca duração.

Contrahio o Santo por este motivo um grande odio dos idolatras, como antes concitára o dos hereges; porém elle, sem o menor temor de qualquer mal, que por esta causa lhe podesse vir, proseguia sempre com o mesmo zêlo a sua boa obra começada; e vendo em certo dia estarem alguns idolatras sacrificando em praça publica, exhalou um profundo suspiro, e rogou a Deos em voz alta, que houvesse de confundir aquelles inimigos da verdade, e não permitisse que algum Catholico se deixasse arrastar do seu exemplo.

Ouvindo isto um gentio, por nome Macario, chegou soberbo ao Santo, e lhe fallou deste modo: *Quem és tu, que andas amotinando o povo, e pertendes destruir o culto dos deoses do Imperio, tão louvavelmente estabelecido?* ao que generosamente resoluto Basilio respondeo logo: *Eu não sou, é o Deos do Ceo, que com sua invencivel virtude póde, e quererá destruir toda a vossa falsa religião.*

Por esta resposta infurecidos os pagãos, que alli se achavão, lançárão mão de Basilio, e conduzindo-o a Saturnino, Governador da Provincia, lhe disserão: *Eis-aqui um homem, que com seus embustes amotinou a Cidade, e prégando uma falsa doutrina chega a tanto a sua insolencia que blasfema contra o Imperador, e promette destruir os altares dos nossos deoses.* Perguntou-lhe, pois, Saturnino, quem elle era, e porque obrava com tanta audacia? *Eu sou Christão,* (respondeo Basilio) *e este é todo o motivo da minha solida confiança.*

« E porque blasfemas tu contra o Imperador « (perguntou o Juiz) fazendo-o passar por transgres- « sor das leis mais justas?» « Quanto a mim, (respon- « deo Basilio) eu não blasfemo contra o Imperador. « Ha, sim, um Senhor no Ceo, que é Deos, a quem « os nossos maiores adorárão sempre com puro co- « ração, e o reconhecem por seu unico Deos todos « os bons Fiéis. Elle, pois, por si mesmo póde em « um só momento reduzir a nada todo o vosso falso « culto. »

Perguntou-lhe então Saturnino, que tinha elle para dizer contra a religião do Imperador? E depois de o ouvir por um pouco, lhe disse: « Deixemos « discursos, é preciso obedecer a quem póde man- « dar. » « Eu até agora (replicou Basilio) não deixei « de obedecer ao Imperador do Ceo, e espero ser- « lhe sempre fiel em todo o tempo futuro. » « E qual « é esse Imperador do Ceo? (perguntou o Juiz.) » « É aquelle (respondeo o Santo) que habita nos Ceos, « e tudo vê; e o outro, de que me fallas, não é mais « do que um homem, que manda aqui na terra, e « cahirá brevemente ás mãos do Grande Rei do Ceo.»

Irritado então com estas respostas o cruel Governador, mandou que a Basilio, suspenso no ar, se lhe dilacerassem as costas; e o Santo no meio dos tormentos dava muitas graças a Deos de o admittir por este modo no caminho da eterna vida; e perguntando-lhe o Juiz no mesmo tempo, se o Imperador sabía bem castigar aos que recusavão obedecer-lhe, e se neste supposto queria render-se? Respondeo Basilio: *Eu tenho toda a minha confiança no supremo Rei do Ceo, e não póde haver cousa alguma que me faça mudar de parecer.*

Vendo então Saturnino os algozes já cançados, e a Basilio cada vez mais vigoroso, mandou que o conduzissem ao carcere, e encontrando elle a um homem de máos costumes, chamado Felis, que entrava a persuadir-lhe a obediencia ao Imperador para evitar novos tormentos, o Santo o atalhou logo, dizendo-lhe resoluto: *Retira-te, homem impuro, e depravado. Tu não conheces nem mereces conseguir as verdadeiras promessas, porque estando por vontade propria envolto nas trevas, não podes receber a luz da verdade.*

Estava naquelle tempo o Imperador em Pessinunte, e não obstante a informação que lhe deo Saturnino do que passára com Basilio, ainda assim desejava convertello para o seu partido, porque sabendo ser homem de grande credito, e pela sua virtude, e sciencia de todos estimado, esperava que mudado elle, o seu exemplo attrahiria a muitos. Expedio, pois, para este effeito dous cortezãos principaes, Elpidio, e Pegasio, ambos apostatas, os quaes, passando por Nicomedia, levárão comsigo um Sacerdote de Esculapio, chamado Asclepio, para os ajudar naquella empreza.

Chegando, pois, a Ancyra, foi logo Pegasio procurar o Santo ao carcere, e o saudou com civilidade, e doçura, como o Imperador lhe recommendára; porém Basilio, tratando-o por diverso modo, lhe disse justamente indignado: *Perfido traidor, abominavel apostata da verdade! Como, depois de lavado nas aguas do santo Baptismo, te metteste no immundo charco da supersticiosa idolatria? Como, depois de haver participado dos divinos Mysterios, te quizeste assentar á mêsa dos demonios? Eras algum tempo discipulo da verdade, e agora te converteste para sectario do erro, e do engano. Até agora celebravas as festas em companhia dos Santos, e presentemente, alistado na milicia de Satanás, augmentas o numero nos impuros espectaculos, e sacrificios profanos. Se assim, pois, tens renunciado toda a esperança de salvação, que haverás de fazer quando Deos te vier visitar?*

E dirigindo os olhos, e o coração para o Ceo, fallou assim: *Sejais sempre glorificado, meu Deos, porque vos fazeis conhecer aos que vos procurão, e illuminais aos que desejão conhecer a vossa Divindade! Glorificai, pois, como podeis, aos que em Vós esperão, e enchei de confusão os que desprezão os vossos Mandamentos. O' Deos Altissimo, dignai-vos de livrar a minha alma dos laços do demonio, e das mãos dos inimigos da justiça, para que fique vencedor dos que intentão perverter-me.*

Ouvindo então Pegasio fallar deste modo a Basilio, foi cheio de confusão, e tristeza referir a Elpidio, e Asclepio o exito infeliz da sua conferencia com o Santo Martyr; em cujos termos rogárão todos tres a Saturnino, que obrigasse a Basilio a um novo interrogatorio, afim de o fazer mudar de pensamento, antes que chegasse o Imperador; e conduzido á sua presença o Santo Martyr, este lhe disse logo, depois de formar sobre si o signal da Cruz: *Aqui estou, faze de mim o que quizeres.*

Mandou então Saturnino que posto o Santo no eqúleo, fosse estirado com tal violencia, que se visse obrigado a mudar de proposito. Porém Basilio, cheio de valor, dizia no mesmo tempo ao Juiz: *Desengana-te, ó impio, que nem tu, nem os teus conselheiros me podem fazer mudar de pensamento, porque Jesu Christo, meu Defensor, me acompanha, me conforta, e me ajuda.* Ouvindo isto o Governador, mandou que levado o Santo ao carcere, alli o retivessem carregado de cadeias até á vinda do Imperador.

Chegado, pois, o Principe áquella Cidade, e conduzido o Santo á sua presença, lhe perguntou como se chamava? Ao que elle com semblante alegre respondeo: «O meu nome primeiro é *Christão*, «e o nome de Christo é eterno, sobre todo o humano pensamento. Tenho tambem outro nome, que é «*Basilio*, pelo qual me conhecem todos; e se eu «fôr tão feliz, que conserve o meu nome sem mancula alguma, receberei de Jesu Christo a preciosa «recompensa de uma immortal gloria.»

«Oh, não te enganes (replicou Juliano) crendo naquelle a quem Poncio Pilatos condemnou á «morte.» «Eu não me engano, ó Imperador, (respondeo Basilio) tu sim, que com a tua apostasia «renunciaste o Reino dos Ceos. Creio, pois, em meu «Senhor Jesu Christo, a quem tu renunciaste, collocando-te Elle nesse throno, donde em breve serás deposto, para que se conheça o poder do Grande Deos, a quem com barbara ingratidão has offendido; porque Jesu Christo, Imperador Supremo, «te arrancará das mãos o sceptro, a alma do corpo, e este mesmo ficará insepulto.» O que logo se verificou no anno seguinte, em que o perfido Imperador, combatendo contra os persas, e ferido de mão invisivel, perdeo em um momento o Imperio, a alma, e o corpo para toda a eternidade.

Cheio, pois, de estranho furor o coração de Juliano, pela santa liberdade, com que lhe fallára Basilio, lhe disse: «Eu estava na resolução de te «deixar livre; porém como te portaste agora sem «algum respeito para com a minha pessoa, até desprezar os meus conselhos, e me insultar com gra «ves injurias, ordeno, para teu maior tormento, que «em vez de te matarem logo, se te cortem cada dia «sete porções de carne.»

Encarregou-se esta barbara atrocidade ao Conde Frumentino, que pontualmente a executou; e Basilio, depois de soffrer as primeiras incisões com admiravel paciencia, lhe disse que desejava fallar ao Imperador. Julgando, pois, aquelle Ministro, que vencido o Santo pela força dos tormentos, estava resoluto a mudar de proposito, correo alegre a dar esta nova a Juliano, o qual mandou que levassem o Santo Martyr ao templo de Esculapio, para onde elle estava de partida.

E logo que alli chegou Basilio, disse alegre a Juliano: «Pergunta, ó Imperador, aos teus Sacerdotes, e Prophetas, qual é o motivo que me traz «á tua presença?» «Não é necessario, (respondeo «Juliano) porque sendo tu homem de juizo, creio «que entraste em ti mesmo, e reconhecendo a magestade dos nossos deoses, queres professar o seu «culto.» «De nenhuma sorte (replicou Basilio) antes eu vou mostrar-te, ó Imperador, que os teus «numes são nada, e que servem sómente para levar ao inferno os seus adoradores.»

E tomando um pedaço da carne, que lhe havião cortado, o arrojou á face do tyranno, dizendo: *Toma, ó Juliano, pois que gostas destes manjares.* Foi, sem duvida, esta acção extraordinaria; porém Deos, que falla pelos seus Martyres, obra tambem por elles, e nós não temos direito para pedir-lhe a razão por que obra assim. Esta é a verdadeira solução de certas difficuldades, que algumas vezes se encontrão nos actos dos Martyres.

Vendo então Frumentino desgostado contra elle o Imperador, por haver sido occasião de ficar exposto naquelle passo á derisão das gentes, ordenou que tirado dalli o Santo Martyr, antes de o encerrarem no carcere, lhe rasgassem as carnes com tanto rigor, que por entre os ossos se lhe vissem as entranhas. Choravão os circumstantes, vendo aquella inhumana crueldade; porém o Santo no mesmo tempo dizia a Deos com rosto alegre:

«Bemdito sejais meu Senhor, unica esperança «dos Christãos, que dais vigor aos fracos, e levantais os cahidos, como Benigno, e Misericordioso «que sois, cheio de compaixão para com os vossos «Fiéis. Attendei-me, Senhor, do sublime Throno da «vossa Gloria, e dai-me Graça para cumprir tão fielmente a minha carreira, que, perseverando na Fé «de meus pais até o fim, chegue a fazer-me digno «do vosso Reino immortal.»

Proseguio no dia seguinte o Imperador a sua viagem, para Antioquia, sem querer fallar a Fru-

mentino, o qual por isto mesmo muito mais furioso contra Basilio, fazendo-o conduzir á sua presença, lhe disse: Homem o mais insensato, e rebelde con- « tumaz ás ordens do Imperador, obedece-lhe, e « ficarás com vida, quando não acabarás os teus dias « entre os maiores tormentos. » « Olha para mim, « (replicou o Santo) e recorda-te do estado, a que « hontem reduziste o meu corpo, agora o verás são, « e robusto por mão de meu Senhor Jesu Christo. « Manda este annuncio a Juliano, para que veja me- « lhor o poder daquelle Deos, que elle tem abando- « nado, entregando-se nas mãos do demonio. »

Vendo então o Governador serem inuteis todas as suas ameaças para intimidar a Basilio, mandou que se estendesse em terra, para lhe atravessarem as costas com huns grandes cravos de ferro, feitos em braza; e elle orava no mesmo tempo, dizendo em voz alta: « Senhor meu Jesu Christo, con- « servai em mim o vosso Nome puro, e sem macu- « la, para que, alcançando a victoria dos tormentos, « me faça herdeiro do eterno descanço. Eu assim o « espero pelas vossas divinas promessas. Recebei, « pois, em paz a minha alma, Vós que viveis, e « reinais por todos os seculos. Amen. »

Acabada esta oração, proferida entre os mais vivos tormentos daquelles ardentes ferros, ficou o Santo Martyr, como em um suave somno, em que exhalou a sua ditosa alma no dia 28 de junho do anno 362, ainda que os gregos, e latinos celebrão a sua memoria no dia 22 de março, de que ignorâmos o motivo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Grande felicidade foi a nossa em pertencermos ao numero dos Christãos; porém se nos não portarmos como taes, será maior a nossa confusão entre tantas Nações infieis, que não conhecêrão a Christo, nem tiverão noticia do seu Evangelho. Prezemo-nos, pois, como S. Basilio, e todos os outros Santos se gloriavão do precioso nome de Christão, *sendo como elles fiéis imitadores de Jesu Christo, cada um no seu proprio estado.*

E portanto, se queremos conseguir o fructo do verdadeiro Christianismo, que é a vida eterna, devemos combater, e mortificar as nossas paixões, e estarmos promptos para soffrer tudo, e perder tudo, ainda a mesma vida, antes do que admittir, e commetter com advertencia, e vontade propria qualquer culpa, por menor que seja.

MARÇO — 23.

DE

SANTO ISIDORO DE ALEXANDRIA,

CHAMADO O HOSPITALEIRO.

EM 15 DE JANEIRO.

NO SECULO IV, E V.

Os Bollandistas referem no dia 15 *de janeiro o que Socrates, Sozomeno, e outros authores contemporaneos escrevêrão deste Santo Presbytero; a cujo respeito se póde ver tambem a Historia Ecclesiastica do Cardial Orsi, no Tom. X, Liv.* 22.

Santo Isidoro (denominado de *Alexandria*, por ser esta Cidade sua patria, e *Hospitaleiro*, por lhe ser encarregada a superintendencia do hospital dos pobres, e peregrinos na mesma Cidade) nasceo no anno 318; e se crê, que na sua mocidade foi instruido pelo grande Santo Antão Abbade, residindo com elle algum tempo na Thebaida, donde, passando para o deserto de Nitria, em uma, e outra parte praticou uma vida penitente, entre o exercicio da oração, e meditação das divinas Escripturas, das quaes adquirio uma profunda noticia.

O seu natural temperamento era inclinado á ira, e á cobiça, como elle mesmo confessava, dizendo que pelo espaço de quarenta annos combatêra contra estas duas paixões, até as poder supplantar com a graça do Senhor, por tal modo que parecia depois o homem mais pacifico do mundo, e tão desprezador das cousas terrenas, que deo toda a sua copiosa herança para o hospital de Alexandria, sem reservar para si cousa alguma. Tanto é certo, que tambem os Santos tiverão paixões, e que só as vencêrão depois de muitos combates, mediante o auxilio da Graça de Deos.

Tinha elle tão mortificado o appetite de comer,

que de modo ordinario quando se assentava á mêsa exhalava frequentes suspiros, doendo-se (como elle dizia) de que tendo uma alma similhante aos Anjos, e capaz de nutrir-se com as delicias celestes, se visse obrigado a comer como os brutos. Mas ainda que o seu alimento era tão parco que apenas bastava para sustentar-lhe a vida, comtudo, o exterior do seu corpo era como o de um homem, que nada tinha de penitente, e mortificado.

Conhecendo, pois, o grande Santo Athanasio, Patriarcha de Alexandria, o singular merito, e raro talento de Isidoro, o fez, e ordenou Presbytero da sua Igreja, encarregando-lhe tambem a superintendencia do hospital daquella Cidade; emprego que elle aceitou com particular affecto, e cumprio com summa diligencia, cuidando sempre em que os pobres tivessem todos os temporaes, e espirituaes soccorros.

Por estes, e outros motivos reputava, e estimava Santo Athanasio a Isidoro como seu braço direito, valendo-se delle em todos os negocios mais importantes da sua Igreja; e a mesma estimação, e amor para com elle tiverão tambem Pedro, e Timotheo, successores seus no patriarchado de Alexandria, em cujos tempos padeceo muito pelas varias, e crueis perseguições que os furiosos hereges Arianos suscitárão contra os Catholicos daquella illustre Igreja, que depois da de Roma era a primeira do mundo Christão.

Subindo, pois, Theofilo ao throno patriarchal no anno 385, elle tambem nos primeiros annos do seu governo teve um particular affecto a Santo Isidoro, o qual pela sua parte lhe correspondia com todas as sortes de respeitosa obediencia, como a seu legitimo Prelado, não obstante ser nos costumes, e nas maximas assás differente dos seus santos predecessores.

No anno de 387 foi Isidoro enviado por Theofilo á côrte do grande Imperador Theodosio, justamente irritado contra o mesmo Patriarcha, e felizmente o applacou a seu respeito. Foi tambem mandado a Roma com outros deputados das Igrejas do Oriente, afim de reconciliar com o Summo Pontifice S. Damazo, e com a Sé Apostolica a Flaviano Patriarcha de Antioquia, e conseguio com seus bons officios extinguir aquelle scisma, que havia durado por muitos annos. Porém este amor de Theofilo para com Isidoro se mudou depois em um implacavel odio por dous principaes motivos, como agora diremos.

1.º Querendo Theofilo expulsar da Igreja a um dos primeiros Presbyteros, por nome Pedro, imputou-lhe falsamente o haver admittido á Eucharistica Mêsa a uma mulher Maniquea, sem a fazer primeiro abjurar os seus erros. Defendeo-se Pedro, dizendo que a tal mulher primeiro fizera a sua abjuração com as fórmas prescriptas pelos sagrados canones, de cujo facto dera parte a elle Theofilo, estando presente Isidoro, a quem citou, como testemunha de vista; e elle com effeito attestou sem a menor duvida, que tudo o que Pedro affirmava era verdade pura; o que foi bastante para que o furioso Prelado o visse depois com máos olhos.

2.º E o outro motivo, que acabou de fazer a Theofilo inimigo declarado, e perseguidor acerrimo de Isidoro, teve origem na delicadeza de consciencia, e fidelidade exacta deste Servo de Deos, porque havendo uma senhora principal de Alexandria commettido a Isidoro uma somma consideravel de dinheiro para soccorro de certas pessoas pobres, que lhe declarou em segredo, Theofilo o quiz obrigar a que lhe entregasse aquella quantia, e assim mesmo outras esmolas, que lhe davão os Fiéis, como a Superintendente do hospital.

Pertendia Theofilo supprir com aquelles dinheiros as grossas despezas de varias obras superfluas, que fazia; mas oppoz-se constantemente Isidoro aos seus injustos desejos, por não faltar á boa fé de que dava aquellas esmolas; representando ao Patriarcha ser muito melhor empregar aquelles dinheiros em soccorro dos pobres, que são templos vivos de Deos, do que na fabrica de edificios, que podião ser escusados.

Irritado, pois, por este motivo o perverso Theofilo, inventou uma horrenda calumnia contra o Servo de Deos, a qual não póde provar, porque Isidoro, com a maior evidencia, se mostrou innocente naquelle enorme delicto; em cujos termos, julgando o mesmp Isidoro que devia subtrahir-se aos furiosos attentados do Patriarcha soberbo, retirou-se occultamente para o deserto da Nitria, com animo de terminar alli os seus dias no exercicio da penitencia, e da meditação das cousas celestes.

Porém Theofilo, que se não dava por satisfeito sem levar a sua vingança ao ultimo extremo, sabendo que os monges da Nitria admittírão a Isidoro na sua sociedade, e que não approvavão o procedimento irregular, e tyranno delle Patriarcha, no governo da Igreja Alexandrina, entrou a discorrer, e procurar os meios para perder de uma vez aquelles innocentes monges, e consequentemente, ou em primeiro logar, ao fidelissimo Isidoro.

E congregando para este effeito um synodo de alguns Bispos visinhos de Alexandria, com o pretexto de zêlo pela pureza da Fé, e doutrina sã contra os erros de Origenes, fulminou alli sentença de excommunhão contra os referidos monges (sem os citar, nem ouvir) declarando-os réos de originismo, e de perversos dogmas, e não valeo áquelles miseraveis o protestarem a sua Fé incorrupta, e que sempre havião detestado os erros attribuidos a Origenes, porque o Patriarcha persistio na injusta condemnação que fizera, publicando-os por toda a parte como hereges, e excommungados.

Nem parou neste excesso o impetuoso furor de Theofilo contra aquelles innocentes em quanto os não

tirava do Egypto, e se lhe fosse possivel do mundo. Para cujo effeito, pondo os olhos em cinco monges relaxados para fiéis ministros das suas paixões, a um delles ordenou Bispo, e dos quatro restantes fez um Presbytero, e promoveo tres ao diaconato; e attrahidos por este modo aquelles ímpios, facilmente os persuadio Theofilo a subscreverem um libello cheio de calumnias, por elle composto secretamente, em geral contra todos os monges da Nitria; e com especialidade contra Ammonio, e tres irmãos seus, que erão entre elles os mais distinctos, e estavão unidos com Santo Isidoro em profissão, e sentimentos.

E fazendo que os cinco perfidos monges lhe apresentassem o dito libello, como obra sua, publicamente na Igreja, elle, recebendo-o, e juntando-o a um memorial, que formou em seu proprio nome, foi no dia seguinte procurar o Prefeito, ou Governador da Provincia, pedindo o auxilio do braço secular, com o seu pleno consentimento, e expressas ordens (que obteve) contra todos os monges do deserto da Nitria.

E constituindo-se elle mesmo, em pessoa propria, primeiro executor desta iniqua empreza, marchou com todos os seus domesticos, e uma numerosa tropa de soldados, e chegando de noite com esta comitiva, entrou de repente a saquear o mosteiro, dando toda a prêsa aos que o acompanhavão. O seu primeiro intento era prender os ditos quatro monges mais distinctos, e com elles principalmente a Santo Isidoro, por cuja causa armárão aquella tragedia; porém não o pôde conseguir, porque, avisados elles do imminente insulto, se escondêrão nas cavernas de uma cisterna sêcca.

Voltando, pois, Theofilo para Alexandria, Isidoro com os outros monges tiverão logar para fugir para a Palestina; mas o implacavel Theofilo, sendo informado deste retiro, escreveo logo cartas circulares aos Prelados daquelle Paiz, fazendo-lhes um retrato monstruoso daquelles pobres monges, para que os não consentissem nas suas terras.

Escreveo tambem Theofilo a S. Jeronymo, morador então em Belém, o qual, como era opposto á doutrina de Origenes, não só tomou o partido do perfido Patriarcha, mas ainda lhe fez grandes elogios, persuadindo-se de ser puro o seu falso zêlo. O mesmo lhe succedeo com Santo Epifanio, Bispo de Salamina, que reputando por verdadeiro, e sincero o pretextado zêlo de Theofilo, se declarou por seu partidista, e em summa, até o mesmo Summo Pontifice Anastasio, com os principaes Bispos da Italia derão grandes louvores a Theofilo pelo grande zêlo, que mostrava contra os monges Originistas, ou por taes reputados.

E não é isto para admirar, reflectindo em que os erros que Theofilo nas suas cartas attribuia a Origenes, e aos seus pertendidos sequazes, erão tão monstruosos, e tão contrarios aos dogmas fundamentaes da Religião Christã, que só ouvillos recitar nas referidas cartas, causavão horror a todos os Fiéis, nem havia Christão que não os detestasse, e sobre tudo abominasse.

Levado, pois, Theofilo daquelles applausos, e transportado pelo seu fanatico, e frenetico zêlo contra Santo Isidoro, e monges da Nitria, refugiados na Palestina, atreveo-se a enviar áquellas partes dous Ministros do seu furor (Eubúlo, e Prisco) com bastantes soldados, para procurarem, e perseguirem aquelles pobres monges até nos sitios mais remotos, e nas mais escuras cavernas; o que vindo á noticia de Santo Isidoro, teve logar de embarcar-se para Constantinopla com quarenta e cinco dos mesmos monges, (em que entravão os ditos quarenta mais distinctos) afim de implorar a protecção do Patriarcha S. João Chrysostomo, e o auxilio do Imperador contra as perseguições de Theofilo.

Chegando, pois, aquelles cincoenta varões justos á presença do Santo Patriarcha Chrysostomo, e certificado elle da pureza da sua Fé, toda isenta dos enormes erros, que lhe erão imputados, tomou a seu cargo o applacar o furor de Theofilo, escrevendo-lhe logo com as mais vivas expressões a favor daquelles innocentes fugitivos; e no mesmo tempo recommendou a varias pessoas de piedade, e particularmente á celebre Santa Olympiada, que tivessem cuidado do seu sustento, para o qual elles tambem se ajudavão na maior parte com o trabalho das suas mãos.

Porém nada valêrão para com Theofilo as rogativas de Chrysostomo, antes, julgando-se offendido aquelle máo Prelado pelo bem que o mesmo Chrysostomo tratava a Santo Isidoro, e aos monges seus companheiros, não só lhe respondeo com insolentes desprezos, e soberbas ameaças, senão tambem mandou logo a Constantinopla alguns seus confidentes com um libello cheio de calumnias contra aquelles miseraveis monges, accusando-os, entre varios capitulos, de serem diabolicos magicos, e abominaveis hereges.

Vendo então Santo Isidoro que o animo de Theofilo se inflammava cada vez mais a seu respeito, recorreo ao Imperador Arcadio em seu nome, e dos monges seus companheiros, representando-lhe que estavão promptos com a maior evidencia para se mostrarem isentos de qualquer falsa, e erronea doutrina; em cujos termos requerião que o libello das accusações, que lhes formavão, se examinasse com rigor de justiça no tribunal supremo do Pretorio, e que Theofilo seu adversario comparecesse pessoalmente diante do Patriarcha daquella côrte, para ser julgado segundo os canones apostolicos, pelo que havia obrado contra os supplicantes.

Examinado, pois, o referido libello com a mais circumspecta madureza, e achando-se indubitavelmente falsas, e calumniosas as accusações, que nelle se continhão, estiverão em termos de perder a vida os deputados, seus conductores, e procuradores sol-

licitos, como calumniadores infames de umas pessoas innocentes; mas, á força de dinheiros, e donativos preciosos, de que vierão bem prevenidos, obtiverão que se lhes commutasse na sentença a pena de morte em desterro para a Ilha de Proconnesso.

Veio depois Theofilo, o mais tarde que pôde, a Constantinopla por virtude da mesma sentença, que o fazia apparecer como réo para dar conta de si, e dos seus injustos procedimentos na causa dos monges. Porém elle, avocando, e trazendo comsigo um grande numero de Bispos do Egypto, seus alliados, entrou na côrte com apparencias não de réo, mas de Juiz triunfante, e com animo resoluto de vingar-se a todo o custo do Patriarcha São João Chrysostomo, pelo affecto que mostrára, e protecção que dera aos monges seus inimigos; e com effeito, pelas suas cabalas, politicas industrias, e profusas liberdades chegou a conseguir que fosse deposto, e exterminado aquelle Patriarcha santo, como se disse na sua vida em 27 de janeiro.

Pouco tempo depois, no anno 404, Santo Isidoro avançado em annos, que chegavão a oitenta e cinco, macerado das penitencias, e quasi sempre opprimido pelas perseguições de Theofilo, achando-se ainda em Constantinopla, para onde viera com os monges de Nitria, cahio gravemente enfermo; e rendendo em breves dias a ditosa alma a Deos, foi gozar o glorioso descanço no Ceo, que a sua paciencia, junta á malicia dos homens, lhe fizera merecer na terra; e o mesmo venturoso fim entre aquellas turbulencias tiverão tambem outros principaes daquelles perseguidos monges, os quaes logo depois de mortos fôrão venerados como Santos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Dous espectaculos nos apresenta a vida do Presbytero Santo Isidoro: o primeiro é para admirarmos a sabedoria de Deos para com os seus Servos, permittindo talvez que os seus maiores inimigos injustamente os persigão, e opprimão por varios modos, para os fazer conformes a seu Filho Santissimo nos trabalhos deste mundo, e depois participantes dos eternos premios no celestial Paraizo, como succedeo a Santo Isidoro, e seus companheiros pela cruel perseguição de Theofilo; e tanto mais cruel quanto provinha do seu mesmo Patriarcha, que por obrigação do ministerio pastoral em todo o caso devêra ser seu defensor.

O segundo espectaculo é de temor para nós mesmos, afim de nos conservarmos com vigilante cautela, de modo que não cheguemos a ser dominados de alguma desordenada paixão, a qual (e muito mais sendo palliada com o pretexto de zêlo) é capaz de produzir em nós tal cegueira, que sem o menor reparo nos precipitemos nos mais enormes, e horriveis excessos, como vemos que aconteceo ao desgraçado Theofilo.

A quéda dos maiores *(diz Santo Agostinho)* deve causar temor aos menores; *e assim, se o Patriarcha de uma Igreja tão illustre se deixou levar de uma paixão de ira, e vingança até commetter os mais enormes excessos contra umas pessoas santas, e innocentes, e até contra um Patriarcha Santissimo, qual era S. João Chrysostomo; quem depois disto não temerá de si mesmo, e das suas paixões viciosas? Guardemo-nos, pois, do primeiro passo nestes encontros, pois sem esta cautela facilmente cahiremos em outros, e sempre peiores, até nos fazer-mos cegos, e obstinados no mal, com evidente preludio da nossa eterna condemnação.*

MARÇO — 24.

DE

S. MARCELLO, PAPA, E MARTYR.

EM 26 DE JANEIRO.

NO SECULO IV.

Como os Actos de S. Marcello, referidos por Surio, contém varias cousas assás incertas, e duvidosas, devemo-nos contentar com as poucas noticias, que a seu respeito nos subministrão os Sacramentarios, e Martyrologios antigos; e sobre tudo, de um Epitafio em seu louvor, composto pelo Papa S. Damaso, e referido pelo Cardeal Orsi, no Liv. X, num. 52 da sua Historia Ecclesiastica.

Quando os Imperadores Diocleciano, e Maximiano movêrão contra a Igreja, e nome Christão uma cruel perseguição geral (que principiou no mez de fevereiro do anno 303) occupava a cadeira de S. Pedro o Santo Pontifice Marcello, e entre os Presbyteros da Igreja Romana distinguião-se pelos seus meritos Eusebio, Melquiades, e Silvestre, os quaes todos, um depois do outro, fôrão exaltados á suprema dignidade pontificia.

As Memorias Ecclesiasticas mais antigas, e mais authenticas não negão a constancia da Fé, tanto de S. Marcello como de S. Marcellino, e dos outros mencionados Presbyteros, por onde se desmente a calumniosa imputação, que lhes derão depois os hereges Donatistas, de haverem offerecido incenso aos idolos, e entregarem aos perseguidores os sagrados livros da divina Escriptura.

E por isso o grande Doutor da Igreja Santo Agostinho rejeitou sempre esta injuriosa calumnia, dizendo, entre outras cousas: que para a confutar bastava negalla, como totalmente destituida de alguma legitima prova. É bem verdade que alguns Catholicos nos seculos posteriores adoptárão esta noticia a respeito de S. Marcellino, accrescentando que purgára aquella macula com o arrependimento, e martyrio que padecêra; porém já hoje (como bem observa o celebre Cardeal Orsi) não ha pessoa douta, que não esteja plenamente convencida de ser a tal accusação inteiramente falsa.

Logo, pois, que S. Marcellino em o anno 304 coroou o seu pontificado com um glorioso martyrio, no dia 26 de abril, em que a Igreja santa celebra a sua memoria, ficou vaga a Sé Apostolica pelo espaço de quasi tres annos e meio, tempo em que o clero, e povo romano, congregando-se para a eleição de um novo Pontifice, concorrêrão com os seus votos para o Presbytero Marcello, como sobre todos mais benemerito, pela sua piedade, e zêlo da Fé, que lhe ardia no peito.

E logo que foi sublimado ao pontificio throno, se excitou na Igreja uma turbulenta discordia, que lhe deo larga occasião para elle mostrar a sua firmeza, e vigor em conservar pura a ecclesiastica disciplina; porque ainda que naquelle tempo estava suspensa a maior força da perseguição dos gentios por causa de que o tyranno Maxencio, que havia usurpado o dominio, julgou ser conveniente aos seus interesses, e fins politicos não inquietar os Christãos por motivo da sua crença, ou profissão da sua Fé, comtudo, a Igreja romana sentio-se então combatida de uma furiosa tempestade, como agora diremos.

Na perseguição precedente alguns máos, e relaxados Catholicos, que por um vil temor dos tormentos havião renunciado a Christo, e idolatrado, recusavão depois no tempo da paz cumprir a devida penitencia prescripta pelos sagrados canones, para haverem de ser reconciliados com a Igreja, e admittidos á participação dos sacrosantos Mysterios; e chegou a tanto excesso a sua rebelde contumacia, que das disputas, e secretas divisões, que tinhão entre si os Fiéis, fomentadas talvez por alguns Ecclesiasticos relaxados, passárão a sedições, a violencias, e crueldades inauditas.

Destas grandes desordens attribuirão os sediciosos toda a culpa a São Marcello, procurando elle sómente curar as suas chagas com os saudaveis remedios da penitencia; e assim, por obra de um perfido Christão, que apostatára, exterminou de Roma o tyranno Maxencio ao Santo Pontifice para uma Ilha quasi deserta, onde padeceo os maiores incommodos até o anno 310, em que terminou os seus dias; e pelos trabalhos que soffreo para suster a pureza da ecclesiastica disciplina, mereceo ser honrado, não só como illustre Confessor da verdade, e da justiça, senão tambem como glorioso, e verdadeiro Martyr do Senhor.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Observão os Santos Padres, que não podendo a Igreja santa neste mar tormentoso do seculo estar

muito tempo sem provar os insultos de alguma cruel tempestade, quando cessão as estranhas, sobrevem as internas, e domesticas turbulencias, por obra dos seus relaxados, e rebeldes filhos; os quaes, não satisfeitos com imitar nos seus costumes as abominações gentilicas, passão a impedir, e perturbar com injuriosas calumnias, e malevolas derisões aos que procurão viver como verdadeiros Fiéis Christãos.

Esta perseguição da piedade, e dos professores della, ainda seria mais perniciosa quando em os nossos tempos se achassem tão máos ecclesiasticos, como aquelles de que falla Santo Agostinho no seu celebre sermão de Pastoribus, *sendo esta (como escreve o Santo Doutor) a sua depravada linguagem:* « Se vos quereis divertir, vinde aos espe-« ctaculos, e alegrai os vossos animos nos festejos « publicos. Vinde, pois, e alegrai-vos, que nada disto « é máo. Além de que, se os ímpios, e pagãos go-« zão das creaturas de Deos, porque não faremos o « mesmo nós outros os Christãos?

« Com effeito, é certo *(conclue o Santo Dou-« tor)* que se nós os ecclesiasticos fallassemos deste « modo, teriamos o sequito, e o applauso de mui-« tos, mas seriamos falsos Pastores, faltando ao nosso « dever de ensinar-vos a Doutrina de Christo. »

Sejâmos logo attentos, e vigilantes sobre nós mesmos; e para não cahirmos em similhantes laços, observemos as santas Maximas de Jesu Christo nosso divino Mestre, o qual no seu Evangelho nos avisa, que as loucas alegrias do mundo, e dos seus sequazes acabão todas em um amargo pranto, e a breve tristeza dos seus Discipulos se converte depois em um eterno jubilo.

MARÇO — 25.

DA

ANNUNCIAÇÃO DE N. SENHORA,

E ENCARNAÇÃO DO DIVINO VERBO.

DO PADRE JOÃO CROISET, NO SEU ANNO CHRISTÃO NESTE DIA.

Erão já passados quasi quatro mil annos, desde que o mundo gemia debaixo da tyrannia do demonio, e jazia sepultado nas trevas, occasionadas pelo peccado, e que os Patriarchas, e Prophetas, e todos os justos que vivêrão no Antigo Testamento, esperavão com ardentes votos o Salvador, que Deos havia promettido, depois da culpa do primeiro pai. Quando chegado aquelle feliz momento, destinado pelo mesmo Deos lá da eternidade, em que devia cumprir-se a Divina promessa, e vir ao mundo o esperado Messias, o Redemptor, e Salvador do Genero Humano, o Arcanjo S. Gabriel (que quatrocentos annos antes havia annunciado ao Propheta Daniel a vinda, e morte do mesmo Messias, e que havia seis mezes que fôra enviado ao Sacerdote Zacharias para o fazer certo do nascimento de seu Filho, que devia ser o Precursor do mesmo Verbo Incarnado) foi enviado por Deos a uma Virgem, chamada *Maria*, da tribu de Judá, e do sangue real da casa de David.

Deos, que a destinára para Mãi do Messias, a tinha prevenido de todos os Dons Celestes desde o primeiro instante da sua Conceição, derramando na sua alma uma torrente de graças tão excessiva, que ficou sendo a admiração de todos os Ceos, e a fez exceder em santidade, e merecimentos ás mais perfeitas creaturas; e supposto que ella se havia consagrado a Deos para ficar Virgem por toda a vida, quiz a Sabedoria Divina que tomasse por Esposo a um Varão justo, denominado *José*, descendente da mesma casa de David, para ser Custodio da sua honra, testemunha, e protector da sua virgindade, e tutor, e como pai do Filho, que devia nascer della só.

Ella assistia na Cidade de Nazareth, povoação pequena da Provincia de Galilêa; e o Anjo lhe appareceo alli no proprio tempo, (diz S. Bernardo, em que ella, invisivel ao resto das creaturas, se offerecia a Deos com o maior fervor na mais sublime contemplação. Entrando, pois, o Enviado Celeste, todo cheio de respeito para com aquella, a quem já venerava por sua Senhora, lhe disse: *Deos te salve cheia de Graça: o Senhor é comtigo: Bemdita és tu entre as mulheres;* e nesta saudação breve lhe fez o glorioso Paraninfo o elogio mais illustre, e mais sublime que jámais houve, nem haverá jámais, porque lhe deo toda a certeza de que estava cheia dos Dons do Espirito Santo, que possuia todas as virtudes em gráo heroico, que erão innumeraveis as bençãos, que possuia, e que não havia creatura,

que fosse mais agradavel aos olhos de Deos do que ella.

A vista de um Anjo em figura de homem causou logo algum temor á mais Pura das virgens. O seu virtuoso pejo a fez perturbar; porém logo o Anjo a socegou, dizendo-lhe em substancia desta maneira: «Não temas, Maria, porque achastes Graça diante de Deos. Elle vai a dar-te um Filho, e quer que isto se faça sem offensa da tua virginal Pureza. Conceberás, pois, este Filho, que darás ao mundo, e lhe porás por nome Jesus. Elle será grande em todos os modos, e as grandes maravilhas, que Elle obrará, o farão assás conhecer por Filho do Altissimo.

Elle tambem, como teu Filho, terá o sangue real de David; porém não será o direito da successão o que o faça subir ao throno, porque a soberania lhe é devida por outros titulos, e razões mais altas. Elle, como Filho de Deos verdadeiro, dominará sobre todos os povos do universo, e a sua Coroa não será limitada, como a dos outros Reis da terra. Elle fundará uma nova Monarquia, que será o Imperio de Deos vivo, a sua santa Igreja; e, em summa, reinará sem successor na mysteriosa casa de Jacob, porque o dominio deste Grande Monarcha não será circumscripto em toda a vastidão do universo, nem a sua duração poderá ter limite em toda a extensão da eternidade.

E quaes serião neste passo os profundos sentimentos da mais humilde de todas as creaturas? Ella não acabava de comprehender que Deos a houvesse destinado para o ineffavel complemento de um tão alto Mysterio! E por outra parte a qualidade de Mãi a suspendia, pelo amor que tinha á virgindade. Isto é, pois, o que a moveo a perguntar: como aquillo se faria? porque se isto assim não fôra (diz aqui Santo Agostinho) tal pergunta não fizera.

O Anjo, porém, satisfazendo-lhe á sua duvida, lhe declarou que só Deos sería Pai daquelle Filho, de que a queria fazer Mãi; que ella sería Esposa do Espirito Santo, o qual, sendo á Virtude do Altissimo, formaria nella milagrosamente o fructo, que devia participar ao mundo, e daria maior realce á sua Pureza; e que o Filho, que nasceria della, se chamaria, e sería verdadeiro Filho de Deos, no qual residiria toda a grandeza da Divindade, e todos os Thesouros da Santidade, e Sabedoria Divina.

E sabei mais (concluio o celeste Embaixador) a prodigiosa maravilha, que Deos acaba de fazer a vossa prima Santa Isabel, a qual, não podendo esperar que houvesse de ser fecunda, por ser de natureza esteril, e já muito avançada nos annos, comtudo, acha-se prenhe de seis mezes; por onde deveis inferir, que não havendo cousa alguma que resista á Omnipotencia do Creador, aquelle que póde dar filhos a uma esteril, tambem póde fazer fecunda uma Virgem.

Em quanto o Anjo assim fallava, illustrada a Divina Senhora por uma luz sobrenatural, comprehendeo toda a economia, e todas as maravilhas daquelle ineffavel Mysterio; e anniquilando-se logo na presença de Deos, disse com a mais profunda humildade: *Aqui está a escrava do Senhor, faça-se de mim, segundo a tua palavra.*

Dito isto desappareceo o Anjo, e o Espirito Santo no mesmo acto formou do sangue mais puro da Santissima Virgem um perfeitissimo Corpo; e creando logo, e introduzindo nelle a mais bella alma (sem demora alguma) unio substancialmente esta Alma, e aquelle Corpo á Pessoa do Verbo, que ficou assim feito Carne; e logo alli naquelle feliz momento adorárão todos os Anjos ao Divino Verbo Incarnado, e alli se vírão completas todas as promessas do Messias, e as nossas maiores felicidades, vendo-se em Jesus um verdadeiro Deos, e Homem; em Maria uma Virgem, Mãi do seu Creador, e em nós todos o incomprehensivel privilegio de nos chamarmos *Filhos de Deos.*

Negavão os Arianos a divindade do Verbo: os Nestorianos não querião a união substancial do Verbo com a carne, admittindo em Christo duas pessoas: os Eutiquianos não reconhecião no mesmo Senhor mais que uma só Natureza: os Monothelitas não lhe davão senão uma vontade; e os Marcionitas suppunhão-lhe um corpo fantastico, ou apparente. Todos estes golpes hereticos, que levavão maligno impulso para offender a soberana qualidade de Mãi de Deos em Maria, fôrão condemnados pelos concilios, com os seus ímpios authores, entre os quaes nenhum se mostrou maior inimigo da Divina Maternidade que o depravado Nestorio.

Este Patriarcha de Constantinopla, deixando-se conduzir de uma venenosa presumpção, e diabolica soberba, atreveo-se a disputar a Maria Santissima a suprema qualidade de Mãi de Deos; e para cobrir, ou adoçar a malignidade do seu erro, não houve titulos especiosos, e honorificos que não concedesse á Divina Senhora, fóra daquelles que encerrava a palavra grega *Theótocos*, que quer dizer, *Mãi de Deos*, e é o fundamento de todos os outros.

Vendo, pois, a santa Igreja que recusar este augusto titulo á Mãi de Deos era destruir todo o Mysterio da Incarnação, tomou a defensa deste ponto essencial com todo o ardor do seu zêlo, ajuntando o celebre concilio Efesino em o anno de 431, onde o perverso Nestorio foi excommungado, e degradado, e todos os seus erros proscriptos, e anathematizados, declarando-se alli, como um dos principaes artigos da Fé — que era Maria Mãi de Deos no sentido mais proprio, e natural; que esta crença era tão justa, e tão antiga na Igreja, que não permittia interpretação contraria; e que por isso o titulo de *Mãi de Deos* sería sempre um termo consagrado contra a heresia de Nestorio, como o outro da consubstancialidade do Verbo o havia sido contra a heresia Ariana.

Esta pia decisão causou tanto prazer no coração dos Fiéis, que devemos referir o successo para consolação dos devotos. Chegado o memoravel dia, em que se devia tratar a questão sobre a Maternidade verdadeira da Divina Senhora, sahio todo o povo ás ruas, encheo as publicas praças, e cercou o famoso templo, dedicado a Deos á honra da Virgem, onde os 318 Padres do concilio se havião congregado.

E assim que foi proferida a sentença, e se ouvio que Maria Santissima era conservada na justa posse do soberano titulo de Mãi de Deos, retumbou toda a Cidade nas maiores acclamações, e demonstrações de jubilo; e estes transportes de alegria fôrão tão vivos, e universaes, que, sahindo aquelles Padres para se recolherem ás suas habitações, fôrão cheios de milhares de bençãos, e conduzidos, como em triunfo, por todo o povo. Queimárão-se pastilhas nas ruas, por onde elles devião passar; illuminou-se o ar com grandes fogos; soárão alegremente todos os sinos, e nada faltou á pompa deste prazer commum, e ao resplandor da gloriosa victoria, que a Divina Senhora havia conseguido sobre os seus ímpios adversarios, e inimigos de seu Filho.

Tanto é certo, que esta virtuosa ternura, e este culto religioso para com a Mãi de Deos foi sempre commum a todos verdadeiros Fiéis, que fez a festa da Annunciação em todo o tempo celebre na Igreja. Ella já no tempo de Santo Agostinho estava fixamente collocada no dia 25 de março, por ser aquelle em que, segundo uma antiga, e veneravel tradição, se julgava que Jesu Christo fôra concebido, e morto.

O decimo concilio de Toledo (celebrado no anno de 656) chama á solemnidade deste dia a festa, por excellencia, da Mãi de Deos, a grande festa da Santissima Virgem; e até a Igreja Anglicana, ainda depois do seu scisma, não deixou de observar a grande festa da Annunciação, celebrando-a com obrigação de preceito no dia 25 de março, com jejum, vigilia, e officio publico, como antes costumava, principiando neste mesmo dia o seu anno ecclesiastico.

É bem verdade que o prazer, e alegria, que são proprios desta festa, não parecendo compativeis com a dôr da Igreja em um tempo de penitencia, e de Paixão, em que esta mesma solemnidade succede occorrer varias vezes, movêrão os Padres daquelle concilio a transferilla, e collocalla no tempo do Advento, em que o Officio ecclesiastico é quasi todo do Mysterio da Incarnação, e da Annunciação da Virgem; e com effeito a Igreja de Toledo a fixou no dia 18 de dezembro, e a de Milão no Domingo, que precede immediatamente á gloriosa festa de Natal.

Mas a Igreja romana, quasi no fim do seculo oitavo, repondo a festa da Annunciação de Maria Santissima no seu dia proprio de 25 de março, foi seguida das outras Igrejas particulares, que se conformárão com o seu rito, ficando sempre com o religioso costume de fazer no dia 18 de dezembro uma festa particular á honra da Santissima Virgem com o differente nome de *Expectação do Parto de N. Senhora*

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A perturbação da Santissima Virgem com a vista de um Anjo, que lhe appareceo em figura de homem, deve servir de instrucção, (como diz Santo Ambrosio) particularmente ás virgens, para que temão a vista, e muito mais a familiaridade com pessoas de differente sexo; e além disto aprendão as mesmas a estimar o precioso thesouro da virgindade sobre todas as outras mais illustres prerogativas, pois a Santissima Virgem fez delle tanto apreço, que só se resolveo a dar o seu consentimento para ser Mãi de Deos, depois que o Anjo a certificou que não padeceria jactura a sua Pureza, por especial disposição da Omnipotente Virtude do Altissimo.

Resplandece tambem na Santissima Virgem a virtude da humildade em gráo heroico, porque ella não usa nas suas palavras de algum daquelles termos, que se praticão no mundo, com os quaes por varios modos exquisitos, se encobre muitas vezes uma fina soberba em uma apparente humildade. Antes pelo contrario, com se ver destinada para Mãi de Deos, e como tal Soberana Rainha do Ceo, e da terra, profere naquellas suas palavras: Aqui está a escrava do Senhor, cumpra-se em mim o que vós me dizeis, *a proposição mais humilde, mais respeitosa, mais succinta, e mais santa que podéra formar-se a este proposito.*

Vê-se tambem na Divina Senhora um perfeito modêlo da obediencia mais prompta, e mais prudente: ella está promptissima para cumprir a vontade de Deos, porém julga ao mesmo tempo que deve fazer primeiro um diligente exame, para que possa conhecer se vem da parte do Divino Senhor o que se lhe acaba de annunciar. Por isso ella propõe a sua difficuldade naquella pergunta, que faz ao Anjo; e logo que fica certa da Vontade Divina, entrega-se sem mais demora inteiramente nas suas mãos, e conforma-se plenamente com as suas altas disposições.

Aqui, pois, devemos nós aprender, que para a execução da obediencia se requer um sabio, e justo discernimento, afim de podêrmos distinguir qual seja a Vontade de Deos. Logo que esta nos consta, ou por si mesma se manifesta, não devemos demorar, nem um ponto, o seu legitimo cumprimento, reprimindo em nós mesmos qualquer difficuldade, ou raciocinio, com que pertenda oppor-se o nosso discurso, sempre enfermo, e de todo inhabil para comprehender, ainda a minima parte do que póde fazer um Deos Omnipotente.

Ponderemos tambem aquelle amor excessivo,

que Deos teve aos homens, até lhes dar para seu Irmão, e seu Redemptor o seu proprio Filho! Contemplemos com os olhos da Fé o profundo abysmo de miserias, em que estavamos, e onde sem duvida ficariamos se o Filho de Deos se não fizesse Homem por nós outros, e sejâmos portanto eternamente agradecidos a um tão Grande Bemfeitor, que se dignou de vir a livrar-nos.

O Verbo Divino, gerado desde a Eternidade no seio do Pai, a Segunda Pessoa da Santissima Trindade, o Deos Vivo, e Verdadeiro, Consubstancial ao Padre, e ao Espirito Santo, se anniquila, e se abate até tomar a fórma de Servo, unindo á Natureza Divina a Natureza Humana em a sua Divina Pessoa; de modo que aquelle que é Deos Omnipotente, Infinito, Immenso, Incomprehensivel, e Eterno, se ha feito Carne, *como diz o Evangelho; isto é, se fez Homem mortal, debil, passivel, e em tudo similhante a nós, excepto no peccado.*

Envergonhe-se, pois, *(diz Santo Agostinho)* de ser soberbo o homem, pelo qual Deos se fez humilde; *e das profundas humilhações do Filho de Deos aprenda a pôr toda a sua gloria, e sua maior felicidade, não no exaltar-se, e engrandecer-se diante dos homens, senão no humilhar-se em todas as cousas, porque esta é a unica via de chegar á verdadeira grandeza, segundo o mesmo Salvador, não menos com o seu exemplo que com as palavras ensinou, dizendo:* Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.

MARÇO — 26.

DE

S. LEANDRO, BISPO DE SEVILHA.

EM 27 DE FEVEREIRO.

NO SECULO VI.

De Santo Isidoro Hispalense, de S. Gregorio Magno, e de S. Gregorio Turonense no Livro V da sua Historia se extrahio o que se segue.

Leandro, illustre hespanhol, nasceo em Carthagena de pais muito distinctos por seu nascimento. Elle teve por irmãos a S. Fulgencio, Bispo de Eciia, e Santo Isidoro, seu successor na cadeira de Sevilha, e por irmã a Florentina, que se consagrou a Deos com voto de virgindade.

Leandro, ainda mancebo, retirou-se para um mosteiro, aonde persistio muitos annos; e a grande applicação, que elle fez ao estudo, e ao cumprimento dos seus deveres, o formou para todos um perfeito modêlo de sciencia, e santidade, de maneira que derramando-se por todas as partes o resplandor das suas virtudes, a tempo que passou deste mundo o Bispo de Sevilha, foi Leandro concordemente escolhido para governar aquella Igreja; porém elle naquelle estado nada mudou de vida, nem relaxou as suas austeridades, com ter a seu cargo um povo tão numeroso, e attender ás indigencias das outras Igrejas de Hespanha.

Achava-se então este Reino dominado pelos visogodos, ou godos occidentaes desde o anno 480; e como estes barbaros erão quasi todos Arianos, inficionárão com os seus erros todas as Provincias que conquistárão. Magoado, pois, o Santo Bispo pelas continuas desordens que causava a heresia, clamou fervorosamente a Deos, e applicou todas as suas forças para converter aquelles duros corações, dissipar todos os erros, e restabelecer o throno da verdade; e o Divino Senhor felicitou por tal modo o seu apostolico zêlo, que passado pouco tempo erão raros os sectarios do Arianismo.

Vendo, pois, Leovigildo, Rei dos visogodos, a victoria que a santa Igreja alcançára sobre a heresia, converteo contra o nosso Santo os effeitos do seu furor, sendo para isto a principal causa a conversão que elle fizera na pessoa de Hermencgildo seu primogenito; o qual no anno seguinte chegou a ser victima do barbaro pai, que o mandou degolar, por não querer commungar por mão de um Bispo Ariano.

Porém Leovigildo não tardou muito em se arrepender do seu tyranno excesso, e para socegar os remorsos da sua consciencia, fez com que Leandro viesse do degredo para onde o tinha mandado; e pouco depois na ultima enfermidade de que morreo, encommendou ao mesmo Santo que instruisse, e conservasse na Religião Catholica a seu filho, e successor Recaredo, mas sem se resolver o desgraçado Leovigildo a abjurar a heresia, por não desgostar a alguns vassallos seus, que erão ainda Arianos.

Instruido, pois, Recaredo pelos cuidados do santo Arcebispo, chegou a ser um fervoroso Catholico; e quando subio ao throno, fallou tão sabiamente sobre os motivos da sua conversão na conferencia que teve com os Bispos Arianos, que os reduzio elle mesmo á verdadeira crença, mais pela solidez das suas razões, do que pela sua authoridade real; e assim se converteo logo todo o resto dos visogodos, como tambem os suevos pervertidos por Leovigildo.

Causárão estes felices successos o maior jubilo ao nosso Santo, e lhe merecêrão os maiores elogios de S. Gregorio Papa, que lhe escreveo no mesmo tempo em nome de toda a Igreja, dando-lhe os devidos louvores pelos prodigios que obrára no exercicio do seu ministerio; porém elle não se limitava só em restabelecer a verdadeira Fé, trabalhava não menos em corrigir os abusos, e nutrir o fervor dos Fiéis; e daqui procedêrão os sabios regulamentos do synodo de Sevilha, que elle congregou no anno 590, e do concilio terceiro de Toledo, a que elle assistio, em que se formárão vinte e tres canones para suspender os perniciosos damnos, occasionados pelo Arianismo.

Applicou-se depois a reformar a liturgia da Igreja de Hespanha, regulando a ordem que se deve guardar na pratica dos Officios Divinos; e continuando nestes, e outros santos exercicios até o anno 596, em que padeceo diversas enfermidades com admiravel paciencia, terminou a sua preciosa vida no dia vigesimo sexto do mez de fevereiro do referido anno.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O desprezo do mundo, tão recommendado no Evangelho, e que S. Leandro praticou com tão exacta perfeição, é o fundamento da vida espiritual. Porém elle não se observa sem um total desapêgo das cousas creadas, porquanto sem elle não é possivel chegar áquella união perfeita com Deos, na qual consiste a verdadeira santidade.

E se esta grande verdade, que ensina o desprezo do mundo, estivesse bem gravada no espirito, e coração dos ecclesiasticos, e religiosos, a que mais pertence pela razão do seu estado, não se veria tão frequentemente desacreditada a sua profissão com uma vida profana, e algumas vezes escandalosa; e os bons exemplos de uns, e outros attrahirião do Ceo copiosas Graças sobre a terra, tornando ao seu vigor aquelle espirito de Fé, por cuja falta se faz tão extensa a corrupção dos costumes.

MARÇO — 27.

DE

SANTA EUDOCIA,

PENITENTE, E MARTYR.

NO DIA 1 DESTE MEZ.

NO SECULO II.

De um caderno grego antiquissimo da Bibliotheca Vaticana, traduzido pelo sabio Jesuita Possevino, de que trata Bollando no 1.° de março.

No principio do segundo seculo, reinando o Imperador Trajano, uma famosa meretriz chamada Eudocia, originaria de Samaria, veio estabelecer-se na grande Cidade de Heliopolis, fugindo por este modo á censura de seus pais, e parentes, para viver com mais liberdade na sua impura desordem. Com effeito ella passava na opinião dos que a vião pela mais bella mulher do seu tempo; e a magnificencia com que se adornava exaltava mais a sua natural formosura; de modo que não houve meretriz que fizesse tanto ruido, e que fosse causa de tantos peccados, principalmente para com os senhores mais distinctos, que, attrahidos dos seus agrados, lhe rendião os maiores obsequios, e a fazião possuidora de riquezas immensas.

Assim vivia Eudocia miseravelmente submergida no escandaloso abysmo de tantas desordens, quando o Clementissimo Deos (Pastor benigno, que costuma renovar de tempo em tempo os maiores prodigios da sua Misericordia) veio buscar esta pobre ovelha perdida, e mostrar a esta segunda Samaritana a purissima fonte de aguas vivas da sua Graça omnipotente, como agora diremos.

Um santo monge chamado Germano, voltando

para o seu deserto, passou por Heliópolis, e foi ser hospede de um Christão seu amigo, cuja casa era immediata á de Eudocia; e logo na primeira noite o mesmo santo eremita, passadas tres horas, que tomou de descanço, entrou a cantar varios Psalmos, segundo o seu costume; e abrindo depois um livro de meditações, que trazia, começou a ler em voz alta para divertir o somno.

Era o ponto da lição que casualmente lhe occorreo, sobre o rigor das eternas penas, que tem de padecer os condemnados, no mesmo tempo em que os Santos estarão na gloriosa posse de immortaes delicias; e como o aposento, em que estava o santo monge era fronteiro ao quarto, em que dormia Eudocia, e separado sómente por um delicado muro de tabique, despertando ella por aquelle inopinado canto, teve depois a curiosidade de ouvir o que se estava lendo, e ficou atonita com o pensamento daquelles fogos eternos, daquelles penetrantes remorsos, e do tremendo furor de um Deos irritado.

Então, pois, a horrenda imagem da sua vida licenciosa, a espantosa lembrança dos seus enormes crimes, e os formidaveis excessos das suas impuras desordens, tudo isto fez uma impressão tão viva no fundo do seu coração, que passou o resto da noite em uma agitação continua; e como a leitura não cessava, tudo o que ella ouvia duplicava os seus horrores, e augmentava os seus cuidados.

E logo que foi manhã, conseguindo ella do seu visinho que lhe viesse fallar aquelle seu hospede, lhe perguntou logo, qual era a sua Religião, o seu estado, e o motivo da sua viagem? « Eu (respondeo « o santo monge) sou servo de Jesu Christo, e Re- « ligioso de profissão em um mosteiro pouco distan- « te desta Cidade; e obrigado por motivos de cari- « dade a fazer uma viagem breve com permissão do « meu Superior, volto agora para o meu amado re- « tiro a passar o resto dos meus dias nos exercicios « da oração e penitencia. »

« E que lieis vós nesta noite? (replicou Eudo- « cia) porque ainda não ouvi cousa similhante, e es- « tou toda cheia de assombro. Rogo-vos, pois, que « me expliqueis o que vos ouvi ler daquelle fogo eter- « no, e do que padecem as pessoas, que a elle são « condemnadas. » Então o santo homem, que estava tambem penetrado daquellas verdades terriveis, entrou a descrever-lh'as com a mais viva pintura; e Eudocia, não podendo dissimular o seu temor, nem reter as suas lagrimas, rompeo, dizendo: *Pois se isso assim é, eu devo ficar na certeza de vir a ser condemnada.*

Então o servo de Deos, aproveitando estas bellas disposições, lhe disse: « Permitti-me, Senhora, « que eu tambem vos pergunte, quem vós sois, e « qual é a vossa Religião? porque me admiro de vos « ouvir dizer que vos erão incognitas aquellas terri- « veis verdades! Eu sou Samaritana (respondeo Eu- « docia) e da seita dos Samaritanos, ou, para dizer « melhor, eu não tenho Religião, segundo me tenho « entregue a toda a sorte de peccados: vêde vós ago- « ra se me será possivel evitar aquelles supplicios « eternos? »

« Sim, será, (respondeo Germano) e muito pos- « sivel, com tanto que deveras queirais converter- « vos, e fazer a devida penitencia; porque Jesu Chri- « sto nosso Senhor nunca rejeita os peccadores pe- « nitentes. » « Dizei-me, pois, (continuou Eudocia) o « que é preciso que eu faça? » « Cessai de peccar, « (respondeo Germano) e chamai logo a um Sacer- « dote da Igreja Christã, que depois de vos instruir « vos dê o Baptismo, sem o qual não póde haver « salvação. »

Eudocia ouvindo isto passou ordem aos seus domesticos, que não dessem entrada a pessoa alguma das que costumavão visitalla, e ordenou no mesmo tempo a um dos seus criados, que sem mais demora lhe fosse conduzir um Sacerdote dos Christãos, sem lhe dizer por quem era chamado. Chegado, pois, o Presbytero, e vendo a Eudocia, ficou por um pouco vacillante.

Porém ella, prostrando-se a seus pés com as lagrimas nos olhos, lhe pedio pelo amor do Salvador de todos os homens, que não a rejeitasse, dizendo-lhe alli mesmo: « Eu sou a maior peccadora que já- « mais houve no mundo, o que não obstante, como « a Misericordia do vosso Deos é muito maior do que « a minha iniquidade, eu quero ser Christã. Dai-me « logo o Baptismo, e com elle o regulamento da vi- « da, que eu devo, e prometto observar, com a Gra- « ça do mesmo Senhor. »

Admirado então o Sacerdote de uma tão prodigiosa conversão, deo muitas graças a Deos, e ordenou á sua penitente, que, depostos todos os ornatos, e preciosos vestidos, se compozesse modestamente; e recolhendo-se em um quarto separado, alli passasse os primeiros sete dias jejuando, e orando, sem outro alimento mais do que pão, e agua, e sem ver, nem fallar a pessoa alguma; o que ella cumprio fidelissimamente.

Vindo, pois, visitalla, passados já os sete dias, o santo monge Germano não a reconheceo á primeira vista, pelo muito extenuado que estava o seu rosto, e ella lhe disse logo: « Dai por mim ó san- « to Padre, muitas graças a Deos pelos singulares fa- « vores que me quiz fazer, assim miseravel como « sou. Passei os primeiros seis dias do meu retiro « chorando amargamente os meus peccados, e cum- « prindo pontualmente os exercicios devotos, que me « fôrão prescriptos.

« E no dia setimo estando eu prostrada com o « rosto em terra, de repente me cercou uma luz, « que me deixou atonita, e percebi no mesmo tem- « po a um mancebo vestido de branco, de maravi- « lhoso aspecto, que pegando-me pela mão me le- « vou ao Ceo, aonde logo divisei uma grande mul- « tidão de individuos, tambem vestidos de branco,

« que, alegrando-se com a minha vista, me davão « uma doce esperança de participar com elles a mes- « ma gloria.

« E estando eu toda occupada nesta prodigiosa « visão, divisei um formidavel monstro, que se quei- « xava a Deos com espantosos huivos de lhe roubar « uma prêsa, que por tantos titulos lhe pertencia. « Porém logo uma voz celeste o pôz em socego, di- « zendo primeiro, que a infinita clemencia do mise- « ricordioso Deos se compadecia sempre dos pecca- « dores arrependidos; e a mesma voz fazendo-me « esperar uma especial protecção no resto da minha « vida, ordenou ao meu conductor (de quem vim a « saber que era o Archanjo São Miguel) que me re- « pozesse no logar, em que estou. Declarai-me agora, « ó Santo Padre, o que eu tenho de fazer, para cor- « responder, como é justo, a tão grandes favores. »

Ouvindo isto o bemaventurado Germano, admirou, e louvou as Misericordias do Altissimo; e dando a Eudocia as instrucções necessarias para receber o Baptismo, se despedio della, promettendo-lhe ao mesmo passo de voltar brevemente, e declarar-lhe da parte de Deos qual tinha de ser o seu destino. E vendo ella a fervorosa ancia, com que suspirava o Santo pelo seu retiro, lhe fallou deste modo:

« O' meu santo Padre, como é grande a mi- « nha ignorancia, ella me excita a curiosidade, com « que desejava saber qual é o motivo, que obriga « tantos servos de Deos a sepultarem-se nos deser- « tos, quando os seus bons exemplos serião tão uteis, « e talvez necessarios para bem das outras gentes? » « A solidão (respondeo Germano) é o abrigo da in- « nocencia; e o mundo está tão cheio de tropeços, « que justamente se foge delle, como um sabio pi- « loto se aparta da terra o mais que póde, para evi- « tar o naufragio.

« E por outra parte a vida religiosa imita a dos « bemaventurados no Ceo, porque a paz interior, e « as espirituaes doçuras que alli se gozão, fazem da- « quella morada um Paraizo. Alli toda a occupação « é por Deos, e para Deos: a oração e contem- « plação são os principaes exercicios, meditando-se « perennemente sobre as Misericordias do Senhor; « e as macerações da carne, affrouxando o inimigo « da nossa salvação, dão novas forças á alma para « resistir a todas as tentações, com o soccorro da « Graça, que alli se recebe com abundancia. Em sum- « ma, alli se vive na innocencia, e se morre depois « com uma confiança firme na bondade de um Deos, « a quem ardentemente se tem amado, e fielmente « servido. »

« Assim o creio (replicou Eudocia) mas por isso « mesmo devo temer que todas essas utilidades me « privem para sempre da vossa vista, porque o com- « mercio com os Santos vos tirará toda a lembrança « desta miseravel peccadora. Rogo-vos, pois, meu « santo Padre, que façais com que não succeda assim, « que vos não esqueçais daquella mesma, a quem o « monstro que eu vi, pretende devorar. Deos servio-se « de vós para me illustrar, para me tocar, para me « converter, não me recuseis por fim o conduzir a « minha alma até o porto da salvação. »

Disse-lhe então o servo de Deos, e lhe fez entender, que não devia demorar o restituir-se ao seu mosteiro; porém que lhe não sería inutil a sua ausencia, procurando-lhe as orações dos outros seus irmãos, que lhe virião a ser de um grande soccorro; e que passados poucos dias teria a consolação de a ver em um estado mais perfeito. Aqui Eudocia pondo-se de joelhos pedio-lhe a sua benção, e renovou a supplica, de que lhe verificasse a sua promessa.

Entretanto o Bispo Theodoro informado da mudança que fizera Eudocia, esperava sempre evidentes provas da sinceridade da sua conversão, até que se lhe veio dizer, que Eudocia vestida de penitente lhe desejava fallar; e chegando ella á presença do santo Prelado toda banhada em lagrimas, rogou-lhe humildemente que se dignasse de ter a bondade de administrar-lhe o santo Baptismo; o que o santo Bispo lhe conferio na mesma hora, achando-a plenamente instruida.

Logo, pois, que Eudocia se vio Christã, deo liberdade a todas as suas escravas, exhortando-as a seguir o seu exemplo. Despedio tambem os outros seus domesticos, enchendo-os primeiro de largos donativos; e do restante dos seus bens fez doação plena aos pobres, cuja execução commetteo ao seu proprio Bispo, o qual, dando o merecido louvor por uma tão generosa resolução, ainda mais se admirou quando vio o grande numero de fundos, de terras, de móveis de alto preço, e riquissimas joias, de que a nova penitente fazia um total sacrificio.

Vindo depois o monge Germano, e achando em Eudocia um perfeito modêlo das maiores austeridades, e outras illustres virtudes, lhe propoz, que fosse passar o restante dos seus dias em um mosteiro de santas mulheres (pouco distante daquelle em que habitava o mesmo Germano) aonde reinava a innocencia, e o fervor nos exercicios da mais rigorosa penitencia. Aceitou Eudocia o conselho, e desde então a sua vida foi uma rigorosa pratica de austeridades, e orações continuas.

Logo no primeiro dia da sua entrada no mosteiro tomou a firme resolução de privar-se perpetuamente de toda a satisfação dos sentidos; e sempre engenhosa em macerar o seu corpo empregava tudo o que a penitencia tem de mais duro, e mais trabalhoso. Jejuns apertados, vigilias longas, instrumentos afflictivos, tudo foi posto em obra para reparar as desordens passadas, e punir a sua licenciosa molleza.

Em menos de dous mezes aprendeo de memoria todo o Psalterio, e o Senhor lhe deo uma intelligencia clara das grandes verdades, e da sublime perfeição do santo Evangelho. A sua humildade cor-

respondia ao seu fervor, tendo-se por indigna de estar entre tão santas companheiras; e reputando-se por serva de todas, tomava sempre, como proprios, os officios mais baixos da casa; em summa, fez Eudocia em pouco tempo tão grandes progressos na virtude, que morrendo a Prelada do mosteiro, toda a communidade a elegeo para o mesmo emprego, apesar de toda a repugnancia, que lhe suggeria a sua profunda humildade.

Irritado então todo o inferno por uma conversão tão illustre, e uma virtude tão extraordinaria, suscitou aquelles mesmos, que havião amado a Eudocia peccadora, para não a soffrerem penitente; e logo um mancebo libertino, mais atrevido que os outros, e resolvido a todo o excesso, vestio-se de monge, e foi lançar-se aos pés de Germano, pedindo-lhe com fingida humildade que o admittisse por seu subdito.

« Vós sois mancebo (lhe disse Germano) muito « bem nutrido, e não menos delicado para uma vida « tão austera como a nossa.» «Eu assim o reconheço « (respondeo o perfido mancebo) e ingenuamente o « confesso, mas á vista de Eudocia penitente eu me « envergonharia de não poder obrar outro tanto; e « tanto assim, que se eu lhe podesse fallar por um « breve espaço, creio que ella me inspiraria tão va- « leroso animo, que nada depois me pareceria aus- « tero. »

Germano deo-lhe credito, e mandou ordem ao mosteiro para que Eudocia viesse ao locutorio ouvir com attenção aquelle mancebo; porém a Santa (a quem Deos revelára quem era o fingido monge, e a criminal intenção com que viera), cortando-lhe o discurso, ouvidas as primeiras palavras, levantou a voz, e o redarguio por um modo tão vivo, e tão forte, que de repente lhe cahio morto a seus pés; e por outra maravilha orando Eudocia a seu respeito, Deos lhe restituio a vida na mesma hora, e elle, todo penetrado de saudavel assombro, e confusão, retirou-se com animo resoluto para uma verdadeira penitencia.

Frustrado ao demonio aquelle primeiro arbitrio, suscitou logo outro, fazendo representar a Aureliano, Governador da Provincia, que Eudocia, feita Christã, levára para o mosteiro immensos thesouros, e que era honra do Governador utilisar ao povo com aquellas riquezas. Ordenou, pois, Aureliano a um Official da sua confiança, que fosse com trezentos soldados extrahir todo o precioso que achasse naquelle mosteiro; e sabendo a Santa desta expedição, não teve o menor susto, porque o Senhor lhe deo toda a certeza de cuidar della, e da sua casa.

Com effeito uma mão invisivel releve os soldados, até que um dragão enorme os dissipou, e fez em pedaços, escapando só tres, que publicárão a triste nova na Cidade. Irritado então o filho do Governador, e ardentemente exasperado por tão formidavel successo, quiz tomar por sua conta aquella empreza, partindo sem demora a executalla com maior numero de escolhidas tropas; porém logo na primeira noite o couce de um furioso cavallo o estendeo morto em terra.

Vendo, pois, o Governador o cadaver de seu filho, foi tal a sua pena, e tão furiosa a sua ira, que resolveo logo ir elle mesmo com sua propria mão tirar a vida a Eudocia; mas um Fidalgo prudente, chamado Philostrato, o releve, dizendo-lhe: que obraria muito melhor recorrendo com humildade á mesma Santa, cujas orações erão omnipotentes.

Acceitou Aureliano o bom conselho, escrevendo, e supplicando a Eudocia, que lhe impetrasse do Ceo a vida de seu filho. Respondeo-lhe a Santa em breves palavras, que faria da sua parte quanto podesse, e assignou tres cruzes no logar do sêllo. Entregue, pois, a carta ao Governador, que impaciente a esperava, a pôz sobre o peito do cadaver de seu filho, o qual no mesmo instante se levantou alegre, restituido sem a menor lesão á sua primeira saude. Um prodigio tão maravilhoso converteo logo á Fé não sómente a Aureliano, senão tambem a toda a sua numerosa familia, e elle pouco depois morreo santamente.

Ao mesmo Aureliano succedeo no governo Diogenes, o qual, por um fanatico, e ardente zêlo, que tinha para com os idolos, estava resoluto a exterminar os Christãos, e assim o começou a praticar logo que tomou posse do seu emprego; e avisando no mesmo tempo a Gelasia, filha de Aureliano (ignorando que era Christã) que a tomava por sua esposa, ella se retirou occultamente para o mosteiro de Santa Eudocia. O que sabido pelo Governador, expedio sem mais demora cincoenta soldados para que lhe trouxessem a mesma Eudocia á sua presença.

Tinha-lhe o Senhor apparecido em a noite precedente, declarando-lhe isto mesmo, com o successo futuro, e promettendo-lhe o seu soccorro. Chegando, pois, os soldados, e intimando-lhe a ordem do Governador, conseguio delles uma breve demora, em que pôde ir á Igreja receber a sacrosanta Eucharistia; e posta logo a caminho, chegou com os soldados á presença do Governador, o qual mandou-lhe tirar o veo, que trazia sobre o rosto, e vendo a sua extraordinaria formosura (que Deos por especial Graça lhe conservava) ficou todo suspenso, sem poder proferir palavra.

Disserão-lhe então os seus Ministros: *Vêde, Senhor, que esse é um prestigio, de que se costumão valer os Christãos para perverter aos incautos. Pois quem és tu,* (lhe perguntou o Governador) *e qual a tua Religião? Eu me chamo Eudocia,* (respondeo ella) *e sou Christã.* Informado aqui o Governador da sua milagrosa conversão, lhe fez varias perguntas frivolas a este proposito; porém a Santa, com a sua modestia ordinaria, tomou a liberdade de dizer-lhe: que lhe importava pouco indagar o que ella fô-

ra, bastando-lhe saber só o que já lhe dissera, que era, e se prezava de ser Christã.

O Governador, ouvindo esta resposta lhe intimou severo: que a faria expirar entre os mais crueis martyrios se logo não sacrificava aos deoses do Imperio; ao que a Santa respondeo, repetindo, e protestando com firmeza: que ella era Christã, e como tal não adoraria jámais aos deoses, ou, para melhor dizer, aos demonios. Irritado então o Governador com o maior extremo, ordenou que fustigassem a Santa com tanto excesso, que viesse a morrer naquelle supplicio.

Para cujo effeito estava já ligada pelos algozes, quando, abrindo-se de repente a terra, sahio della uma torrente de fogo, que apprehendeo ao Governador, e aos seus principaes Ministros, suffocou, e abrazou a todos nas suas chammas. O que visto por um dos soldados, que estavão presentes, prostrou-se aos pés de Eudocia, declarando que desejava ser Christão, por conhecer com evidencia, que só era Deos verdadeiro o que ella adorava.

Respondeo-lhe a Santa: que fosse procurar ao Bispo, o qual, depois de lhe haver dado as instrucções necessarias, lhe conferiria a Graça do santo Baptismo. Então o mesmo soldado, soltando das prisões a Eudocia, implorou o seu milagroso poder para bem daquelles, que expirárão no fogo; e ella, depois de uma breve oração, que dirigio a Deos, pegou na mão a cada um, dizendo estas palavras: *Em nome de meu Senhor Jesu Christo, que resuscitou por si mesmo de entre os mortos, levanta-te, e torna á vida.* Todos com effeito resurgírão, e todos tambem se convertêrão.

Depois deste grande milagre seguio-se logo outro nada menos illustre. Vierão dizer naquella occasião ao Commandante Diodoro, que alli se achava, que sua mulher Firmina morrêra no banho; e rogando logo a Eudocia todos os circumstantes, que empregasse a seu favor o seu credito para com Deos; ella, vendo bem que o mesmo Senhor multiplicava estes funestos accidentes para maior triunfo da sua Religião, mandou trazer o cadaver, e depois de uma breve oração, que alli fez de joelhos, mandando á morta em nome de Jesu Christo, que tornasse á vida, levantou-se ella com admiravel presteza, e se foi prostrar agradecida aos pés de Eudocia.

Tantos, e tão maravilhosos prodigios produzírão logo um grande numero de conversões, clamando todos a uma voz, que só o Deos dos Christãos era o verdadeiro Deos; e Eudocia, ficando em paz, recolheo-se logo ao seu mosteiro, suspirando sempre pela coroa do martyrio, que com effeito lhe não tardou muito, porque accendendo-se naquelle tempo o perseguição do Imperador Trajano contra os Christãos, o novo Governador, chamado Vicente, quiz tirar do mundo a Eudocia por causa das muitas conversões que fazia; mas sabendo tambem as grandes maravilhas que obrava, e temendo por isto mesmo alguma sublevação do povo, mandou-lhe cortar a cabeça occultamente no seu mosteiro em o dia primeiro do mez de março do anno 114 de Jesu Christo, cuja Graça triunfou por tantos modos nesta prodigiosa Santa.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Reserva Deos para os peccadores certas casuaes occorrencias, que sendo sempre meios seguros de salvação para os que dellas se aproveitão, desgraçados aquelles, que por sua negligencia as fazem inuteis. Todo o desprezo, ou indifferença nestas saudaveis conjuncturas é presagio de final impenitencia, porque o abuso destas Graças prevenientes é de modo ordinario sem remedio.

Eudocia peccadora ouvio com attenção a leitura de um livro de piedade; e attendendo logo á voz da Graça, que lhe fallava, ficou convertida. Porém se ella se fizesse surda á voz do Ceo naquella occasião seria talvez para sempre desgraçada. A salvação de muitos peccadores (como se lê na Historia Ecclesiastica) teve o seu principio na fidelidade, com que obedecêrão á Graça naquella feliz occurrencia. Observe-se, pois, com madureza esta reflexão proveitosa.

MARÇO — 28.

DE

SANTA PERPETUA, E FELICIDADE,

COM OUTROS SOCIOS, MARTYRES.

EM 7 DESTE MEZ.

NO SECULO II. E III.

Das Actas authenticas, que já no tempo de Santo Agostinho (como se vê no seu Sermão 280) se lião publicamente na Igreja. A primeira parte destas Actas (que chega até a vespera do martyrio) foi escripta pela mesma Santa Perpetua, e o restante foi addicionado por S. Saturo, e outro escriptor testemunha de vista.

Entre os gloriosos Martyres, cuja memoria celebra annualmente a santa Igreja, merecem logar mui distincto as Santas Perpetua, e Felicidade. O grande Doutor Santo Agostinho as elogiou muitas vezes no dia da sua festa, comparando-as com os Estevãos, com os Cyprianos, e com os Lourenços, como exemplos luminosos da paciencia Christã; e a Igreja latina quotidianamente as honra, recitando os seus nomes em o canon da Missa.

O tempo, e logar certo do seu martyrio não consta com evidencia, mas ha muita razão para crer que terminárão a sua mortal vida na Cidade de Carthago, no anno 203, durante a perseguição do Imperador Severo. Era Perpetua Catecúmena, e estava na idade de vinte e dous annos quando foi prêsa pela Fé. Mancebos tambem, e Catecúmenos erão Revocato, Felicidade, Saturnino, e Secôndolo, que com Perpetua forão prêsos, e seus socios no martyrio.

Santa Perpetua como era de sangue illustre, e casa opulenta, foi nobremente educada. Ainda tinha pai, e mãi, e dous irmãos, dos quaes um delles era Catecúmeno, e o outro era já baptizado. Não consta se o seu marido era ainda vivo, mas é certo que ella tinha um menino, que ainda criava aos proprios peitos; e, excepto o pai, toda a sua familia era Christã.

Santa Felicidade era de inferior condição, como serva de Revocato: estava na flor dos seus annos, era tambem casada, e pejada de oito mezes quando foi prêsa. A estes cinco Martyres ajuntou-se depois Saturo, que de sua propria vontade se foi offerecer aos perseguidores, porque estando ausente quando forão prêsos os seus socios, aos quaes instruíra na Fé, e na piedade, não teve animo de os abandonar no combate, a que estavão expostos, querendo antes animallos com o seu exemplo, e ser seu companheiro no triunfo.

Não forão estes Santos mettidos logo no carcere, estiverão, sim, por alguns dias, com perenne guarda de soldados, retidos em uma casa particular. Aqui começa a historia, escripta por Santa Perpetua, que agora referiremos com as suas mesmas palavras.

« Estando nós todos nesta especie de prisão, meu « pai, que muito me amava, me veio procurar em « propria pessoa, pertendendo com grande esforço « abrandar a minha constancia. E como elle conti- « nuava, lhe disse eu: *Aquelle vaso, que vêdes em « terra, póde por si mudar de nome? Não póde cer- « tamente*, me respondeo elle. *Pois tambem eu* (lhe « repliquei logo) *não posso dizer por mim, que não « sou Christã.*

« Ouvida esta resposta, me investio meu pai « com tanto furor, como se quizesse arrancar-me os « olhos; porêm satisfazendo-se logo com maltratar- « me de mãos, se retirou confuso de não poder aba- « lar a minha resolução com todos os artificios, que « lhe suggerira o inimigo infernal. Ficando, pois, al- « guns dias sem ver a meu pai, dei muitas graças « a Deos, e me achei com grande allivio; principal- « mente, porque neste breve intervallo recebemos os « que estavamos Catecúmenos, o Sacramento do Ba- « ptismo, em cujo tempo me senti inspirada para « não pedir a Deos, senão a paciencia nos tormen- « tos.

« Poucos dias depois fomos conduzidos a um car- « cere, cuja obscuridade me encheo de horror; por- « que não tinha mais do que uma abertura estreita, « por onde entrava uma escaça luz, e eu não me ti- « nha visto em tão escuras trevas. Além disto, foi « muito o que alli padecemos, não só pelo grande « calor que resultava dos muitos prêsos, que alli exis- « tião, senão tambem pela insolencia dos soldados, « que nos guardavão; sendo maior ainda a minha « pena, por me ver separada do meu filho.

« Porém os Diaconos Tercio, e Pomponio, que

« nos visitavão, obtiverão, á força de dinheiro, que « nos pozessem por algumas horas em um lugar, aon- « de podessemos respirar com algum allivio. Em cu- « jo tempo, attendendo cada qual ao que lhe perten- « cia, pude eu dar de mamar a meu filho, que alli « me trouxerão, e estava morrendo de fome. Roguei « depois a minha mãi, que tivesse cuidado daquelle « innocente, e no mesmo tempo quanto pude a con- « solei, como tambem a um dos meus irmãos, que a « acompanhára.

« Assim passei alguns dias interiormente affli- « cta de ver padecer aos meus por minha causa. Mas « havendo eu conseguido o ter no carcere a meu fi- « lho, fiquei tanto em socego, que já a mesma pri- « são me agradava, e não trocaria aquelle sitio por « qualquer outro. Disse-me então aquelle irmão meu : « *Roga a Deos, que te faça conhecer por alguma vi-* « *são, se tens de padecer martyrio, e dize-me de-* « *pois o que souberes.* E vendo eu que Deos me da- « va cada dia muitos signaes da sua Bondade, res- « pondi confiadamente a meu Irmão : *A'manhã sa-* « *berás o que tem de ser.*

« Orando eu, pois, a Deos por este motivo, « elle se dignou de mostrar-me uma escada de ouro, « que desde a terra chegava ao Ceo ; mas tão estreita « que não cabia nella mais de uma pessoa. E tendo « nos dous lados muitas lanças, espadas, e outras « armas offensivas, qualquer que subisse com negli- « gencia, ou sem olhar para o alto, vinha a ser despe- « daçado por aquelles formidaveis instrumentos ; e ao « pé da escada estava um dragão de enorme figura, « e grandeza, que desejava devorar aos que perten- « dião subir.

« O primeiro, que alli chegou, foi Saturo, que « não estava comnosco quando fomos presos ; mas « entregou-se logo aos perseguidores voluntariamente « por nosso amor ; e chegando elle ao alto da esca- « da, se voltou para mim, dizendo-me : *Perpetua* « *eu cá te espero ; mas guarda-te de que o dragão* « *te morda.* Ao que lhe respondi : *Espero em meu* « *Senhor Jesu Christo que me não haja de fazer mal.* « E mostrando elle ainda, como que tinha medo a « meu respeito, puz o pé no primeiro degrão, e o « fui seguindo.

« E assim que cheguei ao alto da escada, divi- « sei um espaçoso jardim, em cujo meio estava um « homem de grande estatura, vestido de pastor, mu- « gindo as suas ovelhas, e cercado de innumeraveis « pessoas, todas vestidas de branco. O qual, ven- « do-me alli, me disse logo : *Bem vinda sejas mi-* « *nha filha.* E chamando-me a si, me deu uma por- « ção daquelle mesmo leite em uma taça, que eu le- « vei logo á boca ; e todos os que alli estavão dis- « serão : *Amen.*

« A este rumor despertei, conservando ainda « na boca uma inexplicavel doçura. E referindo eu « tudo isto ao dito meu irmão, elle, e eu viemos « no conhecimento, de que tinhamos de padecer mar- « tyrio ; e desde então começámos a não ter, nem a querer esperança alguma neste mundo.

« Passados alguns dias, correo a voz de que « tinhamos de ser perguntados pelo Juiz, e logo meu « pai, tornando de novo afflicto para abater a mi- « nha constancia, me fallou deste modo : *Compade-* « *ce-te, filha minha, da minha velhice. Compade-* « *ce-te de um pai desconsolado, se com effeito sou* « *digno de que me chames com este nome ; e se eu* « *te nutri até á flor dos annos, em que te achas, e* « *se te amei sempre mais do que aos outros teus ir-* « *mãos, não me faças agora o desprezo, e oppro-* « *brio dos homens : olha para teus irmãos, attende* « *para tua mãi, e para tua tia, e olha sobre tudo* « *para esse teu filhinho, que morrendo tu, não po-* « *derá viver. Abranda, pois, essa tua dureza, e não* « *queiras ser a nossa ruina, porque a nenhum de* « *nós outros será livre apparecer depois, nem pro-* « *ferir uma só palavra, soffrendo tu algum tormen-* « *to, ou alguma injuria.* »

« Assim fallava meu pai, pelo grande amor que « me tinha ; e beijando-me as mãos, e prostrando- « se a meus pés, todo banhado em lagrimas, me « chamava, não sua filha, mas sua senhora ; e na « verdade, eu me compadecia delle, porque entre « todos os meus parentes era elle só, a quem dava « pena o meu martyrio. Procurei pois consolallo, « dizendo-lhe : « *Eu estou para ir ao interrogatorio,* « *aonde succederá o que Deos for servido em cujas* « *mãos estamos todos, e não nas nossas ;* e com isto « se ausentou logo muito afflicto, e desconsolado.

« Alguns dias depois estando nós todos em ora- « cão, por interior impulso me achei movida a pro- « ferir em voz alta o nome de meu irmão Dinocra- « tes. Eu fiquei atonita, porque nunca tal me suc- « cedeo, e esta lembrança me despertou a dôr, e com- « paixão da sua morte, causada por um penoso can- « cro, que lhe sobreveio no rosto ; e vim a conhe- « cer por este insolito pensamento que eu devia orar « por elle, e que o Senhor me attenderia.

« Na seguinte noite vi ao mesmo Dinocrates sa- « hir de uma tenebrosa prisão (aonde estavão outros « muitos) todo anhelante, e sequioso, pelo grande « calor que padecia, com o rosto sordido, e pallido, « e quasi todo uma chaga, como quando morrêra. « Vi tambem no mesmo logar uma grande bacia cheia « de agua, mas posta em tal altura, que o misera- « vel, por mais diligencias que fazia, não podia be- « ber nella, o que me causava pena.

« Neste tempo despertei, e comprehendi, que « a alma de meu irmão estava em tormentos, care- « cendo de soccorro, e eu, na esperança de que as « minhas deprecações poderião cooperar para o seu « allivio, de dia, e de noite orei por elle com mui- « tas lagrimas, e gemidos, até nos levarem para a « prisão do campo, afim de sermos expostos ás fe- « ras no dia 7 de março, em que nascêra Gettas, « segundo filho do Imperador Severo.

« E no primeiro dia em que estivemos com os « pés mettidos nos cepos, tive esta visão. Represen- « tou-se-me o logar, que eu vira todo cheio de tre- « vas, agora resplandecente, e luminoso; e a Di- « nocrates, de sordido, e chagado que estava, agora « sem macula, bem vestido, e alegre, porque a men- « cionada bacia se lhe abateo de modo que pôde be- « ber a seu gosto, e lavar as suas chagas, até ficar « sem lesão alguma. Despertei então, e reconheci « que estava Dinocrates livre de toda a pena.

« No dia seguinte, divulgada a noticia, de que « tinha de fazer-se-nos o interrogatorio, concorreo « immenso povo áquelle sitio; e subindo nós todos « ao amphitheatro, os meus socios fôrão alli pergun- « tados primeiro. »

Qual fosse o interrogatorio destes Santos Martyres, Santa Perpetua não o refere: mas o allegado escriptor, e testemunha ocular o declara pela maneira seguinte:

Hilarião, Procurador do fisco imperial (fazendo as vezes do Pro-Consul Minucio Timiniano, pouco antes morto) era o Presidente. Ordenando elle, pois, aos Santos Martyres, que sacrificassem aos deoses, segundo a vontade dos Principes, respondeo Saturo: *Melhor é sacrificar a Deos do que aos idolos.* Tu fallas em teu nome sómente, (replicou o Juiz) ou tambem pelos outros? *Em nome de todos fallo*, (respondeo Saturo) *porque todos temos uma mesma vontade.* Disse-lhe então o Juiz, que se não sacrificavão, os faria morrer a todos. *Essa é a Graça que pedimos a Deos* (respondêrão elles).

Perguntou então a Felicidade qual era o seu nascimento, e qual a sua familia? Ao que ella respondeo, que não tinha pai, nem mãi, e que aquelles seus companheiros erão os seus parentes mais proximos. Disse-lhe aqui o Juiz, que lhe devia muita compaixão, attendendo á sua prenhez; mas ella respondeo: *Eu sou Christã, e como tal devo soffrer tudo pelo amor de Deos. Faze, pois, o que te parecer, e tem sempre a certeza de que nunca chegarei a sacrificar.*

Continúa agora a relação de Santa Perpetua.

« Levando-me depois ao interrogatorio, intro- « duzio-se meu pai, trazendo comsigo o meu filho, « e chamando-me á parte, me disse: *Compadece-te « deste menino.* O Tribuno tambem me disse: *Tem « piedade desse pobre velho, e desse innocente filho; « o que bem pódes fazer, sacrificando pela saude « do Imperador.* Ao que respondi logo: *De nenhu- « ma sorte, porque sou Christã.* E querendo meu « pai tirar-me daquelle sitio, mandou o Tribuno a « um soldado que o lançasse dalli fóra; o que elle « fez com presteza, descarregando-lhe primeiro uma « valente bastonada, que me causou tanta pena, co- « mo se eu mesma a recebêra.

« Proferio logo o Juiz a sua sentença, condem- « nando-nos ás feras, o que a todos nos causou a maior « alegria; e reconduzindo-nos entretanto ao carcere, « mandei pedir a meu pai o meu filho pelo Diacono « Pomponio, e elle m'o recusou; porém Deos foi ser- « vido remediar tudo, porque nem o menino procu- « rou mais o peito, nem o meu superabundante lei- « te me causou incommodo.

« Vendo então o nosso carcereiro, chamado Pu- « dente, a virtude de Deos, que em nós resplande- « cia, começou a fazer de nós grande conceito, e as- « sim deixava entrar livremente as pessoas que vi- « nhão consolar-nos; e vindo tambem meu pai todo « cheio de afflicção, fez o seu ultimo esforço para « combater o meu proposito, arrancando-se as bar- « bas, revoltando-se na terra, amaldiçoando os seus « dias e proferindo taes, e tantas cousas, que pode- « rião enternecer o coração da mais constante, e in- « flexivel creatura; e eu na verdade me compadecia « da sua miseravel cegueira, e desgraçada velhice. » Aqui terminou a relação de Santa Perpetua pertencente ao seu martyrio.

Naquelle tempo, vendo Santa Felicidade estar proximo o dia do solemne espectaculo, affligia-se muito pelo temor de que a sua prenhez lhe fizesse transferir o martyrio, porque as leis romanas prohibião que se desse a morte ás mulheres pejadas, antes do parto. Magoavão-se tambem os outros socios de lhes ficar entretanto, e quasi no meio do caminho uma tão boa companheira.

Pondo-se, pois, todos (tres dias antes do espectaculo) a orar fervorosamente na presença de Deos por este motivo, vierão a Felicidade as dores do parto; e como este aos oito mezes costuma ser mais difficultoso, e não pôde a Santa deixar de gemer naquella occasião, lhe disse um dos guardas: *Se agora gemes por tão pouco, que farás quando te investirem as feras?* Ao que ella respondeo prompta: *Agora padeço eu só, e então outro padecerá por mim, padecendo eu por elle.* Pario, pois, uma bella menina, que uma boa Christã tomou por filha sua.

Chegou finalmente o dia do triunfo para os nossos generosos Athletas, e conduzidos fóra da prisão, ião tão alegres para o amphitheatro, como quem caminhava para o Paraizo. Perpetua era a ultima, que com os olhos voltados para a terra, e o rosto alegre, e sereno, precedia com passo grave, e magestoso; e Felicidade não podia dissimular o interior prazer que sentia de se achar em estado de ser exposta ao furor das feras.

Chegando, pois, á porta do amphitheatro, quizerão os Ministros (segundo o costume) que os homens tomassem o vestido dos sacerdotes de Saturno, e as mulheres o das sacerdotizas de Ceres; porém recusárão todos esta supersticiosa ceremonia, allegando a promessa que se lhes fizera de não os constranger, nem obrigar a cousa alguma que fosse contraria á sua Religião, e com effeito o Tribuno assim a resolveo.

Desejava Saturnino ser exposto a muitas feras, para ser mais gloriosa a sua coroa, e com effeito,

elle, e Revocato fôrão investidos por um leopardo, e um urso, que promptamente os despedaçárão. Saturo mais queria cahir nas garras de um leopardo; e expedindo-se contra elle um javali, voltou-se contra o mesmo que o incitára, e o maltratou por tal modo, que pouco depois acabou a vida. Quizerão logo enviar-lhe um urso, mas por mais que o estimulárão, não o fizerão sahir fóra, e assim por então ficou Saturo sem ferida, reservado para novo combate.

Para as Santas Mulheres tinha o demonio reservado (fóra do costume) uma ferocissima vacca; e já despojadas dos seus vestidos, e mettidas em uma rede fôrão conduzidas ao amphitheatro. Mas permittio Deos que tivesse o povo tal horror de ver naquelle estado a uma senhora delicada, e de poucos annos, qual era Perpetua, e a outra, qual era Felicidade. de proximo parida, que entrárão todos a clamar, que se vestissem de novo, como vestírão, com os seus proprios trajes.

E reconduzidas logo ao mesmo sitio, Perpetua foi primeiro investida pela vacca, que arrojando-a ao alto lhe veio a cahir sobre as costas, e logo sobre a terra, aonde vendo-se a Santa com o vestido rasgado, acodio a compor-se com presteza, attendendo menos á dôr do que á modestia. Passou a vacca a investir a Felicidade, e arrojando-a tambem ao ar, a deixou estendida na areia; o que advertido por Santa Perpetua, lhe foi dar a mão, e ajudando-a a levantar-se, assim ficárão ambas esperando novo ataque.

Porém saciado já o furor do povo, fôrão conduzidas á porta *Senevivaria*, aonde, segundo o costume, os Martyres, que não acabavão logo a vida, erão mortos pelos gladiadores. Perpetua alli encontrou um Catecúmeno, por nome Rustico, que muito a venerava; e ella, como despertando de um profundo somno, disse para o mesmo Rustico, e para os mais circumstantes: *Não sei que se espera para sermos expostas áquella vacca!*

« E aonde, (exclama Santo Agostinho, ponde-« rando esta circumstancia) aonde estava Perpetua « quando era maltratada por aquella besta furiosa? « Como não divisava ella o que todo o mundo via? « Ou como não sentia dôr alguma por uma percus-« são tão violenta, senão porque, transportada fóra de « si mesma, e como divinamente inebriada, parecia « não ter sensação o seu corpo mortal? »

Chamou então Perpetua a seu irmão, e ao mencionado Catecúmeno, e lhes disse: *Estai firmes, e constantes na Fé, amai-vos reciprocamente, e não vos escandalizeis dos nossos tormentos.* Outro igual officio de caridade praticava na outra porta Saturo com o carcereiro Pudente, fazendo-lhe esta exhortação: *Crê deveras em Jesu Christo, e de mim te dou a certeza, que ainda serei exposto ao combate, aonde um leopardo com uma só mordedura me disporá para acabar a vida.*

Com effeito assim succedeo, e começou logo a derramar tanto sangue, que se lhe espalhou por todo o corpo; e ainda naquelle passo disse o Santo a Pudente: *Lembra-te, meu amigo, lembra-te da minha fé, e conserva-te cada vez mais forte.* Estas fôrão as ultimas palavras de Saturo, cahindo logo morto, por inteiramente estar exhausto do muito sangue que havia derramado; e devendo ser mortos alli mesmo os quatro Martyres, que ainda vivião, o barbaro povo, ancioso ainda de saciar os malignos olhos com a vista do seu sangue, pedio que, reconduzidos á praça, fossem mortos na sua presença.

Ouvindo isto os Santos Martyres, levantárão-se por si mesmos, e abraçando-se mutuamente caminhárão alegres para onde o povo os esperava; e collocando-se no meio do amphitheatro immoveis, e sem dizer palavra, recebêrão o ultimo golpe, que lhes terminou a vida. Só Santa Perpetua não morreo logo, porquanto cahindo ella nas mãos de um inexperto gladiador, que a ferio muitas vezes, sem lhe dar golpe mortal, ella mesma com a sua mão dirigio a espada do fraco Ministro á propria garganta, para haver de consumar o seu glorioso martyrio.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Todos os que lemos a maravilhosa historia do martyrio destas Santas, devemos procurar, quanto nos fôr possivel, a pratica das virtudes das mesmas, para cujo effeito devemos reflectir, que a estrada do Ceo é estreita, como a escada que vio Santa Perpetua; e que o demonio é aquelle dragão, que a todos pertende devorar, retirando-os primeiro da estrada da verdade.

Mas se o caminho do Ceo é estreito, tambem é certo que para lá não ha outro que seja seguro: e por isso, todo o que não vai por elle, cahe depois nas eternas desgraças, symbolizadas nas armas offensivas, que se vião nos lados daquella escada; e ultimamente devemos olhar para o alto, tendo bem fixa no pensamento aquella superabundante gloria, alli preparada para os que se conservão até o fim sempre fiéis a Deos; gloria sem comparação muito, e muito maior do que todos os trabalhos desta vida mortal.

MARÇO — 29.

DOS

SANTOS APOLLONIO, E FILEMON,

MARTYRES.

EM 8 DESTE MEZ.

NO SECULO IV.

Rufino Aquileense nas vidas dos Padres, e Palladio na Historia Lusitana, referem o martyrio destes Santos; e o Texto de Rufino acha-se nos Actos sinceros de Ruinart, pag. 428 da edição de Verona.

No principio do quarto seculo, entre os outros monges da Thebaida no Egypto, florecia em grande virtude, e santidade Apollonio, o qual, praticando uma vida solitaria nos suburbios da Cidade de Antinópolis, mereceo ser exaltado ao gráo de Diacono daquella Igreja; e grassando naquellas partes no anno de 311 a cruel perseguição de Diocleciano, continuada tambem pelo Imperador Maximino, dirigio-se Apollonio á dita Cidade de Antinópolis, afim de assistir, e fortificar na Fé aos santos Confessores de Jesu Christo, visitando-os nos carceres, animando-os a supportar os tormentos, e por ultimo acompanhando-os quando erão conduzidos ao supplicio.

Esta caridade heroica de Apollonio foi por Deos recompensada com o fazer participante do glorioso triunfo dos mesmos Martyres; e com effeito, logo que foi prêso por ordem do Imperador, os gentios principaes, que mortalmente o abominavão, o insultavão no mesmo carcere, quando mais não podião, com horriveis blasfemias, distinguindo-se entre todos um famoso tocador de flauta, o qual, por grande musico, e gracioso que era, conciliava os agrados de todo o povo.

Um dia, pois, em que mais insultára ao Santo Martyr com atrozes injurias, e horriveis blasfemias, clamando em altas vozes: que como embusteiro, e malvado merecia a execração de todo o mundo, e os mais tormentosos supplicios, Appollonio seguindo a doutrina, e exemplos de Christo, tudo soffria com maravilhosa humildade, e só disse a Filemon estas palavras: *O' filho, Deos se compadeça de ti, e não te impute a peccado alguma dessas injurias, que tens proferido contra mim.*

Esta doce, e suave resposta foi uma aguda setta, que penetrou o coração de Filemon; e obrando nelle a divina Graça, sentio-se mudado por tal fórma, que entrou no mesmo tempo a declarar-se por Christão; e não satisfeito com isto, foi procurar o Governador, que estava no seu tribunal, e publicamente o reprehendeo da perseguição injusta, que fazia contra os Christãos, que erão homens pios, amados de Deos, e dignos de toda a honra, pela santa Religião que professavão.

Ouvindo isto o Governador, pareceo-lhe que Filemon fallava por zombaria, julgando ser esta uma daquellas invenções, e galanterias, com que elle costumava divertir o povo. Porém conhecendo logo que elle fallava de serio, lhe disse: *Tu deliras, ó Filemon, e tens perdido o juizo?* Ao que elle respondeo: *O insensato és tu, que bem mostras haver perdido o juizo, perseguindo a tantos homens justos, e innocentes. Eu sou Christão, e claramente reconheço não haver no mundo profissão melhor, nem mais santa do que o Christianismo.*

Procurou então o Governador por todos os bons modos, que renunciasse Filemon a Fé de Christo, e se resolvesse de novo a incensar os deoses do Imperio; mas vendo-o constante, e firme na sua crença, mandou que sem mais demora fosse mettido a tormento. O que assim se executou com o maior rigor, mas sem o Santo Martyr mudar de resolução.

Informado então o Governador, que por obra de Apollonio se fizera aquella não esperada mudança, chamou o Santo á sua presença, e tratando-o de embusteiro, e enganador, o mandou cruelmente açoutar; e Apollonio, sem commover-se, nem alterar-se, com a sua costumada mansidão, e doçura lhe dizia: *Prouvera a Deos, ó Governador, que tu, e todos os circumstantes vos deixasseis enganar, como Filemon, das minhas palavras, abraçando a Religião de Christo, que eu professo.*

E o Governador, muito mais irritado, proferio sentença de morte contra Apollonio, e Filemon, ordenando que fossem logo queimados vivos na sua presença, e de todo o povo; e postos os Santos Martyres sobre a lenha, a que já se tinha pegado fogo, Apollonio exclamou a Deos em alta voz com estas palavras de David: *Não entregueis, Senhor, em*

poder das bestas aos que confessão o vosso Nome, e mostrai antes o vosso poder para nossa salvação.

Proferidas estas palavras, sobreveio logo ao redor dos Martyres uma nuvem cheia de agua, que promptamente extinguio as chammas; o que visto pelo Governador, e por todos os mais, exclamárão atonitos: *Grande é o Deos dos Christãos, e só Elle é Deos verdadeiro, poderoso, e immortal!*

Este Governador (que logo alli se converteo) era um chamado *Arriano*, nome celebre nos Actos de muitos Martyres, que por ordem sua fôrão barbaramente atormentados, e condemnados á morte; e por isso na sua conversão não se póde bastantemente admirar a Misericordia de Deos para com elle, e o valente poder da sua Graça, que sabe mudar de repente em vasos de honra, e de eleição os vasos de ira, e contumelia.

Chegando, pois, a noticia de tudo isto que succedêra em Antinópolis ao Presidente do Egypto, residente em Alexandria, em vez de aproveitar-se tambem da mesma Graça, reconhecendo, e adorando ao verdadeiro Deos, entrou em maior furor contra a sua santa Religião, e contra os seus fiéis professores; e expedindo logo alguns dos seus Ministros mais barbaros, e inhumanos, lhes ordenou que conduzissem carregados de cadeias para Alexandria ao Governador Arriano, com Apollonio, e Filemon.

Porém Apollonio começou a cathequizar no caminho aos Ministros, e soldados, que os guardavão, e foi tal a efficacia das suas doces palavras, que aquelles corações duros se enternecêrão; e concorrendo o auxilio da divina Graça, de leões ferozes se mudárão em mansos cordeiros, e de perseguidores crueis se fizerão Confessores illustres do Nome de Jesu Christo.

Elles bem podião deixar livres aos tres Santos prisioneiros, havendo já todos abraçado a mesma Fé; mas, para que melhor triunfasse a gloria do Divino Salvador, proseguírão a sua viagem, e chegando a Alexandria, se apresentárão ao Prefeito, e todos a uma voz se declarárão por Christãos.

Atonito ficou o Prefeito por aquella inesperada confissão, mas cada vez mais obstinado na sua superstição gentilica, e no odio mortal que tinha contra os Christãos, procurou os meios todos para chegar a pervertellos; e achando-os firmes, e constantes na sua fé, e na solida resolução de perder antes a vida do que faltar á devida obediencia para com Deos, ordenou que fossem todos submergidos no mar, aonde por este modo conseguírão a gloriosa coroa do seu martyrio no anno 311 da Era Christã.

Os seus corpos fôrão pela divina Providencia achados illesos na praia passados alguns dias, pelos seus devotos fiéis, que os depositárão em honorifica sepultura; e Ruffino, e Palladio, escriptores dos actos do seu martyrio, nos assegurão serem continuas as Graças, que Deos dispensava pelos seus meritos aos que devotamente os visitavão, implorando o auxilio da sua intercessão, como de si mesmo attesta o mencionado Ruffino.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Admiremos, e louvemos o poder da Graça do Divino Salvador, que resplandece particularmente na conversão de um gentio tal como Filemon, e outros não menos blasfemadores, e declarados inimigos da Religião Christã! Graça similhante á que recebeo S. Paulo, que de perseguidor acerrimo do Nome de Christo, de repente foi mudado em seu Apostolo, e Prégador zeloso. Só com a differença, que a conversão de S. Paulo foi obrada immediatamente pelo mesmo Salvador, e para a de Filemon, Arriano, e dos outros se servio o mesmo Senhor do ministerio, mansidão, e doçura de Santo Apollonio.

Roguemos, pois, a este Santo, e aos outros Martyres seus companheiros, que nos impetrem do Ceo o espirito de caridade, mansidão, e doçura, que é proprio, e conveniente a um Christão, e tão proveitoso para a salvação das nossas almas, e dos nossos proximos, para que as nossas palavras sejão sempre, como ensina o Doutor das Gentes, temperadas por tal modo com o sal da sabedoria, que sirvão de edificação a todos aquelles, com quem tratarmos.

MARÇO — 30.

DE

SANTA CATHARINA DE BOLONHA, VIRGEM.

EM 9 DESTE MEZ.

NO SECULO XV.

Resumo de duas vidas desta Santa, que se achão nos Bollandistas no dia 9 de março; uma dellas mais antiga foi escripta pouco depois da sua morte, e a outra é mais moderna.

Santa Catharina, denominada de *Bolonha*, veio á luz do mundo no dia 8 de setembro do anno 1413. Seu pai João Vigri, Fidalgo illustrissimo da Cidade de Ferrára, teve esta filha na Cidade de Bolonha de sua esposa chamada Benvenuta, e de igual nobreza, donde na idade de doze annos, já bem educada no temor de Deos, passou para dama da Princeza Margarida, filha de Nicoláo de Este, Principe Marquez de Ferrára.

Não foi o ar da côrte contagioso para Catharina, antes com a sua virtuosa sabedoria, muito superior á sua idade, era justamente admirada por todos os que a conhecião; e em vez de affeiçoar-se ás delicias desta vida, com experimentallas, concebeo desgosto, e aversão para com ellas; e tomando occasião do matrimonio da referida Princeza, que fez grande mudança na sua casa, se ausentou da côrte (na idade de 17 annos) para um recolhimento de mulheres pias na Cidade de Ferrára, que por então era só uma communidade de virgens, consagradas a Deos em habito secular.

Aqui, pois, aprendeo, e começou Catharina não só a desprezar todas as enganosas esperanças do seculo, senão tambem a negar-se a si mesma, mortificando os seus sentidos, e exercitando-se em varias obras de piedade; e passados seis annos, quando aquella communidade foi instituida verdadeiro convento de Religiosas com o nome de *Corpus Christi*, Catharina consagrou alli a sua virgindade a Deos, e fez a sua profissão debaixo da regra de Santa Clara.

Em poucos dias se povoou aquelle novo mosteiro de muitas, e principaes senhoras de Ferrára; e Catharina, como verdadeira mestra da perfeição, com a pratica das mais heroicas virtudes, de tal sorte cultivava aquellas plantas recem-nascidas no jardim da religião serafica, que veio a recolher copioso fructo para o divino Esposo, unico termo do seu desvelo.

Na virtude da humildade tanto se radicava Catharina, quanto a mortificava não experimentar nas creaturas aquelle vil, e abatido conceito que ella formava de si mesma, reputando-se em tudo por inferior a todas; o que até mostrava no exterior do habito, usando só do que algumas Religiosas deixavão por inutil, cujas roturas suppria com multiplicados remendos. Por este modêlo era o seu toucado, com o que, se por uma parte edificava as companheiras, tambem por outra as provocava a riso, quando não reflectião no interior do seu espirito, que a não regular-se por superior dictame, declinaria em vicio um tão extremoso abatimento.

Ella, com discreta dissimulação, procurava sempre o ultimo, e inferior logar, e juntamente servir as outras Religiosas, reputando-se por sua escrava; e nesta consideração pertendeo, e conseguio da communidade os penosos officios de padeira, e forneira, em cuja occupação se lhe diminuio a vista, e tambem as forças de tal sorte, que temendo ficar inutil para o serviço do côro, e da mesma communidade, o manifestou á Prelada. Porém esta, não acreditando inteiramente o que a Serva de Deos lhe dizia, respondeo, dizendo-lhe com aspereza: *Va-se embora, irmã, e se se acha como diz, applique a paciencia aos olhos, que é o verdadeiro, e unico remedio para os seus males.*

Sim, minha mãi, (disse logo Catharina, sem lhe causar perturbação alguma o desabrido daquella resposta) *prompta estou para cegar, e morrer no serviço das esposas de meu Senhor, porque sendo necessario cahir em outra o damno deste exercicio, é razão, e justiça que sobre mim venha, como mais inutil, e menos digna.* Continuou, pois, Catharina com o seu costumado fervor aquellas occupações laboriosas, e o Divino Senhor premiou o seu sacrificio, conservando-lhe a vista, e dando-lhe a necessaria robusteza para as satisfazer com perfeição.

Não foi menos admiravel na virtude da obediencia, attendendo sempre ao que se lhe mandava não como ordenado pelas creaturas, mas sim pelo mesmo Deos, e como tal dirigia-se logo á execução, ainda que fosse de cousas arduas; e fazendo-lhe em certa occasião uma Religiosa esta pergunta: *Se o Superior mandar cousas extravagantes, ou ridiculas, ou perigosas, será perfeição executallas?* Res-

pondeo ella: *Eu em materias de obediencia só admitto uma exclusão, e vem a ser: que no preceito não se conheça manifesta culpa, ou evidente perigo della, porque fóra deste caso não póde haver occasião, em que não seja sempre melhor obedecer do que repugnar.*

E confirmava com as obras esta doutrina, que o Ceo acreditava com milagres evidentes, como se vê (entre outros) nos dous casos seguintes. Estando as Religiosas occupadas em serviço da communidade na cozinha perto do fogo, movida a Prelada por superior espirito, mandou a Catharina, para prova da sua obediencia, que se lançasse no meio das chammas, com animo, porém, de lhe impedir a execução. O que não pôde fazer, porque a Serva de Deos com tal promptidão se metteo no incendio, que não deo logar a que se podesse impedir; e ordenando-lhe logo a Prelada que sahisse para fóra, obedeceo com igual presteza, e sem offensa alguma daquelle voraz elemento.

Outra vez, acabando a Santa de metter o pão no forno, a tempo que se fez signal para a espiritual pratica, que então se fazia no côro, ella, sem mais demora, lembrada só de exercitar a obediencia, partio para aquelle acto de communidade, no fim do qual (que durou por espaço de cinco horas) advertindo o perigo em que ficára o pão, exclamou em voz alta: *Ai de mim, que deixei o pão no fórno, e estará feito em carvão!* Assustárão-se as Religiosas persuadindo-se de que assim sería, mas correndo todas ao forno, achárão o pão cozido, e com tão bella côr, e sabor, que parecia fabricado por mãos de Anjos, e se repartio depois pelas pessoas principaes da Cidade.

Na virtude da paciencia não foi Catharina menos maravilhosa, padecendo no decurso de vinte e oito annos, como sua Madre Santa Clara, uma febre continua, a que se ajuntava um fluxo de sangue com tanto excesso, que ás vezes a privava dos vitaes alentos, complicando-se ao mesmo tempo com outras molestias, e com o penoso serviço da communidade, a cujas obrigações não faltava, proseguindo-as sempre com tão pacifico soffrimento, como se ella fosse a mais robusta.

Além disto, por todo o tempo que viveo Catharina em o convento de Ferrára foi sempre sua Prelada (que então erão vitalicias, e não triennaes) certa Religiosa de rigoroso genio, e asperrimos dictames, de cuja boca nunca ouvio outras palavras mais do que reprehensões severas, e rigoroso castigo, principalmente quando a censurava por assistir, e consolar aquellas que necessitavão de allivio; e este portento da tal Prelada era em conformidade da rigorosa maxima que seguia, dizendo: que similhantes consolações erão leviandades mais proprias dos palacios que de um mosteiro de esposas de Christo, a quem devião imitar levando, e padecendo na sua Cruz.

Em algumas occasiões sentindo-se a Santa mais debilitada de forças pelo augmento das molestias, pedia á Prelada, que a dispensasse do côro, e com admiravel paciencia recebia, e soffria a escusa; e uma vez que lhe concedeo a licença, pela considerar com impossibilidade maior, succedendo ficar dous dias na cella, attribuio-lhe a excesso da propria vontade o largo uso daquella dispensa; em cujo supposto, convocando logo a capitulo, fez chamar a Catharina, a qual, tão cheia de dôres como de alegria, prostrando-se aos pés da Prelada, ouvio com submissão profunda a reprehensão severa de voluntaria, relaxada, hypocrita, e falta de religião, pelo que lhe mandava que dalli em diante não faltasse ao côro; e a Serva de Deos respondeo logo: *Madre, reconheço a minha culpa, e ser merecedora de todo o castigo, que prometto cumprir com fidelidade.*

Vendo então as Religiosas que o seu justo impedimento era todo incompativel com a imposta obrigação, lhe disserão: *Catharina, tu és uma simples, e como tal bem mereces o castigo da Prelada; pois porque não replicastes, dizendo que ella mesma te havia dado aquella licença, e que ainda os teus achaques se achavão no seu maior auge?* Porém Catharina as satisfez, dizendo-lhes com grande humildade:

« Minhas irmãs, vós certamente me aggravais, « compadecendo-vos de mim. Eu creio ser vontade « de Deos, que assim como estou assista aos actos « do côro, e o mesmo Senhor, que reconhece o meu « desejo, me dará forças para a execução; e não será « esta a primeira vez em que os meus males achárão « na obediencia o seu remedio, assistindo ás horas « do Officio Divino; e quando por causa desta obri- « gação se aggravem os meus achaques, terei a fe- « licidade de morrer por Christo, e pela obediencia, « cantando no côro. »

Pela observancia da pobreza, em que foi Catharina exactissima imitadora da Serafica Madre Santa Clara, mereceo a gloriosa posse dos preciosos thesouros da Celeste Patria, despindo-se totalmente até do desejo das riquezas terrenas, por ella reputadas como o grão de areia, que introduzido nos olhos avulta pouco, e aggrava muito. A vileza do habito, como fica dito, era a gala da sua maior estimação; os remendos, as joias, a estreiteza, o fasto, as alfaias da cella erão uma Cruz de madeira toscamente lavrada, e o breviario de encadernação singela. Em summa, nuca estava mais alegre que quando experimentava alguma falta do que lhe era necessario, e então costumava dizer com alegria: *Agora conheço a santa pobreza.*

A virginal castidade foi gozada por Catharina com tão rara excellencia, que nem chegou a pagar á natureza aquelle mensal tributo, a que vivem sujeitas as pessoas do seu sexo, parecendo mais anjo humano do que filha de Adão terreno, de maneira, que (segundo attestão os escriptores da sua vida) sempre conservou no corpo, e na alma o mesmo candor,

que recebeo nas agoas do Baptismo, porque nunca perdeo na alma a Graça divina, nem no corpo a pureza virginal; e o mais é que nem consta que o demonio a tentasse jámais com pensamentos de impureza; e por isso discorrem muitos, que de uma pureza tão rara procede o suavissimo cheiro, e total corrupção, que ainda se admira no seu veneravel corpo.

Para persuadir com efficacia esta preciosa virtude costumava a Santa dizer ás companheiras: «Não «vos fieis, irmãs, de um inimigo, que mata com af- «fagos mais do que outro com ferro, ou veneno. «Não busqueis allivio na conversação dos homens, por- «que se recreão por algum tempo como flores, ma- «goão para sempre como espinhos. Sabei que mui- «tas vezes o ligeiro vento de uma palavra atêa na «vontade incendios, que para se extinguirem talvez «não bastem rios de lagrimas.

«Aos que soccorrem a vossa indigencia dai-lhes «a recompensa de orações devotas, e não de pala- «vras politicas, para que o vosso recato, e exem- «plo sirva de estimulo á sua piedade, e não vos sir- «va de escusa a razão do parentesco, antes acaute- «lai-vos até dos vossos mesmos irmãos; porque sen- «do elles homens sobra-lhes muito para inimigos; «e vós bem sabeis que as confianças com um irmão «perdêrão a honestidade de Thamar.

«Aos Ministros do Senhor, com quem tratais «das vossas consciencias, respeitai-os, como a Deo- «ses, na authoridade; como a serafins, na virtude; «mas tambem como a homens de fragil natureza. «Convem, pois, que sejais sinceras para com elles, «amando a sua virtude, venerando a sua dignida- «de, porém muito acauteladas em prevenir os peri- «gos, temendo a sua fragilidade, e não menos a vos- «sa.» Admiraveis, e importantissimos documentos da prudente, e virtuosa Catharina!

Ella fazia tanta estimação das outras Religiosas pelo glorioso titulo, e altissima dignidade de esposas de Jesu Christo, que quando lhes fallava, sempre lhes dava o tratamento de *suas Senhoras*, venerando-as tambem como santas; e este conhecimento lhe fechava os olhos para não ver nellas os defeitos, que tinhão como creaturas, julgando ao mesmo passo, que aquella mesma, que parecia no exterior defeituosa, poderia estar em Graça de Deos, e ser talvez para com Elle mais acceita do que outras que nos parecessem mais justas; em cujo supposto costumava dizer: *Se aquella creatura é defeituosa por uma parte, eu o sou por outra, e só Deos é Santo sem algum defeito.*

E sobre tudo, para com as enfermas (que ella respeitava, como imagens do Celeste Esposo, cheio de dôres sobre o leito da Cruz) era excessiva a sua caridade, e costumava dizer-lhes, para lhes dar alento, e consolação: «Irmãs minhas, agora sois certa- «mente amigas, e esposas de Christo. Agora lograis «a sua presença, porque Elle disse, que estaria com «o justo affligido, e que a virtude se aperfeiçoa na «enfermidade. Quem haverá, pois, que se desgoste «por causa da molestia, merecendo por ella ter junto «de si a um Senhor tal como é o nosso Deos?» Com estas, e outras taes consolações recobrárão vigor muitas enfermas; e todas attribuírão a recebida saude mais á virtude da Santa, do que á efficacia da medicina.

Adoecendo certa Religiosa de um apostema na cabeça (cujas materias corruptas exhalavão um cheiro pestilente, que affugentava a quem lhe assistia) teve Catharina tanta compaixão da miseravel enferma, que abraçando-se com ella, e applicando-lhe a propria lingua sobre aquella chaga, lh'a purificou de modo, que conseguio repentina, e perfeita saude.

Rendêrão logo todas as Religiosas as devidas graças a Deos por tão especial beneficio, e uma dellas disse a Catharina: *Foi possivel, Madre, que não tivesses horror de limpar com a lingua aquella asquerosa chaga? Irmã* (respondeo a Santa) *eu tive grande consolação em fazer um tal obsequio á Imagem de meu Salvador, que por mim, e por ella esteve mais chagado na sua Cruz.*

Uma Religiosa de véo branco estando a partir lenha, recebeo por descuido no pé direito um golpe tão grande, que sobrevindo-lhe depois corrupção aos ossos, foi preciso cortar-se-lhe o pé, o que se executou com grandissimas dôres da pobre enferma, e não menos desconsolação das Religiosas.

Vendo então Catharina o tal pé cortado, e recebendo-o cheia de fé, e caridade, perguntou por modo de graça á enferma: *Queres tu, minha filha, dar-me este pé, que já tens perdido? Sim, Madre*, (respondeo a leiga) *eu dou o pé, e o coração a vossa Reverencia. Aqui, pois, t'o restituo* (replicou Catharina) *mas com a condição de que daqui em diante o hajas de tratar como meu, para não tropeçar nelle.* Dito isto applicou o pé á parte donde o havião cortado, e fazendo sobre elle o signal da Cruz, se unio de tal sorte, que não ficou vestigio algum da operação que se lhe fizera.

Sendo, pois, tão grande a caridade de Catharina com as enfermas, ainda era maior para com as moribundas. Ella não se apartava da sua cabeceira, quanto mais podia, conhecendo por illustração superior, que no tempo em que ella lhes assistia, nenhum damno lhes causavão os demonios, como se observou muitas vezes, de que só referiremos um successo, por ser sobre todos mais insigne.

Enfermando mortalmente uma Religiosa de inculpavel vida, a tempo que se achava Catharina prostrada pelo augmento das suas molestias, pareceo ao inimigo ser esta occasião boa para fazer guerra á moribunda, affligindo-a não só no interior com terriveis suggestões, e intoleraveis dôres, senão tambem no exterior, agitando-lhe os membros com visagens tão espantosas, que cheias de pavor as companheiras entravão muitas no receio de que o terri-

vel aspecto da agonizante fosse um antecipado prognostico da sua condemnação eterna.

E revelando o Senhor a Catharina aquellas maquinas do demonio, pedio ella que a levassem á presença da moribunda, para lhe insinuar a confiança na Omnipotencia Divina; o que fez com tanta efficacia, que logo cessou o tormento, e se retirou o inimigo; porém recolhida Catharina á sua cella, tornou o maligno espirito com maior esforço a repetir a batalha, de que igualmente ficou vencido; porém avisada a Serva de Deos a este respeito, veio a ser sentinella daquella alma em dous dias continuos, até que, temendo as Religiosas que ella perdesse a vida primeiro que a moribunda, a obrigárão a retirar-se daquelle trabalho.

Porém ella disse logo: «Sei certamente que se «me aparto será preciso voltar aqui sem muita de«mora, porque a malicia do demonio nestas occa«siões é maior do que vós cuidais. Vós outras ve«reis que será breve o meu descanço, e assim vos «recommendo que me chameis com presteza, quan«do a enferma se vir attribulada.» Com effeito, recolhida Catharina á sua cella, entrou logo a agonizante nas maiores furias, dando golpes em si, mordendo as mãos, revoltando os olhos, lançando a lingua fóra, e torcendo o rosto com deformidade grande.

Assombradas as assistentes fôrão chamar a Santa, a qual, animada do zêlo da gloria de Deos, e bem das almas, veio promptamente increpar o demonio, dizendo-lhe desta maneira: «Besta maligna, «inimiga do genero humano! Bem mostras, contra «a tua soberba, a tua iniqua vileza, e o pouco po«der das tuas forças, esperando para executallas «que uma tão miseravel creatura como eu sou não «esteja presente. Confio, pois, em meu Senhor que «contra ti se voltarão as armas, porque esta sua es«posa certamente se ha de salvar; e as outras, ven«do a sua pacifica morte, se consolarão, e firmarão «mais na sua religiosa vocação.»

Dito isto lançou Catharina agua benta na enferma, e invocando cem vezes, prostrada por terra, o Santissimo Nome de Jesus, mandou logo ao demonio que se ausentasse daquelle logar, como promptamente fez, envolto em uma nuvem de espessos, e invisiveis fumos; e no mesmo ponto expirando com alegre socego a ditosa moribunda, foi a sua alma em via recta entrar na posse da sua gloriosa bemaventurança; e tambem a nossa Santa (que por ordem de Deos manifestou ás Religiosas aquella maravilha) recebeo na mesma hora forças, e saude para frequentar os actos da communidade.

Por estes, e outros prodigios com que Deos acreditava a santidade de Catharina, attrahidas as donzellas das principaes Cidades da Italia, sollicitavão todas tomar o habito no seu convento de Ferrára, multiplicando-se de tal maneira o numero das pertendentes, que se fazia impraticavel o condescender ao seu desejo; e fundando-se por este motivo um grande mosteiro na Cidade de Bolonha, pedírão os seus nacionaes para mestras algumas Religiosas do de Ferrára, e para sua Prelada a nossa Santa, de que muito se affligio ella com esta noticia; mas o Divino Salvador a socegou, dizendo-lhe: *Serena, Esposa minha, o teu perturbado espirito, e resigna a tua vontade na de meu Eterno Pai, o qual é servido que saias de Ferrára para Bolonha. Pois, Senhor*, (replicou a Santa) *não ha de acabar a minha vida aonde teve principio a minha vocação? Não, Catharina*, (respondeo o Senhor) *Bolonha será o teu sepulchro, por altos fins da minha Providencia.*

Sujeitou-se então Catharina com humilde resignação ao pêso do novo governo, e deixando o appellido paterno, de que usava, tomou o de *Bolonha*, por insinuação do Prelado; mas ainda que entrou a Santa sem vontade propria na prelazia, sempre continuou o governo sem frouxidão, procurando por todos os meios a maior honra do seu Esposo, e o espiritual aproveitamento das suas subditas, observando fielmente a importantissima maxima de preceder com o exemplo ás que presidia por officio; e portando-se como verdadeira mãi de todas, exhortando-as com fervorosas praticas, e instruindo-as com saudaveis documentos, e espiritual doutrina.

Tendo, pois, a Santa continuado o seu governo pelo espaço de dous annos e meio, enfermou de uma aguda febre, com que sobre toda a ponderação se lhe aggravárão as dôres, que actualmente padecia; e revelando-lhe o Senhor que passados dez dias a faria participante da sua gloria, recebeo os Sacramentos da Igreja com a devoção devida; e convocando depois as suas Religiosas, a quem tanto amava, esteve por espaço de tres horas exhortando-as com fervorosa pratica ao sequito das virtudes, e resignação nas adversidades; e avivando-se-lhe cada vez mais a doce consideração de gozar brevemente a companhia do seu Esposo, se affervorava tanto nos vôos do espirito, que estava quasi sempre absorta em Deos; e quando lhe ficava livre o uso dos sentidos, se occupava em recitar com as assistentes os versos que havia composto á Paixão do Redemptor.

Desta sorte passou a Santa até o dia de quarta feira 9 de março do anno de 1463, destinado pelo Altissimo para terminar os dias da sua peregrinação neste mundo; e chamando a Vigaria da casa, lhe declarou para prevenção alguns successos futuros. Confessou-se depois geralmente para receber de novo a Sacrosanta Eucharistia.

E dadas as devidas graças mandou buscar o livro das Sete Armas, que tinha composto, e ainda não havia publicado, e o entregou ao Confessor, recommendando-lhe, que depois de ella fallecer executasse o que supplicava em uma carta escripta no fim do livro. Despedio-se emfim das Religiosas, pedindo-lhes perdão dos seus defeitos, e mostrando na

continuação das lagrimas o interior sentimento da sua terna saudade; e por ultimo, pondo os olhos no seu santo Crucifixo, e invocando por tres vezes o sacrosanto Nome de Jesus, entregou a sua purissima alma ao mesmo Senhor, estando na idade de cincoenta annos completos.

Ficou o seu corpo inteiramente flexivel, despedindo uma celestial fragrancia, e com todos os signaes de glorioso; os olhos resplandecentes, as faces córadas, e com uma tal formosura que excedia muito á que tivera na idade de quinze annos. Collocou-se depois do funeral em uma capella proxima ao altar mór, assentada em um throno, e tanto ao natural, que parecia viva, sem necessitar de ligaduras, nem de encosto para estar direita, com o rosto descoberto, pés, e mãos, em uma das quaes sustentava a imagem do santo Crucifixo, e na outra o livro das Sete Armas, que compoz para instrucção das suas Religiosas, e na cabeça uma coroa real, que lhe pôz a devota Isabel Rainha de Napoles.

E nesta fórma se conserva ha mais de tres seculos, sem a menor corrupção, antes com suave fragrancia, e sempre tratavel, e tão flexivel que as Religiosas lhe mudão os habitos, quando é conveniente, com tanta facilidade como se o fizessem a uma pessoa viva; e não é menor entre estes prodigios a differença de aspectos, com que se tem deixado ver de pessoas virtuosas, e peccadoras, mostrando-se a estas com rosto irado, para excitallas á penitencia, e ás virtuosas com benigno semblante para animallas ao sequito das virtudes.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Quem no caminho da virtude pertende visões, e revelações celestes, corre grande perigo de padecer engano. A estrada real, que conduz ao Ceo, é a das verdades solidas ensinadas por Christo, quaes são a humildade, a mansidão, e amor da Cruz, e sobre tudo a caridade, que é a rainha de todas as outras; e por isso diz S. Paulo, que o fallar as linguas dos homens, e dos Anjos, o dom de prophecia, saber todos os mysterios, e ter sciencia de todas as cousas, de nada aproveita se não ha caridade.

Procuremos, pois, como recommenda o mesmo Apostolo, não as visões, ou revelações, ou outros dons extraordinarios, que podem não andar juntos com a santidade, mas o dom precioso da caridade verdadeira, que santifica a alma, e a conduz com segurança á eterna felicidade.

MARÇO — 31.

DE

S. GUILHERME, DUQUE DE AQUITANIA,

E EREMITA AUGUSTINIANO.

EM 10 DE FEVEREIRO.

NO SECULO XI, E XII.

Da vida, que escreveo deste Santo um seu discipulo, chamado Alberto, que viveo com elle muitos tempos, e se achou presente na sua morte.

Guilherme IX, Conde de Pictavia, e Duque de Aquitania, foi filho de Guilherme VIII, e de Matilde Tolosana, tambem Duques de Aquitania, e Condes de Pictavia. Elle passou licenciosamente os annos da puericia, deixando correr os appetites á redea solta. Crescendo nos annos, e no corpo, chegou a parecer gigante, e de tantas forças, que não havia quem com elle competisse. Gostava muito dos exercicios bellicos; e quando não havia guerra, em que occuparse, desafiava aos grandes a pelejar com elle. E sobre tudo era tão carnal, e vicioso, que chegou a tomar por força a mulher de seu irmão, e a reteve tres annos em sua casa, sem consentir que alguem o reprehendesse, nem lhe estranhasse aquelle excesso.

Vivia naquelle tempo no seu pobre mosteiro de Claraval o glorioso S. Bernardo, o qual, tendo noticia dos máos costumes de Guilherme, e considerando o escandalo, que daria aos seus povos, e a todo o Reino de França por ser um Principe tão conhecido, e tão poderoso, fez oração por elle, e desejou muito fallar-lhe para o reduzir ao caminho da salvação; mas ainda que o Santo por então não achou meio para executar o seu intento (porque além

de não querer sahir do seu retiro, tambem não se atrevia a chamar ao Duque, temendo talvez o seu furor, e quando menos, o seu desprezo) comtudo, passado pouco tempo, o Senhor lhe abrio o caminho, pela occasião que agora diremos.

Por morte de Honorio II, Summo Pontifice, elegendo-se em seu logar a Innocencio II deste nome, oppoz-se-lhe um Cardial romano, chamado Pedro Leão, usurpando o titulo de Pontifice com o nome de Anacleto, e causando um pernicioso scisma em toda a Igreja; porque uns seguião a Innocencio, verdadeiro Papa, e outros ao intruso Anacleto.

Fez-se então em França um concilio para averiguar a verdade nesta materia; e sendo alli chamado por sua grande sciencia, e virtude o glorioso S. Bernardo, todo o concilio pôz em suas mãos aquelle negocio; e assim por sua declaração, e sentença foi Innocencio recebido em França por Vigario de Christo, e Papa verdadeiro. Só Guilherme, por sua má condição, e não menos por enganos de um máo homem, chamado Gerardo, Bispo Engolimense, tomou as partes de Anacleto. E chegou a tanto a sua pertinacia, que depoz violentamente os Bispos de Aquitania, sequazes de Innocencio, introduzindo em seu logar os que delle se affastavão, despojando as Igrejas dos seus bens, e pondo por obra outros muitos execrandos males.

Para obviar tantos damnos mandou naquelle tempo o Papa Innocencio por Legado seu á Provincia de Aquitania a Gaufrido, Bispo Carnotense, o qual, levando comsigo a S. Bernardo com alguns Ecclesiasticos doutos, entrou em conferencia com Guilherme sobre a sua pertinaz rebeldia; e depois de varias disputas de parte a parte, se veio a conseguir delle o reconhecer, e obedecer a Innocencio por legitimo Pastor da Igreja universal; mas sempre constante em não querer avocar os Bispos, que havia desterrado, dizendo que o tinhão offendido, e que por isso jurára de lhes não perdoar jámais.

Vendo, pois, o Santo Abbade tão duro, e inexoravel naquelle ponto ao soberbo Duque, entrou na Igreja a orar por elle; e tomando depois sobre a patena a Hostia consagrada, chegou com ella á sua presença, aonde (não já com expressões de humilde, mas com seguranças de poderoso) ardendo em fogo de amor, e zêlo pela honra de Deos, lhe fallou com tanto imperio, e fervor de espirito, que, confuso, e convencido aquelle rebelde, e sentindo no interior uma occulta força da presença da Divindade, cobrio-se de suor frio, e enfraquecidos os membros, cahio por terra, qual outro Paulo, offerecendo-se prompto para tudo que lhe fosse ordenado.

Quiz logo o ditoso Guilherme tomar por director um varão pio, e douto, para proceder com acerto no caminho do espirito; e supposto que a sua primeira lembrança era pôr-se nas mãos de S. Bernardo, comtudo, como elle se ausentou logo para o seu mosteiro, que ficava mui distante, foi procurar a um solitario, de quem teve noticia que era muito virtuoso, ainda que simplicissimo, e sem letras.

Este solitario, sabendo os grandes males, que o Duque fizera á Igreja, teve temor de que viesse alli com máos intentos, e com santa liberdade o reprehendeo asperamente, tratando-o de tyranno cruel, e dizendo-lhe, que o não inquietasse, mas que se voltasse para Deos, e fizesse penitencia dos seus peccados; e por mais que o Duque lhe disse, que estava prompto para tudo o que lhe ordenasse, nunca o solitario o quiz tomar á sua conta, temendo ser por elle enganado; e só lhe aconselhou, que procurasse a um santo velho, homem douto, e experimentado, pouco distante daquelle sitio.

Ouvindo o Duque esta repulsa do solitario, nada se alterou, antes seguindo o seu conselho, foi logo apresentar-se com muita humildade áquelle servo do Senhor, o qual o recebeo benignamente; porque teve anticipada revelação da sua vinda, e conversão verdadeira. E depois de lhe ouvir a confissão, e relação geral da sua vida; com grande severidade lhe pôz diante dos olhos as penas do Inferno, que por seus peccados merecêra, e que Deos por sua Misericordia lhe esperára, para que satisfizesse por elles dignamente nesta vida; para cujo effeito era necessario que á medida da culpa fosse tambem a penitencia.

«Porque alguns (lhe disse) lastimosamente se «enganão, parecendo-lhes, que com qualquer peni«tencia se purificão de gravissimos, e abominaveis «peccados, que commettêrão, e não menos os Sa«cerdotes, que os deixão com elles ir ao Inferno. «Melhor é logo, que pagues o que deves a Deos com «saudavel penitencia nesta vida, do que na outra «com eterno fogo. Por isto, pois, toma o meu con«selho, na indubitavel certeza, de que o jejum do«ma a carne, a oração sára a alma, e a esmola ex«tingue o peccado.

«Em cujos termos, vende os teus bens, e dá o «seu producto aos pobres; veste-te dessa cotta de «ferro á raiz da carne em todos os dias da tua vi«da, e vai com os pés descalços prostrar-te aos do «Papa, para que te perdoe, e te absolva da excom«munhão, com que estás ligado, e satisfaças ao es«candalo, que déste ao mundo.»

Acceitou Guilherme esta rigorosa penitencia, como se lhe fôra intimada por um Anjo do Ceo. E vestindo se logo, como lhe era mandado, tomou sobre a saia de malha (apertada com fortes cadeias) uma aspera tunica, e na cabeça um capacete de ferro. E desta maneira (depois que voltou a casa, e deo tudo o que pôde aos pobres) foi procurar ao Summo Pontifice, que já era Eugenio II, discipulo de S. Bernardo, e prostrado a seus pés com os olhos banhados em lagrimas, entrou a pedir-lhe humildemente o benigno perdão das suas grandes culpas.

Vendo então o Summo Pontifice prostrado na sua presença aquelle grande homem, para elle in-

cognito, perguntou-lhe, quem era? E ouvindo-lhe dizer, que era Guilherme, Duque de Aquitania, entrou a recear, de que fosse algum fantasma, que houvesse armado o demonio para o enganar naquella figura; e portanto lhe disse logo:

«Eu não sei quem és, porque não conheço de «vista ao Duque Guilherme. Porém se não és o que «me dizes, e me queres enganar, olha não caia so«bre ti a maldição de Deos. E se és o Duque, co«mo dizes; porque te finges penitente? Ou como «queres que eu acredite, que estás arrependido das «maldades, e delictos, que tens commettido contra «Deos, e contra a sua Igreja, semeando nella dis«cordias, e juntamente escandalizando ao mundo, «com tomar a propria mulher a teu irmão?

«Eu bem sei, que Deos, como poderoso, e be«nigno que é, póde converter as pedras em filhos «de Abrahão, e de lobos fazer cordeiros; porém não «me consta de que até agora obrasse em ti essas «maravilhas, nem o crerei tão pouco, em quanto «não vir na tua pessoa signaes de maior penitencia. «Vai-te, pois, da minha presença; porque não sei «quem és, nem o que devo fazer comtigo.»

Não se alterou Guilherme com esta severa repulsa, antes se humilhou mais; e com os olhos baixos, e a voz trémula, e branda disse ao santo Padre, que muito bem se persuadia, de que os seus peccados merecião o maior castigo, e que nesta consideração, desejando satisfazer por elles á divina justiça, viera aos pés de sua Santidade, para que lhe lançasse a sua benção, protestando-lhe ao mesmo passo, que se lhe negava esta graça, o Supremo Pastor Jesu Christo, de quem elle era Vigario na terra, lhe pediria conta da sua alma, como de uma ovelha perdida.

Ouvindo o Summo Pontifice esta humilde, e fervorosa instancia, mudou a severidade em brandura; e remettendo o illustre penitente ao Patriarcha de Jerusalem, que era um Varão santo, e prudente, lhe commetteo todas as suas vezes, para que obrasse com elle tudo o que lhe parecesse necessario para bem da sua alma. E consolado Guilherme com este despacho, se pôz logo a caminho para uma tão longa jornada, sem replicar, nem advertir (depois de beijar o pé ao Papa) que havia na Europa outros muitos Varões doutos, e santos, especialmente S. Bernardo, a quem o podéra remetter.

Chegando, pois, a Jerusalem, deo conta da sua vida ao Patriarcha, o qual, sobre ser Varão perfeito, e prudente, e de grande conselho, era filho de um criado antigo do mesmo Duque, a quem elle pelos seus bons serviços fizera muitas mercês. E o Patriarcha, sabendo isto, estimou muito, como bom filho, á occasião que se lhe offerecia de agradecer, e servir a Guilherme, quanto lhe fosse possivel, pelos beneficios que fizera a seu pai; e ajuntando-se no coração do Patriarcha o reconhecimento, e affecto com a piedade, e amor de Deos, abraçou a Guilherme com entranhas de pai; e recommendando-lhe com efficacia uma fiel perseverança, lhe rogou com instancia, que ficasse por hospede em sua casa.

Porém o Duque não acceitou a offerta, só lhe supplicou a graça de mandar fazer em uma caverna, que estava fóra da Cidade, um breve receptaculo, á maneira de cabana, e alli com effeito se encerrou, e persistio por todo o espaço de nove annos, com grande aspereza, e rigor de vida; porque a sua casa era aquella pobre cella; a sua comida, um pedaço de pão de rala; a sua bebida, uma breve porção de agua; o seu vestido, a saia de malha; sua cama, a terra dura; e o travesseiro uma pedra, passando a maior parte das noites em oração, e chorando sempre com amarga dôr os seus peccados.

Occupado assim o Duque em tão santos exercicios, estava totalmente esquecido da sua terra, grandeza, e Estados; no mesmo tempo em que os seus parentes, vassallos, e amigos o procuravão por varias partes. Até que depois de muitas diligencias, vindo a saber (pelos signaes que davão) que elle se achava nos suburbios de Jerusalem, alli o fôrão buscar, e persuadir com instantes supplicas, para que, deixando aquelle modo de vida, ou aquella especie de loucura, viesse governar, e livrar os seus vassallos das continuas oppressões, que depois da sua ausencia começárão a fazer-lhes os seus inimigos.

Ouvio Guilherme, sem dar resposta, estas não esperadas tentações. E para livrar-se de outras similhantes, se ausentou dalli na seguinte noite, com intenção de estabelecer-se em outro sitio mais occulto. Mas permittindo o Senhor, que o demonio dalli em diante o tentasse mais fortemente, representando-lhe com vivas côres o muito que deixára, e a miseria em que se via, e elle demorando-se nestes pensamentos mais do que devêra, começou a esfriar pouco a pouco no seu fervoroso proposito; permittindo-o Deos assim, para que elle mais se humilhasse, e se firmasse melhor no conceito, de que toda a sua fortaleza lhe vinha do alto.

Partindo, pois, de Jerusalem, chegou a Italia; e passando pelo Estado de Luca na Toscana, a tempo que os luquezes, estando em guerra com alguns seus vizinhos, tinhão posto em cerco uma importante fortaleza, sem a poder tomar, Guilherme, como era tão valoroso, e perito soldado, e vinha já líbio no fervor do espirito, disse a alguns dos presentes Capitães, que se estivesse na sua disposição aquella empreza, brevemente, e com feliz successo a concluia.

Acceitárão os Governadores facilmente a offerta de Guilherme; porque da elegancia do seu agigantado, e robusto corpo; e do acerto das suas palavras naquelle caso, o tiverão não só por homem de grandes forças, senão tambem por Varão experimentado na milicia. Entrou, pois, a dispor tudo o que era necessario para aquella empreza; porém como ella não era do agrado de Deos, indo Guilherme a sahir em

uma manhã para o primeiro assalto, repentinamente se achou cego.

Abrio-lhe então a cegueira do corpo os olhos da alma; e reconhecendo o seu peccado, pedio perdão delle ao Senhor, com firme resolução de tornar ao estandarte da Cruz, para militar debaixo delle até á morte, e no mesmo ponto recobrou a vista, por cujo beneficio deo muitas graças a Deos, e renovou os propositos de se portar com mais cautela no restante da sua vida; e declarando logo aos luquezes, que por ser elle um homem pobre, que só pertendia servir a Deos, não lhe era licito pegar nas armas, despedio-se delles, e deixando a jornada de França, voltou para Jerusalem a recolher-se na cova que deixára.

Caminhando, pois, em certo dia por uma praia encontrou com uns mouros, que tinhão sahido á terra, os quaes lançárão mão delle; e despindo-o dos seus vestidos, ao verem a saia de malha que trazia, e que não podião tirar-lh'a, pela terem entranhado na carne as cadeias de ferro, com que se cingia, suspensos na admiração de uma tal penitencia, espontaneamente lhe derão liberdade. E assim solto o nosso Guilherme, chegou á sua suspirada gruta; e ensinado já pela experiencia propria a não se fiar das proprias forças, começou a castigar de novo a sua carne com outros maiores rigores, e asperezas.

O que não obstante, ainda nesta sua antiga morada tornou a ser assaltado o Santo pelos seus parentes, e amigos, que por todos os modos, e artificios que podérão, o quizerão fazer voltar ao seu Paiz, depois de haver assistido naquella gruta dous annos continuos. Se bem que elle já escarmentado cerrou os ouvidos ás vozes dos encantadores; e para livrar-se inteiramente delles, procurou outra solidão, sem ser sentido, aonde por então ficou incognito aos homens, e só familiarizado com Deos na mais alta contemplação.

Movido então Guilherme pelo Espirito do Senhor, voltou para Italia, (passando primeiro por Hespanha, para visitar o corpo do Apostolo Santiago) e parando em um bosque do territorio de Piza, chamado *Silva Livalia*, aonde achou uma espaçosa caverna, que elegeo para sua habitação, alli o fôrão procurar certos eremitas, que observando naquelles desertos a regra de Santo Agostinho, e ponderando o singular exemplo de perfeição, que admiravão na vida de Guilherme, se lhe offerecêrão por seus discipulos, e companheiros.

Acceitou o Santo a offerta; e accommodando-se á sua sociedade, recebeo delles a luz do estado religioso, e lhes communicou da sua parte novos fervores de espirito, para a observancia do seu instituto. Edificou tambem naquelle sitio com as esmolas dos Fiéis um sufficiente hospital para recolhimento, e agasalho dos pobres; mas pouco depois os mesmos socios, que se lhe havião aggregado, desgostados do rigor da sua vida, que lhes parecia inimitavel, começárão a maltratallo, e perseguillo.

Encommendando, pois, o Santo o hospital a um Religioso, que entre os outros se distinguia na bondade, retirou-se para outro monte, chamado de *Prono*, aonde, encerrado em uma cova, foi continuando a sua vida penitente, e contemplativa; e correndo logo a fama do precioso thesouro, que escondia a humildade naquelle deserto, outros eremitas Augustinianos, que habitavão nos proximos ermos, desejando o seu proprio aproveitamento, se entregárão á sua direcção, e governo. E com effeito alli vivêrão por algum tempo em muita paz de espirito, communicando-lhes a presença de tão insigne Mestre abundantes influencias de santidade.

Irado então o demonio em certa noite, que empregava Guilherme em contemplação altissima, fingio um poderoso exercito, que marchando pelo valle daquelle monte, quasi o fazia tremer com as evoluções da cavallaria, tumulto da infantaria, estrondo dos clarins, pifanos, e tambores, ajuntando ainda para maior estrepito as horriveis vozes de feras differentes, que precipitadamente corrião por aquelles campos, como acossadas dos seus contrarios.

E chegando-se mais perto em fórma visivel aquelles soldados, um delles, na magestade do seu porte, e no respeito, e veneração, com que era tratado, se mostrava superior a todos, entrou na choupana de Guilherme, fingindo-se seu pai na voz, e exterior figura; e com aspecto irado o reprehendeo severamente pelo desconcerto da sua vida, em se reduzir a termos de tanto abatimento, elle que como Soberano, e poderoso Principe, era tão respeitado no mundo!

Passou logo em voz serena a exhortallo com amorosas palavras, a que se compadecesse da sua velhice, e lhe obedecesse, deixando aquella triste, e penosa vida, e tornasse á que antes praticava, podendo nella servir a Deos, e fazer bem a muitos, sem perigo da salvação. E por ultimo, mudando de voz lhe intimou, que se não tomava o seu conselho, infallivelmente lhe tiraria a vida, fazendo-se para com elle cruel verdugo, o que sempre fôra seu amante pai, &c.

Vendo então o demonio, que a nada disto respondia o Santo, nem perdia o socego que gozava no interior do seu espirito, arremetteo a elle com raivosa furia, e arrastando-o fóra da sua choupana, lhe deo muitas pancadas, e maltratou de maneira, que o deixou quebrantado, e quasi morto. Mas apparecêrão-lhe logo tres Donzellas formosissimas; a primeira das quaes, que era a Rainha dos Ceos, lhe fallou com suavissimas doçuras, exhortando-o á fortaleza, e perseverança; e as outras duas ungindo-o com preciosos aromas que trazião, lhe sarárão as chagas, e feridas, e inteiramente o restituírão á sua primeira saude.

Mas ainda o maligno espirito, vendo que por si mesmo não podéra vencer a Guilherme, intentou

destruillo por meio de homens, seus depravados ministros, começando a tentar alguns dos seus socios; fazendo-os descontentes, e desabridos contra elle, para que o maltratassem com palavras, e obras, com aggravos, e injurias, como fizerão, de maneira que o obrigárão a voltar daquelle sitio para o de Silva Libalia, aonde antes estivera, e edificára o hospital.

Mas aqui tambem foi Guilherme perseguido, e affrontado por outros seus companheiros; e vendo-se elle por este modo em todas as partes combatido, e achando-se fraco, e enfermo, esteve por um pouco indeciso, sem saber aonde fosse, para ter paz, e quietação; até que ouvio uma voz do Ceo, que o enviava para um monte chamado *Petricio*, junto a um porto denominado *Castelim*, e alli com effeito assistio algum tempo em casa de umas pessoas, que o recebêrão, e tratárão com generosa caridade.

E achando-se o Santo em certo dia summamente desfallecido, pelos muitos jejuns, penitencias, e trabalhos, com que tinha mortificado, e consumido o seu corpo, mandou pedir á sua hospedeira, que lhe preparasse algum alimento, para não desfallecer de todo; e dizendo-se ao Santo que ella estava impedida por causa de uma ardente febre, fez elle oração a Deos, e promptamente lhe conseguio perfeita saude.

Mas com este milagre ficou Gnilherme tão confuso, e temeroso da vangloria, e estimação popular, que, por evitar nesta parte algum perigo do amor proprio, se ausentou logo daquelle sitio para um logar inculto, e deserto no territorio de Sena, que então se denominava *Stabulum Rodis*, e agora se chama *Malavales;* e alli, com as esmolas de algumas pessoas devotas, se lhe fabricou uma pobre e estreita morada, em que habitou até o fim da sua vida.

Durou ainda Guilherme neste logar pelo espaço de anno e meio, sem affrouxar cousa alguma da sua costumada penitencia, até que por ultimo summamente enfraquecido com o pêso dos annos, e macerações da carne, veio a cahir de todo enfermo; e reconhecendo elle pela gravidade da molestia, que chegava a hora da sua morte, pedio ao discipulo Alberto, que fosse a Castelião sem mais demora procurar um Sacerdote, que lhe houvesse de ministrar os Sacramentos.

Temeo Alberto, porque além de ser já noite, e mui tempestuosa, estavão os campos cobertos de alta neve, e a maior parte dos caminhos resvaladiços pelo denso gêlo; comtudo, animado pela obediencia, se pôz a caminho, e descalçando os çapatos, para firmar melhor os pés, foi viajando, como pôde, ainda que com pouca esperança de chegar a tempo aonde pertendia; mas a fé do Mestre venceo as duvidas do discipulo; porque tanto á ida, como á vinda, não sentio Alberto nem o menor damno do aspero, e desabrido inverno.

Recebeo, pois, Guilherme por mão do Sacerdote os Sacramentos da Igreja com o maior fervor do seu espirito; e chegando ao final termo, em quanto o Sacerdote, e Alberto recitavão as costumadas preces naquella hora, Guilherme com os olhos, e mãos levantadas ao Ceo, chegando áquellas palavras *Occurrite Angeli Domini*, entregou a ditosa alma nas mãos de seu Senhor em 10 de fevereiro do anno de 1115.

Ficou o seu corpo, como se estivesse dormindo, com os membros compostos, e flexiveis, a carne tratavel, e todo o exterior da sua figura com a graça dos primeiros annos; e enterrando os dois assistentes o sagrado cadaver em uma horta, que o Santo cultivava, pouco depois se edificou alli mesmo uma capella, aonde fazia Deos muitos beneficios a enfermos, e atribulados, que imploravão o seu favor por intercessão do nosso Santo; dando vista a cegos, ouvido aos surdos, lingua aos mudos, pés aos côxos, limpeza aos leprosos, saude e consolação a todos.

Movido, pois, o Summo Pontifice Innocencio III da multidão, e grandeza destes milagres, canonizou solemnemente ao glorioso S. Guilherme no dia 8 de maio de 1202; e Gregorio IX, sobrinho do mesmo Innocencio, em o logar da capella, em que o corpo do Santo estava depositado, mandou edificar um templo de insigne magnificencia para serem nelle celebradas perpetuamente as suas memorias.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Qualquer que houver lido com a devida attenção a vida prodigiosa deste grande Santo, se admirará, como é justo, da immensa Bondade de Deos, que a um peccador tal como Guilherme, fez passar de inimigo cruel seu, a ser seu amigo, e Servo fiel; de tropêço, e laço de Satanás, um exemplar de penitencia, e clarissimo espelho de santidade!

E com razão dirá logo, que não haverá peccador tão engolfado em seus vicios, e tão dominado de seus appetites, que não possa com a Graça de Deos emendar-se, e chegar a um alto grão de virtude, se devéras corresponde á vocação do mesmo Senhor, fazendo na sua vida fructos dignos de penitencia, segundo o exemplo de S. Guilherme.

FESTAS MÓVEIS,

QUE PODEM OCCORRER NO MEZ DE MARÇO.

DOMINGO 1.° DA QUARESMA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E MISSA DESTE DIA.

Este primeiro Domingo da Quaresma, entre as celebridades da Igreja, é uma das mais privilegiadas, e de veneração singular; por cuja causa não cede o seu Officio a outra alguma festa. Tudo nelle é instructivo, e mysterioso: tudo alli persuade a penitencia; da qual vem a ser como uma festa solemne. Hoje entre os latinos é simplesmente denominado o *Primeiro Domingo da Quaresma*, e entre os gregos, o *Domingo dos Santos Jejuns*.

Mas antes do seculo decimo appellidava-se na Igreja occidental o *Domingo dos Brandões;* porque todos aquelles, que se havião divertido com excesso no tempo do carnaval, apresentavão-se hoje na Igreja com uma tocha na mão, como para darem uma satisfação publica dos seus máos exemplos, e cumprirem a penitencia, que lhes impunhão os sagrados Pastores, até o dia de quinta feira Santa, em que recebião a absolvição ordinaria.

E ainda que esta ceremonia depois foi anticipada para o dia de quarta feira de Cinza! (como primeiro exordio do jejum da Quaresma) o mysterio *dos Brandões* não deixou de ficar annexo a este primeiro Domingo, suppondo sempre, que os verdadeiros Fiéis não deixarião de se purificar das suas culpas por uma perfeita confissão.

E se bem é verdade, que todos os dias da nossa vida devem ser de mortificação para nós outros; porque de modo ordinario, depois do uso da razão, nenhum ha de todos elles, em que mais ou menos não sejâmos peccadores, comtudo, o tempo da Quaresma é mais propriamente a estação da penitencia, em que ella produz os seus fructos com maior abundancia, assim pela multiplicidade das orações, e soccorros espirituaes, como pela pratica da abstinencia, que a Igreja impõe nestes quarenta dias de jejum.

A relaxação, e delicadeza da maior parte dos Christãos dos nossos tempos olhão com justo assombro para a rigorosa severidade, com que os Fiéis dos primeiros seculos jejuavão a santa Quarentena; porque não sómente as pessoas religiosas, senão ainda as seculares, se abstinhão de modo ordinario, até do uso do peixe. Muitos jejuavão toda a Quaresma a pão, e agua; e nos seis dias da Semana Santa usavão só de pão secco, agua, e sal; e alguns, nos dous dias entre a quinta, e o sabbado, perseveravão absolutamente sem comer.

A hora de jantar (unica comida, e com toda aquella parcimonia, nestes dias de jejum) era sempre depois de Vesperas; e este louvavel costume durou mais de mil e duzentos annos; porque S. Bernardo, Pedro Blessense (que vivião no seculo duodecimo) affirmão, que no seu tempo ainda assim se observava. Facultou-se depois, por justos motivos, o poder-se anticipar esta hora de comer; mas a Igreja santa, para conservar a idéa daquella antiga disciplina, ordenou que se dissessem as Vesperas antes do jantar nos dias de jejum da Quaresma.

E como restavão assim muitas horas até o jantar do seguinte, permittio-se, attendendo á debilidade da natureza, o poder-se tomar ao pôr do sol um pouco de pão, e um sorvo de agua, o que veio a chamar-se *Collação*, por ter este nome a lição espiritual, que nos dias de jejum fazião os monges no claustro, ou no capitulo, depois de haverem tomado aquella refeição pequena, pelo livro intitulado *Collação*, dos santos Padres.

A tolerancia da Igreja authoriza sufficientemente a pratica universal da collação, porém não permitte que chegue a ser como um quasi segundo jantar; por cujo excesso talvez que muitas gentes em os nossos dias venhão a quebrar o jejum. O Cardial São Carlos nas regras, que fez para os seus domesticos, permittio-lhes sómente uma onça e meia de pão, e um pouco de vinho por sua collação na Quaresma. Mas como esta restricção não póde servir para todos, deve cada um consultar a seu respeito o conselho, e direcção de algum Medico, e Confessor prudente.

Se bem que a abstinencia, e o jejum não constituem os unicos deveres da Religião, que Deos pertende dos Christãos no sagrado tempo da Quaresma, o frequente uso da oração, dos Sacramentos, e da esmola devem acompanhar o jejum; e muito mais a reforma dos costumes, a pureza, e innocencia da vida, como tambem o fazer que o mesmo jejum não consista só em ser o alimento de peixe, mas em diminuir, ou reformar a multidão dos guizados, e a delicadeza dos temperos, para que a pratica da abstinencia não venha a ser em substancia um só mudar a delicia.

SOBRE A MISSA.

Introito. *Elle me invocará, &c.*

Encerra-se nestas palavras do *Psalmo* 90 de David a substancia do Mysterio do sagrado tempo da Quaresma. Alli se diz, que o justo, chamando a Deos em seu soccorro, elle o ouvirá, e estará com elle no tempo da tribulação, donde o fará sahir com muita gloria. Nada é mais proprio, do que este *Psalmo*. para inspirar valor aos Fiéis na penosa carreira da Quaresma; e por isso a Igreja santa o transcreve todo no *Tracto*, que se segue depois da Epistola, immediato á leitura do Evangelho.

EPISTOLA.

Ella é tomada da carta segunda, que o Apostolo S. Paulo escreveo, e enviou de Macedonia aos Fiéis de Corintho por seu amado Tito, acompanhado de Timotheo, e de outro discipulo, de que se não sabe o nome, e a Igreja santa se serve della, como de uma viva, ou vigorosa exhortação, para que não sejão inuteis estes veneraveis dias, consagrados á penitencia, que por excellencia se podem chamar *o Reino da Misericordia do Senhor.*

Eis-aqui os dias da salvação, diz o Santo Apostolo; porque ainda que o benigno Deos seja sempre misericordioso, comtudo os sagrados dias da Quaresma fórmão um tempo privilegiado, em que tudo conduz para nos fazer a Deos mais propicio. As orações multiplicadas de toda a Igreja, e a abstinencia, e o jejum, que fazem a oração mais efficaz, tudo concorre para ser mais facil, e mais prompta a nossa conversão.

SOBRE O EVANGELHO.

Contém elle a historia do Jejum de Christo no deserto, como sagrado Modêlo do nosso. Acabava Jesus de receber o Baptismo pelas mãos de S. João, quando o Espirito Santo (de quem Elle era Templo vivo) o conduzio ao deserto afim de se preparar para a vida publica por um retiro, e jejum perenne de quarenta dias, e por uma insigne victoria do tentador, e de todas as suas astucias.

Estende-se aquelle deserto (que tocava á tribu de Benjamin) desde o Rio Jordão até ás visinhanças da Cidade de Jericó, e praias do Mar-Morto; e sendo algum tempo chamado *Ruhan*, depois os occidentaes lhe derão o nome de *Quarentena*, em memoria da que teve nelle o Salvador com o seu sagrado Jejum, que serve de excellente lição para todos os homens apostolicos saberem, que o retiro, a oração, e o jejum devem ser como o preludio das suas funcções, ou como os primeiros ensaios das suas virtuosas fadigas.

Esteve, pois, alli o Divino Salvador quarenta dias, e quarenta noites sem comer, nem beber; e havendo sido figurada esta sagrada Quarentena (que antecede á pregação do Evangelho) pelo jejum de Moysés sobre o Monte Sinai nos quarenta dias, que precedêrão á promulgação da antiga Lei, quiz a Igreja santa por este motivo, que a observassem os seus filhos em todos os annos.

No fim daquelle grande Jejum Jesus teve fome fazendo cessar o milagre, que até então lh'a havia impedido; e foi isto como um signal, que deo ao demonio para o vir tentar, permittindo-lhe que procurasse conhecer por algumas provas, se era elle o verdadeiro Messias. Se bem que o mesmo Senhor não quiz tirar nesta parte todas as duvidas áquelle principe das trevas, senão depois da sua gloriosa Resurreição, em que teve toda a certeza, de que elle era o Filho de Deos.

Disse-lhe, pois, o tentador: *Se tu és Filho de Deos, dize que estas pedras se fação pão.* Porém o Salvador lhe respondeo: que não só de pão vivia o homem, mas de qualquer palavra da Boca Divina, isto é, por uma obediencia a tudo o que Deos manda; por cuja resposta Jesu Christo (sem negar que era Deos) mostrando assás que era Homem, enviou o tentador maligno tão incerto, como estava, sobre a sua Divindade.

Então o diabo o levou á Cidade santa. Não é para estranhar que o Filho de Deos permittisse ao demonio o levallo pelos ares até o logar mais alto do templo; porque maior foi o poder, que elle depois concedeo sobre a sua Sacrosanta Pessoa aos Ministros do mesmo Satanaz; e é verosimil, que o mesmo Senhor nestas duas ultimas tentações se fizesse invisivel aos olhos dos judeos; porque não sendo assim, o poderião ver naquelle logar.

Disse-lhe, pois, o demonio, que se lançasse dalli abaixo, porque estava escripto: que os Anjos o defenderião. Porém o Senhor lhe replicou com outro texto da Escriptura no capitulo sexto do Deuteronomio, em que estava prohibido o tentar a Deos.

Ainda o levou o demonio a um monte muito alto. E mostrando-lhe em compendio a magnificencia dos romanos, e dos persas, da Syria, e das Indias, &c., lhe disse, que como Senhor absoluto daquelles Estados, lh'os daria todos, com tanto que o adorasse, e lhe tributasse culto de Latria.

A facilidade, que mostrou o Salvador em se deixar conduzir pelo demonio, deo animo a este soberbo encantador, para fazer aquella ímpia proposição, reputando-o por um puro homem; porém elle, indignado de uma tão abominavel ousadia, o fez retirar da sua presença, nada mais instruido sobre o que tanto desejava.

Chegárão logo os Anjos, e o servião. Assim costuma Deos consolar aos que por elle combatem com valor. Por isso entendâmos todos, que o Ceo para nos dar a coroa, está da nossa parte no tempo da peleja. Bem póde o inimigo commum, diz Santo

Agostinho, como cão raivoso ladrar, porém se nós não quizermos, não nos póde morder.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Não attribuâmos sempre ao demonio as nossas frequentes, e miseraveis quédas, pois por grande que seja a sua malicia, a nossa desfeita nas tentações não é sempre obra sua. Tentâmo-nos a nós mesmos, e de modo ordinario com maior esforço do que o infernal inimigo o fizera. Nem o manhoso tentador necessita de empregar as suas armas contra quem no proprio coração está nutrindo o veneno, que o póde matar.

Corre-se aos theatros, ás assembleas, e escandalosos divertimentos, aonde á cara descoberta se mostra, e reina o vicio. Cresce cada vez mais o luxo, tem-se por vergonhoso o nome de Devoto, *&c. E diremos depois disto, que o demonio nos tenta? Fugi com o devido zêlo a todas estas occasiões de peccado. Frequentai a santa oração, mortificai os vossos sentidos, domai as vossas paixões, vivei como bons Catholicos, e a tentação séra para vós outros motivo de merecimento, e de triunfo.*

Não vos exponhais ao perigo, e não perecereis nelle. Desconfiai em todo o caso de vós mesmos; e reputai como vosso maior inimigo o vosso amor proprio. Observai com escrupulosa pontualidade as vossas regras, se professais o estado religioso; e em qualquer situação, que vos acheis, cumpri com fiel exactidão as vossas praticas de piedade. Fazei-vos util a frequencia dos Sacramentos; e com estas, e outras santas precauções, procurando merecer o auxilio do Ceo, todas as tentações, por mais fortes que sejão, bem longe de vos causarem damno, purificaráõ a vossa virtude.

DOMINGO 2.º DA QUARESMA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E MISSA DESTE DIA.

Passa'rão muitos seculos na Igreja, sem que este segundo Domingo da Quaresma tivesse Officio particular; porque o do sabbado precedente (unico dia de todo o anno, em que até então se conferião as Sagradas Ordens aos pertendentes Ecclesiasticos) era tão extenso, que occupava toda a noite aos Fiéis, que assistião sempre a esta função; de modo que se não acabava a Missa antes de nascer o sol neste Domingo segundo.

E como a função das Ordens começava logo depois do Officio das Quatro Temporas, (ao qual assistião tambem os Fiéis) não ficava tempo para irem jantar. Por cujo motivo, estendendo-se o jejum da sexta feira até a manhã do presente Domingo, este jejum duplicado, junto á vigilia de toda a noite, fazendo-se prejudicial a muitas pessoas, a nossa boa Mãi a santa Igreja, attenta sempre, ainda ás incommodidades corporaes dos seus filhos, repartio, e estendeo a função das Ordens aos quatro sabbados das Temporas do anno por Decreto do concilio Claramontano, em que presidio o Papa Urbano II.

Necessitando, pois, o presente Domingo de um Officio por causa desta nova disposição, tomárão algumas Igrejas o Officio da quinta feira precedente, com o Evangelho da Cananéa; outras, o da Samaritana; e outras seguírão differente rumo, segundo o seu proprio arbitrio, até que a maior parte, ou quasi todas se unírão na eleição do Evangelho do dia de hontem, que contém a Sagrada Historia da Transfiguração de Christo.

SOBRE A MISSA.

Introito.

É elle tomado do *Psalmo* 24 composto pelo Real Propheta, quando a revolta de seu filho Absalão o fez sahir de Jerusalem, fugindo a pé com alguns poucos, que seguião fiéis o seu partido. Serve-se o Espirito Santo desta afflicção penosa, afim de inspirar a todos os Fiéis os sentimentos mais devotos de penitencia, e uma viva confiança na Divina Misericordia. E na verdade, todo este *Psalmo* é uma oração devotissima, que póde fazer qualquer peccador, principalmente quando se achar combatido pelos inimigos da salvação. Quem o quizer ver traduzido, procure-o no segundo *Nocturno do Officio de Defunctos*, que trazem as nossas *Horas Marianas Portuguezas*, da ultima impressão.

David em todo este *Psalmo* exalta a Misericordia do Senhor, não só como origem principal da esperança, que nelle tem, mas ainda quando diz a Deos: *Vós, Senhor, perdoareis o meu peccado, porque é grande*, tomando a gravidade das suas mesmas culpas por motivo particular da sua firme confiança.

Como se assim lhe dissera: a vossa Misericordia, Senhor, é infinita: e atrevo-me a dizer, que nada faz maior honra á vossa immensa Grandeza, do que a vossa summa Bondade; e que nada tambem é mais proprio para fazer brilhar mais a summa Bondade

vossa, do que o perdão benigno, que concedeis aos meus peccados, por isso mesmo que são muitos, e muitos delles gravissimos.

SOBRE A EPISTOLA.

Esta carta aos Fiéis de Thessalonica foi feita no anno 52 de Jesus Christo, e é a primeira entre todas as que S. Paulo escreveo ás Igrejas. Nella exhorta o Santo Apostolo a todos os Fiéis a viverem louvavelmente no virtuoso caminho da perfeição, evitando, primeiro que tudo, qualquer sorte de immundicia, ou toda a occasião de impureza; como particularmente odiosa aos olhos de Deos, que abomina o sacrilegio da profanação, que se faz daquelle Corpo unido a uma Alma, em que Elle, mediante a sua Graça, se digna de habitar, como em seu proprio Templo.

SOBRE O EVANGELHO.

Refere-se nelle a Sagrada Historia da Transfiguração de Christo, que consistio na milagrosa mudança, que Elle fez ver no seu Corpo aos tres Discipulos sobre o Monte Thabor; porque resplandecendo, como o sol entre Moysés, e Elias, e conversando ao mesmo tempo com estes Prophetas sobre os excessos, a que o seu Amor o obrigava até á morte, mostrava desta maneira, que toda a gloria de um bom Christão sobre a terra, deve ser a pratica da mortificação, e o exercicio da Cruz.

A immensa gloria, que gozava o Salvador (como Deos que era) só por uma suspensão prodigiosa lhe não passava da Alma ao Corpo. Porque o fim, que Elle se propoz no primeiro instante da Incarnação, e a eleição que havia feito desde toda a eternidade de remir o Genero Humano pelo meio das humilhações, e pela ignominia da Cruz, estavão pedindo aquelle Milagre. Pois se os mesmos judeos, vendo-o assim glorioso o conhecessem por quem era, nenhum delles o maltratára.

O Angelico Doutor Santo Thomaz, com outros Padres, dizem que se transformára Christo na sua Fé, e na sua Esperança. Porque ainda que muitas vezes o vírão obrar grandes prodigios, comtudo, como elles sabião que tambem um Moysés, um Elias, e outros Prophetas havião feito milagres, necessitavão de outra prova maior, (qual foi a Transfiguração) que lhes désse uma idéa mais proxima da Divindade do Salvador; e assim mesmo da felicidade eterna, que sería para cada um delles a gloriosa recompensa dos seus trabalhos.

E a eleição, que Elle fez daquelles tres Apostolos, entre os mais Discipulos, foi, porque S. Pedro havia de ser o Primaz dos Pastores da sua Igreja, e Sant-Iago tinha de ser o Martyr primeiro entre todos os Apostolos; e emfim S. João por ser entre os Evangelistas o que mais claramente conheceo, e publicou a sua Divindade, além de outras razões, que deixâmos de referir. Porém se Jesu Christo levou estes Apostolos ao Monte Thabor, tambem os conduzio ao Monte Olivete, porque Elle só participa a suave doçura das suas glorias aos que o acompanhão com fidelidade na amargura das suas penas.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

A solidão, e o retiro são insupportaveis aos mundanos, que necessitão do tumulto, ou conversação com os outros, para removerem os estimulos, ou não sentirem os remorsos, que lhes penetrão as consciencias. Porém vós, ó almas, que viveis na innocencia, e amais a solidão, perseverai constantes, mortificando os vossos sentidos, e tende a certeza de que chegareis a gostar as doçuras, que Deos costuma conceder aos seus Servos.

Uma das principaes industrias, de que usa nesse santo tempo o inimigo do Genero Humano, é fazer-nos menos sensivel a mortificação do nosso jejum, pela multidão dos negocios temporaes. Cumpri, pois, como deveis, todas as vossas obrigações; porém regulai-as por tal modo, que não vos perturbem o interior retiro, nem vos embaracem o principal negocio da vossa salvação eterna.

Tende um dia de retiro em cada semana da Quaresma; e quando as obrigações do vosso estado vos não permittão este retiro, procurai comtudo andar no tal dia com o possivel recolhimento, e Deos vos fará gostar a doçura, que se encontra no seu serviço, se o vosso coração lhe for fiel; vêde se podeis hoje, ou na Igreja, ou na vossa casa, ter uma meia hora de lição, e consideração attenta sobre a felicidade dos tres Apostolos, que forão as unicas testemunhas da sua Transfiguração gloriosa, e guardai esta pratica em todos os Domingos da Quaresma, á proporção do Mysterio daquelle dia.

DOMINGO 3.° DA QUARESMA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E MISSA DESTE DIA.

Este terceiro Domingo (que tem vulgarmente o nome do *Demonio Mudo*, por causa da historia, que delle refere o Sagrado Evangelho) denominava-se algum tempo o *Domingo dos Escrutinios*, por ser o primeiro dia, em que se examinavão os Catecúmenos, que havião de ser baptizados no fim da Quaresma; e por occorrer o meio desta na quarta feira da presente semana, entravão logo todos os Fiéis a duplicar a sua devoção, e augmentar o seu fervor, ao passo que se hião chegando os sagrados dias, em que celebra a santa Igreja os grandes Mysterios da nossa Redempção, venerando a Paixão, tormentosa Morte, e sacrosanta memoria da gloriosa Resurreição do Salvador do mundo.

SOBRE O INTROITO.

É elle tomado do verso 16 do Psalmo 24 de David, o qual, como dissemos, é uma affectuosa oração do homem consternado, que, perseguido por aquelles mesmos, a quem tem feito beneficios, não acha consolação alguma, senão só em Deos, que é todo o objecto, e unico motivo da sua confiança. David, insultado por Absalão, seu ingrato filho, implora o soccorro de Deos na sua afflicção; e considerando aquelles flagellos como justas penas dos seus peccados, entra em grandes sentimentos de penitencia. Não ha, pois, afflicto algum a quem este Psalmo não convenha; e que, valendo-se do espirito delle, não deva dizer a Deos na sua maior consternação:

« Omnipotente Senhor, accenda-se embora contra mim o fogo da perseguição mais violenta, que eu não apartarei de Vós os meus olhos; persuadido sem a menor duvida, de que Vós me valereis em todos os meus perigos. Não repareis, ó Deos de Misericordia, nos meus muitos, e graves peccados: attendei-me sim com benigno aspecto; porque eu destituido de todo o soccorro, sou bem digno objecto do vosso coração compassivo.

« Eu não encontro mais que infidelidade, e desapego nos que se davão por meus amigos; e quando menos, dissimulação, ou indifferença em todos os mais, que me são alheios. Em quanto a fortuna me era prospera, achava muitos ao meu lado: agora, porém, depois que cahi na desgraça, quasi me vejo só sem alguma companhia, e só Vós, meu Deos, sois a minha consolação, o meu vigor, a minha fôrça, e toda a minha esperança. »

SOBRE A EPISTOLA.

Havia S. Paulo no anno 54 de Jesu Christo prégado o Evangelho na Cidade de Efeso, Metropoli da Asia menor, entre cujos moradores reinava a magica, a idolatria, e a lascivia com o superstitioso culto da deosa Diana. E para que os Fiéis, que alli deixára, se não pervertessem com os máos exemplos dos gentios, escreveo-lhes depois esta carta, exhortando-os a viver na maior perfeição, como verdadeiros filhos da luz.

Sêde imitadores de Deos, dizia São Paulo áquelles Fiéis, e por elles a todos os mais. Não para que aspirassem ás perfeições de Deos inimitaveis, quaes são a sua Omnipotencia, Grandeza, Formosura, Sabedoria, &c., mas para que imitassem a sua Doçura, a sua Bondade, a sua Paciencia em supportar os que os offendem, a sua Misericordia sem limites, e a sua inclinação a perdoar, e fazer bem áquelles mesmos, que por varios modos o têem aggravado.

Não vos deixeis enganar com palavras vans. Havendo-nos explicado o Doutor das Gentes, em que devemos imitar a Deos, propondo-nos para este effeito a Caridade, a Pureza, e a Santidade de Deos, e de seu Filho Jesu Christo, como nosso Modêlo; e dando-nos uma justa idéa dos vicios oppostos a estas virtudes, especialmente do da impureza, e da avareza, passa logo a advertir-nos, que evitemos uma perigosa rede, armada pelo demonio, qual é o artificioso engano.

Porque não sómente os antigos filosofos, e os hereges modernos ensinárão, e ensinão ainda, que aquelles vicios podem ser permittidos, ou que não são, pelo menos tanto como os considerão, perniciosos; mas ainda entre os máos Christãos ha muitos, que simuladamente procurão diminuir-lhes o horror, e as suas conversações, e caprichosos discursos são tanto mais capazes de perverter as almas incautas, quanto mais se confirmão, e lisongeão as paixões da natureza corrupta; e por isso recommenda o Santo Apostolo, que com estes taes se não tenha sociedade, nem se faça algum commercio.

SOBRE O EVANGELHO.

Acabando Christo de converter em casa de Simão Fariseo a celebre peccadora publica, trouxerão á sua presença um miseravel homem, que era cego, e surdo; porque o demonio, que o possuia, lhe tirava o uso da vista, e da falla. É este um vivo exemplo do infeliz peccador, que na verdade é *cego*, preferindo um interesse temporal á posse do mesmo Deos, inexhaurivel Fonte de todos os bens, e expondo-se por um vergonhoso prazer momentaneo a padecer

todo o rigor de um supplicio eterno. E é tambem *mudo*, quando vencido de um indigno pejo, fecha a propria boca, para não confessar o seu peccado.

Expellido, pois, por Jesus o demonio, fallou o mudo no mesmo instante, e alcançou tambem a perdida vista, o que succede a cada passo na conversão do peccador; pois se devéras se arrepende, e consegue o divino perdão, já falla, já pensa, e já vê as cousas por outra fórma, totalmente diversa da que antes praticava entre as desordens da sua vida.

Entre a multidão das gentes, que presenceárão aquelle prodigio, atrevêrão-se a dizer alguns Fariseos malignos, que o Salvador o fizera em nome de Beelsebub, principal cabeça dos demonios. E aqui têem os servos do Senhor uma grande consolação, quando pelo bem que obrão se lhes attribue outra causa muito diversa do Espirito de Deos, que os anima. Outros pedião a Christo algum signal celeste, porque o incredulo procura sempre outras provas da Religião, como tambem o peccador quizera sempre novas graças para se converter, ás quaes um, e outro (ainda depois de conseguidas) talvez resistiria com igual obstinação, e dureza.

Vendo então Jesus o que elles pensavão, não formou alguma queixa de tão grosseira calumnia; disse-lhes sómente com a sua doçura ordinaria, e em substancia, desta maneira: «Eu procuro destruir o Reino de Satanaz, expellindo-o dos corpos, e extrahindo-lhe as almas, pela irreprehensivel Santidade do meu Exemplo, e Doutrina. Como se póde, pois, verificar, que Eu me valho do seu poder, quando assim o pertendo destruir?

«Além de que, vós não ignorais que muitos dos vossos filhos, que seguem os meus conselhos, expulsão os demonios em meu Nome; e que a todos os meus Discipulos tenho Eu participado a mesma poderosa virtude. E direis então, que em nome de Beelsebub obrão elles estes prodigios? Logo se Eu destérro, e faço fugir os demonios pela virtude do Omnipotente, que maior signal podeis querer, nem mais clara prova de ser Eu o vosso Messias?»

Este argumento não admittia réplica; porém os judeos não se derão por vencidos; porque a uma cegueira voluntaria de nada servem todas as luzes. E indignado o Senhor da obstinada perfidia daquella Nação ingrata, lhe deo logo a entender, com as mysteriosas parabolas do *Forte armado*, e do *Espirito immundo*, a situação lastimosa, em que se achavão; tremenda origem da sua final perdição, e destruição total!

E ainda no que disse, e replicou á Mulher das Turbas, que affectuosamente o louvava, e a sua Mãi Santissima, lhes deo uma nova instrucção a este respeito; como se assim lhes dissera: «É bem verdade, que o illustre Privilegio de minha mãi é grande, e incomparavelmente maior do que todos os homens, e Anjos podem comprehender. Mas tende por certo, que se a eleição não fosse acompanhada pela sua parte de uma docilidade perfeita, de uma humildade profunda, de uma pureza immaculada, e de uma santidade completa, toda a predilecção, ou antecedente amor, que Eu, e meu Pai tinhamos para com ella, de nada lhe serviria.»

Assim quiz o Salvador fazer entender aos judeos, (que quanto mais o ouvião, se mostravão menos dóceis e cada vez mais se obstinavão) que todo o amor antecedente, que Deos lhe tivera, concorria para os fazer mais infelices, tornando-se elles mais perversos; e que outro tanto succederia a qualquer peccador, que ouvindo, e lendo a sua Doutrina, a desprezava, e não a observava como devêra.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Vêde com que zêlo, (diz S. Bernardo) e com que sentimentos de devoção quiz o Eterno Deos que honrassemos todos a sua Grande Mãi, na qual collocou Elle, como em um Thesouro, todas as sortes de bens, para que podessemos participar por seu meio as maiores graças, beneficios, e favores. Por isso não houve jámais algum Santo, que não fosse por extremo devoto desta Mãi Santissima.

E até se póde dizer, que esta preciosa devoção caracteriza, e como que faz conhecer aos escolhidos, por ser tão ordinaria, ou inseparavel das almas justas. E ainda se deve notar, que se houve grandes peccadores, que no meio das suas desordens tiverão uma veneração constante para com a Santissima Virgem, a sua conversão não esperada faz conhecer com evidencia, que a devoção para com a Mãi de Deos não fica jámais infructuosa.

Alistai-vos, pois, por um dos seus mais fiéis, e affectuosos servos; e não deixeis passar nem um só dia, sem dardes disto mesmo uma evidente prova. Fazei-vos uma lei de rezar quotidianamente o seu Officio, o seu Rosario, ou o seu Terço, e cada vez com maior attenção, e devoção particular. Conservai a sua Imagem, não só no vosso oratorio, mas ainda nos principaes aposentos da vossa casa. Celebrai com a perfeição possivel as suas festas em todo o anno, e particularmente uma da vossa maior devoção. Dai sempre que poderdes alguma esmola, e fazei alguma obra boa em seu obsequio, e inspirai tudo isto aos vossos subditos, e amigos; porque esta foi sempre a virtuosa pratica de todas as almas justas.

DOMINGO 4.° DA QUARESMA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E MISSA DESTE DIA.

O quarto Domingo da Quaresma foi sempre uma das solemnidades mais distinctas da Igreja, sendo um daquelles cinco Domingos do anno, que se denominão *Principaes*, por serem immoveis, e não cederem no rito a qualquer outra festa. E a razão motiva para esta especial solemnidade, é por celebrar a Igreja no presente dia o famoso Milagre da multiplicação dos cinco pães, um dos effeitos mais illustres da Omnipotencia do Salvador, e o que fez tal commoção no reconhecimento do povo, que o queria eleger, e acclamar por seu Rei.

Antes que a festa deste Milagre se annexasse ao presente Domingo, unia-se com a do primeiro Milagre de Christo, celebrando-se a sua memoria no dia mesmo da Epifania, por se julgar que nelle acontecêra (segundo uma antiga tradição) a multiplicação milagrosa dos cinco pães no deserto.

A Igreja santa, para compensar a seus filhos, com antecedentes jubilos, os sentimentos de tristeza, que depois devem ter pela Paixão do Salvador em toda a semana, que se segue a esta, manda que no dia de hoje se sirva do orgão para a celebridade da festa: permitte que os altares se adornem com flores; e ordena que os Cardiaes, omittindo a côr violacea, ou rôxa, se vistão todos de encarnado.

E por esta mesma causa se celebra em Roma no dia de hoje a solemne *Festa da Rosa*, cuja ceremonia consiste na benção particular, que faz o Papa sobre uma rosa de ouro na Igreja de Santa Cruz de Jerusalem, donde, acabada a Missa, os Cardiaes, todos vestidos como fica declarado, acompanhão processionalmente ao Summo Pontifice, que traz na propria mão aquella rosa, e a envia depois a algum Principe.

SOBRE O INTROITO.

São tomadas as suas palavras do capit. 66 do Propheta Isaias, onde o Varão santo, depois de vaticinar, quasi com expressos termos, a conversão dos gentios á Religião do Salvador, na figura dos judeos livres do captiveiro de Babylonia, e restituidos á sua patria, convida a todo o povo escolhido para as demonstrações do maior jubilo, e rompe nesta expressão com justo assombro: *Quem vio, nem ouvio jámais outra cousa similhante!*

E na verdade que cousa mais prodigiosa que a conversão dos gentios á Fé de Christo por doze pobres pescadores, sem forças, sem riquezas, e sem letras? Que cousa, digo, mais prodigiosa, que emprehenderem aquelles pobres homens a reformação de toda a terra, e persuadir a umas gentes, nascidas na dissolução, (como creadas na desordem dos costumes, e entregues á libertinagem dos sentidos) a dar credito a uns Mysterios inaccessiveis ao entendimento humano, e submettellas ao rigoroso jugo de uma moral apertada?

E o mais é, que esta mesma Religião se estendesse em menos de um seculo por quasi todos os Reinos da terra, e que apesar das opposições continuas da carne, e perversão do espirito, e das mais horriveis perseguições dos potentados do mundo, se fosse multiplicando, e persistindo sempre, sem a menor alteração, na sua moral, e na sua Fé, ha mais de dezesete seculos, como tem de durar até o fim dos tempos! Isto é, pois, o que deixava attonito, e não acabava de admirar aquelle Varão santo.

SOBRE A EPISTOLA.

É ella tirada das instrucções de S. Paulo aos Fiéis de Galácia, (Provincia da Asia menor, que confina pelo Oriente com a Capadocia, pelo Meio-dia com a Pamfilia, pelo Occidente com a Bithinia, e pelo Norte com o Ponto Euxino) aos quaes oppõe o Santo Apostolo a liberdade da Lei nova á servidão da Lei antiga, na figura de Ismael, e Isaac, filhos de Abrahão; aquelle nascido de Agar escrava, e este de Sara livre.

Tudo isto, diz S. Paulo, é uma expressa allegoria, que naquellas duas mulheres, e seus dous filhos, nos representa as duas allianças, ou os dous Testamentos; um de pessoas escravas, quaes fôrão os infelices hebreos; e outro de pessoas livres, quaes vem a ser os Fiéis Christãos.

Assim, pois, só os venturosos filhos da mystica Sara, a Igreja nova, são as pessoas livres, ou as pessoas nobres; como illustremente privilegiadas, ou felizmente addictas a um culto espiritual, e divino, em que Deos é adorado em espirito, e verdade; onde só por amor, e temor filial é servido; e aonde emfim não ha verdadeira servidão, mais que a do peccado. E se esta adoração em espirito se achou entre alguns justos do Antigo Testamento, foi só por pertencerem pela Graça, e pela Fé em Jesu Christo, ao numero dos Filhos do Testamento Novo.

Mas que diz a Escriptura? Lança fóra a Escrava, e o seu Filho, &c. Segundo o sentido literal, e allegorico, queria S. Paulo mostrar aos Fiéis Galatinos, que devião desterrar, ou evitar o consorcio dos perfidos israelitas, que os perseguião; isto é, os falsos Apostolos, que os enganavão, quando com dolosos discursos lhes querião persuadir, que

o Santo Evangelho não os podia salvar, sem o penoso jugo da Circumcisão, e das outras observancias da Lei de Moysés.

E segundo o sentido moral, ensinava o mesmo Santo a todos os Fiéis Catholicos, que devem logo destruir, precaver, e desterrar tudo o que é motivo de espiritual ruina; como são as occasiões proximas, os odios radicados, as paixões dominantes, e o mais que póde impedir a nossa eterna salvação. Porquanto a divina recompensa é só concedida aos virtuosos filhos da Igreja, aos venturosos filhos da Promessa, aos obedientes filhos de Deos, aos verdadeiros israelitas, segundo o espirito, aos legitimos herdeiros do Pai, aos irmãos, e coherdeiros do melhor Isaac, Jesu Christo, nosso Senhor, que por sua Bondade infinita quiz que fossemos pela Graça, o que Elle é por Natureza.

SOBRE O EVANGELHO.

Corria já o terceiro anno da Prégação de Jesu Christo, e recolhendo-se os seus Apostolos da missão, a que Elle os tinha enviado, foi logo com elles ao mar de *Tiberiades*, (ao qual se deo este nome, pelo da Cidade, que junto a elle se fundou á honra do Imperador Tiberio) e havendo-se alli embarcado, passou ao deserto, que fica proximo ao logar de *Bethsaida*, (do qual tambem tomou o nome) para dar algum descanço aos amados Discipulos, depois dos seus trabalhos apostolicos. Porém logo que a noticia desta ausencia chegou ás Villas, e Cidades circumvizinhas, cahio dellas um copioso numero de habitadores, que pelo grande desejo que tinhão de ver, ouvir, e fallar a Jesus, não reparavão nos incommodos, e distancia da jornada.

Havia o Salvador subido a um monte, onde estava de assento com os seus Discipulos. E divisando daquelle sitio a multidão do povo, que vinha em seu alcance, desceu ao plano para lhe poupar o trabalho da subida. E fazendo-se ver a todos com a sua costumada doçura, entrou a dar-lhes o espiritual alimento, ensinando-lhes as maximas da mais alta perfeição, e lançando nos seus corações as primeiras sementes do Evangelho, afim de os dispor desta maneira para celebrarem melhor a proxima Paschoa.

Passada, pois, nestas praticas a maior parte do dia, disserão os Apostolos ao Divino Mestre, que era tempo de despedir aquelle povo, porque viera de longe, e estava em jejum. E logo o Salvador (que tinha a este proposito muito maior cuidado do que elles mesmos) obrou o grande milagre da copiosissima multiplicação dos cinco pães, e dous peixes, com todas as circumstancias que expressa o Sagrado Evangelho.

Procurem logo todos os pobres, e por qualquer modo afflictos, procurem a Jesu Christo, á imitação daquelle povo. Apresentem-lhe por meio dos seus Santos as suas proprias supplicas com uma inteira confiança na sua benigna Providencia. E portando-se deste modo, creião com certeza, que quando os não livre das suas necessidades, os fará supportar a sua indigencia com aquelle interior prazer, e gloriosa alegria, que só bem se conhece quando se experimenta na alma.

Agradecidas aquellas gentes ao presente beneficio do Salvador, discorrêrão, que Elle era o seu Messias, e entrárão no pensamento de o acclamarem por seu Rei. Porque o povo judaico, todo carnal, e grosseiro, esperava sempre ao Messias na pomposa magnificencia de um poderoso Principe, que os faria gozar de todos os bens, e felicidades da terra. E por isso aquellas gentes, vendo que tinha o Salvador tanto Poder, e Bondade no simples estado de Propheta, discorrêrão, que collocado Elle no Throno, faria por estes, e outros modos muito mais glorioso o seu Dominio.

Mas o Divino Redemptor, que resolvêra desde a eternidade salvar os homens por sua propria Morte, e estabelecer a sua Igreja pela paciencia, e pelos trabalhos, fundando o edificio espiritual da virtude sobre o alicerce da humildade, e semeando o caminho do Ceo de penosas cruzes, e penetrantes espinhos, logo que percebeo aquelle pensamento, retirou-se, e fugio para o monte, recusando o esplendor das grandezas mundanas, como alheias, ou incompetentes á santidade do seu Ministerio.

REFLEXÕES E EXERCICIOS.

Como todos os estados da vida, no gremio da Igreja Catholica, são outros tantos caminhos, que, segundo a ordem da Divina Providencia, conduzem as gentes á salvação eterna, fazei o devido apreço, e cumpri todas as obrigações do vosso estado presente com a maior exactidão, que fôr possivel, servindo-vos por tal modo das vossas mesmas occupações, que vos não sejão de impedimento para a santificação do vosso Espirito. E não vos desanimeis, quando vos sobrevenha algum caso adverso; porque assim como não ha rosa sem espinhos, tambem não ha vida sem Cruz.

E' uma pratica bem util a qualquer Christão fazer em todas as manhãs uma oração a Deos, supplicando-lhe o seu Auxilio para cumprir, como é justo, os encargos, e obrigações do proprio estado. Póde, pois, servir-se desta, que compoz para o mesmo effeito o glorioso Doutor Angelico:

« Concedei-me, benigno Deos, que eu saiba de-
« sejar com ardor, investigar com prudencia, co-
« nhecer com verdade, e cumprir com perfeição o
« que fôr do vosso agrado, para louvor, e gloria
« do vosso Nome. Regulai, Senhor, o meu estado;
« e dando-me um claro conhecimento do que quereis
« que eu faça, concedei-me o preciso esforço, para
« que o cumpra, como é justo, em utilidade do meu
« espirito.

« Meu Deos, e meu Senhor, fazei que eu me

« *não desvaneça no prospero, nem desfaleça no ad-*
« *verso ; que não tenha pezar , nem prazer , senão*
« *do que me extrahir de Vós, ou a Vós me condu-*
« *zir ; e que nada neste mundo appeteça eu com pra-*
« *zer , e a ninguem tema desagradar , senão só a*
« *Vós, e como Vós o quereis.*

« *Que eu, Senhor, tenha por vil tudo o que é*
« *transitorio, e só me seja amavel tudo o que é vosso,*
« *e Vós, meu Deos, sobre tudo. Que todo o prazer,*
« *que não fôr por Vós , se me faça molesto ; e que*
« *nada fóra de Vós me excite o desejo. Concedei-me,*
« *finalmente, meu Senhor, e meu Deos, que eu com*
« *a vossa Graça use de tal modo dos vossos peren-*
« *nes beneficios neste miseravel desterro, que mereça*
« *depois a vossa gloriosa vista , com immensos ju-*
« *bilos na eterna Patria. Por nosso Senhor Jesu*
« *Christo, vosso Filho, que comvosco vive, e reina*
« *em unidade de Deos Espirito Santo por todos os*
« *seculos dos seculos. Amen.*

DOMINGO 5.° DA QUARESMA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E MISSA DESTE DIA.

Começa a Igreja no dia de hoje a preparar os nossos affectos para a consideração particular da Paixão de Christo ; porque em tal dia como hoje os Sacerdotes , e Doutores da Lei , os Escribas, e Fariseos assentárão em pleno concilio procurar a morte do mesmo Senhor , assim para desafogo da furiosa inveja, que lhe tinhão, como para suspender a torrente dos novos Discipulos, que a cada passo se lhe aggregavão ; não só pela sua Doutrina, senão muito mais pela resurreição de Lazaro.

Penetrada, pois, a nossa boa Mãi de tão justa pena, encobre as Imagens dos seus altares, em demonstração da sua tristeza ; usa de patheticas orações que denotão a sua dôr, e afflicção ; retira dos seus Officios as ordinarias doxologias , ou canticos de alegria ; e destina para primeiras Lições dos seus Nocturnos as palavras do Propheta Jeremias , que expressamente vaticinou as dôres de Jesu Christo na sua Paixão , e as infelicidades, causadas pelas culpas daquelles , a quem este Divino Salvador vinha remir com o preço do seu Sangue.

Logo se a casta Esposa (concluem os Santos Padres) está toda possuida de amarga dôr , e tristeza, não devem admittir os seus filhos, nem o menor sentimento de alegria profana. Pois que maior impiedade , nem mais escandalosa incoherencia, do que apparecerem os filhos em publico com brilhante apparato, e ainda occuparem-se em alegres divertimentos , ao mesmo tempo que a Mãi dolorosa está gemendo em afflicção, e submergida em amargura? O Christão , que tal fizesse neste tempo da Paixão, sería reputado por apostata na Igreja primitiva.

SOBRE O INTROITO.

É elle do Psalmo 42 , em que David, desterrado, e perseguido por Saul , suspira pelo seu retorno , para poder entrar no Tabernaculo santo. Elle pede esta Graça ao Senhor, e se consola com a esperança de a conseguir. Porém roga-lhe ao mesmo passo , que faça conhecer a sua innocencia. Compoz David este Psalmo no tempo, em que Jonathas lhe declarou , que Saul havia tomado a resolução de o matar. E isto foi sem duvida o que moveo a santa Igreja a escolher o presente Psalmo para o memoravel tempo, em que os Escribas, Fariseos, e Sacerdotes do povo judaico resolvêrão em pleno concilio procurar a Morte do Salvador do mundo.

SOBRE A EPISTOLA.

Nesta veneravel carta , que escreveo S. Paulo aos hebreos , e que é sem duvida um dos mais preciosos monumentos, que se conservão na santa Igreja, mostra-lhes o Santo Doutor com toda a fôrça da eloquencia a superioridade infinita da Lei nova sobre a antiga ; provando com razões efficacissimas , que todos aquelles sacrificios de expiação , e acção de graças erão não mais que uma sombra do Sacrificio , e da Morte de Jesu Christo no Calvario ; por ser elle a unica Victima capaz de satisfazer pelos peccados do mundo.

Lê-se no Livro dos Numeros, que uma das ceremonias legaes era sacrificar solemnemente uma vacca loura , a qual degolada na presença do povo , era logo queimada. E o Sacerdote, ajuntando as suas cinzas em um grande prato, as distribuia pelo mesmo povo, para que, misturando-as com agua, lhe servisse de purificação para as maculas , contrahidas pelo contacto de um corpo morto, ou de outra cousa immunda.

Tudo isto era mysterioso, e ainda necessario , porque os israelitas grosseiros , nascidos, e creados entre as superstições dos egypcios , tinhão precisão destas ceremonias materiaes , e sensiveis , que lhes fizessem perder as idéas daquelles barbaros ritos. E como um dos mais recommendados preceitos entre os mesmos egypcios era não dar morte ás vaccas ,

por serem entre elles mui veneradas, em consideração da deosa Isis, a quem adoravão na figura deste vil animal; por isto sem duvida, para inspirar aos israelitas o horror devido a umas ceremonias tão indignas, ordenou o Senhor, que lhe sacrificassem aquella vacca, (falsa deosa dos egypcios) e se servissem das suas cinzas, misturadas com agua, para expiação das suas legaes immundicias.

Portanto, pois, (conclue o Santo Doutor) se a aspersão do sangue dos touros, e cabritos, e se o mixto da agua com a cinza de uma vacca santifica os que estão immundos, purificando-os, segundo a carne, (isto é, pondo-os, e fazendo-os capazes de poderem chegar ás cousas santas, e serem participantes do Divino culto) quanto mais o Sangue de Christo, Deos, e Homem verdadeiro, derramado por um affecto livre do seu coração, e do seu amor, poderá fazer-nos puros de todas as espirituaes immundicias, que causa em nós o peccado?

A razão desta consequencia vem a ser: porque aquelles animaes, não por si mesmos, mas obrigados por mão alheia, erão apresentados nos altares para serem victimas. E Jesu Christo por sua vontade propria se offereceo a morrer no Altar da Cruz, como Victima sem macula, pelos peccados do Genero Humano, fazendo-nos render a Deos vivo um precioso culto. Isto é dizer: que a Oblação de Jesu Christo foi voluntaria, santa, espiritual, e de um preço infinito; qualidades, que faltavão nos sacrificios dos animaes que entravão nas legaes ceremonias.

SOBRE O EVANGELHO.

Achando-se o Salvador no templo cinco, ou seis mezes antes da sua morte, fez um largo, e admiravel discurso a uma grande multidão de povo, que o ouvia; explicando-lhe a união, que Elle tinha com seu Pai, o caracter, e poder supremo, que delle havia recebido, a incontestavel authoridade da sua Divina Missão, a deploravel cegueira dos que recusavão reconhecello, e acceitallo, e a excellencia, e verdade summa da sua Divina Palavra.

«Porque emfim (lhes dizia) não póde haver mais que dous pretextos para a vossa dura incredulidade; ou algum defeito, que encontreis nos meus costumes, ou tambem algum erro, que acheis na minha Doutrina: Vós, pois, que ha tantos tempos, e com malignidade tanta, observais os meus procedimentos, dizei, se me achastes até agora tanto na Doutrina, como na Vida comprehendido em alguma falta?

«Logo se me considerais livre de toda a culpa; se as minhas Obras, e as minhas Leis são igualmente irreprehensiveis; se Eu vos não proponho mais que a pura verdade; e se tudo o que vos persuado sempre o authorizo, assim com a pureza dos meus costumes, como com o resplandor dos meus milagres, porque não dais credito ao que vos digo?»

A esta censura tão bem fundada, e tão benigna, só respondêrão os judeos com injurias, e blasfemias, chamando ao Salvador *Samaritano*, e *Endemoninhado*. Tinhão elles um summo odio, e o maior desprezo para com os samaritanos, reputando-os como inimigos declarados da sua Religião, e da Lei de Moysés. E davão o nome de *Samaritano* ao Salvador, porque Elle não os desprezava, antes por alguns dias assistíra com elles em Sichem, prégando-lhes a Palavra de Deos.

Elle, pois, que não desejava mais a salvação dos judeos, que a dos samaritanos, não se dedignou de lhe arrogarem o seu nome, satisfazendo-se com dizer sómente: que Elle não era possuido do demonio; e que se propunha as suas Verdades com maior fôrça, do que talvez querião, não devião tomar por imprudente furor, o que era na realidade caritativo zêlo. Que Elle, como puro Homem, não procurava a sua propria gloria reservando-a toda para Deos, sobre quem recahião as injurias, com que o tratavão. Se bem que, como supremo Juiz, não deixaria de castigar aos seus calumniadores. E logo para temperar (digâmos assim) esta terrivel ameaça com uma agradavel promessa, concluio, dizendo: «Eu vos asseguro, que todo o que observar os meus Preceitos, não morrerá eternamente.»

Porém os malignos judeos, que desprezavão igualmente as suas Promessas, e as suas Ameaças, respondêrão com indignação: «Que agora conhecião mais que nunca, que era o demonio, que nelle fallava; porque Elle não era maior do que Abrahão, nem que algum dos outros Patriarchas, e Prophetas, a nenhum dos quaes perdoou a morte. Assim formavão este discurso aquelles homens perversos, rolando sobre um falso principio, de que Jesu Christo fallava da temporal vida, quando Elle só tratava da eterna.

Aqui, pois, o Salvador, passando a tomar um tom de Mestre, e Senhor Supremo, querendo-lhes persuadir sem allegoria, e sem figura, que elle era Eterno, como Deos, concluio, protestando-lhe, que elle já era, e existia antes de Abrahão vir ao mundo. Bem percebêrão os judeos querer dizer o Salvador, que Elle era tão Eterno, como seu Pai. E comtudo isso, tomárão pedras contra Elle, julgando-o naquella proposição por um temerario blasfemador. Porém Jesu Christo, que queria morrer crucificado, e não apedrejado, fazendo-se invisivel, desappareceo a seus olhos, e sahio do templo, reservando o Sacrificio da sua Vida para o tempo, que seu Pai lhe destinára.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Deos occulta-se alguma vez aos seus mais fiéis, e mais amados Servos, e então, melhor que nunca, mais a elles se avizinha. Esconde-lhes a sua Presença sensivel, só para os provar, ou para lhes avivar mais o seu amor para com Elle, fazendo-lhes mais intenso o Divino Fogo, que os abraza. Bem

assim como uma affectuosa mãi se esconde alguma vez por ternura a um seu amado filho, para o ver mais obrigado a dar-lhe novos signaes do seu amor com suas lagrimas, e gemidos.

Portanto, pois, quando Deos quizer pôr-vos em similhantes provas do vosso amor para com Elle, guardai-vos bem de vos affligirdes. Antes soffrei com resignação, e paciencia aquellas seccuras, ou aquella especie de desamparo, e amai então, e servi ao mesmo Senhor com maior fervor, e fidelidade; porque nunca Elle vos teve maior affecto, nem esteve mais perto de vós outros.

Mas temei sobre tudo o fazer por vossas infidelidades, que Deos se aparte de vós; por ser esta a maior de todas as desgraças, e o mais horrivel dos seus castigos. Temei, pois, por isto mesmo aquellas frequentes recahidas nas mesmas culpas, e aquellas infidelidades habituaes nos vossos quotidianos procedimentos, que nascem da vossa grande tibieza; e que têem de modo ordinario por castigo este desamparo de Deos, e o seu formidavel silencio.

E sabei, portanto, que aquellas confissões frequentes, em que vos accusais sempre das mesmas culpas, ou leves, ou graves, devem constituir-vos em um bem fundado temor, de que abusais dos Sacramentos. E como este fatal abuso costuma ser punido, como já fica ponderado, examinai-vos com attenção sobre este ponto, e reformai-vos, se vos achais delinquentes.

SEXTA FEIRA

ANTECEDENTE AO DOMINGO DE RAMOS.

FESTA

DAS DORES DE NOSSA SENHORA.

SOBRE OS MYSTERIOS DESTA FESTA.

A FESTA das Dôres de N. Senhora denomina-se em algumas Igrejas a *Festa da Compaixão da Santissima Virgem, ou de Nossa Senhora da Piedade.* A parte que teve a Santa Virgem na Paixão, e Morte de seu Divino Filho, de que ella sentio, pelo modo mais vivo, todas as dôres, que Elle soffreo; todos os opprobrios, de que Elle foi saciado; e todas as amarguras, em que a sua Alma foi submergida, tudo isto deo occasião a esta devota, e religiosa solemnidade.

O estylo affectuoso, com que fallão os Santos Padres do que a Santa Virgem padeceo interiormente no tempo da Paixão de Jesu Christo, (que elles chamão a *Paixão, e Martyrio da Santa Virgem*) faz ver com evidencia a veneração, e devoção singular, que tiverão os Fiéis em todo o tempo para com as Dôres desta Divina Mãi afflicta, que fizerão que a Igreja lhe désse o glorioso titulo de *Rainha dos Martyres.*

A festa da Compaixão da Santa Virgem, ou de Nossa Senhora da Piedade, foi instituida no anno de 1423 em o concilio de Colonia, para compensar de algum modo as injurias, que havião feito os Hussítas á honra, e culto desta adoravel Mãi; contra a qual tinhão vomitado mil blasfemias, condemnando especialmente as Sagradas Imagens, que representavão a mesma Senhora com seu filho nos braços, depois de descido da Cruz.

Em alguns logares, para fazer-se uma preparação continua á Paixão de Jesu Christo, assignou-se o dia 18 de março, como proprio para esta festa; por ser o oitavo antes do dia 25, em que se diz que morreo o Salvador. Em outras partes fazia-se a festa de Nossa Senhora das Dôres no sabbado immediato ao seguinte Domingo de Ramos, como dia da semana particularmente consagrado á devoção da Santissima Virgem. Porém depois julgou-se mais a proposito fazer esta festa movel, collocando-a em o dia oitavo antecedente ao de sexta feira Santa, para lhe dar mais proporção com o da memoria da paixão do Redemptor.

Não é possivel comprehender o muito que padeceo esta Mãi Santissima, com os olhos na salvação dos homens, no tempo da Paixão do seu amado Filho. Mas façâmos um breve extracto das suas penas, para recebermos alguma luz em tantas sombras.

Uma Mãi, qual é Maria, obrigada a ver tirar a vida á primeira porção da sua Alma! Uma Mãi de um Filho, qual é Jesus, obrigada a impulsos do seu amor a contemplar em um deicidio, ou na morte de um Deos! A recolher em si o precioso Sangue, que corria daquellas veias despedaçadas! A ser vista daquelles olhos, que girando amorosos entre desmaios, causarião ternura a um coração de bronze! A ver inclinar, e desfallecer em agonias de morte

aquelle Rosto, que tantas vezes acariciára com os seus osculos! A assistir finalmente aos ultimos parocismos da vida, em que perdia um seu Filho, um seu Pai, um seu Deos, e o seu Tudo! Rigoroso martyrio! Incomprehensivel tormento!

Maria, Mãi de Deos, vendo padecer, e expirar o mesmo Deos, de quem era Mãi; vendo morrer a um tal Filho! O Filho era unico, estava na flor dos seus annos, e era o mais especioso de todos os homens. A Mãi era Santissima: não padecêra jámais assalto algum de paixões terrenas. O Filho era ao mesmo tempo seu Filho, e seu Pai, como seu Deos, e seu Creador. Amava, e adorava nelle a mortal vida, que, como sua Mãi, lhe communicára. Que mais! A graça, a natureza, o ceo, e a terra, tudo conspirava uniforme ao maior amor de um tal Filho, que era juntamente o seu Deos. Oh que Mãi! Oh que Filho! Oh que Amor!

Donde, se quem mais ama, mais padece, como diz o vulgar dictame, que tormento, que dôr, e afflicção não teria a Rainha dos Ceos, vendo a seu amado, e amavel Filho no patibulo de uma Cruz? Estar vendo que morre á sêde, e não poder ministrar-lhe uma gota de agua! Ver que desfallece o seu Espirito, e não ter meio para lhe dar alento! Ver que já tem expirado, e não lhe poder dar o ultimo abraço! Querer descello da Cruz, e não poder, por não ter licença! Querer finalmente enterrallo, e não ter sepultura! Querer tudo isto, e não poder, nascendo o seu querer de um immenso amor! Oh que tormento! Oh que tristeza! Oh que afflicção?

Estava Christo na Cruz, de que pendia a nossa Redempção, e no Coração da Mãi Santissima contendião sobre este ponto, dois não menos poderosos, que encontrados affectos — o amor, e a piedade: o amor, que devia ao seu Jesus, e a piedade, que tinha de todos. O amor formava o conflicto, a piedade levava o triunfo, e a Mãi padecia o tormento.

É possivel, (diria o amor) que padeça a mesma Innocencia no melhor Filho, e que a propria Mãi seja a primeira, que consinta na execução da sua Morte? Sim, (responderia a piedade) assim deve ser; porque essa Mãi tem outros filhos, para cujo bem se faz indispensavel um tão violento, e custoso remedio.

Oh portentoso excesso! (continuaria o amor) E é possivel que a mesma Mãi se mostre tão insensivel na Morte de um tal Filho, que se não valha ao mesmo tempo, nem ainda das proprias lagrimas, que a natureza próvida subministra a toda a mulher em uma paixão vehemente? Sim, (responderia a piedade) que ainda que é gravissimo o seu pezar, o amor daquelles filhos não é menor.

Pois porque ao menos (instaria o amor) não entrou a Mãi pelos tribunaes, requerendo com instancia a favor do Filho? Ou porque se não quiz valer da multidão do povo, sollicitando-o vigorosamente com a lembrança dos seus Milagres? Porque então impedida, (responderia a piedade) e frustrada a Morte de seu Filho Primogenito, ficavão sem vida para sempre todos os outros seus amados adoptivos filhos.

E que importava, (replicaria o amor) que importava a sua vida, se se fazia desta maneira a sua Redempção tão custosa? Importava tanto, (responderia a piedade) que na balança da Cruz, posta de uma parte a Redempção do Homem, e da outra a Vida de um Homem Deos, vê-se que fica o pêso igual.

Pois ha de ser esta Mãi, (replicaria ainda o amor) ha de ser tal para com aquelle Filho, que sobre o ponto da sua Vida o posponha áquelles mesmos, muitos dos quaes são seus inimigos? E que remedio: (responderia a piedade) É apertado lance, e consternação vehemente! Mas se assim o quer o Eterno Pai, que tambem é Pai dos mesmos filhos?

Padeça, pois, essa Victima, que pelo mesmo Pai ha tantos seculos está sentenciada a perder a Vida. Padeça o amado Filho na bella flor dos seus annos, sem a menor sombra de culpa, sendo Elle a mesma Innocencia. Padeça testemunhos falsos, crueis açoutes, tyrannos espinhos, barbaras injurias, horriveis blasfemias, mortaes agonias. Padeça por fim até exhalar o ultimo alento sobre um infame patibulo, entre dous facinorosos, no alto do monte Calvario, á vista de todo o mundo.

Oh que immensa dôr neste passo a daquella Mãi amorosa! Estava ella junto á Cruz, copiando em si mesma tudo o que lá no Ceo via fazer ao Eterno Pai. O Pai sacrificava o Filho para remedio dos homens, e ella na mesma hora para nosso remedio o sacrificava. O Pai perseverava firme, a Mãi estava constante. O Pai inexoravel, a Mãi inflexivel. O Pai sempre immovel, a Mãi incontrastavel.

Mas entre tanta similhança era a differença infinita; porque o Pai era Deos, e a Mãi Creatura. A Justiça do Pai era sim contrastada pelo amor do Filho; mas a Natureza Divina não lhe deixava ter sentimento. E pelo contrario, a constancia da Mãi, além de ser combatida pelas ternuras do sangue, concorrião a desarmalla as debilidades do sexo. E que chegasse uma Mulher pela paciencia a parecer quasi impassivel! Que chegasse com incrivel esforço a martyrizar (digâmos assim) o seu mesmo Martyrio, violentando o proprio amor a nosso respeito, para offerecer alegremente o seu amado Filho a padecer a morte!

Oh que angustia incomparavel padecco esta Mãi por nosso amor! Mas oh que obrigação perpetua contrahio para com ella nesta fineza a nossa divida! E seremos nós taes, que, depois de havermos concorrido com os nossos peccados para aquelle excesso, não só não amemos a uma tal Mãi com todo o vigor da alma, senão ainda que passemos barbaros a penetrar-lhe o Coração com a maior dôr, afflicção, e angustia? Causa o maior horror uma tão funesta lembrança! Porém que quereis que se diga,

se com firmes veras não detestardes para sempre todas as vossas culpas nesta hora?

Sim, doce Mãi de Piedade, Sagrada Mãi de Clemencia, affectuosa Mãi de peccadores. Já, Senhora, conhecemos que a nossa arrojada cegueira chegou a ser tão monstruosa, que se ao vosso Throno Celeste podessem subir os insultos da morte, muitas, e muitas vezes se renovarião mortaes as vossas Dôres na multidão sem numero das nossas culpas.

Mas agora, Mãi Santissima, contritos, e magoados da nossa summa miseria, implorâmos com fervorosa instancia a protecção poderosa da vossa materna Clemencia. Todos nós confessâmos, que, degenerando de filhos vossos, por nossos grandes delictos, nada do vosso favor merecemos. Mas se por sermos nós peccadores fostes vós Mãi de Deos, como diz o Doutor Angelico, representai ao vosso Filho, Amantissima Senhora nossa, que nos pêza muito de o haver offendido, por ser Elle quem é, summamente amavel; que propomos firmemente nunca mais aggravallo em todo o tempo futuro; e que esperâmos sem duvida na sua Misericordia infinita o benigno perdão de toda a nossa maldade.

Oh, pois, Soberana Mãi de Deos, Piissima Advogada dos peccadores! Clame para este effeito a nosso favor a vossa Piedade, advogue a vossa Clemencia, intercedão os vossos Rogos, interponhão-se os vossos Meritos, e valha-nos, emfim, o vosso Patrocinio, que tudo póde; para que, no espaço da presente vida, fortalecida a nossa tibieza com os soccorros da sua Graça, vos fação fiel assistencia, e filial companhia as nossas compaixões, e mortificações voluntarias; e depois na hora da nossa morte, acabando-se-nos com a vida todas as dôres, sentimentos, e pezares, passemos venturosos deste mundo a gozar para sempre lá no outro as maiores delicias, e os melhores prazeres. Amen.

SEMANA SANTA.

DOMINGO DE RAMOS.

SOBRE OS MYSTERIOS, E CEREMONIAS DESTE DIA.

Benze a Santa Igreja as Palmas, e Ramos deste dia, antes de os distribuir aos Fiéis, porque sempre costumou consagrar com orações, e benções as cousas destinadas aos sagrados ministerios; e tambem para entendermos, que as nossas obras, symbolizadas naquelles Ramos, não podem ser bem acceitas ao Altissimo, nem saudaveis a nós, se não receberem da sua Graça o merito da vida eterna.

Presume-se que antigamente, além da Missa ordinaria deste dia, houve outra particular para esta benção; pois o que nella se pratica, é quasi tudo de uma Missa até o Canon, com seu *Introito* (que é o *Hosanna Filho de David*) sua *Collecta*, *Epistola*, *Gradual*, *Evangelho*, e ainda o *Prefacio*.

Começa, pois, a Igreja esta mysteriosa função pelas publicas acclamações, em que prorompêrão as turbas, dizendo ao encontrarem o Senhor, como havia vaticinado o Propheta Zacarias: *Saude, louvor, triunfo ao Filho de David: Bemdito seja o que vem em Nome do Senhor*. Confessando por este modo a Christo (movidos de instincto superior) por legitimo Descendente de David, unico, e verdadeiro Messias esperado de todas as gentes.

Lê-se na Epistola, como os filhos de Israel, fugindo do Egypto, achárão no deserto de Elim doze fontes de agua, e setenta palmeiras, com que experimentárão refrigerio contra os ardores do sol, e asperezas do caminho. E que chegando elles ao deserto de Sin atormentados de fome, o Misericordioso Senhor, que nunca desampara a quem o segue, os provêra do Ceo com o milagroso alimento do Manná, expressa figura do Angelico Pão da Sagrada Eucharistia. Por onde, assim como aquelles peregrinos se mandárão estar promptos para verem, e gozarem as glorias do Senhor, assim nós tambem somos avisados para começarmos neste dia as devidas preparações para a Santa Communhão Pascal, que obriga a todos os Fiéis.

Todos os santos Padres dizem, que aquellas doze fontes symbolizavão os doze Apostolos, assim como os setenta Discipulos erão significados pelas setenta palmeiras. Porém como pela maneira de orar se conhecem seguramente as leis do crer, por nenhuma outra cousa podêmos entender melhor, quaes sejão os Mysterios desta sagrada função, do que pelas orações, de que nella se serve a santa Igreja.

Comprehendem aquellas orações o motivo, e o fim desta festa, e insinuão ao mesmo passo o espirito, e disposições, com que se deve assistir á ceremonia dos Ramos, que os verdadeiros Fiéis tiverão sempre a devoção de os conservar com respeito em suas casas; justamente persuadidos, de que pela sagrada benção não deixarião de lhes ser saudaveis.

Os louvores, que a Igreja dá nas ditas orações

ao povo judaico, mostrão as santas disposições, em que se achava o mesmo povo, que respeitava então ao Salvador por seu Messias. E se alguns dias depois o seu apreço, e veneração se mudou no maior desprezo, e furor; a invejosa impiedade, e malignos artificios dos Sacerdotes, e Fariseos fôrão a causa, fazendo-lhes acreditar, que aquelle mesmo, que elles havião recebido em boa fé, como Messias prometido, era um insigne embusteiro, que com milagres falsos os havia enganado.

Desde os primeiros seculos da Igreja se reduzio toda a ceremonia desta festa á benção dos Ramos, e a uma procissão solemne, que representa por uma parte a entrada triunfante de Jesu Christo em Jerusalem, e por outra a sua entrada gloriosa no Palacio do Empyreo. Por isso a procissão se faz fóra da Igreja, e esta se abre (estando antes fechada) quando o Subdiacono com o pé da Cruz bate na porta; dando-se-nos a entender com esta ceremonia, que estando o Ceo para nós fechado, Jesu Christo nos abrio a porta, e nos mereceo a entrada nelle pela sua Morte de Cruz.

Antigamente, feita a distribuição dos Ramos, dous Diaconos tomavão da Credencia o Livro dos Evangelhos, e o levavão aos hombros sobre um precioso coxim, cercado de grande multidão de cirios, e thuribulos, precedidos do Clero, e seguidos de todo o povo; que com Ramos, e Palmas, Cruzes, e bandeiras, augmentavão a religiosa pompa desta sagrada representação do Triunfo de Jesu Christo.

Teve este Domingo varios nomes na Igreja. Quando nella se observavão os usos da antiga disciplina, sobre a reconciliação solemne dos penitentes publicos, e baptismo dos Catecúmenos, que nelle se fazião, se chamava o *Domingo da Indulgencia*. Dava-se-lhe tambem o nome de *Lava-testa*, (em latim *Capitilavium*) porque neste dia se praticava a ceremonia de lavar a testa aos que devião ser baptizados, para receberem nella mais decentemente a unção do Sagrado Chrisma. Assim mesmo se denominava o *Domingo da Pascoa florida*, por causa das flores, com que se adornavão os Ramos, que levavão na procissão, como presentemente se observa. Donde veio darem os hespanhoes o nome de *Florida* áquella terra da America, que descobrírão neste Domingo em o anno de mil quinhentos e treze.

O famoso Hymno *Gloria, laus, et honor*, que se canta na procissão deste dia, julga-se que foi composto por Theodolfo, Abbade Floriacense, e depois Bispo de Orleans no seculo nono. Commummente se diz, que estando elle prêso na Cidade de Anjou á ordem do Imperador Ludovico Pio, (por accusações falsas, que o fazião complice na conjuração de seu filho Bernardo, Rei da Italia) o fizera cantar pelos meninos á porta do carcere, quando por alli passava a procissão. O que agradou tanto ao Imperador, que nella hia, que promptamente lhe concedeo o perdão, e lhe permittio voltar para o seu bispado.

Concluida a festiva ceremonia da procissão dos Ramos, (significante da triunfal entrada de Jesu Christo em Jerusalem) consagra a santa Igreja o resto do Officio aos Mysterios da Paixão do mesmo Senhor, e nos faz ler, e cantar a Sagrada Historia, segundo o Evangelho, que compoz São Mattheus, sete annos depois da Morte de Christo.

Não pede a benção o que canta a Paixão, como se costuma nos outros Evangelhos; porque alli se nos refere, que o Author, de quem somos abençoados, acabou a vida. Não se levão cirios, ou luzes, por ser extincta a fonte da verdadeira luz, Jesu Christo. Não se usa de incenso, mostrando-se-nos, que o fervor, e devoção (representada no incenso) se entibiou nos Apostolos, e quasi que se extinguio. Não se diz *Dominus vobiscum*, em detestação da saudação perfida, que Judas fez a Christo. Nem se responde *Gloria tibi Domine*, por ser o Salvador ultrajado, e escarnecido dos judeos, ficando entre os homens abatido com vileza, e opprobrio.

A ceremonia de terem todos, em quanto a Paixão se canta, os Ramos bentos nas mãos, significa a entrada triunfal dos Santos na Gloria, para que entendâmos, que assim como o Redemptor pelo meio dos trabalhos, e tormentos, triunfou do inferno, e da morte, tambem nós para havermos de entrar gloriosos no Ceo, devemos levar a Cruz pela estrada da penitencia, e seguir constantes ao Crucificado.

Concluida a Paixão, o que se segue pertence ao que succedeo depois da sepultura de Christo até á Resurreição; e como são palavras do Evangelho, cantão-se no seu tom ordinario. Pede-se a benção, e leva-se incenso; porque costumando-se usar de perfumes nas sepulturas dos mortos entre os hebreos, aqui se trata do enterro, e sepultura de Christo. Comtudo, não se levão ciriaes, ou luzes, por se haver dito pouco antes no Evangelho, que Christo, verdadeira Luz do mundo, expirou na Cruz, donde foi descido, e sepultado pelos dous Discipulos Nicodemos, e José de Arimathéa.

SOBRE O INTROITO DA MISSA.

É elle extrahido do Psalmo 21, que se deve entender á letra da sacrosanta Pessoa de Jesu Christo. Alli se vê a sua oração, que fez na Cruz, o retrato da sua Paixão, e os seus tormentos, e a sua Resurreição, o seu Reino; e a vocação dos gentios á Fé, se descreve alli com tal clareza, que todos os Doutores antigos da Nação hebraica concordavão uniformes, que o presente Psalmo respeitava todo ao Salvador do mundo, e só os judeos modernos entrárão no pensamento de lhe applicar outro sentido.

SOBRE A EPISTOLA.

Escreveo S. Paulo esta carta aos Fiéis de Filippe, Cidade da Macedonia, e Colonia romana, onde pré-

gando o Evangelho no anno 52 da Era commum, converteo um grande numero dos seus moradores, os quaes se mostrárão sempre tão reconhecidos á Graça da Fé, que recebêrão de Deos por seu meio, que estando o Santo Apostolo em Acáia, lhe remettêrão bastante dinheiro para remedio das suas necessidades. E sabendo depois que elle se achava prêso em Roma, deputárão a Epaphrodita seu Bispo, afim de lhe assistir com todas as sortes de bons serviços.

Escreveo-lhes, pois, o grande Doutor das Gentes pelo mesmo Santo Bispo esta carta, na qual, gratificando-lhes com muito amor os seus obsequios, os exhortava a entrar nos verdadeiros sentimentos de humildade, pelo exemplo de Jesu Christo; que sendo Deos, se anniquilou por amor de nós, tomando a fórma, ou figura de Escravo, e fazendo-se similhante aos homens, e na realidade Homem verdadeiro em tudo, o que não era ser peccador.

Assim, pois, o nome de *fórma*, ou *figura*, de que aqui se serve S. Paulo, não significa uma simples apparencia exterior sem realidade. E assim mesmo o termo de *Imagem de Deos*, de que elle aqui usa, não é uma representação fantastica, ou uma simples similhança. Mas antes por estes dous termos expressa o Santo Apostolo as duas Naturezas Divina, e Humana, hypostaticamente unidas na Sacrosanta Pessoa de Jesu Christo. E por isso declara logo, que o denominar-se igual a Deos, não era nelle usurpação alguma; por ser com effeito igual a Deos seu Pai pela Natureza Divina, e pela Humana, igual a nós.

SOBRE O EVANGELHO DA FESTA.

É elle extrahido do capitulo 21 de S. Mattheus, onde este sagrado Evangelista cita o vaticinio do capitulo nono do Propheta Zacarias, literal, e visivelmente cumprido na Entrada triunfante de Jesu Christo em Jerusalem. Porque o Propheta promette alli a Vinda do Rei Salvador, qual era o Messias, que fazia toda a esperança, e consolação dos judeos. E os caracteres, com que elle o descreve, encontrão-se tão ajustadamente na adoravel Pessoa de Jesu Christo, que os mesmos judeos não poderião desconhecello, se pela sua dureza, e teimosa malicia se não fizessem indignos das luzes do Ceo, e das graças necessarias para reconhecer, e amar ao seu Divino Libertador. Porém não ha cegueira mais incuravel, que a daquelles, que são cegos por seu gosto.

Alguns por então crêrão, que era vindo ao mundo o Salvador de Israel, porque sabendo que Elle se achava em Béthphage, meia legoa distante de Jerusalem, sahio desta Cidade uma prodigiosa multidão de povo para o receber em triunfo com as demonstrações mais festivas. *Hosanna ao Filho de Deos*, (dizião em altas, e alegres vozes) *Bemdito seja o que vem em Nome do Senhor.*

Hosanna, palavra hebraica, quer dizer: *Salvai-nos*, ou *Salvai-o*. Mas além desta literal significação, tem outra particular nas acclamações, e applausos publicos, como: *Victor: Viva ElRei, &c.* E assim neste Passo vinha a dizer: *Saúde, louvor, triunfo ao Filho de David;* como quem desejava longa vida, e toda a sorte de prosperidades, ao que vinha em Nome do Senhor, para libertar o seu povo. Por onde o accrescentarem: *Hosanna nas alturas*, era o mesmo que dizerem: Espiritos Celestes, uní os vossos jubilos com os nossos, para que tenha todo o genero de felicidades, e glorias o nosso suspirado Messias, o Veneravel Filho de David, o Grande Rei de Israel.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Todas as festas solemnes, em que pela maior parte communga o povo, são uma especie de triunfo de Jesu Christo. O concurso edificante dos devotos Fiéis no templo, a solemnidade magestosa dos Officios Divinos, e ainda os preciosos ornamentos, e pomposa magnificencia da Igreja, fórmão um tributo de respeito, de reconhecimento, de honra, e Religião, que todos devemos, e satisfazemos por aquelle modo ao Senhor.

Contribui, pois, da vossa parte, quanto mais poderdes, para este effeito, pela vossa devoção, pelo vosso fervor, e especialmente pelos actos de Religião, e boas obras A modestia, a reverencia, e o respeito de cada um em particular conduzem muito para fazer estas solemnidades mais preciosas, e mais agradaveis aos olhos de Deos. Cuidai logo em exceder nisto a todos os outros, e fazei muito por santificar cada dia desta Semana com algum novo exercicio de piedade.

Como Jesu Christo, pela Sagrada Communhão, faz em cada um de vós a sua Entrada de triunfo, não cedais em amor, em culto, e adoração ao povo judaico, e não vos porteis com tal indignidade, que essa mesma entrada triunfante se pareça em vós com a de Jerusalem, que foi para Elle um preludio da sua Paixão, e da sua Morte.

Não obrigueis ao Filho de Deos a sahir de vós, para se hospedar em outra parte. Retende-o depois da Communhão com a vossa humildade, gratidão, e fervor. Apartai-vos de todas as occasiões, em que houver perigo de o renunciar, e perder. E fazei-lhe na vossa alma uma morada commoda, e agradavel pelo vosso amor, pelo vossa innocencia, e perfeição de costumes.

SEGUNDA FEIRA.

SOBRE A MISSA DESTE DIA.

Como a Igreja está toda occupada nesta Semana com a Paixão, e Morte de Jesu Christo, o Officio da Missa do presente dia, é um expresso compendio das principaes circumstancias deste doloroso Mysterio. O *Introito* é tomado do Psalmo 34, em que David, aborrecido, calumniado, perseguido, e maltratado, pede justiça ao Divino Senhor contra os que por todos os modos procurão, e tratão de o perder.

A *Epistola* é tirada daquelle logar do Propheta Isaias, em que falla da Pessoa de Jesu Christo ultrajado, escarnecido, açoutado, e saciado de opprobrios. Isaias não é o primeiro na ordem dos tempos, porém fallou com tal clareza do futuro Salvador, e particularmente da sua Morte, e Paixão, que justamente lhe dá a santa Igreja o primeiro logar, e o denominão os sagrados Doutores o *Evangelista entre os Prophetas.*

O *Evangelho* conta o que se passou na vespera da Entrada triunfante, que fez o Salvador em Jerusalem no Domingo de Ramos, quando, ao vir do deserto de Efrem, se demorou no logar de Bethania, (que dista daquella Cidade duas milhas) onde vivia Lazaro, e suas irmãs; porém não erão senhores do mesmo logar, como alguns dizem, porque os romanos naquelle tempo tinhão absoluto, e universal dominio sobre toda a Judéa.

A veneração, que tinhão ao Salvador todos os moradores de Bethania, (principalmente depois da resurreição de Lazaro) fez que cada um se empenhasse para o receber; estimando-se por mui feliz em ter comsigo um tal Hospede. Porém elegendo Elle (como tinha por costume, quando por alli passava) a casa de Lazaro, que lhe havia preparado a cêa, foi visitado, e obsequiado de muitos, que o veneravão por verdadeiro Messias.

Esta cêa se fez seis dias antes da Pascoa, (que começava na quinta feira ao sol posto) e succedendo no sabbado passado, se lê hoje, afim de se nos mostrar a occasião, que tomou Judas para vender a Christo, e o intento de embolçar o dinheiro, que julgou valia o unguento, de que se valeo a Magdalena para ungir a seu Divino Mestre. Compunha-se este unguento de varios aromas preciosos, e particularmente das espigas do nardo, que é uma planta rara, e de suavissima fragancia; e por isso tinha toda a estimação entre as matronas. Donde se collige ser a Magdalena senhora nobre, e muito rica, usando ella deste unguento, e com tanta profusão, nada menos de tres vezes: a primeira, e segunda, quando ungio os pés a Christo na sua conversão, e na occasião presente: e a terceira, ungindo-lhe a cabeça em casa de Simão Leproso, na quarta feira seguinte, em que foi vendido por Judas.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Quem ouvisse fallar a Judas, quando estranhou, e levou a mal a generosa profusão daquella piedosa, e santa Mulher, diria que elle estava animado de uma caridade pura, e que todo o seu cuidado era o allivio dos pobres. Mas a verdade é, que sómente a avareza o fazia fallar assim, porque estando já resoluto a entregar por dinheiro ao seu Divino Mestre, queria, como ladrão occulto, que se vendesse aquelle unguento, para roubar, e se utilizar da sua importancia, que tinha logo de lhe vir á mão, como depositario que era das esmolas, que davão os Fiéis para a tenue sustentação daquella pobre communidade.

Tendo, pois, a consciencia dolosa, e falsa umas taes delicadezas, ou dissimuladas hypocrisias, temei um mal tão pernicioso, e pouco menos que incuravel, e servi sempre a Deos com singeleza, ou simplicidade de coração. Nada façais de cousa importante sem um santo, e sabio conselho, desconfiando sempre do vosso proprio dictame, ou do vosso mesmo espirito. Fazei profissão continua de uma sinceridade verdadeira. Não censureis as acções alheias, julgai, sim, com severidade as vossas, e applicai todos os vossos cuidados á santa reforma dos vossos costumes. Eis-aqui o verdadeiro objecto do vosso zêlo em todo o tempo.

TERÇA FEIRA.

SOBRE A MISSA DESTE DIA.

Quanto mais se avizinha o memoravel dia, em que se completou a grande obra da nossa Redempção pela Paixão, e Morte do Salvador do mundo, tanto mais a santa Igreja exhorta aos seus Fiéis a pôrem toda a sua gloria no exercicio da Cruz, donde nos veio a Graça, a vida, e a salvação, como se diz no *Introito* da Missa deste dia, formado das palavras de S. Paulo na sua carta aos de Galacia.

A *Epistola* nos representa uma figura de Jesu Christo atormentado, e exposto á morte no patibulo da Cruz pelos do seu mesmo paiz, na pessoa do Propheta Jeremias. Havia este santo Sacerdote reprehendido muitas vezes aos israelitas da sua infidelidade para com Deos, intimando-lhes ao mesmo tempo as severas penas, com que a sua rebellião, e desordens devião ser castigadas. Mas em logar do proveito, que devião produzir estas suas caritativas exhortações, se irritárão todos contra elle, conjurando-se ingratos para a sua perda. A comparação é assás justa entre a figura, e a verdade; e o que o Propheta diz a este proposito, e a Igreja applica presentemente a Jesu Christo, faz a similhança mais perfeita.

Como a Igreja nossa mãi faz ler a Paixão do Senhor, segundo a ordem dos tempos, com que foi escripto o *Evangelho*, assigna para este dia o de S. Marcos, que foi o segundo entre os Evangelistas; e o escreveo em Roma no anno duodecimo depois da morte de Christo, a requerimento dos novos Christãos, que desejavão aquelle documento, para conservarem mais facilmente na memoria o mesmo, que por palavra lhes havia participado S. Pedro.

E como entre os Mysterios da nossa Religião nenhum ha mais interessante, que o da Paixão do Senhor, reparte a mesma Igreja a sua historia pelos dias de domingo, terça, quarta, e sexta feira desta Semana, desejando, quanto lhe é possivel, que os seus amados filhos não ignorem nem a menor circumstancia de tão importante Mysterio.

Porém os tormentos do Salvador são incomprehensiveis ao espirito humano, e a sua mesma Paixão é um Mysterio de humilhações, e de dôres, que excede a toda a intelligencia creada. Sería preciso comprehender o que é o Filho de Deos (igual em tudo a seu Pai, e por sua Incarnação similhante a nós) para formar uma justa idéa do que padeceo este Deos Homem, para remir os homens. Sería necessario penetrar a profundidade das suas humilhações; a actividade, e o numero das suas dôres; a delicadeza da sua carne, e temperamento; a extensão, e penetração do seu entendimento; e ao mesmo passo a desproporção infinita da indignidade de todos os seus tormentos, com a dignidade infinita da sua adoravel Pessoa.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Só a vista dos nossos peccados causou a Jesu Christo uma mortal tristeza, e submergio o seu coração na maior amargura; e estes mesmos peccados, por nós commettidos, não chegão a extrahir, nem uma lagrima dos nossos olhos. Muitos actos de contrição havereis feito na vossa vida. Mas fôrão elles verdadeiros? A contrição, para ser legitima, deve constar de uma dôr interna, sobrenatural, universal, e suprema.

Dôr sobrenatural, e interna; *isto é, um profundo pezar no coração, excitado por virtude da Fé, e por movimento do Espirito Santo; e não por outro qualquer motivo, puramente natural.* Dôr suprema; *tendo maior pezar de haver offendido a Deos, do que se perdesse o mais amavel do mundo. E* dôr universal; *detestando geralmente os peccados até então commettidos, sem exceptuar nem um só.*

Examinai, pois, se a vossa contrição foi sempre assim. E se o quereis conhecer melhor, vêde se tendes um horror verdadeiro a tudo o que é peccado. Se fugis ás occasiões delle. Se recorreis logo á oração, e tomais outros virtuosos preservativos, para o não commetter de novo. Examinai-vos a este respeito com sollicita diligencia; e se vos achardes com alguma falta, tomai as medidas mais proprias para a vossa emenda futura.

E' cousa muito ordinaria consumir a maior parte do tempo no exame das culpas, e dar muito pouco, ou quasi nada á contrição dellas. Se este é o vosso costume, emendai-vos desde logo; tendo por muito certo, que (fallando de modo ordinario, ou pelo menos) é preciso dar tanto tempo á contrição, como ao exame.

Frequentai cada dia muitos actos de contrição, fazendo-os familiares á vossa pratica, para vos não serem novos no fim da vida. Não espereis só por chegar ao tribunal da penitencia para detestar os vossos peccados. Repassai os annos da vossa vida, com amargura da vossa alma, sempre que orais a Deos, ou assistis á Missa. Muitas pessoas os fazem a cada hora, e a pratica é bem facil, porque não leva muito tempo. Começai desde logo, e continuai-a sem descuido.

QUARTA FEIRA DE TREVAS.

SOBRE OS MYSTERIOS, E MISSA DESTE DIA.

Este é propriamente o dia, em que começa a grande dôr da Igreja, por ser aquelle em que os Principes dos Sacerdotes, os Escribas ou Doutores da Lei, e os Anciãos, ou Magistrados fizerão aquella maligna assemblea, ou conselho de iniquidade, para conferirem os mais efficazes, e mais seguros meios de prenderem a Jesu Christo, de que resultou a detestavel sentença, que vierão a executar na sexta feira seguinte. Por cuja causa (segundo Santo Agostinho, e outros santos Padres) estabelecco logo a Igreja a abstinencia das quartas, e sextas feiras para todos os Fiéis, propondo-lhes estes dous dias, como particularmente consagrados aos exercicios da penitencia; posto que a relaxação dos tempos fez, que a abstinencia das quartas feiras se veja hoje praticada só por algumas pessoas pias, e varias Ordens religiosas.

O *Introito* da Missa é tomado do segundo capitulo da carta de S. Paulo aos Filippenses, em que o Santo Apostolo, depois de lhes haver decifrado os grandes Mysterios das humilhações profundas de Jesu Christo, verdadeiro Deos, e verdadeiro Homem, lhes faz ver a immensa gloria, de que aquellas pasmosas humilhações fôrão seguidas; subindo para a Mão direita do Eterno Pai, e alli gozando eternamente a gloria, que lhe é devida, como Deos, e a que justamente adquirio pelos seus trabalhos, e tormentos, como Deos Homem.

Ha na Missa deste dia duas Epistolas, copiadas ambas do Propheta Isaias. Este grande Santo em todas as suas expressões teve sempre por primeiro, e principal objecto a vinda do Messias, a sua Paixão, a sua Morte, as suas Victorias, a sua Igreja. A isto é que respeitão todas as grandes, e nobres expressões deste Propheta; e com tal individuação, e clareza, que se elle as escrevesse depois da Morte de Jesu Christo, não poderia fazer uma pintura mais similhante, nem um retrato mais verdadeiro do seu Nascimento, dos seus trabalhos, dos seus martyrios, da sua causa, e dos seus fructos.

A historia da *Paixão*, que se lê neste dia, é do Evangelho de S. Lucas, que o escreveo por este motivo. Achava-se S. Paulo na Grecia muito afflicto pelos falsos dogmas, e erroneas doutrinas, que alguns hereges publicavão, explicando sinistramente as cousas do Salvador, e da sua Fé, o que visto por S. Lucas, (fiel companheiro do mesmo Apostolo) para declarar a verdade, e confutar os erros, e mentiras dos taes hereges, escreveo o Evangelho em grego, assistido da Revelação Divina, e da tradição dos Apostolos, e Discipulos do Senhor que fôrão testemunhas oculares daquelles Mysterios; o que servio de grande consolação, e prazer para aquelles póvos Christãos, que não entendendo o Evangelho de S. Matheus, escripto em lingua hebraica, nem o de S. Marcos na latina, se vião com este Evangelho no seu grego idioma, e por elle conhecião a verdade pura da Sagrada Historia do Salvador Divino. Succedeo isto no anno quadragesimo oitavo do Nascimento do mesmo Senhor, e decimo quinto depois da sua morte; por cuja razão ficando elle o terceiro entre os Evangelistas, se lê hoje em terceiro logar o seu Evangelho.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

As macerações do corpo não fôrão instituidas só para os que vivem no deserto, ou residem nos claustros; porque as paixões não são menos violentas, nem menos para temer no coração dos mundanos, e distrahidos que no das almas puras, e mortificadas. Portanto, pois, se em qualquer estado, que tenhais, vos é preciso mortificar a carne com austeridades, e muito mais nestes santos dias, procurai um director sabio, e zeloso, e segui fielmente o seu conselho.

E quando a vossa delicadeza se desgoste desta pratica, animai-vos, á imitação de Santo Agostinho, perguntando cada qual a vós mesmos: Eu porque não poderei, com o soccorro da Graça, fazer o que tem feito, e fazem ainda tantas pessoas do meu sexo, da minha condição, e da minha idade? Porque não poderei observar o que meu irmão, e minha irmã, o meu parente, o meu amigo, e o meu conhecido, estão fazendo nos mosteiros, e outros nas suas proprias casas? Ou porque titulo, ou privilegio serei eu nesta parte isento? Se elles talvez me excedem na innocencia, e santidade, por isso mesmo lhes não devo eu ceder na austeridade, e penitencia.

Oh! Persuadi-vos, e penetrai-vos bem destas efficazes reflexões, e começai desde hoje a reduzillas á pratica, observando com maior, ou mais rigorosa regularidade os jejuns da Igreja, e as abstinencias, que ella prescreve; porém não vos contenteis só com isso, passai a cumprir as outras saudaveis mortificações, que o vosso director vos insinuar; e tende por certo, que isto é o que mais concorre para domar as paixões desordenadas, e o que depois consola mais no ultimo fim da propria vida.

SOBRE OS MYSTERIOS.

DO OFFICIO DAS TREVAS.

Este Sagrado Officio é todo relativo á Paixão de Christo, e fazer-se nestes tres dias, é porque tantos se gastárão nos tormentos, Morte, e Sepultura do mesmo Senhor. Porém começa-se um dia antes (que é hoje) porque o terceiro, que é o sabbado seguinte, está impedido com a gloriosa memoria do Mysterio da Resurreição, que nelle anticipadamente se celebra, pelas razões, que diremos nas illustrações do mesmo dia.

Dá-se ás Matinas deste *Officio* o nome *das Trevas*, não só porque de modo ordinario se acabão de noite; senão muito mais para nos trazer á memoria as trevas universaes, em que ficou a terra, escurecendo-se o sol na Morte de Christo; por cujo motivo tambem se mandão no mesmo tempo apagar as luzes em toda a Igreja.

E o estrepito, que se faz no fim das Laudes, significa a desordem, e perturbação das creaturas, que aconteceo na Morte do Redemptor. Escureceu-se o sol, e tremeo a terra; rasgou-se de alto a baixo o véo do templo; as sepulturas dos mortos se abrírão; as pedras dos montes se quebrárão; toda a Natureza se resentio, e perturbou; só os malignos judeos, mais duros que as mesmas pedras, se conservárão constantes na sua impenitente, e obstinada cegueira.

Não assim o Centurião, e outros muitos, que, compungidos, e magoados, baixavão do Monte Calvario, ferindo-se os peitos, e confessando em altas vozes por Filho de Deos aquelle mesmo, que tinhão visto expirar na Cruz com tantos tormentos, entre tantos prodigios. Com taes impressões de arrependimento, e compunção devem sahir os bons Fiéis nestes santos dias da devota assistencia aos Divinos Officios.

Tudo é mysterioso no presente Officio, como em todas as mais ceremonias, que pratica a santa Igreja; e o parar só no sensivel, e no historico, (como pertendem, e persuadem os hereges) não passando da materialidade das cousas ao que ha nellas de mysterioso, e instructivo, é querer ficar na letra, que mata, desprezando o espirito, que dá vida. O Mysterio é a substancia, e a alma das nossas ceremonias; e certas explicações puramente literaes, não sómente são frias, e mortaes, mas ainda pouco honorificas á piedade, e á Religião.

Sempre a Igreja nossa Mãi usou de mysteriosos symbolos nos seus sagrados ritos, por serem instrucções faceis, e sensiveis para a multidão do povo fiel; e preoccupada ella com a pia recordação dos tormentos do Salvador, não começa o Officio destes tres dias pelas costumadas invocações, com que roga a Deos, que se digne de abrir os labios dos seus Fiéis, para cantarem dignamente os seus louvores. Não termina os Psalmos, nem os canticos com a celebre sagrada doxológia do *Gloria Patri*. Não canta hymnos, não pede bençãos, não lê capitulas; e em summa, bem se póde dizer, que, esquecida de tudo o mais a santa Igreja, só se lembra de lamentar, e sentir os peccados dos homens, e as penas do Redemptor.

As significações particulares vem a ser as seguintes: Não se diz *Domine labia*, nem *Deus in adjutorium*, porque, tratando-se da Paixão de Christo, se mostra, que os ímpios nos tirárão a nossa Cabeça, e o nosso Principio; e ficando como orfãos, não temos a quem pedir soccorro, e ajuda. Cala-se o *Invitatorio*, porque os Apostolos, que devião chamar os outros para Christo, se retirarão, dispersos cada um para sua parte. O *hymno*, que se costuma dizer, para mostrar a alegria do coração, com que se repetem os Louvores Divinos, se deixa agora, porque o Filho de Deos, sendo digno de todo o louvor, ficou feito nesta occasião opprobrio do povo, e ludibrio das gentes.

Dizem-se tres *Nocturnos*, e cada um delles com tres Psalmos, para que entendâmos, que Christo morreo por todos os homens, comprehendidos nas tres Leis, Natural, Escripta, e Evangelica. Os *Psalmos* significão as obras; e a *Antifona*, que se diz antes, e depois, representa a caridade mutua, que as deve acompanhar, tanto no principio, como no fim. Não se diz *Gloria Patri* no fim de cada Psalmo, porque estava como escondida na Paixão a Gloria da Trindade, que era Christo, pela unidade da Essencia, padecendo Elle como Homem.

Começão-se as Matinas pela Antifona *Zelus domus tuæ*, para que saibâmos, que o zêlo, e amor, que tinha Christo á Igreja sua Esposa, foi todo o motivo da sua Paixão, e dos seus tormentos. Diz-se em silencio o *Pater noster*, porque tirando-se esta oração do Evangelho, é signal de que a prégação delle se não ouvia, assim por causa da prisão de Christo, como pela fugida dos Apostolos. Deixa-se o *Jube Domine benedicere*, por ser morto o nosso grande Sacerdote, do qual podiamos, e deviamos ser abençoados.

Não se diz no fim das lamentações, e lições *Tu autem Domine*, por ser morto aquelle, que usava com todos de Misericordia; e tambem para sabermos, que havendo-o perdido, por causa das nossas maldades, o devemos tornar a buscar por meio da

conversão, e arrependimento; e por isso se diz no fim de cada lamentação, em nome de uma Alma, de que Jerusalem é figura: *Jerusalem, convertere ad Dominum Deum tuum.*

Das quinze vélas, que se accendem no candieiro triangular, significa a suprema, que está no meio, a Maria Santissima, e as quatorze restantes, denotão as tres Marias, e os onze Apostolos, porque o duodecimo, que era o traidor Judas, antes da morte de Christo se enforcou a si proprio, deixando o seu logar vago até á eleição de S. Mathias, que se fez depois da Ascensão do Senhor, e antes da Vinda do Espirito Santo. Apagarem-se depois as ditas quatorze vélas, (que symbolizão os onze Apostolos, e as tres Marias) e só a decima-quinta, representante de Maria Santissima, ficar accesa, é porque nella singularissimamente se conservou a Fé sempre viva, e luminosa, ficando em todos os mais, pouco menos, que extincta; e por isso as taes vélas se apagão successivamente, uma depois da outra, porque assim se portárão os Apostolos, quando temerosos se apartárão de Christo; e por esta propria razão se observa a mesma ordem no extinguir as vélas do altar.

QUINTA FEIRA SANTA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E CEREMONIAS DESTE DIA.

Ha certos dias no anno, em que a Igreja parece como opprimida do grande numero de Mysterios, que ella tem para celebrar, e ceremonias que cumprir. Um destes é o presente, em que o Divino Amante celebrou a sua ultima Pascoa sobre a terra, lavou os pés a seus Discipulos, e instituio o Sacramento da Eucharistia; e a Igreja santa, casta, e digna Esposa do Homem Deos, que diligencias não faz, e que ceremonias não usa para celebrar todos estes Mysterios? Reconcilia os penitentes, lava os pés aos seus Fiéis, celebra a instituição do Sacramento do Altar, e offerece uma Communhão geral a todo o povo; misturando estas diversas ceremonias com Officios lugubres, por não perder de vista os grandes objectos da sua piedade, e veneração, quaes são a Paixão, e Morte do Salvador. Para darmos, pois, de tudo isto uma breve explicação, principiemos pela ceremonia

DA ABSOLVIÇÃO GERAL ANTES DA SAGRADA COMMUNHÃO.

Era costume antigamente dizerem-se neste dia tres Missas, a primeira para a reconciliação dos penitentes, a segunda para a benção dos Santos Oleos, e a terceira em memoria da instituição da Eucharistia; mas depois que se reduzírão a uma estas funções, se distribuírão por differentes passos da mesma Missa. A reconciliação dos penitentes, e a sua absolvição, que presentemente se pratica antes da Communhão geral, se fazia nos primeiros tempos, antes de se principiar o sacrificio, com a reza dos Psalmos penitenciaes, e varias orações a Deos, que servião de estimulo á piedade, e compunção dos peccadores.

Sempre a penitencia foi um Sacramento de pena, e de trabalho, posto que o modo, e a medida do padecer não fossem sempre os mesmos, mudando a Igreja de disciplina, segundo o estado, em que se achava, pelas disposições dos Fiéis. Os primeiros Prelados da Igreja formárão regras de penitencia rigorosamente apertadas, para darem a Deos conveniente satisfação, e aos peccados proporcionado remedio.

Assim como os leprosos na Lei Escripta erão separados do povo, para onde só voltavão por authoridade do Sacerdote, depois de recobrarem a perdida saude, assim tambem os penitentes publicos nos tempos antigos erão excluidos da Igreja em quarta feira de Cinza, para ficarem por toda a Quaresma vestidos de sacco, com os pés descalços, em jejuns rigorosos; satisfazendo, e lamentando os seus peccados, até a Hora de Terça deste dia de quinta feira Santa: tempo em que, conduzidos á Igreja naquelle estado de humilhação, e de pranto, se apresentavão ao Superior, o qual, depois de varias preces, e orações, os reconciliava, e absolvia; dando-lhes permissão para tomarem logar entre os Fiéis, assistirem á Missa, e participarem com os outros Christãos dos Sagrados Mysterios.

Durou esta religiosa pratica nada menos que até o principio do seculo decimo-quarto, donde pouco, e pouco se foi relaxando, e omittindo por tal modo, que presentemente esta absolvição não é mais, que uma ceremonia symbolica da reconciliação do peccador, pela qual lhe mostra a Igreja, que se dá por satisfeita da sua sacramental penitencia, e lhe permitte faculdade para chegar á Eucharistica Mêsa.

DO SACRIFICIO DA MISSA, INSTITUIÇÃO DA EUCHARISTIA, E COMMUNHÃO GERAL EM QUINTA FEIRA SANTA.

A Igreja nossa Mãi na Missa deste dia faz menção dos grandes Mysterios, que Christo nelle obrou, em

beneficio do Genero Humano, instituindo o Sacramento dos Sacramentos antes da sua dolorosa Paixão, á qual voluntariamente se entregou, para nos libertar do captiveiro da culpa; por cuja razão entre aquellas ceremonias demonstrativas de jubilo, pela instituição do Sacramento Eucharistico, quiz sempre a mesma Igreja praticar outras expressivas da tristeza, que ao mesmo passo nos fizessem entender, que ella nunca perde a lembrança da Paixão do Redemptor.

E por esta causa, conservando no altar a Cruz com capa rôxa, permitte no Sacrificio paramentos de côr festiva; e depois de haver protestado no *Introito*, que põe toda a sua alegria na Cruz, da qual reconhece a saude, resurreição, e vida, e depois de fazer cantar com festiva solemnidade o glorioso hymno *Gloria in excelsis Deo*, em signal do seu prazer, e do que recebem os Anjos com a reconciliação dos peccadores por meio da penitencia, suspende o som dos orgãos, e dos sinos, por demonstrativo do seu pezar; e tambem para dar a entender, que os Apostolos, e Discipulos, significados por elles, fugírão, e se calárão, no tempo da Paixão de Christo.

A *Epistola* da Missa é tomada do capitulo undecimo da primeira carta de S. Paulo aos Fiéis de Corintho, em que lhes refere a instituição do Santissimo Sacramento da Eucharistia pelo Divino Salvador na sua ultima Cêa; e o monstruoso crime, e formidavel castigo dos que a ella se chegão indignamente. O *Evangelho*, comprehende a Historia do Lava-pés, de que logo fallaremos.

O symbolo do *Credo* nesta Missa tambem diz respeito á instituição do Santissimo Sacramento, que é o *Mysterio da Fé*, por antonomasia; e não menos, porque sendo este Manjar de vida eterna, nos prepara para a vida do futuro seculo, que se expressa no fim do mesmo symbolo; ou tambem, como diz o Summo Pontifice Innocencio III, porque aquellas palavras — *A Communhão dos Santos*, pertencem ao Mysterio da Eucharistia; ou, finalmente, como affirma o Doutor Angelico, porque este Mysterio se reduz ao primeiro artigo do *Credo*, que é o da Omnipotencia de Deos, por ser o Milagre dos Milagres do mesmo Senhor.

Não se dá Paz nesta Missa, em detestação do aleivoso osculo, que deo o perfido Judas a seu Divino Mestre. E no *Offertorio*, (tirado do Psalmo 117) declara David em Pessoa do Salvador, que depois de resuscitar, nunca mais ha de morrer. Temos, pois, no presente Sacrificio expressamente symbolizados os principaes Mysterios da nossa Redempção: no *Introito*, a Cruz do Salvador; na *Epistola*, o Santissimo Sacramento do Altar; no *Evangelho*, a summa humildade de Christo; e no *Offertorio*, a sua gloriosa Resurreição.

A *Communhão geral* neste dia é de tradição apostolica, tão antiga, como a mesma Igreja. Sempre se dividio em Communhão Leiga, e Ecclesiastica, de que fallão frequentemente os antigos canones. A *Ecclesiastica* era a que se fazia pelos Ministros do altar, e do côro, revestidos, como ainda hoje, de cottas, e estolas. E a *Leiga* era a que se participava aos seculares, fóra dos cancellos do altar; e quando algum Sacerdote, pelos seus delictos, era reduzido á Communhão Leiga, ficava sem distincção entre o povo; e não só não podia fazer Sacrificio, mas nem ainda commungar com os outros Ecclesiasticos.

DA DENUDAÇÃO DOS ALTARES, E CEREMONIAS DO LAVA-PE'S.

A *Denudação dos altares*, que se faz neste dia, depois de rezadas as Vesperas, significa primeiramente, segundo o Illustrissimo Durando, o indecoroso apartamento, que fizerão os Apostolos, e Discipulos, fugindo, e desamparando ao Divino Mestre no tempo da sua Paixão; porque as vestiduras, e paramentos do altar (que é figura de Christo) denotão as virtudes, e boas obras dos Santos, com as quaes aquelle Senhor é adorado, e o seu Nome engrandecido; e por isso mesmo o altar se despe, e denuda no presente dia, porque a fuga dos Apostolos, e Discipulos deixou a Christo, como só, faltando-lhe o virtuoso adorno daquella sua fiel companhia.

Tambem symboliza a denudação das vestiduras, que os Judeos fizerão a Christo no Calvario, antes de o pregarem na Cruz. Significa tambem ao mesmo Christo despido, não da Divindade (que nunca delle se apartou) mas daquella gloria, que delia podia resultar na sua Humanidade Santissima. Denota finalmente o véo do templo, que se rasgou na morte do Divino Senhor, como dando a entender, que as maiores obras do Salvador ficárão dalli em diante indubitavelmente manifestas, porque declarando-se as mais occultas na Lei antiga, quaes erão a Paixão, Resurreição, e Ascensão de Christo, ficárão desde agora publicos, e patentes todos estes sacrosantos Mysterios.

A ceremonia do *Lava-pés* é uma das religiosas funções deste dia, e chama-se *Mandato*, não só pelo exemplo de Christo a este respeito, senão muito mais pelo seu expresso Mandamento, quando disse a seus Discipulos: *Se Eu, que sou vosso Senhor, e Mestre, vos lavei os pés, vós, que em tudo me haveis de imitar, os deveis lavar uns aos outros.*

Sempre, pois, esta divina ordem foi recebida na Igreja, como um preceito de humildade, e uma lição de caridade, e amor, que se devia observar á letra. Os primeiros Christãos se fizerão logo uma Lei de caridade, a respeito dos seus hospedes, para nunca deixarem de lhes lavar os pés, logo que os recebessem. Esta virtuosa pratica se observou ainda mais religiosamente em todos os mosteiros; e a Igreja santa, para não deixar perder uma ceremonia tão edificante, e tão recommendada, quiz que andasse an-

nexa aos seus principaes Ministros, como veneraveis substitutos da Pessoa do Salvador, pelo seu caracter de superioridade.

Por esta causa os Summos Pontifices, Vigarios de Christo na terra, tiverão sempre esta santa ceremonia, como um dever de Religião, que lhes era indispensavel. O mesmo praticão a seu exemplo os outros Prelados Ecclesiasticos, e ainda entre os seculares, as pessoas mais qualificadas, como os Imperadores, Reis, e Rainhas, dignando-se todos, á imitação do Salvador, de lavar os pés a uns humildes pobres, e servillos depois á mêsa, além de uma rica esmola, com que sempre os despedem tão edificados do seu exemplo, como attrahidos da sua caridade.

A razão de serem treze os Lavandos neste dia, na maior parte das Igrejas da Christandade, teve origem desde o tempo do Papa S. Gregorio Magno, antes monge benedictino, e sexagesimo sexto successor de S. Pedro, no anno do Nascimento de Christo 390. Costumava este grande Pontifice dar quotidianamente de comer a doze pobres na sua mêsa. Ajuntando-se, pois, a estes em certo dia um Anjo do Ceo na mesma figura, o Santo Padre dalli por diante continuou sempre com o proprio numero de treze; e no dia de quinta feira Santa, além do jantar, lhes lavava os pés, para imitar mais vivamente a summa humildade do Salvador.

Na acção do lavatorio, que fez Christo a seus Discipulos, se symbolizão os maravilhosos effeitos de toda a nossa Redempção, porque levantar-se o Senhor da mêsa, significa o sahir do peito do Eterno Pai; despir as Vestiduras, denota o humilhar-se; cingir-se com a toalha, significa a Fórma humana, que tomou; lançar agua na bacia, denota o Sangue, que derramou do seu Santissimo Corpo; lavar, e limpar os pés aos Discipulos, significa o perdão, e purificação dos peccados, que pela Paixão de Christo alcançámos; tornar depois do lavatorio a tomar as Vestiduras, e sentar-se outra vez, symboliza, que resuscitado Christo em carne gloriosa, descancou, sentando-se á direita do Eterno Pai; finalmente, ensinar aos Discipulos depois do lavatorio, significa a vinda do Espirito Santo, que lhes mandou para de todo os aperfeiçoar, e fortalecer. Assim o explica o Illustrissimo *Durando* no seu *Racional dos Divinos Officios*.

SEXTA FEIRA SANTA.

SOBRE OS MYSTERIOS, E CEREMONIAS DESTA FESTA.

O celebre dia de sexta feira Santa (que se chama tambem por excellencia a *Sexta feira Maior*) depois que foi consagrado para solemnizar a memoria dos Augustos Mysterios da Paixão, e Morte do nosso Redemptor Jesu Christo, foi sempre considerado nas Igrejas latina, e grega, como um dia de festa; porém daquellas festas tristes, e lugubres, destinadas ao retiro, ao silencio, ao jejum, á mortificação, ás vigilias, e orações; festa, emfim, de que se desterravão todos os canticos, e demonstrações de alegria, que resplandecião nas outras solemnidades do anno.

Já dissemos nas illustrações precedentes, que depois do Officio de quinta feira Santa, até á noite do sabbado para o Domingo de Pascoa, todos os Fiéis da primitiva, por um movimento de piedade, se prescrevião um rigoroso jejum; e que a maior parte delles passavão todos estes dias velando, e orando nos sagrados templos.

Por esta causa a Igreja santa, desejando entreter a piedade de seus Filhos, fez muitos regulamentos, proprios, e accommodados para os instruir, e edificar, e ao mesmo passo differentes, attendendo aos logares, e diversidades dos tempos. A pratica mais commum desde os primeiros seculos, logo que a Igreja recebeo a liberdade pelos Principes, e Imperadores, feitos Christãos, foi a seguinte: lerem-se diversos logares do antigo Testamento; rezarem-se muitos Psalmos; ler-se a Paixão do Senhor, segundo os quatro Evangelistas, repartida em doze lições; fazerem-se orações solemnes por todos os estados da Igreja, e fóra della: praticar-se a ceremonia da *Adoração da Cruz*, e celebrar-se o Santo Sacrificio, ou pelo menos, a chamada *Missa dos Pre-santificados*.

Como a Igreja nossa Mãi, posto que invariavel no seu espirito, não deixa de authorizar, permittir, e ainda soffrer diversas mudanças na sua disciplina exterior, não nos devemos admirar de vermos tantas mudanças nos Officios Divinos, e suas sagradas ceremonias; e isto não sómente em diversas Igrejas, mas ainda em si mesma, segundo os tempos, e disposições dos primeiros Pastores, aos quaes pertence o regular a ordem dos Divinos Officios.

Comtudo, para dar alguma idéa do retiro, e silencio, que neste dia se observava nos primeiros tempos, se rezão todas as Horas, ainda as mesmas Vesperas, em voz baixa, lêem-se diversos passos da Escriptura, sem se annunciarem os livros, de que são tirados. A recitação dos muitos Psalmos, que se entoavão, está reduzida aos dois Tractos, que se cantão.

Em logar da Historia completa da Paixão, se

lê sómente a de S. João Evangelista: seguem-se á Paixão, como em algum tempo, as orações solemnes, depois a adoração da Cruz; e por fim a Communhão do Celebrante, que recebe a Hostia, consagrada no dia antecedente. Estas são as partes do presente Officio, de cujos Mysterios, e ceremonias vamos a dar uma breve explicação.

Começa este Officio por uma *Lição* do Propheta Oseas, em que persuade, e convida ao povo de Israel, a tornar para o Senhor, e o assegura, de que assim que estiver bem arrependido, será restituido á sua primeira liberdade, livrando-o o Senhor da cruel servidão, que haverá padecido, em attenção ás suas lagrimas, e verdadeira penitencia.

Oseas, filho de Béeri da tribu de Issachar, é o primeiro dos Prophetas menores, e parece ser o mais antigo de todos os Prophetas, por viver quasi oitocentos annos antes da vinda de Christo, prophetizando quasi um seculo inteiro, contemporaneo de Isaias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, e Michéas, nos tempos de Ozias, Joathám, Acház, e Ezechias, Reis de Judá, e no Reinado de Jeroboão II filho de Joás, Rei de Israel. Deriva-se o seu nome de uma raiz da Lingua Santa, que significa *Salvador*, com que era figura de Jesu Christo pelo seu nome, palavras, e obras.

Canta-se, pois, a dita Lição sem titulo, para representar-nos, que ficamos hoje sem Cabeça, pela morte de Christo, sendo Elle a Cabeça universal da Igreja, como os titulos o são dos livros. No fim della não beija, o que a diz, a mão, nem recebe a benção do Celebrante, por não haver quem a dê, pela razão ponderada.

O *Tracto*, que se diz depois da Lição, consta de quatro versos, que symbolizão as quatro extremidades da Cruz. Não se diz antes da Oração *Dominus vobiscum*, porque morto o Summo Sacerdote, cessão os Officios do mesmo. E o dizer-se antes das orações *Flectamus genua*, é para serem mais bem acceitas as nossas supplicas pelo extremo da humildade.

A segunda *Lição* é tirada do Pentateuco de Moysés, porque a Lei, e os Prophetas pronunciárão a Paixão de Christo, de que falla esta mesma Lição nas palavras: *E o sacrificará junto da tarde toda a multidão dos Filhos de Israel.* O *Tracto*, que se diz depois, e falla da grande contenda que teve David com o gigante Goliath, representa ao nosso David da Lei da Graça, que com a espada da Cruz cortou a cabeça ao demonio, figurado naquelle Gigante. E o serem duas as *Lições*, é porque Christo padeceo pelos dous póvos, quaes são o gentilico, e hebraico.

Canta-se neste dia a *Paixão* do Evangelista S. João, porque assistio pessoalmente á morte de Christo no Calvario; e por isso manifesta elle com singularidade alguns Passos da sua Paixão, como é o do soldado, que lhe abrio o Lado com a lança, e outros mais, de que só elle fez menção. Canta-se em pulpito, ou estante sem adorno, em memoria de que o Salvador, despojado de todos os vestidos, foi encravado na Cruz.

Em algumas Igrejas, quando nesta Paixão se cantão as palavras: *Diviserunt sibi vestimenta mea*, costumão tirar do altar uma toalha, e deixar outra, significando, pela que se tira, a que os soldados partirão entre si, e pela que se deixa no altar, a tunica inconsutil, que ficou inteira, e coube por sorte a um soldado, denotando, que a união da Igreja nunca póde ser rasgada pelos hereges, ou scismaticos, seus malevolos inimigos.

Dizerem-se as *orações* em logar differente do ordinario, isto é, não antes, senão depois do Evangelho, é por imitar a Christo, que no fim da sua Paixão orou ao Eterno Pai por si, pelos seus Discipulos presentes, e por todos aquelles, que o seguirão no tempo futuro.

Não dizer o Diacono *Flectamus genua*, nem *Oremus* (como nas outras orações) quando ora pelos judeos, é em detestação do ludibrio, que elles fizerão de Christo, ajoelhando diante delle por zombaria. Roga, sim, por elles, para que o Senhor os converta antes do fim do mundo, porque estão presentemente fóra do corpo da Igreja.

Roga, pois, a santa Igreja nestas orações solemnes por todos os estados de pessoas; porque padecendo Christo pelas culpas do Genero Humano, deseja que todos participem dos preciosissimos fructos da sua Misericordiosa Redempção. Estas mesmas orações (de que se achão memorias tão antigas, que julgão muitos Padres serem de tradição apostolica) são precedidas de *Admoestações*, que nos primeiros seculos se ouvião em pé, estando nas orações de joelhos, para o que no fim daquellas dizia o Diacono: *Flectamus genua*, e na conclusão destas: *Levate*.

Depois das orações se descobre a Cruz, e na parte da Epistola (que para o povo parece a direita) em que se põe o Celebrante, o que é symbolo da Palestina, situada na região que se diz ser a parte do mundo, onde se começou primeiro o conhecimento de Christo, e da sua Cruz; por cuja razão se canta em voz alta neste logar; *Ecce lignum*, manifestando-se publicamente estar alli o Messias. Tambem representa este primeiro descobrimento da Cruz, que quando os judeos tinhão coberto o Rosto de Christo em casa de Caifás, lhe davão bofetadas, por cujo respeito se não mostra agora a Face do Senhor, porém nós o adorâmos, e louvâmos.

Canta segunda vez o Celebrante o *Ecce lignum* no logar, em que na Missa se dizem as Lições, representando a Jerusalem, onde estavão os Doutores da Lei; e aqui se descobre a Cruz mais que na primeira vez, porque mais que em outra parte fez aqui o Senhor conhecer a sua Doutrina. Aqui, pois, o adorâmos segunda vez, em contraposição das injurias, com que, coroado de espinhos, o adoravão os

ímpios judeos por zombaria ; e porque então lhe não cobrião a Face, se descobre agora na Cruz.

Finalmente, o logar do meio, em que o Celebrante, com voz muito mais alta, canta terceira vez o *Ecce lignum*, nos declara, que o Senhor, estando na Cruz entre dous ladrões, foi reconhecido por Filho de Deos. Aqui se descobre de todo a Cruz, porque o Senhor foi pregado nella totalmente despido, (menos os pannos, que pedia a honestidade) e se vio cumprido claramente tudo o que na Lei, e nos Prophetas se continha. E a terceira adoração, que aqui fazemos, é em compensação dos improperios, que os judeos lhe dizião, passando por diante da Cruz, e blasfemando : *Vah, qui destruis templum Dei !*

Descoberta a Santa Cruz, se faz a ceremonia da sua *Adoração*, que teve principio em Jerusalem no tempo de S. Paulino Nolano ; e o irem os Fiéis com os pés descalços nesta religiosa acção, foi instituido por S. Gregorio Papa. O serem tres as adorações da santa Cruz, é em contraposição das tres principaes injurias, que os Judeos fizerão ao Salvador, contradizendo a Igreja nossa Mãi, e convertendo em veneração, o que elles fizerão por desprezo.

Em quanto se adora a santa Cruz, se cantão os *Improperios* nas duas linguas latina, e grega ; e não se faz menção da hebraica, porque os Judeos negárão a Christo, e fôrão reprovados ; e por isso os Improperios, que hoje canta a Igreja são todos fulminados contra os perfidos israelitas, reprehendendo-os o Senhor da sua ingratidão, e tyrannia, com que lhe correspondêrão com blasfemias, e affrontas a tantos favores, e beneficios, que por elles havia obrado.

Assim, pois, como a primeira accusação, que os Judeos fizerão a Christo foi, que negava o tributo devido a Cesar, o Senhor lhes responde, lançando-lhes em rosto, que os havia livrado do captiveiro do Egypto, como dizendo-lhes : « Tu me accusas, ó Synagoga, do tributo prohibido ? Antes devias por isso render-me as graças, pois te livrei da escravidão, e tributo, que houveras de pagar no Egypto. »

Em segundo logar, sendo Christo accusado pelos ingratos Fariseos de se fazer Rei, e Senhor, elle justamente lhes responde : « Antes, ó maligno povo, me estás tu por isso mesmo summamente obrigado, governando-te, e alimentando-te Eu prodigiosamente no deserto, e dando-te uma habitação muito commoda na deliciosa terra promettida. »

Ultimamente, calumniando os hebreos a Christo, de que amotinava o povo, destruia a Lei, e o templo, e se chamava Filho de Deos, e que o não conhecião, nem querião por seu, o Senhor lhes responde, trazendo-lhes á memoria o havello creado, mantido, e beneficiado, mais do que se podia crer entre os homens ; e isto não obstante, se havião portado tão ingratamente com Elle.

Estas ingratidões dos hebreos representão muito bem as nossas ; e aquelles dolorosos improperios, em certo modo, nos convem mais do que a elles, pois para se ver, que o peccado dos Christãos tem alguma cousa mais horrivel, do que os flagellos, os espinhos, os cravos, o fel, e a lança, basta ponderar, que depois de havermos conhecido, e adorado ao Christo do Senhor ; depois de havermos confessado a gloria do seu Nome, e sabermos que vive, e reina Immortal, e Omnipotente, nos atrevemos, com indesculpavel cegueira, a quebrantar os seus Preceitos, affligindo o seu Coração, e insultando o seu Poder.

Das vozes gregas *Agios ó Theos*, *Agios Ischiros*, *Agios Athánatos*, *Eleison*, *Imás* (que vem a dizer : *Santo Deos*, *Santo Forte*, *Santo Immortal*, *tende misericordia de nós*) escrevem authores antiquissimos, de respeitavel memoria, que se ouvírão no Ceo sobre a Cidade de Constantinopla, no tempo em que nella se padecêrão formidaveis terremotos, os quaes logo cessárão, ao continuar o Povo na invocação do misericordioso auxilio, com este Divino Trisagio.

E a causa propria de se dizer hoje este mesmo Trisagio no principio dos improperios, é porque sendo Christo uma das tres Divinas Pessoas, a Elle vestido na nossa carne, e pregado na Cruz por nosso amor, recorremos, como a Deos Santo, Forte, e Immortal, para que tenha de nós Misericordia ; principalmente neste dia, em que pela sua Paixão, e Morte venceo a mesma morte, e a todo o inferno.

O mais, que se segue, se diz em obsequio da santa Cruz, que sempre devemos louvar, e adorar ; e aqui com especialidade se diz o primeiro verso do Psalmo 66. *Deus misereatur nostri*... para que Deos nos dê a conhecer os beneficios, que nos tem feito, de modo que não nos portemos ingratos, como os judeos o fôrão ; e o hymno *Pange lingua*... que depois se canta, foi composto por Theodulfo, Bispo de Orleans, de que acima fallámos na benção de Domingo de Ramos.

Adorada a santa Cruz, e collocada no altar, se faz procissão, em que se canta o hymno *Vexilla Regis pródeunt*... composto por Venancio Fortunato, como escreve Baronio. O Celebrante, chegando ao altar com o Sacramento, lança vinho, e agua no Calis ; e sem o consagrar, o põe junto da Sagrada Hostia, como dizendo : Este é o corpo, de que sahio Sangue, e Agua, e logo diz as tres orações : *Præceptis salutaribus*... *Pater noster*... e *Libera nos*... que denotão os tres dias, em que o Salvador esteve encerrado no sepulcro.

Quando o Sacerdote lança a Particula no Calis, não diz a oração : *Hæc commixtio*... porque no Calis não está sangue, nem este hoje se consagra, porque se representa a Christo morto. Além de que o Calis significa a Lei antiga que com a morte de Christo acabou ; porém communga a Hostia, que se offereceo, e consagrou no dia antecedente.

Tambem se não diz a saudação *Pax Domini*...

nem se dá a Paz, em detestação do osculo, e saudação aleivosa do traidor Judas; nem assim mesmo se dizem as duas orações, que principião: *Domine Jesu Christe...* porque nellas se faz menção do sangue, que hoje se não consagra, pelo que já dissemos.

Em conclusão não se diz *Agnus Dei...* porque se não deve exteriormente invocar o que na representação está morto; por cuja razão o Sacerdote o communga em silencio, e com o mesmo se retira do altar; denotando o sentimento, e tristeza summa, que a Igreja tem neste dia.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Olha para o Divino Modêlo, que hoje te foi proposto sobre o Monte Calvario. Olha com affecto enternecido, e movão-te á penitencia os incomprehensiveis tormentos daquelle Corpo despedaçado. Quando Deos te pedisse o sacrificio da tua vida, pediria talvez muito, depois do muito mais que quiz obrar a teu respeito? O preço da tua salvação eterna foi o Sangue de Jesu Christo; e tu, para conseguires aquella felicidade suprema, reputarás por excesso o derramar algumas lagrimas, e começar desde logo alguma mortificação ligeira?

Olha, e obra. *E quando sentirdes daqui em diante alguma difficuldade em obedecer á voz do Senhor, olha para Jesu Christo na Cruz, e considera, se ousarias recusar-lhe aquelle pouco, se Elle então te fallasse, e expressamente t'o pedisse? Esta pratica é excellente para vencer as nossas repugnancias, e confundir a laxidão da nossa tibieza.*

Não te contentes com as abstinencias modicas, e ordinarios jejuns, indispensaveis, segundo a Lei. Obra neste dia alguma mortificação particular, e determina logo um pequeno sacrificio, que farás, pelo menos, em todas as sextas feiras do anno. Por exemplo, de privar-te de um tal recreio, de um tal jogo, de um tal fructo, de um tal ornato, de não dizer cousa alguma sobre qualquer injuria, que se te haja feito, &c.

E sabe tambem que pela palavra Sacrificio *se podem igualmente entender certas praticas de piedade algum tanto penosas, como o ir a pé em todos os sabbados, visitar um templo mais remoto, onde a Santissima Virgem é particularmente honrada; jejuar em seu obsequio um dia cada semana; consolar os enfermos nos hospitaes; repartir alguma esmola; visitar os pobres prêsos com frequencia, &c. De todo o referido farás o que poderes, e te permittirem as condições do teu estado; tendo bem entendido, que te consolará muito na hora da morte este pequeno sacrificio, que houveres praticado pelo tempo da vida.*

SABBADO SANTO

SOBRE OS MYSTERIOS, E CEREMONIAS DESTE DIA.

Todo o Officio deste dia se encaminha a honrar os dous Mysterios da descida da Alma de Jesu Christo ao Limbo, e do descanço do seu Corpo adoravel no Sepulcro. Nos primeiros seculos do Christianismo não se terminava este Officio se não depois da Hora de Noa, que se estendia até o sol posto; tempo, em que começava o dia civil, segundo o rito dos judeos.

Principiava, pois, nesta hora a presente vigilia da Pascoa, reputada sempre pela mais celebre, e mais indispensavel entre as outras de todo o anno. Era raro o Fiel, que então não fosse á Igreja, e alli não passasse toda a noite em exercicios de piedade.

O Officio, que era muito extenso, com varias Lições do antigo Testamento, instrucções, Ceremonias, e orações multiplicadas, occupava todo o tempo até a aurora seguinte, em que se começava o Officio da Pascoa, seguido do Sacrificio da Missa, em que commungavão os Fiéis, que se conservavão em rigoroso jejum desde a modica refeição do dia antecedente, e alguns desde o jantar de quinta feira. Este religioso costume ainda subsiste entre os Christãos da Igreja grega.

Porém depois que a Igreja latina (sempre dirigida pelo Espirito Santo) julgou conveniente, e necessario, por muitas, e mui fortes razões, prohibir as assembleas nocturnas, todo o Officio do sabbado Santo, consagrado á memoria da Sepultura do Salvador, se termina de manhã na Hora de Noa, e começa logo o Officio da grande vigilia da Pascoa, conservando sempre as mesmas ceremonias, e orações competentes ao tempo nocturno.

Antes de se começar o Officio deste dia, se apagão todas as luzes da Igreja, e se accendem depois com o lume novo, significando a Lei, e Testamento Velho, que pela Morte de Christo se extinguírão; e pelo novo lume, que se tira da pederneira, se symboliza a Jesu Christo, que, ferido com os duros tormentos da sua Paixão, derramou sobre nós o Divino Fogo do Espirito Santo.

Tambem o apagarem-se as luzes da Igreja denota a tibieza dos Apostolos, em que a luz da Fé esteve quasi extincta, sendo elles escolhidos para luz

do mundo; e o extrahir-se lume novo da pedra, benzello, e lançar-lhe agua benta, significa a Christo, symbolica Pedra, de cujo lado, ferido com o ferro da lança, manou Sangue, e Agua, figura dos Sacramentos, por meio dos quaes somos inflammados no amor de Deos, e ao mesmo tempo regados com a mystica agua da Divina Graça.

A benção do Cirio Pascal teve principio no anno 417 por ordem do Papa Zózimo I, e quadragesimo successor de S. Pedro, e ainda que *Merati* affirma, que dous Missaes da Bibliotheca Colbertina trazem esta benção no anno 400 (que são 17 annos antes de Zózimo ser Papa) comtudo é certo, que ou fosse elle o author, ou concedesse ás Igrejas o poderem fazella, sempre elle foi o que approvou a que presentemente se pratica porque outras benções se achão; as quaes não estão em uso.

Benzer-se o Cirio, é para significar a gloria da Resurreição de Christo, ao qual o Eterno Pai abençoou; e benze-se na presença do Sacerdote pelo Diacono, Ministro inferior, porque Christo resuscitado appareceo primeiro á Magdalena; querendo que a gloria da sua Resurreição fosse publicada aos Apostolos por sexo inferior ao masculino; porque assim como a nossa morte entrou no mundo por uma mulher, assim fosse outra, a que publicasse ao mesmo mundo a restauração dessa morte, pela Resurreição do Senhor.

O Cirio acceso, significa a columna de fogo, que precedia de noite aos filhos de Israel no caminho do Deserto, conduzindo-os para a deliciosa Terra da Promissão; e apagado, denota a columna de nuvem, que os guiava de dia para a mesma parte, expressa figura de Christo, que depois do Mar-Vermelho do seu Sangue (figurado nas aguas do Baptismo) nos conduz pelo deserto deste mundo para a gloriosa terra promettida, a sempiterna Bemaventurança.

Depois da benção do lume novo se accende com elle a véla triangular, em honra da Trindade Santissima, de que Jesu Christo nos deo luz, convidando-se em alta voz a todo o povo com as palavras *Lumen Christi* a gratificar a Deos o ineffavel beneficio de nos dar em Jesu Christo resuscitado a luz, e reconhecimento deste adoravel Mysterio, que por isso se responde: *Deo gratias*.

Segue-se logo a benção do Cirio, com o glorioso Precónio *Exultet*... em que o Diacono convida geralmente ao povo, para que se porte attento, e com elle implore a Misericordia do Senhor, por onde se fação dignos da admiravel claridade daquelle mysterioso lume, expressa figura do mesmo Christo.

Em algumas Igrejas costumão accender o Cirio, logo no principio da benção, porque Christo no primeiro instante da sua Conceição foi todo cheio da Graça do Divino Espirito; e as palavras da mesma benção parece que assim o dão a entender. As cinco pinhas de incenso, que se põe no Cirio, significão as cinco chagas de Christo recebidas na Cruz.

Accender-se o Cirio com uma luz da véla triangular, é para nos dar a entender, que a Resurreição de Christo foi obra das tres Pessoas Divinas, e o lume denota a Alma, que se lhe unio outra vez ao Corpo, e se revestio com a gloriosa luz da Immortalidade. E accenderem-se com este lume todas as lampadas da Igreja, significa a Graça, e Doutrina de Christo, que illustrou aos Apostolos, e por elles a todos os outros Fiéis.

Em algumas Igrejas se usa de dois Cirios, um maior, que representa a Christo, e outro menor, que symboliza aos Apostolos, de quem disse o mesmo Senhor, que erão Luz do Mundo. Em outras Igrejas se accendem dois Cirios menores, do que o maior, e se põe aos seus dois lados, significando os Santos do Velho, e Novo Testamento, os quaes forão allumiados por Christo, e pela doutrina dos Apostolos, e Prophetas.

O author do sagrado Precónio *Exultet*, que serve de benção ao Cirio Pascal, dizem uns que foi Santo Agostinho, outros que S. Leão, outros, que S. Gregorio, e a maior parte dos Escriptores o attribue a Santo Ambrosio, Arcebispo de Milão; mas o seu estilo, as suas allusões, e expressões indicão ser obra do sexto, ou setimo seculo.

A Pascoa dos Christãos é figurada pela dos israelitas: Jesu Christo é representado pelo Cordeiro Pascal; a nossa Redempção é figurada na sahida do Egypto; em summa, as utilidades infinitas, que nos resultárão da Resurreição do Salvador, fazem todo o assumpto deste famoso elogio; e estes mesmos são os objectos, que presentemente devem dar exercicio á nossa veneração, e ao nosso culto.

DAS PROPHECIAS.

A benção do Cirio Pascal é seguida de doze Lições da Sagrada Escriptura, (vulgarmente chamadas *Prophecias*) cujas relações mysticas, e moraes (com a solemnidade do dia, e sobre tudo com a ceremonia do Baptismo, singularmente para hoje destinado) dão uma justa idéa do Augusto Mysterio da nossa regeneração espiritual, pela qual sahimos do infimo abatimento de servos do peccado para o estado glorioso de Filhos de Deos.

A razão literal, por que se cantão sem titulo estas Lições, é por serem destinadas principalmente para os Catecúmenos, aos quaes se lião só com o titulo de Palavra de Deos, sem lhes nomear os Escriptores Sagrados, cujos nomes, qualidades, e meritos elles ignoravão; e a causa mystica deste silencio denota estar Christo, Cabeça da Igreja, escondido, e depositado no Sepulchro.

O numero duodeno destas prophecias, é em memoria dos doze Apostolos, os quaes, depois de Christo, illustrárão o mundo com a sua doutrina. Em algumas Igrejas se dizem as primeiras seis destas lições na lingua grega, e as seis segundas na latina;

porque a Lei de Christo passou dos judeos para os gentios, e estes crêrão na sua Doutrina, e aquelles a desprezárão.

A *primeira* é tirada do capitulo 1.° do Genesis, em que se trata das primeiras creaturas, feitas á imagem, e similhança de Deos; cuja similhança perdêrão pela culpa, e lhes foi restaurada pelas aguas do Baptismo.

A *segunda* é do capitulo 5.° do mesmo Genesis, em que se refere, que todas as gentes morrêrão no diluvio, e só os que entrárão na Arca se salvárão. A Arca é a Igreja, o Diluvio é o Baptismo; e todos os baptizados, se não procedem como bons Filhos da mesma Igreja, perecem.

A *terceira* é do capitulo 22.° do mesmo Genesis, em que se descreve o sacrificio de Abrahão, offerecendo a seu filho Isaac, e sacrificando por elle o mysterioso carneiro, como o Filho de Deos se offereceo por nós, sacrificando a humanidade, e não a Divindade.

A *quarta* é do capitulo 14.° do Livro do Exodo, em que se conta como os egypcios forão submergidos no Mar-Vermelho, e os hebreos livres do naufragio, representando Moysés ao Sacerdote, o Mar ao Baptismo, o Cirio a columna de fogo, os egypcios aos Catecúmenos, submergidos ainda na culpa, e os baptizados aos hebreos, salvos de todo o perigo; por cuja razão se segue logo o cantico em acção de graças ao Senhor pelos beneficios recebidos.

A *quinta* é do capitulo 54.° do Propheta Isaias, na qual expressamente se convida a todos para o Baptismo.

A *sexta* é do capitulo 3.° do Propheta Baruch, em que se trata da Resurreição de Christo, e dos celestes Dons da Sabedoria, que com a posse da Divina Graça se diffundem na alma dos recem-baptizados.

A *setima* é do capitulo 37.° do Propheta Ezequiel, em que se trata da resurreição do corpo, segundo a carne; imagem da que se faz no Baptismo, segundo o espirito.

A *oitava* é do capitulo 4.° do Propheta Isaias, na qual se expressa o Sacramento da Igreja, em que as almas se purificão da immundicie das culpas, e são convocadas para as espirituaes vodas, no Santo Baptismo.

A *nona* é do capitulo 2.° do Livro do Exodo, em que se trata da Paixão de Christo, figurada no Sacrificio do Cordeiro Pascal, a cuja cêa são convidados os que receberem o santo Baptismo.

A *decima* é do capitulo 3.° do Propheta Jonas, que, lançado ao mar, e tragado da Balêa, symboliza a Paixão, Sepultura, e Resurreição de Christo; e pela penitencia dos Ninivitas, que alli se refere, se denota o exercicio laborioso, infallivelmente necessario a quem perdeo a innocencia baptismal.

A *undecima* é do capitulo 31.° do Deuteronomio, que trata da reprovada synagoga, da fundação, e dilatação da Catholica Igreja de Christo, por meio do santo Baptismo.

Finalmente, a *duodecima* é do capitulo 3.° do Propheta Daniel, em que se refere, como o Anjo na fornalha de Babylonia livrou do ardor do fogo aos tres mancebos; assim como o Espirito Santo extingue a chamma do peccado em os novos Catecúmenos, por meio do santo Baptismo.

A *Oração*, que se diz depois desta Lição, não tem *Flectamus genua*, como as outras, porque Nabucodonosor, em desprezo de Deos, mandou ao povo, que adorasse a estatua de ouro, representativa da sua pessoa; e por detestação daquelle desprezo se não ajoelha.

BENÇÃO DA FONTE.

Neste dia se benze a Fonte baptismal, e se faz o baptismo do Cirio Pascal, e depois se baptizão os Pagãos, e Catecúmenos, porque estes, sepultados com Christo, renascem pelo Baptismo, por onde tem parte na Paixão, e parte na Resurreição. Na Paixão, pela ablução dos peccados, e na Resurreição, pela innovação da Graça.

De maneira, que assim como Christo neste dia libertou as almas dos Santos Padres, que estavão no carcere do Limbo, e Purgatorio, tambem hoje são livres do peccado original os Pagãos, e Catecúmenos, que recebem o santo Baptismo, de que é figura o baptismo do Cirio; porque assim como o Corpo de Christo santificou as aguas do Jordão, tambem pelo Cirio, figura do mesmo Senhor, submergido nas aguas, se representa a força regenerativa da Graça, que Elle communica aos recem-baptizados.

Na benção da Pia mette o Sacerdote a mão na agua, dividindo-a em fórma de Cruz, tres vezes, em reverencia das tres Pessoas da Santissima Trindade. A *primeira vez*, é para significar a milagrosa efficacia, que pela Sagrada Cruz recebeo o Baptismo, e para que essa agua se encha da virtude do Espirito Santo. A *segunda*, é para que esta agua fique fortalecida com a invocação da Santissima Trindade, e o inimigo lançado fóra, não tenha poder para tornar a ella. Na *terceira*, tomar o Sacerdote a agua, e espalhalla por quatro partes, é para mostrar, que a Graça do Baptismo, e a palavra Evangelica se dilatão pelas quatro partes do mundo.

Bafejar o Sacerdote sobre a agua, significa, que todo o fiel, com tanta facilidade como um sopro, póde affugentar o demonio. Metter-se logo o Cirio Pascal na agua da pia, significa a vinda do Espirito Santo, que no Baptismo do Jordão desceo em figura de Pomba. Metter-se segunda vez o mesmo Cirio na agua, denota, que o Corpo de Christo, symbolizado na cêra, santificou as aguas do Baptismo, e lhes deo força regenerativa. Finalmente, metter-se terceira vez o Cirio na mesma agua, até tocar no

fundo, significa a total remissão dos peccados, que obtivemos pela Morte de Christo.

Tambem a primeira das tres vezes, que o Sacerdote assopra na agua, é para que o Espirito immundo saia fóra della, cumprindo-se o que disse Christo: *Agora o Principe deste mundo será lançado fóra.* A *segunda* é para saber Satanaz, que é tão pouco o seu poder, que uma simples insufflação basta para o affugentar. Finalmente a *terceira* com as outras duas, mostra que o Espirito Santo obra tres cousas com o Baptismo, convem a saber: apartar-nos dos vicios; adornar-nos de virtudes; e coroar-nos de gloria na Bemaventurança eterna.

DA MISSA DESTE DIA.

Nesta Missa não se diz *Introito*, que é o seu exordio, para mostrar-se, que Christo, nosso primeiro Principio, ainda está no Sepulchro. E supposto que Elle resuscitou na aurora da seguinte noite, (em que algum tempo se dizia esta Missa) ainda os Discipulos o não sabião, nem a mesma Magdalena.

Canta-se o hymno angelico *Gloria in excelsis Deo*, por muitas razões. 1.ª Para se dar aos novos baptizados a gloriosa paz, que os Anjos annunciárão aos homens na alegre noite do Nascimento de Christo. 2.ª Porque renovados elles com a Graça do Espirito Santo, já pódem cantar com os mesmos Anjos. 3.ª Porque os Espiritos Angelicos, que annunciárão a Christo nascido, agora se alegrão com os renascidos no Baptismo. 4.ª Por estar proxima a Resurreição de Christo, desejada de todos; por cuja causa ao cantar-se este alegre hymno, se tocão os sinos, e orgãos, que estavão até agora em silencio.

Pela *Epistola* se instruem os baptizados na Fé, para conservarem o feliz estado da innocencia, e não perderem a estola da Graça Divina, dizendo-lhes o Apostolo S. Paulo: «Se resuscitastes com Christo, livres do captiveiro da culpa, por virtude do santo Baptismo; desprezai agora as cousas terrenas, aspirando sempre a reinar com Christo na eterna Gloria.»

Depois da Epistola se canta solemnemente a saudação *Alleluia*, que é suavissimo cantico de angelica alegria; gloriando-se os Anjos de verem a tantos resgatados da servidão do demonio, e renascidos para o Ceo, pelo Sacramento do Baptismo.

Não se diz *Gradual*, porque Christo, nossa Cabeça, descança no Sepulchro, e onde ha descanço, não póde haver movimento, e sem este não se verifica a subida de degráos, que denota o Gradual. Tambem se não diz, porque os baptizados ainda não subírão, nem derão passo na virtude; e por isso se diz logo o *Tracto*, que significa paciencia, com a qual devem aspirar á Gloria eterna.

O *Evangelho* descreve o sollicito cuidado, com que as devotas mulheres vierão ao Sepulchro, e a expressa noticia, que lhes derão os Anjos da gloriosa Resurreição de Christo. Canta-se sem luzes, por tres razões. 1.ª Em signal de que Christo, que é Luz verdadeira, se julga perdido, ou ainda cremos, que está no Sepulchro. 2.ª Porque as mulheres, reputando a Christo por morto, fôrão sem luzes, e occultamente ao Sepulchro, para lhe ungirem o Corpo. 3.º Para dar a entender a cegueira dos corações, que não acreditavão, que o Senhor podesse resuscitar-se por virtude propria.

O *Incenso* (que sómente se leva) é em memoria dos fragrantes aromas, que levavão as mulheres para ungirem a Christo. Tambem significa o incenso as tibias orações dos que tinhão a fé da Resurreição escurecida, suppondo ao Senhor na sepultura, por cuja razão nesta Missa se não diz *Credo*; e se algumas Igrejas o dizem, é só por signal, ou asseveração, de que os baptizados crêem tudo o que de Christo se diz no Evangelho, e fielmente o confessão.

Por tres motivos se não diz *Offertorio* nesta Missa. 1.º Porque as timidas mulheres se apartárão em silencio do Sepulchro, tendo ido a elle para ungirem a Christo. 2.º Porque as mesmas mulheres estiverão em silencio defronte do Sepulchro, sem ousarem responder ao Anjo do Ceo, que alli lhes appareceo. 3.º Porque ainda não resuscitou quem só póde liberalizar-nos o que dignamente lhe offereçâmos.

Canta-se *Sanctus*, *Sanctus*... que é Cantico dos Anjos; porque nestes nunca cessárão os louvores Divinos. Porém não se diz *Agnus Dei*... porque ajuntando-se ao ultimo *Dona nobis pacem*, Christo não deo a Paz, se não depois que resuscitou, por cuja causa se não dá tambem o osculo de paz nesta Missa.

Não tem *Postcommunio*, porque então não havia quem commungasse na Fé de Christo: e porque ainda este Senhor, que é o que havemos de commungar, não tinha resuscitado, e tambem porque as Vesperas, que se seguem, tem força, ou fazem as vezes de *Postcommunio*.

Cantão-se, pois, e fazem-se brevissimas estas Vesperas, porque não as tem o eterno dia do glorioso descanço, que por este sabbado se representa; e tambem porque os novos baptizados, depois de assistirem a um tão largo Officio, se não enfastiassem com a extensão das mesmas Vesperas, e por isso todo o Officio se termina com uma só collecta, ou conclusão, porque o Sacramento do Baptismo se consummou na Paixão de Christo; ou tambem porque este dia se acaba, não nas Vesperas, mas no Sacrificio da Missa, representativo da Paixão, e Morte do mesmo Senhor, com que Elle nos remio do captiveiro da culpa; por cujo beneficio, e favor immenso Elle seja louvado, exaltado, e engrandecido, assim na terra, como nos Ceos, agora, e sempre por todos os seculos dos seculos. Amen.

HISTORIA
DA SAGRADA PAIXÃO
DE NOSSO SENHOR JESU CHRISTO.

CAPITULO I.

A traição de Judas, considerada no horror, na execução, e nas consequencias de tão abominavel projecto.

§. I.

Judas, a quem o Salvador do mundo (preferindo-o a outros muitos) de plebeio mendigo o elevára ao numero daquelles doze Senadores, que tinhão de fundar com a obra, e reger com o conselho o maior, e melhor Principado do universo... Aquelle, a quem o mesmo Senhor destinava adorações dos povos, obsequios de Sacerdotes, esplendor de templos, magnificencia de altares... Aquelle a quem concedêra Poder amplissimo para mandar sobre a natureza, subjugar os demonios, curar as enfermidades, e exterminar a morte... Aquelle, emfim, a quem (para não deixar demonstração alguma da estimação, e confiança, que formava da sua pessoa) o elegêra entre todos os Discipulos, para lhe entregar a administração do pouco patrimonio que possuia, pela sua pobreza voluntaria: este, pois, este pérfido, este ingrato, este monstro formou o detestavel projecto de entregar o seu Bemfeitor, o seu Mestre, e o seu Deos, vendendo-o aos seus inimigos.

E porque preço? Oh assombro! Todos sabem, que por trinta dinheiros; porém poucos ponderão, que por menos que lhe dessem, o entregaria, porque elle o pôz, como em publica almoeda, na presença dos Senadores, com o pregão daquella sua proposta: *Que me quereis vós dar? E eu vo-lo entregarei.* E logo á primeira offerta daquelle pouco dinheiro dos trinta siclos, (que pelo computo da nossa moeda não excedião o valor de sete mil oitocentos e sessenta réis) não repugnou, nem pôz duvida alguma, antes, dando-se por satisfeito com um tão baixo preço, concluio logo a venda, como vantajosa aos seus interesses; mostrando por este modo, que com preço inferior se contentára, como quem reputava (contra todo o costume dos vendedores) por seu lucro principal, não o ganhar dinheiro, mas o passar a mercadoria.

Oh meu Deos! Quanta é a cegueira, e quanta a dureza do peccador, obstinado já no seu coração! Foi possivel, que tantas Graças por Vós feitas a esse ingrato Discipulo; que tantos favores, que lhe concedestes, e a predilecção especial, com que o honrastes, não lhe suspendessem a resolução, nem lhe impedissem o formar no seu animo o detestavel projecto de um Deicidio! Oh meu Divino Salvador! Nós detestâmos com razão aquelle enormissimo traidor; mas quantos de nós mesmos o imitâmos, vendendo, senão a Vós, os vossos Interesses, ou os vossos Preceitos, por um breve pontinho de honra, por um impuro prazer transitorio, e por um indigno respeito humano?

§. II.

Com effeito, o perfido Judas, levando adiante o seu execravel projecto, marcha na frente de uma tropa de soldados, e outras gentes armadas, serve-se do conhecimento que tinha do logar ordinario, aonde o Salvador se retirava para orar, e pelo signal infame de um aleivoso osculo o entrega a seus inimigos, que com implacavel furor procuravão opportuno meio para o prender, e tirar deste mundo.

E que faria o Salvador neste passo, lendo no coração de Judas o monstruoso horror da sua barbara intenção? Mandaria, que se abrisse a terra para o engulir, ou que viesse um raio do Ceo para o despedaçar? Ou pelo menos lhe faria rigorosas censuras, e tremendas ameaças para o suspender? Nada disto fez, antes pedindo-lhe o traidor o costumado osculo, sua Divina Magestade sem a menor duvida, nem alguma demora, inclinou a cabeça, e lhe offereceo o rosto, dizendo-lhe ao coração:

Que mais quereis de mim? Pede, não te acobardes, que quem te admitte ao osculo de amigo, não te negará a sua Casa, a sua Graça, e a sua Gloria. Esse osculo de paz, que me dás fingido, dá-m'o devéras com o coração humilhado, e tão amigo ficarás meu, como d'antes. E supposto que agora me prendão esses teus companheiros, não te desconsoles, porque tu a isto já não pódes dar remedio; e é força que se cumpra a vontade de meu Pai, que é morrer Eu por ti, e por todos os homens. Cuida, pois, e cuida só em te converter a mim, tendo por certo, que da minha parte não te poderá faltar a minha paz, nem o meu amor.

Porém vendo o Divino Mestre, que Judas não attendia a estas, ou similhantes vozes, que lhe dava ao coração, lhe fez expressamente esta pergunta: *Amigo, a que vieste?* Como dizendo-lhe: Chamo-te amigo, porque ainda que o não queiras ser meu, Eu sempre te amo. Dize-me, pois, a que vieste? Pois ainda que Eu o não ignoro, confessa-o tu por tua boca: confessa aqui em segredo a tua culpa, e como arrependido a confesses, faremos as pazes, e ficaremos amigos.

Dize-me, pois, a que vieste á minha companhia, a que vieste á minha Escola, e a ser meu Apostolo! Foi para te voltar contra mim, e me vender, tomando o partido dos meus contrarios? Ah infeliz! Onde aprendeste essa traição? Este é o fructo, que tiraste da minha Doutrina, e dos muitos milagres, que tens visto, e ouvido até agora? Tiraste por consequencia o entregar á morte o Filho de Deos, que por teu remedio baixou do Ceo á terra, e fazendo-se Homem, se unio á tua mesma natureza? Ao Filho de Deos humanado, que por ti padeceo frios, e calores, fomes, e sedes, cansaços, e fadigas; a este entregas a seus inimigos, perfido, ingrato, e pelo modo mais aleivoso?

Oh meu Divino Salvador! Agora entro a conhecer, quão fortes são os laços do peccado, e o imperio do vicio dominante em um coração por elle possuido. O certo é, que uma alma, que de Vós se aparta, e despreza os attractivos da vossa Graça, é capaz de chegar a todo o excesso, e de cahir no maior precipicio; de maneira, que nem as reflexões mais fortes, nem as ponderações mais saudaveis, nem os mais vivos remorsos, nada será bastante para suspender aquella alma na sua precipitada carreira. Cahirá, pois, de peccado em peccado, e de abysmo em abysmo, até parar no ultimo termo da sua eterna infelicidade.

Que podieis Vós, meu Jesus, fazer mais para a conversão do ingratissimo Judas? Vós o recebestes com doçura, apesar do seu abominavel designio; Vós lhe fizestes sentir o horror do seu malvado intento, e lhe abristes a porta para o seu remedio na ternura, e no affecto do vosso coração suavissimo; porém nada bastou para aquelle coração obstinado, já pelo demonio possuido, fazendo-se immovel, impenetravel, e insensivel a tudo.

Assim chegou o perfido traidor ao cumulo da sua iniquidade, e ao final momento da sua perda. A avareza o fez vender, e entregar o seu Deos, e a desesperação o fez precipitar no fundo do infernal abysmo. Reconheceo aquelle monstro o seu barbaro crime, porém reconheceo-o furioso, e desesperado; e no horror deste sentimento, o frenesi daquelle furor lhe fez tomar a resolução de se enforcar a si mesmo, terminando por este modo a sua criminal vida com a mais infame de todas as mortes.

Ah desgraçado, que conhecendo a grandeza do teu crime, não reconheces a Bondade do teu Deos! Porque não imploras a sua Clemencia, para te admittir no seu seio, e te restituir á sua amizade? Tu, que conheces a benignidade do seu coração, porque não imitas a Magdalena, prostrando-te a seus pés, e regando-os com as tuas lagrimas? Porque não tomas o exemplo do Filho prodigo, lançando-te nos braços do melhor Pai? Elle só deseja o teu arrependimento, e tu com elle alliviarias o seu coração, e alegrarias os Anjos do Ceo.

Oh meu benigno Salvador! Vós que bem vêdes a obstinação desse infiel Discipulo, e sabeis qual será, como foi, o seu desgraçado fim, ainda assim chorais por elle, sentindo a sua sorte, e gemendo sobre a sua perda! Oh quanto melhor lhe fôra não haver nascido! Mas o seu crime está consummado, deixando para todos os seculos o mais funesto exemplo; e nós outros sobre todas estas verdades devemos fazer as reflexões seguintes, bem necessarias, e bem importantes.

§. III.

1.ª *Reflexão.* De que absurdo não é capaz o homem, que se entrega a uma paixão? Judas era avarento, e a sua infelicidade principiou por um apêgo (talvez no principio ligeiro) aos bens da terra. A avareza o conduzio á rapina, a rapina o lançou na perfidia, e logo de perfido se fez impio, sacrilego, deicida, reprobo, desesperado, e homicida de si mesmo. Sendo, pois, a origem de tudo isto um infeliz apêgo aos bens caducos, podia-se imaginar, que um tal principio acabasse em um fim tão funesto?

2.ª *Reflex.* Desconfiemos de nós mesmos, não nos dando por seguros, nem sobre o tempo, nem sobre o logar, nem sobre a santidade das disposições em que estejâmos, pois que Judas, um Discipulo, um Apostolo de Jesu Christo, se perdeo no meio dos Apostolos, e como ao lado de seu Divino Mestre; e se assim se quebrou uma forte columna, que não deve temer uma cana fraca? Firmemo-nos, pois, sobre o temor do perigo, com uma vigilancia perenne sobre nós mesmos, e uma inviolavel correspondencia aos auxilios da Graça; sem o que, apesar do nosso estado, das nossas resoluções, e beneficios de Deos, pereceremos infallivelmente.

3.ª *Reflex.* Tinha Judas larga experiencia da summa Bondade, Mansidão, e Paciencia de seu Divino Mestre, e confiado neste supposto, se arrojou temerario a dar-lhe um osculo, como amigo. Oh Bondade eterna, e Deos de Misericordia! Não permittais que seja tanta a nossa cegueira, que, á imitação daquelle ingrato, cheguemos a cahir em um tal absurdo de abusar da vossa clemencia para offender-vos. Não, Senhor, e mil vezes não. Antes por isso mesmo que sois bom, generoso, e pacifico, vos amemos, como é justo, com toda a intenção, com toda a possibilidade do nosso affecto.

4.ª *Reflex.* Ultimamente, por maior que seja o peccado em que houvermos cahido, e por mais pro-

funda que seja a ferida, que tivermos feito em a nossa alma, não desconfiemos, nem desesperemos jámais da Misericordia de Deos; porque este é o crime, que mais o offende, e insulta mais o seu coração. O peccado de Judas, entregando a seu Mestre, é certo que foi grande; porém o da sua desesperação foi para com Deos muito maior.

CAPITULO II.

A PRISÃO DE JESU CHRISTO NO HORTO.

§. I.

Judas, não podendo soffrer a reprehensão do Senhor, (como diz Santo Agostinho) voltou-lhe as costas, e partio a juntar-se com os soldados, que já entravão pela porta do Horto; e sua Divina Magestade com animo generoso, grave, e modesto, procurando-os logo, lhes perguntou: *A quem buscais?* Como dizendo: conheceis a quem procurais? *A Jesus Nazareno...* respondêrão. Porém não disserão: a ti procurâmos, porque o não conhecião, diz S. João Chrysostomo.

Cegava-os o resplandor, que naquelle passo (como diz o mesmo Santo) quiz o Salvador manifestar em seu divino Rosto, e portanto, ainda que se havião prevenido de fachos, e lanternas, ficárão ás escuras; pois mal poderia allumiallos a luz terrena quando os cegava a Divina. Disse-lhes então Jesu Christo: *Eu sou;* fazendo este sentido: Sabeis vós outros, quem é esse Jesus Nazareno? Vós, que o perguntais a mim, certamente o não conheceis. Pois Eu vo-lo direi: Eu sou; Eu sou esse mesmo, que procurais.

Mas apenas o Redemptor da vida proferio esta palavra, retrocedêrão logo aquelles ímpios, e tão impetuosamente, que cahírão todos de costas uns sobre os outros. Ah miseraveis! Conheceis agora a Jesus Nazareno? Sabeis já quem é o que vindes a prender? Conheceis por experiencia, quanto é o seu Poder, e a sua Grandeza, quando com uma só palavra vos lança por terra? Arrojai agora essas lanças, embraçai esses escudos, desembainhai esses alfanges, dai exercicio a essas cadeias, e cordas, de que vindes prevenidos.

E tu, ó Judas, prostrado tambem entre os teus companheiros, não abres os olhos da alma, e do corpo, para conhecer sobre ti o Poder Divino? Dize, miseravel: que te valeo juntar soldados, prevenir armas, accender faroes, e signalar a teu Mestre com esse teu osculo? que te aproveitárão essas prevenções, e o declarar aos teus socios — Aquelle, a quem eu beijar, prendei-o logo, e levai-o com cuidado! Frustrárão-se todas as tuas diligencias, e sacrilegas astucias.

Ah meu Deos! Quem poderá soffrer a vossa formidavel indignação, quando vierdes, como Supremo Juiz, se estando para ser logo escarnecido, atormentado, e morto, foi tão terrivel uma só palavra vossa, que pôde lançar por terra um esquadrão de gente armada? Quem vos poderá resistir, quando vierdes a castigar? Como ficará o coração do impio, quando Vós lhe disserdes: Eu sou aquelle, que por ti me fiz Homem, e padeci por teu respeito immensos trabalhos. Por ti fui prêso como ladrão, arrastado, açoutado, e coroado de espinhos. Eu sou aquelle, que, dissimulando as tuas maldades, muitas vezes te chamava, e convidava com a minha Graça. E tu, ingrato peccador, tu me desprezaste, e me trocaste por Satanaz. Oh meu Divino Salvador! Não permitta a vossa Misericordia, que mereça eu uma tal censura. Que seja eu um daquelles, a quem Vós lanceis em rosto: Eu sou Jesus Nazareno, a quem tu não conheceste. Não, meu Senhor, não.

Prostrados, pois, aquelles ímpios pelo tempo que era bastante para reflectirem, e desistirem da sua maldade, lhes perguntou segunda vez o Senhor, a quem buscavão? E quando elles devião responder arrependidos: que só pertendião a Misericordia do mesmo Senhor, a quem com maligna intenção procuravão, porque já conhecião, e veneravão o seu Poder, a sua Grandeza, e a sua Justiça, disserão sómente o mesmo que antes: que buscavão a Jesus Nazareno. Oh! A que miseravel estado chega um peccador, que ainda vendo milagres tão evidentes, passado o perigo, continúa na sua obstinação, e torna a ser quem d'antes era!

Pois se me procurais a mim, (respondeo então o Senhor) já vos disse que Eu sou. Aqui me tendes á vossa vontade, com tanto que não toqueis nos meus Discipulos, nem lhes embaraceis o seu retiro. Como dizendo: pois que com a quéda, que haveis dado, não cahistes ainda no vosso desatino, executai com effeito o que haveis pensado; mas prendendo-me a mim, deixai com liberdade aos meus. Oh Rei de Misericordia! Todos os vossos estavão prêsos, todos pelo original peccado captivos do demonio, e como a vossa morte os livrava deste captiveiro, as vossas entranhas de amor vos fizerão dizer aos vossos contrarios: Deixai com liberdade aos meus Companheiros, e prendendo-me logo por elles, fazei de mim o que quizerdes.

§. II.

Quizerão logo aquelles ímpios lançar mão do Salvador. Porém Elle com a sua Omnipotencia os deteve, para melhor os persuadir, de que por sua propria vontade se offerecia a morrer; tanto assim, que se Elle não quizera, nem elles, nem todos os seus soldados poderião cousa alguma contra a sua Pessoa. Disse-lhes pois: Como se Eu fôra ladrão, viestes com espadas, e lanças para me prender? Vós cada dia me tinheis no templo, prégando, e ensinando na vossa presença livremente, e sem contradição da vossa parte, e agora vindes a prender-me com tanto estrepito, e apparato? Porque esperastes pela noite, e não viestes de dia? Mas com isso mostrais, que esta é a vossa hora, e o tempo mais adequado para a vossa cegueira, para a vossa cobardia, e para o poder das trevas.

Vendo então Jesu Christo, que nada aproveitava para com aquelles filhos da perdição, deo-lhes faculdade para que o podessem prender; e elles no mesmo ponto arremettêrão contra o Senhor com tão raivosa furia, que vaticinando-a o Real Propheta, a compara ao furor do unicornio, á braveza dos touros, á raiva dos cães, á crueldade dos leões, á colera dos tigres, e á voracidade dos lobos. Tal era a impiedade daquelles infernaes corações, que merecia a comparação das mais atrozes, e mais crueis féras.

Investírão, pois, ao Salvador com furor indizivel aquelles barbaros, e carregando todos de tropel sobre sua Divina Magestade, o derribárão por terra, onde uns com os copos das espadas, outros com os contos das lanças, e outros com pedras, por não molestar-se as mãos, descarregárão sobre o seu Santissimo Corpo golpes cruelissimos, e em tanto numero, que da multidão de soldados, que o escoltavão, não ficou algum que não maltratasse aquelle manso Cordeiro, que posto debaixo dos seus pés, não abria a sua boca para se queixar.

Ah crueis, e inhumanos! Para que é toda essa furia contra um Senhor, que sem resistencia alguma se deixa prender, e com tanto socego se vos põe nas mãos? Para que são tantos golpes a quem não se defende, nem faz diligencia alguma para fugir? Não basta que o leveis prêso, como vos tem mandado? Para que são logo tantos golpes, e tantas feridas?

Porém já vejo, que de todo este máo tratamento tem o perfido Judas a principal culpa. Disse-lhes aquelle traidor, que vissem como o levavão, para que lhes não fugisse das mãos; e por esta causa lhe quizerão diminuir as forças, julgando, que assim quebrantando-lh'as não fugiria. Ah Divino Mestre, que da vossa mesma Escola vos procedem os maiores males, quando os vossos mais favorecidos são os mais infiéis para comvosco!

Cançados, pois, aquelles ímpios de ferir, e maltratar ao Salvador, pegárão das cadeias, e cordas, que trazião, e cruzando-lhe os braços sobre as costas, alli mesmo, como estava com o rosto na terra, lhe atárão as mãos com tal violencia que lhe sahio sangue pelas extremidades dos dedos. Depois disto lançárão-lhe ao pescoço uma pezada cadeia, e amarrando-o logo pela cintura com uma grande, e grossa corda, o levantárão da terra, dizendo-lhe talvez com sacrilegas vozes: «Cahiste nas nossas mãos, ó embusteiro. Já te havemos colhido, porque te desamparou o demonio, que te ajudava. Temos-te seguro, e se assim não é, livra-te das nossas mãos.»

CAPITULO III.

JESU CHRISTO CONDUZIDO A DIFFERENTES TRIBUNAES.

§ I.

PRIMEIRAMENTE AO PONTIFICE ANAZ.

Jesu Christo no Horto do Monte Olivete entregou-se á tristeza mais amarga, para nos livrar da tristeza eterna, devida aos nossos peccados, e agora vai entregar-se á confusão mais profunda, afim de nos preservar da eterna confusão, que as nossas culpas merecião. O que supposto, devemos reflectir, que quanto a reputação adquirida é mais illustre, e mais extensa, tanto a confusão, que lhe sobrevem, é maior, e mais offensiva; principalmente quando é ultrajada pelo desprezo mais injurioso, pelos juizos mais solemnes, e pelas preferencias mais infames.

E qual era a reputação do Salvador antes da sua Paixão? Passava por um Propheta, pelo Messias, por um Deos. Era visto com um tal respeito, que chegava a pontos de adoração, não só em Jerusalem, mas em toda a Judéa, e até os confins da Palestina; porque o resplandor das suas virtudes, e a grandeza dos seus milagres lhe soube merecer esta reputação geral, agora abatida, e ultrajada com todas as sortes de desprezos, como um ladrão facinoroso, e um blasfemador sacrilego.

Maniatado, pois, o Salvador do mundo, como

um vil escravo, o arrebatárão aquelles ímpios pelas ruas publicas da Cidade com tanto estrepito de clamores, e com tal prazer, e alegria, como a que tem os vencedores, havendo colhido a prêza; e apresentando-o logo ao Pontifice Anaz (que sentado no seu solio ancioso o esperava, cheio de soberba) o começou este a examinar sobre os pontos da sua Doutrina, dizendo-lhe talvez: « Vem cá, embusteiro: com que authoridade aggregaste Discipulos, e te constituiste Mestre? E qual foi a Doutrina, que ensinaste? Foi para enganar, e induzir o povo ignorante, a que negue a obediencia devida aos seus legitimos superiores? »

Aqui o Salvador modestissimo com os olhos inclinados para a terra respondeo com brandura: « Eu não ensinei só aos meus Discipulos, senão tambem a todos os mais, prégando publicamente no templo, e na synagoga. Pergunta, pois, aos que me ouvírão, que alguns delles aqui se achão. » Proferidas estas palavras filhas da verdade, e da innocencia, um daquelles Ministros, levantando a mão armada de ferro, lhe descarregou com toda a força uma crueliſſima bofetada, dizendo ao mesmo passo: « Assim fallas ao Pontifice, desattendendo ao teu Prelado? »

Mas o Salvador pacientissimo, recebida uma tão grande injuria (e com tal violencia, que o lançou por terra, e lhe fez sahir muito sangue pelas faces, pelos olhos, e pela boca) não se indignou contra aquelle máo homem, nem contra o barbaro Pontifice, que approvava, e permittia na sua casa, e na sua presença uma tão horrenda, e temeraria injuria. Antes, com doce mansidão, e admiravel socego, lhe disse: « Se Eu fallei mal ao Pontifice, dize em que? E senão fallei mal, porque me feres? »

Como dizendo: com esta bofetada, que me déste, e com as palavras, que proferiste, escandalizaste a todos esses, que não ouvírão o que Eu fallei, e agora julgarão, que fui desattento ao Pontifice, fallandolhe com desacato. Dize, pois, em voz clara, qual foi a culpa da minha resposta? e se não achas motivo para a censura, porque me tratas desta maneira?

Ah Christãos impacientes! Que ensinados na Escola de Christo a tolerar as affrontas, vos basta uma palavrinha menos cauta, um tratamento pouco civil, ou ainda uma desattenção ligeira, para romperdes em furiosa ira; passando, como venenosas viboras, a morder aquella mão, que levemente vos toca! Envergonhai-vos, e confundi-vos á vista do Omnipotente, e pacientissimo Deos, que podendo fazer, que á ferida do seu rosto correspondesse um raio da sua mão, pelo contrario, todo mansidão, e brandura, só disse áquelle sacrilego, o que era bastante para reconhecer-se culpado, e converter-se para logo arrependido.

§ II.

JESU CHRISTO DIANTE DE CAIFAZ.

Mandou então Anaz, que levassem o Senhor a casa do Pontifice Caifaz, onde se havião congregado os Principes dos Sacerdotes, Anciãos do povo, Deputados, e Conselheiros da Republica, e por todo este caminho fôrão mais crueis os golpes, que lhe davão, e maior o estrepito que fazião por todas as ruas, de maneira que toda a Cidade se inquietou, e correndo a voz de que Jesus Nazareno hia prêso, começárão os varios juizos sobre a veneravel Pessoa do mesmo Senhor, o qual se até este passo fôra ultrajado no corpo, começou tambem agora a padecer na honra, e na fama.

Apresentado, pois, o Salvador ao sacrilego, e soberbo Pontifice, rogárão a este os ímpios Conselheiros, que examinasse logo o processo daquelle máo homem, e sem demora lhe substanciasse a causa; pois não havia cousa mais justa, do que tirar a vida a um tal embusteiro, amotinador, e enganador das gentes. Mas era tão evidente a pureza da vida, e tão conhecida a santidade do Senhor, que ainda concorrendo muitas testemunhas, sobornadas com dinheiro, e allegando varias cousas contra a sua adoravel Pessoa, erão ellas tão falsas, e incoherentes, que não podérão aquelles ímpios Ministros formar de todas ellas uma sentença, que désse alguma côr de verdade á sua depravada intenção.

Vendo então o barbaro Pontifice, que o Divino Senhor no meio de tantas accusações se conservava tranquillo em um profundo silencio, lhe disse: « Nada respondes ao que estes depõem contra ti? » E S. Boaventura accrescenta, que alguns daquelles Ministros, chegando-se mais ao Senhor, lhe disserão: « Não tens lingua, malvado, que assim te fazes mudo? Onde tens aquella verbosidade, com que por toda a parte attrahias os povos? Não és tu aquelle, que prégavas no templo dilatados Sermões, e nelles nos affrontavas, chamando-nos hypocritas, de virtude fingida, sendo nós outros os Doutores da Lei, e Directores do povo? Falla, pois, agora, embusteiro, falla. »

E querendo logo aquelles ímpios investir pessoalmente ao Senhor, os deteve o Pontifice, como dizendo-lhes: deixai, que agora vereis, como eu aclaro tudo. Chegou-se, pois, de mais perto, e disse ao Salvador: « Eu te conjuro por parte de Deos vivo, que nos digas, se és Christo Filho de Deos? » Ao que respondeo o Senhor sem demora, em reverencia do supremo Nome: « Que era Christo Filho de Deos, na verdade; e que supposto alli se achava tão humilhado, e abatido, entendessem todos, que a seu tempo o verião baixar do Ceo com Poder supremo para julgar o mundo. »

Ouvida esta resposta do Senhor á pergunta do Pontifice, (que lhe fez, não para saber a verdade, senão para ver se lhe dava occasião para o poder condemnar) fingio o soberbo hypocrita muito sentimento, e voltando-se para os circumstantes, lhes disse: « Como blasfemou, já não carecemos de testemunhas. Vós outros, pois, que ouvistes a blasfemia, que dizeis? » « Que é réo de morte, clamárão todos. »

E em consequencia desta resolução convocárão os soldados mais fortes, entre os que o conduzírão do Horto, e lh'o encarregárão em custodia até o dia seguinte, em que seria executada a sentença.

Entregue, pois, o Salvador do mundo aos ímpios barbaros, fôrão taes as blasfemias, e infames nomes, taes, e tantos os opprobrios, as affrontas, os tormentos, e trabalhos, com que o insultárão perennemente naquella triste, e horrivel noite, que, segundo affirma o Doutor Maximo S. Jeronymo, só bem poderão saber-se no tremendo dia do Juizo.

Chegada, pois, a manhã da sexta feira, madrugárão os setenta Anciãos, Doutores, e Fariseos, que formavão o Conselho da Republica, e se congregárão todos, não para tratar da sentença de morte contra o Salvador, (porque esta já se determinára em a noite antecedente) senão só para resolver, que qualidade de morte se lhe devia dar; isto é, se devia ser apedrejado, ou dar-lhe occultamente algum veneno, ou entregallo ao Juiz, para que o crucificasse como ladrão? e esta especie de morte, por ser mais affrontosa, mais dilatada, e mais cruel, lhes pareceo melhor.

Oh desgraçada manhã, (exclama S. Leão Papa) madrugada infeliz para vós, obstinados, e cegos judeos! Essa manhã lançou por terra, com o vosso templo, os vossos altares. Ella vos tirou a Lei, a luz, e as prophecias, deixando-vos em formidaveis trevas. Ella vos tirou o Reino, e o Sacerdocio, deixando-vos em perpetua escravidão, e convertendo todas as vossas festas em continuos prantos, e sempiternas amarguras.

Ah miseraveis! Vós outros congregais-vos para sentenciar a Jesu Christo, e dais a sentença contra vós mesmos. Disputais sobre a qualidade de morte, com que lhe tirareis a vida, e por isso não haverá morte, pena, ou tormento, que não recaia sobre vós outros; e como vós vos juntais de dia, e não vêdes o mal que fazeis, não tendes escusa, nem o vosso damno terá remedio, diz Origenes.

Adverte, pois, ó Christão, qne se peccas, e por esta causa te ajuntas com as tuas paixões, e com os demonios, essa junta é contra Christo, e contra ti mesmo; e junta que se faz de dia, ou culpas feitas com pleno conhecimento, e sem invencivel ignorancia, são na verdade culpas de reprobos. Teme logo, e emenda a vida, e pois que tens luz não obres contra ella.

§. III.

JESU CHRISTO CONDUZIDO A PILATOS.

Determinado pelos Pontifices, e Principes dos Sacerdotes, que morresse crucificado o Salvador do mundo, o fizerão extrahir do carcere assim mesmo como estava, com os vestidos cobertos de lodo, que havia no carcere, com os cabellos eriçados, e o rosto pallido, banhado de sangue, e por varias partes desfigurado com as nodoas, e tumores, que lhe resultárão dos máos tratamentos, que lhe havião feito na horrivel noite.

E vendo-o os perfidos Ministros naquelle estado lastimoso, tremendo de frio, e carregado de cadeias, lhe disserão, fingindo que desejavão saber a verdade, que elles mesmos contradizião: «Se tu és Christo, Filho de Deos vivo, dize-o aqui sem rebuço.» Ao que respondeo logo o Divino Senhor, que bem lhes conhecia a sua damnada intenção: «Se Eu vo-lo dissera, não lhe darieis credito; e se vos perguntar, porque o não acreditais? não me dareis resposta, nem revogareis a sentença.»

Instárão aqui aquelles malvados, dizendo ao Senhor: «Logo tu és Filho de Deos?» «Vós o dizeis (respondeo) e Eu, que o sou, vos digo tambem, que vereis ao Filho do Homem sentado á direita de Deos, donde virá com Poder sobre as nuvens do Ceo.» Elles, ouvindo isto, levantárão-se com grande furor, e disserão: «Que mais esperâmos? Ou porque nos detemos? Prenda-se, e vamos com elle ao Presidente, para que sem a menor dilação o faça pregar em uma Cruz.

Mas que dizeis crueis tyrannos? Que se prenda Jesu Christo? Pois Elle está solto? Vós não o tendes cingido, e carregado de cadeias? Assim é, diz o Beato Alano de Rupe; mas o caso foi, que lhe fizerão tirar as cadeias, por não parecer crueldade, e o mandárão atar com cordas novas que, além de lhe causarem maior tormento, erão signal demonstrativo de ir a morrer crucificado. Louvado sejais, pacientissimo Divino Cordeiro, que para maior bem da minha alma assim vos deixais prender sem resistencia alguma! Prendei-me, meu Deos, prendei-me tambem com as cadeias do vosso amor, e prendei-me de tal sorte, que nunca mais de Vós me aparte.

Prêso, pois, e maniatado, atormentado, e opprimido de ignominias, e confusão, foi conduzido pelas ruas publicas entre verdugos, e povo immenso o nosso amantissimo Salvador a casa de Pilatos, o qual, como não ignorava, que quando lhe levavão algum prêso daquella maneira, era para mandar tirar-lhe a vida, não perguntou aos Fariseos, para que trazião alli aquelle homem? Perguntou só pelas culpas, que lhe havião provado? Ao que elles, mostrando-se resentidos, de que o Presidente duvidasse da justificação da causa, respondêrão: «Se Elle não fôra malfeitor, não o exporiamos na tua presença com estas mortaes insignias.» Como dizendo: Muito nos admirâmos, de que nos perguntes pelos delictos desse homem! Imaginas por acaso, que sendo nós outros Pontifices, Letrados, e os principaes da Republica, te apresentariamos algum réo, sem primeiro examinar, e qualificar exactamente os seus delictos? Não duvides, pois, de que esse máo homem é de perniciosa, detestavel, e perversa vida, com que pe-

los seus graves delictos está incurso em pena de morte.

Comtudo, como sabía Pilatos, que a accusação dos Fariseos se fundava toda em maligna inveja, não quiz concordar com elles, e por tanto lhes disse: « Pois que vós outros lhe haveis comprovado as culpas, que não declarais, e sabeis a pena, que por ellas merece, levai-o, e castigai-o lá, segundo as ordenações da vossa Lei. » Aqui replicárão os judeos, dizendo: Que lhes não era licito o executar por si mesmos a pena de morte, que só lhes tocava o examinar as culpas, e processar as causas, assim como a elle o dar a sentença, em cujo supposto, havendo elles feito o que lhes tocava, fizesse elle o que devia.

Porém o Presidente, insistindo no seu dictame, lhes disse: « Estou prompto para dar a sentença, mas primeiro quero saber, quaes são as culpas do Réo? » Em primeiro logar (respondêrão logo) este máo Homem perverte a nossa gente, enganando, revolvendo, e amotinando os póvos. Além disto, Elle, como traidor a Cesar, ensinava a todos, que se lhe não devião pagar tributos; e ultimamente, sendo Elle um Homem de baixa esfera, se appellidava Christo, Messias, e Rei dos judeos.

Oh temerarios, fementidos, e mentirosos accusadores! Dizei, infames: prégar a Lei de Deos, aconselhar a sua observancia, resuscitar mortos, sarar tolhidos, curar leprosos, expellir demonios, dar vista a cegos, e livrar de todas as enfermidades, é enganar as gentes, é perverter os póvos? Dizei, malvados: mandar que se dê aos Principes o que lhes toca, é prohibir, que se lhes pague tributo? Não vos disse este Senhor publicamente no templo, que se désse a Cesar o que era de Cesar, e a Deos, o que era de Deos?

Perfidos falsarios, que tambem lhe accumulais o acclamar-se Rei dos judeos! Dizei, malditos: quando vistes a este Senhor com insignias de Rei? Quando com guardas, soldados, e real apparato? Dizei, mentirosos: não o vistes andar a pé, descalço, vestido de lã, e só com doze Discipulos pobres, e de humilde nascimento? Logo aonde, ou como se fez Rei? Não vêdes, que tendes contra vós outros mais de cinco mil pessoas, que querendo acclamallo Rei, fugio, e se foi esconder em um monte? Pois como é Rei o que foge do sceptro, e da coroa? Não fazeis por esse modo evidente a vossa mentira, e manifesta a vossa calumnia?

Conhecendo, pois, Pilatos por falsissimos os delictos, que imputavão ao Senhor, só lhe deo cuidado o dizerem-lhe que era Rei, e por isso levando-o ao seu gabinete, lhe perguntou se era Rei dos judeos? « Tu o dizes, lhe respondeo o Senhor. » E Pilatos, que naquella materia não queria ficar com duvida, lhe replicou, como se dissera: falla-me claro, de modo que te entenda. Eu porventura sou judeo, ou te fiz algum mal? Os teus Pontifices, e a tua gente te conduzírão á minha presença, para te dar sentença de morte. Dizei-me, pois, o que tens feito, ou qual foi para tanto odio o teu delicto?

Vendo então o Salvador, que o maior cuidado de Pilatos versava sobre lhe dizerem, que Elle era Rei, a isto só lhe respondeo, dizendo-lhe claramente: « O meu Reino não é deste mundo; pois se o fôra, não consentirião os meus Ministros, que os judeos me prendessem. Porém agora não é daqui o meu Reino. » Vindo a dizer: não te dê cuidado, nem te assustes por ouvir que Eu sou Rei; porque Eu não sou opposto a Cesar, nem o meu Reino é deste mundo; que se o fôra, tivera Ministros, e soldados, os quaes não consentirião, que os judeos me prendessem, e por este modo me ultrajassem; e assim podes ter a certeza, de que o meu Reino não é da terra.

« Bem, está, (replicou Pilatos) mas ainda assim tu és Rei? » « Tu o dizes (respondeo o Senhor) que Eu sou Rei, porém não sou Rei terreno, e mundano, senão Celestial, e Divino. » « Logo se o teu Reino (instou Pilatos, como diz S. Cyrillo) não é deste mundo, para que vieste a elle? Não te era melhor estar lá no teu Reino, e não padecer tantos trabalhos? » « Eu para isto nasci, (respondeo o Senhor) e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade, e todo aquelle, que é da verdade, ouve a minha voz. »

Como se dissera: Eu não vim para dar, nem tirar Reinos; não vim para me oppôr, ou fazer guerra ao Cesar, nem vim para enganar, ou perverter as gentes, semeando doutrinas falsas, como dizem os meus inimigos. A minha vinda ao mundo foi para dar testemunho da verdade, prégando-a, e ensinando-a; e os que são filhos da mesma verdade, que é Deos, ouvem as minhas palavras, attendem á minha Doutrina, e tomão os meus conselhos; porém os que são filhos da mentira, que é o demonio, todos me perseguem, porque digo, e prégo a verdade, pela qual padeço, e por ella morro.

Conhecendo pois Pilatos, e acabando de certificar-se da innocencia do Salvador, e que só a inveja dos seus inimigos lhe desejava a morte, sahio fóra, e disse aos judeos: « Eu não acho delicto, nem cousa alguma neste Homem, por onde mereça ser castigado. » Como se mais claramente dissera: examinei este Homem, e não só das suas palavras, mas tambem da fama, e noticia que tenho dos seus virtuosos costumes, reconheço que é um Varão santo, innocente, e que não tem culpa alguma, pela qual mereça nem a minima pena.

Ouvindo isto aquelles falsarios, rompêrão, como gente desesperada, em terriveis clamores, e altas vozes, dizendo que aquelle Homem era um perverso amotinador, e inquietador das gentes, alterando-as com dissenções, e tumultos; que enchia os logares de seitas, e doutrinas falsas, prégando-as por todas as partes, de maneira, que por todo o Reino, principiando de Galiléa até Jerusalem, tudo tinha con-

taminado, e pervertido; e um Homem tal, como indigno de todo o perdão, infallivelmente devia morrer.

Calava o Senhor, e nada respondia a todas as calumnias, que falsamente lhe imputavão, do que admirado Pilatos, lhe chegou a dizer: «Não advertes, nem ouves quantos testemunhos te estão arrogando? Porque não fallas, nem te escusas?» Porém o Salvador, conservando-se em silencio, estava tão sereno que o Presidente attonito (como escreve S. Pascasio) dizia entre si mesmo: que tranquillidade é a deste Homem entre tantas accusações, e testemunhos! Que socego, e quietação a que admiro nelle! Que paz, e mansidão, vendo que lhe pedem a morte! Que é isto? Como não teme? Que serenidade, e fortaleza de animo nunca vista no mundo!

Oh meu Divino Salvador! Que altissimo Sacramento se esconde no vosso peito amorosissimo! Vós quereis morrer por nós outros; pois para isto viestes ao mundo, e por isso não defendeis a vossa Causa, querendo com a vossa morte comprar-nos a eterna vida. Admirava-se Pilatos, que não penetrava este Mysterio! E quanto maior fôra o seu assombro, se chegára a ver nestes tempos, que nada por Vós queremos soffrer, vendo-vos, meu Deos, padecer tanto por nós outros! Vós tão paciente, e tão soffrido entre tantas injurias, e calumnias, e o homem tão altivo, e tão soberbo, que tudo reduz a iras, a furor, e vinganças! Isto sim, que é para mais se admirar!

§. IV.

JESU CHRISTO CONDUZIDO A HERODES.

Suspenso, pois, Pilatos com a justa admiração, que lhe causava o silencio do Senhor, e tendo ouvido, que Sua Magestade era de Galiléa, pertencente á jurisdicção de Herodes, l'ho enviou, com animo de exonerar-se, e não intrometter-se naquella causa; e neste supposto disse aos judeos: Como Jesu Christo é da jurisdicção de Herodes, por ser de Galiléa, levai-lh'o, e lá se avenha elle com vós outros.

Ouvindo isto os Pontifices, e Fariseos, que erão os principaes daquella Republica, e vendo-se ao mesmo passo publicamente reputados por falsarios, e mentirosos em uma materia tão grave, que era o maior escandalo do mundo, como não podião vingar-se do Presidente romano, que tinha as armas, e o poder supremo, tudo veio a descarregar sobre o mansissimo Cordeiro Jesu Christo Salvador nosso.

Arremettêrão, pois, a Elle com raivoso impeto, e com innumeraveis injurias, affrontas, opprobrios, e cruelissimos golpes maltratárão o seu Divino Corpo, e exercitárão a sua invencivel paciencia em tanto extremo, quanto lhes dictava o diabolico furor dos seus damnados corações; e partindo logo alguns dos principaes, para informarem anticipadamente a Herodes sobre as culpas, que tinhão de allegar, ficárão os restantes para animarem os verdugos, e persuadirem ás gentes do povo, que pedissem a morte do Salvador, de modo que ainda naquelle dia ficasse pregado em uma Cruz.

Apresentado, pois, a Herodes o Divino Salvador atado com durissimas cordas, e com o rosto cheio de sangue, de lodo, nodoas, e salivas, teve o barbaro um grande prazer, porque desejava muito ver ao Senhor pelas maravilhas que delle ouvíra, e esperava que obrasse algum milagre na sua presença. Assim o desejo que tinha Herodes de o ver, era só por uma vã curiosidade, e não porque lhe tivesse amor. Desejava a satisfação do seu gosto; e parecendo-lhe que o Senhor lh'o cumpriria, por isso se alegrava, pois se elle quizera ver ao Salvador por si mesmo, pela sua bondade, pela sua santidade, e perfeições, se condoeria muito de o ver por aquelle modo tão maltratado, e opprimido.

Passou logo o ímpio Rei (como alguns contemplão) a perguntar ao Divino Senhor: se era por acaso o Baptista, a quem elle degolára? Se era Elias, ou algum dos antigos Prophetas? Ou se era aquelle, por quem seu pai havia morto aos innocentes? E se era verdade o haver resuscitado a Lazaro de quatro dias morto? E outras muitas cousas, a nenhuma das quaes respondeo o Senhor; porque, além de ser tudo aquillo uma simples curiosidade, o ímpio por sua má vida não merecia que o Senhor lhe dissesse nem uma só palavra.

Porém o soberbo, não penetrando a causa do silencio do Senhor, o desprezou, e lhe cuspio no rosto, (como diz o Beato Alano) e o mesmo fizerão os seus cortezãos, tratando-o com o maior vilipendio, como a um simples tonto, e insensato. O que visto pelos judeos, e temendo que o Salvador, assim reputado por louco, ficasse livre, instantemente o accusavão, propondo a Herodes com vehementes clamores, e gravissimas véras, que se não fiasse daquelle embusteiro, que era um homem perdido, e agora se fingia tonto para escapar da morte. Que era um malfeitor, e amotinador dos póvos, um nigromantico, feiticeiro, e endiabrado; que tratava, e tinha pacto com os demonios, e se valía de Beelzebub, para fazer falsos prodigios, e manifestos enganos; e as gentes, com quem acompanhava, erão as fezes da Republica, como publicanos, e peccadores; e sobre tudo, que sendo um homem de máo sangue, samaritano, herege, e blasfemo, era tão ambicioso, que não só se queria levantar com o Reino, mas até pertendia fazer-se Filho de Deos.

Porém vendo Herodes, que o Divino Salvador nada respondia a tudo o que se allegava contra a sua adoravel Pessoa, mais se confirmou no seu juizo, de que aquelle Homem era louco; e não se contentando com o ver por todos os da sua casa escarnecido, quiz tambem, que por todos os de fóra fosse como insensato reputado, para cujo effeito, fazendo vir uma tunica branca, (que por entretenimento se costumava pôr aos mentecaptos) mandou que assim

vestido o levassem pelas ruas publicas ao Presidente romano, como dizendo-lhe: Ahi vos torno a enviar esse louco, e vai vestido desse modo, para que entendais, que o juizo, que eu fórmo das suas acções, e da sua Pessoa, vem a ser, que tudo nelle é insensatez, e tudo nelle foi loucura.

Oh Divino Salvador, Creador Omnipotente do Ceo, e terra, a quem assistem, e venerão córos innumeraveis de Anjos! Qual andais entre os homens, facturas das vossas mãos, de Juiz em Juiz, de tribunal em tribunal, e tudo para mais padecer! Que é isto, humildissimo Jesus? Padeceis tanta irrisão, tantas affrontas, tantas injurias, e tormentos para salvar-me, apartando-me do mundo, das suas soberbas, e vaidades, e conduzindo-me pelo vosso exemplo á humildade, á paciencia, e mais virtudes? Bemdito sejais para todo o sempre.

§. V.

JESU CHRISTO RECONDUZIDO A PILATOS.

Conhecendo então os Pontifices, e Fariseos, que Herodes não queria sentenciar ao Salvador, pegárão delle para o levar a Pilatos, com firme resolução de fazer com elle, ou por bem, ou por mal, que infallivelmente o sentenciasse á morte; e como vírão, que nem Pilatos, nem Herodes fizerão caso das suas queixas, reputando-os por falsarios, e mentirosos, era implacavel o furor, que concebião, e descarregavão logo sobre o mansissimo Cordeiro, dizendo-lhe ao mesmo tempo por todo o espaço do caminho: « Louco te finges, malvado? E até te fazes mudo? E tinhas lá occulto ainda mais esse engano? Pois se entendes, que por este meio te livrarás das nossas mãos, vai desde logo na certeza, de que te não ha de succeder assim. »

Por outra parte, impacientes os verdugos, e soldados de não haverem descançado desde a noite antecedente até aquella hora, e de agora os fazerem voltar para casa de Pilatos, que era o seu Presidente, e provavelmente receavão, lhes interpozesse mais demora, pelo muito que repugnava o sentenciar aquella Causa, desesperados, e furiosos lançárão mão do Salvador, e partírão com Elle a toda a pressa, insultando-o pelo caminho com blasfemias, e injurias gravissimas; e como a tunica branca, que levava o Senhor, era demasiadamente comprida, (segundo escreve o Beato Alano) e não a podia levantar, por ter as mãos atadas atrás das costas, pisava-a muitas vezes com os pés, e cahia com o rosto em terra, aonde primeiro que se levantasse, o maltratavão com furiosos golpes.

E não só padecia no corpo, mas tambem no credito, porque muitos do povo, entre innumeravel concurso, ao verem-no vestido de louco, dizião, que o pezar de se ver prêso lhe fizera perder o juizo. Outros concordavão com os Pontifices, dizendo, que se fingia louco para escapar da morte, e nenhum julgava bem do Salvador, vendo-o entre tantas affrontas, e naquelle estado tão miseravel.

Chegando, pois, a palacio o Divino Cordeiro, entre horriveis clamores do barbaro Povo, convocou o Presidente aos Principes dos Sacerdotes, e Magistrados, e pedindo silencio, lhes disse: «Vós me apresentastes este Homem por sedicioso, e amotinador dos póvos; e eu, examinando-o diante de vós outros, o achei innocente, o que tambem julgou Herodes, pois não o quiz condemnar. »

Ouvindo isto aquelles perfidos, levantárão extraordinariamente as vozes, e começárão de novo a insultar ao pacientissimo Salvador, accusando-o de feiticeiro, endemoninhado, herege, escandaloso, bebedor de vinho, fautor, e protector dos máos, e tyranno ambicioso, que se queria levantar com o Reino com enganos, e maldades, como elles tinhão averiguado, e já era notorio.

Então Pilatos, vendo aquelles ímpios Ministros tão encarniçados contra o Senhor, e conhecendo por outra parte, que quanto allegavão era mentira, tratou de propor a Causa a toda a multidão; parecendo-lhe não ser possivel que entre tantos não houvesse algum, que se oppozesse áquelles ímpios, e se inclinasse para a parte do Senhor.

Disse pois Pilatos aos Pontifices: « Vós bem sabeis, que na solemnidade presente é costume antigo fazer soltar a um dos vossos presos. Mas quero-vos advertir, que de dois ha de ser um, ou Jesu Christo, ou Barrabás, em cujos termos avisai o povo, para que me hajão de pedir o que melhor lhes parecer. Sahírão logo aquelles malvados, e entrando pelo congresso do povo immenso, fôrão persuadindo a todos, que pedissem a vida de Barrabás, e a morte de Christo.

E accrescentão alguns Interpretes, que os sacrilegos Fariseos subornárão a muitos com dadivas, e promessas; e além disto, lhes disserão: « Que o Presidente romano os queria privar dos seus fóros, não admittindo, que o prêso libertado fosse o que elles pedissem, senão só o que elle assignasse, que era Jesus Nazareno, inimigo dos judeos, da patria, e de Moysés, e amigo dos publicanos, dos máos, e dos gentios, com que facilmente induzírão o povo, a que todos a uma voz pedissem livre a Barrabás, e que fosse crucificado Jesus. »

Com effeito, passado sufficiente espaço, para que o povo formasse o seu juizo, lhes perguntou Pilatos: « Qual destes dois quereis vós outros, que saia livre: Christo, ou Barrabás? « Barrabás, respondêrão todos, a uma voz. « Que quereis logo (replicou Pilatos) que eu faça de Jesus, denominado Christo? « Que seja crucificado, respondêrão sem demora. » « E que tem Elle feito (instou de novo) para que agora o crucifiquem? » Como dizendo: entre tantos, que estais aqui, declare algum o mal que Elle obrou, e eu sem duvida alguma o crucificarei. Porém todos,

sem excepção, reclamavão com vozes maiores, dizendo a Pilatos: crucifique-se, crucifique-se esse máo homem, esse traidor, esse blasfemo, esse embusteiro.

E não houve, meu Deos, entre tantas pessoas, que Vós tinheis beneficiado, quem se pozesse da vossa parte, e se declarasse a vosso favor? Entre tantos enfermos, que Vós havieis curado; entre tantos cegos, que Vós illuminastes; entre tantos mortos, que resuscitastes; e tantos afflictos que consolastes, nem um só se achou que fallasse por Vós? Ninguem se atreveo a defender a vossa innocencia, antes todos de mão commum vos desconhecêrão, e se armárão contra Vós, carregando-vos á porfia de blasfemias, de injurias, e maldições?

Ah desgraçado, ingratissimo povo! Quem te inspirou contra o teu Deos, e teu magnifico Bemfeitor, sentimentos tão oppostos aos que tinhas poucos dias antes? Não é este Homem aquelle mesmo, a quem seguias por toda a parte, para receber as maximas da sua Doutrina? Não é este Homem aquelle mesmo, a quem acclamarias por teu Rei soberano, se Elle se não subtrahisse ao teu empenho? Pois qual foi o motivo, que te fez mudar o conceito depois da resurreição de Lazaro, que te causou tão justo assombro? Ou que mal te fez Elle desde o principio desta semana, em que tu com ramos, e flores o acompanhavas, para o conduzir em triunfo entre canticos de alegria? Não tem resposta, ou não tem escusa uma ingratidão tão barbara, e tão monstruosa cegueira.

E nós outros, tambem filhos, e discipulos do mesmo Salvador, com que sentimento o veremos naquelle estado lastimoso? Tomaremos alguma parte nas suas grandes humilhações, fazendo-nos sensiveis aos seus opprobrios? Ou seremos, como até agora, tão amantes das distincções do mundo, tão delicados sobre um pontinho de honra, tão dominados pelo amor proprio, e por fim tão escravos de um indigno respeito humano?

CAPITULO IV.

AS NEGAÇÕES DE S. PEDRO, E SUA PENITENCIA.

§ I.

MOTIVOS, E GRAVIDADE DA SUA QUEDA.

Preso no Horto o Salvador, diz o Sagrado Texto, que Pedro o seguia de longe, e que entrando no pateo do Pontifice para ver em que parava aquella prisão, se assentou com os soldados, para aquentar-se ao fogo, que alli accendêrão. Seguia S. Pedro ao Senhor pelo caminho da virtude; e estando firme em o seguir, até que o vio prêso, temeo então cahir nos mesmos trabalhos, e preoccupado deste temor, se pôz de longe, deixando-se ficar atraz. Assim entra a tibieza nos exercicios da alma, temendo cada um, se lhe farão mal? Se o estranharão as gentes, e o perseguirão? E faltando logo aos exercicios por causa deste temor, se vai entibiando, e tibio se deixa ficar.

Chegou tarde S. Pedro, porque o medo lhe demorava os passos; porém uma escrava lhe abrio a porta, para que entrasse em casa de Anaz, onde foi a primeira vez que negou ao Senhor. Figurava aquella escrava a nossa propria carne, que como pérfida traidora, abrindo as portas dos sentidos, introduz a divina offensa, com que nega a alma a Jesu Christo.

Entrou, pois, o Santo Apostolo, e já sem temor dos soldados se foi pôr no meio delles. O amor proprio o accommetteo, para o separar do Senhor, e logo que o conseguio, o metteo no mesmo perigo, para de uma vez o derribar. Entrou Pedro, para ver em que parava o Senhor, e não reflectio, onde elle mesmo podia parar, ou no que lhe podia succeder. Sentou-se ao fogo para haver de aquentar-se com aquella maldita gente, porque havia passado de frôxo, a frio; e que mais perdida se póde ver uma alma, que falta do Amor Divino, se aggrega aos máos, e se põe de assento ao calor do fogo, que accende depois um ardor eterno?

Assentado Pedro ao fogo, levantou-se a escrava, e começou a combatello, commovendo contra elle os Ministros, ao dizer-lhes, como escreve S. Lucas: «Este estava com aquelle.» Vindo a dizer: Este Homem andava, e estava com aquelle, que trazeis prêso; e assim que os teve attentos, voltou-se contra Pedro, como diz S. João, e o apertou mais, dizendo-lhe: «Não és tu um dos Discipulos deste Homem?» E logo, sem esperar resposta, (como diz S. Mattheus) o certificou, dizendo: «Estavas, sim, estavas com Jesus Galileo.»

Pedro, á primeira pergunta, mostrou-se desentendido, e de todo ignorante naquella materia; como dizendo: que me perguntas, mulher? Se sou Discipulo desse Homem? Isso para mim é novo, quando eu não sei de tal Mestre, nem quaes fôrão os seus Discipulos. Ah Divino Senhor! Que estranho modo de fallar no primeiro dos vossos Alumnos, e o mais favorecido de todos! Não permittais, meu Jesus, que

eu chegue a imitar uma tal ingratidão, mostrando-me desconhecido aos vossos favores.

Chegou-se, pois, a Pedro um parente de Malco, (aquelle, a quem o Santo cortára a orelha no Horto) e lhe disse, que estava bem certo de o ver no Horto com Jesus. Aqui então foi maior o seu temor, porque fazendo-se manifesto, que elle dera a cutilada, ficava em risco evidente a sua vida, e por tanto respondeo logo : que não era dos Discipulos de Jesus, nem tinha noticia de tal Homem ; confirmando o seu dito com expresso juramento. Já são dous peccados gravissimos, um de mentiroso, e outro de perjuro.

Cresceo a tentação, e tomou corpo maior com a cutilada do Horto, cumprindo-se por este modo o que o Salvador tinha dito : « Que o que fere com espada, com espada morre. » Lá cortou Pedro com a espada uma parte do corpo, e aqui outra espada lhe tira a vida da alma. Assim de modo ordinario um peccado traz outro comsigo, crescendo cada vez mais a fraqueza com a repetição, e augmento das culpas.

Apoderado, pois, o medo daquelle pobre coração, como não ha piedade nos Ministros das trévas, carregárão todos sobre elle, para mais o opprimir, até o sepultar de uma vez, e com effeito assim o conseguírão, fazendo-o passar da primeira, e segunda quéda (do juramento, e mentira) ao terceiro precipicio de execrações, e maldições contra a Sacrosanta Pessoa de seu amante, e adoravel Mestre.

Ah meu Jesus, e meu Senhor ! Não bastava o padecerdes por mão dos vossos inimigos, os Escribas, os Fariseos, os gentios, e todo o povo judaico ? Tambem era necessario, que os vossos mesmos Discipulos contribuissem para multiplicar os vossos tormentos ? E entre os Discipulos mesmos, não bastava que um Judas perfido vos vendesse, e que os outros Apostolos vos fugissem ? Era tambem necessario, que o mesmo Pedro concorresse para vir a ser muito maior o vosso opprobrio, e a vossa afflicção ?

§. II.

CONVERSÃO, E LAGRIMAS DE S. PEDRO.

Havendo Pedro negado terceira vez ao Senhor, cantou o gallo ; que era o cumprimento da Prophecia, que o mesmo Salvador lhe fizera ; e com tudo isso (diz S. João Chrysostomo) não entrou o miseravel no conhecimento da sua culpa, até que levado o Salvador pelos verdugos, e passando pelo mesmo pateo, em que estava o desconhecido Apostolo, o benigno, e piedoso Mestre lançou sobre elle os olhos com tão efficaz, e ardente amor, que derretendo-lhe o gêlo do coração, começou a desfazer-se em perennes lagrimas, nascidas da dolorosa fonte da sua contrição, e arrependimento.

Oh piedade infinita do Clementissimo Salvador ! Que assim prêso, e carregado de opprobrios, e tormentos, quasi que esquecido de si mesmo, se lhe vão os olhos, e a alma atrás daquella ovelha perdida, a quem diria talvez lá no fundo do seu coração : volta, ó Pedro, volta, e converte-te a mim, e não duvides do meu amor.

Com effeito o Santo entrou em si por força de uma tal inspiração. Lembrou-se do amor, da bondade, e benignidade de seu Divino Mestre ; e summamente magoado pela ingratidão, que commettêra, sahio logo daquella casa, e má companhia, e (como diz S. Boaventura) se retirou para uma caverna, que está entre Jerusalem, e o Monte Sião, aonde o podêmos contemplar lamentando as suas graves culpas, e louvando a Divina Misericordia com estas, ou similhantes palavras :

Ai de mim, que apenas entrei em palacio, conheci por experiencia propria, que cedo se aprende a mentir nas côrtes ! Perguntando-me, se era socio do meu Jesus, faltei á fé, que lhe devia ter, temendo cobarde, não a sanguinolenta espada de um algoz, mas a simples pergunta de uma mulher. Eu, que pensava ser o primeiro em amar a meu Mestre, fui o primeiro a negallo. Jactava-me de valer por muitos, e não bastei para mim só. Oh quem podéra lamentar, como devêra, a infidelidade do meu coração, sendo por todo o espaço da minha vida tão perennes as minhas lagrimas, que supprissem por todo o sangue, que para manter-me fiel devião derramar as minhas veias !

Louvado sejais no Ceo, e na terra, meu Divino Salvador, que, compadecido do meu estado lastimoso, me fallastes aos ouvidos da alma, e não consentistes na minha perda. Vós me attendestes com ternura na mesma hora, em que eu vos negava ; e portando-vos ao mesmo passo com o coração mais generoso para com um Discipulo o mais indigno, até me poupastes o pejo da confissão do meu crime, offerecendo-me a medicina, antes de eu declarar a doença.

Ah meu amante Salvador ! Eu tambem pequei, como S. Pedro, nas muitas vezes que vos tenho abandonado, renunciado, e desconhecido ; e Vós, para me reduzir, e me converter, me fizestes varios avisos, e inspirações saudaveis com benigna misericordia, e paternal providencia. Porém eu inflexivel, por quantos tempos resisti ás vossas Graças, rejeitei as vossas Vozes, e suffoquei os meus remorsos, apartando-me de Vós cada vez mais, differindo sempre a minha conversão, e expondo-me a toda a hora ao tremendo perigo, e formidavel successo da final impenitencia ?

Eu sim confessava os meus delictos ; porém os effeitos não correspondião ás palavras ; pois como não evitava as occasiões, ainda que reconhecia, e confessava a culpa, não lhe abominava, nem detestava a malicia. Um só peccado grave, que eu commettesse, bastava para obrigar o meu espirito a um continuo pranto. E quaes fôrão até agora os meus

lamentos por tantas iniquidades na minha vida? Eu bem sei que as lagrimas dos olhos não dependem de nós outros, e que Vós vos contentais com as que nascem do coração, porque a dôr póde ser sincera, sem ser sensivel. Mas posso eu ter a certeza, de que o meu coração está bem convertido, e de que a minha penitencia foi verdadeira?

CAPITULO V.

JESU CHRISTO AÇOUTADO.

§. I.

Tudo concorreo neste passo para ser extrema a dôr, e afflicção de Jesu Christo, os authores, o Sujeito, e os executores do cruel tormento. Os *Authores*, por serem os judeos, que pertendião a todo o custo perder, e exterminar ao Salvador; e Pilatos, que á força de martyrios queria nelle formar um objecto de compaixão; e até os mesmos demonios, que, por meio dos seus partidistas, descarregárão sobre Elle todo o seu furor.

O *Sujeito* deste tormento, por ser o Corpo mais terno, e mais delicado, que jámais houve no mundo; e consequentemente o mais apto para sentir a viveza das dôres, ou pela maior subtileza do sangue, ou pela maior perfeição dos espiritos, ou pela melhor contextura das carnes; e o que é mais, por ser um Corpo creado singularmente para padecer, fazendo-se Elle Homem para este fim, para padecer, e morrer por nós; e os *executores* deste tormento, por serem nada menos de sessenta verdugos (diz Santa Maria Magdalena de Pazzi) escolhidos entre muitos pelos mais ferozes, e ainda subornados por dinheiro, para se portarem mais inhumanos.

Entregue, pois, o Salvador a esta tropa de barbaros, com furiosa presteza o fôrão despindo, e arrojando pelo pateo as suas vestiduras sagradas, até o deixarem totalmente nú, (como escreve Santa Brizida) e só coberto dos pannos da honestidade. e daquelle pejo, e confusão, que teria um grande Rei, um Pontifice, e sobre tudo uma Pessoa virgem, honesta, e pura, vendo-se assim despojada em uma publica assemblea de iniquissima gente, e de mais a mais sua mortal inimiga.

Ah, Senhor, innocentissimo, e por essencia immaculado! Vós vos despojais, para vestir-nos, e assim tomais as vestiduras rotas das nossas ignominias, e nos dais a Opa Régia da vossa Innocencia, ou tomais os vestidos da nossa miseria, e nos cobris com o Manto da vossa Gloria. Como estavamos despidos, e envergonhados, não podiamos apparecer diante do vosso Eterno Pai. Porém Vós, ó Rei Soberano, vos despojais, e nos concedeis as vossas preciosas Vestiduras, para havermos de apparecer, e chegar com honra á sua divina presença. Bemdito sejais, Senhor, por todo o sempre.

§. II.

Despido o Salvador do mundo, Creador do Ceo, e da terra, mandárão-lhe os verdugos, (como refere Santa Brizida) que se chegasse a uma das columnas, que sustentavão a galeria do pateo, onde tinha de ser açoutado; e obedecendo sem demora o Divino Sansão, se abraçou com aquella columna; que era de marmore, alta, e grossa, como diz o Veneravel Beda, e alli o prendêrão os crueis algozes pela garganta, pelos braços, e pelas pernas com duras cordas, tão fortemente, e com tanto rigor, que para nenhuma parte se podia mover.

Mas para que são tantas cordas, amantissimo Senhor das nossas almas? Tantas ligaduras, e por tantas partes? Não bastava, que só vos prendessem as vossas mãos santissimas? E para isto não era mais que bastante uma só corda? Não, responde Santo Agostinho, porque não foi uma só ligadura, com que o demonio prendeo o primeiro homem, e com que foi desde logo enlaçando a todos os seus descendentes. Com as más palavras lhes tinha ligado as linguas; com as más obras lhes havia prêso as mãos; e com os máos affectos, e depravados desejos lhes tinha ligado os pés.

E querendo o Divino Senhor pôr em liberdade as nossas almas, lhes tirou os laços do peccado, e se deixou prender por elles á columna, para que livres de todo o impedimento, empreguem as linguas nos divinos louvores, as mãos em obras de piedade, e os affectos caminhem sempre para o Creador, seguindo a columna mystica pelo deserto deste mundo, até chegarem á deliciosa terra da promissão, o Celestial Paraiso.

§. III.

Começárão logo os crueis verdugos a exercitar a sua braveza com tão barbara tyrannia, que dentro em breve espaço todo aquelle Corpo Divino (tanto pelas costas, como pelos peitos) estava miseravelmente chagado; já nelle não havia para ferir, mais que as mesmas feridas: já toda a sua carne delicadissima estava desfeita em pedaços; já se lamentavão manifestos todos os seus sacratissimos ossos, e já finalmente as mesmas varas enlaçadas com es-

pinhos, as mesmas cadeias fabricadas com rozetas, e as mesmas cordas, e correias retorcidas, já estavão cançadas, e ainda não estavão, nem se davão por satisfeitos aquelles inhumanos verdugos.

Bem vião elles que maltratavão aquelle candidissimo Corpo, mais perfeito, e mais bello, que os de todos os filhos dos homens; mas assim como nem a verdura das folhas, nem a formosura das flores, nem a especiosidade dos ramos, nem a belleza dos fructos, nada basta para deter as negras nuvens, que não arrojem furiosas sobre os prados, e jardins, ou as aguas, ou as neves, ou as pedras, ou os raios; tambem para aquelles ímpios não foi motivo bastante o verem na Pessoa do Salvador aquella modestia virginal, aquella formosura mais que humana, aquella incomparavel belleza, para que logo suspendessem os braços, e lhes cahissem das mãos os flagellos.

Antes com furia diabolica incitando-se todos á porfia para não desistirem da empreza, (por isso mesmo que o Senhor não se queixava, nem resistia) ainda uns não acabavão, quando já começavão outros, sem interrupção, nem demora. Tanto que um braço levantava o açoute, outro immediatamente descarregava o golpe, e assim por este modo chegárão a ser em tanto numero os golpes, e os açoutes, que fizerão innumeraveis as chagas, e as feridas.

Oh peccado, cruel monstro, que maltrataste a Christo desta sorte! Tu principalmente, ó hediondo, e detestavel peccado da impureza, *Peccado injurioso*, que deshonras, e envileces a quem o commette, fazendo-o similhante aos brutos! *Peccado pestifero*, que inficionas a todos os estados, e accendes fogo em todos os corações, e já cobriste a terra de um diluvio de iniquidades, com que provocaste a ira do Ceo sobre todos os homens. *Peccado temerario*, que te elevas contra a Santidade do mesmo Deos, que sendo o Santo dos Santos por excellencia, não póde ver sem horror um tal monstro, que introduz a abominação no logar santo, qual é uma alma, creada á sua Divina similhança!

Peccado, emfim *detestavel*, que impedes os designios de Deos, que desprezas a sua Graça, que profanas os seus dons, e que sobre fazer, como inutil, a Paixão de Jesu Christo, abusando dos seus meritos, causas por todo o mundo o divorcio dos matrimonios, a discordia das familias, a dissolução das Cidades, e precipitas a cada passo innumeraveis almas no Inferno! Oh peccado inimigo, peccado infame, como és horrendo, e abominavel!

§ IV.

Mas ainda, meu adoravel Salvador, ainda que o peccado da impureza foi o que fez maior destroço no vosso Corpo Sacrosanto, por ser o que mais despedaçou a vossa carne virginal, tambem os outros peccados, e quotidianos defeitos, que por humana miseria, e depravada malicia estamos commettendo aos vossos olhos, contribuírão muito para esses vossos flagellos, para esses vossos tormentos.

Sim, meu Jesus, assim o reconhecemos, e sinceramente confessâmos, que Vós quizestes tambem padecer tão horriveis flagellos no vosso Corpo adoravel, afim de expiardes as culpas, que commettemos pelas criminaes delicadezas em tantas satisfações indignas para com os nossos corpos de peccado. Purificai, pois, e santificai o meu nesse banho saudavel do vosso Sangue, e no mesmo tempo inspirai-me contra o meu corpo um odio santo, para o castigar, como é justo; e melhor ainda, meu Deos, castigai-o Vós mesmo misericordiosamente neste mundo, para o não castigar eternamente no outro.

CAPITULO VI.

JESU CHRISTO COROADO DE ESPINHOS, E SACRILEGAMENTE ESCARNECIDO.

§. I.

QUALIDADE, E GRAVIDADE DESTE TORMENTO.

Era para esperar, que vendo os crueis verdugos padecer a Jesu Christo tão vivas dôres no tormento dos açoutes, se dessem já por satisfeitos. Porém como não conhece limites uma paixão furiosa, não podendo aquelles barbaros arrancar com violencia a Jesus a vida, se empenhárão com infernal industria em lhe desfazer o credito, e atormentar a Alma, para cujo effeito o trasladárão logo da columna do tormento para o throno do ludibrio; e neste patibulo da honra lhe cobrem os hombros com uns fragmentos de purpura, traspassão-lhe a Cabeça com uma espinhosa coroa, fazem-lhe sustentar uma cana por sceptro, e começão-lhe a medir, pelo numero das adorações falsas o sem numero das injurias verdadeiras.

E assim coberto de injurias, por nos cobrir de misericordias, coroado de tormentos, por nos coroar de beneficios, empunhando ludibrios, por nos segurar triunfos, sem ter gesto de figura humana, pelo excesso de tanta ferida, vendo-o Pilatos de mais perto tão lastimosamente maltratado, sahio á varanda do Palacio, e disse á multidão do povo, que estivessem

attentos, porque lhes queria mostrar aquelle Homem, para que vissem com evidencia, que não havia razão alguma para o condemnar a perder a vida.

Como se dissera deste modo inteiramente assombrado: Preparai-vos, ó gentes, para ver o mais lastimoso espectaculo, que jámais houve no mundo. Vou a mostrar-vos aquelle Homem, que ha pouco me apresentastes; e vendo vós outros a que estado o tenho reduzido, (só por dar-vos gosto, e não por achar nelle algum delicto) sem duvida me direis, que vos dais por satisfeitos, e que bem posso havello por solto, e livre; pois se eu só por comprazer-vos, assim o castiguei sem culpa, é certo que se Elle a tivera, e eu lh'a descobríra, para logo o condemnára.

A cujas vozes tanto se não commovêrão aquelles barbaros, que antes levantando todos tumultuariamente os alaridos: Tira lá, (disserão) tira lá, ó Presidente, que só queremos ver a esse Homem caminhando para o supplicio. Sem a sua morte não se dá por completa a nossa fereza, por mais lastimosa que esteja a sua figura; pois que importa que esteja dividido esse Corpo todo, se ainda se acha inteiro o nosso odio? Ainda não está satisfeita a nossa sêde, porque ainda se não esgotárão de todo as suas veias. Não, não póde ainda nadar a nossa malevolencia em todo esse mar de ignorancias, em todo esse pelago de chagas.

Crucificai, pois, ó Presidente romano, crucificai a esse Homem, ou a esse purpurado fragmento da humanidade, que se ainda lhe sobejou vida para os cravos, os cravos agora lhe acabaráõ a vida, isto é o que queremos, seja crucificado esse Homem, e tudo o mais não importa. Crucifique-se, crucifique-se.

Oh Ceos! Oh Terra! Oh Justiça Divina! Viose, ou ouvio-se jámais, que ouvesse algum homem tão infeliz, contra quem conspirassem todas as ordens de pessoas, se na qualidade differentes, na impiedade uniformes? É certo que não. Houve sim talvez algum perseguido dos Ecclesiasticos, mas amparado dos seculares. Outro pelo contrario perseguido dos seculares, mas amparado dos Ecclesiasticos. Armou-se contra aquelle a plebe, mas o Principe o defendeo. Contra outro se sublevárão os patricios, mas acolhêrão-no os estranhos, e tal costuma ser entre os homens, ou a diversidade dos interesses, ou a contrariedade dos affectos; que ainda o mais estranho, quando acha quem o persiga, encontra tambem quem o defenda.

Só aquelle Homem... aquelle Homem tão poderoso, que estando o mar em tempestade, elle o aplacava com a sua voz, e o passeava com os seus pés... Aquelle Homem tão milagroso, que aos cegos dava vista, aos surdos ouvidos, aos mudos a falla, aos enfermos saude, e aos mortos a vida... Este Homem, pois, este Homem tão benefico, e tão amavel; este grande Homem, este Homem Deos, achou tão diversa pratica naquelle perfido povo, que para perseguillo todos juntos, os gentios com os judeos, os romanos com os barbaros, a plebe com a nobreza, os Sacerdotes com os leigos, os Juizes com os soldados, e os doutos com os ignorantes, com pasmoso consentimento, unidos todos em um corpo, clamárão todos a uma voz: Crucifique-se, crucifique-se.

§. II.

Comtudo, julgando sempre Pilatos, que um espectaculo tão lastimoso não poderia deixar de enternecer aquelles ímpios, mandou que trouxessem ao Senhor assim mesmo como estava com as mãos atadas, coroado de espinhos, banhado de sangue, e por todo o corpo atormentado, dilacerado, entumescido, e totalmente desfigurado; e apresentando-o deste modo áquelle barbaro povo, lhes disse estas memoraveis palavras:

Ecce Homo! Eis-aqui o Homem, contra o qual tão anciosamente desejais a morte, rogando-me, que o crucifique. Mas contemplai-o bem attentos, que similhante espectaculo não verião jámais os vossos olhos. Vós outros bem sabeis, que Elle era formosissimo, e de tão agradavel presença, que consolava a todos os que o vião, e agora está todo disforme, e tão falto de alento, que está por pouco para cahir morto. Dai-vos, pois, por satisfeitos, vendo-o tão cruelmente castigado, e sem sombra de delicto.

Ecce Homo, diz tambem a cada um de nós lá do Ceo o Eterno Pai: olha, ingrato, para meu Filho Unigenito, que Eu te dei para Mestre, para Conductor, e Defensor teu, para teu Libertador, e Redemptor; e tu com tuas culpas, e peccados olha o estado a que o reduziste! Elle é meu Filho Unigenito, que não tenho outro; qual será, pois, o castigo para quem o maltratou desse modo? Será bastante o Inferno?

Ecce Homo, diz tambem a todos o mesmo Salvador do mundo: Olha, homem, o que me custas! Adverte no que por ti padeço, para livrar-te da escravidão do demonio. Pondera o que soffro por teu amor para salvar-te. Eu não padeço pelos Anjos, nem pelos demonios, nem por outra alguma creatura, só por ti padeço, tu és o unico objecto do meu amor, e elle me pôz neste estado, aqui á vista dos meus inimigos. Adverte, pois, quanto deves corresponder, a quem com tanto excesso te sabe amar!

Attende bem, e considera, que não ha outro amor, como o meu; porque te amo devéras, sem interesse, nem correspondencia alguma. *Sem interesse*, porque nada tens de teu, que haja de attrahir o meu amor, antes os meus opprobrios, as minhas dôres, e os meus tormentos é o que por teu respeito me tem resultado; pois se eu te não amára, nada por ti padecêra. Tambem te amo *sem correspondencia*, e essa é a minha maior pena; porquanto se o meu amor lucrára o teu, me servíra de

consolação no meio das minhas dôres; porém morrer de amor por quem me não ama, ou penar por quem não me estima, é penar, e morrer sem allivio algum. Adverte logo o que me custas, e ama devéras a quem tão devéras te ama.

Homem descuidado, ingrato, e desconhecido! Attende bem, e considera, se ha outra dôr como a minha? Considera-me bem por todos as partes, desde os pés até á cabeça, e verás tudo tormentos, tudo feridas, tudo chagas, tudo nodoas, e tudo sangue. Assim me pôz a Justiça de meu Pai, para castigar as culpas, que Eu não fiz. Como eu me offereci a satisfazer pelas tuas, em mim tomou a vingança, que tu por ellas merecias.

Na minha Cabeça castigou a tua soberba, no meu Rosto a tua vaidade, nas minhas Mãos as tuas más obras, nas minhas Costas a tua lascivia, no meu Ventre a tua gula, e os teus deleites, e nos meus Pés os teus máos passos, e depravados affectos. Não ha membro no teu corpo, com que não tenhas offendido a teu Deos; e como em mim me castigão os teus delictos, me vejo atormentado em todos os meus membros.

Pondera, pois, o summo amor, que deves tanto a mim, como a meu Pai! Houve porventura algum Rei que castigasse no seu proprio Filho os desacertos de um vil escravo? Esta incomprehensivel fineza só a teve o Rei das Eternidades, que em mim seu Unigenito, Principe herdeiro da sua Gloria, quiz castigar os teus desaforos. Considera logo, e pondera, emfim, como lá correspondes a tanto amor! e adverte para teu bem, quanto mais terá de castigar o servo ingrato, e traidor, quando trata deste modo ao seu Unigenito, e querido Filho? Mas para que assim não succeda, dize-lhe agora:

Eterno Pai de Misericordia! Attendei, Senhor, para esse Homem. Olhai para o vosso Filho, feito Homem por meu amor. Vêde aquellas chagas, aquelles açoutes, aquella coroa, e aquelle Sangue, dirigido tudo aos mesmos, que o fizerão padecer. Olhai para o Rosto do vosso Filho, vêde as suas Costas, e todo o seu Corpo dilacerado, e perdoai-me por Elle mesmo o Sangue, que lhe derramárão as minhas culpas, e os tormentos, que lhe causárão os meus peccados. Elle por sua piedade infinita me deu os seus meritos sacrosantos, e eu vo-los offereço todos em satisfação dos meus enormes delictos, com firmissima confiança de aplacar por este meio o formidavel rigor da vossa divina Justiça, para eterna salvação minha, decorosa honra, e maior gloria vossa.

§. III.

Aos primeiros clamores do obstinado povo ainda replicou Pilatos, dizendo áquelles ímpios, como escreve S. Cyrillo: «Se vós outros tendes Lei, que mande tirar a vida aos innocentes, crucificai-o lá, segundo essa Lei, porque a minha não permitte condemnar á morte ao que nada tem de reprehensivel, antes é de uma vida inculpavel.» Ouvindo isto aquelles barbaros, clamárão todos, dizendo, como se lê no Evangelho: «Nós outros temos Lei, e segundo ella deve morrer, porque se fez Filho de Deos.»

Ah perfidos inhumanos! Tendes Lei para matar um innocente? E que Lei é essa? pergunta Santo Antonio de Padua. Certamente não é Lei de Deos, porque ella tal não manda, e vós que a tendes, a quebrantais. É logo toda vossa; lei da mentira, da cubiça, da inveja, e da avareza, gravada nos vossos corações pelos mais ímpios legisladores, quaes são os demonios, a carne, e o mundo. Esta é a lei que tendes, segundo a qual pedis temerarios, que a Christo innocente se dê sentença de morte.

Ouvindo, pois, Pilatos, que Jesu Christo se dizia Filho de Deos, temeo então muito mais, receando o haver ultrajado nada menos que ao Filho do Altissimo; e este temor lhe fez perguntar: «Donde era?» Querendo saber, se viera do Ceo; e como o Senhor se calou, porque já de antes lh'o havia dado a entender, instou Pilatos, que désse resposta áquella pergunta, porque era seu Juiz, e sobre elle tinha poder, tanto para o deixar com vida, como para o condemnar á morte.

Aqui lhe respondeo o Salvador, para tirar-lhe a ignorancia, que podia ter do seu peccado: «Não tiveras tu algum poder em mim, se te não fosse concedido lá do alto; e por isso, ainda que peccas, usando mal daquelle poder, maior é o peccado dos outros, que me entregárão nas tuas mãos, porque elles peccão por odio, e tu por medo.»

Conhecendo daqui Pilatos o grande mal, que havia feito, entrou a applicar mais vivas diligencias para livrar da morte ao Salvador; porém os judeos, mudando de intento, com malicia diabolica, imputárão ao Senhor o crime de lesa Magestade, como traidor a Cesar, porque se fazia Rei; e portanto, se o não condemnava, o accusarião diante do Imperador, como complice na mesma traição.

Aqui se vio Pilatos entre dous temores, um de condemnar ao Filho de Deos, santo puro, e innocente, e outro de desagradar a Cesar, que o podia castigar, como traidor; e como era indispensavel o resolver-se para um destes dous extremos, o temor de Cesar venceo o temor de Deos, vencendo ao mesmo Pilatos, e inclinando-o a proferir a sua iniqua sentença contra Deos, contra a Verdade, e contra toda a Justiça.

Para cujo effeito mandou que fosse o Salvador conduzido á sala do seu tribunal, e alli o mesmo Pilatos, vendo-o tão falto de alento, por tão atormentado, e opprimido, tornou a mostrallo ao Povo, dizendo a todos em alta voz: *Eis-aqui o vosso Rei.* Como dizendo assim: Olhai esta humildade, este vilipendio, e este destroço no vosso Rei legitimo. Não ha Nação no mundo tão barbara, que não tenha amor ao seu Rei. Sendo, pois, vosso Rei este Homem,

compadecei-vos delle tão opprimido, amansando-se os vossos feros corações, pelo ver em um estado tão lastimoso.

Mas ó Pilatos, que em vão te canças, buscando piedade em uns corações já possuidos do demonio! Retira, (clamavão elles) e aparta já da nossa vista esse objecto do nosso odio. Não no-lo ponhas por diante, porque isso nada nos commove. Crucifica-o por uma vez, e tira-o já deste mundo.

Pois, gente maldita, (instou o Presidente) quereis que eu condemne á morte o vosso Monarcha? Que dirão as Nações todas, quando souberem, que muito por vosso gosto, e ainda aos vossos rogos, é crucificado o vosso Rei verdadeiro? Mas ó inveja, e maligno furor, que atropella as Leis divinas, e humanas, sem attender á propria infamia, nem ao que dirão todas as gentes!

Insistírão comtudo aquelles barbaros em pedir a morte para Jesus, e assim tornárão a clamar: «Que elles não conhecião, nem tinhão por seu Rei, senão a Cesar; que a outro qualquer não o querião ver, nem ouvir.» Oh malvada cegueira! Judaica perfidia! Mas quantos de nós mesmos dizem tambem com as suas obras: que não tem outro Rei, nem outra Lei, mais que a satisfação dos seus appetites; por cujo respeito atropelão tudo, sem attender a Deos, nem ao mundo, e sem quererem vêr, nem ouvir cousa que pertença a Jesu Christo, á sua Vida, Paixão, e Morte?

Ainda Pilatos, como assombrado, e opprimido com a ameaça do Cesar, instou novamente aos judeos, fazendo-lhes esta pergunta: Pois que hei de fazer ao Rei da vossa nação? Como se dissera: Seja muito embora, seja Cesar o vosso Rei, porém isso não tira, que este tambem seja vosso Senhor, e vosso Rei natural; dizei-me, pois, que quereis que eu faça de Jesus, sendo Elle o vosso Rei, e Senhor vosso?

Oh ministro indigno! Impio executor dos furores do inferno! *Que farei de Jesus?* Eu t'o digo já: Entrega-o a sua Mãi, que por mais que esteja desfigurado, e cheio de feridas, ella o receberá com summo amor nos seus braços, e no seu coração; ou manda-o dar a seus Discipulos, que por mais froxos, e timidos que estejão, ainda o reconhecerão por seu Divino Mestre, e o receberão com o devido respeito.

Ah Pilatos! Se eu alli estivera, e tu m'o offerecêras: com que ardor, e com que empenho, assim máo como sou, eu o receberia? E que sentimento, e que affectos, apesar da minha tibieza, lhe não consagraria? Eu me prostraria a seus pés, eu o reconheceria por meu Salvador, e meu Deos, eu beijaria as suas Chagas, eu recolheria o seu Sangue; e lavando-o com as minhas lagrimas, faría por merecer, que me perdoasse todas as culpas.

Mas ó pacientissimo Deos, adoravel Redemptor do mundo! A quem sereis Vós offerecido, que haja de receber-vos nesse lastimoso estado? Aos ricos do seculo? Porém Vós lhes parecereis muito pobre, porque nada possuis dos bens da terra, e uma tal indigencia é despresivel aos seus olhos. Será aos grandes da terra? Porém Vós lhes parecereis mui abatido, e as vossas humilhações haverão de condemnar a sua soberba, e a sua ambição. Será aos sensuaes, e voluptuosos? Porém Vós lhes parecereis mortificado com excesso, e as vossas afflicções serão uma perenne censura da sua vida mundana, e regalada.

Oh Divino Salvador! Desejado das Gentes, esperado pelos Patriarchas, annunciado por tantos Prophetas, e figurado por tantos oraculos! Só a Cruz vos recebe nos seus braços, e ainda esta sómente para vos entregar nas mãos da morte; por isso todos clamão com os judeos, cada um lá pelo seu modo, ou cada um pela sua parte: Crucifique-se, crucifique-se.

Aturdido, pois, Pilatos com a vehemencia daquelles gritos, e receando, que de uma tempestade tão furiosa podesse vir algum raio, que o precipitasse do throno, resolveo-se, tyranno, a mandar que padecesse morte de Cruz o innocentissimo Filho de Deos; mas primeiro pedio agua, e lavou as mãos, mostrando que protestava a innocencia do Salvador, e a violencia que lhe fazião para dar tão injusta sentença.

O que vendo os perfidos judeos, e conhecendo por aquella usada ceremonia, que Pilatos se exonerava da gravissima culpa, que por uma tal sentença commettia, livremente lhe disserão: Que cahisse embora sobre elles, e seus filhos o Sangue daquelle Homem. Como dizendo: Não te assustes, ó Presidente, porque esse peccado por ti tão temido, nós o tomamos sobre nós outros, e assim nós, e os nossos filhos nos obrigamos a dar conta a Deos do Sangue por este Homem derramado. Oh cégos, ímpios, e crueis corações! Já haveis passado pelo tremendo Juizo do Redemptor do Mundo? E que conta déstes, ou como sahistes daquelle seu Tribunal Divino? Justamente condemnados ás eternas chammas do inferno.

Intimada, pois, a sentença de morte ao Author da vida, com profunda humildade inclinou Elle a sacrosanta Cabeça, como se a ouvíra proferir ao Eterno Pai, recebendo-a com íntimo jubilo, pelo seu ardentissimo desejo de consummar a redempção do genero humano; e correndo logo a noticia por toda a Cidade, foi innumeravel o concurso, que se ajuntou para ver aquelle espectaculo; em quanto os Ministros da impiedade com o maior alvoroço, uns trazem os lenhos, e os carpinteiros para formar a Cruz, outros comprão os cravos, outros trazem as cordas, outros preparão as caixas, os pregoeiros, e as armas para os soldados; outros vão ao carcere buscar os dous ladrões. . .

E entre tanto os verdugos despojão o Salvador

da rota purpura, que arrojão no pavimento desfeita em pedaços, dos quaes todos se retirão, como de cousa empestada, e contagiosa; e ficando o Senhor assim despido á vista do povo immenso, como não podia ser conhecido pelo rosto desfigurado, e desejavão os ímpios, que soubessem todos, qual entre os tres era Jesus, lhe vestírão a sua propria tunica, com incrivel tormento; não só por causa das innumeraveis chagas, que já tinha por todo o Corpo, senão tambem porque vestindo-lh'a pela Cabeça, lhe resistião, e lhe abrião novas feridas os espinhos da coroa.

CAPITULO VII.

JESU CHRISTO CAMINHANDO COM A CRUZ PARA O CALVARIO.

§. I.

PRIMEIROS PASSOS DESTE PENOSO CAMINHO.

Preparadas, e dispostas todas as cousas, o Sagrado madeiro, os cravos, as cordas, os martellos, a esponja, o fel, e vinagre, e já postos em ordem os soldados, arvoradas as bandeiras, e promptos os pregoeiros, e trombetas, estando para sahir o Salvador cercado de verdugos, logo que Elle avistou a Santa Cruz, com a qual o estavão esperando para lh'a lançarem sobre os hombros, tomou grande alento, e chegando-se a ella com alegria, lhe diria talvez no íntimo do seu coração:

Oh Cruz Santa, Cruz preciosa, por mim tão desejada, com tanto ardor appetecida, e já com tanta gloria para mim preparada! Vem unico allivio das minhas ancias, glorioso fim dos meus tormentos, illustre Sceptro do meu Reino, e victorioso Estandarte dos meus Exercitos! Vem, amada minha, aos meus braços, e recebendo-me logo nos teus, terei por fim o meu descanço.

Lançado, pois, sobre os moidos hombros do Salvador do mundo o tosco, e grosso madeiro, que encerrava o peso de todas as culpas do genero humano, puzerão-se em duas alas os soldados, para haver de passar pelo meio delles o Supremo Senhor do Ceo, e da terra, cercado, e conduzido por infames, e atrozes verdugos. Oh grande, e inaudito espectaculo! exclama Santo Agostinho. Quanto á impiedade dos que o levão não póde imaginar-se maior affronta! E quanto á piedade do que é conduzido, será sempre para todos um ineffavel, e incomprehensivel Mysterio!

Porque alli se contempla o innocentissimo Abel, a quem a inveja de Cain seu irmão conduz ao campo para tirar-lhe a vida. Alli se vê o fiel, e obediente Isaac, com a lenha ás costas, caminhando para o monte, em que tem de ser sacrificado. Alli se divisa outro Jacob com a escada preparada, para que por ella subão os homens. Alli se admira outro Moysés com a milagrosa vara contra os infernaes egypcios, para pôr em liberdade pelo Mar-Vermelho do seu Sangue aos israelitas verdadeiros. Alli se vê o humilde David com o baculo nas mãos para derribar, e lançar por terra ao soberbo gigante.

Alli, finalmente, se vê o mais estupendo, e mais raro successo, que jámais houve no mundo, o Filho Unigenito do Padre Eterno, verdadeiro Deos, e Creador de tudo, affrontado, infamado, escarnecido, e condemnado á morte pelas suas mesmas creaturas, que o levão entre dous ladrões, para ser castigado com o mais cruel supplicio, como se Elle houvera sido o mais atroz facinoroso.

Adiante de todos ião os infames pregoeiros, pedindo attenção com o som das trombetas ao innumeravel concurso, e repetindo logo em voz alta a iniqua sentença contra Jesus Nazareno, por falso Propheta, enganador das gentes, inquietador da republica, semeador de erradas doutrinas, e famoso nigromantico, que obrava fingidos milagres, valendo-se de Beelzebub principe do inferno, e tambem por tyranno usurpador de reinos, como traidor a Cesar, Imperador dos romanos.

Oh santissima, purissima, e adoravel innocencia de Deos Homem! Aqui se vê claramente, como vos haveis encarregado de todos os peccados do mundo, pelos quaes ides a padecer, e morrer no monte Calvario. Nós é que somos os enganados pelo demonio, e tambem somos os mesmos, que com as nossas mentiras, e tratamentos dolosos enganamos a muitos; e sendo Vós, Senhor, quem nos adverte, e nos illustra com a mais pura verdade, não quer o mundo os vossos desenganos, recusando sempre as Vossas doutrinas.

Nós somos, tambem, os que inquietamos os reinos, e provincias com as nossas cubiças, e ambições criminaes, e Vós sois o Pacificador universal de todas as gentes, (quanto ao que está da vossa parte) como Creador, e Conservador seu; nós somos os cegos, que abraçamos os erros, que semeou nó mundo o demonio, e Vós sois a Verdade eterna, o Caminho, e a Vida das Almas; nós somos os partidistas do infernal inimigo, quando seguimos, e observamos as suas falsas, e perniciosas maximas; e Vós sois quem o arruina, quem o confunde, e lhe tira todas as forças; Vós, emfim, mandais que se dê a cada qual o que é seu, e nós outros somos

os tyrannos, que nos levantamos a maiores contra os nossos superiores, pagando a Cesar o que é de Deos, e dando a Deos, o que pertence ao demonio, como são certamente as nossas obras indignas, as nossas continuas culpas.

Adoravel Salvador! Os vossos inimigos se alegrão, vendo-vos opprimido com o madeiro da Cruz, porém maior é o vosso desejo de a levar, do que nelles o empenho de vo-la impor; Vós a considerais com respeito, acceitais com alegria, e fazeis com ella uma sagrada alliança, consagrando-vos de novo aos seus braços, para alli exhalar os vossos ultimos suspiros; Vós, emfim, como Divino Conductor marchais adiante de todos, querendo que vos sigamos agora até o monte Calvario, para nos introduzirdes depois no Celestial Paraiso.

Mas ai, meu Salvador! Vós estais só, e só Vós sois o que levais o pêso da Cruz, porque ainda que vos vejo cercado de gentes, são gentes inimigas, que vos desejão beber o sangue; gentes crueis, que vos ultrajão; gentes barbaras, que vos insultão; e até ladrões insignes, que de Vós blasfemão. Que infame sociedade! Que penosa companhia!

Comtudo, meu Deos, eu contemplo, que uma deliciosa vista vos consola; Vós prevêdes desde logo o grande numero de Discipulos, que depois nos futuros seculos seguirão os vossos passos para o Calvario; muitos milhões de Martyres, rubricados com o seu sangue; firmissimos Confessores, tolerando os carceres, e as cadeias; illustres penitentes com os dolorosos instrumentos da sua mortificada vida; innocentes Solitarios, sahindo dos desertos; purissimas Virgens, dignas Esposas vossas; e em summa, todos os Escolhidos, levando comvosco as suas cruzes; que delicioso aspecto para o vosso Espirito!

§ II.

PASSOS DO SENHOR, ATE' A' SUA PRIMEIRA, E SEGUNDA QUEDA.

Lançada a pesada Cruz sobre os chagados hombros do Divino Isaac, os crueis judeos lhe desatárão as mãos para que a sustentasse; porém não o corpo, afim de o levarem seguro pelas grossas cordas com que estava cingido; e para maior tyrannia, lhe derão com ella duas voltas á garganta, e começou logo a sahir aquella desconcertada procissão de povo, ministros, e soldados com grande estrepito, e gritaria pelas ruas de Jerusalem para o monte Calvario, que distava do palacio mil trezentos e vinte um passos, como diz Adricómio.

Oh ingrata Jerusalem, desprega sobre as tuas torres muitas bandeiras de festa; accende, e multiplica em muitos fogos o teu jubilo, que por fim venceste, e chegaste a conseguir o que tanto desejavas; tu sempre temeste a este Homem, e com todo o esforço procuravas a sua ultima ruina; consola-te pois, que Elle já vai fóra dos teus muros, e ficará tambem fóra do mundo, passadas poucas horas.

Mas oh, se bem souberas, miseravel, quanto perdeste, perdendo a Deos! Se bem o souberas! Perdendo a Deos, perdeo Sansão a força, Saul o reino, Eli o sacerdocio, Manassés a liberdade, Ozias a saude, Salomão os thesouros... E tu infeliz, tu ingrata e aleivosa, desterrando e perdendo a Deos, perdeste os thesouros, a saude, a liberdade, o sacerdocio, o principado, e a fortaleza.

Mas oh quantas bellas almas, parecidas a Jerusalem triunfante, em quanto Deos habitava nellas por virtude da sua Graça se assemelhão depois á mesma Cidade infeliz, despojada dos seus bens! Pois aonde está aquella ternura de coração, aquelle gosto em obedecer ás inspirações Divinas, aquelle santo rigor em reprimir as paixões criminaes, e aquella summa estimação, com que tratavão os negocios da outra vida? Tudo se foi, tudo se perdeo, com perder a Deos.

Proseguia o nosso Salvador o seu caminho para o monte Calvario, levando sobre os seus hombros o seu mesmo Imperio, e Principado, que era a Santa Cruz, donde havia de reinar, e sujeitar ao mundo; porém os Ministros da impiedade, como faltos de toda a humana compaixão, levavão ao mesmo Senhor Jesus com incrivel furor, e desacato.

Tiravão uns adiante pelas cordas, para abbreviar-lhe os passos, tiravão logo outros para trás com igual impulso, para mais atormentallo, e com estas violencias, juntas ao grave peso da Cruz, o fazião cahir varias vezes por terra; e supposto que de modo ordinario só tres quédas se contão neste penoso caminho, é por alludir ás tres quédas principaes do homem, no peccado original, mortal, e venial.

A primeira destas quédas foi, como diz Adricómio, aos oitenta passos, que andou o Senhor depois que sahio da casa de Pilatos; e a causa desta, e das outras quédas foi, como se disse, a furia cruel, com que era levado pelos seus inimigos, que desejando para logo tirar-lhe a vida, lhes parecia cada momento um tempo mui dilatado; assim, pois, com aquelles furiosos impulsos, umas vezes topava a Cruz contra a sagrada Cabeça, outras a mesma Cabeça contra a Cruz, e sempre os espinhos da coroa, segundo a variedade dos golpes, se profundavão mais, ou se penetravão de novo.

A estas gravissimas dôres accrescentavão aquelles operarios da iniquidade muitos opprobrios de palavras, e execraveis contumelias de salivas immundissimas, e lodo, que lhe arrojavão no Divino Rosto, com tanto excesso, que lhe cegavão os olhos, condemnando-se, sem o pensarem, por indignos de tão piedosa vista; e pela muita pressa, que se davão aquelles ímpios, anciosos de conseguir a morte do mansissimo Cordeiro, quasi que o não deixavão respirar, nem tomar alento.

Só não servio de embaraço ao Salvador o in-

numeravel concurso do povo pelas ruas de Jerusalem, porque todos se desviavão de tocar a Cruz do innocentissimo Réo, como se fôra contagiosa a gloriosa deshonra, em que o imaginava a cega perfidia dos seus perseguidores.

Mas oh deploravel miseria nossa! Que os judeos, e ministros da Paixão (ignorando este mysterio escondido aos principes do mundo) não quizessem tocar a Cruz do Senhor, reputando-a por affrontosa ignominia, culpa foi, e culpa grande; porém não tanto como a nossa, quando já revelado este Sacramento, a Fé nos obriga a condemnar a cegueira daquelles ímpios; e assim, se os culpamos (ignorando elles, o que devião saber) qual será a nossa culpa, se conhecendo, e confessando nós outros a Jesu Christo por Salvador nosso, com as nossas más obras o offendemos, e como elles o crucificamos.

Oh Divino Jesus, luz dos nossos entendimentos, e gloria das nossas almas! Não confieis, Senhor, da minha criminal tibieza o seguir-vos com a minha cruz pelo caminho da vossa, tomai sim por vossa conta o fazer-me correr á fragrancia do vosso amor, da vossa paciencia, humildade, e angustias, e á participação dos vossos opprobrios, affrontas, e dôres; esta, Senhor, seja a minha herança na presente mortal vida, esta a minha gloria, e o meu descanço, nada mais quero, mediante a vossa graça, neste mundo.

§. III.

ENCONTRO DO SENHOR COM SUA MÃI SANTISSIMA.

Entre a multidão das gentes partio da casa de Pilatos a dolorosa, e lastimada Mãi no alcance de seu Filho Santissimo, acompanhada de S. João, da Magdalena, e das outras Marias; e como o tropel do innumeravel concurso lhes servia de embaraço, atravessou a Senhora por algumas ruas, até vir a encontrar-se com seu amado Filho, reconhecendo-se ambos, e renovando-se reciprocamente a dôr, do que cada qual padecia.

Chegou, pois, a lastimada Mãi á vista do atormentado Filho, e vendo-o em um estado tão miseravel, ficou suspensa, e immovel! Pasmou estremecida em um, e outro Amante a natureza! Embargou-lhes a dôr as vozes, roubadas ao pasmo dos seus dous partidos corações attonitos; mas fallárão em seu logar os olhos, e no mesmo tempo os affectos com estes, ou similhantes suspiros:

Minha Mãi muito amada, (diria o Salvador) a dura morte, que me espera, se me faz menos penosa, do que a afflicção, em que vos vejo; e estes espinhos, que me traspassão a cabeça; estas chagas, que me esgotão o Sangue, e este madeiro, que me opprime as costas, cedem ás agonias, que a vossa consternação me causa; mas se o decreto do Pai, se a culpa de Adão, se a redempção do mundo, e a minha obediencia assim o querem, bem vedes, que me convem concluir a viagem, padecer o martyrio, e consummar com a morte as minhas dôres naquelle monte; eu nasci nos vossos braços, porém nos da minha Cruz tem de renascer o mundo, e vós sendo Mãi commum, porque o sois minha, deveis querer, e estimar o perder agora um Filho, para lucrar depois infinitos.

Filho dos meus olhos, (responderia a Senhora) meu amor, e vida minha! Eu não me opponho á vossa morte, pelo muito que estimo a salvação dos homens; quero só offerecer-vos o sacrificio doloroso de não poder alliviar-vos do pêso dessa Cruz, levando-a eu, que sou filha de Adão, para morrer nella por vosso amor, como Vós quereis nella morrer pela ardentissima caridade, que tendes para com o genero humano.

Oh amantissimo Medianeiro entre a culpa, e a justiça! Como fomentais a Misericordia com tantas injurias, e entre tantas offensas? Oh Caridade sem termo, e sem medida, que para maior incendio, e efficacia dais logar aos tormentos, e opprobrios! Oh amor infinito, e suavissimo! Quem me dera ter os corações dos homens na minha vontade, para que não correspondessem tão mal, ao que por todos padeceis! Eu lhes intimára o muito que vos devem, quando tão caro vos custa o resgate do seu captiveiro, e o remedio da sua ruina.

Aqui penetrado o Salvador, com a mais viva magoa, pela vista lastimosa da innocentissima Mãi, cahio por terra, totalmente desfallecido, sem poder-se mover debaixo da Cruz, como revelou o mesmo Senhor ao grande Patriarcha S. Domingos; e os ministros do demonio irritados com tantas quédas, maltratárão ao Senhor muito mais do que nas outras vezes; porém vendo os sacrilegos principes, e pontifices dos judeos, que o Senhor não se levantava, se chegarião a Elle, insultando-o de palavra com execrandas injurias: Levanta-te, (lhe dirião) levanta-te, embusteiro; não dizias tu, que eras Filho de Deos, e que te atrevias a derribar por ti só o templo de Deos, e novamente edificallo em tres dias? Segundo isso, tens muitas forças, levanta-te, pois, e caminha; davão-lhe logo muitos golpes, e pontapés, mas com isto mesmo o impossibilitavão mais para não se poder mover.

Oh Rainha dos Anjos, Mãi de piedade! Que penoso encontro para o vosso coração magoado! Pois que dôr, e sentimento não sería o vosso com tão lastimoso aspecto, vendo assim prostrado, desfalecido, e tão inhumanamente tratado o vosso Santissimo Filho?

E Vós, Omnipotente Senhor, que sustentais o universo, como estais tão fraco! Pode a grandeza dos tormentos tirar á vossa Divindade as forças? Pois como não soccorreis a vossa Humanidade Santissima com as que agora lhe faltão? Mas oh altissima disposição do vosso Divino Amor! Como querieis ad-

mittir os homens á gloria da Cruz, (pois por ella determinaveis admittillos á vossa Bemaventurança) querieis que os vossos amigos vos ajudassem a levalla, e vos seguissem com ella; por isso suspendeo a Divindade o soccorro, e esforço á vossa Humanidade Santissima, querendo desde logo, que se impozesse aos homens a obrigação de vos seguir cada qual com a sua Cruz, participando, quanto lhes fosse possivel, das vossas dôres.

§ IV.

SIMÃO CYRENEO AJUDA A LEVAR A CRUZ AO SENHOR.

Conhecendo os malvados judeos, que estava o Senhor debilitado por tal modo, que lhe faltava pouco para expirar no caminho, sem elles conseguirem o que tanto pertendião, que era o morrer Elle crucificado, andavão procurando com solicito desvelo quem o ajudasse a levar o pêso da Cruz, e como em toda aquella multidão não descobrírão um só, que de boa vontade se quizesse encarregar daquelle pêso, obrigárão, para este effeito, a Simão Cyreneo, que vinha do campo, o qual, ainda que ao principio chegou violento, logo se mudou, tanto que vio um tão lastimoso espectaculo; e o que antes vinha de má vontade, agora o fazia de amor, e compaixão, com que mereceo vir a ser Santo.

Chegando-se pois á Cruz o venturoso Cyreneo, a suspendeo um pouco, e com isto pôde o Senhor levantar-se, e proseguir o seu caminho; e supposto que alguns affirmão, que o Salvador lhe largou totalmente a Cruz, outros dizem, e mais conformes ao Evangelho, que o Senhor levava a parte maior, qual era a dianteira, e o Cyreneo a posterior, que era a de menos pêso; e S. Jeronymo, Santo Hilario, e S. Leão Papa advertem, que o Senhor o quiz assim por estes tres grandes mysterios.

Primeiro, porque sendo o Cyreneo gentio, quiz o Salvador dar a entender, que havia de trazer a gentilidade ás glorias da Cruz, e privar dellas aos perfidos judeos por seus enormes peccados. *Segundo*, porque a Cruz, de que se encarregou o Senhor, sendo de infinito pêso, ninguem, senão Elle, a podia levar por si só, ajudar sim. *Terceiro*, para entendermos, que quando o Senhor nos chama ao caminho da Cruz, não é para encarregar-no-la toda, nem deixar-nos só com ella, porque Elle se encarrega da maior parte, e nos commette a menor, Elle vai adiante, vencendo todas as difficuldades, e nos leva á sua sombra, para que ninguem desfalleça com uma tal companhia.

Oh quem me dera, meu adoravel Salvador, quem me dera ser tão feliz, que podesse como o Cyreneo, padecer comvosco algum incommodo, para alliviar de alguma sorte o gravissimo pêso da vossa Cruz! Mas ai de mim, que em vez de adoçar, e diminuir as vossas penas, as augmentei, e exasperei mais com as minhas culpas! E terei eu de continuar uma tão monstruosa ingratidão? Não, meu Senhor, com a vossa graça, não; eu desejo seguirvos ao Calvario, para nelle vos fazer o meu sacrificio; ajudai-me pois, que sem o vosso auxilio nada posso; e como sabeis a minha fraqueza, sustende-me no caminho, para que possa felizmente chegar ao termo, onde vos louve, e glorifique por toda a serie dos seculos. Amen.

§ V.

EXHORTAÇÃO A'S FILHAS DE JERUSALEM.

Caminhando o Senhor com a sua Cruz, ajudado do Cyreneo, entre a grande multidão de povo, que o seguia, percebeo que umas piedosas mulheres choravão amargamente, condoendo-se dos seus trabalhos; e sua Divina Magestade, voltando-se para ellas, lhes disse: Que não lamentassem a sua Paixão, e Morte; antes dirigissem as suas lagrimas a si mesmas, e seus filhos, porque viria tempo, em que dirião: Bemaventuradas as estereis, que não parírão, e os ventres, que não gerárão; então direis aos montes, que venhão sobre vós outras, e aos outeiros, que vos sepultem, pois se isto succede ao lenho verde, que se fará no secco? Sobre estas palavras, dignas de eterna memoria, se devem fazer muitas reflexões, mas principalmente as duas seguintes:

Primeira: Como aqui manifestou o Senhor a sua Divindade, vendo-se que aquelles impios não obravão contra a sua Pessoa, senão o que Elle lhes permittia; pois não obstante a furia, com que o levavão, logo que o Senhor quiz parar, e fallar, parou, e fallou, sem que alguem lhe fosse á mão, padecendo só por seu querer, ou por impulso do seu amor; pois se Elle não quizera, nada padecêra.

Segunda: Quão poderosas são as lagrimas por compaixão das penas do Senhor! Pois indo Elle quasi morto, fazem que volte os seus Divinos olhos, para vêr, e ensinar a quem por Elle chora: Que fará pois com as lagrimas, que perfeitamente se derramão, se tanta força tem para com Elle, ainda as imperfeitas? Ou que não alcançaráõ as que procedem de compaixão verdadeira, acompanhadas de grande amor, e agradecimento pelos seus beneficios?

Não choreis sobre mim, (advertio o Senhor) *mas sobre vós outras, e sobre os vossos filhos*, como se dissera: Não penseis, que o meu mal é o maior do mundo, antes sabei, que é muito maior, e mais deploravel o vosso; porque o meu mal, que é só da pena, não passa de atormentar o corpo; e o vosso, que é mal da culpa, chega a matar a alma. Chorai pois as vossas culpas, para eu salvar as vossas almas, e com isto alliviareis as minhas penas. Oh bemdita seja tão Benigna Misericordia do nosso amantissimo Salvador, que o vêr a nossa perdição é o seu maior tormento, e que o afflige mais, do que toda a sua Paixão!

Sinto, pois, (continuou a dizer o Senhor) que chorando vós por mim, que irei brevemente para o meu glorioso Throno, não choreis sobre vós mesmas, sobre vossos filhos, e todos os mais da vossa nação, que carregados de gravissimas culpas, ficais expostos á mais lastimosa ruina; e por tanto deveis saber, que tem de sobrevir uma calamidade tão grande a toda a vossa nação, que clamareis, e direis as que tendes filhos: bemaventuradas as estereis, que não terão a dôr de ver despedaçar, e devorar, na sua presença, como nós outras, os frutos do seu ventre!

Então se terá por feliz, o que se poder retirar ás cavernas dos montes; e as que estiverem pejadas, não podendo fugir, pelo pêso dos filhos, pereceráõ com elles; e os que se houverem retirado, terão com tudo tanto medo, que ainda no deserto não se darão por seguros, e desejaráõ que sobre elles caião os montes, parecendo-lhes melhor uma morte repentina, do que ver, e padecer tantas, e tão dilatadas.

Adverte agora, ó Christão, a summa clemencia do Salvador, que como esquecido dos seus trabalhos, affrontas, e dores, se põe mui de espaço a ponderar áquellas devotas mulheres os grandes males futuros, para que não venhão a perecer com todos os outros da sua ingrata nação; e tomando para utilidade tua aquella Doutrina, principalmente para o trance da morte, que te espera, obra de maneira, que ella te não colha carregado da tua carne, criando, e alimentando os teus filhos, que são os teus carnaes affectos, e chora com tempo as tuas culpas, tomando este aviso, como da boca do teu Deos, que piedoso t'o dá, estando já para morrer.

Pois se isto succede ao lenho verde, que se fará no que é secco? Como dizendo: Quem me poz nestes trabalhos foi a justiça de meu Pai; e a razão por que Elle assim me afflige, são as tuas culpas, havendo-me Eu encarregado de satisfazer por ellas; attende logo, e considera, que se Elle em mim as castiga com tanto rigor, não as havendo eu commettido, como as castigará muito mais no mesmo peccador, que as fez? E se tanto estrago faz o braço da Divina Justiça na arvore da vida, sempre verde, pela summa Santidade, e essencial Virtude; que fará na arvore da morte, lenho secco, e murcho pelo ardor da concupiscencia, e com o fogo dos máos desejos, vicios, e peccados?

§. VI.

CONTINUA O SALVADOR O SEU CAMINHO ATE' SUBIR AO CALVARIO.

Depois que o Salvador instruio aquellas mulheres, (para cujo effeito usou da sua Omnipotencia, pondo em suspensão, e silencio a seus inimigos, em quanto fallava) agora lhes dá permissão para proseguirem na sua maldade; e elles então olhando uns para os outros, se reprehendem, e dizem: Que é isto? Que fazemos aqui? Como paramos, e deixamos a este embusteiro, que pregue os seus enganos, e esteja prophetizando a ruina da nossa cidade, e da nossa gente?

Arrebatão logo ao Senhor com diabolica furia, e lhe dão tão crueis golpes, que o fazem cahir outra vez em terra; e como isto era em um valle proximo ao Calvario, mui cheio de pedras, como diz Adricómio, esta quéda lhe foi mais dolorosa, e tambem porque os verdugos, impacientes e embravecidos, o tratárão com maior crueldade, dizendo-lhe ao mesmo tempo: levanta-te, enganador; tens vigor para prégar os teus embustes, e te faltão forças para levantar-te? Levanta-te, pois, e caminha.

Ajudou então o Cyreneo, suspendendo a Cruz, e assim se levantou o Senhor; porém como tinha de subir a costa do Calvario, e sobre ser levado com toda a pressa, estava tão quebrantado, e falto de forças, e tão cheio de feridas, de dôres, e angustias; qual iria o Salvador do mundo, opprimido com o pesado madeiro, e pouco ajudado do Cyreneo, que só sustentava a Cruz pela parte posterior.

CAPITULO VIII.

CHEGA O SALVADOR AO CALVARIO, ONDE CONSUMMA A GRANDE OBRA DA REDEMPÇÃO DO MUNDO.

§. I.

IMPIEDADE CRUEL, COM QUE E' LOGO ALLI TRATADO.

Chegando, pois, ao cume do monte o nosso, não transfigurado, mas desfigurado Senhor, e não entre Prophetas, e Apostolos, como lá no Thabor, mas entre ladrões, e verdugos, mais morto, do que vivo, contempla um author antiquissimo, que o Eterno Pai lhe fallou deste modo:

Meu amado Filho, como Vós desde a Eternidade vos offerecestes por fiador das dividas dos ho-

mens, é chegada a hora de satisfazerdes todo este grande computo, a que se obrigou a vossa caridade, e o vosso zêlo.

Sabei, pois, que pela inspecção da minha Justiça, vejo na vossa mão direita as dividas, que se contrahírão nas culpas de tantos crueis homicidios, feitos por homens sanguinarios; de tantas sentenças injustas, assignadas por juizes iniquos, e de tantas acções detestaveis, feitas por mancebos impuros.

Na vossa mão esquerda vejo as dividas contrahidas pelas culpas dos avarentos, nas rapinas; dos jogadores, nas trapaças; dos negociantes, nas usuras; e dos immundos, nas lascivias; assim como nos vossos pés vejo as dividas contrahidas nas culpas de tantas guerras injustas, e de tantos passos dirigidos a todas as sortes de impiedade; e por tanto devem padecer logo as vossas mãos, e pés particular martyrio, porque a minha justiça impõe as penas no logar das culpas.

Tendes tambem de beber amargosissimo fel, para satisfazer as dividas de tantos excessos na gula, de tantas blasfemias sacrilegas, de tantos falsos testemunhos, e de tantas palavras obscenas; e tendes de ouvir ao mesmo tempo as imprecações mais horriveis contra a vossa amavel Pessoa, em satisfação justa de tantas murmurações, e detracções criminaes, e de tantos equivocos, e indignos motejos, proferidos com malicia, e ouvidos com applauso.

A toda esta proposta respondeo o Salvador, dizendo no íntimo do seu coração: Eterno Pai! Vós me déstes um Corpo, formado já para padecer, para que Eu com elle, como com uma victima de expiação, possa suspender a vossa vingança, e aplacar o vosso rigor; Eu, pois, aqui estou, e me offereço para tudo inteiramente disposto; resgatem-se os homens a todo o meu custo.

Era a hora da sexta, que corresponde á do meio dia, e os ministros da justiça, para crucificarem despido ao Salvador, entrárão a despojallo da tunica, e vestidura; porém como a tunica era cerrada, e só com a precisa abertura para entrar a cabeça, pegárão os verdugos pelas faldas, e com tanta violencia a forão tirando, que por estar o Senhor tão debilitado, o derribárão por terra.

E o mais é, que como a coroa (que não tirárão primeiro) estava fortemente encaixada, e nella enredado o cabello, que era comprido, e todo empastado de sangue já secco, não deixava sahir a tunica, apesar da robusta força, e repetidos impulsos, que para este effeito, arrastando ao Senhor pela terra, applicavão aquelles barbaros, até que fazendo fincapé nos seus divinos hombros, a podérão arrancar com tanta crueldade daquelles corações ferinos, e com tanta dôr do pacientissimo Cordeiro, que excede a toda a comprehensão do discurso humano.

Passárão logo a desenredar da tunica a espinhosa coroa, e vindo com ella, dizendo-lhe as costumadas injurias, lh'a tornárão a pôr, fazendo-lhe novas feridas, e renovando-lhe as primeiras; para cujo effeito o Senhor assentado, e firmado com as mãos na terra soffreo com invicta paciencia este inhumano tormento, e fazendo-o sem demora estender na Cruz para lhe tomarem a medida aos furos, (a que o Divino Senhor promptamente obedeceo) depois se pôz de joelhos, com os braços cruzados, como outro Isaac diante de seu pai Abrahão, offerecendo-se a ser sacrificado por todos os homens com infinita caridade e amor; e assim lhe diria:

Eterno Pai, e Senhor meu! Á vossa Magestade incomprehensivel, e de infinita Bondade, e Justiça, offereço todo o ser humano, com todas as obras, que nelle tenho feito por vossa Vontade Santissima, baixando do vosso paternal seio a esta carne mortal, e passivel, para nella remir aos homens meus irmãos. Rogo-vos, pois, meu Senhor, que suspendais o castigo, e levanteis o açoute da vossa justiça para com os mesmos homens, afim de que não sejão punidos, segundo merecem as suas culpas, antes desde agora vos porteis para com elles como piedoso, e benigno Pai. Rogo-vos, assim mesmo, por todos aquelles, que com pio affecto assistem á minha morte, para que sejão illustrados com a vossa luz divina, e por todos os que me perseguem, para que se convertão, e por fim se salvem; para isto, pois, meu Divino Pai, me offereço de todo o meu coração á maior severidade da vossa Justiça; de maneira, que descarregando sobre mim todo o vosso rigor, useis de piedade com todos os homens, para os quaes solicíto o vosso benigno perdão.

Outros dizem, que o Senhor se assentou em uma pedra, em quanto a Cruz se preparava, segundo o pinta a Igreja no Passo da Humildade, e Paciencia; e alli descançando a Cabeça sobre a mão direita, como suspenso, pensava nos tormentos da Cruz, e no que lhe restava para padecer até á morte, fazendo-lhe esta consideração mais penosa a ingratidão humana, pelos poucos, que se salvarião depois de uma tão copiosa Redempção, bastante para salvar a milhões de mundos.

Oh meu amantissimo Redemptor! Que differentes objectos occupárão nesse momento o vosso coração suavissimo, quando ao penetrardes por toda a extensão dos seculos passados, e futuros, todos os peccadores do mundo estiverão presentes aos vossos olhos! Vós concebestes todo o horror dos seus peccados, e lhes bebestes toda a amargura, e offerecendo-vos a seu respeito em Sacrificio voluntario, quizestes por seu amor entregar a vossa vida para os livrar da eterna morte; fazei, pois, meu Salvador adoravel, que eu seja um daquelles, que adoçárão as vossas dôres, aproveitando-me das vossas penas, para remedio das minhas culpas, donde resulte por final consequencia a feliz salvação da minha alma para maior gloria vossa. Amen.

§. II.

CRUCIFIXÃO DO SALVADOR DO MUNDO.

Preparado o madeiro da Cruz, promptas as cordas, cravos, e martellos, e animados os peitos dos ministros da Synagoga, com um novo espirito de vingança, continuão os effeitos da sua tyrannia, mandando estender naquelle duro leito o despedaçado Corpo do Salvador; e com a barbara impiedade, que lhes dictava a cegueira do seu odio, encostárão quatro escóras (que serião talvez os contos das lanças) ao Sacrosanto Corpo, para o terem seguro sobre o madeiro, que por ser redondo carecia daquelle encosto pelos lados.

Logo um verdugo (como disse Nossa Senhora a Santa Brizida) tomando a mão direita do Salvador, e pondo-a sobre o competente furo, outro pondo um cravo na palma da mesma mão, lhe deo um golpe com o martello, e foi repetindo outros mais, até que acabou de atravessar o braço da Cruz, e se pregou na terra; e foi tão grande a dôr, que o Senhor padeceo, quando o cravo lhe passou a mão, rompendo os nervos, e rasgando as veias, que todo o seu Corpo Santissimo ficou em um tremor mortal; e ao repetir os golpes de martello se lhe forão encolhendo os nervos, e começou a sahir copioso sangue.

Cravada a mão direita (diz S. Boaventura) atarão-na fortemente ao braço da Cruz, para não rasgar ao tirar pela outra; e como se tinhão encolhido os nervos, prendêrão com uma corda a esquerda, para a fazerem chegar ao furo, e lhe pregar o cravo; para cujo effeito, fazendo fincapé no mesmo braço da Cruz, puxárão com tanta força, que não só lhe deslocárão os braços dos hombros, mas até lhe desencaixárão os ossos do peito, com tão cruel tormento, que, segundo disse o mesmo Senhor a Santa Catharina de Sena, não sentio outra dôr maior em todo o tempo da sua Paixão.

Assim cravadas as mãos, e estirados violentamente os braços do Senhor, se encolheo todo o seu Corpo Santissimo; por cuja causa, não chegando os pés ao furo assignalado, puxárão por elles os verdugos com uma grossa corda, e com tal violencia, que lhe não ficou osso algum em seu logar; e havendo pregado o pé esquerdo, lhe sobrepozerão o direito, e traspassárão logo um, e outro com um ferro agudo, para não resvalar o ultimo cravo, que tendo de penetrar os dous pés, era mais grosso, e mais comprido.

E levantando por um lado a Cruz, para haverem de rebater os cravos, a forão depois arrastando sobre as pedras daquelle monte, com gravissimas dôres, e lastimoso abalo do dilacerado, e desconjuntado Corpo do Salvador até o sitio já destinado, para se dar a ver aos olhos de todo o mundo este dignissimo objecto de infinito sentimento.

Chegado, pois, o Senhor ao logar, onde se havia de arvorar este Divino Estandarte, o forão levantando aquelles ímpios com grande alvoroço, puxando uns por duas cordas atadas aos braços da Cruz, outros encostados ao pé da mesma, e alguns soldados com as alabardas, e lanças que encostárão por baixo dos braços do Senhor; crueldade inhumana, que fez chorar de compaixão a muitos dos que estavão presentes!

Só os perfidos judeos se portavão tão crueis, que não só não lhes causava lastima o Salvador cercado de tantas penas, mas antes procuravão atormentar-lhe a Alma com as suas blasfemas linguas; uns levantavão, e movião as cabeças por escarneo, dizendo-lhe ao mesmo tempo: Tu és o que podias destruir o Templo de Deos, e reedificallo em tres dias? Pois se é tanto o teu poder, livra-te agora dessa Cruz. Outros dizião: Não é este o que tirou a muitos das mãos da morte? Pois por que se não salva a si mesmo? Dizião logo outros: Desça agora da Cruz esse chamado Rei de Israel, e creremos nelle: outros dizião: Elle não se jactava de ser Filho de Deos, e nelle confiava? Pois vejamos agora como o livra.

Isto, e muito mais dizião aquelles impios sacerdotes, pontifices, e fariseos, escarnecendo do Senhor; e até os mesmos ladrões com Elle crucificados, o blasfemavão, dizendo: Se é verdade, que és Filho de Deos, livra-te a ti, e a nós tambem, formando este sentido: Os pontifices, e sacerdotes tem razão no que dizem; pois quem o moveo a publicar, que era Filho de Deos, não o sendo? E se o é por acaso, livre-se a si mesmo, e juntamente a nós outros, fazendo verdadeiro o seu dito; porém se Elle morre, e nós outros com Elle, conhecer-se-ha com evidencia, que tudo nelle até agora foi falsidade, e mentira.

Oh Santissima Virgem, Mãi de piedade, e misericordia! Que consolação esta, para quem se achava penetrado dos mais vivos tormentos, desamparado, e falto de todo o allivio, como humano! E que sentiria a vossa ternissima Alma, vendo ao vosso Filho adoravel no meio dos seus inimigos tão atormentado, insultado, affligido, e sem poderdes de nenhum modo subministrar-lhe algum refrigerio! Não chega o discurso humano, nem ainda o angelico, a formar uma justa idéa da vossa tormentosa dôr neste lastimoso passo.

§. III.

PRIMEIRA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

Arvorado, e exposto no monte Calvario o Sacrocanto Corpo do Filho de Deos, ás blasfemias de muitos, e ao sentimento de poucos, levanta os olhos ao Ceo, e pede Misericordia ao Eterno Pai para os mesmos que o crucificão, diminuindo o delicto, para

lhes facilitar o perdão: *Pai* (diz em alta voz) *perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.*

Oh amor incomprehensivel! Oh suavidade ineffavel! Oh paciencia nunca imaginada dos homens, e formidavel aos demonios! O nosso amantissimo Salvador não só não se indigna contra aquelles corações crueis, e não só lhes perdoa, mas passa tanto adiante o seu ardente amor para com elles, que os desculpa com seu Eterno Pai, (allegando a seu favor a grosseira ignorancia que os cegava) para haver de lhes conseguir a sua benigna misericordia: não ha maior Bondade, nem mais amavel Clemencia!

Imita pois, ó alma, imita ao teu Deos, que chega a pedir por quem o mata, e deshonra, tendo por favores os opprobrios, e a mesma morte por beneficios; de maneira, que confessando-se obrigado ás injurias, e tormentos, como se fossem uns grandes beneficios, clama, e roga pelos seus crueis verdugos, reputando-os por seus amaveis bemfeitores; doutrina é esta, que o exemplo do teu Deos te ensina, e como tal a deves pôr por obra, se fazes o devido apreço de ser seu verdadeiro Discipulo; mas adverte, que Elle não orou pelos que peccavão de malicia, senão pelos que peccavão por ignorancia; e portanto, ó Christão, teme muito mais tudo o que for peccar por expressa malicia.

§. IV.

SEGUNDA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

S. Mattheus, e S. Marcos dizem que os dous ladrões, que estavão no mesmo patibulo aos lados do Salvador, blasfemavão delle, arrojando-lhe muitas palavras iujuriosas, sendo o seu principal intento (como diz Santo Hilario) o comprazer aos judeos, que alli estavão, para ver se os movião com aquella adulação, a que os soltassem das cruzes; e com tudo isso, um delles, que dizem se chamava Dimas, se converteo devéras; e conhecendo, e prégando (depois de tantas blasfemias) a innocencia do Salvador, pedio, e conseguio logo a sua misericordia, dizendo-lhe Elle: *Affirmo-te com certeza, que hoje estarás comigo no Paraiso.*

Escreve S. Pedro Damião, que este grande bem (depois da misericordia de Deos) teve a sua origem na medianeira dos homens, Maria Santissima, que estava no Calvario entre a Cruz do bom ladrão, e a de seu Filho, por haver feito (como diz tambem Santo Anselmo) um pequeno serviço á mesma Senhora no tempo, em que ella fugindo para o Egypto, elle posto ao seu lado a defendeo, e livrou de uma quadrilha de ladrões; e teve tanto na memoria a Rainha dos Anjos aquelle civil obsequio, que agora lho pagou, fazendo orações por elle, e conseguindo-lhe para logo a sua eterna felicidade. Seja por todo o sempre bemdita, louvada, e engrandecida uma tão piedosa Senhora!

As palavras do Evangelho, que referem este grande caso, são as seguintes: « Um dos ladrões « (que dizem se appellidava Gestas) blasfemava ao « Senhor, dizendo: Se tú és Christo, salva-te a ti « mesmo, e a nós; mas o outro (que era o bom la- « drão) o reprehendia deste modo: Nem tu temes « a Deos, achando-te no mesmo supplicio; em quanto « a nós, procede-se com justiça, porque recebemos « o que era devido ás nossas obras; porém Este ne- « nhum mal tem obrado; e dizia a Jesus: Senhor, « lembrai-vos de mim, quando estiverdes no vosso « Reino; e Jesus lhe respondeo: Digo-te em verdade, « que hoje estarás comigo no Paraiso. »

Note-se agora, diz S. Boaventura, que a conversão do venturoso Dimas começou pelo conhecimento das suas culpas, que o fez entrar no temor das eternas penas; passou daqui ao amor do proximo, ao qual procurou converter, e consequentemente ao amor de Deos, conformando-se com a sua Divina Vontade, ao dizer, que justamente padecia pelos seus graves delictos.

E subindo logo a ter piedade do Salvador, a quem já amava, (dizendo, que era bom, e que injustamente padecia) entrou a zelar a honra do mesmo Senhor, reprehendendo ao que delle blasfemava; e passou por ultimo a uma firme confiança na Divina Bondade, com a qual fez a sua deprecação, não pela vida temporal, porque esta já a tinha consagrado ao Senhor, nem por consolações, e regalos, pois como verdadeiro penitente já os havia renunciado, senão pela salvação eterna, para o que pedio ao Salvador que o tivesse na sua lembrança, e assim mereceo conseguir a sua Divina Misericordia.

Oh bemaventurado ladrão, que foste o primeiro, que da boca do mesmo Salvador felizmente ouviste aquella gloriosa palavra: *Hoje estarás comigo no Paraiso!* Palavra desejada por todos os justos, e santos da terra! Não a podérão ouvir os antigos Patriarchas, e Prophetas, julgando-se por mui ditosos em baixar ao Limbo, e esperar largos seculos o Paraiso, que tú ganhaste em um momento, logo que felizmente soubeste mudar de officio.

Acabas de roubar na fazenda alheia os bens terrenos, e logo arrebatas o Ceo das mãos de seu Dono! Porém tu o roubas de justiça, e Elle to dá de graça; porque sendo tu o ultimo discipulo da sua Doutrina, a puzeste em prática sem demora: amaste, e corrigiste a teu irmão, confessaste a teu Creador, reprehendeste aos que o blasfemavão, imitaste-o na paciencia, pediste-lhe com humildade, e Elle, como Redemptor pio, e glorificador generoso, premiou de contado os teus desejos, sem dilatar o galardão, que mereceo para ti, e para todos os mortaes.

§ V.

TERCEIRA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

Justificado o bom ladrão, voltou o Salvador os benignos olhos para sua affligida Mãi, que estava com S. João ao pé da Cruz, e fallando com ambos, disse primeiro a sua Mãi: *Mulher, eis-ahi o teu Filho;* e logo ao Apostolo disse tambem: *Eis-ahi a tua Mãi*, como dizendo: Minha Mãi muito amada, não quero que os vossos ternos ouvidos percebão na occasião presente o mimoso nome de *Mãi*, por não augmentar com esta saudosa memoria a pena mortal, que opprime o vosso coração, vendo-me padecer, e expirar nesta Cruz.

Chamo-vos pois *Mulher*, e Mulher a mais forte, mais constante, e invencivel de todas as creaturas; Mulher, a quem tanto contraste, e tão desfeita tormenta de amargas penas, e dores não podérão jámais abater; Mulher a mais santa, e bemdita, a mais prudente, e mais amante de todas as mais perfeitas creaturas, confortai-vos na minha Divindade, e animai-vos com o meu auxilio para o maior dos vossos desamparos.

Já, minha Mãi, é chegada a hora, em que de vós me aparte a morte, que me espera; ahi pois vos deixo um Filho, e com elle o resto dos Predestinados, que desde agora serão vossos Filhos, adoptados na grandeza dos merecimentos das vossas dores, e amarguras; e assim quero, que todos elles vos amem, e venerem, e que vós, como piedosa Mãi sua, cuideis delles, e lhes assistais, segundo haveis feito a mim.

Recebeo o Santo Apostolo naquella hora a Divina Senhora por Mãi sua, e sendo de novo illustrado o seu entendimento para conhecer, e estimar, como era justo, aquella prenda maior da Divindade, depois da humanidade de Jesu Christo, diz Santo Ambrosio, que a tratou sempre com tanto amor, que não havia para elle outra cousa neste mundo, de que mais cuidasse, nem a que mais attendesse, do que a Maria Santissima, pela infallivel certeza, de que tudo possuia nesta Soberana Senhora.

Toma, pois, meu catholico, este exemplo, empregando nesta adoravel Senhora todo o teu cuidado, e todo o teu affecto; o Divino Salvador não teve outros bens neste mundo; e tu porque buscarás outra cousa nesta vida? Como o Senhor t'a deixou por Mãi tua, de nada mais necessitas; dá logo de mão ao mundo, e mostra sempre no effeito, que lhe dizes com puro amor, e verdadeiro affecto: Minha Mãi, e Senhora minha! Minha gloria, e todo o meu bem!

§. VI.

QUARTA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

Estava proxima a hora nona, que corresponde á do meio dia, tempo, em que o Divino Salvador fallou a quarta palavra desde a Cruz, dizendo em voz alta, e clamorosa, que os circumstantes podérão ouvir: *Meu Deos, Meu Deos, porque me haveis desamparado?* Este desamparo de Christo não foi porque a Divindade se apartasse da sua Humanidade Santissima, dissolvendo-se a união substancial hypostatica, nem cessando a visão beatifica da sua propria alma, porque ambas estas uniões teve sempre a Humanidade com a Divindade, desde o instante, em que por obra do Espirito Santo foi concebido no purissimo ventre da Immaculada Virgem.

Sem embargo do que, é certo, e sem duvida, que a Humanidade Santissima do Salvador foi desamparada da Divindade, (porque Elle mesmo assim o quiz) quanto ao não defendella de padecer as cruelissimas dôres da sua Morte, e Paixão; e isto nelle, em quanto Homem, é o que o fez romper naquella affectuosa queixa para com seu Eterno Pai.

Outro desamparo manisfestou Christo Senhor nosso naquella sua mysteriosa queixa, originada da sua caridade immensa para com os homens, ainda reprobos, e proscriptos; e destes se doeu particularmente na sua ultima hora, como havia feito na oração do Horto; porque offerecendo Elle por todo o genero humano uma tão copiosa, e superabundante Redempção, conhecia que não seria efficaz para os condemnados, e se acharia desamparado delles na eterna felicidade, para a qual os creára, e remíra; e sendo este um decreto da vontade santissima de seu Eterno Pai, affectuosamente se lhe queixava, dizendo: *Meu Deos, Meu Deos, porque me desamparastes?* Entendendo-o pelos réprobos, que para sempre o abandonarião.

§. VII.

QUINTA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

Para maior confirmação da quarta palavra antecedente, proferio o Senhor na Cruz a sua quinta palavra, dizendo: *Tenho sêde;* e naturalmente fallando era grande a sêde, que padecia o Salvador, assim pela falta de sangue, e de humores, tendo já exhaustas as veias, como tambem, porque a grandeza dos martyrios, que lhe havião feito em toda a noite, e por todo aquelle dia, e o não haver comido, nem bebido cousa alguma desde a cêa antecedente, lhe tinhão como assadas as entranhas, segundo escreveo S. Cyrillo.

E Tertulliano accrescenta, que tinha o Senhor toda a lingua retalhada, e tão seccas as fauces, que

se lhe havião pegado uma á outra, de modo que a mesma respiração lhe era difficultosa, e para haver de fallar, só o podia fazer com voz rouca, e submissa; o que não obstante, percebendo os ministros da impiedade, que o Salvador tinha sêde, procurárão logo subministrar-lhe a bebida; porém qual? de azedo vinagre, diz S. João, de vinho misturado com fel, affirma S. Mattheus; e S. Marcos declara, que era misturado com myrrha, este foi todo o refrigerio, que offerecêrão aquelles ímpios ao nosso Redemptor sequioso, fel, vinagre, e myrrha, afim de martyrizar-lhe as entranhas, onde não podérão chegar os tormentos.

E para melhor intelligencia desta crueldade inhumana, adverte Nicoláo de Lyra, que era costume naquella cidade dar a beber a todos os condemnados á morte um vinho aromatico mui generoso, para com elle se corroborarem, e se lhes fazerem os tormentos menos sensiveis; e accrescenta logo, que havia na mesma cidade de Jerusalem muitas piedosas matronas, que tendo o virtuoso cuidado de compôr estas bebidas, preparárão uma para o Salvador mais excellente, e de maior custo; mas os perfidos judeos a tomárão para si, dizendo, que uma cousa tão preciosa não se devia dar ao peior homem do mundo, antes lhe dessem fel, e vinagre, que é o que só merecia.

Tal era a crueldade daquelle ingratissimo povo, e tão refinado o seu odio contra o Salvador do mundo! Bem sabia este Senhor, qual era a bebida, que lhe querião dar, porque assim estava prophetizado, que lhe darião a beber fel, e com tudo isso quiz declarar que tinha sêde, por muitas razões, que allegão os Santos Padres, mas principalmente pelas duas seguintes:

Primeira: Porque o seu intenso, e perenne desejo pela conversão, e salvação das almas era a sêde ardentissima, que muito mais o atormentava do que os cravos, a cruz, e os espinhos, por cuja causa só deste tormento se queixa, e só este especializa entre todos os outros; porém as almas como lhe correspondem? Offerecendo-lhe fel, e vinagre; quer o Salvador vinho aromatico, symbolo do amor affectivo, porém este reservão os homens para si mesmos, e deixão para o Senhor o fel das suas operações criminaes. Oh catholico! Não uses uma tal impiedade para com um Senhor tão generoso, e de tão benigno coração, que por ti morre de amor, e te destina para o maior bem!

Segunda: Como só a lingua, e as fauces do Salvador não havião padecido algum tormento particular, e o Divino Senhor queria que nada houvesse nelle dispensado de padecer, manifestou a sêde que tinha, para que ministrando-se-lhe aquella bebida amargosa, padecessem, não menos que os outros membros do seu Corpo, tanto as fauces, como a lingua.

E o celebre Theofilacto diz mais, que o intento daquelles ímpios em dar uma tal bebida ao Salvador, foi para lhe acabar logo a vida, suffocando-lhe o coração, o que todos elles querião ver, antes de voltarem para suas casas, estando impacientes com a demora, por ser já perto das tres horas da tarde.

E tambem, porque parecendo-lhes que o Salvador chamava a Elias para que o livrasse, querião que Elle primeiro morresse; mas o Divino Amante, a quem tudo o que padecia lhe parecia pouco, provou o fel, para mortificar a lingua, e não o bebeo, para extender o martyrio. Oh! Bemdito seja um tal amor, que, ao que parece, intenta no padecer chegar ao infinito, pois com tanta variedade, e gravidade de tormentos não se dá por satisfeito!

§ VIII.

SEXTA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

Tanto que o Salvador provou o vinagre misturado com fel, proferio estas breves, e mysteriosas palavras: *Tudo está consummado*, que vem a dizer: estão verificadas as prophecias, e quanto de mim se acha insinuado nas Escripturas; já deixo Exemplos, Doutrina, e Sacramentos na minha Igreja, e tudo o de que necessitão os homens para remedio das suas culpas; já deixo completa a fabrica da Redempção humana, e collocada a pedra angular no remate do edificio; já está satisfeita a Justiça Divina, e estabelecida a paz entre Deos, e os homens, e assim fica vencido o demonio, conquistado o mundo, e o homem posto em liberdade, havendo Eu cumprido tudo o que por meu Pai me foi encommendado.

E com que prazer, e interior satisfação proferiria o Salvador aquellas palavras: *Tudo está consummado!* Sim, consummada está a grande obra da Redempção humana, que tantos desvelos, trabalhos, fadigas, dores, e tormentos me tem custado; tudo se acabou com a morte, e não haverá mais padecer, porque tudo será gozar, com os parabens de meu Pai, e todos os seus Cortezãos, infinitas doçuras, gloriosas delicias, e eternos prazeres.

Outro tanto, á proporção, haverá de succeder ao Christão fiel, que achando na sua ultima hora haver cumprido os Divinos Preceitos, e as obrigações do estado, em que Deos o poz, dirá tambem: Já para mim se acabou o penar, derão fim os trabalhos, e tudo agora serão prazeres; tenho sim padecido muitos incómmodos, abraçado com a minha Cruz, porém já desde agora, deixada a Cruz, e os trabalhos, começarei a gozar o seu doce fructo com eterno descanço.

Pelo contrario, qual será a consternação de uma alma, que chegando ás portas da morte, se vê obrigada a dizer: Já se consummou o meu peccado, concluido que foi o seu fatal numero; até aqui cheguei peccando, consummou-se agora a minha malicia, e como até aqui chegárão os deleites, gostos, e pra-

zeres, começarão agora, e durarão para sempre as penas, pezares, e tormentos.

Teme, pois, ó Christão, o morrer peccando, ou acabar de peccar morrendo, porque não acabarás em toda a eternidade; acaba em vida as tuas culpas, e dá-te pressa a fazer penitencia, para que se não poderes dizer na morte: completei o edificio das virtudes, digas ao menos: dei de mão a todos os deleites, e completei a penitencia pelos meus delictos.

§. IX.

SEPTIMA PALAVRA DO SENHOR NA CRUZ.

Acabada a grande obra da Redempção humana, e posta na sua ultima perfeição, era conseguinte, que como o Verbo humanado pela vida mortal, sahio do pai, e veio ao mundo, pela morte desta vida tornasse para o Pai com a immortalidade; por cuja razão proferio o Salvador a sua ultima palavra: *Pai, nas vossas mãos encommendo o meu Espirito.*

Outra letra tem assim: *Pai, na Omnipotencia, e Summa Providencia da vossa Bondade entrego o meu Espirito*, como dizendo: tudo o que me haveis mandado, tenho Eu cumprido; e como agora toca á vossa Providencia todo o restante, aqui me tendes inteiramente disposto para o vosso agrado; se quereis, que ainda padeça, estou muito prompto, e se quereis que acabe a vida, recebei nas vossas mãos a minha alma.

Uma confiança, como esta, não a póde ter na hora da morte, o que nunca observou, como devêra, a divina Vontade na sua vida; pois como dirá o máo naquella hora: recebei, Senhor, a minha alma nas vossas mãos, se em quanto viveo andou sempre nas do demonio? Como lhe dirá: «Senhor, cuidai, e tomai á vossa conta a minha alma, se elle não cuidou em o servir, e obsequiar na sua vida? Anda pois agora com vigilante cuidado na sua divina presença, e a sua Mão não faltará em suster-te, e salvar-te na hora da morte.

E para este effeito, ouve com attenção, e observa com fidelidade o que tacitamente te diz o mesmo Senhor antes de expirar na sua Cruz: Meu filho muito amado, por quem morro neste patibulo, aprende na minha morte as regras da tua vida.

A minha boca cheia de fel, não tem sabor de amargura, antes pede perdão benigno para os mesmos, que me traspassárão com estes cravos; aprende pois de mim a fallar docemente de qualquer que te fizesse beber alguma amarga bebida, e a implorar a seu favor a Divina Clemencia, em vez de procurar a vingança.

Eu na minha afflicção, e maior desamparo fiz ao Eterno Pai o meu recurso; aprende pois de mim a não sentir, nem dizer mal da tua sorte, antes na tua maior consternação recorre a Deos, porque só do Ceo te póde ser mandado o remedio efficaz, e opportuno allivio.

Eu dei o paraiso a um ladrão, porque soube aproveitar a hora de implorar a minha Clemencia; aprende pois de um tal exemplo a não desconfiar jámais da minha Piedade, quando vez que admitto na minha Graça, a quem viveo fóra della até á sua ultima hora.

Eu te deixei, e te encommendei a minha Mãi, como ultima prova do meu amor; e deves viver na certeza, de que se a respeitares em todo o tempo, como filho amante, e obsequioso, terás sempre da tua parte o seu poderoso patrocinio.

Eu não quiz beber o fel, que me apresentárão os meus inimigos, por ser um expressivo odioso da amargura dos teus peccados; proveio com tudo, para que aprendas a extinguir a minha sêde com as tuas lagrimas, que são a mais deliciosa bebida, que pódes offerecer ao meu coração, sequioso sempre da tua salvação eterna.

Eu estou no fim dos meus tormentos, porém não dos meus desejos, com que ao pé da minha Cruz te quizera ver compungido. Dá-me pois esta consolação, e não me deixes acabar a vida sem o devido refrigerio de acompanhar com os teus gemidos os meus suspiros, e lavar as minhas Chagas com o pranto das tuas culpas.

§ X.

DA AGONIA COM QUE O SALVADOR EXPIROU NA CRUZ.

Como a explicação deste mysterio excede incomparavelmente a toda a capacidade humana, e angelica, porei sómente o que a este respeito revelou Nossa Senhora á sua amada Serva Santa Brizida, com as suas mesmas palavras:

«Era meu filho de milagrosa compleição, e assim batalhava nelle a morte com a vida; as dores que padecia subião dos pés, e mãos cravadas, da cabeça traspassada, e dos nervos, e veias rotas, até o seu coração ternissimo, e o atormentavão com incrivel angustia; resistia a valentia do coração á violencia das dores, e assim tornava a diffundir-se pelos nervos, e se prolongava a morte com indizivel amargura.

«Estando nesta batalha de innumeraveis agonias, voltou para mim os seus olhos, e conhecendo a grandeza do tormento, que a minha Alma padecia, foi tanta a amargura, e tribulação do seu Coração amantissimo, que rendendo-se á inexplicavel angustia da morte, segundo a Humanidade, clamou a seu Eterno Pai, dizendo: Pai, nas vossas mãos encommendo o meu Espirito.

«E como eu, a mais triste de todas as creaturas, ouvisse o clamor de meu Filho, e conhecesse que era signal da sua morte, tive tanta tristeza, e dôr na minha Alma, e corpo, que principiei a tre-

« mer com tal força, que as entranhas se me estre-
« mecião, e todos os membros, e ossos do meu Cor-
« po tremendo, batião uns nos outros com tanto pa-
« vor, e espanto, e com tão amarga dôr do meu co-
« ração, que faltão palavras para o explicar.

« Olhei então para meu Filho Santissimo, e co-
« nheci, que o seu Coração se lhe partia de dôr;
« vi, que todos os membros do seu Divino Corpo
« horrorosamente se estremecião, e tremião; vi, que
« levantou um pouco a sua Santissima Cabeça, e lo-
« go a inclinou para mim, sua affligida, e dolorosa
« Mãi; vi, que a boca se lhe abria, e que a lingua
« se divisava toda coberta de sangue gelado; vi, que
« as suas mãos sacratissimas se retiravão um pouco
« dos cravos, alargando as feridas, e que todo o pêso
« do Corpo se deixava cahir sobre os divinos pés;
« vi, que os dedos das mãos, e os braços se estira-
« vão, que as costas se apertavão fortemente contra
« a cruz. . . »

Então, pois, consummados os oraculos dos Prophetas santos, consummados os decretos da Justiça Divina, e consummados os excessos da barbaridade humana, o Author das nossas vidas, o Esposo amado, e Amante filho das nossas almas, na bella flor dos seus annos, á vista de todo o mundo, a horas do meio dia, com horror dos Anjos, com assombro da natureza. . . fecha os benignos olhos, inclina a sacrosanta Cabeça, e põe termo final á sua preciosissima vida.

E á vista de um tal successo, penetrado summamente todo o insensivel, tudo nelle era assombro, tudo horror, e confusão. Sepultou-se o sol em um medonho eclipse, cobrindo com negro manto a megestade dos seus raios; escureceo-se funestamente a lua entre o horror de sanguinolentas manchas, e logo o Ceo se vestio de luto, o ar se cobrio de trévas, a terra se encheo de sombras, o mar contrastou as rochas, o véo do templo se rasgou, o profundo abysmo estremeceo, as pedras dos montes se quebrárão, e as sepulturas dos mortos se abrírão, tudo em testemunho authentico do sentimento universal que tinhão todas as creaturas pela morte de seu Creador.

O sol se escurecco, e o véo do templo se rasgou, por causa dos improperios, que se proferião contra o Senhor, imitando a ceremonia dos judeos, que ouvindo alguma blasfemia, rasgavão os vestidos; a terra se estremeceo, não podendo suster com socego os ímpios perseguidores, e cruéis parricidas do Salvador do mundo; as pedras se fizerão em pedaços, os sepulchros se abrírão, e muitos mortos resuscitárão, para dar uma prova evidente, de que aquelle mesmo que morria, era o Senhor da vida, e da morte.

E se assim todas as insensiveis creaturas mostrárão pelo modo, que lhes era possivel, a justa magoa, que devião ter na Paixão, e Morte do Senhor, não fiquem as nossas almas indolentes, e os nossos corações empedernidos á vista de tão doloroso espectaculo; não, meus fiéis, não; cheguemos sim a seus pés contrictos, e humilhados, como deve ser dizendo-lhe cada qual com todas as véras do seu coração:

Ah, Senhor, e unico Salvador da minha alma! E que pouco estais para offendido, quando estais tão chagado! Agora, meu Deos, agora a menos custo me solicitais o amor, porque agora com mais excesso me lastimais o coração. Ai, meu Jesus! Quem morrêra de dôr! Quem estalára com pena, de tanto vos haver offendido! Ai, Salvador meu! que a minha boca vos deu o fel, os meus olhos chamárão os verdugos, e as minhas mãos vos fizerão os martyrios! As minhas mãos, com as suas más obras, os meus olhos, com as suas indignas vistas, e a minha boca com as suas más palavras forão o escandaloso motivo de todos os vossos tormentos.

Tudo isto confesso, meu Deos, bem vejo a minha culpa; bem conheço a minha miseria; conheço-a, e me confundo aqui na vossa presença; pequei, Senhor, pequei muitas, e muitas vezes, por muitos, e muitos modos; por isso em Vós descarregárão tantos opprobrios, tantos flagellos, e tantos tormentos.

Ai, meu Jesus! Ai de mim miseravel! Da minha delicadeza procedêrão as vossas feridas tão lastimosas; da minha soberba, esses espinhos tão duros; dos meus odios, esses açoutes tão cruéis, e da minha relaxada vida, essa morte tão penosa: Oh Deos, meu Salvador! Que penosa morte! Que cruéis açoutes! Que tyrannos espinhos! Que lastimosas feridas!

E será possivel, (ah peccado, cruel inimigo, que tu és a causa dos meus temores, tu és a origem dos meus receios) será possivel, Senhor, possivel, ainda, que eu fiel vos não sirva, que eu cruel vos offenda? Oh não, não, meu Jesus, não, meu amor, e mil vezes não; assim o digo, e proponho com todas as véras, que me são possiveis; nunca mais, nunca mais.

Agora, pois, meu Salvador, sendo este o meu animo para todo o tempo futuro, perdoai-me benignamente todo o meu erro passado; perdoai-me, Senhor meu, por aquella mesma paciencia, com que até agora me soffrestes; perdoai-me, Senhor, pelo vosso amor immenso, e pelo vosso coração suavissimo; perdoai-me, Senhor, pela confiança que tenho nas vossas Chagas, nos vossos açoutes, nos vossos tormentos; perdoai-me, em fim, pela esperança que ponho na vossa Piedade, na vossa Clemencia, na vossa Misericordia. Amen.

§. XI.

DA CRUEL LANÇADA, QUE DERÃO AO SENHOR NA CRUZ.

Crucificado o Salvador do mundo, os sacrilegos judeos pertendêrão quebrar-lhe as pernas, para maior

satisfação da sua barbara tyrannia; e como não tinhão poder sobre o Corpo do Senhor já crucificado, pedírão (com pretexto de religião) licença a Pilatos para pôr em execução aquella inhumana crueldade; porém vendo elles frustrado o seu intento, por acharem ao Senhor já morto, um daquelles soldados, denominado Longuinhos, por comprazer aos judeos, atravessou o divino costado do Senhor com uma lança, justamente denominada *cruel* pela Santa Igreja.

Pois que maior crueldade que não perdoar depois da morte, e morte executada com tantos, e tão atrozes tormentos? Que maior crueldade, que (vendo alli a Rainha dos Anjos mais morta do que viva) atravessar o Corpo de seu Filho defunto, sem attender á dôr extrema, que sentiria na alma esta Senhora? Dôr tão grande, e tão activa, (segundo a mesma Senhora revelou a Santa Brizida) que quando vio entrar a lança pelo divino peito de seu Filho, lhe parecia que a ella lhe ferião o coração, e lh'o atravessavão de parte a parte.

Cégo estava aquelle soldado, na alma por suas culpas, e no corpo, faltando-lhe a vista em um dos olhos; e não só por estas duas cegueiras se denomina cruel, e falto de piedade, senão tambem, porque a tunica inconsutil do Senhor, (como affirma Drogo Ostiense) lhe tinha cabido por sorte; e se este soldado, por não corresponder agradecido a uma prenda tão preciosa, é reputado por ímpio, e cruel, dando uma lançada no Corpo do Senhor já morto, em presença de sua Mãi; que cegueira, e crueldade não é a nossa, quando sem embargo de tantas prendas de amor, assim do Filho, como da Mãi, (bastantes para obrigar ainda ao mesmo demonio) lhe arrojamos com as nossas culpas, não uma, senão muitas lançadas cada dia?

Mas supposto que esta lançada foi dada ao Senhor por odio cruel daquella gente inimiga, com tudo, foi dirigida por altissima disposição do ineffavel amor da Divina Magestade; e um dos mysterios foi este: Logo no principio do mundo formou Deos do lado de Adão dormindo o corpo da sua esposa Eva, e dormindo o segundo Adão com o somno da morte, quiz o seu Divino amor, que se lhe abrisse o Lado sacrosanto, para se ver a mystica união, que o mesmo Senhor tem com as Almas esposas suas, representada no sangue, e agua, que sahírão juntamente, como diz S. João, por aquella veneravel ferida.

Oh grandeza de infinito amor! Ferido estava o Coração do Divino Amante pelo ardente amor das Almas suas Esposas, mas parecendo-lhe (ao nosso modo de entender) que não lhes havia manifestado bem o seu affecto em tantas chagas por todo o seu Corpo, dispoz, que o seu Lado lhe fosse aberto, porque ainda que as outras chagas erão muitas, nenhuma, como esta, fazia ver ao mundo todo o seu Coração de amor ferido.

Oh assombro! E com tudo isto, Senhor meu, não vos amão os homens? Não póde o vosso amor estar mais declarado, e ainda assim não é amado o mesmo Amor? Oh Alma, manifesta, quanto pódes, que amas ao teu Deos, quanto deves: Christo faz os maiores extremos para manifestar-te o seu amor, e tu não obrarás de alguma sorte, para lhe fazer o teu amor evidente? Dize-lhe, ao menos, com todas as véras, que te forem possiveis:

Ó Divino Jesus! Que mostrando-nos a Chaga do vosso Lado, e por ella o vosso Coração aberto, generosamente nos convidais com o remedio prompto para todas as nossas necessidades; remedio aos corações frios, para se affervorarem; aos tibios, para se accenderem, e aos inconstantes, para se corroborarem; o meu, pois, estando cheio de todas estas miserias, carece mais que todos do asylo que lhe offereceis, e do remedio, que no vosso Coração lhe apresentais.

Sim, meu adoravel Salvador. Está tão miseravel o meu coração, que todas as paixões criminaes o tem cuberto de feridas; a intumecencia da soberba, o apego aos bens da terra, a sensibilidade do amor proprio, a falta de caridade para com os outros, e em summa, toda a tropa dos vicios por todas as partes o tem penetrado, e reduzido ao estado mais lastimoso; porém Vós, meu Deos, Vós não o rejeitais, antes do alto dessa Cruz me mostrais agora o vosso Coração aberto, e por elle me estais dizendo: Meu filho, dá-me o teu coração.

Oh Deos, meu Salvador! Que amavel Bondade! É possivel, que chegueis a pedir um coração, que tanto vos fugio, e vos desprezou? Um coração cuberto de tantas chagas, quantas forão as suas culpas? E que lhe offereçais a vossa misericordia, e a vossa ternura, quando elle só era merecedor da vossa indignação, e da vossa ira? E por ultimo, que o queirais enriquecer com preciosas graças, e novos favores, como se elle sempre vos fosse fiel? Bemdito sejais por todo o sempre.

Recebei, pois, este meu coração, e curai-o de todas as suas feridas, deixando-lhe só as que lhe houver feito o vosso amor; eu vo-lo dou sem divisão, e sem retorno, porque só quero que seja vosso, sem que o mundo, nem as creaturas tenhão nelle alguma parte; elle não é digno de chegar á vossa presença, mas tomai-o Vós mesmo, e dai-lhe os sentimentos, que o fação agradavel aos vossos olhos; tomai-o da vossa mão, e recolhendo-o nessa Chaga sacrosanta, defendei-o de todos os insultos das paixões, de todos os apegos ao mundo, e geralmente de todo o criminal perigo, de modo que evadindo os furores da vossa tremenda justiça, mereça lograr os favores da vossa benigna Misericordia. Amen.

CAPITULO IX.

DO DESCENDIMENTO DA CRUZ, E SEPULTURA DO SENHOR.

§ I.

DA SUMMA CONSTERNAÇÃO DA VIRGEM MARIA NESTE PASSO.

Corria a tarde daquelle dia do Parasceve, e a Virgem Santissima se achava na maior consternação, pelas grandissimas necessidades, que padecia. Necessitava de uma pessoa poderosa, que se empenhasse com o Presidente Romano, afim de que concedesse permissão para descer da Cruz o Sacrosanto Corpo do Salvador, por quanto nenhum dos justiçados se podia tirar da cruz, sem ordem expressa da competente justiça.

Necessitava de sepulchro para enterrar a seu Filho, por não ter sepultura propria, nem dinheiro para compralla, nem ainda para um pobre lençol, em que o amortalhar, que tanta era a sua pobreza. Necessitava de agua para o lavar, e de unguentos para o ungir; a agua devia trazer-se de outra parte, e os unguentos tinhão de ser comprados, para o que faltavão forças, e dinheiros. Necessitava, em fim, de féretro, e gente, para o descer da cruz, e conduzir ao sepulchro, porque só com S. João se achava, e com as devotas Marias.

Taes erão as amarguras, em que estava a Virgem Senhora, pelo seu penoso desamparo entre tantos, e tão graves cuidados, cada um dos quaes tinha difficuldade grande que vencer; por quanto os principes dos judeos, inimigos do Senhor, se oppunhão a tudo o que era dar honra, e fazer obsequio a Jesu Christo; de maneira, que todo aquelle que se empenhasse pelo decóro do Santissimo Corpo, se expunha a perder a fazenda, e a vida, como diz S. João Chrysostomo.

Achando-se, pois, assim por todos os caminhos desconsolada Maria Santissima ao pé da cruz, valeo-se de José, Varão illustre, natural de Arimathea, distante vinte milhas de Jerusalem, (o qual sendo Senador do Supremo Conselho, que governava aquella Cidade, era tambem Discipulo occulto do Senhor) e lhe mandou dizer por S. João estas formaes palavras, que refere um author antigo: «José, bem sa-«bes, que sou peregrina, e estranha nesta terra, e «como tal, não acho quem se empenhe para dar se-«pultura ao Corpo de meu Filho; rogo-te, pois, que «me favoreças nesta parte, e juntamente a teu Mes-«tre; anima-te, e entrando com valor, pede o seu «Corpo a Pilatos, e soccorre-me com o sepulchro, «que não perderás esta graça.»

José pontualmente assim o fez, e aquelle mesmo, que até então se não atrevêra a declarar-se publicamente por Discipulo do Salvador em quanto vivo, temendo a indignação dos judeos, agora que era já morto, nada teme que lhe tirem a fazenda, nem a liberdade, nem a vida; antes rompendo por tudo, generosamente se resolve a pôr em execução aquelle obsequio, recommendado pela Mãi Santissima.

E assim mesmo, se queres desterrar os temores vãos, com todo o amor aos bens caducos, e conseguir uma invencivel fortaleza, a pezar de todos os teus inimigos, procura por medianeira a Maria Santissima, faze-lhe muitos obsequios, abre á sua devoção, e ao seu amor as portas do teu coração, e verás logo evidentes milagres a teu favor.

Entrou, pois, com audacia o illustre José a pedir o Sagrado Corpo do Senhor; entrou sem medo, nem vergonha, tendo tantos motivos em contrario, como erão o ser nobre, Senador, e rico, e mais que tudo, o empenhar-se pelo cadaver de um Sugeito, que na opinião dos judeos fóra o peior homem do mundo; e á vista deste exemplo não te acobardes, nem desistas pelo que dirão as gentes, nem por outra qualquer cousa, que se opponha á virtuosa obra do serviço de Deos, e de sua Santissima Mãi, porque não usaráõ comtigo, como faz o mundo, antes não te faltaráõ com o merecido premio.

E não só fez José o que a Senhora lhe insinuou, pedindo o Sagrado Corpo do Senhor, senão além disto (como diz Theofilacto) offereceo ao Presidente uma grossa porção de ouro para o bom exito do seu empenho; o que te dá bom exemplo, para que ponhas da tua parte os meios que te forem possiveis para a perfeição das boas obras, procurando executallas com fervor, e diligencia, por quanto as que se fazem com tibieza, e voluntario descuido, desmerecem o agrado do Altissimo.

Muito havia feito José, porém faltavão-lhe os unguentos para ungir, como era costume, o Sacrosanto Corpo do Senhor; juntou-se-lhe pois Nicodemos (que era tambem occulto Discipulo do Salvador) com cem libras de myrrha, e de aloé, amargos aromas, que symbolizão a penitencia; donde deves tomar esta doutrina, que supposto ser louvavel o romper as difficuldades, e expôr-se aos trabalhos, para servir a Deos, e a sua Mãi, deve-se ainda assim juntar a myrrha da mortificação, para se lograr a ganancia, conseguida pelo ouro da caridade.

§ II.

DESCENDIMENTO DA CRUZ.

Partindo José, e Nicodemos de Jerusalem com todo o apparato de escadas, féretro, unguentos, mortalha, e todos os instrumentos necessarios para descer o Corpo Sacrosanto, amortalhallo, e dar-lhe sepultura, chegárão reverentes ao pé da cruz, e vendo morto a seu Divino Mestre, e a bemdita Mãi quasi sem alento, prostrárão-se, derramando muitas lagrimas, sem poderem articular palavra; mas a Rainha dos Ceos com aquelle magnanimo valor, de que esteve sempre assistida, os confortou para proseguirem na sua louvavel empreza.

Largando pois as proprias capas, José, e Nicodemos, applicárão as escadas á cruz para despregarem o sagrado Corpo, estando alli proxima a dolorosa Mãi com o Discipulo amado, e a Magdalena assistindo-lhe, com as outras Marias: tirárão primeiro a Corôa de espinhos, e com difficuldade grande, porque era muito apertada, e fôra cravada com violencia; e ao descobrirem tantas, e tão profundas feridas naquella divina Cabeça, se lhes partião de dôr os corações, e derramavão muitas lagrimas.

Baixárão-na com grande veneração, e a collocárão nas mãos da Mãi Santissima, que recebendo-a de joelhos, a adorou com admiravel culto, e á sua imitação fizerão o mesmo S. João, com os mais Fiéis, que alli se achavão, e outro tanto praticárão todos com os veneraveis cravos, que logo lhes forão apresentados, principalmente a Virgem Senhora, que recebeo estas sagradas prendas, como preciosa herança, e unico patrimonio que herdava no mundo de seu Filho Santissimo.

Para receber a grande Senhora aquelle Cadaver Sacrosanto, posta de joelhos, estendeo os braços, em que tinha o lençol, e o adorou com supremo culto, e reverencia, em quanto S. João para a parte da Cabeça, e a Magdalena aos pés, ajudavão a José, e Nicodemos para o descerem da cruz; e logo com o mais profundo respeito o depositárão nos braços da Senhora, onde o adorárão, e o lamentárão todos os circumstantes com summa reverencia, intima magoa, e copiosos prantos.

Mas quanta fosse neste passo a pena da Mãi Santissima, quando se vio abraçada com seu Divino Filho; quanta a angustia da sua Alma, ao vêr de mais perto aquellas feridas, aquelles tumores, e aquelle sangue, ao tocar aquelles divinos membros já frios, desconjuntados, e dilacerados por tantas partes... E no mesmo tempo, em que se lembrava do excessivo amor, que seu Filho tinha aos homens, considerava tambem a ingratidão dos mesmos a tanto amor, quando a pezar dos innumeraveis beneficios, que lhes havia feito, resuscitando-lhes os mortos, sarando-lhes os enfermos, livrando-os do poder dos demonios, e dando-lhes doutrina de vida eterna, lhe correspondêrão com tantos tormentos, e tão inhumanas crueldades!.. Quem será bastante para ponderar a portentosa grandeza dos incomparaveis sentimentos, penas, e dores, que opprimião o Coração, e Alma da Mãi Santissima? O Arcanjo S. Gabriel a denominou Cheia de graça, porém nós agora a devemos appellidar Cheia de angustias, e mortaes amarguras.

E para formarmos disto mesmo alguma idéa, consideremos a uma senhora, que sendo amada filha de um grande rei, estimada esposa de um illustre principe, ternamente venerada de seus proprios filhos, fielmente assistida de suas particulares amigas, encontrava de repente a todos elles mortos, sem lhe ficar creatura alguma, que a podesse consolar em tanta pena...

Não diriamos por uma tal senhora, que o não cahir morta era um milagre evidente? Pois com muito maior razão o devemos dizer pela grande Rainha dos Ceos, para quem era Pai aquelle Divino Senhor, e Pai que a amava com o maior extremo, sobre tudo o que havia creado, e Esposo, que a estimava com amor mais excessivo, que o de todos os esposos do mundo; e Amigo, que a enriquecia continuamente, não com os falsos bens da terra mas com os preciosos favores do Ceo; e sobre tudo, que era seu Creador, e seu Deos, infinitamente digno de ser respeitado, estimado, e venerado por todos... Não diremos logo, que foi um prodigio da Divina Omnipotencia o ficar esta Senhora com vida, quando esteve abraçada com o Corpo de seu Filho Santissimo?

Ella, por meio das suas dolorosas considerações, representava na propria Alma, como em um clarissimo espelho, toda a Paixão, e Morte do Salvador do mundo; alli via as cadeias, e as cordas, alli as punhadas, e as feridas, alli os opprobrios, e vituperios, alli os espinhos, os cravos, o fel, e a lança, alli finalmente, como em um espaçoso theatro, contemplava todas as penas, e dôres do amado Filho, e uma viva, e expressa imagem da sua morte; e uma Alma por extremo terna, e amante, qual era a da Virgem Senhora, encerrando tudo isto em si mesma, de que sorte estaria? Ou que afflicção, que dôr, e magoa não seria a sua?

§. III.

ENTERRO DO SENHOR.

Passado algum espaço, depois que a magoada Mãi teve nos seus braços ao defunto Jesus, como estava proximo o fim da tarde, lhe supplicárão S. João, e o devoto José lhes désse permissão para o enterro de seu Filho, e Deos verdadeiro; e obtida a licença, ungírão sobre o preparado lençol o Sagrado Corpo com as especies, e unguentos aromaticos, que trou-

xera Nicodemos, gastando neste religioso obsequio todas as cem libras, que aquelle fiel discipulo havia comprado.

Lavárão primeiro com agua o Divino Corpo, e ao sahir o sangue gelado de entre as feridas, forão apparecendo os ossos desconjuntados, e o corpo em varias partes tão inchado, dilacerado, e denegrido, que causava espanto aos mesmos, que o levavão.

A este espectaculo (como diz Santo Anselmo) occorreo S. João, e exhalava tristes, e lacrimosos suspiros; occorreo tambem S. Pedro, e chorando sem consolação, repetia muitas vezes: Oh Senhor, e Mestre da minha alma! Tanto haveis padecido por mim peccador, que vos neguei diante dos vossos inimigos! Veio logo a Magdalena com as outras Marias, feitas um mar de lagrimas, e assim mesmo alguns fiéis, que alli se achárão, e choravão todos tão amargamente, que (segundo diz o mesmo Santo) não podendo reprimir os prantos, davão tão altos gritos, que soavão por todo aquelle monte: o ar se povoava de suspiros, e a terra se regava com tantas lagrimas, que serião talvez bastantes para lavar todo o Santissimo Corpo.

Levado, pois, o Cadaver Sacrosanto, passárão a ungillo com os preciosos unguentos de myrrha, e aloé, e envolvendo-o depois naquelle fino, e novo lençol, lhe cobrírão o rosto com um sudario; donde, meu catholico, deves tirar para teu proveito esta importante doutrina.

Choravão aquelles Santos, vendo tanta máquina de chagas, e feridas, por todo aquelle Santissimo Corpo, depois de lavado; lava, pois, tambem, e purifica a tua alma com as aguas da contrição, e ao descobrires nella os signaes das mortaes feridas, que antes estavão solapadas com as immundicias das tuas culpas, não te contentes com chorallas, applica-lhes a myrrha amarga da penitencia, e cobre-a com o lençol puro da vida nova, tecida de novos propositos, e de novos exercicios, ordidos todos com uma boa, e recta intenção.

Collocado logo no féretro o Santissimo Corpo, chegárão todos os circumstantes, e forão beijando com grande reverencia, e ternura aquelles santissimos pés, sempre incançaveis no alcançe das Almas, que tão mal lhe correspondêrão, quando por tão grandes beneficios lhe havião dado uma tão affrontosa morte, com tão barbaros, e cruéis tormentos; e ao compasso desta meditação choravão todos copiosamente, não só de pura dôr, senão de uma devoção ternissima, que com aquella suave fragrancia sentião em seus corações.

Oh Clementissimo Senhor, extremoso amante das nossas almas! Por aqui se conhece que Vós sois figurado naquelle mysterioso leão, que a Sansão, seu matador, apresentou um doce favo de mel; por quanto os homens fortes, e robustos nas suas maldades vos tirárão a vida; e Vós, clementissimo Redemptor, vendo-os depois arrependidos aos vossos pés, os encheis de suavidades, e doçuras; ajuntárão-se contra Vós os judeos, e os gentios, e com o mesmo que procurárão irritar a vossa paciencia, vos fizerão mais doce, e mais suave para as almas contrictas, e arrependidas.

Collocado no féretro o Corpo Deífico para ser levado ao Sepulchro, a Divina Senhora advertidissima em tudo (como diz a Veneravel Madre Maria de Agreda) convocou do Ceo muitos Córos de Anjos, para assistirem com os da sua Guarda ao Enterro do Corpo do seu Creador, e descêrão logo das alturas em corpos visiveis, ainda que não para os circumstantes, senão só para a sua Rainha, e Senhora.

E ordenando-se deste modo uma solemne Procissão de Anjos, e de homens, levantárão o Sagrado Corpo S. João, José, Nicodemos, e o Centurião, que assistio á morte do Salvador, e o confessou por Filho de Deos: concorrêrão tambem outros Fiéis, que movidos da divina luz, vierão ao Calvario, depois da lançada, e todos bem ordenados, seguindo a Divina Mãi, acompanhada da Magdalena, das Marias, e de outras piedosas mulheres suas Discipulas, caminhárão com silencio, e lagrimas a um Horto, (que, segundo díz Adricómio, distava cento e oito pés do Monte Calvario) onde José fizera lavrar um Sepulchro, no qual ninguem se havia enterrado, e alli depositárão o Sagrado Corpo de Jesus.

Era este Sepulchro (segundo affirma o Veneravel Beda) todo lavrado em uma penha de côr branca, e rubicunda, com que figurava ao coração humano, em que o Senhor descança, sendo elle candido pela pureza, rubicundo pelo amor, e ao mesmo tempo firme, forte, e constante nos seus bons propositos.

Ultimamente, depositado o Senhor no sepulchro, o adorou de novo a Mãi Santissima, e depois della todos os circumstantes, a cuja imitação devemos tambem concorrer com o nosso religioso obsequio nesta

CONCLUSÃO FRUCTUOSA

DO PRESENTE TRATADO.

Os sentimentos mais proprios, que as precedentes considerações nos devem inspirar para com Jesu Christo, consistem sobre tudo nestes tres pontos: *Reconhecimento*, *Amor*, e *Imitação*; reconhecimento dos seus beneficios, amor das suas perfeições, e imitação das suas virtudes.

Primeiro sentimento. Reconhecimento affectivo para com o nosso adoravel Salvador; pois que não fez, e não padeceo Elle por nós outros? Elle se fez Victima de expiação pelos nossos peccados; elle nos reconciliou com seu Eterno Pai, e nos livrou da tyrannia do demonio; Elle, em fim, nos deu os seus meritos, o seu Sangue, e a sua vida, e nos introduzio na posse da herança celeste.

Não póde haver reconhecimento mais legitimo, nem mais bem fundado; e por tanto devemos dizer com o Propheta Real: Que posso eu dar ao meu Divino Salvador em justa recompensa dos preciosos beneficios, com que me ha enriquecido? Ainda os altos sentimentos do reconhecimento mais vivo, e mais terno, de nenhum modo bastão, nem podem igualar a grandeza immensa dos divinos beneficios.

Segundo sentimento. O amor para com Jesu Christo; pois um Deos, que nos quiz amar com o amor mais terno, mais ardente, e mais generoso, por quantos titulos merece o nosso amor? Oh meu Jesus! Vós me haveis dado o vosso coração, e posso eu recusar-vos o meu? Vós me haveis consagrado os vossos meritos, o vosso Sangue, a vossa Vida, e posso eu subnegar-vos os meus affectos, e a minha ternura? Oh amantissimo Deos! Eu não me atrevo a certificar, que vos amo, porém digo-vos na verdade, que vos desejo amar com todas as forças do meu coração, e por isso vos peço o vosso santo Amor, com preferencia a todos os thesouros, e riquezas do mundo, para vos amar eternamente, como unico Objecto, infinitamente digno de ser amado sobre tudo.

Terceiro sentimento. O qual consiste em não nos contermos entre reconhecimentos estereis para com Jesu Christo; por quanto, ao vivo reconhecimento dos seus beneficios, e ao amor activo das suas perfeições devemos ajuntar a solida imitação das suas virtudes, particularmente as seguintes, de que Elle nos deo os mais illustres exemplos na sua vida, e muito mais no tempo da sua Paixão.

1.ª A sua *Humildade*, que Elle praticou com summo excesso, até se aniquilar a si mesmo por nós outros.

2.ª A sua *Obediencia*, com que Elle se sugeitou á morte mais infame, qual era naquelle tempo a morte de Cruz.

3.ª A sua *Paciencia*, quando accusado dos mais enormes crimes, e ultrajado por todos os modos, observou um profundo silencio.

4.ª A sua *Mansidão*, quando para com os seus inimigos, e ainda com os seus mesmos verdugos, se portou sempre com a brandura de um cordeiro.

5.ª A sua *Caridade*, que o fez dar o nome de *Amigo* ao perfido traidor, e pedir benigno perdão para os mesmos, que o fizerão morrer.

6.ª A sua *Piedade*, para com a Divina Mãi, e para nós todos tambem, adoptando-nos ella por seus filhos na Pessoa do Discipulo amado, a quem Elle a recommendou.

7.ª A sua *Resignação*, para com o Celeste Pai, quando nos seus ultimos suspiros lhe entregou a bella Alma nas suas mãos.

8.ª A sua *Perseverança*, até o ultimo momento, em que todos os designios de seu Pai forão completos, e a grande obra da salvação dos homens inteiramente ficou consummada.

PRÁTICAS GERAES

PARA OBSEQUIAR A PAIXÃO DO SENHOR.

1.ª Trazer sempre comsigo a Imagem de Jesus Crucificado, com affectuoso respeito.

2.ª Fazer cada dia um certo numero de actos de mortificação.

3.ª Em todas as sextas feiras fazer alguma penitencia maior, á honra da Paixão do Senhor.

4.ª Receber com submissão todas as afflicções da vida, e as do proprio estado.

5.ª Unir a propria cruz com a de Jesu Christo, para ficar menos dura, e mais fructuosa.

6.ª Não nos queixarmos das nossas cruzes, mas soffrellas em silencio entre Deos, e nós mesmos.

7.ª Offerecer todas as afflicções ao pé da cruz do Salvador, e pedir-lhe soccorro para a soffrer.

8.ª Reputar a propria cruz, como uma porção da de Jesu Christo.

9.ª Considerar, que entramos no logar do Cyreneo, para alliviarmos a cruz do Salvador.

10.ª Offerecer o Sacrificio da nossa vida, em união do de Jesu Christo no Calvario.

A piedade, o fervor, e o amor divino inspiraráõ ás almas fiéis outras praticas santas, e saudaveis, entre as quaes podem ter logar o fazer um dia de retiro cada mez, como se se estivesse no Calvario, visitar a Via-Sacra nas sextas feiras; rezar cada dia a novena das Almas, que tem muitas Indulgencias, e o Officio da cruz, que vem nas nossas *Horas Marianas*, que além de ser breve, foi instituido, e approvado pela Santa Igreja, &c. Mas a pratica principal, e a mais fructuosa, será o trazer sempre na alma a cruz de Jesu Christo, imitando as suas virtudes com religioso espirito, e coração devoto.

DOMINGO DE PASCHOA

DA RESURREIÇÃO DE NOSSO SENHOR JESU CHRISTO.

A excellencia do presente Mysterio se deixa bem conhecer pela solemnidade da festa deste dia, sendo ella a primeira, e a mais augusta de todas as festas da Religião Christã; sempre a Igreja a reputou como dia do Senhor por antonomasia, dando-lhe o sagrado nome de *domingo*, e transferindo-lhe todas as honras do grande dia do *sabbado*, singularmente destinado ao religioso culto, e santo serviço do Senhor.

E não satisfeita a mesma Igreja só com a solemnidade de um dia, nem ainda com a de um oitavario, quiz que as espirituaes alegrias da presente festa continuassem por todos os cincoenta dias, que formão o tempo Paschal, e que pelo circulo de todo o anno sempre o primeiro dia de cada semana (retendo o nome de *domingo*) substituisse as vezes do famoso *sabbado*, e nos renovasse a memoria do Augusto Mysterio da *Resurreição*, como uma oitava perpetua da grande festa da Paschoa.

O Doutor S. Basilio no seu livro do *Espirito Santo*, reputa este dia como festivo exordio da interminavel solemnidade dos futuros seculos, ou como imagem, e representação viva da gloriosissima festa da eterna Bemaventurança. S. Gregorio Nazianzeno não duvida affirmar, que excede tanto esta festa a todas as outras do Senhor, quanto estas são superiores ás dos outros Santos; e o Papa S. Leão, querendo-nos dar uma justa idéa desta grande Solemnidade, diz em um dos seus sermões: Que entre todos os dias, que na Religião Christã se honrão com um culto particular, nenhum ha mais augusto, nem mais excellente, que o da grande festa da Paschoa, da qual recebem a sua maior dignidade todas as outras festas da Igreja.

Na conformidade deste espirito, em os primeiros oito, ou nove seculos, era a semana inteira da paschoa um successivo oitavario, composto de tantas festas, como dias, em observancia dos decretos de varios concilios, e leis imperiaes, que estiverão em seu vigor até o principio do seculo undecimo, no qual por justas causas se reduzirão só a tres os oito dias festivos, como presentemente praticamos.

Sendo, pois, a festa da Paschoa não só a mais solemne de todas as festas da Igreja, mas ainda a celebre epoca, que fixa o tempo de todas as outras, era justo, e necessario, que se celebrasse no mesmo dia em todo o mundo Catholico. Os Christãos da Asia, desde a Igreja primitiva, celebravão a Paschoa, como os judeos, no dia 14 da lua de março, em que o Salvador foi crucificado; ao mesmo passo, que os Christãos do occidente, a festejavão no domingo seguinte.

Esta differença de ritos excitou grandes discordias desde o meio do segundo seculo entre os occidentaes, e asiaticos, e só se veio a concluir pelo famoso decreto do Sagrado Concilio Niceno, no anno do Senhor 325, em que expressamente se ordenou, que a Paschoa da Resurreição se devia sempre celebrar em toda a Igreja no domingo subsequente ao da lua cheia no equinocio da primavera.

A etymologia do nome *Paschoa* na lingua hebraica vem da palavra *Pesach*, que significa *Passagem*, denotando entre os judeos a passagem do mar vermelho, ao sahirem do Egypto, e a do Anjo exterminador, que vendo o sangue do Cordeiro Paschal sobre as portas dos Israelitas, passava sem lhes fazer mal; ao mesmo tempo, que entrando nas casas dos Egypcios, lhes matava todos os primogenitos, tanto dos homens, como dos brutos.

O mesmo significado entre os Christãos tem a palavra *Paschoa*, mas em um sentido mais espiritual, e respectivo ao mysterio, de que a passagem do Anjo, e dos hebreos era uma simples figura: propriamente pois na Pessoa do Salvador, symbolisa a passagem, que fez da morte á vida da Resurreição; e a respeito dos Fiéis Catholicos, significa a passagem, que fazemos por virtude do Sangue do mesmo Senhor, da vilissima escravidão do peccado, á feliz li-

berdade de filhos de Deos, e da que esperamos fazer, depois do calamitoso deserto desta vida, para a verdadeira terra da gloriosa Promissão.

Em muitas Igrejas e communidades Religiosas se honra no dia de hoje o alegre momento da Resurreição de Christo com devotas procissões, e missas solemnes, que fazem ao sahir da aurora, á imitação das tres Marias, que antes de nascer o sol forão sollicitas, com virtuoso empenho, obsequiar o sepulchro do Salvador.

Entre os gregos, e orientaes se faz uma particular *Festa*, que chamão *do Triunfo de Jesu Christo*, sahindo glorioso de sepulchro, pela maneira seguinte: ajuntão-se todos na Igreja, pouco antes de apontar a aurora, e depois de algumas orações, e leituras, se entôa solemnemente um cantico da Resurreição, durante o qual, o Sacerdote officiante beija a Imagem de Christo resuscitado, e dando-a logo a beijar ao mais consideravel da assembléa, este a participa ao seguinte, e assim de mão em mão a todos os mais, dizendo sempre quem offerece a Imagem: *Jesu Christo resuscitou*, e o que a recebe, ao beijalla: *Assim o creio.*

Entre os Christãos do occidente se observava tambem nos presentes dias esta religiosa ceremonia: quando algum se encontrava com outro, dizia o primeiro: *Surrexit Dominus verè:* Resuscitou o Senhor verdadeiramente; e o segundo lhe respondia: *Deo gratias*, graças, e louvores lhe sejão dados. Tambem era costume o tomarem daqui occasião para se reconciliarem entre si com o osculo de paz, que mutuamente se davão, o qual depois (pelo máo abuso) se ordenou, e transferio para o darem sómente no tempo da missa, até que em fim, pela mesma causa se reduzio, e concedeo não mais que aos ministros do altar e do coro.

Em conclusão, tudo é cheio nestes dias de uma alegria santa, tudo inspira no Officio Paschal aquelle glorioso prazer, de que a Igreja está possuida, psalmos, hymnos, canticos, antifonas, versos, tudo conspira, e tudo concorre para celebrarmos com solemnidade o Triunfo do Salvador neste dia, e o mais alegre, e o mais importante de todos os mysterios.

Por isso diz S. Gregorio, que a festa da Paschoa é não só a primeira, e a maior de todas, mas que é tambem a Solemnidade das Solemnidades, que abrindo-nos a porta do Ceo, nos faz gozar pela Fé, Esperança, e Caridade os anticipados prazeres das celestiaes alegrias.

E por esta causa a Santa Igreja em todo o Officio do tempo paschal (como entrando já no espirito da gloriosa Patria) repete perennemente a divina saudação *Alleluia*, que lá cantão os Bemaventurados eternamente na Gloria. *Eu ouvi* (diz S. João no seu Apocalypse) *como a voz de muitas gentes no Ceo, que dizião:* Alleluia; *Ao nosso Deos é que pertence a qualidade de Salvador, e a Gloria, e o Poder:* Alleluia; *Dai perennes louvores ao nosso Deos, vós que sois seus Servos,* (Alleluia, *repetião elles*) *porque o Senhor, nosso Deos Omnipotente, tomou posse do seu Reino; gozemo-nos, alegremo-nos, e lhe demos a gloria, que lhe é devida;* Alleluia.

Isto é, como diz S. João, o que se passa no Ceo, e isto mesmo é o que a Santa Igreja trata de imitar sobre a terra, com a frequente repetição da palavra *Alleluia* em todo o tempo da Paschoa.

REFLEXÕES, E EXERCICIOS.

Um dos dias do anno, que havia ser todo consagrado a Deos, é sem duvida o santo domingo de Paschoa, denominado por excellencia, o Veneravel Dia do Senhor. Empregai-o, pois, em seu obsequio, quanto mais vos for possivel, e vos permittirem as condições do vosso estado; e seria muito louvavel, que os pais de familias procurassem que os seus filhos, e domesticos applicassem todo este dia ao Serviço de Deos, occupando-os não mais que no que absolutamente se não podesse omittir. Officios, e Orações, Lições de Piedade, uso de Sacramentos, visita de Igrejas, e dos pobres devião ser o emprego do bom Catholico neste dia.

A Resurreição verdadeira em qualquer alma causa nella uma vida nova: mostrai pois pelos vossos procedimentos, que nada já tendes da antiga. Não torneis, nem vos acheis mais naquelles logares profanos, que são de modo ordinario fataes sepulchros da innocencia; e para evitardes esta maior desgraça de tornar a cahir na culpa, andai sempre com vigilancia, lembrando-vos de que estais em um Paiz inimigo, ou que navegais pelo meio de um mar, em que são frequentes os naufragios. Não percais o Ceo de vista, fugi com presteza até ás menores occasiões da culpa, e desconfiai sempre de vós mesmos.

E além de fugirdes a tudo que póde coinquinar-vos, além de uma fidelidade constante nos vossos Exercicios de Piedade, e de uma exquisita delicadeza de consciencia, chegai-vos com frequencia aos Sacramentos, tende uma devoção terna com a Virgem Santissima, e com o vosso Anjo da Guarda, porque a Devoção firme é um poderoso meio para obter do Ceo a importante graça da final perseverança. Costumai-vos a pedilla a Deos muitas vezes no dia, porque um dom tão precioso, sem o qual ficão inuteis todos os mais beneficios, deve-se implorar com frequencia.

ABRIL — 1.

DE

S. SOFRONIO,

PATRIARCHA DE JERUSALEM.

EM 11 DE MARÇO.

NO SECULO VI, E VII.

As suas obras, e virtudes estão tratadas com exacta diligencia pelos sabios Bollandistas no dia 11 *do mez de março.*

Nasceo Sofronio em Damasco, Cidade celebre da Syria, onde foi educado não só no estudo das letras humanas, senão tambem no da piedade christã, que cultivou sempre desde a sua infancia; e o sincero desejo de fazer nella maiores progressos, o induzio a visitar depois os mosteiros da Palestina, para divisar com os proprios olhos o virtuoso procedimento daquelles celebres monges.

Entre os muitos deste genero que elle achou naquelles veneraveis domicilios, vio que se distinguia sobre todos o celebre João Mosco, a cuja direcção se quiz sobmetter, ainda que sem obrigar-se a professar a vida monastica. Indo, pois, com elle visitar as solidões do Egypto, e da Thebaida, (aonde aquelles monges conservavão ainda o mesmo fervor, que duzentos annos antes observára nelles o famoso Cassiano) achárão com effeito um tão grande numero de Eremitas, e tão heroicos exemplos da penitencia, humildade, pobreza, paciencia, e outras virtudes christãs, que tiverão por justo compôr um livro do que alli vírão a este respeito para instrucção dos Fiéis, ao qual derão por titulo *Prado espiritual*, &c.

Ao passarem por Alexandria, o Patriarcha S. João Esmoler os recebeo com muito amor, e os reteve comsigo para valer-se das suas luzes no governo daquella grande Igreja, e para a conversão dos hereges, muitos dos quaes reconhecêrão os seus erros, e abraçárão a catholica verdade, movidos das efficazes prégações, e virtuosos exemplos destes apostolicos ministros.

Mas obrigados elles pelas incursões dos Persas, se embarcárão, e vierão a Roma representar ao Papa Bonifacio V o estado lastimoso da Igreja oriental, dilacerada por muitas perniciosas heresias, para que houvesse de applicar remedio a tantos males.

Este foi o termo das suas viagens, porque João Mosco, passados dous annos, alli terminou santamente os seus dias, e o seu corpo foi transportado pelos monges seus companheiros para a Palestina, aonde o sepultárão no mosteiro de S. Theodosio, para o qual tambem se retirou Sofronio, a fim de continuar os exercicios da vida monastica, que, segundo se crê, professou em Alexandria, por insinuação do Patriarcha S. João Esmoler.

E foi sem duvida particular disposição da divina Providencia o chegar então Sofronio áquelle Paiz, para se oppôr á heresia dos Monotelitas, que alli começava a dilatar-se pela protecção do Patriarcha Cyro. Reconhecião aquelles hereges duas naturezas em Christo, Divina, e Humana, como ensina a Igreja Catholica; o que não obstante, como estas duas naturezas estão unidas em uma só Pessoa, não querião elles admittir no mesmo Salvador duas vontades, e duas operações, uma divina, e humana, outra, como ensina a verdadeira Fé; mas pertendião que em Jesu Christo havia uma só vontade, e uma operação sómente.

E teve esta heresia um tal sequito no Oriente, que todos os Patriarchas, e Bispos que então erão a abraçárão, excepto Sofronio, que eleito Patriarcha de Jerusalem no anno 633, susteve sempre com valor a verdadeira Doutrina Catholica; nem o ver-se abandonado pelos Bispos das principaes Igrejas diminuio o seu vigor na defensa da verdade, antes reconhecendo elle, que tanto mais se propagava o erro, quanto era maior a authoridade dos que o sustinhão, então por isso mesmo se julgou mais obrigado a subministrar todo o seu poder, para haver de o impugnar, e destruir.

Para este fim convocou um Concilio em Jerusalem, aonde a tal heresia dos Monotelitas foi condemnada; e a este respeito escreveo uma carta ao Papa Honorio (cuja copia enviou tambem a varios Bispos) na qual referia os logares da Sagrada Escriptura, e dos antigos Padres da Igreja, por onde elle prova, que em Christo se devem distinguir duas vontades, e duas operações, divina, e humana, &c. E não satisfeito com isto, conduzindo em certo dia a Estevão, Bispo de Dori ao Monte Calvario, lhe fallou deste modo:

«Se desprezas, e não procuras evitar o perigo, «em que presentemente se acha a Fé Catholica, vi- «rá tempo, em que entrarás, como réo, no Tribu- «nal do Juiz Supremo, que neste logar foi crucifi- «cado; obra, pois, o que eu pessoalmente não posso, «impedido pelos barbaros Saracenos; vai sem demo- «ra a Roma informar os santos, e veneraveis Minis- «tros da Sé Apostolica sobre tudo o que aqui tem «acontecido, e applica as mais fervorosas, e repeti- «das instancias, até conseguir um Juizo legitimo, e «uma condemnação canonica desta nova doutrina.»

Aterrado, pois, por um tal discurso o Bispo Estevão, e movido tambem pelas supplicas da maior parte dos Prelados, e póvos christãos do Oriente, se pôz logo a caminho; e escapando milagrosamente de varias emboscadas, que lhe armárão os hereges, chegou com feliz successo a Roma, havendo já passado o Papa Honorio para melhor vida; e expondo com fervorosa instancia o virtuoso requerimento aos seus successores, obteve em fim, como desejava, a solemne condemnação dos Monotelitas no Concilio Lateranense em tempo do Papa S. Martinho, no anno de 649.

Não quiz o Senhor, que o nosso Santo tivesse neste mundo a consolação de ver no presente negocio o doce fructo de tantas fadigas suas, morrendo treze annos antes de que fossem os Monotelitas condemnados, e a sua morte foi precedida de males gravissimos, que particularmente affligírão a Igreja de Jerusalem; porque os Saracenos, conquistando aquella Cidade no anno de 636, com a sua brutalidade, e com todas as sortes de iniquidade, reduzírão a Religião Christã a estado mais lastimoso, como o que tivera nas cruéis perseguições dos primeiros seculos.

Mostrou o Santo Patriarcha no meio de tantas adversidades sempre um heroico valor; e procurando, quanto lhe era possivel, impedir a dissipação do seu povo, consolava-o com os seus discursos, e o soccorria com a sua caridade, até se expôr muitas vezes, como bom Pastor, a risco de perder a vida entre aquelles barbaros, para salvar a das suas ovelhas.

Elle obteve de Omar, Principe dos Saracenos, que em toda a Palestina fosse livre o exercicio da Religião Catholica; porém foi tão mal cumprido este Indulto, que a Religião não ficaria em peior estado, se o mesmo barbaro mandasse expressamente destruir o Christianismo. Vendo, pois, o zeloso Patriarcha de dia em dia perecerem os fructos dos seus apostolicos suores debaixo do tyranno jugo dos infiéis, opprimido de tantos trabalhos, e não menos dos seus muitos annos, passou a gozar o eterno descanço no dia 11 de março de 638, ou 639, tendo oitenta e sete de idade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O zêlo deste Santo em defender a catholica verdade, abandonada por muitos dos seus irmãos na Igreja Oriental, deve ser imitado, não só por aquelles, a que foi consignado por Christo o deposito da Fé, senão tambem por todo o Christão em particular. Por quanto acontecendo não poucas vezes, não só abandonarem-se varias maximas da Moral Christã, senão ainda servirem de irrisão para com as gentes oppostas ao espirito de piedade: que deve fazer todo aquelle que com razão se preza de ser Christão, não tanto em o nome, como sobre tudo na realidade?

Deve resistir ás falsas maximas do mundo, contrarias ás do Evangelho. Deve insinuar a quem póde, e quem mais lhe for possivel, a pura verdade, e não só com a palavra, senão muito mais com o exemplo, sem fazer caso do que se dirá delle; temendo só a final sentença do Divino Salvador, que não será fundada sobre as falsas opiniões, e depravados costumes do seculo, mas segundo a sua evangelica infallivel Doutrina.

ABRIL — 2.

DE

S. FRANCISCO DE PAULA,

FUNDADOR DA SAGRADA RELIGIÃO DOS MINIMOS.

NO SECULO XV.

Da vida deste Santo, que publicou um seu Discipulo, que com elle viveo; e do que deixou escripto o celebre Filippe de Comines, Fidalgo Francez, que vivia na Corte de Paris no tempo, em que nella morava o mesmo Santo.

O glorioso S. Francisco, maravilha, e ornamento do seu seculo, como um daquelles varões prodigiosos, visivelmente enviados por Deos para salvação de muitos, nasceo em Paula, pequena Cidade do Reino de Napoles, (da qual tomou o sobrenome) correndo o anno de 1416. Seus pais erão dotados de muita piedade, e sem serem ricos dos bens da terra, tinhão o que bastava para a sua sustentação decorosa; e vivendo muitos annos sem terem fructo do seu matrimonio, recorrêrão ao Ceo, fazendo muitos jejuns, e dando frequentes esmolas, até lhe nascer este filho, ao qual puzerão o nome de Francisco, em obsequio do Grande Patriarcha dos menores, por cuja intercessão o conseguírão.

Educado elle na piedade desde os seus primeiros annos, não só pelos discursos, senão muito mais pelos exemplos dos seus virtuosos progenitores, dirigia por tal modo as suas inclinações para a virtude, que parecia destinado desde logo para uma eminente santidade; porque além de se não descobrir nelle propensão alguma para aquelles defeitos, que são ordinarios entre os meninos, já começava a praticar aquella vida austéra, e penitente, que depois se fez admirar na Italia, e na França.

E conhecendo elle quanto era nociva aos da sua idade a conversação com os homens mundanos, ou libertinos, evitava sempre o communicar com elles, procurando a Deos no retiro, aonde empregava o tempo na oração, ou na leitura de algum bom livro espiritual; e para dar maior valor ás suas orações, ajuntava a sevéra pratica de não comer carne, nem peixe, nem ovos, nem lacticinios, de cuja abstinencia se fez uma lei, que observou religiosamente em todo o curso da sua vida.

Seus pais o tiverão comsigo até elle chegar á idade de treze annos; e querendo então cumprir o voto, que havião feito pela sua conservação, o levárão á Cidade de S. Marcos, e offerecendo-o a um convento dos Religiosos menores, alli tomou o habito, e esteve um anno, (mas sem fazer Profissão) observando com tal perfeição a Serafica Regra, que se fazia admirar pelos religiosos de maior fervor.

Concluido então o tempo do antecedente voto, o extrahírão seus pais daquelle convento, e o conduzírão á sua patria, depois de peregrinarem com elle a Roma, a Assis, e a outros dos mais celebres mosteiros; e retirando-se logo, por consentimento dos mesmos pais, para um casal, que tinhão proximo á Cidade, quando apenas chegava aos quinze annos da sua idade, alli começou Francisco a praticar com todo o rigor uma vida, que sem especial graça de Deos, era superior ás forças humanas.

Porém vendo-se o Santo distrahido por algumas visitas, a que dava occasião a fama da sua santidade extraordinaria, e a proxima visinhança da Cidade, se ausentou para um logar, que lhe facultou uma parenta sua sobre a praia do mar, aonde encontrando, e alargando uma gruta debaixo de uma penha, alli residio longo tempo, tendo a Deos por seu Mestre para o exacto cumprimento da sua divina Lei.

O seu leito era uma parte da mesma penha, o seu alimento, as hervas, que nascião ao redor da gruta, e no visinho bosque, o seu habito, o que levára grosseiro, e debaixo delle um aspero cilicio, assim passou Francisco tres annos, e alguns mezes naquelle sitio, unicamente occupado na meditação das cousas celestes, e assim o preparou Deos para ser espiritual Paí de uma numerosa familia, que devia fazer especial profissão de penitencia, e humildade.

Tinha então o Santo 19 annos de idade, quando muitos tocados por Deos lhe supplicárão com instancia, que os recebesse na sua companhia, e espiritual direcção, e elle acceitando-os á força de muitos rogos, mandou-lhes fabricar algumas cellinhas ao redor da sua gruta, e um pequeno Oratorio, aonde se juntavão a cantar os divinos louvores, e a ouvir a santa Missa, que um bom Sacerdote da proxima Villa vinha celebrar-lhes em todos os domingos, e dias festivos.

Assim vivêrão em pequeno numero por alguns annos, até que vendo o Santo multiplicados notavelmente os seus Discipulos, tomou a resolução de formar um convento maior com sua Igreja; para cuja obra contribuio muito o Arcebispo de Cosença, e tambem os póvos circumvisinhos concorrêrão com o que lhes foi possivel, e o mais é, que algumas pessoas principaes, além de subministrarem para aquella fabrica os seus dinheiros, a quizerão tambem ajudar com o trabalho das suas mãos; e Francisco no mesmo tempo compensava as fadigas dos que alli trabalhavão com uma paga de maior valor que o ouro, instruindo-os sobre as obrigações de cada profissão, e ensinando-os a viver no mundo como bons Christãos.

Terminado o edificio, introduzio Francisco na communidade um modo de viver uniforme, fazendo observar a todos os seus discipulos a mesma disciplina, e as mesmas austeridades, que praticava no seu primeiro Eremitorio; e recebendo com agrado a qualquer que a elle se dirigia para observar uma vida penitente, em breve espaço se lhe aggregou uma numerosa familia, que elle cuidadosamente instruia na pratica das virtudes convenientes ao Instituto que havião abraçado.

Além dos tres votos communs a todos os Religiosos, accrescentou o quarto de observarem uma quaresma perpetua; e para lhes ensinar, que a Penitencia era inutil sem a Humildade, e Caridade, lhes recommendava estas virtudes sobre todas as outras, e assim quiz que se denominassem *Minimos*, como inferiores aos outros Religiosos, e tomou a *Caridade* por especial divisa da sua ordem, querendo não só que os seus alumnos vivessem unidos uns com os outros, se não ainda com o resto dos Fiéis por um amor terno para com a sua salvação.

E crescendo ainda mais no espaço de poucos annos a Francisco os seus discipulos, vio-se obrigado a fazer diversas fundações no Reino de Napoles, e Cicilia, sem embargo das perseguições, que lhe sobrevierão por parte dos grandes do seculo, e principalmente por Fernando I, Rei de Napoles, cuja vida nada se parecia com a do Santo; até que por ultimo o mesmo Principe teve pejo de oppôr-se mais ás obras de Deos, e perseguir a um homem universalmente venerado por Justo, e denominado pelos seus prodigios o Thaumaturgo daquelles tempos.

Todos os póvos se edificavão pela vida humilde, e penitente daquelles novos discipulos, e admiravão com assombro as austeridades do mestre, incomparavelmente superiores ás que prescrevia aos outros: elle dormia sobre o simples pavimento da sua cellinha, tendo uma pedra por cabeceira, e o mais que se pôde conseguir delle na sua velhice, foi o tomar sobre uma esteira o seu brevissimo somno, empregando o resto da noite em uma oração contínua.

Todo o seu alimento (que tomava sempre depois do sol posto) era pão, e agua cada dia, e algumas vezes só em tres dias de cada semana. Andava sempre com os pés descalços, e evitando quanto lhe era possivel o tratar com mulheres: recommendava muito aos seus discipulos, que fugissem dellas, como de serpentes, e que se livrassem do interesse, e do desejo de possuir riquezas; em summa, elle se portava em tudo com tanta prudencia, virtude, e sabedoria, que não dava logar a que se dissesse, nem suspeitasse cousa alguma contra a sua pessoa.

Chegando, pois, a noticia da virtude, e prodigios do Santo aos ouvidos do Papa Paulo II, expedio um dos seus Camerarios no anno de 1469, ao Arcebispo de Cosença, para ter um conhecimento exacto do que publicava a fama a este respeito, sobre o que disse logo o Arcebispo ao Deputado: que elle reconhecia a Francisco por um homem de virtude extraordinaria, e que parecia ser destinado por Deos para depositario do seu Poder; o que a experiencia lhe mostraria logo que o visse e tivesse com elle alguma prática.

Com effeito, procurou o Deputado ao Santo, a tempo que estava trabalhando com os officiaes no edificio da sua Igreja; e pertendendo o Deputado beijar-lhe a mão, (como se costuma em Italia aos Sacerdotes, e Religiosos) elle o não consentio, dizendo-lhe ao mesmo passo, prostrado a seus pés: *Eu sou o que devo beijar as vossas mãos, consagradas ha trinta annos com a oblação do Santo Sacrificio.* Admirou então o Deputado este discurso, porque elle nunca víra, nem conhecêra ao Santo, e só por Deos podia saber o tempo certo do seu Sacerdocio.

E dizendo-lhe logo o Deputado (sem lhe declarar quem era, nem o motivo da sua viagem) que desejava fallar com elle no seu convento, o conduzio a uma cella, aonde o Camerario industriosamente foi levando a conversação até o particular do seu novo Instituto, accusando-o por bom modo de haver introduzido singularidades extraordinarias, e um rigor indiscreto, concluindo o seu discurso com exhortar ao Santo a seguir a estrada commum, pela qual tantos, e tão grandes homens se dirigírão com feliz successo.

A todas estas objecções respondeo o Servo de Deos modestamente, e com solidez; porém vendo elle que o Camerario não se dava por satisfeito, tomou na mão, sem se queimar, alguns carvões accezos de um fogareiro, que alli estava, dizendo-lhe entretanto: *Deos obedece aos que o servem com sincero coração;* e logo o Camerario, assombrado deste prodigio, concebeo para com o Santo uma veneração profunda, e foi referir ao Papa o que havia passado, e o mais que tinha ouvido.

Ouvio tambem a fama destes, e outros prodigios, que Deos obrava pelos meritos de Francisco, o Rei de França Luiz XI, Principe com excesso desejoso de prolongar a propria vida, depois de um estupor que padeceo no anno de 1481; e havendo ex-

perimentado inuteis todos os remedios naturaes, e ainda os de varias preces, e orações, que mandou fazer por todo o Reino, tomou a resolução de mandar vir da Calabria a Francisco, que já em França era appellidado o Varão santo.

Fez-lhe, pois, escrever em seu nome, convidando-o para aquella jornada, e promettendo-lhe todas as conveniencias que podia desejar, tanto para a sua pessoa, como para a sua Ordem; porém não fazendo todas estas promessas impressão alguma no animo do Santo, valeo-se o Rei para o desejado effeito da authoridade do Rei de Napoles, seu Soberano, o qual fazendo pouco apreço de conservar nos seus estados a um Varão de tão alto merito, (e desgostado tambem delle pelo grande numero de fundações, que alli plantava, e não menos pela aversão que os máos tem de modo ordinario aos Servos de Deos) fez tudo o que pôde para dar esta satisfação áquelle Rei.

E o grande Francisco rebatendo todas estas instancias, chegou a dizer claramente, que não devia por aquelle modo tentar a Deos, nem tão pouco emprehender uma viagem de quatrocentas leguas para satisfazer a quem pertendia um milagre por um fim tão baixo, e todo humano; mas o Monarcha enfermo, esperando sempre achar meio de prolongar a vida com as orações do Santo, presente á sua vista, dirigio-se com empenho ao Papa Sixto IV, o qual expedio logo a Francisco dous Breves, um depois do outro, obrigando-o com preceito a partir sem demora para a côrte do Rei de França.

Conhecendo então Francisco que era do agrado de Deos esta viagem, (depois de haver dado as providencias necessarias para o governo dos conventos da sua Religião no Reino de Napoles, e Cicilia) se pôz logo a caminho com o fidalgo, que o Rei mandára para seu conductor: ao passar por Napoles, foi logo visitado, não só pelo Legado Apostolico, senão ainda pelo mesmo Rei, e seus filhos; e chegando a Roma, foi tambem visitado por todos os Cardiaes, e teve tres audiencias particulares do Summo Pontifice, portando-se em todos estes encontros como se elle fosse educado na côrte, e discorrendo em todas as materias com tanta sabedoria, que bem se mostrava fallar o Espirito Santo pela sua boca; e não acceitou o ser promovido ás Ordens Sacras, nem receber algum privilegio do Papa, por não gostar de cousa alguma, que lhe conciliasse a estimação dos homens.

Embarcando, pois, no porto de Ostia, chegou felizmente a França, de que teve tanto prazer o Monarcha enfermo, que premiou com uma bolsa de dez mil escudos ao primeiro que lhe trouxe a alegre nova. Mandou logo ao Delfim (que depois foi Carlos VIII) para o receber em Amboise, e o conduzir á sua presença, aonde chegou em 24 de abril de 1482, e logo o Rei com toda a sua côrte lhe sahio ao encontro, recebendo-o com tanta honra, como poderia fazer ao mesmo Papa.

Prostrou-se, pois, de joelhos a seus pés, rogando-lhe que impetrasse de Deos com suas orações lhe restituisse a saude, e prolongasse a vida; porém Francisco lhe respondeo: que a vida dos Monarchas tinha seus limites, como a dos outros homens; em cujo supposto devia sua Magestade tomar o partido de submetter-se ao Divino beneplacito. O Rei o fez alojar em um quarto proximo á Capella de S. Mathias, destinando a dous seus domesticos para cuidarem delle, e dos religiosos que o acompanhavão. Tratava, pois, o Santo frequentemente com o Rei sobre as cousas pertencentes á sua eterna salvação, e para acceitar a morte com a boa vontade, que deve ter o fiel Christão.

Mas sem embargo da veneração, e respeito que tinhão para com o Santo, assim o Rei, como os Principes, e os maiores senhores da côrte, ainda havia alguns cortezãos libertinos, que fazião mofa da sua simplicidade, chamando-o por derisão o *Bom homem*, no mesmo tempo em que motejavão dos seus vestidos, dos seus cabellos, e do seu exterior, que avaliavão por desprezivel; e até o mesmo Rei, induzido pelo seu medico, entrou em alguma desconfiança sobre a solidez da virtude, que antes venerava neste grande Santo.

E para extrahir o desengano a este respeito, mandou-lhe uma numerosa baixella de ouro, e prata; porém o Santo, não só a rejeitou, senão ainda fez dizer ao Rei: que seria melhor destinar sua Magestade aquellas peças para resarcir de algum modo os damnos, e despezas da guerra, sendo mais que bastantes para elle Francisco, pratos, e vasilhas de barro.

Pouco tempo depois mandou-lhe o Rei uma Imagem da Santissima Virgem de ouro macisso, a qual tinha de valor sete mil escudos, a qual tambem o Santo não acceitou, dizendo: que o objecto da sua devoção não era o ouro, e lhe bastava ter uma estampa da mesma Senhora, pintada em papel; e tornando o Rei a enviar-lh'a, para que empregasse o seu valor em esmolas, ainda assim a recusou, dizendo: *O Rei tem seus esmoleres por cujas mãos se devem fazer essas caridades.*

E não satisfeito ainda aquelle Monarcha com todas estas provas, enviou-lhe uma grossa quantia de dinheiro, pedindo-lhe que acceitasse aquelle donativo, para haver de fabricar um convento da sua Ordem na côrte de Roma; porém o Santo, conservando o mesmo desinteresse, fez dizer ao Rei: que empregasse aquelles dinheiros em beneficio de seus vassallos.

Certificado então o venturoso Principe do heroico desapego de Francisco, o reputou, e venerou dalli em diante por verdadeiro servo de Deos; e ouvindo, e abraçando com docilidade as suas doutrinas, e os seus conselhos, se dispoz resignadamente para a morte, que no anno de 1483 teve entre os braços do mesmo Santo; ao qual o Rei antes de

morrer encommendou os seus tres filhos, e os suffragios pela sua alma; e desta maneira obteve aquelle Monarcha, por meio do Santo uma graça muito maior do que a corporal saude, que tanto antes desejava.

Carlos VIII, filho, e successor de Luiz XI, o honrou mais ainda do que seu pai, obrando sempre por seu conselho em todas as materias da sua consciencia, e nos importantes negocios do estado. Quiz tambem que fosse padrinho do Delfim seu filho, e lhe fundou um convento no parque de Plessis, outro em Amboise, no mesmo logar, em que recebêra ao Servo de Deos, quando chegou a França, e outro em Roma no anno de 1485, só para os Religiosos Francezes da sua Ordem.

Assistindo o Santo no convento de Plessis, retocou, e pôz na ultima perfeição as regras das tres Ordens por elle instituidas, para os Religiosos, e Religiosas, e para os Terceiros seculares, e teve o prazer de ver esta sua obra approvada, e confirmada no anno de 1506, pelo Papa Julio II, como elle antes vaticinára.

E ultimamente no anno de 1507, este homem tão extraordinario, tão universalmente honrado, e tão humilde; este Propheta, obrador de milagres, que renovou na sua vida as maravilhas dos seculos passados; este grande Santo, cujas virtudes eminentes são outros tantos milagres, depois de ver a sua ordem extendida em toda a Italia, pela estimação dos Summos Pontifices, e em França, Hespanha, e Alemanha, pela piedade dos seus Monarchas, e depois de chegar a ser, como oraculo do mundo Christão, e admiração de todos os póvos, cheio de meritos, e virtudes cahio mortalmente enfermo no fim da quaresma do referido anno.

E convocando á sua presença os seus Religiosos do convento de Plessis, aonde se achava, recommendou-lhes o amor de Deos, e a caridade reciproca entre uns, e outros, o fiel cumprimento da sua regra, e particularmente o voto da observancia do alimento quaresmal; e fazendo-se conduzir á Igreja na quinta feira santa, alli se confessou, e recebeo a sagrada Eucharistia, tendo os pés descalços, e uma corda lançada ao pescoço; e reconduzido á propria cella, falleceo na manhã do dia seguinte, sexta feira maior, 2 do mez de abril, tendo de idade noventa e um annos, que n'um corpo tão mortificado pela penitencia, e continuos trabalhos, deve reputar-se por uma nova maravilha.

Levado o seu corpo á Igreja, esteve publicamente exposto pelo espaço de seis dias para satisfazer á devoção dos póvos, até que a Duqueza de Bourbon, filha do Rei Luiz XI, e a Condessa de Angouleme, mãi do Rei Francisco I, o mandárão conduzir na quinta feira seguinte para o tumulo de uma capella, que lhe fizerão fabricar aquellas Princezas, e alli esteve ainda exposto por algum tempo, em que um celebre pintor no dia duodecimo depois da morte do Santo, copiou delle um retrato, inteiramente similhante ao sagrado original, e se acha presentemente em Roma no Vaticano.

E começando desde então os fiéis a experimentar os effeitos da poderosa intercessão do Servo de Deos, por um grande numero de milagres, toda a Europa, e particularmente Italia, e França, entrárão a sollicitar a sua canonização. O Papa Julio II, fez dar principio ás informações, e depois o Papa Leão X, no dia 7 de julho de 1513, collocou a Francisco no catalogo dos Santos, e ultimamente no primeiro do mez de maio do anno 1519, celebrou com extraordinario culto a sua canonização solemne.

E sobrevindo no anno de 1562 os hereges hugonotes, que levavão tudo a fogo, e sangue, e se enfurecião particularmente contra os Santos, queimando os seus corpos, e preciosas reliquias, entrárão furiosos na Igreja do convento de Plessis, e arrombando o tumulo do Santo, extrahírão o corpo, (que achárão inteiro, e com os seus vestidos intactos) e atando-lhe uma corda ao pescoço, o arrastárão até á casa da hospedaria, aonde o queimárão com a lenha que fizerão de um grande crucifixo da Igreja.

Previo o Santo na sua vida esta horrivel impiedade, e o anno certo, em que a executarião os hugonotes, e assim o revelou a um dos seus discipulos, a quem por suas mãos lançou o habito, o qual uns mezes antes do impio attentado o declarou ao Padre Fr. José Tellíer, visitador então, e pouco depois geral da Ordem; mas ainda assim, não quiz Deos privar inteiramente aos fiéis deste precioso thesouro, porque supposto que as carnes do Santo se consumírão no fogo, restárão bastantes ossos, que subtrahidos com destreza por alguns Catholicos, se distribuírão depois por varias Igrejas.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A humildade Christã não é só a base, e o fundamento da virtude, mas póde-se dizer com verdade, que ella é tambem a sua medida, pois quanto a humildade é mais profunda, tanto a virtude é mais eminente; e se a humildade falta, por maior que pareça o edificio, é como fundado sobre areia, que qualquer contrario movimento lhe causará ruina. A humildade, pois, com a caridade, penitencia, desinteresse, e desprezo das cousas do mundo, exercitadas por Francisco em grão heroico, o fizerão grande na presença de Deos.

E estas mesmas virtudes em algum grão, são necessarias a todo o Christão, porque sem ellas ninguem póde ser acceito a Deos, nem ter entrada no Reino dos Ceos. Procuremos, pois, conseguir, e exercitar estas virtudes, pedindo-as a Deos, por intercessão do glorioso Francisco, em vez das graças temporaes. Façamos consistir neste ponto a nossa devoção para com este grande Santo; o qual, pelo que observou com Luiz XI, Rei de França, nos en-

sina, que devemos sobre tudo pertender as espirituaes graças, que o Salvador promette no seu Evangelho a todos aquelles, que lhas pedem com instancia affectuosa, e fiel perseverança.

ABRIL — 3.

DE

SANTA MARIA, EGYPCIACA.

NO SECULO V.

Da vida escripta por um Author grave, e contemporaneo, que seguio a relação dos Religiosos do Mosteiro de Zózimo, que vio, e fallou com a Santa, e pouco tempo depois foi citada esta mesma Historia, não só por varios Escriptores da Igreja Grega, senão tambem pelo setimo Concilio geral, com elogio.

Em tempo do Imperador Theodosio, moço, morava na Palestina um Varão por nome Zózimo, o qual desde os seus primeiros annos educado nos exercicios da virtude, fazia resplandecer nas palavras, e nas obras uma verdadeira piedade. Elle era homem de singular abstinencia, e oração contínua, e não satisfeito com seguir exactamente as instrucções, e exemplos dos seus virtuosos mestres, accrescentava outras muitas mortificações, estimulado pelo desejo de sugeitar inteiramente a carne ao espirito; e como frequentemente se occupava na lição, e meditação da Sagrada Escriptura, estava sempre prompto para praticar as verdades que nella se encerrão, e neste genero de vida perseverou nada menos que até a idade de cincoenta e tres annos.

Chegando, pois, a tão eminente gráo de piedade, suggerio-lhe o demonio um pensamento de soberba, que lhe fazia dizer entre si: « Haverá no « mundo outro anacoreta, que me possa ensinar cousa « nova, que eu não haja praticado no caminho da « perfeição? » E entretendo-se elle (talvez mais do que devêra) neste vaidoso pensamento, sahio-lhe ao encontro um Religioso estranho, a quem Deos revelára o que passava no interior do seu espirito, e lhe fallou deste modo:

« E' verdade, ó Zózimo, que até agora te has « portado, como é justo, mas qual é aquelle, que « possa jactar-se de ser perfeito? Adverte, pois, que « para chegar á salvação ha outros muitos caminhos, « e todos diversos do que tu tens praticado; e para « que melhor o conheças, sahe deste logar, e vai « para um mosteiro, que está junto ao rio Jordão.

Partio logo Zózimo para aquelle mosteiro, cujo Abbade ao recebello perguntou-lhe pela causa, que o trouxera áquelle sitio, ao que Zózimo respondeo, dizendo: *Eu venho aqui para minha edificação, por ter ouvido grandes elogios desta Casa,* e o Abbade lhe disse: « Meu Irmão, aquelle Deos, que póde cu- « rar a enfermidade das almas, se digne de instruir « a nós todos no santo caminho dos seus preceitos; « porque não ha entre os homens quem possa por si « mesmo adiantar a outro na virtude, mas é neces- « sario que cada um attenda sobre si, e que obre « sempre com a graça de Deos o que mais conduzir « para a perfeição, em cujo supposto podeis ficar « comnosco, e viver na esperança de que o bom « Pastor, que a cada uma das suas ovelhas chama « pelo seu proprio nome, haverá de nutrir-vos, e a « nós todos com a graça do seu santo Espirito. »

Recolhido, pois, Zózimo naquelle mosteiro, vio logo em poucos dias, que comparada a vida daquelles Religiosos com a que elle até então praticava, estava mui remoto da sublime perfeição, que de si mesmo presumia; por quanto a communidade daquelles monges era mais uma sociedade de Anjos, que de homens; o seu unico desejo era de agradar a Deos, vivendo em um absoluto retiro, e empregando todo o seu tempo no trabalho de mãos, na oração, e n'um psalmear contínuo; em summa, as austeridades, que por todo o curso do anno se praticavão naquelle mosteiro, não podião ser maiores, e passavão todas as quaresmas no deserto além do Jordão, para honrarem a solidão, em que alli ficou o Salvador, e imitarem o rigor do seu jejum.

Chegada então a quaresma daquelle anno, Zózimo passou tambem o Jordão com os outros, levando comsigo uma escaça provisão de alimento, e o desejo de encontrar naquella solidão algum anacoreta, alli perpétuo habitador, o foi levando para dentro, até que passados vinte dias, estando elle em oração, vio como a sombra de um corpo humano, que velozmente se retirava; elle no principio teve medo, e fez sobre si o signal da Cruz, receando que fosse alguma illusão do demonio.

Mas advertindo logo, que se não tinha enganado, tomou animo, e entrando a correr no alcance

daquelle vulto, até chegar á distancia de poder ouvir-se, gritou, dizendo: *Servo de Deos, porque foges deste pobre velho, e grande peccador? Eu te esconjuro em nome daquelle Deos, por cujo amor habitas neste logar, que te dignes de ouvir-me, e darme tambem a tua benção.* Parando então aquella pessoa entre uns arbustos, que estavão da outra parte, lhe disse: *Abbade Zózimo, lança para aqui a tua capa a esta pobre peccadora, se queres que ella possa fallar-te, e receber a tua benção.*

Atonito o santo velho de se ouvir chamar pelo seu nome em tão remoto deserto, lançou logo a capa áquella pessoa, que com ella se cobrio, e o veio procurar. Zózimo cheio de respeito para com ella, e não sabendo ainda com quem fallava, ajoelhou, pedindo-lhe a benção, porém ella prostrada aos pés do varão santo, lhe disse: *A vós pertence o abençoarme, porque ha muitos annos que sois Sacerdote, e percebeis com as luzes, e graça que Deos vos dá, os Mysterios, e Sacramentos de Jesu Christo.*

E augmentando estas palavras em Zózimo o desejo de conhecer aquella, com quem fallava, lhe perguntou quem era, e em que tempo, e por qual motivo se entranhára naquelle deserto? Ao que ella satisfez, depois de uma breve oração, narrando a sua vida nestes termos:

«Eu sou mulher, nascida no Egypto, e na ida-«de de doze annos, vivendo ainda meus pais, me «ausentei contra sua vontade para a Cidade de Ale-«xandria, aonde comecei a praticar uma vida rela-«xada, e dissoluta. Eu não posso pensar sem gra-«vissimo pejo nos criminaes excessos de sensuaes «desordens, que alli pratiquei, impellida da minha «corrupção, por todo o espaço de dezesete annos «completos.

«E no meio dos fataes ardores da impura pai-«xão, (que me consumia, sem saciar-me) vendo em «certo dia concorrer muito povo para a praia do «mar, desejei saber para onde se dirigião tantas gen-«tes, e respondeo-se-me, que segundo o annual cos-«tume, partião para Jerusalem a celebrar a festa «da Exaltação da Santa Cruz: perguntei eu logo, «se me receberião tambem naquella embarcação? E «se me disse, que não havia dúvida, tendo eu com «que pagar o frete, e respondendo eu, que comigo «mesma, fui logo recebida.

«Ah meu Padre, quanto me confunde a funesta «lembrança das horriveis abominações que pratiquei «naquella viagem! Eu não sei comprehender como «pôde o mar supportar as minhas iniquidades, e «como se não abrio a terra para arrojar viva no in-«ferno a esta miseravel creatura, que fazia cahir a «tantas almas nos tremendos laços da morte!

«Aportando, pois, em Jerusalem, alli continuei «a viver, como fizera em Alexandria; e chegado o «dia da festa, preparei-me tambem para ir á Igre-«ja, e entretendo-me algum tempo na praça, que «fica fronteira ao templo, ao principiar-se a fun-«ção senti em mim mesma um inopinado impedi-«mento, que me difficultava o sahir daquelle logar, «até que applicando toda a minha diligencia, pude «com grande trabalho chegar á porta da Igreja; «mas ao querer entrar dentro, por maior esforço «que fiz primeira, segunda, e terceira vez, outras «tantas experimentei com grande pena, que uma in-«visivel mão me retinha.

«Comprehendi então sem a menor duvida, que «as minhas enormes iniquidades me fazião indigna «de ver o Sacrosanto Lenho, em que obrou Jesu «Christo a Redempção do mundo; e assentando nesta «verdade, entrei a chorar, a gemer, a ferir o peito «e exhalar ardentes suspiros; e estando eu assim «submergida na minha dôr, me dirigi a uma Ima-«gem da Santissima Virgem, que alli de repente se «apresentou aos meus olhos, e lhe fallei desta ma-«neira:

«Virgem Santa, adoravel Senhora, que conce-«bestes segundo a carne a um Deos Omnipotente, «eu bem sei que sendo Vós tão amante da pureza, «deveis ter em horror a uma como eu tão abomi-«navel creatura, mas ainda assim, como sois refu-«gio dos peccadores, espero achar em Vós remedio «efficaz para a minha miseria, e por isso mesmo «que é tão grande a minha iniquidade será depois «maior a gloria do vosso Patrocinio.

«Eu sim reconheço, que só por mim não sou «digna do perdão, mas sei tambem, que por maio-«res que hajão sido os meus excessos, muito maior «sem comparação é a caridade infinita do vosso Fi-«lho Jesus; e por tanto, não me negueis a consola-«ção de ver o Sagrado Lenho, em que elle satisfez «á Divina Justiça as dividas das nossas culpas, e «logo que eu o tiver adorado, fugirei do mundo «para onde Vós minha fiel Conductora me dirigir-«des, e como espero me ordenardes.

«Ditas estas palavras, movi-me daquelle logar, «e mettendo-me entre as gentes, que caminhavão «para a Igreja, entrei, e cheguei sem difficuldade ao «Altar, em que estava exposta a gloriosa Cruz, que «eu adorei com o rendimento, e submissão, que me «foi possivel; e renovando as promessas, que havia «feito, alli me demorei por largo espaço com o rosto «em terra, banhando o pavimento com perennes la-«grimas, e implorando a Misericordia de Deos com «os suspiros do meu coração, deveras contrito, e «humilhado.

«Dalli passei para o Altar da Santissima Vir-«gem, e prostando-me de joelhos, exclamei dizen-«do-lhe com uma nova confiança: Mãi de Deos, «Advogada dos peccadores, Vós me fizestes conhe-«cer a vossa grande bondade, não rejeitando as sup-«plicas de uma creatura, qual eu sou, tão abomi-«navel, e indigna; e como não quero demorar a fiel «execução do que tenho promettido, sêde Vós a mi-«nha Conductora para o porto da salvação pelo ca-«minho da penitencia.

« Ouvi então uma voz, que assim me dizia: « *Passa o rio Jordão, e acharás um venturoso des-* « *canço.* Recommendando-me, pois, á protecção da « Mãi de Deos, parti dalli com presteza, e sem mais « demora, comprando tres pães com uns pequenos « dinheiros que me derão de esmola, sahi da Cidade « correndo para o logar do meu destino, e chegando « á margem do Jordão ao pôr do sol, entrei na Igreja « de S. João Baptista para adorar a Deos, e confes- « sar os meus peccados, depois do que fui lavar as « mãos, e o rosto, para receber o Sacramentado Corpo « de Nosso Senhor Jesu Christo; e rendidas as gra- « ças, comi metade de um dos tres pães, bebi agua « do rio, e lancei-me sobre a terra para tomar de « noite algum descanço.

« Na manhã seguinte ao romper a aurora, pas- « sei o Jordão, e entrei neste deserto, contando na- « quelle tempo vinte e nove annos de idade, e em « todos os quarenta e sete, que passárão desde en- « tão até agora, não tornei a ver pessoa alguma; e « acabando-se-me o pão que trazia, me servírão de « alimento as hervas, e raizes, que encontrava por « estes bosques.

« Nos primeiros dezesete annos devo confessar « que padeci violentas tentações, porque o demonio « me incitava para tornar ao seculo, e entregar-me « ás dissoluções primeiras: mil pensamentos vãos, e « importunos me occupavão a mente, e a carne ao « mesmo passo me fazia sentir os seus estimulos, o « que fortemente me magoava, porém não me aba- « tia; e quando eu me via cercada destas tentações, « prostrava-me por terra derramando muitas lagri- « mas, batendo no peito, e recorrendo ao Ceo pelo « meu auxilio, mais com suspiros, e gemidos, que « com vozes articuladas.

« Lembrava-me das promessas que havia feito « de satisfazer pelos meus peccados com uma rigo- « rosa penitencia; e valendo-me sempre do Patroci- « nio da Santissima Virgem, me sentia animada com « os auxilios da Graça Divina, e assim pouco a pou- « co se forão dissipando as fortissimas tentações, que « me opprimião: eu bem conheço, quanto é severa a « Divina Justiça, e por isso desejo, quanto posso, « plenamente satisfazella, e entretanto a Palavra de « Deos, que em si contém todas as cousas, me ser- « ve tambem de alimento, e vestido, porque o ho- « mem não vive só de pão, e quando aquelles que « não tem affecto ao peccado carecem de vestido, « nas grutas, e cavernas achão sempre o seu refu- « gio. »

Observando então Zózimo, que citava a Santa alguns textos da Escriptura, perguntou-lhe, se a lêra? *Não*, (respondeo ella) *porém Deos me instruio, e a sua Palavra, que é viva, e efficaz se imprimio no meu coração.* Aqui o Santo velho se pôz de joelhos, e disse em alta voz: *Sejais, Senhor sempre bemdito, que assim me fazeis ver os favores que concedeis a quem vos teme, e vos ama. Oh como é certo, que nunca abandonais a quem devéras vos procura!*

Rogando-lhe, pois, a Santa, que se levantasse, lhe disse: « Eu tenho de pedir-vos duas graças, a « primeira vem a ser, que nada publiqueis do que vos « tenho declarado, em quanto eu for viva, e a se- « gunda é esta: que na quinta feira santa seguinte « (porque na quaresma antecedente não podereis) « me procureis neste logar, trazendo comvosco o Sa- « cramentado Corpo de Nosso Senhor Jesu Christo, « para se confortar o meu espirito com este Divino « alimento, que não tornei a receber depois que sahi « da Igreja de S. João Baptista, antes de passar o « Jordão. »

Ditas estas palavras, a Santa pedio a Zózimo a sua benção, e logo se ausentou delle com tanta velocidade, que brevemente a perdeo de vista. Zózimo voltou logo para o seu mosteiro, e não podendo passar o Jordão no principio da quaresma do anno seguinte com os outros monges, segundo o costume, por se achar enfermo, lembrou-se do que a Santa lhe vaticinára, de que não a poderia procurar na quaresma.

Porém achando-se já com saude na quinta feira maior, tomou a Sagrada Eucharistia em uma pequena redoma, e chegando no dia seguinte ao logar assignado, achou que já da outra parte do rio o esperava a Santa, a qual fazendo o signal da Cruz sobre as aguas, veio caminhando sobre ellas, como por terra firme, e chegando á presença de Zózimo, se prostrou de joelhos para receber delle a sua benção; e rogando-lhe no mesmo tempo, que recitasse com ella a oração do *Padre nosso*, e o Symbolo da Fé, recebeo depois o Eucharistico alimento com tanto júbilo do seu espirito, que exclamou dizendo: *Permitti, Senhor, á vossa Serva o sahir deste mundo em paz, segundo a vossa Divina Palavra, pois que chegárão os meus olhos, e o meu espirito a ver, e receber o meu Salvador.*

E voltando-se para Zózimo, lhe disse ainda: « Perdoai-me, Padre, o incómmodo que vos tenho « causado, e fazei-me mais esta graça: Passado um « anno, tornai ao logar, aonde vos fallei na primeira « vez, e alli me achareis como o Senhor for servi- « do. » Ao que respondeo o Santo velho: *Provéra a Deos que estivesse em meu poder o ir comvosco, e gozar de vossa presença na minha vida!*

Apresentou-lhe então para comer o limitado provimento que trouxera, porém ella tomou só tres lentilhas, que metteo na boca, dizendo ao mesmo tempo: que a graça do Espirito Santo basta para conservar a vida do corpo, e da alma na sua pureza; e recommendando-se ás orações de Zózimo, tornou a passar o Jordão, caminhando sobre as aguas, como antes havia feito.

Voltando, pois, Zózimo cheio de admiração, e alegria para o seu mosteiro, no principio da quaresma do anno seguinte partio para o deserto com os

outros monges, segundo o annual costume; e dirigindo-se logo ao logar insinuado, sim achou a Santa, porém já morta, estendida sobre a terra, envolta na mesma capa, que elle lhe dera dous annos antes para se cobrir, com a face voltada para o oriente, e as mãos postas em fórma de cruz; e quando a mágoa, e a suspensão lhe deo logar, vio delineadas sobre a arêa proxima ao corpo as palavras seguintes: *Zózimo, enterrai o corpo da miseravel Maria, que faleceo no mesmo dia de sexta feira santa, passadas poucas horas, depois de receber por vossa mão o Sacramentado Corpo do Senhor.*

Enternecido Zózimo com este aspecto, entrou logo em um largo pranto; e ficando depois pensativo sobre o dar sepultura ao cadaver da Santa, por falta de instrumento, sobreveio um leão, que lhe evitou o trabalho, formando alli mesmo uma cova capaz para aquelle effeito; e concluindo o enterro com as orações costumadas, voltou o Santo para o seu mosteiro, cantando hymnos, e louvores a Deos. Referio depois toda esta historia áquelles santos Religiosos, que lhes servio de grande estimulo no caminho da virtude; e elle continuando a viver nos exercicios de piedade até á idade de cem annos, foi gozar na presença de Deos o premio dos seus meritos. Não se sabe com certeza o dia do seu obito; e no que respeita á morte da nossa Santa Maria, julga-se que foi no anno 421 da Era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Entre os muitos exemplos dos grandes peccadores, que por Misericordia de Deos sahírão do profundo abysmo da iniquidade, em que jazião, é sem duvida um dos mais illustres o de Santa Maria Egypciaca, não só convertida, mas ainda sublimada a uma santidade eminente; assim, pois, por maior que seja o numero, e gravidade das culpas commettidas, confiemos todos na Divina Misericordia, que excede infinitamente a todas as nossas miserias, e nos méritos de Jesu Christo, que satisfez com abundancia por nós todos á Divina Justiça.

Lancemo-nos, pois, nos seus braços, e convertamo-nos devéras, abandonando o peccado; e abraçando a penitencia debaixo da protecção da piissima Virgem Maria, como fez a nossa Santa, e não duvidemos do perdão dos nossos delictos, porque ainda que as nossas almas fossem tão negras como um carvão, ficarião mais brancas do que a neve, segundo a infallivel promessa, que Deos nos faz pelo seu Propheta Isaias.

Em cujo supposto, não nos desanimemos quando depois de convertidos nos virmos tentados; mas humilhemo-nos diante da Magestade de Deos, implorando com fervor, e perseverança o seu auxilio, e o patrocinio de Maria Santissima, evitando com diligencia todo o incentivo da culpa, que de modo ordinario procede das más companhias; pois que não podemos inteiramente separar-nos do commercio dos homens, como fez esta Santa Penitente.

ABRIL — 4.

DE

SANTO ISIDORO,

BISPO, E DOUTOR DA IGREJA.

NO SECULO VI, E VII.

As noticias mais certas sobre a vida, e acções deste grande Santo, são as que se deduzem do que escreveo delle S. Braulio, Bispo de Saragoça, seu Discipulo, e Santo Ildefonso Arcebispo de Toledo.

A familia de que procedeo Santo Isidoro, era illustre nas Hespanhas, não só pela distincta nobreza, (alliada com o sangue dos Monarchas daquelle reino) senão tambem pela piedade christã, pois que dous irmãos seus, Leandro, Bispo de Sevilha, e Fulgencio, Bispo de Cartagena, e não menos sua irmã Florentina, são na Igreja honrados como Santos. Isidoro, pois, educado por S. Leandro desde a sua infancia, igualou-o na virtude, e excedeo-o na sciencia.

Elle, em quanto viveo S. Leandro, servio utilmente a Igreja de Sevilha, como seu digno Ministro, instruindo frequentemente os póvos, e compondo sabias obras contra a ariana heresia, que começava a

grassar nas Hespanhas, e cooperou tambem com o Santo Bispo seu irmão para a conversão de um grande numero de Visogodos, inficionados com aquelle heretico veneno, e principalmente para a mudança do famoso Recaredo seu Monarcha, o qual abjurando em fim o pernicioso erro, abraçou devéras a Fé Catholica.

E passando a melhor vida o santo Bispo Leandro no principio do seculo setimo, foi com unanime consenso eleito para seu successor Santo Isidoro, que muito a seu pezar acceitou aquelle emprego; mas appareceo logo em o seu novo estado, como um candeeiro de muitas luzes, assim pelos exemplos da sua vida santa, como pelas instrucções continuas, que por voz, e por escripto começou a dar ao seu povo.

O seu primeiro cuidado foi applicar todo o esforço para instruir os clerigos mancebos na piedade, e no estudo das Divinas Escripturas, e dos Santos Padres, a fim de formar perfeitos ecclesiasticos, que depois fossem capazes de ensinar, e edificar o numeroso rebanho do seu bispado; e cuidando não menos em que florecesse entre os monges, e religiosos a perfeição Evangelica, compoz para este effeito, e lhes deo uma regra, dividida em vinte e quatro capitulos, adaptada aos costumes do paiz, e muito similhante á do Patriarcha S. Bento; e fez tambem para as Religiosas uns sabios regulamentos, que depois se introduzírão nos decretos do concilio II, de Sevilha, em que o Santo presidio no anno de 616.

Achava-se naquelle tempo em grande decadencia a disciplina ecclesiastica nas Hespanhas, não só pelas guerras, e incursões dos barbaros, que tinhão conquistado a maior parte das Provincias, senão tambem pelas diversas heresias, (especialmente as dos Arianos, e Priscilianistas) que o demonio pelos seus ministros havia semeado naquelles póvos. Para remediar, pois, estes males congregou o Santo Bispo varios concilios, em que por obra sua se formárão saudaveis Canones sobre a pureza da Fé, e dos costumes.

O mais célebre entre todos foi o quarto concilio de Toledo, no anno de 633, composto de varios Bispos, e Metropolitanos, a que presidio Santo Isidoro; não só pela dignidade da sua Igreja de Sevilha, senão ainda em consideração do seu merito pessoal, que pela sua sciencia, e santidade o fazia venerar universalmente, como Doutor insigne, e Mestre o mais illustre da Ordem Episcopal. Com effeito o Santo foi a lingua deste concilio, em que se restabeleceo a disciplina da Igreja, e se condemnárão todos os hereticos erros.

E sem embargo de se occupar sempre o Santo Pastor no governo, e direcção das suas ovelhas, não deixou de escrever varias obras, que bem dão a ver a sua grande sciencia, e vastissima erudição, tanto mais admiravel, quanto elle vivia em um seculo, em que pela corrupção dos barbaros estavão lastimosamente decahidas as sciencias ecclesiasticas, e profanas. Porêm o nosso Santo, além de saber as linguas latina, grega, e hebraica, era tão vasta a sua erudição, que todos o veneravão por um Doutor, e Mestre universal.

Elle na sua vida compoz varias obras, das quaes ainda nos restão os seus Commentarios sobre os livros da Sagrada Escriptura, os tratados dogmaticos sobre a ecclesiastica disciplina, e varios opusculos moraes, e asceticos sobre os Divinos Officios, que justamente lhe merecêrão o titulo de Doutor da Igreja.

Finalmente conhecendo o Santo que Deos o queria levar para si, depois de haver governado a sua Igreja pouco menos de quarenta annos, entrou a dar-se com mais fervor á oração, e penitencia por todo o espaço de seis mezes, no fim dos quaes pedio a dous Bispos seus amigos, que o levassem á Igreja de S. Vicente Martyr, aonde prostrado em terra, e coberto de cilicio, recebeo os ultimos Sacramentos com summa devoção, e humildade; e havendo repartido tudo o que lhe restava aos pobres, entregou a sua ditosa alma ao Senhor no dia 4 de abril do anno 636 da Era de Christo, e primeiro de Quintilla, Rei de Hespanha.

Sentio-se a sua morte em todo o Reino, e o seu corpo foi sepultado em Sevilha, aonde depois, escondendo-o os Christãos, no tempo da invasão dos mouros, assim esteve occulto por todo o espaço de trezentos annos, até o reinado de Fernando I, de Leão, o qual mandando áquella Cidade (com permissão do Rei della) procurar os corpos das Virgens Justa, e Rufina, que alli padecêrão martyrio, enviando para este effeito dous Bispos, com alguns Fidalgos, Santo Isidoro lhes appareceo, e lhes disse: que Deos era servido de o levarem a elle, e deixarem aquellas Santas na sua patria, que seria reconquistada por outro Fernando.

E dando-lhes os signaes certos do logar onde jazia, o achárão, e conduzírão para a Cidade de Leão, aonde foi recebido com immenso jubilo por todo o povo, e particularmente pelo devoto Rei Fernando, que mandou fabricar alli um templo magnifico em seu obsequio, e um precioso cofre de ouro para seu deposito, constituindo para seus capellães aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, moradores no mosteiro immediato ao mesmo templo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Os que são chamados para as funcções da vida activa, devem sempre portar-se com grande fidelidade, e perenne diligencia, porque obrar de outro modo seria arruinar a ordem da Providencia Divina; e para não cahirem na illusão, (como facilmente lhes póde succeder) devem de tempo em tempo, á imitação de Santo Isidoro, applicar-se aos exercicios da vida contemplativa; porque estando mais expostos ás distracções pelo seu estado, mais se devem chegar a Deos pelo recolhimento, para não deixarem jámais de lhe estar unidos por amor.

ABRIL — 5.

DE

S. VICENTE FERRER,

PRÉGADOR APOSTOLICO.

NO SECULO XIV.

A vida deste Santo, que poucos annos depois da sua morte escreveo Pedro Ranzano, Religioso da Ordem dos Prégadores, por commissão do Reverendissimo Geral da mesma, acha-se inteira na obra dos Bollandistas, com outras noticias, que respeitão ás acções, e milagres do mesmo Santo.

O glorioso S. Vicente Ferrer, ornamento da Sagrada Ordem dos Prégadores, e varão verdadeiramente Apostolico, nasceo em Valença, Cidade do Reino de Hespanha, em o dia 23 de janeiro do anno 1357. Seus pais Guilherme Ferrer, e Constancia Micheli, da principal nobreza da mesma Cidade, o educárão sollicitamente com a singular piedade, que elles praticavão, especialmente para com a Paixão de Jesu Christo, e para com a Santissima Virgem, de que elle por tanto em toda a sua vida foi devotissimo.

O Ceo o dotou de um raro talento, e de uma extraordinaria memoria, e o que é mais importante, de uma grande inclinação para a virtude, e assim passou Vicente os primeiros annos da sua mocidade em uma séria applicação aos estudos, trocando os jogos, e passatempos pelos exercicios da oração, e de outras obras pias convenientes á sua idade, até que inspirado pelo Senhor voltou as costas ao mundo, e consagrando-se inteiramente ao serviço de Deos, entrou na Religião de S. Domingos, tendo de idade 17 annos.

E como todo o seu intento era adquirir a perfeição, e santificar-se a si mesmo, e ao proximo, segundo o espirito daquelle instituto, emprehendeo com todo o fervor a mortificação, e exacta observancia regular, e se applicou aos sagrados estudos das Divinas Letras, e dos Santos Padres, para deduzir aquellas luzes, que depois com tanto fructo communicou aos outros, mediante a prégação da palavra de Deos; e o bom regulamento para estes estudos, elle mesmo o descreveo nas palavras seguintes:

Ninguem, por mais agudo, e excellente que seja o seu engenho, ponha em esquecimento o que póde mover a devoção; antes deve referir para Jesu Christo todo o seu litterario aproveitamento. Quando estiver lendo, e estudando feche alguma vez os olhos do corpo para entrar com os do espirito nas chagas do Salvador, e torne depois a continuar a sua leitura; e deixando de estudar, dirija ao Ceo alguma breve, e efficaz oração, na qual com gemidos, e suspiros, que saião do íntimo do coração, implore o Divino favor; e assim, passando do estudo á oração e da oração ao estudo, terá mais fervor na oração, e achará maior clareza, e proveito no estudo.

Macerava Vicente a sua carne com um jejum contínuo: (exceptos os domingos) velava uma boa parte da noite em oração, tomando só um breve descanço, vestido sobre a palha, ou sobre umas varas de vide. Recatava os seus sentidos, especialmente os olhos para com as pessoas de diverso sexo, fugindo de tratar com ellas, senão só para sua direcção espiritual, ou para ouvir as suas confissões. Era pacifico, e affavel com todos, e respirava nas suas acções uma tal pureza de costumes, e uma tão agradavel modestia, que attrahia os corações dos que tratavão com elle.

Irritado então o demonio pela pratica de tantas virtudes do glorioso Vicente, empenhou contra elle todo o seu furor com muitas vehementissimas tentações, inquietando-o de noite, e dia a toda a hora, com sonhos, fantasmas, e suggestões impuras; porém o Santo, recorrendo a Deos, e á Santissima Virgem, com grande confiança no seu auxilio, e só desconfiando de si mesmo, sempre se conservou puro, e immaculado, com glorioso triunfo sobre o infernal inimigo.

Vendo, pois, este anjo das trévas quanto erão inuteis para com Vicente as suas diabolicas artes, valeo-se de algumas depravadas mulheres, para offuscar (quando mais não podesse) o geral conceito de virtude, que o fazia para com todos veneravel. Assim, pois, uma daquellas miseraveis, fingindo-se enferma, e mandando-o chamar a casa, com o pretexto de confessar-se, passadas as primeiras razões, e cumprimentos ordinarios, lhe declarou logo o seu intento.

E como Vicente, fugindo sem demora, evitou os laços daquella furia, ella considerando-se offendida, teve o desaforo de accusar publicamente ao Santo de lhe haver feito violencia; e supposto que as

pessoas cordatas, que conhecião a virtude de Vicente não davão credito algum aos testemunhos falsos daquella depravada mulher; com tudo, os libertinos, já resentidos do zêlo, com que o Santo lhes censurava os vicios nas suas prédicas, tomárão agora motivo para lhe fazerem satyras, desacreditando-o a cada passo por verdadeiro hypocrita, e falso Religioso.

Supportou Vicente com virtuoso silencio, e paciencia constante aquellas murmurações indignas, e abominaveis calumnias, até que o Divino Senhor tomando a defensa do seu Servo, dispôz que aquella desgraçada fosse possuida, e atormentada pelo demonio; do qual não se pôde ver livre senão por meio das orações do Santo, depois de haver confessado, e detestado o seu delicto.

Seguio-se a esta victoria o novo combate de outra infame meretriz, a qual procurando, e achando occasião opportuna, se foi esconder na cella do Santo; e entrando elle depois, sem tal presumir, se pôz em oração, segundo o seu costume, e passando logo ao estudo, sahio aquella infame, sollicitando-o para a maldade. Vendo, pois, Vicente, que com a fuga não evitava o escandalo, cheio de confiança na Divina Misericordia fallou áquella mulher com tanta efficacia sobre a enormidade da intentada culpa, que ella sem mais demora, prostrando-se a seus pés arrependida, lhe pedio humildemente perdão, e edificou depois ao publico com a sua penitente vida, quanto o havia escandalizado com as suas criminaes desordens.

Mas ainda o infernal espirito continuou o seu maligno intento, valendo-se de um velho depravado, a quem Vicente varias vezes reprehendêra pelas culpas da sua má vida; este, pois, vestindo para seu disfarce um habito da Ordem de S. Domingos foi passar a noite com uma mulher publica, a qual pouco satisfeita com a módica paga, que elle pela manhã lhe dera, lhe não permittio sahir de casa, sem primeiro lhe dizer o seu nome: *Eu me chamo Vicente Ferrer*, (respondeo aquelle ímpio) *mas peço-vos a graça de que não publiqueis a minha fraqueza.*

Ella assim lh'o prometteo, mas sem intenção alguma de sustentar a sua palavra, porque logo no mesmo dia publicou aquelle successo, e com taes circumstancias declarou aquella dolosa noticia, que ainda alguns circumspectos ficárão um pouco vacillantes sobre a pureza de Vicente. Sentio elle devéras aquella negra calumnia, e acceitou resignadamente por amor de Jesu Christo a fatal confusão, que dalli lhe resultava, deixando ao Senhor o cuidado da sua justificação, e da sua innocencia.

Porém os seus parentes, e amigos não se mostrárão assim resignados, e principalmente seu irmão Bonifacio, que era naquelle tempo um dos primeiros Magistrados de Valença; o qual bem persuadido da virtude solida de Vicente, fez vir á sua presença aquella depravada mulher, e perguntando-lhe logo, se ella reconheceria o Religioso, de quem se queixava: *Sem a menor dúvida*, (respondeo prompta) *e com certeza tal, que o distinguirei entre muitos mil.*

Então o sábio Magistrado tomando occasião de uma procissão geral da Cidade, que acompanhavão todos os Religiosos, mandou pôr a tal mulher em sitio desembaraçado, aonde os fosse vendo, para mostrar o culpado; e apresentando-se-lhe depois ao Padre Vicente, que ella tinha visto, sem o notar, respondeo na presença de todos os circumstantes: que ella ignorava o nome daquelle Servo de Deos, a quem tinha ouvido prégar quatro vezes depois que estivera em Valença, e que um tal Santo, e tão grande Prégador não podia ser libertino, como aquelle a quem ella accusava, o qual era de maior idade, e tinha o cabello quasi todo branco. Pelos signaes desta relação descobrio-se o tal infame impostor; e aquella abominavel calumnia servio para dar novo lustre ao bom credito de Vicente, augmentando a opinião da sua heroica santidade.

Ainda não havia um anno depois da vinda de S. Vicente a Valença, quando o Cardeal de Luna, que fôra eleito Papa em Avinhão com o nome de Benedicto XIII, no anno de 1394, por morte de Clemente VII, (ao mesmo tempo que Bonifacio IX, Successor de Urbano VI, occupava o Throno de S. Pedro em Roma) Benedicto pois o mandou chamar, e o tomou por seu Confessor, dando-lhe tambem o emprego de mestre do Sacro Palacio; e supposto que tudo o que respirava dignidade, e preeminencia inquietava ao Santo, acceitou com tudo aquelles empregos, parecendo-lhe ouvir a voz do Vigario de Jesu Christo na de um homem, a quem naquelle tempo toda a Hespanha, e França reconhecião por verdadeiro Papa.

Passados, pois, dezoito mezes, que teve o Santo de assistencia em Avinhão, sobreveio-lhe uma violenta febre, que o constituio na mais perigosa debilidade; e estando proximo a expirar, appareceo-lhe o Senhor, e o mandou prégar o Evangelho, como seu Apostolo; e recebendo elle na repentina cura da sua molestia uma visivel prova da verdade daquella visão, partio com presteza para a sua Missão Apostolica, que começou por Hespanha no anno de 1397; e logo o seu zêlo obrou tantas conversões nos Reinos de Catalunha, Valença, Murcia, Granada, Andaluzia, Leão, Castella, Asturias, e Aragão, que lhe merecêrão o glorioso titulo de *Apostolo de toda a Hespanha.*

Entrou depois na França aonde a seara era mais copiosa, e com effeito os póvos do Languedoc, da Provença, e Delfinado correspondêrão maravilhosamente aos trabalhos do seu zêlo, pela reforma geral dos costumes nas gentes de todos os estados. Passou logo a Italia, e discorreo com igual successo pelas terras principaes, de Genova, Piemonte, Lombardia, e Saboia; e fazendo tambem o mesmo em

varias partes de Alemanha, sempre com o maior fructo das suas incansaveis fadigas, era com razão denominado o *Apostolo de toda a Europa.*

Não é possivel descrever com exactidão as longas viagens, os trabalhos excessivos, e copiosos fructos, e admiraveis prodigios deste grande Santo. Apenas elle apparecia, sentião-se os maiores peccadores penetrados até o coração; e a graça, que acompanhava sempre a sua eloquencia, completava nelle as suas conversões. As verdades terriveis da Religião, a morte, o inferno, e o rigor do final juizo erão o assumpto ordinario dos seus discursos. Elle prégava com tal força, tanto zêlo, e unção, que lançava terror até nas almas mais insensiveis; e, em summa, todo o mundo confessava, que não era possivel ouvir a S. Vicente, e perseverar depois na desordem.

Não se póde duvidar de que tivesse o nosso Santo o dom de linguas, porque o grande numero de judeos, mouros, saracenos, turcos, e esclavonios, que elle tirou da infidelidade, além dos innumeraveis hereges, scismaticos, e peccadores endurecidos, que elle converteo na Hespanha, França, Italia, e Alemanha, e ultimamente nos Paizes-Baixos, e Inglaterra, provão assás que não era possivel sem milagre fazer-se entender por tantos póvos differentes.

Tambem o dom de milagres acompanhava nelle o da palavra, ainda que se póde dizer, que a maravilhosa força das suas prégações procedia tambem do exemplo, e santidade da sua vida, assim como da vehemencia dos seus discursos, e da grandeza dos seus prodigios. Elle passava do pulpito para o confessionario, aonde não exceptuava pessoas, e feito assim todo para todos, lucrava milhares de almas para Christo.

A sua devoção correspondia ás suas austeridades; a sua fé, o seu respeito, e o seu amor para com Jesu Christo no Sacrificio do Altar enternecia a todos os assistentes; e a sua devoção para com a Santissima Virgem foi sempre a sua amada virtude, e que elle persuadia com maior efficacia a todos os seus penitentes. Tal era o operario, que Deos escolhêra para o ministerio da sua palavra, authorizada pelo mesmo Senhor com mais de outocentos milagres, que constão dos processos feitos para a sua canonização, cuja bulla nesta parte diz assim: *Em confirmação da sua prédica, e santa vida, expulsou a virtude Divina muitos demonios dos corpos humanos, a muitos surdos restituio o ouvido, a muitos mudos a falla, illuminou os cégos, purificou os leprosos, resuscitou os mortos, e sarou innumeraveis afflictos de varias enfermidades.*

Com a noticia de tantas, e tão grandes maravilhas João V, Duque de Bretanha menor, escreveo ao Santo, rogando-lhe com instancia, que viesse prégar aos seus estados: acceitou elle o convite, e foi recebido em todas as Cidades com tão alta estimação, como se poderia fazer ao Summo Pontifice; e empregando alli dous annos nas suas apostolicas fadigas, por ellas summamente attenuado, não menos que pelas suas rigorosas penitencias, (que sempre continuou, apezar do seu laborioso ministerio) completou o curso dos seus dias na Cidade de Vannes com uma morte preciosa, e foi receber no Ceo a eterna recompensa dos seus meritos, e singulares virtudes no dia 5 de abril do anno 1419, tendo de idade quasi setenta.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A memoria deste Santo é celebre na Igreja, tanto pela sua grande Santidade, como pelos innumeraveis prodigios, que Deos obrou por seu meio. Com razão, pois, professão os fiéis uma especial devoção para com elle, e recorrem ao seu patrocinio em todas as suas indigencias.

Porém deve-se advertir com Santo Agostinho, que os Santos se interessão por nós, e nos obtém graças temporaes, afim de que estas nos sirvão de estímulo, para sollicitarmos as que pertencem á nossa eterna salvação. Este foi todo o cuidado do glorioso S. Vicente, em quanto viveo na terra, e este muito mais é o seu desejo agora que se acha no Ceo, para que Deos seja por todos conhecido, amado, e glorificado, como é devido.

ABRIL — 6.

DE

SANTA EUFROSYNA,

POR OUTRO NOME EUFRASIA, VIRGEM,

ALEXANDRINA.

NO PRIMEIRO DIA DE JANEIRO, E PARA COM OUTROS A 11 DE FEVEREIRO.

NO SECULO IV.

Da vida, que logo depois da morte desta Santa escreveo um author grego, cujo nome se não sabe, nem tambem o do seu interprete, copiada pelo célebre Rosweido no Livr. I das Vidas dos Padres do Ermo, e se acha por extenso na Obra dos Bollandistas em o dia 11 *de Fevereiro.*

Houve na Cidade de Alexandria um varão nobre, rico, e de grande piedade por nome Pafnucio, casado com uma senhora de igual nobreza, e louvaveis costumes. Ambos tinhão vivido em muita paz, e com summa edificação dos seus visinhos pelo decurso de alguns annos, mas sempre com grande tristeza, por não terem successão para a sua casa, até que por varias esmolas, e obras pias, e não menos pelas orações dos virtuosos monges de um mosteiro proximo á Cidade, obtiverão a graça de uma filha unica, á qual derão por nome *Eufrosyna.*

Dada ella por Deos, e prevenida desde o berço com os dotes da graça, e da natureza, crescia cada vez mais na belleza do corpo, e da alma, na instrucção da doutrina, e no exercicio das virtudes; e divulgada a fama do singular merito da sua pessoa, que já chegava á idade de dezoito annos, entre os muitos, e nobres pretendentes, que aspiravão á felicidade da sua alliança, a um de mais altas qualidades foi por seu pai consignada, havendo já seis annos, que sua mãi era fallecida.

Entretanto o pai de Eufrosyna, conduzindo-a ao referido mosteiro, como fructo das orações dos seus monges, alli se demorou por tres dias, com grande consolação do seu espirito, e de sua filha; e ao despedir-se, pedindo elle ao Abbade que a abençoasse, elle o fez logo, e juntamente esta oração a Deos: *Vós, Senhor, que conheceis o homem antes que nasça, dignai-vos de proteger esta vossa serva, para que mereça gozar-vos na celeste patria.*

Passado algum tempo, mandou o Abbade convidar a Pafnucio para assistir a uma principal festa, que se fazia no seu mosteiro, e o monge enviado não o achando em casa, por haver sahido fóra, Eufrosyna que o vio, o chamou, e lhe fez estas perguntas: *Dizei-me, irmão, quantos monges existem naquelle mosteiro? Trezentos e cincoenta e dous,* lhe respondeo: *E o vosso Abbade* (continuou ella) *aceita a qualquer pretendente, que alli quer viver? Com muito gosto* (respondeo o monge) *conhecendo elle, que vem com bom espirito.* Informou-se depois com miudeza sobre as orações, penitencias, e mais exercicios, em que passavão os monges as horas do dia, e da noute, e ficou tão edificada, e tão cheia de prazer, que rompeo dizendo: *Oh quem me dera poder praticar uma tal vida!*

Chegando, pois, Pafnucio, e recebendo o convite do Abbade, partio sem demora com o monge; e Eufrosyna já resoluta a rejeitar o matrimonio, e seguir a vida monastica, discorria assim comsigo mesma: « Eu se entrar em algum mosteiro de mulheres, meu « pai, que tem grande poder, me tirará com violen- « cia, e me entregará ao esposo, a quem estou pro- « mettida, devo logo procurar outro couto, e seguir « outro meio. »

E assentando nesta resolução, despio o trage de mulher, e vestindo-se de homem, sahio occultamente de casa no principio da noute, que foi passar em um sitio remoto, e na manhã seguinte, chegando ao mosteiro visinho, fez dizer ao Abbade, que um domestico do paço lhe desejava fallar. Vindo então o Abbade, Eufrosyna se prostrou a seus pés, e lhe fallou assim: « Reverendissimo Padre, eu sempre que « estive no paço intentei ser monge; quizera, pois, « aqui professar uma tal vida, pelas boas informa- « ções, que tenho desta casa.

« De boamente, meu filho, (respondeo o Abbade) « e como é o teu nome? Esmaragdo, lhe disse ella; « porém como tu és moço, e delicado (replicou o « Abbade) careces de um sabio mestre, que haja de « ensinar-te, e suavemente dirigir-te no que respeita « á regra, e exercicios dos monges. » Chamou logo o Abbade um santo monge por nome Agapito, muito versado em materias de espirito, e entregando-lhe a Esmaragdo, lhe disse: *Aqui tens este discipulo, que tratarás, como filho, e com tão diligente cuida-*

do, que se for possivel, exceda ainda ao proprio mestre.

Com effeito entrou Esmaragdo a seguir a vida commum com tal actividade, e com tanto prazer, que se distinguia entre os mais pelo fervor, e perfeição; porém como a sua formosura era rara, valeo-se della o demonio para trazer a todos inquietos, suggerindo-lhes máos pensamentos, o que sabido pelo Abbade prudente, disse a Esmaragdo:

«Eu receio, meu filho, que a tua face venha «a ser espiritual ruina para algum dos teus socios; «e para que assim não succeda, mando preparar-te «uma cella solitaria, donde não sahirás sem ordem «minha, e alli cumprirás, pelo modo possivel, as «tuas orações, penitencias, e mais exercicios da vida «monastica.» O que fielmente executou pelo grande espaço nada menos de trinta e oito annos, com justa edificação, e admiração de todos; principalmente de seu mestre, que da porta lhe ministrava, e diligentemente o attendia.

Tornando agora a Pafnucio, quando voltou da festa, a que o convidára o Abbade.... Entrou elle em casa, e não achando a filha no cubiculo em que assistia de modo ordinario, perguntou por ella ás criadas, as quaes lhe disserão, que não a tinhão visto desde o dia antecedente, pelo que, cheio de susto, receando que algum mancebo a houvesse enganado, e com ella fugido, expedio logo criados por toda a parte, para a extrahirem por força, donde quer que estivesse; mas por mais que a buscárão nas casas da Cidade, nos mosteiros das religiosas, nas cavernas dos bosques, e até nas embarcações, que estavão no porto, voltárão com o desengano, de que absolutamente não apparecia.

Então Pafnucio summamente consternado, foi ter com o Abbade referido, e prostrando-se a seus pés todo banhado em lagrimas, lhe disse: *Rogo-vos, meu Padre, que oreis a Deos. para que se não perca o fructo das vossas deprecações, porque minha filha não apparece, e não sei a causa deste successo.* Ouvindo isto o velho venerando, contristou-se muito, e convocando logo a todos os monges, ordenou-lhes com empenho, que rogassem instantemente a Deos, para que se dignasse de revelar-lhes o que era feito da filha do seu bemfeitor, e amigo Pafnucio.

Elles assim o cumprírão, orando, e jejuando (mas sem noticia alguma a este respeito) por toda aquella semana; porque Eufrosyna rogava a Deos no mesmo tempo, que a conservasse incognita naquelle retiro. Chegando, pois, Pafnucio, passados alguns dias, lhe disse o Abbade: «Vós, meu carissi«mo, não ignorais, que nem uma folha de arvore «cahe na terra sem permissão divina; da vossa fi«lha nada nos foi revelado, e eu tenho por bom si«gnal este silencio, porque a não ser assim, Deos «não deixaria de no-lo dar a entender, como tem «praticado em similhantes occasiões; e por tanto «espero no mesmo Senhor, que ainda nos vossos «dias vos fará ver melhorada a vossa filha.»

Pafnucio ouvindo isto, recebeo alguma consolação, e continuando a vir de tempos em tempos visitar aquelle mosteiro, e recommendar as orações dos seus monges, em uma occasião destas disse elle ao Abbade: «Meu Padre, orai por mim, porque me «vejo opprimido cada vez mais da minha justa dôr. «Disse-lhe então o Abbade: Quereis vós fallar com «um nosso virtuoso monge, que nos veio do palacio «de Theodosio? Com muito gosto, respondeo Paf«nucio.»

Chamou logo o Abbade a Agapito, e lhe ordenou, que conduzisse a Pafnucio á cella de Esmaragdo, que logo o conheceo por seu pai, e começou a chorar, o que elle attribuio a compunção, não a reconhecendo por filha sua, pela mudança que lhe havião feito os jejuns, e as mais penitencias, e tambem porque ella encobrio parte do rosto com a ponta da cogúla, para não ser conhecida.

Feita, pois, uma breve oração, sentárão-se ambos, e Eufrosyna começou a discorrer sobre a gloria sempiterna da Bemaventurança futura, a qual, mediante a Graça de Deos, se póde conseguir pelo exercicio da humildade, castidade, caridade, e outras mais virtudes, e assim mesmo pela tribulação, que acompanhada da paciencia produz a esperança, e esta com a perseverança firme introduz na posse da suprema felicidade; e passando logo a consolar mais particularmente ao mesmo seu pai na sua afflicção, lhe fallou assim:

«Crêde-me, Senhor, e estai de bom animo, «pelo que respeita á vossa filha, pois se ella fosse «dissoluta, e se achasse em estado de perdição, Deos «o houvera revelado, e não consentira, que o de«monio vos tivesse ainda envolto em um contínuo «pranto; por tanto, pois, dai graças a Deos, e não «vos desconsoleis, porque Elle é poderoso para vo«la descobrir.

«Eu assim o espero, porque vindo vós a esta «casa (segundo me disse Agapito meu mestre) im«plorar as orações dos seus monges em graça de «vossa filha, o nosso Abbade nos ordenou a todos, «que dirigissemos as nossas rogativas a este respei«to; e eu, assim indigno como sou, tenho rogado a «Deos por muitas vezes para que vos conceda lon«ganimidade, e paciencia, e disponha o que fôr mais «conveniente para vossa filha, a qual, como espero, «vereis ainda na vossa vida.»

Despedindo-se então Pafnucio intimamente consolado por Eufrosyna, (da qual, sem a conhecer, se compadeceo muito, pela ver lacrimosa, com o rosto pállido, e macerado das penitencias) foi dizer ao Abbade:

Venho muito edificado pela virtuosa prática daquelle santo monge; e tanto se alegrou, e consolou a minha alma, como se eu houvesse achado a minha propria filha.

Passados, pois, trinta e oito annos (como fica dito) da contínua residencia, que fez Eufrosyna na sua cella solitaria, sobreveio-lhe uma grave molestia, que a reduzio á ultima extremidade; o que sabido por Pafnucio, veio logo cheio de susto visitar o seu querido Esmaragdo, como frequentemente praticava em todos os annos antecedentes; e chegando ao seu leito, intimamente magoado, lhe fallou deste modo:

« Ó meu carissimo Esmaragdo, aonde estão as « promessas, com que me davas a certeza de ver ain- « da a minha filha! Ai, ai de mim, que não só não « a verei, senão ainda a ti mesmo, que eras o meu « unico allivio! E que consolação daqui em diante « poderá ter a minha velhice? Ha trinta e oito an- « nos que vivo na esperança de recuperar a minha « filha, eu de dia, e de noite orava por ella, oravas « tu tambem, e os outros monges a meu respeito, e « como o Ceo a nada disto attendeo, e tu te achas « proximo ao teu fim; que mais posso eu esperar, « se não viver em um contínuo pranto, que me le- « vará mais cedo ao sepulchro? »

Vendo então Eufrosyna a seu pai sem consolação alguma, lhe disse com rosto alegre: « Suspen- « dei, ó Pafnucio, as vossas lagrimas, lembrando- « vos de que Deos manifestou a Jacob o seu Joseph, « que já chorava por morto, o mesmo, pois, vos po- « derá succeder, porque ao Todo Poderoso nada é « impossivel; agora não vos digo mais, peço-vos só, « que por estes tres dias me não desampareis. »

Pensou Pafnucio, ouvindo isto, que alguma cousa lhe revelára Deos a seu respeito, e assim foi alli passando em um contínuo silencio aquelle triduo, no fim do qual, conhecendo Eufrosyna que lhe chegava a sua ultima hora, fez chamar a seu pai, e lhe disse: « Eu quizera render muitas graças a Deos, « por me ajudar com a sua graça a cumprir o meu « proposito, dando-me valor, e perseverança no ca- « minho da virtude, apezar das traições do inimigo. « Agora, pois, que estou de partida para a eternidade, « devo dizer-vos por despedida, que está cumprida a « minha promessa, porque *vós sois meu pai Pafnu- « cio, e eu vossa filha Eufrosyna.* »

E logo inclinando a cabeça, rendeo o espirito nas mãos do Creador entre os braços de seu pai, o qual attonito, e como fóra de si, faltando-lhe o alento, cahio em terra quasi morto; correo então Agapito, e vendo a Esmaragdo já sem vida, e a Pafnucio em terra sem alento, lançou-lhe agua no rosto, para o fazer tornar a si, e lhe disse logo: *Que tendes, senhor Pafnucio?* Ao que elle ainda perturbado respondeo: *Deixai-me morrer aqui, pois não tenho mais que esperar.*

E levantando-se da terra todo banhado em lagrimas, exclamou dizendo, inclinado sobre o rosto de Eufrosyna: *Ai carissima filha, quem me dera acompanhar-te, pois que tão tarde cheguei a verte? E que me importou, amada Eufrosyna, o declarar-me quem eras na ultima hora, se te não verei mais por toda a vida?*

Ouvindo isto Agapito cheio de assombro, foi dar parte ao Abbade, o qual vendo, e contemplando aquella maravilha, rompeo por entre a admiração nesta supplica: *Eufrosyna, Esposa de Christo, lembrai-vos dos vossos con-servos neste mosteiro, e rogai por nós ao mesmo Senhor, para que mediante o soccorro da sua graça, nos portemos de tal modo na presente vida, que mereçamos conseguir depois a salvação eterna.*

Mandou então o mesmo Abbade congregar alli todos os monges, para se dar com a devida honra aquelle santo corpo á sepultura; e elles justamente admirados de um tão estupendo, e não esperado prodigio, glorificavão muito a Deos, que ao fragil sexo feminino dá tanto valor, e constancia, e muito mais depois de verem que chegando-se alli um monge cégo de um dos olhos para beijar a mão da Santa, immediatamente recebeo a vista; e logo o ditoso Pafnucio, distribuindo os seus bens aos pobres, e ao mosteiro, se metteo nelle religioso, e permanecendo por tempo de dez annos em o seu santo proposito, passou deste mundo a acompanhar a filha no eterno Paraiso.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A vida desta Santa, é uma das propostas pela Igreja, como objecto de admiração, que mostra o poder, e a força da Graça, e a diversidade dos caminhos, por onde o Senhor conduz aos seus escolhidos, e não como um exemplo que hajão de imitar as pessoas do seu sexo; porque seria uma perniciosa illusão para qualquer, sem particular, e bem conhecida vocação do Ceo, se se quizesse expôr a um tal perigo; porém serve, e servirá sempre como um documento irrefragavel para desengano expresso da nossa frouxidão, e tibieza.

ABRIL — 7.

DE

SANTO ALEXANDRE,

BISPO DE JERUSALEM, E MARTYR.

EM 18 DE MARÇO.

NO SECULO III.

Eusebio Cesariense no livro da sua Historia Ecclesiastica, e o Doutor S. Jeronymo em o livro dos Ecclesiasticos Escriptores, referem as acções, e virtudes deste illustre Santo.

Foi Santo Alexandre um daquelles grandes varões, que no seculo III, edificárão a Igreja com a santidade dos costumes, com a doutrina, e contínuos trabalhos, que padecêrão por amor de Christo. Não se sabe de certo o paiz do seu nascimento, mas póde-se crer que seria na Capadocia; em cuja provincia (como veremos) foi Bispo, antes que a Divina Providencia o chamasse para governar a Igreja de Jerusalem.

Alexandre, sendo mancebo, aprendeo as sciencias em Alexandria, célebre universidade naquelles tempos, e entre ellas a mais importante, qual é a da Santa Religião, porque sendo alli mestre da famosa escola do cathecismo o illustre S. Panteno, com elle, e com seu successor S. Clemente Alexandrino se instruio o nosso Alexandre no conhecimento, e na pratica da Divina Escriptura, que observou fidelissimamente com uma vida toda santa, segundo as maximas do Evangelho.

Alli conheceo tambem, e travou estreita amizade com o grande Origenes, o qual já desde então, com ser de poucos annos, era venerado por todos como excellente mestre da doutrina ecclesiastica, e um perfeito modello das virtudes Christãs; e por isso lhe conservou sempre um sincero affecto, e estimação verdadeira, fazendo-se seu protector, e defensor seu em todas as perseguições, com que foi depois agitado.

Completos, pois, por Alexandre os seus estudos, e enriquecido, não de ouro, e prata, mas do que mais importa, que é o conhecimento do verdadeiro Deos, das santas maximas da Religião, e das mais sublimes virtudes, voltou para a Capadocia, aonde brevemente foi elevado á dignidade Episcopal em uma Cidade daquella Provincia, de que alguns dizem que fôra a que então se chamava *Fleviade*, e assim se lhe abrio um campo largo para derramar as luzes de que estava cheio, e converter a muitos pagãos, que jazião nas trévas da infidelidade.

Naquelle tempo, que era o principio do III seculo, excitando o Imperador Sevéro uma cruel perseguição contra a Igreja, Santo Alexandre, no anno 204, foi prezo, e apresentado ao tribunal do Governador, diante do qual fez uma generosa profissão da sua Fé, animando por este modo ao seu povo a ser constante na Religião, e a desprezar as lisonjas, e ameaças, os tormentos, e a morte, para se conservarem fiéis a Jesu Christo, e conseguirem depois a vida eterna, que deve ser o unico desejo de um Christão.

Porém Deos, que destinava a este seu Ministro para serviço da sua Igreja, dispôz que por então se lhe não tirasse a vida; ainda que elle mettido em um penoso carcere padeceo um longo martyrio no espaço de sete annos. Neste mesmo tempo, ainda que o seu corpo estava mettido entre cepos, não deixava de cuidar do seu rebanho, e do bem de toda a Igreja.

Elle, no anno 211, escreveo do carcere uma carta aos fiéis de Antioquìa, em que se alegrava de elegerem por seu Bispo a Santo Asclepiades, varão de grande merito, não só pelo seu talento, e doutrina, senão tambem pela confissão da Fé, que fez na presença dos tyrannos; e por isso nesta carta (em que elle se intitulava *servo, e prisioneiro de Jesu Christo*) protestava dizendo, que quasi não sentia os incommodos do seu carcere, pelo grande prazer que lhe produzíra a eleição de um tão santo pastor para o governo daquella Igreja capital do Oriente.

Pouco depois de escripta esta carta, terminados já os sete annos do seu captiveiro, foi Santo Alexandre posto em liberdade com a morte do Imperador Sevéro, a quem succedeo no throno Antonino Caracalla seu filho, que foi favoravel aos Christãos, e bem se deixa ver qual seria o jubilo do povo fiel em recuperar o seu santo, e zeloso pastor; porém durou-lhe pouco este prazer, porque Deos, por um modo extraordinario, chamou a Santo Alexandre pa-

ra o governo da Igreja de Jerusalem, como agora diremos.

Era neste tempo Bispo daquella Cidade S. Narciso, o qual depois de estar muito tempo ausente da sua Igreja, por força de uma calumnia, que lhe impozerão alguns malignos, e reconhecida a sua innocencia, tornou para o pastoral governo em uma idade, que já chegava a cento e dez annos, e consequentemente de poucas forças para suster as fadigas do seu ministerio.

Em cujos termos inspirou Deos a Santo Alexandre, que fosse a Jerusalem visitar aquelles santos logares, e no dia antecedente ao da sua chegada revelou o mesmo Senhor por meio de uma visão, e com uma expressa voz do Ceo, tanto a S. Narciso, como ás pessoas principaes do clero, ser do seu agrado, que fosse Alexandre coadjutor de Narciso, para reger com elle aquella Igreja.

Com effeito, chegado Alexandre a Jerusalem no dia seguinte, foi recebido com extremo jubilo por S. Narciso, clero, e povo daquella Cidade; e concorrendo o consenso do Bispo Metropolitano de Cesaréa, e dos outros Bispos da Palestina, foi feito coadjutor de S. Narciso. Este é o primeiro exemplo, que se encontra na Historia Ecclesiastica de um Bispo transferido para outro bispado; e é tambem o modello de similhantes trasladações, e coadjutorias, que devem ter por motivo a precisão, e utilidade da Igreja, como prescrevem os Sagrados Canones.

Passados, pois, alguns annos, falleceo S. Narciso em uma extrema velhice, e o nosso Alexandre foi continuando por largo tempo a governar santamente aquelle illustre Bispado, com todas as qualidades de um bom Pastor, como se devia esperar de quem por modo tão extraordinario fôra eleito do Ceo para aquelle emprego.

A remotissima antiguidade do tempo em que viveo Santo Alexandre, occultou-nos a noticia expressa das suas acções particulares, pertencentes ao governo da Igreja de Jerusalem; sabemos só, que elle formou alli uma copiosa livraria, recolhendo com immenso trabalho, e consideravel despeza os escriptos dos grandes homens, que tinhão florecido nos seculos precedentes até os tempos apostolicos; o que foi utilissimo a toda a Igreja, por haver conservado tantos, e tão preciosos monumentos, que talvez perecerião, como outros, cuja perda deploramos.

Esta bibliotheca subsistia ainda no quarto seculo, em que Eusebio de Cesaréa escrevia a sua Historia Ecclesiastica, confessando elle que della extrahíra uma ampla materia para enriquecer a sua Historia, por cuja razão diz o Cardeal Orsi: *Todos somos obrigados a Santo Alexandre, por conservar os monumentos, que copiou Eusebio; e neste sentido, quando lemos em Eusebio, podemos imaginar de algum modo, que estudamos na livraria de Santo Alexandre.*

Coroou, pois, o Santo Bispo o seu Apostolico ministerio com a gloria do martyrio, porque na perseguição que moveo o Imperador Decio no anno 249, foi elle dos primeiros em ser prezo, como uma das principaes columnas da Igreja; e elle com o mesmo vigor de espirito, e com a mesma alegria de animo confessou a Fé de Jesu Christo diante do Presidente em Cesaréa, como fizera cincoenta annos antes na Capadocia, durante a perseguição do Imperador Severo.

E por tanto o veneravel velho (sem attender ás suas respeitaveis cans) foi mettido em um estreito, immundo, e tenebroso carcere, aonde entre as angustias da fome, e sede, e mais tormentos por amor de Christo, no anno 250, concluio felizmente a carreira da sua vida, e como um dos mais illustres prelados, e gloriosos martyres foi sempre venerado na Santa Igreja.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A intenção de Santo Alexandre em procurar, e conservar os escriptos, e monumentos ecclesiasticos, era a fim de subministrar ao seu clero a commodidade de instruir-se sobre a Doutrina da Igreja, e fundar-se na sciencia da tradição, que é um dos principaes fundamentos da Religião Christã; e outro tanto a seu modo devêrão praticar os outros Prelados da Igreja, procurando que as pessoas destinadas para o Ecclesiastico Ministerio fossem providas de bons livros, por onde aprendessem a sciencia necessaria ao seu estado, para depois não serem cégos conductores de outros cégos.

Ora os livros da Sagrada Escriptura, as obras dos Santos Padres, e de outros mestres, que comprehendem, não as incertas opiniões dos homens, mas a Doutrina da Santa Igreja, são a fonte verdadeira donde se deriva, e se aprende a importante sciência ecclesiastica, e por isso é certo que faz grande beneficio á Igreja quem, á imitação de Santo Alexandre, subministra commodo aos outros para ler, e estudar por similhantes livros.

ABRIL — 8.

DE

SANTO ABRAHAM SOLITARIO,

E DE SANTA MARIA, PENITENTE,

SUA SOBRINHA.

EM 16 DE MARÇO.

NO SECULO IV.

A vida destes Santos, que escreveo Santo Efrem, seu contemporaneo, e amigo, acha-se no livro I, de Rosweido entre as vidas dos Padres do Ermo, e em Tillemont no Tom. VII, das Memorias Ecclesiasticas.

Nasceo Santo Abraham no principio do IV seculo, e a sua estreita amizade com Santo Efrem, que nos deo a historia da sua vida, mostra que elles erão naturaes do mesmo paiz, proximo á Cidade de Edessa, Capital da Mesopotamia. Seus pais, que erão muito ricos, procuravão só que elle fosse grande no seculo, com alguma respeitavel dignidade; e elle, pelo contrario, se mostrou desde os seus primeiros annos tão propenso para a devoção, e piedade, que o seu maior recreio era visitar as Igrejas, ler, e contemplar as Divinas Escripturas.

Temendo, pois, seus pais que elle se resolvesse a deixar o mundo, cuidárão em procurar-lhe um decente matrimonio, estando elle já na idade de vinte annos; e com muitas caricias, e contínuas instancias o induzírão a consentir por sua esposa uma nobre donzella, para a qual fôra destinado sendo ainda menino.

Celebradas logo as vodas com pomposo apparato, e alegria de todos, Abraham sentio-se incitado por um vivo desejo de abandonar a sua esposa, e entregar-se de todo a Deos, e assim fortificado elle por uma graça especial, chegada a noite, sahio secretamente de casa, sem dizer palavra, e se foi esconder em uma gruta distante da Cidade tres quartos de legua, resoluto a passar alli o restante da sua vida.

Um retiro tão pouco esperado affligio muito a seus pais, e parentes, que enviando mensageiros por todas as partes, e gastando dezesete dias naquella diligencia, o forão achar na sua gruta, aonde com esta noticia concorrêrão logo o pai, a mãi, a esposa, e os outros parentes, banhados todos em lagrimas, e allegando as mais fortes razões, a fim de o fazerem voltar para a propria casa, deixando aquelle modo de vida, que reputavão por loucura.

Porém o Servo de Deos resistindo a tão violentos assaltos, lhes fallou com tanta eloquencia, e energia sobre as vaidades do enganoso mundo, e utilidades da vida solitaria, que persuadio a sua esposa a consentir em uma separação perpetua, e moveo tambem os proprios pais a renderem-se aos seus desejos, só com a condição de não procurar elle outro deserto aonde totalmente lhes fosse incognito.

E apenas se ausentárão seus pais, e parentes, elle fechou com pedras a entrada da sua gruta, sem deixar mais do que uma pequena fresta, por onde em certos dias recebia o seu parco alimento, que constava só de algumas hervas, e legumes, porque elle desde logo se prohibio o uso de pão para toda a vida; e assim sepultado neste seu voluntario tumulo, e quasi sempre orando, e meditando, passou Abraham nada menos de cincoenta annos, sem possuir mais do que uma esteira de junco para tomar algum breve somno, uma escudella de madeira, por onde bebia, e comia, e uma tunica de pelles de cabra, que era o seu unico vestido, tanto no verão, como no inverno.

No duodecimo anno do seu retiro fallecêrão seus pais, que o deixárão herdeiro de uma rica successão, porém elle rogou logo a um seu amigo, que tomasse conta dos seus bens para os vender, e distribuir aos pobres o seu valor; e livre então por êste novo sacrificio daquelle ultimo laço, perdeo logo de vista, a figura de tudo o que é transitorio, occupando-se unicamente em Deos, sem omittir jámais algum dos seus exercicios, nem tão pouco os rigores da sua ordinaria penitencia.

Divulgada, pois, a fama da sua extraordinaria santidade, concorrião de varias partes muitas pessoas para o ver, e pedir-lhe conselho nas cousas pertencentes ao seu espirito, e elle com sábia pruden-

cia, e rosto alegre lhes respondia, dando a todos saudaveis advertencias, com que interiormente os consolava. Deos assim o dispunha para outra mais ardua, e mais laboriosa empreza, como agora diremos.

Havia naquelles contornos uma grande villa, cujos moradores erão todos pagãos, e tão obstinados na superstição da sua crença, que nenhum dos muitos prégadores alli mandados pelo Bispo de Edessa, os pode jámais converter, porque não sómente não attendião a quem lhes fallava sobre a sua salvação, se não ainda os maltratavão, e obrigavão por força a sahir dos seus limites.

O que vindo á noticia daquelle prelado, já sabedor da santidade do nosso Abraham, disse um dia aos seus clerigos: *Eu não conheço varão tão perfeito como este illustre solitario, e por isso estou resoluto a ordenallo sacerdote, e mandallo prégar a Fé áquelles pagãos obstinados, esperando quasi sem duvida, que elle com a sua paciencia, e caridade os haverá de converter a todos.*

Approvado por todos este arbitrio, forão logo á gruta do Santo, aonde o Bispo declarando-lhe o seu designio, lhe ordenou, que se dispozesse para o sacerdocio. Assombrou esta proposição ao humilde solitario, que não podia comprehender, como Deos se quizesse servir do mais indigno (a seu parecer) entre todos os homens, para uma dignidade tão sublime; porém de nada lhe valêrão estes esforços da sua humildade, porque o Bispo instou, e elle teve de obedecer.

Recebidas, pois, as sagradas ordens, e com ellas a sua missão, partio logo o santo varão para dar exercicio ao seu ministerio. A dura barbaridade com que elle foi recebido, faria retroceder a outro qualquer, que tivesse menos zêlo, e menor desejo de padecer por Jesu Christo, porém o nosso Santo recorreo á oração, e a novas austeridades; e mandando pedir ao seu amigo uma consideravel porção de dinheiro, que ainda restava da sua herança, entrou na empreza de fabricar alli uma Igreja bem adornada.

A curiosidade nascida daquella não esperada obra convidava alli os moradores, mas o odio que tinha aquelle povo contra os Christãos, a cada passo expunha o Santo a novos insultos. Concluindo, pois, a Igreja, passava nella o Santo o dia, e a noite em oração, rogando ao Pai das Misericordias, que se dignasse de aggregar alli aquelle povo, extrahindo-o do tyranno jugo do demonio.

Até então passava o Santo por entre os idolos, de que o logar estava cheio, sem dizer palavra; mas agora excitado o seu espirito por um novo zêlo, e animado tambem pelas leis geraes, que o grande Imperador Constantino proximamente publicára a favor dos Christãos, sahio da Igreja, e entrando no templo dos pagãos, destroçou os idolos, arruinou os altares, e pizou aos pés todos aquelles troféos da gentílica superstição.

O que assim visto por aquelle povo insensato, arremetteo logo ao Santo com grossos bastões, com os quaes o forão maltratando fortemente até o expulsarem fóra da villa; porém elle introduzindo-se de noite na sua Igreja, passou até a manhã seguinte, orando a Deos pelos seus inimigos, os quaes cada vez mais duros, e novamente enfurecidos, atárão-lhe uma corda aos pés, e precipitadamente o forão arrastando, ferindo-o sempre com páos, e pedras, até o deixarem fóra da villa sem alento, e julgado por morto.

Mas o Divino Senhor, que se queria servir delle para salvar aquelle povo, não só lhe conservou a vida, senão tambem o restituio á sua primeira saude, com que logo pelo meio da noite voltou para a sua Igreja, aonde os barbaros, que alli o achárão na manhã seguinte, posto em pé sem a menor lezão, e cantando psalmos, embravecidos mais que nunca, o expulsárão, e maltratárão de modo, que só por milagre não perdeo a vida.

Continuou esta porfiada contenda entre a paciencia do nosso Santo, e a inhumanidade daquelles ímpios pelo espaço de tres annos, mas, em fim, servindo-se a graça da inalteravel doçura, e perseverança generosa do santo varão, venceo a dureza daquelles idolatras, começando pelos principaes, que juntos por acaso em certo dia, e conversando a este respeito, (já tocados por Deos em seus corações) entrárão a discorrer, e dizer-se uns aos outros:

« Não ha cousa mais admiravel do que a pacien-
« cia, e caridade para comnosco daquelle homem,
« que em tantas injurias, tribulações, e penas, que
« lhe temos causado, não só não se perturbou, nem
« proferio contra nós alguma palavra dura, mas até
« soffreo tudo com grande alegria! O certo é que
« se não houvesse um Deos vivo, e verdadeiro, que
« como diz aquelle homem, dá um delicioso paraiso
« aos seus fiéis servos, elle não quereria padecer tan-
« tos trabalhos.

« Além disto, devemos tambem ponderar, que
« elle só por si lançou por terra os nossos deoses, e
« como estes até agora o não castigárão em cousa al-
« guma, signal é infallivel, de que elles nada podem,
« quando aquelle, a quem este serve, é Omnipoten-
« te, e tudo que elle nos diz é pura verdade. »

Persuadidos, pois, deste discurso, caminhárão todos, levando a maior parte do povo para a Igreja aonde estava o Santo, o qual vendo-os chegar com animo de se arrependerem dos seus erros, os recebeo com o maior jubilo; e depois de os haver instruido sobre os principaes mysterios da nossa santa Religião, e das maiores verdades que ensina a Fé Catholica, os baptizou a todos, que completavão o numero de mil, entre um, e outro sexo.

Demorou-se ainda o Santo um anno inteiro com aquellas gentes novamente convertidas, explicando-lhes cada dia a Sagrada Escriptura, a virtude dos Sacramentos, a disposição para bem os receber, e

os mais pontos da Doutrina Christã; e depois de os ver a todos bem firmes, e radicados na Fé, e na piedade, temendo que se alli permanecesse se veria obrigado a seguir nova fórma de vida, (o que até então não fizera) ausentou-se de noite daquelle logar, fazendo primeiro sobre elle tres vezes o signal da cruz, e recommendando a Deos os seus moradores.

Qual fosse a magoa que teve aquelle povo, quando na manhã seguinte lhe faltou o seu mestre, e pastor, é facil de imaginar: entrárão logo a procurallo por varias partes, e como o não encontrárão, forão dar parte do succedido ao Bispo de Edessa, o qual, com o seu clero, indo pessoalmente consolar aquelles novos fiéis, e escolhendo alguns, que lhe parecêrão mais virtuosos, a uns ordenou leitores, a outros diaconos, e a outros sacerdotes.

Abraham sabendo isto, grandemente se consolou, e deo muitas graças a Deos; considerando-se tambem livre para se recolher na sua antiga cella, e tornar á prática do seu primeiro theor de vida; o que vindo á noticia daquelles pagãos convertidos, varias vezes o visitavão, tendo-se por ditosos em poder gozar a sua vista, ouvir os seus conselhos, e receber a sua doutrina.

Vendo, pois, o infernal inimigo que com tantas afflicções, que fizera padecer ao Servo de Deos, não podéra causar-lhe algum mal, antes elle sahíra mais puro como ouro do crisol,.... entrou a tentallo por varios modos, apparecendo-lhe em fórma sensivel debaixo de varias figuras, ora para o induzir a comprazer-se das suas boas obras, e reputar-se por homem perfeito, e de eminente santidade, e outras vezes para o intimidar, e distrahir da sua vida penitente, porém tudo era inutil ao tentador, porque o Santo, conservando-se humilde na presença de Deos, rebatia sempre aquellas tentações, e se fazia mais animoso, e de maior actividade no caminho da virtude.

Naquelle tempo uma sua sobrinha, por nome Maria, ficando orfã na idade de sete annos, o Santo a chamou a si, e formando-lhe a sua accommodação em uma gruta proxima á sua, dalli por uma fresta lhe ensinava os psalmos de David, e os mysterios da Doutrina Christã, dirigindo-a por todos os modos no caminho do Senhor; e ella com as sabias instrucções de tão grande mestre se fez perfeita imitadora das suas virtudes, para o que tambem concorrêrão muito as exhortações de Santo Efrem, escriptor da vida de Santo Abraham, nas occasiões em que o vinha visitar.

Porém o demonio, que nada pode ganhar com o tio, não encontrou na sobrinha a mesma firmeza, sem embargo de haver já passado vinte annos na prática dos espirituaes exercicios. Valeo-se, pois, de um falso monge, que por acaso a vio em occasião de vir fallar ao Santo, excitando-lhe para com ella criminaes desejos com tal vehemencia, que feito escravo da sua paixão, continuou as diligencias, e pôz tudo em obra para a fazer complice da sua culpa.

Ella sim resistio perto de um anno ao tentador, mas tendo por ultimo a frouxidão de o consentir á janella, e attender ás suas caricias, cahio miseravelmente na rede, e seguindo-se ao crime o pejo, e a desesperação, em vez de confessar a culpa ao seu santo director, e expialla pela confissão, e penitencia, fugio secretamente, e se foi entregar ás maiores desordens em uma Cidade visinha.

Apenas o inimigo da salvação triunfou da sua preza, vio o nosso Santo em sonhos um dragão horrivel, que junto á sua gruta devorava uma pomba; e parecendo-lhe que Deos o avisava de alguma perseguição grande contra a Igreja, entrou a orar ao mesmo Senhor pelo feliz successo; e chegada a seguinte noite, vio que o mesmo dragão, prostrado a seus pés, deixava sahir do proprio ventre aquella pomba ainda viva.

Comprehendeo então o Santo o mysterio desta visão, porque chamando por sua sobrinha, e vendo que ella não estava na sua gruta, reconheceo ser ella a pomba, que o dragão devorára; e nesta fatal certeza entrou a chorar sem consolação alguma, augmentando o rigor das suas austeridades, e orando sempre a Deos pela conversão daquella miseravel ovelha perdida.

Durou esta sua afflicção nada menos de dois annos, em cujo espaço, applicando por varias partes as suas informações, e exactas diligencias, soube por ultimo com certeza onde estava sua sobrinha; e vestindo-se de secular, montou a cavallo, e se foi apear a uma proxima ostiaria, aonde lhe foi facil fazer ir ao seu quarto a relaxada sobrinha; e logo que ella entrou, o tio, que estava disfarçado, fechou a porta, e descobrindo-se, lhe fallou desta maneira:

«Amada Maria, conheces o teu tio Abraham, «que com tanto amor te nutrio, e com tanto cuida-«do te educou? Dize-me agora, aonde está aquella «modestia, e aquella pureza, que te fazia respeita-«vel aos mesmos Anjos? Aonde aquellas lagrimas, «que derramavas ao pé da cruz, e te erão como an-«tecipado penhor das delicias do Ceo?

«Cahiste, infeliz, do alto sólio da virtude nesse «abysmo de peccados! E porque me não declaraste «logo a tua miseria, que eu promptamente a reme-«diaria? Faltava-te a confiança, para com um tio, «que sempre te amou, como pai? Ah Maria, Maria! «Que lagrimas, que penas, que fadigas me não tem «custado a tua perda! Julga por este excesso da mi-«nha viagem, qual haverá sido a minha dôr pela «tua quéda, e qual será agora o meu empenho pela «tua emenda?»

Attonita, e assombrada Maria por uma tão justa, e não esperada censura, não podia levantar os olhos, nem proferir palavra, porque o pejo, os remorsos, e o pezar da sua miseria a fazião immovel como uma estatua. Vendo, pois, o Servo de Deos a

impressão que a Divina Graça fazia na alma daquella pobre peccadora, continuou a dizer-lhe: *Não me fallas, minha filha? Desagradão-te os excessos do meu zêlo, ou penalizão-te os signaes da minha ternura?*

Aqui a venturosa sobrinha, despertando como de um profundo sonho, lança-se aos pés de seu tio, e dando toda a liberdade aos mais vivos sentimentos, fallão por ella os suspiros, e prantos; até que depois de um largo espaço, ainda vacillante, e pensativa, apenas se pôde explicar desta maneira: *A minha confusão é tal, que só as minhas lagrimas podem fallar a meu favor, ainda que eu não chego a comprehender que Deos haja de usar Misericordia com uma tão ingrata, e tão perversa peccadora.*

« Ó minha filha, (replicou logo Abraham) lem-
« bra-te do que me tens ouvido, que a desconfiança
« para com a Divina Bondade é o peccado maior que
« se póde commetter neste mundo; confia, pois, na
« Misericordia de Deos, porque ainda que as tuas
« culpas excedessem em numero, e gravidade a to-
« dos os peccados do mundo, para mais é a sua Mi-
« sericordia, por ser infinita; e nesta infallivel cer-
« teza, eu te seguro o perdão da Clemencia Divina,
« concorrendo tu da tua parte com uma viva contri-
« ção, confissão sincera, e conversão verdadeira.

« Pois se vós, meu tio, (lhe disse ella), credes
« que eu posso fazer penitencia, e que Deos a que-
« rerá receber em satisfação das minhas culpas, eu
« aqui estou prompta para fazer o que me ordenar-
« des. » E acabando de proferir estas palavras, levantou as mãos, e os olhos ao Ceo, dizendo assim: *Meu Deos, e meu Senhor, que posso eu fazer, para reconhecer os excessos da vossa Misericordia, de que tenho a maior prova no que agora obrais para me salvar?*

Passárão depois o tio, e a sobrinha o resto da noite em ponderar, e discorrer sobre os empenhos da Divina Clemencia para com os miseraveis peccadores, e na manhã seguinte o tio, mandando-lhe deixar alli todos os bens, que forão fructo infeliz dos seus peccados, a fez montar no seu cavallo, e a foi conduzindo a pé até á sua primeira gruta, aonde depois de se haver reconciliado com Deos por uma boa confissão, passou o resto dos seus dias (que forão ainda quinze annos) em contínuos exercicios da mais austéra penitencia; e Deos quiz manifestar a santidade grande desta illustre penitente por muitos prodigios, e milagres antes, e depois da sua morte.

Santo Abraham depois desta gloriosa conquista viveo em uma contínua acção de graças a Deos pela consolação que lhe déra de ver aquella sua sobrinha posta no caminho da penitencia; e chegando elle ao dia 16 de março do anno 376, sahio deste desterro para a eterna patria, tendo de idade quasi setenta e cinco annos, de que havia passado mais de cincoenta no seu retiro.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Nunca o retiro servio de obstaculo aos designios de Deos, antes, pelo contrario, haveria de produzir sempre maravilhosos effeitos, se os directores, e prégadores não sahissem a publico, senão quando Deos os chamasse do seu retiro, como vemos em Santo Abraham, chamado para converter a um povo idolatra para abraçar a Fé, e a uma meretriz para seguir a penitencia; mas é preciso haver sempre a devida cautella nas conversações com pessoas de differente sexo; porque, de modo ordinario, sendo frequentes, passão a funestas; e a mesma devoção, que lhes serve de pretexto, concorre não poucas vezes para occultar o engano, e facilitar o perigo.

ABRIL — 9.

DE

S. PATRICIO,

BISPO, E APOSTOLO DE IRLANDA.

EM 17 DE MARÇO.

NO SECULO IV, E V.

Tillemont nas Memorias da Historia Ecclesiastica ajuntou com diligencia tudo o que temos de mais certo quanto á vida de S. Patricio, e o principal destas noticias é extrahido de um livro do mesmo Santo, intitulado Confissão.

No fim do quarto seculo, correndo o anno 377, nasceo S. Patricio em *Aclud*, Villa de Escocia, que agora se chama *Dunbritton*. Seu pai Calphurnio, e sua mãi Conquessa, parenta de S. Martinho, Arcebispo de Tours, cuidárão muito em o educar santamente, inspirando-lhe tanto amor para com a Religião pelas suas instrucções, e pelos seus exemplos, que sendo ainda menino achava o seu maior prazer no exercicio da oração.

Parece, comtudo, que depois pouco a pouco se foi relaxando, porque elle mesmo confessa, que commettêra uma culpa, (cuja qualidade não declara) pela qual concebêra tão amarga pena, que a sentíra sempre em toda a vida; e diz tambem que tendo já quasi dezeseis annos, ainda não conhecia a Deos; não porque elle fosse idolatra, senão por não haver chegado áquelle fervor de caridade, que é o distinctivo do Christão perfeito; e por isso elle depois não podia conter as lagrimas, lembrando-se do modo, com que passára os seus primeiros annos.

Ainda elle não tinha completado o seu decimo sexto, quando uma tropa de ladrões, represando-o inopinadamente, o levou para Irlanda, aonde o comprou um lavrador rico, que o destinou para guardar os seus gados. Nesta laboriosa occupação teve muito que padecer de fome, nudez, e frio, porém Deos, no mesmo tempo, descobrindo-lhe toda a extensão dos seus deveres, e suscitando-lhe a vontade de os cumprir, lhe fez ver o seu estado, como Christão, e elle procurou devéras os meios mais proprios para o ser aos olhos do mesmo Senhor.

Assim esteve Patricio por todo um sexenio no serviço de seu amo, em cujo tempo aprendeo com perfeição a lingua, e costumes do paiz, e o seu captiveiro (que Deos permittíra para santificação sua) terminou-se então, quando elle menos o pensava; porque foi advertido em sonhos, que voltasse para a sua patria, e sentio ao mesmo tempo uma voz interior, que o avisava de que uma embarcação estava em certo porto já proxima a partir.

Achava-se o Santo longe do mar, e sobre não ter dinheiro, não conhecia lá pessoa alguma; porém como se tratava de cumprir a vontade do Ceo, nenhum destes obstaculos lhe servio de impedimento para deixar de se pôr logo a caminho até chegar ao porto aonde estava aquella embarcação, na qual o dono della o não quiz receber, olhando para a sua pobreza; supposto que logo enternecido, com ser pagão, pelo ver partir desconsolado, o fez chamar com presteza, e o admittio na sua companhia.

Dado o navio á véla com vento prospero, sobreveio-lhe uma tempestade, que o fez dar á costa, passados tres dias em uma terra deserta da Escocia, aonde desembarcando os passageiros, se pozerão a caminho por entre aquelles montes, e consumindo-se-lhes no espaço de vinte e sete dias as poucas provisões que trazião, ficárão em perigo de perecer á fome, por não encontrarem fructos, nem alimento algum por onde quer que viajavão.

Vendo-se então neste aperto aquelles miseraveis, e lembrando-se de ouvirem fallar a Patricio da Omnipotencia do Deos, que elle adorava, lhe perguntárão logo; porque lhe não supplicava naquella consternação, que se interessasse a seu favor? Ao que o Santo respondeo: Que como aquelle Senhor era Pai de todos, lhe supplicassem elles tambem, e verião logo os effeitos da sua protecção. Com effeito, cumprindo-o todos assim, encontrárão no mesmo dia um rebanho de porcos, de que se nutrírão até chegar a um logar habitado.

Restituido Patricio ao seu Paiz, como Deos lhe promettêra, e passados alguns annos foi novamente captivo; se bem que esta escravidão durou sómente dois mezes, em cujo tempo (como elle diz na sua Confissão) padeceo graves tribulações; e tanto assim, que Deos, em diversos accidentes que lhe oc-

corrêrão, o livrou de doze evidentes perigos de perder a vida, que elle não declara quaes forão.

Depois disto, achando-se Patricio já na casa de seus pais, Deos por algumas visões lhe manifestou, que o destinava para Apostolo de Irlanda, segurando-o ao mesmo passo, que sería seu protector em todo o tempo; porém esta missão só teve effeito passados alguns annos, e entretanto sabemos, que elle primeiro foi ordenado Diacono, Sacerdote, e Bispo: alguns pretendem que elle primeiro fosse a França conferir o negocio da sua empreza com o célebre S. Germano, Bispo de Auxerre, e depois a Roma, aonde o Papa Celestino o confirmou, e talvez lhe conferio a ordenação episcopal.

Mas o certo é (como o Santo diz na sua Confissão) que forão gravissimas as opposições que se fizerão contra a sua missão, porque os seus pais, e parentes lhe supplicavão com lagrimas, que não os quizesse desamparar, e até lhe fazião grandes offertas para o reter; além disto, varias pessoas, que se prezavão de prudentes, não lhe approvavão a resolução de passar a Irlanda, pela certeza que lhe davão de encontrar os maiores perigos naquelle Paiz barbaro, e inimigo dos romanos; e por isso tambem o seu proprio Parocho fazia todo o possivel esforço para lhe impedir aquella viagem.

Foi esta para o nosso Santo uma tentação gravissima, na qual (como elle attesta) se achou em grande risco, ou de transportar-se com excesso contra os seus oppositores, ou de abandonar a obra para que Deos o destinava; porém o mesmo Senhor, apparecendo-lhe de noite em uma visão celeste, o consolou, e animou com a sua Graça para não desistir da empreza, e lhe deo a segurança de conseguir a victoria.

Tinha S. Patricio pouco menos de quarenta e cinco annos quando abandonou a patria, e os parentes, e se consagrou todo a Deos, para levar o seu Santo Nome áquellas barbaras gentes, offerecendo-se prompto para padecer toda a sorte de trabalhos, e, se necessario fosse, a mesma morte, pela gloria de Deos, e salvação das almas. Com estas disposições foi o nosso Santo prégar o Evangelho naquelle Paiz, aonde só se adoravão os idolos, sem conhecimento algum do verdadeiro Deos, exposto a cada passo a perder a vida entre os maiores trabalhos, e cruéis tormentos.

Porém Deos abençoou as suas laboriosas fadigas, fazendo que produzissem copiosissimo fructo as suas prégações apostolicas, porque elle mesmo attesta haver baptizado innumeraveis pessoas, e ordenado em todos os logares varios Clerigos, e Ministros Ecclesiasticos para as Igrejas que fundava por toda a Ilha: além disto persuadio a muitas donzellas para consagrarem a Deos a sua virgindade, algumas das quaes erão filhas dos principaes senhores do Paiz, e fundou tambem não poucos mosteiros, aonde recolheo muitas pessoas, que, voltando as costas ao mundo, servião a Deos em espirito, e verdade.

Entre as muitas virtudes que resplandecião neste Santo Apostolo da Irlanda, foi admiravel o perfeito desapego dos bens da terra; o que bem se vio quando aquelles novos fiéis (principalmente as mulheres) desejavão summamente, e offerecião com o maior empenho uma boa parte dos seus bens temporaes, a elle, que os enriquecia com os celestes; porém o Santo, que procurava em todas as coisas ser um modello irreprehensivel de virtude, e perfeição, não acceitava cousa alguma de tantos milhares de pessoas que convertia, querendo antes contristar por esta escusa aquelles Christãos, do que dar aos infiéis o minimo pretexto, com que podessem desacreditar o seu apostolico ministerio.

E entre as perseguições que padeceo o Santo no curso do seu apostolado, merece particularmente ser referida a de certo Principe por nome *Corótico*, de profissão Catholico, mas de coração, e costumes barbaros: este, pois, (a quem o Santo chama tyranno, e que com o nome de Rei dominava alguns Paizes na extremidade das Gallias) invadindo a Ilha de Irlanda, passou a saquear o Paiz, em que habitava o Santo no dia de Paschoa, a tempo que muitos cathecúmenos estavão com as suas tunicas brancas, que havião tomado na occasião do seu baptismo.

Então, pois, entrando Corótico com gente armada, matou a muitos, e captivando a outros os foi vender por escravos aos idolatras escocezes; e escandalizado o Santo daquella acção barbara, escreveo, no dia seguinte, uma carta ao mesmo Corótico, supplicando-lhe com os termos mais expressivos, que pozesse em liberdade aquelles innocentes escravos, mas o soberbo dominante só lhe deo em resposta a derisão, e desprezo.

Em cujos termos, vendo o zeloso Bispo, que nenhum fructo produzíra aquella sua carta, resolveo-se e escrever outra, não já a Corótico, mas circular, e publica, (que ainda existe) na qual o Santo se resente daquella acção indignissima, e por tanto faz saber a toda a Igreja, que aquelle tyranno, e os seus socios fratricidas, os ha de si separados, e da união com Jesu Christo, e que com taes não se deve ter com elles algum commercio, em quanto não satisfizerem á Divina Justiça com as lagrimas de uma verdadeira penitencia, e não pozerem livres aos Christãos, que fizerão escravos; protestando ao mesmo passo, que todos os que communicarem com elles, adulando-os nos seus delictos, serão no Juizo de Deos condemnados.

Roga finalmente a todos aquelles, a cujas mãos chegar a sua carta, que a fação publica, quanto lhes fôr possivel, e a lêão tambem nas Igrejas a todo o povo, especialmente ao mesmo Corótico, e aos seus soldados, para que fação penitencia da sua impiedade, com que mereção conseguir a Divina Indulgencia. Não se sabe de certo, que effeito produzio esta

carta, mas por ella bem se reconhece o amor que tinha o Santo ao seu povo, e quanta dôr sentio pela morte daquelles novos Christãos; ainda que por outra parte se alegrava, considerando-os (como elle diz) no côro dos Martyres, louvando a Deos.

Então o Santo Bispo, ainda que já muito avançado nos annos, e se julgava não longe da morte, fez um escripto seu, (commummente denominado *Confissão*) donde, como de fonte pura, se extrahio a presente historia; e a razão que o moveo a este trabalho (além de querer dar gloria a Deos, declarando as muitas graças que delle havia recebido) foi para segurar aos póvos de Irlanda, aos quaes o mesmo escripto é dirigido, que Deos o enviára positivamente a prégar-lhes o Evangelho.

Respira aquelle escripto por todas as partes uma singular piedade; e por elle sabemos que tinha o Santo uma heroica humildade, a qual comtudo não abatia a dignidade do seu ministerio; que elle todo se abrazava em um ardentissimo desejo de padecer martyrio; e em summa, vê-se alli um varão apostolico, cheio do espirito de S. Paulo.

E entre outras cousas, que de si declara o mesmo Santo, uma vem a ser (como se lê na sua Confissão) que elle tivera um grande appetite de tornar a ver a sua patria, e os seus parentes, e passar depois a França para visitar alguns homens do seu conhecimento; porém que não quizera desamparar o seu povo, para não perder o fructo das suas fadigas; e com effeito o Espirito Santo lhe fez conhecer, que não sería sem culpa a execução daquelle seu desejo.

Poucos dias antes que elle escrevesse aquella sua Confissão, elle mesmo refere, que estivera prezo, e carregado de cadeias com todos os seus socios, depois de lhes roubarem tudo o que tinhão, faltava-lhes só perder a vida; porém como a sua hora não era ainda chegada, Deos, por meio de uns seus poderosos amigos, passados quatorze dias, não sómente os livrou do carcere, mas tambem fez que se lhes restituisse tudo o que lhes fôra roubado.

Vivia o Santo (como elle attesta) sempre disposto para outros taes accidentes entre muitos daquelles póvos indómitos, esperando a cada passo morrer, á força de crueis tormentos; porém nada lhe causava espanto, (diz elle mesmo) porque esperava a gloria do Paraiso, e com alegre confiança se lançava nos braços do Omnipotente.

Omittimos varias particularidades da vida deste Santo, referidas por alguns seus historiadores, ou por não constarem com a devida certeza, ou por serem pouco importantes, e ajuntaremos sómente os factos seguintes:

Logo que S. Patricio prégou a primeira vez na Cidade de Tharag, Capital então da Irlanda, o filho do Rei Neil se declarou contra elle, e contra a sua doutrina, porém isto não impedio o fructo dos seus discursos, porque não só a maior parte do povo, senão tambem muitos principaes senhores se convertêrão, um dos quaes foi o pai de S. Benigno, immediato successor do mesmo Santo na Sé de Armagh.

Depois desta conversão, seguírão-se as dos Reis de Dublin, de Munster, e de sete filhos do Rei de Connaught; e em summa, derramou o Ceo tão copiosas bençãos sobre os trabalhos apostolicos de Patricio, que teve antes da sua morte a justa consolação de ver que quasi toda a Irlanda adorava ao verdadeiro Deos.

Elle fundou tres grandes mosteiros, e encheo a Irlanda de Igrejas, e de escólas publicas, em que florecêrão a piedade, e as boas lettras, aonde pelo decurso de muitos seculos concorrêrão gentes de varias partes, de modo que a mesma Irlanda, reputada antes por um Paiz barbaro, depois era venerada por illustre centro da perfeição, e das sciencias.

Assim, pois, cheio de annos, e de méritos passou o grande S. Patricio deste miseravel desterro a gozar no Ceo o glorioso fructo dos seus trabalhos em o dia 17 de março, e não consta ao certo em que anno, ainda que alguns dizem que fôra no de 464. Foi sepultado em Down, na Ultonia, em uma Igreja, que tomou depois o seu nome, e se achou ainda incorrupto no anno de 1185, o seu cadaver.

Ha uma tradição popular em Irlanda, que S. Patricio com a sua bençâo isentára aquella Ilha de toda a especie de animaes venenosos; pelo menos é certo que presentemente não se encontrão alli alguns daquelles animaes, assim como nas Ilhas de Yviça, e de Malta.

No que respeita ao *Bastão de Jesus*, (do qual os historiadores Irlandezes referem muitas maravilhas) é provavel que fosse o baculo pastoral de S. Patricio, e dos primeiros Arcebispos de Armagh: guardava-se antigamente nesta Cidade, porém no anno de 1360, se levou para a de Dublin.

E quanto ao que o vulgo chama *Purgatorio de S. Patricio*, (de que tem publicado muitas coisas falsas Dionisio Cartusiano, e outros escriptores, como evidentemente prova Bollando) era uma caverna situada em uma pequena Ilha do Lago Dearg nas fronteiras de Ultonia. No anno de 1497, mandou o Papa fechar aquella caverna, para suspender o curso de alguns contos supersticiosos, que andavão nas linguas do povo miudo.

Pouco tempo depois se tornou a abrir; e supposto que ainda se fechou de novo por ordem de Henrique VIII, muitos a frequentárão depois, e nella se encerrárão para orar, e praticar as austeridades da penitencia, á imitação de S. Patricio, que alli se retirava com frequencia, para applicar-se mais livremente á contemplação das cousas celestes.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

É para admirar ver os maravilhosos fructos, que produzirão as prégações de S. Patricio, e de outros varões Apostolicos, em comparação da pouca utilidade, que presentemente se tira do ministerio da Divina Palavra! E esta differença procede sem duvida, de que os ouvintes dos nossos tempos não tem as mesmas disposições que se achavão nos dos primeiros seculos; isto é, porque ouvem a Palavra de Deos sem o desejo sério de um sólido aproveitamento.

E não procede menos esta falta por parte dos mesmos prégadores; porque ainda que alguns tem o talento de adquirir os agrados com as bellezas da eloquencia, não applicão estes meios para gloria de Deos, e bem das almas, e se achão desprovidos daquellas virtuosas circumstancias, de que estão cheios os varões Apostolicos.

O certo é que Deos não abençoará os seus trabalhos, sem que elles sejão homens de oração; que obrem por motivos puros, isentos de todo o interesse; que se abrazem de zêlo pela salvação do proximo; que desconfiem de si mesmos, e das suas luzes; que se appliquem perennemente a morrer ao mundo, e a todos os desejos da natureza corrupta; que vivão na pratica de um recolhimento contínuo; e em fim, que trabalhem sempre em se aperfeiçoar cada vez mais na sciencia dos Santos.

ABRIL — 10.

DE

S. CYRILLO,

BISPO DE JERUSALEM, E PADRE DA IGREJA.

EM 18 DE MARÇO.

NO SECULO IV.

Tudo o que deste Santo Bispo escrevêrão S. Jeronymo, Theodoreto, Socrates, Sozomeno, e outros authores, que vivêrão no mesmo seculo, se acha em Tillemont no Tomo IX das Memorias Ecclesiasticas.

Como Deos permittio que as acções de S. Cyrillo antes do seu sacerdocio, e episcopado nos fossem incognitas, começaremos a narração da sua vida desde o tempo, em que foi ordenado Sacerdote. S. Maximo, Bispo de Jerusalem o promoveo á ordem Sacerdotal; e por conhecer a doutrina, zêlo, e piedade, de que era dotado, lhe encarregou tambem a obrigação de prégar ao povo a palavra de Deos, o que elle cumprio fielmente, prégando em todos os domingos ao povo, que se ajuntava na Igreja, e que gostosamente o attendia, porque tambem com o seu exemplo ensinava.

Além do officio de prégar aos fiéis tinha tambem Cyrillo a incumbencia de instruir aos cathecúmenos, e para elles formou 23 catechezes, ou instrucções, das quaes pertencem 18 aos que tinhão de receber o baptismo, e as cinco restantes erão para os já baptizados, e todas comprehendem um thesouro de espiritual doutrina sobre os principaes mysterios da nossa Santa Religião.

E tal foi o credito, e reputação, que o Santo para com todos adquirio pelas suas instrucções, prédicas, e virtudes, que fallecendo o Bispo S. Maximo no anno 350, elle por todos foi eleito para Prelado daquella Igreja, que era venerada por mãi de todas as outras, por ser ella o centro, e como o berço da Religião Catholica.

Celebrou o Ceo o exordio da prelatura de S. Cyrillo com a milagrosa apparição de uma grande Cruz, que se vio no ar, mais resplandecente, e luminosa do que o sol: a sua extenção comprehendia dois mil passos, porque chegava desde o monte Calvario até o monte Olivete, e a altura era á proporção do seu comprimento: succedeo este prodigio no dia sete de maio do anno 361; e como esteve patente no espaço de muitas horas, pôde ser visto pelos moradores de Jerusalem, e por varias pessoas de diversos Paizes, que alli se achavão, e communicárão a noticia pela maior parte do mundo.

O que o Senhor quiz significar com esta grande maravilha não o podemos affirmar com certeza, porque os escriptores daquelles tempos nada notárão a

este respeito, contentando-se unicamente em registar a verdade do facto, sem se intrometterem nos designios de Deos, infinitamente superiores a todos os pensamentos dos homens: sabemos sómente que á vista daquelle prodigio todo o povo foi glorificar a Deos nas Igrejas, e que passado pouco tempo, teve S. Cyrillo de padecer muito por parte dos inimigos da Catholica Verdade.

Logo que S. Cyrillo entrou no seu episcopado, teve algumas controversias com Acacio, Bispo de Cesaréa, pela injustiça com que se portava, usurpando-lhe varios direitos da sua Igreja, e tomárão estas disputas maior fogo pela diversidade de sentimentos, que tinha cada qual sobre as verdades da Santa Religião, professando Acacio a heresia ariana, que negava a Divindade de Christo, e a consubstancialidade do Filho com o Pai; ao mesmo passo que S. Cyrillo, seguindo a crença da Igreja Catholica, sustentava firmemente, que o Filho de Deos é Deos como o Pai, igual, e consubstancial em tudo, e por tudo com Elle.

Sendo, pois, Acacio homem soberbo, e de animo depravado, mandou citar a S. Cyrillo para vir á sua presença, a fim de ser julgado sobre algumas accusações, que suppunha serem-lhe feitas; mas o nosso Santo, que não reconhecia superioridade no Bispo de Cesaréa, não quiz obedecer ao seu mandado, e daqui tomou motivo o ímpio Acacio para ajuntar um conciliabulo de varios Bispos, partidistas do seu erro, que depozerão do bispado a S. Cyrillo, julgando-o por contumaz em não querer defender-se dos impostos delictos, um dos quaes era ter vendido os thesouros da sua Igreja,

Era esta accusação uma aleivosa mentira, que fabricárão os seus adversarios sobre uma obra santa, que fizera Cyrillo, vendendo alguns vasos de prata, e outros móveis da Igreja para remediar as miserias que padecia o seu povo em occasião de uma extrema carestia; mas para opprimir aos justos não reparão os ímpios na razão, antes interpretão para mal todas as suas acções, ainda as mais virtuosas.

Appellou então S. Cyrillo daquella injusta sentença para o tribunal superior do Imperador Constancio, o qual, supposto que nada lhe era affecto, comtudo, vendo claramente a injustiça que se lhe fizera por aquelles ímpios prelados, approvou, e acceitou a appellação, que lhe interpoz o Santo.

Porém não bastou tudo isto para que os seus adversarios não conseguissem depois que elle fosse deposto, e expulso do seu bispado, donde passou para Antioquia, e depois para Tharso, aonde o Bispo Silvano, não sómente o recebeo com a estimação que lhe era devida, senão tambem lhe rogou que officiasse na sua Igreja para satisfazer ao povo, que muito desejava a sua doutrina.

Congregando-se então, no mez de setembro, um concilio de todos os Bispos do Oriente na Cidade de Seleucia, o Santo alli se apresentou, supplicando com instancia, que se julgasse a sua causa; e reconhecendo aquelles prelados a injustiça de Acacio, de Cesaréa, restituírão a S. Cyrillo á sua cadeira; mas o ímpio Acacio, que muito valia para com o Imperador Constancio, fez que no anno de 360, se convocasse um conciliabulo de Bispos do seu partido, e que nelle fosse o Santo novamente deposto, e desterrado para Antioquia.

Durou este seu exterminio dois annos, porque fallecendo no de 361, o Imperador Constancio, Juliano, que lhe succedeo no throno, chamou logo todos os Bispos desterrados, e assim tornou Cyrillo para o seu amado rebanho, que o recebeo com tanto jubilo, quanta fôra a dôr, que antes lhe causára a sua ausencia.

No anno seguinte, que era o de 362, succedeo em Jerusalem o grande, e admiravel prodigio, que agora diremos: tinha aquelle Imperador apóstata, em odio da Religião Christã convidado, e exhortado os hebreos a reedificar o templo de Salomão, que fôra destruido pelos romanos, concedendo-lhes plena faculdade para offerecerem nelle os seus sacrificios com todas as ceremonias da lei de Moysés.

Chegando, pois, esta noticia aos hebreos, que por todo o mundo andavão dispersos, alli forão concorrendo em grande numero, e pozerão mãos á obra com tal empenho, que até as suas mulheres, não só contribuião com as suas peças preciosas para a despeza quotidiana, senão tambem ellas mesmas, apezar da sua natural debilidade, se mettião a tirar terra, e conduzir materiaes para a obra, que tinhão por agradavel a Deos.

Porém S. Cyrillo, que não ignorava o que se acha escripto no Evangelho, e pelo Propheta Daniel sobre a destruição do templo ser perpetua, não fazia caso, nem lhe dava algum cuidado aquella empreza, sustentando sempre ser impossivel, que os judeos com todos os seus esforços chegassem a pôr alli uma pedra sobre outra, e o effeito mostrou logo que nunca se engana quem se funda com viva fé sobre a infallivel palavra Divina.

Começando, pois, os supersticiosos hebreos a trabalhar no sitio, aonde estivera o famoso templo, entrárão a demolir algum resto que ficou nos alicerces do mesmo depois da primeira ruina, contribuindo por este modo (sem o advertir) para verificarem o que dissera o Salvador, que em toda aquella obra não ficaria pedra sobre pedra.

E passando depois ao trabalho de abrir novos fundamentos, succedia sempre na seguinte noite cahir na cova a mesma terra, que dalli tiravão de dia. Succedeo tambem mais de uma vez levantar-se um vento forte, e espalhar por aquelles contornos toda a cal em pó, que alli estava junta; e passadas algumas semanas, sobreveio um espantoso terremoto, que além de arrojar para muita distancia todas as pedras preparadas para aquella obra, tambem fez cahir todos os proximos edificios, debaixo de cujos por-

ticos ficárão opprimidos muitos dos hebreos, que trabalhavão na fabrica do pretendido templo.

Porém não bastando tudo isto para reconhecerem aquelles miseraveis cégos a mão de Deos que os castigava, e continuando elles a trabalhar com a mesma, ou maior obstinação, sahio dos alicerces um vehemente fogo, que abrazou logo os que alli se achavão; e querendo os que estavão da parte de fóra refugiar-se em uma proxima Igreja, rompeo da porta da mesma uma grande chamma, que matou a muitos, e a outros fez perder alguns membros, com que ficárão vivas imagens da ira do Senhor contra os pérfidos hebreos.

E para se conhecer com maior evidencia, que os taes prodigios erão effeito do poder de Jesu Christo, vio-se na seguinte noite, depois destes milagrosos successos, apparecer no ar uma grande Cruz, ainda mais brilhante do que a outra, que se vio no anno de 351, e veio a servir como troféo da illustre victoria, que alcançava o Salvador sobre a temeraria intenção dos ingratos judeos, em cujos vestidos apparecêrão no mesmo tempo impressas umas cruzes, que por mais que elles as quizerão abolir, sempre se conservárão indeleveis.

Este maravilhoso successo, com todas as suas circumstancias, é referido por varios authores que vivêrão no seculo do Imperador Juliano: S. Gregorio Nazianzeno o escreveo, passado sómente um anno depois de acontecido: S. João Chrysostomo o referio nos seus sermões á vista de varias pessoas, que havião presenciado aquellas maravilhas: acha-se a mesma relação em Rufino, que então vivia naquelles logares: em Theodoreto, que viveo quasi sempre nas visinhanças da Palestina: nas Historias de Socrates, Sozomeno, Philostorgio, &c.

E o mais é que tambem Amiano Marcellino, com ser pagão, e chronista daquelle Imperador, escreveo o mesmo, dizendo assim no livro 23, cap. I. «No «tempo em que o Conde Alypio, assistido do Gover- «nador da Provincia, vivamente applicava a obra do «templo, segundo as ordens de Juliano, saírão dos «logares contiguos aos alicerces muitos globos de fo- «go, que abrazárão aos trabalhadores, e fizerão o lo- «gar inaccessivel, por quanto persistindo o voraz ele- «mento com uma especie de porfia em perseguir aos «obreiros, foi preciso abandonar a empreza.»

São bem fortes estas expressões por um tal gentio, considerando aquelle fogo como um ser intelligente, que obrava movido por causa superior; e o certo é que só a força da verdade podia arrancar da boca daquelle historiador, adorador dos idolos do paganismo, uma confissão tão contraria á empreza do seu amado Juliano, o qual (como affirmão os escriptores daquelles tempos) pretendia reedificar o templo de Jerusalem, para convencer de falsidade a Christo, e aos Prophetas, que vaticinárão perpetua a sua ruina, e consequentemente não succedendo assim, tirava á Religião Christã as suas maiores provas, fundadas no complemento do Evangelho, e das Prophecias.

Convencidos, pois, da Divina Verdade por aquelles successos, muitos gentios forão prostrar-se aos pés de S. Cyrillo, e dos Sacerdotes, pedindo-lhes a graça de os admittir á Igreja pela porta do baptismo, que recebêrão depois de instruidos nas principaes verdades; e não é para admirar de que os mesmos hebreos, que forão testemunhas occulares de tantos prodigios ainda ficassem obstinados na sua pérfida impiedade, porque assim verificárão as Prophecias, que tão expressamente declarão a sua dura contumacia em fechar os olhos á luz.

Pouco depois destes successos, teve o nosso Santo de abandonar a Jerusalem, porque subindo ao throno, em o anno de 364, o Imperador Valente, acerrimo ariano, desterrou logo a todos os Bispos Catholicos, cujo exterminio durou pelo espaço de dez annos, até que morto o tal Imperador, o piissimo Theodosio seu successor, restituio a S. Cyrillo, e aos mais Prelados ás suas Igrejas. Depois, no anno de 381, assistio o nosso Santo ao concilio geral de Constantinopla, aonde foi um dos mais zelosos defensores da Catholica Verdade; e ultimamente, no anno de 386, foi receber no Ceo a gloriosa recompensa das suas Apostolicas fadigas nos trinta e cinco annos, que santamente governou a Igreja de Jerusalem.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Não devemos abandonar a justiça, e a verdade por vermos maltratados aos justos que a defendem, e triunfantes aos seus perseguidores; devemos sim reconhecer, como signal de boa causa, o padecer contradicções, e perseguições em defensa da verdade, e da justiça, dizendo Christo a seus Discipulos, e por elles a nós outros: O servo não prefere a seu Senhor, e por tanto, se a mim me perseguirão, tambem a vós hão de perseguir.

Consiste, pois, a victoria dos justos em soffrer com paciencia todo o mal, que lhes é feito por amor da justiça, perseverando nella até á morte, porque assim triunfou Jesu Christo dos seus inimigos, não já com descer da Cruz, como podéra fazer, senão com morrer na mesma; e pelo contrario, o triunfo dos máos sobre os justos com as suas perseguições, e calumnias no breve curso desta vida, vai a parar em um eterno pranto entre as chammas do inferno.

ABRIL — 11.

DE

S. LEÃO MAGNO, PAPA.

NO SECULO V.

As illustres acções deste santo Pontifice são deduzidas da Historia Ecclesiastica, e das suas obras. Tillemont, no Tomo XV, compilou tudo o que pertence a este grande Santo, e se póde tambem ver o Cardial Orsi no Tomo XV da sua Ecclesiastica Historia.

As singulares prerogativas, e eminentes virtudes, que adornárão a pessoa do veneravel Pontifice S. Leão, justamente lhe merecêrão o glorioso titulo de *Grande*. A sua illustre familia era uma das primeiras da Toscana, porém elle (segundo se crê) nasceo em Roma, e sabe-se de certo, que alli foi educado; destinado desde mancebo para seguir a vida Ecclesiastica, o seu raro talento, e applicação contínua lhe adquirírão a profunda sciencia, que tanto resplandeceo na sua pessoa, quando occupou a primeira cadeira da Igreja Catholica.

Porém quaes forão as suas acções particulares, quaes os seus parentes, e qual o dia fixo do seu nascimento, nada sabemos com certeza; crê-se que elle sendo ainda acólito foi destinado para compôr as discordias que havia entre os dois grandes generaes Aecio, e Albino, que podião terminar em consequencias funestissimas. Transportado, pois, a França aonde se achavão aquelles dois commandantes, felizmente os reconciliou.

E fallecendo o Papa Sixto neste meio tempo, que era no mez de julho do anno 440, o clero de Roma dirigio logo os olhos para S. Leão, cuja santidade, prudencia, e sabedoria o fazião reputar pelo primeiro homem do seu seculo; e nomeando-o para subir ao throno da primeira cadeira da Igreja, foi esta eleição approvada por todo o mundo Christão.

Enviou-se-lhe, pois, uma solemne embaixada, supplicando-lhe todos que com a brevidade possivel se restituisse a Roma, aonde era esperado com a maior impaciencia; e com effeito, na sua entrada, que foi passados quarenta dias, alli foi recebido com tal prazer, que não é facil de exprimir, e a sua exaltação se fez em um domingo 29 de setembro do anno 440.

Delle sabemos quaes forão os seus sentimentos com a nova da sua eleição, por estas formaes palavras, dirigidas a Deos: « Ouvi, Senhor, a vossa voz, « que me chamava, e ponderando o pêso que se me « commettia, fiquei cheio de terror; pois que pro- « porção póde haver entre a minha fraqueza, e o « cargo que se me confia, entre aquella grandeza, « e o meu nada? Não ha coisa mais formidavel do « que um posto eminente sem méritos, e o exercicio « das funcções mais santas, confiado a um homem « cheio de culpas: Vós, Senhor, que me deputastes « para este emprego, dai-me as forças de que neces- « sito para o comprir como é justo. »

Ora os tempos, em que S. Leão foi encarregado do governo da universal Igreja, erão por extremo tempestuosos; porém elle não se desanimou, porque toda a sua confiança estava em Deos, applicando ao mesmo passo todos os meios humanos, que podião prosperar este mesmo fim, para o que logo desde o principio do seu pontificado teve sempre comsigo homens de insigne doutrina, e santidade, de cujos conselhos se valia na expedição dos negocios mais importantes, e mais difficeis da Igreja.

Além disto usava o santo Pontifice toda a possivel diligencia para o bom conhecimento das causas, em que tinha de interpor o seu juizo, de modo que nunca proferia sentença, sem primeiro estar certo da verdade dos factos, e das razões das partes. Attendia tambem o santo Papa a nutrir frequentemente os fiéis com a divina palavra, exhortando-os com fervor á prática das virtudes christãs, principalmente da esmola, da oração, e do jejum.

« É certo (dizia elle em um sermão) que es- « tando nós neste mundo cheio de iniquidades, e cer- « cados dos attractivos das coisas temporaes, não po- « demos passar os nossos dias sem padecer alguma « tentação, e ainda receber algumas feridas, para cujo « remedio é efficaz a oração contínua, o jejum rigo- « roso, e abundante esmola, porque estas tres coi- « sas unidamente praticadas, agradão a Deos, extin- « guem o peccado, e supplantão ao demonio. »

E dava Deos ao nosso Santo tanta graça no fallar, e uma tal força ás suas palavras, que todos os que ouvião as suas exhortações, com boa vontade as praticavão; e elle, tambem animado por esta docilidade do seu povo, lhes communicava de mão em mão, por escripto, aquellas instrucções, que julgava mais proprias para os adiantar na perfeição da virtude; e quaes fossem as maximas, que seguia o Santo nas suas prédicas, se collige da carta, que elle escreveo a Proterio, Bispo de Alexandria, insinuando-

lhe o methodo, que devia observar na prégação da palavra de Deos, e assim lhe dizia:

« Na tua instrucção para com o clero, e povo, « deves exhortallos a crescer cada vez mais na Fé, « e de modo que venhão no conhecimento de que não « lhes ensinas coisa de novo, mas antes lhes pro- « pões a mesma doutrina, que uniformemente foi pré- « gada pelos nossos veneraveis maiores; e não deves « contentar-te só com o dizer, mas antes mostrar-lhes « pelas authoridades dos Santos Padres, que presen- « temente lhes propões aquella mesma doutrina, que « os nossos predecessores nos ensinárão. »

Destas regras tão sábias se apartavão naquelles tempos os pérfidos hereges, que com os seus perversos dogmas, e perniciosas novidades inficionavão o rebanho do Senhor, enganando aos simplices; mas o santo Pontifice combateo de viva voz, e com as suas Cartas Apostolicas, cheias de força, e de vigor, aos hereges maniqueos, (alguns dos quaes furtivamente se havião introduzido em Roma) e aos priscillianistas, e pelagianos, que ainda infestavão os logares de Aquileia.

Mas aonde resplandeceo mais o zêlo de S. Leão em defensa da Doutrina Catholica, foi contra a heresia eutiquiana, então sahida do inferno, que consistia principalmente em negar que houvesse em Jesu Christo, depois da Encarnação, duas naturezas distinctas, divina, e humana, subsistentes em uma só pessoa: já Eutiques, Arquimandrita, ou Abbade de um grande mosteiro de Constantinopla, e author daquella heresia, tinha sido condemnado em um synodo de trinta Bispos, que convocou, e em que presidio o Patriarcha S. Flaviano.

E informado o nosso Santo pelo mesmo Patriarcha do que se passára a este respeito, lhe escreveo uma carta, em 13 de junho do anno 449, na qual admiravelmente confutou os erros, não só de Eutiques, mas tambem os de Nestorio, que por outro extremo ensinára que em Christo havia duas pessoas; donde deduzia, que a Santissima Virgem devia chamar-se Mãi de Christo, e não Mãi de Deos.

Esta carta de S. Leão é um dos mais illustres monumentos da ecclesiastica antiguidade; nella se explicão admiravelmente os verdadeiros dogmas Catholicos a respeito do ineffavel mysterio da Encarnação do Divino Verbo contra os perniciosos erros de todos os hereges; e por isso esta mesma carta foi summamente elogiada no concilio geral de Calcedonia, denominando-a um oraculo de S. Pedro, proferido pela boca de S. Leão, e o Pontifice S. Gelasio proferio anathema contra qualquer, que não a recebesse em todas as suas partes com a veneração devida.

Entretanto o ímpio Dióscoro, Patriarcha de Alexandria, convocando um concilio de Bispos hereges na Cidade de Efeso, fez que fosse nelle absolvido o heresiarcha Eutiques, e pouco menos que morto o Patriarcha de Constantinopla S. Flaviano, que o havia condemnado; porém este mesmo abominavel excesso accendeo mais o zêlo do Papa S. Leão, o qual exactamente informado de quanto violentamente se obrára naquella indignissima assembléa, recebeo a interposta appellação do Patriarcha S. Flaviano, e de Theodoreto, Bispo de Cyro.

E congregando um concilio em Roma, annullou todos os actos daquelle ímpio conciliabulo, conhecido pelo nome de *Latrocinio de Efeso*, e escreveo muitas cartas cheias de vigor apostolico ao Imperador, á Imperatriz, a diversos Bispos, e a todos os archimandritas, para obviar o grande mal, que daquelle falso synodo provinha a toda a Igreja; e ainda assim não descançou em quanto não obteve que se convocasse um concilio geral, que pozesse tudo em quietação, como se fez em Calcedonia em tempo do Imperador Marciano, successor de Theodosio no anno de 451.

Neste concilio, como fica dito, foi reconhecida a famosa carta de S. Leão, como sufficientissima para abater a heresia eutiquiana, e desfazer todos os erros contra a doutrina da Encarnação: Dióscoro de Alexandria foi alli deposto pelos seus muitos, e graves delictos, e singularmente pela temeridade, e atrevimento inaudito de excommungar em um seu conciliabulo ao Papa S. Leão; assim, pois, foi este Santo Pontifice reconhecido em toda a Igreja por insigne mestre da verdade, e o maior impugnador da mentira.

E não foi menor o zêlo de S. Leão pela disciplina dos costumes, do que pela pureza da Fé, como quem tanto sabia, que não basta para a salvação o crer bem, se á fé não correspondem as boas obras; assim, pois, para o bom regulamento da Igreja, e para a extirpação dos abusos, celebrava frequentes concilios, e pelo menos um cada anno em o dia anniversario da sua sagração, 29 de setembro.

Os fructos destes concilios erão varias ordenações importantes, algumas das quaes se lêem nas suas Cartas, como por exemplo: Que se não admittissem no ministerio da Igreja os escravos, nem os bigamos, entendendo tambem como taes os que houvessem casado com alguma viuva; e queria, sobre tudo, que os que houvessem de ser providos para alguma dignidade ecclesiastica, principalmente episcopal, se examinassem com madureza se erão providos daquella sciencia, e virtude, que são indispensavelmente necessarias a quem hade ser mestre, e conductor das almas alheias.

Além da applicação contínua, que exercitava S. Leão sobre as coisas pertencentes á Igreja, cuidava tambem nos bens temporaes da Cidade de Roma, e de toda a Italia, como evidentemente mostrou quando não teve difficuldade em abandonar por algum tempo a sua ordinaria residencia para sahir ao encontro do soberbo Attila Rei dos hunnos, que se jactava de ser o *terror do mundo, e flagello de Deos*.

Erão aquelles barbaros uns povos da Scithia,

que agora pertencem aos moscovitas, os quaes sahindo das suas terras no anno de 276, passárão a lagôa Meótida, e o Mar-Caspio, e extendêrão as suas conquistas por varias Provincias do Oriente, até que, no anno de 433, o famoso Attila, um dos mais formidaveis dos seus Reis, intentando subjugar o Imperio do Occidente, formou um poderoso exercito de setecentos mil homens, e entrando pela Hungria, passou a Alemanha, e chegou a França, fazendo por toda a parte successivas conquistas.

Porém resistio-lhe o famoso Aecio, célebre general do exercito romano, obrigando-o, não sómente a levantar o cerco da Cidade de Orleans, se não tambem fazendo-o retroceder até os planos de Challons na Champanha, aonde apresentando-lhe uma sanguinolenta batalha, alcançou sobre elle uma completa victoria.

E querendo logo aquelle barbaro tomar vingança desta desfeita, reparou as suas tropas o mais breve que lhe foi possivel, e entrando na Italia se fez senhor de Aquilea, que reduzio a cinzas, e metteo todo o seu Paiz a fogo, e sangue; e fugindo as gentes de todas as partes para evadirem a ferocidade daquelle barbaro, retirárão-se muitas familias para umas Ilhas pequenas na extremidade do golfo do Mar-Adriatico, aonde estabelecendo-se depois com mais solidez, lançárão os primeiros fundamentos á Cidade de Veneza, como diz Cassiodoro, que escrevia no quinquagesimo anno depois deste successo.

Entretanto o soberbo Attila, ao qual nada resistia, deixava por toda a parte os vestigios do seu furor: elle já tinha saqueado a Milão, e tomado a Pavia, porque o Imperador Valentiniano III, Principe fraco, não ousando oppor-se ao curso das suas victorias, lhe deixou a passagem livre, e foi encerrar-se em Ravena; o que sabido pelos moradores de Roma, perderão toda a humana esperança, temendo a cada passo ver o Rei dos hunnos ás suas portas.

Achando-se, pois, as coisas da Italia neste estado lastimoso, o senado, e povo romano, cheios de temor supplicárão ao santo Pontifice, que fosse mediar para com aquelle Principe, justamente persuadidos, de que só a sua eloquencia, e virtude lhe poderião abrandar a ferocidade; com effeito, partindo o Santo cheio de confiança na protecção Divina, foi encontrar Attila junto a Mantua nas margens do rio Mincio.

E aquelle soberbo Principe (fóra de toda a esperança) o recebeo com a maior civilidade, porque além do prazer que lhe causava o ver na sua presença um homem tal, que se tinha feito célebre em todo o mundo, o via tambem, como diz um escriptor do oitavo seculo, assistido de duas veneraveis pessoas, (S. Pedro, e S. Paulo) que lhe conciliavão o maior respeito; assim, pois, deo Attila ao nosso Santo uma audiencia favoravel, e mandou logo cessar todos os actos de hostilidade para desempenho da promessa que lhe fez de repassar os Alpes, e deixar em paz a Italia.

Concluido felizmente este negocio, voltou S. Leão para Roma, aonde intimou logo a todos, que rendessem muitas graças a Deos, e aos seus Santos Apostolos, por cuja protecção tinhão escapado do horrivel castigo, que lhes estava eminente: assim, pois, persuadido o povo desta verdade, costumava todos os annos em o dia anniversario do livramento daquelle flagello, (que occorria no oitavario dos Santos Apostolos) hir em procissão á Basilica de S. Pedro gratificar a Deos aquelle grande beneficio.

E esfriando-se depois esta devoção, ainda em tempo do mesmo santo Pontifice, elle em um sermão lhes vaticinou, que a tão ingrato descuido não tardaria muito o rigoroso castigo, como assim succedeo no anno de 455, pela occasião que agora diremos.

Sendo assassinado o General Aecio, por ordem do Imperador Valentiniano, que tinha suspeitas contra a sua fidelidade, os seus amigos lhe vingárão a morte, matando ao mesmo Imperador; e magoada a Imperatriz Eudoxia do fim tragico de seu marido, e de a fazerem casar á força com o tyranno Maximo, usurpador do Imperio, convidou a Genserico, Rei dos vandalos, para que viesse com um poderoso exercito castigar aquelles que maculárão as suas mãos no sangue do Imperador Valentiniano.

O Principe vandalo, com este aviso, pôz-se em marcha sem muita demora; e o pérfido Maximo, não podendo resistir-lhe, quiz salvar-se com a fuga, mas foi logo assassinado pelos domesticos de Valentiniano; depois do que, passados tres dias, chegou Genserico ás portas de Roma, e o nosso Santo sahindo-lhe ao encontro, supplicou-lhe que ordenasse ás suas tropas se contentassem com saquear a Cidade, sem derramar sangue, e sem lhe pôr fogo, o que lhe foi concedido; tanto é certo, que um santo pastor é o melhor refugio do seu rebanho nos maiores apertos das calamidades publicas.

Depois deste successo ainda o santo Pontifice viveo seis annos até o dia 10 de novembro de 461, em que cheio de méritos para com Deos, e para com os homens, pelos seus escriptos, e heroicas obras, passou a gozar no Ceo a eterna recompensa das suas gloriosas fadigas, havendo governado nos tempos mais perigosos a barca da Santa Igreja pelo espaço de vinte e um annos, um mez, e treze dias.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Adoremos a providencia de Deos, que nas maiores consternações concede á sua Igreja homens cheios de piedade, e doutrina, como foi S. Leão, para a susterem contra os seus inimigos, defendendo-a da heresia, e de toda a sorte de erros; este é o effeito das infalliveis promessas de Jesu Christo, que na pessoa de S. Pedro, e dos seus successores, como

em pedra firme, fundou a sua Igreja, contra a qual não prevaleceráõ jámais, nem a malicia dos homens, nem o poder das trévas.

Agradeçamos, pois, ao Senhor que nos fez nascer no gremio desta Igreja, no qual só póde haver salvação; mas advirtamos sempre o que diz o Apostolo S. Tiago, que a Fé sem obras é morta, e que assim será tanto mais terrivel a nossa condemnação, quanto foi maior o beneficio que recebemos do mesmo Senhor, se não correspondermos com uma vida justa, como virtuosos filhos da verdadeira Igreja.

ABRIL — 12.

DE

SANTA CATHARINA DE SUECIA,

VIRGEM.

EM 24 DE MARÇO.

NO SECULO XIV.

Na obra dos Bollandistas no dia 24 de março acha-se a vida desta Santa escripta poucos annos depois da sua morte, segundo os fiéis depoimentos das pessoas, que presenciárão as suas acções.

Catharina, filha de Ulfonio, Principe de Nericia no Reino de Suecia, e de Santa Brizida sua esposa, nasceo no anno de 1330; e a dita sua mãi, depois de a haver creado a seus proprios peitos, pensando em a preservar da corrupção do seculo, a consignou nas mãos da Abbadessa de Risberg, senhora de muita virtude, para que a educasse no seu mosteiro em todos os exercicios de piedade.

Assim começou Catharina desde os seus primeiros annos a fazer maravilhosos progressos no caminho da perfeição, dando a conhecer nas suas acções uma tal madureza de juizo, e piedade sólida, que excedia muito á sua idade, e debilidade do seu sexo; e logo que ella chegou á idade núbil, seu pai, ignorando a resolução, que ella tomára de consagrar a sua virgindade a Deos, a prometteo por esposa a um dos principaes senhores do Reino, por nome Egardo.

Não quiz oppôr-se Catharina á determinação de seu pai, mas confiou sempre em Jesu Christo, Esposo das Virgens, que lhe subministraria opportuno meio para conservar a castidade no estado conjugal; e com effeito, celebradas as vodas, e recolhida ella ao seu aposento, soube fallar ao marido com tanta efficacia sobre o precioso valor da virginal pureza, e Deos lhe subministrou tanto vigor ás suas palavras, que movido o ditoso Egardo a prestar o seu consenso, fizerão logo ambos expresso voto de perpetua continencia.

E sabendo os dois consortes, que sem assistencia divina lhes não era possivel observar fielmente a sua generosa promessa, procurárão merecella com uma vida santa, e mortificada, passando uma boa parte da noite em oração, dormindo sobre o duro pavimento, ainda em tempo de inverno, jejuando com frequencia, e rigorosa austeridade, vestindo com religiosa simplicidade, e exemplar modestia, e sempre cheios de caridade para com os pobres.

Assim concedeo o Senhor a Catharina na pessoa de seu marido um varão tão virtuoso, que com as palavras, e com o exemplo lhe servia de poderoso estimulo para adiantar-se cada vez mais no caminho da vida devota; mas tambem permittio, para seu maior mérito, que um seu irmão, por nome Carlos, lhe désse no mesmo tempo bastantes exercicios á sua virtuosa paciencia; porque elle, como homem vão, e cheio de espirito mundano, não levando a bem a simplicidade do vestido, a humildade de sentimentos, e o portamento devoto, que via em sua irmã, assentou que a devia remover daquelle modo de vida, que elle reputava por cousa indigna, e de ridicula singularidade.

Applicou, pois, toda a possivel diligencia para a fazer mudar de vida; mas tão longe esteve Carlos de a persuadir, e convencer, que antes pelo contrario ella com a graça de Deos induzio a sua cunhada a renunciar as modas, as delicias, e todas as vaidades, que praticão de modo ordinario as senhoras nobres, e mundanas; e vendo então o mesmo Carlos uma tal mudança em sua mulher, que logo attribuio ás persuasões da irmã, não satisfeito com a censurar, como antes fazia, se indignou fortemente

contra ella, e fazendo-lhe varias ameaças, a insultou com tantas injúrias, que lhe deo, como fica dito, occasião larga, para exercicio da humildade, e paciencia.

Morreo neste tempo o Principe Ulfonio, esposo de Santa Brizida, a qual achando-se em liberdade para comprir o antigo desejo que tinha de visitar os logares santos de Roma, resolveo-se a fazer esta viagem; e Catharina sua filha, pelo grande extremo com que a amava, pedio, e obteve permissão de seu marido para lhe fazer companhia. Chegando, pois, áquella grande Cidade, tomárão por sua occupação ordinaria visitar os hospitaes, Igrejas, e santuarios, que nella havia.

Mas passado algum tempo, foi tal a saudade que teve Catharina da sua patria, que andava toda opprimida de uma profunda tristeza; o que advertido por sua mãi, e julgando-a possuida de alguma interna afflicção, a exhortou a recorrer á oração, e particularmente a implorar o auxilio da Santissima Virgem, por cujo meio, e pela obediencia ao seu confessor, ficou livre daquella tentação, e muito mais quando soube com certeza, que era morto seu marido, porque então de todo esquecida da propria patria, cuidou sómente em seguir os conselhos da santa mãi, e de imitar as acções da sua vida.

Mas depois desta victoria, que ella alcançou de si mesma, teve de soffrer ainda outro combate, que não esperava. Sabendo-se em Roma que a illustre Catharina ficára viuva, entrárão muitos senhores a pretendella para sua esposa, e principalmente um certo Conde, que impaciente de ella não acceitar as suas proposições de matrimonio, e sabendo que ella costumava ir á Igreja de S. Sebastião, mandou pôr de emboscada uns seus domesticos, para lha conduzirem a casa por força; porém dispoz a Providencia, que encontrando elles um casual embaraço no caminho, podésse ella com sua mãi passar livre daquella violencia.

E este inopinado incidente servio de motivo á Santa para viver depois mais retirada, occupando-se na oração, e meditação das verdades Evangelicas, e no trabalho de mãos, em obras de piedade para beneficio dos pobres, e particularmente dos peregrinos, que vinhão da Suecia, e Paizes do Norte visitar os santuarios de Roma.

Aos muitos exercicios de piedade, e contínuas obras de mortificação, que praticava a Santa em Roma com sua veneravel mãi, quiz accrescentar a peregrinação á Terra Santa na Palestina, devoção naquelles tempos muito frequentada: chegando pois a Jerusalem as duas Santas, passados alguns dias, Santa Brizida cahio enferma, por cujo motivo tornárão logo para Roma, aonde a santa matrona desejava acabar os seus dias, como assim lhe concedeo o Senhor, fazendo-a concluir felizmente aquella segunda jornada, e chamando-a para si no dia 23 de julho do anno 1373.

Supportou Catharina esta perda com grande valor, fazendo violencia, aos sentimentos de afflicção, que a propria natureza lhe devia suscitar; e comprindo pontualmente o que sua mãi lhe ordenára que praticasse com o seu corpo, o fez sepultar na Igreja das Religiosas de Santa Clara, chamada de S. Lourenço em *Panisperna*, e passadas sete semanas, o transportou (como dispozera a defunta) para o Reino de Suecia, deixando por então a Roma, aonde assistira pelo espaço de vinte e cinco annos, comprehendido o tempo que empregou nas viagens de devoção.

Chegou ella a Suecia no dia 5 de julho do anno de 1374, e depositando o corpo de sua santa mãi no mosteiro Vastanense, se recolheo nelle, com animo de passar alli o restante de seus dias em serviço de Deos; e supplicando-lhe as Religiosas daquella casa, que se dignasse de ser sua perpétua Superiora, ella lhes deo a mesma regra, chamada do *Salvador*, que, conduzida por sua mãi, havia praticado em Roma.

Succedeo então, que estando Catharina toda applicada á santificação propria, e das suas Religiosas, de repente se vio obrigada a sahir daquelle mosteiro, aonde gozava a maior paz de espirito, porque a multidão de milagres, que Deos obrava em favor dos que recorrião á intercessão de Santa Brizida, excitou no animo do Rei, dos Bispos, e grandes de Suecia o desejo de a fazerem canonizar solemnemente, e julgárão todos que ninguem poderia manejar melhor esta empreza do que a sua mesma filha.

Chegando ella, pois, com esta commissão a Roma, alli se entreteve pelo espaço de dois annos; e supposto que apesar das suas fervorosas diligencias não pode conduzir este negocio á sua final conclusão, sempre o deixou em termos de o poder adiantar assaz bem depois de se pôr a caminho para a amada solidão do seu mosteiro, ainda que logo começou a sentir-se tão enferma, que desde aquelle tempo até o da sua morte não gozou uma hora de perfeita saude.

É bem verdade, que se padecia no corpo a Santa uma contínua molestia, gozava sempre um grande fervor de espirito, que perennemente a elevava a Deos, e á contemplação das coisas celestes, soffrendo ao mesmo passo com alegre paciencia os penosos incommodos da sua enfermidade, que lhe durou nove mezes até o dia 24 de março do anno de 1381, em que Deos a chamou para o Ceo, honrando-a tambem depois da morte com muitos milagres, para manifestar a todos a santidade da sua vida.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Ainda que Deos não concede a todos o dom preciosissimo de conservar a virgindade por um modo tão singular, e extraordinario, como teve esta illustre Santa, comtudo, pódem e devem todos, á sua

imitação, usar aquelles meios, que lhes são facultados pela natureza, e pela graça para conservar os dons que recebêrão do Senhor, e obter delle outros novos.

Santa Catharina faria pouco se consagrando a sua virgindade a Deos, não accrescentasse o exercicio das boas obras, principalmente da oração, e mortificação da carne, para impetrar a graça de observar a sua virtuosa promessa; e assim tambem pouco servirá a qualquer o haver eleito um estado de perfeição, se não applicar os meios necessarios para o chegar a possuir.

ABRIL — 13.

DA

BEATA JUSTINA, VIRGEM.

EM 9 DE MARÇO.

NO SECULO XIII, E XIV.

A sua vida tirada dos antigos manuscriptos da Cidade de Arezzo, é referida pelos Bollandistas no dia 12 de março.

Nasceo a Beata Justina em Arezzo, Cidade da Toscana, depois da metade do seculo decimo terceiro, e na idade de treze annos se retirou para um particular recolhimento de mulheres, que em corpo de communidade servião a Deos, separadas dos perigos do mundo, e applicadas a obras de piedade christã, e alli se demorou por alguns annos, em quanto se não sentio inspirada pelo Senhor para abraçar um theor de vida mais austéra, e penitente.

Ouvindo, pois, louvar uma certa matrona chamada Lucia, que estava encerrada em uma casinha proxima ao castello de Civitella, com permissão dos superiores partio do mencionado recolhimento, e foi morar com aquella boa mulher, exercitando-se em contínuos jejuns, orações, vigilias, e mortificações varias, com grandes utilidades do seu espirito, que cada dia se augmentava, e se affervorava mais no amor de Deos, e no desejo dos bens do Ceo.

Entretanto a Divina Providencia apresentou a Justina uma bella occasião de exercitar a caridade fraternal, inseparavel companheira do amor de Deos; por quanto, sobrevindo a Lucia uma grave molestia, que a teve no leito por mais de um anno, Justina a servio com o maior affecto, assistindo-lhe de dia, e de noite em todas as suas indigencias, e prestando-lhe todos os auxilios, que lhe permittia a sua pobreza, até passar desta vida para a eterna.

Ficou então Justina por algum tempo sem mais companhia naquella casa, conversando com Deos na oração, e macerando o seu corpo com penitencias, e rigorosas austeridades; mas temendo algum perigo, ella que era de poucos annos, se continuasse em ficar só naquella casa, que estava no meio do campo, julgou por melhor conselho procurar a companhia de outras pobres mulheres, qne vivião juntas, e tratavão só de servir a Deos com pureza de coração.

A pobreza destas creaturas era tal que muitas vezes carecião do quotidiano alimento, porém Justina as animava a não perder a confiança na Divina Providencia, que sustentando as aves do Ceo, e as féras do campo, não é crivel que desampare as suas servas, que tem a Deos na presente vida por unico objecto da sua esperança, e o mesmo Senhor assim lh'o mostrou mais de uma vez, com milagrosa experiencia, achando-se ellas em occasião da maior penuria.

Daquella casa, em que estavão com grande aperto, se mudárão para outra maior, que lhes offereceo uma senhora devota, e alli continuou Justina, a exercitar-se nas suas penitencias, e na pratica da humildade, caridade, e outras mais virtudes, com que edificava não sómente as suas companheiras, senão tambem a todas as pessoas, que tinhão occasião de conversar com ella.

Porém como Deos costuma formar os seus servos por meio das tribulações, afim de os purificar, e lhes fazer adquirir maior cúmulo de meritos para a eternidade, dispoz que esta sua serva fosse opprimida de muitas, e graves molestias, as quaes ella supportou com admiravel paciencia, e resignação perfeita na Divina vontade.

Vinte annos antes da sua morte sobreveio-lhe um mal aos olhos, que entre gravissimas dôres a deixou totalmente céga: recebeo ella esta penalidade como um singular beneficio do Senhor, dando-lhe contínuas graças, e rogando-lhe ao mesmo tempo, que lhe augmentasse a luz interna, com que podesse

melhor conhecello, e amallo neste mundo, para o ver depois face a face, amando-o, e louvando-o na eterna vida.

Quanta fosse a estimação, que Deos formava da virtude de Justina, e qual o apreço que fazia do prazer de espirito, com que ella tolerava a sua cegueira, o quiz mostrar com um milagre, que obrou por seu meio com uma donzella, que padecendo uma grave molestia nos olhos, experimentára sempre innuteis todos os medicinaes remedios: conduzida, pois, por seus pais á presença de Justina, orou ella ao Senhor, e tocando-lhe os olhos com a sua corôa, promptamente a deixou curada.

Já chegava a serva de Deos á idade de sessenta e tres annos, quando a sua ultima enfermidade, no dia 9 de março do anno 1319, a fez passar das miserias deste mundo para as delicias do immortal Paraiso, completo o vigesimo anno da sua corporal cegueira; e o Divino Senhor, depois da sua morte dignou-se de a illustrar com muitos prodigios, dos quaes referiremos alguns obrados em favor de pessoas, que ou erão de todo cégas, ou padecião grave molestia nos olhos.

Havia na Cidade de Arezzo uma honrada matrona, que sobrevindo-lhe aos olhos densissimas cataractas, se achava inteiramente privada da vista; ouvindo, pois, ser fallecida a Beata Justina, fez-se levar com grande confiança a venerar o seu corpo, e recommendando-se á sua intercessão, obteve para logo a pretendida graça, ficando totalmente livre da sua cegueira: o mesmo aconteceo a certo homem, por nome João, do Condado de Arezzo, que cégo de um dos olhos, foi visitar o corpo da serva de Deos, que ainda estava exposto na Igreja, e beijando-lhe reverentemente a mão, recuperou logo a luz perdida.

Ainda foi mais admiravel o beneficio que recebeo outro da mesma terra, por nome Goro, tambem cégo de um dos olhos, porque achando-se elle a trabalhar no campo, e dizendo-se-lhe os muitos milagres, que se fazião mediante a intercessão da Beata Justina, concebeo para com ella uma tão grande confiança, que ajoelhando alli mesmo, e supplicando o seu auxilio para o mal que padecia nos olhos, concluida a oração, se achou sem impedimento algum, recuperada inteiramente a sua vista.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Observava Santo Agostinho, que assim como Deos na vida presente reparte diversas graças entre os seus servos, e amigos, o mesmo obra tambem a seu respeito depois de os chamar ao Ceo; porque a experiencia mostra, que aos sepulchros dos Martyres, e dos outros Santos, e á sua intercessão não se obrão em toda a parte os mesmos prodigios, mas antes diversos uns dos outros, segundo a ordem de Deos, que tudo dispõe para sua maior gloria, e decorosa honra dos seus Santos.

Assim o vemos observado com a Beata Justina: ella soffreo a sua cegueira, não só com paciencia, mas com alegria, pelo espaço de vinte annos, o que dá logar a discorrer: que o benigno Senhor, em recompensa desta sua virtude lhe concedeo a graça de beneficiar aquelles, que padecem nos olhos alguma molestia, como, com effeito, praticou em vida, e depois de morta: tenhamos, pois, uma especial devoção para com esta serva de Deos, afim de que nos preserve a vista daquelles incómmodos, a que por tantos modos está sujeita, segundo as miserias da vida humana.

ABRIL — 14.

DO

BEATO AMBROSIO DE SENA, CONFESSOR.

EM 22 DE MARÇO.

NO SECULO XIII.

A sua vida foi escripta por quatro religiosos da Ordem dos Prégadores, deputados pelo Summo Pontifice Honorio IV, logo depois da morte do servo de Deos, e se acha na collecção dos Bollandistas em o dia 20 de março.

Em o dia 16 de abril do anno 1220, nasceo Ambrosio em Sena, Cidade da Toscana, da nobre familia Sansedonia, e sahindo á luz com os membros do seu corpo mal formados, e contrapostos, prodigiosa-

mente lhe forão logo aperfeiçoados, e restabelecidos em os seus respectivos logares, por orações de Justina sua mãi, grande serva de Deos, e com este corporal beneficio recebeo no mesmo tempo outra graça mais importante, dotando-o o Ceo de uma indole inclinada ao bem, com que o preservou dos perigos, que de modo ordinario incorre a mocidade nos seus primeiros annos.

Assim, pois, logo que chegou Ambrosio ao perfeito uso da razão, começou a ter odio ao peccado, amar a Deos sobre tudo, e empregar a maior parte do tempo em exercicios pios, e devotos; e crescendo nos annos, crescia tambem na virtude, fazendo frequentes orações, entretendo-se com livros devotos, conversando com pessoas de justificados procedimentos, e evitando com a maior cautela ainda a menor familiaridade com os dissolutos, e libertinos.

E para conservar intacto o precioso thesouro da pureza, guardava com muita cautéla os proprios sentidos, principalmente o da vista, evitava os bailes, e particulares assembléas, e até os publicos por occasião de baptizados, e vodas, ainda que fossem de seus parentes, não obstante o saber, que este seu retiro lhe attrahia a censura de muitos, que o reputavão por um homem rustico, incivil, e fanatico escrupuloso.

E o mais é, que até o seu mesmo pai não lhe approvava aquelle modo de vida, parecendo-lhe demasiadamente severo, e nada conveniente á sua idade, e condição da sua pessoa; porém o generoso Ambrosio, conduzido por superior illustração, e attendendo mais aos conselhos das pessoas religiosas, do que aos dicterios das gentes mundanas, manteve-se constante no theor da sua vida devota, e innocente, nada mudando nos seus santos propositos.

Tinha elle por costume frequentar os hospitaes em todos os domingos, para servir, e consolar os enfermos, e visitar nas sextas feiras os encarcerados, subministrando-lhes os soccorros que podia; e em todos os sabbados, em obsequio da Santissima Virgem (de que sempre foi devotissimo) conduzia para casa cinco pobres, a quem com licença de seus pais dava de comer, expedindo-os depois com suas esmolas, e uma boa doutrina.

Estes, e outros exercicios de piedade praticou Ambrosio, em quanto viveo no seculo, até que chegando aos seus dezesete annos, e querendo unir-se mais a Deos por meio da profissão religiosa, elegeo a sagrada Ordem dos Prégadores, em que via florecer o zêlo da salvação das almas, e alli recebeo o santo habito no mesmo dia, em que nascêra, que era o 16 do mez de abril do anno 1237.

Completo o anno do noviciado com a mais exacta observancia do seu instituto, foi enviado a París para fazer os seus estudos naquella famosa universidade; e no mesmo tempo em que muito se applicava para adquirir as sciencias, que lhe ensinavão os mestres, não omittia o principal negocio da santificação do seu espirito, com que veio a formar-se não menos douto, do que Santo.

Passados poucos annos, ordenárão-lhe os superiores, que ensinasse theologia em París, e depois em Colonia, commettendo-lhe juntamente a incumbencia de prégar a Divina palavra; e como Alemanha naquelle tempo estava toda involta em facções, e discordias particulares, e publicas, teve Ambrosio um largo campo para empregar o seu talento, e a sua ardente caridade, vindo a ser um anjo de paz em todas as terras aonde prégou, por quanto a efficacia das suas palavras pacificou as discordias, serenando os animos alterados, e mediante o auxilio Divino estabeleceo a concordia, não só nas familias, mas tambem nas Cidades, que mutuamente se digladiavão, com lastimosa ruina da quietação dos povos, e das suas consciencias.

Achava-se entretanto a Cidade de Sena muito afflicta, e perturbada, não só pelas discordias intestinas, que naquelles calamitosos tempos, não menos que na Alemanha, grassavão na Italia, senão tambem porque o Summo Pontifice fulminára contra aquella Cidade o ecclesiastico interdicto, por haver tomado o partido do Imperador Frederico II, declarado inimigo da Igreja Romana.

Rogárão, pois, os cidadãos senenses com grande instancia ao Beato Ambrosio, que viesse beneficiar a sua patria, promovendo nella a mesma paz, que elle estabelecêra em muitas Cidades de Alemanha; e com effeito, vindo elle no anno de 1263, e transportando-se logo aos pés do Papa Clemente IV, facilmente o moveo a levantar o interdicto, e admittir na sua graça aquella Cidade; o que deo tanto prazer aos seus moradores, que celebrárão a noticia com festas publicas, e ordenárão que se renovassem todos os annos.

Nesta occasião o mesmo Papa Clemente IV, e tambem o seu successor Gregorio X, reflectindo nos grandes talentos de piedade, e doutrina, com que Deos enriquecêra o seu servo Ambrosio, o quizerão elevar ás prelaturas da Igreja, para servir-se delle em os negocios de maior consideração, e particularmente para socegar os povos divididos em facções, e guerras civís, como tambem para prégar a cruzada contra os infiéis.

Porém elle recusou constantemente qualquer dignidade, que o distinguisse do numero dos simplices Religiosos, offerecendo-se prompto ao mesmo passo para se empregar inteiramente em servir a Igreja, e obedecer ás ordens pontificias em tudo que lhe fosse mandado; e elle assim o executou, com grande alegria do seu animo, em varias commissões que lhe encarregou a Sé Apostolica para reconciliar Principes, e Republicas, que andavão em contínuas guerras com grave damno da Christandade.

Nesta pia occupação empregou Ambrosio o restante da sua vida, discorrendo por uma, e outra Cidade, prégando frequentemente a palavra de Deos

com grande proveito das almas, e derramando por toda a parte a suave fragrancia das suas virtudes.

Elle no meio de tantas viagens, que foi obrigado a fazer, e entre tantas, e tão diversas negociações, que teve de praticar com as pessoas do seculo, conservou sempre o mesmo recolhimento de espirito, e o mesmo theor de vida penitente, que observava no socego do claustro; porque todos os seus discursos, e todas as suas acções se dirigião para gloria de Deos, e salvação das almas.

Observou tambem a maior cautella no tratar com pessoas de differente sexo, abstendo-se de olhar para ellas de proposito, concluindo a prática em poucas palavras, temendo de offuscar, ainda levemente, o candôr da virginal pureza, que com a graça do Senhor conservou sempre intacto desde a sua infancia.

No anno de 1286, chegando o servo de Deos á sua Cidade de Sena, entrou a prégar a quaresma com o costumado fervor do seu espirito, mas sobrevindo-lhe um copioso fluxo de sangue com ardentissima febre, recolheo-se ao seu cubiculo, aonde recebeo logo os ultimos Sacramentos com tal devoção, que moveo as lagrimas a todos os seus Religiosos; e assim cheio de méritos rendeo placidamente a ditosa alma nas mãos do seu Creador em o dia 22 de março do mesmo anno de 1286. Honrou o Senhor a este seu servo com muitos milagres depois da morte, referidos pelos authores, que escrevêrão a sua vida por ordem do Summo Pontifice Honorio IV.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

As cautellas que o Beato Ambrosio praticou no estado secular, e religioso em não olhar curiosamente para as pessoas de differente sexo, afim de manter illesa a sua pureza, confundem a temeraria presumpção dos que, expondo-se a todos os perigos sem resguardo, esperão sem fundamento não ser vencidos da propria concupiscencia, e não incorrer em alguma macula, ou leve culpa.

Aquelles, pois, que assim se portão, contradizem a palavra de Deos, que em muitos logares da Sagrada Escriptura recommenda as ditas cautellas, e dão claramente a ver, que ou são ignorantes, ou presumptuosos. Ignorantes, *por não conhecerem a propria fragilidade, e a desordem da concupiscencia, introduzida pelo peccado original em todos os filhos de Adão.* Presumptuosos, *persuadindo-se falsamente de poderem manter-se illesos no meio das chammas.*

ABRIL — 15.

DE

SANTO EUSTASIO, ABBADE.

EM 26 DE MARÇO.

NO SECULO VII.

A sua vida fielmente escripta pelo monge Jonas, seu contemporaneo, é referida pelos Bollandistas no dia 29 de março.

Santo Eustasio foi um dos mais santos discipulos do célebre S. Colombano, que primeiro em França, e depois em Italia fundou varios mosteiros, nos quaes por muitos seculos floreceo uma exacta disciplina regular. Nasceo Santo Eustasio na Borgonha, de illustres pais, no anno de 580, e togo desde mancebo foi commettido ao cuidado de um seu tio, Bispo de Langres, onde recebeo uma optima educação, tanto na virtude, como nas lettras.

A distincta nobreza, o raro talento, e outras bellas qualidades que adornavão a pessoa de Eustasio, podião fazer-lhe esperar no mundo os maiores augmentos em qualquer estado que elegesse, ou secular, ou ecclesiastico; mas ponderando elle com madureza os perigos que se encontrão no seculo, julgou por melhor partido voltar-lhe as costas, e, abraçando a profissão religiosa, passar os seus dias na obscuridade, e na penitencia.

E como naquelles tempos era essás famoso o nome de Colombano, que pouco antes havia edificado na Borgonha um mosteiro chamado *Lussoviense*, apresentou-se Eustasio ao santo Abbade no principio do seculo setimo; e admittindo-o promptamente entre os seus discipulos naquelle mosteiro, forão taes os progressos, que alli fez no caminho da virtude, que o santo Abbade levando-o comsigo, e a S. Gallo, tambem seu discipulo, para a fundação de outro mosteiro junto ao lago de Constança, elles forão as

primeiras pedras fundamentaes daquella santa disciplina, que alli depois floreceo com grande utilidade da Igreja.

Entretanto, informado S. Colombano das vexações, e molestias, que depois da sua ausencia padecião os seus monges do mosteiro Lussoviense, pelos cortezãos do Rei Theodorico, enviou lá o nosso Eustasio, afim de procurar remedio ás afflicções daquella religiosa communidade; e elle, felizmente, com a sua doçura, e bons modos fez cessar a perseguição, de modo que dalli em diante podérão aquelles monges ficar vivendo sem perturbação alguma.

Elle, no anno de 612, tomou o governo daquelle mosteiro por ordem de S. Colombano, que então foi fundar em Italia o célebre mosteiro de Bobbio no estado de Milão: Eustasio, pois, governou o mosteiro Lussoviense em quanto viveo, e nelle fez florecer uma tão boa ordem, e uma tão exacta disciplina regular, que a fragrancia da virtude, que alli reinava lhe attrahio um tão grande numero de pretendentes ao santo habito, que em breve tempo se formou uma communidade de muitos centos de monges.

E o santo Abbade Eustasio antecedia a todos no seu theor de vida virtuosa, penitente, e mortificada, porque os seus jejuns, as suas vigilias, e outras austeridades que praticava, e a sua humildade, a sua caridade, e as mais virtudes que exercia, erão outras tantas lições que dava aos seus monges, tanto mais proprias para persuadir o bem, quanto os exemplos são mais efficazes do que as instrucções.

Elle vigiava com solicito desvelo sobre o procedimento dos seus monges, mostrando-lhes entranhas de pai amoroso, sempre attento a prover de remedio para todas as suas espirituaes, e temporaes indigencias; e quando era obrigado a usar de rigor com os menos observantes, o fazia com tal circumspecção, e prudencia, que lhes ganhava os corações, e os reduzia a obrar por amor quanto delles desejava; e assim teve a consolação de ver o seu mosteiro cheio de excellentes Religiosos, muitos dos quaes pelas suas singulares virtudes forão elevados ás primeiras dignidades da Igreja, e numerados entre os Santos nas Memorias Ecclesiasticas.

Porém no meio destas consolações permittio Deos que Santo Eustasio provasse não pequenas amarguras, occasionadas por parte de um monge turbulento, e sedicioso, chamado Agrestino: era este o primeiro Secretario do Rei Theodorico, e por um repentino movimento de devoção mal provada, passou a vestir o habito religioso no mosteiro Lussoviense; mas cahindo pouco a pouco na tibieza, começou a enfastiar-se do silencio, e retiro; e para ter um pretexto especioso de sahir do mosteiro, pedio licença a Santo Eustasio para ir prégar o Evangelho aos infiéis, de que naquelle tempo abundava o proximo Paiz de Baviera.

Rejeitou logo a supplica o santo Abbade, representando-lhe sinceramente, que elle não tinha o fundo de virtude, e doutrina, que requeria um tal ministerio; mas persistindo Agrestino obstinadamente no seu mal formado designio, e importunando a cada passo ao virtuoso Prelado pela suspirada licença, finalmente a obteve, e partio para Baviera.

Entrou logo a exercitar o officio de Prégador, mas inutilmente, e sem algum fructo: dalli passou a Aquiléa, aonde teve a desgraça de cahir no scisma, que então grassava naquelle patriarchado, por causa dos tres capitulos, e da definição que se fez sobre elles no concilio quinto; e por ultimo voltou para o mosteiro Lussoviense, aonde movido pelo espirito diabolico, fez grande esforço, e applicou toda a industria para induzir ao scisma aquelles monges, e ainda ao mesmo Abbade.

Procurou Eustasio os mais efficazes meios, e usou de todas as possiveis diligencias, que lhe suggeria a sua caridade para extrahir do erro, e livrar das suas illusões aquelle desgraçado monge: vendo, pois, que elle a nada se movia, o expulsou do mosteiro, para que não inficionasse aos outros monges com as opiniões perversas da sua falsa doutrina.

Irritado então o malvado Agrestino contra o santo Abbade, começou primeiro a declamar contra a regra de S. Colombano, que se professava no mosteiro Lussoviense, accusando-a de perniciosas singularidades, contrarias aos sagrados canones, e á boa disciplina monastica; e ganhando o animo do Bispo de Genébra, seu parente, e de outras pessoas distinctas, atreveo-se a apresentar ao Rei Clotario um libello cheio de calumnias contra a memoria de S, Colombano, e contra a sua regra.

Commetteo o Rei aquelle negocio a um concilio de muitos Bispos, que no anno de 623 convocou na Cidade de Masson, afim de examinar as accusações impostas por Agrestino, e proferir sobre ellas um authentico juizo, segundo os canones da Igreja. Apresentando-se, pois, Santo Eustasio ao concilio, defendeo com tão fortes razões a regra de S. Colombano, e mostrou com tal solidez a insufficiencia das accusações de Agrestino, pela sua notoria falsidade, que aquelles Prelados (com estarem alguns delles prevenidos pelo depravado monge) reconhecêrão a santidade da regra Colombana, e decidirão a controversia a favor de Santo Eustasio.

E rogando-lhe os mesmos Prelados que perdoasse a Agrestino a injúria que lhe fizera, e o recebesse na sua amizade, o santo Abbade que muito desejava a reducção, e conversão daquelle máo discipulo, promptamente o abraçou, e lhe deo o osculo de paz com os signaes mais sinceros de uma perfeita reconciliação; mas ai de quem deixa occupar o coração do espirito de malevolencia! porque rara vez succede, que devéras se converta para Deos, e deponha sinceramente as suas injustas prevenções.

Assim se verificou no infeliz Agrestino, que tanto não teve emenda, que antes continuou no seu odio contra Santo Eustasio, vindo a merecer o fatal cas-

tigo das suas desordens com a desgraçada morte, que lhe deo um seu criado, por elle offendido em sua propria mulher. Chorou o santo Abbade amargamente a sua perda com aquelle espirito de caridade, que é proprio dos que amão a Deos, e por elle aos seus inimigos.

Depois disto continuou Santo Eustasio as suas prégações em beneficio dos infiéis que habitavão nas montanhas de Vosga, aonde converteo muitos para a Fé de Jesu Christo. Prégou tambem nas terras circumvisinhas ao seu mosteiro, reduzindo muitos peccadores para o caminho da salvação; e ultimamente, chegando elle á idade de sessenta annos, foi assaltado de uma enfermidade gravissima, que lhe causava agudissimas dores.

E rogando elle ao Senhor, que lhe concedesse algum allivio, teve uma visão, na qual ouvio uma voz, que deixava ao seu arbitrio, ou padecer aquellas dôres pelo espaço de trinta dias, e passar immediatamente a ver a Deos no Ceo, ou viver mais tempo com menor incómmodo, e pouco menos que inteiro allivio do seu mal? Porém o Santo que ardentissimamente desejava unir-se a Deos, elegeo para logo o padecer aquellas dores pelo espaço de trinta dias, no ultimo dos quaes, depois de receber devotissimamente os santos Sacramentos da Igreja, rendeo placidamente a ditosa alma nas mãos do seu Creador no anno 625 da era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

O glorioso Santo Eustasio, com ser sempre a sua vida penitente, e mortificada, ainda assim teve precisão de purificar-se com uma grave molestia de vehementissimas dores antes da morte, para ser logo admittido no Ceo, aonde se não entra com macula alguma, ainda de uma culpa minima; e quiz antes padecer graves dores por alguns dias neste mundo, do que soffrer por mais tempo a demora do Paraiso.

O que supposto, sirva-nos a consideração das dividas, que havemos contrahido para com a Divina Justiça; (provavelmente maiores que as de Santo Eustasio) sirvão-nos, digo, de espiritual conforto em as nossas tribulações, e enfermidades, que talvez nos livrem de padecer as penas do purgatorio, incomparavelmente maiores que as mais tormentosas deste mundo, além de serem puramente satisfatorias, e não meritorias, como são as que bem se levão com paciencia no espaço da presente vida.

Entreguemo-nos, pois, inteiramente nas mãos do nosso bom pai Celeste, e resignemo-nos, como é justo, no seu Divino beneplacito, quando nos flagella para nosso bem, e esperemos na sua benigna misericordia, que por meio das breves afflicções neste calamitoso desterro chegaremos áquelle estado glorioso, que Jesu Christo nos mereceo, e nos tem preparado para vivermos com os seus Santos no Paraiso.

ABRIL — 16.

DE

S. JOÃO, CHAMADO O PROPHETA.

EM 27 DE MARÇO.

NO SECULO IV.

S. Jeronymo, Santo Agostinho, Theodoreto, Palladio, Cassino, e outros muitos tratárão deste célebre Santo, como se póde ver em Tillemont no seu Tomo X das Memorias Ecclesiasticas.

Entre os santos solitarios, que com a sua virtude fizerão resplandecer no Egypto aquella vida angelica, que (quanto é possivel cá na terra) observa perfeitamente os conselhos que dá Jesu Christo no seu Evangelho, um dos mais célebres foi S. João de Licópoli, denominado *Propheta*, porque Deos em um modo particular o enriqueceo com o dom da Prophecia; e supposto que nasceo de pais pobres, e de baixa condição, elle se fez tão famoso, e veneravel por toda a terra, que os mesmos Principes, e os Reis mais poderosos summamente o estimavão, e os maiores Doutores da Igreja lhe fizerão elogios.

Elle veio á luz do mundo no anno 305, e educado, segundo a sua condição, no meio da pobreza, aprendeo o officio de carpinteiro, com que ganhava o proprio sustento até á idade de vinte e cinco annos; e nascendo-lhe então um desejo maior de fazer-se perfeito no serviço de Deos, (pelo juizo que formava de que a presente vida só deve reputar-se por verdadeiro bem, quando se emprega em serviço

do mesmo Senhor, que a deo) retirou-se para o deserto, aonde se entregou á direcção de um virtuoso solitario, muito experimentado nos caminhos da eterna salvação.

Alli persistio João pelo espaço de muitos annos, em quanto viveo aquelle seu director, obedecendo-lhe sempre em tudo com humildade tanta, que ficava o bom velho, sobre satisfeito, edificado; e querendo elle experimentar, se a humildade, e obediencia, que João mostrava no exterior, procedia de verdadeira fé, e simplicidade de coração, lhe mandava de quando em quando fazer algumas coisas, ou inuteis, ou impossiveis, e João sem repugnancia alguma as executava, querendo antes trabalhar inutilmente por obediencia, do que não sujeitar-se ao preceito de um homem, que elle venerava, como destinado por Deos, para o dirigir, e aperfeiçoar.

A este proposito refere Cassiano, que tendo na cella aquelle santo velho um ramo de arvore, cortado muito antes, e totalmente sêcco, o fôra plantar na terra, e dissera depois a João, que o regasse duas vezes cada dia, para que reverdecesse, e se fizesse arvore, que depois com seus ramos, e folhas lhes servisse de refrigerio no tempo do estio.

Recebeo João esta ordem com a sua costumada submissão, e respeito, sem lhe oppôr réplica alguma sobre ser naturalmente impossivel o lançar raizes aquelle ramo, e assim pelo espaço de um anno inteiro o foi regar duas vezes cada dia, indo para este effeito buscar agua a uma fonte, que dalli distava pouco menos de meia legua, apezar do frio, da chuva, e de todo o tempo contrario.

Notava o santo velho, e justamente admirava a obediencia, e simplicidade do religioso discipulo, até que um dia, compadecendo-se d'elle, pela sua laboriosa fadiga, lhe perguntou, se aquelle ramo já tinha raizes? Ao que elle respondeo, que não sabia. Arrancou então o velho o tal ramo, como para ver se reverdecêra, e logo o arrojou fóra, dizendo a João, que já não era preciso regallo.

Nestes, e outros exercicios de humildade, obediencia, e outras virtudes Christãs passou João doze annos até á morte do seu bom mestre; e privado então o Santo d'aquelle seu director, assistio por tempo de cinco annos em varios mosteiros d'aquelles contornos, para aprender melhor as obrigações da vida monastica, observando os virtuosos exemplos daquelles santissimos monges.

Retirou-se depois disto para um monte da Thebaida, distante quasi duas leguas de Licópoli, e elegendo aquella parte, que era menos accessivel, aproveitou-se de tres grutas, que alli achou juntas, e abrindo-lhes communicação por dentro, em uma dellas fazia oração, na outra trabalhava, e comia, e a terceira lhe servia para outros usos. Todas estas tres grutas tinhão a mesma entrada, que João com grossas pedras lhe fez tapar.

E sem embargo deste retiro, logo que se soube o logar, aonde João residia, começárão a vir gentes em grande numero dos proximos, e tambem remotos Paizes para o verem, e se recommendarem ás suas orações; porém elle só se deixava ver no sabbado, e domingo de cada semana, e aos homens sómente, em os quaes dias chegava a uma pequena fresta, que deixára aberta, para receber por ella algum pouco alimento, e dalli satisfazia o desejo dos que vinhão visitallo.

E para que estas visitas não fossem inuteis, dava a todos saudaveis instrucções, procurando, sobre tudo, persuadir-lhes que elle era um homem de nada, e como tal indigno de ser visto, por ser um peccador miseravel, carregado de immensas dividas para com a Justiça de Deos; e tomando daqui motivo para insinuar a todos uma penitencia proporcionada ás proprias culpas commettidas, tocavão estas instrucções o coração de muitos, que ficavão naquelle monte para imitar o theor de vida do nosso Santo, o qual lhes assistia com os seus conselhos, e continuamente os exhortava para aspirarem sempre á maior perfeição.

Constituido, pois, aquelle monte um veneravel retiro de muitos solitarios, fabricárão estes uma especie de atrio defronte da gruta do Santo, aonde podia ser elle ouvido dos peregrinos que o procuravão para attender aos seus discursos, que sempre erão de Deos, e sobre os meios de o servir; e logo que uns, e outros lhe fazião algumas perguntas, ajoelhava elle orando a Deos por um breve espaço, donde lhe provinha aquella grande sabedoria, que se admirava nas suas respostas.

Ao exercicio da oração contínua unia João uma mortificação rigorosa, tomando cada dia só uma porção módica, que nunca era de pão, nem de coisa cozida, senão só de hervas, e fructas; o que sempre observou no tempo que viveo no deserto, que chegou quasi a noventa annos, reconhecendo por experiencia, que a mortificação do corpo concorre muito para ter a alma livre, e recolhida em Deos na oração, se bem que elle não approvava (senão por vocação especial) os jejuns excessivos, que debilitando o corpo, enfraquecem o espirito, e o fazem incapaz para aquelles exercicios, que servem de nutrimento á piedade; e assim costumava dizer: *O jejum que a Deos agrada, é comprir em tudo a sua vontade santa.*

Completos, pois, trinta annos, que passou João por este modo encerrado na sua gruta, o Senhor lhe quiz conceder um especial dom de prophecia, com que revelava aos que o vinhão visitar as suas coisas mais occultas, e sempre para o seu espiritual aproveitamento, porque nunca descobria coisa, que lhes não fosse util para a sua eterna salvação; e vendo que alguns se achavão proximos a ser punidos pela Justiça Divina, João os avisava logo, revelando-lhes a causa daquelle castigo, para que mediante uma boa penitencia, felizmente o evitassem, ou pelo menos o diminuissem.

Aconteceo uma vez, que entrando na Thebaida os ferozes ethiopes, donde levárão tudo o que podérão, depois de darem a morte a muitas pessoas, o commandante das tropas romanas naquelle Paiz, que estava cheio de temor, em razão do inferior numero de soldados, com que se achava naquelle tempo, foi pedir conselho, e orações ao nosso Santo, o qual lhe disse logo: *Podes combater em tal dia, e não tenhas medo, porque vencerás aos teus inimigos, e recuperarás tudo o que elles tem roubado.*

O effeito verificou a palavra, e outro similhante vaticinio, com igual successo, fez o nosso Santo ao grande Imperador Theodosio sobre duas guerras difficeis que tinha de emprehender contra dois pederosos tyrannos, quaes erão Maximo, e Eugenio, porque inteiramente os venceo, e destroçou pelo modo que João antecedentemente lhe disse.

Tambem o Senhor, sobre o dom de prophecia, e discrição de espiritos, concedeo a João a graça de remediar incuraveis molestias, para cujo effeito (por evitar todo o perigo de vaidade) elle não queria, quanto era possivel, que lhe levassem os enfermos, e só lhes mandava uma porção de oleo, por elle benzido, com o qual se ungião, e saravão logo.

Assim aconteceo á mulher de um Senador, que perdendo totalmente a vista, rogou a seu marido, que a conduzisse ao servo de Deos para a livrar da cegueira; e respondendo-lhe elle, que o Santo varão não queria ver mulheres, replicou ella, que ao menos lhe fizesse saber o seu mal, e a recommendasse ás suas orações; assim o fez o Senador, como lhe rogára sua mulher, e o Santo orando por ella a Deos, benzeo o oleo, e lh'o mandou, com o qual ungindo ella os olhos em tres dias, no ultimo ficou com a sua vista, sem lesão alguma.

Outro caso ainda mais maravilhoso narrão os escriptores da vida do Santo, e tambem o refere Santo Agostinho, que é o seguinte: um grande official da milicia romana foi rogar ao servo de Deos, que se dignasse de permittir, que sua mulher viesse á sua presença, para cujo effeito se expozera a muitos perigos em uma longa viagem; porém o Santo lhe respondeo, que não podia condescender á sua rogativa, porque encerrado elle naquella gruta havia mais de quarenta annos, estivera, e estava sempre firme em não querer ver mulher alguma.

Ouvindo a pia matrona esta resposta por boca de seu marido, instou com elle novamente para que fosse repetir a mesma supplica, protestando, e até jurando, que não partiria daquelle sitio, sem ver o santo Propheta. Foi então o bom marido referir ao servo de Deos os protestos, e juramento de sua mulher, accrescentando da sua parte, que se ella não conseguia a pertendida graça, certamente morria de tristeza.

Vendo, pois, o Santo a grande fé dos dois consortes, disse ao marido: *Vai certificar a tua mulher, que sem ella vir cá, nem eu daqui sahir, brevemente me ha de ver.* Suspenso partio aquelle official com esta resposta, cujo sentido não penetrou, nem tão pouco a mulher, quando a ouvio; mas apenas entrou ella a dormir na seguinte noite, appareceo-lhe o Santo em visão, e lhe fallou assim:

« Mulher, attendendo á tua fé, venho satisfazer « ao teu desejo; porém devo advertir-te, que o que « mais deves desejar, quanto aos servos de Deos, é « ver com os olhos da alma as suas obras virtuosas, « por quanto a carne para nada serve, e o espirito « é o que dá vida; e pelo que respeita á minha pes- « soa, que é o que desejas ver? Eu sou algum Pro- « pheta, ou mais justo, e mais Santo do que os ou- « tros? Sou um miseravel homem, sujeito, como tu, « ao peccado, e a todas as humanas miserias.

« Assim, pois, não já como Propheta, nem como « justo, mas só em virtude da tua fé, implorei o au- « xilio do Senhor, o qual te concede a graça de cu- « rar-te as corporaes enfermidades, de modo, que de « hoje em diante tu (e tambem teu marido) gozareis « perfeita saude, e toda a vossa casa será cheia de « bençãos, vivei, pois, no santo temor de Deos, e « agradecei-lhe sempre estes favores. »

Desapparecida a visão, despertou a mulher, e achando-se perfeitamente curada, contou ao marido o que vira, descrevendo as feições do rosto do homem, que lhe apparecêra, e fallára tão distinctamente, que não deixou logar para entrar em duvida de ser João o instrumento daquella maravilha. Partio, pois, o marido cheio de assombro para render as devidas graças ao servo de Deos, o qual vendo-o chegar, lhe disse logo, antes que elle lhe fallasse: *Eu tenho feito, quanto de mim desejavas: dei satisfação a tua mulher, afim de persuadilla, que não quizesse ver-me. Vai em paz.* Recebeo então o ditoso marido a benção do Santo, com que foi satisfeito, e consolado.

Antes que Deos chamasse a si este seu servo, dispoz qne fosse visitado por S. Petronio (que depois foi Bispo de Bolonha) para nos constarem mais authenticamente algumas acções da sua vida; e o historiador Rufino descreve os passos todos desta visita pelas mesmas palavras, com que o dito Santo lhos referio, e são as seguintes:

« Eu, e mais seis companheiros fomos visitar « aquelle servo de Deos, o qual depois de o saudar- « mos, nos recebeo com summa alegria, fallando a « cada um de nós com a maior civilidade; e porque « no Egypto se costuma, quando chegão alguns mon- « ges, unirem-se todos para fazer oração, nós lhe « rogámos que assim se fizesse, e consequentemente « nos abençoasse.

« Perguntou elle primeiro, se havia entre nós « algum Ecclesiastico? E respondendo-lhe todos, que « não, olhou elle attentamente para cada um, e co- « nheceo que havia um Diacono, o que nós não sa- « biamos, occultando o tal sogeito esta circumstan- « cia, para não ser honrado por aquella sua digni-

« dade, porque elle na verdade era humilde, e sin-« ceramente se reputava pelo ultimo de todos.

« Porém o Santo, que o conheceo (ainda que « elle o negou) tomou-o pela mão, e lha beijou, di-« zendo-lhe : Não queiras, meu filho, negar a graça, « que recebeste da mão de Deos, para que do bem « não procedas ao mal, passando da humildade ao « engano. Nunca, filho meu, nunca jámais se deve « mentir, não só com má intenção, mas nem ainda « por um bom fim, porque a verdade é filha de Deos, « e o demonio é pai da mentira.

« A este discurso nada replicou aquelle Diaco-« no, recebendo com a devida humildade, a paternal « admoestação, que lhe fez o Santo : seguio-se logo « a oração, que fizemos todos, depois da qual, um « dos nossos companheiros expondo ao servo de Deos « a grave oppressão que recebia de uma contínua fe-« bre, lhe disse elle :

« Tu desejas ver-te livre de um incommodo, « que na verdade te era util, porque assim como os « corpos se purificão pelo uso dos remedios purgan-« tes tambem as almas se apurão por meio das tri-« bulações, de qualquer sorte que sejão : benzeo en-« tão um pouco de oleo, o qual tomado pelo enfer-« mo, lhe fez expellir uma grande porção de humor « bilioso, ficando logo com tão perfeita saude, que « ao voltarmos pôde fazer toda a jornada por seu pé.

« Depois disto, perguntou-nos o Santo, qual « fora o motivo daquella nossa viagem? Ao que lhe « respondemos, que partíramos de Jerusalem, para « utilizarmos as nossas almas, e vermos com os nos-« sos olhos o que a fama nos indicára pela voz do « povo ; e o Santo, sorrindo-se modestamente, nos « disse logo : Muito me admiro, de que tomasseis « inutilmente esse trabalho, sendo eu um homem, « como qualquer outro! Quanto mais, que vós con-« tinuamente ouvís ler na Igreja os exemplos dos « Prophetas, e dos Apostolos, e não tendes que pro-« curar outros, porque nada mais vos é necessario.

« Mas ainda assim como vós julgais, que eu « de algum modo vos posso ser util, devo dizer-vos, « que estejaes de bom accordo, para que esta digres-« são, que tendes feito por bom fim, vos não sirva « de occasião para algum mal, como certamente se-« ria a vangloria, com que vos jactasseis, e vos pre-« ferisseis a outros, que não virão, como vós, um « homem, que na opinião do vulgo passa por fa-« moso, e extraordinario.

« Portanto, pois, se devéras quereis agradar a « Deos procurai com summa vigilancia livrar-vos de « qualquer sombra de vangloria, porque sendo este « um vicio que facilmente se insinua, deve ser pre-« venido, com a maior cautela : evitai tambem os « prazeres, e satisfações corporaes, não só as que pra-« ticão as pessoas do mundo, senão ainda outras me-« nores, que sempre são reprehensiveis, e não pou-« cas vezes se introduzem até nos logares de maior « retiro. »

Tres dias esteve S. Petronio com seus companheiros participando os discursos, e sabias advertencias daquelle prodigioso varão ; o qual quando elles quizerão ausentar-se os abençoou, e lhes disse : « Ide « em paz, filhos meus, e sabei agora, que o religio-« sissimo Imperador Theodosio venceo proximamente « ao tyranno Eugenio, cuja alegre nova chega hoje « á Cidade de Alexandria, porém este grande Impe-« rador cedo terminará os seus dias com uma morte « natural. »

Tambem o nosso servo de Deos, pouco tempo depois de partirem aquelles santos solitarios, descançou em paz no fim do anno 394, ou no principio do 395 ; e delle conta Rufino, que tres dias antes de morrer não quiz fallar com pessoa alguma ; e que estando de joelhos em oração, na mesma postura ficou, depois de render o seu espirito nas mãos de Deos, de cuja presença foi gozar com immensa gloria por toda a eternidade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Teve S. Petronio, e com elle outros muitos, por bem empregadas as fadigas de uma tão longa viagem, afim de ouvir da boca deste grande servo de Deos muitas virtuosas advertencias, para regulamento das suas vidas : aproveitemo-nos, pois, para utilidade das nossas almas, tanto das instrucções, quanto dos exemplos de virtude deste grande Santo, principalmente da humildade, que é a base, e fundamento de toda a virtude, e da caridade, que segundo o Apostolo, merece, como Rainha de todas, a preferencia sobre os dons, que se chamão : Graças dadas de graça ; *porque estas são concedidas para utilidade dos outros, e aquellas, unindo o homem com Deos, o santificão, e fazem feliz por toda a eternidade.*

ABRIL — 17.

DE

SANTO IRENEO, BISPO, E MARTYR.

EM 28 DE MARÇO.

NO SECULO III. E IV.

Os actos authenticos deste glorioso Martyr, são referidos pelos Bollandistas no dia 15 de março, e pelo célebre Ruinart, pag. 356 da edição de Verona.

Crê-se que Santo Ireneo nasceo em Sirmio, ou Sirmik, pequena Villa da Hungria, distante 22 leguas da Cidade de Buda; e supposto que seu pai, e os mais da sua casa provavelmente erão gentios, (como se infere dos actos do seu martyrio) elle, comtudo, por meio de algum bom Catholico, aprendeo nos seus annos primeiros a adorar, amar, e servir ao verdadeiro Deos.

Resplandecia no virtuoso mancebo uma singular mansidão, correspondente ao seu nome *Ireneo*, que quer dizer *pacifico*, e não menos um ardente desejo dos bens do Ceo, donde lhe nascia um generoso desprezo das coisas da terra, que na verdade são umas bagatellas de nada, comparadas com as felicidades da outra vida. Adornado, pois, Ireneo com estas, e outras bellas qualidades, mereceo (sem embargo dos seus poucos annos, e de ser casado, e ter filhos) ser eleito Bispo de Sirmio, e conseguir pouco depois a gloriosa palma do martyrio, como agora diremos:

Chegárão a Sirmio no anno de 304, os edictos dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano contra os Christãos; e o cruel Probo, Governador da baixa Hungria, passando a executar aquellas iniquas ordens dos seus Soberanos, começou a proceder contra os Ecclesiasticos, e particularmente contra os Bispos, esperando, que vencidos, e abatidos os pastores, seria depois mais facil dissipar o rebanho de Christo.

Vendo-se, pois, Ireneo exposto ao furor dos perseguidores, não perdeo o alento, porque já de muito antes estava preparado para o martyrio, com desapegar o coração das coisas terrenas, e assim reputava a morte por um verdadeiro lucro, confiando por seu meio passar das miserias da presente vida ao perpetuo gozo das celestiaes delicias, a que sempre aspirava com todo o ardor dos seus affectos.

Com effeito, prezo o santo Bispo, e apresentado a Probo, Governador da Provincia lhe disse este: *Obedece aos preceitos imperiaes, e sacrifica aos deoses.* Ao que respondeo o Santo: *Todo o que sacrifica aos deoses, e não a Deos, será eternamente infeliz. Os clementissimos Principes* (accrescentou Probo) *mandão que todos os Christãos, que não quizerem sacrificar, padeção tormentos cruéis. E a mim* (replicou Ireneo) *primeiro me foi mandado, que elegesse antes os tormentos, do que negar a Deos, e sacrificar aos demonios, e assim terei muito gosto, de que me ponhas a tormento, para haver de imitar ao meu Divino Salvador.*

Mandou então Probo, que fosse estirado Ireneo fortemente no ecúleo, e lhe disse logo: *Que resolves agora, Ireneo? Sacrificas? Sacrifico* (respondeo o Santo) *mas é só a meu Deos, mediante a minha boa confissão.* Chegárão alli neste tempo todas as pessoas da familia de Ireneo, seu pai, sua mulher, seus filhos, e domesticos, e tambem seus visinhos, e amigos, e todos banhados em lagrimas lhe rogavão, que sacrificasse, para se livrar daquellas, e outras maiores penas.

Porém o Santo Bispo a nenhum delles respondeo palavra, porque estava todo attento a conseguir com presteza a celestial bemaventurança. Disse-lhe então o governador: *Miseravel! depõe por uma vez, sacrificando, essa tua loucura; e se não te movem a compaixão tantas lagrimas dos teus, compadece-te ao menos dos teus poucos annos. Eu quando não sacrifico* (respondeo o Santo) *attendo muito a mim, porque me reservo para toda uma eternidade.*

Então, pois, deposto o Santo do ecúleo, foi levado ao carcere, donde, passado algum tempo, novamente conduzido ao tribunal de Probo, lhe disse este: *Sacrifica agora, e evitarás as penas que te esperão.* Ao que respondeo o Santo: *Acaba de fazer o que te é mandado, e depõe toda a esperança de que eu te obedeça.*

Irritado por tanto o Governador, o fez logo açoitar á sua vista, e entre tanto dizia Ireneo: *Eu tenho um Deos, a quem amo, e venero desde os meus primeiros annos, e não posso, nem devo adorar a uns deoses, feitos por mãos dos homens.* E Probo lhe dizia: *Ao menos, livra-te da morte, depois de tantos tormentos. Sim* (respondeo o Santo) *eu me*

livro da morte, quando por estas mesmas penas consiga a eterna vida.

Perguntou-lhe aqui o governador, se tinha pai, mulher, e filhos? E elle a tudo respondeo, que não. *Pois, quem erão aquelles* (preguntou Probo) *que tanto por ti choravão na sessão precedente? Eu*, (respondeo o Santo) *tendo os olhos no Ceo, e na mente as Divinas promessas, desprezo todo o terreno, e só reconheço a Deos por meu tudo. Olha, pois, para ti mesmo* (replicou Probo) *que és ainda mancebo, sacrifica, e não me obrigues a consignar-te novos tormentos.* E logo Ireneo: *Faze o que quizeres, e verás a constancia, que Jesu Christo meu Senhor me inspira contra todos os teus furores. Eu, pois, sem mais demora* (lhe disse o Governador) *proferirei contra ti final sentença. O que eu estimarei muito,* lhe disse o Santo.

Então o Governador levantando a voz, resolveo assim: *Mando, que Ireneo, por desobediente aos regios preceitos, seja precipitado no rio.* De cuja sentença altamente admirado o Santo, lhe disse: *Eu esperava, que depois de tantas ameaças, me fizesses passar por muitos tormentos, e por ultimo cortar-me a cabeça; rogo-te, pois, que assim o faças, para que melhor conheças, como os Christãos pela Fé, e pelo amor de Deos costumão desprezar a morte.* Mas o Governador mandou sómente, que fosse primeiro degollado, e depois lançado no rio.

Disse então Ireneo, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo: *Senhor meu Jesu Christo, eu vos rendo muitas graças por me concederdes até agora a paciencia necessaria, e presentemente me abrirdes a porta para entrar na celeste bemaventurança.* E chegando á ponte de Diana, elle mesmo se despojou dos seus vestidos, e concluio o seu sacrificio com esta oração: *Senhor meu Jesu Christo, que vos dignastes de padecer pela salvação do mundo, mandai que os vossos Anjos recebão o espirito de Ireneo, o qual de boa vontade se entrega á morte pelo vosso Nome, e pelos vossos Fiéis da Igreja de Sirmio.* Dito isto, o algoz lhe cortou a cabeça, e lançou o seu corpo no rio Savo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A palavra de Deos, e as verdades da Fé forão as armas, com que Santo Ireneo venceo as ameaças do tyranno, e as persuasões dos parentes, e amigos, querendo antes padecer os maiores tormentos, e a mesma morte, do que faltar á fidelidade que a Deos devia: usemos, pois, destas proprias armas, quando formos tentados para commetter alguma transgressão contra a Divina Lei.

E se nos atterrão os males temporaes, com que o mundo costuma ameaçar aos que desejão seguir o estreito caminho do Evangelho, confortemo-nos com aquellas palavras que Santo Ireneo disse ao tyranno: Que todo aquelle, que desobedece a Deos, e o nega diante dos homens, não será reconhecido por discipulo de Christo á vista dos Anjos.

E se o affecto natural dos parentes, e amigos nos move a voltar as costas a Deos, e a commetter algum peccado, recordemo-nos com Santo Ireneo, que o Evangelho nos ensina a renunciar tudo, antes do que offender a Deos, e perder a sua graça; e ultimamente reputemos pela nossa maior felicidade o podermos conseguir a todo o custo a posse do Reino Celeste, como praticou Santo Ireneo, e todos os outros bemaventurados.

ABRIL — 18.

DE

S. TORIBIO, ARCEBISPO DE LIMA.

EM 23 DE MARÇO.

NO SECULO XVII.

Das Actas para a sua canonização, e da sua vida, escripta por Cypriano de Herrera, e dedicada ao Summo Pontifice Clemente X.

S. TORIBIO, filho segundo do senhor de Mogrobejo, nasceo no dia 16 de novembro do anno de 1538: elle desde a sua infancia mostrou um gosto decidido para a virtude, e um extremo horror do peccado, tanto assim, que já naquella idade encontrando em certo dia a uma pobre mulher desaffogando em palavras de furiosa ira, por occasião de uma peça, que segundo ella dizia, lhe furtárão, reprehendeo-a modestamente por aquelle seu excesso, e lhe deo para socegalla o valor da coisa que perdêra.

A grande devoção que elle tinha para com a Santissima Virgem, lhe fazia recitar quotidianamente o seu officio, e o seu rosario, e jejuar todos os sabbados em seu obsequio. No tempo em que frequentava as escólas públicas separava uma porção do seu jantar (com ser parco) para o dar aos pobres em qualquer das universidades aonde estudou, que forão as de Valhadolid, e Salamanca.

O Rei Filippe II, que muito bem reconhecia o singular mérito do nosso Santo, formava delle um tão alto apreço, que, sem embargo dos seus poucos annos, o fez Presidente do Magistrado de Granada, cujo emprego satisfez pelo espaço de cinco annos com tanta prudencia, e inteireza, que lhe adquirírão uma estimação universal; assim lhe preparava Deos os caminhos para a sua exaltação na Igreja.

O miseravel estado em que se achava a Religião no Reino de Perú, pedia um pastor cheio de espirito dos Santos Apostolos, e a Divina Providencia preparava este pastor na pessoa de Toribio, para cujo effeito dispoz que o Rei se lembrasse delle, elegendo-o para Arcebispo de Lima, que então vagára, reputando-o pelo mais capaz de remediar os escandalos, que impedião a conversão dos infiéis.

Consternado o Santo com esta noticia, prostrou-se aos pés do seu Crucifixo, rogando a Deos com muitas lagrimas para que não houvesse de permittir que se lhe impozesse um cargo muito superior ás suas forças; e no dia seguinte escreveo ao conselho real, allegando-lhe com as côres mais vivas, não sómente a sua incapacidade, senão tambem os canones da Igreja, que prohibem expressamente elevar ao Episcopado os leigos, como elle era; porém como a sua carta não foi attendida, teve o Santo de prestar o seu consentimento.

Recebeo, pois, as quatro ordens menores, mas em quatro differentes domingos, para ter logar de comprir as suas respectivas funcções: passou depois ás outras ordens, e por ultimo, sagrado Bispo, embarcou sem demora para o Perú, e aportou em Lima no fim do anno de 1581, tendo então quarenta e cinco de idade.

Estendia-se aquella diocese pelo espaço de cento e trinta leguas, ao longo das costas, em que se comprehendião não poucas Cidades, e uma innumeravel multidão de Villas, e Logares de menos consideração, dominadas todas estas terras por alguns principaes europeos, que ficárão dos primeiros conquistadores daquelle Paiz, os quaes deixando-se conduzir pelos impulsos de uma excessiva ambição, e insaciavel avareza, tratavão aquelles miseraveis povos mais como tyrannos, que como vencedores; tudo erão crueldades, traições, e perfidias; e por mais que a côrte de Hespanha se quiz oppôr a tanto mal, tinha elle já tão profundas raizes, que parecia de todo incuravel.

Enternecido, pois, o Santo Arcebispo, até derramar muitas lagrimas, á vista de tantas desordens, tomou uma firme resolução de lhe applicar todo o remedio possivel, ainda á custa do maior trabalho; e com effeito, uma prudencia consummada junta a um zêlo activo, e vigoroso, lhe foi aplanando as difficuldades, de modo que pouco a pouco veio a conseguir a extirpação dos escandalos publicos, e o estabelecimento do reino da Piedade sobre as ruinas do vicio.

Logo que o servo de Deos chegou a Lima, quíz fazer a visita do seu Bispado, de cujas fadigas, e perigos não é facil formar uma justa idéa: elle não poucas vezes subia aos montes mais asperos, cobertos de neve, para entrar nas pobres cabanas dos indios, e os instruir sobre as verdades da Fé, ordinariamente viajava a pé, jejuava, e orava com frequencia, para attrahir a Divina Misericordia sobre as almas commettidas aos seus cuidados.

Punha em todas as terras pastores sabios, e zelosos, procurando o soccorro da instrucção, e dos Sacramentos, ainda aos que habitavão entre rochedos quasi de todo inaccessiveis; e persuadido elle justamente, de que a manutenção da disciplina tem poderosa influencia para os bons costumes, ordenou, que de dois em dois annos se fizessem synodos diocesanos, e synodos provinciaes em cada septennio.

Elle era inflexivel em punir os escandalos do clero, principalmente sobre culpas de avareza; e tratando-se dos direitos de Deos, ou do proximo, elle tomava a sua defensa, sem attender á qualidade das pessoas, portando-se em todo o caso, como flagello dos peccadores publicos, e protector dos opprimidos.

A firmeza do seu zêlo suscitou-lhe muitas perseguições por parte dos primeiros conquistadores do Perú, que se não envergonhavão de sacrificar tudo ás suas paixões, e aos seus interesses particulares; e o servo de Deos só lhes oppunha a doçura, e a paciencia, mas sem relaxar da sua parte a santa observancia das legitimas regras.

E sabendo que alguns máos Christãos davão á Divina Lei uma interpretação, que favorecia as inclinações malignas da natureza desordenada, censurou-lhes a iniquidade, dizendo-lhes com Tertuliano: «Jesu Christo chama-se a Verdade, e não o costu-«me; e no seu Divino Tribunal serão pezadas as «nossas obras em a balança do Santuario, e não na «balança do mundo.» Com este zêlo do santo Arcebispo se forão extirpando os mais inveterados abusos, até se renovar na maior parte dos Fiéis do seu Bispado um fervor digno dos primeiros seculos do Christianismo.

E o mesmo Santo, para estender, e perpetuar a obra do seu zêlo, fundou seminarios, Igrejas, e hospitaes em varias terras, sem permittir que o seu nome se introduzisse nos monumentos da fundação. Quando estava em Lima visitava todos os dias os pobres enfermos, consolando-os com uma bondade paterna, e administrando-lhes por si mesmo os Sacramentos.

Grassando a peste em uma parte do seu Bispado, privou-se mais de uma vez do que era necessario á sua pessoa, para remediar as indigencias dos infelices; recommendando a penitencia, como unico meio para aplacar a ira do Ceo, assistia ás procissões com um Crucifixo nas mãos, derramando muitas lagrimas, e offerecendo-se a Deos, como victima, para bem do seu rebanho; e a estes actos de Religião ajuntava orações, vigilias, e extraordinarios jejuns, que não omittio em quanto a peste durou.

Visitou tres vezes o seu Bispado, gastando na primeira visita sete annos, na segunda cinco, e na terceira quasi tres, em que teve a consolação de converter uma innumeravel multidão de indios selvagens. A occupação do Santo nestas viagens (que de modo ordinario fazia por seu pé) era orar, e praticar sobre coisas espirituaes; e logo que chegava a qualquer povoação dirigia os seus primeiros passos á Igreja, para implorar a Divina Clemencia.

A instrucção dos pobres o retinha alguma vez dois, ou tres dias no mesmo logar, ainda que lhe faltassem nelle as coisas mais necessarias para a vida: os logares mais inaccessiveis erão honrados com a sua presença, e em vão se lhe representavão os perigos, a que se expunha, porque elle respondia, que um legitimo pastor se deve expôr a soffrer tudo para gloria de Jesu Christo.

Elle prégava, e catechizava com infatigavel zêlo; e para se pôr em estado de comprir melhor este importante ministerio, aprendeo já em idade avançada as differentes linguas dos selvagens do Perú. Celebrava quotidianamente o sacrificio da Missa com uma devoção angelica, fazendo sempre uma longa meditação antes, e depois do mesmo sacrificio, e confessando-se antecipadamente em todas as manhãs, afim de purificar-se até das mais leves maculas.

A gloria de Deos era todo o objecto das suas palavras, e obras; e supposto que por este modo a sua oração era contínua, assignava ainda assim para orar certas horas, ficando algumas vezes com o rosto resplandecente nestas occasiões: a sua humildade não era menor do que as outras suas virtudes, e daqui se originava o cuidado extremo que elle tinha de encobrir as suas mortificações, e outras obras que fazia: a sua caridade para com os pobres era immensa, soccorrendo a todos com liberalidades, e sem mais distincção que a de serem pessoas vergonhosas, ás quaes favorecia por um modo particular.

Assim teve o nosso Santo a gloria de renovar a face da Igreja no Reino do Perú, aonde se não foi o primeiro Apostolo, foi comtudo o restaurador da piedade, que alli se achava quasi de todo extincta; ultimamente andando o servo de Deos na visita do seu Bispado, e chegando á Cidade chamada *Santa*, distante cento e dez leguas de Lima, cahio gravemente enfermo; e reconhecendo, que aquella molestia o conduzia brevemente á sepultura, distribuio entre os seus domesticos o que era do seu uso, e ordenou que o resto dos seus bens se repartisse pelos pobres.

Elle quiz ainda ser levado á Igreja para receber o Sagrado Viatico; mas foi obrigado a receber a Extrema Unção no seu leito; aonde repetia continuamente aquellas palavras de S. Paulo: *Dezejo livrar-me das prisões do corpo, para unir-me a Jesu Christo*. E nos seus ultimos momentos fez cantar aos que lhe assistião as palavras do Psalmo: *Alegrei-me pelo que se me disse: Iremos para a Casa do Senhor*.

Elle morreo no dia 23 de março do anno 1606, dizendo a Deos com o Real Propheta; *Nas vossas mãos encommendo o meu espirito*. No anno seguinte transportou-se a Lima o seu corpo, que se achou incorrupto: o escriptor da sua vida, e as actas da sua canonização referem, que havendo resuscitado em vida um morto, e curado muitos enfermos, tambem depois de morto obrou Deos milagres por sua intercessão: elle foi beatificado por Innocencio XI, no anno de 1679; e no de 1726, Benedicto XIII, o canonizou.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

As laboriosas fadigas do Ecclesiastico Ministerio não tem mérito, nem agradão a Deos, se não são animadas de um espirito de piedade, e compunção, de humildade, de zêlo, e caridade, donde se segue, que chamado qualquer para director de almas, deve dispôr-se primeiro que tudo pelos exercicios da vida interior; e collocado assim sobre o candieiro da Igreja, comprirá a vontade de Deos, applicando-se ao bem espiritual do proximo.

Mas ainda assim deve sempre reservar algum tempo para reflectir sobre si mesmo, e reparar a dissipação insensivel do seu espirito, por quanto desprezada esta prática, correrá grande perigo na sua consciencia; e por isto o glorioso S. Bernardo exhortava fortemente ao Summo Pontifice Eugenio III, que fora seu discipulo, a não se entregar tanto aos cuidados do proximo, que não podesse viver para si mesmo, e a não deixar extinguir em seu coração o espirito de piedade, procurando communicallo aos outros.

ABRIL — 19.

DA

BEATA IGNEZ DE BOHEMIA, VIRGEM.

EM 6 DE MARÇO.

NO SECULO XIII.

A sua vida, composta poucos annos depois da sua morte, é referida pelos Bollandistas no dia 6 de março, aonde tambem se achão quatro cartas, que lhe escreveo a Matriarcha Santa Clara, e outros monumentos authenticos pertencentes ás suas acções virtuosas.

Nasceo a Beata Ignez no anno 1205, em o dia 20 de janeiro, vespera da célebre Virgem, e Martyr Santa Ignez, de quem tomou o nome, e seguio fielmente os exemplos. Seu pai Primisláo, Rei de Bohemia, e Constancia sua mãi, Princeza de Hungria, a introduzírão, logo que teve tres annos, para ser educada no mosteiro Trebnicense, fundado por Santa Eduvige, Rainha de Polonia, que ainda vivia, e depois em outro mosteiro da Ordem de S. Norberto na Cidade de Praga.

Nestes dois mosteiros aprendeo ella a conhecer, e amar a Deos com todo o seu coração, concebendo no mesmo tempo uma singular devoção para com a Santissima Virgem Mãi de Deos, cujas festas celebrava com um ternissimo affecto, antepondo sempre nas suas respectivas vesperas um rigoroso jejum de pão, e agua; e o fructo principal desta sua devoção era um desejo ardente de imitar a pureza da mesma Senhora, e consagrar em seu obsequio a sua virgindade a Jesu Christo.

E este mesmo desejo se lhe accendia mais no dia da festa da Annunciação da Senhora, considerando neste mysterio, por uma parte a dignação infinita do Filho de Deos em despozar-se com a natureza humana, tomando carne verdadeira nas purissimas entranhas da Virgem Maria, e reflectindo pela outra na dignidade sublime, a que foi elevada a virgindade pura da mesma Senhora, chegando a ser Mãi de Deos verdadeira; e com estas profundas meditações se lhe accendia no coração um ardentissimo desejo de entrar em o glorioso numero daquellas ditosas almas, que com a profissão da virgindade são castas esposas do Filho de Deos, e fiéis imitadoras da immaculada pureza de sua Mãi Santissima.

Mas erão assás diversos os designios de seus pais a respeito desta filha; por quanto pedindo-a para esposa o Imperador Frederico II, francamente lh'a promettêrão, sem explorar primeiro a sua vontade, e com effeito a fizerão sahir do mosteiro para viver entre as grandezas, pompas, e delicias da côrte, até chegar o tempo destinado para a celebração das promettidas vodas.

Porém ella, que conservava sempre no animo a resolução firme de só ser esposa do Rei Divino, não cessava de supplicar ao mesmo Senhor, para que lhe concedesse a graça de comprir o seu santo desejo; e entretanto não se deixou desvanecer pelo esplendor da côrte, nem amollecer o coração pelas commodidades, e delicias della, mas antes vivia, quanto mais lhe era possivel, retirada com as suas damas, e applicada com ellas aos exercicios de piedade, que aprendêra, e praticára no mosteiro.

Jejuava frequentemente, e nas quartas, e sextas feiras a pão, e agua: debaixo das preciosas galas trazia sempre um aspero cilicio: tomava um breve descanço sobre o simples pavimento, e poucas vezes sobre uma sacca de palha, e passava a maior parte da noite em pias lições, e meditações devotas sobre as eternas verdades: ao romper da aurora passava para a sua tribuna, aonde com grande devoção, e compunção expunha o seu coração na presença de Deos; e depois de ouvir muitas Missas, distribuia abundantes esmolas aos pobres, que se ajuntavão em grande numero ás portas do seu palacio.

E quando era convidada por seu pai a sentar-se com elle á meza, guarnecida de preciosas iguarias, e delicados licores, ella usava de tal industria, que apenas tomava uma pequena porção, sem que o Rei, nem os assistentes o percebessem; e esta mesma cautela usava a Princeza nos outros exercicios da sua penitencia para evitar o perigo da vangloria, e louvor das gentes; em summa, praticava Ignez no meio do fasto, e luxo da côrte uma vida mortificada, devota, e applicada a toda a sorte de boas obras.

Entretanto, chamando Deos para a outra vida ao Rei seu pai, ficou Ignez em maior liberdade para dispôr de si mesma, e subtrahir-se aos desposorios com o Imperador Frederico, o qual mandou logo a Praga os seus Embaixadores, instando com Vences-

láo, irmão de Ignez, e successor no throno de seu pai, para haver de celebrar-se o designado matrimonio.

Mas a Princeza recorreo ao Papa Gregorio IX, afim de que interpozesse a sua Pontificia authoridade com seu irmão Vencesláo, para que lhe fosse permittido consagrar a Deos a sua virgindade; e o Summo Pontifice approvando, e louvando o seu santo proposito, expedio para este effeito um seu Nuncio com cartas para o Rei Vencesláo, do qual por fim se conseguio, que a Princeza Ignez sua irmã ficasse livre do empenho contrahido com o Imperador Frederico, e podesse pôr em execução os seus santos desejos.

E logo que o mesmo Imperador teve noticia desta resolução da bemaventurada Princeza, mostrou grande desprazer, protestando ao mesmo passo tomar as armas para vingar-se da injuria, que pretendia haver-lhe feito o Rei Vencesláo; mas entrando depois em si mesmo, aplacado já o primeiro furor, se exprimio com sentimentos de Principe Christão, confessando, que havendo a Princeza rejeitado a sua pessoa pela do Rei do Ceo, não tinha motivo de se desgostar, mas antes devia concorrer com um louvor expresso da sua santa resolução.

Por este feliz acontecimento rendeo a Beata Ignez humildes, e fervorosas graças ao Divino Senhor, e a sua Mãi Santissima; e supposto que outra donzella, menos virtuosa, teria por sua maior fortuna o subir ao throno para ser consorte de um grande Imperador, a Beata Ignez, que com os olhos da Fé claramente via, e reputava por nada as coisas da terra, em comparação dos eternos bens a que aspirava, teve-se por summamente feliz, quando se vio livre do proposto empenho, e pensou sómente em unir-se cada vez mais com o seu esposo celeste, mediante o exercicio das mais sublimes virtudes.

Para este fim quiz logo despojar-se das riquezas, que devia dispender na occasião do seu matrimonio, empregando-as na fundação de um grande hospital para os pobres inválidos. Applicou tambem as suas galas, e as suas joias para ornamentos das Igrejas, e dos seus vasos sagrados. Depois fez fabricar na Cidade de Praga dois conventos, um para os religiosos de S. Francisco, e outro para religiosas de Santa Clara, da qual (que ainda era viva) obteve cinco religiosas para serem mestras de muitas virgens, que no dito mosteiro professárão o instituto daquella santa Matriarcha.

E não satisfeita com tudo isto a veneravel Princeza, quiz ella mesma alli consagrar-se ao divino serviço recebendo o santo habito, e professando a mesma regra, com sete nobilissimas virgens, que se resolvêrão a seguir o seu exemplo, em dia da Annunciação da Santissima Virgem no anno de 1235, (estando presente o Rei Vencesláo seu irmão, a Rainha, e um grande numero de Fidalgos do Reino) por mão do Arcebispo de Praga, acompanhado de sete Bispos que intervierão áquella funcção para a fazerem mais nobre, e mais solemne.

Então foi que a Beata Ignez chegou ao cúmulo dos seus desejos, vendo-se apartada do mundo, e das suas vaidades, coberta de uma grosseira tunica, e reduzida a um total desapego das coisas terrenas; e querendo o Rei seu irmão assignar-lhe rendas para seu sustento, e das suas religiosas, (o que tambem approvava o Legado Apostolico, que então se achava em Bohemia) ella o não consentio, querendo em todos os modos, que naquelle mosteiro se observasse a estreita pobreza, que prescreve o instituto de Santa Clara, como quem confiava da providencia de Deos, que não deixaria de prover as suas esposas das coisas necessarias com as esmolas dos Fiéis, aonde não chegasse o producto dos seus trabalhos.

Chegou, pois, em breve tempo aquelle mosteiro a ser um espelho de santidade, concorrendo alli um grande numero de virgens da primeira nobreza de Bohemia, e de outros Reinos visinhos, e tambem de Princezas, e filhas de Principes, attrahidas da fragrancia das virtudes, e santos exemplos da Beata Ignez. Deliberárão então as religiosas daquelle mosteiro elegella por sua superiora; e como não bastárão todas as rogativas para vencer a repugnancia da sua humildade, recorrêrão ao Papa Gregorio IX, o qual por um seu breve, dirigido ao Provincial da Ordem dos Menores, ordenou que ella fosse Abbadessa daquelle mosteiro.

Chegando, pois, aos ouvidos de Santa Clara em Assis a noticia das insignes virtudes da Beata Ignez, rendeo muitas graças a Deos pelos distinctos favores, que repartia com esta sua filha, espiritual professora do seu instituto; e julgando que devia congratular-se com ella no mesmo Senhor, e confortalla ao mesmo passo para fazer ainda maiores progressos no caminho da perfeição lhe escreveo varias cartas, que existem ainda, em uma das quaes lhe diz assim:

« Carissima filha, chegou a nós a fama da tua « santa vida, notoriamente irreprehensivel, de que « eu, e as religiosas minhas companheiras muito nos « alegramos, e exultamos ao Senhor, original fonte « de todo o bem. Todos sabem que tu rejeitaste as « honras mais sublimes, e as mais excelsas glorias « deste mundo, annexas ao throno do augustissimo « Cezar, abandonando tudo isto pelo teu grande af- « fecto á pobreza, humilhação, e mortificação da car- « ne, para ser Esposa de Jesu Christo, Rei do Ceo, « e da terra.

« Elle, pois, com a sua graça conservará incor- « rupta a tua virgindade, elle te concederá precio- « sissimos, e immarcessiveis dons; elle te fará sua « amada esposa, e te encherá do seu santo amor; e « portanto, minha irmã carissima (ou antes, minha « veneravel senhora) conforta-te no Senhor, e de- « baixo das insignias da pobreza, que tens elegido, « prosegue com fervor, e bom animo em seguir, e « imitar os exemplos do teu Celeste Esposo Jesus, o

« qual por nosso amor, e para livrar-nos da escra-
« vidão do principe das trévas, se fez pobre, e mor-
« reo pobre entre os maiores tormentos sobre o pa-
« tibulo da Cruz.

« Oh ditosa pobreza, que dispensas os bens eter-
« nos aos que te amão, e te abração de boa vontade!
« Oh santa pobreza, á qual se prometteo o Reino dos
« Ceos, e uma gloria sempiterna! Amavel pobreza,
« singularmente amada, e abraçada por aquelle Se-
« nhor, que creou todas as coisas, e as tem go-
« vernado, e governará sempre com poder absolu-
« to!

« Alegra-te, pois, e conserva no teu coração um
« grande espiritual prazer, por te eleger para sua
« Esposa o Altissimo Filho de Deos, e te fazer despre-
« zar por seu amor as glorias, e riquezas deste mun-
« do, preferindo a todas ellas a pobreza, e os thesou-
« ros celestes. Tu sabes, que o Reino dos Ceos é pro-
« mettido aos pobres, e que se não póde servir a Deos,
« e á riqueza; sendo assás difficil o viver explendi-
« damente neste seculo, e depois reinar com Christo
« no outro.

« E por isso tu com sabia discrição abandonaste
« as coisas mais esplendidas, e mais estimaveis no
« mundo, para chegar mais facilmente ao Reino Ce-
« leste, caminhando pelo atalho estreito da pobreza,
« e da humildade: continúa, pois, em servir a Deos
« fielmente, como tens começado, e cresce cada vez
« mais de bem para melhor, e de virtude em vir-
« tude, para que o Senhor, a quem serves com todo
« o affecto do teu coração, te conceda novos ador-
« nos da sua Graça, e dos seus dons celestes. »

Estas, e outras taes exhortações de Santa Clara produzírão um admiravel fructo no espirito da Beata Ignez, fazendo maravilhosos progressos na pratica das virtudes em todos os quarenta e seis annos, que viveo no claustro. A sua caridade para com Deos era tão ardente, que algumas vezes a arrebatava em extase, e não acabava de saciar-se de tratar com elle na oração, não obstante o empregar nella a maior parte da noite, e muitas horas do dia.

Amava entranhavelmente as suas Religiosas como suas filhas, e as honrava ao mesmo passo como suas senhoras, por Esposas de Jesu Christo, e quanto era rígida, e severa comsigo mesma, mortificando-se com jejuns contínuos, e com privar-se de todas as commodidades, ainda de muitas necessarias: outro tanto era indulgente, e benefica para com as suas Religiosas, permittindo-lhes (sem prejuizo das regras do instituto) aquelles allivios, que julgava convenientes ás suas respectivas necessidades.

E para este effeito obteve faculdade do Summo Pontifice, com que podesse dispensar-lhes os jejuns de pão, e agua prescriptos na regra, e para poderem ás vezes usar de lacticinios, andarem calçadas, vestirem duas tunicas, e forrarem de pelles as capas, por causa dos climas frigidissimos da Bohemia; porém ella, como amante de padecer, e mortificar-se, não se servio para com a sua pessoa daquellas faculdades, e dispensas.

Assistia ás Religiosas enfermas com ternura de mãi, procurando-lhes todos os allivios, e consolações possiveis. A sua sincera, e profunda humildade resplandecia em todas as suas acções, e discursos, reputando-se em tudo pela minima entre as suas Religiosas: exercitava uma constante, e admiravel paciencia em todos os encontros adversos, que lhe acontecião, especialmente nas muitas, e grandes molestias, com que o benigno Senhor purificava esta sua muito amada serva.

Ella dirigia sempre os olhos do espirito para o seu Salvador Crucificado, e para as virtudes da sua Mãi Santissima, procurando com perenne estudo conformar a sua vida com estes soberanos originaes, até que por fim chegou o tempo, em que o Divino Senhor quiz recompensar-lhe com o glorioso, e eterno premio, as suas virtuosas, e heroicas obras, de que o mesmo Senhor lhe participou anticipado aviso.

Querendo, pois, a Beata Ignez observar a quaresma do anno 1282, jejuando em toda ella a pão, e agua, como praticára sempre, assim começou com este rigor, não obstante a sua decrepita idade de setenta e sete annos, e a debilidade extrema em que se achava; mas, passados alguns dias, teve de ceder, não tanto por este motivo, quanto pela violencia do mal, que lhe sobreveio, e pelos medicos julgado mortal.

Com esta certeza preparou-se logo a Beata Ignez para a passagem da presente vida, recebendo os Sacramentos da Igreja com fervorosos actos de amor de Deos, e ardentes desejos da celeste patria; e aggravando-se cada vez mais a molestia, fez chamar as suas amadas espirituaes filhas, e as exhortou efficazmente á virtude, dizendo-lhes desta maneira:

« Irmãs carissimas, ponde toda a vossa con-
« fiança em Deos, que elle cuidará de vós em todas
« as vossas indigencias; desprezai todas as coisas da
« terra, e procurai só a Deos, amando a elle só;
« continuai na prática das virtudes, especialmente
« da caridade, paz, e concordia entre vós-outras;
« observai a pobreza, como base, e fundamento prin-
« cipal da vossa religião; e conservai sempre a ob-
« diencia, e veneração devida aos vossos superiores,
« e singularmente á Sé Apostolica. »

Dados estes saudaveis avisos ás suas Religiosas, que se desfazião em lagrimas pela sensivel perda da sua santa Madre, ella cheia de confiança no seu amavel Salvador, e no poderoso patrocinio da Mãi do mesmo Senhor, com os seus Santissimos Nomes na lingua e no coração exhalou o ultimo alento com alegre semblante no dia 6 de março do anno de 1282.

Poucos momentos antes que ella expirasse, uma Religiosa, que não podia andar por grave molestia que padecia nos pés, se fez levar á sua presença, afim de que lhe désse a sua benção; e recusando ella por humildade, a enferma pegando-lhe na mão,

fez com ella sobre si mesma o signal da Cruz, e no mesmo tempo immediatamente se sentio curada, em fórma que pôde andar firmemente; por cujo milagre, e outros mais que se seguírão depois da sua morte, manifestou Deos a grande santidade desta sua amada esposa.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A vida prodigiosa desta illustrissima Virgem, adornada de todas as virtudes, que ella praticou fielmente na côrte, e no claustro, no estado sublime de Princeza, e no humilde de religiosa, serve de estímulo a cada qual, de qualquer condição que seja, para imitar os seus exemplos na prática das virtudes christãs, especialmente da pureza, e mortificação.

Para cujo fim concorrerá muito a devoção sincera para com a Mãi de Deos, procurando (como praticou a Beata Ignez) imitar, quanto for possivel á nossa fraqueza, as insignes virtudes da mesma Senhora, a qual, como um espelho clarissimo, nos fará vêr os defeitos da nossa vida, que temos de emendar, e as obras santas, que devemos comprir, para conseguirmos o Reino dos Ceos.

ABRIL — 20.

DE

SANTA GELTRUDES, VIRGEM,

DE BRABANTE.

EM 20 DE MARÇO.

NO SECULO VII.

A sua vida, escripta por um author contemporaneo, vem referida pelos Bollandistas no dia 20 de março.

Santa Geltrudes, ou Gertrudes (diversa de outra do mesmo nome de que se faz memoria no dia 15 de novembro) nasceo em Brabante, no anno de 628, de pais illustres, que forão Pipino de Lauden, Principe de Brabante, mordomo, e ministro do Rei d'Austrasia, e da Beata Ida, ou Iduberga, de uma das mais nobres familias de Aquitania, e irmã de S. Modoaldo, Bispo de Tréveris.

Instruida Gertrudes desde a sua infancia por sua piissima mãi, (a quem principalmente pertencia a sua educação) foi aproveitando-se das boas maximas, que lhe erão insinuadas, por tal fórma, que já na idade de dez annos estava resoluta a consagrar a Deos a sua virgindade, e só ter a Jesu Christo por seu Esposo; e com effeito deo bem a conhecer quanto era firme este seu proposito em uma occasião, que se lhe apresentou, quando ella apenas chegou aos seus doze annos, como agora diremos:

Pipino, pai da Santa, convidou em certo dia ao Rei Dagoberto para jantar em sua casa, e estando elle á meza, chegou o filho do Governador, que era Duque da Alta Austrasia, afim de supplicar a Sua Magestade, que lhe obtivesse de Pipino para sua esposa a Gertrudes filha sua, quando tivesse a idade competente. Agradou muito ao Rei esta proposição, e Pipino tambem julgou que não a devia rejeitar: chamou-se então a menina Gertrudes, e se lhe fez a proposta na presença do mesmo fidalgo, que na verdade tinha todas as boas qualidades para seu esposo, porém ella em breves palavras, e sem mais cumprimentos respondeo, dizendo: *Jesu Christo é o meu Esposo, e eu não quero outro.*

Morto depois o pai da Santa, quando ella já chegava aos seus quatorze annos, e vacillando a Beata Iduberga sua mãi sobre o commodo que lhe daria, visto não querer ella o do matrimonio, e visitando-a casualmente Santo Amandio, a quem ella consultou a este respeito, lhe aconselhou elle, que mandando fabricar um mosteiro se recolhesse nelle com sua filha em companhia de outras virgens, o que assim fez, tomando alli o véo monastico, e consagrando a Deos, não sómente a sua pessoa, senão ainda todos os seus bens, deixando o que pertencia a Grimoaldo seu filho, e a uma filha sua, por nome Bega, que tambem é venerada por Santa.

Uma resolução como esta (supposta a prática do mundo) não devia passar sem contradicções; e por isso, logo que chegou a noticia aos parentes de Iduberga, lhe fizerão toda a sorte de opposições, e lhe causárão graves disturbios; porém ella com a graça de Deos (que assim costuma provar os seus servos, para lhes dar motivo de maior mérito) ven-

ceo todas as difficuldades, soffrendo tudo com generosa paciencia.

E temendo que a intenção dos seus parentes fosse roubar-lhe a sua filha, ella mesma lhe cortou os cabellos, e lhe fez dar o véo de religiosa por mão do proprio Bispo, e com summo prazer da mesma Gertrudes, que reputando-se desde logo como verdadeira esposa de Jesu Christo, se foi portando com tal sabedoria, piedade, discrição, e caridade, que sem ter mais de vinte e um annos, a communidade a reputou digna, e concordemente a elegeo por superiora do seu mosteiro.

Correspondeo perfeitamente Gertrudes no bom governo das suas religiosas á justa idéa, que della se formára, satisfazendo a todas as obrigações de uma virtuosa prelada com tal vigilancia, exactidão, e fidelidade, que era para admirar em tão poucos annos, sem que o cuidado de governar as outras lhe impedisse o procurar a sua propria santificação.

Assim, pois, ella com os seus jejuns, e austeridades contínuas, com as suas fervorosas, e não interruptas orações, e com os vivos exemplos, que dava ás suas religiosas de todas as virtudes Christãs, obtinha do Ceo largas bençãos de Deos para si mesma, e para a sua communidade; e por meio de alguns doutos ecclesiasticos fazia explicar ás mesmas religiosas a Santa Escriptura, querendo-as nesta parte bem instruidas, para que a sua piedade fosse perfeita, e não sujeita a illusões.

Os primeiros cinco annos do governo daquelle mosteiro forão para Gertrudes menos gravosos, porque a sua virtuosa mãi, que a ajudava no governo, lhe servia de grande allivio; em cujos termos, para que a diversidade dos pensamentos não a distrahisse do recolhimento interior, que é o nutrimento da piedade, commetteo a algumas religiosas, de bondade conhecida e notoria prudencia, os negocios externos do mosteiro, e para o governo interno chamou a si as religiosas mais sabias, e virtuosas, constituindo-as suas coadjutoras.

Por este modo achou ella o meio de poder applicar-se aos exercicios do espirito, sem faltar ás obrigações do seu cargo; e no mesmo tempo, imitando ella a caridade immensa de Jesu Christo, era benefica para toda a sorte de pessoas, soccorrendo com abundantes esmolas a muitos orfãos, peregrinos, viuvas, e outras pessoas necessitadas.

Entretanto o rigor da vida, que praticava Gertrudes, unido a tantos cuidados, reduzio a sua saude a tão máos termos, que vendo-se ella inhábil para as funcções da prelatura, renunciou o cargo em uma sobrinha sua, por nome Vilfetrudes, por ella educada, e que na verdade excedia as outras religiosas na perfeição da virtude.

Quanto viveo Gertrudes depois de largar o emprego de superiora, não consta com certeza, sabe-se só que não foi muito, e que empregando todo esse tempo na sua preparação para a morte, augmentou as suas austeridades, protestando, como diz o escriptor da sua vida, que ella não queria conceder ao seu corpo algum allivio neste mundo, devendo-o sempre considerar, como em um penoso desterro.

Sentindo, pois, que estava proxima ao fim da vida, fez hir á sua presença todas as religiosas do mosteiro, e as exhortou efficazmente a conservarem vivo o espirito da santa regra, a manterem-se fiéis a Deos, e a viverem todas com uma perfeita união de caridade: declarou logo, que não queria ser sepultada com algum adorno, por quanto os ornatos do sepulchro de nada servem, nem para os vivos, nem para os mortos.

Mandou depois ao mosteiro da Fossa um religioso a Santo Ultano, que alli se achava, para lhe dar noticia da sua molestia, e saber delle se o Senhor lhe revelára alguma coisa sobre a sua passagem da presente vida? E o Santo lhe respondeo, que ella morreria no dia seguinte, porém que não temesse, porque S. Patricio, Bispo da Irlanda, de quem ella era devota, com os Anjos destinados por Deos, conduzirião a sua alma para a eterna gloria.

Uma tal resposta enchendo a Santa da maior alegria, a fez passar aquella noite em orações suavissimas, acompanhada sempre de todas as suas religiosas. Na manhã seguinte assistio Gertrudes á Missa, e recebendo nella o Sagrado Viatico, apenas concluio o Sacerdote a ultima oração, rendeo ella o espirito a Deos, estando na idade de trinta e dois annos em o dia 20 de março do anno de 659: foi sepultado o seu corpo, como ella ordenára; e o escriptor da sua vida refere muitos milagres, obrados por Deos para exaltar a santidade desta sua serva.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Qualquer desejaria ter na hora da morte, a respeito da sua eterna salvação, uma resposta similhante á que de Santo Ultano recebeo Santa Gertrudes; porém como Deos rara vez concede estas graças, deve cada um procurar, que perguntada agora a propria consciencia, sobre a sua situação presente, lhe responda com provavel presumpção, que Jesu Christo estará prompto para o receber no Ceo.

Com effeito, a consciencia dará esta resposta, não tendo remorso de algum peccado grave em toda a vida, ou pelo menos estando na certeza de haver, pelos já commettidos, aplacado a Deos por meio de uma boa confissão, seguida de uma verdadeira, e sincera penitencia, e com uma vida toda conforme ás maximas do Evangelho no exercicio das virtudes, e boas obras.

ABRIL — 21.

DE

SANTO EUTIQUIO, E COMPANHEIROS,

MARTYRES.

EM 26 DE MARÇO.

NO SECULO IV.

Santo Athanasio, na sua Epistola aos Solitarios, descreve os tormentos que padecêrão estes Santos, e vem no Tomo VIII de Tillemont, art. 76.

O grande Santo Athanasio, Patriarcha de Alexandria, descrevendo as violencias dos arianos contra os catholicos, nos dá noticia de muitos martyres, que forão victimas daquelles hereges, attestando com o proprio sangue a Divindade de Nosso Senhor Jesu Christo, em odio da qual forão mortos, entre os quaes se distinguírão muito Santo Eutiquio, e outros seus companheiros.

Aqui é de saber, que não podendo soffrer os arianos que Santo Athanasio gozasse pacificamente a posse da sua Igreja de Alexandria, o expulsárão com violencia, e substituírão em seu logar a um certo Jorge de Capadocia, homem de baixa condição, sem lettras, e o peior é, sem Fé, e sem Religião, o qual cheio de arrogancia, e de animo cruel, acompanhado de um bom numero de tropas entrou em Alexandria na quaresma do anno 356, confiado na protecção do Imperador Constancio, Principe ariano.

E logo com o pretexto de procurar a Santo Athanasio (que se escondêra para salvar a vida) mandou entrar os soldados pelas casas dos catholicos, donde extrahírão tudo o que quizerão, até o pão dos orfãos, e das viuvas, fazendo muitos ultrajes, e máos tratamentos a todas as pessoas, que alli encontrárão, particularmente aos ecclesiasticos, e não menos aos leigos, que erão parentes de alguns do clero.

Em todo o tempo que durárão estas violencias (que foi desde o domingo *in Albis* até o dia oitavo do Pentecostes) o povo catholico expulso das Igrejas, congregava-se nos domingos em um logar proximo ao cemiterio; o que sabido por Jorge (que até então não podéra impedir aquelles exercicios de piedade) servio-se do Conde Sebastião, que era de seita maniqueo, e commandava as milicias Imperiaes no Egypto, o qual sabendo que no domingo depois do pentecostes se fazia no dito logar a costumada assembléa, foi lá com tres mil soldados dissipar, e maltratar aquella multidão de homens, e mulheres, e meninos, que com grande devoção estavão orando a Deos.

E no mesmo tempo, mandando o Conde accender um grande fogo, fez conduzir diante delle todas as donzellas, que alli se achavão, para obrigallas pelo temor de serem queimadas vivas, a confessar, que seguião o partido de Jorge, abraçando a heresia ariana; e vendo logo o mesmo Conde, que o fogo lhes não causava medo, mandou-as açoutar cruelmente no rosto, deixando-as desfiguradas de tal modo, que por muito tempo não podêrão ser conhecidas.

Fez tambem prender alguns daquelles, que na assembléa Catholica erão de maior credito, e lhes mandou rasgar as costas com tanta crueldade, que alguns delles morrêrão pela dôr das feridas; e outro tanto se praticou com algumas donzellas, que se mostravão mais unidas ao partido de Santo Athanasio; e para que nada faltasse á barbaridade inhumana, mandou qne ficassem no campo os corpos defuntos, comminando graves penas a quem lhes quizesse dar sepultura.

No tempo destes barbaros tratamentos, que por parte dos arianos se fazião contra os catholicos, prendêrão os soldados ao Subdiacono Eutiquio, que com summa exactidão servia no seu ministerio á santa Igreja; e depois de o haverem açoutado aquelles pérfidos furiosos com duros nervos retorcidos, de modo que ficou quasi morto, procurárão ainda que fosse o Santo desterrado para as minas, chamadas *do ferro*, destinadas para os réos de homicidio, aonde em breve espaço até os mais robustos perdião miseravelmente a vida.

E o que mostra claramente a barbara inhumanidade daquelles ímpios, é o não concederem ao Santo Martyr umas poucas horas para poder curar as suas chagas, porque o fizerão logo pôr a caminho, dizendo: Será poderoso este exemplo, para que cheios todos de espanto, se resolvão a seguir o nosso

partido; porém o Santo logo no primeiro dia, pela vehemente dor das feridas, rendeo a alma a Deos, interiormente consolado de conseguir a gloria do martyrio.

No tempo em que Eutiquio padecia tantos tormentos, pedirão alguns catholicos com viva instancia que aquelle bom Subdiacono fosse tratado com menos rigor; porém os duros arianos em vez de attenderem ás suas rogativas, prendêrão quatro dos mesmos catholicos, que por sua notoria probidade se distinguião muito entre os outros: de um só delles sabemos o nome, que era *Ermia*, porque Santo Athanasio, que refere esta historia, não diz como se chamavão os outros tres.

Mandou então o Conde açoutar a todos os quatro, e conduzillos depois ao carcere; porém vendo os arianos que elles não morrêrão no supplicio, queixarão-se de os tratarem com demasiada brandura, e protestárão de mandar esta noticia aos Ministros da côrte; e temeroso o Conde destas ameaças, querendo satisfazer o insaciavel furor daquelles barbaros, ordenou que os mesmos martyres fossem de novo, e com maior rigor açoutados; em cujo supplicio dizião todos alegres: *Batei muito á vossa vontade, mas por mais que nos fustigueis, nunca renunciaremos a nossa Fé.*

Intentavão os arianos fazer que morressem no carcere os Santos Martyres, mas o povo aproveitando uma favoravel conjunctura, passados sete dias, lhes obteve a liberdade, o que levando a mal aquelles ímpios, procurárão vingar-se nos miseraveis pobres, tomando uma resolução summamente detestavel, e toda conforme ao maligno espirito da sua seita, com a qual muito de proposito declaravão guerra a Jesu Christo, oppondo-se principalmente ao que o mesmo Senhor tanto recommenda de favorecer com misericordia a todos os necessitados.

Por quanto, havendo o Conde concedido as Igrejas aos arianos, e consequentemente não podendo entrar nellas os catholicos, ficavão as pessoas pobres dos mesmos privadas das esmolas, que alli os clerigos costumavão repartir-lhes, por cuja causa destinárão os padres outro logar para esta obra pia, o que levando a mal os ímpios arianos, forão denunciar, e queixar-se ao Conde daquella assembléa dos catholicos.

Recebeo elle com muito gosto esta denuncia, porque os maniqueos (cuja seita elle seguia) olhavão com horror para a misericordia, e para os que usavão de piedade com os mendigos; e assim com o pretexto daquella accusação instituio nas terras do seu dominio um tribunal não visto no mundo, aonde erão responsaveis as pessoas caritativas, e condemnadas a açoutes as pessoas que recebião esmolas, estimando mais aquelles tyrannos ver morrer os pobres de fome, do que permittir que fossem soccorridos nas suas necessidades.

Esperavão os arianos com estas barbaras impiedades induzir os catholicos a abraçar a sua heresia, e entrar nas suas assembléas; porém não conseguírão o seu intento, antes lhes succedeo tudo pelo contrario, por quanto os angustiados consolavão-se com a certeza, de que por aquelle modo alcançavão o mérito do martyrio, e os pérfidos arianos se fizerão odiosos, até para com os mesmos gentios.

No meio de tanta perturbação na Igreja de Alexandria não houve quem pensasse em notar o dia da morte de Santo Eutiquio, nem os nomes de outros muitos Santos, que naquella occasião padecêrão martyrio, dos quaes todos em commum celébra neste dia a Santa Igreja a sua gloriosa memoria.

REFLEXÕES DOUTRINAES

Temos visto, como todo um povo catholico, e tão numeroso como era o de Alexandria, estava tão cheio do espirito Evangelico, que de boa vontade, pelo nome de Jesu Christo, soffria todas as sortes de máos tratamentos, e inhumanas atrocidades; o que supposto, serve este exemplo de grande censura para aquelles Christãos, que pela observancia da Divina Lei, e santas maximas do Evangelho não tem valor para desprezar os dicterios do vulgo, de modo que por comprazer com os homens, desagradão a Deos.

Porém que succede? Procurando elles evitar o indigno motejo de parecerem singulares pelo seu bom regulamento, incorrem naquella terrivel confusão, que os cobrirá depois por toda a eternidade. Convem logo para evitar um tal perigo, ponderar aquelle dito do Espirito Santo no Livro do Ecclesiastico: Ha uma confusão, que anda junta com o peccado; e ha uma confusão, que traz comsigo a gloria. *Tema-se, pois, a primeira, como causa de irreparavel ruina, e siga-se a segunda, como origem da felicidade sempiterna.*

ABRIL — 22.

DE

SANTO EUTIMIO, EREMITA.

EM 20 DE MARÇO.

NO SECULO IV, E V.

O monge Cyrillo escreveo com muita exactidão a vida deste Santo na lingua grega, que no fim do seculo passado se traduzio fielmente no idioma latino, como se acha na obra dos Bollandistas.

Eutimio, filho de Paulo, e Dionysia, cidadãos de Melitene, na Armenia, ricos, e tementes a Deos, veio ao mundo no anno de 377, em tempo do Imperador Valente, e foi recebido de seus pais (que erão estereis) como um dom milagroso do Ceo, obtido por intercessão do Santo Martyr Polieuto

Eutimio, morrendo-lhe seu pai, quando não tinha mais que tres annos de idade, foi consignado por sua mãi ao Beato Otrio, Bispo de Melitene, o qual fazendo para com elle as vezes de pai, e espiritual director, lhe foi instillando pouco a pouco a doutrina, e piedade christã; e no mesmo tempo para se instruir nas sciencias ecclesiasticas, o recommendou o Bispo a dois excellentes mestres, quaes erão Acacio, e Sinodio, que depois (um depois do outro) chegárão a ser Bispos de Melitene.

Aproveitou muito o gracioso Eutimio com a sabia disciplina daquelles dois varões illustres, os quaes o instruírão, não menos com os exemplos, que com as palavras, assim na piedade, como nas lettras, e elle da sua parte applicou-se no mesmo tempo á prática das virtudes contrapostas áquelles vicios, que lhe podião contaminar a pureza da alma.

Por este modo chegou brevemente Eutimio a fazer-se digno de ser elevado ao grão do sacerdocio, ainda que elle, pela sua muita humildade, mostrava a este respeito uma grande repugnancia; e além da honra sacerdotal, lhe foi imposto o cargo de cuidar, e promover o bom regulamento de todos os mosteiros da Cidade, e Bispado de Alixene.

Porém estes laboriosos empregos aterrárão de tal sorte a Eutimio, que o fizerão fugir occultamente para a companhia dos solitarios da Palestina, afim de não cuidar senão em Deos, e sobre o negocio da sua eterna salvação. Assim, pois, achando elle nos suburbios de Jerusalem uma sufficiente gruta para a sua residencia, começou alli, na idade de vinte e nove annos, a exercitar-se em jejuns, vigilias, e oração, e nas outras horas a fabricar esteiras, de cujo lucro se aproveitava para o seu sustento, e de algum pobre.

Habitava naquellas visinhanças outro solitario, chamado Theotisto, com o qual, que era muito virtuoso, tratou Eutimio uma santa amisade, excitando-se ambos reciprocamente para a propria santificação, que era o principal, ou antes o unico negocio, em que elles se occupavão.

Passados cinco annos por este modo naquelle sitio, mettêrão-se os dois solitarios no mais interior do deserto, e achando na margem de um rapido, e profundo rio uma espaçosa caverna, pareceo-lhes que era destinada para sua habitação pela Divina Providencia.

Com effeito, aqui estiverão os dois eremitas por largo tempo desconhecidos, nutrindo-se das hervas, que nascião naquelles contornos, até que descobertos por alguns pastores, não podérão impedir, que muitos querendo aprender delles o modo de aproveitar na virtude, viessem a procurallos; e assim foi tão grande o numero dos concorrentes, que se vírão obrigados a fabricar naquelle sitio varias casinhas, ou cabanas para sua habitação ordinaria.

E era tal o conceito, que formavão todos da santidade de Eutimio, e a confiança que tinhão na sua caridade, que vinhão muitos a descobrir-lhe os seus pensamentos mais occultos, e as profundas chagas da alma, e elle com admiravel discrição applicava a cada um o remedio proprio para o seu mal; e fallando-lhes no mesmo tempo, como um pai affectuoso, lhes persuadia a prática da humildade, a abnegação da vontade propria, a meditação da morte, e o trabalho manual, ou o exercicio de alguma séria applicação.

E por este meio o Misericordioso Deos servio-se muitas vezes das palavras do nosso Santo, como de efficaz instrumento para derramar sobre varios peccadores endurecidos a graça de uma perfeita conversão, e tambem para conceder o dom da fé a um grande numero de idolatras.

Conduzio-se neste tempo a Eutimio o filho de um Principe dos saracenos, que em nome dos romanos governava uma parte da Arabia, para ser curado de uma paralysia, que lhe fizera estúpida metade do corpo; e conseguindo para logo a cura do

seu mal, não só elle, mas tambem o pai, e todos os mais da sua numerosa comitiva pedírão ser instruidos na Religião Christã, e receber o santo Baptismo; e um dos principaes, que era cunhado do referido Principe, e tio do mancebo curado, pedio, e obteve ficar naquelle deserto, sujeito á direcção de Santo Eutimio.

E vendo elle que a noticia daquelle grande milagre lhe era causa de frequentes visitas, fugio secretamente, e se foi esconder no deserto de Ruban, proximo ao Mar-Morto; mas o Senhor que lhe déra tanta virtude, o manifestou de novo por meio de um miseravel possesso, que só com invocar o nome de Eutimio, ficou livre da oppressão do demonio.

Procurado, pois, por este motivo com diligente cuidado, foi achado no seu escondrijo, aonde o povo, que muito o venerava, lhe fabricou um mosteiro, para que podesse, naquelle logar, conduzir muitos á perfeição; e com effeito alli continuou Deos em conferir ao seu servo, não só a graça de curar as doenças, senão tambem o poder sobre as serpentes, e féras do bosque; e sendo-lhe isto occasião de grandes applausos, lhe deo tambem causa para novo retiro.

O que sabido pelo Principe da Arabia que elle convertêra, e descobrindo o novo logar da sua residencia, lhe conduzio á sua presença uma copiosa turma de saracenos, para os instruir; e este feliz successo, de tanta gloria para a Religião Christã, (a que muito contribuírão as exhortações de Pedro, que era o nome imposto por Eutimio áquelle Principe no Baptismo) fez que Juvenal, Bispo de Jerusalem, destinasse ao mesmo Pedro para pastor daquelles novos convertidos.

Eutimio entretanto não limitava a sua caridade só para com os idolatras, extendia-se tambem aos hereges, reduzindo a muitos maniqueos, e procurando impedir os progressos da heresia de Nestorio; e assim como elle em tempo do concilio Efesino mostrára um grande zêlo na defensa da unidade da pessoa de Jesu Christo contra os nestorianos, assim tambem, passados já vinte annos, mostrou o mesmo vigor, oppondo-se á confusão que introduzião os eutiquianos nas duas naturezas de Jesu Christo, divina, e humana; e com igual esforço susteve as decisões do concilio Calcedonense, e desenganou alguns bons anacoretas, que forão illudidos pelos eutiquianos.

Assim, pois, obrando o Santo efficazmente em defensa da verdade, Deos dava pêso ás suas palavras, enriquecendo-o com os dons, e graças de milagres, e prophecia, dos quaes elle se servia em varias occasiões importantes, e sempre em confirmação da Doutrina Catholica, de modo que geralmente era reputado como oraculo da Igreja Oriental, de que o seguinte caso é uma evidente prova.

Entrárão os hereges eutiquianos, com as suas artificiosas industrias, a fazer todo o esforço para attrahirem a Imperatriz Eudoxia ao seu partido; e estando ella um pouco vacillante a este respeito, mandou procurar a S. Simeão Estilita, como devia portar-se na presente materia? Ao que elle respondeo: Que seguisse os conselhos de Eutimio, cuja doutrina era pura, e toda extrahida das verdades santas. Aproveitando-se, pois, Eudoxia desta noticia, teve o Santo a consolação de a ver posta em bom caminho.

Finalmente, havendo o servo de Deos participado a seus discipulos a revelação que tivera da sua proxima morte, e tambem da que sobreviria logo a um dos seus companheiros, por nome Domiciano, a quem elles desejavão para seu superior, concluio o seu discurso, exhortando-os á humildade, e vigilancia, e expirou docemente no osculo do Senhor, estando na idade de noventa e cinco annos; e a sua gloria foi logo honrada na Igreja, e por Deos illustrada com muitos milagres.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Admiremos na presente historia de Santo Eutimio os prodigiosos dons, e especiaes graças, que o Senhor lhe concedeo, e imitemos entre as suas grandes virtudes, o desejo da perfeição, a fugadas honras, o fervor da oração, a caridade para com os proximos, e o constante amor para com a verdade.

No perenne exercicio de tantas virtudes, nada mais procurava este Santo que a salvação da propria alma, e este é tambem o mesmo fim, a que todos devemos aspirar: devemos logo, á proporção do nosso estado, exercitarmo-nos, e abundarmos em obras boas, sem as quaes se faz inutil, e é morta a nossa Fé.

ABRIL — 23.

DE

S. JORGE, MARTYR.

NO SECULO III.

Do Cardial Baronio, em as notas ao Martyrologio Romano deste dia, e da historia deste Santo pelo Doutor Heylin.

É célebre, e antiquissimo o culto do Martyr S. Jorge, tanto na Igreja grega, como na latina, em honra do qual se achão dedicados muitos templos, já no quinto e sexto seculo, e um especialmente em Roma, com o titulo de *Velabro*, ou *Velo de ouro*, e tambem forão muitos os milagres que obrou Deos por sua intercessão, dos quaes refere alguns S. Gregorio Turonense, que vivia no seculo sexto.

Nascendo, pois, S. Jorge na Provincia da Capadocia de uma familia distincta por sua nobreza, e ainda mais pelo seu zêlo para com a Fé Catholica, a sua qualidade, e o seu genio o movêrão a seguir a vida militar; e como elle era um bem disposto mancebo, e dos mais robustos, e valerosos do exercito, ganhou logo as boas graças do Imperador Diocleciano com tanto excesso, que reconhecendo cada vez mais as suas bellas qualidades, não lhe servírão de impedimento os poucos annos para o elevar aos primeiros logares, e o honrar com especiaes favores.

Porém formando-se aquella horrivel perseguição, que fez correr por todo o Imperio o sagrado sangue dos Fiéis Christãos, desde logo S. Jorge, que não tinha mais de vinte annos, considerando-se como uma victima destinada para o sacrificio, entrou a preparar-se pelos actos das mais heroicas virtudes; e como elle era do conselho, em qualidade de Official da primeira plana, julgou bem que devia ser dos primeiros em declarar-se, e dar provas da sua Fé, e não dissimular a sua Religião.

Em cujo supposto, primeiro que tudo, prevenio o sacrificio da sua vida, pelo dos seus bens, distribuindo aos pobres toda a rica herança, que lhe ficára por morte de sua mãi: deo plena liberdade a todos os seus escravos, e vendendo todos os seus móveis, e preciosos vestidos, remeteo o seu producto aos Fiéis que andavão dispersos sem proprio domicilio, fugindo ás formidaveis consequencias, que ameaçava a cruel perseguição.

Desembaraçado, pois, de tudo, entrou o nosso Santo cheio de um espirito generoso na sala do conselho, aonde o Imperador propondo o designio que formára, e já publicára nos seus edictos, de exterminar a todos os Christãos, foi geralmente applaudido por todos os individuos daquella numerosa assembléa, excepto o nosso illustre mancebo.

O qual levantando-se logo, e tomando um ar nobre, mas modesto, e respeitoso, reprehendeo com poucas palavras os elogios que se derão ao Imperador pela resolução que formára de perseguir, e extinguir a todos os Christãos; e como elle naturalmente fallava com muita graça, eloquencia, e viveza, foi por todos ouvido com admiração, e respeito.

Elle mostrou a toda a assembléa a injustiça, e impiedade daquella perseguição, e com a sua apologia a favor dos Christãos confundio o paganismo, e concluio exhortando ao Imperador a revogar os seus edictos, que só se encaminhavão a opprimir a innocencia, assim, pois, com a força das suas razões, com a viveza do seu discurso, e com o seu ar modesto, e religioso suspendeo as paixões de todo o congresso.

Mas o soberbo Imperador, dando-se por gravemente offendido, ordenou, com semblante irado, ao Consul Magnencio, que respondesse ao nosso Santo, como logo fez, dizendo-lhe assim: « Bem se mostra, « pelo atrevimento com que tens fallado na presença « do Imperador, que tu és um dos principaes indi« viduos da reprovada seita; mas o nosso Principe, « generoso defensor dos deoses do Imperio, tem todo « o poder, e ardente zêlo para os desaggravar da « tua impiedade. »

Aqui logo replicou Jorge: « Pois se estamos no « caso de punir-se a impiedade; qual póde ser mais « abominavel, do que attribuir a creaturas inanima« das os titulos augustos, e os direitos inalienaveis « da Divindade? A razão mostra, que não póde ha« ver mais do que um Deos, e este unico Deos ver« dadeiro é o mesmo, a quem eu sirvo, e reveren« temente adoro; sim, por certo, eu sou Christão, e « este glorioso nome faz toda a minha honra, e o po« der dar o meu sangue em obsequio daquelle Se« nhor, a quem devo a vida, é toda a minha fe« licidade. »

Irritado então o Imperador por este discurso, e temendo que as palavras do Santo fizessem grande impressão nos espiritos dos que estavão presentes, mandou que carregado de cadeias fosse conduzido ao carcere, aonde lhe fez padecer um cruel supplicio, até então inaudito, unido a uma roda armada de pontas de ferro, que em cada volta lhe arrancava

pedaços de carne, e deixava regos profundos por onde corrião arroios de sangue.

Mas o prazer que mostrava o Santo neste horrivel supplicio assombrava aos algozes; e maior foi ainda a sua admiração, quando no mesmo tempo, em que lhe forão desatar as ligaduras, não divisárão por todo o seu corpo nem o menor signal das proximas feridas! O que foi causa de se converterem muitos pagãos, e de entrar o tyranno em maior furor; e como S. Jorge era uma das primeiras victimas, que elle sacrificava á sua crueldade, não houve supplicio que elle não empregasse para supplantar a sua Fé, e vencer a sua constancia.

Parece incrivel o que as actas mais antigas do nosso Santo referem dos seus tormentos. Tudo o que a inhumanidade tem de mais barbaro, tudo o que a raiva de um tyranno, e a malicia do inferno póde inventar de mais cruel, tudo foi empregado contra este valeroso Martyr; mas tudo veio a servir para confundir a cegueira dos pagãos, e manifestar a Omnipotencia do grande Deos, que adorava S. Jorge.

O ferro, o fogo, a cal viva .... tudo se poz em obra, para contrastar a sua resolução, e a sua fé; mas a constante firmeza, e alegre prazer, que mostrava o seu rosto no meio dos tormentos, e um resplandor maravilhoso, que cercava a sua pessoa, e dissipava as sombras do tenebroso carcere, e sobre tudo, os grandes milagres, que fez em favor daquelles mesmos, que mais contribuião para o fazer penar, tudo isto fez triunfar a santa Religião, e converteu para ella a muitos infiéis.

Querião alguns incrédulos attribuir aquelles prodigios aos encantamentos da magica, mas a paciencia heroica do santo Martyr no meio dos maiores tormentos, e as maravilhas que obrava no mesmo tempo, abalárão a dureza dos mais obstinados gentios, e fizerão temer ao Imperador uma conversão geral naquella Cidade: assegura-se que a Imperatriz Alexandra se converteu, e que merecêra a corôa do martyrio.

Vendo, pois, o Imperador, que todos os tormentos erão inuteis, recorreo ao artificio, e mudando logo de tom, mandou soltar ao Santo Martyr, e que o conduzissem á sua presença, aonde com simulada doçura lhe fallou desta maneira: « Eu com muito pe-« zar me vi obrigado a fazer-te padecer o rigor das « penas fulminadas contra os inimigos da minha re-« ligião.

« Porque tu não ignoras a estimação, que sem-« pre fiz do teu mérito, e o caracter distincto, que « tens nos meus exercitos, é uma evidente prova da « minha bondade; em cujos termos só a tua contu-« macia podia servir de obstaculo á tua fortuna, por-« que tu és mancebo, e o meu affecto unido ao teu « merecimento, te promettem os primeiros logares; « que esperas logo para usar do teu juizo, applacando « com sacrificios aos grandes deoses do Imperio?»

Rogou então S. Jorge ao Imperador, que o fizesse conduzir ao templo, para ver quaes erão os deoses, a quem elle queria que sacrificasse. Ouvindo isto com grande prazer aquelle Principe (porque julgou que a sua doçura, e as suas promessas havião triunfado do confessor de Jesu Christo) mandou que sem mais demora fosse conduzido ao templo, acompanhado dos principaes do povo.

E apresentado alli o Santo Martyr ao idolo de Apollo, dirigio-se para elle, fazendo-lhe em voz alta esta pergunta: *Tu és Deos, a quem eu haja de offerecer sacrificio? Não*, (respondeo o idolo com tão horrivel tom, que fez tremer a todos os assistentes) *eu não sou Deos, nem os outros idolos, que aqui se adorão. Como, pois*, (exclamou S. Jorge) *ó espiritos malignos, anjos rebeldes, condemnados pelo verdadeiro Deos ás eternas chammas, como vos atreveis a subsistir na presença de um servo de Jesu Christo, qual eu sou?*

A estas palavras, que o Santo acompanhou com o signal da Cruz, retumbárão por todo o templo infernaes gemidos, e se vírão cahir logo todas as sacrilegas estatuas dos seus thronos, e ficarem sobre o pavimento desfeitas em miudos pedaços: esta não esperada maravilha encheo de assombro a todos os pagãos que alli se achárão, e o tyranno Imperador temendo alguma sedição do povo, mandou logo que fosse o Santo alli mesmo degollado, o que promptamente se executou no dia 23 de abril do anno 290.

Os exercitos Christãos recorrem de modo ordinario á protecção de S. Jorge, e particularmente as ordens militares, que tem o seu nome, como é a que fundou no anno de 1470 o Imperador Frederico IV, Archiduque de Austria, e outra na Republica de Genova, differente de outra, que ainda existe em Aragão, com o nome de *Cavalleiros de S. Jorge d'Alfama*, fundada no anno de 1200.

E o pintar-se S. Jorge na figura de um cavalleiro, investindo a um dragão, em defensa de uma donzella, que teme ser devorada por aquelle monstro, não é mais do que um symbolo, para dar a entender, que este insigne Martyr livrou a sua Provincia, representada na dita donzella, da monstruosa idolatria, figurada naquelle dragão.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Um official da primeira plana, qual era S. Jorge, no exercito do maior Imperador do mundo, collocado no meio de uma assembléa de gentios, tanto não encobre a sua Santa Religião, que antes se declara por seu professor, e lhe faz animosamente a sua defensa, reconhecendo ao mesmo passo, que se expõe a malograr a sua fortuna, e a perder a propria vida.

Oh quanto este exemplo no dia de hoje condemna, e confunde a muitos, que não já entre idolatras, mas no mesmo seio do Christianismo, se en-

vergonhão de observar as maximas do Evangelho! E o peior é, que se fazem honra de serem mundanos, e libertinos, tomando a modestia, e devoção por objecto dos seus insultos, e motejos, e escandalosos dicterios; porém lá virá tempo, em que cheios de prazer triunfem os justos apesar dos mundanos.

ABRIL — 24.

DE

SANTA JULIANA, VIRGEM, E MARTYR.

NO SECULO III.

As actas do glorioso martyrio desta Santa Virgem vem referidas pelos Bollandistas no dia dezeseis do mez de fevereiro.

No fim do terceiro seculo, durando ainda a cruel perseguição do Imperador Maximiano, um Senador, por nome Elúzo, pretendeo a alliança de uma donzella de Nicomedia, chamada Juliana, illustre pelo seu nascimento, e ainda mais distincta pelo seu mérito, e pelas suas raras qualidades.

O pai desta donzella era pagão, e um dos mais ardentes perseguidores dos Christãos, em Nicomedia, e a mãi, sobre inimiga de superstições, não professava religião alguma; porém a filha, mais sabia que seus pais, reconhecendo, e abominando os erros da idolatria, se fez instruir secretamente nas maximas da nossa Religião; e logo que recebeo o Baptismo, desprezando as vaidades do seculo, tomou a resolução de só admittir por esposo a Jesu Christo, e collocar toda a sua esperança nos bens, e honras da outra vida.

Estava ella firme nestes virtuosos sentimentos, quando seus pais a promettêrão por esposa ao Senador Elúzo, julgando que lhe não podião procurar melhor partido; de cuja alliança lhe forão dar parte, dispondo-a para receber naquelle mesmo dia a primeira visita do tal Senador seu futuro esposo; e ella animada de uma nova sobrenatural força, que a fazia ser fiel a Jesu Christo, recebeo a Elúzo com a devida civilidade, e religiosa modestia.

E como todo o seu empenho era dissolver aquella alliança, que sem a consultar, e contra o seu agrado se fizera, respondeo claramente ao Senador, que ella da sua parte não consentiria naquelle matrimonio, em quanto o não visse no logar de Juiz, ou Prefeito da Provincia; o que na verdade, attentas algumas circumstancias, dava pouco logar á esperança; porém como aquelle fidalgo, sobre ser muito rico, tinha as boas graças do Imperador, obteve felizmente o desejado emprego, de que logo fez sabedora a Juliana,

Então ella com esta noticia lhe fez logo dizer, já sem rebuço, que se gozava muito de o ver na posse de um logar tão honorifico; porém que faltava ainda um passo, qual era fazer-se elle Christão, como ella o era tambem, para que houvesse entre ambos uma proporção feliz. Ouvida esta não esperada resposta, foi logo o Prefeito avisar do que se passava ao pai da donzella, o qual cheio de furor por esta noticia lhe protestou com juramento, que sendo certo o que lhe dizia, elle mesmo, se ella se não retratava, a entregaria nas mãos da sua justiça.

E sem mais demora, mas dissimulando a sua ira, indo procurar a Juliana, entrou a dizer-lhe em tom de pai, e pai cheio de admiração: « Que novi-« dade é esta, minha filha, e novidade tão grande, « que te faz perder o juizo? Tu ignoras, e assim des-« prezas a summa honra de ser esposa do Prefeito « de Nicomedia? Meu pai, (respondeo a Santa) eu « bem sei quanto é estimavel para o mundo o ser a « primeira senhora da Provincia, e sei tambem o gran-« de mérito do senhor Elúzo; porém elle não é Chri-« stão, e eu sem esta illustre qualidade reputo por « nada todas as outras. »

Ouvindo estas palavras, lhe disse o pai transportado de furor: « Juro pelos deoses Apollo, e Dia-« na, que se continuas em fallar dessa maneira, eu « mesmo te exporei ás féras, porque mais quero ver-te « devorar pelos leões, do qne seguires a seita dos « Christãos. Vós podeis fazer o que for do vosso « agrado, (respondeo a Santa) mas todo o respeito, « que eu tenho para comvosco, não poderá jámais « fazer-me desobediente a meu Deos; sim podereis « expor-me ás féras, e ainda fazer-me queimar viva, « porém eu, como Christã, ponho toda a minha fe-« licidade, e toda a minha gloria em viver, e mor-« rer por Jesu Christo. »

Tocado então o pai de Juliana, ou pelo menos adoçado com as suas razões tão sabias, e tão respei-

tosas, lhe disse com as lagrimas nos olhos: « Eu te « conjuro, minha amada filha, e te rogo com o maior « empenho, que te desfaças dessa loucura, nascida « sem duvida de alguma feitiçaria; não percas a tua « fortuna, conservando a fatal cegueira, que te leva « á ultima ruina; tu estás promettida para esposa do « Prefeito, e aqui não ha que vacillar, porque a mi- « nha palavra está dada, e infallivelmente hade ser « cumprida.

« Eu supponho, meu pai (replicou a generosa « Juliana) que talvez me não expliquei bem, vendo « pelo vosso discurso, que ainda esperais que eu mude « de proposito; repito-vos, pois, e claramente vos « digo, que eu sou Christã, e que nada me fará per- « der esta preciosissima qualidade, porque não ha sup- « plicio na terra, que possa abalar a minha fé, nem « abater a minha constancia. »

Aqui, mais que nunca irritado, e offendido o pai por esta réplica, arremetteo furioso á santa filha, e depois de a maltratar por muitos modos, como quem tinha perdido todo o sentimento da humanidade, a mandou entregar ao Prefeito Elúzo, para ser punida segundo os edictos dos Imperadores em materia de Religião. Vendo-a, pois, Elúzo no seu tribunal em tão lastimoso estado, sentio accender-se-lhe a sua antiga paixão, e esquecendo-se de que era juiz, lhe fallou desta maneira:

« Qual foi a magica, ó Juliana, que pode obri- « gar a uma donzella da tua qualidade, e do teu mé- « rito a cahir nas extravagancias ridiculas dos Chri- « stãos! Tu não ignoras os fataes precipicios, a que « te levaria a tua contumacia, se não depozesses por « uma vez essas falsas idéas; mas sem nos metter- « mos em pontos de Religião, tu bem sabes, Juliana, « quanto me fizeste esperar, e os passos, que me obri- « gaste a fazer: tu desejavas um titulo mais alto que « o de esposa de um senador, agora, pois, que como « Prefeito occupo o primeiro logar, não sei por onde « desmereça a tua estimação: acredita-me, Juliana, « muda de sentimentos, sacrifica aos deoses, e pondo « em segurança a tua vida, e a tua honra, serás a « primeira senhora de Nicomedia.

« Quem tem a felicidade de ser Christã (respon- « deo Juliana) é pouco sensivel a todas as honras do « mundo: a tua salvação, e não o teu emprego, foi, « como é todo o meu empenho; e entre tanto queria « ganhar tempo para obter do Pai das Misericordias, « que te désse conhecimento do erro, em que foste « creado, e das extravagancias da ímpia Religião, em « que te pôz o teu nascimento: eu sim conheço o teu « mérito, superior ainda á dignidade de Prefeito, po- « rém todo o meu jubilo seria ver-te renunciar o culto « das chimericas divindades; em cujos termos, se « tens alguma bondade para comigo, adora sómente « ao verdadeiro Deos, abraçando a Religião Chri- « stã. »

Aqui Elúzo pareceo tocado pela rogativa de Juliana, segundo mostrou no ar do seu rosto, e no tom da voz, com que lhe disse: « Eu bem quizera con- « ceder-te o que desejas, porém tu não ignoras, que « eu por esse modo certamente me exporia a perder « os meus bens, o meu emprego, e a minha vida, « porque fazendo-me eu Christão, me declarava ini- « migo do Imperador. Pois, tu, ó Elúzo, (replicou « a Santa) tu que temes a um Principe mortal, que- « res que eu provoque a ira do Senhor do Ceo, e da « terra, commettendo o maior de todos os crimes, « qual é a idolatria? Certamente não farei tal, porque « sou Christã, nem todos os supplicios, do mundo « me farão abandonar o meu bom proposito. »

Percebendo então o Prefeito, que se suppunha delle o querer fazer-se Christão, sahio de si, mudando o affecto em furor; e voltando com aspecto irado para Juliana, concluio dizendo: *Já vejo que abusas da minha complacencia; até aqui te fallei, como amante, agora obrarei, como Juiz.*

E sem mais demora mandou que fosse açoutada por um modo tão horrivel, que deixou cançados a seis algozes: ordenou depois que a suspendessem no ar pelos seus cabellos, com o que se lhe entumesceo com tanto excesso o seu rosto, que depois de seis horas que durou o supplicio, ficou totalmente desfigurada; e ella, entre tantos e taes tormentos, dizia sómente estas palavras: *Meu Senhor Jesu Christo, Filho unico de Deos verdadeiro, vinde a meu soccorro.*

Offereceo-lhe então o Juiz fazer-lhe curar as chagas, querendo ella sacrificar aos deoses; porém a Santa lhe respondeo logo: « Eu não careço, de « taes soccorros, porque meu Senhor Jesu Christo, « em quem eu tenho toda a minha confiança, é as- « sás poderoso para me fazer triunfar dos teus sup- « plicios, apesar de todos os demonios, dos quaes tu « és o instrumento. » Irritado então sobre modo o juiz tyranno, mandou que por todo corpo da Santa se destilasse bronze derretido, e depois se lhe queimassem as costas com laminas ardentes; porém vendo o Prefeito, que tudo isto supportava alegremente a Santa, a mandou levar ao carcere.

E entretanto Juliana, naquella prizão tenebrosa, fez logo esta oração a Deos: « Não me abandoneis, « Senhor, nos tormentos que padeço pela gloria do « vosso nome, assim como conservastes a Daniel no « lago dos leões, e aos tres mancebos na fornalha de « Babylonia; vós bem sabeis que sois o objecto de « toda a minha confiança, e portanto espero não ser « confundida. »

Passados alguns dias, julgando o Prefeito, que as dôres, e o tempo havião affrouxado a constancia da nossa Santa, mandou-a conduzir á sua presença; e usando com ella de muitas caricias, e ameaças, intentava persuadilla por todos os modos, a que salvasse pelo menos um resto de vida, sacrificando aos deoses; porém vendo-a cada vez mais invencivel, desafogou o seu furor, mandando-a atormentar novamente com fogo, e por ultimo lhe fez cortar a ca-

beça, e juntamente a cento e trinta soldados, que a a mêsma Santa convertêra. Succedeo este glorioso triunfo de Santa Juliana em o dia 16 de fevereiro do anno 308 da era Christã.

E pouco depois dada a paz á Igreja pelo grande Imperador Constantino, uma pia senhora, chamada Sofronia, passando por Nicomedia para ir a Roma, obteve o corpo de Santa Juliana; mas uma furiosa tempestade a fez desembarcar perto da Cidade de Puzzoli aonde a mesma senhora mandou edificar uma Igreja magnifica, em que depositou as reliquias desta Santa, que depois por causa da invasão dos lombardos forão transferidas para a Cidade de Napoles.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Que virtuosa generosidade em uma donzella de dezoito annos, nascida de pais gentios, enriquecida das mais brilhantes qualidades, e procurada para esposa do primeiro magistrado de Nicomedia, desprezar, e sacrificar todas estas grandezas a troco de ser esposa, e serva de Jesu Christo! Que prudencia, e que modestia nas suas palavras? E que longanimidade, e constancia heroica a sua no meio dos mais crueis tormentos!

A' vista do que, quereremos ainda milagres para animar a nossa fé, e confirmar a nossa esperança? E que milagre mais convincente do que o prodigioso valor desta illustre Martyr, e de outras muitas a ella similhantes? Se estes grandes prodigios, que contribuírão para a conversão do gentilismo não produzem em nós outros, á proporção, o mesmo effeito, seremos nesta parte, como aquelles pagãos, que á vista de tantas maravilhas ainda ficavão obstinados na sua cegueira.

ABRIL — 25.

DE

S. MARCOS, EVANGELISTA.

NO SECULO I.

De S. Jeronymo, de Eusebio, e de Tillemont, no Tomo II das suas Memorias Ecclesiasticas, pag. 89.

Supposto que são poucas as acções particulares, que nos constão do Evangelista S. Marcos, ainda assim, deve a Religião inspirar-nos devotos sentimentos para com elle, por ser um daquelles grandes homens escolhidos por Deos para orgãos do Espirito Santo na escriptura das supremas verdades, que Jesu Christo no sagrado Evangelho quiz deixar em deposito na sua santa Igreja.

Elle era de nação hebreo, e se crê que a sua patria foi Cirenes, uma das Cidades de Pentápoli; e se crê tambem (segundo a mais bem fundada tradição) que elle não foi convertido á Fé de Jesu Christo, senão depois da Resurreição do mesmo Senhor, por ministerio do Apostolo S. Pedro, o qual na sua primeira Epistola o chama seu filho, e é certo (na opinião de muitos Padres) que por sua mão escreveo o Santo Apostolo as suas Cartas.

Quando o mesmo Principe dos Apostolos foi a Roma, S. Marcos o acompanhou, e no tempo em que alli assistio escreveo elle o seu Evangelho, a rogo dos Fiéis, que desejavão ter por escripto o que S. Pedro de viva voz lhes ensinára; e o Santo Apostolo, approvando-o o deo a ler aos Christãos para se conservarem, como fiéis Discipulos do Senhor, firmes, e conformes, não menos na crença, que nos costumes.

Segundo alguns, escreveo S. Marcos o seu Evangelho no idioma latino, e na opinião de outros, mais provavelmente, em grego, que naquelle tempo, tanto no Oriente, como no Occidente, era lingua commum, e tão usada em Roma, que até as mesmas mulheres a sabião fallar.

S. Marcos, no seu Evangelho, faz um resumo do de S. Mattheus, referindo as mesmas coisas, e servindo-se das mesmas expressões; mas accrescenta algumas particularidades, que naquelle se não referem, e muda a ordem da narração dos factos, concordando mais com os Evangelistas S. João, e S. Lucas.

Elle não refere o que o Salvador disse em louvor de S. Pedro, quando este reconheceo, e confessou por filho de Deos, nem o passo, em que o mesmo Apostolo andou sobre as aguas, e relata por extenso, e com todas as suas circumstancias, a negação que elle fez do Salvador por tres vezes, servindo por este modo á humildade do Santo Apostolo, que supprimia tudo o que o poderia fezer estimar dos homens, e publicava com os sentimentos da mais viva com-

punção o crime que commettêra, negando ser Discipulo do Divino Mestre.

S. Marcos, no anno 49 de Jesu Christo, foi enviado por S. Pedro a prégar o Evangelho no paiz do Egypto, que sendo em todo o mundo o mais dado ao culto, e superstições do paganismo, chegou-lhe o tempo da benção, vaticinado pelos Prophetas, e S. Marcos foi o primeiro instrumento, de que Deos se quiz valer para verificar as predicções dos seus servos; e com effeito, alli propagou a Fé por varias partes no espaço de doze annos, e voltando depois para Alexandria, em pouco tempo formou alli uma Igreja assás numerosa.

Eusebio, e S. Jeronymo affirmão, que muitos dos convertidos por S. Marcos erão judeos *therapentas*, de que Philo faz menção no seu livro da *Vida contemplativa*, os quaes estavão dispersos por todo o Egypto, vivendo apartados do mundo, (depois de repartirem os proprios bens pelos seus parentes pobres) occupando-se na lição da Sagrada Escriptura, dando muito tempo á meditação das eternas verdades, comendo uma só vez cada dia depois do sol posto, e praticando outras obras de penitencia austéra.

As fadigas apostolicas deste grande Santo forão coroadas com um glorioso martyrio, (e como tal foi sempre venerado na Igreja) cujas circumstancias se achão descriptas nas mais antigas memorias pela maneira seguinte:

Depois que o Santo esteve algum tempo escondido, para subtrahir-se ao furor dos gentios, (que não podendo soffrer o descredito, em que pela sua prégação estavão os seus deoses, procuravão tirar-lhe a vida) o forão achar aquelles barbaros a tempo que elle estava offerecendo a Deos o sacrosanto Sacrificio; e lançando-lhe uma corda á garganta, o arrastárão, como a uma besta, desde a manhã até á tarde por logares montuosos, cheios de agudas pedras, que lhe despedaçárão as carnes, e lhe fizerão derramar a maior parte do sangue, sem que da sua boca sahisse alguma queixa, antes muitos louvores, e graças a Deos, que o fazia digno de padecer aquelles máos tratamentos por honra do seu Nome.

Assim, pois, dilacerado como estava o Santo por todo o corpo, o encerrárão em um immundo carcere; e no dia seguinte o arrastárão de novo aquelles impios pelos mesmos logares escabrosos, até que por ultimo rendeo a alma a Deos, consummando felizmente o seu martyrio no dia 25 do mez de abril no anno 68 da Era Christã.

E não satisfeitos os tyrannos idolatras com tirar a vida ao Santo Martyr, quizerão tambem reduzir o seu corpo a cinzas; porém não o consumindo inteiramente as chammas, recolhêrão os Fiéis diligentemente as suas reliquias, e as sepultárão junto aos muros de Alexandria; e depois se edificou naquelle sitio um sumptuoso templo, e um mosteiro, que subsistião ainda no oitavo seculo.

A Igreja de Alexandria, que, nos seculos passados, se reputava pela maior de todas, depois da romana, sempre se chamou a Sé de S. Marcos; e temos na Historia Ecclesiastica, que até o sexto seculo se conservava a capa do mesmo Santo, com a qual se adornava o novo Bispo para tomar posse do seu throno. O successor de S. Marcos foi Santo Aniano, seu discipulo, e insigne varão, segundo o coração de Deos, em todas as coisas admiravel.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Celebra-se neste dia uma solemne procissão, cujo objecto é reduzir á memoria dos Fiéis a obrigação que tem para com Deos, de quem recebem com tanta liberalidade os fructos da terra, e outros bens temporaes, ensinando por este modo a santa Igreja a seus filhos, não só a agradecer a Deos aquelles bens necessarios para sustento da vida, senão tambem a pedir-lhe não menos os que são uteis á alma, quaes vem a ser uma fé viva, uma piedade sincera, um desapego do mundo, e um ardente desejo do celestial Paraiso.

Quer tambem a santa Igreja persuadir-nos ao mesmo passo, que recebendo nós outros da mão de Deos a saude, a tranquillidade, e os outros bens necessarios na presente vida, os empreguemos, como é justo, em seu serviço, utilidade nossa, e do nosso proximo; e que se o mesmo Senhor nos quizer privar dos taes bens, nos sujeitemos á sua vontade, supportando pacientemente as calamidades publicas, além das nossas particulares, como vindas da mão de um benigno pai, que nos castiga com temporaes penas, para nos livrar das eternas.

Estas são as considerações, e os sentimentos de piedade com que devemos acompanhar a procissão do presente dia, rogando ao Senhor, que nos perdoe os nossos peccados, pedindo-lhe o seu soccorro para as nossas espirituaes, e temporaes indigencias, e esperando confiadamente obter estas graças da sua Bondade, e Misericordia pela intercessão do glorioso S. Marcos, e dos outros Santos da Côrte Celeste, que se invocão para este fim na presente procissão geral.

ABRIL — 26.

DE

S. MACARIO, DE ALEXANDRIA.

EM 2 DE MARÇO.

NO SECULO VI.

Houve dois Macarios Santos, um de Alexandria, e outro do Egypto. De ambos fallão com louvor os escriptores antigos, especialmente Rufino, e Palladio, que vivião no mesmo tempo, como se póde ver em Rosweido nas vidas dos Padres do Ermo.

Nasceo S. Macario na Cidade de Alexandria em o principio do IV seculo, e logo na idade de mancebo, abandonando o mundo, abraçou a vida solitaria, e penitente, dirigido pelo grande Santo Antão no deserto da Thebaida, aonde pelo espaço de alguns annos aprendeo com tão excellente mestre os exercicios daquella vida summamente austéra, humilde, e mortificada, que observou sempre até á sua extrema velhice.

O primeiro logar da sua particular residencia foi o deserto chamado das *Cellinhas*, confinante com o da Nitria, no Egypto, para o qual passou depois da morte de Santo Antão, attendendo sempre a macerar o seu corpo com jejuns rigorosos, com vigilias, e outras mais austeridades, e a nutrir o seu espirito com a lição, e meditação das Divinas Escripturas, e sobre tudo com a frequencia da oração, em que empregava a maior parte da noite, e occupava-se tambem no trabalho manual, afim de ganhar o pouco que lhe era necessario para o seu escaço alimento.

Procurava Macario por todos os modos viver desconhecido ao mundo, para agradar só a Deos; porém a sua santidade, feita célebre em todo o Egypto, o fez consentir a seu pezar em receber o gráo de Sacerdote, para dirigir melhor o espirito de tantos, e tão virtuosos monges, que povoavão aquelle deserto; porém elle entretanto nada quiz diminuir no rigor das suas vigilias, e dos seus jejuns, nem das suas frequentes orações, satisfazendo-se ao mesmo passo com empregar uma parte do tempo destinado para o trabalho manual, na instrucção daquelles, que para este effeito o procuravão.

Era tão grande o amor que tinha Macario á penitencia, que procurava sempre imitar qualquer prática penosa, que lhe viesse á noticia ser usada por algum servo de Deos; por cuja causa, sabendo elle que no mosteiro da Tabena, dirigido por S. Pacómio, os monges no tempo da quaresma nada comião cosido, quiz tambem praticar o mesmo, como fez nos sete annos seguintes, usando só de hervas cruas, e de legumes amollecidos na agua.

E depois, querendo vêr com os proprios olhos a perfeita vida, que observavão aquelles monges, tomou um vestido secular, e com esta dissimulação chegando ao mosteiro da Tabena, com quinze dias de jornada, rogou humildemente a S. Pacómio que o admittisse no seu mosteiro; o qual negando-lhe logo o consenso, por lhe parecer que os seus muitos annos não poderião cumprir as austeridades, que alli praticavão os monges, vendo depois que em todos os sete dias seguintes elle perseverava constante á porta do mosteiro, de boa vontade o admittio.

Chegada a proxima quaresma, e sabendo que os monges a querião passar sem comer, uns por dois dias, outros por cinco, e outros, depois do trabalho diurno, ficarem orando de pé em toda a noite, elle então, tomando muitas folhas de palmeira para o trabalho costumado, se foi pôr a um canto em pé, sem nunca sentar-se, nem ajoelhar, nem encostar-se, nem beber, nem comer coisa alguma por todo o tempo da quaresma, e só nos domingos levava para o seu logar algumas folhas de couve cruas, para mostrar que comia, e prevenir por este modo a tentação da vaidade.

Attonitos, pois, os monges por aquella insólita austeridade, forão dizer a S. Pacómio: *Donde veio este homem, que vive como um puro espirito, talvez mandado por Deos para condemnar a nossa frouxidão?* E revelando o Senhor ao santo Abbade quem era aquelle prodigioso hospede, elle o tomou pela mão, e conduzindo-o á capella do mosteiro, o abraçou, e lhe disse: *Veneravel ancião, porque me não declaraste logo que eras Macario? Ha muito tempo que ouço fallar da tua pessoa, e desejando conhecer-te; estimo, pois, que viesses humilhar a estes meus filhos, tirando-lhes todo o motivo de vaidade, que poderia causar-lhes o austéro da sua vida; e como assás nos tens edificado com a tua presença, podes voltar para a tua solidão, e roga a Deos por nós outros.*

Restituido Macario ao seu mosteiro, continuou sempre no seu theor de vida, e Deos, para seu maior mérito, permittio que entre varias tentações tivesse

uma mais violenta, que era desejar hir a Roma, para exercitar a sua caridade com os enfermos. Esta idéa o seguia por toda a parte; e vendo elle que o inimigo não cessava de excitar-lhe aquelle importuno desejo, lançou-se por terra, e abraçando-se com a soleira da porta, disse ao tentador: *Tira-me daqui, se pódes, que eu por minha vontade não sahirei deste logar.*

Conservou-se o Santo nesta postura até o meio da tarde, e sentindo-se ainda tentado mais que nunca, encheo um sacco de arêa, e tomando-o sobre as costas, começou a correr com elle pelo deserto, aonde admirado um dos seus monges de o ver naquelle exercicio, lhe disse elle: *Assim maltrato a quem me maltrata, a quem por me ver tão preguiçoso, e negligente, me quer persuadir uma longa viagem;* e continuando por aquelle modo até o fim do dia, voltou para a sua cella, se bem fatigado no corpo, mais socegado no espirito.

Depois destas tentações, que servião muito a S. Macario, para não ser vencido de algum pensamento de presumpção, e soberba, manifestou-lhe Deos com imagens sensiveis as disposições internas dos seus monges no tempo dos espirituaes exercicios, vendo o fervor, e attenção de alguns, e a negligencia, e distracção de outros, por diversos, e inuteis pensamentos, que lhes excitavão os infernaes espiritos; e o santo Abbade com esta noticia exhortava aos seus subditos a que se portassem mais attentos, e vigilantes, para não perderem o fructo, que poderião deduzir, das suas virtuosas operações.

Além disto, concedendo tambem Deos ao nosso Santo a graça de fazer muitos milagres, vinhão procurallo varios enfermos para conseguirem o seu remedio, e elle promptamente os curava, fazendo sobre elles o signal da Cruz com a aspersão da agua benta; porém vindo em certo dia um Sacerdote, que tinha o rosto exulcerado por causa de um pestifero cancro, o Santo não o quiz ver, nem fallar-lhe.

Então Palladio, discipulo do Santo, que se achava presente, foi supplicar-lhe com muita humildade, que se compadecesse daquelle miseravel, cujo aspecto causava horror. *E' indigno* (respondeo Macario) *de ser curado daquelle mal, que Deos lhe manda para seu castigo; mas se queres que elle recobre a sua primeira saude, dize-lhe que prometta não celebrar Missa em todo o tempo da sua vida. Grande pena, meu Padre!* (replicou Palladio) *mas bem merecida,* (respondeo Macario) *porque esse tal Sacerdote atreveo-se a celebrar, estando incurso em peccado grave de impureza, e por isso Deos o castiga.*

Participou logo Palladio esta resposta do Santo áquelle Sacerdote, e promettendo elle com juramento não exercitar dalli em diante alguma funcção Sacerdotal, o Santo o mandou vir, e lhe disse: *Crês agora, que ha um Deos, a quem tudo é manifesto? Creio, meu Padre,* (lhe respondeo), *reconhece, pois,* (concluio o Santo) *a grandeza do teu peccado, que te mereceo um tal castigo, e emenda-te para o futuro.*

Confessou-se então o Sacerdote com grandes signaes de arrependido, promettendo nunca mais dizer Missa, como se fosse só um simples leigo; e vendo-o o Santo nesta boa disposição, lhe impoz as mãos sobre a cabeça, com que logo o deixou curado, e o despedio cheio de jubilo, e do mais profundo agradecimento por tão estupendo beneficio.

Em outro dia, tendo S. Macario de passar o rio Nilo em companhia de outro monge, metteo-se em uma embarcação, que estava a partir, aonde pouco depois entrou tambem um fidalgo illustre com uma numerosa comitiva, o qual pondo os olhos nos dois pobres monges, que sentados no pavimento discorrião alegres sobre as felicidades da vida solitaria, que o vulgo reputava desprezivel, lhe disse: *O certo é, meus irmãos, que vós outros, satisfeitos do vosso estado com esse pobre vestido, e um parco alimento, sois venturosos, zombando do mundo.*

Sim, meu Senhor, (lhe respondeo S. Macario) *mas se nós os pobres, que zombamos do mundo, somos venturosos, segue-se que vós outros os ricos, de quem o mundo zomba, sois desgraçados.* Ferio esta resposta tão vivamente aquelle fidalgo, que voltando para casa, e distribuindo os seus bens aos pobres, renunciou as esperanças do seculo, para abraçar a vida solitaria, e gozar a doce paz, que conseguem ainda neste mundo os verdadeiros servos de Deos.

Outro facto assás notavel do nosso Santo refere S. Jeronymo, e com elle poremos termo ao compendio da sua vida. Deixando por morte certo monge avarento um cento de moedas, que ajuntára em vida pelo producto do seu trabalho, houve entre os solitarios diversos pareceres sobre o emprego que se faria de tal dinheiro; porque uns julgavão que se devia distribuir aos pobres, outros dizião que era melhor applicar-se á Igreja, e tinhão outros por mais acertado o entregar-se aos parentes do defunto.

Porém Macario, e outros Padres mais antigos, sabendo quanto importava o prevenir as consequencias deste máo exemplo, ordenárão que o tal dinheiro se enterrasse com o monge morto, dizendo no mesmo acto: *O teu dinheiro pereça comtigo;* e fez tanta impressão esta justa, e sabia severidade no animo dos monges do Egypto, que tinhão depois como por um delicto grave o deixar na morte uma só moeda. Finalmente o nosso Santo, depois de viver na solidão até uma extrema velhice, cheio de méritos, e virtudes, docemente passou deste mundo para o Celestial Paraiso no fim do anno 394, ou no principio do 395.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Aprendamos da vida deste Santo, primeiro que tudo, a constancia, e a firmeza no bem começado. Estejamos tambem certos, que se não mortificarmos o nosso corpo com uma discreta penitencia, mais

tarde, ou mais cedo seremos por elle vencidos; e para que não zombe de nós o mundo devemos desprezallo primeiro com valor, e animo resoluto, como praticou aquelle fidalgo.

Finalmente, a severidade rigorosa que observou S. Macario com aquelle Sacerdote lascivo, nos faz conhecer quanto é enorme o excesso de quem chega á Meza Eucharistica com algum carnal peccado, tão opposto ao Sacramento Augusto, que contém o Deos da pureza! E o não castigar Deos sempre neste mundo aos aggressores de um tão horrendo attentado, como praticou com o Sacerdote referido, é para dar tempo a esses ímpios, em que por uma voluntaria, e condigna penitencia se livrem dos castigos eternos.

ABRIL — 27.

DE

S. JOÃO, CALYBITA.

EM 15 DE JANEIRO.

NO SECULO V.

De um manuscripto grego da biblioteca vaticana, traduzido por Resweido nas vidas dos Padres do Ermo, e se acha neste dia na obra dos Bollandistas.

Nasceo este Santo em Constantinopla, correndo o anno 426, e deo-se-lhe o sobrenome de *Calybita* (palavra grega que significa *choupana*) alludindo á cabana, em que elle viveo pobre, e desconhecido á vista de seus pais. Erão elles Eutropio, tão distincto pela sua probidade, como pela nobreza do seu nascimento, e primeiros cargos, que occupava na côrte; e Theodora, sua mãi, não era de sangue menos illustre, nem de menos exemplar piedade.

Tinhão elles tres filhos, dos quaes os primeiros dois forão depois elevados aos maiores logares do Imperio, e o nosso João, que era o mais novo, ainda foi mais illustre pela sua santidade eminente; elle, até no corpo, era de uma especiosa figura, e no espirito, sobre um engenho vivo, mostrava um genio affectuoso, que o fazia para todos amavel, e mais ainda para seus pais, que tinhão nelle todas as suas delicias.

A educação que se lhe deo, correspondia ao seu nascimento, e á sua religião; e elle soube aproveitar-se tanto das lições que teve, que já na idade de nove para dez annos parecia não carecer de mestre; e com effeito, instruido elle além do que pedia a sua idade, toda a Constantinopla se admirava das muitas, e raras qualidades que se achavão em um menino tão completamente perfeito, que era a honra da sua familia.

Os bons exemplos domesticos nutrírão cada vez mais a sua feliz inclinação para a virtude; porque seus pais cheios de religião se exercitavão á sua vista em varias obras de piedade, e sua mãi, que extremosamente o amava, o levava sempre comsigo á Igreja, aonde posto de joelhos ficava como immovel, orando a Deos com summa modestia, attenção e respeito.

A sua innocencia, piedade, e candura fazia sempre novos progressos; e Deos, que destinára este menino para maior gloria sua, e que abundantemente o prevenira com as suas mais doces bençõe, lhe dispoz uma occasião para cumprir os seus designios, inspirando-lhe desde logo um valor sobrenatural, que só podia proceder da sua graça, como agora diremos:

Elle não passava ainda de doze annos quando um Religioso do novo mosteiro dos Acêmetas, passando um dia por Constantinopla para hir por devoção a Jerusalem, foi pernoitar a casa dos pais de João, que por virtude de hospitalidade costumavão receber a todos os Religiosos peregrinos.

Attrahido, pois, João pela singular modestia daquelle Religioso hospede, e movido de uma santa curiosidade, quiz saber delle, qual era o seu mosteiro, e qual o theor de vida, que nelle se praticava? O bom Religioso o informou de tudo, dizendo-lhe: Que o seu mosteiro (fundado por Santo Alexandre sobre as margens do rio Eufrates) era uma casa tão grande, que continha nada menos de quatrocentos Religiosos de varias nações, os quaes se denominavão *Acêmetas*, (palavra grega, que significa *o que vela sempre*) porque divididos em varias turmas se succedião uns aos outros por todas as horas, psalmeando a Deos, de modo que naquella casa, entre outros espirituaes exercicios, havia de noite, e de dia um devotissimo *Lausperenne*.

Ouvindo isto o gracioso menino, e summamente edificado de uma vida tão santa, não podia separar-se daquelle hospede, visitando-o frequentemente, e fazendo-lhe varias perguntas ao mesmo respeito; até que por ultimo, já plenamente instruido, lhe declarou em segredo o ardente desejo que tinha de hir servir a Deos naquella casa; sobre o que lhe propoz logo o bom Religioso por obstaculo os seus poucos annos, a sua compleição delicada, e mais que tudo, a repugnancia de seus pais, que amando-o com tanta ternura, não quererião perder a sua estimavel companhia.

Porém João lhe replicou, dizendo desta maneira: «Meu Padre, quando Deos inspira uma tal resolu-«ção, costuma supprir, como bem póde, á delica-«deza do temperamento, e da idade. Tem-se visto, «varias vezes, donzellas de treze, e menos annos, «soffrer por Jesu Christo os mais horrorosos sup-«plicios; a mim, pois, que tenho doze, e sou de «sexo mais robusto, não dará o mesmo Senhor a «força que me baste para viver tão santamente? O' «meu bom Padre, eu não vos deixo, sem que me «promettais com juramento voltar por aqui em se-«gredo, para me levardes ao vosso mosteiro; e tende «por certo, que se assim o não praticais, visivel-«mente vos oppondes á vontade de Deos.»

Attonito, e enternecido o Religioso por esta não esperada resposta, e reconhecendo naquelle menino uma devoção, e valor, que muito excedia á sua pouca idade, lhe prometteo com juramento voltar por Constantinopla, quando viesse de Jerusalem, como fielmente cumprio; e João, entretanto, como sabia que um dos exercicios quotidianos dos Religiosos Acêmetas era a lição dos santos Evangelhos, pedio a sua mãi que lhe procurasse aquelle sagrado livro; e sem mais demora, condescendendo ella a tão justa súpplica, o fez copiar pela melhor letra, e lho entregou primorosamente encadernado, e guarnecido de chapas de prata, com varias pedras preciosas.

Chegado, pois, o tal Religioso occultamente a Constantinopla, e achando ao menino firmemente resoluto a executar o seu proposito, julgou que só Deos podia ser author de uma tão singular vocação; e querendo o bom Religioso fallar sobre isto mesmo aos pais do mesmo menino, elle o desviou dizendo-lhe assim:

«Eu reconheço o grande amor de meu pai, e «mais ainda o extremoso affecto que tem para co-«migo minha mãi, e se ella vem a saber o meu de-«signio, sem dúvida porá tudo em obra, para que «eu o não cumpra; quanto mais, que tambem eu «da minha parte poderia mover-me, e ceder aos seus «prantos; guardai-me, pois, o segredo, que me pro-«mettestes, e retiremo-nos desta terra, sem que al-«guem o perceba.»

Consentio então o Religioso, e sabendo de uma embarcação que estava proxima a partir, João se encarregou de pagar o ajustado frete, que pedio a sua mãi, e ella promptamente lh'o deo, julgando que era para algumas esmolas; e embarcando-se com o Religioso, sem levar de casa mais do que o seu livro dos Evangelhos, tiverão vento prospero, e chegárão brevemente a um porto pouco distante do mosteiro, cuja vista causou inexplicavel prazer a João, como sagrado objecto dos seus votos, e das suas amadas delicias.

Entrando, pois, no mosteiro, e referindo o Religioso ao Superior o que havia passado, João prostrou-se aos pés do mesmo Abbade, e lhe supplicou com as lagrimas nos olhos, que lhe cortasse para logo os cabellos, recebendo-o em o numero dos seus filhos. Enterneceo-se o Abbade vendo a sincera modestia, e fervorosa supplica do gracioso innocente, mas ponderando, por outra parte, a sua delicadeza, e pouca idade, lhe disse:

«Meu filho, eu louvo muito o teu bom propo-«sito, e estou bem persuadido do teu fervor, porém «temo ao mesmo passo, que os teus poucos annos, «e a tua natural delicadeza te sirvão de obstaculo «para uma vida tão austéra, e tão laboriosa como «a nossa; será, pois, preciso, que fiques á prova «por alguns mezes antes de receber-te no numero «dos nossos irmãos.»

Ouvindo isto o nosso Santo, e temendo que seus pais, se tivessem delle noticia antes de consagrar-se a Deos, fizessem os maiores esforços, para o extrahir do mosteiro, supplicou de novo ao Abbade, que o recebesse sem mais demora, fazendo esta rogativa com tantas véras, e tão vivas lagrimas, que não ficou logar ao Superior para resistir a taes instancias.

Entretanto os pais de João (que não vírão o Religioso quando veio de Jerusalem) advertidos da sua ausencia, fizerão por todas as partes as diligencias mais exactas para terem delle alguma noticia; e supposto que o mosteiro dos Acêmetas não era mui distante de Constantinopla, (estando, como fica dito, nas margens do Eufrates, junto á embocadura do Ponto Euxino) permittio Deos, que ninguem alli o procurasse, nem houvesse presumpção de que alli estivesse.

Entretanto, pois, que tudo erão lagrimas, clamores, e suspiros na casa de seus pais, cheio o especioso noviço de espirituaes consolações na Casa de Deos, gozava de uma paz, e prazer tão doce, que o trazia em um total esquecimento de tudo o que deixára no mundo: o seu maior gosto era cantar no côro os louvores de Deos com seus irmãos, e assim lhe custava muito o sahir, para haverem de entrar os que lhe devião succeder.

Crescia a sua devoção com o seu fervor, e o seu fervor correspondia á sua generosidade, e á sua innocencia, por tal modo, que tendo elle apenas seis mezes de noviço, os mais antigos, e os mais perfeitos o tomavão por modelo; e Deos derramava naquella alma purissima tantas, e taes doçuras, que

toda a austeridade do instituto lhe parecia coisa ligeira, tanto assim, que se a obediencia lhe não pozera limites, elle com o seu fervor se abbreviára os dias da vida, pelos excessivos rigores da penitencia.

Jesu Christo, na adoravel Eucharistia, era o principal objecto da sua devoção, que o fazia commungar frequentemente, e cada communhão era para elle um tão delicioso, e substancial banquete, que lhe suppria o logar de todo outro alimento. Seguia-se depois a devoção, e ternura que tinha para com a Santissima Virgem, honrando-a sempre com aquella pia affeição, que é ordinaria nas almas puras, e que parecia haver elle herdado do santo Apostolo, de quem tinha o nome.

Passados, pois, seis annos, em que o bemaventurado João era admirado, e appellidado Anjo daquelle mosteiro, não podendo o demonio tolerar naquelle mancebo uma tão eminente santidade, empregou todos os seus artificios, e manhosas industrias para o fazer desistir da sua empreza; porém conhecendo João a maliciosa industria do tentador, o combate que este lhe deo para supplantar a sua fortaleza, servio sómente para fazer a victoria do Santo mais gloriosa.

Mas ainda o demonio, sem se dar por vencido, passou a figurar-lhe com vivas côres, que elle se houvera com dureza inhumana para com seus pais, retirando-se de casa, sem se despedir delles, e deixando-os por esta causa em uma desconsolação tão penosa, que lhes poderia custar a vida. Representava-lhe depois os clamores, e as lagrimas de uma mãi extremosa, a quem nada podia consolar em tão lastimosa perda; e por ultimo lhe trazia á memoria os muitos signaes de amor, os carinhosos extremos, e affectuosas caricias, com que ella o tratava.

Estes vivos pensamentos não fizerão logo impressão consideravel no espirito do nosso Santo, porque reputando-os elle por tentação do demonio, os vencia com o desprezo; porém depois a contínua lucta contra a repetição das mesmas idéas o fatigou por tal fórma, que vendo o Superior a magreza summa no seu aspecto extenuado, e attribuindo aquelle effeito a algum excesso de penitencia, o chamou e lhe disse:

« Meu filho, eu te observo ha uns poucos de tem-
« pos sobre modo desfallecido, e sensivelmente exte-
« nuado; e discorrendo que esta novidade insólita
« póde ter seu principio em alguma penitencia indis-
« creta, ordeno, que daqui em diante não uses de
« austeridade, que haja de arruinar-te a saude.» Aqui o santo mancebo, prostrando-se aos pés do Abbade, lhe fallou deste modo:

« Meu reverendo Padre, não são rigores de pe-
« nitencia os que me arruinão a saude, é sim o de-
« sejo ardente que tenho de ver a meus país; rogo-
« vos, pois, que me deis permissão para eu satisfa-
« zer este violento desejo; e supposto que á primeira
« vista julgará o demonio haver supplantado a mi-
« nha constancia, com tudo, eu confio tanto na graça
« de nosso Senhor, que o imaginado triunfo do in-
« fernal inimigo será para mim, como espero, uma
« gloriosa victoria, que o cobrirá de confusão, e ver-
« gonha, apezar de todas as suas industrias.

« Eu estou como certo, de que Deos me inspira
« o hir a casa de meus pais acabar os meus dias, po-
« bre, desprezado, e desconhecido, negando por este
« modo toda a satisfação á minha ternura; e se bem
« que eu vejo ser a empreza delicada, e que assim
« me exponho a um grande perigo, sempre espero,
« que assim como o Senhor já me fez vencer os sen-
« timentos da natureza, deixando a meus pais por seu
« amor, tambem agora me fará a graça de supplan-
« tar os mesmos sentimentos por um modo mais he-
« roico, vivendo á vista de meus pais, sem me dar
« a conhecer. »

Uma proposição tão pouco esperada deixou o Abbade suspenso, por cuja causa mandando ajuntar os Religiosos, lhes declarou o que o nosso Santo havia proposto, ordenando-lhes que orassem a Deos para que uns principios tão felices naquelle mancebo não tivessem algum fim desgraçado. Então, pois, feitas muitas preces por aquelles religiosos, e dando-lhes o Senhor a conhecer que era do seu agrado fazer triunfar a sua graça com maior resplandor naquelle mancebo, o Superior lhe deo a sua benção com plena permissão para poder sahir.

E João sem mais demora, abraçando os seus irmãos, e recommendando-se ás suas orações, sahio do mosteiro, levando só comsigo o seu livro dos Evangelhos; e encontrando a poucos passos um pobre mendigo com um vestido velho, e remendado, lho trocou pelo seu habito novo, para se fazer mais desconhecido, e foi marchando a grandes passos, com o designio de converter em um verdadeiro supplicio para elle, e para seus pais, o que talvez o demonio julgaria que era só para satisfazer á natureza. Chegando, pois, João á vista da casa paterna, logo se poz de joelhos, e levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, orou a Deos, dizendo assim:

« Dai-me, Senhor, a graça de vos ser fiel, e
« livrai-me de todo o perigo, em que eu possa ca-
« hir: vós, meu Deos, muito bem sabeis qual é a
« minha intenção em voltar para casa de meus pais:
« eu os abandonei por vosso amor, em vosso obse-
« quio, e nunca tive arrependimento deste meu sa-
« crificio, antes eu me conservava na sua ausencia,
« não só sem pena minha, mas ainda quasi sem lem-
« brança sua; e assim, se agora me chego á sua casa,
« é para vencer á sua vista o que em mim para com
« elles póde haver de ternura. »

Quando o nosso Santo chegou a sua casa, ou por muito fatigado, (ou talvez de proposito) era já alta noite, e assim lhe foi preciso ficar da parte de fóra, encostado á porta da rua, aonde os criados da casa, que alli o vírão na manhã seguinte, movidos de

compaixão, lhe perguntárão quem era, e que procurava? Ao que elle respondeo humildemente: « Eu « sou um pobre de Jesu Christo, e por saber que « vosso amo a ninguem nega a hospitalidade, espero « que elle aqui me conceda um pequeno cantinho, « em que possa recolher o meu corpo. »

Dado este recado a Eutropio, pai do Santo, facilmente permittio, que se lhe armasse uma breve cabana a um canto do pateo, donde o mesmo João via muitas vezes sahir, e entrar a seus pais, que vendo-o tambem, não o conhecião, porque os annos que havião passado, os seus jejuns, e austeridades, e ainda os mesmos trapos de que estava vestido, o desfiguravão por tal modo, que não dava a menor suspeita de ser elle o que era.

Na primeira vez que elle vio a seus pais foi tal a sua commoção, que não pode conter as lagrimas; porém dirigindo-as a Deos, lhe disse em seu coração: *Sustentai-me, Senhor, na resolução que tomei de vos ser fiel até á morte com o perenne sacrificio dos meus naturaes sentimentos.* Seu pai tambem na primeira vez que o vio, se compadeceo muito delle, e attribuindo á sua costumada caridade a especial ternura, que sentia para com aquelle pobre, lhe enviava em certos dias alguma coisa da sua meza.

E sua mãi, pelo contrario, ainda que lamentava a toda a hora a perda do filho, que tinha presente sem o conhecer, causava-lhe tanto desgosto o ver aquelle pobre todo roto, macilento, e desfigurado, que se a sua caridade se não oppozera ao seu delicado melindre, o teria posto fóra de casa, por não ter á sua vista um tão desagradavel objecto.

Assim vivia no mesmo tempo o nosso Santo exposto aos desprezos dos seus proprios domesticos de inferior jerarchia, pela maior parte insolentes, que por varios modos com injuriosos insultos davão perennes exercicios á sua invicta paciencia; o que não obstante, a oração, e meditação era a sua occupação ordinaria, não só na sua cabana, senão muito mais na Igreja, aonde elle gastava a maior parte do dia, padecendo no interior do seu espirito um rigoroso combate entre o amor de Deos, que o retinha naquelle estado de soffrimento, e humilhação, e o amor natural, que o sollicitava a cada passo para dar-se a conhecer a seus pais, cujos clamores, e suspiros estava percebendo a toda a hora.

Passados, pois, por este modo tres annos, sem que tão duras provas podessem jámais diminuir o heroico valor de João, o Divino Senhor lhe revelou, que no fim dos primeiros tres dias iria receber no Ceo a gloriosa recompensa das suas illustres victorias; e elle então, com esta alegre noticia, reduplicou os seus fervores, passando todo aquelle tempo em oração; e chegado o dia do seu triunfo, que era o da sua morte, mandou dizer a sua mãi, pelo Mordomo da casa, que se dignasse de ter a bondade de lhe ouvir uma palavra por ultima despedida.

Admirada ficou a Senhora por esta não esperada súpplica daquelle pobre, e esteve quasi resoluta a não deferir ao seu desejo; porém o seu marido, que sobre pio era muito generoso, efficazmente a persuadio a que não perdesse o mérito de exercitar a caridade com o tal pobre, indo a dar-lhe em propria pessoa a consolação pretendida.

Foi com effeito sem demora, e vendo ao pobre naquelle estado, já quasi moribundo, enterneceo-se muito, e lhe perguntou com voz lacrimosa, que era o que della queria? « Eu, minha senhora, « (respondeo elle com voz languida) sobre os mui- « tos favores, que agradecido confesso haver recebido « na vossa casa, quizera pedir-vos por especial mercê, « que houvesseis por bem ser eu enterrado neste mes- « mo sitio, como pobre, sem mais ceremonia, e « com os mesmos trapos, de que estou vestido. »

E promettendo-lhe a senhora de assim se fazer, accrescentou elle: « Ainda quizera pedir-vos « outra graça, que vos custará menos do que a pri- « meira, e vem a ser, que me acceiteis este livro, « que contém a Doutrina de Jesu Christo. » Dizendo isto o Santo, sentio-se aquella senhora (sem saber a causa) tão commovida, que não podia reter as lagrimas.

Recebendo ella, pois, aquelle livro, involto em um panno velho, como effeito proprio do animo agradecido do humilde pobre, ao desinvolvello ficou admirada de que um miseravel mendigo possuisse, e conservasse um livro, ainda no material, tão precioso! E revendo-o logo com maior attenção, exclamou dizendo: *Este livro é todo similhante ao que eu vai por dez annos dei a meu filho.*

Com cuja lembrança renovando-se-lhe a dôr da sua perda, foi logo banhada em lagrimas mostrar o tal livro a seu marido; o qual, assim que o vio, o reconheceo, sem a menor dúvida, pelo proprio que era; e nesta certeza movidos os dois consortes pela doce esperança de que lhes désse aquelle homem algumas novas de seu filho, forão ambos procurallo, e lhe fallárão por este modo: *Honrado amigo, tu que estás proximo a sahir deste mundo, promettenos debaixo de juramento responder com verdade a estas perguntas: Quem és tu? Quem te deo este livro? E ha quanto tempo?*

Vendo-se, pois, o Santo já perto de render o ultimo alento, exhalou um profundo suspiro, e com voz perceptivel, ainda que já muito debil, lhes disse: *Eu sou esse filho, cuja falta chorais ha quasi dez annos, e esse é o livro dos Evangelhos, que vós me déstes, e eu levei comigo, quando me fui encerrar no mosteiro, para observar a sua Doutrina.*

Ouvindo isto os dois consortes, e observando alli uns certos signaes que João tinha no rosto, (em que nunca havião reparado) reconhecêrão sem a menor dúvida ser aquelle moribundo o seu proprio filho; mas o excesso do júbilo de o haverem achado se lhes confundio com a dôr de o terem perdido,

porque em breves momentos, com summa paz, e tranquillidade de espirito lhe expirou nos braços, tendo só de idade pouco mais de vinte e um annos.

E então abraçada com elle a saudosa, e extremosa mãi, exclamava dizendo: « Ah meu amado, « e suspirado filho! Foi possivel, que depois de ter-te « presente a meus olhos por todo o espaço de tres « annos, só te viesse a conhecer pouco antes de ex- « pirar! Oh filho do meu coração, a tua morte me « hade custar a vida, pois se agora não vou com- « tigo, brevemente a minha pena me tirará deste « mundo. »

O pai tambem por outro modo, e nada menos expressivo, submergido em um silencio profundo, só com suspiros, e prantos explicava os seus sentimentos: os domesticos ao mesmo passo acompanhavão com suas lagrimas a justa magoa de seus amos; em summa, correndo logo a fama de um tão novo prodigio por toda a côrte de Constantinopla, não houve quem não admirasse o generoso espirito daquelle grande Santo, a sua virtude, a sua mortificação, a sua humildade, e sobre tudo a poderosa força da Divina Graça.

Então a mãi do Santo, ou esquecida do que lhe promettêra, ou não podendo resistir á sua ternura, em logar do vestido roto, o adornou com outro muito rico; mas acabado este acto, ella de repente se achou paralytica: assustado, pois, o marido com este inopinado successo, recordou-lhe a promessa que havia feito a seu filho, e mandando-lhe ella restituir os seus trapos, sem mais demora, nem outro algum remedio, ficou perfeitamente curada.

Finalmente, abrindo-se alli uma cova, como o Santo pedíra, alli mesmo se lhe deo sepultura; e pouco depois, fazendo seus pais edificar naquelle sitio um magnifico templo, desde então a memoria deste Santo se fez célebre, não só na côrte de Constantinopla, senão ainda por toda a Igreja,

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Temos visto, que um especioso mancebo, nutrido na delicadeza, e no esplendor de uma nobre, e opulenta familia, deixa, na idade de doze annos, a sua illustre casa, os seus grandes bens, e mais que tudo, a seus pais, que o amão com extremosa ternura, para hir praticar uma vida austéra, pobre, e humilde, encerrado em um mosteiro.

E que ainda não satisfeito com um tal sacrificio, vai, na idade de dezoito annos, passar o resto dos seus dias aos olhos de seus mesmos pais, sempre inconsolaveis pela sua perda, na sua propria casa, pobre, desconhecido, e ainda exposto aos desprezos dos seus criados! A Evangelica Doutrina sim foi a causa de um tal prodigio, porém nós que possuimos o mesmo Evangelho, não temos igual valor, nem os mesmos sentimentos de Religião.

ABRIL — 28.

DE

S. MACARIO, DO EGYPTO.

EM 15 DE JANEIRO.

NO SECULO IV.

Dos authores originaes, que escrevêrão as vidas dos Padres do Deserto, se acha o que pertence a este Santo em Bollando, pag. **1101**, *neste dia.*

Houve no Egypto quatro desertos, que são famosos na Historia Ecclesiastica. O primeiro era o de *Sceti*, que teve por primeiro habitador ao presente S. Macario; o segundo era o da *Thebaida*, de que foi primeiro habitador o grande Santo Antão; o terceiro era o da *Nitria*, annexo a outro denominado *das Cellinhas*, de que o mesmo Santo Antão foi o habitador primeiro; e o quarto era o da *Tabena*, aonde S. Pacomio fundou varias casas de monges chamados *Cenobitas*, por viverem juntos em communidade, e regulados por um Superior, como os nossos religiosos.

Este S. Macario do Egypto (diverso do outro de Alexandria, de que assima fica tratado) nasceo no principio do seculo quarto de uma familia tão pobre, que a sua indigencia o destinou a seguir a vida pastoril. Achando-se, pois, em certo dia com outros mancebos seus companheiros, furtou com elles de uma horta alguns figos, dos quaes comeo um só; porém foi tal a sua dôr, depois que reflectio quanto

era abominavel, ainda levemente, offender a Deos, que chorou aquella culpa em todo o tempo da sua vida.

Resoluto, pois, a largar o seu officio de pastor, retirou-se para uma proxima casinha, que achou deserta, aonde começou a servir a Deos com tal fervor de espirito, que derramando-se por toda a parte a fragrancia das suas virtudes, o destinárão para servir a Igreja daquella terra, fazendo-o receber a primeira ordenação clerical; porém elle estimulado pelo amor do retiro, fugio para outro logar, aonde só se occupava na oração, na mortificação, e no trabalho manual, com que fabricava umas canastrinhas, para dar a um devoto, que lhe subministrava o seu parco alimento.

A sua humildade era tanta, que sendo calumniado por uma má mulher de haver commettido com ella um vergonhoso delicto, quiz antes, sem justificar-se, soffrer com paciencia as derisões, os açoutes, e os insultos, com que o ultrajava o povo, como a um hypocrita, que occultava um coração corrupto nas apparencias de anacoreta; e não satisfeito com isto o humilde servo de Deos, sujeitou-se a sustentar a sua accusadora em todo o tempo da sua prenhez, até que chegada a occasião do parto áquella infeliz, lhe sobrevierão umas agudissimas dôres, maiores que as ordinarias daquella hora, das quaes só se vio livre depois que expressamente confessou a sua culpa, em que não tivera parte a innocencia do Santo.

Quizerão então os seus offensores pedir-lhe perdão dos máos tratamentos que lhe havião feito, porém elle prevenio com a fuga esta reparação da sua honra, retirando-se para o deserto de Sceti, aonde o seu virtuoso exemplo provocou tantos a seguillo, e tomallo por seu director, que passados dez annos (tendo elle então quarenta de idade) foi obrigado a consentir em ser ordenado Presbytero, para receber por elle aquella grande multidão de solitarios a preciosa utilidade da Palavra de Deos, e os outros soccorros, que dependem do Ministerio Sacerdotal.

Este officio tão santo era exercitado por Macario com uma pureza de coração mais angelica, do que humana. Elle de modo ordinario andava fóra de si mesmo, conversando sempre com Deos em uma contínua oração, ainda no tempo do trabalho manual, que nunca omittio, por querer sempre ganhar o preciso para o seu parco alimento pelo suor do seu rosto.

Observava Macario no theor da sua vida um regulamento austerissimo, que recommedavà tambem aos seus discipulos; a um dos quaes, por nome Evagrio, que uma vez, fortemente apertado da sede na hora do meio dia, lhe pedio licença para beber um cópo de agua, lh'a negou o Santo, dizendo-lhe ao mesmo passo: *Contenta-te por agora com descansar á sombra desta arvore, pensando que presentemente ha muitos viajantes por mar, e por terra, que não tem outro tal desafogo como agora te é concedido.*

E continuando o discurso a respeito da mortificação do corpo, disse ao mesmo discipulo: «Ani-«ma-te pelo meu exemplo, que tenho passado sem «dar satisfação ao meu appetite, assim no comer, «como no beber, e dormir, contentando-me só com «um pequeno pedaço de pão, bebendo sómente uma «escassa medida de agua, e encostando-me sómente «ao muro, para tomar, como de fugida, um breve «somno.»

Tinha o Senhor enriquecido a este seu servo com varios dons sobrenaturaes, e particularmente com os da Prophecia, e milagres, dos quaes obrou um grande numero, curando toda a sorte de enfermidades, por onde o seu nome se fez célebre em todo o Egypto; mas o mais admiravel era a santidade eminente, que resplandecia em todas as suas obras, e ainda nas advertencias, que dava aos seus discipulos, como referem Palladio, Cassiano, e outros escriptores contemporaneos, das quaes assignaremos aqui algumas para nossa instrucção.

«É preciso (dizia elle) que um solitario se ap-«plique a jejuar, como se houvesse de viver cem an-«nos; e, por outra parte, que reprima as paixões do «animo, se esqueça das injurias, resista á melancho-«lia, e soffra todas as perdas, e dôres, como se ti-«vesse de morrer no mesmo dia; porque o primeiro «pensamento impedirá ao solitario qualquer relaxa-«ção no divino serviço, pelo temor da enfermidade «corporal; e o considerar a morte eminente, lhe ins-«pirará um vigor christão, para desprezar igualmente «os bens, e os males desta vida, os seus cuidados «andaráõ sempre dirigidos para aquelle logar, para «onde crê que póde cada dia ser chamado.»

Em outra occasião, perguntando-lhe um discipulo, qual era o meio mais efficaz para chegar á perfeição, o Santo lhe ordenou que fosse a certo logar, aonde estavão uns corpos mortos, e proferisse contra elles muitas injurias, e ainda os maltratasse com tiros de pedras. No dia seguinte o remetteo ao mesmo logar, para que lisongeasse aquelles mortos, dando-lhes muitos louvores; e executado assim pelo monge, lhe disse o Santo: *Se assim, pois, te portares insensivel, tanto aos louvores, como ás injurias, á imitação desses mortos, chegarás á perfeição do espirito.*

Perguntado tambem o Santo, qual era o melhor modo de fazer oração? Respondeo: «Não é ne-«cessario proferir na oração muitas palavras, basta «levantar o espirito ao Ceo, dizendo: *Senhor, tende «misericordia de mim;* e quando formos perseguí-«dos de alguma tentação, basta que digamos, *Soc-«corei-me, meu Deos*, porque elle sabe o que nos «convém, e não deixará de nos assistir.»

E perguntado por um anacoreta, qual sería a causa de não poder passar sem comer alguma coisa, ainda antes do meio dia, depois que abraçára a vida

solitaria, pela extrema fome que o atormentava, o que lhe não succedia quando estava com os outros monges no mosteiro, aonde passava facilmente alguns dias, e ás vezes semanas inteiras sem tomar algum alimento? *E' porque na solidão, em que agora estás* (respondeo Macario) *não ha quem saiba dos teus jejuns, para dar-te por elles algum louvor, ou fazer da tua pessoa maior estimação, que lá no mosteiro suppriria em parte as vezes de corporal alimento para com o teu amor proprio.*

Estava já o Santo avançado em annos, quando em certo dia sentio dizer-lhe uma voz do Ceo: *Reconhece Macario, que ainda não chegaste á perfeição, que acharás em duas mulheres, que habitão juntas em tal Cidade;* e o santo velho, sem mais demora, posto a caminho, chegou, e batendo á porta da casa, em que moravão as ditas mulheres, uma dellas o recebeo com muita caridade; e procurando-lhe Macario por sua companheira, esta se lhe apresentou logo, depois do que o Santo se pôz de assento, e lhe disse:

« Do fundo do deserto venho eu a esta Cidade « por vosso respeito, afim de saber quaes são as vos- « sas boas obras, e o theor da vossa vida?» *O' santo Padre,* (responderão ellas) *e que obras boas podeis achar em nós outras, que somos umas mulheres casadas, e vivemos com os nossos maridos?* Mas instando Macario, que sinceramente lhes declarassem o theor das suas vidas, para edificação propria, lhe disserão ellas:

« Nós casámos com dois irmãos haverá quinze « annos, e habitando com elles nesta mesma casa, « desde então até agora não houve da nossa parte pa- « lavra offensiva, nem contradicção alguma, antes por « graça de Deos sempre temos vivido em perfeita união: « nós sim quizemos induzir os nossos maridos a que « nos dessem permissão para nos recolhermos em um « mosteiro de santas mulheres; porém como não po- « démos conseguir esta licença, promettemos ambas « na presença de Deos não proferir jámais alguma « palavra mundana, e observar, quanto nos fosse pos- « sivel, a vontade do mesmo Senhor. »

Ouvindo isto o santo velho, exclamou dizendo: « Oh como é certo que Deos reparte os seus dons, « tanto ás virgens, como ás casadas, e tanto aos « monges, como aos seculares! Porque elle só attende « á disposição dos corações, e dá com abundancia o « seu Espirito a todos aquelles que o querem servir « no seu proprio estado, e condição. » Voltou logo o Santo para o seu deserto, e passado pouco tempo, teve de padecer muito pela Fé de Jesu Christo, como agora diremos:

Lucio, usurpador da cadeira patriarchal de Alexandria, pela violenta expulsão do seu Prelado legitimo o grande Santo Athanasio, instigou ao Imperador Valente, acerrimo ariano, para perseguir os monges mais célebres do Egypto, entre os quaes forão os dois Macarios, este nosso, e o outro de Alexandria, de que acima fica tratado; e com effeito, depois de maltratados barbaramente, forão desterrados para uma pequena Ilha, cujos habitadores todos erão idólatras.

Porém Deos fazendo a graça ao nosso Santo de livrar logo a filha de um sacerdote dos idolos, que possuida pelo demonio era por elle horrivelmente atormentada, este, e outros prodigios que alli obrou Macario, abrio os olhos áquelle povo barbaro para detestar a idolatria, e abraçar a Fé verdadeira; o que sabido em Alexandria, exclamárão todos contra Lucio, que perseguia as pessoas mais santas; e temendo elle as consequencias de uma geral sublevação, mandou logo restituir os dois illustres solitarios aos seus respectivos desertos.

Restituido, pois, Macario á sua amada solidão, foi proseguindo os seus exercicios ordinarios; e conhecendo por superior revelação, que estava proximo ao seu fim, quiz fazer antes uma visita aos solitarios da Nitria, para os animar com sábias instrucções a proseguir com fervor no seu modo de vida; e depois disto viveo pouco tempo, sahindo deste mundo para hir receber o premio dos seus trabalhos no anno de 390, tendo já noventa de idade, dos quaes passára sessenta no deserto de Sceti, como diz Palladio.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Das instrucções deste servo de Deos aprendamos particularmente, que em qualquer estado do mundo podemos, com a graça Divina chegar a ser santos; porque na observancia exacta dos Divinos preceitos, na caridade, e união com os nossos, principalmente com aquelles com quem vivemos: na submissão sincera para com a vontade, e disposição do Senhor em todos os acontecimentos adversos; e em summa, no cumprimento das obrigações do proprio estado, consiste a santidade verdadeira; e assim, quem é fiel a Deos nestas coisas, póde chegar a um alto gráo de perfeição, como se vio nas mencionadas mulheres, igualando a virtude dos mais austéros Religiosos.

ABRIL — 29.

DE

S. PEDRO MARTYR, DOMINICANO.

NO SECULO XIII.

A sua vida, e o seu martyrio tudo foi escripto por Thomaz Lentino, author contemporaneo, e religioso da sua Ordem dos Prégadores, que depois foi Patriarcha de Jerusalem, e anda na Obra dos Bollandistas.

Nasceo S. Pedro em o anno de 1205, na illustre Cidade de Verona, de pais que professavão a heresia dos maniqueos; porém Deos por uma graça particular o preservou do perigo da corrupção, a que pelo seu nascimento estava exposto, dispondo que seu pai o mandasse á escóla de um bom mestre, não obstante o saber que era Catholico, parecendo-lhe que o filho, crescido na idade, não deixaria de seguir os sentimentos da sua familia.

Tinha Pedro naquelle tempo não mais de sete annos, e a primeira coisa que aprendeo na escóla, foi o Symbolo Apostolico; e perguntando-lhe em certo dia um tio seu pela sua lição, promptamente lhe repetio o mesmo Symbolo, com as principaes explicações, que ensina a Santa Igreja. Procurou logo o tio, e applicou todo o esforço para lho fazer proferir por outro modo, persuadindo-o, que não Deos, mas o demonio, ou o máo principio (segundo o erro dos maniqueos) fora o creador das coisas visiveis.

E vendo o tio que erão em vão as suas persuasões, fallou ao pai do menino, para que lhe não permittisse estudar com mestres Catholicos, porém quiz Deos que o pai, tanto não attendesse ás suggestões do irmão, que antes mandou o filho, quando foi capaz, estudar á Cidade de Bolonha, esperando que as sciencias que alli aprendesse, lhe servissem depois para fazer figura no mundo.

Havia naquelle tempo entre os estudantes da Universidade, uma grande desordem de costumes; porém Deos que já em Verona preservára a Pedro da heresia, o livrou tambem da corrupção de costumes em Bolonha, conservando-o innocente no meio de tantos perigos, inspirando-lhe com o seu santo amor, e com um sincero desejo da sua eterna salvação, uma grande desconfiança de si mesmo, e uma igual cautela para evitar as occasiões perigosas, e fugir das más companhias.

E considerando no mesmo tempo, que a nova Ordem de S. Domingos lhe serviria de um seguro porto para evadir o naufragio, em que perecião tantas almas no mundo, foi procurar o santo Patriarcha, cujos sermões tinha ouvido; e supplicando-lhe com summa instancia, que o quizesse admittir em o numero dos seus discipulos, o Santo o recebeo promptamente, e lhe lançou o habito religioso em o convento de S. Nicoláo, estando já Pedro na idade de quinze annos.

Entrou elle com grande fervor na carreira da penitencia por todo o tempo do seu noviciado, procurando imitar aquelles Religiosos, que lhe parecião mais observantes da regra do santo fundador, pouco antes fallecido, para cujo effeito se occupava na oração quasi de contínuo, e sobre extraordinarias vigilias fazia jejuns tão rigorosos, que veio a contrahir uma grande enfermidade, que poz em ultimo risco a sua vida.

Porém convalescendo elle por especial mercê de Deos, e feita logo a sua profissão, moderou algum tanto as suas austeridades, de modo que o corpo sim estivesse sujeito ao espirito, mas conservasse bastantemente as forças necessarias para poder continuar sem impedimento as suas futuras fadigas.

Applicou-se logo com fervorosa efficacia ao estudo da theologia, e Escriptura Sagrada, fazendo em pouco tempo tão consideraveis progressos, que sendo ainda de poucos annos, pôde ensinar aos outros, e impugnar os erros da heresia, mostrando um ardente zèlo em toda a occasião para defender a santa doutrina da Igreja Catholica.

E destinado então Pedro (quando já Sacerdote) para prégar a palavra de Deos, sahio tão excellente neste ministerio (não só pela singular clareza em dissipar as trévas dos erros, senão muito mais pelo dom de mover os affectos de quem o ouvia) que os seus superiores o enviárão, como Prégador verdadeiramente apostolico, a diversas Provincias annunciar aos póvos a penitencia, e o Reino dos Ceos.

Elle entretanto só desejava, e pedia a Deos o ser cheio daquelle espirito, que animava aos Santos Apostolos, aspirando a padecer, e dar como elles o proprio sangue pela Fé de Jesu Christo, e pela gloria do seu Santo Nome; e esta importante graça supplicava particularmente cada vez que offerecia no altar o Sangue precioso do immaculado Cordeiro.

Mas antes que o Senhor concedesse ao seu servo

esta graça do martyrio, o quiz preparar com varias tribulações, entre as quaes uma das maiores foi a que lhe aconteceo no convento de Cómo, aonde as doçuras celestes, que gozava nas suas sublimes contemplações, o fazião tratar familiarmente com Deos, e algumas vezes com voz sensivel.

Succedeo, pois, que ouvido este som por alguns religiosos, e persuadidos de que o nosso Santo cahíra na imprudencia de admittir na cella alguma mulher pia, para a ouvir de confissão o accusárão disto ao superior; o que sendo-lhe muito estranhado em pleno capitulo, elle mesmo contribuio muito para a sua condemnação; por quanto reprehendido elle pelo prelado a este respeito em presença dos religiosos, prostrou-se por terra, dizendo sómente: *Sou peccador, e peço penitencia*, pela qual foi logo exterminado para o convento de Jesi, com prohibição de prégar.

Servio-lhe esta grande humilhação, não só para apurar mais a sua virtude, senão tambem para gostar mais de espaço as celestes doçuras no seu retiro. A oração, e o estudo occupavão todo o tempo, que lhe deixava livre a caridade, que exercitava com os seus religiosos nos officios mais abatidos.

Porém no tempo em que elle mais gostava da sua humilhação, manifestou Deos a sua innocencia, fazendo que se reconhecesse sem a menor duvida haver sido falsamente accusado; e portanto, restituido ao seu convento, foi restabelecido com honra nos seus primeiros empregos, o que foi para elle uma das mortificações mais penosas.

Empregado, pois, no ministerio da prégação, sentírão-se por toda a parte os fructos do seu espirito: logo que elle fallava no pulpito, os peccadores mais obstinados se convertião, e a compunção era geral nos seus ouvintes; e até os mesmos hereges não podião resistir á força das suas razões, á energia dos seus discursos, e á virtude poderosa dos seus exemplos.

Não cabendo os seus ouvintes nas Igrejas, era o Santo precisado a prégar nas praças, nas ruas, e nos campos; e em Milão foi necessario fazer-se um pulpito portatil, para ser levado sem perigo de o suffocar a multidão do povo. Sempre que elle prégava havia conversões maravilhosas, e nunca apparecia em publico que não obrasse grandes milagres.

Então, pois, temendo os hereges o seu total exterminio, por virtude deste novo Apostolo, recorrêrão á industria por conselho do seu ministro, o qual congregando em publica assembléa a todos os do seu partido, lhes fallou desta maneira:

« Vós não ignorais, que a reputação desse ho-« mem, adquirida entre o povo insensato com os seus « falsos milagres, vai a perder de todo a nossa sei-« ta; em cujos termos, para que assim não succeda, « tenho discorrido um efficaz remedio, que vem a ser « este: Fingir-me enfermo, com toda a minha boa « disposição, e introduzindo-me com os outros enfer-« mos, pedir ao tal prégador com especial rogativa, « que se digne de impetrar-me a minha antiga saude; « e dizendo-me elle, depois de fazer sobre mim o si-« gnal da Cruz, (como costuma) que estou curado, « eu então levantando-me, e mostrando as testemu-« nhas do meu premeditado arbitrio, o darei a conhe-« cer por embusteiro. »

Approvada por todos a dolosa idéa, foi posta em execução no dia seguinte, mas com vergonha notoria do heretico partido; porque vindo aquelle pérfido com a sua fingida supplica apresentar-se ao Santo, este, superiormente illuminado, lhe disse logo: *Eu rogo a meu Senhor Jesu Christo, que se estás enfermo, te conceda saude; mas tambem lhe rogo, que se com animo depravado occultas algum engano, para teu castigo te faça enfermo.*

Dito isto o herege no mesmo instante cahio em terra com uma febre tão ardente, que o pôz em termos de acabar a vida; porém valeo-lhe o publicar logo a sua maliciosa industria, e abjurar devéras a propria heresia, para recobrar inteiramente a perdida saude.

Não é facil o referir todas as maravilhas que Deos obrou pelo seu servo para confundir os hereges: vião-se os doutores da seita ficarem logo mudos na presença do Santo: vião-se todas as industrias do demonio fazerem-se inuteis por virtude das suas orações; e assim todo o inferno gemia contra Fr. Pedro de Verona, (assim nomeado pelos hereges) porque o santo prégador do Evangelho triunfava de todos os seus esforços.

O que sabido pelo Papa Gregorio IX, e plenamente informado da sciencia, virtude, e zêlo do nosso Santo, o fez inquisidor geral de toda a Italia no anno de 1232, e confirmado depois no mesmo emprego pelo Summo Pontifice Innocencio IV. Com esta apostolica authoridade, perseguio o Santo a heresia até dentro do seu forte, sem lhe permittir o menor descanso em quanto a não exterminou de todo na Italia.

Não ignorava o Santo, que aquelles ímpios, cada vez mais obstinados, se havião conjurado para a sua perda. « Eu sei (disse elle publicamente em « um dos seus sermões) que os inimigos de Jesu Chri-« sto, e da sua Igreja, tem posto a minha cabeça a « preço de dinheiro; porém esta é a maior honra, « que elles me pódem procurar, por quanto o der-« ramar eu o meu sangue pela Fé, é a graça espe-« cial, que ha tempos tenho supplicado a Deos no « Sacrificio da Missa; porém confio no mesmo Se-« nhor, que nada lucraráõ tirando-me a vida, por-« que maior guerra lhe farei depois da minha morte. »

Sabendo, pois, os principaes hereges, ainda residentes em Milão, que o Santo se recolhia ao convento de Cómo, de que era superior, para passar a festa da Paschoa, assalariárão dois assassinos para o matar, os quaes com effeito o encontrárão entre Marlassina, e Guissano; e um delles, por nome Ca-

rino, descarregando-lhe no alto da cabeça dois profundos golpes de catana, o julgou por morto.

Porém o Santo lançado por terra, e banhado em sangue, ajuntou tudo o que lhe restava de espirito, e forças, para rezar de joelhos o Symbolo da Fé; o que advertido pelo mesmo assassino a tempo que estava maltratando ao religioso companheiro do Santo, voltou contra elle, e penetrando-o pelas costas com o mesmo ferro, de parte a parte, lhe fez conseguir com uma tão gloriosa morte a preciosa corôa do martyrio no dia 29 de abril de 1252, tendo elle cincoenta e seis annos de idade.

O corpo do Santo foi transportado para Milão, e sepultado com pomposa solemnidade na Igreja de Santo Eustorgio dos religiosos da sua ordem; e a sua memoria se fez logo tão gloriosa pelas muitas, e grandes maravilhas, que Deos obrou por sua intercessão, que o Papa Innocencio IV, o canonizou solemnemente, ainda antes de completo o anno depois da sua morte.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Toda a virtude tem suas provas, e não ha Santo que não seja engenhoso em se procurar a si mesmo as humilhações mais duras. E' bem verdade que a innocencia sempre vem a ser conhecida, apesar das mais negras calumnias, mas é necessario muita humildade para amar estas humilhações penosas; se bem que o fructo de similhantes provas sempre é mais ordinario, e aos humildes deste caracter escolhe, e destina Deos para lhe darem mais gloria, e lhe converterem mais gentes.

ABRIL — 30.

DE

SANTA CATHARINA DE SENA, VIRGEM.

NO SECULO XIV.

O Beato Raymundo de Capua, seu Confessor, lhe escreveo diffusamente a vida, que se acha em compendio na Obra dos Bollandistas neste dia, e assim mesmo a que escreveo o Padre Trigeri da Congregação do Oratorio de Roma.

Em Sena, nobre Cidade da Toscana, nasceo Santa Catharina correndo o anno de 1347, de Jácome Benincasa, de profissão tintureiro, e Lapa, pessoa pobre, mas igual a seu marido em virtude; e as optimas qualidades, que logo desde os primeiros annos resplandecião nesta sua filha, concorrião muito para que lhe tivessem maior amor, do que aos outros seus filhos.

Com effeito, logo que chegou Catharina ao uso da razão, deu a ver uma piedade não ordinaria, á proporção das celestes bençãos, com que Deos a prevenia. Não tinha ella mais de oito annos quando fez voto de virgindade perpétua; debaixo da protecção da Rainha das Virgens Maria Santissima, de quem foi sempre especial devota; e fortalecida com a graça de Deos, para conservar uma tão bella, e delicada virtude, amava o retiro, fallava pouco, orava muito, e macerava o seu corpo com jejuns, e outras penitencias superiores á sua idade.

Assim a guiava Deos para uma santidade eminente, no mesmo tempo em que seus pais (tendo ella já doze annos) a destinavão para o estado do matrimonio; e ella sabedora disto, allegou todas as razões, que julgou por mais efficazes para lhes fazer mudar de pensamento, e duplicou as suas orações, e austeridades, para impetrar o soccorro do Ceo naquelle aperto.

Porém seus pais persistindo na mesma resolução, e attribuindo ao amor que mostrava Catharina ao retiro, a repugnancia que tinha ao matrimonio, lhe prohibirão todas as práticas de devoção, e até lhe fechárão uma pequena camera, em que até então lhe permittião o retiro de tempo em tempo; e além disto lhe encarregárão o cuidado da casa, e todas as obrigações da sua criada, que por esta causa despedirão.

Collocada Catharina neste estado de humilhação, a sua paciencia, e a sua doçura lhe fazião gozar uma paz, e tranquillidade sólida; e por outra parte suas irmãs, de mão commum com suas amigas, procurando instillar-lhe pouco a pouco o gosto das vaidades do mundo, lhe propunhão com varias razões, e diversos exemplos, que a virtude verdadeira não deve ser rustica, mas humana, alegre, e civilizada; e Catharina, que com sinceridade santa de ninguem desconfiava, parecendo-lhe racionaveis aquelles discursos, olhou já sem aversão para o fasto, nos limites de honesto, e todavia se adornou um

pouco melhor, que de ordinario; porém logo que percebeo o perigo, arrependeo-se muito da sua inconsiderada complacencia; e pouco depois, a morte abbreviada de sua irmã mais velha, acabou de a confirmar nos sentimentos de desprezo, que tinha já concebido para todas as coisas do mundo.

E para dar bem a conhecer, ainda aos seus mesmos pais, a firme resolução em que estava, de não dar ouvidos a qualquer proposta, tendente a gostar as delicias do seculo, ella mesma se cortou os proprios cabellos, e se vestio ao uso das irmãs penitentes da Terceira Ordem de S. Domingos, entre as quaes desejava passar o resto dos seus dias servindo a Deos, desde o tempo em que fizera o seu voto de virgindade.

Reconhecendo então os bons pais que o Espirito do Senhor era o conductor da sua filha, deixárão-na em liberdade para seguir os impulsos da sua devoção; e ella, aproveitando-se deste indulto, entrou a praticar na propria casa uma vida similhante á das irmãs penitentes, entre as quaes ainda esperava ser admittida.

Privou-se, pois, de todo o uso de carne, e peixe, tomando só por alimento umas poucas hervas cruas: dormia sobre o simples pavimento: andava cingida com uma cadeia de agudas pontas de ferro, e fazia outras austeridades, que lhe dizião ser praticadas pelo grande Patriarcha S. Domingos; e sabendo ser mais acceito a Deos o sacrificio da propria vontade, que o das mortificações externas, promptamente as suspendia, logo que o seu confessor lh'o ordenava.

Passada assim na propria casa uma como especie de noviciado, foi a nossa Santa admittida entre as irmãs penitentes da Terceira Ordem de S. Domingos, o que muito servio para o fervor da sua devoção. Ella por tres annos continuos observou um rigoroso silencio, sem já mais sahir da cella, senão só para a Igreja: a sua oração póde-se dizer que era continua, empregando nella, não só muitas horas do dia, senão ainda a maior parte da noite

Os seus jejuns erão quotidianos, e austerissimos; e o que lhe custou mais, como ella depois confessou, foi vencer o somno. Em summa, para formar uma justa idéa da vida penitente desta Santa virgem, devem-se ajuntar a tantas mortificações voluntarias as muitas, e graves molestias, com que o Senhor a visitava, as quaes ella sempre soffria, não só com paciencia, mas com prazer de espirito, e rendimento de graças.

Sendo, pois, muitas as afflicções corporaes que padecia a Santa, tudo lhe parecia pouco em comparação dos interiores combates que lhe formava o infernal inimigo, enchendo-lhe a imaginação de mil phantasmas lascivos, e suggerindo-lhe varias tentações vergonhosas, que a uma alma tão pura, como era a de Catharina, causavão summo desprazer, e se fazião sobre modo sensibilissimas.

Recorria a Santa com profunda humildade ao seu Celeste Esposo, implorando o seu auxilio: recommendava-se tambem á Rainha das Virgens, e Protectora da pureza, e no mesmo tempo mortificava o seu corpo, como se fosse culpado naquellas tentações, que provinhão do infernal inimigo, e algumas vezes a pozerão em tanto aperto, que já lhe parecia estar proxima ao precipicio, se bem que no mesmo tempo sentia uma mão invisivel, que a sustinha, e livrava de todo o perigo.

Assim permittio Deos que esta sua serva fosse com tanta força tentada, não só para exercicio da sua fidelidade, senão tambem para conhecer melhor quanto necessitava da sua divina assistencia, para não ser vencida. Acabadas, pois, as tentações, recuperou Catharina a paz do seu coração, com que ficou de todo livre, e perfeitamente victoriosa.

E reconhecendo ella haver conseguido aquellas victorias pela graça, e méritos de Jesu Christo, julgou-se obrigada á mostrar a sua gratidão para com o mesmo Senhor, servindo-o na pessoa dos seus pobres, e enfermos; para cujo effeito, obtendo faculdade de seu pai para dispender algumas esmolas dos bens da casa, que era rica, entrou a soccorrer muitas pessoas indigentes, especialisando aquellas que erão mais necessitadas, e que, segundo a condição do seu estado, não podião mendigar pelas portas.

A estas familias vergonhosas hia ella mesma em pessoa, a horas de alta noite, levar-lhes o subsidio das coisas necessarias, occultando por este modo a benefica mão, que lhes subministrava os taes soccorros; o que era para Deos de tanto agrado, como bem se vio no caso seguinte:

Achava-se uma vez a Santa tão gravemente molesta, que falta de espirito, e forças não podia mover-se no leito; e ouvindo contar, que uma viuva pobre, sua visinha, se achava com seus filhos em necessidade extrema, ella movida de compaixão rogou instantemente a Deos, que lhe désse vigor para soccorrer sem demora aquella miseravel creatura: ouvio o Senhor a sua serva, porque logo na seguinte noite se achou tão vigorosa, que pôde por si mesma levar á pobre viuva um provimento de tanto vulto, e pêso, que era superior ás suas forças, ainda em tempo de saude; e tornando logo a metter-se na cama, ficou tão debil, e enferma, como d'antes.

E a respeito da caridade summa que usava a Santa com os enfermos, basta referir o que lhe aconteceo na assistencia que fez a duas mulheres, que padecião graves molestias, para se chegar ao conhecimento do heroico espirito, com que ella se exercitava nestas obras de misericordia.

A primeira foi uma por nome Tocca, e tão inficionada de asquerosa lepra, que não havia quem tivesse animo de chegar á sua presença senão só como de fugida. Vendo, pois, Catharina esta pobre enferma em tão extremo desamparo, se offereceo logo para a servir, e com effeito a visitava, pelo menos

duas vezes cada dia, fazendo-lhe toda a sorte de bons serviços; e ella pelo seu máo genio, em vez de mostrar-se agradecida, proferia contra a Santa muitas palavras injuriosas, tratando-a sempre em ar de senhora, como se ella fosse obrigada a render-lhe aquelles obsequios, não por caridade, mas por justiça; o que não obstante, Catharina continuou em a servir com a mesma paciencia, e boa vontade, até á morte.

Na outra mulher, por nome Andreza, ainda ha mais que admirar: padecia ella a molestia de um pestífero cancro, donde exhalava tão máo cheiro, que ninguem podia chegar a ella, nem tão pouco entrar na casa aonde ella residia, só Catharina teve animo para a servir com toda a attenção, de que a enferma nos primeiros dias se mostrava como attonita da summa bondade, e caridade da Santa; mas pouco a pouco, não só perdeo todo o affecto de reconhecimento para com a sua amavel bemfeitora, senão que chegou a cahir em tão monstruosa ingratidão, que dilacerava a reputação da mesma Santa com atrozes calumnias, dizendo abertamente, que ella empregava em coisas vergonhosas o tempo que mostrava estar em oração no seu retiro.

Unio-se a esta miseravel outra calumniadora, e souberão ambas colorir por tal forma a sua impostura, que a fizerão crer a varias pessoas; porém Catharina, que servia nesta enferma a Jesu Christo, do qual só esperava a recompensa das suas fadigas, continuava em prestar-lhe os seus bons officios, deixando só a Deos o cuidado de justificar a sua innocencia. Vendo, pois, e admirando aquellas mulheres a paciencia, e caridade constante de Catharina, reconhecêrão, e retractárão publicamente a sua culpa, confessando em altas vozes a santidade insigne da serva de Deos.

Mas a sua grande caridade não se limitava só em soccorrer ao proximo nas suas corporaes indigencias, antes ella se empregava com maior fervor na salvação das suas almas, applicando-se com todo o esforço para as conduzir a Deos; fructo deste seu zêlo forão varias reconciliações de capitaes inimigos, em Sena sua patria, apesar de gravissimas difficuldades, que se oppunhão a esta obra pia.

Forão tambem fructo do seu zêlo as conversões sinceras de muitos obstinados peccadores, que movidos pelas efficazes exhortações da Santa, acompanhadas da divina graça, abandonárão os seus máos costumes, e se derão a Deos com tal fervor, que alguns delles chegárão a um gráo eminente de perfeição; e era tão ordinario o arrepender-se das proprias culpas todo o que chegava a praticar com a Santa, e ainda só a vêlla que por isso diz a bulla da sua canonização: *Que ninguem tratou com Catharina, que não voltasse melhor do que era.*

E querendo Deos fazer mais célebre a santidade insigne desta sua serva, além das graças extraordinarias que lhe concedeo, favorecendo-a com extasis maravilhosos, revelações celestes, e dom de milagres, lhe infundio tambem a grande sabedoria, e maravilhosa prudencia, que se admira nas suas obras, e principalmente nas cartas que escreveo aos Papas, Cardiaes, Principes, e outras pessoas de respeito, que são excellentes provas do seu engenho, virtude, e politico discernimento.

Sublevárão-se naquelle tempo os moradores de Florença contra a Igreja Romana, e excommungando-os o Papa Gregorio XI, com um publico interdicto, julgárão elles, que para a sua reconciliação com a Santa Sé era Catharina a pessoa mais capaz: enviando-a, pois, a Avinhão, aonde o Papa residia, foi por elle, e pelos Cardiaes recebida com o respeito, e veneração, que merecia a sua virtude; e com effeito teve tanta efficacia a sua mediação para applacar o espirito do Summo Pontifice, que elle mesmo a fez árbitra da paz concedida logo aos florentinos.

Porém maior era o seu empenho sobre outro negocio mais importante, qual era a restituição da cadeira pontificia para a côrte de Roma. Havia pouco tempo que reprehendendo Gregorio a um Bispo de não residir na sua diocese, o Prelado lhe replicou dizendo: *Tenho exemplo nos Papas, que ha setenta annos se achão ausentes da sua propria cadeira.*

Penetrou esta resposta, nada respeitosa, por tal modo o coração do Summo Pontifice, que logo no seu interior fez voto a Deos de restituir-se a Roma; e pedindo depois o seu parecer á Santa a este respeito, lhe respondeo ella: *Santissimo Padre, não ha que consultar sobre o que vossa Santidade tem promettido a Deos.* Admirando então o Papa este conhecimento do voto, que só a Deos era manifesto, não vacillou na execução, e com effeito partio, e chegou a Roma no dia 17 de janeiro do anno de 1377.

O zêlo da Santa pela gloria de Deos a fazia extremamente sensivel a todo o genero de escandalos, entre os quaes o que lhe causou maior dôr foi o do grande scisma, que se levantou na Igreja no anno de 1378 pela occasião, que agora diremos:

Morto o Papa Gregorio XI, elegeo-se em Roma a Urbano VI, por seu successor, e como tal foi reconhecido por todos os Cardiaes; porém esta eleição foi desapprovada pelo povo de Roma, que desejava um Papa seu patricio, qual não era Urbano, cuja dureza de genio tambem concorreo muito para ter não poucos inimigos, principalmente entre os Cardiaes, de modo que alguns delles, deixando o seu partido, derão a eleição por nulla; e procedendo a nova eleição instituírão outro Papa com o nome de Clemente VII, e sahindo com elle da Italia, se retirárão para Avinhão.

Chorava Catharina amargamente estes males da Igreja, e fazendo todo o possivel esforço para suspender o seu progresso, escreveo muitas cartas aos mesmos Cardiaes, que depois de haverem reconhecido a Urbano, abandonárão o seu partido, exhorta-

va-os, pois, com razões efficazes a tornarem aos seus primeiros sentimentos, entrando na obediencia daquelle mesmo, que elles tinhão declarado por seu pastor legitimo.

Recommendou tambem a causa de Urbano a varios Principes, e pessoas poderosas de differentes Paizes, e até escreveo ao mesmo Urbano, persuadindo-o a não perder o animo nas circumstancias em que se achava, e exhortando-o tambem a cortar a raiz do mal, qual era a dureza do seu genio, que lhe havia attrahido tantos adversarios, desunindo-os dos seus interesses, e que ainda impedia uma grande parte da Christandade para o reconhecerem por seu pastor verdadeiro.

Attendeo Urbano ás representações da Santa, porque não só a mandou vir a Roma para seguir os seus conselhos, senão que ainda formou o projecto de a enviar com Santa Catharina de Suecia, a Joanna Rainha de Sicilia, que se havia declarado a favor do Anti-Papa Clemente; se bem que esta deputação não teve effeito por se temerem consequencias perigosas para as duas servas de Deos.

Contentou-se, pois, a nossa Santa com escrever á mesma Rainha de Sicilia, aos Reis de França, e de Hungria, e a outros muitos Principes exhortando-os com a maior efficacia á extincção do pernicioso scisma, porém vendo ella, que todas as suas diligencias não produzião logo o effeito que ardentemente desejava, se lhe augmentárão as molestias por tal fórma, que veio a morrer em Roma no dia 29 de abril do anno de 1380, só com trinta e tres annos de idade.

O seu corpo, depois de exposto por alguns dias á veneração do publico, foi sepultado na Igreja da Minerva, dos Padres Dominicos em Roma, aonde Deos por novos milagres confirmou logo a justa opinião da santidade insigne desta sua serva; e depois no anno de 1461 o Summo Pontifice Pio II, a canonizou com toda a pompa, e solemnidade, que pedia a veneração, e confiança, que todos os póvos tinhão, e terão sempre para com esta admiravel Santa.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Quando nós lemos as vidas dos Santos, e ponderamos os thesouros da graça, de que forão enriquecidos, todos os julgamos felices, vendo-os tratados do Ceo com tão profusa liberalidade, e justamente nos persuadimos, de que as suas penas, fadigas, e trabalhos não tem proporção alguma com a doce paz, de que no mesmo tempo gozavão as suas almas entre espirituaes consolações, e ineffaveis delicias.

Porém lançando a vista mais ao longe, reconheceremos todos que a sua felicidade consistio principalmente nas victorias, que alcançárão sobre as suas paixões, no fervor da sua caridade, e na perfeição da sua paciencia, e da sua humildade; nem Deos lhe concedêra um estado tão sublime sem o heroico exercicio daquellas virtudes; assentando, pois, neste infallivel supposto, sigamos quanto nos fôr possivel com o soccorro da divina graça, a virtuosa prática dos seus mesmos exemplos.

MAIO — 1.

DE

S. FILIPPE, E S. THIAGO, APOSTOLOS,

NO SECULO I.

De Eusebio, no livro II, da sua Historia Ecclesiastica, de Egesippo, author que vivia no segundo seculo, e de Ruinbart nos Actos Sinceros, pag. 3, da edição de Verona.

O apostolo S. Filippe (diverso do outro do mesmo nome, que foi um dos sete Diaconos, eleitos pelos Apostolos) nasceo em Bethsaida, Cidade da Galiléa: elle foi casado, e segundo a relação de authores antiquissimos teve tres filhas, que todas forão santas; porém o cuidado da familia, e dos negocios domesticos não lhe impedião (como diz S. João Chrysostomo) a lição, e meditação das divinas escripturas, donde lhe proveio a firme esperança, que tinhão da vinda do Messias, que era o principal objecto dos desejos, e rogativas dos justos do Antigo Testamento.

Elle, pois, foi um dos primeiros chamados pelo Salvador, que encontrando-o ao vir das praias do Jordão, aonde João baptizava, lhe disse: *Segue-me*: e esta unica palavra de um Deos Omnipotente, que é Senhor dos corações das creaturas, foi bastante para que Filippe sem demora se resolvesse a seguillo, e ficar seu discipulo; e logo que elle teve esta felicidade, avisou a um seu amigo, por nome Natanael,

dando-lhe parte de haver achado ao Messias, predito por Moysés, e pelos Prophetas.

Natanael, no principio, não lhe deo inteiro crédito, porém Filippe, usando de uma grande prudencia, e constancia apostolica, não perdeo o animo, nem se deo por offendido da renitencia de Natanael, mas antes insistio em exhortallo para hir vêllo, como quem estava certo, de que se elle chegasse a ouvir uma só palavra do Salvador, não poderia deixar de o venerar, e seguir.

Com effeito Natanael seguio a Filippe, e vendo-o Jesus, disse em alta voz: *Eis-aqui um verdadeiro israelita, em que não ha fingimento, nem dolo;* e Natanael admirado, lhe perguntou logo, como o pôde conhecer, sem que antes o tivesse visto? Ao que respondeo o Salvador: *Antes que Filippe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.* Então Natanael, reflectindo em que nenhum homem o podia ter visto naquelle logar tão retirado, confessou a Jesus por Filho de Deos, verdadeiro Messias, e Rei de Israel, recebendo assim por meio de S. Filippe a preciosa graça de conhecer o Redemptor do mundo, e crer nelle.

Natanael voltou para sua casa, e Filippe ficou com Jesus, a quem acompanhou sempre, e por tanto é verosimil que elle se achasse presente ao primeiro milagre, que fez o Redemptor nas vodas de Caná, poucos dias depois; e no segundo anno da prégação do mesmo Senhor, elle o numerou entre os seus doze Apostolos, como se diz no Evangelho, aonde é nomeado em quinto logar; e o mesmo Evangelho faz menção de alguns factos deste santo Apostolo, que dão bem a conhecer a grande familiaridade, que elle tinha com o seu Divino Mestre.

Primeiramente, quando Christo quiz alimentar no deserto a cinco mil pessoas, que o seguirão, perguntou a Filippe: *Donde poderemos comprar pão, que baste para tanta gente?* Aonde adverte o Evangelho, que isto lhe disse o Senhor para provar a sua fé, pois elle não ignorava o que estava para fazer; e Filippe respondeo, que para tanto povo não bastaria dispender duzentos dinheiros, os quaes todos (ainda que não tivessem maior valor que o siclo de prata) vinhão a formar, pelo valor da nossa moeda, a quantia de cincoenta e dois mil e quatrocentos réis; e logo elle mesmo foi um dos que distribuírão por suas mãos áquellas gentes os cinco pães, e dois peixes, prodigiosamente multiplicados por Jesu Christo, como refere o Sagrado Texto.

Em outro dia desejando alguns gentios ver a Jesu Christo nas vesperas da sua Paixão, se dirigírão a Filippe, o qual conferindo com André, ambos os conduzírão ao Salvador. Finalmente na ultima cêa rogou S. Filippe ao Divino Mestre, que fizesse ver a seus discipulos o seu proprio pai, com o que se davão todos por satisfeitos, e o Senhor lhe respondeo: Que vendo elles ao filho, vião tambem ao pai.

Isto é o que temos de particular no Evangelho, quanto á pessoa deste santo Apostolo; e as outras suas acções são manifestas sómente a Deos, que já lh'as recompensou com a eterna gloria no Ceo, e no dia do final juizo as mostrará tambem aos olhos de todo o mundo. Sabemos comtudo em geral, que elle prégou o Evangelho, como fizerão os outros Apostolos, e particularmente na Frigia, aonde se crê, que terminou a sua vida apostolica com um glorioso martyrio.

Na Historia Ecclesiastica, escripta por Theodoreto, se diz que no anno 394 achando-se o Imperador Theodosio nas vesperas de apresentar batalha ao tyranno Eugenio, tivera em sonhos uma visão, na qual se lhe apresentárão dois cavalleiros vestidos de branco, (que erão S. João Evangelista, e o Apostolo S. Filippe) segurando-lhe a victoria, que, com effeito, obteve no dia seguinte.

SOBRE O OUTRO APOSTOLO.

S. Thiago, ou Jacobo (chamado *Menor*, para distincção de outro Jacobo, irmão de S. João Evangelista) foi filho de Alfeo, e de Maria, sua primeira mulher, prima inteira da Santissima Virgem, por onde era proximo parente do Salvador, e como tal, segundo o costume dos hebreos, chamado irmão do Senhor.

A dita sua mãi (ordinariamente denominada *Maria de Cléofas*, talvez por ser este o seu segundo marido, ou por outra razão, que nos seja incognita) era uma daquellas santas mulheres, que acompanhavão, e servião a Jesu Christo; e com effeito ella lhe assistio nas suas prégações, ella o seguio até o Monte Calvario, aonde esteve ao pé da Cruz, em companhia da Santissima Virgem, até o ver com seus proprios olhos render o espirito ao Eterno pai; ella, finalmente, assistio á sua sepultura, e preparou os aromas para embalsamar o seu corpo, por onde se fez digna de ser uma das primeiras em ver, e adorar ao mesmo resuscitado Senhor.

No segundo anno da prégação de Jesu Christo foi Jacobo por elle numerado entre os seus Apostolos, com S. Judas Thaddeo seu irmão; e assim recebendo, como os outros seus condiscipulos, o poder para obrar milagres, e o emprêgo de prégar o Evangelho, seguio sempre ao Salvador nas frequentes viagens que fazia pela Judéa, e pela Galiléa, annunciando a divina palavra, e obrando innumeraveis prodigios.

Jesu Christo, depois da sua gloriosa Resurreição, além das apparições communs aos outros Apostolos, appareceo em particular a Jacobo, como affirma S. Paulo, e lhe communicou entre muitas bençãos celestes, um singular dom de sabedoria, por cujo motivo o mesmo S. Paulo o venerava por uma das principaes columnas da Igreja.

E depois da Ascenção do Senhor ao Ceo, querendo os Apostolos prover de Bispo a Igreja de Je-

rusalem, elegêrão a Jacobo, como mais digno para ser prelado daquella Igreja, por isso mesmo de ser reputada como mãi de todas as outras, por haver nascido nella a Religião Christã; em cujo supposto admira S. João Chrysostomo a humildade de S. Pedro, de S. Thiago-maior, e de S. João Evangelista, os quaes sem embargo de se reconhecerem singularmente favorecidos pelo Divino Mestre, não aspirárão á honra de possuir aquella cadeira, nem tiverão inveja alguma de verem nella constituido ao mesmo S. Thiago, effeito da grande caridade que suffocava toda a ambição no heroico espirito daquelles santos varões.

Tomou, pois, S. Thiago o governo daquella Igreja em circumstancias muito escabrosas, por se achar entre hebreos, que proximamente havião mostrado quanto era o seu furor contra o nome de Jesu Christo na morte violenta, que fizerão dar ao Proto-Martyr Santo Estevão; porém o santo Apostolo soube conduzir-se naquelle emprêgo com tanta piedade, e prudencia, que não só era respeitado pelos Christãos, como um varão de singular mérito, e um Bispo de admiravel virtude, mas até os mesmos judeos o tinhão em grande veneração pela sua eminente, e reconhecida santidade.

O famoso historiador Egesippo, que vivia no principio do segundo seculo, e visitou muitas Igrejas, para se informar da doutrina que nos annos antecedentes havião ensinado os Apostolos, attesta, quanto á pessoa de S. Thiago, que elle não bebia vinho, nem outro algum licôr capaz de embriagar, que não cortava jámais os proprios cabellos, conforme o costume dos que se consagravão a Deos em modo particular, por cujo motivo erão denominados *Nazarenos*.

E que além disto elle não usava de banhos, nem comia carne de sorte alguma, nem tinha outro vestido mais do que uma tunica, e uma capa de linho, e que na oração era tão frequente, que a pelle dos joelhos se lhe fez tão dura como a de um camêlo, e em summa, que toda a sua vida era extremamente austéra, edificante, e mortificada.

Assim, pois, de um complexo de tantas virtudes se formou no animo de todos tanta veneração, e respeito para com este santo Apostolo, que era de modo ordinario appellidado o *Justo*, ainda pelos mesmos judeos, como lemos na historia do hebreo Joseffo, que varias vezes o trata com este nome; e S. Jeronymo accrescenta, que era tal o conceito entre o povo da santidade insigne deste grande Apostolo, que muitos procuravão com empenho beijar as fimbrias do seu vestido.

E supposto que não sabemos por miudo as outras suas acções no tempo em que elle governou a Igreja de Jerusalem, com tudo, não podêmos duvidar, de que fosse copioso o fructo das suas prégações; e nós sabemos pelo testemunho de Egesippo, referido por Eusebio Cesariense, que os phariseos, e doutores da lei, com os outros judeos incredulos, irritados pelos grandes progressos, que fazia a Fé de Jesu Christo, mediante o zêlo, e instrucções deste santo Apostolo; sabemos, digo, que recorrêrão ao summo sacerdote Anano, homem cruel, e atrevido, afim de procurarem ao Santo a morte, com a qual coroou todas as suas obras, authenticando com o proprio sangue a doutrina de seu Divino Mestre, que fielmente havia ensinado.

Passou o caso desta maneira, como refere o allegado Egesippo: Persuadindo-se aquelles ímpios de poderem por força conseguir do santo Apostolo, que fosse traidor á fé que havia ensinado, o fizerão subir a uma varanda do frontispicio do templo, sobre o atrio do mesmo, e lhe mandárão que logo em alta voz desenganasse o povo, que alli se achava junto, do erro em que estava a respeito de Jesu Christo, reputando-o por verdadeiro Messias.

Logo, pois, que o Santo alli foi visto, exclamou o povo dizendo: *Homem justo, dize-nos o que devemos crer de Jesus, que foi crucificado, porque estamos todos promptos para crer, e seguir o que nos disseres a este respeito.* E logo levantando a voz, fallou assim: *Jesus, Filho do homem, de quem vós fallais agora, como Filho de Deos, está sentado á direita de seu Eterno pai, donde virá um dia sobre as nuvens do Ceo para julgar a todos os homens.*

Fizerão estas palavras do Apostolo grande impressão no animo de muitos, que logo derão gloria a Jesu Christo, cantando alegres: *Hossana* (louvor, e exaltação) *ao Filho de David.* Porém os escribas, e phariseos amargamente arrependidos de haverem procurado contra a sua intenção aquelle honroso testemunho do Salvador, se enfurecêrão fortemente contra o santo Apostolo, e subindo alguns mais resolutos á referida varanda, o precipitárão daquella altura.

Não morreo o Santo nesta quéda, mas pondo-se logo de joelhos, orou pelos seus inimigos, os quaes vendo-o ainda vivo, instigados pelo cruel Anano, entrárão a apedrejallo, e no mesmo tempo um lavandeiro, chegando-se a elle, e quebrando-lhe a cabeça com o páo de brunir os pannos, lhe acabou a vida no anno sexagesimo segundo da nossa Redempção, e trigesimo do seu Apostolado.

Foi sepultado a seu corpo no mesmo logar do seu martyrio, onde se levantou depois uma columna com a inscripção do seu nome, que ainda existia no tempo do mesmo Egesippo; e á injusta morte dada a este grande homem attribuírão os judeos mais sensatos a fatal destruição da Cidade de Jerusalem, por não quererem reconhecer, que este horrivel castigo procedeo de outro crime muito maior, qual foi a morte do Divino Salvador.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A devoção dos Fiéis para os santos Apostolos deve ser grande, por serem elles os fundadores da Igreja, os Principes da côrte Celeste, e os nossos poderosos advogados para com Jesu Christo, nosso Deos, e Senhor; e esta devoção deve consistir principalmente na imitação dos seus exemplos, e em aproveitarmo-nos das instrucções, que por divina inspiração nos deixárão; entre as quaes se distingue muito a do Apostolo S. Thiago na sua carta Catholica, dirigida aos Fiéis dispersos por todo o mundo.

« Meus irmãos (diz no seu primeiro capitulo) « tende por motivo da maior alegria para vós, as « diversas tribulações, que vos succedem, sabendo que « a prova da vossa fé produz a paciencia; a pa- « ciencia, pois, deve ser perfeita nas suas obras, « para que sejais perfeitos, e completos, e nada vos « falte; e se algum carece de sabedoria, peça-a a « Deos, que a todos a dá com mão larga.

« Mas peça-a com fé, sem hesitação alguma, « por quanto aquelle que duvida é similhante á onda « do mar, que é agitada, e levada de uma parte para « a outra por impulso do vento; e assim não cuide « este tal, que alcançará alguma coisa do Senhor... « Bemaventurado o homem que soffre com paciencia « a tentação, porque depois de haver sido provado, « receberá a corôa de vida, que Deos prometteo aos « que o amão. »

MAIO — 2.

DE

SANTO ATHANASIO,

BISPO, E DOUTOR DA IGREJA

NO SECULO IV.

Tirada dos seus escriptos, authores, e historiadores contemporaneos.

Santo Athanasio (que a Igreja honra como um dos seus principaes Doutores, como sólida columna da Fé Catholica, e valente defensor da Divindade de Jesu Christo) nasceo em Alexandria do Egypto no fim do terceiro seculo; e Santo Alexandre, que então era Bispo daquella Cidade, tendo conhecimento deste menino, depois de o ver bem instruido nas primeiras lettras, concebeo para com elle tanto amor, que accommodando-o no seu palacio episcopal, o tratou sempre como se fosse seu filho, pondo-o á sua meza, e procurando-lhe todas aquellas instrucções, que o houvessem de formar um digno Ministro do Senhor.

E supposto que Athanasio debaixo da doutrina daquelle santo prelado não omittisse o estudo das sciencias humanas, (das quaes se vê pelas suas obras que elle teve um vasto conhecimento) com tudo, applicou-se principalmente á séria, e profunda meditação da Sagrada Escriptura, por onde o Senhor lhe communicou tantas luzes para bem entender os Mysterios da Religião, e regular santamente a sua vida, que se fez um objecto de admiração, e um modêlo de virtude para todos aquelles que o conhecião.

Entretanto Santo Alexandre vendo quão bem correspondia Athanasio á sua primeira expectativa, o aggregou sem demora ao clero da sua Igreja; e fazendo-o passar por todos os gráos inferiores, o exaltou consequentemente á ordem do diaconato, e o constituio Arcediago da grande Igreja de Alexandria.

Começou desde então Santo Athanasio a fazer consideraveis serviços á Igreja, principalmente na occasião, em que devendo Santo Alexandre partir para o famoso concilio de Nicea, celebrado no anno de 325, o levou por companheiro seu, ou antes por seu conselheiro; e com effeito, naquelle veneravel congresso de Bispos póde-se dizer que Athanasio (com ser ainda mancebo, e simples diacono) fez entre todos a primeira figura, pela vivacidade do seu engenho, pela sua destreza em manejar os negocios ecclesiasticos, e pela agudeza, e penetração, com que descobria, e dissipava os artificios, e dolos dos hereges.

Elle resistio valerosamente aos Bispos sequazes de Ario, expondo-se a todo o risco pela defensa dos Catholicos dogmas; elle foi um dos principaes authores do sagrado symbolo, que alli foi feito; elle, em summa, mostrou naquella veneravel assembléa tanta doutrina, e tanto amor, e zêlo pelas verdades da Fé, que bem mereceo as bençãos, e os elogios de todos os defensores da Divindade de Jesu Christo.

Conhecendo, pois, desde então os pérfidos arianos, quão poderoso inimigo tinhão na pessoa de Athanasio, concebêrão contra elle o implacavel odio, que foi a fatal origem de tantos desterros, perseguições, e calumnias, que padeceo o Santo em todo o espaço da sua vida; e ainda cresceo mais o furor daquelles inimigos do Filho de Deos, quando o vírão collocado na cadeira patriarchal de Alexandria, o que succedeo pela maneira seguinte:

Passados cinco mezes depois que Santo Alexandre voltou do concilio de Nicea, cahio enfermo, e sentindo-se proximo ao fim da vida, recommendou, na presença do clero, e de muito povo, que elegessem para seu successor ao diacono Athanasio, porque esta era a vontade de Deos. Morto, pois, Santo Alexandre, no dia 18 de abril de 326, todo o clero, e povo de Alexandria pedírão a uma voz por Bispo a Athanasio, no que tambem convierão os Bispos, que de varias partes do Egypto forão convocados para esta eleição.

Porém Santo Athanasio, julgando-se indigno daquella dignidade, logo que teve noticia da sua eleição, soube esconder-se por tal fórma, que só depois de muitas diligencias o descobrírão, e com grandes festas o conduzírão para a Cidade, aonde feita a sua sagração, segundo as regras canonicas, o collocárão sobre o throno daquella Igreja, fundada pelo Evangelista S. Marcos, e que então, depois da romana, era a primeira do mundo.

Correspondeo Santo Athanasio na administração do seu Bispado á grande expectativa, que todos os bons formavão da sua pessoa; porque elle (como diz S. Gregorio Nazianzeno) era superior a todos, não só pela eminencia do posto que occupava, senão muito mais pelas heroicas acções que fazia, não obstante o reputar-se inferior a cada um, por ser na verdade humilde de coração: cada qual tinha para com elle facil accesso, afim de lhe expor as suas indigencias, porque elle era alheio da ira, benevolo, e todo cheio de compaixão.

Elle tinha um agradavel aspecto, e observava, tanto no reprehender como no louvar, uma justa, e santa moderação: elle por tal modo instruia com o exemplo, que quasi não necessitava de palavras, nem de modo ordinario tinha occasião para usar de castigo: elle, em summa, era o protector dos afflictos, o sustento dos fracos, o mestre, e conductor dos mancebos, e o pai dos pobres, dos orfãos, e das viuvas; e tudo isto é pouco, em comparação do generoso valor, que elle mostrou depois na defensa da verdade, como vamos a dizer.

Passados cinco, ou seis annos desde que Athanasio governava a sua Igreja, os pérfidos arianos, auxiliados pelo ímpio Eusebio, Bispo de Nicomedia (homem por suas intrigas assás poderoso na côrte) começárão a tentar a constancia do santo Patriarcha, e o primeiro passo foi este.

O heresiarcha Ario foi naquelle tempo chamado do seu desterro por ordem do Imperador Constantino, que com demasiada facilidade se deixou persuadir de que aquelle perfido havia detestado o seu erro, abraçando a catholica verdade; e escrevendo logo o referido Eusebio a Santo Athanasio que o recebesse á communhão da Igreja, promptamente lhe respondeo o santo Patriarcha, que não podia, nem devia admittir os authores da heresia, excommungados já por um geral concilio, sem darem bastantes provas do seu sincero arrependimento.

Então o maligno Eusebio, recorrendo ao Imperador, e representando-lhe a Athanasio como um homem turbolento, inquieto, e author de todas as revoluções da Igreja de Alexandria, obteve delle uma carta, em que o ameaçava de exterminar do seu Bispado senão recebesse a Ario, e aos seus discipulos á communhão da Igreja; porém Santo Athanasio sem perturbar-se, nem temer as ameaças do Imperador, lhe escreveo dizendo: Que não sendo possivel approvar uma heresia, que fazia expressa guerra a Jesu Christo, consequentemente os arianos, que formavão uma tal seita, não podião ser admittidos á communhão catholica.

Satisfez esta resposta ao Imperador, mas irritou por tal modo ao maligno Eusebio, que resolveo com os outros do seu partido accusar a Athanasio no tribunal do mesmo Imperador, de pretender, com violação dos direitos regios, obrigar aos egypcios a que pagassem á sua Igreja um tributo annual de certas vestiduras de linho; e com effeito, mandárão entregar esta accusação, ou antes esta calumnia ao Imperador, em Nicomedia, por tres Bispos da sua seita, que falsamente dizião serem os primeiros que forão obrigados á prestação daquelle tributo.

Porém dispoz a providencia de Deos, que se achassem naquelle tempo em Nicomedia Apis, e Macario, dois Presbyteros de Santo Athanasio, os quaes com tanta evidencia mostrárão a falsidade daquella accusação, que o Imperador rejeitou os accusadores, e escreveo a Santo Athanasio, que lhe viesse fallar, e chegando elle o recebeo com todas as demonstrações da honra, e estimação que merecia.

Entretanto o ímpio Eusebio forjou duas novas accusações, uma contra o Santo, e outra contra o seu Presbytero Macario, acima referido; a do Santo o fazia rebelde contra o Principe, por haver mandado uma grande quantia de dinheiro a um tal Filomeno, que intentava usurpar-lhe o Imperio; e a de Macario, lhe impunha o haver quebrado um calis, e arruinado o altar de um certo sacerdote, por nome Ischira.

Examinando, pois, Constantino exactamente estas accusações, e achando-as calumniosas, e falsas, declarou a Santo Athanasio innocente, e o mandou com honra para a sua Igreja, acompanhando-o com uma sua carta, em que exhortava aos Fieis de Alexandria a que se conservassem na mais perfeita união com o seu Bispo Athanasio, contra o qual lhes asse-

gurava, que nada podérão provar os seus malévolos accusadores.

Declarou tambem, que a accusação feita contra o Presbytero Macario, sobre a infracção do calis, e demolição do altar, em que celebrava o mencionado Ischira, era uma expressa, e negra calumnia, porque além de nunca haver sido o tal Ischira ordenado legitimo sacerdote, elle mesmo protestava por escripto, que tudo era falso quanto a seu respeito se allegava contra Macario.

Assim concluido este processo, passárão os arianos a outra calumnia de maior importancia, mas igualmente falsa, dizendo que Athanasio matára occultamente a Arsenio, Bispo de Upsala no Egypto; e para dar côr a esta impostura convierão com o mesmo Arsenio, seu sectario, que se escondesse em algum logar remoto, aonde não fosse conhecido; e logo que foi sensivel a sua ausencia, começárão os arianos a publicar, que Santo Athanasio não só tirára a vida a Arsenio, mas tambem lhe cortára a mão direita (que mostravão em uma caixa) para servir-se della nas suas magicas operações.

Commettendo, pois, o Imperador o exame deste negocio ao censor Dalmacio, que se achava em Antioquia, este escreveo a Athanasio, que se preparasse para a defeza; e elle, não obstante o julgar que nada tinha que temer naquella accusação, por lhe ser facil o mostrar, que havia mais de cinco annos que não tinha visto ao tal Arsenio, resolveo-se com tudo a tomar as precauções necessarias para justificar-se, escrevendo aos Bispos do Egypto, para que lhe soubessem aonde estava Arsenio, e recommendando no mesmo tempo a um seu diacono, que com vigilante cuidado o procurasse.

Achado, pois, Arsenio, depois de muitas diligencias, e chegando a Antioquia as testemunhas, que o tinhão visto, e ouvido confessar de ser elle quem era, escreveo Santo Athanasio a Constantino, trazendo-lhe á memoria as passadas calumnias, que lhe havião objectado os seus inimigos, cuja falsidade fôra bem manifesta a elle mesmo, como seu Juiz, e informando-o por ultimo miudamente de quanto se havia descoberto sobre o negocio de Arsenio.

Respondeo-lhe então Constantino, condemnando os ímpios excessos dos seus malévolos, inimigos, e recommendando-lhe que fizesse ler em publico aquella sua carta, para que soubessem todos quanto era negra, e abominavel a criminal malicia dos seus adversarios... e concluindo a carta com dizer, que se os seus calumniadores não desistissem para o futuro de repetir similhantes iniquidades, elle mesmo procederia contra elles, não com a doçura das ordenações ecclesiasticas, mas com todo o rigor das leis civis.

Foi este um triunfo da innocencia do Santo, para cujo complemento até o mesmo Arsenio, desunindo-se dos arianos, e detestando publicamente o seu erro, pedio perdão, e obteve a communhão de Santo Athanasio; mas os seus cruéis adversarios, sem perder animo, antes sempre constantes no seu depravado intento, tomárão por outro caminho, que foi persuadir ao Imperador a celebração de um concilio, afim de pôr termo (dizião elles) ás perturbações da Igreja, mas em verdade para supplantar, e opprimir ao Santo.

Destinado, pois, o concilio para a Cidade de Tyro, fizerão os arianos que o Imperador convocasse para elle os Bispos que lhe nomeárão, e que désse a superintendencia daquella assembléa ao Conde Dionisio, íntimo amigo do ímpio Eusebio; e Santo Athanasio, por uma carta do mesmo Imperador, foi obrigado a achar-se naquelle congresso com quarenta e nove Bispos do Egypto, que sempre lhe forão fiéis, ainda que não podérão impedir as oppressões, que fizerão ao seu santo Patriarcha.

Deo-se, pois, principio ao tal concilio com varias accusações contra Santo Athanasio, entre as quaes erão principalmente estas duas: Que violára por força a uma donzella, e que tirára a vida ao Bispo Arsenio, ao qual depois cortára a mão direita para uso das suas magicas operações: para prova do primeiro crime subornárão aquelles pérfidos a uma desgraçada mulher de má vida, instruindo-a sobre o requerimento que devia fazer no concilio; aonde, com effeito introduzida, allegou sem o menor pejo, ser ella uma virgem, que havia consagrado a Deos a sua pureza, mas que hospedado Athanasio em sua casa, por força a corrompêra.

Ouvindo isto um Presbytero do Santo, por nome Timotheo, que alli se achava, sahio do seu logar, e chegando-se áquella infeliz, como se elle fosse o accusado, lhe disse: *Mulher, como te atreves a dizer que eu me hospedei em tua casa, e te fiz violencia? Sim, sim* (replicou ella em alta voz, indicando para Thimotheo) *tu, tu foste o mesmo que em tal sitio, e em tal tempo commetteste aquelle excesso, de que peço agora se me faça justiça.* Conhecida, pois, por este modo a detestavel calumnia, fizerão logo os accusadores do Santo retirar dalli a tal mulher, não obstante o requererem alguns que ella fosse retirada para se descobrir o inventor daquella iniquidade.

E quanto ao facto de Arsenio não ficárão menos confundidos os inimigos de Athanasio, porque dispondo a Divina Providencia, que na noite antecedente ao dia em que se havia de tratar este ponto no concilio, chegasse alli Arsenio, e se apresentasse ao Santo, este lhe ordenou que se conservasse escondido, em quanto elle o não chamasse.

Logo, pois, que o Santo appareceo no concilio no dia seguinte, começárão os seus pérfidos accusadores a dizer em alta voz, que entre os muitos crimes, que se allegavão contra Athanasio havia um, sobre todos, de que elle absolutamente não podia justificar-se, pois bastava só ter olhos para se dar por convencido; e tirando logo da caixa a mão cortada, a mostrárão a todos, e ao mesmo Santo, dizendo-lhe:

Esta mão, ó Athanasio, é uma viva testemunha da tua maldade, ella é a mão direita do Bispo Arsenio, resta só que nos digas, qual foi a intenção, com que lh'a cortaste?

Porém o Santo, logo que applacou o rumor, que produzio aquella acção, perguntou, sem mostrar perturbação alguma: Se naquelle congresso havia quem conhecesse ao Bispo Arsenio? E respondendo alguns, que muito bem o conhecêrão... mandou Athanasio a um dos seus, que o fosse buscar donde estava escondido, e fazendo-o entrar no concilio, envolto na sua capa, e só com a cara descoberta, perguntou primeiramente, se era aquelle o mesmo Arsenio, do qual se dizia, que por elle fôra morto?

Aqui os que tinhão dito, que muito bem o conhecêrão, obrigados da evidencia, confessárão que era o proprio, sem a menor duvida; e então o Santo, fazendo descobrir a Arsenio para que o vissem todos sem lezão alguma, disse logo em consequencia: *Aqui temos a Arsenio com duas mãos, como nós outros, e eu julgo que ninguem presumirá que elle antes tivesse tres.*

Não é facil de imaginar qnanta fosse a confusão dos inimigos de Athanasio, vendo-se tão claramente convencidos de calumnia, dolo, e falsidade; mas em vez de esconder-se cheios de pejo, e perturbação, passárão a excitar no congresso um novo tumulto, clamando em altos gritos, que Athanasio era um feiticeiro, que com seus prestigios enganava a todos; e chegou a tanto o seu furor, que haverião feito ao Santo em pedaços, se não fossem impedidos pelos officiaes do Imperador, que assistião ao concilio para evitar qualquer disturbio.

Vendo, pois, Athanasio que naquelle ímpio congresso, contra todas as regras canonicas, prevalecia o capricho dos seus inimigos, que só se dirigia para a oppressão da sua pessoa, e não para indagar a verdade, partio para Constantinopla; e logo os pérfidos adversarios, considerando-se mais livres pela mesma ausencia do Santo, proferírão contra elle uma sentença, em que o depunhão do Bispado, e lhe prohibião o ficar em Alexandria, para que elle com a sua presença não accendesse o fogo da discordia.

Desta mesma condemnação derão logo noticia ao Imperador, e escreverão tambem uma carta circular a todos os Bispos, para que nenhum admittisse na sua communhão a Athanasio, deposto no concilio por varios crimes que commettêra, e principalmente por um homicidio sacrilego, atroz, e voluntario.

Chegando depois Santo Athanasio a Constantinopla, pedio audiencia ao Imperador para queixar-se da injustiça, que se lhe fizera no concilio de Tyro, porém elle reputando-o por justamente condemnado, não o quiz ouvir, nem attender ás razões que allegava na supplica; em cujos termos, fundado o Santo na sua innocencia, fez dizer ao Imperador, que elle só pretendia a graça de ser ouvido na presença daquelles mesmos, que o havião condemnado, para que melhor se conhecesse a injustiça, que lhe havião feito, vista a expressa falsidade dos impostos delictos.

Não podendo então Constantino rejeitar uma instancia tão racionavel, e justa, escreveo a todos os Bispos, que estiverão no concilio de Tyro, que viessem logo á côrte, para dar conta do juizo que formárão contra o Patriarcha Athanasio, mas a maior parte delles, em vez de obedecerem ás ordens do Imperador, partírão para as suas Igrejas, e só vierão a Constantinopla os cabeças do partido, isto é, os dois Eusebios, de Nicomedia, e Cesaréa, e Ursacio, e Valente, com uns poucos mais; e chegados que forão á côrte, não tratárão das culpas processadas em Tyro, mas forjárão novas calumnias contra o Santo, allegando que elle embaraçava o transporte dos costumados trigos de Alexandria para a côrte.

Não podia dar-se calumnia mais mal fundada do que esta, e o Santo se persuadio de a poder facilmente dissipar, representando ao Imperador, que uma empreza daquella qualidade não era possivel a um homem particular, e tão pobre como elle era; porém Deos permittio que Constantino acreditasse com tal firmeza a impostura, que sem attender ás razões do imaginado réo, o mandou exterminado para Tréveris, em França, a cujo decreto, ainda que injusto, promptamente obedeceo o Santo.

Este desterro do grande Athanasio foi um triunfo para os arianos, e só faltou para o seu complemento, que o Imperador lhes désse licença para elegerem outro Bispo de Alexandria. Gemerão então todos os bons, e os defensores da Fé Catholica, vendo na pessoa de Athanasio opprimida a innocencia, e a santidade; e até o grande Santo Antão, lá do seu deserto, escreveo a Constantino a favor de Athanasio, mas sem fructo, antes na resposta que deo o Imperador ao mesmo Santo Antão, entre outras coisas dizia de Athanasio, que era *um insolente, soberbo, turbulento, e sedicioso;* estes erão os titulos que o Imperador (por suggestão dos arianos, que tudo podião na sua côrte) dava a um dos maiores Santos que houve na Igreja de Deos.

Mas o que tantas súpplicas não podérão conseguir do mal informado Constantino, o obteve a presença da proxima morte, porque sobrevindo-lhe uma grave molestia, (da qual falleceo no dia 22 de maio do anno 337) entre outras acções, com que se preparou para a morte, mandou que Santo Athanasio voltasse para a sua Igreja do desterro em que se achava.

Executado, pois, este decreto a tempo que o Santo havia já padecido dois annos e quatro mezes de degredo, entrou em Alexandria com immenso júbilo de todo o povo, e de todos os Bispos do Egypto, que reputárão esta vinda do Santo como uma plena confutação das calumnias, com que os seus pérfidos adversarios quizerão denegrir a sua fama.

Porém elles persistindo sempre no seu animo aleivoso, e intenção depravada, maquinárão novas

accusações para o fazerem expulsar de Alexandria, denunciando-o ao Imperador Constancio, entre outros crimes, de usurpar o preço de uma grande copia de trigo, que o Imperador defunto mandára dar para sustento das virgens, viuvas, e ecclesiasticos da Cidade de Libia, cujo terreno não produz aquelle fructo.

E no mesmo tempo accusárão tambem o Santo ao Summo Pontifice, que era S. Julio, não só deste delicto senão tambem dos outros, pelos quaes o condemnára o concilio de Tyro, cujo processo lhe enviárão; porém tendo noticia desta falsa accusação oitenta Bispos do Egypto, escreverão logo ao mesmo Pontifice em defensa do seu Patriarcha, enviando-lhe documentos taes, que punhão na maior evidencia a falsidade daquella denuncia.

Vendo isto o santo Papa, mandou que Athanasio, e os seus accusadores viessem a Roma para se tratar a sua causa com plena liberdade em um concilio. Obedeceo o Santo promptamente a esta ordem pontificia, partindo sem demora para Roma, porém os arianos, congregando no mesmo tempo uma assembléa dos seus partidistas na Cidade de Antioquia, tiverão o atrevimento de julgar a Athanasio por decahido do seu Bispado, e eleger em seu logar a um Gregorio de Capadocia, herege da sua seita, e de pessimos costumes, o qual, como lobo voraz, e ajudado do Prefeito Filagrio, declarado inimigo dos Catholicos, entrou a fazer os mais horriveis estragos, e atrocidades enormes no miseravel rebanho daquella mesma Igreja.

Passados entretanto mais de tres annos, sem virem a Roma os accusadores do Santo, e elle esperando alli com paciencia que o Senhor felicitasse a sua causa, recebeo uma carta do Imperador Constante para que lhe viesse fallar a Milão, que era então a sua côrte; e ouvindo-lhe a tragica narração dos seus trabalhos, pelo implacavel odio dos seus inimigos, tomou a resolução de escrever a seu irmão Constancio, e ao Papa S. Julio para a celebração de um geral concilio, a fim de estabelecer-se a paz em toda a Igreja.

Conveio Constancio em uma súpplica tão justa, e assignando-se, no anno de 347, para logar do concilio a Cidade de Sárdica, os primeiros que alli se acharão forão os Bispos de todo o Occidente com os legados do Summo Pontifice: vierão depois quasi oitenta Bispos do Oriente, todos partidistas de Eusebio, e inimigos de Athanasio, com o péssimo designio de usarem contra elle os mesmos criminaes artificios, de que se tinhão valido em todos os seus conciliabulos.

Porém temendo elles que naquelle sagrado congresso se fizesse um juizo verdadeiramente ecclesiastiaco, aonde as fraudes, e calumnias facilmente serião descobertas, e punidas, allegárão uns falsos pretextos para não assistir ao concilio, e com effeito se retirárão para Filíppoli; se bem que esta separação, como de parte menor, não servio de impedimento para o exame da causa de Santo Athanasio, ao qual foi logo facil justificar-se com a maior evidencia de todas as impostas calumnias, e por tanto aquelles Padres, sem discrepancia de juizo, declarárão a Santo Athanasio por um verdadeiro innocente, injustamente perseguido.

E não satisfeito com isto o sagrado concilio, condemnou como impostores, e réos de outros delictos aos principaes Bispos do partido eusebiano: excommungou tambem a Gregorio, intruso na Sé de Alexandria: escreveo tudo isto em cartas particulares a varias Igrejas do Oriente, e uma circular a todos os Bispos da Igreja Catholica, e expedio no mesmo tempo alguns deputados ao Imperador Constancio, que o houvessem de informar miudamente de tudo o que se obrára no concilio, para que não fosse prevenido com falsas representações pelos eusebianos.

Porém estes andárão tanto mais promptos, que da mesma Cidade de Filíppoli, para onde se havião retirado, escreverão antecipadamente ao Imperador uma carta cheia de injurias contra Athanasio, e contra os Bispos Catholicos, supplicando-lhe com viva instancia, que mandasse uma ordem sua aos magistrados de Alexandria para que de nenhum modo consentissem que Athanasio, ou algum dos seus adherentes alli entrasse; e que se não obstante esta cautela o mesmo Athanasio, ou qualquer dos seus alli se introduzisse, logo, sem mais processo, lhes cortassem a cabeça.

Informado, pois, o Imperador Constante desta iniqua ordem de seu irmão Constancio, escreveo-lhe uma carta forte a este respeito, concluindo-a com dizer-lhe, que se não permittisse que Santo Athanasio entrasse em Alexandria, e governasse pacificamente a sua Igreja, tivese por declarada a guerra, que sem demora lhe faria. Aterrado então Constancio com estas ameaças do seu irmão, que naquelle tempo era mais poderoso, não só consentio que Santo Athanasio voltasse para a sua Igreja, mas tambem revogou todas as ordens que havia dado contra elle: escreveo em seu louvor, e favor seu a todos os Governadores, e Bispos do Egypto, e particularmente ao povo Alexandrino, congratulando-o pela vinda do seu pastor, que Deos agora lhe restituia.

Foi na verdade este passo um glorioso triunfo para os Catholicos, e uma geral confusão para os hereges, mas passado um anno, (isto é, no de 350,) depois que Santo Athanasio, com ineffavel consolação do seu povo, governava a Igreja de Alexandria morrendo o Imperador Constante seu poderoso protector, animados os seus adversarios por este inopinado successo, procurárão de novo irritar contra elle o Imperador Constancio, e com effeito conseguírão que elle mandasse ordem ao Prefeito do Egypto, que permittisse maltratar a todo aquelle que communicasse com Athanasio.

Porém vendo os malignos que nada disto bastava para causar temor ao Santo, passárão á violencia, valendo-se do General Siriano, seu partidista, o qual entrando com algumas tropas no templo de S. Theona, aonde estava o Santo prégando ao povo, matou em odio da Fé muitas pessoas, de que a Santa Igreja, como de verdadeiros Martyres, faz annual memoria. A principal intenção daquelle ímpio era tirar a vida ao Santo; porém vendo os ecclesiasticos, e monges, que alli se achavão, que elle não se movia do seu throno, quasi por força o extrahírão, e o levárão por entre os soldados, sem que algum o conhecesse, livrando-o Deos por este modo de um tão evidente perigo.

E retirando-se logo occultamente para o deserto da Thebaida, alli com os seus angelicos costumes servio de virtuoso modêlo a todos aquelles solitarios; e sem embargo de andar sempre mudando de sitio, para não ser descoberto pelos seus inimigos, compoz no mesmo tempo varias obras, para instruir o seu povo, justificar a sua fuga, e combater os erros dos arianos, com tal cópia de doutrina, que destes seus escriptos, como de uma preciosa mina, extrahírão depois os santos padres abundante materia para defender o catholico dogma da divindade de Christo.

Durou este desterro perto de cinco annos, até o de 361, em que morreo Constancio, que teve por successor no Imperio ao pérfido Juliano apostata, o qual, pretendendo resuscitar o paganismo, julgou que para isto lhe serviria muito o avocar para as suas Igrejas todos os Bispos desterrados pelo seu antecessor, discorrendo astuto, que estando dividido o Christianismo em varias seitas, a mesma liberdade em que as deixava, faria que ellas com suas disputas se destruissem umas ás outras.

Voltando, pois, Santo Athanasio, por virtude desta permissão, para o governo da sua Igreja, entrou a purgar o templo do Senhor daquelles infames negociantes, que fazião commercio das coisas sagradas; pacificou todos aquelles, que entre si, ou contra elle tinhão alguma aversão; livrou a todos aquelles, que por algum modo se achavão opprimidos, sem indagar, se antes lhe forão favoraveis, ou contrarios; louvava a uns, e censurava a outros, mas sempre com mansidão, e doçura; estimulava a negligencia dos preguiçosos, e refreava o ardor dos temerarios; prescrevia aos fracos as necessarias cautelas para não cahirem, e aos cahidos dava opportuno remedio para se levantarem; em summa, a religião, que se achava prostrada, e abatida, foi por obra sua posta em pé e restaurada.

Mas o infernal inimigo vendo com raiva, e furor esta felicidade da santa Igreja, suggerio ao Imperador, que nada lhe aproveitaria abater todos os Christãos, em quanto não vencesse a Athanasio, porque as perdas, que recebia o Christianismo nos Fiéis, que cedião á perseguição, erão abundantemente restauradas com o grande numero de gentios, que pela prégação do Santo abraçavão a Fé Catholica. Persuadido, pois, deste discurso o ímpio, e cruel Juliano, mandou que Santo Athanasio sahisse logo do Egypto, commettendo a execução desta ordem ao Conde Ecdizio, com secreta insinuação para o matar no caminho

Sabendo, pois, o Santo que chegára no dia antecedente o executor daquelle decreto, metteo-se logo em uma embarcação, que estava sobre o Nilo, dirigindo-se para a Thebaida. Informado então o Conde desta fuga de Athanasio, partio sem demora no seu alcance; o que sendo notorio ao Santo por aviso do Ceo, fez que o piloto voltasse a pròa para Alexandria. Chegando, pois, o Conde á falla, perguntou aos da embarcação, em que estava o Santo, se distava muito Athanasio? *Elle não vai longe*, lhe respondêrão, e por este modo se desencontrárão, seguindo o Conde em vão a sua derrota, e Santo Athanasio a sua para Alexandria, aonde, para maior cautela, se conservou escondido, até que Deos lhe revelou ser morto Juliano em uma batalha contra os persas no anno de 363.

Morto aquelle ímpio apostata, voltou Athanasio para a sua Igreja; e o novo Imperador Joviano (Principe dignissimo do maior elogio) cassou logo a sentença de desterro contra o Santo, e mandando-o vir á côrte, o recebeo com a mais alta estimação, dando-lhe publicamente o merecido louvor pela santidade da sua vida, e pelo generoso valor, com que no meio das maiores perseguições, e trabalhos, sustivera e defendêra a pureza, e verdade da Fé Catholica.

Porém durou só oito mezes o Imperio de Joviano, tão favoravel á Igreja, e a Santo Athanasio, fallecendo no dia 17 de fevereiro do anno 364; e succedendo-lhe no throno o Imperador Valentiniano, que não quiz sahir da Europa, cedeo o Imperio da Asia a seu irmão Valente; o qual, constituindo-se protector dos arianos, publicou um edicto, em que mandava aos Governadores das Provincias expulsar das suas Igrejas a todos os Bispos, que exterminados por Constancio, forão avocados por Juliano.

Em vigor deste decreto queria o Governador do Egypto exterminar de Alexandria a Santo Athanasio; porém divulgada esta noticia entre o povo Catholico, forão tantas as lagrimas, e altos clamores por todas as ruas, que o Governador, temendo algum formidavel motim, suspendeo para logo a execução.

Athanasio entretanto sahio da Cidade, e foi esconder-se no sepulchro de seu pai, que (segundo o costume dos egypcios) era uma pequena casa fabricada no campo; e o successo mostrou, que não sem particular influxo da Divina Providencia tomou Santo Athanasio aquella resolução, porque logo na mesma noite da fuga do Santo o Governador, e General das tropas forão cercar a casa, aonde o Santo residia, para executar as ordens do Imperador, mas forão a tempo que já o não achárão.

Vendo-se, pois, os Fiéis sem o seu amado pastor nesta, que já era a sua quinta ausencia, sublevárão-se todos contra o Governador, e fizerão um tal motim, que constando logo ao Imperador, vio-se obrigado a escrever aos Magistrados de Alexandria, declarando que Athanasio podia vir, e estar livremente em pacifica posse da sua Igreja, para a qual voltou, depois de quatro mezes escondido no sepulchro, e nella esteve em perfeita tranquillidade, até que por ultimo, no anno de 373, este grande Santo, cuja vida foi um contínuo martyrio em todos os seus quarenta e seis annos de Bispado, falleceo docemente entre os braços do seu povo, qual outro S. João Evangelista.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Aprendamos do referido, quão preciosas são as verdades da nossa Fé, cuja defensa custou tantos trabalhos, e penosas fadigas aos santos Bispos, e Doutores da Igreja; e consequentemente ponderemos, quantas obrigações devemos professar a estes grandes homens, cheios por Deos de tanta sciencia, e zêlo, para combaterem com tanto vigor contra as potencias mais formidaveis do seculo.

Entre estes illustres varões tem distincto logar o nosso grande Santo, e o seu heroico exemplo nos deve animar a soffrer com paciencia as injustas perseguições, e calumnias dos máos homens, aos quaes permitte Deos algumas vezes, para nosso maior bem, que achem credito para com os grandes do mundo, como achárão os arianos para com o grande Constantino, illudido por elles de tal modo, que com ser Principe por outra parte piissimo, teve Santo Athanasio por um insolente, soberbo, e sedicioso.

E por isso o Espirito Santo, no capitulo IV do Ecclesiastico, nos adverte, que algumas vezes os innocentes, não podendo resistir á potencia dos seus calumniadores, são obrigados a soffrer, sem que alguem lhes valha, e os console, como succedeo a Santo Athanasio; mas se são abandonados dos homens, não são desamparados de Deos, o qual, se não sempre neste mundo, certamente no outro, e no final juizo manifestará com toda a clareza a innocencia dos seus fiéis servos, e os recompensará com uma eterna gloria, assim como pelo contrario condemnará os calumniadores á mais vergonhosa infamia, e perpetua pena.

MAIO — 3.

DA

INVENÇÃO DA SANTA CRUZ.

NO SECULO IV.

O célebre Tillemont no tomo VII, debaixo do titulo de Santa Hellena, ajuntou o que Socrates, Sozomêno, Theodoreto, e outros authores antigos escreverão a respeito desta Invenção.

PROCURANDO a Santa Igreja insinuar no animo dos Fiéis os sentimentos mais vivos de gratidão, e amor para com Jesu Christo pela sua Paixão, e Morte, com que livrou de infinitos males, encheo de innumeraveis beneficios a todo o genero humano, persuadio sempre a maior veneração, e respeito para com a sagrada cruz, em que o mesmo Senhor fez o sacrificio da sua preciosissima vida para salvação de todos os homens.

E por isto, desde os primeiros seculos, tinhão os Christãos uma tal veneração para com este adoravel signal, que com elle se armavão frequentemente contra todos os inimigos visiveis, e invisiveis. *Quando nós entramos em casa,* (dizia Tertulliano, que vivia no seculo segundo) *ou quando sahimos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando nos pomos á meza, quando nos recolhemos ao leito, e finalmente antes de qualquer coisa que façamos, nos prevenimos logo com o signal da Santa Cruz.*

Donde bem se infere, que o respeito da Igreja Catholica para com este sagrado signal é tão antigo como a mesma Igreja; e o solemne culto, que nella se lhe dá com a festa do presente dia, teve a sua origem na Invenção milagrosa do Sacrosanto Lenho, como descrevem os historiadores ecclesiasticos contemporaneos pela maneira seguinte:

Achando-se o Imperador Constantino em vesperas de apresentar batalha ao tyranno Maxencio, que vinha contra elle com um poderoso exercito de quasi duzentos mil homens, vio que não podia vencer sem um auxilio superior: dirigindo-se, pois, ao Deos dos Christãos, (cuja omnipotencia, ainda gentio, como era, já reconhecia) divisou no Ceo a horas de meio dia com assombro seu, e de todo o exercito, uma cruz

mais resplandecente que o sol, e na sua circumferencia estas palavras: *Neste signal vencerás.*

Appareceo-lhe tambem na seguinte noite Jesu Christo com o mesmo signal, que tinha visto no Ceo, e recommendando-lhe, que se servisse daquella imagem nos combates, o Imperador fez logo fabricar pelos melhores artifices, segundo a figura que tinha visto, uma cruz de ouro, de comprimento de uma lança, enriquecida com as pedras mais preciosas, e no alto della um monogramma, que denotava o nome de Jesu Christo com as duas lettras, primeira, e ultima do alfabeto da lingua grega, para significar que o mesmo Senhor era o principio, e fim de todas as coisas; o que tudo fez unir o Imperador ao seu estandarte real, denominado *Labarum*, que levavão diante delle os mais valentes, e mais pios officiaes da sua guarda.

Elle no mesmo tempo mandou chamar alguns Bispos, e instruido por elles sobre os principaes mysterios da Religião Catholica, ficou logo resoluto para alistar-se nella, e não consentir outra no seu Imperio. Chegando, pois, o tyranno Maxencio com o seu exercito de cento e oitenta mil homens, Constantino, cheio de confiança na cruz de Jesu Christo, combateo sem o menor temor, e os desfez inteiramente; e para complemento da victoria, até o mesmo Maxencio, que tomára o partido da fuga, morreo affogado no Tibre.

Então Constantino com este glorioso triunfo, e pouco depois com o de Licinio, Imperador do Oriente, vendo-se absoluto senhor dos dois maiores Imperios do mundo, applicou os seus cuidados a fazer florecer a religião verdadeira, com destruição do paganismo, e render aos logares da Palestina, que Jesu Christo honrára com a sua divina presença (e particularmente ao seu santo sepulchro) a veneração que lhes era devida.

Mandando, pois, que alli se fabricasse um magnifico templo, commetteo esta obra a S. Macario, então Bispo de Jerusalem, ordenando no mesmo tempo a Draciliano, Vigario do Prefeito do Pretorio, e Governador da Provincia, que subministrasse todos os dinheiros para aquella empreza; e Santa Hellena mãi do mesmo Constantino, ainda que já se achava na idade de oitenta annos, se offereceo alegremente para hir em propria pessoa ser inspectora, e promotora da mesma obra.

Chegando, pois, a Jerusalem, e começando a visita dos santos logares, sentio logo accender-se-lhe no peito um ardente desejo de achar o lenho da sagrada cruz, parecendo-lhe coisa desconforme, que aquelle proprio instrumento, que fôra o triunfo de Jesu Christo, e o estandarte da nossa salvação, estivesse escondido na terra, e sepultado nas ruinas.

Estimulada, pois, deste digno pensamento a devota Imperatriz, informou-se com a maior diligencia das pessoas mais habeis a respeito do logar aonde poderia estar encoberto este precioso thesouro; mas inutilmente, porque os judeos, logo depois da Resurreição do Senhor, tinhão enterrado a cruz, e os outros instrumentos da sua Paixão em um logar proximo ao seu sepulchro, de cujo facto o decurso de mais de tres seculos fez perder a memoria, e muito mais porque os gentios, passados alguns annos, para extinguirem nesta parte a lembrança, enchêrão de terra a caverna, e logar do mesmo sepulchro, sobre o qual edificárão um templo dedicado a Venus.

O que não obstante, movida a religiosa Imperatriz por algumas suspeitas (e talvez por superior revelação) de ser aquelle o pretendido logar, applicou um grande numero de obreiros, que com incansavel diligencia, e feliz trabalho (depois de haverem demolido o referido templo) chegárão a descobrir o santo sepulchro; e continuando a diligencia, achárão junto áquella gruta tres cravos correspondentes, e o titulo, que estivera pregado na cruz do Salvador.

Foi logo facil o discorrer, que além da cruz de Christo, as duas restantes erão as dos seus socios no Calvario: tambem não houve duvida em discernir os cravos de Jesu Christo, dos que pretencião aos dois ladrões, porque estes se vião carcomidos da ferrugem, e os do Salvador estavão de todo illezos, como novos: restava conhecer qual era a cruz do Senhor, para o que não dava fundamento o mencionado titulo porque estava separado.

Á vista deste embaraço resolveo o Bispo S. Macario, que se levassem as tres cruzes a casa de uma senhora illustre que estava mortalmente enferma; o que assim feito, orou o Santo a Deos para que attendesse á fé dos circumstantes, e particularmente á da Imperatriz; e applicando logo ao corpo da enferma successivamente duas daquellas cruzes, como vio que nada obravão, applicou a terceira, e no mesmo instante, restituida a tal senhora á sua primeira saude, levantou-se do leito para render as graças ao Divino Salvador.

A este grande milagre, obrado por meio do sacrosanto lenho, Sulpicio Severo, e S. Paulino, Bispo de Nola, referem outro de um defunto, ao qual sendo-lhe applicada a mesma cruz de Jesu Christo, sem mais demora, com justo assombro dos que estavão presentes, tornou á vida, que gozou depois por muitos annos.

Então Santa Hellena, ineffavelmente consolada por haver encontrado o que tão devéras appetecia, adorou naquelle sagrado lenho ao Rei dos Ceos, que nelle consummou o sacrificio pela redempção dos homens, e orou ao Eterno Pai pelos seus mesmos inimigos; e tomando uma boa porção deste precioso thesouro para a dar ao Imperador seu filho, collocou o restante em uma caixa grande de prata, primorosamente lavrada, cuja guarda encarregou ao santo Bispo de Jerusalem.

E Constantino, que então estava occupado em fazer edificar a nova Cidade de Constantinopla, re-

cebeo com veneração summa este precioso donativo de sua mãi, e para a outra porção da cruz que a mesma Senhora deixára em Jerusalem, como tambem para outra que ella enviou para Roma, mandou Constantino edificar dois magnificos templos, assignando-lhes copiosas rendas para o seu culto. Esta festa da Invenção da Santa Cruz começou no fim do quinto seculo na Igreja latina.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Imitemos aos primeiros Fiéis, fazendo sobre nós no principio de qualquer acção o signal da cruz, mas formando-o sempre com devoção, e perfeição, e não por simples costume, ou por méra ceremonia: veneremos tambem, como é justo, qualquer minima parte deste sagrado lenho, em que o mesmo Deos feito homem satisfez á sua divina justiça a immensa divida dos nossos peccados.

E sobre tudo, recebamos sempre com a maior submissão, e respeito quaesquer cruzes, que Deos nos mande, como a pobreza, a molestia, o desprezo, ou ingratidão do proximo, e todas as outras adversidades, reputando-as como particulas da cruz de Jesu Christo, e reflectindo para isto mesmo naquelle dito de S. Paulo, que pelo meio de muitas tribulações devemos entrar no Reino de Deos.

MAIO — 4.

DE

SANTA MONICA, VIUVA,

MÃI DE SANTO AGOSTINHO.

NO SECULO IV.

Do livro das Confissões de Santo Agostinho, e de Tillemont no Tomo VIII das Memorias Ecclesiasticas.

É célebre na Igreja o nome de *Monica*, não só pelo mérito da sua santidade, senão ainda por ser duas vezes mãi do grande Doutor Santo Agostinho; mãi, segundo a natureza, porque o deo á luz do mundo, e mãi, segundo o espirito, que com os seus gemidos, e com as suas lagrimas o conduzio á vida da graça, obtendo do Ceo a sua perfeita conversão.

Ella nasceo em Tagaste, Cidade da Numidia africana, em o anno de 333, e foi educada no santo temor de Deos por uma criada antiga da casa, a qual pelo seu bom prestimo, e pela sua virtude merecia o grande amor, e confidencia dos pais de Monica; assim, pois, de uma tão boa mestra aprendeo ella desde os seus primeiros annos a servir, e amar a Deos, e reprimir as ordinarias inclinações, que são proprias da infancia.

Santo Agostinho, nas suas admiraveis Confissões, descrevendo a vida de sua santa mãi, refere, entre outras coisas, que aquella boa mulher, querendo que observasse Monica uma exacta temperança, não lhe consentia, passadas as horas de comer, nem ainda o beber agua; *porque depois* (lhe dizia) *quando fordes senhora de casa, e da vossa vontade, se conservardes o máo uso de beber, em vez de agua bebereis vinho.*

Com effeito, sem embargo destas sabias advertencias, Monica insensivelmente se foi affeiçoando ao vinho, porque hindo ella sempre em companhia de uma creada moça tirar vinho da pipa para servir na meza, começou a provallo, como por brinco, e assim pouco a pouco lhe foi nelle achando tal gosto, que já sem a menor difficuldade bebia uma porção grande.

Mas o Divino Senhor se dignou livralla deste máo costume por meio de uma censura, que lhe fez a dita criada, sua ordinaria companheira; porque travando-se ambas de razões em certo dia, a tal criada perdendo-lhe o respeito, entre outras palavras affrontosas a tratou de *bebedora*, da qual injuria ficou Monica tão penetrada, que reconhecendo o seu erro, propoz desde logo não tornar a cahir em tal defeito.

Tanto é certo (pondera Santo Agostinho) seremnos mais uteis as censuras dos inimigos, do que as adulações dos amigos! É sem duvida que a tal criada só pretendia desafogar a propria cólera, e que nisto peccava contra a caridade, e contra o respeito devido a sua senhora; porém Deos, que da malicia das gentes se serve ás vezes para bem dos seus escolhidos, fez que a censura da criada contribuisse a Monica, mediante a operação da graça, para seu proveito, e emenda sua.

Chegada Monica á idade nubil, foi collocada por seus pais em matrimonio com um cidadão de Ta-

gaste, gentio de profissão, porque ainda a Igreja universal, com os seus sagrados canones, não tinha declarado por nullos, e inválidos os matrimonios dos Christãos com os infiéis.

« Obedeceo ella (diz o santo Doutor) ao marido « que lhe foi dado, como a seu senhor, e procurou « ganhallo para Jesu Christo, fallando-lhe menos com « as palavras, que com os bons costumes, por meio « dos quaes conciliava o seu amor, e respeito: ella « supportou as suas faltas de fidelidade conjugal com « tal mansidão, e paciencia, que nunca lhe fez a me- « nor censura, esperando sempre que fazendo-se elle « Christão, recebesse com a graça do santo baptismo « o dom da castimonia, conveniente ao seu estado.

« Elle era de um genio affectuoso, mas no mes- « mo tempo fogoso, e colérico, e assim quando ella « o via transportado, em nada se lhe oppunha, e só « depois que o achava com socego, lhe fazia conhe- « cer a semrazão da sua ira. . . . e por este modo « soube Monica, não só applacar o animo do proprio « marido, senão tambem o da sua sogra, irritada con- « tra ella, por lhe dizerem falsamente algumas cria- « das, que ella manifestava a Patricio, seu filho, as « murmurações das mesmas criadas, que pretendião « metter discordia entre ella, e a nora, e por isso « lhe rogava as castigasse.

« Com effeito, depois que Patricio, para obede- « cer a sua mãi, e para manter a boa ordem na sua « familia, castigou severamente aquellas criadas, e « lhes protestou, que aquelle sería o seu premio para « o futuro cada vez que dissessem mal de sua nora; « e por este modo se emendárão todas, e vivêrão de- « pois em uma paz perfeita, e amigavel concordia.»

Por este meio, e muito mais com os seus gemidos, e orações contínuas conseguio a Santa a conversão de Patricio seu marido, o qual no fim da vida se fez Christão, e com a graça do baptismo se fez tambem casto, com o que sua consorte não teve depois occasião de lamentar nelle aquellas desordens, que com tanta paciencia lhe soffrêra quando elle era infiel; porém viveo pouco depois da sua conversão, morrendo no anno de 371, havendo abraçado a Fé Christã no anno antecedente.

Ficando, pois, Santa Monica viuva, applicou-se com maior cuidado ao exercicio das virtudes: assistia quotidianamente ao santo sacrificio da missa, ouvia a palavra de Deos, e voltava sempre de tarde á Igreja para fazer a sua oração, levando no mesmo tempo uma porção de pão, e vinho (segundo o costume da Africa) em honra dos Santos Martyres, para se distribuir depois pelos pobres.

E bem se deo a ver quanto era puro, e sincero o espirito de Santa Monica nestes actos de religião, quando em certo dia, achando-se ella em Milão, e levando, segundo o seu costume, aquellas offertas em memoria dos Santos Martyres, o porteiro a impedio, dizendo, que o Bispo Ambrosio prohibia aquellas oblações; e a Santa sem mais demora, e sem a menor disputa, suspendeo a diligencia, e desapprovou o seu costume, como quem só procurava honrar a Deos nos seus Santos, e não o satisfazer a sua propria vontade.

E desta sua docilidade de espirito deo ella outra prova, quando achando-se ainda na mesma Cidade de Milão, aonde se não jejuava nos sabbados, ao contrario do que se praticava em Tagaste, e em Roma, mandou perguntar a Santo Ambrosio, como devia regular-se? E o santo Bispo lhe respondeo: *Quando eu estou em Milão, não jejuo no sabbado, e jejuo quando estou em Roma; fazei, pois, o mesmo, segundo o costume das Igrejas aonde vos achardes.* O que assim fez a Santa.

Além destes actos de virtude, que o mesmo Santo Agostinho refere na vida da sua veneravel mãi, ella soccorria os pobres com frequentes esmolas, praticava todas as obras de misericordia, e perdoava deveras todas as injurias, para conseguir o perdão dos seus peccados, de maneira que todos os servos de Deos, que a conhecião, honravão, e louvavão nella a Deos, reconhecendo, pelas suas virtuosas obras, que o seu coração era um vivo templo do Espirito Santo.

Ella não admittio segundo matrimonio, conformando-se ao conselho de S. Paulo: ella foi sempre cheia de respeito, e de attenção para com seus pais: governou a sua familia com muita piedade, e educou os seus filhos com o maior cuidado, e diligencia, parindo-os outras tantas vezes, quantas os via apartar-se de Deos; e a maior prova disto mesmo foi o que ella usou com seu filho Agostinho.

Logo que elle nasceo o fez alistar em o numero dos catechumenos, e sobrevindo-lhe depois um mal de peito, que o pôz em perigo de morte, tomou a resolução de o fazer baptizar, o que todavia não executou, porque restituido elle á sua primeira saude, temeo que depois nos annos de mancebo profanasse a graça do santo baptismo, seguindo nesta parte o exemplo daquelles que então demoravão a recepção deste mesmo sacramento para a idade adulta,

Entretanto a pia mãi fazia-lhe soar aos ouvidos saudaveis advertencias, instruindo-o sobre as verdades da religião, para que temesse a Deos, e aborrecesse toda a culpa, principalmente a da impureza; mas sem embargo destes seus cuidados, e virtuosas diligencias, acompanhadas dos seus santos exemplos, permittio Deos (para maior exercicio da virtude desta sua serva) que as suas palavras não produzissem o desejado fructo no coração de Agostinho, o qual não só se deixou vencer dos prazeres sensuaes, senão que tambem cahio na heresia dos maniqueos.

Sabendo, pois, Santa Monica esta funesta ruina de seu filho, sentio maior dôr, e o lamentou mais amargamente do que as outras mãis, quando a morte lhes rouba os seus filhos, porque ella com os olhos da Fé o considerava morto na presença de Deos; e para dar-lhe a conhecer quanto ella abominava aquella

ímpia heresia, apesar da extrema ternura com que o amava, não o quiz admittir mais á sua meza.

Porém Deos no meio destas suas penas se dignou de a consolar com a esperança de que Agostinho se emendaria do seu erro; o que fez por meio de uma visão, que a Santa teve dormindo, na qual se lhe figurou, que estando ella sobre uma viga, lhe apparecêra um mancebo cercado de luzes, e com rosto alegre lhe perguntára, porque chorava tanto, e estava tão triste? E respondendo ella, que chorava a ruina, e perda espiritual de seu filho, lhe replicára aquelle mancebo, que suspendesse o pranto, e vivesse na certeza de que seu filho vindo já emendado, lhe faria fiel companhia, e com effeito, divisou logo a imagem de Agostinho na mesma viga, em que ella estava.

Animada, pois, com esta visão, permittio logo que seu filho viesse, como d'antes, para a sua meza; se bem que, não obstante uma tal segurança, ella continuou sempre em gemer na presença de Deos, estimulando-a mais esta esperança para instar com o mesmo Senhor pela execução da sua promessa; e além disto, se aproveitava tambem de todos os outros meios, que julgava serem conducentes para a conversão de seu filho; de maneira que encontrando a qualquer, que lhe parecesse idoneo para o desenganar do seu erro, lhe rogava instantemente, que entrasse com elle em discurso, para lhe fazer conhecer a verdade.

Um dia, pois, em que ella supplicava a um santo Bispo a este respeito, elle com muita prudencia lhe respondeo, que não era ainda tempo, que continuasse ella em orar a Deos pela sua conversão, porque elle por si mesmo, lendo mais attentamente os livros dos maniqueos, conheceria logo o seu erro, e quão grande era a sua impiedade; porém não se dando por satisfeita Santa Monica com esta resposta, antes com muitas lagrimas repetindo ella a sua instancia, para que se dignasse de procurar a Agostinho, e discorrer com elle, lhe disse o santo Bispo: *Ide em boa paz, e levai a certeza de que um filho de tantas lagrimas não pode ter máo fim.*

Ouvio a Santa esta conclusão do servo de Deos, como se fosse um oraculo vindo do Ceo, mas primeiro que chegasse o feliz momento da divina misericordia para a conversão de Agostinho, teve Santa Monica de padecer muitas afflicções, uma das quaes foi quando elle, na idade de vinte e nove annos, quiz hir ensinar rhetorica na côrte de Roma, procurou a Santa com muitas razões dissuadillo desta viagem, e elle entretendo-a com falsas promessas, embarcou-se, e partio, como intentava.

O que sabido por Santa Monica, ficou amargamente resentida, e com violentos gemidos queixava-se ao Céo deste engano de seu filho. *Porém Deos* (diz Santo Agostinho) *não attendeo aos seus prantos, querendo que aquella sua grande afflicção fosse um justo castigo da excessiva, e humana ternura que ella tinha para com o filho*, ao qual desejava ter sempre á vista, por não saber quão grande bem tiraria o Senhor daquella viagem.

Ella, pois, não tendo animo para estar separada de seu filho, fechou os olhos a todos os incommodos, e perigos, e partio no seu alcance por mar, e por terra até que o achou em Milão, para onde fora ensinar rhetorica no anno de 384. Ella nesta viagem se vio em perigo de naufragar por causa de uma grande tempestade; mas era tanta a sua confiança em Deos, que ella mesma animava aos marinheiros, dando-lhes a certeza de chegarem a salvamento, porque assim lh'o promettêra Deos em uma visão.

Chegando, pois, a Milão, e achando que Agostinho, pelas instrucções de Santo Ambrosio, renunciára os erros dos maniqueos, (supposto que ainda não estava resoluto a receber a Fé Catholica) grandemente se alegrou, vendo que já Deos fizera uma boa parte do que ella com tantas lagrimas lhe pedíra; e como estava segura de que o mesmo Senhor, segundo as suas promessas, não deixaria de completar a obra começada, disse francamente a seu filho, que ella tinha por certo, que Jesu Christo lhe faria a graça de o vêr bom Catholico antes de sahir deste mundo.

Para cujo effeito duplicava ella as suas lagrimas, e as suas orações, sendo a primeira que se achava na Igreja, principalmente quando prégava Santo Ambrosio, a quem amava, e respeitava, como se elle fosse um Anjo do Ceo, por saber que elle reduzíra o seu filho ao estado, em que se achava, do qual esperava, e tinha como sem dúvida, que passaria ao da Fé verdadeira.

Desejava ella entretanto, que tomasse Agostinho o estado do matrimonio antes de receber o baptismo, para ficar mais remoto de cahir em alguma desordem depois do santo sacramento; e por este motivo procurava concluir uma alliança, que se lhe propunha, supposto que a sua execução se devia demorar dois annos, que tantos faltavão ainda para a legitima idade da futura noiva.

Entretanto rogava a Santa a Deos, que lhe insinuasse por algum modo, se sería o tal matrimonio do seu agrado; e supposto que ella teve por sonhos algumas imagens a este respeito, conheceo comtudo serem só umas meras phantasias, provenientes do seu contínuo cuidado sobre este negocio, distinguindo muito bem a differença que havia entre os meros sonhos, e as revelações verdadeiras, trazendo estas, e não aquelles uma doce evidencia, que se não pode exprimir com palavras, mas que não deixa logar á minima duvida.

Chegado, pois, o feliz momento, em que Deos, depois de tantas lagrimas, e suspiros, quiz consolar a esta sua serva, Agostinho, no mez de agosto do anno 386, ouvio aquella voz do Céo, que rompeo todos os laços que o tinhão prêso ao mundo, e ás

suas paixões, como diremos mais largamente tratando da sua vida no dia 28 de agosto.

Informada então a Santa deste glorioso successo, não é facil de comprehender quanta foi a sua consolação: *ella se alegrou, exultou, triunfou*, diz Santo Agostinho, e não podia saciar-se de louvar, e agradecer a infinita misericordia do Senhor, reconhecendo haver recebido muito mais do que lhe supplicára, porque o seu filho, não só se convertêra á Fé Catholica, mas tambem renunciára o matrimonio, e todas as esperanças do seculo; e assim todos os prantos de Santa Monica se mudárão em um prazer muito maior do que ella podia desejar.

Logo que Santo Agostinho recebeo o baptismo, para ficar em maior socego, retirou-se com uns seus amigos para uma casa de campo, aonde Santa Monica os servia com tanto amor, como se todos fossem seus filhos, e os tratava com tanto respeito, como se cada um fosse seu pai; e resolvendo-se depois a voltar para Africa, partírão com effeito, até o porto de Ostia, que é a foz do Tibre, aonde logo adoeceo Santa Monica.

Poucos dias antes havia ella feito com Santo Agostinho um sublime discurso sobre a eterna felicidade que gozão os Santos, á qual aspirava o seu coração inflammado no amor de Deos, e no mesmo tempo (como diz Santo Agostinho) arrebatados em Deos os seus espiritos, gostárão como de passagem, um pouco daquella doçura celeste, que era o assumpto do seu discurso; e olhando logo para este mundo, como digno do maior desprezo, Santa Monica disse:

«Quanto a mim, filho meu, nada ha nesta ter-«ra, que me possa agradar, nem eu sei porque mais «nos demoramos, não havendo já que esperarmos; «a unica coisa, que me fazia ter algum desejo de «viver, era ver-te Christão, e Catholico, antes de «expirar; e como Deos me concedeo ainda mais, «pois te vejo seu verdadeiro servo no desprêzo que «fazes de todas as felicidades terrenas, para que es-«tou eu mais neste mundo?»

Passados cinco dias depois deste discurso, foi Santa Monica investida de uma vehemente febre, em cujo tempo teve um deliquio tão grande, que perdeo todo o uso dos sentidos; e tornando depois a si, disse para seus filhos Agostinho, e Navigio: *Aonde estava eu?* E vendo que elles estavão attonitos, e tristes, accrescentou, dizendo-lhes: *Sepultareis aqui a vossa mãi.*

Santo Agostinho callava, sustendo as lagrimas quanto mais podia; porém Navigio disse uma palavra, mostrando que não gostava de que sua mãi morresse em paiz estranho; e Santa Monica, que o ouvio, com uma vista severa o reprehendeo; e voltando o discurso para os dois filhos, continuou dizendo: *Sepultai este corpo aonde vos parecer, sem terdes por isso algum desgosto; o que eu de vós quero, e vos recommendo, é que vos lembreis de mim no altar do Senhor.* Dito isto, callou-se, e aggravando-se-lhe o mal, ella padecia grandes dores, mas com admiravel paz, e resignação.

«Eu então (diz Santo Agostinho) considerava «entre mim mesmo, ó Deos invisivel, os dons que «vós infundís nos corações dos que vos são fiéis, «donde nascem depois tão admiraveis fructos, e me «alegrava, e vos dava graças, recordando-me da «ancia, com que minha mãi pensava antes no «seu tumulo, que ella tinha preparado junto ao de «seu marido; porque tendo vivido ambos com gran-«de paz, e união, desejava tambem que as suas cin-«zas não estivessem depois da morte separadas...

«Por isso eu fiquei admirado quando ella de-«pois me disse: *Que faço eu neste mundo?* mos-«trando que já não cuidava de morrer na patria; «e assim o entendi depois, quando fallando ella con-«fidencialmente com alguns amigos meus sobre o des-«prêzo desta vida, e felicidade da morte, e perguntan-«do-lhe os mesmos, se ella temia ser sepultada tão lon-«ge do seu paiz?» respondeo-lhes: *Nenhuma coisa está longe de Deos, nem ha que temer de que elle para resuscitar-me no dia do juizo não saiba o logar aonde estarei.*

Assim, pois, Santa Monica, no dia nono da sua enfermidade, rendeo a sua ditosa alma a Deos, estando na idade de cincoenta e seis annos. Santo Agostinho lhe fechou os olhos, e com ter o coração penetrado da dor, todavia reteve o pranto, e procurou impedir o de seu filho Adeodato, por lhe parecer que não convinha acompanhar com lagrimas, e gemidos a morte de sua mãi, que elle julgava sempre viva na melhor parte de si mesma, isto é, na alma, passada aos gozos da eterna bemaventurança, de que lhe davão certeza a sinceridade da sua fé, e a santidade da sua vida.

Divulgada a noticia desta morte, concorrêrão logo muitos Fiéis, com algumas pias matronas, e tomando por sua conta o funeral, fizerão transportar o cadaver para a Igreja, aonde posto em terra junto á sepultura, (segundo o costume daquelle logar) se offereceo logo por sua tenção o santo sacrificio da missa. Santo Agostinho, sem chorar, esteve presente a toda a função; porém depois que se vio só, e se lhe avivou mais a lembrança de sua mãi, tão religiosa para com Deos, e para com elle seu filho por tantos motivos amavel, soltou o curso ás lagrimas, persuadindo-se, de que ninguem lhe devia censurar o lamentar por um quarto de hora a sua propria mãi, morta diante dos seus olhos, e que por elle chorára tantos annos, para o fazer viver na presença de Deos.

O corpo de Santa Monica no anno de 1430, sendo Pontifice Martinho V, foi transportado de Ostia para Roma, e collocado na Igreja dos Padres Augustinianos, e o mesmo Summo Pontifice compoz a historia desta trasladação, e das muitas curas milagrosas, obradas pela intercessão desta gloriosa Santa.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

As mulheres casadas, e as viuvas devem tomar por modêlo a Santa Monica; as casadas, para bem se portarem com seus maridos, aos quaes irritão muitas vezes com suas indiscretas, e importunas queixas, quando podião ganhallos com a doçura, e paciencia; e as viuvas, *para se occuparem nos exercicios proprios do seu estado, no retiro, e mortificação, em que se devem conservar; e umas, e outras para aprenderem o modo de se portarem com as sogras em boa paz, e concordia, e para o bom cuidado que devem ter na educação de seus filhos, de que depende depois a sua propria santificação.*

E se acontecer, que os mesmos filhos, apesar de todas as suas diligencias, cheguem a perverter-se, imitem o exemplo de Santa Monica em os corrigir, e admoestar docemente, sem transportes de impaciencia, e de ira, e sobre tudo, em orar por elles a Deos, que é Senhor dos corações, e os pode conduzir ao bem, como praticou com Santo Agostinho, depois de dezesete annos de lagrimas de sua mãi, com tanta honra, e utilidade da Santa Igreja.

MAIO — 5.

DE

S. PIO QUINTO, PAPA.

NO SECULO XVI.

Jeronymo Catena, e João Antonio Gabuzio, authores contemporaneos, escrevêrão a vida deste santo Pontifice, e ambas estas vidas se achão na obra dos Bollandistas no Tomo I, do mez de maio.

S. Pio (que no baptismo se chamou *Miguel*) nasceo em 17 de janeiro do anno 1504 no logar de Boscho, proximo a Alexandria da palha, no Bispado de Tortona; e seus pais, (que erão Paulo Ghisleri, e Donina Angeri) como pessoas de muita virtude, ainda que pobres dos bens do mundo, educárão este seu filho na piedade, e devoção, principalmente para com a Santissima Virgem.

Logo que chegou Pio aos quinze annos da sua idade, entrou na Religião de S. Domingos, aonde á innocencia que levou, unio a penitencia, e austeridade da regra, que sempre observou com a maior diligencia, e exactidão. Concluidos com muito aproveitamento os seus estudos em Bolonha, foi destinado para ensinar primeiro a philosophia, e depois a theologia, e logo a cuidar dos noviços da sua ordem, aos quaes instruia na piedade religiosa, mais com o seu exemplo, que com as palavras.

Eleito depois em Prior de varios conventos, fez reflorecer nelles a observancia regular, e o exercicio das virtudes Evangelicas: precedia sempre a todos na frequencia da oração, no retiro, no silencio, no amor da pobreza, na mortificação, e na sincera humildade, de tal sorte, que parecia haver resuscitado nelle o espirito do Patriarcha S. Domingos, e dos outros antigos mestres da perfeição; e sobre tudo se fazia admiravel pelo zêlo ardente da Fé contra as heresias, que o demonio tinha suscitado naquelles tempos contra a Igreja.

Este seu zêlo pela Religião Catholica, deu motivo para o elegerem inquisidor da Fé na Cidade de Cómo, e outras terras do Milanez, cujo ministerio exercitou com singular prudencia, e invicta fortaleza, de modo que varias vezes esteve exposto ás traições dos hereges, e ainda a risco de perder a vida, se bem que o maior fructo das suas prédicas, e das suas fadigas appareceo principalmente na Valtelhina, e na Contéa Chiavena, aonde, pela visinhança dos esvizaros, tinha penetrado o contagio da heresia, porque assistido da divina graça, fez alli muitas conversões, e estabeleceo naquelles póvos a pura profissão da Religião Catholica.

Chegando, pois, a Roma a fama da virtude do Santo, e da sua doutrina, acompanhada do seu grande zêlo em confutar as heresias, foi alli chamado no anno de 1551, e estabelecido commissario da geral inquisição; e quatro annos depois, apesar da sua repugnancia, o Summo Pontifice Paulo IV, o fez Bispo de Sutri, e Nepi, duas Cidades pouco distantes de Roma; e ultimamente, no anno de 1557, o mesmo Pontifice o exaltou ao gráo de Cardeal da Santa Igreja com o nome de *Cardeal Alexandrino*, pela visinhança que tinha a dita Cidade de Alexandria, com o logar do seu nascimento.

Nesta sublime dignidade resplandeceo muito mais a virtude, e doutrina do Santo no manejo dos negocios mais graves da Religião, e no importante emprego de inquisidor geral, que executou com summa prudencia, e inteireza, não só no Pontificado de Paulo IV, mas tambem no de Pio IV, seu succes-

sor, o qual o transferio do Bispado de Sutri para o da Cidade de Mondoví, no Piemonte, em o anno de 1560.

Achava-se então esta Igreja em um estado deploravel, assim pela negligencia de alguns Bispos seus antecessores, como pelas desordens da guerra, que os hereges alli excitárão. Informado, pois, o Santo a este respeito, partio logo de Roma, para dar a tanto mal algum remedio, e com effeito, fazendo a visita de todo o Bispado, com grandes trabalhos, e fadigas suas, estabeleceo alli a pureza da Fé, a disciplina do clero, e a boa ordem de costumes em todo o genero de pessoas.

Depois, no anno de 1563, o chamárão a Roma os negocios da Igreja universal, e os do seu cargo de inquisidor; e quiz tambem o Papa Pio IV, que elle assistisse á congregação dos Cardeaes, destinada para examinar as materias que se tratavão no concilio da Cidade de Trento, especialmente sobre a reforma, e disciplina.

Nesta occasião, pois, e em todas as outras, em que o Santo devia dar o seu parecer, fallou sempre com liberdade apostolica, sem attender, nem sujeitar-se a algum respeito humano, segundo julgava conveniente á justiça, á verdade, e ao bem da Igreja; e dizendo-se-lhe uma vez, que aquella sua liberdade, e inflexibilidade firme, sobre o fazer odioso, o expunha ao perigo de alguma desgraça, elle respondeo francamente, que mais queria recolher-se á sua cella a praticar uma vida de simples religioso, do que deixar de dizer, e obrar segundo as regras da verdade, e da justiça.

Eleito o Santo em Summo Pontifice, com o nome de Pio V, no dia 7 de janeiro de 1566, (para cuja eleição concorreo muito o Cardeal S. Carlos Borromeo, sobrinho do seu antecessor, um mez antes fallecido) o seu primeiro pensamento foi escolher optimos ministros, que o ajudassem a sustentar o gravissimo pêzo a elle imposto.

Regulou depois a sua familia, de modo que podesse servir de exemplo a toda a côrte de Roma na modestia, e na piedade, cuja prática estava então como extincta na maior parte dos seus moradores: recommendou tambem aos Cardeaes, e Prelados alli assistentes a mesma reforma, quanto a elles mesmos, e ás suas familias; e elle, na sua pessoa, foi continuando a mesma austeridade de vida, que observára sempre nos annos de religioso, e de Cardeal.

Elle debaixo dos habitos pontificaes trazia um vestido de panno grosseiro, e um aspero cilicio junto ao corpo: comia só peixe, e em pouca quantidade, e de modo ordinario não bebia vinho: tomava um breve somno em um pobre leito sobre a palha, em uma pequena camera despida de todo o ornato, donde se levantava muito cedo para as suas longas orações; em summa, elle no meio das occupações contínuas do pontificado conservava o espirito de retiro, e de união com Deos, e uma profunda humildade entre as honras, e applausos que se davão não menos á sua sublime dignidade, que á sua notoria virtude.

Emprehendeo depois com grande valor, e zêlo intrépido a reforma do clero, querendo que se désse plena execução ás leis do Concilio de Trento proximamente concluido: cuidava muito em prover as Igrejas de Ecclesiasticos pios, e doutos, e em dispensar os cargos a pessoas benemeritas, sem attender a empenhos em favor dos incapazes; e procurava que se administrasse a todos com rectidão a justiça, e que as viuvas, os orfãos, e os pobres fossem soccorridos nas suas angustias, e indigencias.

Daqui passou a remediar as desordens, e a tirar os escandalos, que se tinhão introduzido no povo: prohibio para este effeito o luxo, e os espectaculos improprios, e indecentes: separou as mulheres publicas para o bairro mais vil, e remoto da Cidade, afim de ser mais difficil, e vergonhoso o accesso a ellas, muitas das quaes, mediante a sua exhortação, e liberalidade se convertêrão á penitencia. Procurava diligentemente, que se désse alimento, instrucção, e commodo ás meninas pobres, para que a necessidade não as precipitasse depois no vicio; em summa, a Cidade de Roma no seu Pontificado mudou de face com uma quasi universal reforma de costumes, e consequente edificação do Christianismo.

Applicou-se tambem o Santo Pontifice a estabelecer na sua pureza, e no seu decóro o culto Divino, e a celebração dos ecclesiasticos officios com a reforma do breviario, e missal romano, e a instruir com sólida doutrina todo o povo Christão, com a publicação do Romano Cathecismo: proveo á segurança da pureza das sagradas virgens, ordenando a clausura dos seus mosteiros: fez regulamentos cheios de luz, e sabedoria para a boa disciplina das ordens regulares, e até para o estado das ordens militares; e abolio, e supprimio a religião dos humilhados, pela nimia relaxação, que havião contrahido na observancia regular, um dos quaes, com enorme excesso, attentou contra a vida de S. Carlos Borromeo, como fica dito no seu dia.

A Igreja naquelle tempo estava afflicta, e perturbada com as heresias, que inundavão a França, Hollanda, Alemanha, Polonia, Inglaterra, e paiz dos esvizaros, com tal arrogancia, que ameaçavão reduzir a nada naquellas partes o nome Catholico: occorreo então S. Pio com infatigavel zêlo ao espiritual perigo de tantos póvos, expedindo legados de excellente doutrina, e probidade; enviando soccorros abundantes de tropas, e dinheiros em auxilio dos Catholicos, e escrevendo cartas apostolicas, cheias de celeste unção, e efficacia evangelica aos Principes, e Soberanos, excitando-os a expurgar os seus estados da heresia, e a proteger a Religião Catholica.

E não forão inuteis os seus paternaes cuida-

dos, porque ou suspendeo o curso da triunfante heresia, (como succedeo em Alemanha, impedindo a recepção da confissão lutherana de Augusta, e fazendo restituir ás suas Igrejas muitos pastores expulsos hereges) ou enfraqueceo a soberba, e a temeridade daquelles pérfidos, (como succedeo em França contra os hugonotes, em Flandres contra os calvinistas) ou, finalmente, obteve por então que fossem expulsos, e não mais tolerados, como aconteceo em Polonia, e em alguns cantões dos esvizaros.

O mesmo feliz successo terião talvez as coisas na Grã Bertanha, se fossem bem fecundadas as pias intenções do Santo Pontifice; mas ao menos teve a consolação de não faltar da sua parte com prestar todo o possivel soccorro aos Catholicos opprimidos, e perseguidos naquelles Reinos pela furiosa Rainha Isabel.

A mesma vigilancia exercitou S. Pio para com outras provincias da Christandade, aonde não entrára a heresia, reformando com sabias providencias diversos abusos, e desordens, que se tinhão introduzido nas Hespanhas, em Napoles, e outros Paizes sujeitos ao Rei Catholico; e além disto, procurou os meios mais efficazes para dilatar a Fé de Jesu Christo nas Indias, na America, no Japão, e nas partes mais remotas do Novo Mundo, enviando para este effeito muitos zelosos missionarios, e escrevendo aos Reis de Hespanha, e Portugal, afim de promoverem com toda a sua diligencia o augmento da Religião naquellas vastas regiões, que elles com suas armas havião sujeitado ao seu dominio; e com effeito aquelles piissimos soberanos felicitárão as instancias do santo Pontifice.

A tantos, e tão laboriosos disvélos, que de todas as partes do Christianismo excitavão o zêlo de S. Pio, accresceo outro cuidado nada menos importante, qual foi o preservar a Italia das armas victoriosas dos turcos. Assistio o Santo desde o principio do seu Pontificado com poderosos soccorros á Ilha de Malta, sitiada por Solimão dos turcos, e defendida com muita gloria pelos cavalleiros daquella religião militar.

Porém Selimo, filho e successor de Solimão, rompendo a paz com os venezianos, em o anno de 1570, sitiou a Ilha de Chipre, e havendo-a tomado, depois de um porfiado assedio, e furiosos combates, ameaçava de invadir as outras Ilhas, pertencentes á republica de Veneza, e ainda extender as suas conquistas até á mesma côrte de Roma.

Em tão formidavel perigo recorreo S. Pio aos Principes Christãos, e particularmente aos Reis de Hespanha, e Portugal, para obter validos soccorros contra o inimigo commum do nome Christão; e formando com immensas fadigas, e grossas despezas uma poderosa armada naval, composta das náos, e galéras pontificias, e das corôas de Portugal, e Hespanha, com as da republica de Veneza, procurou que fosse General Commandante o famoso D. João de Austria.

E ponderando ao mesmo tempo, que o exito feliz das batalhas depende sempre do grande Deos dos exercitos, intimou orações publicas para implorar o divino soccorro; e elle, sobre todos, como outro Moysés no monte, não cessava de levantar continuamente as mãos ao Ceo, de macerar-se com jejuns, e austeridades, e de recorrer com grande confiança ao poderoso patrocinio da Santissima Virgem.

E não forão frustradas as suas orações, e diligencias, porque dada a batalha, em o dia 7 de outubro do anno 1571, no mar de Lepanto, as armas Christãs confederadas conseguírão uma gloriosa, e completa victoria sobre os turcos, que alli perdêrão os principaes commandantes da sua armada, com o seu General Ali Baxá, e trezentas náos, e galeras, em que perecêrão mais de trinta mil homens, e se resgatárão quasi quinze mil escravos Christãos.

Desta gloriosa victoria teve S. Pio revelação na mesma hora do combate, e reconhecendo-a, depois de Deos, pela protecção de Maria Santissima, ordenou que nas suas Ladainhas se accrescentassem as palavras *Auxilium Christianorum* . . . e que todos os annos se renovasse a memoria deste singular beneficio no mesmo dia 7 de outubro, em honra da Santissima Virgem, com o titulo de *Santa Maria da Victoria*.

Meditava ainda o santo Pontifice em animar novamente os Principes confederados a proseguir a guerra para abater de todo a soberba ottomana, grandemente enfraquecida pela referida perda, porém as dôres do mal da pedra, que já de annos padecia, se lhe augmentárão de modo no principio do anno seguinte, 1572, que foi obrigado a hir á cama, e cuidar só na sua viagem para a celeste patria.

Supportou o Santo com invicta paciencia a dolorosissima enfermidade, repetindo muitas vezes ao Senhor esta oração: *Senhor, augmentai as dôres, mas augmentai a paciencia*, até que no dia primeiro de maio do referido anno (de que teve antecedente revelação) repousou nas mãos do mesmo Senhor, tendo de idade 68 annos com tres mezes e meio, e havendo governado santamente a Igreja pelo espaço de seis annos, tres mezes, e vinte e quatro dias.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Pensão muitos, que nós não vivemos no seculo dos Santos, como se a mão que os produz, e os fórma estivesse cansada, e enfraquecida. A Santidade não é rara, senão porque ha poucos que desejem ser Santos: o glorioso S. Pio vivia no seculo de Luthero, Calvino, Zuinglio, naquelles tempos infelices, em que a heresia, reforçada pela corrupção dos costumes, se derramava como uma impetuosa torrente, inundando uma grande parte da terra.

Desculpão-se muitos com os embaraços dos seus negocios, e com as difficuldades, que encontrão no estado, em que se achão; porém S. Pio, com ter a

seu cargo os cuidados de toda a Igreja, punha sempre em primeiro logar o grande negocio da sua salvação: elle, Bispo, Cardeal, e Papa, conservou sempre o mesmo espirito religioso, com que chegou a ser Santo; e nós, com o soccorro da graça podemos tambem conseguir a mesma felicidade, se em qualquer dos nossos estados nos portarmos, como Christãos fervorosos.

MAIO — 6.

DE

S. JOÃO, ANTE PORTAM LATINAM.

NO SECULO I.

De Tertulliano, de S. Jeronymo, e de Tillemont no Tomo I, da sua Historia Ecclesiastica.

A Santa Igreja, querendo honrar a memoria do que padeceo o Evangelista S. João por Jesu Christo, em Roma, defronte de uma das suas portas que então tinha o nome de *Latina*, destinou este dia como para a festa do seu martyrio.

Discorrendo o Salvador do mundo com seus Apostolos sobre o que tinha de padecer em Jerusalem até consummar o seu sacrificio, lhes declarou as ignominias da sua Paixão, com todas as suas circumstancias, dizendo-lhes desta maneira:

« Bem vêdes que vamos a Jerusalem, aonde o « Filho do Homem será vendido, e posto em poder « dos principaes do povo, doutores, magistrados, e « principes dos sacerdotes, que o entregarão aos gen- « tios, e alli será exposto ao ludibrio de uma plebe « insolente, que lhe cuspirá no rosto, e o açoutará « cruelmente, e por fim será condemnado a morrer « sobre uma cruz; porém esta morte será logo se- « guida de uma Resurreição gloriosa. »

Todo este discurso era para os Apostolos um enigma, de que nada penetravão, por não saberem concordar tantas ignominias, e tormentos com tanta dignidade, e grandeza, que reconhecião na pessoa do seu Divino Mestre; e a causa da sua ignorancia era a difficuldade que ordinariamente acha a natureza em conceber, e estimar as coisas, a que ella tem aversão.

Como os discipulos do Salvador ainda não havião aprendido a ter amor ás cruzes, estimavão só as honras, com que excedessem aos outros; e por isso os dois filhos de Zebedeo, Jacobo e João, se dirigírão a sua mãi, para que lhes alcançasse de Jesu Christo alguma distincção no seu Reino; e logo aquella mulher, instruida por seus filhos, se apresentou com elles ao Senhor, adorou-o com respeito, e pedio licença para lhe fazer uma supplica.

E concedendo-lh'a o Salvador, segundo a sua bondade ordinaria, lhe disse a mulher com muita confiança, e ingenuidade: Senhor, vós que tendes particular amor a estes meus dois filhos, collocai-os aos vossos dois lados, quando estiverdes no vosso Reino. Ouvindo isto Jesus, não quiz responder á mãi, que só fallava por boca de seus filhos; voltando-se, pois, para os dois irmãos, sem lhes censurar a sua pequena ambição, contentou-se com lhes fazer ver a sua grosseira ignorancia.

Vós não sabeis (lhes disse) o que supplicais, por ignorardes ainda o que é ser grande no meu Reino, quaes são alli os primeiros logares, e quaes os degráos, por onde se sóbe áquella eminencia. As humilhações, as adversidades, e os tormentos são os caminhos que alli conduzem: podeis vós beber o calis amargoso, que eu beberei primeiro, e baptizarvos no vosso sangue, como eu serei no meu?

Com serem ainda tão imperfeitos os dois Apostolos, como se vê da sua supplica, comtudo, o grande amor que elles tinhão ao Divino Mestre lhes deo animo para lhe responderem logo, que elles estavão promptos para padecer tudo á sua imitação, e pelo seu serviço, e que na prova se veria, quanto erão capazes de soffrer por seu amor.

Agradou tanto esta resposta ao Divino Salvador, que logo lhes prometteo a corôa, destinada para os que participão das suas penas, dizendo-lhes: Sim, meus amados discipulos, vós bebereis o meu calis, e sereis como eu, baptizados; e quanto aos dois logares que pretendeis, eu só, como homem, não os posso dar, porque só por ordem de meu pai, os assigno a cada um, mas sem attender ao parentesco, nem ao favor, nem a outra humana consideração.

Póde-se, pois, dizer, que em S. João Evangelista se verificou sem larga demora a promessa feita por seu amado mestre, de beber o seu calis, como logo bebeo, sentindo o seu coração uma grande parte da amargura dos tormentos do seu amante Salvador, a quem acompanhou fielmente até o ultimo ponto da sua vida, e da sua sepultura.

Porém devendo-se cumprir mais á lettra para

com S. João a promessa do Divino Salvador, não bastava a este seu amado discipulo o padecer interiormente o martyrio do coração, como testemunha occular dos tormentos, e da morte do Redemptor, era tambem preciso que depois de receber o Espirito Santo, participasse ainda do seu calis, padecendo logo a prisão, os açoutes, e os opprobrios com S. Pedro, na perseguição que os judeos fizerão aos Apostolos, depois da morte de Santo Estevão, que forão como preludios do que tinhão de soffrer depois por ordem dos Principes pagãos.

O Imperador Domiciano, succedendo no throno a Tito, seu irmão, no anno de Jesu Christo 81, foi o segundo dos Imperadores romanos que empregárão o seu poder para destruir o Reino de Jesu Christo, e extinguir o nome Christão, e foi mais cruel na perseguição que fez aos Fiéis, do que ainda o mesmo Nero. Desterrado, pois, S. João para a Cidade de Efeso, donde governava as Igrejas da Asia, que havia fundado, passado algum tempo, foi mandado vir a Roma, aonde carregado de cadeias, e mettido em um tenebroso carcere, estava cheio do maior jubilo, considerando-se já proximo a dar o sangue, e a vida por seu amavel, e adoravel mestre.

Informado então o Imperador das qualidades pessoaes deste heroe Christão, mandou que viesse á sua presença; e apparecendo elle diante do tyranno com aquella magestosa modestia, e com aquelle ar de doçura, e santidade, que sempre se admirou neste Apostolo, e que os seus muitos annos fazião ainda mais respeitavel, o Imperador ficou um pouco suspenso á vista de um varão tão digno de respeito.

Perguntando-lhe, pois, qual era a sua religião? as respostas que lhe deo fizerão admirar a sua intrepidez, e grandeza d'alma. Disse-lhe então o Imperador: É preciso que renuncies uma Religião, cuja moral é inimiga dos prazeres dos sentidos, e cujo dogma é incomprehensivel, e consequentemente que passes para a nossa, aonde acabarás os teus dias com feliz socego.

A esta proposição tremeo de horror o santo Apostolo, e tão cheio de uma santa indignação, como animado por aquelle zêlo generoso, que o seu amor terno para com Jesu Christo fazia sempre mais vivo, e mais ardente, lhe respondeo logo: Não creias, ó Imperador, que me intimidas com as tuas ameaças, ou me attrahes com as tuas promessas: não ha mais do que um Deos, a quem adoro, e sirvo, e a minha maior felicidade, pela qual suspirei sempre, será derramar por elle o meu sangue.

Este nobre valor, e generosa firmeza em um velho tão veneravel deixou attonito ao Imperador; porém a sua crueldade avocando-o logo daquelle assombro, ordenou que o Santo, sem mais demora fosse lançado em uma tina de azeite fervendo, para acabar alli a vida, nomeando para logar deste supplicio uma grande praça, defronte da porta chamada *Latina*, que dava sahida para as terras do *Latium*, (que agora se denominão *Campanha de Roma*) aonde enchendo de azeite uma espaçosa caldeira, a pozerão sobre um grande fogo.

E despindo logo ao santo Apostolo na presença do Senado, e de muita parte do povo, que concorreo para aquelle espectaculo, o açoutárão cruelmente, segundo as leis romanas, que anticipavão este supplicio aos que erão condemnados á morte; e depois de o haverem dilacerado por todo o corpo, o arrojárão na mencionada caldeira.

Porém o Senhor, (que só lhe queria dar a gloria do martyrio, sem deixar aos homens o poder para lhe tirarem a vida, de que tanto necessitava a Igreja) o Senhor, digo, renovou em favor seu o milagre dos tres mancebos de Babylonia, fazendo que o ardor do azeite fosse para o santo Apostolo um medicinal banho, que o deixou inteiramente illezo, e perfeitamente curado de todas as suas feridas.

Como o milagre era tão evidente, todos os que o vírão se admirárão, muitos dos quaes se convertêrão, e até o mesmo Imperador, pela relação que lhe fez o Senado, ficou tão cheio de assombro, que se contentou com enviar o Santo em desterro para a Ilha de Pathmos no mar Egeu, (que hoje se chama *Palmosa*) aonde ficou até á morte de Domiciano, e alli escreveo o seu Apocalypse, que encerra innumeraveis mysterios.

Por este modo se cumprio o vaticinio de Jesu Christo, de que o santo Apostolo beberia o calis da sua paixão, por cujo motivo a Igreja o honrou sempre com o titulo de *martyr*; e os Christãos dos primeiros seculos, querendo celebrar a sua memoria, e o seu triunfo, edificárão logo uma bella Igreja, com o titulo de S. João, no mesmo logar, em que elle foi lançado na tina.

A festa deste dia era algum tempo de preceito em muitas Igrejas de França, e o foi tambem na Grã Bertanha desde o seculo duodecimo até o scisma, depois do qual os Inglezes lhe conservão ainda o nome no calendario da sua nova liturgia; por onde estes tristes restos do seu antigo Christianismo lhes mostrão com evidencia os fataes erros da sua funesta, e lamentavel separação da Igreja Catholica Romana.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Desenganemo-nos por uma vez, de que o caminho, que conduz á vida, é estreito, e de que as nossas idéas, as nossas opiniões, e o nosso amor proprio não o pódem fazer mais largo. A mãi de S. João pedia a Jesu Christo para este seu filho um dos primeiros logares do seu Reino, e o Divino Salvador só lh'o concedeo depois que elle, pela confissão da Fé, foi submergido na tormentosa tina.

Não ha Fiel que tambem não queira possuir uma das cadeiras no Ceo, porém Jesu Christo faz a todos a mesma pergunta, que aos filhos de Zebedeo:

Podeis beber o calis, que eu bebi? Segue-se logo, que os mundanos, os sensuaes, e delicados, que tem tanto horror a este calis, que até o nome da penitencia os assombra, não tem direito a esses logares no Reino Celeste, que só são concedidos aos Christãos humildes, e penitentes.

MAIO — 7.

DE

SANTO STANISLÁO, BISPO, E MARTYR.

NO SECULO XI.

Da sua vida elegantemente escripta por Longino Dlugosi, de Chomero, e de Krantzio, que se achão na Obra dos Bollandistas no Tomo II, do mez de maio, pag. 198.

Nasceo Santo Stanisláo em um logar do Bispado de Cracovia do Reino de Polonia, no anno de 1030, em o dia 26 de julho, de pais illustres, virtuosos, e muito ricos, os quaes depois de viverem trinta annos em matrimonio sem successão alguma, occupados sempre no exercicio das virtudes, especialmente na caridade para com os pobres, recebêrão este filho como um dom particular do Ceo; e consagrando-o desde logo a Deos, o educárão depois na piedade Christã, instillando-lhe as santas maximas do Evangelho, não só com as suas sabias instrucções, senão muito mais com os seus bons exemplos.

E tiverão, com effeito, a doce consolação de verem um copioso fructo das suas diligencias, porque Stanisláo, logo desde a infancia, praticava austeridades superiores aos seus annos, jejuando com frequencia, dormindo sobre o simples pavimento, e praticando outros exercicios contrarios ás inclinações naturaes dos meninos; e os virtuosos pais, não só o não distrahião de similhantes exercicios de mortificação, mas antes o persuadião, e animavão com as palavras, e com os exemplos.

Crescido na idade, applicárão-no aos estudos, em que fez grandes progressos, porque sendo dotado de excellente engenho, e feliz memoria, estudava sempre com muito gosto; além disto, era humilde, e affavel com todos, fugia dos jogos, e divertimentos, era parco no alimento, e liberal com os pobres, distribuindo com elles o dinheiro que lhe davão seus pais para o dispender a seu arbitrio: era cauto, e vigilante em fugir das más companhias, e muito applicado á oração, na qual empregava o tempo, que os outros costumão passar em corporaes recreações.

Completos em Polonia os estudos das lettras humanas, seus pais o enviárão a París no anno 1052, para aprender naquella famosa universidade as ecclesiasticas sciencias: alli se demorou pelo espaço de sete annos, aproveitando de maneira nos estudos da theologia, e leis canonicas, que todos admiravão o seu raro talento, acompanhado sempre da mais religiosa modestia.

Passando neste tempo a melhor vida os seus bons pais, voltou Stanisláo para Polonia, aonde vendeo logo a sua rica herança para distribuir aos pobres o seu preço, estando resoluto a consagrar-se a Deos em alguma religião; mas o Bispo de Cracovia, informado do seu mérito, o persuadio a fazer-se ecclesiastico, e o proveo logo em um canonicato da sua Igreja, e lhe encarregou, fazendo-o seu vigario, os principaes negocios do seu Bispado.

Vio-se então, e se admirou a copiosa abundancia da graça que Deos infundio na alma deste seu servo, por quanto elle com os seus virtuosos costumes se fez um modêlo perfeito da vida santa, que devem praticar as pessoas ecclesiasticas: elle quotidianamente lia, e meditava a Sagrada Escriptura, que é a fonte inexhausta das luzes divinas, e frequentava tambem a lição dos Santos Padres, que são os seus fiéis interpretes, e destes mananciaes puros extrahia o Santo as doutrinas solidas para o seu proprio regulamento, e para dirigir aos outros no caminho da salvação com as suas prégações frequentes, e sabios conselhos que dava nas materias de consciencia.

E sobre tudo isto, elle macerava o seu corpo com rigorosas abstinencias, e outras austeridades, para ter as suas paixões mortificadas, e sujeitas ao espirito: dormia muito pouco, para empregar mais tempo na oração, á qual se applicava com grande fervor, tanto em publico, recitando as Horas Canonicas, como em particular, especialmente no tempo, que tirava de noite ao somno; em summa, resplandecia na sua pessoa uma modestia, uma humildade, e caridade tal, que admirava, e edificava a todos.

Vagando então, no anno de 1071, a Sé Episcopal de Cracovia, por morte do Bispo Lamberto, uniráo-se os votos do clero, nobreza, e povo para pedirem por seu successor a Stanisláo, que tão digna-

mente administrára por muitos annos o seu governo; porém elle com tanto esforço rejeitou aquelle emprêgo, de que a sua humildade o julgava indigno, que para haver de o acceitar foi precisa toda a authoridade do Papa Alexandre II, que com preceito expresso lh'o ordenou, a instancias do Rei Boleslão.

Então, pois, poderando Stanisláo, que um perfeito Bispo deve praticar uma vida similhante á dos Apostolos, entrou com maior empenho a imitar os seus vestigios; duplicou as suas austeridades, cingindo-se com um cilicio mais aspero, que não largou mais em quanto viveo, multiplicou as vigilias, e orações, para conseguir sobre si mesmo, e sobre o seu povo as Divinas misericordias.

Applicou-se, ainda mais do que antes, a instruir os seus subditos com a divina palavra, a qual na sua boca era tanto mais fructuosa, quanto era acompanhada pelas obras santas da sua vida. Visitava cada anno uma grande parte da sua vasta diocese, informando-se exactamente das espirituaes indigencias das suas ovelhas, e das desordens, e abusos, que alli se achavão, para soccorrer, e remediar tudo, como lhe fosse mais possivel.

Vigiava attentamente sobre os individuos do seu clero, para que todos edificassem, e utilizassem ao povo com a sua doutrina, e bom exemplo; e não lhe bastava, que os seus ecclesiasticos fossem isentos de vicios, e não se mostrassem escandalosos, insistindo sempre em que derramassem por toda a parte o bom cheiro de Jesu Christo com os seus virtuosos costumes.

Tinha um catalogo das viuvas, orfãos, e pobres vergonhosos, para lhes subministrar competentes soccorros, e muitas vezes no seu palacio mandava pôr a mesa a varias pessoas pobres, a que elle mesmo diligentemente servia, acompanhando a corporal caridade com a espiritual da divina palavra, com que os exhortava a soffrer com paciencia os breves males da presente vida, aspirando sempre a merecer na futura os verdadeiros bens, que não perecem jámais.

Finalmente, o seu portamento em tudo era simples, e modesto, sem fasto, nem sombra de luxo; e quando era obrigado a corrigir, ou punir os culpados, o fazia com tanta humildade, modestia, e doçura, que bem dava a conhecer procederem as suas correcções, e castigos de um bom pai, que amando com extremosa ternura os seus filhos, unicamente desejava o seu maior bem, e gloriosa salvação.

Por tantas, e tão grandes virtudes era o santo Bispo amado, e venerado em todo o Reino por todas as sortes de pessoas, só Boleslão, que reinava então em Polonia, lhe causou graves desgostos, e o perseguio injustamente até lhe tirar a vida, com que lhe deo a corôa do martyrio. Era este Principe dotado de algumas boas qualidades naturaes, porém immerso no vicio da luxuria praticava uma vida dissoluta, e escandalosa: as virgens, e casadas de toda a sorte, e condição erão victimas perennes da sua lascivia, e chegou a tanto excesso, que se atreveo a roubar uma senhora casada das mais nobres familias do reino, e a viver com ella em um publico, e escandaloso adulterio.

E como Boleslão era de um natural feroz, e cruel, ninguem se atrevia a hir-lhe á mão, tanto assim, que os mesmos Bispos, e ecclesiasticos que se achavão na côrte, dissimulavão por temor, sentindo só em particular aquellas abominaveis desordens, esperando comtudo, que a santidade, e generoso valor de Stanisláo poria remedio a tantos males.

Assim, pois, o santo Bispo, depois de supplicar a Deos com muitas lagrimas, que se dignasse de fazer fructuosas as suas palavras, foi rogar com muita humildade ao Principe, que evitasse os escandalos, e reformasse a vida; porém todas estas representações forão inuteis para com Boleslão, que sem emenda, nem temor algum, continuou como dantes, as suas infames dissoluções.

Então o santo Prelado, movido dos clamores de todo o reino, aonde se fazião insupportaveis a crueldade, e desaforo do Principe, o procurou segunda vez, em companhia de alguns virtuosos ecclesiasticos, em cuja presença lhe renovou as mesmas supplicas por um modo mais efficaz, ainda que sempre respeitoso, pondo-lhe diante dos olhos os divinos juizos, e as leis do mesme Senhor, a que todos os soberanos devem estar tão sujeitos, como o resto dos seus vassallos; concluindo com dizer-lhe, que o dever do seu ministerio episcopal o obrigava a fazer-lhe aquellas humildes exhortações, antes de chegar áquelles remedios, que pratica a Igreja em taes casos.

Percebendo então o Rei, que o santo Bispo o ameaçava com a excommunhão, no caso de se não emendar, rompeo no maior furor, e mandando-o logo sahir, depois de o descompôr com as mais affrontosas palavras, lhe jurou no mesmo tempo, que saberia vingar-se daquella offensa por elle feita á sua real pessoa; e não faltárão cortezãos aduladores, que exasperárão mais o animo do Principe contra o Santo, encarecendo-lhe aquella sua representação, como injurioso atrevimento contra o decoro devido á régia magestade.

Porém como a vida irreprehensivel de Stanisláo não subministrava algum pretexto de justa accusação contra elle, recorreo-se á calumnia pela maneira seguinte: alguns annos antes tinha o santo Bispo comprado a certo fidalgo, por nome Pedro, uma terra para a sua Igreja de Cracovia, de cujo contrato se não fez escriptura, por lhe exibir logo em presença de testemunhas o seu justo pactado preço.

Fez então Boleslão, que tres sobrinhos do referido Pedro accusassem o santo Prelado, formando contra elle um libello, como usurpador daquella ter-

ra, que a elles tocava, como herdeiros do dito seu tio. Citado, pois, e apresentado o Santo diante do Rei, e da assembléa dos senhores do Reino, como vio que se não dava credito ao que affirmava sobre a compra por elle feita, nem podia provalla com as testemunhas, que estiverão presentes, porque intimidadas, e subornadas pelo Rei, recusavão dizer a verdade, inspirado o Santo por Deos, cujo auxilio implorou, pedio tres dias de dilação, promettendo trazer no fim delles ao mesmo Pedro, para lhe ouvirem attestar naquella materia a sua innocencia.

Recebeo-se com riso a proposta, e concedido o supplicado prazo, o Santo o empregou em jejuns, e orações a Deos para que se dignasse de acudir em sua defensa. Concluido, pois, aquelle triduo, celebrou o Santo o sacrificio da missa, e assim vestido como estava com os ecclesiasticos ornamentos, e acompanhado de um numeroso povo, foi direitamente ao logar, aonde o tal Pedro tres annos antes se havia sepultado.

E fazendo abrir a sepultura até se dar com o cadaver, que ainda estava inteiro, prostrou-se o Santo por terra para repetir a sua oração a Deos, acompanhada de muitas lagrimas; e levantando-se depois disse em voz, que todos ouvírão: *Pedro, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, eu te mando que tornes á vida, para dar testemunho da verdade.* Prodigio raro! Resuscitou logo o morto, e sahindo do sepulchro, Stanislão o tomou pela mão, e seguido de todo aquelle povo, justamente admirado, o conduzio á presença do Rei para destruir a calumnia.

O que visto por aquelle Principe, e por todos aquelles que formavão a sua assembléa, ficárão por tal modo attonitos, que não podérão articular palavra. Então o santo Bispo voltando-se para o Rei lhe disse em alta voz: *Senhor, eis-aqui a testemunha irrefragavel, que eu prometti para minha defensa, tire-lhe V. Magestade o depoimento, para saber a verdade.*

Callava o Rei, e todos os mais, mas o morto, resuscitado, com uma voz sonora, que se percebeo em toda a sala, fallou desta maneira: *Sim, senhor, eu vendi a minha terra de Piotravin ao Bispo Stanislão, que m'a satisfez logo pelo seu justo preço, e por tanto os meus sobrinhos não tem algum direito para o inquietar sobre este ponto.*

Levantou-se então um rumor entre os assistentes, que nascia da indignação concebida por todos de uma tão aleivosa injuria contra a innocencia do Santo; e o mesmo Rei, não podendo contradizer uma justificação tão evidente, confirmou o Santo na posse em que estava daquella terra.

E logo o santo Prelado, acompanhado dos principaes da assembléa, e do innumeravel povo, que o esperava fóra, reconduzio tranquillamente o resuscitado ao seu tumulo, aonde entrando por si mesmo, se estendeo ao comprido, e morreo de novo. O concilio de Basiléa produzio este caso tão publico, authentico, e milagroso, contra o artigo quarto dos hussitas, que pretendião sustentar como coisa certa, não dever possuir a Igreja algumas rendas.

Suspendeo este milagre a ira do Rei por algum tempo, mas durou pouco, porque o Principe infeliz, passados alguns dias, tornou a submergir-se nas mesmas, ou maiores desordens: gemia entretanto Stanisláo diante de Deos, e não cessava de pedir ao mesmo Senhor a sua conversão, accrescentando novas austeridades ás suas orações, e lagrimas, até que vendo elle serem frustrados todos os remedios, julgou ser necessario empregar a severidade das censuras, e com effeito o privou da communhão dos Fiéis, e lhe prohibio a entrada na Igreja.

Exasperado então mais que nunca Boleslão, resolveo desfazer-se por uma vez do santo Bispo; e sabendo que elle se retirára para uma capella de S. Miguel, distante alguns passos da Cidade, o foi logo seguindo, e ordenou ás suas guardas, que alli mesmo no altar, em que já estava dizendo missa, lhe tirassem a vida.

Bem vio o Santo entrar os soldados com as espadas nuas, e comtudo não teve medo, porque sempre se considerava como uma victima disposta para o final sacrificio; porém nos mesmos assassinos foi tal o assombro, que sahírão logo da Igreja, e confessárão ao Rei, que havião tido um temor tão respeitoso á vista do santo Prelado, que de todo lhes faltou a resolução, e o vigor para o ferir: então o desgraçado Principe cheio de furor, entrou pessoalmente na Igreja com a catana na mão, e descarregando um grande golpe na cabeça do Santo, o estendeo morto ao pé do altar, em que celebrava o sacrosanto sacrificio.

E feito ainda mais furioso pelo horrivel sacrilegio que acabava de commetter, mandou tirar fóra da Igreja o santo corpo, e dividindo-o em pedaços, os fez lançar no proximo campo para serem devorados pelas aves de rapina; mas sobreveio logo uma aguia em sua defensa, até que os conegos ajuntando os membros do Santo os sepultárão defronte da porta principal da mesma Igreja de S. Miguel, aonde o Senhor, com varios prodigios, deo logo a conhecer o mérito do santo Bispo.

Quiz então o Rei averiguar por si mesmo o que se dizia a este respeito, e principalmente de uma luz milagrosa, que apparecia sobre o tumulo em todas as noites. Subindo, pois, ao castello de Cracovia, e vendo d'alli aquella prodigiosa luz, foi tal o seu temor, e as perturbações que se lhe augmentárão na consciencia, que deixando a Polonia se retirou para a Hungria; porém a justiça de Deos, perseguindo-o cada vez mais, em nenhuma parte lhe dava descanso, até que mettendo-se vagabundo pelo meio de um bosque, alli morreo miseravelmente, e o seu infame corpo foi devorado pelas féras.

Aquellas milagrosas luzes continuárão a vêr-se

em todas as noites pelo espaço de dez annos successivos, até que o corpo do Santo se transportou solemnemente para a Igreja Cathedral de Cracovia, aonde se lhe erigio um magnifico mausoléo, que honrado por Deos com um grande numero de milagres, fez o seu nome célebre em todo o mundo Christão.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Que milagre mais visivel, nem mais convincente, que o que fez este Santo? Nada era mais proprio, nem mais efficaz para converter a um Principe engolfado no vicio, e comtudo Boleslão, penetrado, convencido, e assombrado por tão extraordinario prodigio, não se converteo, porém continuou como d'antes nas suas escandalosas desordens, Oh quanto é certo, que os que não attendem á voz do Evangelho, se farão surdos, ainda que lhes fallem os mortos! Pois quando se resiste por muito tempo ás sollicitações da graça, não se dá credito ao testemunho dos sentidos.

E' sem duvida que os milagres convencem o juizo, mas poucas vezes produzem mudança no coração: muitos serão os leitores destas prodigiosas vidas; mas quantos por isto se farão melhores? Satisfeitos com admirar, e ainda louvar as acções dos Santos, são muito poucos os que se empenhão em imitallos, estas breves reflexões persuadem bastantemente a prática; mas quantos, e quantos as lerão sem fructo?

MAIO — 8.

DE

S. JACOBO, EREMITA,

INNOCENTE, PECCADOR, E ARREPENDIDO.

EM 28 DE JANEIRO.

NO SECULO V.

Do Menologio grego, e de Filippe Ferreira, na topographia ao Martyrologio Romano, como se acha no Tom. II dos Bollandistas, pag. 869.

Os historiadores que escrevêrão a prodigiosa vida deste Santo, não declarárão quaes forão seus pais, nem a patria, nem o dia em que nasceo, e morreo, nem tambem quaes forão os seus exercicios nos tempos da sua infancia, e adolescencia, referem sómente, que sendo elle mancebo pouco menos de vinte annos, e considerando á luz da graça, a vaidade, e miserias do presente seculo, e as grandezas do futuro, elegeo a vida solitaria, e fez o seu assento em uma cova, não longe da Cidade chamada Porfirião, na Phenicia, proxima ás raizes do Carmelo.

Alli perseverando Jacobo pelo espaço de quinze annos em santos exercicios de oração, mortificação, e caridade, foi tal o seu progresso, que teve as graças de expellir demonios, curar enfermos, entender as Divinas Escripturas, e converter á Fé muitos gentios samaritas daquella Cidade, e terras visinhas.

Irritado então o demonio contra o santo Eremita, suggerio a um daquelles gentios, que subornasse com vinte cruzados a certa mulher, tambem infiel, e publica meretriz, para que tentasse ao servo de Deos, promettendo-lhe outros vinte, se o fizesse cahir; porque, seguindo-se daqui a sua infamia publica, tambem se acabarião as suas obras virtuosas.

Sahio, pois, a impura mulher, e chegando alta noite a bater na porta da caverna, onde o santo solitario habitava, abrio emfim, depois de muitos rogos, e protestos; porém vendo que era mulher quem o procurava, assustado, como se visse alguma sombra do outro mundo, tornou a fechar a porta, e recolheo-se a orar.

Vinha ella bem instruida na malicia, e assim continuou a bater, dizendo ao mesmo tempo: Servo de Deos, compadecei-vos de mim, que me acho nesta solidão, exposta a evidente perigo de ser devorada pelas feras. Então, pois, reflectindo o Santo, que assim poderia succeder, tornou a abrir, e recolheo a pérfida supplicante, a qual com prevenida simulação lhe disse logo: Que era servente de um mosteiro visinho, cuja Prelada lhe mandára cobrar umas esmolas, e perdendo-se no caminho, a colhêra a noite naquelle sitio.

Jacobo, como era sincero, tomou por verdade aquella mentira, poz-lhe luz, e dando-lhe para cear

do que tinha, que era só pão, e agua, retirou-se logo para outro apartamento, que havia na tal caverna, com distincta porta. Comeo com effeito, e fingio descansar um pouco a fraudulenta hospeda, mas começou logo a dar sentidos ais, e suspiros pedindo ao Santo que lhe valesse.

Abrio elle uma fresta, e ouvindo-lhe dizer, que padecia uma grande pontada no peito, sahio cheio de caridade, accendeo lume, aquentou o oleo bento, e começou a fomentar a parte, fazendo sobre ella muitas vezes o signal da Cruz, com que havia curado outras muitas enfermidades, e ella fingindo experimentar allivio, lhe rogava que continuasse com o remedio.

Então Jacobo com o desejo repartido entre a caridade do proximo, e a que devia a si proprio, para cumprir uma e outra, repartio ambas as mãos, com a direita continuou a fomentação, e com a esquerda mettida no lume evitava os sentimentos impuros; até que assada quasi toda, e queimados os ligamentos, lhe cahírão alguns dedos.

Vendo, pois, a mulher um tão raro espectaculo, e vendo-se a si mesma tão escrava do demonio, que por um vil interesse a fizera procurar a ruina de um varão santo, lançou-se a seus pés coberta de um horror sagrado, pedindo-lhe humildemente benigno perdão do seu crime, depois de lhe declarar a fraudulenta syllada dos pérfidos samaritas, e a damnada intenção com que alli a mandárão.

Vio então o servo de Deos a cara do perigo descoberta, e como quem apanha a espada ao competidor, voltou-se a converter de todo aquella mulher; e já bem catechisada (porque era gentia) a remetteo ao Bispo daquella Cidade, aonde por elle baptizada, e recolhida em um mosteiro, entrou a servir a Deos com tal perfeição, que chegando a um alto gráo de virtude, veio a morrer santamente.

Divulgado este caso tão prodigioso, cresceo a fama de Jacobo, e o concurso das gentes a buscar nelle o remedio para as suas indigencias, que Deos felicitou com repetidos milagres; por cuja causa, tentando-o o infernal inimigo com pensamentos de vangloria, o servo de Deos, mudando de sitio, veio a dar em um rio, ao longo do qual achou uma larga caverna, muito bastante para sua nova morada, e exercicios de oração, e penitencia.

Porém não conseguio o total intento do seu retiro, porque a fama das suas virtudes, pelo espaço de trinta annos que alli morou, se divulgou tanto, que não só daquellas visinhanças, mas ainda de partes assás remotas concorrião muitas pessoas a buscar nelle oraculo em suas duvidas, lenitivo nas suas afflicções, e remedio nas suas enfermidades.

Ora um tão excelso edificio de virtudes talvez não tinha o alicerce da humildade proporcionada a tanta altura, e por isso permittiria Deos, que padecesse a ruina, sollicitada sempre com o maior empenho pelo soberbo inimigo, estimulado, e nunca esquecido de quão vergonhosamente ficára na outra batalha, não só vencido, mas despojado, o que succedeo pela maneira seguinte:

Entrou o demonio (com permissão do Altissimo) no corpo de uma donzella, filha unica de pais ricos, e vexando-a por muitos dias, começou a clamar por boca della, que só Jacobo eremita o faria sahir daquella casa. Ouvindo isto o pai, e informando-se do logar onde Jacobo residia, lh'a levou á sua presença, e prostrando-se a seus pés lhe disse: « Servo de Deos, ha já vinte dias que o demonio « opprime tanto a esta minha filha, que por suas « mãos parece querer despedaçar-se; eu desejo-lhe « o remedio, como bom pai, porém não lh'o posso « dar, porque sou peccador, ouvi-me vós, para que « Deos vos ouça. »

Prostrou-se então Jacobo em oração com espirito tão applicado, e forte, que até o logar, aonde tinha dobrado os joelhos, estremecia; e levantando-se depois, chegou ao rosto da obsessa, e assoprando-lhe com vivo alento, disse em voz alta ao demonio: *Em nome de Jesu Christo, Filho de Deos Omnipotente, sahe maldito, sahe desta creatura sua.* E logo o espirito maligno (qual venenosa serpente, que sentio o fogo, que a crestava) saltou fóra do corpo daquella miseravel possessa.

Louvárão então a Deos todos os circumstantes, que erão os pais, e criados da donzella, que presenciárão aquella maravilha; porém vendo que ficára em terra meia morta, e que apenas depois de largo espaço recobrára os sentidos, rogárão instantemente ao servo de Deos, para que permittisse que a menina alli ficasse por alguns dias em outra gruta, que estava proxima, para evitar ao inimigo nova entrada no castello.

Consentio nisto Jacobo com sincera caridade, porém logo no dia seguinte (ausentes já os conductores da donzella) foi tanta a força da suggestão do demonio, tal o ardor da concupiscencia, atiçada com o seu assopro, e tal o convite da occasião opportuna entre o silencio daquelle deserto, que Jacobo, sem olhar para o abysmo em que se despenhava, nem vêr os thesouros da graça, que em um instante perdia, (depois de os adquirir com tanto trabalho no largo espaço de quarenta e cinco annos) foi, digo, tão forte a tentação, que por fim sahio da sua gruta, violentou a innocente donzella, e commetteo a divina offensa.

Feito isto assim, lhe diria talvez o demonio sem mais demora ao coração: « Que farás agora, misc- « ravel, desamparado de Deos? E que dirá o mundo « de ti, a quem todo parecias do Ceo? Mas o mal « está já feito, e para encobrillo não tens mais que « um remedio, qual é tirar a vida, a quem roubaste « a honra, o que deve ser logo, antes que venha o « pai, que não tardará muito: já agora, que mais « monta um homicidio, que um estupro? E tu, au- « sente deste sitio, depois de sumido o cadaver no

« rio, deixas o crime occulto, e fica intacto o teu « credito. »

Executando, pois, Jacobo estes cruéis conselhos, que interiormente lhe dava o inimigo, e começando logo a vêr a monstruosa fealdade dos enormes crimes que commettêra, pasmava de si mesmo, e de si mesmo quizera fugir para subtrahir-se ás penetrantes punhaladas da sua consciencia. Sahio, pois, daquelle sitio, resoluto a metter-se no seculo, donde antigamente sahíra para servir a Christo.

Porém este benigno Senhor, cuja natureza é bondade, e cuja obra é misericordia, olhando para si mesmo, e lembrando-se do trabalho, que em seu obsequio empregára aquelle miseravel servo, dirigiolhe o caminho por onde encontrou com um monge, que reparando no melancholico do seu rosto, o moveo a hir comsigo para a cella do mosteiro proximo, onde elle era morador.

Aqui, pois, tratando o virtuoso monge humanissimamente, quanto mais podia, a este novo hospede, como o vio sempre no rosto vacillante, e com grandes signaes de afflicto, fingio-se-lhe espiritual enfermo, para se lhe fazer opportuno medico; e assim prostrando-se a seus pés, lhe pedio, que com a sua santa doutrina o quizesse alliviar das grandes afflicções, que atribulavão o seu coração.

« Eu alliviar-vos! (disse então Jacobo, ferindo « o peito) Ai de mim! Que doutrina poderá dar aos « servos de Deos o escravo do demonio? Se eu me « atrevesse a tomar na boca o nome de Christo, vi« rião sobre mim raios do Ceo, que justamente me « consumissem. Pois que cuidais vós deste pobre mi« seravel? Vêdes estas cãs? Eu as manchei torpe« mente. Vêdes estas mãos, parte queimadas, e mir« radas como raizes? Eu as enchi de sangue inno« cente. » E assim foi relatando com a maior amargura a sua passada tragedia.

Começou então aquelle irmão caritativo a confortar, e exhortar este humilde penitente á confiança na Divina Misericordia com tão copiosa doutrina, e tão suave modo, que no seu desconsolado animo produzio notavel fructo; e suppõe-se, como certo, (ainda que a historia o não declara) que elle buscou o remedio da sacramental penitencia, fazendo a sua confissão com algum bom Sacerdote, que facilmente acharia naquelle mesmo mosteiro.

Proseguindo, pois, o caminho que levava para povoado, o seu Anjo o conduzio para um termo assás differente; e assim declinando um pouco da vereda que levava, encontrou um sepulchro antigo, fabricado a modo de caverna; e achando alli varios ossos carcomidos, que arrumou para uma parte, alli se deixou ficar por todo o espaço de dez annos, chorando sempre os seus peccados, e sustentando-se unicamente das hervas cruas, que nascião ao redor daquelle sitio, as quaes só recolhia duas vezes cada semana.

Houve então uma sêcca extraordinaria, que pôz na maior consternação todas aquellas terras circumvisinhas; e depois de varias preces, e grandes penitencias, que fizerão os póvos, o Bispo, que era varão santo, orando instantemente a Deos pelo remedio das suas ovelhas, teve revelação superior, de que no deserto, em um sepulchro, morava um santo velho, cuja oração seria efficaz para impetrar do Ceo a desejada chuva.

Convocando, pois, o Clero, com a maior parte do povo, e chegando aonde estava Jacobo, (que não esperava similhante visita, nem tal proposta) o santo Prelado, depois de o saudar lhe disse a intenção da sua vinda, que era conseguir por mediação sua o beneficio da Divina Clemencia. Porém Jacobo, por mais que foi instado, não se moveo, nem fez outra acção de vivo, senão bater nos proprios peitos, e dizer com os olhos baixos: *Misericordia, meu Deos, com este miseravel peccador.*

Voltárão-se então desconsolados todos os circumstantes, e duplicando os jejuns, orações, e mais penitencias, o benigno Senhor, dando-se por obrigado, respondeo de novo: *Tornai a persuadir ao meu servo, que me peça, porque a sua oração me agrada.* Chegando, pois, o santo Bispo com o seu povo, e intimando a Jacobo o que da parte do Senhor lhe fôra mandado, elle em fim orou, crendo em Deos, sem crer em si; e logo no principio da sua oração (que foi larga, e fervorosa) começou o Ceo a toldarse de nuvens, de maneira que antes de Jacobo abaixar as mãos, entrou a chover do Ceo tanta agua, que todos os presentes rendião a Deos alegres, e repetidas graças, e tambem ao seu servo, que elle escolhêra para digno instrumento da sua ineffavel Misericordia.

Dalli por diante começou aquelle sepulchro a ser frequentado de enfermos, e obsessos, e Jacobo, sentindo em si restituida a graça do Senhor para remediar a todos, não se atreveo a repugnar-lhes; mas obrando sempre com tal desapropriamento de si mesmo, que nunca se movia do centro do seu nada, aonde com sciencia experimental tinha já bem fixos os sólidos fundamentos da verdadeira humildade.

Por ultimo, no anno seguinte, vindo o Bispo visitar ao servo de Deos, elle que já sabía estar proximo o seu transito, lhe rogou, que o enterrasse naquelle mesmo sepulchro; o que fielmente se cumprio; e andando os annos, e continuando os milagres, alli tambem se lhe edificou uma Igreja, aonde se collocou o seu corpo com a decencia devida.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Admittio Jacobo os malignos conselhos do infernal inimigo: admittio-os cégo, e executou-os cruel, unindo erro com erro, cada vez mais enorme. Cumprio tão mal o emprego de guarda daquella infeliz, que depois de lhe roubar a honra, a privou da vida, e póde

ser que da salvação, fazendo maior estrago nella do que o mesmo demonio lhe causára; porém estes vem a ser (diz o Angelico Doutor) os effeitos proprios da lascivia, cegar o entendimento, endurecer o coração, e precipitar o libidinoso nos mais horrendos excessos.

Porte-se, pois, cada qual attento, e vigilante, para não se deixar prender por um vicio tão vergonhoso, e brutal, procurando desde logo extinguir com diligente cuidado, ainda as mais pequenas faiscas deste diabolico fogo, porque de outro modo, qualquer negligencia, ou descuido põe a creatura em perigo de cahir nos maiores absurdos, e por ultimo nos eternos tormentos.

MAIO — 9.

DE

S. GREGORIO NAZIANZENO,

BISPO, E DOUTOR DA IGREJA.

NO SECULO IV.

Dos seus escriptos, e outros monumentos do seu seculo, e particularmente da vida deste santo Doutor, que escreveo o Cardeal Baronio com muita exactidão.

Entre os varões admiraveis pela virtude, e sciencia, que a Provincia da Capadocia deo á Igreja no quarto seculo, tem logar distincto S. Gregorio Nazianzeno, que pelo seu profundo conhecimento dos mais sublimes mysterios da Religião é denominado *Theologo*. Elle nasceo em Arianzo, logar proximo á Cidade de Nazianzo, e teve por pai a Gregorio, que foi Bispo da mesma Cidade, e por mãi a Nonna, ambos de grande virtude, e como Santos venerados na Igreja; e assim mesmo outro filho, e uma filha que tiverão (Cesario, e Gorgonia) tambem forão Santos.

S. Gregorio foi fructo das orações de sua mãi, a qual consagrando-o logo a Deos no mesmo dia do seu nascimento, depois quando o levou á Igreja lhe fez tocar com as mãos os livros santos, por onde, quando fosse capaz, aprendesse a conhecer a Deos, e regular a sua propria vida, como assim praticou logo desde a sua infancia, em que foi um espelho de piedade, e sabedoria, recebendo sempre maiores augmentos, ao mesmo passo que elle crescia nos annos.

Elle, sendo ainda mancebo, teve de noite uma visão, que lhe inspirou um grande amor á pureza. «Em certa occasião (diz elle mesmo) vi por sonhos «duas virgens de uma mesma idade, e de igual bel- «leza, vestidas como donzellas Christãs, sem algum «adorno do seculo... Ellas tinhão os olhos baixos, «e o rosto coberto com um véo transparente... Eu «lhes perguntei quem erão? E ellas me respondêrão: «Que erão a castidade, e a temperança, companhei- «ras de Jesu Christo, e amigas daquelles, que se «consagrão a Deos por meio da continencia.»

A imagem desta visão ficou tão altamente impressa no animo de Gregorio, que nunca a perdeo do sentido, e concebeo desde aquelle tempo um particular affecto ao estado do celibato. «Eu me sujei- «tei (diz elle) ao suave jugo da castidade, e da tem- «perança as quaes cuidavão de mim, me amavão, e «me levavão a um sublime estado de gloria, e até «me collocavão nas mãos de Jesu Christo.»

Entretanto os pais de Gregorio, depois de lhe haverem procurado uma educação opportuna, e lhe fazerem estudar tudo o que em Nazianzo se podia aprender, o mandárão a Cesaréa, depois a Alexandria, e ultimamente a Athenas, em cuja viagem padeceo por mar uma furiosa tormenta, de que milagrosamente escapou.

Nesta ultima Cidade (então reputada por primeira fonte das sciencias) fez Gregorio taes progressos nas bellas lettras, na poesia, na eloquencia, e particularmente na philosophia, que todos os que o conhecêrão, o comparárão aos mais eloquentes oradores, e aos philosophos mais insignes, que teve a Grecia, cujos elogios se justificão abundantemente com as obras deste santo Doutor, que por disposição da providencia Divina chegárão até os nossos tempos.

Se bem que o mais admiravel de S. Gregorio, quando esteve em Athenas, é o haver sempre anteposto á humana litteratura o estudo da Escriptura Santa, o applicar para bem da Religião os altos conhecimentos que adquiria, o não deixar-se attrahir pelos máos exemplos, o servir de estimulo aos seus companheiros para os metter em bom caminho, e o

contrahir amisade com S. Basilio, modêlo, e exemplar de todas as virtudes, como se dirá na sua vida.

Passados doze annos, que esteve Gregorio em Athenas, voltou para a sua patria, com animo fixo de servir só a Deos com S. Basilio no deserto; para cujo effeito cuidou logo em receber o santo Baptismo, (que alguns naquelles tempos differião até a idade madura) e consagrando-se nesta occasião mais perfeitamente a Deos, lhe offereceo tudo o que delle havia recebido, e particularmente a sua eloquencia, para servir-se della, quanto mais lhe fosse possivel, em honra, e gloria do mesmo Senhor.

Com estas bellas disposições pensava S. Gregorio esconder-se em uma solidão, para ficar inteiramente remoto, não só no animo, senão tambem no corpo, de todos os objectos que agradão no mundo; mas o santo Bispo de Nazianzo, necessitando muito da assistencia deste seu filho, por se vêr carregado de annos, resolveo-se a ordenallo Sacerdote, sem primeiro explorar o seu consenso, nem lhe fazer algum aviso, por saber a repugnancia que opporia, para a acceitação daquelle estado.

Com effeito, esta inopinada ordenação de Gregorio foi para elle um golpe assás doloroso; mas o poder de pai, e a authoridade de Bispo lhe prendeo as mãos, e lhe fez esperar no Senhor, que, attendendo á sua resignada obediencia, lhe subministraria bastantes forças, com que podesse cumprir fielmente as importantes obrigações do seu sacerdocio.

Subio, pois, ao pulpito a primeira vez na Paschoa do anno 362, diante do Bispo seu pai, e de toda a Igreja de Nazianzo, em que depois de um discurso apologético da excellente dignidade, obrigações, e perigos do sacerdocio para justificar o seu temor, passou a descrever as santas regras, que, segundo a tradição, se devem observar na eleição dos Sacerdotes, e pastores das almas, para que não sejão admittidos sem as virtuosas qualidades que lhes são necessarias de modo que exercitem dignamente o seu sagrado ministerio.

« Não é digno (diz elle) de occupar a dignidade « de pastor, e director de almas, o que não é tão su- « perior pela sua virtude ao commum dos homens, « quanto o espirito, por natureza sua é superior ao « corpo. Deve, pois, o Sacerdote ser isento de todo « o vicio, porque o povo imita mais facilmente os seus « defeitos, do que as suas virtudes. . .»

Expõe tambem o santo Doutor as difficuldades que um Sacerdote encontra na direcção das almas, a qual tendo um objecto muito mais nobre, do que a arte de medicar os corpos, é sem comparação mais difficil, porque os espirituaes enfermos são os mais oppostos á sua propria cura, fazendo quanto pódem para encobrir, e ainda defender o seu mal; além de que, todas as faltas, que, ou por malicia, ou por ignorancia, commette o pastor, são de um extremo perigo para si mesmo, e para os que estão a seu cargo.

« O que não obstante (accrescenta o santo Dou- « tor) ha muitos, que não sendo melhores do que o « mais infimo da plebe, com animo profano se intro- « duzem a exercitar a ordem sacerdotal, não já como « um modêlo de perfeição, mas como um officio quo- « tidiano, que os faz viver cómmodamente, ou como « um emprêgo honorifico, de que se lhes não tomará « conta no outro mundo. »

Assim esteve S. Gregorio alguns annos ajudando a seu pai no governo do Bispado, e principalmente na administração da palavra de Deos na qualidade de simples Sacerdote, e com a força da sua eloquencia unio perfeitamente na communhão do Bispo de Nazianzo alguns monges, que delle se havião separado; de cujo successo rendeo graças ao Senhor em um discurso, que então recitou publicamente, expondo as utilidades da paz, e concordia, quando é fundada sobre a verdade, e justiça.

Estes, e outros mais serviços fazia S. Gregorio a seu pai, e á Igreja de Nazianzo, quando S. Basilio, no anno de 370, sendo já Arcebispo de Cesaréa, Metropoli da Capadocia, o destinou para Bispo de Sásimo, pequena Cidade no caminho de Constantinopla, parecendo-lhe justo erigilla em novo Bispado; e foi tanta a repugnancia de S. Gregorio a esta dignidade, que (como elle diz, escrevendo sobre isto mesmo a S. Basilio) bastaria para romper entre ambos a sua antiga amisade, se ella não estivesse tão bem ligada com os vinculos mais estreitos da caridade Christã.

Cedeo, pois, Gregorio á authoridade do pai, que se unio a S. Basilio para o fazer acceitar o Bispado, *submettendo* (como diz elle mesmo) *mais a sua cabeça, do que o seu coração;* e estando já de partida para Sásimo, Antimo, Arcebispo de Tiana, o impedio, pretendendo que aquella Cidade tocasse á sua jurisdicção, o que o nosso Santo estimou muito, que, como ainda não tinha feito funcção alguma, se valeo desta casualidade para retirar-se á solidão, e depois, segundo a sua intenção, servir, e instruir os pobres em um hospital.

Mas o santo velho Gregorio não deixou persistir o filho por muito tempo no seu retiro, chamando-o para governar o Bispado de Nazianzo nos impedimentos que lhe causava a sua idade de cem annos. Acceitou o Santo este emprêgo, (ainda que sem vontade) protestando sempre, que tomava o governo daquella Igreja, unicamente para ajudar a seu pai em quanto vivesse, querendo depois da sua morte ficar livre, para fazer o que Deos lhe inspirasse.

Com effeito, passados poucos mezes (no anno de 374) falleceo aquelle santo Bispo, e tambem Santa Nonna, e assim ficando Gregorio sem pais, exhortou logo aos Bispos da Provincia para constituirem um digno successor naquella Igreja; e vendo que se demoravão mais do que era justo, ausentou-se o Santo para um mosteiro de Seleucia, na Isauria, aonde esquecido de todo o terreno, se occupava ó

nos exercicios da penitencia, e oração, e no estudo e contemplação das Divinas Escripturas, e eternas verdades.

Depois, no anno de 379, transportou-se Gregorio a Constantinopla, condescendendo ás repetidas instancias de todos os Fiéis daquella grande Capital, que ardentemente o desejavão ter por seu pastor, qual outro Moysés, para livrar o seu povo das trévas da heresia, ou como outro David para combater, e supplantar ao infernal gigante do peccado.

Chegando, pois, áquella côrte tão despido dos bens do mundo, como adornado das perfeições do espirito, hospedou-se em casa de um seu parente, não menos generoso do que pio; e concorrendo alli frequentemente os bons Fiéis para ouvirem a palavra de Deos, brevemente se converteo aquella casa em uma verdadeira Igreja, que depois chegou a ser um templo dos mais augustos, pela magnificencia dos Imperadores, que lhe ajuntárão sumptuosas fabricas, e preciosamente o adornárão.

Uma das desordens, contra as quaes começou o Santo a declamar, foi o indiscreto pruríto que tinhão muitos de quererem discorrer sobre os mais sublimes Mysterios da Religião, sem serem dotados da sciencia que se requer para raciocinar com fundamento, e muito mais para disputar com solidez sobre os dogmas da Fé; mas para que se não dissesse, que elle insinuava o silencio sobre os Mysterios da Religião, por se não sentir capaz de os defender, fez então quatro discursos sobre o Mysterio da Trindade Suprema, explicando com tanta clareza, e profundidade os textos, de que abusavão os hereges em abono dos seus erros, que bem mereceo o sobrenome de Theologo, que, depois de S. João Evangelista, a nenhum outro se deo na Igreja.

E no mesmo tempo que doutrinava ao povo com as verdades da Fé, o instruia tambem com as regras dos costumes, insistindo principalmente sobre este ponto: Que o meio mais conducente para qualquer se salvar, não era o discorrer muito sobre as coisas da Religião, era sim o observar os seus preceitos, distribuindo esmolas, segundo as proprias faculdades, exercitando a hospitalidade, assistindo aos enfermos, frequentando a oração, punindo com as penitencias os proprios peccados, refreando o ímpeto das paixões, e sujeitando a carne ao espirito.

E como as suas palavras erão acompanhadas do exemplo, abençoava o Senhor os seus discursos com varias conversões, que delles procedião, o que muito animava, e confortava ao Santo para tolerar com paciencia as gravissimas contradicções, e cruéis tratamentos, que teve do padecer por parte dos inimigos da verdade; porque apenas appareceo elle em Constantinopla, começárão os arianos a escarnecello, procurando fazello fabula do vulgo, por meio das mais negras calumnias, que, com incrivel imprudencia, inventárão contra a sua veneravel pessoa.

E chegou a tanto o criminal excesso, que depois de perseguirem ao Santo com tiros de pedra varios individuos da infima plebe, um dissoluto mancebo, assalariado pelos arianos, o esperou para o matar á traição; se bem que arrependido logo do seu máo designio se lhe lançou aos pés, descobrindo-lhe magoado o seu intento; e o generoso Santo, não só lhe perdoou para logo, mas ainda o admittio ao numero dos seus maiores amigos, com grande admiração de toda a Cidade.

Mas o que mais affligio o piedoso animo de S. Gregorio foi o grande disturbio que houve na Igreja de Constantinopla, pela irregular ordenação, que se fez da pessoa de Maximo Cynico: era este um homem de má fé, e de péssimos costumes, e que além de saber a arte de fingir-se bem, com dinheiros, e donativos attrahio muitas pessoas ao seu sequito, de maneira, que tendo já um sufficiente numero de partidistas, fez vir do Egypto alguns Bispos, enviados por Pedro, Patriarcha de Alexandria, seu amigo, os quaes aproveitando-se da doença, que tinha a S. Gregorio na cama, ordenárão o dito Maximo, Bispo de Constantinopla.

Alterou este facto a toda a Cidade, e S. Gregorio sentio penetrar-se-lhe o coração, ponderando a grande vantagem que daqui resultaria aos hereges; porém Deos assim o dispoz para maior bem daquella Igreja, por quanto o ímpio Maximo, fazendo-se logo bem conhecido, foi entre maldições, e injúrias expulso de Constantinopla, e S. Gregorio querendo nesta occasião retirar-se, foi detido entre clamores, e lagrimas da maior parte do povo, que devéras o amava.

E chegando alli no mesmo tempo o grande Imperador Theodosio, pela alta estimação em que o tinha, lhe encarregou o governo de todas as Igrejas da côrte; e depois, no anno de 386, celebrando-se alli o segundo Concilio geral, procurou que fosse estabelecido solemnemente Bispo daquella Patriarchal Igreja, em cuja eleição teve muita parte o grande S. Melecio, Patriarcha de Antioquia, e Presidente daquelle Concilio.

Acceitou o Santo este emprêgo, esperando com elle poder unir muitos Bispos do Oriente com os do Occidente, que estavão então divididos, por causa da Igreja de Antioquia, dilacerada pelo scisma de dois Bispos, ambos Catholicos, um dos quaes era o dito S. Melecio, reconhecido como Prelado legitimo, pela maior parte dos orientaes, e outro era Paulino, que gozava a communhão da Igreja Romana, e dos Bispos do Occidente.

Morrendo então (passados alguns mezes) o mesmo S. Melecio, pareceo á primeira vista, que se abrîra uma porta franca para sahir da Igreja de Antioquia toda a dissenção entre os Catholicos; e com effeito S. Gregorio applicou para este fim todos os seus esforços, mas encontrando em varios Bispos uma opposição insuperavel, e sentindo ao mesmo passo que alguns Bispos do Egypto, convocados para o Concilio,

não approvavão a eleição que delle Gregorio se fizera para Patriarcha de Constantinopla, resolveo, sem mais demora, renunciar aquella Igreja, e dar campo livre para proceder-se a outra eleição.

Entrou, pois, aonde estavão todos os Bispos, e lhes disse: Que nada lhe agradava mais do que a paz da Igreja, e como a sua eleição a perturbava, elle espontaneamente renunciava o Patriarchado, e se retirava logo para a sua amada solidão, com tanto que se estabelecesse entre elles a mutua paz, e amigavel concordia, que era a maior graça por elle desejada, e que instantemente lhes pedia.

Ficárão os Bispos attonitos, e não menos o Imperador Theodosio, ouvindo esta proposta do Santo. Concedida, pois, a pretendida faculdade, muito a pezar da maior parte dos que estavão presentes, só restava ao Santo o despedir-se do seu povo, para cujo effeito, subindo ao pulpito da grande Igreja de Santa Sofia, fez uma oração a mais eloquente, e mais affectuosa, que se pode pensar.

Alli dá miuda conta do modo com que governou o Bispado, mostrando o estado em que o achou quando veio, e a situação em que agora o deixava: explica depois a Fé, que sempre ensinára, e protesta, como outro Samuel, que nunca acceitára donativo algum; em cujos termos, opprimido de varias molestias entre as suas perennes fadigas, pede permissão a todos para retirar-se, e abandonar o Patriarchado.

Partindo, pois, o Santo de Constantinopla, acompanhado das lagrimas, e saudades de todos os bons, tornou para a sua patria, afim de gozar as utilidades da solidão, e descanso; e impellido pelo amor que tinha ao povo de Nazianzo, que estava sem pastor, tomou o governo daquella Igreja por todo o espaço de dois annos, até que no de 383 lhe foi nomeado para Bispo Eulalio, homem de grande virtude, e muito proprio para reger aquelle povo.

Retirando-se então S. Gregorio para Arianzo, patria sua, alli permaneceo por todo o resto da sua vida, acompanhado de alguns solitarios, com os quaes praticava uma vida de perfeito monge, macerando o seu corpo com jejuns, orações, vigilias, e outras mais penitencias; o que não obstante, e o ser já avançado em annos, permittio Deos, que á similhança de S. Paulo fosse opprimido com varias tentações impuras, que o fazião continuamente clamar a Deos, e lhe augmentavão o desejo de mortificar-se, e lhe fazião evitar com a maior diligencia a vista, e familiaridade com pessoas de outro sexo.

E ultimamente, estando já na idade de sessenta annos, lhe sobreveio uma enfermidade, que reconhecendo ser a primeira que tinha de pôr termo aos seus dias, renovou o seu fervor, excitando em si mesmo os sentimentos mais vivos de confiança na Divina Misericordia, com que finalizando a sua gloriosa peregrinação cá na terra, passou a descansar na celeste patria, correndo o anno 390 da era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Entre as muitas virtudes, de que S. Gregorio foi um perfeito modêlo, resplandeceo singularmente a pureza que elle observou desde a sua infancia; e o mesmo Santo nos ensina, que os meios para conservalla são o retiro, a mortificação da carne, a guarda dos sentidos, principalmente dos olhos, a fuga das occasiões perigosas, e a desconfiança de si mesmo, acompanhada de oração fervorosa para impetrar o auxilio celeste, sem o qual (como se diz no livro da sabedoria) nenhum póde ser continente. Pratiquemos, pois, estes meios, para triunfarmos de todas as tentações contrarias, de modo que mereçamos vêr a Deos por toda a eternidade, como está promettido pelo mesmo Senhor aos que são puros, e limpos de coração.

MAIO — 10.

DE

S. JOÃO CLÍMACO, EREMITA.

EM 30 DE MARÇO.

NO SECULO VI, E VII.

A vida deste célebre Santo foi escripta fielmente pelo monge Daniel, e se pode vêr no Tomo II das vidas dos padres do ermo, estampadas em Roma no anno de 1679.

S. João (denominado *Clímaco* pelo seu excellente livro intitulado *Climax*, que significa *Escada*, na lingua grega, aonde ensina os differentes degráos, que conduzem á perfeição) nasceo em um logar da Palestina, cujo nome se ignora, em tempo do Imperador Justino primeiro, no anno de 525. Elle desde a sua infancia foi instruido nas sciencias, e particularmente nas bellas lettras, por onde adquirio o titulo de *Scolastico*, que naquelles tempos só se dava aos que erão dotados de grande talento, e que pela erudição tinhão conciliado a estimação universal.

Porém elle desde logo, temendo as honrosas consequencias, que lhe podião resultar daquella sua reputação, e inspirar-lhe vaidade, e soberba, resolveo-se a renunciar todas as esperanças do seculo, e fazer-se religioso, afim de viver unicamente para Deos, e segurar a sua eterna salvação, retirando-se para o monte Sinai, aonde naquelle tempo habitavão muitos solitarios, praticando uma vida toda conforme aos preceitos evangelicos; e alli tomando para seu director a um santo velho, chamado Martyrio, chegou brevemente a tão alto gráo de perfeição, que passados não mais de quatro annos, era já tido por um dos mais excellentes mestres da vida espiritual.

Para este effeito applicou João todo o estudo em despojar-se da propria vontade, e estar sempre prompto, como outro Samuel, para obedecer á voz de Deos; e era a sua submissão tão perfeita, e a sua obediencia tão exacta, que parecia haver nascido sem vontade propria, procurando, desde o primeiro dia em que se deo a esta vida, reduzir os seus sentidos, e paixões a uma perfeita servidão.

Passados os quatro annos debaixo da direcção de Martyrio, apresentou-se o nosso Santo no mosteiro que estava no alto do monte Sinai, para fazer a sua monastica profissão, em cujo acto mostrou tão grande fervor, e tão santas disposições de espirito, que o Abbade Strátego, varão consummado na virtude, chegou a dizer em alta voz: *Eu prevejo que o nosso João virá a ser ainda uma das grandes luzes da Igreja.*

Continuou João em seguir as direcções do seu illuminado Martyrio por todo o espaço de dezenove annos, e proseguiria ainda por mais tempo, se o Senhor não chamasse a si aquelle santo varão, para coroar os muitos, e grandes méritos que adquiríra em tantos annos, e particularmente em metter a João no caminho das mais sublimes virtudes, com que veio a ser um tão insigne mestre da perfeição Christã.

Morto, pois, aquelle veneravel director, passou João para um eremiterio situado ao pé do monte Sinai, distante cinco milhas da Igreja, que alli fizera fabricar o Imperador Justiniano, para commodo dos solitarios, que habitavão aquelle deserto; e a esta Igreja se encaminhava João em todos os sabbados, e domingos com os outros anachoretas, para assistirem aos Divinos Officios, e receberem a Sagrada Communhão.

A vida do nosso Santo era uma oração contínua, virtude que elle summamente desejava nos solitarios, e que segundo elle diz: « Consiste em ter « cada qual a Deos por objecto, e regra de todos os « seus exercicios, de todos os seus pensamentos, pa« lavras, e obras, de todos os seus desejos, de todos « os seus passos, e finalmente em obrar tudo na pre« sença de Deos, por seu amor, e com o maior fer« vor possivel. »

E este dom de oração contínua, que tinha o Santo recebido de Deos, produzia nelle um amor tão grande á solidão, que pouco se deixava vêr, e menos ainda fallar, dizendo elle a este respeito: « O « verdadeiro solitario é aquelle, que por não perder « as celestiaes delicias, que Deos lhe participa, foge « outro tanto ao consorcio dos homens, quanto os « outros o procurão. »

Mas por mais que fosse em o nosso Santo a sua oração contínua, vê-se comtudo, pelos seus escriptos, que este exercicio lhe não interrompia a frequente lição da sagrada pagina, e dos Santos Padres, aos quaes tinha singular veneração, reconhecendo-os por seus mestres, assim nos dogmas da Fé, como da moral, aprendendo delles o modo de confutar os erros, que erão mais ordinarios no seu tempo, para cujo fim lia tambem nos livros dos hereges, depois de se conhecer bastantemente consolidado nas verdades da Religião, segundo a regra, em que diz:

« Quando os hereges com espirito contencioso, « ou maligno disputão contra nós, devemos conten- « tar-nos com lhes propormos uma, ou duas vezes « o seu erro; e se algum delles sinceramente deseja « instruir-se na verdade, não deixemos de ministrar- « lhe tudo o que para este fim fôr conducente; po- « rém não entremos nesta empreza sem sentirmos a « nossa mente, e o nosso coração bem radicados na « crença, e no conhecimento dos Mysterios da Fé. »

A humildade deste Santo era ainda mais admiravel do que a sua sciencia: desta virtude, que é o fundamento das outras, nascia nelle o grande desejo que tinha de viver desconhecido no seu deserto, ainda que as suas qualidades naturaes, e adquiridas, e os dons da graça que recebêra, o dispozessem para fazer uma luminosa figura no mundo.

E supposto o dizer elle, que o que pode com as suas instrucções contribuir para o adiantamento de seus proximos na piedade, não deve ter escondido o proprio talento, como ensina o Evangelho; todavia, a sua humildade por uma parte lhe fazia crêr, que não tinha o talento necessario para aquelle ministerio, e pela outra a sua prudencia lhe fazia julgar, que Deos só o destinava para viver em um deserto.

Mas não pôde conservar-se tão escondido, que muitos solitarios não tivessem conhecimento do seu mérito, para virem pedir-lhe conselho nas suas dúvidas, e receberem delle as advertencias necessarias para o grande negocio da sua eterna salvação; e assim pouco a pouco se estendeo por tal fórma a noticia da sua virtude, e sciencia, que até muitas pessoas seculares vinhão de longe procurallo para a direcção das suas almas.

Desejou neste tempo um solitario, chamado Moysés, estar na companhia do Santo, querendo ardentemente imitallo, e ter por director espiritual a um varão tão cheio do Espirito de Deos: valendo-se, pois, de outros solitarios, por seus intercessores, para que o houvesse de guiar no caminho da perfeição, cedeo o Santo a tão justas súpplicas, e recebeo a Moysés na sua companhia por seu discipulo.

Passado algum tempo mandou-lhe o Santo, em um dia do mez de agosto, que fosse a um certo logar conduzir terra nova para beneficiar uma horta, que o mesmo Santo cultivava. Partio Moysés sem demora, e chegando ao logar indicado, começou logo a cavar a terra; mas não podendo continuar o trabalho, por ser a hora do meio dia, e estar o sol ardentissimo, fatigado o sincero monge, se foi deitar, e dormir á sombra de uma grande penha.

Entretanto S. João orando na sua cellinha, e sobrevindo-lhe um leve somno, representou-se-lhe a figura de um veneravel ancião que o despertava, e como censurando-o lhe dizia: João, tu dormes com socego, estando o teu discipulo em perigo? Aqui despertando o virtuoso mestre, se poz logo em oração para soccorrer o seu discipulo, ainda que não sabia, qual era o perigo, que se lhe indicava.

Voltando, pois, Moysés no fim da tarde, disse logo a S. João: « Meu mestre, eu estive hoje em « risco de perder a vida debaixo de uma grande pe- « nha, aonde fatigado estava dormindo; mas pare- « cendo-me então ouvir a vossa voz, que me cha- « mava, sahi fóra com presteza, e vi no mesmo tem- « po deslocar-se a eminente penha, que se eu alli « estivera, certamente me opprimia. » Ouvindo isto o humilde João, nada lhe disse da visão que tivera, e só lhe recommendou, que désse muitas graças a nosso Senhor.

Outro solitario, por nome Isaac, era acommettido com tanta frequencia, e com tal força do abominavel espirito da impureza, que se achava em grandissima consternação, e quasi em termos de desesperar: procurando, pois, a S. João, e dando-lhe a entender entre muitas lagrimas, e suspiros, a guerra interior que o atormentava, compadecido o Santo, e obrigado pela fé, e humildade do afflicto monge, lhe disse: *Irmão meu, ponhamo-nos em oração, porque Deos todo cheio de bondade, e misericordia não rejeitará as nossas súpplicas.*

Com effeito, o successo confirmou a esperança, porque estando ainda aquelle solitario com o rosto em terra, se sentio restituido a um tal socego, e suavidade de espirito, que justamente admirado não cessava de dar graças a Deos, que por intercessão do seu servo lhe fizera um tão grande beneficio.

Irritado então o demonio pelo feliz successo, que produzião as instrucções de João, fez que alguns solitarios estimulados, e vencidos da inveja, entrassem a dizer, que aquelle monge era um simples charlatão, que não sabia guardar silencio; e logo João para evitar todo o escandalo, resolveo-se a não fallar com pessoa alguma, como observou por todo o espaço de um anno.

E com effeito elle proseguiria por este modo em todo o tempo da sua vida, se os mesmos que por inveja fallárão contra elle, tocados da sua modestia, e humildade, não fossem com outros mais pedir-lhe perdão, e supplicar-lhe instantemente, que proseguisse como antes, as suas fructuosas instrucções, como logo foi praticando sem a menor difficuldade.

Havendo já quarenta annos que João vivia no deserto, os monges do monte Sinai o elegêrão por seu Abbade; o que sabido por S. Gregorio Papa, que formava grande conceito da sua virtude, lhe escreveo congratulando-o, e pedindo-lhe o auxilio das suas orações, dizendo-lhe para este effeito, que os religiosos solitarios são mais obrigados a orar por aquelles, que, como elle Gregorio, se achão entre os tumultos do seculo.

Querendo, pois, o nosso Santo conduzir á maior perfeição os seus subditos, compoz neste tempo o seu livro famoso, intitulado: *Escada do Paraiso*, com um pequeno tratado, chamado *Carta ao Pas-*

tor, que era o Beato João, Abbade de Raitó, por cuja instancia compoz S. João aquelle seu livro, o qual é dividido em trinta capitulos, ou trinta degráos, que encerrão admiraveis preceitos para exercicio das virtudes Christãs, por meio das quaes se chega ao celestial Paraiso.

Ignora-se o tempo certo que viveo João depois de composto aquelle seu livro; sabe-se só, que foi pouco, e que antes de morrer largou o emprêgo de Abbade para tornar á sua amada solidão; por onde se vê, quão longe estava o Santo da ambição de dominar, e que estando costumado a viver contínuamente absorto em Deos, pelo dom que gozava de uma oração contínua, não se accommodava bem com as distracções, que andão annexas ao governo das acções, e consciencias alheias.

Estando o nosso Santo já nas ultimas horas da sua vida, Jorge, seu irmão, (a quem elle a rogos dos monges do Monte Sinai nomeára por seu successor) o veio procurar, e lhe disse: « Assim me deixais, « meu irmão, sem assistencia alguma? Eu tinha pe- « dido ao Senhor, que me chamasse a si primeiro « do que a vós, porque sem o vosso conselho não « posso governar bem esta santa familia, e agora por « minha desgraça me vejo ficar sem vós neste mun- « do. »

Aqui lhe respondeo S. João: Que se elle na outra vida podésse alguma coisa com Deos, lhe impetraria a graça de que antes de um anno o fosse acompanhar no Paraiso; e com effeito, passados dez mezes depois da morte de S. João, Jorge acabou de viver, e conheceo por experiencia propria, o grande mérito de seu irmão, que já como amigo de Deos reinava nos Céos. Crê-se que o seu transito foi no dia 30 de Março do anno 605 da era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Supposto que toda a vida deste grande Santo foi cheia de luminosos exemplos de virtude, e das mais excellentes maximas, que podem causar edificação, e grandissimo fructo a quem as ler attentamente, deve-se com tudo reflectir em que a oração foi o meio principal por onde recebeo de Deos uma tão grande cópia dos maiores dons, e preciosas graças.

E por isso elle chama á oração a fonte das virtudes, e o thesouro dos Christãos; e que assim como o poder de um Monarcha consiste na abundancia de riquezas, e copioso número de vassallos, tambem a força, e vigor de um Christão consiste na abundancia, e na efficacia de suas orações.

Assentando, pois, em que este é o remedio efficaz para todas as nossas indigencias, ponhamolo em prática, confiando na palavra do Salvador: Que tudo o que pedirmos a Deos nos será concedido, *dirigindo-se as nossas súpplcas para o que for conducente á consecução feliz da nossa eterna salvação.*

MAIO — 11.

DE

S. RICARDO, BISPO.

EM 3 DE ABRIL.

NO SECULO XII, E XIII.

A vida deste Santo, escripta por um author anonymo logo depois da sua morte, acha-se na Obra dos Bollandistas, e tambem outra diffusa, composta por Fr. Rodolfo, Religioso Dominico, confessor do santo Bispo.

No anno de 1197, nasceo Ricardo, no Reino de Inglaterra, em um logar do Bispado de Worcester, chamado Uschio, de pais de mediana condição, que lhe morrêrão sendo elle ainda menino; mas o Divino Senhor, com especial providencia, o preservou dos perigos, em que a inexperta mocidade costuma perder a graça baptismal, que elle conservou intacta até o fim da sua vida, sendo um dos principaes meios que praticou Ricardo para este effeito, o evitar as más companhias, e os divertimentos do seculo.

Tinha o santo mancebo um irmão de maior idade, o qual por causa de uma prisão dilatada se achou reduzido a uma grande pobreza, e miseria; e vendo-o Ricardo nesta situação penosa, o ajudou por tal modo com os seus bens, e com o trabalho das suas mãos, que pôde metter em boa ordem os seus negocios, e fazer fructiferas as suas terras; e obri-

gado o irmão por este generoso beneficio de Ricardo, lhe fez doação de todos os bens que possuia.

Passado pouco tempo, foi proposto a Ricardo o matrimonio de uma donzella ricamente dotada, o que fez arrepender ao irmão da sua doação antecedente, receando que a futura cunhada, e os seus parentes o desprezassem, como pessoa inutil, de quem não tinhão dependencia alguma; porém Ricardo brevemente o livrou destes temores, renunciando-lhe não só a doação sobredita, mas ainda a mesma esposa.

E ausentando-se do seu paiz para servir mais livremente a Deos, e applicar-se ao estudo das sciencias, a que era muito inclinado, se dirigio para a Universidade de Oxford, aonde em breve tempo aprendeo as lettras humanas; depois passou a estudar em París a eloquencia, e philosophia, e ultimamente veio a Bolonha, para dar-se ao estudo das leis civis, e canonicas, que alli florecião muito naquelles tempos.

Passados sete annos que esteve Ricardo em Bolonha, foi tal, e tão notorio o seu progresso no estudo da jurisprudencia, que adoecendo gravemente o primeiro professor, foi Ricardo eleito para seu substituto, emprêgo que elle com geral applauso cumprio pelo espaço de seis mezes. Offereceo-lhe então o mesmo professor para mulher uma filha que tinha unica, com a sua copiosa fazenda, porém Ricardo agradecendo cortezmente a offerta, se escusou de poder então acceitalla, por causa de alguns negocios, que o chamavão para Inglaterra.

Partindo, pois, de Bolonha, e tornando para Oxford, enriquecido de sciencia, e virtude foi eleito para Cancellario daquella Universidade, emprêgo que exercitou por alguns annos com geral acceitação, até que Santo Eduardo, Arcebispo de Cantuaria, Primaz de Inglaterra, o chamou para o fazer tambem Cancellario da sua Igreja, e o alliviar na expedição dos mais graves negocios do seu Bispado.

Em todos estes emprêgos deo elle mostras da sua prudencia, rectidão, e fidelidade, portando-se affavel com todos, amigo da justiça, e remoto de toda a soberba. Elle procurava compôr as discordias, e controversias entre os particulares; e isento de todo o interesse, não queria outro premio pelas suas fadigas, senão o que Deos tem promettido aos que administrão a justiça, e satisfazem as obrigações do seu estado com rectidão, como ordena a divina lei.

Santo Eduardo neste tempo teve de padecer vexações injustas pela defensa da jurisdicção da sua Igreja, e S. Ricardo, sendo-lhe sempre fiel, teve tambem de participar das mesmas perseguições, acompanhando ao santo Arcebispo no desterro que lhe derão para França, aonde falleceo no mosteiro de Pontigni, correndo o anno de 1241; e achando-se Ricardo exonerado de todo o emprêgo, passou para Orleans, aonde pelo espaço de tres annos se applicou ao estudo da theologia, dirigido por um grande mestre da Ordem dos Prégadores, e nesta Cidade recebeo tambem as Ordens Sacras.

Succedeo entretanto a Santo Eduardo no Arcebispado de Cantuaria outro digno Prelado, por nome Bonifacio, o qual desejando tambem utilisar-se do serviço de um varão de tanta sciencia, e virtude, como era S. Ricardo, applicou todo o esforço para o fazer acceitar novamente o cargo de Cancellario da sua Igreja; mas foi por pouco tempo, porque a Divina Providencia o destinou para Bispo de Cicester, pela maneira seguinte:

Morto o Prelado daquella Igreja no anno de 1244, foi eleito para seu successor um Conego da mesma Cathedral, cujo mérito consistia sómente em ser recommendado pelo Rei Henrique III. Apresentando-se, pois, ao Arcebispo de Cantuaria, seu metropolitano, e aos outros suffraganeos para receber a Ordenação Episcopal, elles, depois de um maduro exame, julgando-o absolutamente indigno daquella dignidade, declarárão por nulla, e de nenhum valor a sua eleição.

E julgando ao mesmo tempo, que S. Ricardo era o melhor pastor, que podião substituir em seu logar, o sagrárão Bispo de Cicester, a que tambem concorreo a plena approvação do Summo Pontifice Innocencio IV, que então residia em França. Só o Rei Henrique levou a mal aquella promoção, não só por ser excluido o sogeito por elle proposto, senão tambem por considerar a Ricardo como seu inimigo, depois das controversias que tivera o mesmo Rei com Santo Eduardo, em que elle Ricardo, como seu Cancellario, seguíra fielmente o seu partido.

Confiscou logo o Rei todas as rendas da Igreja de Cicester, e ainda os móveis da casa episcopal, cujo sequestro durou pelo espaço de dois annos, terminando-se então a instancia do Summo Pontifice, que interpoz a este respeito a sua authoridade; porém S. Ricardo não se teve entretanto por dispensado de exercitar as funcções da sua Igreja, e assim fez as suas visitas pobre, e sem alguma commodidade temporal, como praticavão os Apostolos quando annunciavão o Evangelho.

Neste estado de pobreza discorreo o Santo por todo o seu Bispado, prégando fructuosamente a palavra de Deos, reformando os costumes dos seus diocesanos, administrando os sacramentos, e cumprindo com infatigavel zêlo todas as obrigações do seu emprêgo; e as rendas que depois lhe forão restituidas, vierão a ser o patrimonio dos pobres, pelos quaes repartia abundantes esmolas, reservando para a sua pessoa só o que bastava para o seu alimento sobrio, mortificado, e penitente.

Governou S. Ricardo a Igreja de Cicester pelo espaço de nove annos com summa vigilancia, com sentimentos de profunda humildade, e com entranhas de caridade paterna para com todos, sem distincção de pessoas, e no mesmo tempo com inflexivel constancia, quando se tratava da honra de Deos, e da

observancia da disciplina ecclesiastica, como dão a vêr os seguintes exemplos:

Privou o santo Bispo dos seus beneficios, e da honra do sacerdocio a um ecclesiastico, que commettêra um escandaloso crime com uma religiosa; e supposto que as pessoas mais authorizadas da côrte, e ainda o mesmo Arcebispo de Cantuaria, se empenhárão a seu favor, o santo Bispo resistio sempre a todas as suas instancias, protestando firmemente que em quanto vivesse não absolveria da merecida pena ao tal ecclesiastico, se elle não se emendasse das desordens que commettêra, e escandalosamente continuava; e o mesmo justo, e santo vigor praticou com tres parochos, aos quaes pelos seus máos costumes privou para sempre dos seus beneficios.

Porém quanto era Ricardo rigoroso, e severo com os ecclesiasticos mal procedidos, outro tanto era benigno, e affavel com os que se portavão, como pedia o seu estado, beneficiando-os, e soccorrendo-os nas suas indigencias, e particularmente quando os seus muitos annos, ou algum penoso incidente os reduzião á miseria; e temendo elle os enganos do amor proprio, juntos com os da carne, e do sangue, nunca admittio aos beneficios ecclesiasticos algum dos seus parentes, com ter alguns que erão benemeritos, e em todo o sentido muito capazes.

Em summa, o santo Bispo em todas as suas acções só tinha por objecto agradar a Deos, e edificar ao proximo. Prégava frequentemente a palavra de Deos, reputando este exercicio como primeiro entre as funcções do ministerio episcopal; e não satisfeito de o praticar só no seu Bispado, o administrava tambem com grande fructo em algumas Cidades visinhas, convidado pelos seus moradores.

Finalmente, achando-se elle fóra do seu Bispado prégando a Cruzada por ordem do Summo Pontifice, lhe sobreveio uma grave molestia, que em poucos dias o reduzio aos ultimos termos da vida; e então elle, cheio de confiança nos méritos de Jesu Christo, e no patrocinio de sua Santissima Mãi, tomou nas mãos a imagem do mesmo Senhor, e com íntimo affecto, lhe dizia:

« Senhor meu Jesu Christo, eu vos rendo as « graças por tantas penas, e opprobrios, que por meu « amor padecestes, e por tantos beneficios, e favores, « que até agora me tendes feito. Vós, Senhor, conheceis, que eu estou prompto para padecer qualquer « pena, e tormento, que for do vosso agrado: rogo-« vos, pois, que useis de misericordia com a minha « alma, e que vos digneis de a receber nas vossas « mãos. »

E logo voltando-se para a Beatissima Virgem, lhe dizia muitas vezes com íntimo affecto do seu coração: *Maria, Mãi de Graça, Mãi de Misericordia, protegei-me do infernal inimigo, e recebei-me na hora da morte;* e recommendava aos Capellães, que lhe assistião, a repetição desta mesma supplica até a sua ultima hora; e desta maneira entre as lagrimas, e gemidos dos circumstantes, pela perda de um tão digno, e santo pastor, rendeo elle o seu espirito a Deos no dia tres de abril do anno 1253, e quinquagesimo sexto da sua idade.

E além dos muitos milagres, que elle obrava em vida, forão tantos os que por sua intercessão obrou Deos, depois de morto este seu servo, que o Summo Pontifice Urbano IV, no anno de 1262, o escreveo solemnemente no catalogo dos Santos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Muitas são as virtudes, que resplandecem na vida deste Santo, que merecem não sómente o nosso applauso, mas tambem a nossa imitação, e principalmente o seu desapego dos bens da terra os quaes de modo ordinario, enlaçando a muitos homens, os precipitão agora em graves delictos, e depois nos eternos tormentos.

S. Ricardo, como fica dito, desde mancebo mostrou-se inteiramente alheio de todo o interesse, e por isso vendo elle afflicto a seu irmão, por causa da doação que lhe havia feito, promptamente a renunciou, e o metteo em posse de todos os seus bens, para lhe tirar todo o motivo de desgosto, e conservar a paz, e amisade entre ambos.

Oh quantas dissensões, e demandas entre irmãos, e parentes por este modo se evitarião! E como reinaria nas familias a paz, tão recommendada por Christo, se houvesse menos apego aos bens terrenos, cedendo de boa vontade ao interesse, ainda legitimo, para manter illeso o precioso thesouro da caridade reciproca, que vale mais que todos os bens do mundo.

MAIO — 12.

DE

SANTA JOANNA, VIRGEM.

PRINCEZA DE PORTUGAL.

NO SECULO XV.

Margarida Pinheira, camareira desta bemaventurada Princeza, escreveo com exactidão, e fidelidade a sua vida, que se acha traduzida na Obra dos Bollandistas, no Tomo VII, do mez de maio.

A Beata Joanna, filha de Affonso V, Rei de Portugal, e da Rainha Isabel, sua consorte, nasceo em Lisboa no dia 10 de fevereiro do anno 1452, e por morte de sua mãi (no anno de 1456) foi commettida a sua educação a uma dama de grande virtude, chamada Beatriz de Menezes, e a D. Filippa sua tia, irmã da Rainha defunta, as quaes procurárão desde logo instillar no seu espirito as santas maximas da Religião, sobre um grande amor de Deos, e uma terna devoção para com a Santissima Virgem.

Não lhes deo grande trabalho esta empreza, porque o Senhor prevenio com tal abundancia da sua graça a venturosa menina, que apenas chegou aos annos da discripção, mostrou uma inclinação singular á virtude, e uma total aversão ás pompas, e vaidades do seculo; e o Rei seu pai, estando na resolução de não tomar outra mulher, destinou para o serviço desta sua amada filha todas as pessoas, que pertencião ao quarto da Rainha, e quiz tambem que por todos os Grandes do Reino fosse publicamente jurada por herdeira da sua corôa, no caso de morrer sem successão masculina seu filho João, que por ser de compleição delicada, não promettia muita duração a sua vida.

Porém no meio destas grandezas, e destas honras extraordinarias, a bemaventurada Princeza a nada mais aspirava do que a unir-se estreitamente com o seu Deos, e adquirir os verdadeiros bens, e as sólidas grandezas, quaes são as virtudes Christãs na presente vida, e a gloria celeste na futura eternidade.

Para este effeito ella se applicava com grande affecto á oração, á lição dos livros sagrados, e das vidas dos Santos, especialmente das santas Virgens, e sobre tudo daquellas que tinhão derramado o sangue por amor de Jesu Christo, invejando santamente a sua ditosa sorte, e desejando fazer ella outro igual sacrificio de si mesma; e como entendia perfeitamente a lingua latina, gostava muito de ler, e meditar a Vida, e Paixão do Salvador nos santos Evangelhos, nos Actos Apostolicos, e recitar quotidianamente o officio divino, segundo o rito da Igreja romana.

Crescendo entretanto com os annos a bemaventurada Princeza na singular formosura, viveza de espirito, e admiravel prudencia, muito superior á sua idade, e chegando esta noticia ás côrtes estrangeiras, foi pedida para esposa pelos primeiros Principes, e Monarchas da Europa, especialmente pelo Imperador, e Rei de França, para os seus primogenitos, concorrendo para isto mesmo o Rei seu pai, que amando-a com o maior extremo, a quizera vêr collocada em um real throno.

Mas erão mui diversos os pensamentos, e muito mais nobres os designios que ella nutria no seu coração; porque reflectindo com a luz do Ceo sobre o nada das grandezas humanas, estava firmemente resoluta a fazer voto de virgindade perpétua, para não admittir outro desposorio, que não fosse o do Rei supremo, creador do Ceo, e da terra.

Para este effeito começou, na idade de quinze annos, a macerar-se com diversas austeridades, e penitencias, trazendo debaixo das preciosas galas um asperrimo cilicio, fazendo frequentes jejuns, em que entravão os das sextas feiras, sempre a pão, e agua, dormindo sobre o pavimento, coberto de um tapete, e evitando toda a sorte de delicias, e corporaes commodidades.

O seu maior gosto era conservar-se no retiro do seu oratorio em meditações, e lições pias; e quando era obrigada pela razão do estado a assistir nos festejos da côrte, para obedecer a seu pai, parecia que estava sobre espinhos, e apenas se podia expedir, tornava para o seu amado oratorio, aonde derramava muitas lagrimas pela assistencia que fizera (ainda que muito a seu pezar) áquelles passatempos, e mundanas alegrias.

Exercitava tambem com grande affecto as obras de caridade para com os pobres, servindo-se para este effeito de um virtuoso fidalgo, por cuja mão fazia distribuir copiosas esmolas, não sómente aos que recorrião á sua piedade, senão muito mais aos que

ella sabia, tinhão maior indigencia; e tudo isto era com muito segredo, porque sendo ella humilde de coração, fugia de todas as apparencias, que lhe conciliassem louvor, para não ser contaminada pelo occulto veneno da vangloria.

Tal era esta santa Princeza na idade de quinze annos, toda cheia de virtudes, quando pelo Rei seu pai foi poderosamente instada para acceitar o desposorio com algum dos Principes, que a pretendião, especialmente o Delphim de França. Ella, para dissuadir o Rei de um tal pensamento, usou de todas as industrias, e diligencias possiveis; porém vendo que todas as tentativas lhe sahião inuteis, tomou o partido de admittir as propostas, differindo a conclusão para o tempo, em que o Delphim chegasse á idade competente; e ella, entretanto, augmentando as penitencias, orações, e esmólas, supplicava a Deos, que lhe não permittisse contrahir desposorio com algum Principe terreno, mas que só a recebesse por sua serva, e sua esposa.

Succedeo então hir o Rei seu pai com o Principe seu filho combater os mouros africanos, afim de lhes conquistar algumas praças maritimas, que impedião o livre curso da navegação, e commercio aos seus vassallos; e a santa Princeza em todo o tempo que durou a guerra orava fervorosamente a Deos pela prosperidade das armas do Rei seu pai, e para poder executar o seu virtuoso designio, de consagrar-lhe a sua virgindade.

E logo que recebeo a noticia de haver entrado seu pai no porto de Lisboa, lhe sahio alegre ao desembarque com um sequito lustroso; e depois das congratulações devidas pelas insignes victorias que o Senhor lhe concedêra contra aquelles pérfidos barbaros, lhe fez com muita graça esta representação opportuna, e não menos pia, que discreta:

« Meu pai, e senhor, sempre foi costume, ain-
« da entre os Principes gentios, offerecer a Deos
« alguma coisa estimada em acção de graças pelas
« victorias conseguidas; e se mais o deve fazer um
« Rei Christão, e um Rei tão pio, como é V. Ma-
« gestade por Divina misericordia, eu que vivo na
« certeza do muito que V. Magestade por bondade
« sua me ama, lhe rogo humildemente, que em re-
« conhecimento dos grandes beneficios, que deve ao
« poderoso Deos dos exercitos, lhe faça generosa of-
« ferta da minha pessoa, permittindo que eu lhe con-
« sagre perpetuamente a minha virgindade. Isto é o
« que eu mais desejo, e espero que V. Magestade me
« conceda esta graça em um dia de tanta gloria para
« mim, e para todo o Reino. »

Attonito o Rei com esta não esperada proposta, sentio no seu interior um penoso combate, mas em fim, obrigado pelo amor, e lagrimas da graciosa filha, condescendeo á sua súpplica, com summo desprazer de todos os grandes do Reino, preoccupados do temor de extinguir-se a geração real, por não ter ainda naquelle tempo o Principe seu irmão algum filho, que lhe houvesse de succeder no throno.

Mas em quanto á bemaventurada Princeza, pode cada qual facilmente discorrer, o grande jubilo que teria, vendo felicitado o seu designio de consagrar-se inteiramente ao seu celeste esposo, e que affectuosas graças lhe renderia, e a Maria Santissima, Rainha das Virgens, por cuja intercessão, e tambem pela de Santo Agostinho, de quem era muito devota, reconhecia haver recebido aquelle singular beneficio da Divina bondade.

Logo depois disto, pensou a santa Princeza em retirar-se para um mosteiro de religiosas da ordem de S. Domingos, que proximamente havia fundado na Villa de Aveiro uma illustre fidalga, chamada Beatriz-Leitôa, por estar certa, de que naquelle mosteiro (como costuma acontecer no principio das novas fundações) se observava uma exacta disciplina regular, uma rigorosa clausura, e uma vida pobre, devota, e penitente.

Mas temendo encontrar obstaculos invenciveis para com o Rei seu pai, de modo que não podesse executar este seu designio, julgou prudentemente, que devia esperar tempo mais opportuno, e uma occasião mais favoravel. Contentou-se, pois, com pedir licença a ElRei para retirar-se a um mosteiro visinho da côrte; e obtida com effeito (muito a pezar do Rei, e do irmão) para o mosteiro de Odivellas, alli entrou no anno de 1472.

Porém não se demorou mais do que dois mezes, porque as frequentes visitas do Rei, do irmão, e dos grandes, e fidalgos de Lisboa, lhe fazião molesta, e fastidiosa aquella assistencia; e por tanto, com repetidas e humildes súpplicas obteve a permissão de retirar-se para outro mosteiro, aonde com mais liberdade, e maior descanso podesse empregar-se unicamente em servir a Deos.

Mas apenas lhes manifestou o seu desejo, dirigido ao convento de Aveiro, achou grandes contradicções, reputando todos por indecente a uma Princeza como ella, a residencia em um logar tão pobre, e tão indigno da sua grandeza. Porém ella, que via as coisas com as luzes da Fé, e segundo as maximas do Evangelho, por isso mesmo elegia aquelle mosteiro, em que podia mais facilmente imitar a humildade de Jesu Christo, que escolheo para o seu nascimento um presepio no pequeno logar de Belém, e para sua habitação uma pobre casa em Nazareth, e para sua morte o Calvario, e a Cruz.

Então o Rei, e o Principe propozerão á Santa, como logar conveniente á sua sublime condição, o real mosteiro de Santa Clara de Coimbra, aonde (dizião elles) poderia servir a Deos com decóro em companhia das donzellas da primeira nobreza do Reino; a cuja proposta condescendeo, por então, prudentemente a Santa; mas para obter com doçura, e suavidade o seu intento, pedio só licença para hir a Aveiro visitar a pia fundadora daquelle convento, e

vêr com os proprios olhos o theor de vida que alli praticavão aquellas boas religiosas.

Não se atreveo o Rei Affonso, que era um Principe de muita piedade, a negar esta graça á sua amada filha, antes elle mesmo quiz acompanhalla com o Principe, e grandes da sua côrte naquella viagem, que se terminou no ultimo do mez de julho do anno 1472, experimentando a santa Princeza o maior jubilo em tratar alli com a pia fundadora, e religiosas daquelle mosteiro; e fazendo logo vivas instancias ao Rei seu pai, para que se dignasse de permittir-lhe a sua assistencia naquella casa, depois de varias, e fortes contradicções, annuio finalmente aos seus desejos.

Assim, pois, conseguio a bemaventurada Joanna aquelle socêgo, e paz de espirito procurada em tantos tempos. Alli emprehendeo com grande fervor a carreira daquella vida mortificada, humilde, e penitente, que depois continuou no resto dos seus dias, aspirando sempre a crucificar a sua carne, vivendo morta para o mundo, e applicada sómente a santificar a sua alma com o perenne exercicio das virtudes Christãs; e para que o Rei seu pai não insistisse de novo em a tirar daquelle mosteiro, escreveo ao seu confessor a carta seguinte:

BENTO SEJA O SANTISSIMO SACRAMENTO DO ALTAR.

Mui honrado padre, a Infanta se encomenda mui na vossa birtude, como aquella que foi vossa aprendedeira. A ElRei, meu padre, e senhor, mando a rezom que sohia, e de todas las outras cousas grandes, e pequenas, que som infindas, e com todo o meu sizo lhe requeiro, nom se alongue delho, e que seja pela guiza que sempre.

Muito agradó o livro, pelo qual sempre leeiêra, se más presto o houbéra. Na bossa santa bençom me encomendo, e que pidais ao Senhor Deos seja eu de sua colheita, por que satanás me nom impessa; cá eu tambem lhe rogo por bós, como he rezom, e lhe pido me nom lebe desta, sem fallar com bos, pois nom tendes saude nas pernas para o fazerdes. Elle nos dê de sua mercede, para que lo amemos. De Abeiro 22 de janeiro de 1473.

A Infanta D. Joanna.

E no sobrescripto. — *Ao muito honrado Gil Pires, Crelgo delRei, meu padre.*

Esteve a Santa naquelle mosteiro dois annos, e cinco mezes, assistindo sempre a todos os actos da communidade, como simples secular, vestida de um panno, similhante na côr ao das religiosas; até que no principio do anno 1475 quiz em todos os modos receber o habito religioso por mão da Priora do mosteiro, alistando-se em o numero das suas subditas; o que muito sentio o Rei seu pai, que quando lhe permittio o demorar-se naquelle mosteiro, era só na supposição de ficar alli, como em deposito até o tempo, em que houvesse de passar para outro estado.

E muito maior foi a dôr, e o desgosto dos grandes do Reino, vendo por aquelle modo perdida toda a esperança de a terem por sua senhora, no caso de morrer o Infante sem ter filhos; porém o Senhor, que inspirava a esta sua serva uma resolução tão generosa, não lhe permittio o complemento que ella desejava; porque, passado pouco tempo no seu anno do noviciado, lhe sobrevierão tão graves, e contínuas dôres, que julgárão os medicos não ser conveniente á sua delicada compleição o rigor de vida, que se praticava naquelle mosteiro, especialmente quanto ao alimento, que era sempre de peixe; porém ella, por conselho de varões sabios, antes não quiz professar aquelle instituto, do que vêr-se obrigada a pedir dispensa da observancia commum das outras religiosas.

Quíz, comtudo, persistir naquelle mosteiro, aonde assistia a todos os exercicios da communidade, occupando sempre o infimo logar, como se fosse a ultima noviça, e empregar-se com alegre prazer do seu espirito nos officios de maior humildade, como varrer os dormitorios, lavar a louça, conduzir a lenha para a cozinha, e outras coisas similhantes, que praticavão as noviças.

Assim passou alguns annos esta veneravel Princeza, gozando de uma profunda paz naquelle sagrado retiro, por se considerar fóra do perigo de a obrigarem a tomar outro estado, principalmente por ser então já morto seu pai D. Affonso, e haver-lhe succedido no throno D. João, seu filho; porém sobreveio-lhe, quando menos o pensava, outro grave incidente, que poz em grande alteração o seu socêgo.

Por quanto, havendo o novo Rei D. João, depois de uma porfiada guerra, concluido a paz, e um tratado de amisade, e confederação com Ricardo, Rei da Grã Bretanha, (que então era Catholico romano, e todo o seu Reino) uma das condições daquelle tratado era esta: Que para fazer mais sólida, e mais duravel a paz, e concordia entre os dois Principes estabelecida, a Princeza D. Joanna, irmã do Rei de Portugal, sería dada para esposa ao dito Ricardo Rei de Inglaterra.

Em consequencia deste ajuste é incrivel quaes, e quantas forão as instancias, efficazes rogativas, e ainda graves ameaças, feitas pelo Rei a sua irmã, interpondo tambem a mediação dos maiores Prelados do Reino, afim de que prestasse o seu consentimento para um tal matrimonio, que sobre util, se julgava não menos necessario ao bem do estado, e quietação do Reino.

Para este fim foi o Rei a Coimbra, aonde fez comparecer sua irmã, e com ella praticou de espaço, dispondo-a para assentir ao seu desejo; porém ella, qual firme rocha, resistio sempre com vigor a todas as baterias que se applicárão para a fazerem

desistir do seu santo proposito; e não se dando ainda por segura, recorreo logo ao celeste esposo, supplicando-lhe com muitas lagrimas, que se dignasse de a soccorrer naquellas angustias.

Orando ella, pois, com o maior fervor, adormeceo, e lhe appareceo um Anjo, o qual lhe disse: Que estivesse de bom animo, porque morrêra naquella hora o pretendente, que a desejava para sua esposa, e animada ella com esta noticia, foi logo no dia seguinte dizer ao Rei seu irmão: Que já não havia que tratar sobre o desposorio com o Rei de Inglaterra, que terminára proximamente a sua vida.

Com effeito, passados seis dias, chegou um navio, em que vinha o aviso de ser morto aquelle Rei; e logo o Rei D. João, certificado por este successo da grande santidade de sua irmã, e cheio do maior apreço, e veneração para com ella, lhe prometteo com firmeza, que nada mais lhe fallaria em similhante materia, ainda que fosse instado por qualquer outro Monarcha.

Estes particulares favores, que a bemaventurada Princeza recebêra do Ceo, concorrêrão muito para mais affervoralla no Divino serviço, e principalmente na humildade, e caridade para com Deos, e para com o proximo; porque havendo-lhe o Rei concedido pleno, e absoluto dominio sobre a Villa de Aveiro, ella se servio deste poder para promover, e augmentar o culto Divino, para reduzir ao caminho da salvação muitos peccadores, para compôr as discordias entre os cidadãos, para desterrar os abusos, e máos costumes, e para pôr em exercicio outras muitas boas obras.

Assim viveo a santa Princeza com grande edificação de todo o Reino de Portugal, até que no anno de 1490, em que fazia trinta e oito de idade, a tirou Deos deste mundo para os eternos desposorios do Paraizo, depois de soffrer com heroica paciencia pelo espaço de cinco mezes uma penosa enfermidade, não sem grave suspeita de veneno, que se presumio lhe fosse dado por um escandaloso libertino, a quem ella fizera punir pelos seus abominaveis excessos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Esta bemaventurada Princeza justamente se póde chamar um troféo illustre da virgindade, para cuja conservação teve de soffrer tantos, e tão fortes combates, tantas, e tão várias contradicções por parte daquelles que em todos os modos a querião collocar em matrimonio com algum dos primeiros Principes, e Monarchas da Europa; e este exemplo pode servir de conforto ás donzellas, que estando resolutas a servir a Deos no estado virginal, encontrão opposições nos pais, e parentes para a sua execução.

E supposto que o estado do matrimonio em si é santo, e contém muitos bens estimaveis, comtudo, é certo, e de Fé, como ensina o Apostolo S. Paulo, que o estado da virgindade é sem comparação mais santo, e mais grato a Deos, mais abundante de méritos, e mais copioso de bens na presente vida, e na futura.

MAIO — 13.

DE

S. JOÃO DAMASCENO.

EM 6 DE MAIO.

NO SECULO VII, E VIII.

A sua vida escripta por João, Patriarcha de Jerusalem, depois da morte do Santo, é referida por Surio, e se acha nos Bollandistas no dia 6 deste mez de maio.

Nasceo João em Damasco, Cidade da Syria, no anno de 676, quando era já dominada pelos saracenos; e não obstante a revolução, que causára na Religião o mahometismo, os antepassados de João sempre ficárão constantes na Fé de Jesu Christo, e pela sua notoria virtude erão tão bem reputados para com aquelles infiéis, que os exaltárão aos primeiros cargos da republica.

Assim, pois, o pai do Santo, que nada era inferior aos seus maiores em piedade, em poder, e reputação, sendo-lhe conferido pelo seu mérito o governo da Provincia, neste supremo posto, em vez de dissipar as suas grossas rendas em despezas inuteis, as empregava em remir os Christãos escravos, e em soccorrer os outros que por se manterem fiéis a Jesu Christo, estavão expostos á perseguição.

Desejava elle ardentemente dar uma boa educação a seu filho, e Deos, para este effeito, lhe sub-

ministrou os meios por um caminho extraordinario, que foi o seguinte: Costumavão os saracenos de tempo em tempo fazer suas correrias no mar, e chegando uma vez a Damasco com uma tropa de muitos escravos, resolvêrão-se a pôr em venda os mais novos, e dar a morte aos velhos, entre os quaes se achava um monge, por nome Cosme.

E observando os barbaros, que todos os outros escravos tinhão para com este um grande respeito, lhe perguntárão quem era, e qual a sua occupação? E respondendo elle ser um monge, que empregára a sua vida no estudo das sciencias divinas, e humanas, o pai de João, que isto ouvio, discorrendo que naquelle escravo achára um thesouro para seu filho, o levou para casa, e lhe disse logo: *Desde agora, em vez de escravo, te faço governador da minha casa, só te peço, em recompensa da liberdade concedida, que tomes a teu cuidado a instrucção de meu filho, e de outro menino, oriundo de Jerusalem, que ficando orfão em tenra idade, me encarreguei delle.*

Passados, pois, alguns annos, em que na direcção de um tão sabio mestre forão admiraveis os progressos, que fez João nos seus estudos, (morto já o Governador seu pai, e Cosme restituido então ao seu mosteiro) o Principe dos saracenos, que sempre fizera um grande apreço da sua familia, em que a virtude parecia ser como hereditaria, lhe conferio o honroso cargo de seu primeiro conselheiro.

Porém este grande emprêgo nada diminuio nelle a prática da virtude, e o amor da Religião, reflectindo sempre, em que as obrigações do Christão fiel devem prevalecer ás de qualquer outro officio; e por tanto só reputava a sua dignidade como um meio proprio para fazer bem a todos, e conciliar maior apreço á Religião que professava, com a pureza irreprehensivel dos seus bons costumes.

Regía naquelle tempo o Imperio Romano em Constantinopla o ímpio Leão Isáurico, inimigo cruel das imagens santas; e João, que muito bem sabía ser virtuoso o culto, que rendem os Fiéis a estas sagradas representações, quando se não confundem com a suprema adoração que se deve a Deos, e que sempre é digno de honra tudo o que diz respeito á sua veneravel memoria, compoz alguns Tratados em defensa da fé, que professa a Igreja sobre este artigo.

Elle era então simples leigo, mas tomava como dita pela sua pessoa aquella sentença de Tertulliano: Que todo o homem é soldado, para defender a causa da Religião. Com effeito, as provas por elle adduzidas, e a authoridade da sua pessoa, derão um grande pêzo aos seus escriptos, por onde o Imperador, temendo um adversario tão poderoso, pensou em desfazer-se delle; e para haver de o conseguir, forjou contra elle uma horrivel calumnia, fingindo que João lhe escrevêra uma carta, em que o exhortava a vir com um exercito contra Damasco, promettendo-lhe ao mesmo passo a entrega desta Cidade.

Enviou, pois, o Imperador esta carta (que imitava inteiramente a lettra de João) ao Principe dos saracenos, o qual montando em furor, e sem attender ás justas defezas que allegava o Santo, lhe fez cortar a mão direita. Supportou João este injusto, e cruel supplicio com heroica paciencia; e aos que se condoião, e o consolavão naquelle acto, respondia: Que sendo este o premio que Jesu Christo promettera aos que tomavão o seu partido, o mesmo Senhor a seu tempo lhe faria receber o glorioso fructo.

E logo cheio de fé na protecção da Santissima Virgem, de quem era devotissimo, conseguindo do Principe, que lhe fosse entregue a mão cortada, se apresentou com ella diante de uma imagem da mesma Senhora, supplicando-lhe com muitas lagrimas, que lhe impetrasse do seu Divino Filho a graça de recuperar a mão perdida; e adormecendo o Santo no maior fervor desta súpplica, appareceo a clementissima Virgem, dizendo-lhe: *Foi ouvida a tua oração, e a tua mão fica restituida ao primeiro estado.*

Então, pois, um tão grande, e notorio prodigio encheo a todos do maior assombro, e o mesmo Principe saraceno, inteiramente convencido da pura innocencia do Santo, o admittio como d'antes á sua graça, e o restituio tambem á sua mesma dignidade. Porém elle firmemente resoluto a abandonar o seculo, renunciou pouco depois todas as honras, e riquezas mundanas, e se retirou para servir a Deos em todo o resto da sua vida ao mosteiro de S. Sabbas, na Palestina, aonde o esperava ainda seu primeiro mestre, o monge Cosme, que depois foi promovido para Bispo da Cidade de Majúma.

Informado, pois, o superior do mosteiro do grande talento, e profunda sciencia daquelle novo subdito, o commetteo á direcção de um santo velho, muito versado nas materias de espirito, o qual conduzindo-o á sua cella, lhe assignou logo por primeira regra, e fundamento da virtude, o resistir, e não dar assenso á vontade propria, e lhe propoz tambem os preceitos seguintes:

« Offerecei a Deos os vossos trabalhos, e as vos-
« sas penas; exterminai do vosso espirito todos os
« pensamentos, e lembranças do mundo, que haveis
« abandonado; não vos glorieis da vossa sciencia,
« nem de qualquer outra coisa, antes reconhecei,
« que de vosso nada tendes senão a ignorancia, e a
« fraqueza; renunciai a toda a vaidade, e no exer-
« cicio da oração não desejeis ter visões, ou revela-
« ções; desconfiai sempre das vossas luzes, e con-
« servai-vos vigilante sobre vós mesmo; não escre-
« vais a pessoa alguma, nem façais algum discurso,
« usando do que aprendestes fóra do mosteiro; ob-
« servai o silencio, e estai certo, de que tereis peri-
« go de vaidade, ainda dizendo coisas boas, quando

« não fordes obrigado por ordem da santa obedien-« cia. »

Todas estas regras observou João pontualissimamente, e por outra parte o bom velho procurava aperfeiçoallo em todo o genero de virtudes. Querendo, pois, uma vez provar a sua obediencia, e humildade, o mandou levar, e vender umas alcofas á Cidade de Damasco, aonde pouco antes havia feito a primeira figura, ordenando-lhe ao mesmo tempo, que não as vendesse menos de um tal preço, o qual vinha a ser outro tanto do que na realidade valião.

João, sem replicar, assim pobre, e mal vestido como estava, partio logo para a feira de Damasco, e ouvindo-lhe as gentes pedir um preço excessivo pelas suas alcofas, o julgavão por insensato, e lhe dizião muitas palavras injuriosas, até que chegando alli por acaso, e conhecendo-o um dos que o tinhão servido no seculo, se compadeceo de o vêr naquelle estado, e promptamente lhe comprou todas as alcofas pelo mesmo preço que pedia.

Passado algum tempo morreo um monge, que habitava proximo á sua cella, e o irmão do defunto, que sentio extremosamente a sua falta, pedio ao nosso Santo naquella afflicção, que lhe fizesse alguns versos para seu allivio. João resistio logo a esta supplica, por não hir contra a ordem do seu director; mas, em fim, vencido da sua instancia, e para o consolar naquella pena, fez uma composição poetica, que começava pelo verso: *O que o tempo desfaz, é vaidade.*

O que sabido pelo bom velho seu director, o apartou logo de si, em pena da sua transgressão; e só depois de muito rogado o quiz receber novamente, debaixo da condição, de que primeiro limparia com suas proprias mãos todas as immundicies do mosteiro; o que elle com facilidade acceitou, e fielmente cumprio, porque nada lhe custavão pelo seu contínuo exercicio, todas, e quaesquer humilhações.

Vendo então o santo velho que este seu discipulo estava bem fundado na humildade, lhe ordenou que usasse francamente dos talentos que adquirira, e o Senhor lhe concedêra, e elle os empregou contra os hereges, que impugnavão o culto dos Santos, e das suas imagens: além de outros tratados que compôz da mais alta theologia, e exaltado no mesmo tempo ao Sacerdocio, depois de edificar a todos os monges com as suas heroicas virtudes, e enriquecer a Igreja com os seus excellentes escriptos, passou para o descanso do Senhor no anno de 780.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Aproveitemo-nos dos exemplos de S. João Damasceno, segundo as luminosas instrucções, que elle recebeo do seu santo director, e que fielmente cumprio. O seu principal objecto era purificar o coração do nosso Santo do espirito de soberba, e vaidade, para lhe infundir uma humildade verdadeira, e um sincero desprêzo de si mesmo.

Este, pois, deve ser o estudo, não só das pessoas religiosas, mas ainda de todos os Christãos que desejão adiantar-se na piedade; porque todos trazemos, desde o nascimento, entranhado em nós mesmos o veneno da soberba, que póde inficionar, e corromper as nossas obras, ainda as mais santas; e o melhor modo de a vencermos, e adquirirmos a humildade, é o exercicio das humilhações, a oração a Deos, e ter sempre os olhos em Jesu Christo, soberano mestre de todas as virtudes.

MAIO — 14.

DE

S. PLATÃO, CENOBITA.

EM 9 DE ABRIL.

NO SECULO VIII.

A vida deste Santo foi escripta fielmente por Santo Isidoro Studita, seu sobrinho, e companheiro nas perseguições: acha-se em Surio no dia 4 de abril, e mais correcta, e exacta nos Bollandistas.

Platão nasceo em Constantinopla no anno 735. Seus pais forão Sergio, e Eufemia, ambos de illustre familia, e possuidores de grandes riquezas. Platão tinha doze annos quando lhe morrêrão seus pais de uma horrivel peste, que no anno de 744 despovoou muitas Cidades, e assim foi educado por um seu tio, thesoureiro do Imperador, que lhe substituio as vezes de pai, e mãi, cuidando da sua pessoa com exacta diligencia.

No tempo em que elle aprendia as sciencias hu-

manas Deos o illuminou, e lhe fez conhecer, que devia referir ao mesmo Senhor os conhecimentos que adquiria, servindo-se destes meios, como de escada para subir a elle: então a muita applicação unida ao seu grande engenho, lhe facilitárão os maiores progressos em todos os seus estudos; e sahindo tambem excellente na arte de escrever as notas, (que assim chamavão a um modo de escrever por breves, com a mesma velocidade, com que se fallava) servio muito nesta parte ao dito seu tio, o qual reconhecendo nelle a grande esphera da sua capacidade, lhe encarregou a principal administração do seu emprêgo.

Assim Platão pelas suas bellas qualidades se fez amar, não só de todos os grandes da côrte, mas ainda estimar, e premiar pelo mesmo Imperador; e augmentando-se-lhe as rendas sobre as muitas que herdára de seus pais, lhe forão propostos os matrimonios mais illustres; mas a graça de Deos, que habitava no seu coração, o fazia aspirar a excellencias maiores, e mais sublimes que todas as do seculo.

O seu maior prazer era a lição dos livros sagrados, e sem faltar ás obrigações do seu emprêgo, attendia sériamente aos interesses da alma, e ao negocio importante da sua salvação eterna. Elle em vez de assistir aos espectaculos, aos jogos, e a outros taes divertimentos, como fazião os seus iguaes coetâneos, visitava as Igrejas, e frequentava a oração, para que os negocios do seculo, ainda que necessarios, o não esfriassem no amor de Deos, e procurava tambem tratar, e conversar com pessoas virtuosas, para se inflammar com o seu exemplo na prática das virtudes Christãs.

Escolheo para seu director a um santo Abbade, illuminado nos caminhos da virtude, e bem instruido nas regras do Evangelho, ao qual manifestava todo o seu interior, portando-se obedientissimo a todos os seus preceitos, por mais que fossem contrarios ás suas inclinações, e aos seus desejos; e ultimamente, resolvendo-se a deixar tudo para entrar em uma vida mais perfeita, deo liberdade a todos os seus escravos, e entregando parte dos seus bens a uma sua irmã, vendeo o restante delles, para o distribuir pelos pobres.

E para que a visinhança da familia, e dos amigos não lhe servissem de impedimento ao genero de vida, que intentava, partio occultamente para um mosteiro, chamado dos *Symbolos*, na Bithinia, estando na idade de vinte e quatro annos; mas antes de apresentar-se a Theotisto, Abbade daquelle mosteiro, entregou os seus preciosos vestidos a um seu escravo mais confidente, que levára comsigo, e fazendo que lhe cortasse os proprios cabellos, e lhe vestisse um habito grosseiro, que levava prevenido, o despedio logo.

Apresentando-se, pois, deste modo ao dito Abbade, lhe expressou humildemente a resolução que trazia de servir a Deos naquelle mosteiro; e supposto que o Abbade lhe expoz as difficuldades, que podia experimentar na observancia do estado, que pretendia, Platão lhe respondeo logo com profunda submissão: *Meu reverendo padre, eu deposito nas vossas mãos a minha alma, o meu corpo, e vontade propria ao vosso arbitrio, offerecendo-me prompto para a execução dos vossos preceitos.*

Ouvindo isto o Abbade, o admittio na sua companhia, e Platão cumprio fielmente a sua promessa, porque desde a hora, em que entrou no mosteiro, se exercitou com fervor em todas as virtudes, e principalmente em uma exacta obediencia, para haver de conseguir a espiritual perfeição, a que ardentemente aspirava, não se dedignando de amaçar o pão, cavar a terra, partir lenha no mato, conduzilla para a cozinha, e fazer tudo o mais que lhe era ordenado, por mais que fosse humilhante, e consequentemente penoso, e afflictivo.

Morrendo então, no anno de 770, o Abbade Theotisto, concorrêrão os votos de todos para elegerem a Platão em seu logar, com ter só de idade trinta e seis annos, e fazer todo o esforço para se livrar daquelle encargo. Deo-se elle então ainda com maior fervor ao exercicio das virtudes, principalmente da mortificação, e penitencia, usando só de hervas cozidas sem azeite, excepto os dias festivos, em que comia com a communidade: não bebia senão agua, e poucas vezes, succedendo-lhe passar dez dias sem beber coisa alguma.

No tempo em que Platão governava pacificamente o seu mosteiro, era a Igreja perseguida pelo Imperador Constantino Coprónymo, que se havia declarado inimigo das imagens, e dos monges; e supposto que Deos preservou a Platão daquella furiosa tempestade, o reservou para outros não menos penosos combates, como logo diremos.

Depois de morto aquelle Imperador, foi preciso ao santo Abbade, por alguns urgentes negocios, chegar á côrte, aonde, pela sua ausencia de tantos annos, estava em tal esquecimento, que até os seus mesmos sobrinhos não sabião de certo, se elle existia no mundo; mas a sua grande virtude o fez logo bem conhecido, reconciliando varias familias discordes, procurando abundantes esmolas para os necessitados, e convertendo um grande numero de obstinados peccadores.

Então, pois, foi rogado instantemente para acceitar o governo de um mosteiro proximo a Constantinopla, porém elle o recusou; e até o Patriarcha S. Tarasio o quiz fazer Bispo de Nicomedia, porém Platão, julgando-se indigno de qualquer gráo ecclesiastico, e muito mais do Bispado, recusou constantemente a proposição do Patriarcha; e para evitar outra similhante, voltou logo para a sua amada solidão.

Entretanto, havendo a Imperatriz Irene restituido á liberdade, que seu filho tirára para abraçar-se a vida monastica, toda a familia de Platão renunciou ao mundo com a maior consolação do santo Ab-

bade: o mesmo fizerão outros muitos, que se consagrárão a Deos em diversos mosteiros, confessando todos, que depois de Deos (supremo Senhor dos corações) devião esta graça ás exhortações, e conselhos de Platão.

Então, pois, para poder assistir a tantas pessoas, por seu meio convertidas a Deos, julgou o Santo, que devia ceder ás vivas instancias dos monges de Sacudião, (mosteiro visinho de Constantinopla) encarregando-se de ser seu Abbade; e achando alli muitos abusos, que carecião de reforma, o Santo proseguio a empreza, até plantar alli a observancia regular em todo aquelle vigor, que primeiro havião praticado os Santos; e supposto que no principio declamavão muitos contra o seu rigor, depois reconhecida justa, e prudente a sua reforma, foi abraçada por diversos mosteiros.

Neste tempo, subindo ao throno o Imperador Constantino, filho de Irene, e entregando-se precipitadamente ás suas paixões, repudiou sem legitima causa a Princeza Maria sua mulher, e tomou em seu logar outra por nome Theodora; e o Patriarcha S. Tarasio, ainda que reprovou este matrimonio adulterino, com tudo não quiz privar da communhão da Igreja ao mesmo Imperador, nem a consorte adultera, por temer as funestas consequencias, que das ecclesiasticas censuras se poderião originar contra a Religião.

Porém esta nimia brandura do Patriarcha desagradou tanto ao santo Abbade, que cheio de zêlo pela observancia da ecclesiastica disciplina, a censurou publicamente com os seus monges, e deixou de communicar com os Abbades, e Ecclesiasticos, que tinhão consentido, e approvado aquelle injusto, e escandaloso matrimonio.

O que sabido pelo Imperador, applicou primeiro varias promessas, e depois muitas ameaças, para haver de conseguir do santo Abbade a publica approvação do seu desposorio; porém sahindo-lhe inuteis todas as suas tentativas, ordenou o furioso Principe, que todos os monges de Platão fossem logo desterrados, com prohibição expressa a todos os Abbades de receberem algum nos seus mosteiros; e no mesmo tempo fez encerrar a S. Platão em um pequeno cubiculo do mosteiro de S. Miguel, com positiva ordem de não fallar a pessoa alguma, e de ser alli tratado com todo o rigor.

Soffreo Platão com animo forte, e socego de espirito aquella perseguição por um anno inteiro, tempo em que as coisas mudárão de face; porque morrendo o Imperador Constantino, a Imperatriz Irene, sua mãi, chamou logo os monges desterrados, e pondo em liberdade a S. Platão, se declarou pelo seu partido, reconhecido já como justo, e conforme ás regras da Igreja.

E então o mesmo Patriarcha se escusou com o Santo de não haver seguido o seu voto, adduzindo-lhe com muita humildade as razões que o movêrão a portar-se daquelle modo, e pedindo-lhe consequentemente a sua amizade: privou logo da communhão da Igreja ao Abbade José, que foi o que deo as bençãos solemnes ao indigno matrimonio do escandaloso Imperador.

Não persistio Platão muito tempo no seu mosteiro de Sacudião, porque as frequentes correrias dos saracenos o fizerão retirar para o mosteiro do Studio, que estava dentro de Constantinopla; e para não ser obrigado a tomar o governo da sua religiosa communidade, alli, na presença de todos os monges, fez publica profissão de obediencia nas mãos de Theodoro seu sobrinho, Abbade que era daquelle mosteiro, aonde foi continuando sempre os seus virtuosos exercicios, e dando aos monges que o procuravão os mais sábios documentos.

Morto depois, no anno de 806, o Patriarcha S. Tarasio, suscitou-se contra S. Platão uma nova tempestade, a que deo motivo a eleição do novo Patriarcha; porque sendo o Santo requerido por alguns Bispos, e pelo Imperador Niceforo, que concorresse com o seu voto para a eleição do sogeito, que pretendião elevar áquella eminente dignidade, elle que absolutamente o julgava indigno, resistio sempre ao proposto empenho.

Procedeo daqui o ser logo desterrado para uma pequena Ilha, aonde teve de padecer os mais penosos tratamentos, até que sobrevindo-lhe uma grave molestia, depois de quatro annos de desterro, se lhe permittio voltar para o seu mosteiro de Constantinopla, aonde, no anno de 813, foi chamado pelo Senhor a receber a recompensa das suas virtudes, das suas penitencias, e dos seus trabalhos, estando na idade de setenta e nove annos.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A vida de S. *Platão no estado secular póde servir de modêlo ás pessoas de nobre condição, que vivem no meio do mundo. Elle possuia grandes riquezas, mas o seu coração não se achava por ellas possuido. Gozava o favor da côrte, dos grandes, e do mesmo Imperador, mas o seu animo se dirigia para Deos, que era todo o objecto da sua esperança. Exercitava cargos sublimes, que continuamente o occupavão, mas sem faltar aos seus deveres, dava o primeiro logar, e o tempo necessario ao maior negocio, qual era o da sua eterna salvação.*

Assim, pois, a humildade, a paciencia, o zêlo constante em defender a verdade, e as mais virtudes que praticou o Santo depois de abraçar a vida monastica, devem servir de exemplar para a imitação, não sómente ás pessoas religiosas, mas tambem a todo o Christão no seu proprio estado, afim de agradar a Deos, e conseguir a salvação da alma, negocio que deve preferir a todos os respeitos humanos, e ao mais precioso do mundo.

MAIO — 15.

DE

SANTO EUTIQUIO, PATRIARCHA.

EM 15 DE ABRIL.

NO SECULO IV.

Eustasio, Presbytero da Igreja de Constantinopla, familiar de Santo Eutiquio, e testemunha occular das suas obras, escreveo a sua vida em fórma de panegyrico, como se acha em grego, e em latim nos Bollandistas em o dia 5 de abril.

Nasceo Eutiquio no anno de 512 em um logar da Frigia, e foi educado por seu avô materno, homem de grande piedade, porque seu pai Alexandre, official da primeira plana, que militava nas tropas do Imperio com o famoso General Belisario, não podia attender á educação dos seus filhos.

Mostrou-se logo Eutiquio muito inclinado á virtude, na qual se foi adiantando com as instrucções do dito seu avô, que tambem se chamava *Eutiquio;* e uma das práticas de piedade, que usava o bom velho para insinuar no tenro coração do seu neto a sólida devoção, era levallo frequentemente á Igreja, aonde fôra baptizado, e alli postos ambos de joelhos, lhe recordava a graça que recebêra de ser filho de Deos, e as promessas que fizera de renunciar o mundo, o demonio, e a carne, e observar os Divinos Mandamentos.

Este é (lhe dizia o devoto avô) *o unico fim para que vieste ao mundo, e este deve ser o teu unico desejo em todos os dias da tua vida.* Logo que Eutiquio chegou aos doze annos da sua idade, instruido já nas primeiras lettras, o enviou seu avô a Constantinopla para aprender as sciencias com os melhores mestres, que então havia naquella grande metropoli do Imperio.

A sua primeira applicação foi ao estudo da philosophia moral, lendo os melhores escriptos dos antigos mestres sobre a moderação das paixões, e disciplina dos costumes, estudo principal dos primeiros seculos, que muito conduz para o bom regulamento da vida humana, e que agora em os nossos tempos sería talvez mais necessario.

Das sciencias humanas passou Eutiquio ao estudo das Divinas Escripturas, e das sciencias ecclesiasticas, em que fez tão consideraveis progressos, que chegou a ser um dos mais doutos homens do seu tempo; porém muito maior foi o seu aproveitamento nas práticas das virtudes, com uma vida mortificada, e occupada sempre no exercicio das boas obras.

Admittido então entre o clero da Igreja de Constantinopla, foi logo promovido á ordem de diacono, e na idade dos seus trinta annos ao gráo do sacerdocio; em cujo tempo, achando-se alli o Bispo de Amaséa, metropolitano da Provincia Elenoponto, pôz os olhos em o nosso Santo, para o elevar á dignidade de Bispo de Lazico, Cidade da sua Provincia, ainda que não teve effeito este projecto, porque o povo entretanto elegeo outro Bispo.

E sabendo Eutiquio desta exaltação que se lhe procurava, fugio da côrte para um mosteiro da Cidade de Amaséa, afim de viver no retiro, e no silencio, unicamente applicado aos exercicios da humildade, da penitencia, e das outras virtudes da vida monastica; mas o Bispo de Amaséa, que bem conhecia o seu grande mérito, o fez Superior geral de todos os mosteiros da sua Provincia, com admiravel proveito dos seus monges, pela exacta observancia da disciplina regular, com que fez florecer entre elles as virtudes proprias do seu estado.

Entretanto convocando-se o quinto concilio geral para a côrte de Constantinopla, no anno 552, o Bispo de Amaséa, que, impedido por molestia, não podia achar-se no concilio em propria pessoa, enviou em seu logar a Santo Eutiquio, para assistir, e dar o seu voto nas conferencias preparatorias, que fazião os Bispos alli congregados, antes de entrarem no concilio, na presença do Imperador Justiniano.

E Eutiquio nestas conferencias mostrou tanta prudencia, e sabedoria, que vagando naquelle tempo a cadeira patriarchal de Constantinopla, por morte do Patriarcha S. Menas, julgou o Imperador, que ninguem melhor do que Eutiquio podia substituir aquelle logar; e assim por obra do mesmo Principe, do clero, e do povo, o Santo, do estado humilde de simples monge, se vio de repente exaltado á principal cadeira do Oriente.

Collocado, pois, Eutiquio, por altissima disposição da providencia Divina sobre o candieiro da Igreja, resplandeceo logo em todo o genero de virtudes. O primeiro cuidado do seu zêlo foi purgar o campo evangelico dos erros, e heresias que se havião introduzido em algumas ovelhas suas, para cujo effeito, e para estabelecer no clero, e no povo a re-

fórma dos costumes, prégava contínuamente, e com vivo esforço intimava a palavra de Deos.

E além disto estava sempre prompto, e applicado a soccorrer com profusão as necessidades espirituaes, e temporaes das suas ovelhas, principalmente dos orfãos, e viuvas, como praticavão os bons pastores desde o tempo dos Apostolos, até que passados doze annos, em que o santo Patriarcha regêra a sua Igreja com perfeita paz, e notorio aproveitamento dos seus subditos, suscitou o demonio uma furiosa tempestade, que causou grandes desordens em todo o Imperio do Oriente.

Porque o Imperador Justiniano, que se havia mostrado zelador pela pureza da Fé Catholica, enganado agora pelos hereges, cahio miseravelmente nos seus laços, abraçando a seita dos *incorruptícolas*, assim chamados por ensinarem, que o corpo de Jesu Christo, depois da sua união com a divindade, era absolutamente impassivel; e por este modo (com o falso pretexto de render maior honra á pessoa de Jesu Christo) vinhão a destruir o mysterio da redempção, fazendo crêr, que a paixão, e morte do Salvador fôra só apparente, e nada verdadeira.

Então, pois, o Santo, e zeloso Eutiquio se oppoz logo vigorosamente a um tão pernicioso erro, que era um ramo venenoso da heresia dos eutiquianos, já condemnada pela Igreja no concilio Calcedonense; e no mesmo tempo fez a este respeito uma douta representação por escripto ao Imperador Justiniano, afim de lhe mostrar o seu erro com a maior evidencia, e o fazer voltar, nesta materia, ao sentimento universal da Igreja Catholica.

Mas tão longe esteve o soberbo Principe de attender, como devêra, ás exhortações do Santo, que antes presumindo de mestre, e doutor da Igreja, contrapoz um seu escripto, que continha, e elogiava os erros dos incorruptícolas, e o mandou apresentar ao santo Patriarcha, para que o approvasse com a sua subscripção, como havião feito alguns Bispos cortezãos, e lisongeiros; e porque o santo Prelado rejeitou a iniqua proposta, foi logo expulso da sua Sé, e intruso em seu logar um sacrílego usurpador, chamado João Escolastico.

Seguio-se á expulsão do santo Patriarcha o seu desterro para um Ilha deserta denominada *Princeza*, e depois a mudança para o seu antigo mosteiro da Cidade de Amaséa, o que tudo elle soffreo com paz, e tranquillidade de espirito, como fazem os homens santos, desagradando-lhe sómente os males da Igreja, e a ruina das almas; e continuando com maior fervor os exercicios da vida monastica, occupava o tempo na oração, e em compôr alguns escriptos contra os erros que semeavão os hereges, oppostos á sã doutrina da santa Igreja Catholica.

Porém no mesmo tempo, em que as potencias do seculo procuravão opprimir ao santo Prelado, e denigrir a sua fama, o Divino Senhor o quiz illustrar com o dom de muitos milagres, que por elle obrou no seu desterro, diffusamente referidos por Eustasio, escriptor da sua vida, que como seu companheiro no mesmo exterminio, conta miudamente aquelles prodigiosos successos, segundo os presenciou com seus proprios olhos.

Nada menos de doze annos esteve desterrado Santo Eutiquio, até que morto, no anno de 577, o referido intruso Patriarcha, e reinando já o Imperador Justino II, successor de Justiniano, foi o nosso Santo, com alegre applauso de todo o povo, restituido á sua cadeira Patriarchal no dia 3 de outubro daquelle anno; e nos poucos tempos que depois viveo, continuou em reger como d'antes o seu rebanho, mostrando-se caritativo com todos, e particularmente com aquelles que havião contribuido para a sua deposição, e para o seu desterro,

E para que o santo Patriarcha tivesse occasião de humilhar-se mais, reconhecendo a sua propria debilidade, permittio Deos que no mesmo tempo, em que elle procurava purgar a sua Igreja do pernicioso veneno da heretica doutrina, confutando com muito zêlo, por voz, e por escripto as falsas opiniões daquelles ímpios amadores de novidades, cahisse elle, por outra parte, em um erro manifesto sobre a qualidade dos nossos corpos depois da resurreição geral, pretendendo, ou pelo menos insinuando, que então a carne dos nossos corpos não sería palpavel, mas antes mais subtil do que o ar, e com similhanças de espirito.

Porém achando-se então em Constantinopla, como Nuncio Apostolico do Summo Pontifice Pelagio II, S. Gregorio Magno, que depois foi elevado ao Pontificado, se oppoz declaradamente áquelle erro; e em uma conferencia tida na presença do Imperador, convenceo por tal modo a Eutiquio do seu erro, que logo com a devida humildade o confessou, e retractou, e julgou digno de ser queimado o seu livro, que ensinava aquella falsa doutrina.

E o mesmo Patriarcha, na sua ultima enfermidade, pouco antes de morrer, tocando a carne dos seus braços, dizia aos circumstantes: *Eu creio, que todos resuscitaremos nesta mesma carne;* e pouco depois, nestes e outros espirituaes sentimentos, chegando ao dia 5 do mez de abril do anno 582, e septuagesimo da sua idade, rendeo nas mãos do Senhor placidamente o seu espirito, e passou do desterro deste mundo para a eterna patria do celestial Paraizo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Imitemos o exemplo deste santo Patriarcha, renovando com frequencia os votos do nosso baptismo, como elle fez desde a saa infancia, com cuja prática conservou a preciosa graça daquelle Santo Sacramento; e chamão-se votos, *pelos Santos Padres, aquellas renuncias, e aquellas promessas, que então se fizerão em nosso nome na face dos sagrados altares, por conterem uma obrigação especial de ser-*

virmos a Deos em todo o tempo da nossa vida com a fiel observancia dos seus divinos preceitos, sobre cujas promessas, e essenciaes renuncias seremos todos julgados no tremendo dia do nosso extremo juizo.

Renunciemos, pois, a Satanaz, renunciemos o mundo, renunciemos a carne, que são os inimigos capitaes da nossa salavção e renunciemos não só com a voz, mas com os costumes, não só com a lingua, mas com as obras, e com a vida, segundo as maximas do Evangelho, e exemplos de Jesu Christo, nosso Deos, e nosso mestre. Esta é a nossa profissão, e obrigação indispensavel, que contrahimos no baptismo, em cujo cumprimento consiste a nossa felicidade verdadeira na presente vida, e na futura.

MAIO — 16.

DE

S. MACARIO, BISPO.

EM 10 DE ABRIL.

NO SECULO X, E XI.

Acha-se nos Bollandistas uma vida breve deste Santo, escripta logo depois da sua morte, e outra mais diffusa, feita depois de passados cincoenta annos.

Nasceo S. Macario na Armenia, entre o meio do seculo decimo, de pais nobres, chamados Miguel, e Maria, os quaes, logo que elle terminou a sua infancia, o consignárão a um seu parente, que era Bispo de Antioquia na Provincia de Pisidia, numerada pelos antigos entre as terras da Armenia.

Vendo, pois, aquelle veneravel Prelado neste seu sobrinho a bella indole, e inclinação que tinha para a virtude, lhe impoz o seu nome de *Macario* no sacramento da confirmação; e logo que chegou á idade competente o sublimou á ordem do diaconato, e ao gráo do sacerdocio, e os effeitos derão bem a conhecer, que só as utilidades da Igreja, e não os affectos do parentesco movêrão aquelle virtuoso Prelado á ordenação deste seu sobrinho.

Por quanto, adornado elle de todas as virtudes, que pedia o seu sublime estado, se applicou logo a cumprir com diligencia, e com proveito das almas os deveres do sacerdocio, de modo que mereceo em breve tempo a estimação, e affecto de todo o povo; o que vendo o santo Bispo, não cessava de dar graças a Deos por lhe conceder neste seu parente um tão perfeito operario para o ajudar no seu pastoral ministerio.

Assim, pois, achando-se o bom Prelado assás avançado nos annos, julgou que ninguem poderia continuar melhor a obra começada na santificação do seu povo, do que o mesmo Macario, sendo-lhe successor no Bispado; em cujo supposto, convocando uma geral assembléa do clero, e povo, lhes fallou deste modo:

« Vós bem vêdes que eu, adiantado nos annos, « vou chegando ás portas da morte, e considerando- « me proximo a dar contas a Deos pela administra- « ção do meu governo, me recommendo com todo o « espirito ás vossas orações para com o mesmo Se- « nhor. Estando eu, pois, no fim da minha carreira, « toca a vós outros o eleger um pastor, que me suc- « ceda no Bispado, para haver de supprir a minha « falta; e se vós quereis ouvir o meu sentimento; eu « julgo que o Ceo vos destina para este emprêgo ao « Presbytero Macario, cujo espirito, e merito a todos « é notorio. »

Applaudírão todos esta proposição do seu veneravel pastor, exclamando logo a uma voz, que acceitavão, e só querião ao Presbytero Macario para seu successor futuro; o que brevemente se verificou, porque passado pouco tempo falleceo o veneravel Bispo, e S. Macario, não podendo resistir ao unanime consenso do clero, e do povo, que o desejava para seu pastor, subio ao throno daquella cadeira episcopal, em cuja eminencia brilhárão com maior resplandor as suas heroicas virtudes.

Elle era benigno, humilde, e affavel com todos, unindo na sua pessoa uma certa gravidade, e doçura, que ganhava facilmente os corações de todos os que com elle conversavão: era contínuo em dispensar a palavra de Deos ao seu povo, e estava prompto a qualquer hora para soccorrer as suas temporaes, e espirituaes indigencias: mostrava em todas as suas acções um total desprêzo das coisas terrenas, e um summo desejo de santificar-se a si mesmo, e ao seu rebanho, de modo que elle fosse um pastor perfeito e os seus subditos um povo santo.

Nunca alguem o vio irado, e quando tinha de admoestar, e reprehender, segundo a sua obrigação,

o fazia por tal modo, que a ninguem causava desgosto, nem amargura de animo, conhecendo todos, que aquellas censuras procedião de um affecto paternal, com que lhes desejava o seu maior bem.

E no que respeita á serie particular da sua vida, ella não podia ser nem mais virtuosa, nem mais mortificada, evitando elle todo o genero de delicias no seu alimento, no seu vestido, nos seus móveis, e em todo o seu tratamento, portando-se parco comsigo mesmo, para poder ser mais liberal com os pobres, que elle reputava, e amava como a seus filhos.

No exercicio da oração, que era o seu alimento mais delicioso, occupava todo o tempo, que lhe deixavão livre as occupações do seu ministerio; e era tal o seu fervor, e a ternura do seu coração quando orava, que resolvendo-se quasi sempre em copiosas lagrimas, se via obrigado a enxugar os olhos com alguns lenços, que já para esse effeito levava prevenidos, um dos quaes chegando ás mãos de um leproso, immediatamente o deixou curado.

Este primeiro milagre foi seguido de outros muitos, que Deos obrou por mediação deste seu servo, e das coisas que lhe pertencião, de tal sorte que até a mesma agua em que lavava as mãos, reservada sem elle o saber, e distribuida pelos enfermos, era prodigiosa causa de recuperarem a saude.

Porém estes mesmos milagres, que divulgados logo produzírão uma veneração universal para com o santo Bispo, o enchêrão por tal modo de temor, e afflicção, que receiando elle pela sua humildade, e delicadeza de consciencia, lhe houvessem de ser causa de alguma soberba, e occulta vangloria, que o privasse da eterna recompensa, a que unicamente aspirava, resolveo-se a fugir daquella terra, para viver em outro paiz desconhecido, e penitente.

É bem verdade que uma tal resolução não era conforme ás regras ordinarias, pelas quaes um pastor de almas não póde dimittir a sua Igreja por seu proprio arbitrio, e sem o consenso expresso de quem tem poder legitimo para dissolver aquelle vinculo, com que está ligado ao seu rebanho; mas tambem é certo, que o Divino Espirito, director dos Santos, os conduz algumas vezes por caminhos extraordinarios, de que ha muitos exemplos; o que bem se deixa ver no caso presente, em que o mesmo Senhor se dignou de continuar ao Santo a operação de milagres, aonde quer que chegava, e o fazer observar sempre uma vida toda cheia de virtudes, como logo diremos.

Então, pois, S. Macario, antes de executar o seu designio, distribuio todos os seus bens aos pobres, e confiou o cuidado do seu povo antioqueno a um veneravel Presbytero, chamado Eleuterio, no qual renunciou (pelo que estava da sua parte) a dignidade episcopal, e partio secretamente para a Palestina com quatro amigos seus, que não quizerão separar-se da sua amavel companhia, e alli visitou com grande ternura de coração todos os santos logares, que forão santificados com a presença do Salvador, e banhados com o seu proprio sangue.

Estava a Palestina naquelles tempos cheia de barbaros saracenos, e S. Macario compadecendo-se do estado infeliz daquelles miseraveis, não pôde conter o seu zêlo, que lhes não annunciasse o santo Evangelho para os converter á Fé de Jesu Christo; por cuja causa irritados aquelles ímpios, o açoutárão cruelmente, segundo o seu costume, mas tão longe esteve o Santo de omittir a empreza, que antes a foi continuando com maior fervor de espirito.

Pelo que enfurecidos cada vez mais aquelles barbaros, depois de o haverem maltratado por varios modos, o encerrárão em um calabouço escuro, e para mais insultarem a Religião, que elle prégava, o lançárão na terra em fórma de Cruz, estendendo-lhe fortemente as pernas, e os braços com apertadas cordas, cujas pontas firmárão na terra com grandes prégos, e depois lhe pozerão sobre o peito uma grossa pedra cheia de fogo.

Nesta cruel situação estava o coração do santo Bispo exultando em jubilo, por se vêr participante dos tormentos do Salvador, em que esperava acabar a vida; mas o benigno Senhor, para maior gloria sua, com um prodigio similhante ao que obrára com S. Pedro, lhe enviou logo um Anjo, que soltando-lhe os laços, e curando-lhe as feridas, o poz fóra da prizão com perfeita saude.

E este grande milagre, seguido de outro, que o Santo fez a favor de um saraceno surdo, e mudo, restituindo-lhe promptamente, só com o signal da Cruz a falla, e o ouvido, abrandou os corações daquelles infiéis por tal modo, que forão ouvindo attentamente as suas prégações, com que teve o Santo a consolação, de que muitos delles se convertêrão á Fé.

Entretanto os parentes de Macario, e os cidadãos de Antioquia, sabendo que elle se achava na Palestina, mandárão lá algumas pessoas, para lhe rogarem, e o obrigarem por todos os modos a voltar para a sua Igreja, o que não podérão conseguir; e para elle se livrar de outras taes instancias, embarcou-se logo para as partes do Occidente, e chegando ao Epiro (que agora se denomina Albania) se dirigio para Alemanha.

E atravessando por Baviera, e Moguncia (em cujas Cidades se demorou algum tempo) obrou diversos milagres, e particularmente em Moguncia, aonde, entre outros prodigios, sarou a mulher de um bom Christão, em cuja casa se hospedava, de um mal gravissimo, que a punha nos extremos da vida; e dalli passando aos Paizes-baixos, o seguia por toda a parte a graça de fazer milagres, obrando curas maravilhosas.

E chegando por ultimo á Cidade de Gant, no anno de 1011, alli foi recebido, como um Anjo vindo do Ceo, pelo Abbade Eremboldo, e pelos seus monges do mosteiro de S. Bavone, os quaes summamente desejavão que elle alli permanecesse em todo o resto

dos seus dias; e com effeito assim o conseguírão, porque ainda que o Santo estava resoluto a voltar para o Oriente na primavera seguinte, sobreveio-lhe o mal de gotta, que o impedio até á morte.

Grassava por aquelles tempos na Cidade de Gant um mal epidemico, que fazia grande estrago no povo; e recorrendo todos ás orações do santo Bispo, lhes disse elle: Que brevemente cessaria aquelle flagello, mas só depois da sua morte, que lhe proviria do mesmo mal. Verificou o successo o complemento do vaticinio, porque assaltado o Santo daquelle mal epidemico, falleceo no dia 10 de abril do mesmo anno, e logo a Cidade de Gant ficou izenta daquelle castigo. Seguírão-se depois outros muitos prodigios ao tumulo do Santo, com que o seu nome se fez célebre em todos aquelles paizes.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Os Santos se perturbão, e se enchem de temor quando se vêem applaudidos, e louvados dos homens, e pelo contrario se alegrão, quando são desprezados, e gravemente perseguidos, como o vemos praticado pelo nosso santo Bispo, fugindo por este respeito (com inspiração particular) da sua Igreja, e alegrando-se no Senhor, quando depois por tantos modos se via maltratado pelos infeis na Palestina.

Aprendamos, pois, a regular os nossos sentimentos, segundo estes exemplos dos Santos: não procuremos os inuteis louvores, e frivolos applausos do mundo, antes, pelo contrario, os temamos muito, porque nos pódem encher o coração de soberba e vangloria, e privar-nos do fructo das boas obras, que houvermos feito.

E se por outra parte acontecer, que o mesmo mundo, obrando nós bem, nos aborreça, e nos persiga, alegremo-nos em o Senhor, porque este é um certo signal de vivermos segundo as regras do seu santo Evangelho, e de sermos admittidos ao gozo daquella ineffavel recompensa, que elle tem prometido aos que padecem neste mundo por causa da justiça.

MAIO — 17.

DE

SANTO ERMENEGILDO, MARTYR.

EM 13 DE ABRIL.

NO SECULO VI.

S. Gregorio Magno, em o livro III dos seus Dialogos, e S. Gregorio Turonense, na sua Historia dos Francos, referem as acções, e o martyrio deste Santo.

Santo Ermenegildo era filho de Leovigildo, Principe visogodo, e de Theodosia, filha de Severiano, Duque, e Governador da Provincia de Carthago, e irmã de S. Leandro, e Santo Izidoro, Bispos de Sevilha; e sendo Liuba, irmão de Leovigildo, no anno de 567 acclamado em Narbona Rei dos visogodos, que dominavão a maior parte das Hespanhas, associou ao throno o dito irmão, e lhe deo um poder igual ao seu.

Estes dois Principes estavão inficionados com os erros dos arianos, e applicavão toda a sua authoridade em dilatar aquella abominavel seita, na qual fizerão instruir os seus dois filhos Ermenegildo, e Recaredo; e morta que foi Theodosia sua mulher, e mãi do nosso Santo, casou Leovigildo com Gosvinda, viuva do Rei Atanagildo, e obstinadissima ariana.

De uma tal educação do Principe Ermenegildo parecia que só se poderião esperar effeitos funestos á Santa Igreja, e assim já muitos Fiéis o temião, como um zeloso defensor do erro, em que fôra creado, e um perseguidor da verdade, que não conhecêra; porém Deos, em cujas mãos estão os corações dos Principes, para mostrar com maior evidencia a omnipotente força do seu braço, dispoz a conversão de Ermenegildo quando já nomeado Rei dos estados de Liuba, crescia no seu coração o amor ao seculo, e uma inteira aversão a tudo que não favorecia as suas paixões.

E o meio de que o Senhor se quiz servir para illuminar a Ermenegildo foi o matrimonio que contrahio com Ingonda, Princeza Catholica, filha de Sigeberto, Rei d'Austrazia, e de Brunipuilde sua esposa. Consentio Gosvinda, madrasta de Ermenegildo neste matrimonio, porque esperava induzir facilmente a Ingonda, sua nora, a mudar de Religião, para fazer mais forte o partido dos arianos.

Porém Deos illudio os designios daquella má mulher, fazendo que Ingonda, com sua industriosa

doçura, movesse a Ermenegildo para abraçar a Fé Catholica, e por mais diligencias que fez a sogra, para attrahir á sua seita a virtuosa nora, esta protestou sempre, que depois de ser baptizada em nome da Trindade Santissima, queria perseverar na sua crença até o ultimo extremo da vida.

Passou então Gosvinda das caricias e lisonjas ás ameaças, e violencias para vencer a constancia de Ingonda, porém ella sempre firme, não só continuou em ser Catholica, senão ainda dispoz o animo do marido para abjurar a sua seita; para cujo fim escolhia com muita prudencia aquelles tempos, em que podia ser melhor attendida na explicação, que lhe fazia das eternas verdades; e sobre tudo, recommendava com frequentes orações esta empreza ao Divino Senhor, como quem sabía ser elle só o que póde converter os corações.

E uma viagem que naquelles tempos fez Leovigildo á Hespanha citerior abrio de todo a porta para a conversão de Ermenegildo; porque seu tio materno S. Leandro, Bispo de Sevilha, valendo-se da ausencia do Rei, teve maior opportunidade para instruir plenamente o mancebo Principe em todos os artigos da Fé, e nas maximas do Santo Evangelho, aperfeiçoando a obra, que a esposa Ingonda tinha tão bem começada.

Ermenegildo, pois, sem temer os perigos, e afflicções a que se expunha, abjurou publicamente o arianismo, e abraçou a Religião Catholica; o que vindo á noticia de seu pai Leovigildo, lhe causou summo desgosto, mas antes de proceder á violencia, quiz procurar todos os modos de perverter ao filho; e não podendo pessoalmente fallar-lhe, porque estava ausente, e occupado na expedição de varios negocios do seu Reino, lhe expedio uns cortezãos seus confidentes, para que lhe fallassem em seu nome, e lhe expozessem por extenso o que lhe dizia nesta carta:

« Meu filho, eu agora mais quizera fallar-te do « que escrever-te, pois se tu aqui estivesses, que po- « derias então recusar-me, pedindo-te eu como pai, ou « ordenando-te como Rei? Eu exporia á tua lembran- « ça os signaes sensiveis, que te dei até agora da mi- « nha ternura, de que sem duvida te has esquecido « depois que, sem tu o pensares, te sublimei ao thro- « no; e por tanto, em vez de achar em ti um col- « lega, que me ajudasse a conservar o Imperio dos « godos no flórido estado, em que o tem posto as mi- « nhas victorias, encontro um adversario muito mais « perigoso, do que todos os outros, que tenho ven- « cido.

« Eu presumo que tu, não satisfeito com a re- « partição, que te fiz do meu Reino, pretendes ser « unico no throno, e que por isso, deixando a reli- « gião dos teus maiores, abraçaste a dos soberbos ini- « migos do estado, quaes são os romanos; porém di- « ze-me, ignoras que a nação góthica chegou a ser « mais florecente, depois que se fez ariana? Ou não « sabes, que a diversidade da religião é o que mais « altéra os corações das gentes, e que não podias dar « passo, que fosse mais do meu desagrado, que o fa- « zer-te Catholico?

« Lembra-te, pois, meu filho, que eu sou teu « pai, e teu Rèi, e como tal te aconselho, e te or- « deno, que entres logo no teu dever, voltando, co- « mo é justo, para a tua religião primeira, e mere- « cendo assim com a tua prompta submissão a minha « benigna clemencia, sem o que, te declaro com fir- « meza, que se me obrigas a tomar as armas, não « haverá da minha parte misericordia para a tua pes- « soa. »

Respondeo Santo Ermenegildo a esta carta do pai com o devido respeito de um attencioso filho, e no mesmo tempo com aquelle vigor, que se podia esperar de um coração, em que obrava a graça de Jesu Christo, cuja Fé tinha abraçado: respondeo-lhe, pois, pela maneira seguinte:

« Eu confesso, meu pai, serem muitos os actos « da vossa bondade para com a minha pessoa, e tanto « assim que certamente me reputaria como indigno « de viver, se eu faltasse á gratidão, que justamente « vos devo; e neste supposto tende a certeza, de que « sempre conservarei para comvosco o mais profundo « respeito, fiel subordinação, e filial ternura até o fim « da minha vida.

« Mas é possivel meu pai, que vós não quei- « rais permittir-me o antepôr a minha eterna salva- « ção ás grandezas da terra? Pois eu sinceramente vos « digo, que a este respeito julgo por nada a corôa « que tenho, e que não ponho duvida a fazer em pe- « daços o sceptro, que me haveis concedido, descen- « do do throno a que me haveis sublimado, porque « estou prompto, á custa da mesma vida, a conser- « var a verdadeira Fé, que Deos me fez professar, e « não é justo, que sobre um filho tenha o pai maior « poder, do que a consciencia, e a lei de Deos. »

Irritado então Leovigildo pela generosidade Christã, que resplandecia nesta carta do filho, tomou a resolução de o obrigar por meio da força, e da violencia, para cujo effeito ajuntou logo um poderoso exercito; e Ermenegildo, entretanto, fazendo pôr em Africa a sua esposa, para a livrar do furor dos arianos, e não se dando por seguro na Cidade de Sevilha, aonde se refugiou primeiro, procurou o asylo dos romanos, que ainda dominavão alli algumas terras na costa do mar.

Mas o innocente Principe não sabia que alli era mais certa a sua ruina, permittindo o Divino Senhor, que elle fosse abandonado dos homens, para que mais resplandecesse, e se purificasse a sua virtude; e com effeito, pelo máo acolhimento que lhe fizerão os romanos, receiou logo, que sobornados pelo pai, lhe serião traidores, e por tanto, usando de toda a cautéla, secretamente se transportou para Cordova, e ultimamente para Osseta, praça naquelle tempo fortissima, cujos moradores todos lhe erão fiéis.

Mas sobrevindo Leovigildo com o seu numeroso exercito, a conquistou por assalto; e Ermenegildo, não podendo escapar por meio da fuga, retirou-se para uma Igreja, donde o pai, não o querendo extrahir por força, lhe mandou prometter perdão por seu filho segundo Recaredo, o qual hindo com boa fé, lhe assegurou, que o pai já se não embaraçava em materias de religião, e só queria delle a sua obediencia.

Acreditou Ermenegildo as palavras do irmão, de quem era amigo, e sahindo com elle se foi lançar aos pés do pai, o qual ajudando-o a levantar-se, o abraçou com apparentes signaes de ternura, e por este modo o foi conduzindo até chegar ao seu campo, aonde logo, soltando a perfidia que encerrava no peito, o fez despojar das insignias de Rei, e o mandou prêzo para uma torre de Sevilha, com guardas á vista.

Alli, pois, o cruel pai lhe mandou renovar as primeiras promessas, e ameaças, para o fazer mudar de religião; e experimentando-o nesta parte inflexivel, o fez passar para uma horrenda prizão, a qual por virtude da Divina graça lhe parecia um logar de delicias; e como se os incommodos daquelle sitio, e penoso estado não tivessem o vigor bastante, que desejava o seu espirito, accrescentava o virtuoso Principe outras muitas austeridades, jejuando contínuamente, dormindo sobre o pavimento duro, e trazendo um aspero cilicio.

Assim esteve Ermenegildo occupado unicamente na meditação das coisas celestes até á festa da Paschoa do anno 586, em que o ímpio Leovigildo, pelo summo desejo de que seu filho voltasse para a seita dos arianos, lhe enviou a horas de meia noite um Bispo do seu partido, para que recebesse da sua mão a communhão paschal.

E reconhecendo o virtuoso Principe a dolosa industria, tomou um tom de heroe Christão, e de soberano verdadeiro, com que censurou ao pérfido Bispo o seu desaforo, e voltando-lhe as costas, se retirou da sua presença; o que sabido pelo cruel pai, que tomou aquella desfeita, como dirigida á sua pessoa, cheio por tanto do maior furor mandou, que sem mais demora se tirasse a vida ao innocente filho, o que promptamente se executou, partindo-lhe a cabeça com um golpe de machado.

Manifestou Deos na mesma hora a gloria do Santo martyr pelas suaves harmonias, que se ouvírão em toda a noite ao redor do seu corpo, e pelas claridades celestes, que illustrárão aquelle carcere; e S. Gregorio Magno, que refere este glorioso triunfo, attribue ao mérito, e intercessão do santo Principe a conversão do Rei Recaredo, seu irmão, e de toda a Nação dos godos na Hespanha, que pouco depois se seguio.

E pelo que toca a Leovigildo, (accrescenta o mesmo Papa) ainda que depois sentio muito o haver chegado áquelle extremo, com tudo o seu arrependimento não produzio a conversão do seu espirito; elle, sim, reconheceo a verdade, mas o temor que teve de perder o throno, se mudasse de religião, desgraçadamente o fez morrer na profissão do arianismo.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A resposta que deo Santo Ermenegildo ao Rei Leovigildo, seu pai, quando pretendia que abandonasse a lei de Deos, merece andar escripta na alma de todo o Christão. Eu julgo por nada a corôa que tenho... e estou prompto para perder a vida, antes do que abandonar a verdade, e a lei de Deos; *e pouco depois confirmou com as obras este sentimento, que expressára com as palavras.*

Sirva-nos, pois, esta resposta do Santo martyr, como de um forte escudo, quando formos tentados para alguma obra, que nos haja de macular a propria consciencia, ou seja por temor de algum mal, ou pela esperança de algum bem, sem jámais attendermos á pessoa que o propõe, ainda que seja o proprio pai, que temos na terra, porque o nosso pai verdadeiro é o supremo Rei dos Ceos, e não póde ser seu bom filho o que não observa a sua lei.

MAIO — 18.

DE

S. JUSTINO, O PHILOSOPHO, MARTYR.

EM 14 DE ABRIL.

NO SECULO II.

As gloriosas acções deste Santo martyr forão recolhidas com exacta diligencia pelo célebre Tillemont no seu Tomo II, e os actos sinceros do seu martyrio, extrahidos dos registos publicos, achão-se em Ruinart, na pag. 45, da edição de Verona.

Um dos mais célebres Santos, que florecêrão no segundo seculo da Igreja, foi S. Justino, o qual reunio na sua pessoa os titulos mais gloriosos, e as prerogativas mais nobres de santidade, e doutrina: elle defendeo com os seus excellentes escriptos a Religião Christã contra os gentios, judeos, e hereges: elle apresentou com valor admiravel, e generosa intrepidez aos Imperadores, e Senado romano duas famosas apologias para suster a innocencia dos Christãos, aos quaes se imputavão pelos gentios os mais enormes, e abominaveis excessos.

Elle, ao mesmo passo, com os seus santos exemplos, e luminosas doutrinas converteo a muitos infiéis das trévas do paganismo para a Fé de Jesu Christo, e instruio tambem os Catholicos sobre os dogmas, e verdades do santo Evangelho; e elle, por ultimo, com um glorioso martyrio coroou as suas nobres acções, e as suas immensas fadigas, como depois diremos.

Nasceo Justino, logo no principio do segundo seculo da Igreja na Cidade de Napoles, (que era a antiga Sichem) capital da Samaria, de progenitores gregos, e idolatras, dos quaes elle mesmo nos faz saber, que seu pai se chamava Prisco, e Bachio seu avô.

Feitos os primeiros estudos das lettras humanas, sentio em seu coração um desejo ardente de conhecer a suprema verdade, e o summo bem do homem; e para chegar a este conhecimento, dirigio-se a um philosopho da seita dos estoicos; porém não achando nelle o que desejava, passou á escóla de um philosopho aristotelico; e desgostado tambem deste, quiz seguir os dictames de um philosopho pithagórico, que gozava naquelle tempo o credito de um grande sabio.

Este, pois, procurado por Justino, lhe perguntou logo, se tinha estudado a musica, geometria, e astronomia, sem cujos conhecimentos não podião os seus discipulos fazer consideraveis progressos: então Justino, que não se applicára áquelles estudos e tambem não queria perder tanto tempo, quanto para elles lhe sería necessario, resolveo-se a entrar na escóla dos platónicos, que se estimavão naquelles tempos, como philosophos mais illuminados.

E com effeito, encontrando em Napoles a um destes, que parecia sabio, e prudente, Justino se fez seu discipulo, e em pouco tempo aproveitou tanto na intelligencia das coisas incorpóreas, e das platónicas idéas, que já lhe parecia estar proximo ao conhecimento da verdade suprema, a que sempre aspirava, por onde julgava que poderia vêr a Deos, unico fim da philosophia de Platão.

Porém Deos, que excitára no coração de Justino aquelle ardente desejo de o vêr, pelo conhecimento da primeira verdade, se dignou de o metter no direito caminho, manifestando-lhe o unico meio para haver de conseguir aquella felicidade suprema, por um modo prodigioso, nada por elle esperado, como diremos agora:

Passeava Justino em certo dia ao longo das praias do mar, para exercitar-se com maior recolhimento, e quietação nas suas ordinarias meditações; e quando alli se julgava só, vio que se dirigia no seu alcance um veneravel velho de amavel presença; e saudando-se ambos mutuamente, Justino entrou logo a praticar com elle sobre as considerações philosophicas, que trazia na idéa; e ficou tão convencido com os discursos do bom velho, que veio a conhecer com evidencia, que a sciencia platónica, de que muito se gloriava, não bastava para o conduzir ao conhecimento da primeira verdade, que tão anciosamente appetecia.

Insinuou-lhe então o velho venerando, que os seguros conductores, de que se devia valer para alcançar a verdadeira philosophia, no conhecimento de Deos, verdade suprema, erão os santos Profetas, os quaes, por inspiração superior, manifestárão aos homens nos seus escriptos os segredos de Deos, e annunciárão a Jesu Christo seu Filho, que é o unico meio para conhecer, e adorar ao mesmo Deos, creador, e pai do universo. *Mas primeiro que tudo* (concluio o santo velho) *deves supplicar, que se te abrão as portas da luz, por quanto não pódem vêr, nem*

entender estas coisas, senão aquelles a quem Deos, e o seu Christo concede a intelligencia.

Ditas estas palavras desappareceo o bom velho aos olhos de Justino, por onde se deve julgar, que se não era um Anjo do Ceo, seria algum dos sagrados ministros daquelles tempos, que Deos enviasse a Justino para illuminallo, como enviou o diacono S. Filippe para instruir o eunuco da Rainha Candace, segundo se refere nos Actos Apostolicos.

Applicando-se então Justino á leitura das Escripturas santas, conseguio os conhecimentos, que inutilmente procurava nas platónicas philosophias; e abraçando a Religião Christã, recebeo o baptismo no anno 133, tendo trinta de idade; e confessa elle mesmo, que para esta sua resolução tambem contribuio muito o vêr a constancia dos martyres, reputando por uma prova convincente de ser verdadeira a Religião que professavão, o desprêzo que fazião das coisas do mundo, e o seu pouco, ou nenhum temor dos tormentos, e da mesma morte.

Ao estudo, e meditação contínua sobre os livros sagrados unio S. Justino todos os exercicios da piedade Christã, conservando-se no estado do celibato, e praticando uma vida austera, e totalmente alheia dos cuidados do seculo, como quem só aspirava á felicissima posse da vida eterna.

Promovido depois ao gráo de Presbytero, empregou os seus raros talentos em instruir aos outros, e defender com os seus escriptos as verdades que aprendêra contra aquelles que as impugnavão, ou fossem gentios, ou judeos, ou hereges, porque o Santo se reputava como destinado pela Divina providencia para fazer conhecer a verdade a todo o genero de pessôas, publicando-a sem resguardo, e defendendo-a a todo o custo.

« Havendo eu (diz elle mesmo) recebido de Deos « a graça de entender as Escripturas, trabalho quanto « posso para que todos copiosamente participem da « mesma graça, temendo, que se assim o não fizes- « se, sería depois condemnado no divino juizo; e es- « tou no animo disposto por tal modo, que só tenho « no pensamento dizer a verdade sem temor, nem « respeito algum, ainda que houvesse de ser logo « alli feito em pedaços. »

Partindo depois para Roma o nosso Santo, e fixando alli a sua residencia, se lhe abrio um largo campo para mostrar naquella capital do Imperio o seu ardente zêlo, não só na instrucção que dava sobre os dogmas da Fé a todos os que a elle concorrião, senão tambem para defender com generosa liberdade a santa Religião, e os professores della contra as calumnias dos gentios, que lhes imputavão atrozes delictos, e abominações enormes contra as suas sagradas assembléas, donde tomavão occasião para os perseguir, e condemnar só por serem Christãos.

Para este fim compoz o Santo, no anno de 150, e apresentou ao Imperador Antonino, e ao Senado, e povo romano uma grande, e forte apologia pela Religião Catholica, e professores della, mostrando, com efficaz evidencia, a sua pureza, e santidade; para o que (entre outras coisas) observa elle, que os Christãos, não sómente abominão toda a acção externa, que podesse macular a consciencia, senão ainda os máos pensamentos, ou criminaes movimentos do animo, por saberem que nada era escondido aos olhos de Deos, que penetra os mais occultos segredos do coração.

E passando depois a fallar da verdade pura da Religião Catholica, allega as Profecias, em que tantos seculos antes se predizem os mysterios venerados pelos Christãos, e profecias todas de indubitavel certeza, como originalmente registadas naquelles mesmos livros, que sempre lêrão, e lião ainda com veneração respeitosa, os proprios judeos, inimigos mortaes dos Christãos.

Assim, pois, (prosegue o Santo) nestas mesmas Profecias vemos todos já completo o nascimento de Jesu Christo de uma virgem, as suas prégações, os seus milagres, a sua Paixão, e Crucifixão, a sua Resurreição, e Ascensão ao Ceo, as divinas maximas dos seus Santos Apostolos, a ímpia dureza, e reprovação dos judeos, a destruição de Jerusalem, e conversão dos gentios, o admiravel estabelecimento, e propagação da Igreja por todo o mundo, e até as mesmas calumnias, e perseguições, com que são tratados os seus Fiéis; donde sahe por consequencia ser Jesu Christo crucificado o Filho de Deos unigenito, que ha de vir no fim do mundo a julgar o genero humano.

E supposto que a Igreja, nos primeiros tempos, occultava aos gentios os seus sacrosantos mysterios, comtudo, creo S. Justino, que podia dispensar-se deste segredo nas fataes circumstancias, em que então se achavão as coisas, para desfazer as malignas suspeitas, e indignas calumnias, que por toda a parte se divulgavão contra as sagradas assembléas, e religiosas ceremonias, que praticavão os Christãos.

« Aqui expomos, (escrevia o Santo) com sim- « plicidade pura, o modo com que somos consagra- « dos a Deos, e por Christo regenerados, para que « ninguem presuma, que occultamos estas coisas por « malicia. Aquelles, pois, que abração a nossa dou- « trina, e promettem observar uma vida, conforme « as regras, e preceitos, que ella prescreve, devem « primeiramente jejuar, orar, e pedir a Deos perdão « das suas passadas desordens.

« Depois os conduzimos ao logar aonde está pre- « parada a agua, e nella os baptizamos em nome do Se- « nhor Deos Padre de todas as coisas, e do nosso Sal- « vador Jesu Christo, crucificado por ordem de Poncio « Pilatos, e do Espirito Santo, que predisse as coisas « pertencentes á nossa redempção, pela voz, e minis- « terio dos seus Profetas; e este lavacro se denomina « illuminação, porque nelle se illustrão as nossas al- « mas, e se purificão das trévas da ignorancia.

« Feita esta ablução, conduzimos o novo Fiél « aonde os irmãos se achão congregados, afim de ora- « rem por elle, e por todos em geral, para que ha- « vendo nós todos conhecido a pura verdade, con- « sigamos tambem a graça de chegarmos á felicidade « eterna, mediante o exercicio das boas obras, e a « fiel observancia dos divinos preceitos.

« Concluidas as preces, nos abraçamos mutua- « mente, e apresentando-se ao que preside na assem- « bléa o pão, vinho, e agua, elle recebendo estas offer- « tas em nome do Filho, e do Espirito Santo, dá glo- « ria ao Padre, author do universo, e lhe rende copio- « sas graças pelos dons, que nos participa, ao que « responde todo o povo: *Amen*, palavra hebraica, « que significa: *Assim seja*.

« Assim terminadas, pelo presidente, as preces, « louvores, e acções de graças, os que entre nós se « chamão diaconos, tomão o pão, e vinho, mistura- « do com agua, sobre que se recitão as orações da « consagração, e o distribuem pelos circumstantes, « e o levão tambem aos ausentes; e deste divino ali- « mento (que não é pão commum, nem bebida or- « dinaria, mas se converte, por virtude das divinas « palavras, na carne, e sangue do mesmo Verbo in- « carnado) nenhum pode participar, sem crêr na « nossa doutrina, depois de regenerado, e purificado « das suas culpas naquelle celeste lavacro, e regu- « lar a sua vida pelos Mandamentos de Christo.

« Assim, pois, no primeiro dia de cada semana « (denominado por nós domingo) se faz uma geral « congregação em um mesmo logar, aonde, segundo « permitte o tempo, se lêem os escriptos dos Apos- « tolos, e Profetas, e terminada a leitura, o que pre- « side faz uma exhortação ao povo para a observan- « cia daquellas doutrinas.

« E logo depois da oração geral, que então se « segue, todos os circumstantes (cada qual como po- « de) apresentão ao presidente (que de modo ordina- « rio é o proprio Bispo, ou algum sacerdote em seu « logar) as suas offertas, as quaes elle manda dis- « tribuir pelas viuvas, pupillos, encarcerados, pere- « grinos, e enfermos, etc. etc. »

Não se sabe de certo qual foi o effeito desta apologia de S. Justino, mas julga-se, sem dúvida, que se não fez cessar de todo a perseguição, com que em todas as terras do Imperio erão vexados os Christãos pelo furor dos póvos, dos juizes, e sacerdotes dos idolos, ao menos se diminuio algum tanto, e abrandou o coração do Imperador Antonino para com a Religião Catholica, como se presume de uma carta, que o mesmo Principe escreveo pouco depois ás Cidades da Asia-menor, referida por Eusebio Cesariense.

Entretanto aproveitou-se Justino deste breve socêgo para dilatar o nome de Jesu Christo, e defender a verdade da Religião, compondo varias obras contra a heresia dos marcionitas, e valentinianos, que pretendião corromper a verdadeira doutrina de Christo; e escreveo tambem a conferencia que teve com o judeo Trifão, que não é sómente a obra mais antiga, senão ainda a mais completa que temos para demonstração, e defensa da Religião Catholica contra a perfidia judaica.

Porém succedendo no throno Marco Aurelio a Antonino, accendeo-se com maior ímpeto o fogo da perseguição, excitado principalmente pelos philosophos pagãos, que se escandalizavão da humildade da cruz, em que os Christãos punhão toda a gloria, e os estimulava a inveja, por verem nos mesmos Christãos resplandecer as regras da mais alta philosophia, que elles decantavão com as palavras, e depois violavão com as obras.

Sendo, pois, entre estes philosophastros o que em Roma levantava mais a voz contra os Christãos, um, da seita dos synicos, chamado Crescente, a este se oppoz animosamente S. Justino, desafiando-o para uma publica conferencia, que se repetio muitas vezes, e nella sempre o convenceo de uma crassa ignorancia sobre as coisas dos Christãos, e de uma perversa malicia nos seus proprios dogmas, e costumes.

E não satisfeito Justino com esta victoria verbal contra aquelle soberbo philosopho, expoz com uma nova apologia uma segunda súpplica, dirigida, como a primeira, ao Imperador, ao Senado, e ao povo romano, defendendo a Religião Catholica contra as mentiras, e calumnias dos philosophos, fomentadores da perseguição, e descobrindo as fraudes, e os vicios daquelles ímpios, não obstante o saber as traições que armavão contra a sua vida, e não ignorar o muito que podião com o Imperador Marco Aurelio, que devéras os amava, pela gloria que fazia de merecer o titulo de philosopho.

Com effeito, passados poucos dias, Justino foi prezo, e apresentado ao Prefeito de Roma, chamado Rustico, o qual, sentado no seu throno, depois de o exhortar a que obedecesse aos deoses, e aos edictos dos Imperadores, lhe perguntou a que genero de erudição se havia applicado? Ao que satisfez Justino, dizendo em poucas palavras:

« Toda a minha obediencia se dirige a observar « a doutrina do meu Salvador Jesu Christo, a qual « não permitte adorar as estatuas inanimadas de uns « falsos deoses; e no que respeita á erudição, eu « passando pela disciplina de varias seitas, e por toda « a sorte de erudição profana, abracei por ultimo a « dos Christãos, a qual só deixa de agradar a quem « segue os ímpios erros dos que adorão os idolos.

« E tu, ó Justino, (perguntou Rustico) segues « essa falsa Religião? Sim, (respondeo o Santo) eu « a sigo com a sua recta doutrina, a qual consiste « em crêr, e adorar a um só Deos, creador do Ceo, « e da terra, e confessar a Jesu Christo, unico Filho « do mesmo Deos, e Redemptor do genero humano, « annunciado já pelos Santos Profetas, que muitos se- « culos antes predisserão a sua vinda ao mundo nos « seus authenticos, e indubitaveis escriptos. »

Perguntou-lhe então o Prefeito, qual era o logar certo, em que os Christãos adoravão a Deos? « Aonde cada um quer, (respondeo Justino) porque « o Deos dos Christãos, como immenso, e invisivel « que é, enche o Ceo, e a terra, e não sendo cir- « cumscripto em algum logar, em qualquer parte do « mundo pode ser louvado, adorado, e glorificado « pelos Fiéis.

« Mas eu quero (replicou o Prefeito) que tu me « digas, qual é o sitio certo, aonde de modo ordina- « rio concorres com todos os mais para fazerdes as « vossas congregações? Quanto a mim (respondeo o « Santo) eu habito em uma casa junto ao banho de « Timiótino, aonde, se alguem me procura, estou « sempre prompto para o instruir na verdadeira dou- « trina.

« Logo tu és Christão, (concluio Rustico) e não « queres sacrificar aos deoses? Não (respondeo Jus- « tino) porque nenhum homem de são juizo abando- « na a piedade, para precipitar-se no erro; mas se « tu não obedeces aos meus preceitos (disse Rustico) « serás cruelmente atormentado, e morto. Isso é o « que eu desejo (respondeo o Santo) padecer, e mor- « rer por amor de meu Senhor Jesu Christo; faze, « pois, o que fôr do teu agrado, tendo sempre por « certo, que nunca sacrificarei aos idolos. »

Ouvindo isto o Prefeito, proferio sem mais demora esta sua iniqua sentença: « Justino, que não « quer sacrificar aos deoses, nem obedecer aos de- « cretos do Imperador, corte-se-lhe a cabeça, como « ordenão as leis, depois de ser com rigor açoutado. » Com o que, executado logo, terminou o Santo gloriosamente o seu martyrio no anno de 167 da era Christã.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Resplandece particularmente no illustre martyr S. Justino um grande amor á verdade, a qual procurava já com ardente desejo, ainda nas trévas do paganismo; e logo que a encontrou na Religião Catholica, fez della as suas delicias, communicando-a anciosamente aos outros, e defendendo-a com vivo esforço, apesar das potencias do seculo, á custa do proprio sangue, até o seu ultimo suspiro.

Aprendamos, pois, do seu exemplo a continua prática desta virtude, amando-a devéras com todo o coração, e sustentando-a sempre com valor, sem jámais a abandonar por qualquer coisa do mundo; porque assim como Deos é a suprema verdade por essencia, assim tambem todas as verdades (e particularmente as da Religião, que respeitão aos dogmas, e aos costumes) são pertencentes a Deos; e quem as despreza por algum respeito humano, ou por negligencia propria, offende ao mesmo Senhor, e se faz réo de castigo no seu divino tribunal.

MAIO — 19.

DE

SANTA LIDUVINA, VIRGEM.

EM 15 DE ABRIL.

NO SECULO XIV, E XV.

A vida desta Santa foi escripta por varios authores contemporaneos, entre os quaes é o veneravel Thomaz de Kempis, que a traz no fim das suas obras ascéticas.

O nome de Santa Liduvina é célebre na Igreja, e principalmente entre os Fiéis de Flandres, aonde logo depois da sua morte começou a ser venerada com religioso culto. Parece que Deos quiz propor nesta Santa virgem um vivo exemplar de paciencia para animar, e confortar os Christãos de ambos os sexos a soffrer com resignação meritoria as corporaes enfermidades, que podem sobrevir a cada qual por todo o tempo desta miseravel vida.

Nasceo Liduvina em o anno de 1380, na Cidade Schiedamo em Hollanda, de nobres progenitores, porém muito pobres: Pedro seu pai, para sustentar a sua familia, não tinha mais do que o limitado estipendio de soldado que era da guarnição da Cidade, porém vivendo nesta pobreza elle, e sua mulher Petronilla, como ambos erão de bons costumes, educárão esta sua filha no santo temor de Deos.

Ella, desde menina, teve sempre uma terna devoção para com a Santissima Virgem, e um vivo desejo de conservar-se pura em seu obsequio; e com effeito, chegando ella á idade competente, e instada por seus pais, e parentes, para que acceitasse em matrimonio algum de varios mancebos ricos, e no-

bres, que a pretendião, attrahidos da sua virtuosa honestidade, e extraordinaria formosura, ella os recusou sempre, protestando com firmeza, que só queria a Jesu Christo por seu esposo.

E o mesmo Senhor, para a fazer sua esposa verdadeira, isto é, para a fazer similhante a si (que é chamado na Escriptura *Varão de dôres*) lhe enviou logo uma penosa enfermidade, ou antes um cumulo de varias molestias, que a pregárão, e affligírão no leito por todo o espaço de trinta e oito annos, até o ultimo ponto da sua vida; e a causa natural para este effeito foi a seguinte:

Tinha então Liduvina a idade de quinze annos, quando em um dia do mez de dezembro, divertindo-se com algumas companheiras sobre o duro gelo de um rio, como se usa naquelle paiz, escorregou, e cahio com tal violencia, que se lhe quebrou uma costela; e este foi o principio dos seus males, e das suas dôres, que nunca lhe podérão curar os mais habeis medicos, e perítos cirurgiões, porque de dia em dia, apesar de todos os remedios, lhe sobrevinha um novo ataque, ou se lhe aggravavão os antigos.

Gerou-se-lhe uma inflammação nas entranhas, que lhe causava agudissimas dores: o seu corpo em diversas partes estava coberto de tumores, e de chagas: padecia uma contínua dôr de cabeça, como se lha traspassassem com ferros, e uma febre lenta, que a consumia, e quasi nunca a deixava livre: o seu fastio era tal, que abominando todo o alimento, só por milagre podia conservar a vida com a tenuissima porção que tomava.

As dôres que padecia em todos os membros do corpo erão tão agudas, e contínuas, que rara vez lhe permittião algum descanso; e por ultimo, até os mesmos remedios, que os seus pobres pais, e algumas pessoas pias lhe procuravão, e que ella tomava por obediencia, em vez de lhe causar algum allivio, lhe augmentavão sempre o mal, e lhe occasionavão maior tormento. Assim, pois, como fica dito, passou Liduvina os trinta e oito annos restantes da sua vida, se um tal, e tão contínuo padecer póde chamar-se verdadeira vida, e não uma morte prolongada.

Nos primeiros quatro annos portou-se Liduvina, como mulher fraca, e delicada, gemendo com inexplicaveis agonias, e procurando nas creaturas, mas inutilmente, algum allivio ás suas penas, até que o Divino Senhor, compadecido desta sua serva, lhe enviou para seu remedio um excellente medico, na pessoa de um veneravel Sacerdote, chamado João Pot, o qual visitando-a, exhortou-a logo a não procurar consolações humanas, senão só a pôr toda a sua confiança em Deos, de cuja mão poderosa, que lhe permittia o tormento daquella molestia, devia esperar o dom da paciencia, para soffrella com grande mérito, e utilidade do seu espirito.

Suggerio-lhe depois, que se occupasse frequentemente em considerar a Paixão de Jesu Christo, meditando nos seus cruéis tormentos, e na morte de Cruz, que elle padecêra por seu amor; e entrando por este modo espiritualmente nas suas chagas, receberia sem dúvida um pleno conforto nas suas penas: exhortou-a tambem a dirigir os olhos do seu espirito para a ineffavel gloria celeste, que tinha de gozar por toda a eternidade, em felicissima recompensa das suas breves afflicções transitorias, e na gloriosa companhia de todos os Santos, que só pelo caminho das penas chegárão áquellas delicias.

E ultimamente querendo aquelle pio sacerdote ministrar-lhe por sua mão o Sacramento da Eucharistia, lhe disse, já com a sagrada hostia á vista, estas formaes palavras, depois de proferidas as que ordena então a santa Igreja: *Liduvina eu até aqui te exhortei, a que sempre tivesses diante dos olhos a Paixão do teu Redemptor; e elle agora em propria pessoa te vem visitar, para te encher de consolação: confia, pois, na sua clemencia, e não serás confundida.*

Assim, pois, desde aquelle tempo ficou o coração de Liduvina admiravelmente fortificado, e praticando o que lhe suggeríra aquelle bom sacerdote, recebeo do Senhor tanta abundancia de graça, que não só tolerava com paciencia, senão ainda com prazer, e consolação interna todos os seus males, e dôres; e quando se sentia árida, e desconsolada, a sua Fé a sustinha, ensinando-lhe a reconhecer a vontade de Deos naquellas mesmas seccuras, e a humilhar-se diante da Magestade de Deos, que tudo permittia, como amante pai, para seu maior bem na sua propria santificação.

Qualquer que visitava a Santa ficava summamente admirado da sua heroica paciencia; e ella estava tão remota de receber consolações humanas, que antes ella mesma, entre as grandes dôres que a opprimião, confortava as pessoas attribuladas, que a procuravão, muitas das quaes erão da primeira qualidade, que vinhão admirar o poder de Deos, o qual por virtude da sua graça póde fazer robusta, e invencivel a humana fraqueza.

Entre as pessoas da primeira nobreza, hindo a Condessa Margarida, senhora de Hollanda, visitar a Liduvina, ficou attonita de vêr tanta pobreza, tanta virtude, e tanto desprêzo de si mesma, e compadecendo-se daquella summa indigencia, resolveo (como tambem outras pessoas pias) consignar-lhe um soccorro certo de esmolas abundantes para os seus remedios, e para o seu sustento.

Porém a Santa, que amava o padecer, e imitar a Jesu Christo pobre, satisfazendo-se com o pouco que bastava para o seu tenuissimo alimento, queria que o restante se repartisse pelos pobres; o que assim executado, veio a fazer-se a sua pobre casinha o allivio das viuvas, dos orfãos, e dos enfermos, aos quaes subministrava quotidiano auxilio, e sufficiente soccorro nas suas indigencias.

Além das enfermidades corporaes sobreviérão á Santa outras tribulações, que ella supportou com a mesma paciencia, e resignação. A mais contínua, por ser quasi quotidiana, procedia de uma sua cunhada, que morava na propria casa, e pelo seu máo genio tratava sempre a Santa virgem com um modo aspero, e imperioso, insultando-a com palavras injuriosas, e chegou uma vez a cuspir-lhe no rosto, e ameaçalla ainda de a tratar com maior rigor.

A tudo isto correspondia a Santa com palavras doces, e humildes; e quando a cunhada rompia em furias, continha-se Liduvina em um perfeito silencio; e perguntada ella, porque usava tanta paciencia com a dita sua cunhada, em vez de lhe representar. que sem causa a perseguia? *Porque assim* (respondeo logo) *me ensinou Jesu Christo com o seu exemplo; e quando ella não tome da minha paciencia occasião para emendar-se, sempre me dá motivo para exercitar a virtude com maior mérito.*

Foi tambem a Santa em diversas occasiões maltratada por outras pessoas, que a tinhão em máo conceito, reputando-a, e diffamando-a por uma hypócrita, e feiticeira nas mesmas coisas maravilhosas, que o Senhor por seu meio obrava; e ella reconhecendo em todos estes acontecimentos a suprema vontade de Deos, que assim o permittia para seu bem, plenamente se conformava, e rogava ao mesmo Senhor pelos malédicos calumniadores, que sem causa alguma a insultavão.

Dignou-se então o misericordioso Deos de favorecer com varias graças a esta sua amada serva, especialmente com os dons da profecia, de conhecer o segredo dos corações, e de obrar grandes milagres, muitos dos quaes referem os contemporaneos escriptores da sua vida; até que chegado o tempo, em que o Senhor havia destinado tiralla deste mundo, ella, que previo o seu transito, pedio que a deixassem ficar só, para poder tratar com o esposo celeste sem alguma distracção, e assim no dia decimo quarto do mez de abril do anno 1433, passou deste miseravel desterro para a eterna gloriosa patria.

O seu corpo, qne estava todo transfigurado, e disforme pelas muitas, e gravissimas molestias, que padecêra em tantos annos, ficou logo todo branco, e com tal formosura, que a todos recreava a sua vista, e não menos a suavissima fragrancia, que de si transpirava. Seguírão-se depois varios milagres, que illustrárão mais a santidade de Liduvina, alguns dos quaes refere por extenso o devoto Thomaz de Kempis.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

É certo que todos os que estamos neste mundo cercados de um corpo mortal, e corruptivel, nos achamos sujeitos a padecer varias molestias, e por ultimo aquella, que põe termo á nossa vida. Aprendamos, pois, do exemplo desta Santa a recebellas da mão de Deos para bem das nossas almas, praticando os saudaveis meios, que o Espirito Santo lhe suggerio pelo virtuoso ministerio daquelle veneravel sacerdote.

Reconheçamos, pois, a nossa molestia (de qualquer causa que proceda) como vinda da mão de Deos, segundo a Fé nos ensina, portando-nos com paciencia, e resignação na sua vontade santissima, e tendo sempre os olhos nos incomparaveis tormentos da sua Paixão, para unirmos as nossas penas com as que elle padeceo por nosso amor.

E ultimamente advirtamos, que as penas, e afflicções deste mundo, ainda que durem por toda a vida, como aconteceo á nossa Santa, são breves, e ligeiras, comparadas com a gloria eterna, a que ellas vão dirigidas, e de que se fazem acrédoras, quando as supportamos com pacieneia, como ensina o Apostolo S. Paulo na sua carta aos hebreos.

MAIO — 20.

DE

S. PEDRO GONÇALVES.

EM 15 DE ABRIL.

NO SECULO XII, E XIII.

Da historia geral da Sagrada Ordem dos Pregadores, como vem referida pelos Bollandistas, no dia 15 de Abril.

S. PEDRO Gonçalves, bem conhecido pelo nome de *Sant-Elmo*, nasceo em Astorga, Cidade da Hespanha, no anno de 1190 no Pontificado de Celestino III, sendo Rei de Castella Affonso IX. A sua illustre familia tinha logar distincto entre as primeiras daquella Cidade; e um tio materno do menino Pedro, que então era Bispo de Astorga, reconhecendo nelle uma grande viveza de espirito, se encarregou da sua educação, tomando-lhe excellentes mestres, e assistindo elle mesmo frequentemente ás suas lições, por vêr os admiraveis progressos, que fazia nos seus estudos.

Alegre, pois, o Prelado de ter um sobrinho de tanto credito, logo que elle chegou á idade competente, lhe conferio as primeiras ordens, e o proveo em um canonicato da sua Igreja; porém todas as qualidades que Pedro tinha, quando entrou na ordem clerical, erão só de um talento espirituoso, e fecundo, porque toda a diligencia dos seus mestres só se applicou a cultivar-lhe o engenho, e nada a promover-lhe a piedade.

E supposto que não erão criminaes os seus costumes, comtudo, estava remoto daquelle espirito, que requeria o seu estado: elle amava o fausto, e tinha um tal gosto de aceio, ou antes de vaidade no vestido, e no trato da sua pessoa, que parecia mais um cortezão secular, do que um modesto ecclesiastico; e além disto, o seu genio alegre, todo elle formado, e bem instruido segundo as maximas do mundo, o fazião ser a alma das ordinarias assembléas, em que gastava aquellas horas, que devera empregar na oração, e nos exercicios espirituaes.

Morto naquelle tempo o deão do cabido de Astorga, e provido em seu logar o conego Pedro, servio-lhe esta nova dignidade para mais lhe entumescer o coração, e tanto assim, que no mesmo dia em que lhe foi conferida a posse, depois de receber as Bullas de Roma, tomou um vestido riquissimo, e montando em um formoso cavallo, foi passear pelas ruas da Cidade, mais similhante a um conquistador que entra em uma praça expugnada, e rendida, do que a um ecclesiastico, cujo distinctivo deve ser sómente a simplicidade, e modestia.

Em quanto, pois, por este modo fazia Pedro ostentação de si mesmo pelas ruas da Cidade, tropeçou-lhe o cavallo, e o fez cahir em um monte de lodo, que o deixou todo immundo, e exposto a ser escarnecido pelos circumstantes. Voltando, pois, para casa cheio de pejo, e confusão a Divina Graça que o illuminou, e lhe suggerio naquelle passo um virtuoso desengano, o fez exclamar, dizendo assim: *Pois que o mundo se ri dos que lhe tem amor, eu tambem me rirei delle, desprezando-o desde logo por uma vez.*

Com effeito, dando elle muitas graças a Deos, pelo haver assim humilhado, entrou logo, e recebeo o habito na ordem de S. Domingos, aonde desde os primeiros dias supplantou por tal modo os seus costumes antigos, que em breve tempo se deo a vêr um homem totalmente novo, com justa admiração, de que um mancebo ecclesiastico tão ambicioso, e delicado se fizesse para logo um religioso humilde, obediente, mortificado, e desprezador de si mesmo.

E quando os superiores o julgárão consolidado no bem, e radicado na virtude, quizerão que subisse ao grão de sacerdote, em cujo ministerio, correspondendo ás intenções do seu santo Patriarcha, entrou a ser util aos Fiéis, ouvindo-lhes quotidianamente as confissões, e procurando nas suas contínuas prédicas, não só converter os peccadores, mas tambem corroborar os justos, e santificar-se a si mesmo.

Derramando, pois, visivelmente o Senhor as suas celestes bençãos sobre o ministerio do nosso Santo, e reputando elle por campo assás estreito aquella sua Cidade, foi discorrendo por varias Provincias, e recebendo em todas as partes copiosos fructos das suas Apostolicas fadigas, por ser igualmente poderoso assim nas obras, como nas palavras, fazendo a pé as suas viagens, e jejuando com o mesmo rigor, como se estivesse no claustro.

Elle passando por qualquer logar, prégava logo a palavra de Deos, e não entrava em alguma casa, aonde não fizesse conhecer, e amar a Jesu Christo:

aos mesmos grandes fallava com uma santa liberdade Evangelica, sem algum respeito humano, procurando instillar-lhes nos animos o temor, e amor Divino.

Ouvindo, pois, o Rei Fernando III fallar das virtudes do nosso Santo, o chamou a si para valer-se dos seus conselhos; e com effeito, a sua vida exemplar, o seu recolhimento, as suas austeridades, e muito mais as suas orações, concorrêrão grandemente para que florecessem no Rei, e na côrte a piedade, e virtudes Christãs: elle acompanhava ao Principe por toda a parte, até nas guerras, que fez contra os infiéis, com o que dilatou muito o Reino de Jesu Christo.

Irritado então o demonio por tantas victorias contra elle conseguidas, dispoz um dia, que estando uns fidalgos mancebos fallando sobre as virtudes do Santo, vissem passar uma famosa meretriz, e chamando-a á sua presença, lhe disserão: Que se ella ouvisse prégar ao padre Gonçalves, certamente mudaria de vida. Porém a miseravel replicou dizendo descaradamente: *Se eu lhe podésse fallar só por só, logo se veria ser elle um homem como os outros, que tem satisfeito os meus desejos.*

Impellidos, pois, aquelles fidalgos da sua maligna curiosidade, promettêrão á mulher uma consideravel somma de dinheiro, se ficasse victoriosa naquella empreza; e ella sem mais demora (ainda que já era o fim da tarde) foi procurar ao Santo, e prostrando-se a seus pés, derramando fingidas lagrimas, lhe disse: « Reverendo padre, eu sou uma desgraçada « mulher, que venho á vossa presença, para que me « ajudeis a sahir do abysmo da iniquidade, em que « ha muitos tempos estou submergida.»

E respondendo-lhe o Santo, que como era já tarde, voltasse na manhã seguinte, para a ouvir mais de espaço, como pedia a importancia daquelle negocio... « Ah meu Padre (replicou ella) se vós me não « attendeis agora, póde ser que novos delictos forti- « fiquem os meus máos habitos, de modo que não « chegue a cumprir este meu bom proposito. Tende, « pois, piedade de uma alma, que merece a vossa at- « tenção compassiva. »

Enternecido, pois, o Santo por esta representação lacrimosa, fez uma breve oração por aquella que reputava penitente, e lhe disse depois, que principiasse a confissão das suas culpas: então a depravada hypocrita, mudando de tom, e linguagem, e estendendo o laço, que o demonio lhe suggeríra, se atreveo a dizer-lhe entre outras coisas, que morria de amor para com elle...

Porém Deos que permittindo alguma vez serem os Santos tentados, sempre lhes dá forças para não ficarem vencidos, sustendo a Gonçalves contra o assalto daquella infame, lhe inspirou dizer-lhe: *O' filha, não permitta o Senhor, que eu seja causa da tua morte; espera aqui um pouco, e o teu mal terá remedio.* E entrando logo em uma camera interior, aonde accendeo um grande fogo, chamou a mulher, e estendendo a capa sobre as brazas, se assentou nellas, e lhe disse: *Pódes entrar, que eu aqui te espero.*

Attonita, pois, a venturosa meretriz por aquella acção não esperada, e mais ainda por vêr que nem o Santo, nem a sua capa se queimavão nas chammas, lançou-se por terra, derramando muitas lagrimas, não já fingidas, mas verdadeiras, e lhe disse resoluta: *Oh meu Padre, já não tendes aos vossos pés uma infame peccadora, mas uma dolorosa penitente: obtende-me, pois, misericordia do Divino Salvador, que tanto assim vos favorece.*

Com effeito, a sua conversão foi sincera, porque fazendo logo uma confissão geral das suas culpas, com evidentes signaes de grande compunção, entrou depois em um mosteiro, aonde viveo penitente em todo o restante dos seus dias; e crescendo por este successo a veneração para com o Santo, elle temendo ser allucinado pela soberba, depois de haver vencido a impureza, deixou a côrte, e se retirou para o seu convento.

Porém não lhe permittindo a caridade o estar ocioso, continuou logo o seu ministerio da prégação por varias terras da Hespanha; e o Divino Senhor abençoou cada vez mais as Apostolicas fadigas deste seu servo nas prodigiosas conversões de muitos peccadores, e nos grandes milagres, que se dignou de obrar por sua intercessão, entre os quaes (referidos pelos escriptores da sua vida) é de especial memoria o seguinte:

No tempo em que S. Fernando, Rei de Castella, cercava a Cidade de Sevilha, possuida dos mouros, partio de Lisboa uma náo em seu soccorro, a qual sendo combatida de uma furiosa tempestade, os marinheiros afflictos se encommendárão ao nosso Santo, pela noticia que tinhão da sua grande virtude, e poder que mostrava sobre os elementos, e valeo-lhes tanto a sua confiança, que todos o vírão sobre a gavea, e amainando logo a tormenta proseguírão a sua viagem com feliz successo.

E daqui procedeo a geral devoção que os mareantes desde então tiverão para com este milagroso Santo, recorrendo logo a elle, e achando-o sempre propicio em todos os perigos daquelle furioso elemento.

Querendo então o Senhor dar fim aos trabalhos do Santo, enviou-lhe uma grave molestia, estando elle na Cidade de Tui; e supposto que recebeo algumas melhoras passados uns poucos dias, com que se pôz a cavallo para o convento de Compostella, aonde então era morador, com tudo, chegando a uma Villa chamada Santa Comba, enfraqueceo por tal modo, que não podendo passar adiante, disse, inspirado por Deos, ao companheiro: *Sabei, filho, que é vontade do Senhor acabar eu a vida na Cidade de Tui;* e com effeito alli falleceo no dia 15 de abril do anno 1246.

Celebra aquella Igreja a sua memoria com grande solemnidade por concessão do Papa Innocencio

IV, que o beatificou no anno de 1254; e não é menos applaudido pela gente maritima em todos os portos do mar de Hespanha, onde é chamado *Sant-Elmo*; e em Portugal é mais conhecido pelo nome de *Corpo Santo*, com o qual titulo tem na côrte de Lisboa uma Ermida, que dá nome a um formoso logar da mesma Cidade.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Se os pais, e todos os outros, que tem de educar os mancebos, no tempo em que lhes fazem aprender as lettras humanas, não procurão muito mais mover-lhes os animos para a piedade, instillando-lhes no coração o amor de Deos, e das virtudes Christãs, especialmente da humildade, e desprezo do mundo, succede-lhes de modo ordinario, como aconteceo ao nosso Santo, o sahirem vaidosos, e amantes de si mesmos, deixando-se transportar das suas viciosas paixões, que os conduzem ao precipicio, se o Senhor os não retem com uma especial misericordia, qual foi a que usou com o nosso Santo na sua inopinada quéda.

Aproveitemo-nos, pois, destas lições, que o Senhor nos dá por meio dos seus servos, para não nos deixarmos enganar, nem intumescer o coração com os louvores, e applausos do mundo, o qual, como ensina o Evangelho, muitas vezes tem por grande, e digno de louvor o que é desprezivel, e abominavel aos olhos de Deos.

MAIO — 21.

DE

S. FRUCTUOSO, ARCEBISPO DE BRAGA.

EM 16 DE ABRIL.

NO SECULO VI.

A sua vida, que um author quasi contemporaneo compoz pelas memorias, que lhe subministrárão os discipulos do Santo, acha-se na Obra dos Bollandistas, e em Mabillon no segundo seculo benedictino.

Entre os muitos Santos, que illustrárão a Hespanha no seculo VII, S. Fructuoso foi um dos que mais contribuírão para se propagar, e aperfeiçoar naquelle Reino a vida monastica. Trazia este Santo a sua origem do sangue real dos godos, e era filho de um grande General, que ordinariamente habitava no territorio de Vierz, entre as montanhas de Leão, e de Galliza.

Fructuoso desde a sua mocidade foi muito inclinado á solidão, e quando se achava no campo distante do povoado, desejava fundar alli um mosteiro. Mortos, pois, seus pais, recebeo a tonsura clerical pelo Bispo de Palencia, que tambem o instruio na piedade; e concebendo Fructuoso desde então um ardente desejo da perfeição Evangelica, distribuio uma grande parte dos seus muitos bens aos pobres, reservando a melhor para a fundação, e rendimento de um mosteiro, aonde em poucos tempos, se veio a formar uma communidade numerosa de virtuosos monges.

Mas o infernal inimigo, querendo impedir os espirituaes effeitos que resultavão daquella grande obra, tomou por instrumento a um cunhado do Santo, o qual, impellido da primeira avareza, quiz recobrar as terras, que Fructuoso havia doado ao seu mosteiro; para cujo effeito recorreo ao Rei Tulga com o falso pretexto de empregar o valor daquellas fazendas em levantar umas tropas, e fazer ao publico algum serviço.

Enganado, pois, o Rei com aquella proposição, na apparencia tão vantajosa, lhe concedeo quanto pedia; o que sabido por Fructuoso, procurou distrahir ao cunhado do seu perverso designio, representando-lhe com termos fortes a injustiça, que contra elle praticava, e a grave offensa que fazia a Deos, usurpando-lhe o que fôra consagrado para o seu ecclesiastico serviço; porém vendo elle que a sua representação era de todo inutil para com o seu ambicioso cunhado, recorreo logo a Deos com os seus jejuns, e orações, e dos seus monges, e tambem quiz que a Igreja do seu mosteiro fizesse penitencia com elle em certo modo naquella occasião, despindo-lhe os altares de todos os adornos.

Attendeo o Senhor ás supplicas do seu servo, porque ao tal cunhado sobrevcio logo uma penosa enfermidade que o tirou deste mundo, e o mosteiro ficou em posse pacifica de todos os bens, que lhe consignára o Santo; o qual para se livrar de outras

taes perseguições, procurou a protecção do Rei Chindasvincto, successor de Tulga, que entre os muitos beneficios que fez ao seu mosteiro, o proveo tambem de livros, e sagrados ornamentos.

Manifestando-se, pois, cada vez mais a virtude do Santo, concorrião gentes de todas as partes para tomar os seus conselhos; porém elle para evadir aquellas honras, e applausos, fez eleger um novo Abbade, e foi esconder-se em um deserto, aonde vestido de pelles, e sustentando-se com o trabalho das suas mãos, vivia com summa austeridade em uma contemplação quasi contínua.

Porém Deos, que destinava a Fructuoso para utilidade de muitos, não permittio que alli estivesse largo tempo naquelle ocio santo, porque os seus monges, que diligentemente o procuravão, descobrindo o logar aonde elle residia, lhe fizerão uma santa violencia para o reconduzir ao mosteiro, donde passados poucos mezes sahio o Santo para fundar em sitio cómmodo uma nova casa para religiosos, em que muitos da primeira nobreza se fizerão seus discipulos, e alguns destes chegárão depois a ser Bispos.

Crescendo, pois, cada vez mais a virtude de Fructuoso, começou o Senhor a fazer por elle muitos milagres. Succedeo uma vez, que hindo elle com outros companheiros visitar o sepulchro de Santa Eulalia, na Cidade de Mérida, e caminhando por um despovoado, apartou-se um pouco para o interior do bosque, afim de orar com mais quietação, e um pastor que alli o divisou pobremente vestido, e prostrado por terra, julgando ser algum servo fugitivo, que alli se escondêra, o injuriou, e maltratou de palavras.

Não se mostrou o Santo offendido, e só lhe respondeo brandamente, que sem justo motivo o injuriava; mas o rustico incitado pelo demonio, se enfureceo mais contra o Santo, e lhe deo muitos golpes com um páo que levava na mão. Fez então Fructuoso sobre si o signal da cruz, e logo o demonio, entrando no corpo do tal pastor, deo com elle em terra, atormentou-o por muitos modos, e certamente lhe acabaria a vida, se lhe não valessem as orações do Santo; o que bem reconhecendo o rustico, vendo-se já livre daquella oppressão, se lançou agradecido aos pés do seu bemfeitor, e foi em paz.

Outra vez estando em Sevilha, e tendo devoção de hir visitar a Igreja de S. Jeronymo, assás distante da Cidade, metteo-se em um batel com alguns dos seus discipulos; mas ao querer voltar depois de feita a sua oração, lhe disserão os barqueiros, que não podião voltar logo, por estarem muito cansados. Disse-lhes então S. Fructuoso: *Tomai, pois, algum alimento, e dormi um pouco aqui mesmo no batel, que eu entretanto rezarei o officio divino com os meus companheiros;* e feito assim por uns, e outros, o batel, acabada a reza, chegou milagrosamente á outra parte do rio; o que visto pelos barqueiros quando acordárão louvárão muito a Deos.

Outra vez, estando ainda o Santo em Sevilha, e querendo chegar á Ilha de Cades, o Bispo o embaraçava por ser o dia domingo, e estar o tempo de muita chuva; porém Fructuoso lhe disse logo: *Não estorveis, Senhor, o meu caminho, porque Deos assim o ordena: e no que respeita á chuva, ella não durará mais do que até ás duas horas depois do meio dia.* Como assim succedeo, e chegando com seus discipulos á dita Ilha, fundou nella um mosteiro, e provendo-o do necessario para o sustento dos monges, os instruio a todos para a observancia da regular perfeição.

Ouvindo então a fama da santidade de Fructuoso uma devota virgem, chamada Benedicta, de nobre geração, e possuidora de grandes cabedaes, que estava promettida por esposa a um illustre fidalgo, sobreveio-lhe um tal desejo de ser religiosa, que fugio occultamente aos pais, e mettendo-se pelas montanhas, sem saber o caminho, mas guiada por Deos, veio ter ao mosteiro, onde estava o Santo, ao qual fez este aviso: *Homem de Deos, vinde livrar da boca dos lobos uma ovelha, que anda perdida, e vinde ensinar uma alma, que busca a Deos, para que seja recebida no rebanho daquelle Senhor, que levou a ovelha em seus hombros.*

Logo o Santo varão illuminado por Deos a visitou, e ouvindo o seu santo proposito, a confirmou nelle, e mandando-lhe fazer naquella montanha uma cellinha, em que se escondesse, alli a instruio no serviço de Deos, e no muito que lhe convinha agradar sómente ao eterno esposo. Ninguem a visitava senão o Santo, o qual por sua mão lhe ministrava o pão, e agua, e alguma fruta do mosteiro, tudo por elle abençoado primeiro, como ella lhe pedíra; e assim se portou com tal fervor, que em breve tempo chegou o seu espirito a um alto gráo de perfeição.

Voando, pois, a fama da santidade desta virgem por diversas terras, em breve tempo se ajuntárão alli oitenta donzellas, para as quaes, que pertendião devéras ser religiosas, edificou S. Fructuoso um mosteiro naquelle deserto. Então o esposo que havia de ser da dita virgem, reputando-se como injuriado pela resolução que ella tomára de fazer-se religiosa, queixou-se a ElRei, e conseguio delle para seu juiz a um Conde chamado Angelate.

O qual hindo com o esposo ao mosteiro, e mandando que viesse Benedicta á sua presença, ella sim obedeceo, mas poz logo os olhos no Ceo, sem attender para o esposo; e allegando este as suas razões, ella em poucas palavras de tal modo o convenceo, que não teve mais que replicar. Disse então o Juiz: *Deixai-a servir ao Senhor, e buscai outra mulher.*

Assim se despedírão logo, e a Santa virgem Benedicta, vendo-se livre daquelle embaraço, deo muitas graças a Deos, e foi continuando em o servir sempre com maior fervor, até que passados alguns

annos, e toda cheia de virtudes, foi reinar eternamente com o celeste esposo Jesu Christo.

Então, pois, tendo S. Fructuoso com o seu exemplo, e doutrina illustrado o Reino de Hespanha, intentou passar ao Oriente, querendo terminar alli os seus dias; porém chegando esta noticia ao Rei Chindasvincto, o mandou apresentar na côrte, afim de lhe rogar, que se não ausentasse das suas terras; e para melhor o suspender o nomeou Bispo de Dume, e capellão mór de Portugal.

Celebrou-se naquelle tempo um concilio em Toledo, e depondo-se nelle, por um grave delicto, a Potamio, Arcebispo de Braga, os votos do mesmo concilio, e a vontade do Rei concorrêrão uniformemente para que S. Fructuoso substituisse o logar daquella principal cadeira, que então era metropoli de toda a Galliza. Porém elle, feito Arcebispo, não deixou a observancia da sua Religião, e gastava muita parte do tempo em distribuir esmolas, e edificar mosteiros.

Até que por ultimo, sobrevindo-lhe uma grande febre, e sendo-lhe revelado que estava proximo o fim da sua vida, participou esta noticia aos circumstantes, que a recebêrão com muitas lagrimas, e suspiros pela sensivel perda de um tal Prelado; porém elle os consolou, dizendo-lhes: *Vós chorais pela minha morte, e eu a recebo com grande prazer, pela esperança que me assiste, de que ainda que peccador, tenho de hir ao Ceo, confiado na graça do nosso bom Senhor.*

Pedio depois que o levassem á Igreja, e recebendo nella os ultimos Sacramentos, alli ficou prostrado diante do altar, orando em todo aquelle dia, e noite; e chegada a manhã do dia seguinte, levantou-se, e pondo-se de joelhos com os olhos, e mãos dirigidas ao Ceo, rendeo o seu espirito a Deos em uma sexta feira 16 de abril do anno 665.

O seu corpo foi sepultado no mosteiro que agora tem o nome de S. Fructuoso, habitado pelos religiosos capuchos franciscanos, que então era dos conegos regrantes de Santo Agostinho, cujo instituto elle professára como dizem uns, senão foi o de S. Bento, como querem outros. Foi geral o sentimento em todos os subditos deste grande prelado, e o Ceo começou logo a manifestar o seu alto merecimento com muitos, e grandes prodigios.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Deve-se discorrer que as riquezas são uma coisa mui perigosa, occasionando ellas tanta violencia, que chegão a armar um irmão contra outro, e a dissolver os mais estreitos vinculos da natureza, e do sangue, como succedeo ao infeliz cunhado de S. Fructuoso.

Roguemos, pois, ao Senhor, que nos preserve dos perigos, que ellas causão, se as possuimos, e da cobiça dellas, se não as temos; e lembremo-nos para isto mesmo das maldições, que proferio Jesu Christo no Evangelho contra os que amão as riquezas, e nellas põe a sua consolação e confiança.

MAIO — 22.

DE

SANTA, ENGRACIA, PORTUGUEZA,

VIRGEM, E MARTYR.

EM 16 DE ABRIL.

NO SECULO III, E IV.

Do Breviario de Evora, do poeta Prudencio, e outros authores.

Foi esta Santa virgem filha de um Principe de Portugal, chamado Otcomero, e sendo promettida por esposa a Limitaneo, Duque de Aquitania, da Provincia de Narbona em França, determinou seu pai enviar-lha com a decencia, que convinha á sua pessoa.

Era grande naquelle tempo a perseguição de Daciano contra os Christãos, dos quaes tinha martyrizado a muitos na Cidade de Saragoça; mas a Santa virgem, ainda que teve esta noticia, e fazia a sua jornada por terra, não teve o menor temor, como quem desejava, mediante o seu martyrio, conseguir o esposo celeste em logar do terreno.

Partindo, pois, a Santa da casa de seu pai, acompanhada de dezoito nobres cavalleiros, consignados por elle para sua guarda, veio ter á Cidade

de Saragoça; e dirigindo-se logo, sem ser chamada, á presença de Daciano, que estava no seu throno fazendo audiencia, sem medo algum lhe fallou assim:

« Ó Juiz malvado, vilissimo escravo dos demo-« nios, e cruel ministro dos vanissimos Imperado-« res! Porque desprezas a Deos que está nos Ceos, « e adoras os idolos falsos, formados de pedras mu-« das? E como ousaste com tão barbara tyrannia « matar a maior parte do povo innocente desta mi-« seravel Cidade? »

Attonito Daciano de ouvir fallar por este modo a uma delicada donzella, cheio de ira a mandou prender logo com os seus companheiros; e depois de a fazer açoutar, com atroz crueldade na sua presença, a mandou arrastar pelas ruas, prêza á cauda de um cavallo, por blasfemar dos deoses, e dos Imperadores.

No dia seguinte mandou-a Daciano comparecer á sua presença, e lhe disse: « Donzella vã, e sem « juizo, reconhece já que erraste em não seguir a « nossa verdade, fazendo-o assim evitarás os mui-« tos, e grandes tormentos, que te estão preparados. »

Porém a Santa lhe respondeo: « O' sacrílego, « e malaventurado, dize tu isso a ti mesmo: já te « não lembrão, miseravel, as portentosas maravilhas « de Deos, que experimentaste no valeroso soldado « de Christo, Vicente, na virgem Eulalia, e no povo « Christão desta Cidade? Digo-te, pois, que eu sou « aqui enviada para que te arrependas de tantas mal-« dades, antes que a ira de Deos te faça padecer os « maiores castigos. »

Ouvindo Daciano estas coisas, e julgando-se desprezado, rompeo dizendo cheio de furor: *Eu te darei o premio que mereces pela admoestação que me fazes.* E mandando-a logo subir ao cavallete, lhe fez rasgar todo o corpo com pentes, e unhas de ferro; o que vendo os conductores de Engracia, e a constancia, com que ella soffria aquelles tormentos, disserão a Daciano:

« Porque te portas tão cruel com uma donzella « tão delicada? Volta para nós outros essas barbaras « atrocidades, porque somos homens robustos, e tam-« bem cremos, e confessamos a mesma Fé, que pro-« fessa Engracia, nossa senhora. » Confuso então o Presidente, mandou-os logo degolar, e queimar os seus corpos fóra da Cidade; do que muito se alegrou a Santa virgem, vendo a todos os seus conductores entrar primeiro no Paraizo.

Passados alguns dias, Daciano persuadio de novo a Engracia, para que sacrificasse aos idolos; e desprezando ella as suas instancias, promessas, e ameaças, mandou-lhe arrancar as unhas, e cortar os peitos, e que depois a estendessem sobre uma Cruz, e lhe atravessassem a cabeça com um grande prégo, e que por ultimo com maiores ganchos de ferro lhe rasgassem, e dilacerassem todo o corpo, o qual, não tendo já em que sustentar a vida, entregou ao celeste esposo a preciosa alma no dia 16 de abril do anno 306, sendo Imperadores Diocleciano, Maximiano, e Daciano Presidente de Saragoça, no Reino de Aragão.

Prudencio, Bispo de Tarragona, e famoso poeta, celebrou o seu glorioso triunfo com elegantes versos; e Santo Eugenio, terceiro Arcebispo de Toledo, seu especial devoto, venerou-a muitos annos na Igreja que os Christãos lhe edificárão sobre o logar do seu martyrio, e della sahio para o dito Arcebispado, em cujo tempo, que era o dos godos, se fazia já célebre a sua memoria.

Depois da entrada dos mouros em Hespanha occultou-se o seu corpo, e os dos seus conductores, (o primeiro dos quaes, que era seu tio, se chamava Luperco) e assim estiverão até que em 13 de março de 1389, reedificando-se a sua Igreja, que era dos conegos regrantes de Santo Agostinho, forão achados, e transferidos para logar decente.

Ultimamente, agradecidos os Reis de Aragão, D. João II, e D. Fernando V aos beneficios que recebêrão desta Santa, reedificárão a sua Igreja, e a derão aos monges de S. Jeronymo, que actualmente a possuem. Em Saragoça é duas vezes celebrada no anno com festas de preceito, e em Lisboa, como Santa propria, se reza della com o oitavario, e tem tambem uma freguezia, a que dá o nome.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Uma illustre donzella, qual era Engracia, dirigida para esposa de um Principe, despreza tudo o que tem o mundo de mais attractivo, e inflammada de uma ardente Fé, vai sem ser chamada, e sem temor de perder a vida, censurar ao tyranno as suas barbaras atrocidades contra os Christãos innocentes. Eis-aqui o que a Fé inspira, o que a Religião ensina, e o que póde a graça.

E esta mesma Fé, e esta graça obrão em nós outros taes effeitos? Não certamente. Pois que é o que entre nós se recusa por Deos? Ou que laços se rompem em seu obsequio? Nós justamente louvamos o generoso valor de Santa Engracia; mas quantas vezes preferimos a menor conveniencia temporal á nossa eterna salvação?

MAIO — 23.

DE

SANTO ESTEVÃO III, ABBADE CISTERCIENSE.

EM 17 DE ABRIL.

NO SECULO XII.

As acções deste santo Abbade estão expressas no Tomo I dos Annaes de Cister, e tambem pelos Bollandistas no mesmo dia 17 de abril.

Santo Estevão, por sobrenome *Ardingo*, nasceo em Inglaterra, no seculo duodecimo, de pais illustres, e muito oppulentos, que o attendião como herdeiro futuro dos seus titulos, e das suas riquezas. Porém Deos, que o havia destinado para o seu serviço, o prevenio com as suas bençãos, antes que o mundo tomasse posse do seu coração, inspirando-lhe desde logo um efficaz desejo de abandonar o seculo, e retirar-se (como fez) para um mosteiro da ordem de S. Bento, donde depois sahio para applicar-se aos estudos, primeiro em Escocia, e depois em París.

E como o fim, que este mancebo procurava nos estudos era só um meio de conhecer, e servir a Deos com maior perfeição, logo que adquirio uma ligeira tintura das lettras humanas, deo-se todo ao estudo da Escriptura Sagrada, donde extrahio aquellas luzes, que o devião conduzir com segurança no caminho da vida eterna.

Teve depois desejo de visitar os sepulchros dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, e os outros santuarios da côrte de Roma, e tomando por companheiro a um dos seus condiscipulos de virtuosos costumes, fizerão esta viagem a pé, em espirito de penitencia, e para se occuparem unicamente em Deos, observavão um rigoroso silencio, em que só intromettião a reza dos Psalmos; e como era santa a intenção da sua viagem, tudo o que vírão em Roma servio muito para augmentar a sua piedade, e a sua fé.

Ao voltarem para França, ouvindo Estevão, na Cidade de Leão, varias noticias da santidade dos monges do mosteiro de Molesmo, proximamente fundado, fez humildes instancias para ficar naquelle retiro, e nelle foi recebido pelo Abbade S. Roberto, e pelo Prior Santo Alberico, ambos varões de singular piedade. Vivião aquelles monges do trabalho das suas mãos, e Santo Estevão, estreitamente unido com aquelles dois Prelados, fez tudo o que pôde, para que alli se conservasse o espirito de mortificação, e desapego, que achára na communidade, quando nella foi recebido.

Porém as riquezas, que os monges adquirião pela generosa liberalidade dos Principes, e pessoas grandes, que edificados pela sua virtude, fizerão largas doações ao mosteiro, occasionárão a sua espiritual ruina; e tanto assim, que em breve tempo em logar da fadiga, entrou o ocio; depois da austeridade, a molleza; e em vez da disciplina regular, a relaxação, e negligencia.

Procurárão os tres Santos, Estevão, Roberto, e Alberico reduzir aquelles seus irmãos ao bom caminho; porém vendo infructuosas as suas diligencias, tomárão a resolução de retirar-se daquelle mosteiro para algum logar solitario com uns poucos monges, que se mostravão dispostos para observar uma vida perfeita, segundo a profissão monastica.

Para cujo effeito procurárão logo a Ugo, Arcebispo de Leão, e legado da Sé Apostolica, expondo-lhe o seu designio de fundarem um novo mosteiro, no qual pontualmente se observasse a regra do Patriarcha S. Bento; e approvada pelo Prelado a sua vocação, forão aquelles santos varões, em numero de vinte e um, parar em o bosque de Cister, no Bispado de Chalom, sobre o rio Saona.

Era aquelle bosque uma vasta solidão, em que só habitavão as féras; porém quanto ella se mostrava mais horrivel, tanto a elles parecia mais propria para o desejo que tinhão de sepultar-se em vida, e morrer para o mundo. Cortando, pois, algumas arvores, formárão com ellas uma sufficiente casa, com seu oratorio, e varios repartimentos para sua respectiva morada; e elegendo todos concordemente por seu Abbade a S. Roberto, renovárão os seus votos, e lançárão os primeiros fundamentos á famosa ordem de Cister.

A S. Roberto succedeo no governo Santo Alberico, e morto este, elegêrão os religiosos a Santo Estevão, que veio a ser o terceiro Abbade de Cister. A sua eminente santidade, o zêlo que sempre mostrou pela observancia regular, e o seu amor para com a pobreza, e retiro, tudo concorria para o fazer digno, e merecedor daquelle importante espiritual emprêgo.

Com effeito, esta nova dignidade foi para o Santo um novo estimulo, que movendo-o a maior perfeição, lhe fez ter em pouco toda a penitencia, e exacta disciplina, que até então professára, considerando-se obrigado a ser mais fiel ás graças de Deos, que em tanta cópia recebêra, e esquecer-se, como S. Paulo, do que antes havia feito, para subir a uma virtude mais sublime, e a uma piedade mais eminente.

Imitárão-no os seus monges, e concordando com elle no estreito amor á pobreza, não duvidárão desfazer-se de toda a prata da Igreja, até ficarem com cruzes de páo, e thuribulos de bronze, ou de ferro, conservando só os calices de prata: privárão-se juntamente do uso das capas, com tudo o que era superfluo, e quizerão tambem que os paramentos da Missa não fossem de seda, senão só de lã, ou linho.

E longe de facilitarem as visitas aos ricos, e grandes do seculo, resolvêrão admittir só a do seu protector o Duque de Borgonha, que de tempo em tempo os obsequiava; e para se eximirem de toda a sujeição neste genero, assentárão em não receber do mesmo Duque, nem de outra qualquer pessoa, algum donativo.

Esta apertada reforma do mosteiro de Cister foi reprovada como novidade reprehensivel, pelos monges cluniacenses; mas a piedade singular de Santo Estevão, e dos seus companheiros respondeo plenamente áquella injusta censura; e depois tambem os justificou com sábia eloquencia o glorioso S. Bernardo, que reconhecendo as obrigações do monastico instituto, melhor que os seus adversarios, lhes argumentava deste modo na sua Apologia contra elles dirigida:

« Dizei-me, pobres de Christo: (se na verdade « o sois) Qual é a utilidade que nos resulta da pom- « pa, e magnificencia das nossas casas, senão só a « admiração dos loucos, e as offertas dos simplices? « Que se procura em tudo isto? Inspirar sentimentos « de dôr, e compunção aos penitentes, ou delicia, e « satisfação aos espectadores?

« Oh vaidade! Oh loucura! Procura-se a ma- « gnificencia nos edificios, cobrem-se de ouro as pe- « dras, e deixão-se despidos, e desconsolados os po- « bres! Como competem estas superfluidades aos que « tem feito voto de pobreza, e pelo seu instituto se « vêem obrigados a ser homens todos de espirito?»

Desejando, pois, Santo Estevão manter vivo nos seus discipulos este espirito de pobreza, e humildade, quiz que lessem frequentemente a Sagrada Escriptura, em cuja lição, e meditação elle mesmo empregava uma grande parte do dia; e tendo elle feito uma exacta copia de toda a Biblia, a mais correcta que lhe foi possivel, occupava os seus monges em transcrevella.

Esta divina palavra era toda a sua delicia, e póde-se dizer tambem, que era o seu pão ordinario, porque não erão poucas as vezes, em que lhes faltava o pão material. Porém no meio desta penuria estavão todos contentes, porque gozavão o socêgo, e a paz do espirito, e estando abstrahidos de todo o commercio com os seculares, ficavão izentos dos perigos de relaxar-se, e enfraquecer no espirito da penitencia, e da pontual observancia das monasticas regras.

Sabendo uma vez Santo Estevão, que um certo sacerdote enviára umas grandes esmolas ao mosteiro, disse ao monge que as recebêra: *Miseravel! Não sabias que esse homem é um simoníaco? Eu protesto que nenhum de nós tocará em coisa alguma desse tal donativo;* e mandando logo chamar os pastores visinhos, distribuio por elles sem reserva tudo o que o monge recebêra.

Porém Deos não deixou sem recompensa este desapego do seu servo, porque logo, e n'outras occasiões, lhe enviou o provimento necessario por um modo milagroso: se bem que ao mesmo passo quiz o Divino Senhor exercitar a paciencia do Santo por um meio mais sensivel do que a pobreza, como agora diremos:

Amava Santo Estevão ternamente aos seus discipulos com todo o affecto puramente espiritual, e Deos no breve tempo de dois annos, que forão o de 111, e o seguinte, lhe levou para si tantos religiosos da sua communidade, que pouco faltou para ficar quasi deserta, e com pouca esperança de restaurar aquella perda; porque assombrava a muitos o extremo rigor, que alli se professava.

Consternado, pois, Santo Estevão, por sentir uma tal solidão na sua casa, e vendo a um dos seus religiosos enfermos já proximo a passar para a outra vida, lhe fallou deste modo: « Irmão carissimo, « bem vez que a nossa communidade cada dia se vai « diminuindo, e que ninguem se nos offerece para sup- « prir os que perdemos; de maneira que o nosso ins- « tituto (ainda que já approvado pela Sé Apostolica) « parece que vai a extinguir-se comnosco, o que me « faz entrar na dúvida, se o Ceo se agrada da nossa « reforma. Rogo-te, pois, que (permittindo-o Deos) « nos venhas dizer, se a estreita regra que observa- « mos agrada ao mesmo Senhor, e se este nosso ins- « tituto chegará a ser util á Santa Igreja. »

Prometteo o moribundo de lhe dar a resposta, se Deos assim o permittisse. Passado, pois, pouco tempo, estando o Santo Abbade em oração na sua cella, lhe appareceo o tal religioso cheio de gloria, e lhe disse: « Meu Padre, não vos cause pena o es- « tado humilde, e obscuro, a que se acha reduzida « a vossa pequena communidade, porque brevemente « a vereis ser uma grande, e pomposa arvore, cujos « ramos se estenderão por toda a Europa. »

Participou logo o santo Abbade esta alegre noticia aos seus religiosos, e não tardou o successo a verificar o vaticinio; por quanto, passado pouco tempo, um fidalgo de Borgonha (o grande S. Bernardo)

com mais trinta socios, vierão pedir o habito e professar o instituto daquelle mosteiro; e o illustre exemplo, e grandes virtudes daquelles novos monges foi logo seguido de tantos, e taes sogeitos, que não podendo accommodar-se naquelle mosteiro, foi preciso fundar outros em diversas partes, distinguindo-se entre todos o que no anno de 1115 se fundou no sitio de Claraval, em o qual Santo Estevão constituio a S. Bernardo por primeiro Abbade.

Vendo, pois, Santo Estevão as bençãos extraordinarias, que Deos derramava sobre o seu instituto, ainda o quiz retocar em alguns pontos, e o fez confirmar de novo pelo Summo Pontifice Calisto II, no anno de 1119; e congregando depois em Cister todos os seus Abbades para um capitulo geral, alli se exonerou do emprêgo de Abbade, para cuidar sómente em se preparar para a morte.

Mas ainda que attenuado pelos muitos annos, e trabalhos contínuos, não affrouxou, antes augmentou as suas austeridades, até que sobrevindo-lhe uma ardente febre, e reconhecendo que estava proximo o fim da sua vida, e ouvindo, que alguns dos circumstantes elogiavão as suas virtudes, e o animavão a apresentar-se a Deos com segurança, lhes disse com voz languida, mas intelligivel:

« Meus amados irmãos, eu vos affirmo com ver-
« dade, que tremo de chegar á presença de Deos;
« pois ainda que o mesmo Senhor se quiz servir de
« mim para obrar algum bem, receio com tudo não
« lhe haver fielmente correspondido: morro, sim, con-
« fiado na sua divina misericordia, mas sempre com
« temor de não haver cooperado com a sua graça,
« como eu podéra, e devêra. »

Com estes sentimentos de profunda humildade entregou Santo Estevão a sua ditosa alma ao Creador no dia 28 de março do anno 1134. O seu corpo foi collocado junto ao sepulchro de Santo Alberico, na entrada da Igreja do Mosteiro de Cister para a parte do claustro; e a causa de transferir-se a sua festa para 17 de abril, procederia talvez de ser este o dia da sua sepultura, ou o da sua canonização.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

É muito mais facil fundar uma communidade nova, do que reformar uma antiga; e daqui se póde comprehender quanto na verdade importa impedir a relaxação. Todo o abuso é uma especie de gangrena, e assim por mais ligeira que seja a relaxação, em pouco tempo faz grandes progressos; e por outra parte não é menos certo, que a piedade, o retiro, a regularidade, e austeridade da vida são as que fazem famosas as mais obscuras communidades.

Santo Estevão passou muitos annos sem receber pessoa alguma no mosteiro de Cister: a sua reforma dava mostras de chegar a extinguir-se no berço; mas com serem tão poucos os seus monges, elle nada omittia da severidade da regra, e Deos abençoava a sua perseverança.

O illustre S. Bernardo com os seus socios veio professar aquelle instituto, e desde então a casa de Cister ficou sendo um seminario de Santos, e mãi da congregação mais florescente, e mais numerosa, que então havia no mundo.

Procuremos, pois, só a Deos em todos os nossos designios, aspirando sómente á sua gloria, e o auxilio, que elle á primeira vista parece negar á oração, o concederá á perseverança; quanto mais, que a mesma dilação sempre é util, e meritoria para quem espera, e não desfallece.

MAIO — 24.

DE

SANTO APOLLONIO, MARTYR

APOLOGISTA DA RELIGIÃO CHRISTÃ.

EM 18 DE ABRIL.

NO SECULO II.

Da Historia Ecclesiastica de Eusebio, no liv. V, cap. 21, e de S. Jeronymo Cat. Cap. 42.

A MUDANÇA que no anno de 180 houve no Imperio romano pela morte do Imperador Marco Aurelio, aproveitou muito ao Christianismo; porque succedendo-lhe no throno seu filho Commodo, não continuou a perseguição de seu pai contra os Christãos, antes os deixou viver em paz, e esta bonança depois de tantas tempestades contribuio muito para se augmentar o Reino de Jesu Christo.

Via-se por toda a parte fructificar a semente do Evangelho, triunfar a verdade dos erros e impiedades do paganismo, e sobre tudo na Cidade de Roma, pelo zêlo do santo Papa Eleuterio, vião-se, a cada passo, muitas familias nobres, ricas, e distinctas alistar-se nesta santa milicia, e apresentar-se com empenho nas sagradas fontes do Baptismo.

Entre as pessoas de qualidade, que entrárão naquelle tempo no seio da Igreja, uma das mais consideraveis, e mais distinctas, pelo seu nascimento, pela sua sciencia, e pelo alto emprêgo, que tinha na côrte, foi Santo Apollonio: era elle um Senador romano, descendente de uma familia illustre, e ainda mais recommendavel pelo seu mérito pessoal.

Elle passava constantemente por um dos mais sabios, e mais eloquentes varões do Senado, e o conhecimento que elle tinha das bellas lettras e da philosophia, o fazia passar por um dos maiores engenhos, e dos mais polidos do seu tempo. Então, pois, as frequentes práticas que elle teve com Santo Eleuterio, e o estudo que fez sobre a nossa Religião nos livros da Sagrada Escriptura, lhe abrirão os olhos para ver os erros da gentilidade, em que nascera, e o moverão a submetter-se ás leis de Jesu Christo, e receber o santo Baptismo.

Grande foi o júbilo dos Fiéis vendo em o numero dos discipulos do Salvador a um Senador romano de tão alto mérito, e não forão menores as utilidades que tirou a Igreja desta prodigiosa conversão: vio-se logo no novo Senador Christão, pelos seus quotidianos exercicios, como um prodigio de virtude, um modêlo de perfeição, e um dos primeiros defensores do Christianismo.

Porém o demonio não podendo tolerar o socego em que estava a Igreja, e a conversão de tantas pessoas illustres, attrahidas pelo exemplo, e fervoroso zêlo de Santo Apollonio, empregou contra elle todo o seu esforço, e manhoso artificio. Valeo-sa de um seu miseravel escravo, (que S. Jeronymo chama *servo*) o qual agitado por aquelle espirito maligno, foi denunciar ao Prefeito do Pretorio o Senador Apollonio de haver recebido o Baptismo dos Christãos.

Informando-se, pois, o tal ministro, (que se chamava *Perennio*) e achando ser verdadeira aquella noticia, procurou logo a Apollonio, afim de o exhortar a que renunciasse a Fé, para não perder com a sua fortuna, a propria vida; e vendo-o incontrastavel na sua nova crença, lhe ordenou que désse razão da sua Fé na presença do Senado, de que elle era um principal membro.

Não poz Santo Apollonio a menor dúvida á execução deste preceito, porque havendo applicado, depois de convertido, o seu principal estudo sobre as verdades da Religião, tão habil se tinha feito nesta sciencia divina, que o grande Doutor S. Jeronymo não teve difficuldade em o computar no logar segundo, entre os Padres da Igreja latina. Satisfeito, pois, de se vêr obrigado a dar uma justa idéa da sua Religião, foi com grande júbilo expôr as razões da nova Fé, que professava naquella famosa assembléa.

Para este effeito compoz elle uma bella, e sábia Apologia, na qual manifestando a verdade, e santidade pura da Religião Catholica, destruia todas as calumnias, que objectavão os pagãos contra a pureza da Fé Christã, e no mesmo tempo lhes fazia vêr as infamias ridiculas, e os impios absurdos de sua falsa, e abominavel crença.

Provava-lhes, pois, invencivelmente a existencia de um Deos supremo, e eterno Senhor, infinitamente perfeito, creador de tudo, e que subsiste por si mesmo, do qual os Ceos, os astros, e todo o universo publicão aos nossos olhos a sua omnipotencia, a sua sabedoria, e incomprehensivel magestade. Mostrava-lhes tambem a impossibilidade visivel de haver muitos deoses e por consequencia necessaria a miseravel cegueira dos que adorão por divindades as mais fabulosas chimeras.

E ultimamente lhes explicava por um modo claro, e convincente as verdades dogmaticas da Religião Catholica, para que vissem todos, que só nella havia razão verdadeira, e bom sentido, e que nada se podia imaginar mais puro, nem mais sábio, nem mais regulado, nem mais perfeito, do que a regra dos costumes, deduzida da santa moral do Divino Evangelho, e religiosamente observada por todos os bons Christãos.

Conhecendo, pois, o santo apologista a impressão que fazia o seu discurso naquella respeitavel assembléa, pelo silencio, e attenção, com que os Senadores o ouvião, extendeo-se em um parallelo mais circumstanciado sobre a differença da Fé, e dos costumes dos Christãos, mostrando-lhes, quanto a Fé destes era conforme á idéa que devemos ter da divindade, illustrada, e espiritualizada a razão por esta Fé, e quanto a sua moral cheia de sabedoria, e equidade, fazia ser puros os costumes dos Christãos.

E pelo contrario, nos pagãos, que não crêm no Deos verdadeiro, e se forjão muitos fabulosos, e depravados, todos modêlos, e fautores dos maiores crimes, não pódem os seus costumes deixar de ser injustos, sacrilegos, e abominaveis; donde concluia o sábio defensor ser uma clamorosa injustiça fazer crime aos Catholicos de professarem a sua Religião; o que bem conhecerão os mais sábios Imperadores, como Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurelio, e ainda o mesmo Commodo actual reinante, mandando sob pena de morte, que ninguem accusasse aos Christãos.

Além do que, todo o mundo sabia não haver vassallos mais fiéis do que os mesmos Christãos: que a sua probidade, a sua rectidão, e a sua innocencia tinha tantas testemunhas, quantos erão os cidadãos: que apesar dos artificios malignos, com

que os quizerão denigrir, attribuindo a arte magica os prodigios, que Deos Omnipotente obrava a seu favor. . . todo o homem de bom senso reconhecia a probidade, a innocencia, e a virtude que havia nos sectarios de uma Religião tão santa.

E pelo que respeitava á sua pessoa, elle não abandonára a Religião de seus pais, sem pensar primeiro com madureza, e se instruir a fundo sobre a verdade sólida da Religião Christã, e não cessava de agradecer a Deos o fazer-lhe conhecer o erro fatal, em que vivia; e que por tanto supplicava sempre ao pai das misericordias, concedesse a mesma graça a todos os seus compatriotas, e singularmente ás illustres, e sábias pessoas que compunhão aquelle augusto Senado, para ultimo complemento da sua felicidade, e da sua gloria.

Proferio o nosso Santo esta defensa em plena assembléa de todos os Senadores com tão vigorosa eloquencia, que os espiritos mais illustrados, e ainda os mais inimigos do nome Christão ficárão suspensos. Nada fez tanta honra á nossa santa Religião, e faltava pouco para todos os presentes se renderem á força da verdade, que aquelle heroe Christão acabava de fazer triunfar no meio do Senado de Roma.

Mas o Prefeito do Pretorio, que alli se achava como presidente, vendo a impressão que fizera em todos os circumstantes o discurso do Senador Apollonio, e temendo que os applausos que se lhe davão produzissem consequencias contrarias ás leis do Imperio, rompeo dizendo ser prohibido absolver a um Christão posto em juizo, persistindo elle na confissão da sua Fé; em cujos termos, pela authoridade do seu emprêgo, exhortava ao Senador Apollonio á conservação da sua honra, e da sua vida, renunciando sem demora a profissão do Christianismo.

Bem podéra Apollonio responder logo ao Prefeito, que se admirava muito, de que acabando de ouvir o alto conceito, e estimação que elle formava da Religião Catholica, se atrevesse a persuadillo, a que renunciasse a sua crença! Porém só quiz dizer, que elle não podia ter sorte mais feliz, nem que lhe fizesse maior honra, do que expôr a propria vida, e derramar todo o seu sangue em confirmação da Fé verdadeira, que acabava de attestar na sua apologia.

Admirou o Prefeito a tranquilidade, e constancia do veneravel Senador, porém não fez caso dos seus saudaveis conselhos, antes vendo que o Santo persistia firme na confissão da Santa Fé, fez que o Senado, no dia seguinte, o sentenciasse a perder a cabeça.

Recebeo Apollonio com o maior prazer aquella noticia, ao mesmo passo que todo o povo clamava contra a iniqua sentença, porque o alto conceito, e reputação justa daquelle venerando Senador, o seu profundo saber, e a sua exacta probidade universalmente reconhecida, tudo excitava a compaixão, e commoção das gentes; por cuja causa, temendo o Prefeito algum motim, apressou a execução da sentença, fazendo-a effeituar no dia 18 de abril do anno 189, em que este illustre defensor da Religião condecorou a dignidade de Senador romano com a gloriosa corôa do martyrio.

Desde então começou Santo Apollonio a ter veneração singular em toda a Igreja. O Doutor maximo S. Jeronymo, o numera entre os Padres da Igreja latina, pela excellente Obra da sua famosa Apologia: os padres carmelitas da Cidade de Evora são possuidores da sua cabeça, e a Cidade de Bolonha se reputa por venturosa em gozar a maior parte das suas reliquias na Igreja de S. Francisco, para onde forão transportadas de Roma no anno de 1622.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Para annunciar a Fé, e estabelecer a Religião Catholica em todo o universo, destinou Deos os homens mais grosseiros, mais pobres, e mais ignorantes, que talvez havia em todo o mundo; porém annunciada ella, servio-se algumas vezes o mesmo Senhor de varões distinctos pelo seu nascimento, pelos seus altos emprêgos, e pela sua profunda sciencia, para a defender das calumnias.

Dois meios igualmente prodigiosos, que provão com evidencia o infinito poder de Deos, e a verdade pura da sua santa Religião, pois que uns pobres pescadores idiotas, sem a menor tintura das sciencias humanas, prégassem a Fé com successo tão feliz na côrte de Roma, e que um Senador do Imperio lhe fizesse uma sábia Apologia em pleno Senado, reinando um Imperador gentio, e sellasse aquelle discurso com o seu proprio sangue, não é igual maravilha?

Assim, pois, bem se póde affirmar, que tudo é milagre em a nossa Religião; e que não é menos para admirar o vêr que os mesmos Fiéis sejão no dia de hoje tão pouco penetrados de todos estes prodigios! Nós, sim, professamos crer todas as verdades da nossa Religião; porém dizem os nossos costumes, que todos na verdade as cremos? Todo o bom Fiél póde, e deve ser apologista da Religião, porque a pureza das obras é uma prova convincente, mas tambem por isso mesmo a desordem dos costumes é tão injuriosa ao Christianismo.

MAIO — 25.

DE

SANTA MARIA MAGDALENA
DE PAZZI, VIRGEM.

NO SECULO XVI.

Da vida que escreveo Vicencio Puccini, confessor desta Santa, a qual se acha na Obra dos Bollandistas no Tomo VI, do mez de maio.

De Camillo Geri de Pazzi, e de Maria Bondelmonte, das familias mais illustres da Cidade de Florença, nasceo Santa Maria Magdalena no dia 2 de abril do anno 1566, e lhe foi posto no Baptismo o nome de Catharina. Logo desde a sua primeira infancia deu signaes evidentes da santidade sublime a que Deos a destinava, evitando os jogos, as vaidades, e divertimentos, que praticavão as meninas nobres da sua idade.

Ella amava o retiro, a mortificação e oração mental, aonde o Espirito Santo por tal modo a instruia, que sem outra direcção externa aproveitou muito, e adquirio grandes luzes das coisas celestes. Gostava de ler por livros espirituaes, e ouvia com summa attenção a palavra de Deos, abominando pelo contrario todas as conversações, e discursos mundanos.

Era obedientissima a seus pais, respeitosa para com todos, composta, e modesta, de maneira, que nenhuma das meninas nobres suas amigas se atrevião diante della a fazer, ou dizer coisa alguma que fosse digna de censura; e quando seus pais passavão para alguma casa de campo, gostava ella de conversar com as pobres filhas dos lavradores, e lhes ensinava os mysterios da Fé, e as verdades da Doutrina Christã com uma tal sabedoria, que a todos admirava.

O seu maior prazer era estar na Igreja, e adorar o Santissimo Sacramento, do qual tinha um desejo tão vivo, que lhe causava muita pena o não poder commungar pela sua pouca idade. Além do terno amor que tinha para com a Santissima Virgem, era tambem devotissima da Paixão do Salvador, ordinario assumpto das suas meditações, sentindo-se arrebatar de um ardente amor de Deos, e de um insaciavel desejo de padecer em seu obsequio, contemplando-o atormentado, e morto pela redempção do genero humano.

Logo que ella chegou aos dez annos da sua idade, foi admittida a participar do pão dos Anjos, que tão ardentemente desejava; e naquella sua communhão primeira (que foi no anno de 1576) se consagrou toda áquelle mesmo Senhor, que acabava de receber, com expresso voto de perpétua virgindade; e tanto desde logo se augmentou o seu fervor no exercicio das virtudes, que sendo posta por educanda no mosteiro das religiosas de S. João de Florença, em occasião que seu pai Camillo passava para Governador da Cidade de Cortona, era já esta graciosa menina um exemplar de santidade, e perfeição para todas aquellas religiosas.

Com effeito, achando-se ella naquelle mosteiro em maior liberdade para satisfazer á devoção do seu espirito todo o tempo que lhe restava do trabalho ordinario, e de outras obrigações que lhe impunhão, empregava na lição de livros de piedade, na oração, e outros espirituaes exercicios: ella mortificava o seu corpo com cilicios, jejuns, vigilias, e outras austeridades, quanto lhe era permittido.

Era contínuo o seu recolhimento, e a sua união com Deos, era pacifica, e affavel com todos; e supposto que vestida em trajo de secular, mostrava sempre uma tal modestia, e tão grande humildade nas suas obras, e palavras, que causava admiração, e veneração profunda áquellas servas de Deos em todo o tempo que alli esteve educanda, que foi perto de seis annos.

Voltando de Cortona para Florença os pais de Maria Magdalena, que já tinha dezeseis annos, a extrahírão logo do mosteiro, destinando-a para contrahir matrimonio com um mançebo seu patricio, de oppulenta casa, e de igual nobreza; porém ella, que até então occultára o voto de virgindade que fizera, o manifestou logo com a resolução que tinha de tomar só a Jesu Christo por seu esposo.

Desagradou isto a seus pais, pelo grande desejo que tinhão de effeituar-se aquella nobre alliança, e assim fizerão todo o esforço para a desviar daquelle seu pensamento; porém como erão virtuosos, cedérão ás súpplicas, e lagrimas da amavel filha; e deixando-a em liberdade para eleger mosteiro, escolheo o de Santa Maria dos Anjos, da ordem carmelitana, por florecer alli a observancia regular, e a vida commum, e tambem porque as suas religio-

sas chegavão muitas vezes á sagrada Meza Eucharistica, como ella intensamente desejava.

Recebendo, pois, o religioso habito com immenso júbilo do seu espirito, no mez de janeiro do anno 1583, mudou o nome de Catharina, que lhe pozerão no Baptismo, em o de Maria Magdalena, como exterior signal de morrer para o mundo, e viver só com Deos, para cujo effeito abandonou todas as amisades, e visitas do seculo, querendo só conversar, e tratar familiarmente com o seu esposo celeste, a quem sobre tudo, e com todas as véras se consagrára.

Assim, pois, a primeira acção que fez, foi consignar-se a si mesma, e a sua vontade toda nas mãos da sua prelada, para lhe obedecer sem reserva, como quem nella venerava a Deos, e na sua direcção a vontade do mesmo Senhor; e por tanto era exacta, e diligente em cumprir com a possivel perfeição todos, e quaesquer preceitos da sua regra, e estatutos, sem pôr difficuldade em deixar alguns exercicios de devoção, que praticava no seculo, afim de conformar-se em tudo, e por tudo com os exercicios ordinarios das suas virtuosas companheiras.

Mas observando ella externamente o mesmo que praticavão as outras, o fazia com tal, e tão superior modo, isto é, com tanto amor de Deos, e com tal recolhimento, e devoção, que arrebatava o coração de quem a via: ella tinha um grande amor, e respeito para com as suas religiosas; e reputando-se por inferior a todas, de boa vontade as servia e ajudava em tudo o que podia, escusando sempre, e compadecendo-se das suas faltas, e defeitos.

Exercitava-se tambem nos officios mais laboriosos, e mais baixos do mosteiro, nos quaes o coração da Santa se occupava com muito prazer, por ter nelles occasião de imitar a humildade do Divino Salvador, para o qual dirigia sempre os olhos, afim de se conformar com os seus exemplos; em summa, desde o tempo do seu noviciado pareceo Maria Magdalena um raro exemplar de virtude para toda a sua religiosa communidade.

Mas o infernal inimigo, que divisava tantas virtudes na Santa, passados quasi tres annos desde a sua entrada no mosteiro, começou a molestalla com toda a sorte de tentações as mais furiosas, permittindo-o Deos assim para maior mérito da sua amada serva. Tentava-a, pois, com várias dúvidas contra a verdade da Fé, persuadindo-a a desprezar o Santissimo Sacramento, e as sagradas imagens da Santissima Virgem, e dos mais Santos.

Outras vezes a molestava com tentações gravissimas de desconfiança de Deos, incitando-a a desesperar da sua salvação, a ter aborrecimento de se haver feito religiosa, e até chegou a suggerir-lhe, que fugisse do mosteiro, ou se désse a morte a si mesma: tentava-a tambem com estimulos da carne, e varias representações impuras, que se lhe fazião tanto mais sensiveis, quanto ella desde a infancia se conservára izenta de toda a macula, que de qualquer modo lhe podésse denigrir a sua amada pureza.

Ultimamente chegou o maligno espirito a mostrar-se-lhe em varias fórmas horrendas, para mais aterralla, e até gravemente ferilla; e como a Santa, assistida da Divina graça supplantava sempre ao soberbo inimigo, elle igualmente manhoso passava a tentalla com suggestões de vangloria, propondo-lhe, na imaginativa, que já era uma grande Santa, e que bem podia ter a certeza de haver chegado á perfeição mais alta.

Durou esta perigosa batalha nada menos de cinco annos, em os quaes Maria Magdalena combateo vigorosamente com o demonio, valendo-se das armas da oração para com Deos, do recurso ao patrocinio da Santissima Virgem, da humildade, e desconfiança total de si mesma, da maceração do seu corpo com rigorosos jejuns, e asperrimas penitencias, e não menos com a prática dos santos Sacramentos, especialmente o da Eucharistia, que tanto mais frequentava, quanto era maior a sua indigencia.

Combatendo, pois, a Santa com estas armas espirituaes, alcançou plena victoria de todas as tentações da serpente infernal, adquirio um precioso thesouro de coròas, e de méritos para com Deos, e se adiantou summamente em todas as virtudes Christãs; e cessando neste tempo as tentações diabolicas, foi a Santa favorecida, mais do que antes, pelo seu esposo celeste, que a encheo de consolações suavissimas, de extases quasi contínuos, de muitas revelações, e visões, referidas diffusamente na sua vida, escriptas pelo seu confessor, das quaes apontaremos só duas, attendendo á brevidade.

Na primeira lhe fez vêr o Senhor muitas almas de religiosos, e religiosas, que cahírão no inferno, por não observarem os seus votos, especialmente o da pobreza; por onde mais se confirmou a Santa na exacta observancia dos votos, que fizera na sua profissão religiosa, e estimulava com exhortações vigorosas a todas as suas companheiras, a que fizessem outro tanto, afim de cooperarem com maior segurança para a sua salvação eterna.

Na segunda, o Senhor lhe revelou as penas, que padecem as almas no Purgatorio, entre as quaes reconheceo a de um seu irmão, pouco antes fallecido, e teve tanto horror daquellas penas, que exclamou dizendo, que *crão um nada, comparados com ellas todos os tormentos dos martyres*; e procurando logo applacar a ira Divina com penitencias, e orações, afim de alliviar, e livrar a dita alma de seu irmão, aprendeo melhor quanto desagradão a Deos as culpas veniaes, para cuja expiação impõe a Divina Justiça tantas, e tão atrozes penas a umas almas por elle tão amadas.

Desejando, pois, a Santa virgem purificar o seu espirito pelo modo mais perfeito, que lhe fosse possivel neste mundo, rogou instantemente a Deos, que

lhe fizesse a graça de provar em si mesma um puro padecer, sem algum allivio, repetindo muitas vezes aquellas suas palavras: *Senhor, padecer, e não morrer.*

Ouvio o Senhor as supplicas da sua fiel serva, enviando-lhe uma enfermidade gravissima, que pregando-a no leito com ardentissimas febres, e contínua tosse, não lhe permittio algum descanso até o fim da sua vida; e por outra parte, privando-a o mesmo Senhor de todos os extases, e consolações, com que antes frequentemente a favorecia, tudo isto soffreo a Santa com heroica paciencia, e com grande paz, e tranquillidade de espirito.

Purificada, pois, por este modo a ditoso alma de Santa Maria Magdalena, como oiro no crizol, dignou-se finalmente o seu celeste esposo de extrahilla deste mundo para os eternos deposorios do delicioso Paraiso no dia 25 de maio do anno 1607, tendo ella 41 de idade; e no mesmo instante em que o espirito lhe desamparou o corpo, o seu rosto, que pela grave, e longa enfermidade estava pállido, e mirrado, se fez candido, e especioso, exhalando delle, e de todo o seu corpo uma fragrancia suavissima.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A vida do homem como se diz na Sagrada Escriptura, é uma espiritual milicia, em que todos tem de combater com os infernaes espiritos, porque não ha logar tão occulto, nem companhia tão santa, que possa evitar ao Christão os perniciosos assaltos daquelles fataes inimigos, como a nossa Santa experimentou em si mesma.

Portemo-nos, pois, vigilantes, e para não sermos vencidos usemos das mesmas armas, de que ella se valeo, que são a humildade, e oração continua, a mortificação da propria carne, e das paixões viciosas, a frequencia dos Sacramentos, a confiança em Deos, e na protecção de Maria Santissima; o que tudo acompanhado de uma perenne desconfiança das proprias forças, ou da natural fraqueza, faz merecer, mediante a gloriosa victoria, a sempiterna corôa.

MAIO — 26.

DE

S. FILIPPE NERI,

FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO.

NO SECULO XVI.

Antonio Gallonio, discipulo do Santo, foi o primeiro que deo á luz a sua vida no anno de 1600, *passados não mais de cinco depois da sua morte; e Jacome Bacci, da mesma Congregação, publicou outra mais diffusa, no anno de* 1621, *extrahida dos processos para a sua canonização, e muitas vezes estampada.*

S. Filippe Neri, fundador de Congregação do Oratorio, na Italia, recommendavel pelos dons de virgindade, de profecia, e de milagres, nasceo em Florença no dia 22 de julho do anno 1515. Seu pai Francisco de Neri, e sua mãi Lucrecia de Soldi, mais consideraveis pela sua piedade, que pela sua antiga nobreza, o educárão com cuidado, e pouco trabalho, porque Filippe nascêra com uma inclinação natural para a virtude, e as bellas disposições do seu talento, e do seu espirito lhe fizerão formar em pouco tempo maravilhosos progressos nas bellas letras, e na sciencia da salvação.

Elle perdeo a propria mãi pouco depois da sua infancia, mas a bondade do seu genio, a sua doçura, e singularmente a sua piedade lhe fizerão achar outra mãi nas segundas nupcias de seu pai, porque a sua madrasta o amou, e tratou sempre como proprio filho. Elle não passava ainda de nove annos quando recebeo uma visivel prova da protecção Divina, cahindo de uma grande altura, sem receber algum damno.

A sua sabedoria, e a sua piedade crescendo nelle com os annos, o fazião gostar da vida santa, e penitente, que praticavão os religiosos; porém seu pai neste mesmo tempo o enviou á Cidade de S. Germano, proxima ao monte Cassino, para casa de um seu tio, chamado Romulo, o qual, como não tinha filhos, e era muito rico, o destinava para seu herdeiro; e com effeito Filippe alli esteve pelo espaço de dois annos, edificando a toda a Cidade com a sua modestia, e grandes exemplos de virtude.

Porém o seu espirito aspirando sempre a mais alta fortuna, quanto elle via o mundo de mais perto, tanto mais suspirava pelo retiro. Desejando, pois,

hir acabar os seus estudos em Roma, e pedindo esta permissão a seu tio, elle, supposto que lhe custava muito perder a companhia de um tão amavel sobrinho, como era homem virtuoso não quiz pôr obstaculos aos designios de Deos naquella sua quasi expressa vocação.

Chegado, pois, Filippe a Roma, não tardou muito em distinguir-se pelo seu talento, e pela sua virtude, porque tanto se adiantou logo na piedade, e nas sciencias, que já era reputado naquella côrte como um dos mais habeis theologos do seu tempo, e como um dos maiores Santos do seu seculo. A sua santidade até no exterior resplandecia por tal modo, que se fazia respeitavel a todos, e ainda aos mais libertinos.

Sim houve alguns tão depravados, que se atrevêrão a armar redes á sua innocencia, mas o successo foi sempre para confusão dos mesmos ímpios; e para que de similhantes combates resultassem ao Santo as mais gloriosas victorias, tambem Deos permittio, que algumas meretrizes, fingindo-se enfermas, o fizessem chamar com o pretexto de se aconselharem com elle para melhorarem de vida, sendo na verdade para o tentarem contra a pureza, mas a sua virtude, com o soccorro do Ceo, ficou sempre immaculada, e todas estas provas lhe vierão a servir para o fazer mais humilde, mais recolhido, e acautelado.

Estando então Filippe na idade de vinte e tres annos inteiramente separado do commercio com o mundo, applicou-se todo á sua propria santificação, e salvação do proximo: de noite visitava as sete Igrejas principaes de Roma, fazendo em cada uma dellas uma longa oração; e de dia, os hospitaes, os carceres, e as praças publicas erão theatro do seu zêlo, da sua caridade, e das suas prégações.

Abençoou Deos, e prosperou de tal sorte estes virtuosos exercicios do seu servo, que varias pessoas de piedade querendo ter alguma parte nas suas boas obras, corrêrão para elle em tanto numero, que no anno de 1550 a rogos de um ecclesiastico, chamado Persiano Rosa, confessor do Santo, formou elle a célebre confraria da Santissima Trindade, na Igreja de S. Salvador do Campo, para allivio dos pobres estrangeiros, e dos peregrinos, que não tinhão onde recolher-se, e Filippe era a alma deste novo corpo, tomando sempre a maior parte em todas as penosas funcções dos seus membros.

Vendo, pois, Persiano Rosa, e admirando os prodigiosos fructos, que a grande caridade do seu penitente produzia na Igreja, julgou que o seu ministerio se faria mais util, recebendo elle as ordens sacras; e supposto que a simples proposição que se lhe fez a este respeito, encheo de susto a sua humildade, não pôde deixar de obedecer; e para que não tivesse mais tempo, em que lhe occorressem novas difficuldades, tirou-se dispensa, e se lhe fez receber todas as ordens em um só intersticio.

Tinha Filippe neste tempo trinta e seis annos de idade, e subindo ao altar com as mais santas disposições, as graças extraordinarias, com que Deos o favoreceo na sua primeira Missa, forão preludios de outras maiores. Elle celebrava todos os dias o immaculado Sacrificio, e sempre com um novo fervor, que de modo ordinario o deixava extatico depois da consagração, ficando ás vezes horas inteiras immovel, e sem sentimento, e dando bem a vêr na inflammação do rosto, e nas doces lagrimas, que então derramava, a Divina chamma, em que a sua alma ardia.

Obrigado elle a dizer Missa em uma capella domestica, por causa das suas enfermidades, e não menos para ter maior espaço a sua devoção, ordenava ao acólito, que um pouco antes da communhão o deixasse só, e passadas quasi duas horas, voltasse então para se acabar a Missa. Por aqui é facil de conjecturar quaes serião as intimas communicações, que elle tinha então com Jesu Christo, e as espirituaes delicias de que a sua alma estava inundada; bem o mostra o seguinte successo:

Acabando elle de celebrar Missa em um certo dia, e estimulado de um ardente, e maior desejo de amor a Deos, pedio ao Espirito Santo este divino amor, de que elle é a primeira fonte; e sentio-se logo tão abrazado daquelle divino fogo, que o seu coração, como se lhe não coubesse no peito, lhe fez levantar, sem dôr alguma, duas costellas, para ficar gozando mais amplo espaço em todos os cincoenta annos, que ainda viveo depois deste insigne favor.

Alistou-se então Filippe, por ordem do seu confessor, na communidade dos presbyteros de S. Jeronymo, que tinha o nome da *Caridade*; e applicado alli por especial vocação, apesar de toda a sua repugnancia, a ouvir as confissões, não é facil de computar os innumeraveis bens, que produzio o Santo neste sagrado ministerio. Vião-se conversões insignes em todas as sortes de pessoas: confessar-se ao Santo, e converter-se, era quasi infallivel, porque delle, ardendo em fogo de amor divino, a menor palavra penetrava a alma.

Com effeito, não havia peccador tão endurecido no peccado, nenhum libertino, nem ainda alguma meretriz, que lançando-se a seus pés se não banhasse em lagrimas: nada podia resistir, tudo cedia para logo a uma exhortação de Filippe: uma só palavra deste Santo bastava para derreter aos mais enregelados corações.

Cercado, pois, o glorioso confessor, não só de tantos penitentes, senão tambem de outros muitos, que desejavão ser seus discipulos, e pelo seu grande numero se fazião onerosos á Igreja, em que tinha o Santo as suas quotidianas assembléas, pedio elle, e obteve dos irmãos da Caridade um vasto logar, que havia, e de que se não usava, em um lado da mesma Igreja; e mandando fabricar alli um espaçoso oratorio, fazia nelle as suas espirituaes conferencias

em varias horas do dia, e principalmente a ultima, na qual, depois da instrucção, se fazia a oração pública, cujos exercicios o Divino Senhor cada vez mais abençoava.

Tal foi o nascimento daquella santa sociedade, a illustre Congregação dos Padres do Oratorio de S. Filippe Neri, que com tanto resplandor edifica, e utiliza ha mais de dois seculos a toda a Igreja; Congregação tão célebre pelos grandes homens, que tem produzido, tanto em lettras, como em virtudes, e não menos estimavel pelos seus sábios regulamentos, e constituições, que approvou a Santa Sé, e expressamente confirmou por um seu Breve o Papa Gregorio XIII em 15 de julho do anno 1575.

Até aqui as acções geraes do nosso Santo, assim no estado de leigo, como de sacerdote, até lançar os primeiros fundamentos á sua nova Congregação do Oratorio; e devendo nós dizer alguma coisa em particular sobre as suas heroicas virtudes, quanto o permittir a razão da brevidade, começaremos pela caridade, e amor de Deos, o qual era nelle tão excessivo, que o fogo que lhe ardia na alma, redundava tambem no corpo, e de tal modo, que algumas vezes recitando elle o officio divino, ou depois da Missa, ou em outra acção espiritual, parecia que lhe scintillavão os olhos, e o rosto, e ás vezes com tanto excesso, que o fazião cahir em deliquio.

O seu amor para com o Santissimo Sacramento da Eucharistia era tão grande, que quando era leigo commungava de modo ordinario em todas as manhãs; e feito sacerdote, sempre, se estava são, dizia Missa, e se enfermo, commungava; e na celebração do Santo Sacrificio era tal a sua devoção, que além do que acima fica notado, lhe succedia ás vezes na elevação da sagrada Hostia ficar immovel por bastante espaço com os braços extensos, e conservar-se tambem nesta mesma postura, tendo ambos os pés levantados da terra.

Era tambem tão devoto da Paixão do Salvador, que ou lendo, ou fallando alguma coisa a seu respeito, prorompia logo em um copioso pranto, e ficava algumas vezes, como de todo sem alento. Teve assim mesmo uma devoção extremosa para com a Santissima Virgem Maria, a quem elle appellidava o *seu amor*; e o que é mais admiravel no Santo a este proposito, vem a ser, que não só era grande o amor, que elle tinha a Deos, e a sua Santissima Mãi, senão que ainda, por especial privilegio do Ceo a elle concedido, o communicava tambem aos que com elle tratavão, de que houve não poucos exemplos.

O íntimo affecto, que teve sempre Filippe ao exercicio da oração, foi o motivo de querer que a sua sociedade se denominasse *Congregação do Oratorio*; e supposto que a vida do Santo era uma oração continua, segundo a perenne elevação do seu espirito a Deos, ainda assim destinava para ella tempo certo duas vezes cada dia, se não era impedido por algum importante negocio, ou alguma obra de caridade.

E retirando-se para o mais alto logar da casa donde podesse ver o Ceo, e o campo, alli se punha a orar por grande espaço, e ajuntava á oração, e meditação da Divina Escriptura, a lição das vidas dos Santos, o que tambem aconselhava aos seus discipulos, dizendo-lhes, que não havia coisa mais a proposito para excitar, e nutrir o espirito.

Do intenso amor que tinha Filippe a Deus, nascião nelle ardentissimos affectos de caridade para com o proximo, de maneira que nunca jámais o desgostárão, nem suspendêrão as muitas, e grandes fadigas que tomava para a conversão dos peccadores portando-se para com elles com tanta doçura, prudencia, e destreza que forão innumeraveis os que elle reduzio ao caminho do Senhor, e muitos delles por esta causa exclamavão alegres, dizendo á hora da morte: *Louvado seja o instante que tive conhecimento com o padre Filippe!*

E não só procurava a caridade de Filippe auxiliar ao proximo para utilidade das almas, tambem se extendião as suas forças para o soccorrer nas temporaes indigencias, enviando cada semana consideraveis dinheiros aos prezos, ministrando alimento a varias familias, e beneficiando particularmente as pobres donzellas; e agradavão tanto a Deos estas esmolas, que as approvava com visiveis milagres, como succedeo em uma noite escura, hindo o Santo a soccorrer uma pessoa recolhida, e querendo desviar-se de uma carroça, cahio em uma cova profunda, donde um Anjo o extrahio logo, sem receber o menor damno.

O amor de Deos, e do proximo andava junto em Filippe com um particular dom de pureza, e virgindade, que fazendo-lhe transpirar do corpo uma rara especie de fragrancia, consolava, e confortava maravilhosamente aos que com elle praticavão; e além disto lhe communicou Deos uma tal graça, que logo pelo máo cheiro conhecia nos outros o vicio que praticavão contra a pureza.

Na mortificação corporal foi admiravel S. Filippe, porque além das grandes austeridades, que começou a praticar em tempo de mancebo, e foi sempre continuando, nunca usou de lacticinios; e se algumas vezes (que forão rarissimas) comeo peixe, ou carne, foi só por grave molestia, ou por comer com pessoa estranha, e ainda então com estreitissima parcimonia; em summa, era tão abstinente Filippe, que só por milagre parecia poder sustentar-se com o pouco alimento de que usava.

Não era menos admiravel Filippe no desprezo que fazia das honras, e riquezas, elle recusou todos os bens, que lhe doava seu tio, a herança paterna e toda a fazenda, que sua irmã lhe deixava; e habitando na casa de S. Jeronymo, não quiz acceitar o costumado estipendio, dado aos outros sacerdotes, que servião na Igreja, e com igual desinteresse rejeitou muitos legados, e outras offertas de grande valor.

E no que respeita ás grandezas, e honras mun-

danas, elle vivendo na côrte de Roma com geral conceito de varão santo, sempre se conteve na sua profunda humildade, sem querer acceitar pensões, nem beneficios, nem canonicatos, nem bispados, nem ainda a dignidade Cardinalicia, que lhe offerecêrão os Summos Pontifices Gregorio XIV, e Clemente VIII; e tanto assim, que até renunciou nos seus ultimos annos o cargo de Preposito perpétuo da sua Congregação, para passar desta vida sem preeminencia alguma.

Esta grande aversão, que tinha Filippe ás grandezas temporaes, procedia não só de elle conhecer melhor o nada que são, senão tambem daquella humildade profunda, com que a exemplo do serafico padre S. Francisco se reputava sempre pelo maior peccador da terra; e affirmava isto com tão vivo sentimento, que bem dava a conhecer, que proferia aquellas palavras de todo o seu coração; por cujo motivo não queria que os seus subditos o chamassem *Padre Preposito*, senão *Padre* sómente, gostando antes deste nome, que indica mais amor, do que superioridade.

Finalmente, á sua heroica humildade ajuntava Filippe uma constante paciencia nas perseguições que padeceo, e nas graves molestias, que pelas suas laboriosas fadigas lhe sobrevinhão quasi em todos os annos, e de modo ordinario o tinhão prêzo no leito pelo espaço de cincoenta, e sessenta dias, chegando a receber por quatro vezes a Extrema-Unção, e conservando-se sempre com face alegre, rosto sereno, voz sonora, e até (se lho não prohibião) ouvindo as confissões dos seus penitentes, como quando estava com saude.

Tantas, pois, e tão bem fundadas virtudes, com que Deos quiz enriquecer o seu servo, forão por sua Divina Bondade illustradas com diversos dons, e graças singulares. Primeiramente, não satisfeito o mesmo Senhor com lhe haver concedido um tão alto gráo de oração tão eminente, quiz tambem que penetrasse os ineffaveis segredos das grandezas, e perfeições divinas em muitos, e admiraveis extases por todo o espaço da sua vida; e o favoreceo tambem com muitas visões, e apparições celestes, em que divisou a belleza de algumas almas adornadas com a preciosa estola da divina graça, e a outras de alguns seus amigos, e penitentes, no glorioso acto de entrarem no celestial Paraiso.

Ao dom das visões se ajuntava em Filippe o da prophecia, que lhe fazia vêr as coisas distantes, e ainda não succedidas, como se estivessem presentes, e penetrar os segredos dos corações, distinguindo no interior dos seus penitentes os peccados que tinhão commettido, e as commoções que se excitavão nos seus espiritos com todos os seus pensamentos; de maneira que a muitos penitentes, que por pejo deixavão de confessar alguns peccados, lh'os manifestava distinctamente com todas as suas circumstancias, e muito melhor do que elles o poderião fazer.

Ultimamente carregado Filippe de annos, opprimido de trabalhos, e cheio de virtudes, e méritos, no mez de abril, um anno antes de morrer, cahio enfermo de aguda febre, que lhe durou pelo espaço de dezesete dias, com tão vehementes dores, que o fizerão chegar ao final termo de estar já sem pulso; mas appareceo-lhe neste ponto a Santissima Virgem, a cuja vista cheio o Santo de immenso jubilo, levantou-se com todo o corpo no ar, para lhe beijar a mão, e ficou logo perfeitamente sarado.

No anno seguinte, que era o de 1595, enfermou novamente no ultimo dia do mez de março, e durando-lhe a febre por todo o mez de abril, rogou a Deos que lhe concedesse a graça de poder dizer Missa no dia dos Apostolos S. Filippe, e S. Thiago, seus particulares advogados; e achando-se livre de molestia na manhã seguinte, celebrou o santo sacrificio, como desejava.

No dia duodecimo de maio sobreveio-lhe á boca um tão copioso fluxo de sangue, que o deixou sem pulso, e se lhe esperava a morte a todo o momento; pelo que Cesar Baronio, então Superior da Congregação, lhe administrou com presteza os santos oleos, e o Cardeal Borromeo lhe deo tambem o sagrado Viatico, que elle recebeo com tão humilde affecto, que todos os circumstantes choravão com a maior ternura.

Na manhã seguinte pedio a diversos padres que celebrassem Missa por sua tenção, e achando-se logo inteiramente livre até o dia vigessimo quinto de maio, em todas as manhãs dizia Missa, ouvia as confissões, e rezava o Officio Divino, o que fazia esperar que ainda vivesse alguns annos.

Celebrando, pois, a Missa naquelle dia, (que então era o da festa de Corpo de Deos) e chegando ao *Gloria in excelcis Deo*, começou a cantar o mesmo hymno, (fóra do seu costume) e assim o foi proseguindo todo com grande alegria, e prazer do seu espirito: e dadas as graças depois da Missa, passou o dia todo em varios exercicios espirituaes, e em lêr algumas vidas de Santos.

Chegando a noite, e passadas tres horas, recostou-se no leito, são de corpo, e sem algum signal ds enfermidade; porém elle, que estava certo no ponto fixo do seu transito, disse logo: *Chega o tempo de morrer.* E perguntando pouco depois: *Que horas erão?* E respondendo-se-lhe que já tinhão passado seis horas de noite, disse elle, como fallando comsigo mesmo: *Tres e tres seis, agora hiremos.*

E com effeito no mesmo ponto, atacado de repente pelo mal, este grande Santo, cercado dos seus filhos, que choravão amargamente a perda de tão bom pai, placidamente, na idade de oitenta annos, rendeo a alma a Deos, que logo o illustrou com muitos, e grandes milagres, como o havia honrado na vida.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Concedeo o Senhor á sua Igreja nestes ultimos tempos a um tão grande Santo, como S. Filippe, afim de renovar o espirito da piedade Christã, e accender as chammas da caridade nos corações dos Fiéis. Todos justamente admiravão as heroicas virtudes, que neste veneravel Santo resplandecião, e particularmente aquelles transportes de amor, aquella torrente de lagrimas, e aquelle fogo Divino, em que se abrazava o seu coração, e o seu rosto sempre que celebrava o sacrosanto sacrificio.

Porém não é mais para admirar (em contrario sentido) vêr a tantos sacerdotes no altar, e tantas gentes na Igreja assistirem ao sacrificio da Missa ainda com menor decencia, e talvez com menos respeito do que na simples representação de um theatro! Sim, por certo; aquecer muito quem está junto a um grande fogo, não é grande maravilha; mas é muito para admirar, por maior que seja o fogo. estar qualquer alli chegado, e conservar-se cada vez mais frio!

Coisa estranha! Admira-se em S. Filippe, que gastasse algumas vezes em celebrar a Missa duas horas, e não se estranha presentemente alguns máos sacerdotes, que em menos de um quarto de hora dêem por satisfeito o Sacrificio? E que haja tambem alguns relaxados Christãos, que se tenhão por ventarosos em achar um celebrante com tanta expedição, e ligeireza? Desgraçados tempos! Fataes costumes!

MAIO — 27.

DE

SANTO ANASTASIO SINAÍTA.

EM 20 DE ABRIL.

NO SECULO VI, E VII.

As acções deste Santo são extrahidas principalmente das suas Obras, e de outros Monumentos, que se achão no Tomo II, do mez de abril, da Obra dos Bollandistas os quaes provão com evidencia ser este Santo diverso de outro do mesmo nome, cuja vida referiremos no dia seguinte.

Santo Anastasio Sinaíta nasceo na Syria, e foi educado por seus pais com muita diligencia na piedade Christã instillando-lhe particularmente uma grande devoção para com o Divino Salvador, ao qual por tanto (como attesta elle mesmo) trazia sempre gravado no interior do seu espirito.

« Quando eu lia, (diz elle) ou ouvia lêr o Santo « Evangelho, parecia-me que ouvia ao mesmo Jesu « Christo proferir aquellas palavras de vida eterna, « que me penetravão com doçura, e enchião de suavi- « dade a minha alma. Quando eu via as suas ima- « gens, portava-me a venerallas, como se estivesse « presente aos meus olhos o mesmo Salvador, e os « mysterios por ellas representados; e quando che- « gava a recebello na Sagrada Eucharistia, sentia- « me commovido de um tal amor, e ternura de es- « pirito, como se visse com os meus olhos ao mesmo « Senhor, e o tivesse naquelle tempo entre os meus « braços. »

Esta devoção de Anastasio para com a adoravel pessoa de Jesu Christo não era só de palavras, ou de uns meros sentimentos de piedade, mas produzia copiosos fructos de obras santas, pondo elle todo o cuidado em obedecer aos seus preceitos, e imitar os seus exemplos, e ainda em seguir os seus conselhos, para ter com elle mais estreitá união, e fazer maiores progressos na sua graça, e no seu amor.

Para este effeito renunciou Anastasio a todas as coisas, que possuia no mundo, e a sua propria vontade, que sujeitou á santa obediencia, entrando em um mosteiro do seu paiz, aonde por muitos annos praticou uma vida santa, penitente, e mortificada, mas no mesmo tempo cheia de consolações celestes, que o Senhor lhe derramava na alma com deliciosa abundancia.

Não menor que a sua virtude, e santidade foi a sciencia que teve Anastasio das coisas Divinas, adquirida com a meditação da Sagrada Escriptura, por onde o seu nome se fez célebre naquellas partes, por mais que elle procurava esconder-se aos olhos dos homens, e agradar sómente a Deos; e talvez que este fosse o motivo de elle deixar a Syria, e mudar-se para a Palestina, aonde com grande affecto do seu coração visitou os santos logares, santificados com a presença corporal do Divino Salvador, e banhados com o seu precioso sangue pela salvação do genero humano.

Da Pelestina passou depois para a Arabia, e visitando os mosteiros do monte Sinai, ficou tão edi-

ficado da vida santa, e penitente daquelles monges, que se resolveo a fixar alli a sua residencia por todo o resto dos seus dias, e daqui lhe procedeo o sobrenome de *Sinaita*, com que os authores antigos o distinguem de outro Santo do mesmo nome, que era vivo naquelle seculo.

Não podendo, pois, estar por muito tempo escondido o resplandor das virtudes, e doutrina de Anastasio, o proximo Bispo, que delle teve noticia, o promoveo ao sublime gráo do sacerdocio, e o obrigou a prégar a palavra de Deos, tanto aos seus monges, como a todos os mais, que a elle concorrião para participar das suas instrucções. Restão-nos ainda alguns dos seus Sermões, pelos quaes se vê quanto elle era bem fundado nas verdades da Religião, e o espirito vigoroso de que o Senhor o tinha enriquecido.

Elle refere em um destes Sermões, que um dos seus monges, supposto que se havia portado com louvavel procedimento, comtudo, não mostrava superior virtude entre os outros, antes parecia um pouco mais tépido, em comparação do rigor que praticavão os mais daquelle mosteiro. Adoecendo, pois, este monge, e estando proximo á morte, dava signaes de extraordinaria alegria, como se tivesse uma indubitavel certeza da sua salvação eterna.

Então Santo Anastasio, que estava presente com outros monges, e receando que houvesse no enfermo algum engano, o exhortou a temer os Juizos de Deos naquelle ponto, em que os maiores Santos, ainda que muito confiassem na Divina Misericordia, não estavão izentos de um tão justo, e saudavel temor, de que havia não poucos exemplos.

Assim é (respondeo o monge) que eu deverei temer ainda mais do que os outros, pela minha tibieza, máos exemplos, e muitos peccados; mas o Divino Senhor se dignou de revelar-me agora por meio de um Anjo a minha salvação gloriosa, por haver eu cumprido o que elle recommendou no seu Evangelho: *Não queirais julgar, e não sereis julgados, não queirais condemnar, e não sereis condemnados, perdoai, e sereis perdoados.*

Ora eu, pela graça de Deos, estive sempre de acôrdo para não julgar, nem condemnar a pessoa alguma, antes pelo contrario procurava tomar em boa parte, e escusar tudo o que via, ou ouvia dos outros, e a qualquer que me maltratava, ou de palavra, ou por obra, lhe perdoava sempre de todo o meu coração; por cujo motivo o benigno Senhor, sempre fiel nas suas promessas, me tem perdoado todas as culpas, e me quer admittir no seu Reino Celeste: e dizendo isto o venturoso monge, exhalou em paz o seu ultimo alento.

Terminava então o seculo sexto, ou principiava o setimo quando os hereges acéfalos (que erão um ramo pestifero da seita dos eutiquianos, já condemnados no concilio Calcedonense) devastavão o campo do Senhor, pervertendo os Fiéis do Egypto, e de outras partes do Oriente; o que sabido por Santo Eulogio, Patriarcha de Alexandría, e já bem informado sobre o mérito, e doutrina de Santo Anastasio, o mandou apresentar-se em Alexandria, para disputar com aquelles hereges, e confundir com a força da verdade os seus péssimos erros.

Com effeito, chegando alli Santo Anastasio, e tendo varias conferencias com os principaes daquella seita, lhes mostrou com tanta evidencia a iniquidade pérfida das suas opiniões falsas, que uma vez, entre outras, faltou pouco para os apedrejar o povo, que se achava presente, e estava tão persuadido da summa verdade dos Catholicos dogmas, quanto indignado contra os fautores das opiniões contrarias.

E não satisfeito o Santo com haver convencido de viva voz aos hereges, e preservar por então os Catholicos daquelles perniciosos erros, compoz tambem por escripto algumas obras, cheias de luz, e sabedoria, nas quaes, depois de estabelecer com sólidos fundamentos as verdades Christãs, combateo com vigor, e feliz successo as industriosas cavilações, e sophisticas subtilezas daquelles ímpios.

E daqui resultou uma grande utilidade para a Catholica Religião, porque os Fiéis, por meio deste escripto, podião facilmente evitar os enganos daquelles perversos, e os que já estavão illudidos, tinhão alli luz bastante para vêr, e detestar os seus erros. Neste santo exercicio empregou Santo Anastasio o restante da sua vida, sem omittir a prática das suas penitencias; até que no anno de 618 foi receber na eterna patria a gloriosa corôa, que bem merecêra pelas suas heroicas virtudes, e laboriosas fadigas, dirigidas sempre para gloria de Deos, e salvação das almas.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Não pódem os superiores, e pais de familias persuadir aos seus filhos, e subditos melhor devoção, que a que tem por objecto ao Divino Salvador do mundo, como fizerão os pais de Santo Anastasio, para tanto bem, e santificação do seu espirito. Todas as outras devoções são louvaveis, e pódem ser uteis, mas a devoção para com Jesu Christo, além de ser util, e louvavel, é tambem necessaria para a salvação eterna.

Elle, como diz o Apostolo, é o supremo mediador entre Deos, e os homens, que reconciliandonos com seu Eterno Pai, de inimigos que eramos, e filhos da ira, nos fez dignos de sermos filhos. e amigos de Deos. Elle é o unico Redemptor, e Salvador do genero humano, em cujo nome, e pelos seus méritos, podemos (como diz S. Pedro) obter a remissão das nossas culpas, e a salvação das nossas almas.

Elle, em summa, é o Caminho, a Verdade, e a Vida, como se diz no Evangelho, Caminho, *pelo qual se vai a Deos, e fóra delle não ha senão mortaes precipicios.* Verdade, *que nos livra dos enga-*

nos, e mentiras; e Vida, *que alenta as nossas almas com a sua graça no presente seculo, e com a sua gloria na eternidade.*

Obedeçamos, pois, aos seus preceitos, imitemos os seus exemplos, e aproveitemo-nos dos seus Sacramentos, e com especialidade do da Sacrosanta Eucharistia, com as disposições competentes para santificarmos as nossas almas neste mundo, com que nos façamos merecedores das felicidades eternas no celestial Paraiso.

MAIO — 28.

DE

SANTO ANASTASIO, PATRIARCHA.

EM 21 DE ABRIL.

NO SECULO VI.

As noticias pertencentes a este santo Patriarcha são extrahidas de Evagrio, author contemporaneo, e testemunha occular, que vivia naquelle tempo em Antioquia, segundo elle refere no livro V, Capitulo V, e XL da sua Historia Ecclesiastica; e tambem das cartas, que o Papa S. Gregorio Magno escreveo a este santo Patriarcha.

Ainda que não nos ficárão noticias das acções particulares de Santo Anastasio até o anno de 559, em que foi exaltado á dignidade Patriarchal de Antioquia, comtudo, não podemos duvidar de que ellas fossem santas, e virtuosas, porque apenas elle subio áquella cadeira, que era a principal do Oriente, logo appareceo adornado de todas as luminosas prerogativas, que erão competentes ao seu gráo sublime.

Elle possuia uma singular sciencia das Divinas Escripturas, e das coisas ecclesiasticas, e á sua distincta sabedoria ajuntava uma admiravel inteireza de costumes, e perenne exercicio das virtudes Christãs. Quanto elle era de facil accesso aos que o procuravão para coisas pertencentes ao seu pastoral ministerio, outro tanto se reservava dos que vinhão á sua presença só para visitas superfluas, e entreter-se em coisas não necessarias.

A bondade do seu genio o inclinava á doçura, e complacencia possivel para com todos os seus subditos, mas sabia tambem usar do competente rigor, e de uma justa severidade contra os que por seus vicios, e desordens erão merecedores do castigo; donde resultava ser elle tão amado dos bons, como temido dos máos, e todos reconhecerem nelle as qualidades requisitas de um verdadeiro pastor, vigilante, exacto, e attento a satisfazer as obrigações do seu ministerio, em beneficio do rebanho, que Deos commettêra ao seu cuidado.

Tal era o santo Patriarcha Anastasio, e taes as suas virtuosas occupações, quando no anno de 595 se excitou contra elle uma feroz tempestade, por força da qual faltou pouco para ficar opprimido, e expulso da sua cadeira, porque o Imperador Justiniano, já velho (como se disse na vida de Santo Eutiquio) cahindo miseravelmente na heresia dos incorruptículas, pretendeo obrigar a Santo Anastasio a que approvasse um seu edicto, em que propunha, e estabelecia aquelle erro.

Mas o santo Patriarcha esteve tão longe de se unir ao seu dictame, (como havião já feito alguns Bispos aduladores) que antes com liberdade Apostolica se oppoz intrepidamente ás suas erradas opiniões, escrevendo-lhe cartas cheias de sabedoria, e generoso valor, nas quaes lhe representava, que segundo a doutrina ensinada sempre na Igreja, proveniente dos Apostolos, e confirmada pelos Santos Padres, o corpo de Nosso Senhor Jesu Christo antes da sua gloriosa Resurreição, era corruptivel, porque de outro modo não seria verdadeira, mas phantastica, e imaginaria a sua Paixão, e morte de Cruz, que elle padeceo por nosso amor, para satisfazer á Divina Justiça pelos nossos peccados.

E não contente só com isto o zeloso Patriarcha, por voz, e por escripto prevenio os seus subditos contra a nova heresia, (que era um ramo venenoso dos erros eutiquianos) e animou os Bispos do seu vasto Patriarchado, e a todos os ecclesiasticos, e monges para combaterem pela Fé, sem temer os esforços da potestade Imperial.

E todas as vezes que prégava na Igreja, (o que fazia frequentemente) depois de instruir os Fiéis na verdadeira doutrina, costumava concluir os seus discursos com aquellas palavras de S. Paulo: *Que nem um Anjo do Ceo devia ser acreditado, se por im-*

possivel propozesse alguma doutrina contraria ao santo Evangelho.

Com effeito, estas suas instrucções, e estas suas diligencias aproveitárão muito, porque excepluando uns poucos, os mais se conservárão firmes, e constantes na doutrina da Igreja, e rejeitárão os erros a ella contrarios.

Mas o soberbo Imperador Justiniano, que já de muito tempo havia usurpado um tyranno poder sobre as coisas ecclesiasticas, não podendo tolerar as contradicções de Santo Anastasio, não menos justas, que necessarias, estava resoluto a mandallo em desterro, como já fizera a Santo Eutiquio; o que todavia não pôde executar, porque uma improvisa morte o prevenio no dia 13 de novembro da era 565, depois de trinta e sete annos, e uns poucos mezes, que occupou o throno do Imperio.

Succedendo-lhe, pois, no governo Justino II, seu sobrinho, concedeo a paz á Igreja, e com um seu edicto restabeleceo a Fé, ortodoxa no seu primeiro vigor; e assim cessando as molestias, e vexações contra Santo Anastasio, pôde elle proseguir em governar tranquillamente a Igreja de Antioquia.

Porém não tardou muito em se levantar contra o Santo uma nova tormenta, que o fez depôr, e desterrar da sua Igreja; por quanto o mesmo Imperador Justino, que lhe ficou averso, depois que lhe recusou os donativos de oiro, e prata, tomando agora pretexto para o privar do seu emprêgo, seguio os conselhos péssimos de alguns Bispos lisongeiros, que approvárão os seus designios.

Assim, pois, no anno de 570 foi o santo Patriarcha mandado em desterro por ordem de Justino, e provavelmente (como observa o Cardeal Orsi) depois de o haver feito depôr por sentença de um synodo congregado em Constantinopla, do qual julgou elle que não devia appellar, por não perturbar a paz da Igreja, visto não se tratar no tal concilio algum ponto de causa commum, sendo elle dirigido unicamente á sua pessoa; e não menos por vêr que em seu logar foi posto um Gregorio, varão de tanto mérito, que os outros Bispos, e até o mesmo Papa o reconhecêrão por legitimo, e digno Patriarcha.

De Santo Anastasio, depois da sua deposição, nada se trata na Historia Ecclesiastica até o Pontificado de S. Gregorio Magno; e por isso não sabemos o logar do seu desterro, nem qual foi o seu modo de vida no longo espaço de vinte e tres annos, em que esteve na sua Igreja. Mas (como bem adverte o referido Cardeal) este mesmo silencio dos escriptores é uma evidente prova de haver recebido o santo Patriarcha com humilde resignação aquella injusta sentença, e ainda de a reputar por um especial favor do Ceo, que o encerrava naquelle retiro, para se applicar sem disturbio algum ao grande negocio da sua eterna salvação.

Eleito, pois, Summo Pontifice no anno de 590, o grande S. Gregorio, que tinha um particular conhecimento do mérito, e singular virtude de Santo Anastasio, lhe escreveo varias cartas, que bem mostrão a distincta estimação que delle fazia, e confidencial amizade, que com elle tinha, tratando-o sempre como legitimo Patriarcha, e manifestando-lhe o seu desejo de que elle viesse a Roma, para o honrar á proporção da sua dignidade, e gozar juntamente da sua doce, e virtuosa companhia.

Morto, então, no anno de 593 o mencionado Gregorio, que occupava a cadeira de Antioquia, foi logo Santo Anastasio chamado para o governo da sua Igreja, nella recebido com immenso jubilo do seu povo, e singular consolação do Summo Pontifice S. Gregorio; porém o santo Patriarcha, que estava remoto de toda a ambição, e com grande prazer do seu espirito havia passado os vinte e tres annos do seu desterro, tão amargamente se affligia de perder o descanso, que gozava na solidão, e no retiro, que foi necessario escrever-lhe o mesmo S. Gregorio algumas cartas de consolação, animando-o a supportar os encargos do ministerio, a que a Divina Providencia novamente o chamava, para utilidade da sua Igreja.

Com effeito o santo Patriarcha teve ainda de padecer muitos trabalhos, e contradicções nos poucos annos que sobreviveo; e dando elle parte a S. Gregorio de todas as suas afflicções, o santo Pontifice com paternal affecto lhe respondeo suggerindo-lhe os motivos, que podião ser mais aptos para consolar, e corroborar a sua decadente, e opprimida velhice. *Lembrai-vos* (lhe dizia entre outras coisas) *de que occupais a cadeira daquelle*, (isto é, do Apostolo S. Pedro, primeiro fundador da Igreja Antioquena) *ao qual foi dito por boca da mesma verdade: Quando fores velho, outro te cingirá, e te conduzirá tambem para onde tu não quizeras, &c.*

Pouco depois de receber Santo Anastasio esta carta consolatoria, dignou-se a Divina Clemencia de coroar os seus méritos, no dia 21 de abril do anno 598, passando-o da tormentosa vida deste mundo para os eternos descansos no Paraiso. O seu successor no Patriarchado de Antioquia foi outro Santo do seu mesmo nome, por cujo motivo é chamado *Santo Anastasio, o moço.*

O qual depois de haver governado nove annos aquella Igreja, foi pelos pérfidos judeos em um motim, que excitarão contra os Christãos, cruelmente assassinado na estrada de Antioquia, depois de ignominiosamente mutilado, e por ultimo lançado, no fogo, aonde consummou o seu martyrio, e delle, como de martyr, se faz memoria em 21 de dezembro no Martyriologio Romano, de maneira que além de Santo Anastasio Sinaíta, hove dois Santos Anastasios, ambos Patriarchas de Antioquia, e por isso alguns escriptores antigos, e modernos inadvertidamente os reputárão por um só.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Resistio Santo Anastasio com intrepido zelo a um grande, e soberbo Imperador expondo-se valerosamente com a voz, e por escripto aos maiores perigos pela defensa da verdade, para preservar os Fiéis do contagio das falsas, e erroneas doutrinas; ao mesmo passo que tratando-se da sua pessoa, e dos seus particulares interesses, se mostrou com uma total indifferença, soffrendo com humildade maravilhosa o ser privado da sua honra, e da sua dignidade, em obsequio da paz, e tranquillidade da sua Igreja.

E nós outros, pelo contrario, portando-nos com vergonhosa indifferença pelo que respeita á gloria de Deos, á verdade, e á justiça, nos mostramos cheios de ardor, e indignação, quando nos atacão algum pessoal interesse, ou quando recebemos qualquer outra offensa. Aprendamos, pois, deste grande Santo a contermo-nos em os limites da razão, como é justo; e se nos falta o valor para sacrificar os nossos direitos ao bem da paz, evitemos, quando pouco, aquelles excessos, a que nos conduz o nosso amor proprio, e nos será depois mais facil o mostrarmo-nos zelosos pela gloria de Deos, pelos interesses da sua Igreja, e pelo bem dos nossos proximos.

MAIO — 29.

DE

SANTA IGNEZ DE MONTE PULCIANO, VIRGEM.

EM 20 DE ABRIL.

NO SECULO XIII, E XIV.

A sua vida, escripta pelo beato Raymundo de Capua, pouco depois da morte da Santa, é referida na Obra dos Bollandistas no dia vigessimo do mez de abril.

Santa Ignez, chamada de Monte Pulciano, Cidade da Toscana, aonde nasceo no anno de 1268, é uma das primeiras, e mais famosas Santas da ordem do Patriarcha S. Domingos. Seus pais, distinctos pela sua nobreza, e riquezas da sua casa, e muito mais ainda pela sua grande piedada, applicárão toda a possivel diligencia para a boa educação desta sua filha prevendo que Deos a destinava para ser uma grande Santa, pelas luzes milagrosas, que apparecêrão sobre o seu palacio no mesmo ponto do seu nascimento.

A sua devoção prevenio a sua idade, porque apenas começou a fallar, ensinando-se-lhe as orações do *Padre nosso*, e *Ave Maria*, ella se punha por largo tempo de joelhos, e com as mãos juntas a um canto da casa; e perguntando-se-lhe pelo que alli fazia? Respondeo: *Estou aprendendo a minha lição.*

Os seus amores para com Jesu Christo, a quem ella chamava o seu esposo, e para com a Virgem, a quem ella nomeava sempre sua mãi, lhe começárão quasi desde o berço, fazendo-a saltar de alegria só a vista de uma imagem sua. Ella não chegava ainda a seis annos, e já fixamente protestava, que havia de ser religiosa; e supposto que seus pais intentavão estabelecella no mundo, houverão de ceder ás suas instancias, movidos das suas lagrimas, e não menos pelo seguinte successo:

Passeavão elles em certo dia com a familia toda ao pé de um monte proximo á Cidade, sobre o qual estava uma casa velha, em que habitavão algumas mulheres de má vida, e vírão todos no mesmo tempo, que sahindo do tecto daquella casa uns grandes corvos, se dirigião á menina Ignez para devoralla; e ella vendo a seus pais cheios de susto por um tão inopinado accidente, lhes disse: *Isto é por castigo da repugnancia que tendes a ser eu religiosa.*

Tocados, pois, os amantes pais por esta breve censura, rendêrão-se aos votos da menina, não se atrevendo a resistir a uma vocação tão expressa, e reconhecêrão logo, que os infernaes espiritos, tomando a figura daquellas aves de rapina, querião devorar, se podessem, aquella, cujos virtuosos principios a dispunhão para ser uma grande Santa, que depois mudaria aquella casa infame em um célebre mosteiro de santas Virgens.

Logo que chegou Ignez a ter nove annos de idade, levárão-na seus pais a um mosteiro de religiosas shamadas *Saquinas*, por trazerem um esca-

gulario, formado do grosso panno, de que se fazião os saccos: e commettendo a sua educação a uma sabia, e virtuosa matrona, chamada Margarida, esta, superiormente illuminada, reconhecendo logo que o Espirito Santo dirigia a alma daquella menina, e vendo nella uma copiosa abundancia de graças, pareceo-lhe mais necessario moderar o seu fervor, do que excitar a sua devoção.

Com effeito, dentro em breve espaço era Ignez admirada naquelle mosteiro, porque a sua humildade sincera, a sua mortificação dos sentidos, a sua devoção terna, a sua oração frequente, a sua modestia religiosa, a sua submissão perfeita, e uma alegria espiritual, que acompanhava a todas as suas obras.... tudo isto dava uma tão alta idéa da sua eminente virtude, que uma Abbadessa de singular mérito, que visitava alguns mosteiros por ordem do Bispo de Arezzo, admirando as raras qualidades desta graciosa menina, chegou a dizer, que ella pelas suas virtudes não daria menor honra á Religião, do que a Ignez romana pelo seu martyrio.

Então, pois, estas virtudes de Ignez, acompanhadas de uma sabedoria, e prudencia muito superior á sua idade, que ainda não passava de quatorze annos, movêrão as religiosas a nomealla para o officio de dispenseira, ou celleireira da communidade, o que plenamente satisfez com a perfeição, que della se esperava, porque além de ser sollícita, e attenta a que nada faltasse do que era preciso, servia a todas com o maior affecto, como se obsequiasse em cada uma ao seu esposo Jesu Christo.

Mas apenas passára um anno em que exercitava Ignez o seu officio, vierão alli uns deputados pedir algumas religiosas para directoras de um mosteiro, que então se fundára na terra de Procéno, pouco distante do Monte Pulciano; e sendo eleita para superiora desta empreza sór Margarida, acima mencionada, ella, que na verdade era humilde, recusou para logo aquelle emprêgo; e só se pôde vencer a sua repugnancia debaixo da condição de se lhe dar para companheira no mesmo cargo a Ignez, sua amada discipula.

Resistírão aquellas religiosas, quanto lhes foi possivel, a darem o seu consentimento para a privação deste thesouro; mas em fim, cedendo ás ordens dos seus superiores, partio Ignez para Procéno com sua mestra sór Margarida; e reflectindo esta no esplendor das virtudes, e na copiosa abundancia de dons, e graças, com que Deos enriquecia cada vez mais a esta sua amavel discipula, julgou que sería grato ao mesmo Senhor, e proveitoso áquelle mosteiro, o dar-lhe por superiora a Ignez, com ter só dezeseis annos; para o que concorreo tambem o consenso, e prazer das religiosas, e o beneplacito, e authoridade do Summo Pontifice Nicolão IV, que approvou esta eleição, não obstante a falta da idade competente.

Collocada, pois, a Santa (bem que a pezar seu) na frente daquellas religiosas, e julgando-se obrigada a preceder a todas na humildade, na mortificação, na observancia exacta de todas as regras do instituto, e em todas as outras virtudes, era ella a primeira em todos os exercicios da Religião, ainda os mais baixos, e mais laboriosos, e augmentando as suas penitencias, jejuava, a pão, e agua, e dormia no pavimento tendo uma pedra por cabeceira; e ás religiosas que lhe dizião, ou reputavão por excessiva a sua austeridade, costumava responder: Que se não devia tratar por outro modo um traidor, e inimigo domestico qual era o seu corpo; mas ainda assim os medicos, e directores, attendendo á sua debilidade, a obrigárão a moderar algum tanto aquelle rigor.

Derramando-se então por todas as partes a fama da grande santidade de Ignez, e querendo os moradores do Monte Pulciano recuperar a perda que tiverão na ausencia que ella fez para as religiosas de Procéno, applicárão inutilmente muitas supplicas, e instancias afim de que ella voltasse para o seu mosteiro das Saquinas; mas uma industria de caridade felicitou a sua intenção, como agora diremos:

Lembrárão-se aquellas gentes do desejo que tivera a Santa de ver convertida em um mosteiro de penitencia aquella casa de más mulheres, que estava no monte proximo ao seu logar, donde sahírão os infernaes corvos, que a pretendião devorar, quando era menina, e obrigárão-se geralmente a executar este projecto, se a Santa em propria pessoa o quizesse tomar a seu cuidado.

E fazendo-se-lhe presente esta resolução dos seus patricios, cedeo nella o amor do retiro ao zêlo da salvação das almas: porém não foi tão facil o fazer consentir as religiosas de Procéno, que fosse a sua superiora para as do monte Pulciano, toda a communidade protestou altamente contra a violencia que se lhe fazia; e a pena era recíproca, porque tambem Ignez amava as suas filhas, e a sua separação lhe custava; mas sobrevindo o preceito dos superiores ecclesiasticos, de parte a parte foi preciso obedecer.

Chegando, pois, a Santa á sua patria, teve a justa consolação de vêr concluido em pouco tempo aquelle novo mosteiro, e todo elle povoado de uma communidade numerosa, aonde logo fez reinar a regularidade mais edificante, gemendo de furiosa raiva o infernal abysmo, por vêr triunfar a pureza, e as mais bellas virtudes naquelle mesmo logar, aonde em tantos tempos tivera a dissolução fatal dominio.

Plantou Santa Ignez naquelle mosteiro a primitiva regra de Santo Agostinho, segundo o instituto do Patriarcha S. Domingos, e fazendo alli reviver o espirito da mesma regra, aquelle novo mosteiro do Monte Pulciano foi desde então reputado como um milagre da perfeição religiosa; e Deos compensava os trabalhos da Santa com frequentes apparições dos Anjos, de S. Domingos, de S. Francisco, da Rainha

dos Santos, e do mesmo Jesu Christo, que a enchião daquellas ineffaveis doçuras, que só bem comprehende quem as gosta.

Mas, em fim, consumida a Santa pelas suas austeridades, molestias, e trabalhos contínuos, conheceo á luz do Ceo, que Deos a queria tirar deste desterro; e foi tão grande o prazer, que esta revelação lhe causou, que lhe custava muito o conter os transportes de amor, que com aquella noticia se lhe excitavão na alma. Os ultimos dias da sua vida forão uma oração continuada; e não obstante o padecer ella vivissimas dores, era tal a sua alegria, que parecia não estar enferma.

Porém chegada ella á sua extrema hora, depois de haver recebido com duplicado fervor os ultimos Sacramentos da Igreja, cercada de todas as suas filhas, que não podião conter as lagrimas, rendeo tranquillamente o seu espirito a Deos na meia noite do dia vigessimo de abril de 1311, tendo de idade 43 annos, e 36 de religiosa.

A sua morte foi milagrosamente publicada por alguns meninos, que estando no berço dizião: *Ignez, a Santa, agora é morta*: e publicada esta noticia maravilhosa na manhã seguinte, attestárão as religiosas, que a Santa fallecêra naquelle momento. O Papa Clemente VIII, a instancias do Rei Henrique IV, permittio a todos os conventos da Ordem de S. Domingos o celebrarem publicamente a festa desta Santa, cuja devoção se tem extendido até a America, aonde se achão Igrejas, e mosteiros com o seu nome.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

A vida pura, innocente, humilde e mortificada desta santa Virgem, é um claro espelho, digno de ser visto por todos, e principalmente pelas donzellas Christãs. A pureza da alma, e do corpo é um thesouro preciosissimo, que faz similhante aos Anjos a quem o possue; mas é facil de perder-se senão se guarda com diligente cautela; e as diligencias proprias para o preservar de todo o perigo, são as virtudes que praticava Santa Ignez, a humildade, oração, e mortificação.

Com a humildade *se dispõe a alma para receber de Deos a graça, que se requer para resistir ás tentações, pois segundo a Escriptura, se concede esta graça aos humildes, e se nega aos soberbos. Com a* oração *continua e fervorosa se obtém aquella mesma graça como se diz no Evangelho; e finalmente a* mortificação *tira o vigor á carne rebelde, (a qual na verdade, como dizia a Santa) é um inimigo, e traidor domestico, para que não possa prevalecer contra o espirito.*

Porém esta mortificação, para que não haja engano, deve-se usar mediante o conselho de um director sábio, e illuminado, para que seja proporcionada ao estado, e ás forças de cada um; por quanto, as mortificações extraordinarias, praticadas por Santa Ignez, e por outros Santos e Santas, não são para todos, antes para ellas se requer um particular impulso do Espirito Santo, sem o qual ha perigo de se cahir em illusões e enganos.

MAIO — 30.

DO

BEATO EGIDIO, CONFESSOR.

EM 18 DE ABRIL.

NO SECULO XIII.

A vida do Beato Egidio acha-se escripta nos Annaes Franciscanos de Vadingo, Tom. I e II, no anno de 1262, e nos Bollandistas em o dia 23 de abril.

O BEATO Egidio, natural de Assis, foi um dos primeiros socios do serafico Patriarcha S. Francisco, instituidor das tres Ordens, tão célebres na Santa Igreja, e um dos seus mais fiéis discipulos, e imitadores das suas insignes, e heroicas virtudes. Elle era homem idiota, sem lettras, e viveo sempre no humilde estado de leigo, mas era cheio daquella celestial sabedoria, que se adquire pelo commercio com Deos na oração, e no exercicio das boas obras.

Andava elle pensando, ainda mancebo, sobre o estado de vida que devia tomar, para agradar ao seu Creador; e vindo-lhe á noticia o novo genero de vida pobre, e penitente, que emprehendêra o seu compatriota Francisco, excitado pelo Divino Espirito, no dia 23 de abril do anno 1209 foi lançar-se a seus pés, para que o admitisse por seu discipulo; e o santo Patriarcha recebendo-o benignamente, disse aos seus dois primeiros socios, Bernardo, e Pedro:

Eis-aqui nos envia o Senhor a este bom homem para ser nosso irmão, de que tiverão todos grande prazer.

Collocado, pois, debaixo da disciplina de um tão grande Santo, e excellente mestre de espirito, fez Egidio em breve tempo maravilhosos progressos nas virtudes Christãs, e particularmente na humildade, caridade, e mortificação, em cujo exercicio queria o santo fundador que consistisse a base principal, ou a essencia do seu instituto.

Além disto, era Egidio inimigo do ocio, que elle costumava chamar a origem de todos os vicios, e destruidor fatal das santas virtudes; por cujo motivo estava sempre occupado, ou na oração, ou nas obrigações, que lhe erão impostas, ou em algum trabalho manual, sendo sua maxima ordinaria, que todos devião comer o pão, ganho com o suor do seu rosto.

Nesta conformidade, estando Egidio em Roma aonde o seu Patriarcha o enviára, levantava-se muito cedo, e depois de fazer a sua oração, e ouvir Missa, dirigia-se a um bosque, distante quatro milhas da cidade, cortava um feixe de lenha, que trazia ás costas, e vendendo-o comprava o pouco pão com que se nutria, e do restante fazia esmolas aos pobres, e assim mesmo, quando se trabalhava no campo, se offerecia por jornaleiro, afim de viver do seu trabalho e não ser oneroso a pessoa alguma, como tambem para continuar no exercicio da humildade.

E estava tão firme neste seu proposito, que assistindo elle em casa do Cardeal Bispo de Frascati, não pôde este Principe conseguir delle que acceitasse algum prato da sua meza, nem ainda uma porção igual á que por ordem sua se ministrava aos outros pobres; e só (por ser então o tempo em que se recolhia a azeitona) se alimentava com o pão que ganhava naquelle exercicio.

Succedeo cahir em um daquelles dias uma chuva tão copiosa, que absolutamente não deo logar para sahir Egidio ao seu trabalho; e então o Cardeal todo alegre lhe disse: *Hoje, meu Egidio, terei a satisfação de te vêr comer da minha meza.* Calou-se o Santo, mas descendo logo á cozinha do Cardeal, e vendo-a pouco asseada, se offereceo ao cozinheiro para a varrer, e fazendo-o com perfeição, se alimentou com um pão, que se lhe deo por aquella obra.

Continuou a chuva com a mesma abundancia no dia seguinte, e já o Cardeal se lisongeava, de que não podendo Egidio sahir de casa, e não achando trabalho em que se empregar, lhe daria o prazer de receber delle o preciso alimento; porém Egidio mais industrioso em procurar fadiga, do que outros em buscar descanso, tendo observado, que as facas, e outros ferros da cozinha estavão com bastante ferrugem, se occupou em limpallos, e recebendo por esta fadiga o pão de que necessitava, deixou ao Cardeal cheio da maior admiração, por vêr ao servo de Deos tão amante do trabalho, e tão desapegado das coisas deste mundo.

O mesmo theor de vida observou o Santo, quanto lhe foi possivel, nos outros logares para onde foi mandado, e particularmente em Perugia, aonde esteve a maior parte do tempo até o fim da sua vida. Alli achando-se um dia trabalhando no campo, e ouvindo ao dono de uma vinha dizer aos trabalhadores, que gastavão o tempo em conversações, *Fate, fate, e non parlate*, Egidio, voltando para o convento, disse logo aos seus religiosos, e singularmente aos Prégadores: *Fate, fate, e non parlate. Obras boas, e não só palavras, é o que se deve fazer para agradar a Deos, e conseguir a salvação.*

Em todas as acções de Egidio resplandecia sempre uma angelica pureza; e para melhor conservalla, guardava diligentemente os seus sentidos, e macerava a sua carne com rigorosos jejuns, e outras austeridades, e mais que tudo, evitava todas as occasiões de tratar com mulheres, e a mesma cautéla persuadia a todos os seus religiosos, para conservarem sem perigo um tão precioso thesouro.

A sua humildade, (virtude que elle sempre reputava como base, e fundamento da vida espiritual) era tão profunda, como bem mostra o seguinte exemplo: achava-se elle em certo dia trabalhando com outro religioso na horta, e despindo a propria tunica, julgando-se indigno de vestilla, prostrou-se por terra, e pedio áquelle religioso, que fortemente o fustigasse com a grossa corda, de que antes estava cingido, clamando elle ao mesmo tempo em alta voz, que era um miseravel peccador, indigno do nome de religioso, e de vestir aquelle santo habito; a cujo rumor acodirão os Padres do convento, e ficárão não menos attonitos, que edificados da grande humildade do servo de Deos.

Effeito da sua profunda humildade era tambem a prompta obediencia, que com perfeita sujeição prestava aos seus superiores, nem fazia coisa alguma que não fosse por motivo de obediencia; e deixando-se uma vez ao seu arbitrio o eleger para sua residencia o convento que mais quizesse, esteve o servo de Deos por alguns dias tão inquieto, e embaraçado, que foi preciso assignar-lhe convento, para ficar com socêgo; e este foi o de Perugia, aonde como fica dito, passou a maior parte da sua vida.

Entre os dons sobrenaturaes, que Egidio recebeo do Ceo, foi especial o de uma sublimissima oração, e contemplação, em que elle passava muitas horas do dia, e a maior parte da noite entre suavissimos extases; e com ser homem sem lettras, fallava sobre as coisas de Deos com tanta luz, e tal clareza, que admirava a quem o ouvia.

Discorrendo elle uma vez com S. Boaventura, que era então ministro geral da Ordem, lhe disse: «Vós outros doutores, que sois favorecidos do Ceo «com grande sabedoria, podeis conhecer, e amar «a Deos; porém nós os pobres, e simplices idiotas, «que podemos fazer para nos salvar? Vós bem po- «deis (respondeo o santo doutor) amar a Deos, e

«e ainda mais que qualquer outro; esta é a maior «graça, que Deos póde fazer a uma simples crea-«tura sua, de maneira que uma pobre velhinha pó-«de amar a Deos mais do que um grande theologo.

Ouvindo isto o Beato Egidio, todo alegre, e fervoroso entrou na horta, e começou a clamar em alta voz, dizendo para a parte da cidade: *O' vós simplices, e idiotas velhinhas, amai ao Senhor vosso Deos, e sereis mais sabias do que Fr. Boaventura, que é um doutor tão celebre, e um tão grande theologo;* e repetindo isto muitas vezes, foi arrebatado em extase, que lhe durou por tres horas.

Chegando, pois, ao anno 1262, sobreveio a Egidio a sua ultima enfermidade, que elle tolerou com admiravel paciencia, e tranquillidade de espirito, sempre unido a Deos na sua oração, até que no dia 23 de abril (que era o mesmo, em que elle se consagrára ao Senhor, fazendo-se discipulo de S. Francisco) foi chamado para os eternos descansos do Paraiso, depois de trinta e dois (ou segundo outros 33) annos, santamente empregados na observancia da vida religiosa.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

«*A virtude da humildade (dizia o Beato Egidio)* «*é o caminho direito para chegarmos ao conheci-*«*mento de Deos, nem jámais poderemos subir a elle* «*sem descermos ao nosso nada: ella faz que attri-*«*buamos só a Deos todo o bem que ha em nós, e* «*á nossa miseria, todo o mal, que obramos, e de-*«*feitos, que commettemos; e ella obra tambem em* «*nós outros um verdadeiro desprêzo de nós mesmos* «*com um sincero desejo de sermos sempre despreza-*«*dos.*»

Assim, pois, com a prática desta humildade de coração, o Beato Egidio, com ser um homem sem lettras, chegou áquella eminente santidade que temos visto, e recebeo singulares dons daquelle Senhor, que, segundo elle nos ensina pelas Divinas Escripturas, costuma repartillos com os humildes, e negallos aos soberbos, de que ha nas historias innumeraveis exemplos.

Procuremos, pois, com todo o estudo fundarnos bem na humildade, que vale mais, que todas as sciencias, e thesouros do mundo. Desçamos, quanto podermos, ao profundo do nosso nada, e amemos, ou quando menos, soffiramos, sem nos resentirmos, o ser pelos outros desprezados, e assim poderemos merecer o eterno jubilo, a que chegou o Beato Egidio, como se nos promette no Evangelho: Que todo o que se humilha, será exaltado.

MAIO — 31.

DE

S. FIEL, MARTYR.

EM 24 DE ABRIL.

NO SECULO XVII.

Das memorias da vida, e martyrio deste Santo, que constão da Bulla da sua canonização, feita pelo Summo Pontifice Benedicto XIV, no anno de 1746.

Nasceo S. Fiel no anno de 1577, em Simaringa, pequena Cidade da Suavia, no Bispado de Constança, de pais nobres, e Catholicos. Sendo elle ainda menino morreo-lhe seu pai, João de Regi; e sua mãi, Genovefa Rosember, ficando viuva bem dotada, e de poucos annos, passou logo a segundas nupcias commettendo a educação de seu filho a um tutor, o qual todavia tomando-o muito a seu cuidado, o fez instruir na piedade, e bellas lettras por um perfeito sacerdote.

Completos, pois, com feliz successo os estudos das lettras humanas, o sabio tutor, reflectindo na muita applicação, e singular talento do seu pupillo, o enviou para a Universidade de Friburgo, aonde fazendo grandes progressos nos estudos da philosophia, e leis civis, e canonicas, chegou a receber com geral applauso a honorifica borla doutoral.

Elle em todo este tempo conservou-se izento daquelles vicios, a que mais se inclina a incauta mocidade, evitando as más companhias, e occasiões perigosas, empregando em todas as manhãs um tempo certo na oração, e na leitura de algum livro espiritual, confessando-se, e commungando em um dia de cada mez, além das festas de Nossa Senhora, de quem era muito devoto, recitando quotidianamente o seu officio, e rosario, e jejuando em seu obse-

quio todos os sabbados a pão, e agua, costume que observou sempre, ainda em tempo das muitas viagens que fez, como agora diremos:

No anno de 1604 foi S. Fiel convidado por tres fidalgos tudescos para hir em sua companhia, como amigo, e como aio, em uma longa digressão, que determinavão fazer pelas terras principaes da Italia, Alemanha, e França; e acceitando Fiel este convite, pelo desejo de tomar novos conhecimentos, gastou nesta digressão nada menos de seis annos, com plena satisfação dos seus nobres companheiros, sem jámais se lhe perceber nem a menor alteração em tão varios acontecimentos, até que no anno de 1610 voltou cada qual para o seu paiz.

Porém Fiel, em vez de se restituir a Simaringa, patria sua, foi estabelecer-se em Vilinga, para onde se havia transferido a Universidade de Friburgo; e tomando alli o emprêgo de advogado, começou a patrocinar as causas com devida reputação, e estimação de todos, pelo justo conceito que se formava da sua rectidão, e doutrina.

Porém logo se desgostou do tumulto do fôro, pelos regiros e cavillações dos litigantes, e seus defensores, e consequentemente pelo perigo, a que a sua delicada consciencia julgava que se expunha no patrocinio das mesmas causas; em cujos termos, renunciando aquelle emprêgo, entrou a discorrer sobre o genero de vida que devia tomar, para pôr em seguro a sua eterna salvação, unico negocio importante, a que devem dirigir-se todas as outras coisas deste mundo.

E assim depois de madura reflexão, e muitas orações ao Ceo para conhecer o que devia obrar, sentio-se movido a professar o estado religioso em um convento da sagrada Ordem dos Menores, chamados *Capuchinhos*, aonde tambem se achava um seu irmão maior, que nessa occasião com muito proveito das almas se exercitava no ministerio de prégar a palavra de Deos.

Apresentando-se, pois, para este effeito o humilde Fiel ao Ministro Provincial dos padres capuchinhos, que então assistia no convento de Friburgo, não rejeitou o sábio prelado as suas instancias, representou-lhe só os rigores da vida penitente, que se observava na sua ordem, e neste supposto lhe aconselhou, que tomasse a sua resolução com mais madureza, e esperasse mais algum tempo para executalla com maior segurança.

Então o servo de Deos, para mostrar a sua vontade constante em abandonar os cuidados do seculo, procurou, e obteve um singular indulto para tomar todas as ordens sacras dentro do espaço de poucas semanas; em cujo facto se deve confessar, que um tal fervor de espirito não é conforme ás regras ordinarias, que se devem praticar em similhantes materias; e portanto, se Fiel se moveo (como se póde crer) por impulso particular de extraordinaria inspiração, um tal exemplo é mais admiravel, que imitavel.

Constituido, pois, Fiel sacerdote, foi-lhe mais facil o ser recebido para o sagrado habito, que tomou no dia 4 de outubro do anno 1611, em cujo dia celebrou com grande concurso do povo a sua primeira Missa, e mudou na mesma occasião o nome de *Marcos*, que recebêra no Baptismo, em o de *Fiel*, para mostrar a fidelidade, que desejava ter em servir a Deos na santa Religião.

Com effeito, correspondêrão as obras ás palavras, começando elle, e proseguindo sempre com grande fervor, o arduo caminho da perfeição Evangelica, até chegar ao cumulo da caridade com a effusão do proprio sangue pela gloria de Deos, e salvação das almas. E supposto que elle entrou na Religião com a idade madura de trinta e cinco annos, accommodou-se perfeitamente a todas as sortes de mortificações, em que se costumão exercitar os religiosos noviços.

Elle era obedientissimo aos seus superiores, humilde, e pacifico para com todos, amante do silencio, do recolhimento, e da oração, na qual foi muito favorecido por Deos; e assim todo o tempo, que lhe restava livre, empregava, quanto mais podia, neste santo, e fructuoso exercicio com o maior jubilo do seu espirito.

Não deixou o demonio de atacar ao servo de Deos com varias tentações, e particularmente com uma tanto mais vigorosa, quanto exposta com a especie do grande bem, que elle poderia fazer no seculo, tornando ao emprêgo de advogado, para defender as causas das viuvas, dos orfãos, e de outras pessoas miseraveis, que de modo ordinario são opprimidas pelas prepotencias dos seus contendores.

Porém o Santo, manifestando com simplicidade sincera aquella tentação ao seu director, alcançou plena victoria do inimigo infernal; e assim, completo o anno do noviciado, fez a sua profissão solemne com immenso prazer do seu coração, e applicando-se depois com summa diligencia aos estudos da sagrada theologia, em breve tempo chegou a ser douto, e erudito nesta suprema sciencia.

O que visto pelos superiores da ordem, o destinárão para o ministerio da prégação em varias Cidades de Alemanha, aonde logo, com grande fructo dos seus ouvintes, annunciou a palavra de Deos, sem ornamentos rhetoricos, mas com viva força de espirito, com efficacia de razões, e authoridades, extrahidas da Divina Escriptura, e bem digeridas na oração, que antecedia sempre ás suas prédicas, como quem não ignorava, que a conversão dos peccadores é obra da Graça de Deos, do qual se deve impetrar com gemidos, e orações fervorosas.

Naquelle tempo havendo o Archiduque Leopoldo recuperado á força de armas algumas terras na Rhecia superior, as quaes, abraçando a heresia de Calvino, tinhão abandonado o seu governo, desejou que para aquellas partes se expedissem alguns zelosos missionarios, que prégassem a Fé Catholica, e

reduzissem ao gremio da Santa Igreja um grande numero de almas, enganadas pela mentira, e impostura dos hereges.

Elegendo-se, pois, para esta obra dez religiosos capuchinhos, por authoridade do Summo Pontifice, S. Fiel foi constituido Prefeito daquellas missões, como varão Apostolico, e o mais idoneo para a conversão dos hereges, tanto pela efficacia da sua prédica, como pela santidade da sua vida.

E partindo elle, no fim do anno 1621, para o campo que lhe destinára a Providencia Divina, foi discorrendo por aquellas terras com immensos trabalhos, e fadigas, e annunciando a todas as sortes de pessoas a divina palavra, não só nas suas prégações, senão ainda em conferencias publicas, e particulares, com o feliz successo de converter a muitos do povo, e tambem dos principaes, e de maior graduação naquelles paizes.

Por cuja causa os predicantes calvinistas, enfurecidos contra o varão de Deos pela grande perda, que experimentavão a cada passo nos sequazes dos seus erros, amotinárão o povo, que ainda restava constante na heresia, e o movêrão ao execrando excesso de tirar a vida ao Santo, que então se achava no logar de Sevís, aonde fôra convidado por alguns Catholicos, para prégar a palavra de Deos.

E com effeito, no mesmo acto em que estava o Santo prégando no pulpito com o seu costumado zêlo, entrou uma tropa de hereges calvinistas, armados de espadas, e lanças, e investindo ao servo de Deos, como cães raivosos, o lançárão em terra, e depois de lhe crivarem o corpo com vinte e tres feridas, ultimamente o degollárão, a tempo que elle posto de joelhos, como Santo Estevão, orava a Deos pela sua conversão. Aconteceo este seu martyrio na manhã de 24 de abril de 1622, estando elle na idade de 45 annos; e Deos o illustrou logo com muitos milagres, authenticamente provados no processo que se fez para a sua canonização no anno de 1746.

REFLEXÕES DOUTRINAES.

Todo o bom Catholico devêra imprimir no fundo do seu coração aquellas divinas palavras do sagrado Apocalypse: Sê fiel até á morte; *com as quaes se animava este Santo a si mesmo, para proseguir felmente no caminho do Senhor, perseverando constante no bem até á hora da morte, para haver de conseguir a corôa da eterna vida.*

Pois de que serviria o ter bem começado, a quem faltasse a perseverança? Judas começou bem, fazendo-se Discipulo do Salvador: elle prégou o Evangelho, como os outros Apostolos, e até obrou alguns milagres, em virtude do seu mestre, mas como não perseverou no bem morreo infeliz.

Este, e outros taes exemplos nos devem encher de um saudavel temor, e fazer-nos ponderar, quanto importa a perseverança no bem, sem a qual, todas as outras virtudes, e todos os outros dons, por maiores que sejão, nada aproveitão para a eterna salvação. E' bem verdade, que a final perseverança, é um dom singular da divina misericordia; mas tambem é certo, que segundo as regras ordinarias da divina providencia, concede-se esta graça a quem a pede com oração contínua, e fervorosa, e observa com fidelidade os Divinos Mandamentos, não só nas coisas grandes, senão tambem, quanto lhe é possivel, nas pequenas, e que á primeira vista parecem de menor importancia.

FESTA
DA
GLORIOSA ASCENSÃO
DE
NOSSO SENHOR JESU CHRISTO.

Celebra-se na triunfante Ascensão do Salvador ao Ceo o mais glorioso mysterio da nossa Religião, por ser aquelle, que ao nosso modo de entender põe a corôa a todos os outros. O Filho de Deos na sua Incarnação, havia declarado a guerra a todas as potencias do inferno, começando a grande obra da Redempção do genero humano, sendo a sua vida um contínuo combate, que se terminou com a sua morte, e a sua gloriosa Resurreição o dia célebre do seu triunfo. Assim, pois, como os famosos conquistadores dilatão por algum tempo a sua pomposa entrada na côrte, para dar o preciso tempo á construcção dos preciosos apparatos; tambem o Salvador, só passados quarenta dias depois da sua victoriosa Resur-

reição, quiz fazer a sua triunfante entrada no Ceo, sua gloriosa Patria, e sempiterna côrte.

O Salvador nestes quarenta dias convenceo a seus discipulos com visiveis provas sobre a verdade da sua Resurreição, mostrando-lhes com frequentes apparições, que elle era vivo, pois comia varias vezes com elles, e os entretinha com diversas práticas sobre os Mysterios da Religião, ensinando-lhes o que devião saber para o estabelecimento, e governo da Igreja, e advertindo-lhes para este effeito varias coisas, que não ficárão expressas na Escriptura, e só chegárão á nossa noticia por meio das sagradas tradições.

Vindo, pois, o ultimo dia da assistencia do Salvador sobre a terra, appareceo em Jerusalem a seus Discipulos, estando todos á meza; e comendo com elles, como costumava, (não porque tivesse ainda necessidade de alimento, mas para lhes tirar toda a duvida sobre a realidade da sua presença) fez-lhes um largo discurso, que era como um compendio das lições, que lhes havia dado, para cuja melhor intelligencia serião depois pelo Espirito Santo plenamente instruidos.

Vós sabeis, (lhes disse) que como Messias Salvador, me foi dado todo o poder no Ceo, e na terra, para o governo do meu Reino espiritual, a Santa Igreja. Ireis, pois, como já vos recommendei, por todo o mundo prégar o meu Evangelho a todas as nações, e instruindo indifferentemente a todos os póvos, baptizai-os em Nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, ensinando-os a observar todas as coisas, que vos tenho mandado. O que crer, e fôr baptizado, será salvo, e pelo contrario, o que não crer, será condemnado.

E para que todos os meus Ministros possão trabalhar mais utilmente na conversão dos infiéis, eu lhes darei o poder de fazer milagres, com que desterrarão os demonios em meu Nome; fallarão em linguas para elles novas, não haverá serpente, que lhes seja nociva, nenhum veneno lhes causará damno, e curarão todas as sortes de enfermidades, só com o contacto das suas mãos.

Aqui notão alguns interpretes, que só depois da Ascensão dissera o Salvador aos seus Discipulos estas ultimas palavras, pertencentes á operação dos seus milagres; porém como quer que fosse, tudo pontualmente se cumprio, como o Salvador o annunciou, e aquellas mesmas predicções ainda nos nossos tempos se vão repetindo, e se verificarão sempre, que fôr necessario, até o fim dos seculos; porém isto só se verá na Igreja Catholica Apostolica Romana, por ser a unica, onde sempre houve, e haverá estes prodigiosos obradores de verdadeiros milagres.

Nesta mesma occasião reprehendeo o Salvador a seus Apostolos da sua pouca fé, e suavemente lhes censurou a resistencia, que havião feito ao fiel testemunho dos que o tinhão visto depois de Resuscitado: lembrou-lhes tambem as práticas, que com elles havia tido sobre a sua morte, e Resurreição, presentemente verificadas, em complemento do que delle estava escripto na lei, e nos Prophetas, citando-lhes os Textos, e abrindo-lhes os olhos do espirito para a sua plena intelligencia.

Fez-lhes depois um plano geral da sua Igreja, e lhes disse, que devia haver Prégadores, para instruirem a todos os póvos; começando pelos moradores de Jerusalem, para os exhortar á penitencia, e prometter-lhes da sua parte, e em seu Nome, a remissão dos seus peccados, para cujo ministerio escolhêra, em primeiro logar a elles, seus Discipulos.

Ide, pois, (continuou o Salvador) annunciar por toda a terra o Mysterio da minha Resurreição, e todas as outras maravilhas, de que fostes occulares testemunhas. Ide prégar a todas as nações as grandes verdades, que de mim aprendestes; e estai certos, de que vos darei tanta sabedoria, e umas palavras tão efficazes, que nem todos os póvos juntos possão resistir-vos. Ide logo sem temor, porque eu estarei comvosco até o fim dos seculos, e apesar do furor, e crueldade dos vossos inimigos, ainda no meio do fogo, e das maiores perseguições, não se perderá, nem um cabello da vossa cabeça.

Para cujo effeito sereis logo fortalecidos do alto, porque eu vou a enviar sobre vós o dom de meu pai, que vos tenho promettido, o qual esperareis encerrados em Jerusalem, preparando-vos como é justo, para este insigne favor, que não é o Baptismo de agua, dado por João, mas o Baptismo do Espirito Santo, que alli recebereis todos daqui a poucos dias; e então sentireis, que este Espirito consolador descerá sobre vós, como um rio de fogo, e de luz, em cujas graciosas aguas vireis a ficar todos deliciosamente submergidos.

Bem presumirão os cento e vinte Discipulos, que alli estavão juntos, por este discurso do Divino Mestre, que estava a ponto de os deixar, e voltar para o seu Reino, porque a promessa do pai, que lhes havia annunciado, os fazia lembrar do novo Imperio, e glorioso restabelecimento da propria nação, frequentemente repetido pelos Prophetas; porém como todas as suas idéas se encaminhavão sómente a um dominio temporal, nem elles concebião coisa maior, do que o mandar, e reinar sobre a terra, disserão todos a uma voz: Agora Senhor, é chegado o tempo de reduzirdes o povo de Israel ao seu primeiro esplendor, collocando sobre o throno aos filhos de Abrahão, e herdeiros de David; nem vós, depois de haver triunfado tão gloriosamente dos vossos inimigos, deixareis mais tempo na escravidão ao vosso povo.

Porém o Salvador, com a sua ordinaria doçura, excusando-lhes a grosseria, pela falta que tinhão de intelligencia para penetrarem as coisas espirituaes, e divinas, em quanto não recebião os Dons do Espirito Santo, contentou-se com lhes ensinar duas importantes verdades, que elles devião saber; uma das

quaes vinha a ser, que o Reino de Israel, de que fallavão as Prophecias, e onde elle queria dar-lhes os primeiros cargos, não consistia no poder supremo, que os judeos devessem ter sobre os outros póvos, mas em um Imperio absoluto de Deos sobre elles, e sobre todas as nações, que chamaria á sua nova Igreja, denominada Reino seu, onde inteiramente se cumpriria o que estava dito pelos Prophetas, e onde Elle teria o seu throno até o fim de todos os seculos.

A outra verdade era, que neste Reino espiritual acontecerião grandes coisas, mas que o seu Eterno Pai reservava para si o tempo, a revelação, e o conhecimento de muitas dellas; que se Elle os havia destinado para seus principaes Ministros, este especial favor pedia delles uma inteira submissão, e perfeita obediencia ás suas vontades: Que estivessem na certeza, de que servião a um Senhor igualmente bom, e poderoso, o qual antevendo a sua muita debilidade, lhes preparava o grande soccorro, que brevemente lhes daria por meio do Espirito Santo, que descendo do Ceo sobre elles, lhes inspiraria um valor, e um dom de força, e de sabedoria, superior a tudo.

Então, pois, (continuou o Salvador) tereis vós outros uma perfeita intelligencia destas sublimes verdades, e destes grandes Mysterios, que nunca antecedentemente podestes bem comprehender; e então, desvanecidos os vossos temores, não duvidareis prégar a minha Divindade, e o meu Evangelho por toda a Jerusalem, e no meio do templo, e por toda a Judéa, e Samaria, aos olhos dos meus maiores inimigos: e não será este o limite do vosso zêlo, porque a seu tempo levareis o meu Nome além dos mares, e hireis annunciar o meu Evangelho até as extremidades do mundo; e sobre os póvos, que ainda vos restarem por instruir, os vossos successores, animados do mesmo zêlo, e do mesmo Espirito, continuarão os vossos trabalhos, e levarão as luzes deste Evangelho até os climas mais remotos da terra.

Concluida esta ultima prática, levou o Salvador aquelles seus Discipulos fóra da Cidade, para a parte de Bethânia, e subio com elles ao Monte Olivete, distante de Jerusalem quasi dois mil passos; onde, assim que chegárão, levantou Jesus os olhos, e as mãos ao Ceo, e abençoando logo aos amados Discipulos, que o cercavão por todos os lados, e não apartavão delle os seus olhos, o vírão todos hir-se levantando da terra, e pouco a pouco subindo para o Ceo: então entre copiosas lagrimas, saudosos suspiros, e doces transportes de amor o adorárão com o mais profundo respeito, e o forão sempre seguindo com os seus olhos, até que uma brilhante nuvem, que o cercou, e se lhe pôz debaixo dos pés, o roubou inteiramente á sua vista.

Mas ainda que já não vião o Divino Corpo do Soberano Mestre, seguião sempre com os olhos a nuvem, que fôra o seu carro de triunfo; e assim ficarião por muito tempo totalmente absortos, e extaticos, se não viessem logo dois Anjos em fórma humana para os divertir, e consolar com estas palavras: Varões de Galiléa, porque estais com os olhos no Ceo? Jesus, vosso adoravel Mestre, que vos fez na terra tão larga companhia, foi tomar posse do seu Celeste Reino; porém não julgueis por isto, que elle vos tem deixado; porque, segundo a promessa que vos fez, estará sempre comvosco até o fim dos seculos, em que descerá dos altos Ceos com grande pompa, e magestade, similhante á da sua Ascensão, afim de premiar os bons, e punir os máos.

Ouvírão attentamente os Discipulos este avizo dos Anjos; e posto que lhes custava muito o apartar os olhos do logar, onde estava o objecto do seu amor, e summo bem, obedecêrão comtudo, e forão esperar em Jerusalem o dom do Ceo, ou a fonte de todos os dons, passando os dias, e noites em oração, e retiro, em companhia da Santissima Virgem, que havia tambem presenciado a Ascenção do seu Divino Filho, e era toda a consolação da nascente Igreja.

Quiz o grande Salvador, que cada um dos seus Discipulos o visse subir ao Ceo, para fazer incontestavel esta prodigiosa maravilha; porque estando elles já certos da verdade da sua Resurreição, pelas suas apparições frequentes, e muitas práticas familiares no antecedente espaço de quarenta dias, quiz que fossem igualmente occulares testemunhas da sua Ascensão gloriosa, e do inteiro complemento, do que antes lhes havia dito, que sahindo do Pai para vir ao mundo, devia deixar o mundo para tornar ao Pai.

Quiz tambem o mesmo Senhor deixar impressos os vestigios dos seus pés sobre a pedra, em que estava, quando subio ao Ceo, e que alli se conservassem depois, como attestão de vista S. Jeronymo, S. Sulpicio Severo, e S. Paulino de Nola, que vivião no quarto seculo, e ainda nos nossos tempos todos os peregrinos, que vão á Terra Santa, sendo já passados tantos seculos; e o mais é, que estando acampada no Monte Olivete uma parte do exercito de Tito, que conquistou a Cidade de Jerusalem, passados alguns annos depois da morte do Salvador, nem os movimentos dos soldados, nem os pés dos cavallos foram bastantes para desfazer aquelles sagrados vestigios.

E é tradição constante, que quando a illustre Santa Helena mandára erigir naquelle Monte a célebre Basilica da Ascensão, ordenára que fosse riquissimo o seu pavimento, especialmente no proprio logar, onde estiverão os pés do Salvador; mas que por mais que isto se intentou, não se póde conseguir, porque tudo o que alli se collocava era logo expulso por uma força invisivel, que parecia sahir da terra, como que não queria soffrer sobre si coisa alguma, depois que o Salvador dos homens dalli fizera a sua ultima despedida.

E S. Jeronymo accrescenta, que outro tanto succedêra ao fechar a abobada daquella Basilica; de modo que ficou livre, e descoberto o logar, que correspondia perpendicularmente ao sitio donde subíra o Salvador, o que dava occasião á piedade dos Fiéis, que alli vinhão de todas as partes contemplar o caminho direito, por onde o Senhor subíra, para o seu Throno Celeste; e com effeito, o milagre do tecto, e da abobada esteve sempre manifesto até ser arruinado aquelle templo pelos barbaros saracenos; porém o da impressão dos sagrados vestigios subsiste ainda, como fica dito, e é perenne objecto da veneração, e devoção dos Fiéis Catholicos.

Disserão alguns authores, que a Festa da Ascensão fôra a primeira das instituidas pelos Apostolos, porque depois deste dia começárão elles a dar fórma á Igreja nas suas assembléas, regulando os actos exteriores da Religião; e a gloriosa Ascensão do Senhor parecia ser a coisa, que mais se lhes devia representar, como particular objecto de alegre prazer; porém no que não ha duvida é, que esta festa foi sempre reputada por uma das quatro mais antigas da Igreja; e Santo Agostinho expressamente affirma, que a tinha por derivada dos Santos Apostolos, e que já no seu tempo as festas da Paixão, Resurreição, Ascensão, e Pentecostes erão geralmente celebradas por todos os póvos, que seguião as bandeiras de Jesu Christo.

FESTA DO PENTECOSTES

OU

DOMINGO DO ESPIRITO SANTO.

A vinda do Espirito Santo sobre os Apostolos (que faz o assumpto da solemnidade deste grande dia) é propriamente a festa do complemento de todos os mysterios da nossa Religião, como illustre época da publicação da nova lei, e do estabelecimento da Santa Igreja, a qual formada por Jesu Christo, antes da sua Ascensão, estava ainda (digamos assim) como no seu primeiro berço, em todo o espaço dos dez dias que os Apostolos, e Discipulos se conservavão reclusos no Cenaculo. Sendo, pois, o dia de Pentecostes o primeiro, em que esta esposa sahio a publico para tomar posse da herança promettida aos descendentes de Abrahão, entrando em todos os direitos, que a synagoga tinha perdido, e o Salvador lhe havia dado, era justo que a festa de um tal dia fosse uma das mais solemnes de todo o anno.

É grande a similhança entre o Pentecostes dos judeos, e o Pentecostes dos Christãos, porque o primeiro foi aquelle, em que Deos deo a Moysés a sua Divina lei no alto do Monte Sinai; e o segundo foi tambem aquelle, em que se cumprio a promessa, que fez o mesmo Senhor, pelo Propheta Jeremias, dizendo, que nos daria uma lei nova, muito mais perfeita, do que a primeira, que fôra tantas vezes violada.

Esta minha lei (dizia o Senhor) eu a deixarei aos meus Fiéis, não gravada em taboas de pedra, mas impressa nos seus corações; e servindo-me elles por amor, e não com temor servil, serei eu o seu Deos, e elles o meu povo. Eu, (continua o mesmo Senhor pelo seu Propheta Ezequiel, fazendo allusão ás diversas aspersões dos judeos, que purificavão as immundicies legaes, e figuravão o baptismo, e a penitencia, que lavão as nossas iniquidades pelos merecimentos de Jesu Christo, e pela aspersão invisivel da Graça do Espirito Santo) derramarei sobre vós uma agua pura, com que ficareis limpos de todas as vossas máculas.

E tirando-vos no mesmo tempo esse coração de pedra, por ingrato, e duro, vos porei no mesmo logar um coração docil, e vos encherei do meu espirito, com o qual andareis alegres no caminho dos meus preceitos; de modo que nada no meu serviço vos parecerá difficultoso, porque observareis os meus Mandamentos com fidelidade, e alegria.

Todas estas predicções, e benignas promessas forão tão visivelmente verificadas no dia de Pentecostes, pela vinda do Espirito Santo, que bastão *dos* luzes da razão para nos deixar convencidos da publicidade authentica, e verdade incontestavel deste grande Mysterio, o qual se cumprio deste modo:

Encerrados no Cenaculo, por ordem do Divino Mestre, os cento e vinte Discipulos, em que então consistia a nascente Igreja, em companhia da mãi de Deos, que era a sua maior consolação, chegou o solemne dia do Pentecostes, quinquagesimo depois da festa da Paschoa, ou da celebração do cordeiro Paschal, e dadas as nove horas da manhã, a tempo que aquella devota assembléa estava posta em oração, formou-se no ar um grande ruido, como de um vento impetuoso, que abalou aquella casa, e se fez ouvir por toda a Cidade, e se vio tambem que com aquelle vento vinha do alto um brilhante globo de fogo, o qual entrando naquella casa, se dividio

em cento e vinte chammas, por fórma de linguas, que ficárão sobre as cabeças das pessoas, que formavão aquella santa congregação.

Era aquelle vento, e rumor sonoro, evidente symbolo da presença da Divindade, como lá no Monte Sinai os trovões, e relampagos denotavão a Magestade de Deos, que se mostrava, como sensivel, ao povo de Israel; e aquelle brilhante globo não era composto de algum fogo material, era só um signal externo dos effeitos, que o Espirito Santo obraria no interior dos discipulos, e nos corações dos primeiros Fiéis, enchendo-os dos seus dons.

Estava naquelle tempo a Cidade de Jerusalem cheia de um grande numero de judeos, que tinhão concorrido de varias partes do mundo para solemnizar a festa do Pentecostes; porque ainda que a distancia dos logares os dispensava de alli se acharem nos dias das festas maiores, comtudo havia muitos, cuja piedade, e devoção alli os fazia comparecer naquellas solemnes occasiões; e por isso a Escriptura os denomina *varões religiosos* neste logar, como gentes mais observantes da Religião.

Juntos, pois, estes judeos estranhos com os naturaes da Cidade, corrêrão todos ao logar, onde tinhão visto descer o fogo, e donde lhes soára o ruido, com que em breve espaço ficou rodeado o Cenaculo de uma innumeravel multidão de povo; o que sabido pelos Apostolos, que cheios do fogo divino desejavão communicallo aos outros, não esperárão que os fizessem sahir do seu retiro, antes apparecendo logo em publico, entrárão a prégar a Fé de Jesu Christo com um tal valor, e eloquencia tanta, que penetrava os corações de todos.

Havia concedido o Espirito Santo aos Apostolos, e Discipulos do Senhor, o precioso dom de linguas, para que podessem entender, e fallar os differentes idiomas dos póvos, que havião de encontrar pelo mundo; porém naquella occasião foi maior o prodigio, porque fallando elles só na lingua syriaca, erão perfeitamente entendidos pelos differentes póvos, que alli se achavão, como se fallassem a cada um o idioma proprio do seu paiz; o que advertido por elles, fez que, cheios de assombro, exclamassem dizendo:

Que é isto, que agora succede? Todos nós somos judeos, ou de nascimento, ou de religião, mas de paizes, e linguas differentes, porque uns são parthos, outros médos, e muitos persianos, outros vierão da Mesopotamia, da Capadocia, da Asia-menor, da Frigia, da Pamfilia, do Egypto, de Roma, da Ilha de Creta, e de outras partes; e comtudo isso, vemos que aquelles galiléos fallão no mesmo tempo a cada um de nós na propria lingua da nossa patria, exaltando as incomprehensiveis maravilhas, que Deos tem obrado, para bem do genero humano; que milagre, pois, que prodigio é este, de que se não tem visto similhante?

Então S. Pedro, aproveitando-se da opportunidade, que lhe offerecia o geral assombro daquellas gentes, levantou mais a voz, para ser melhor ouvido; e como Vigario de Christo e cabeça visivel da Igreja, entrou a explicar o Mysterio, fallando a todos deste modo: Varões judeos, e todos os mais que agora assistis em Jerusalem, ouvi-me. A propria causa das grandes maravilhas, que vos tem cheios de assombro, não é (como alguns de vós imaginaes) o havermos perdido o juizo, por effeito de algum licor generoso; porque vós bem vedes, que estamos em as nove horas da manhã, e tambem não ignoraes, que nos grandes dias de festa, qual é o que hoje celebramos, nos é prohibido pela Divina lei, tanto o comer, como o beber, antes da hora do meio dia.

Sabei, pois, que este é o complemento da promessa, que o Senhor havia feito ao seu povo pelo Propheta Joel: que nos ultimos tempos faria descer o seu Espirito sobre toda a carne, sobre os seus servos, e servas: Que lhes concederia o dom de prophecia, o dos milagres, e outros seus dons, como agora presenciaes.

E vendo o santo Apostolo a boa disposição daquelle povo na respeitosa attenção, com que o ouvia, continuou, fazendo-lhes um discurso tão solido, tão efficaz, e penetrante, que mais parecia Anjo, do que homem, que fallava. Mostrou-lhes, sobre tudo, a Divindade de Jesu Christo com o testemunho dos Prophetas, e com um raciocinio incontestavel; e não omittio a insolencia do deicidio, que commettêrão, crucificando ao Salvador, seu verdadeiro Messias.

Passou logo a fazer-lhes vêr a sua gloriosa Resurreição; e achando na Escriptura toda a historia Evangelica, até á vinda do Espirito Santo, com todas as circumstancias deste Mysterio, descobrio-lhes a intelligencia dos Sagrados textos, explicando-lhes o sentido das figuras alli referidas, e confirmando a sua doutrina com discursos tão fortes, tão activos, e concludentes, como se fosse o mais versado nos livros santos, e houvesse tido um largo uso na arte de fallar, e discorrer, segundo as regras da eloquencia.

O certo é, que ainda que no presente Mysterio não houvesse mais do que este prodigio, elle só era bastante para deixar de todo convencidos ainda aos espiritos mais incrédulos; porque vêr a Pedro, e aos outros Apostolos, uns pobres pescadores, sem armas, sem dinheiro, sem arte, e sem amigos, formar o alto designio de estabelecer por todo o mundo uma Religião nova, com destruição de todas as outras...

Uma religião, cuja moral, se bem a mais santa, mais racionavel, e mais pura, no mesmo tempo a mais austéra, mais contraria ao amor proprio, e a mais inimiga da sensualidade, e dos sentidos... Uma religião, cuja moral pede uma mortificação contínua, uma pureza sem macula, um desinteresse perfeito, uma caridade sem limite, e ainda uma doçura, e uma paciencia tal, que faça perdoar de coração as injurias mais atrozes...

Vêr, digo, a uns pobres pescadores, inteiramente destituidos de todo o soccorro humano, formar o alto designio de persuadir aquellas grandes, e difficultosas verdades, nadá menos que aos romanos, aos gregos, aos scitas, aos persas, aos indios, aos egypcios, aos africanos, e em summa a todos os povos da terra habitavel, que erão pela maior parte uns homens soberbos, voluptuosos, interessados, vingativos, carnaes, e dados a todos os vicios, não era esta uma idéa, que devia passar por loucura?

Porém com tudo isso, vemos aquelle designio, que formárão os Apostolos, por mais extravagante, e impossivel que parecesse, pontualmente executado; porque sabemos que os barbaros povos abraçárão esta Santa lei, e se submetterão á sua moral, apesar da corrupção do coração humano, e de todas as preoccupações do nascimento, do interesse, e do appetite.

Sabemos que a Religião Catholica vio expirar o paganismo no meio dos fógos, que se accendião para exterminar os Christãos, sendo o sangue de dezeseis milhões de martyres, como a semente dos Fiéis; e sabemos, que não só as Cidades abraçárão a Fé, mas ainda os desertos mais incultos forão povoados de santos anachoretas. Sabemos, em fim, que tanto foi por toda a parte arvorada a Santa Cruz, que até se vio collocada sobre as corôas dos Reis, e Imperadores.

Sendo, pois, este prodigio, e assombroso milagre (que subsiste ainda, e durará sempre até á consummação dos seculos) um maravilhoso effeito da vinda do Espirito Santo; justamente a universal Igreja o celébra hoje com solemnidade tanta, e com muita razão o reputa Euzebio pelo maior Mysterio entre as festas de todo o anno.

E devendo terminar-se o tempo da Paschoa na vespera do Pentécostes, em que se começa a jejuar, comtudo, porque neste dia (assim como em sabbado Santo) se baptizavão os cathecúmenos, continuou-se a solemnidade da Paschoa por todo o oitavario do Pentecostes, e se abbreviou tambem o officio divino, compondo as matinas de um só nocturno, para não fatigar aos recem-baptizados, que vinhão assistir nesta semana a todas as funções da Igreja.

Assegura-se, que aquella casa, em que succedeo esta maravilha, foi logo mudada em Igreja, e como tal, a primeira que houve entre os Christãos. S. Cyrillo, Bispo de Jerusalem, que vivia no quarto seculo, o confirma, e lhe dá o nome de Igreja dos Apostolos; e Santo Epifanio refere, que fôra milagrosamente preservada na destruição de Jerusalem, feita pelo Imperador Tito; e segundo a opinião commum, Santo Estevão com outros diaconos forão ordenados nesta mesma Igreja, onde os Apostolos com os primeiros Fiéis costumavão fazer as suas assembléas.

DOMINGO
DA
SANTISSIMA TRINDADE.

A festa da Santissima, e adoravel Trindade é o religioso fim, e a ultima consummação de todas as solemnidades Ecclesiasticas; pois como o objecto principal de todo o culto, que rendemos a Deos, é a Sacrosanta Trindade, ou um só Deos em tres pessoas, não ha festas na Religião Catholica que não sejão festas da Trindade Santissima, porque toda a honra, que damos aos Santos, e ainda á Sagrada Humanidade do nosso Redemptor Jesu Christo, deve servir-nos de meio para adorarmos a Trindade Divina, e elevar-nos a ella, como ao verdadeiro, e unico termo do nosso religioso culto.

Um só Deos em tres pessoas: eis-aqui o summario da nossa Fé, o fundamento da nossa Religião, o caracter da nossa profissão, e o mais augusto dos nossos Mysterios. Nestas tres palavras: *Em Nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo* consiste todo o fundo, ou todo o thesouro da nossa crença: dellas fez o Salvador do mundo uma parte essencial do primeiro de todos os Sacramentos, o santo Baptismo, e quiz tambem que entrassem na composição de todos os outros; e a Igreja primitiva se servia dellas, como de um sêllo publico, para distinguir os Fiéis, e não, por tanto, para nos conformarmos aos seus sentimentos devemos praticallas no principio das nossas obras, rendendo em tudo por este modo um perenne, e religioso culto á Santissima, e adoravel Trindade.

Esta Fé, pois, que nós reputamos pelo mais precioso thesouro da Igreja, é o fundamento da nossa esperança, o principio de toda a Santidade, e (segundo a expressão do concilio Tridentino) a radical origem da nossa justificação; porque esta Fé, como diz Santo Agostinho, é a que justifica os peccadores, que santifica os justos, que baptiza os cathecúmenos, que corôa os martyres, que ordena os sacerdotes, e que salva a todo o mundo.

Porém este Mysterio tão sublime, e tão incomprehensivel a todo o espirito creado, só foi descoberto aos filhos da nova alliança, os venturosos Christãos; porque supposto que o Divino Senhor se ma-

nifestou aos israelitas, como Omnipotente, Immenso, Eterno, Sabio, Misericordioso, e Justo; com tudo, o conhecimento distincto da Trindade das pessoas, substancialmente junta á unidade da natureza Divina, aquella geração eterna da Pessoa do Verbo, aquella eterna processão do Espirito Santo, e aquella identidade da natureza no Espirito Santo, no Filho, e no Pai, foi sempre um segredo escondido, e só descoberto a um povo mais amado, aos alumnos, e discipulos do Salvador do mundo.

Assim, pois, que se vio revelado este ineffavel e adoravel Mysterio, não tardou muito que por toda a parte fosse crido, quando, por mais incomprehensivel que parecesse, os judeos, os romanos, e os gregos, a Asia, a Europa, a Africa, e America abraçárão esta Fé; todo o universo confessou, que não ha senão um só Deos em tres Divinas Pessoas; que o Pai é distincto do Filho, e que o Filho, e o Pai se distinguem do Espirito Santo, posto que haja em todas tres Pessoas a mesma Natureza, e a mesma Divindade.

Que todos tres são Sabios, todos tres Immensos, todos tres Eternos, porém que não ha nelles mais que uma Eternidade, uma Immensidade, e uma Sabedoria: que não são sómente com igualdade Poderosos, e Bons, mas que não tem senão uma só Bondade, e um só Poder; e que devemos a todos tres uma igual obediencia, porque não temos nelles mais do que um só Deos, e um só Senhor.

Que o Pai não teve principio, que o Filho é gerado do Pai, que o Pai, e o Filho não gerão, mas produzem ao Espirito Santo, e que sem embargo desta ordem de producção, não ha primazia, nem preeminencia entre as Divinas Pessoas, posto que tenhão entre si um differente modo de proceder. Eisaqui o principal artigo da nossa crença, o compendio do maior de todos os nossos mysterios, e objecto particular da solemne festa do presente dia.

É esta celebridade a mais antiga de todas, por quanto desde que houve creaturas racionaes, e intelligentes, (diz o author do Tratado das festas Ecclesiasticas) este mundo foi um templo consagrado á Santissima Trindade, e toda a serie dos tempos foi a duração da sua festa, não havendo dia no anno, nem hora no dia, em que a Santa Igreja não pretendesse, e não pretenda sempre nos seus sacrificios, e orações glorificar a unidade de Deos, e a Trindade das Pessoas.

Para cujo effeito ordenou ella a Sagrada *Doxológia*, ou o verso *Gloria Patri...* com que honramos a todos os momentos, e distinctamente adoramos as tres Divinas Pessoas do Padre, do Filho, e do Espirito Santo; e pôr esta profissão da Fé, em fórma de glorificação, quiz ella que se terminassem todos os psalmos, hymnos, responsorios, e orações da Missa, e horas canonicas.

E quiz tambem que o Signal da Cruz fosse o signal dos Christãos, por ser um como compendio demonstrativo deste ineffavel Mysterio; dizermos *Em Nome*, (e não *Em os Nomes*) uma invocação de Deos, uma Essencia, uma tade, uma Potencia, uma Divindade, um e ao continuarmos, dizendo: *Do Padre, e do Espirito Santo*, confessamos em uma dade tres Pessoas distinctas, o que é uma tração expressa da ineffavel Trindade.

Assim mesmo tambem, quando dizem *Nome do Padre*, pomos a mão na testa, si do, que o Pai, primeira Pessoa, é principi lho, symbolizado no peito, aonde se leva lo não; e do Espirito Santo, entendido no hombro esquerdo, e direito, onde se acaba de formar a Cruz, por ser o mesmo Espirito Santo vinculo, e nexo das duas Pessoas, Padre, e Filho, de que procede.

Isto mesmo tambem significa a ceremonia de nos persignarmos, formando tres cruzes distinctas, em tudo iguaes, e uma depois da outra, que comprehende a todas. A primeira na testa, significando ao Pai, que pelo Entendimento gera ao Filho. A segunda na boca significando ao mesmo filho, que é Verbo, ou Palavra. A terceira no peito, em que reside o amor, significando ao Espirito Santo, que é Amor Divino. E a ultima cruz, que abraça as tres, mostra que as tres Divinas Pessoas se comprehendem em uma só Divindade.

Bastão estas verdades para nos fazer discursar, que não ha Mysterio na Religião Christã mais recommendado á memoria dos Fiéis, e que não ha nella celebridade alguma, que não diga relação á Trindade Santissima, porque todas as festas da Igreja, celebração dos Mysterios, applauso dos Santos, e da Rainha de todos elles, tudo são meios, segundo o espirito da nossa Religião, para honrarmos a Trindade Santissima, e nos elevarmos a ella, como ao verdadeiro termo do nosso religioso culto.

E sendo assim todas as festas do anno, como uma festa geral, e perpétua da ineffavel Trindade, esta reflexão foi a causa de não haver em muitos seculos na Igreja uma festa particular deste Mysterio, como respondeo o Papa Alexandre II, sendo consultado, e ainda requerido pelo Bispo de Liege a este respeito.

Mas o Papa João XXII, que governava no principio do seculo decimo-quarto, approvando o rito de algumas Igrejas, que já celebravão a Trindade Santissima, instituio uma festa particular deste Mysterio, ordenando que fosse perpétua em toda a Igreja Catholica no domingo immediato depois do Pentecostes, por ser o fim de todas as festas do anno, e a consummação de todos os outros Mysterios.

A intenção, pois, da Santa Igreja em celebrar a festa da Santissima Trindade, é, que nós todos com uma simples, e rendida fé meditemos este Mysterio impenetravel, e superior á razão humana, e que renovemos em nós mesmos os sentimentos de uma profunda adoração, e de um humilde reconhecimento para com as tres Divinas Pessoas.

com o *Pai*, como principio de tudo o que
terno Pai de um Filho Eterno, e consub-
lle; Pai, que com o seu Filho, é principio
Santo; Pai, que pela sua misericordia nos
mesmo Filho na Incarnação, e infundin-
nossos corações a sua graça santificante,
ou por filhos.

a com o *Filho*, gerado desde a eternidade no seio do Pai, e incarnado em tempo, e feito similhante a nós no immaculado seio de uma Virgem, para nossa eterna Salvação.

E para com o *Espirito Santo*, como Amor Eterno, e substancial do Pai, e do Flho, dos quaes procede, e por elles foi dado á Igreja, á qual santifica, e vivifica, mediante a caridade, que infunde nos corações dos seus Fiéis.

EXHORTAÇÕES,

E

EXERCICIOS.

ADOREMOS, pois, com profunda humilhação, e com sentimentos de amor, e gratidão a Trindade Augustissima. Consagremo-nos todos, e todas as nossas coisas a seu serviço, e ao fiel cumprimento da sua santissima vontade; e tomemos, sobre tudo, a resolução de costumarmo-nos a dizer, não por uso, mas com espirito de adoração, as veneraveis palavras: *Gloria ao Padre, e ao Filho, e ao Espirito Santo*; e assim mesmo aquellas: *Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo*, recordando-nos com ellas da obrigação, que temos de obrar tudo para gloria de Deos, e consequentemente de o servir com grande pureza de intenção.

Procuremos tambem dar contínuas graças á Trindade Santissima pelo singular beneficio, que nos concedeo, e com que a tantos mais nos preferio, justificando-nos, e unindo-nos a si, em virtude dos merecimentos de Jesu Christo, por meio do santo baptismo; pois quando nos foi conferido este precioso sacramento, em Nome da Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, recebemos um nascimento novo, em que fomos admittidos a ter uma relação particular com as tres Divinas Pessoas; com o *Pai*, de quem ficámos filhos adoptivos; com o *Filho*, como membros do corpo mystico da Igreja, de quem elle é cabeça; e como o *Espirito Santo*, porque se dignou fazer de nós outros o seu templo, e habitação sua.

Reconheçamos nisto mesmo a dignidade excelsa, a que fomos elevados; e se talvez, peccando, a temos ultrajado, e envilecido, subtrahindo-nos ingratamente da obediencia, que deviamos ao Pai Celeste, desprezando a qualidade augusta de irmãos de Jesu Christo, e profanando ao mesmo passo com os nossos delictos o especioso templo do Espirito Santo, cubramo-nos de um saudavel pejo, e confusão.

E apresentando-nos ao throno da Santissima Trindade, roguemos-lhe instantemente, e com fervor, que se compadeça da nossa miseria, segundo a sua infinita misericordia, e que nos conceda tanta graça, que para o futuro todos os nossos pensamentos, palavras, e obras sejão sempre conformes ao seu Divino beneplacito, e em tudo agradaveis aos seus purissimos olhos, propondo da nossa parte corresponder com sentimentos de sincera gratidão aos innumeraveis beneficios, que nos tem feito, e renovando, não só neste dia, mas quando menos em todos os domingos, as promessas solemnes, que fizemos na presença da côrte celeste, quando recebemos a graça do santo baptismo; isto é, de renunciarmos ao demonio, e ás suas iniquas suggestões; ao mundo, e ás suas vaidosas pompas; e á carne, e aos seus perversos appetites. Para isto, pois, e para tudo mais póde servir a seguinte

ORAÇÃO.

« EU vos adoro, ó Santissima Trindade, Padre, Fi-
« lho, e Espirito Santo, tres Pessoas distinctas, e um
« só Deos verdadeiro. Adoro-vos, ó Pai Omnipoten-
« te, que me haveis creado do nada, e dado o ser,
« que tenho. Adoro-vos, ó Divino Filho, e meu Se-
« nhor Jesu Christo, que me haveis remido com o
« vosso precioso Sangue. Adoro-vos, ó Espirito San-
« to, que me haveis justificado com a vossa graça
« no baptismo, e me haveis chamado ao vosso san-
« to serviço.

« Renovo, ó Adoravel Trindade, na vossa pre-
« sença, em que estou, e vivo, e me movo, as re-
« núncias, e promessas feitas no baptismo, quando
« a vossa infinita Clemencia me adoptou por filho
« vosso, e herdeiro do Paraiso.

« Renuncío, pois, novamente a Satanaz, e ás
« suas obras, e a todo o peccado. Renuncío ao mun-
« do, e ás suas pompas, e vaidades. Renuncío á car-
« ne, e aos seus enganosos prazeres; e proponho,
« com o vosso Divino Auxilio, de sempre amar-vos,
« e servir-vos, obedecendo sempre aos vossos santos

« preceitos em todo o tempo da minha temporal vi-
« da, para conseguir a eterna.

« Eu vos rendo affectuosas graças, pelos in-
« mensos beneficios, que tenho recebido da vossa in-
« finita Bondade, especialmente pelos da creação, re-
« dempção, e preservação dos perigos, em que tan-
« tas vezes me tenho visto a ponto de condemnar-
« me eternamente.

« [illegible] quanto me peza, e me desagrada o ha-
« ver-vos tão mal correspondido! Eu me arrependo
« no íntimo do meu coração de quanto vos tenho ag-
« gravado, porque sois o meu summo bem, e
« porque vos desejo amar sobre todas as coisas.
« Detesto, e abomino todos os meus peccados, e
« iniquidades da minha vida, de que vos peço por-
« dão por vossa Piedade, e Misericordia. Ah meu
« Deos! Fazei que vos não offenda mais, faltando á
« fidelidade, e obediencia, que vos devo, como meu
« Supremo Senhor.

« Eu vos consagro, e offereço a mim todo,
« os meus pensamentos, palavras, e obras, e to-
« das as minhas coisas, desde agora para todo o
« sempre.

« Dignai-vos de proteger-me, e abençoar-me
« com a vossa santa graça, de preservar-me de
« dos os perigos da alma, e do corpo, e de li-
« me das tentações, e occasiões de peccar.

« Dignai-vos de infundir, e augmentar no m
« coração uma viva Fé, uma firme Esperança
« uma ardente Caridade, com a qual vos ame
« Deos, sobre todas as coisas, e ao proximo
« vosso amor, como a mim mesmo.

« Dignai-vos de conceder-me paciencia nos
« balhos, e nas coisas adversas, humildade nas pr
« peras, e resignação com a vossa vontade em todas
« as coisas.

« Dignai-vos, emfim, de me fortalecer com a
« vossa Graça, para cumprir fielmente as obrigações
« do meu estado, e para que perseverando no bem
« até á morte, chegue a louvar-vos, amar-vos, e glo-
« rificar-vos por toda a eternidade.

« Eu sei que não mereço, nem a menor graça,
« por ser uma ingratissima creatura, mas confio de
« alcançar tudo da vossa infinita Misericordia, por-
« que tudo vos peço em nome, e pelos merecimen-
« tos de Jesu Christo, meu Redemptor, e Salvador
« meu, ao qual seja dada a honra, e gloria, que lhe
« é devida, por todos os seculos dos seculos. Amen. »

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

INDICE

DOS

PRINCIPAES MYSTERIOS E VIDAS DOS SANTOS, PELA ORDEM ALPHABETICA.

A

Abraham, solitario, e Maria, penitente. . . 335
Agueda, virgem e martyr 98
Alexandre, Bispo e martyr 333
» Patriarcha de Alexandria . . . 216
Amaro, Abbade 37
Ambrosio de Sena, confessor 350
Anastasio, martyr. 45
» Patriarcha. 467
» Sinaíta 465
André Corsino, Bispo. 95
Annunciação de Nossa Senhora. 229
Antão, Abbade 40
Apollinario, Bispo 21
Apollonia, virgem e martyr. 108
Apollonio e Filemon, martyres 242
» martyr 456
Ascensão do Senhor 475
Athanasio, Patriarcha e padre da Igreja . . 395

B

Baptismo de Jesu Christo. 17
Basilio, Bispo e martyr 221
Bento, Abbade. 218
Braz, Bispo e martyr. 93

C

Cadeira de S. Pedro em Roma. 44
Casimiro, Principe de Polonia 171
Catharina de Bolonha, virgem 244
» de Ricci, virgem. 138
» de Sena, virgem. 389
» de Suecia, virgem 348
Cesario, medico 204
Cinza, quarta feira 161
Circumcisão do Senhor 1
Coleta, virgem. 175
Conversão de S. Paulo, Apostolo 59
Cyrillo, Bispo e padre da Igreja 342

D

Desposorios de Nossa Senhora 54
Domingo da Septuagesima 154
» da sexagesima 157
» da quinquagesima 159
« primeiro da quaresma 253
» 2.° » 255
» 3.° » 257
» 4.° » 259
Domingo quinto da quaresma 261
» de Ramos 265
» de Paschoa da resurreição de N. S. Jesu Christo 314
» de Pentecostes ou do Espirito Santo 478
» da Santissima Trindade. 480
Dôres de Nossa Senhora 263
Dorothea, virgem e martyr 100

E

..., padre da Igreja 118
...confessor 471
...virgem e martyr 452
...nia do Senhor 13
Ermenegildo, martyr 439
Escolastica, virgem 110
Estevão III, Abbade 454
Eudoxia, penitente e martyr 233
Eufrasia, virgem 330
Eustasio, Abbade 353
Eufrosino » 330
Eutimio, eremita 570
Eutiquio, martyr 368
» Patriarcha 435

F

Faustino, e Jovita, martyres 149
Felis de Nola 35
Fiel, martyr 473
Filippe Neri, fundador da Congregação do Oratorio 461
Filippe, e S. Thiago, Apostolos. 392
Flaviano, Bispo e martyr 132
Francisca Romana, viuva 186
Francisco de Paula, fundador dos religiosos Minimos. 318
Francisco de Sales, Bispo e Principe de Genebra 72
Fructuoso, Arcebispo de Braga 450
Fulgencio, Bispo e Doutor da Igreja . . . 5

G

Geltrudes, de Brabante, virgem. 366
Genoveva, virgem. 8
Gonçalo d'Amarante 32
Gregorio Magno, Papa e Dr. da Igreja . . 192
Gregorio Naziazeno, Bispo e padre da Igreja . 418
» Nisseno, Bispo e » » . 163
Guilherme, confessor, Duque de Aquitania . 248

I

Ignacio, Bispo e martyr 87
Ignez, virgem e martyr 50
» de Bohemia virgem 363
» de Monte Pulciano 469
Ildefonso, Arcebispo 113
Illario, Bispo e padre da Igreja. 115
Invenção de Santa Cruz 401
Ireneo, Bispo e martyr 359
Isidoro de Alexandria 224
» Pelusiota, confessor 190
» de Sevilha, Bispo e padre da Igreja . 325

J

Jacinta Marescoti, virgem 81
Jacobo, eremita 415
Jeronymo Emeliani, confessor 135
Joanna, Princeza de Portugal 427
» Valeria, Rainha de França . . . 151
João, ante portam Latinam 410
» calybita. 380
» Chrysostomo, Bispo e Doutor da Igreja 64
» Clímaco. 422
» de Deos, fundador da ordem da Hospitalidade 182
João Damasceno, padre da Igreja 430
» Esmoler, Patriarcha 124
» da Matta, fundador dos Trinitarios . . 106
» denominado *Propheta* 355
José, esposo de Maria Santissima 212
» de Leonisa, confessor 143
Jorge, martyr. 327
Julianna, virgem e martyr 374
Julião, e Basilisa martyres 210
Justina, virgem 350
Justino, martyr e padre da Igreja 442

L

Leandro, Bispo 232
Leão, Papa e padre da Igreja 345
Liduvina, virgem. 445
Luciano, martyr 12